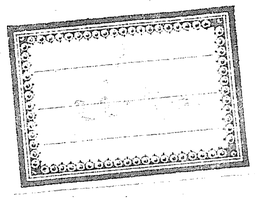
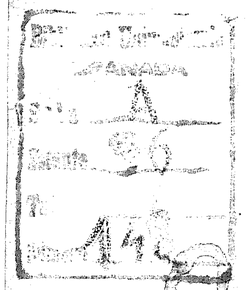
R-5506

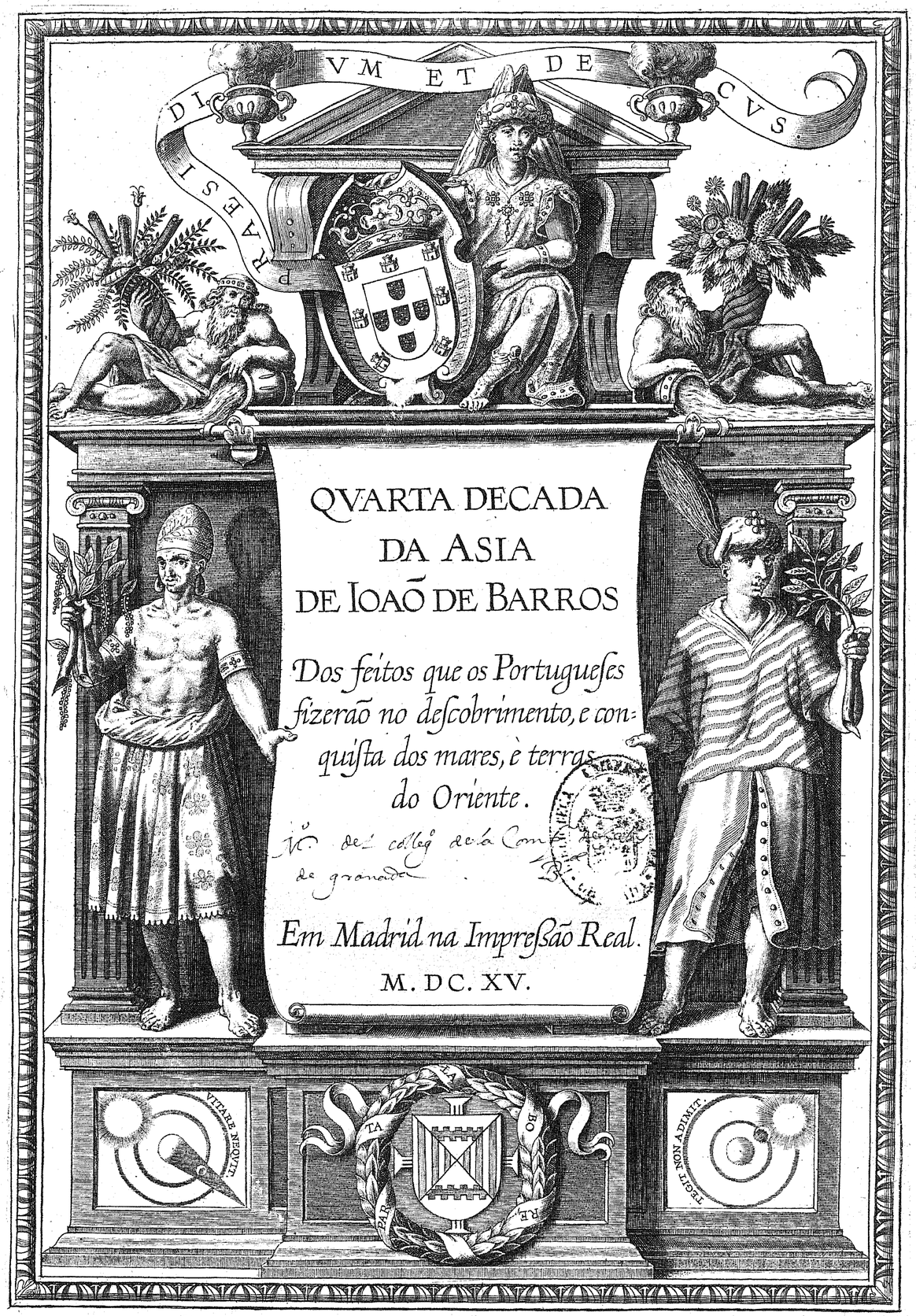




Bibliothèque Nationale
CANADA
Date 1
Serie 96
Tr
Numéro 148

25-a.6.5.

2 400 40 Safta MADE IN SPAIN


DIVM ET DE
PRAESI
CVS
QVARTA DECADA
DA ASIA
DE IOAÕ DE BARROS
Dos feitos que os Portugueses
fizerão no descobrimento, e con-
quista dos mares, è terras
do Oriente.
Em Madrid na Impressão Real.
M. DC. XV.
VITAE NE QUID
TEGIT NON ADIMIT

# QVARTA DECADA

DA ASIA

DE IOÃO DE BARROS.

DEDICADA

A EL REI DOM PHILIPPE II.

NOSSO SENHOR.

REFORMADA ACCRESCENTADA

E ILLVSTRADA

COM NOTAS

E TABOAS GEOGRAPHICAS

POR

IOÃO BAPTISTA LAVANHA.

# CENSVRAS.

ESTA quarta Decada de Asia que he visto por remission del Ordinario, continua la Historia de las otras tres, con vna misma propriedad en todo, es mui digna de su Autor, importante para el exemplo de aquella nacion, y de todas. Y lo que mas es, no tiene nada con que pueda ofender la pureza de la Fè, ni de las buenas costumbres: y estas son algunas de las muchas conveniencias que ay para que salga à luz, y se imprima. En el Carmen à 22. de Octubre, de 1614.

*F. Francisco de Iesus.*

POR *comission y mandado de los Señores del Consejo he hecho ver el libro contenido en este memorial, compuesto por Iuan Bautista Lauaña, no tiene cosa contra la Fè, ni buenas costumbres: es vna historia mui importante, y apazible su estilo, y mui util: puedese le dar licencia para imprimirle. En Madrid à veynte y dos de Octubre, de* 1614.

*El Doctor Cetina.*

POR mandado del Supremo Consejo de Castilla he visto la quarta Decada de Asia de Iuan de Barros, reformada, acrecentada, & ilustrada con notas, y tablas Geographicas, por mandado del Rei nuestro Señor, por Iuan Baptista Lavaña, cavallero del habito de Christo, Cosmographo mayor de su Magestad. Y me parece muy digna de que se dè licencia para que se imprima; porque no ay en ella cosa contra la Fè, ni buenas costumbres, y la historia que contiene es de mucha utilidad, por los exemplos de prudencia, y valor de lealtad à su Rey, y otras heroycas virtudes de la nacion Portuguesa; y de mucho gusto, por la noticia de gentes, y costumbres tam peregrinas, y de Reynos, y Goviernos tan estraños. Todo lo qual està referido, y tratado con grande discrecion, eloquencia, y buena disposicion, por su primer Autor (que por ser tan conocido, y estimado, no ha menester nuevo loor) y por la segunda mano del que la reformò, que en autoridad, erudicion, diligencia, juyzio, y estilo, no es nada inferior, y en muchas partes que lo requerian ha suplido, mejorado, y dado perfeciò à este libro. En Madrid. 3. de Noviembre. 1614.

*Pero de Valencia.*

## TASSA.

YO Iuan Gallo de Andrada Eſcriuano de Camara del Rey nueſtro Señor de los que reſiden en ſu Conſejo, certifico, y doy fee, que auiendoſe viſto por los Señores del vn libro de la Quarta Decada de Iuan de Barros, compueſto por Iuan Bautiſta Lavaña: taſſaron cada pliego del dicho libro a ſeys maraúedis, el qual tiene ciento y ochēta y nueue pliegos, que a los dichos ſeys marauedis cada vno, monta el dicho libro; mil ciento y treynta y quatro marauedis, en que ſe ha de vender en papel. Y mandaron, que la taſſa ſe ponga al principio del dicho libro, y no ſe pueda vender ſin ella, y para que dello conſte, di la preſente en Madrid a diez y ocho dias del mes de Iulio de mil y ſeyſcientos y quinze años.

*Iuan Gallo de Andrada.*

---

## ERRATAS.

PÁgina 7. renglon 37. pag. 34. reng. 13. y pag. 45. reng. 23. mas, mais, pag 52. reng. 23. derieta, dereita, pag. 62. reng. 1. Novbéro, Novēbro, pag. 72. reng. 19. Sexas, Seixas, pag. 150. reng. 4. oura, outra, pag. 241. reng. 16. parres, partes, pag. 257. reng. 5. neſta hūa traveſſa, neſta traveſſa, pag. 464 reng. 39. eſtavava, eſtava, pag. 467. reng. 18. nao, não. pag. 638. reng. 32. Baiato, Baiazeto, pag. 676 reng. 24. Suſa, Souſa, pag. 697. reng. 10. graode, grande, pag. 693. Faltan comas a la margen de los primeros treze renglones.

### *Erratas de las notas.*

PAg. 5 N. 2. R. 9. patnxe, pataxe, pag. 59. N. 2. R. 10. Xcrez, Xerez, pag. 61. N b. R. 11. morco, morteo, pag. 174 N. D. R. 44. ſignificão, ſignificação, pag 188: N. 2. R 20. quo, que. pag. 539. N. 2. R 3 muitſo, muito, pag. 652. N. 2. R. 1. quinhentos cruzados, quinhentos mil cruzados, pag. 641. N. b. R. 19 bara, barra.

Eſte libro intitulado Quarta Decada de Aſia de Iuan de Barros con eſtas erratas correſponde con ſu original. Dada en Madrid a 12. de Iulio de 1615. años.

*El Licenciado Murcia de la Llana.*

---

### *Summa dos Privilegios.*

*SV a Mageſtade concedeo a Iōão Baptiſta Lavanha ſeus Reaes privilegios polas Coroas de Caſtella, & Portugal, para q̄ por eſpaço de dez annos poſſa imprimir eſta Quarta Decada, e ſam ſeu poder nenhūa outra peſſoa o poſa fazer na lingoa Portugueſa, nem em outra algūa, nem trazer de fora impreſſo, ſem encorrer nas penas referidas nos dittos privilegios, hum deſpachado por Iōão Gallo de Andrada Secretario do Conſelho Real a xv. de Novembro de 1614. E o outro deſpachado por Franciſco Pereira de Betancor Eſcrivão da Camara de ſua Mageſtade a 14. de Maio de 1615. años.*

## A EL REI NOSSO SENHOR.

# Senhor.

AQVARTA Decada da Aſia de Iōão de Barros, que V. Mageſtade me mandou reformar, he eſta, que ſe offerece aos Reaes Pès de V. Mageſtade, paſſados quaſi cinquoenta annos, que ſeu Autor a eſcreveo, & per morte deixou imperfeita. Com a muita mercè, que de V. Mageſtade recebe Portugal, & a memoria de Iōão de Barros renovada com eſta ſua Decada, alcança elle morto, mais illuſtre nome, do que vivo pudera deſejar: E os Portugueſes, que naquellas Regiões Orientaes derramarão ſeu ſangue, & perderão ſuas vidas em ſerviço dos Reis d'aquelle Reino Anteceſſores de V. Mageſtade, recuperão a fama de ſeus glorioſos feitos, que o tempo procurava ſepultar no eſquecimento: Que nunca o averà delles, pois lembrão à V. Mageſtade para os mandar eſcrever & remunerar. Deos guarde a Catholica & Real Peſſoa de V. Mageſtade. De Madrid xxiiij. de Iunho de MDCXV.

Iōão Baptiſta Lavanha.

# IOÃO BAPTISTA LAVANHA, AOS QVE LEREM ESTA QVARTA DECADA.

SABENDO el Rei Noſſo Senhor q̃ deixara Ioão de Barros imperfeita a quarta Decada da ſua Aſia, querendo fazer merce à Portugal, ao nome de Ioão de Barros, & à mi, me mandou q̃ a reformaſſe, & imprimiſſe; para que renovandoſſe a memoria de hum tam celebre Hiſtoriador, cõ eſta ſua obra poſthuma, per meio della reviveſſe a fama dos feitos que os Portugueſes com grande valor obrarão naquella parte da Aſia, que com o tempo ſe ia eſcurecendo. Para eſte effeito me mãdou entregar S. Mageſtade dez quadernos, que ſe acharão dos dez liuros deſta Decada, rotos, faltos, eſcrittos à pedaços de varia letra, & tam imperfeitos, como trabalho de que era aquelle o primeiro penſamento, & em que ſo ſe puſera a primeira mão. E aſsi faltavão folhas, avia outras em branco, ſobejavão couſas muitas vezes repetidas, eſtavão outras fora de ſeu lugar, davaſe larga relação de algũas que não pertencião à eſta Hiſtoria, mui breve noticia de outras importantes, & nenhũa de ſucceſſos notaveis, que Autores em ſeus liuros eſcreverão Deſcuidos que não ouvera neſta obra, ſe à Ioão de Barros durara tanto a vida, que a pudera rever, & acabar, como outras per elle promettidas, com que ficara o ſeu nome muito mais celebrado entre todas as nações, do que merecidamente he oje, polas tres Decadas que deixou impreſſas.

Polo que com mais trabalho, & maior eſtudo reformei eſta quarta Decada, que ſe de novo a compoſera: porque (imitando quanto me foi poſsivel o eſtillo de Ioão de Barros)

*rros) accreſcentei, cõ approvação de hũ miniſtro de S. Mag eſtade, à que ſe cometteo, capitulos enteiros, & grandes pedaços em outros (q̃ tudo vai notado com comas) tirei, antepus, & poſpus algũs, & clauſulas enteiras, para melhor diſpoſição do q̃ nelles ſe trattava, ometti o deſneceſſario, & repetido, & illuſtrei com notas as margẽs para maior noticia das couſas eſcrittas per Ioão de Barros, & das em que Autores delle differem. E porque nenhũa couſa dà tam perfeito conhecimẽto das deſcripções das Provincias, como o diſenho dellas, das que neſta quarta Decada deſcreve Ioão de Barros (em q̃ excedeo à todos os Geographos) ordenei tres taboas da Ilha da Iaoa, dos Reinos de Guzarate, & Bengalla, ſegundo a mente do Autor, & as melhores informações que deſtas Regiões pude alcançar. Muitas outras couſas reformei de menos conſideração, como forão algũs vocabulos que ſe uſavão em tempo de Ioão de Barros, que o meſmo tempo tem deſuſado. Mas na Appologia que elle fez em lugar de Prologo, a qual achei entre outros papeis enteira, & eſcritta de ſua mão (que o não erão os dez quadernos) não mudei nem hũa coma, por conſervar intacto o que eſte excellente varão, & honra de Portugal deixou acabado; nem innovei os nomes da arte Militar, & Fortificação por continuar cõ os meſmos neſta quarta Decada, de q̃ elle uſou nas tres. As quaes ſe ſe tornarem à imprimir, nellas ſe poderão pôr, como em lugar proprio, as notas, & taboas Geographicas, que neſta ſe não puſerão, por não ſer ſeu.*

APPOLOGIA

# APPOLOGIA
## DE IOÃO DE BARROS,
## EM LVGAR DE
## PROLOGO.

AVENDO cinquoenta & tantos annos que o deſcobrimento & conquiſta do Oriente ſe continuava, ſem os obrigados per officio de Chroniſtas, & per ſalario delle, darem à memoria tam glorioſos, & illuſtres feitos, como meus naturaes naquellas partes tinham acabado, & proſeguiam com tanto louvor ſeu: pareciame que ſe eu acodiſſe à eſte deſcuido, tomãdo cuidado d' as pôr em eſcritto, podia merecer à minha patria nome de zeloſo da gloria della. Mas pois o tempo vèo à tal eſtado, que aos obrigados à fazerem algũa couſa, menos culpa ſe lhe dà quando à nam fazẽ, que à aquelles que a fazem ſem tèr a tal obrigaçam, neceſſario he, que andemos com a meſma abuſam do tempo, & que em lugar de Prologo deſta quarta & ultima Decada, façamos Appologia, & defenſam noſſa para todas. Iſto nam por reſpõder à algũs competidores, como ſe aqueixava Terencio nos ſeus Prologos Appologeticos, pois louvado Deos neſta parte de competir neſte noſſo trabalho, pacifica he a terra; mas para nos deſculpar à quatro generos de homẽs cenſores delle. E

Senhores delle per bẽes de fortuna, pois elle era Senhor dos meſmos Principes per dotes de intendimento: cà era couſa contra natureza ſer a ignorancia Senhora da ciencia, & a pobreza captivava a liberdade do engenho na occupaçam do neceſſario. E daqui diſſe Iuvenal, que farto eſtava Horacio, quando em hũa Satira diſſe: Ohe, & que ſe à Virgilio lhe falecera o neceſſario pera ſe mantèr, nam pintara elle tam poeticamente a furia infernal chamada Erynnis. E de ſe aver por maxima de prudencia entre os prudentes, que mais convem tèr pera ſaber, que ſaber pera tèr: trabalhou Seneca por adquirir tanta fazenda, que ſe eſcreve valer a ſua ſette contos & meio d'ouro da noſſa moeda. Pois ſe eſtes dous Principes de toda a doctrina natural, & moral Ariſtoteles, & Seneca, foram tam ricos como cientes; pera que ſe deve abonar outra Filoſofia, ſenam a ſua, que eſtà fundada ſobre tèr, & venha donde vier. E tratando tambem o Poeta Menandro eſta materia, diz: Epicarmo diſſe ſerem Deoſes os Ventos, o Sol, a Terra, a Agoa, o Fogo, as Eſtrellas: mas eu cuido ſerem Deoſes mais proveitoſos a prata, & o ouro: cà ſe teverdes eſtes em caſa, pedi o que quiſerdes, que tudo alcançareis, herdades, caſas, ſervos, baixellas, amigos, juizes, teſtemunhas, atè os meſmos Deoſes, quem deſpender terà por miniſtros. Finalmente com eſtas, & outras amoeſtações, que nos fazem os amigos, & parentes, aſsi andamos atormentado no eſpirito, & aſombrado do caſtigo de ſuas palavras, que nam tèmos que reſponder, ſenam converter noſſa conſideraçam ao eſtado do Mundo, & ver quam cheo eſtà de conſelheiros, & quam minguado de remedeadores de alheos trabalhos, ainda que o poſſam fazer. Porque em dar palavras per conſelho, todos querem ganhar honra de prudentes: & em remedear com adjutorio de ſua propria fazenda poucos a ſoltam da mão. E pois que aſsi he, que todos querẽ bem dizer, & poucos bem fazer, & ainda ſobre iſſo condenar vidas, & obras alheas, fazendoſe cenſores, & juizes das couſas em que nam tem jurdiçam, que he da tençam que cada hum tem no que faz, à qual jurdiçam he de Deos, & eſta tençam he a que dà nome à obra de boa, ou mà (ſegundo diz Sancto Ambroſio:) neceſſario he pera nos ſalvar deſtes juizes, & cenſores, proſeguir adiante com noſſa defenſam: & continuaremos nella com outra pintura de mais vivas figuras que as duas paſſadas: a qual damos

por

por repoſta aos malicioſos, por ſer do meſmo Apelles, tambem em defenſam de ſua peſoa. Sendo elle acuſado ante el Rei Ptolemeu per Antipſonte ſeu proprio dicipulo, pintou hũa tavoà com eſtas figuras: hum homem aſentado cõ grande mageſtade, & compridas orelhas, à maneira de como pintam el Rei Midas, o qual homem dava a mão que vieſſe à elle à hũa molher chamada Calumnia, que he a falſa acuſaçam. E logo junto delle juiz, eſtavã duas molheres, que eram a Ignorancia, & Soſpecta; & a figura Calumnia eſtava mui afeitada per mãos de duas moças que tinha junto de ſi chamadas Traiçam, & Inſidia, que eſpreita vidas alheas. A qual Calumnia eſtava mui furioſa, & indinada, tendo na mão eſquerda hũa fácha de fogo ardendo, & com à dereita tinha hũ mancebo pelos cabellos; o qual com as mãos levantadas ao Ceo pedia à Deos ſoccorro. E diante da Calumnia ia hũa molher ja mui velha, diforme em figura, & torpe & vil em habito, que via muito, chamada Enveja. E hum pouco afaſtada della vinha hũa molher mui choroſa cuberta de negras & rotas veſtiduras, que avia nome Penitencia, a qual com o roſtro virado para tras, & com choro, & vergonha oulhava à Verdade, que vinha contr'ella hum pouco longe, & de vagar. Cõ a qual pintura, em que Apelles repreſentou todo o diſcurſo de ſua acuſaçam, & as cauſas della, & a verdade ſabida, nam ſòmente foi julgado por inocente, mas ainda pela avexaçam que recebèo, el Rei lhe mandou dar cem talẽtos, que da noſſa moeda poderam ſer ſeſenta mil cruzados; & aſsi lhe mandou entregar o acuſador por captivo. Nos porque nam ſomos acuſado do aleive que era poſto à Apelles, nam eſperamos a ſatisfaçam que lhe foi dada per el Rei Ptelomeu, ſòmente queriamos ſatisfazer aos malicioſos, & calumniadores. Mas porque per ventura elles nam ficaràm ſatisfeitos com eſta pintura de Apelles, em que elle pintou os affectos dos malicioſos per figuras humanas: ao contrario neſte papel pintaremos a figura de hum animal, que tem os affectos, & condiçam delles, per ventura pola conformidade que tem, lhe ſerà mais acepta que a de Apelles. Eſte animal a maior parte do ſeu deſtinto tem na ponta do nariz, & per faro quer raſtejar, & inquirir a verdade das couſas, ſem as ver, & latindo alta, & apreſſadamente, aſsi affirma a mentira, como a verdade; de maneira que muitas vezes o Senhor delle enganado

per

per ſeus latidos,chega mui canſado, cuidando que lhe tem encovado hum coelho, & acha hum lagarto. Tem mais per condiçam renger per enveja,ladrar per odio,morder per vingança,& o que pior he, que ninguem lhe ſabe em que parte ha de aſeſegar,& quietar ſeu eſpirito. Porque quãdo o quer fazer, anda em redondo atè que ſe enroſca à maneira de cobra,& de elles nam terem certa cabeceira,diſſeram os Greges aquelle proverbio: Aos cães por demais he poerlhe almofada por cabeceira. Eſtes cães (como S.Ieronimo chamava aos ſeus perſeguidores) ſe lhe nam contentar eſta cabeceira que lhe fizemos pera aſeſegarem de ſeus ladridos, polos imitar tomem eſtes noſſos; que lhe damos em reſpoſta. Dizendo, que quanto ao roubo do tempo que elles dizem ſer da obrigaçam do officio,nam à elles, mas ao proprio officio pertencem os queixumes do tempo,ſe foſſe verdade que lho roubaſſemos; mas pois elle os nam faz, parece que lho nam merecemos. E ſe no meſmo officio nam temos tanto ſer como elles dizem que teveram aquelles à que nos ſuccedemos, nam ſerà porque elle teveſſe nelles mais do que tem em nos; mas porque elles teveram delle mais do que nos tevemos, & a cauſa fique pera outro lugar,porque aqui nam o ſofre o tempo ſer manifeſta. Porem reſpondendo ao que compete ànoſſa parte, louvado Deos chea temos a noſſa obrigaçam,& nunqua por ella feremos citado com juſtiça. Pois nam ſòmente guardamos os regimentos, & leies que nos a meſma caſa deu de como a aviamos de ſervir,& eſtendemos noſſo juizo,& poder à tanta parte,quanta ella quis que teveſſemos della os dias feriaes que ſam ſeus,como fizeram aquelles à que nos ſuccedemos; mas ainda os feſtivaes,& noites que ſam devidas ao repouſo da humanidade,empregamos em a ſervir em obras do meſmo ſer della, de que elles, nem outrem atè ora lançou mão. Porque as tres partes em que conſiſte todo ſeu ſer, eſtado, & gloria,ordenamos em outras tantas de eſcriptura. A primeira (como no principio diſſemos) he eſta que tracta da Melicia; a ſegunda a Geographia do conquiſtado, & deſcuberto; & a terceira do Comercio, que he o fim das duas. Pois ſe por tomarmos cuidado,nam ſòmente de dar conta das couſas que tocam ao Comercio da India,& Guinè,como fizeram noſſos anteceſſores;mas alem deſta parte (perdendo o ſono) tomamos eſtoutro novo trabalho de eſcrever os Comentarios de ſua gloria,& nome que tem acerca de todalas gentes, nos faz perder os meritos do proprio officio. Deos que julga as obras & tençam de cada hum,julgue as noſſas,pois o juizo dos homẽs eſtà mais prompto em julgar à outrem que à ſi meſmo. Porem contra aquelles que mal ſentem deſte noſſo trabalho, iſto podemos affirmar: que as obras cujo fim he algum bem comum,paſſada a murmuraçam, ficam ellas vivas, & a memoria de ſeu Autor,por mais dentadas que em vida lhe dem. E ſe as materiaes tem eſta regra, que ſerà naquellas perque (diz Tullio)paſſam as couſas,& ficam as eſcripturas: porque eſta lei tem os bẽes do entendimento,nam ſerem ſobjectos à nenhum infortunio,& os da fortuna à muitos. Da qual regra que o tempo tem moſtrado per todo o ſeu diſcurſo, nos fica hũa certa eſperança (ſejanos licito gloriar de noſſos trabalhos,& nam atribuido à arrogancia,poſto que como diz Valerio Maximo,nam ha hi tanta humildade, que nam ſeja tocada de gloria)que virà tempo em que ſeremos julgado por homem mais zeloſo,& diligente no cuidado do bem, & gloria da Patria,que da propria peſoa. Pois pola Patria,no tempo que os outros cà,& là andam, à quem ſe carregarà de mais fardos às coſtas dos deſpojos da India, nos tomamos cuidado de levantar a bandeira dos triunfos della; que eſtes carregados leixaram jazer deſemparada, & eſquecida com a ocupaçam,& preſſa que cada hum em ſeu modo traz de ſalvar a prea de que lançou mão,por lhe mais importar o proprio intereſſe, que a gloria comum da Patria. A qual bandeira mediante o adjutorio Divino,ſem favor, ou eſforço de quem o podia dar,& nos o eſperavamos, & ſem temor da artelharia dos juizos daquelles que ſempre encarou em noſſa face, que muitas vezes ſe fez vermelha com motes,& zombaria, que he hum peſsimo genero de injuria, nos cabeça baixa, & paciente,com o peito per terra como leal vaſſallo, ſem o temor de tanta lingua,nam deſcanſamos, atè a tèr arvorada à viſta de todo Mundo neſtas quatro Decadas, que he o diſcurſo de cento & vinte annos de hiſtoria, melhor recebida de eſtrangeiros,que aprovada,& agradecida dos naturaes. E poſto que ja demos por teſtemunha o proprio officio q̃ ſervimos, nam lhe ſer em obrigaçam do tempo que gaſtamos neſta eſcriptura,& querem ſaber qual he logo o tempo em q̃ borramos tãto papel,como temos gaſtado neſta obra, & em outras, que ja nos

ja nos ſairam da mão: por lhe tirar eſte eſcrupulo do peito o queremos fazer, contando aquelle caſo que eſcreve Plinio aquecer à Furio Creſino Liberto. Eſte Creſino tinha junto de Roma hũa pequena herdade, em que lavrava, & de que ſe mantinha, & por lhe reſponder com mais novidade, do que aviam ſeus vezinhos das grandes herdades que lavravam, movidos de enveja, foi per elles acuſado, dizendo, que per encantamentos das propriedades alheas roubava as novidades pera à ſua. E como era lei das doze Tavoas, que todo feiteceiro, & venefico morreſſe; quando vèo o tempo que elle Creſino ſe avia de apreſentar em juizo, à que era citado por eſte caſo, levou conſigo os boies, arados, enxadas, & todo outro inſtrumento de ſua lavoira, & hũa filha baroil que o adjudava neſte trabalho. Perguntado elle pelo juiz que deſſe razam de ſi acerca do que era acuſado, diſſe: Eu Senhor nam poſſo trazer aqui os dias, as noites, & o ſuor de meus trabalhos de todo o anno, ſòmente trago os inſtrumentos delles, que ſam eſtes q̃ aqui apreſento, puidos, & gaſtados de minhas mãos, com os quaes eu encanto a minha propriedade, & faço que me reſponda com fructo. Se meus vezinhos que me acuſam fizeſſem outros taes encantamentos às ſuas propriedades, ellas lhe reſponderiam como a minha faz à mi. Com a qual razam demoſtrada à viſta, vendo o juiz que a acuſaçam contra Creſino procedia de enveja, o ouve por abſolto della. Se nos tambem ouveſſemos de trazer aqui as vigilias da noite, o nam dormir ſeſta, nem paſear pela cidade, nem ir eſparecer ao campo, nem andar em baquetes, nem jugar, caçar, peſcar, & lograr outros paſſatempos que leixamos de fazer por condiçam, & foſſemos com eſtes inſtrumentos ante o juiz de Creſino, per ventura abſolveria à nos, & condenaria à quem nos acuſa, polos achar comprendidos em algũa deſtas couſas que apontamos, uſandoas elles mais ſobejamente do que convem à qualidade, & idade de ſuas peſſoas: pois ſegundo a lei diz, convem à republica que cada hum uſe bem de ſi, & do ſeu. E ſe o juiz de Creſino nam baſtar para nos abſolver, por tèr pouca autoridade, abſolvãnos eſtes Principes com a muita que teveram. Iullio Ceſar com os livros da Analogia da lingua Latina, & hum Poema chamado Caminho, que compôs ambos, fazendo dous caminhos de Italia pera França, & Eſpanha, indo em andas. E abſolvanos Carlo Magno com hũa arte de Grammatica que compôs da lingua Alemãa; & abſolvanos o Papa Pio com a Geografia q̃ fez, deſculpandoſe por tractar daquella materia, & nam doutra, conforme à ſua dignidade. E abſolvanos el Rei Dom Afonſo de Caſtella com ſuas tavoas dos movimentos dos Orbes Celeſtes, chamadas de ſeu nome Alfonſis, & cõ hũa Geografia q̃ cõpôs de toda Eſpanha. E abſolvanos o Emperador Carlo Quinto cõ o ſeu Comentario da guerra de Alemanha, & outras obras que ainda nam ſairam à luz, poſto que a primeira vai entitulada em quẽ lhe ſerve d'eſcriptor, & revedor dellas, por o grande juizo que tem em a cenſura da compoſiçam da hiſtoria. Pois ſe eſtes Principes, & outro grande numero delles, que leixamos de nomear, por nam fazer comprido Cathalogo, os quaes em mageſtade, potencia, cuidados, negocios, ocupações, & juizo, differem do noſſo ſem comparaçam algũa, nam perderam em compôr as taes obras o tempo de ſua obrigaçam, & ſe prezaram de o gaſtar em tinta, & papel, por moſtrarem que tãto com elles partira a natureza dos bẽes do entendimento, quanto a fortuna de ſuas proſperidades: & eſte exercicio he à elles louvor de gloria, em nos porque ſerà vituperio de infamia? Porque nam ſòmente eſtes Principes em ſi meſmo aprovaram prevalecerem eſtes bẽes do engenho aos da fortuna, mas ainda em outrem o aprovou, & confirmou o Emperador Maximiliano, no que diſſe por Alberto Durero, que foi ora em noſſos tempos hum dos excellẽtes debuxadores de toda Europa. O qual vindo muitas vezes ante elle cõ algũas obras q̃ lhe fazia, principalmẽte cõ hum portico q̃ nos temos, em q̃ eſtà toda a ſua genealogia, & feitos de guerra q̃ fez em ſua idade, o Emperador lhe fazia muita honra, de que ſentio elle q̃ algũas peſoas illuſtres que eram preſentes motejavam diſſo, contra os quaes elle diſſe: Sabeis vos outros porque faço tanta honra à Alberto; porque as partes que elle tem, por cujo reſpecto a merece, deulhas Deos, & a natureza, & de mì nam tem algũa couſa, & vos outros as que tendes ſam minhas, cà nam me cuſtaſtes mais que aſsinar hum pequeno papel para vos dar o ſer que tendes. E os Principes que fazem honra aos homẽs, em q̃ Deos pôs algũa particular, & extremada graça, honram à Deos na hõra que lhe fazem por ſer obra ſua; & quando honram à aquelles que elles fizeram, ficam idolatras de ſeus proprios feitos, como o imagi-

o imaginario que feita à imagem poẽſe em giolhos ant'ella. Pois ſe hũ Emperador confeſſa q̃ pode fazer Duques, Condes,& dar grandes Eſtados, cõ aſſinar hum pequeno papel,& nam he poderoſo para fazer hũ Alberto pintor; quem tever algum taleto de Deos, ainda que nã ſeja tal como o de Alberto, porq̃ o nam dará à uſura. Cà per elle ſerà conſtituido na outra vida em maiores bẽes, como fiel ſervo (ſegundo o Senhor em ſeu Evangelho promette) quãdo as obras ſe ordenam em ſeu louvor,& proveito comum. E o galardam que averà neſta vida, ſerà que ſe o Auctor dellas for ante Maximiliano Ceſar, ſe lhe não fizer a honra de Alberto, ao menos reſponderà por elle à aquelles que o deſprezarem. E per eſta maneira daſe à Deos o de Deos,& à Ceſar o ſeu,& os malicioſos ficaram confuſos na maldade de ſeus argumentos. Quanto a reſpoſta que ainda devemos aos parentes, & amigos por as culpas que nos dam; però que as ſuas grandes amoeſtações com que nos quiſſeram caſtigar (ſeguindo nellas o intento do Mundo preſente) pediam comprida reſpoſta, pedimoslhe que nos ajam por eſcuſo della, & elles por pagos com eſta hiſtoria que Ariſtoteles traz no primeiro livro de ſua Politica, pois per exemplos vou neſte modo de reſponder à todos. O Filoſofo Tales Mileſio era muy zombado dos outros Filoſofos, vendo que a Filoſofia natural à que ſe elle dava, nam era de muito ganho,& proveito. Tales por tirar eſte obprobrio, & infamia à Filoſofia, vendo per Aſtrologia que o anno vindoiro nam avia de aver novidade de azeite, eſſe pouco dinheiro que tinha deu em final de hũa grande copia delle que comprou: & vinda a novidade, pola careſtia delle, vendeo o que tinha comprado por hũa grande ſomma de dinheiro, o qual amoſtrou à aquelles que zombavam delle, dizẽdo: que a Filoſofia natural nam leixava de enriquecer aos q̃ ſe davam à ella, ſenam porq̃ elles engeitavam as riquezas,& cõ eſta demoſtraçam animou muitos ao eſtudo della,& a ſeguirẽ a ſua doctrina. Nos neſta noſſa inclinaçam (ou como lhe cada hũ quiſer chamar) poſto q̃ nam ſejamos Tales pera ſaber o que eſtà por vir, pelo paſſado per nos,& q̃ paſſa cada dia pelas mãos, tambem poderiamos cõprar do azeite, com que alumiaſſe à mĩ, & à meus filhos, por nam andarmos tanto às eſcuras do Mundo como andamos. Porem como eſta claridade de azeite tem hũ certo termo de luz, que he atè a ſombra da morte, & mais

& mais por ſer de azeite leixa as vezes nodas, que duram eternalmente: quando aparecer hum tractado noſſo intitulado das abuſões do tempo, em que particularmente eſcrevemos as noſſas abuſões de que nos tacham,& as que vimos uſar ao meſmo tempo; entam ſe verà ſe permaneceo cada hũ na vocaçam à que foi chamado, & ſe leixou a propria pola impropria à ſeu eſtado, officio,& habito. Porque como com eſta autoridade de Sam Paulo nos quiſeram arguir, que leixavamos a obrigaçam de noſſo officio, por eſte de eſcrever volũtario: a meſma autoridade avemos de tomar por thema cõtra aquelles que jazem neſta culpa, ſem terem algum exercicio proveitoſo à Republica, ou ſe o tem ſe leixam o mais polo menos. E tambẽ entam ſe verà, porq̃ imitamos ante a doctrina de Tales, que o ſeu azeite, que he o voto de noſſos parentes, & amigos, cuja he eſta reſpoſta. E verdadeiramẽte Deos he teſtemunha q̃ nenhũa deſtas quatro ſortes deſcandalo à q̃ reſpondemos, obrou tanto em nos, que por elle recebeſſemos mais trabalho, q̃ eſte de reſponder à todas; pero nam me poder aqueixar de hũ certo genero de peſoas, q̃ nam falam bẽ, nẽ mal, no juizo das quaes nos tinhamos poſto o premio de noſſo trabalho, aqui ſe perde toda a paciẽcia, ſem a poder ſoltar do animo pera fora: por eſte calar delles ſer hũa obra crua & peſsima, & de maior dor,& tormento, q̃ ſe pode dar à hum homẽ. E pois cõ calar,& outras couſas à q̃ nam ponho nome por reverencia dos ſeus nomes, nos pagam noſſo trabalho, eſte ſò premio queremos delle, ante aquelles q̃ o aceptaram de boa võtade, ſaber, q̃ tendo nos ante os olhos eſtes deſenganos, pode mais o amor da Patria, q̃ o ſeu galardam. E porq̃ nos nam queriamos dar, nem receber eſcãdalo de alguem, nem menos ouvir queixumes de algũs, q̃ em noſſa eſcriptura demos muito louvor à hũs, & nam tanto à outros, & q̃ em hũa parte fomos largo,& em outra curto,& q̃ eſcrevemos os bẽes q̃ cada hum fez,& nam os males,& roubos; & aſsi dizem outras palavras à q̃ propriamẽte podemos chamar faſtios de gẽte enferma de doença de ingratidam; pedimos por merce à eſtes enfermos à q̃ noſſo trabalho nam aprouve, q̃ lhe apraza de nos perdoar o q̃ atè aqui tomamos por elles, cuidando de lhe ſer aprazivel, & nos os nam enfaſtiaremos mais com outra eſcriptura noſſa. E nam nos ajam por homem que nam cumpre com ſua palavra, pois no principio deſta eſcriptura prometemos

temos

temos eſcrever as couſas que elles fizeram em Europa, & Africa; porque quando fiz a tal promeſa, pareciame que podia achar em meus naturaes aquella aceptaçam que Lucilio achava nos ſeus Conſentinos, & Tarentinos; pera os quaes elle dizia ſòmente eſcrever, & nam pera eſtranhos. Mas pois meus naturaes cõ ſuas palavras me deſobrigam das minhas, nam me podem obrigar pola lei da obrigaçam dellas: pois a meſma lei quer, que nam aja obrigaçam, onde nam ha acepta çam. E porque neſta parte eſtou mais obrigado aos eſtranhos, que à elles, por lhe ſerem meus trabalhos mais aceptos; pera os ſatisfazer no que eſperam de mi, converto a minha pena à eſtes que me querem, eſcrevendo a Geografia de todo o Orbe deſcuberto, & as gentes delle. Imitando neſte propoſito à Sam Paulo (ſe he licito uſar das grandes couſas pera exemplo das pequenas) o qual vendo que os Hebreus ſeus naturaes, à quem elle primeiro que às outras gentes era obrigado denunciar o Evangelho, nam o quiſſeram aceptar per elle, diſſe. *Ecce convertimur ad Gentes.*

***

# LIVRO PRIMEIRO

## DA QVARTA DECADA DA ASIA,

### *DE IOÃO DE BARROS.*

### Governava a India Lopo Vàz de Sampaio.

## CAPITVLO PRIMEIRO.

*Como foi aberta a ſucceſsão, de quem avia de ſucceder à Dom Enrique de Meneſes, e ſe achou que Pero Maſcarenhas, e por elle eſtar auſente ſuccedeo Lopo Vàz de Sampaio.*

DESPOIS que o Governador Dom Enrique de Meneſes foi ſepultado na capella de Santiago da Igreja de Cananor, onde falleſceo a xxiij. de Fevereiro do anno de DXXVI. como eſcrevemos no ultimo Capitulo da Terceira Decada: Abrio o Secretario Vicente Pegado a ſegunda ſucceſſão, das tres que levou à India o Conde Almirante [a] Dom Vaſco da Gama, quando foi por Viſorei d'aquelle Eſtado, & nella ſe achou nomeado Pero Maſcarenhas, que eſtava em Malaca, avia hũ anno por Capitão d'aquella fortaleza. Ficarão mui confuſos com eſta nomeação os Fidalgos preſentes; porque Pero Maſcarenhas não podia ſer aviſado, ſenão em Maio, tempo da

[a] *Forão eſtas as primeiras ſucceſsões, que el Rei D. Ioão mandou à India, a de Pero Maſcarenhas, foi feita em Evora à X. de Fevereiro de MDXXIIII.*

A mon-

monção, em que se navega da India para aquellas partes, & dellas, não podia elle vir à India, senão na outra monção do anno seguinte: largo prazo para ter a India o seu Governador ausente, quando estava de guerra com os Reis de Calecut, & Cambaia, & com novas certas, que no Mar roxo aprestava o Grão Turco Solimão hũa armada, para deitar da India os Portugueses: pelo que convinha tomar breve resolução no modo do Governo. Esta dependia de varios pareceres; porque muitos votarão, que se nomeassem Regentes que governassem em quanto não viesse Pero Mascarenhas: A outros pareceo, q̃ se abrisse a terceira successão, & que governasse quẽ nella viesse nomeado; jurando solemnemente, que vindo Pero Mascarenhas, lhe entregaria o Governo; & que ao mesmo se obrigasse com semelhante juramento Afonso Mexia Veedor da Fazenda, o Licenciado Ioão de Osouro Ouvidor geral, Dom Simão de Meneses Capitão de Cananor, Dom Vasco Deça, Dom Enrique Deça, Rui Vaz Pereira, Antonio de Miranda de Azevedo, Dom Afonso de Meneses, Dom Antonio da Silveira, Manoel de Brito, Antonio da Silva, Lopo de Mesquita, & Diogo de Mesquita seu irmão, Diogo da Silveira, Manoel de Macedo, Dom Vasco de Lima, Martim Afonso de Mello Iusarte, Dom Iorge de Meneses, Dom Iorge de Castro, Francisco de Taide, & outros Fidalgos que estavão presentes. Contrariavão algũs este voto, & principalmente Dom Vasco Deça, dizendo, que abrirse a terceira successão, vivo o Governador nomeado pela segunda, era contra o serviço d'el Rei, & suas provisões, & grande inconveniẽte, sabendosse tanto ante mão, quem avia de succeder ao Governador, que ainda não entrara no Governo: E que o que o tivesse, o não quereria largar à Pero Mascarenhas quando viesse de Malaca, de que resultarião grandes differenças, & inquietações. Mas não approvando Afonso Mexia este acertado parecer de Dom Vasco, acabou cõ todos os mais Fidalgos, que a terceira sucessão se abrisse; causa das discordias, que despois ouve na India, que a serem menos leaes os corações Portugueses, passarão à hũa guerra civil, com que aquelle Estado se perdera. Parece que lhe revelou o Espirito os futuros desassossegos ao Governador Dõ Enrique de Meneses: porque dous dias antes que morresse, por não faltar em cousa algũa ao serviço d'el Rei, fazendo hũa prattica aos fidalgos sobre



sobre as cousas que tocavão ao Governo da India, lhes disse, que porque poderia estar ausente a pessoa que lhe ouvesse de succeder, elle deixava nomeada outra em hum papel cerrado, a qual affirmava, que tinha as qualidades necessarias para governar, em quãto o seu successor não viesse. Era este fidalgo, Francisco de Sà Capitão de Goa, a quem bastava a approvação do Governador, para occupar merecidamente maiores cargos. Mas esta provisão, por respeitos particulares não appareceo, que se fora vista, & se fizera, o que D. Enrique nella deixava ordenado; por ventura que se não arriscara o estado da India, nem as partes principaes, & autores dos trattos cautelosos, que nesta nomeação ouve, não forão despois accusados, & castigados.

Determinados pois os fidalgos q̃ se abrisse a terceira successão, jurarão todos como estava assentado, que obedecerião à Pero Mascarenhas, logo que viesse de Malaca, & não à pessoa que governasse pela terceira successão, à quem obrigarião, q̃ entregasse o governo da India à Pero Mascarenhas. Feito de tudo hũ auto pelo Secretario Vicente Pegado, em q̃ todos assinarão, abrio elle a terceira successão,[a] na qual el Rei nomeava à Lopo Vàz de Sampaio, para governar a India por morte de Pero Mascarenhas. Afonso Mexia, à quem por razão de seu officio tocava o cargo destas successões, com os Officiaes, & pessoas q̃ se acharão neste auto, se partio para Cochij, onde de Lopo Vàz estava por Capitão, & chegados em breves dias à aquella cidade, lhe entregarão o governo da India condicionalmente, para elle a entregar à Pero Mascarenhas, quando viesse, & assi o jurou Lopo Vaz nos Evangelhos com toda a solemnidade; de que se fez outro auto, que elle assinou, com os fidalgos atras nomeados, os quaes com novo juramẽto rectificarão o que jurarão em Cananor.

Entregue Lopo Vàz de Sampaio da governãça, à primeira cousa q̃ fez, foi dar a Capitania de Cochij à D. Vasco Deça, filho de D. Ioão Deça, irmão de sua molher, & despachou à Iorge Cabral, (como D. Enrique tinha mandado) para às ilhas de Maldiva às presas das naos dos Mouros, q̃ fugindo da costa da India cõ temor das nossas armadas, intẽtarão aquella nova navegação, para de Cambaia, & do estreito do Mar roxo, irem, & virem à Bengalla, & à Samatra. Ficando estes Capitães para Afonso Mexia os prover do necessario, & irem fazer suas

[a] *O alvara desta successão de Lopo Vàz foi feito em Evora a 26. de Fevereiro de 524.*

*Fr̃ancisco de Andrade diz, que a successão de Pero Mascarenhas se abrio em Cananor, onde viera de Cochij Lopo Vàz de Sampaio, cõ o aviso da morte de D. Enrique, & que de Cananor se forão todos à Cochij, aonde se abrio a successão de Lopo Vàz. Cap. 1. & 2. da segunda parte.*

viagẽs, Lopo Vàz ſe partio logo com hũa frotta de ſete vellas, para ir corrẽdo a coſtà, & acabar de a alimpar dos ladrões que a infeſtavão. Forão os Capitães d'eſta armada D. Vaſco de Lima na galè baſtarda em que ia o Governador, Manoel de Macedo, Enrique de Macedo ſeu irmão, Diogo da Silveira, Manoel de Brito, Diogo de Meſquita, Lopo de Meſquita ſeu irmão, & Antonio da Silva de Meneſes, que era vindo de ſondar a barra de Dio, onde D. Enrique o mandou, cõ cuja morte fenecerão todos os apercebimentos, que elle apreſtava para aquella empreſa.

Correndo Lopo Vàz de Sampaio a coſta, tomou Cananor, alli recebeo cartas de D. Iorge Tello, & de Pedro de Faria (que eſtavão ſobre a barra de Bacanor) com aviſo, que tinhão dentro encerrada hũa groſſa armada do Samorij, a qual os Mouros refazião à muita preſſa, para navegar à Cambaia; ao que elles não poderião reſiſtir, por ſer grande o numero dos navios, & gente. Lopo Vàz lidas as cartas, & conſiderado o poder dos inimigos, & o pouco que levava, (que não paſſava de ſetecentos homẽs) deſpachou hum Catùr muito ligeiro para Goa à chamar Antonio da Silveira, & Chriſtovão de Souſa, que com os ſeus galeões ſe vieſſem para elle, & os eſperava na barra de Bacanor, & mandou à Manoel de Brito, que ſe adiantaſſe, & com o ſeu galeão ſe foſſe juntar com Dom Iorge, & Pedro de Faria, eſcrevendolhes, que procuraſſem não ſaiſſe fora a armada inimiga, em quãto elle não chegava com a ſua, & provendoſſe de mais baſtimentos, & munições, partio para Bacanor.

## CAPITVLO II.

*O Governador Lopo Vàz de Sampaio cometteo a armada do Samorij que eſtava no rio de Bacanor, & ouve dos Mouros hũa grande vittoria.*

AVISADO Cotiale Capitão mòr da Armada Malavar da partida do Governador de Canañor, & que ia com tenção de pelejar cõ elle; não ſe atrevendo à ſair do rio de Bacanor com temor dos tres galeões q̃ eſtavão ſobre a barra, determinou de o eſperar em terra, onde lhe pareceo, que tinha a vittoria certa, ſe nella o quiſeſſem cometter. Para o que ſe



ſe apercebeo, retirando os ſeus navios quanto pode pelo rio dentro, para lhe não poderem chegar os noſſos, & de hũa, & de outra parte do rio mandou fazer grãdes & fortes tranqueiras de madeira, terraplenadas, cõ que eſtreitou muito o canal, & nellas aſſentou muita artelharia, para que não paſſaſſe embarcação ſem perigo certo de ſer mettida no fundo; & de trãqueira à trãqueira atraveſſarão viradores groſſos cubertos de agoa, em que encalhando as embarcações, enteſandoos çocobraſſem.

Lopo Vàz chegado à Bacanor, deſpois que ſoube, que os Mouros eſtavão bem fortificados, & que ſerião mais de dez mil, determinou de entrar o rio, & pelejar com elles, poſto q̃ lho contrariarão os Capitães, repreſentãdolhe grãdes difficuldades. As quaes não o mudando de ſeu parecer, quis reconhecer per ſi meſmo a fortificação dos inimigos, não ſe confiando de outrem. E aſsi o dia ſeguinte antemanhãa, por fazer bom lũar, com tres catùres; elle em hum, & nos dous Paio Rodriguez de Araujo de Barros, & Manoel de Brito, Capitães mui eſforçados, que forão de voto, que pelejaſſem; entrou pelo rio dentro, & per hũa chuva de pelouros da artelharia das tranqueiras; que os Mouros ſentindo os catùres, diſparárão ſobre elles, foi o Governador reconhecendo tudo, & ſe dãno algum, voltou com igoal perigo. E porque Paio Rodriguez cortara à entrada hum dos viradores, que das tranqueiras eſtavão atraveſſados, mandou Lopo Vàz cortar todos para deſempedir o caminho às noſſas embarcações. E ſabendo, que n'aquelles dez ou doze mil homẽs, que alli eſtavão para defender os Paraos; avia algũs cinco mil naturaes da terra, & ella era d'el Rei de Narſinga, que tinha paz, & amizade cõ el Rei de Portugal, mandou dizer à eſtes, que ſe eſpantava tomarem armas contra os Portugueſes, em defenſão de ſeus inimigos, que elle lhes requeria da parte de ambos os Reis, & por a paz que tinhão aſſentada, que ſe apartáſſem d'aquella gente; porque determinava de a ir caſtigar, & não quèria offendellos à elles, pois os tinha por amigos. Ao que reſponderão, que não eſtava em razão deſemparem hũs homẽs, que ſe à elles acolhião, & que muito mais offenderião à el Rei ſeu ſeñor, em os deſemparar, que em offender à quem algum dãno, & mal lhes quiſeſſe fazer. Eſtas, & outras diligencias fez Lopo Vàz de Sampaio, primeiro que

cometteſſe aquelle feito. O qual poſto ſegunda vez em Conſelho, foi mui contrariado pondolhe muitos inconvenientes, hum dos quaes, & o mais importante era, ſer aquella terra de el Rei de Narſinga. E poſto que elle tiveſſe feito áquelle cõprimento com os ſeus naturaes, como dezia, recebendo elles algum dãno ficavão os Portugueſes, que eſtavão em Narſinga arriſcados à lançar el Rei mão per ſuas peſſoas & fazendas: E neſta ſua ſaida en terra, não ſe ganhava mais que tomar hũs poucos de Paraos, & de Pimenta. E que não era ſerviço del Rei por tam pouco intereſſe aventurar tanta nobreza de gente, & a frol da India, que alli eſtava. Não ſe fundava eſte voto em covardia, (que bem entendião os que o davão, que couſas maiores podia emprender o Governador, & os Capitães que o acompanhavão) ſenão em enveja do valor de Lopo Vàz de Sampaio, cujos emulos erão muitos delles; preſumindo pela opinião que tinhão de ſi, que puderão ſer nomeados por el Rei, como elle, para o governo da India; & querẽdo impedir a reputação, que Lopo Vàz poderia ganhar n'aquella empreſa, ſe lhe ſuccedeſſe bem, deſprezavão a gloria particular, que d'aquella vittoria, como ſoldados, lhes podia cáber; Lopo Vàz como era valeroſo, & de grande animo, pareciallhe fraqueza, & menos cabo da ſua opinião, que com os Mouros queria accreſcentar, não cometter aquelle feito, paraque alli viera, & partirſe ſem vingar as mortes & perdas, que os Portugueſes d'aquelles Mouros recebião. E como os que erão de voto que não pelejaſſe, erão mais, que os do contrario parecer, não ſe reſolveo atè a vinda de Antonio da Silveira, & Chriſtovão de Souſá, que foi d'ahi à dous dias; cujos pareceres ſendo conformes com o ſeu, & ſeguidos quaſi de todos, que pela autoridade deſtes dous fidalgos ſe retratarão, teve Lopo Vàz por mui certa a vittoria dos inimigos, & ſe determinou de ſair logo em terra, o que ordenou deſta maneira. D'aquelles bateis grandes, & mantas, que Dom Enrique tinha para cometter Dio, mandou concertar tres, com artelharia bem ordenada, & em cada hum pôs cem homẽs, para que de hũa chegada à terra, lançarẽ nella CCC. em bargantijs ião outros CCC. ſoldados, & os Capitães dos bateis, q̃ avião de ir diante, erão Manoel de Brito, & Paio Rõiz de Araujo: O Governador os avia de ſeguir, rodeado de hũa ilharga, & da outra dos outros navios de remo, nas quaes embarcações ião atè mil homẽs



homẽs Portugueſes afora os Canarijs, & Malavares, que remavão. Os mouros dentro do rio onde a terra fazia hũa põta, que ficava em lugar de baluarte, para defender a paſſagẽ, tinhão feito hũa cerca de pedra, & taipa, bẽ entulhada, & rebatida, (que daria pela barba à hũ homẽ) & em tres eſtancias della puſerão artelharia, que jugava a travèz hũa da outra: & diſtancia de ſete palmos entre o lugar onde os noſſos poderião deſembarcar, & as eſtacadas, tinhão feito outra eſtacada, & de hũa à outra eſtava atraveſſada hũa viga ao lume d'agoa, que não foſſe viſta, & por baxo hũ virador, para embaraçar, & trabucar os noſſos bateis, quando alli foſsẽ ter. Sendo Lopo Vaz ſabedor deſte artificio, ordenou hũ Catùr mui pequeno, que foſſe diante, & deſſe aviſo aos dos bateis, que avião de ir na dianteira, que não deſparaſſem a artelharia: & que elle poria o roſtro a hũa parte, como guia, para furtar a volta aos Mouros, & deſembarcar em outra parte não cuidada delles. Iſto aſsi ordenado, cometterão os inimigos ao outro dia pela manhãa, partindo Lopo Vàz com grande eſtrondo, & grita de toda a gente, & com o remo tão teſo, como quẽ ia ganhar algum pario, & permitio Deos, que não forão os perigos, que paſſarão, tam grandes, como forão os medos, & difficuldades, que no Conſelho ſe puſerão; principalmente quando chegarão ao baluarte; porque ainda que elle deſcarregou ſua artelharia, como as noſſas embarcações erão guiadas pelo Catùr, paſſarão com muito menos perigo, & forão demandar eſte baluarte per outro lugar, que não tinha travèz, nẽ os embaraços referidos. Neſte tempo deſpedio o Governador à Pero de Faria, para queimar os Paraos, que eſtavão diante, & Antonio da Silveira per hũ lado, & o Governador per outro, & Manuel de Brito, & Paio Rõiz de Araujo diante às lançadas, e eſpingardadas, dando Santiago nos Mouros, os fizerão retirar da guarda dos Paraos, com que ouve lugar para os queimar. Foi eſte feito tam pelejado de hũa, & outra parte, que dos noſſos morrerão quatro Portugueſes, & forão feridos oitenta & cinco; & os Paraos dos inimigos, que erão ſetenta & tantos forão queimados, & tomada toda a artelharia do baluarte, & tranqueiras, que erão mas de oitenta peças, algũas de bronzo. No lugar não quis Lopo Vaz que tocaſſẽ, por ſer del Rei de Narſinga, & aſsi o tinha mandado aos Capitães. E poſto que elle avia amoeſtado aos do

lugar, que ſe afaſtaſſem d'aquelle perigo, os que nelle entrarão, tambẽ levarão boa parte nos mortos, & feridos; dos outros ſe não ſoube o numero: mas ſegũdo a couſa foi pelejada, devia ſer grande: porẽ o de que ſe teve noticia foi, ſerẽ mortos algũs homẽs nobres de Calecut, por os quaes na Cidade ouve grande prãto: o que o Samorim muito ſentio, por ſer eſta notavel perda ſobre as outras, que tinha recebido. A peſſoa aſsinalada dos Portugueſes, que neſta peleja correo maior riſco, foi Dom Iorge de Meneſes, à quẽ ſe alagou o batel, em que ia cõm toda a gente, & como elle não ſabia nadar, & ia armado, andou debaxo da agoa, bebendo muita, atè que lhe acodirão outros bateis, & o ſalvarão.

## CAPITVLO III.

*Como Lopo Vàz de Sampaio chegou à Goa, & foi recebido nella por Governador da India, & das armadas que fez.*

AVIDA eſta vittoria em Bacanor, partio o Governador Lopo Vàz de Sampaio para Goa; & entrando pelo rio de Pangin, Franciſco de Saa Capitão da cidade, per conſelho dos Officiaes da Camara, lhe mãdou requerer, que não paſſaſſe dalli; porque o não avia de receber como Gover nador da India, pois o não era; por ſer eleito por homẽs, que para iſſo não tinhão poder, & não por el Rei, nẽ pelo ſeu Governador, & que Pero Maſcarenhas era o Governador, & em ſua auſencia elle Franciſco de Saa, que fora nomeado por D. Enrique de Meneſes, como atras eſcrevemos, & que quiſeſſe para os outros o dereito que quis para ſi. Porque morrendo o Conde Viſorei deixou nomeado à elle Lopo Vàz por Governador da India, atè vir a peſſoa, que el Rei mandava, que o ſuccedeſſe, o que ſe cumprio. E aſsi que agora guardaſſe a meſma lei, & deixaſſe governar à elle. Deſte requerimento fez Lopo Vàz pouca conta, & foiſſe pelo rio acima, atè chegar às portas da cidade, ſem lhas quererẽ abrir. E deſpois de muitas altercações, conſentio Franciſco de Saa no que a Camara quis, que ja eſtava de outro parecer, intervindo niſſo Chriſtovão de Souſa: & aſsi foi Lopo Vàz de Sampaio recebido naquella cidade como Governador.

*Decada 3. liv. 9. cap. 2.*

Come-



Começou logo à entender nos negocios do Governo, & a primeira couſa que fez, foi, por hũa nao da carreira de Malaca, (que Antonio da Silva de Meneſes tinha com as roupas que fingidamente Dom Enrique mandou buſcar a Dio) mãdar recado à Pero Maſcarenhas da ſua ſucceſsão no Gover do da India; à qual nova lhe era ja mãdada per duas vias, como adiante ſe dirà. E porque Franciſco de Saa, que eſtava por Capitão em Goa, quando partio de Portugal com o Cõde Almirante levava proviſão para ir à Sunda fazer nella hũa fortaleza; tiroulhe Lopo Vàz a Capitania de Goa, & deu à à Antonio da Silveira de Meneſes, (que tinha deſpoſado com D. Mecia ſua filha) o qual eſtava provido da Capitania de Sofala, que deſte Reino levou: mas não entrava ainda nella; & à Franciſco de Saa mandou dar dous Galeões, hũa Galè, hũa Galeotta, hũa Caravella, & hũ Bargantim, com CCCC. homẽs, & todos os baſtimentos, & munições neceſſarias para a Armada, & Fortaleza, que ia fazer. E à D. Iorge de Meneſes, que ficara provido da Capitania de Maluco pelo Governador Dom Enrique, deſpachou para ir entrar nella com dous navios, & cem homẽs; & em ſua companhia à Simão de Souſa, Galvão filho de Duarte Galvão, que avia de ſervir de Capitão mòr do mar de Maluco [a]. Fez mais o Governador outra Armada de catorze vellas, de q̃ ia por Capitão mòr Antonio de Miranda de Azeuedo, para andar em guarda da coſta da India, & impedir as naos do eſtreito de Meca levarẽ pimenta. E para guarda dos ladrões, que andavão em Choromandel, fez outra Armada de nove vellas, de que foi por Capitão mòr Manoel da Gama, o qual com ella alimpou aquella coſta de Coſſairos Malavares, que nella andavão, & cobrou toda a fazenda de hũa nao noſſa muito rica, que eſtes ladrões tomarão em Paleacate, cõ morte de oito Portugueſes. E aſsi deu tres navios à Rui Vàz Pereira, com que foſſe à Bengalla andar às preſas [b]. E por Lopo Vàz ter recado das differenças, & diſcordias, que avia entre el Rei de Ormuz, & Raez Xarafo, & o Capitão Diogo de Mello, & ſer chamado por el Rei, com os meſmos queixumes, que ja tinha inviados à Dom Enrique de Meneſes, determinou de acodir à apaziguar aquellas revoltas, antes que vieſſem à mais. Não avendo por inconveniente tendo eſpalhado tantas armadas deixar a India, & ir à Ormuz, fazendo elle poucos dias atras requerimen-

[a] *Eſte cargo de Capitão mòr do mar de Maluco não ſervio Simão de Souſa, por ſer pouca ſatisfação de ſeus ſerviços, & ficou em Malaca, & acompanhou Pero Maſcarenhas na tomada de Bintam.*

[b] *Sabẽdo Lopo Vàz q̃ Iorge Cabral era partido para Malaca, mandou Martim Afõſo de Mello Iuſarte às ilhas de Maldiva, com hũa armada de cinco fuſtas, & hũa caravella; cõ aqual ſe pôs Martim Afonſo de Mello em hũ dos Canaes daq̃llas ilhas, deſtribuindo as fuſtas pelos outros, & nelle topou hũa nao de Rumes, q̃ ia de Tanaçarim para Meca, que levava CCC. ſoldados, & muita artelharia: pelejou com ella Martim Afonſo, & deſpois de hũa porfiada batalha, que durou todo h' dia, a tomou com morte de tod os Rumes. Fernão Lopez de Caſtanheda livr 7. cap. 3. & Diogo do Couto Dec. 4. liv. 1. cap. 6.*

rimento à Dom Enrique, que là não foſſe por el Rei o defender aos Governadores, como no precedente livro eſcrevemos. E aſsi ſendo vinte dias de Março, em que a monção era quaſi gaſtada para navegar à aquellas partes de Ormuz; partio mal acompanhado, & como não convinha à dignidade do ſeu cargo; porque levou pouco mais de CCC. ſoldados em cinco vellas, que erão hũa galè baſtarda, em que elle foi, & por Capitão della Dom Vaſco de Lima, & tres galeões, de que erão Capitães Dom Afonſo de Meneſes, Manoel de Macedo, & Manoel de Brito, & hũ bargantim, para ſerviço das outras vellas, de que era Capitão Ioão Ramirez, que tambem era Capitão da guarda do Governador.

## CAPITVLO IIII.

*Do que aconteceo à Lopo Vaz de Sampaio na viagem de Goa à Ormuz, e do que fez n'aquella cidade.*

SENDO a partida de Lopo Vaz de Sampaio fora de monção, paſſou muito trabalho com as calmarias, & por as agoas correrem muito para Ceilão, andou alli mais de oito dias ſem os Pilotos ſaberem onde eſtavão por navegarem per Rumo de Leſte à Oeſte, em que ſe não conhece a differença da altura de Norte à Sul, finalmente o negocio chegou à tanto, que por terem gaſtada a agoa, veo a gente à adoecer, & morrer, & muitos conſtrangidos da neceſsidade bebião agoa ſalgada, & para a adoçar lhe lançavão muito açucar, com que mais ſe lhe incitava a ſede. Com eſte trabalho chegou à Calaiate, que eſtà na coſta da Arabia, & he do Reino de Ormuz, onde a gente que ia bem enferma, tornou às ſuas forças com a agoa freſca. E por eſta viagem, que Lopo Vaz fez per eſta villa de Calaiate, & pela de Maſcate, tornarão ellas à obediencia del Rei de Portugal, eſtando levantadas contra elle, & a cauſa do levantamento era ter Diogo de Mello Capitão de Ormuz preſo à Raex Xarafo Guazil del Rei de Ormuz; por paixões, que procedião mais de particulares intereſſes de Diogo de Mello, que do ſerviço del Rei; ſobre as quaes eſcreverão el Rei de Ormuz, & Raex Xarafo à Dom Enrique de Meneſes; & reſpondendo elle às ſuas cartas, eſcreveo à Diogo de





go de Mello, que trataſſe bem à Raez Xarafo, & entre outras palavras lhe diſſe, q̃ lhe pedia ſe ouveſſe n'aquelles negocios temperadamente, & não deſſe occaſião, que os ſeus trinta annos foſſem à Ormuz à emmendar os ſeſenta delle Diogo de Mello. Deſtas palavras ſe ſentio Diogo de Mello, & receava muito, que Dom Enrique foſſe à Ormuz, & como o vio morto, eſcandalizado do que Raez Xarafo lhe poderia eſcrever, perque obrigou à Dom Enrique eſcrever lhe aquellas palavras, confiado no parenteſco que tinha com o Governador Lopo Vàz, o mandou prender; & bem ſe vio proceder a priſão deſta cauſa, porque chegado Lopo Vàz de Sampaio à Ormuz aos tres dias de Iunho, em poucos, todas as differenças, & paxões ſe apaziguarão, ficando Raez Xarafo ſolto, & reſtituido à ſeu Guazilado, o qual, como prudente, & ſagaz que era, como ſoube que Diogo de Mello era parente de Lopo Vàz de Sampaio, & favorecido delle, ceſſou de ſeus queixumes. Mas a fazenda del Rei de Ormuz veo à pagar todas as paxões; porque Lopo Vàz contentouſſe de arrecadar ſeſenta mil pardaos, que devia dos annos paſſados das Pareas; & dez mil de hũa nao de preſa, que mandou vender. Deu eſta venda materia de murmurações, & muito mais a arrecadação da fazenda que ella trazia. Tomara eſta nao no cabo de Guardafui Franciſco de Mendoça, (à quem o Governador levou na ſua companhia à Ormuz achandoo na Agoada de Teive, quando por alli paſſou) Capitão de hum galeão da armada de Eitor da Silveira,[a] com a qual o mandou ao eſtreito do Mar roxo Dom Enrique de Meneſes, de cuja morte ſendo elle ſabedor em Maſcate, & que governava Lopo Vaz de Sampaio, ſe veo à Ormuz, aonde chegou aos xxvj. de Iunho, trazendo conſigo à Zagazabo Embaxador do Preſte Ioão, & à D. Rodrigo de Lima, que na ſua Corte, & Reino eſtivera ſeis annos por Embaxador del Rei de Portugal.

[a] *A viagem & ſucceſſos deſta armada de Eitor da Silveira eſcreveo Ioão de Barros na 3. Dec. livro 10. cap. 1.*

## CAPITVLO V.

*Como Eitor da Silveira foi à Dio, & do que alli paſsou com Melique Saca, & do que ordenou o Governador com as novas da armada dos Rumes.*

DESPOIS que Lopo Vàz de Sampaio recebeo ao Embaxador do Preſte Ioão com a hõra que lhe era devida, & o mandou agaſalhar, & prover mui largamente do neceſſario; cõmo fez tempo, (o que foi no mes de Iulho de aquelle anno de DXXVI.) logo deſpedio à Eitor da Silveira, para que ſe foſſe diante delle lançar à ponta de Dio à eſperar alli às naos que ião do Mar roxo à Cambaia. Neſta paragem tomou elle tres naos groſſas, das quaes as duas abalroarão Manoel de Macedo, & Enrique de Macedo, ambos jrmãos, & aſsi tomou tambem hum Zãbuco, & por elle ſer o primeiro da preſa, deſpejado da fazenda o metteo no fundo, & com as tres naos ſe veo eſperar o Governador à Chaul. E poſto q̃ deſtas naos muitos homẽs ſe aproveitarão bẽ, renderão mais de ſetenta mil pardaos para el Rei, & partes. E Eitor da Silveira não ſomẽte ganhou muita hõra no modo de as tomar: mas moſtrou muita limpeza de ſua peſſoa na entrega dellas aos officiaes del Rei em Chaul.

Cinco dias deſpois deſta entrega, chegarão duas Atalaias de Dio com cartas de Melique Saca Capitão d'aquella cidade, filho do nomeado Melique Az, que ja era falleſcido; hũa das cartas era para o Governador, & outra para Chriſtovão de Souſa Capitão de Chaul, pedindolhe, que mandaſſe a elle hũ homẽ de autoridade, para fallar com elle couſas que importavão muito ao ſerviço del Rei de Portugal; & que da ſua parte lhe requeria que foſſe mui em breve; & entretanto mandaſſe a outra carta ao Governador, para prover no meſmo negocio em prompto, tanto que elle ſoubeſſe per a peſſoa que là mandaſſe a importancia do caſo; por não ſer de qualidade para o eſcrever. Conſultada a preſſa deſte Mouro entre Chriſtovão de Souſa, & Eitor da Silveira, & cõ os Capitães das naos que hi eſtavão, aſſentarão, que Eitor da Silveira ſe devia ver com Melique Saca; porque não podia deixar de ſer algum grande miſte-



miſterio, & couſa mui importante ao ſerviço d'el Rei de Portugal, pois aquelle Capitão, a requeria com tanta inſtancia, & com proteſtos. Eitor da Silveira ſe partio logo no galeão de Manoel de Macedo, levando mais dous bargantijs, & chegado à Dio teve prattica com Melique Saca, o qual por moſtrar que o não mandara chamar ſem cauſa, começou de lhe contar hum grande proceſſo de hiſtorias verdadeiras com artificio, para com ellas encobrir ſuas mentiras. Foi a hiſtoria dizerlhe, que elle o mandara chamar por fugir a ira d'el Rei ſeu ſenhor, que era tam cruel, que matara ja à ſeu proprio irmão, aquem vinha o Reino per ligitima ſucceſsão; & aſsi matara muitos homẽs notaveis; mais por lhes roubar ſuas fazendas, que por culpas algũas. E porque da Corte lhe tinhão eſcritto peſſoas do Conſelho Real, que ſe guardaſſe d'el Rei; porque determinava de ir contra elle, & tirarlhe a vida, & tomarlhe a fazenda; que antes que vieſſe aquella hora, elle determinava de entregar a cidade de Dio ao Governador da India, & ſairſe della à povoar hũa ilha junto da ponta de Iaquette, que diſtava d'alli xxxv. legoas, por fugir da morte, que lhe aquelle Tyranno queria dar ſem cauſa; & que a entrega da cidade faria ao Governador com tal condição, que elle ouveſſe a metade dos dereitos que rendeſſe aquella alfandega em ſua vida. E porque iſto não ſe podia fazer ſe não com o Governador preſente, que lho devia mandar dizer, & q̃ mandaſſe mais gente para ſe eſte negocio fazer ſem alvoroço do povo da cidade. Eitor da Silveira, ſegundo vio a moſtra, que Melique Saca dava da indinação que tinha contra el Rei, & das cruezas referidas, que uſava no Reino, parecialhe que tinha a cidade de Dio nas mãos, & eſcreveo logo à Lopo Vàz de Sampaio, per Manoel de Macedo, que enviou em hum dos bargantijs, que lhe mandaſſe mais gente, & navios; porque Melique Saca eſtava para lhe entregar a cidade; & não lhe quis dizer de elle Governador aver de eſtar preſente, como Melique pedia; parecendolhe, que elle per ſi sò faria iſto, & ganharia a honra de aquelle negocio. E por Lopo Vàz eſtar ja em Chaul da volta de Ormuz, mandoulhe o galeão S. Raphael, de que ia por Capitão Fernão Rodriguez Barba, com duzentos homẽs, & Gonçalo Gomez de Azevedo em hũ navio com cinquoẽta.

A tenção deſte Melique Saca em eſcrever à Chriſtovão de Souſa, & ao Governador, não foi mais que para aver algũas vellas

vellas noſſas com gẽte, para el Rei Badur de Cambaia ſoſpeitar, que queria dar a cidade de Dio aos Portugueſes, & tomãdo diſto algum receo, aſſentar elle com Badur ſeus negocios à ſua vontade. E aſsi ſe fez; porque Melique entreteve à Eitor da Silveira mais de quarẽta dias, no qual tempo el Rei foi aviſado, que o Capitão mòr do mar eſtava na barra de Dio, & o Governador em Chaul, & tinha prattica com Melique, com a qual nova lhe concedeo el Rei todos os ſeguros, & mais couſas que lhe pedio, com que ficou ſatisfeito por entam. E porque neſtes tratos deu Melique a entender à Eitor da Silveira, que convinha retirarſe elle hum pouco para Chaul, para ſoſſegar o alvoroço do povo, cauſado de o verem alli ſurto tanto tempo: Eitor da Silveira dando diſto conta ao Governador, com ordem ſua ſe foi para Chaul. E não quis Lopo Vàz que elle tornaſſe à Dio, entendendo ſer tudo artificio de Melique. O qual deſpois de Eitor da Silveira eſtar em Goa, teve poder para o fazer tornar là com importunações: mas tudo foi em vão. E a cauſa, & o que eſtas negociações cuſtarão deſpois à Melique Saca, ſe dirà adiante, quando tratarmos da vida, & feitos de Soltam Badur.[a]

[a] *Francisco de Andrade refere este caso differentemente: porque escreve, q̃ Lopo Vàz de Sampaio foi duas vezes à Ormuz: a primeira, de que tratou João de Barros, no Capitulo passado, & da segunda não faz menção nenhum outro Autor, se não Francisco de Andrade, o qual diz, que tornando Lopo Vàz esta segunda vez de Ormuz em Agosto de MDXXVIII. passara de noute por defronte de Dio, que sabendoo Melique Saca lhe mandara em hũa fusta hũa carta, pedindolhe que quisesse voltar à Dio, para lhe fazer hum grande serviço, (que era a entrega de aquella fortaleza) desejado, & procurado de todos os Governadores passados, & que Lopo Vaz lhe mandara em seu favor à Eitor da Silveira com hũa boa armada, o qual chegando à Dio, soubera que Melique Saca era fugido para Iaquette. Cap. 3. & 39. da segunda parte.*

E porque pelos Mouros que Eitor da Silveira tomou nas naos da preſa que vinhão de Meca, & per outros meos, ſoube Lopo Vàz, que os Turcos tinhão hũa armada no eſtreito do Mar roxo, & eſperavão de vir à India no tempo da primeira monção; mandou repairar a fortaleza de Chaul, levantando a torre de homenagem, & aſsi mandou à Ioão de Gà em hum bargantim à Adem à ſaber nova dos Rumes, o qual pòs niſſo tanta diligencia, que tornou com recado certo, que eſtavão na ilha de Camaram, fazendo hũa fortaleza. Com eſta nova deſpedio logo o Governador hum navio para Portugal, de q̃ fez Capitão Franciſco de Mendoça, com cartas à el Rei como ſe eſperavão os Turcos, & o eſtado em que ficava a India, & como elle a governava em auſencia de Pero Maſcarenhas: mas Franciſco de Mendoça não veo à eſte Reino, antes que as naos do anno ſeguinte partiſſem de cà. Deſpachou tãbem o navio do trato de Sofala, de q̃ era Capitão Nuno Vàz de Caſtelbranco, & por elle eſcreveo ao Capitão de Moçambique, que eſtiveſſe apercebido, como ſe os inimigos là ouveſſem de ir; & per outro navio proveo Ormuz de munições, com o meſmo aviſo. Eſcreveo tambem à Goa, & a Cochij, que



que proveſſem algũas couſas, por as novas que tinha dos Rumes, mandando em algũas partes fazer navios, de que tinha neceſsidade. Ordenou q̃ ſe repараiſſe a fortaleza de Cananor, refazendo de pedra & cal, o que era de pedra & barro, & acreſcentandolhe mais dous baluartes, com hũa boa cava.

Acabando de prover eſtas couſas, ſe partio para Cochij, & de caminho paſſou por Dabul, com tenção de lhe dar hũ caſtigo, pelo que nelle ſe fizera na morte de Chriſtovão de Brito, de que atras diſſemos. Eſte caſtigo não determinava o Governador fazer tanto na povoação, quanto no Tanadar; porque tinhamos n' aquelle tempo paz com o Hidalchan, cuja a povoação era; Porem o Tanadar confiado na ſua innocencia, por não ſer elle o culpado, tãto que vio o Governador no porto, ſe veo deitar aos ſeus pès. Lopo Vàz lhe recebeo ſuas deſculpas, ſabendo que não era elle o que agaſalhara os Turcos; & o Tanadar lhe entregou hũa nao que alli eſtava de Mouros de Meca carregada de eſpeceria, & ſandalos, & duas fuſtas cõ algũa artelharia, por ſerem de Mouros noſſos inimigos, & outra que elle tinha poſta em hum baluarte, que fizera na entrada da barra, o qual ſe lhe mandou derribar. Com eſtas couſas feitas, & pagas as pareas que devia, ficou o Tanadar na graça de Lopo Vàz, o qual ſe partio para Goa, & no camino chegou à elle Thome Pirez em hũ catùr, que lhe vinha pedir alviceras, como erão chegadas à Cochij duas naos do Reino, nas quaes ia proviſão d'el Rei, perque avia por bem, que falleſcẽdo D. Enrique de Meneſes, ficaſſe elle por Governador.

*Na 3. Decada livro 8. cap. 13.*

## CAPITVLO VI.

*Das naos que partirão de Portugal para a India, em que forão as ſucceſſões; per que Lopo Vàz de Sampaio avia de governar.*

NAQVELLE anno de MDXXVI partirão deſte Reino para a India quatro naos, divididas em duas eſquadras, por não eſtarẽ juntamente preſtes; das duas primeiras, que partirão ao tempo ordinario, erão Capitães Franciſco de Anhaia, (filho de Pero de Anhaia) que o anno d' antes ia tambem a India, ſegundo atras diſſemos, & ſe perdeo a ſaida da barra de Lisboa, & Triſtão Vàz da Veiga, (filho de Diogo

*Frotta da India do anno de MDXXVI.*

*As naos erão cinco, & o Capitão da quinta nao foi Vicente Gil, filho de Duarte Triſtão Armador das naos. Franciſco de Andrade part. 2. cap. 9. & Diogo do Couto liv. 1. cap. 9.*

*Na 3. Decada liv. 10. cap. 1.*

*Livro 7. capitulo terceiro.*

Diogo Vàz da Veiga) que na entrada de Ormuz, quando eſteve cercado, paſſou os perigos, q̃ ſe referirão na terceira Decada. Das duas que partirão tarde, & fora da monção à xvj. de Maio, erão Capitães Antonio de Abreu, filho de Ioão Fernandez do Arco da ilha da Madeira, que invernou em Moçãbique, & Antonio Galvão, filho de Duarte Galvão, o qual fora de toda eſperança paſſou à India [a]. Os dous que primeiro partirão, chegarão à Cochij, onde eſtava Afonſo Mexia Veedor geral da fazenda da India, aquem entregarão as duas vias das cartas d'el Rei para o Governador, & para elle; Nas quaes vias mandava el Rei novas ſucceſsões da governança da India, falleſcendo algũs dos Capitães, que el Rei tinha nomeados nas outras, que là eſtavão. E porque a carta d'el Rei para Afonſo Mexia foi cauſa de muitas revoltas, & deſaſſoſſegos, (que puderão chegar à muito, ſe não ſuccederão entre Portugueſes, tã leaes à ſu Rei; que nas partes onde eſtão mais alongados delle, com mais ſujeição & amor procurão ſeu ſerviço) porei aqui o traſlado d'ella, para que ſe veja, que o que Afonſo Mexia fez, procedeo mais da ſua vontade, que da carta d'el Rei; & para exemplo aos poſteriores, que quando mandarem à India ſucceſsões da governança, ſeja de maneira, que não ſe ponha em audiencias, & alegações de procuradores, como ſe pòs eſta, & o que pior he com artelharia cevada da hũa parte, & da outra.

*a A viagẽ de Antonio Galvão eſcreve particularmente Fernão Lopez de Caſtanheda no cap. 10. do liv. 7.*

## CARTA D'EL REI
### *para Afonſo Mexia.*

*AFonſo Mexia, Eu El Rei vos envio muito ſaudar. Per duas vias vos envio neſta armada, que Noſſo Senhor leve à ſalvamẽto, dous ſacos de cartas & deſpachos das couſas deſſas partes, que ouve por meu ſerviço, que ora foſſem, & leva hum dos maços Triſtão Vàz da Veiga, & o outro Franciſco da Anhaia. Tomai às cartas que vão para vos, & as do Capitão mòr lhe dai, & aſsi todas as outras às peſſoas à que vão, & não fique nenhũa que não ſeja dada, & aquellas q̃ eſtiverem fora donde vos eſtiverdes, mandailhas dar, & vão à todo bõ recado. E neſta armada me enviai hũ rol de como forão dadas aquellas que deſtes às peſſoas onde vos eſtaes, & o modo que teveſtes em enviar as outras, que vão para as peſſoas que eſtiverem fora; & tomai diſto bom cuidado, porque o ei por muito meu ſerviço ſerem dadas todas*



*das as dittas cartas. As proviſões que vão das ſucceſſões da Capitania mòr tende n'aquella boa guarda, & ſegredo, que cũpre a meu ſerviço, como de vos confio. Eſcrita em Almeirim à vinte de Março: Pero de Alcaçova Carneiro a fez de mil & quinhentos & vinte ſeis. E das outras proviſões que là tendes não ſe ha de uſar, & as terès em boa guarda, & mas trarès quando embora vierdes.*

Afonſo Mexia tanto que vio eſta clauſula derradeira, que das proviſões paſſadas não ſe avia de uſar (a qual ia em hũa das ſuas duas cartas, & na outra não) deſejando de abrir a ſucceſſão, que de novo mandava el Rei, em caſo que falleſceſſe D. Enrique de Meneſes; fez ajuntar na Seè de Cochij o Capitão da fortaleza D. Vaſco Deça, & Ioão de Oſouro Ouvidor geral, Ioão Rabello Feitor, Duarte Teixeira Teſoureiro, & outros officiaes da Fazenda, & Iuſtiça, & outras peſſoas principaes, com os Capitães das naos que do Reino forão, aos quaes noteficou, como el Rei per aquelles Capitães que erão preſentes lhe eſcrevera hũa carta ſobre às ſucceſſões dos Governadores da India, a qual carta era aquella que elle tinha na mão, & ouvirião. Lida, lhes diſſe, que elle levava alli a ſucceſſão de D. Enrique, que a queria abrir, viſto como por aquella carta que lhe el Rei eſcrevia, era ſua vontade uſar d'aquella proviſão nova, & não das outras paſſadas. Dom Vaſco Deça como Capitão de Cochij começou à contrariar abrirſe a nova ſucceſſão, pois as outras ſobre que el Rei eſcrevia erão ja abertas, & que ſe el Rei o ſoubera, não provera com aquella q̃ apreſentava. A Dom Vaſco ajudarão com ſuas razões as outras peſſoas que erão preſentes. O que Afonſo Mexia não quis conceder, & tomou por ultima concluſão, que ſe elle o fazia mal, que à el Rei avia de dar conta diſſo: & favorecendo ſua tenção algũas peſſoas que o querião comprazer, & tambem para verem novidades, condição natural dos homẽs; abrioſe a proviſão per Fernão Nunez eſcrivão da Fazenda, a qual elle leò em voz alta, cuias palavras erão eſtas.

## PROVISÃO DEL REI DA SVCCESSÃO
### *de D. Enrique de Meneſes.*

*EV El Rei faço ſaber à todos os meus Capitães, & Alcaides mòres das minhas fortalezas da India, Capitães das naos, dos navios, & armadas, que nas dittas partes andão, & Feitores, Eſcrivães das*

*minhas feitorias, Capitães das naos, & navios que vão para vir com carga para estes Reinos, Fidalgos, Cavalleiros, gente de armas, que nas dittas partes andão, & à todas quaesquer outras pessoas, & officiaes da justiça, & fazenda, à que este meu alvará for mostrado. Que pela muita confiança que tenho de Lopo Vàz de Sampaio, fidalgo de minha casa, que nas cousas de que o encarregar, me sabera bem servir, me apraz, que sendo caso que falleça D. Enrique de Meneses, que ora he meu Capitão mòr, & Governador das partes da India (que Noſso Senhor não mande) succeda, & entre na Capitania mòr, & Governança o ditto Lopo Vàz de Sampaio, com aquelle poder, & juridição, & alçada que tinha dada ao ditto Dom Enrique de Meneses, & me apraz que aja em cada hum anno, em quanto me servir na ditta Capitania mòr, & Governança, dez mil cruzados; convem à saber, cinco mil em dinheiro, & os outros cinco mil em pimenta comprada do seu dinheiro, ao partido do meo, tomando & nomeando seu risco nas naos, & navios que nomear que vierem para estes Reinos, segundo a ordenação dos partidos do meo. E entrando assi o ditto Lopo Vàz na ditta Capitania mòr, & Governança da India, entrara na Capitania mòr do mar, que elle tem Antonio de Miranda de Azevedo, com o ordenado que com ella tinha o ditto Lopo Vàz de Sampaio, & no cargo que elle ao tal tempo tever proverà o ditto Capitão mòr, & Governador até eu prover. E não estando na India o dito Lopo Vàz ao tempo do fallecimento de Dom Enrique, por ser vindo para estes Reinos, ou sendo fallecido, ou fallecendo despois de entrar & succeder na ditta Capitania mòr, & Governança, em qualquer destes casos entrarà por Capitão mòr, & Governador Pero Mascarenhas, que està por Capitão de Malaca. E averà o ditto Pero Mascarenhas os dittos dez mil cruzados de seu ordenado de Capitão mòr, & Governador, d'aquella maneira que os ordeno ao ditto Lopo Vàz. E entrara Pero de Faria na Capitania de Malaca, onde o ditto Pero Mascarenhas està, & averà o ordenado da Capitania de Malaca. E estando elle por Capitão em Goa, proverà o ditto Capitão mòr na ditta Capitania a pessoa que lhe bem parecer, que pertence mais à meu servico, até eu prover, & averá o ordenado da ditta Capitania. E porem volo notifico assi, & vos mando à todos em geral, & à cada hum em especial, que vindo o ditto caso a ser, se cumpra, & guarde enteiramente este meu alvarà, como nelle he conteudo, & à qualquer dos sobredittos que entrar na ditta Governança obedecais, & que cumprais seus requerimentos, & mandados, assi como o fazeis ao ditto Dom Enrique; & como sois obrigados de fazer, ao ditto meu Capitão mòr,*



*mòr, & Governador, & em todo, o deixai usar do poder, & jurdição, & alçada, que ao ditto Dom Enrique tinha dada per minha carta, sem duvida, nem embargo algũ que à ello ponhais: & mando ao meu Veedor da Fazenda, que em cada hum anno, em quanto me servir na ditta Capitania mòr, & Gouernança, lhe mande pagar os dittos dez mil cruzados na maneira sobreditta.* Feito em *Almeirim à quatro dias de Abril, Iorge Roiz o fez, de mil & quinhentos & vinte seis. Estes dez mil cruzados que ordeno que ajão os sobredittos por anno, serão n'aquelle modo, & forma, & maneira que os tenho dados à Dom Enrique, & o ordenado de Antonio de Miranda de Azevedo, entrando na Capitania mòr do mar, serão dous mil cruzados por anno; convem à saber, mil cruzados em dinheiro, & mil em pimenta, no modo sobreditto de como a ha de aver o ditto Dom Eurique, posto que diga que ha de aver o ordenado de Lopo Vàz.*

Lida esta carta, foi feito hum auto per Fernão Nunez que a leo, o qual foi asinado pelos nomeados, & pelas principaes pessoas que erão presentes, que Afonso Mexia recolheo para dar razão à el Rei com que solemnidade abrira aquella via. Feito isto, despachou logo à D. Enrique Deça com a successão que a levasse à Goa, cuidando ser Lopo Vàz ja vindo, & assi escreveo hũa carta à Camara de Goa, perque lhe notificava ser Lopo Vàz de Sampaio Governador per aquella nova provisão de S. A. & sendo lhe notificada, quis Thome Pirez ganhar as alviceras desta nova, & foi em hum seu catùr levala à Lope Vàz de Sampaio, que achou vindo de Dabul, como atras dissemos.

## CAPITVLO VII.

*Dos juſtificações que Lopo Vàz de Sampaio fez em Cochij, ſobre o dereito de ſua Governança, & do conſelho que teve ſobre a vinda dos Rumes.*

LOPO Vàz de Sampaio com a nova da ſua ſucceſſão chegou à Goa, onde foi recebido com a feſta que ſe coſtumava fazer à os novos Governadores; poſto que a cidade eſtava dividida em dous bandos, não ſe praticando nella em outra couſa, ſe não na juſtiça de Lopo Vàz, & de Pero Maſcarenhas: & o meſmo paſſava nas fortalezas, armadas, & outros ajuntamentos, & cada hum dava a ſentença ſegundo o amor, & odio que o governava: os afeiçoados à cauſa de Pero Maſcarenhas (de quem ja avia nova que era embarcado para vir a tomar poſſe do ſeu governo) eſtranhavão muito à Afonſo Mexia abrir a ſucceſſão de Lopo Vàz, ſendo Pero Maſcarenhas eleito, jurado, obedecido, & chamado para Governador; & de tal maneira ião crecendo eſtas duas facções, que chegavam a revoltas, & deſafios.

Era ja tempo de deſpacho das naos que eſte anno avião de vir ao Reino com carga, pelo que Lopo Vàz partio para Cochij, onde os moradores lhe fizerão muita feſta, porem quem ſe nella mais aſsinalou foi Afonſo Mexia, como autor da ſucceſſão de Lopo Vàz, a qual tornou a confirmar com novo juramento ſeu, & de todos os que eſtavão em Cochij. Acrecentava à Afonſo Mexia o goſto com q̃ feſtejava ao Governador, o contentamento que tinha de hũa nova proviſão que lhe el Rei mandou com as outras, perque o fez Capitão de Cochij, alem de Veedor da Fazenda: porque perſuadirão à el Rei, que o Capitão da fortaleza de Cochij ſempre traria competencias com o Veedor de Fazenda ſobre a juriſdição, & que para o Veedor ſervir bem ſeu cargo, que era de tanta importancia, não podia ſer ſenão ſendo tambem Capitão da cidade.

Lopo



Lopo Vàz ſabendo os movimentos, & alterações do povo, & que os mais dezião que com violẽcia uſurpara o cargo de Governador, com todos ſe juſtificava, & para maior ſatiſfação ſua, mandou chamar Sebaſtião de Souſa d' Elvas, Franciſco de Anhaia, Antonio Galvão, Filipe de Caſtro, & Triſtão Vàz da Veiga Capitães das naos d' armada que avia de tornar para Portugal, & lhes diſſe diante de Antonio Rico (que aquelle anno fora de Portugal à India por Secretario) o que ſe praticava contra à ſua ſucceſſão por parte de Pero Maſcarenhas, & porque não queria caſtigar os alvorotadores do povo, que ouſadamente fallavão contra elle, antes os deſejava reduzir com brandura à paz, & quietação: & elles como Capitães que ſe ião para o Reino, não eſtavão debaxo de ſua jurdição, nem da de Pero Maſcarenhas, & aſsi poderião ſem affeição dizer o que lhes pareceſſe, lhes pedia que como à fidalgos tam honrados que tinhão por obrigação fallar verdade, lhe diſſeſſem livremente o que ſentião da ſua ſucceſſão, & ſe entendião que per virtude della era Governador. E como Lopo Vàz de Sampaio lhes preguntou ſimplezmente o que lhes parecia, aſsi ſimplezmente reſponderão, que não tinhão duvida ſer elle ligitimo Governador, & ligitima, & juſta à ſua ſucceſſão, & aſsi o jurarão, de que ſe fez auto pelo Secretario que aquelles Capitães aſsinarão. A meſma pregunta fez Lopo Vàz de Sampaio à Fr. Ioão de Haro da Ordem de S. Domingos, homem letrado, que per mandado d'el Rei de Portugal fora prégar à India, & tornava aquelle anno para o Reino: o qual affirmou ſer elle verdadeiro Governador. E ao ontro dia, que era da feſta da Circunſição de N. Señor, na prégação que fez, o diſſe no pulpito, provandoo com muitas razões, & allegações do dereito divino, & humano, & que quem o encontrava, comettia peccado mortal, & deſobediencia contra el Rei: & que elle não affirmava aquella verdade por reſpeito algum, porque como Religioſo, & que ſe ia para Portugal, não tinha neceſsidade do Governador, de quem não era tamanho amigo como de Pero Maſcarenhas: & concluindo, requereo à Lopo Vàz da parte de Deos que caſtigaſſe graviſsimamente à quem cauſaſſe alvorotos, ou moveſſe duvidas ſobre o ſeu governo, & os degradaſſe.

Apreſtadas ja à eſte tempo as naos de viagem partirão de Cochij a dez de Ianeiro, [a] & quando chegarão a ſalvamento à Portugal, tinha el Rei ja mandado hum navio de que era Capitão, & Piloto Pedreanes Frances, cõ cartas para apagar cõ ſuas proviſões as revoltas que ſe preſumia poderião aver entre Lopo Vàz de Sampaio, & Pero Maſcarenhas, por cauſa das novas ſucceſſões, que Franciſco de Anhaia, & Triſtão Vàz da Veiga levarão: por el Rei ter ſabido per Franciſco de Mendoça (como atras diſſemos) que D. Enrique era falleſcido, & Lopo Vàz governava em auſencia de Pero Maſcarenhas. Mas eſte Pedreanes ſe perdeo no Mar, com que o negocio entre eſtas duas peſſoas de tanta qualidade, cavalleria, & ſerviços, foi poſto em differenças.

Lopo Vàz deſpois que as naos partirão para eſte Reino, por as novas que tinha da armada dos Rumes, foilhe neceſſario tornar à Goa, dar ordem as couſas do provimento d' armada contra elles, & repairar as fortalezas, pelo que deixando recado à Afonſo Mexia, do que avia de fazer em Cochij, elle foi a Cananor, & fez alli outro tanto, encomendando as obras da fortaleza à D. Simão de Meneſes, Capitão della. Chegado à Goa teve logo conſelho cõ os Capitães, & principaes fidalgos ſobre avinda dos Rumes, & declarandolhes que ſua vontade, & determinação era ir buſcalos ao proprio eſtreito, antes que entraſſem no Mar da India, & dando para iſſo muitas razões, todas lhe forão desfeitas cõ outras. Porque dezião que era grande inconveniente tentar aquella jornada, viſto como não tinha navios nem gente, & aventurava nella o eſtado da India, & que ſegundo ſe dizia a armada dos Rumes, não eſtava certo vir aquelle anno; porque fazendo elles fortaleza na Ilha de Camaram, como fazião, final era eſtarem de vagar, & que primeiro querião fazer o ninho em que ſe recolheſſem, que vir à India onde o não tinhão feito. E que para o anno ſeguinte por a nova que ſe mãdara à el Rei per Franciſco de Mendoça, em as naos que vieſſem aquelle anno, lhe mandaria S. A. gente, & munições, & que com a gente que vieſſe, & com os galeões, & navios que elle Governador mandava fazer, ja entam eſtaria apercebido para pelejar cõ os Rumes, & que quando iſſo foſſe, a peleja não avia de ſer no eſtreito, ſe não à ponta de Dio, porque quando alli chegão vem ja quebrantados do golfão

a. *Neſtas naos embarcou o Governador a Zagazabo Embaxador del Rei da Abaſsia, que chegou à ſalvamento à Lisboa, donde foi à Coimbra dar ſua embaxada à el Rei D. Ioão que eſtava naquelle cidade. S. A. o maudou encontrar per Diogo Lopez de Sequeira Almotacè mòr, & governador que fora da India, & à entrada da cidade per o Marquès de Villa Real. El Rei o recebeo com grandes demonſtrações de goſto da ſua vinda, & Zagazabo lhe deu duas cartas de ſeu Rei, & lhe apreſentou hũa Coroa de ouro, & prata. E o Padre Franciſco Alvarez que vinha em companhia do Embaxador (& eſcreveo hũa larga relação deſta viagem, & das couſas daquella grande Região) moſtrou a S. A. hũa Cruz de ouro com hum pedaço do sãto Lenho da Cruz de Chriſto Noſſo Salvador, & outras duas cartas que levava à ſeu cargo para o Papa Clemente VII. pelas quaes aquelle Rei mandava dar obediencia à S. Sãtidade, & pedir Patriarcha da Igreja Romana, porque os paſſados forão da Grega. O anno ſeguinte partio Zagazabo, & Franciſco Alvarez para Roma, onde o Summo Pontifice ouvio á embaxada daquelle Rei com grande alegria ſua, & do ſagrado Collegio dos Cardenaes, emgrandecendo com muitos louvores a obediencia daquelle novo, & amado filho, ao qual concedeo com muitas graças o Patriarcha que lhe pedia, com que o Embaxador tornou à Portugal, & delle à India onde chegãdo morreo.*

*Diogo do Couto liv. 1. cap. 10.*



fão que paſſão, & com os aparelhos dos navios cortidos do Sol, & a artelharia abatida, & que eſtando elle com a gente freſca, & eſperta, levemente averia vittoria, & que como quem tinha a acolheita longe todos lhe ficarião na mão. E indo à Camaram avia de chegar com a armada dividida, & deſtroçada, de que tinha exemplo nos deſaſtres, & perdições que teverão Afonſo de Alburquerque, & Diogo Lopez de Sequeira, quando entrarão aquelle eſtreito.

Eſtas, & outras razões forão repreſentadas à Lopo Vàz de Sampaio, com que entam deſiſtio de ſeu propoſito, & mudou o penſamento à outras couſas, como veremos. A gente porem não deixava de murmurar dizendo, que ſua ida ao eſtreito era fingida, & no mais que para moſtrar à gente que tinha deſejo d' aquelle caminho, & que o ſeu intento era proverſe per aquelle modo para avinda de Pero Maſcarenhas, temendo que como à gente o viſſe na India, lhe avião de obedecer como à Governador.

Outros erão d' outra opinion, & dezião, que verdadeiramente ſua tenção era ir ao eſtreito, & fugir de Pero Maſcarenhas, & levar a frol da gente conſigo, & os navios, & que quando não pelejaſſe com os Rumes, faria tanta preſa, que vieſſe a gente contente delle. Eſtes, & outros juizos lançava o vulgo, de que ſempre ſe diſſe ſer animal de muitas cabeças, & aſsi dava cada hum a interpretação, ſegundo o amor, ou o odio que tinhão à eſtes dous Capitães, & ao que delles eſperavão.

De Goa mandou Lope Vàz de Sampaio Manoel de Macedo em hũa caravella à Ormuz com proviſões para prender Raez Xarafo, & levalo à Goa: porque per cartas d'el Rei de Ormuz, & do Capitão Diogo de Mello (que mandarão per Fernão de Moraes) o aviſavão dos roubos, & inſultos que Raez Xarafo tinha comettido cõtra o povo, & lhe requerião, que o mandaſſe levar d'aquella fortaleza: porque em quanto nella eſtiveſſe, não deixaria de intentar algũa novidade, como ja fizera em tempo do Governador Diogo Lopez de Sequeira.

## CAPITVLO VIII.

### *Da armada que Selim Rei dos Turcos ordenou, para nella ir Raez Soleimão à India contra os Portugueses, & do ſucceſſo della.*

AVENDO Raez Soleimão morto à Mir Hocem, pela maneira que diſſemos na precedente Decada;* & vẽdo que o Soltam do Cairo, Canſor Algauri, [a] (em cujo ſerviço andava ſendo Turco) fora desbaratado, & morto per Selim Rei dos Turcos, [b] poſtoque ſe temeſſe delle por o que tinha feito em Turquia ſendo Coſſairo, ſegundo atras contamos;** querendo reſtituirſe em ſua graça, lhe mandou hum homem de que confiava ao Cairo cõ hum grande preſente, dandolhe conta como fora enviado pelo Soltam à empreſa da India, & o que tinha feito em Zeibid, & quã leve couſa ſeria tomar aquelle eſtado da Arabia, & que elle era ſeu eſcravo, & ficava alli cõ cinco galès ſomente, que ſe mandaſſe que ſe foſſe para o Cairo que logo o faria, & que ſe tambem ouveſſe por ſeu ſerviço que proſeguiſſe a empreſa da India, que o proveſſe de mais embarcações, munições, & gente: porque com cinco galès com que elle ficava ja mui desbaratadas, & tam mal provido de outras couſas, por o muito que avia que dera principio à aquella empreſa, não ſe atrevia à dar boa conta de ſi, & mais andando os Portugueſes tam poderoſos como andavão. Selim como vio, & recebeo os preſentes que lhe Raez Soleimão mandava, & como ſe mettia debaxo de ſeu poder, determinou de logo o prover de novo para entrar poderoſamente na India, & à grande preſſa mandou acabar vinte galés, & cinco galeões, [c] que eſtavão começados no porto de Suez, por ordem do Soltam, para os mãdar ao meſmo Raez Soleimão.

Provida eſta armada de gente, & de todo o neceſſario, ja em tempo de Soleimão, filho de Selim, que lhe ſuccedeo no Reino dos Turcos, [d] mandou elle por Capitão della à hum Haidairin, Charques de nação, homem de muita idade, & autoridade, que fora veedor da fazenda do Soltam, cõ ordem que deſpois que entregaſſe a armada à Raez Soleimão, ficaſſe cõ o meſmo cargo de veedor da fazẽda, ſem Raez Soleimão entender em mais que no que tocava à guerra, & governo da gente. Chegado Haidairin à Ilha de Camaram, onde Raez Soleimão eſtava, & tinha começada hũa fortaleza, lhe entregou a armada, & ſobre o governo, & deſpeſas della ouve entre Soleimão, & Haidairin tantas differenças, que ſentindo Haidairin que a gente eſtava deſcontente, & eſcandalizada de Soleimão, & que naõ averia quem por elle tornaſſe, o matou as punhaladas dentro em hũa galè. A cauſa porque Soleimão cobrou eſte odio, era por naõ conſentir que Haidairin limpamente pagaſſe o ſoldo que era devido à gente da armada à dinheiro, o qual elle queria recadar para ſi, & pagar a os ſoldados em mantimentos, pannos, & outras couſas, que ouvera do deſpojo das terras que ganhara em Arabia, que aos ſoldados não erão neceſſarias para ſeus uſos, como o dinheiro. Alem diſſo como aquella gẽte partira cõ tenção de ir à India, & trazia ſede das riquezas della de que ja fazião conta, tomavão mal adetença que Soleimão fazia em conquiſtar terras n'aquella parte da Arabia, de que ſe elle pretẽdia fazer ſenhor, & que por entreter a gẽte dilatava acabar a fortaleza, que começara fazer na Ilha de Camaram per mandado do Turco, para ſer hũa eſcala da navegação d'aquelle eſtreito do Mar roxo, & defenſão para os Portugueſes, não entrarem nelle. A qual fazia tam de vagar, que quando Haidairin o matou avia dous annos que chegara à aquella Ilha, & tinha ganhado muitos lugares na terra firme.

Muſtafà ſobrinho de Soleimão, filho de hũa ſua irmãa, como ſoube da morte de ſeu tio, & que tanto que Haidairin o matou, ſe fora a cidade de Zeibid a tomar poſſe della, & de quanta fazenda ſeu tio nella tinha, ajuntandoſſe cõ a mais gẽte de cavallo, & de pè que pode, o foi buſcar, & ouverão batalha, na qual fugindo Haidairin ja meo desbaratado, & recolhendoſſe para a cidade, Muſtafà o matou ás lançadas. Cõ eſtas diſcordias, & mortes ſe desfez eſta armada de Raez Soleimão: porque os Capitães que naõ quiſerão ſeguir as partes de Muſtafà, ſe tornarão para Suez, onde varadas as embarcações, levarão novas ao Turco do ſucceſſo d'aquella ſua armada, que elle ſentio muito.

Muſtafà ficou com cinco galès, & tomada a cidade de Zeibid, começou pacificar a gente aſsi a ordenada para ir à India, como outra que eſtava poſta em guarnição dos lugares que

* *Livro 1. cap. 3 onde Iodo de Barros eſcreveo com particularidade a vida de Raez Soleimão.*

** *No meſmo lugar.*

a. *Eſte Canſor Algauri Soltam do Egypto eleito pelos Mamalucos, no anno de 1505. foi pela traição de Cairbei ſeu Governador de Alepo, vencido, & morto junto da meſma cidade per Selim I. Rei dos Turcos, no anno de 1516. per cuja morte elegerão os Mamalucos a Tumumbeio de nação Circaſſo, que no anno ſeguinte de 1517. foi vencido, & morto do meſmo Selim, & nelle ſe acabou o Reino dos Mamalucos em Egypto, que ſe tranſferio aos Turcos.*

b. *Selim I. Rei dos Turcos, filho de Baiazeto II. (a quem ſuccedeo no Reino no anno de 1512.) & neto de Mahamet II. que tomou Conſtãtinopla no anno de 1453. com morte do Emperador Conſtantino Paleologo: pelejou com Xiah Iſmael Rei dos Perſas, de quem alcançou vittoria poſtoq̃ cõ grande perda ſua & per morte dos dous Reis do Egypto Canſor Algauri, & Tumumbeio, ſe apoderou de Egypto, Syria, & Arabia, & morreo no anno de 1520.*

c. *A madeira, pregadura, enxarcea, & todas as mais couſas neceſſarias para eſta armada, forão levadas de Alexandria em barcas pelo Nilo a cima atè o Cairo, & d'alli cõ exceſſivas deſpeſas em Camellos atè Suez, que ſão 24. legoas de terra de ſerta, & ſem agoa.*

d. *Soleimão, ou Solimão II. que ſuccedeo a ſeu pai Selim, tomou Rodes, & quaſi toda Vngria, cujo Rei Luis foi delle vencido, & na batalha morto, entrou em Auſtria, intentou tomar Vienna ſua Metropoli, da qual ſe retirou com perda, por acudir à ſua defenſão o Emperador Carlos V. maximo. Apoderouſe de Aſsyria, & Babylonia, tomou Moldavia: cometteo a empreſa de Malta, & no cerco de Ziget morreo, no anno de 566.*

que seu tio ganhara fazendolhes grandes pagamentos,& muitas larguezas por os ter de sua mão. E vendo que antes de muito tempo lhe avia de ser pedida conta da morte de Haidairin,&que o Turco podia logo prover nisso;começou de se fazer prestes para à India, lançando fama que queria fazer o que seu tio atè entam não tinha feito, com a occupação que tivera em fazer a fortaleza em Camaram,& na conquista da terra firme;mas em seu peito não tinha tenção de ir em serviço do Turco,se não porse em salvo, & evitar a indignação delle,&seguir a fortuna em serviço d' el Rei de Cambaia, que tinha guerra cõ nosco,porque sabia particularmẽte muitas cousas d' aquelle Reino,& da fraqueza da gente delle,per informação de Coge Sofar, escravo de Raez Soleimão seu tio,que elle cattivou na costa de Apulha (como dissemos na terceira Decada*)o qual residio em Dio algũ tẽpo em habito de mercador para fazer os negocios de Soleimão:polo q̃ Mustafà o tornou a mandar cõ a mesma simulação de mercador, a intentar o animo d'el Rei de Cambaia,sobre a sua ida.

*Liv.1.cap.3.

Coge Sofar chegado à Dio,foi ter cõ el Rei Badur de quem era conhecido por feitor de Raez Soleimão,por lhe ter dados muitos presentes da parte de seu amo, & dadas muitas esperanças de elle ir com hũa grande armada para lançar aos Portugueses da India,& fazer cousas grandes por seu serviço. E como era sagaz;deu conta à Soltam Badur, como Soleimão era morto,com que todos seus apparatos,& disenhos ficarão perdidos,& fruſtrada a esperança de nos lançarem da India. Mas que dado caso que seu senhor fosse morto per aquella traição, que se presumia ser ordenada pelo Turco, por o odio que lhe tinha por se lançar cõ o Soltam do Cairo,& quis disimular com elle pelo modo que teve em lhe mandar entregar a armada per Haidairin; toda via pela vingança que Mustafà seu sobrinho tomou da sua morte,matando Haidairin,& toda a gente se someter ao seu mando, & gouerno.S. A.tinha certo poderse aproveitar, & servir delle. E assi que seu parecer era,que elle senhor lhe escrevesse que se viesse para seu serviço,promettendolhe de lhe fazer honra, & merce. Com estas,& outras cousas,assi teceo Coge Sofar o negocio, com idas,& vindas,& cartas de hũa,& outra parte,que por as grandes promessas que lhe Soltam Badur deu de si, determinou Mustafà de se ir para à India.

Em



Em quanto isto se tratava quis Mustafà tentar a fortuna, se poderia tomar a cidade de Adem, que tinha por vezinha, & dando suas razões còradas à este seu proposito à fim de comprazer à gente foi cercar a cidade com dez navios de remo,& quarenta gelvas da terra,nas quaes embarcações levou D C C. Rùmes, Arabios, & Abexijs. Combateo Adem per mar,& per terra cõ grossa artelharia,em que avia quatro basiliscos que derrubarão boa parte dos muros, mas os Arabios se defenderão animosamente à custa das vidas de muitos,pela salvação de suas pessoas,molheres,& filhos, & o maior trabalho que no cerco padeçerão foi a fome de que morrerão mais que à ferro. Vendo Mustafà quam mal lhe avia succedido aquella jornada,levantou o cerco(que durou cinco meses)por ser ja tempo de monção de nossas armadas,que ordinariamẽte cada anno vinhão à aquellas partes,[a] & deixando na cidade de Zeibid por Governador à Xerife Ali Turco,que lhe servia de Veedor, & na cidade de Betalfac, Escander Maus Charques,& em Gizam outro seu criado chamado Bagxij; partio para a India com dous galeões em que recolheo a flor da gente,& as melhores peças de artelharia,com muitas munições;Chegado à Xael, que he na costa de Arabia,onde invernou,porque hũs sete Turcos dos mais principaes que elle levava recusarão passar à India, sentindo que elle ia mais fugido do Turco,que em seu serviço, a cinco delles tirou os olhos,& a os dous cortou os braços pelos cotovellos, & em hũ batel os mandou lançar em terra.De Xael seguio sua viagem para Dio,onde fez o que adiante diremos.[b] Enisto parou a armada dos Rumes, tam receada na India; de cujo succesſo chegarão as novas à Chaul,na entrada de Settembro do anno M.D.XXVII.per algũas naos de Meca,que n' aquelle porto entrarão, de que Christovão de Sousa avisou logo à Lopo Vàz de Sampaio; que aliviado deste cuidado attendeo à outras cousas necessarias ao governo.

Do succesſo desta armada teve despois aviso el Rei Dom Ioão,per via de Ormuz,q̃ lho mandou Christovão de Mendoça, Capitão d' aquella fortaleza, o qual sabendo que os Rumes não passavão à India, determinou de avisar à el Rei per terra, jornada atè entam não imaginada, & avida por quasi impossivel(como agora ordinaria,& facil) a qual à instancia de Christovão de Mendoça; fez Antonio Tenreiro, pelo

a. *Diogo do Couto escreve no capitolo.do liv.6.que Mustafà se ajuntara cõ el Rei de Xael,& ambos assediarão Adem com mais de XX.mil homẽs,& a poserão em tamanho aperto,que a tomarão senão chegara à aquelle porto hũa armada nossa de que era Capitão mòr Estor da Silveira,com temor da qual,& que poderia ir tomar Xael desapercebida, o seu Rei,& Mustafà le vãtarão o cerco.*

b. *Differentemente escreve desta armada Diogo do Couto (Deca.4. liv.3.cap.6.)porque diz que se armarão no porto de Suez LXXVI. vellas per mandado de Solimão Rei dos Turcos, das quaes fez Capitão gèral à Soleimão(à que Couto erradamente chama Baxa,& governador do Cairo,não o sendo este Soleimão,se não o Capudà, que no anno de D.XXXVIII.passou à India, & teve Dio cercada)& por seu lugartenente à Escander Chan. Na sua companhia ião Mostafà Carmanij Elaracen,que despois foi senhor de Baroche, Acem Lan, que no Reino de Cambaia teve o titulo de Madre Maluco,& Coge Sofar, q̃ n' aquelle tempo era thesoureiro do Cairo,o qual levava sua molher,filhos, & genro. Com esta armada partio Soleimão de Suez, na entrada do Verão de M. D. XXVII. chegou à Camaram,onde fez hũa fortaleza & provida de gente, & munições, se embarcou para passar à India,& por achar na bocca do estreito os Levantes voltou para dentro,& foi esperar a monção dos Ponentes de Abril em Cobit Sarif porto de Arabia,do Reino de Zeibid,o qual tomou Soleimão,& nomeou por Governador delle à Escãder. Succedẽrão entre ambos differenças das quaes resultou à morte a Soleimão,dada per ordẽ de Escander, q̃ ficou em Zeibid com titulo de Rei,os outros Capitães se tornarão para Suez, & Mustafà sobrinho de Soleimão, cõ os da sua valia,se passou à Xael, & d' alli Dio.*

„ pelo muito conhecimento que tinha de lingoas, & de aque-
„ llas regiões, perque avia passado en companhia de Balthasar
„ Pessoa Embaxador de D. Duarte de Menesses Governador
„ da India ao Xiah Ismael. Partio Antonio Tenreiro de Or-
„ muz para fazer este novo caminho, em Settembro de 1528.
„ & chegando à Baſçorá, à tempo que erão ja partidas as cafi-
„ las para Alepo, com hum Mouro piloto do deserto, o atra-
„ vessou em dromedarios, com grandes perigos de ladrões, &
„ de feras que nelle andão: o qual passado en xxij. dias chegou
„ ao lugar de Cocana, & delle em companhia de hũa casila, à
„ Alepo, & d'alli à Tripoli de Soria, onde se embarcou para
„ Chipre, & passando à Italia veo ter à Portugal, onde el
„ Rei D. Ioão lhe fez merce pelo trabalho de hũa tam nova
„ & incognita jornada, da qual, & da primeira fez Antonio
„ Tenreiro hũa larga, & curiosa relação, que com nome de Iti-
„ nerario imprimio em Coimbra no anno de 1565. dedicado à
„ el Rei D. Sebastião.

## CAPITVLO IX.

*Como Pero Mascarenhas mandou Alvaro de Brito com algũas fustas à Ilha de Bintam, para que lhe não entrassem mantimentos: da nova que teve da sua succesſão no governo da India, & da armada que fez para ir à Bintam.*

DESPOIS que Aires da Cunha, & Iorge Mascarenhas se vierão de Bintam, por causa das enfermidades, & mortes da gente (como atras temos ditto*) tornou Pero Mascarenhas à mandar là ao mesmo effeito Alvaro de Brito com algũs navios, para estorvar que n'aquelle porto não entrassem mantimentos, & por à grande necesidade que elle tinha delles, mandou tres navios à Iaoa, de que erão Capitães Ioão Moreno, Francisco Lopez Bulhão, & Gonçalo Alvarez, & não forão à costa de Pam, donde Malaca as vezes se provia; porque estava de guerra com os Portugueses, por causa da morte de D. Sancho Enriquez,* & do dano que por essa razão lhe fez Martim Afonso de Sousa.[a]

Neste tempo Iorge Cabral, que partira de Cochij para as Ilhas

* *Dec. 3. liv. 10. cap. 6.*

* *Da morte de D. Sancho Dec. 3. liv. 8. cap. 7.*

[a] *Era Martim Afonso de Sousa filho de Manoel de Sousa, de quem tratta João de Barros na 3. Dec. liv. 10. cap. 2.*



Ilhas de Maldiva, sendo ja Lopo Vàz de Sampaio Governador, & trazia duas fustas, hum catúr, & hũa caravella (na qual ia hũ Rui Martiz cavalleiro da casa d'el Rei para ficar alli por feitor) entregou os navios à Gomez de Soutomaior, que ia em hũa das fustas por Sottacapitão, & elle se foi na outra caminho de Malaca dar novas à Pero Mascarenhas da sua succesſão, para ver se de alviceras podia alcançar a Capitania de Malaca. E como na felicidade achão os homẽs muitos amigos, tras elle foi Duarte Coelho com recado de Afonso Mexia, & d'ahi à poucos dias Antonio da Silva de Menesses, que lhe levava a carta da governança, & os autos que sobre isso erão feitos em Cochij. Com os quaes chegado Antonio da Silva à Malaca, o Alcaide mòr, feitor, & officiaes della se forão à Igreja, & nella com sua solemnidade derão juramento à Pero Mascarenhas de seu cargo, segundo costume; & com grandes mostras de prazer, o ouverão todos por Governador, & logo proveò de Capitão da fortaleza à Iorge Cabral, por as qualidades de sua pessoa, & por a boa nova que lhe levou, & fez Secretario à Lançarote de Seixas, & Ouvidor géral à Simão Caeiro. Mas Aires da Cunha Capitão mòr do mar se agravou do provimento da fortaleza em Iorge Cabral por alviceras, & não nelle por justiça pela qual dezia pertencerlhe per Regimẽto d'el Rei, de que o traslado estava na feitoria. Pero Mascarenhas porem se resolveo, que a provisão se entendia quando o Capitão da fortaleza fallescese, do que Aires da Cunha ficou mui escandalizado. Duarte Coelho tambem ouve seu quinhão das alviceras, que foi hũa viagem para a China, que não ouve effeito, senão a Capitania mór do mar da armada de Francisco de Sà, que ia para à Sunda, que d'ahi a poucos dias chegou da India: a qual Capitania vagara por dom Iorge Tello de Menesses, que partio de Cochij provido della em companhia de Francisco de Sà em hum galeão velho, em que levava todas as munições necessarias para se fazer à fortaleza em Sunda: & no primeiro temporijo que lhe deu no golfão de Ceilam, abrìo o galeão, & se foi ao fundo com mais de sessenta homẽs, & D. Iorge escapou em hum batel com algũs quarenta, & se tornou à India.

E posto que a monção de Settembro não era vinda para Pero Mascarenhas se partir para a India, por não esperar a de Dezembro, & o inverno, que era mui tarde, quis em Agosto

ir

ir eſperar os Levantes aos Ilheos de Pulopuar,& eſtando ſurto nelles,lhe deu hum temporal rão rijo, que com os maſtos quebrados do galeão em que ia,tornou arribar à Malaca, & por hũa maré que ſe adiantou hum navio que ia carregado de drogas para a India,eſcapou do temporal, & paſſou à India, onde deu nova como Pero Maſcarenhas ia, & a cauſa de elle não partir na meſma maré, foi aver viſta à ſaida do porto de navios que vinhão de Banda com Antonio de Brito Capitão q̃ fora de Maluco, & tornou a entrar no porto por ſaber novas d'aquellas partes, de que avia meſes que as não tinha:& eſta breve detença que entam fez foi cauſa de arribar,& de tomar Bintam,quando o ſeu Rei tinha maiores eſperanças de occupar Malaca. Porque do tempo de Iorge de Alburquerque ficara mui desbaratada com as guerras, & fomes que nella ouve,com que muitos mercadores a deixarão, & forão habitar à outras partes,& os ſenhores que tinhão eſcravos lhes derão liberdade por os não poderem manter. Sobre eſta neceſsidade de fome, & da guerra paſſada, era ja morta muita gente da que Pero Maſcarenhas levou nas idas à Bintam, onde muitos acabarão de doença.Hiaſſe tambem Pero Maſcarenhas à India à governar, & Frãciſco de Sà avia de ir fazer a fortaleza de Sunda, com que a cidade de Malaca ficava ſò, & em poder de Iorge Cabral novo Capitão ſem cabedal para ſuſtentar a fortaleza ſem gente.Todas eſtas couſas erão manifeſtas à el Rei de Bintam per Mouros de Malaca,que de tudo lhe davão aviſo,& como todas erão em ſeu favor, determinou de ſe aproveitar da occaſião, & vir tomar Malaca pondo niſſo todas ſuas forças,& de ſeus amigos. Para o que mandou requerer todos ſeus parentes,& aliados que o ſocorreſſem com gente quando foſſe tempo, & com mantimentos por ſeu dinheiro,& que a Malaca os denegaſſem,por que per fome, & ferro lhe queria fazer guerra a tè ganhar o ſeu que tinha perdido.

a. *Eſte navio chegou á India no fim de Dezembro de M.D.XXVI.*

A eſtes penſamẽtos atalhou Deos Noſſo Senhor,com o eſtorvo que deu à partida de Pero Maſcarenhas: o qual ſabendo que não podia ja partir para a India menos que na fim de Dezembro,ou entrada de Ianeiro,& que deixava aquella cidade em perigo manifeſto, ſe não deſtruiſſe a Bintam antes da ſua partida,chamou à conſelho todos aquelles Capitães,& fidalgos que alli eſtavão, & manifeſtando lhes o perigo de Malaca,



Malaca, & que o remedio delle era a ruina de Bintam, lhes diſſe que elle determinava cometter aquella empreſa,da qual tinha por certo tornar com vittoria, porque para iſſo entendia aver Deos eſtorvado a ſua ida à India, & jũtado n'aquella occaſião tantos fidalgos, & Capitães, & valentes ſoldados. Approvarão todos a determinação de Pero Maſcarenhas, o qual para que o Rei de Bintam não ſe apercebeſſe mais do q̃ eſtava fortalecido,uſou deſta cautela.Como era publico que Franciſco de Sà eſtava ordenado para ir à Sunda, & elle eſtava doente,deu Pero Maſcarenhas cuidado à Duarte Coelho, que apreſtaſſe as couſas da armada para Bintam, com voz q̃ as fazia para à Sunda, por elle eſtar declarado que avia de ir com Franciſco de Sà ſervir de Capitão mòr do mar. Eſta eſtratagema, & ardil foi mui proveitoſo, porque em quanto Duarte Coelho apercebeo aquella armada,ſempre os Mouros tiverão para ſi ſer para a Sunda.

Providas todas as couſas para a jornada,embarcouſſe Pero Maſcarenhas em hum galeão, de que era Capitão Alvaro de Brito;& das outras velas,q̃ erão vinte, em que entravão ſeis que avião de ir à Sunda, erão Capitães Aires da Cunha, Alvaro da Cunha ſeu irmão; Antonio da Silva,Antonio de Brito,D.Iorge de Meneſes,Franciſco de Sà,Duarte Coelho, Simão de Souſa Galvão,Triſtão Teixeira, Ioão Roiz, Pereira Paſſaro,Franciſco de Vaſconcellos, Iurdão Iorge, Franciſco Iorge,& Fernão Serrão de Evora; todos eſtes ião em navios Portugueſes:as outras embarcações erão lancharas da terra; & nellas ião por Capitães Iorge de Alvarenga,Diogo de Ornellas,Ioão Eſtevẽz,Vaſco Lourenço,Fernão Pirez, & Gaſpar Luis:Neſta frota ião a tè quatrocentos ſoldados Portugueſes;em que entravão muitos fidalgos,alem dos Capitães, & outra gente nobre.Os Malaios da terra,& vaſſallos da cidade ſerião ſeiſcentos, de que erão Capitães dous Mouros principaes, Tuam Mafamede, & Sinaia Raxa. Com eſta armada, & gente partio Pero Maſcarenhas hum Domingo xxiij. dias de Outubro d'aquelle anno de M.D.XXVI.

(2.)

CAPI-

## CAPITVLO X.

*Como Pero Maſcarenhas chegou ao porto da Ilha de Bintam, & desbaratou hũa armada d'el Rei de Pam, & do conſelho que teve por onde accometteria a entrada da cidade.*

SENDO todo o caminho de Malaca à Bintã cheo de Ilhetas, reſtingas, & baxos de muito perigo, chegou Pero Maſcarenhas ao porto de Bintam com grande trabalho, & riſco; & ſurgindo, mandou ſondar a barra do rio, para ver ſe poderia ſobir per elle acima com os navios pequenos que levava: foi Duarte Coelho à fazer eſta ſonda, & tornando deulhe menos eſperanças da ſubida dos navios, das que elle levava de Malaca. Porque deſpois que Iorge de Alburquerque voltou de Bintam, mãdou el Rei metter no rio mais eſtacas, & tam retorcidas, que não podião entrar em aquelle canal, ſenão algũas pequenas lancharas: & porque levar a gente nellas atè a ponte, que eſtava na cidade, onde Pero Maſcarenhas ſe queria ver, era offerecer a gente à morte mui certa, aſſentou per conſelho dos que alli forão com Iorge de Alburquerque, de mandar arrancar as eſtacas, & deſpejar o caminho, & aſsi ſe fez; para a qual obra nomeou à Fernão Serrão, que era Capitão de hum navio, por ſer bom cavalleiro, & homem induſtrioſo, & deulhe cinquoenta homẽs eſcolhidos, & deſpachados para aquelle meſter. Começando Fernão Serrão eſta obra, forão tantos os tiros ſobre elle da artelharia que eſtava aſſentada na terra, principalmente nos cotovellos della, que ſenão forão as grandes arrombadas que o navio levava, fora mettido no fundo. Foi eſta arrancada das eſtacas hum trabalho tam grande, que baſtava para matar os homẽs, quanto mais os pelouros da artelharia: porque como as eſtacas forão alli mettidas com força de maſſo, & ſobre ellas creſceo a vaſa, aſsi ſe uniò com os paos, que parecia terem criado raizes, tam firmes eſtavão, pelo que à força de cabreſtantes ſe bulião, & arrancavão, pondo os homẽs niſſo tanto trabalho que coſpião ſangue.

Sobre eſte trabalho lhe recreſceo outro, que os metteo em maior revolta, & foi o ſoccorro q̃ el Rei d Pam genro d'el Rei de Bintam lhe mandava, aſsi de gente, como de mantimẽtos, em trinta lancharas, q̃ fazião grande apparato, & moſtra ao mar; & poſto que Pero Maſcarenhas ja tinha noticia deſta armada q̃ el Rei de Bintam tinha mandado pedir, & não o ſo breſaltou a viſta della, toda via fez em todos grãde alteração, de mais de verem tamanha frotta, recearem que chegada ella ao porto, ſaiſſe de dentro do rio Lacxemena, & os meteſſe em maior trabalho. E aſsi antes que ſe chegaſſe mais, mandou Pero Maſcarenhas à Duarte Coelho que lhe ſaiſſe com algũas vellas ao encontro, porque Aires da Cunha, que era Capitão mòr do mar, tinha engeitado o cargo por as paixões paſſadas com Pero Maſcarenhas ſobre a Capitania de Malaca que lhe não deu. Porem quando vio a revolta que ia na viſta d'aquellas lancharas, elle com ſeus irmãos Alvaro da Cunha, & Franciſco da Cunha, & algũs parentes, & amigos que ſe lhe chegarão, ſe foi à Pero Maſcarenhas, dizendo: *Senhor, que mandais que faça por ſerviço d'el Rei, que para iſſo não negarei minha peſſoa*; ao que Pero Maſcerenhas reſpondeo: *Acudi ſenhor ao encontro d'aquelles navios que vedes*; o que Aires da Cunha logo fez, mandando Pero Maſcarenhas algũs navios que o acompanhaſſẽ, & ficou d'aquella parte deſcanſado, vendo que Aires da Cunha ſe offerecia, & com elle ião ſeus irmãos, & peſſoas, que do caſo avião de dar boa conta. Os Mouros quando virão Duarte Coelho que ſaia da armada de Pero Maſcarenhas, não fizerão delle conta, porque levava ſómente quatro ou cinco navios, mas quando lhes appareceo Aires da Cunha, imaginando ſer ardil de guerra, acõmetteremnos eſpalhados, começarão à redemuinhar, & a maior parte delles, que à Duarte Coelho que ia diante ja começavão à varejar com a artelharia, foraõſſe retirando para hũa Ilha que alli eſtava perto com fundamento de ſe ſalvar em terra, & aſsi o fizerão. Finalmente, a ſua vinda parou em muitos delles ſerem tomados no mar, & muitos n'aquella Ilha, & outros deixando os navios ſalvarão ſuas peſſoas, a que ajudou ſer perto da noute, por razão da qual Duarte Coelho, & Aires da Cunha os deixarão de perſeguir, & contentaraõſſe cõ lhe ficarem na mão mais de doze lancharas, com quanta artelharia, & mantimentos trazião.

Avida eſta vittoria, que Pero Maſcarenhas tomou por certo final da outra que eſperava da tomada da cidade, dobrou mais gente para reveſar com outra freſca o arrancar das eſtacas, que ainda com toda eſta dobrada diligencia, durou o trabalho mais de doze dias, ſendo já n'eſte tempo o navio de Fernão Serrão tam esfuracado da artelharia, & tam cheo de agoa, que era outro novo trabalho eſgotala, porque ſe não foſſe ao fundo. Toda via elle acabou ſua obra, & foiſſe pòr muito perto da ponte, a qual ordenada para ſerventia, & defenſão da cidade, eſtava armada ſobre groſſos maſtos de pao barbuſano, que por ſer forte & rijo lhe chamão pao ferro. A cidade ficava ſituada à mão dereita da ponte, [a] apartada della pouco mas de mil paſſos, toda cercada de madeira groſſa, com eſtacada dobrada, & tam alta como hum muro feito à dentes de ſerra, que ficavão ſendo traveſes hũs dos outros, defendidos com muita artelharia. E para defenſão de hũa praça que ficava entre a cidade & o rio, & ſervia para a embarcação, & deſembarcação, avia hum baluarte terraplenado, & n'elle aſſentadas muitas peças de artelharia. Na outra parte da ponte, aſsi da banda de baxo atè a foz do rio, como acima della, tudo era hum eſpeſſo arvoredo de mangues, arvores que ſe crião n'agoa ſalgada, ſem aver outra ſerventia, nem caminho, por tudo ſer alagadiço perque ſe não ſervião. E com tudo no fim deſta ponte (ainda que com eſte arvoredo de mangues abaxo & acima eſtava ſegura deſta mão eſquerda, fronteira à outra dereita, em que el Rei tinha poſta a maior defenſão) eſtava feito outro baluarte d'aquella madeira forte com muita artelharia, & por Capitão deſta eſtancia hum Mouro por nome Tuam Raja, bom cavalleiro, com gente que elle eſcolheo à ſua vontade. Da outra banda da cidade, que era a dereita, em que os Mouros outro ſi tinhão poſta ſua defenſão, alem dos Capitães que eſtavão repartidos pelos lanços do muro que diſſemos, ficava de fora Lacxemena, como Capitão do mar, por alli ter ſuas lancharas com que eſperava pelejar, avendo diſſo neceſsidade. E aſsi o fez, porque tanto que Fernão Serrão acabou ſua obra, & com grande grita & prazer chegou à ponte, ficádo de marè chea, como hum baluarte ſobre ella, acõmetteo Lacxemena o navio, & pelejando os Mouros animoſamente, com cuſto de muito ſangue dos noſſos, & derribando à Fernão Serrão quaſi por morto, ouverão

[a] *O ſitio da Ilha, & cidade de Bintam deſcrevão Ioão de Barros na 3. Dec. liv. 5. cap. 4.*



ouverão de ficar ſenhores do navio. Mas à eſta preſſa acodio Pero Maſcarenhas em as mais pequenas embarcações que tinha, por cauſa da artelharia que eſtava nos cotovellos de terra das torceduras do rio, & fez tal eſtrago em os Mouros, que deſpejarão o navio, & Lacxemena ſe tornou a recolher. Aconteceo que n'eſte recontro hum eſcravo moço, & Chriſtão de hum Portugues que eſtava cattivo, tendo tempo eſcapou, & veo dar nova à Pero Maſcarenhas do eſtado das couſas d'el Rei, & como eſtava fortalecido; & per o meſmo modo tambem hum Portugues cattivo, preſo com hũa groſſa braga, antemanhãa mettido bem na vaſa por chegar ao navio de Fernão Serrão, começou à bradar, & pelos noſſos foi d'alli tirado, & levado à Pero Maſcarenhas, à quem contou tudo o que paſſava entre os Mouros.

Vendo pois Pero Maſcarenhas per ſua propria peſſoa a fortificação que os Mouros tinhão poſta n'aquella parte da mão dereita onde a cidade eſtava, como em lugar de maior ſoſpeita, por razão da praça, & ſerventia; & conſiderando tambem a outra parte da ponte onde eſtava o baluarte, & o grande arvoredo que avia ao longo do rio atè ir dar n'ella; diſto que reconheceo, & notarão os que com elle forão, tirou o conſelho do que avia de fazer, & foi mandar logo aquella noute ordenar na praia, na face do terreiro, que era ſerventia da cidade, hum repairo de pipas cheas de terra, guarnecido com algũs falcões, & guardado com os Malaios que vinhão n'aquella armada, Capitães Tuam Mafamede, & Sinaia Raja, com algũs Portugueſes que os gover naſſem, aos quaes elle deſcobrio os ſinaes que avião de fazer, & aos que avião de reſponder; pòrque ſua tenção era acõmetter a entrada da cidade per outra parte, & dar à entẽder ao inimigo com aquella prevenção que por alli a queria entrar; & à eſte fim mandou pôr n'aquella parte os Malaios, que como gente menos fiel, não lhe ſervião de mais que de moſtra do que elle não queria fazer. E por onde determinava que foſſe a entrada da cidade, menos ſoſpeitoſa à el Rei, & mais trabalhoſa aos noſſos, por a grande aſpereza do caminho, era pela mão eſquerda, per entre os mangues, atè ir dar no baluarte da ponte. Vinda a noute, deixando os navios grandes providos de gente, & em os de remo leves embarçando outra, os repartio em duas eſqua-

dras, hũa deixou ao meio do rio, para que se ajuntasse com os Malaios, & a outra que fosse demandar o navio de Fernão Serrão, que correo risco de ser perdido por os Mouros lhe virem cortar as amarras, o que sentindo os nossos que vigiavão, lançarão outras guarnecidas com cadeas de ferro, que se não podião cortar.

## CAPITVLO XI.

*Como Pero Mascarenhas cõmetteo, & destruio a cidade de Bintam, com morte de muitos Mouros, & fugida d'el Rei.*

DADA esta ordẽ, saio logo Pero Mascarenhas em terra abaxo da ponte espaço de hũa legoa, & cõ guias q̃ levava diante começou à caminhar per entre os mãgues, & acõmetteo hũ trabalho increivel, & hum feito, q̃ em outro Capitão que não tivera o animo & valor de Pero Mascarenhas se podia chamar temerario, & inconsiderado, vista a pouca noticia que elle tinha d'aquelle lugar, & as circunstancias delle, & do tempo; porque o tempo era de noute escura, o caminho entre arvores, cuja espessura fazia a noute mais escura, & ora pela vasa, ora per cima de grandes raizes, que estas arvores crião do meio do tronco para baxo, ordenadas demaneira que per cima dellas se não pode andar em pè, & tudo tam intricado com ellas, que para de dia era este caminho em estremo trabalhoso, quanto mais pelo escuro da noute. Com estes trabalhos cansados, & enlameados os nossos chegarão ao baluarte da ponte, antes que a alva rompesse, & como os Mouros da vigia da noute, estavão cansados, & descuidados de serem acõmetidos por aquelle lugar, quasi não sentirão os nossos, senão quando derão Santiago n'elles, & as trombetas fizerão final aos q̃ estavão com Fernão Serrão, & com os Malaios na estancia das pipas, & todos arremetterão cõ tã espãtosa grita, q̃ os Mouros não atinavão aonde avião de acudir, & por ouvirẽ maior ruido de vozes na estancia dos Malaios, por ser d̃ maior numero de gẽte, & aver n'ella trõbetas para enlearẽ mais os inimigos, acudirão elles alli primeiro q̃ à outra parte, & como tinhão esta por mais principal estãcia, parecendolhes



recendolhes, que por ella os avia de acõmetter Pero Mascarenhas, & estava n'ella Lacxímena; ajuntousse alli a maior parte dos Mouros, mas não se sabião determinar, porque ainda a luz do dia não dava muita claridade. Fernão Serrão como lhe estava encomendado, com panellas de polvora pôs o fogo à hum baluarte pegado com a ponte, de que os Mouros com temor se afastarão. Ia à este tempo a parte que Pero Mascarenhas acõmetteo era entrada, & o primeiro que sobio por aquelle baluarte foi Aires da Cunha, cõ seus irmãos Alvaro da Cunha, & Francisco da Cunha, & Ioão Pacheco, aos quaes os Mouros resistirão valerosamente: & Aires da Cunha logo ahi ouve o retorno do ferro com que matou o primeiro que se lhe defendeo, porque quando sobio lhe metterão hũ zarguncho per entre as pernas, de que despois trouxe muito tempo a ferida aberta, & manquejou. Por a mesma parte per onde Aires da Cunha entrou, foi aberto hum postigo q̃ fechava a ponte sobre si, ao qual acudirão muitos dos nossos, & entrãdo per elle começarão encaminhar pela ponte adiante atè irem entrar na cidade, que ja andava posta em grande revolta, atonitos, & confusos os Mouros, sem saberẽ a que parte avião de acudir.

El Rei ficou tão cortado quãdo soube q̃ a cidade era entrada, q̃ não ousando esperar a furia da vittoria, ouve à mão hum Elefante, & sem esperar outra cousa quis salvar sua pessoa, & metteosse pelo mato ao interior da Ilha, & para mais trabalho seu, entẽdẽdo da gẽte q̃ o acõpanhava, q̃ algũs dos nossos o seguião, cõ temor se desceo do Elefãte, & se embrenhou na espessura do mato; indo algũs Portugueses no seu alcance atè se embrenhar. E cuidando Pero Mascarenhas q̃ o tinha nas suas casas, cõ o maior corpo da gente q̃ o seguia, foi dereito à ellas, & hum dos Capitães d'el Rei, por nome Laxa Raja, que estava em guarda de outra parte principal da cidade, por lhe darem rebate q̃ era entrada pela ponte, acudio tãbem às casas d'el Rei, não sabẽdo q̃ era fugido, & veosse à encõtrar n'ellas cõ Pero Mascarenhas, onde pelejarão os Mouros mui esforçadamẽte em quãto não souberão q̃ el Rei era partido; mas despois q̃ lhes chegou esta nova, não sòmente Laxa Raja que primeiro o soube, ja ferido de duas espingardadas, mas todos os outros à quẽ melhor salvaria a vida, entregarão a cidade à vontade dos nossos vittoriosos.[a]

[a] *Avia na cidade para sua defensão mais de sette mil homẽs de peleja, dos quaes morrerão mais de quatrocentos, sem os muitos feridos, & se cativarão dous mil: & dos Portugueses morrerão dous ou tres. Diogo do Couto liv. 2. cap. 3.*

Antes que foſſe mettida à ſaco, tres mercadores eſtrangeiros que n'ella tinhão muita fazenda, ſe vierão à Pero Malcarenhas, pedindolhe q̃ delles ouveſſe compaixão, por não ſerẽ naturaes da terra, o que elle concedeo, com condição que lhe deſſem os mantimẽtos que ouveſſem meſter os dias que alli eſtiveſſem, como fizerão. Deſpois que a cidade foi ſaqueada, poſeraõlhe o fogo. Ouve n'ella grande deſpojo, em que entrarão perto de trezentas peças de artelharia, das quaes muitas forão noſſas, avidas per os navios das armadas que eſte Rei trazia contra nos. O qual vendoſe desbaratado, furtadamente ſe paſſou à terra firme de Malaca, à hum lugar chamado Vjantana, onde d'ahi a poucos dias com o trabalho do caminho, & nojo da ſua ultima perdição acabou a vida; mas ficoulhe hum filho por nome Alaudim, que tambem ſeguio eſta guerra cõtra nos, como adiante diremos.[a] Acabado eſte feito, que foi o mais honrado de quantos n'aquellas partes ſe fizerão; porque Franciſco de Sà avia de fazer ſua viagem para Sunda, Pero Maſcarenhas o deſpedio d'alli, & elle ſe tornou para Malaca com honra, & triũfo de tã glorioſa vittoria.

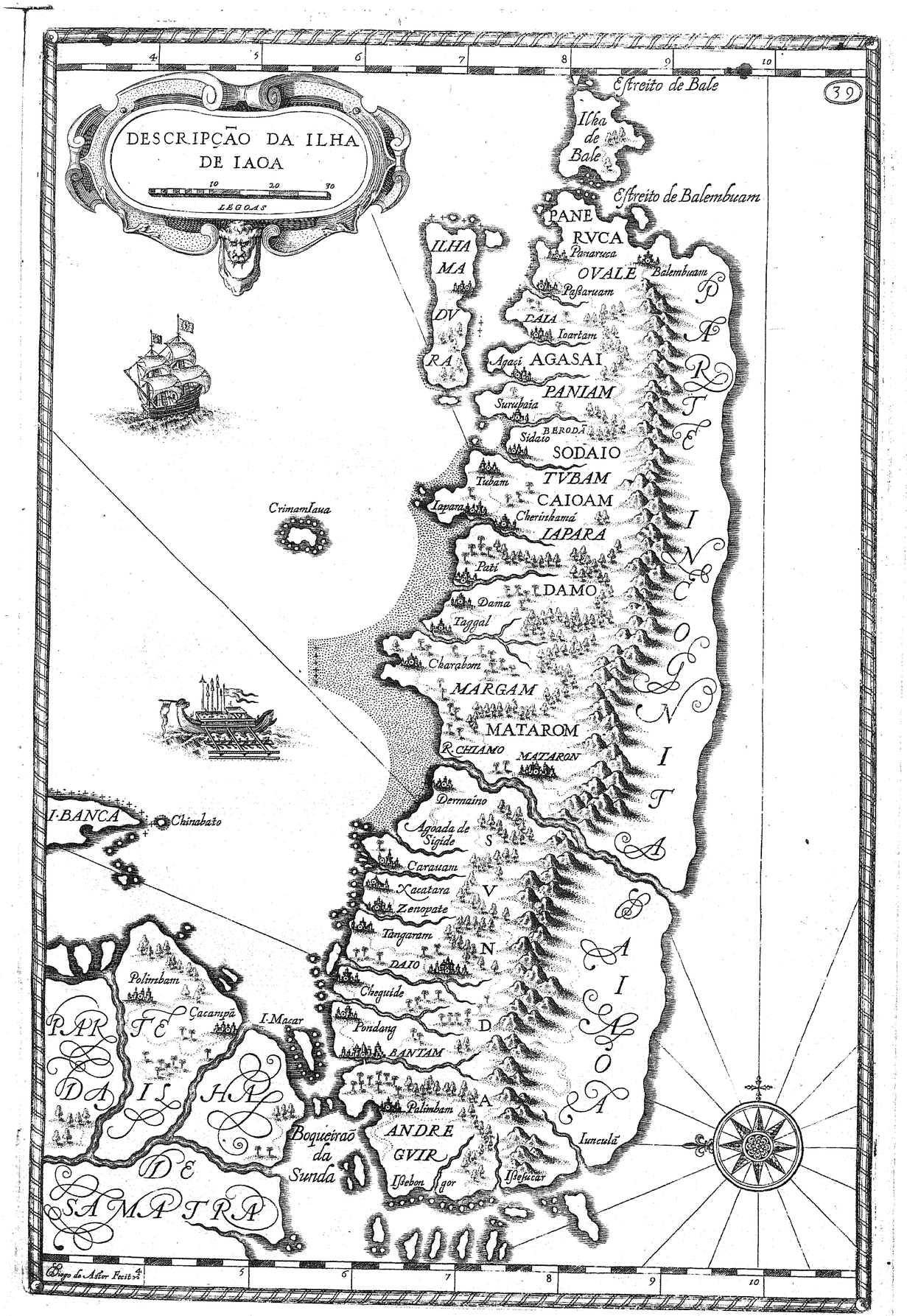
a. *Antes q̃ Pero Maſcarenhas partiſſe de Bintam veo alli ter o ſenhor que fora d'aquella Ilha, á quem o Rei morto a tomou, & pedio á Pero Maſcarenhas q̃ lha reſtituiſſe, & elle lha deu com condição que ficaſſe vaſſallo d'el Rei de Portugal, & q̃ não faria fortaleza n'aq̃lla Ilha, nem traria armada no mar.*
*Veo tambem el Rei de Linga grande amigo dos Portugueſes, q̃ vinha em ſeu ſocorro com dez oito lancharas, & foi mui bem recebido de Pero Maſcarenhas.*
*Diogo do Couto liv. 2. cap. 3.*

## CAPITVLO XII.

*Da deſcripção de Sunda, & coſtumes de ſeus habitadores, & em que lugares da India hà pimenta para carregação.*

ANTES que trattemos do ſucceſſo da jornada de Franciſco de Sà, he neceſſario contar a cauſa della, & como eſtá depende da amizade & paz, que Enrique Leme per ordem de Iorge de Alburquerque Capitão q̃ foi de Malaca, aſſentou cõ el Rei de Sũda, por razão da pimẽta q̃ hà n'aquelle Reino; convẽ primeiro dar noticia da viagẽ de Enrique Leme, ainda q̃ na cõta dos annos tornemos hũ pouco atras do tẽpo de q̃ ao preſente trattamos; & porq̃ o Reino da Sũda he hũ dos da Ilha da Iaoa, ſerà neceſſario preceder à tudo a deſcripção deſta Ilha & Reino, para ſe melhor entender o que ſobre elle hemos de dizer.

Da terra da Iaoa fazemos duas Ilhas, hũa ante outra, cujo lã çamẽto he de Ponẽte para Oriẽte, quaſi ambas em hũ paralle lo em altura de ſete até oito Graos da parte da linha Equinoc cial para o Sul. No cõprimento deſtas Ilhas, ſegundo os mareantes



reantes d'aquelle Oriente,as assentão em suas cartas,avera distancia pouco mais ou menos de cento & oitenta legoas,não sendo na verdade tãtas,como mostraremos na nossa Geografia universal. Os mesmos Iaos não fazẽ da Iaoa duas Ilhas,senão hũa de todo aquelle comprimento. E para o Ponente, onde ella vem à vezinhar com a Ilha Samatra fica entre ambas hum canal de dez até doze legoas de largura; [a] pelo qual se navegava todo aquelle Oriẽte com o Occidente da India,antes que Malaca se fundasse,como ja temos escritto. Esta Iaoa assi como vai em comprimento,leva pelo meio hũa corda de serranias mui altas,que serão da costa do mar da parte q̃ tem a face ao Norte,atè o mais interior da terra vinte cinco legoas,& dellas para o Sul os mesmos naturaes da terra não sabem o q̃ vai,sòmente dizem tèr noticia,que destas serras até o mar do Sul avera outro tanto. Quasi no terço do cõprimento desta Ilha,na parte Occidental,està Sunda,de que avemos de trattar: a qual parte de terra os seus naturaes tem ser Ilha apartada da Iaoa per hum rio pouco sabido dos nossos navegantes,a que elles chamão Chiamo, ou Chenano, que corta do mar todo aquelle terço de terra: demaneira, que quando aquelles naturaes dão a demarcação da Iaoa,dizem que a parte do Ponente confina com a Ilha de Sunda,& se aparta della por este rio Chiamo:& da parte do Oriente com a Ilha Bale, & que do Norte tem a Ilha Madura,& do Sul mar não descuberto;porque tem elles para si que quem sae per estes canaes contra aquelle mar do Sul,esgarra com as grandes correntes, & não pode mais tornar,& por isso o não navegão ao modo que fazem os Mouros na costa da Cafraria atè Sofalla, que não passão o Cabo das correntes por as grandes que aquelle mar tem. Os moradores de Sunda em abonação da sua terra, gloriandosse ser melhor que a Iaoa,dizem,que Deos ordenou assi esta divisão entre estas duas terras, per aquelle rio Chiamo; & logo per elle mesmo o quis mostrar nas arvores que nascem ao longo delle; porque tendo as raizes na sua margem, lanção as ramas & frutto para dentro de si, deixando o rio desasombrado deste arvoredo: a qual causa sendo conforme à razão natural, elles a atribuem à misterio; por carecerem dos principios da Philosophia: porque todas as cousas naturalmente são tam amigas de sua propria conservação,& fogem tanto das q̃ lhe podem ser perjudiciaes, que

a. *Este canal q̃ se chama o Boqueirão da Sunda; tem no mais largo vinte cinco legoas, & no mais estreito seis: & na saida delle da parte de Levante, fica a Ilha Macar; que se affirma ter muito ouro.*

por fugirem aquellas arvores aos ventos, que correm com grande impeto pela madre d'aquelle rio, ſe inclinão à outra parte, como quem lhes foge, o q̃ he couſa mui nota aos bõos mareantes, que da inclinação das arvores, que eſtão ao longo do mar, conhecem que vento curſa n'aquella coſta o mais do anno. E tornando a repartição q̃ os naturaes d'aquellas partes da Sũda fazem, elles a apartão per aquelle rio Chiamo que diſſemos; o qual por não ſer dos noſſos navegantes mui ſabido, fazem da Sunda, & Iaoa hũa Ilha: & deixando as couſas da Iaoa para a noſſa Geographia univerſal; pois a Sunda nos trouxe à eſta deſcripção de terras, fallaremos hum pouco della. [a]

Eſta Ilha de Sunda he terra mais montuoſa por dentro q̃ a Iaoa, tẽ ſeis portos de mar notaveis, Chiamo que he o eſtremo da Ilha, Xacatara por outro nome Caravam, Tangaram, Cheguide, Pondang, & Bantam, [b] que ſão de grande trafego, por razão do cõmercio que ſe aqui vem fazer, aſsi da Iaoa, como de Malaca, & Samatra. A principal cidade que tẽ eſte Reino ſe chama Daio, mettida hum pouco no ſertão, a qual affirmão, que no tempo que foi à aquella Ilha Enrique Leme, tinha cinquoenta mil vezinhos, & no Reino averia cem mil homẽs de peleja; agora por a guerra que lhe fizerão os Mouros eſtà tudo muito deminuido. A terra he em ſi muito groſſa, ha n'ella ouro baxo de ſette quilates, tẽ carne, & mõteria de toda ſorte, muitos mantimentos, & tamarindos, que aos naturaes ſervem de vinagre. A gente não he muito bellicoſa, mas dada às ſuas idolatrias, para o que tẽ grande numero de templos; querem mal aos Mouros, & muito maior agora, deſpois que os conquiſtou hum Sangue de Pate de Dama. Podem aqui reſgatar quatro & cinco mil peſſoas por cattivos, por ſer muito povo, & licito por lei ſua, q̃ o pai poſſa vender os filhos por qualquer leve neceſsidade. As molheres tẽ bom parecer, & as nobres ſão mui caſtas, o que não ſão as do povo; tem moſteiros de molheres que guardão perpetua virgindade, por vaidade da honra, mais que por devação. Os homẽs nobres quando não podem caſar ſuas filhas à ſua vontade, contra a ſua dellas as mettem n'eſtes moſteiros. As caſadas quando lhes morrem ſeus maridos hão de morrer com elles por honra, & ſe temem a morte, entam ſe mettem n'aquelles moſteiros como religioſas. O Reino ſe ſuccede de pai

a. *A Ilha da Iaoa he dividida em muitos Reinos pelo maritimo Septentrional della, & dos que ſe tem noticia, começando da ſua parte Oriental, ſão Paneruca, Ovalle, Agaſai, Paniam (cujo Rei reſide no ſertão, & tem ſuperioridade ſobre os Reinos referidos, & outros) Berodam, Sodaio, Tubam, Cajoam, Iapara (a cidade principal deſte Reino ſe chama Cherinbamà, tres legoas apartada do mar, & à borda delle ſita a de Iapara) Damo, Margam, & Matarom. Nas ſerras deſta Ilha vivẽ muitos ſenhores q̃ ſe chamão Gunos, gente ſalvagem, & q̃ come carne humana. Os ſeus primeiros povoadores forão Siames, q̃ cerca do anno de DCCC. partindo de Siam em hum junco para a Ilha de Macaçar, eſgarrarão com hum temporal, & ſe perderão na Ilha de Bale, & na champana do Iunco, vierão ter à Iaoa atè entam não deſcuberta, à qual por ſua groſſura, & fertilidade veo logo povoar Paſſarà filho d'el Rei de Siam, & em hũ bom porto della fundou a cidade Paſſarvam do ſeu nome, que foi a primeira povoação deſta Ilha. São os Iaos ſoberbos, valentes, & atreiçoados, tã vingativos, que por qualquer pequena offenſa (tendo elles pola maior de todas poremlhe a mão na teſta) ſe fazem amoucos para ſe ſatisfazerem della: exercitão muito a navegação per aquelle Arcipelago Oriental, & dizem que navegarão ja pelo Oceano atè a Ilha de S. Lourenço.*

b. *A cidade de Bantã, ou Banta, q̃ fica no meio do Boqueirão da Sũda, eſtà ſituada no meio de hũa larga enſeada de põta à põta terá tres legoas: he limpa, de ſeis atè duas braças de fundo, ſae nella hum rio que divide a cidade em duas, perque podem entrar juncos, & galès. A hum lado da cidade hà hũa fortaleza cujo muro q̃ he de adobes terà de largura ſete palmos, & os ſeus baluartes ſão de madeira guarnecidos, cõ boa artelharia.*



pai à filho, & não o ſobrinho filho de irmãa ao tio, como uſão os Malavares, & outro gentio da India. Prezãoſe de ter armas ricas, guarnecidas d'ouro, & lavradas de tauxia, & aſsi dourão os criſes, & ferros de lanças, & toda outra arma de ferro. Muitas outras couſas poderamos eſcrever deſta terra, (q̃ deixamos para a noſſa Geografia, por não fazer ao propoſito deſta hiſtoria) & de todas as que ella porduz, a de maior importancia, he a pimenta de que ſe colhe cada anno mais de trinta mil quintaes.

E porque os Reis de Portugal alem da conquiſta d'aquellas partes de Oriente, para ſuſtentação della, tem o cõmercio das mercadorias que à eſtes Reinos ſe trazem, parteſica ſendo deſta hiſtoria da India, com a occaſião da pimenta da Sunda, trattar della, (como de eſpeceria mais principal,) & dos lugares donde vem. Dizemos por tanto, que das partes que os Portugueſes conquiſtarão na India, d'aquem, & d'alem do Ganges, em ſeis partes ſòmente ha pimenta, que ſeja couſa notavel para carregação de naos. Na terra do Malavar a hà, muito neta, na parte Occidental da Ilha Samatra, onde ſão os Reinos de Pacem, & Pedir, na coſta de Malaca onde chamão Quedà, & na outra parte da meſma terra que tem o roſtro para Levante quaſi oppoſta à eſta, & na terra da Iaoa, por nome Sunda. A pimenta d'aqui, & do Malavar, he quaſi igoal em peſo, groſſura, & ſabor; & n'eſtas duas partes ha maior quantidade que nas outras. E antes que entraſſemos na India, todas as terras Occidentaes do mar Parſeo para nos, ſe provião da que avião do Malavar, & de Quedà, Samatra, Sunda, & Patane, todo aquelle Oriẽte atè à China. Mas antiguamente quando os Chijs conquiſtarão a India (como ja em outra parte eſcrevemos) no Malavar fazião ſuas carregações por dar ſaida à ſuas mercadorias que trazião do ſeu Oriẽte, por ſer mui vezinho à Perſia, & Arabia, & per as quaes provincias tinhão ſaida para o noſſo Occidente, & ainda oje a Cochij onde nos fazemos a carga, ficou eſte nome que lhe os Chijs poferão. Mas como com noſſa entrada na India todo o cõmercio, & navegação das eſpeceárias ſe mudou: os Mouros que n'eſſe tempo erão ſenhores delle o vierão a perder, por nos o defendermos com noſſas armadas, cõ as quaes elles atormentados, deixando a coſta do Malavar, ião aos Reinos de Pacem, & Pedir, onde alem de pimenta achavão

noz,maça,& cravo,que pela via de Malaca alli vinha ter, & outras mercadorias d'aquelle Oriente, & ſua navegação era per entre as Ilhas deMaldiva,vindo aboccar o eſtreito de Meca,fugindo de noſſas armadas. E algũs deſpois que os Portugueſes forão ſenhores do Reino de Pacem,poſto q̃ era comprida navegação, iáo per fora da Ilha Samatra ao porto de Sunda,onde achavão mais copia de pimenta,& aſsi de outras drogas,por ſer todo aquelle Oriente navegado pelos Iaos,de cujas mãos elles avião tudo.

E porque a ſuſtancia de Malaca eſtava no tratto d'aquelle Oriente,por ſer hũa feira a que o de là,& o de cà concorre;& por odio noſſo os Iaos fugião della,&buſcavão eſtoutras ſaidas,aſsi para à China,como para Cambaia,& eſtreito de Meca. Como Iorge de Alburquerque Capitão de Malaca tinha muita noticia deſte cõmercio da Sunda,determinou de o mãdar tentar per Enrique Leme ſeu cunhado; por ſer ſenhor delle hum Rei Gentio chamado Samiam, com o qual ja tinha cõmunicação da primeira vez que eſteve em Malaca em tempo de Afonſo de Alburquerque.

## CAPITVLO XIII.

*Como Enrique Leme partio de Malaca, & aſsentou paz com el Rei Samiam de Sunda,& metteo o padrão onde ſe avia de fazer hũa fortaleza: & da jornada de Franciſco de Sà,da qual não reſultou effeito.*

IORGE de Alburquerque para o commercio que queria aſſentar com el Rei de Sunda, mãdou armar hum navio o anno de D.XXII. de que foi por Capitão Enrique Leme, bem acompanhado de gente,& com algũas couſas de preſente para aquelle Rei Samiam. Chegado ao ſeu porto, [a] elle o recebeo com muito gaſalhado,& como homẽ a q̃ importava muito noſſa amizade,aſsi para ſe ajudar de nos na guerra que tinha com os Mouros,como por cauſa do cõmercio,aſſentou logo com Enrique Leme, que mandaſſe el Rei de Portugal fazer alli hũa fortaleza,& que lhe carregaria quãtas náos quiſeſſe de pimenta,à troco de outras mercadorias q̃ a terra ouveſſe meſter. E que demais lhe apprazia dar a el Rei

a. *Eſte porto ſegũdo Diogo do Couto, he o de Bantam.*



Rei Dom Ioão III. de Portugal cada anno deſde dia que começaſſe a fabrica da fortaleza,mil ſacos de pimenta, por boa amizade & paz que com elle folgava tèr, os quaes ſerião dos coſtumados em ſua terra, que era cada hum de xlv. arrateis dos noſſos,q̃ montão ccclj. quintaes. De tudo o que ſe aſſentou entre el Rei & Enrique Leme,ſe fizerão duas eſcritturas à xxj. de Agoſto do ditto anno de D.XXII. hũa que à el Rei ficou na mão,& outra trouxe Enrique Leme, das quaes por noſſa parte forão teſtemunhas Fernão de Almeida feitor da fazenda d'aquella viagem, Franciſqueanes eſcrivão do ſeu cargo,Manoel Mendez,Sebaſtião do Rego, Franciſco Diaz, Ioão Coutinho, Gil Barboſa,& Thome Pinto,q̃ erão as principaes peſſoas do navio:& por parte d'el Rei Mandari Tadã, Tamungo Sangue de Patè,& Bengar Xabandar da terra. As quaes tres peſſoas que erão as principaes do Reino, mandou el Rei q̃ foſſem moſtrar à Enrique Leme o lugar onde queria fazer a fortaleza,& aſſentaſſe hi o padrão, por firmeza do que tinhão concertado. O padrão com grande feſta, aſsi dos Portugueſes,como dos naturaes da terra, ſe metteo na barra do rio,à mão dereita da entrada delle,em hum ſitio da terra, à que elles chamão Calapa,lugar mais conveniente q̃ à Enrique Leme pareceo para a fortaleza;o qual padrão era dos coſtumados, que aſſentavão os Portugueſes nas terras que deſcobrião, tomãdo poſſe dellas,como atras eſcrevemos. Deſte auto tambem Enrique Leme tirou ſeu inſtrumento aſsinado pelas teſtemunhas referidas,q̃ el Rei cõfirmou,& aſsinou. Acabadas eſtas couſas,& dados ſeus preſentes de parte à parte,Enrique Leme ſe partio para Malaca, & de Iorge de Alburquerque foi bem recebido:o qual logo eſcreveo à el Rei na primeira armada,que d'aquellas partes veo,dandolhe conta de como tinha feita aquella obra ſem ſua licença, por entender quanto importava à ſeu ſerviço por bem de Malaca ter alli aquella fortaleza. Approvou el Rei o que fizera Iorge de Alburquerque,& aſsi quando o Conde Almirante Viſorei,no anno D.XXIIII. partio deſte Reino para a India, levava em regimẽto fazer logo eſta fortaleza,de que deu a Capitania à Franciſco de Sà,que foi com o meſmo Conde. Mas como o Viſorei logo falleſceo, Dom Enrique de Meneſes q̃ lhe ſuccedeo,proveò à Franciſco de Sâ da Capitania de Goa, & não ouve tempo para elle partir; & como Lopo Vàz de Sampaio

Sãpaio entrou no governo, tiroulhe a Capitania, assi para lhe dar saida a ir servir seu cargo, pois o de Capitão de Goa não era seu, como por el Rei de Portugal escrever à Dõ Enrique, que mandasse fazer a fortaleza de Sunda; pelo que Lopo Vàz lhe mandou apressar logo hũa armada de seis vellas, de que erão dous galeões, em hum dos quaes ia Francisco de Sà; & Dom Iorge Tello de Meneses no outro, & Diogo de Sà em hũa galè, Antonio de Sà em hũa galeotta, & Francisco Mendez de Vasconcellos em hũa caravella, & Duarte Coelho em hum bargantim. Chegado Francisco de Sà a Malaca, foi à tempo que Pero Mascarenhas estava de caminho para Bintam, & indo com elle se achou n'aquella empresa, & d'alli ó despedio para Sunda, como atras dissemos. Partido Francisco de Sà de Bintam, deulhe hum temporal, com que Duarte Coelho acertou de ir primeiro ao porto de Calapa, & alli se lhe perdeo o bargantim da armada, o qual foi dar à Costa, onde todos morrerão a mãos dos Mouros que estavão em terra, os quaes avia poucos dias que erão senhores della, por tomarem a cidade à aquelle Rei Gentio, que era amigo d'el Rei de Portugal, & lhe dera lugar para a fortaleza.

O Mouro que tomou a cidade era homem de baxa sorte, por nome Faletehan natural da Ilha Samatra do Reino de Pacem. Este em tempo de Iorge de Alburquerque, quando se tomou a cidade de Pacem ao tyranno Geinal, & se entregou ao Principe erdeiro, * se partio d'alli em hũa nao q̃ ia para o Estreito de Meca com especearia, & là se deixou estar dous ou tres annos aprendendo as cousas da seita de Mafamede para seu intento. Tornando à Pacem, achou nossa fortaleza feita, & n'ella por Capitão Dom Andre Enriquez; & por a terra não estar entam à proposito para se semear à lei de Mafamede, por a vezinhança da fortaleza dos Portugueses, se passou em hum navio à cidade de Iapara, onde com o nome de Caciz de Mafamede se metteo com o Rei, & com prégações o fez Mouro, & com sua licença à muitos Gentios. Ficou este Rei tam contente da nova lei que tomara, que parecendolhe que nisso servia à Deos, & gratificava à Falatehan o beneficio que lhe fizera, lhe deu hũa irmãa sua por molher: & elle como sua tenção era converter muita gente à sua seita, pedio à el Rei seu cunhado licença para ir à Bantam cidade de Sũda à fazer esta obra, onde foi recebido de hum homem principal

*Decada.3.livro.5.capitulo.5.



cipal da terra, que se converteo, & lhe deu cõmodidade que fosse com a conversão adiante. Faletehan como vio a cidade aparelhada para proseguir seus intentos, & que o Rei da terra estava mettido pelo sertão, mandou pedir à el Rei seu cunhado que lhe mandasse sua molher, & algũa gente para sua ajuda, o qual lhe mandou a molher, & com ella dous mil homẽs para o ajudarem no que lhe compriſſe. Quando aquelle homem principal que o agasalhou vio os dous mil laos, felo saber ao Rei da terra, mas Faletehan se ouve com tanta industria, & assi trabalhou n'este negocio, que ficou senhor da cidade, & da terra; & assi quando Francisco de Sà chegou ao porto de Sunda, estava este tyranno Faletehan tam senhor, que lhe não cõsentio fazer a fortaleza, antes lhe matou algũa gente, & o desbaratou demaneira, que tomando conselho cõ os principaes da sua armada, visto os inconvenientes, & o pouco aviamento que tinhão para proseguir a guerra, se tornou para Malaca. Donde despedio logo Francisco de Mello „ em hũa caravella com cartas para o Governador, avisandoo „ do succesſo da sua jornada, pedindolhe mais gente & arma- „ da para tornar à intentar a empresa. Francisco de Mello fazẽ- „ do sua viagem, sobre a barra do Achem vio hũa nao surta à „ carga, & com conselho dos companheiros a cõmetteo, & por „ que n'ella avia mas de trezentos Achẽs, & quarenta Rumes, „ não se atrevẽdo à abordala, se puserão à trinca, & com a arte- „ lharia a baterão, até que com hum Camello q̃ lhe tirarão ao „ longo da agoa a abrirão, & chea della se foi ao fundo. Os „ Achẽs, & Rumes se lançarão ao mar para se salvarem, mas „ escaparão poucos; porque os Portugueses raivosos da perda „ da nao, que estava chea de fazendas, os matarão quasi todos, „ & seguindo sua viagem forão tarde tomar Cochij. Os quaes „ ora deixamos, por ser necessario darmos conta do que he feito em Maluco, do tempo em que Dom Garcia Enriquez entrou por Capitão, & assi continuaremos com a ordem que ja dissemos que tinhamos em contar os feitos que se fizerão n'estas partes, de Malaca por diante.

*Diogo do Couto cap.1.do liv.3.*

CAPI-

## CAPITVLO XIIII.

*Como Dom Garcia foi entregue da fortaleza de Ternate, & per morte d'el Rei Almançor tomou a cidade de Tidore, & a destruio.*

*Livro.10.capitulo.f.

TENDO Antonio de Brito entregue à Dom Garcia Enriquez a fortaleza de Ternate, pela maneira q̃ na terceira Decada dissemos, * vindo a monção elle se partio para Malaca à xij. de Ianeiro do anno M.D.XXVI. & foi surgir ao porto da Ilha de Bacham, & com a detença que hi fez em cõcertar o seu junco, à cinco de Fevereiro foi ter à Banda, & d'ahi partio à xiij. de Iulho, & chegou à Iaoa à x. de Agosto ao porto de Panaruca, onde achou Ioão Moreno, & Gonçalo Alvarez, & algũs vinte jũcos de Malaca q̃ vinhão debaxo da bandeira de Gonçalo Alvarez, per hũ alvarà de Pero Mascarenhas, q̃ ao tempo da sua partida ainda estava em Malaca, & hũs cõtra os outros estavão postos em armas. Antonio de Brito (à quẽ elles tomavão por Capitão, & o não quis aceitar, enfadado dos successos de Maluco) atalhou à tudo, & os concertou q̃ governassem às semanas, cõ juramento de estarem por este pacto; & elle se partio, & foi a cidade de Tagaçam, cujos moradores, q̃ estavão de guerra cõ os Portugueses lhe avião tomado hũ junco de cravo, q̃ elle tinha mãdado diante à Malaca, & intentarão tomar o seu em q̃ vinha, pelo que se partio logo d'aquella cidade, tomãdo primeiro hũ junco q̃ achou no porto carregado de mãtimẽtos, & chegou à Malaca à tẽpo q̃ Pero Mascarenhas dava a vella para ir governar a India, & por esperar q̃ entrasse no porto Antonio de Brito para saber delle das cousas de Maluco, não partio aquella marè, com q̃ não pode ir aquelle anno a India, como atras dissemos.

Dom Garcia Enriquez ficava em Maluco com necessidade de gente, por a muita que Antonio de Brito lhe levara, & assi de fazenda para cõprar mantimentos, & pagar a gente, perq̃ lhe foi forçado mãdar Martim Correa Capitão mòr do mar à Banda tomar algũs juncos dos q̃ ahi achasse de Malaca, o que podia fazer por esta Ilha ser da governança da sua Capitania. E partindo Martim Correa em Fevereiro, achou ainda Antonio de Brito n'aquella Ilha muito de vagar, fazendo



fazendo carrega de maça, mui pacifico por ser conhecido na terra do tempo que hi invernara. D'ahi à poucos dias chegou de Malaca Manoel Falcão que vinha com certos juncos per mandado de Pero Mascarenhas, & levava à Maluco o pagamento dos soldados, & com elle Fernão Baldaia, que ia por escrivão de feitoria d'aquella fortaleza. Os quaes derão nova à Martim Correa, que por entre as Ilhas virão passar hũa nao da feição das nossas; & receando Martim Correa ser nao de Castella, requereo à Antonio de Brito que lhe desse algũa gẽte, & à Manoel Falcão que fosse com elle. Partio Martim Correa de Banda à oito de Maio, levando comsigo Manoel Falcão, & hum Gomez Aires criado do Mestre de Santiago, & chegou à Maluco, onde achou duas cousas que o descontentarão, servir Manoel Lobo seu officio sem seu consentimento, & andar Cachil Daroez muito descontẽte, porque Dom Garcia tinha feitas pazes com el Rei de Tidore, porq̃ com a guerra era senhor, & estimado, & com a paz receava que por o não averem mester, a Rainha mai d'el Rei, por ser filha d'el Rei de Tidore, lhe ordenaria per algum modo a morte; & o mesmo receavão os Portugueses, que postos estes dous Reis em liga, todos se levantassem contra elles, assi os de Ternate, como os de Tidore, & q̃ Cachil Daroez por tornar a amizade d'el Rei Almançor de Tidore, & da Rainha de Ternate sua filha, se ajuntaria com os Mouros destas duas Ilhas, & seria tamben contra elles. Desta sospeita se virão logo sinaes manifestos, porque Cachil Daroez tratava concertos com el Rei Almançor de Tidore, que lhe desse por molher sua filha, o que Dom Garcia estorvava, & Cachil o sentia muito; & em quanto andava descontente de Dom Garcia, não puderão acabar com elle que tornasse à proseguir a guerra.

Neste meo tempo veo à fallescer el Rei Almançor de Tidore, deixando muitos filhos, dos quaes o maior se chamava Cachil Rade, & os outros erão Cachil Cheire, Cachil Daroez, Cachil Abuçasa, Cachil Rageale, & Cachil Duquo.[a] Este sò era o herdeiro por ser filho da Rainha Cachil Mir, & os outros de mancebas. O Cachil Duquo era moço de dez annos, & tinha por seu Governador hum Mandarim chamado Libernhame, que era como Condestabre, ou Capitão da gente de guerra. Cachil Rade, q̃ em idade se via maior, & não Rei, nem Governador, tinha desavenças cõ el Rei Cachil Duquo, & queria

a. *Este chama Diogo do Couto Cachil Raxamira.*

& queria mãdar o Reino. Dom Garcia vendoos deſavindos, deſejando de lhes mover guerra, mandou dizer à el Rei que lhe mandaſſe toda a artelharia que os de Tidore tomarão à hũa fuſta de Portugueſes, que pelas pazes que fizera com ſeu pai, eſtava aſſentado que lha reſtituiſſem dentro de ſeis meſes, & por ſua morte ſe acabava o tempo. Os Tidores ſe eſcuſavão dizendo, que ainda não tinhão dado ſepultura à el Rei, nem era levantado o novo Rei, nem os ſeis meſes crão acabados, que lhes deſſe tempo para acabarem hum conſelho em que eſtavão, que logo ſatisfarião a Dom Garcia. Fernão Baldaia tornou là, dizendo, que n'aquella embarcação em que elle ia, lhe mandaſſem logo a artelharia, & não lha entregando lhe apregoaſſe guerra, porque eſta lhe vinha entam melhor que a paz, de que eſtava arrependido. Em quanto eſte recado foi, como quẽ em ſeu peito tinha aſſentado o que avia de fazer, ſe fez preſtes, & Cachil Daroez com a ſua gente; & na meſma noute que tornou com a reſpoſta Fernão Baldaia, foi Dom Garcia à cidade de Tidore (que de Ternate não diſta mais que hũa pequena legoa) & deu n'ella per hũa parte, ſendo encaminhado de Manoel Lobo que ja là eſtivera; & pela outra que era mais defenſavel entrou Martim Correa. Os Tidores vendoſſe acõmettidos tam de ſubito, & entrada ſua cidade, & ſem Rei que os defendeſſe, poſeráoſe em fugida, deixando a cidade ſò entregue aos Portugueſes: os quaes recolhida a artelharia, poſerão fogo à povoação, que por ſer toda de madeira, & cuberta de ola, não tardou muito em ſe fazer em braſa; & aſsi a paz que ſe fez ſem bom conſelho, por outro não bom conſelho ſe dezfez. Com eſta vittoria ſe tornarão os noſſos à fortaleza mui deſacreditados entre as gentes d'aquellas Ilhas, & em reputação de homẽs que não guardavão ſua fè, & aſsi no Reino de Bacham, & em outros à que de antes ião, os não recolhião, & defendião todo cõmercio, & cõmunicação.

CAPI-



## CAPITVLO XV.

*Como Dom Garcia ſoube que no porto da cidade de Camafo d'el Rei de Tidore eſtava hũa nao de Caſtella, & o que fez por à trazer à fortaleza de Ternate.*

ESTANDO Dõ Garcia cõ mais repouſo na fortaleza, deſpois q̃ deſtruio a cidade de Tidore, derãolhe novas os Mouros de Ternate, q̃ nas coſtas da grãde Ilha Batochina, onde chamão o Moro, virão paſſar duas naos da feição das noſſas. E porque Dõ Garcia eſperava por Dõ Iorge de Meneſes que vinha por Capitão d'aquella fortaleza de Ternate (o qual partira de Malaca em Agoſto, & eſcorrera de maneira q̃ fora invernar nas Ilhas Papuas, q̃ eſtão â Leſte de Ternate) pa receolhe q̃ ſerião as naos ſuas. Tambem ſoſpeitou q̃ poderião ſer de Caſtelhanos, pelo que mandou là Martim Correa em hũa coracora, & com elle Diogo da Guerra lingoa para ſaber que naos erão. A nova que trouxe foi que em Camafo cidade d'el Rei de Tidore inimigo dos Portugueſes, eſtava hũa nao de Caſtella, mas q̃ virão mais duas q̃ não puderão tomar terra por o vento lhes não ſervir. A vida eſta nova, fez Dõ Garcia a armada preſtes, & mandou por Capitão mòr della Manoel Falcão em hum navio de Duarte de Reſende, em outro ia Franciſco de Caſtro, & em hũa fuſta Diogo da Rocha, & Cachil Daroez com a armada da terra. Chegados à nao, mandarão diante Franciſco de Caſtro que ſervia de Ouvidor, com hũa carta de Dom Garcia, para o Capitão da nao, & cõ offerecimentos, pedindolhe que vieſſe à Ternate, ao que elle reſpondeo com corteſia, & boas palavras. E vindo todos à vella, & ſendo tanto avante com hũa ponta da Batochina, a tempo que ſe ajuntarão à viſta com os noſſos, ſobreveo hum chuveiro em conjunção que a nao paſſou ſem ſer viſta, & foi ſeu caminho dereito à Tidore, com pilotos que trazia da terra, onde ſe recolheo; & metterão a nao em hũa calheta por eſtarem mais ſeguros, porque bem entenderão os Caſtelhanos com a viſta da noſſa armada, que os não ia demandar com bom propoſito, & diſto ſe queixavão deſpois; mas Dom Garcia ſe eſcuſava que era armada

*Eſtà Camafo na Moratoja, cujo Sangue era vaſſallo d'el Rei de Tidore.*

que sempre trazia na Costa,em guarda da terra. D'ahi à dez, ou doze dias veo à Dom Garcia hum Castelhano, & sobre a vinda,& estada destes novos hospedes, ouve grande referta, se verião à fortaleza,& deixarião de cõprar o cravo.Mas vendo Dõ Garcia q̃ cõ elles não avia nenhũa conclusão, & que o cravo era per elles posto em grande preço,despois de despedido este mẽsageiro,com o parecer dos q̃ cõ elle estavão determinou de ir em pessoa ver,se com boas palavras podia trazer comsigo a gente desta nao Castelhana.Era Capitão della hum Martim Inhiguez de Carquizano Biscainho,por morte de Fr. Garcia Iofre de Loaisa cavalleiro da ordem do Hospital de S.Ioão Capitão geral de hũa armada q̃ partira da Coruñha o anno de M.D.XXV.[a] Martim Inhiguez como entendeo a tenção de Dom Garcia, que era pelejar com os Castelhanos,se não viessem para elle à sua fortaleza, se fez prestes para o q̃ succedesse.Davalhe animo saber o pouco poder, & pouca gente q̃ Dõ Garcia tinha, de q̃ os da terra o informavão,como homẽs que dos Castelhanos esperavão mais proveito,assi por o maior preço q̃ lhe davão pelo cravo,& mais drogas,como por as grãdes promessas q̃ lhe fazião,de os liurarem,& vingarẽ dos Portugueses;& assi a primeira cousa q̃ os Castelhanos fizerão foi entopir a calheta q̃ lhe não podessem tomar a nao,& fizerão de pedra,& barro hũa casa, & hũ baluarte da mesma materia,em q̃ puserão toda a sua artelharia.

Dom Garcia vendo o estado em q̃ se os Castelhanos punhão,determinou de ir à elles,deixando Manoel Falcão por Capitão da fortaleza,& ordenou sua armada,mandando que Diogo da Rocha Capitão da fusta,levasse hũa bõbarda grossa para cõ ella poder entrar pela calheta,& Manoel Lobo em hum batel grãde cõ hum camelo & sua mãta,& Diogo Roiz de Azevedo em hũ calaluz com hũa espera. Na armada de Cachil Daroez ia embarcado Dõ Garcia,& Martim Correa, & toda a gente,cõ determinação, q̃ Dom Garcia em pessoa requeresse ao Capitão Castelhano,q̃ se viesse à fortaleza, onde lhe seria feita toda a cortesia,& q̃ não quisesse estar em terra de seus inimigos,q̃ pareceria ser hum delles,& quãdo não quisesse,per armas o obrigasse à vir.Não ouve lugar de Dom Garcia fazer este requerimento; porque os Castelhanos como sentirão as nossas embarcações, & que se chegavão ao recife que era a defensão da nao, dispararão a sua artelharia, com

a. *Esta armada mandou apresta̅r o Emperador Carlos V. para mandar às Ilhas de Maluco,despois que sem resolução se desfez hũa jnnta de Iuristas, Astronomos, & mareantes, entre Elvas,& Badajoz,no anno de M.D.XXIIII. sobre a posse, & propriedade d'aquellas Ilhas.Era a armada de seis navios, & hũ patnxe, da qual foi per Capitão geral Fr. Garcia Iofre de Loaisa, cavalleiro da Ordem de S.Ioão,natural de Ciudad Real.Das outras naos erão Capitães Ioão Sebastião del Cano (que voltou à Espanha por Capitão da nao Vittoria, que foi a primeira que deu hũa enteira volta ao Mundo) Pedro de Vera,Dom Rodrigo da Cunha,Dom Iorge Manrique,Frãcisco de Hozes,& Santiago de Guevara. Partio esta armada da Corunha em Iulho de D.XXV. fez sua viagẽ pelo Estreito de Magalhães, o qual desembocou ao Mar do Sul no fim de Maio de D.XXVI & de toda ella sò o nao Capitaina chegou a Tidore o ultimo de Dezẽbro do mesmo anno, com morte de muita gente, d'aqual forão os principaes o Geral Fr.Garcia Iofre de Loaisa,Ioão Sebastião del Cano,& Toribio Afonso de Salazar, que hum tras outro succedeo à Loaisa na Capitania:& per morte de Salazar,foi eleito Martim Inhiguez. Antonio de Herrera na Historia das Indias Dec.3.liv.7.& 9.*

*Esta armada de Fr.Garcia de Loaisa aportou em hũa Ilha em altura de tres Graos, a quem da linha, à q̃ poserão nome S. Matheus, na qual se virão sinaes de ser ja povoada per Portugueses avia oitẽta sette annos, segundo os letreiros abertos nos trõcos das arvores:acharão n'ella larãgeiras,& outros arvores de fructo, galinhas no mato, & rastro de porcos.*

*Antonio Galvão nos descobrimẽtos das Antilhas,& India.*



com que matarão logo hum remeiro na fusta de Diogo da Rocha,& lhe quebrarão a cana do leme,ferindo o q̃ a levava, & assi se começarão à esbombardear hũs aos outros; & porque a artelharia dos Portugueses fazia pouco dãno aos Castelhanos,& à sua nao,porque com o recife senão podia bem apontar,& da sua erão os nossos mui offendidos, despois de durar o combate quasi tres horas,se afastou Dom Garcia, & per conselho de Martim Correa foi dar em hũa villa dos Mouros situada à borda da agoa, mas ella estava tam apercebida,& defensavel,com ajuda dos Castelhanos,que primeiro que Dom Garcia chegasse à pelejar, saindo Martim Correa em terra com algũs vintecinco soldados, o ferirão per duas vezes cõ virotões,& hũa cõ hum quadrello que lhe deu em hum ouvido,de que ficou quasi morto, & per toda a sua vida surdo.E vẽdo Dom Garcia o pouco que fazia,se tornou para a fortaleza, onde chegando foi certificado q̃ a nao dos Castelhanos ficara tã aberta,assi por a larga viagẽ q̃ tinha feito,como da artelharia dos Portugueses,q̃ se fora ao fũdo;pelo que Dõ Garcia determinou não fazer mais guerra aos Castelhanos,porque bastava a do tempo,q̃ os iria consumindo, & os faria vir à fortaleza,onde elle estava com desgosto,por lhe ferẽ cõtrarios todos os moradores della, por o q̃ elles perdião no cravo q̃ Dõ Garcia fazia para el Rei,& porq̃ era chegada à monção para Malaca,despedio os q̃ avião de partir para là, q̃ forão Martim Correa,ainda enfermo da sua ferida, no junco de Ioão Roiz,& Manoel Lobo em outro junco de Dom Garcia,& Duarte de Resende em hum navio pequeno que comprou por nome S.Pantalião.

Martim Correa chegou à Malaca em tempo que os moradores de Lobù(porto da Ilha de Samatra,cujo Rei, & vassallos corrião com amizade com o Capitão de Malaca) tinhão tomado avia poucos dias hũa galè,& morto Alvaro de Brito Capitão della,& settẽta homẽs q̃ levava,a qual mandara Iorge Cabral Capitão de Malaca à tomar satisfação da morte, q̃ sem causa derão os mesmos Mouros à outros Portugueses q̃ em hum navio forão trattar ao seu porto de Lobù:pelo q̃ Iorge Cabral pedio à Martim Correa q̃ quisesse ir vingar aquella affronta,& aceitandoo elle, cõ cento & vinte soldados,em algũas lancharas q̃ se armarão, atravessou à outra Costa de noute, & foi demandar o porto de Lobù, & de madrugada

*Francisco de Andrade cap. 35. da 2.parte.Diogo do Couto cap. 4.do liv. 3. & Fernão Lopez de Castanheda cap.63.do liv.7.*

„ entrarão pelo rio, & sem serẽ sentidos desembarcarão na ci-
„ dade, a qual queimarão, & cõ morte de seus moradores satis-
„ fizerão largamẽte o dãno que alli os nossos receberão, & dei-
„ xando tudo assolado, & tomada a galé que estava no rio, com
„ toda a sua artelharia, & outras muitas embarcações, & pon-
„ do fogo às que estavão em estaleiro se embarcarão para Ma-
„ laca, onde com muita festa forão recebidos.

## CAPITVLO XVI.

*Como Dom Iorge de Meneses partio de Malaca para Maluco, à servir de Capitão, & fez noua viagem pela Ilha de Borneo, & das differenças que teue com Dom Garcia Enriquez.*

AS duas naos que os Mouros de Ternate virão q̃ não podião tomar terra, & q̃ Dõ Garcia sospeitava serẽ de Castelhanos, erão de Dõ Iorge de Meneses, ao qual por muitos, & asinalados serviços q̃ fizera na India (principalmente quã do matarão Diogo Fernãdez de Beja, & elle cobrio o seu corpo, & na entrada da cava de Calecut, onde o aleijarão da mão derieta*) Dõ Enrique de Meneses o proveo da Capitania de Maluco; & porq̃ antes da sua partida fallesceo Dom Enrique, confirmou a provisão Lopo Vàz de Sampaio, & chegando Dom Iorge à Malaca achou Pero Mascarenhas que estava ja com nome de Governador da India, o qual pelas qualidades da pessoa de Dom Iorge lhe passou carta da confirmação da sua Capitania, de melhor vontade. E querendo partir de Malaca à xxij. de Agosto do anno D.XXVI. cõ sesenta homẽs, & dous navios q̃ trazia da India, em hũ dos quaes ia elle, & no outro Balthasar Raposo q̃ ia por Feitor; porq̃ avia dous caminhos para Maluco, hũ per via da Iaoa, & Bãda, q̃ he mais frequentado, mas mais cõprido, & outro mais curto per via da Ilha de Borneo, q̃ ainda não era descuberto, fez Dõ Iorge sua viagẽ per Borneo, por Pero Mascarenhas lho dar por regimẽto q̃ fosse per aquelle novo caminho para se saber, & se escusar à detẽça q̃ se fazia em Banda, esperando por as monções. E por ser Dom Iorge o primeiro Portugues que per aquella parte navegou, diremos o discurso da sua viagem.[a]

*Dec.3.liv.6.cap.9.& liv.9.c.10.

a. Diz Diogo do Couto (Dec.4.liv.4.cap.2.) q̃ o primeiro que intentõu descobrir este caminho de Malaca à Maluco per Borneo, foi Antonio de Abreu no anno de D.XXIII. per ordẽ de Antonio de Brito Capitão de Maluco; o qual Antonio de Abreu despois de andar muitos dias perdido per entre aquellas Ilhas tornou arribar à Maluco sem acabar a viagem.

Partin-



Partindo Dom Iorge de Malaca cõ pilotos Mouros, que tinhão noticia d'aquella carreira, indo costeando entrou pelo Estreito de Cincapura, que he de largura de hum tiro de berço, & tam baxo, que em muitas partes não tem de fundo seis braças, & muitas restingas que entrão hũas per outras. Aqui achou que a terra fazia hũs cotovellos, de maneira que era necessario ter grande tento para se navegar. Chegando à hũa Ilha que chamão Pedrabranca, que he mui demandada dos pilotos d'aquellas partes, fez sua derrota à Ilha que os da terra chamão Pulugaia, que quer dizer Ilha do Elefante, pela figura que mostra em seu aspecto. D'aqui per outras muitas Ilhas, de que aquelle mar he muito sujo, chegou à de Borneo, ao porto da cidade, que està em cinco Graos de altura da parte do Norte, & despois de mandar presentes à el Rei, & el Rei à elle, fez seu caminho per entre muitas Ilhas, & restingas, que estão na parajem de Borneo, em sette Graos, cousa muito perigosa, & que se não pode navegar senão de dia, cõ hum marinheiro na gavea vigiando os baxos, sem ter mais noticia delles, que a que asinala a agoa onde branqueja, chegou à Ilha de S. Miguel, que os da terra chamão Caguahão, & passou à Ilha Mindanao, & foi per entre ella, & à Ilha Taguima, q̃ he alem deste canal, onde se Dõ Iorge ja avia por salvo do perigo delle. E como aqui os vẽtos, & as agoas em Outubro, & Fevereiro cursão muito cõtra Leste, & os pilotos não fossem muito certos, escorrerão à Ilha do Moro, a q̃ tambẽ chamão Batochina, ao lõgo da qual jazẽ as Ilhas de Maluco, fim da sua jornada; & andãdo pela parte do Norte para tomar esta Ilha do Moro, sem os ventos q̃ vinhão per cima della lhe darem lugar, foi visto per aquelles q̃ de suas naos derão as novas à Dõ Garcia. D'ahi foi discurrẽdo atè ir às Ilhas de hũs povos a q̃ chamão Papuas,[a] à q̃ muitos por esta ida de Dõ Iorge chamão Ilhas de Dõ Iorge, q̃ estão à Leste das Ilhas de Maluco distãcia de dozẽtas legoas. Mas aq̃lla onde elle invernou q̃ era de bõ porto se chama Versija, a qual està debaxo da linha Equinoccial. Vindo o tẽpo da mõção, estas naos de Dõ Iorge se metterão sempre debaxo da linha; porq̃ por ella vinhão à dar em Maluco, & chegarão à hũa Ilha q̃ os da terra chamão Meunsù, & à outra à q̃ chamão Bufù, q̃ està mais à Leste, à qual poserão nome dos Gràos, por os muitos q̃ n'ella acharão. D'alli vierão por a parte do Sul da Batochina à cidade Ogane, & passa-

a. Os Papuas, q̃ em lingoa dos naturaes quer dizer negros, porq̃ o são elles como os Cafres, com cabello revolto, de grãdes & crespus grenhas, são magros, feios, rijos, & aturadores do trabalho, & mui habiles para toda maldade & traição. Entre elles hà muitos surdos, & outros tãbrãcos & louros como Alemães, os quaes vem mui poco. Tem todas estas Ilhas Reis, & hà n'ellas ouro, do qual nũca tirão os Papuas mais q̃ o q̃ hão mester para joias. Diogo do Couto cap.3. do lib.7.

& passarão entre ella,& a Ilha da Garça, que he ja do senhorio dos Reis de Maluco:& indo assi ao longo da Batochina, vendo todas as Ilhas do cravo, chegarão à Ternate ao derradeiro dia de Maio de M.D.XXVII. De maneira, que poserão de Malaca até Ternate oito meses, & nove dias, em distancia de quinhentas legoas que ha, indo per caminho dereito, & cõ estas voltas, & rodeos andarão mais de mil, tã deficil, & trabalhosa he aquella navegação.

Tanto que Dõ Iorge chegou, foi entregue da fortaleza de Ternate, & da terra, assi como estava de guerra, sem Dõ Garcia nisso ter duvida nẽ differença: mas não tardou muito que a não tivesse; por Dom Garcia querer trazer de Maluco algũs officiaes da fortaleza, & não querer vir pela via de Borneo, como Dom Iorge lhe notificara por parte de Pero Mascarenhas, para se saber, & continuar aquella navegação: o q̃ Dom Garcia recusava, por o muito q̃ ganhava vindo per Banda (q̃ era a carreira ordinaria) onde pretẽdia carregar de noz & maça. E posto q̃ Dõ Iorge importunado, & desobedecido de Dõ Garcia lhe veo à cõceder q̃ viesse per Banda, & deixasse a nova viagẽ de Borneo, não se satisfazia Dõ Garcia; porque sempre se avia de saber que não viera pelo caminho q̃ Pero Mascarenhas, como Governador, mandava.[a] Não perderão esta occasião os inquietos, q̃ da discordia destes dous fidalgos pretẽdião interesse, porq̃ assi a semearão entre elles, q̃ de altercações vierão à palavras injuriosas, & de palavras à obras, prendendo Dom Iorge em ferros à Dom Garcia, & despois de solto Dõ Garcia, & serẽ ambos reconciliados, per meio de maos terceiros, & falsos conselheiros, Dom Garcia prẽdeo ao mesmo Capitão Dõ Iorge de Meneses, por tã mà maneira, & tã desonesto tratamento, como se fora hum vil malfeitor, sendo Dõ Iorge hũ fidalgo de grãdes qualidades, & mui cavalleiro, que se estivera solto, & cõ armas, o não ouverão de prender. Sobre esta prisão Simão de Vera Alcaide mòr da fortaleza, & os amigos de Dõ Iorge se retirarão aonde chamão a terra alta, que he na mesma Ilha, & mandarão dizer à Dõ Garcia, q̃ soltasse à Dom Iorge, senão que convocarião os Tidores, & os Castelhanos, & ô irião tirar da prisão. Com esta determinação, foi assentado, que Dõ Iorge fosse solto, debaxo destas condições: Que Dom Iorge avia de dar à Dom Garcia o navio de Pero Botelho, para sua embarcação, & avia de deixar ir

a. *Não querẽdo Dõ Garcia fazer sua viagẽ per Borneo, parecendo à Dom Iorge ser necessario avisar ao Capitão de Malaca das cousas succẽdidas em Ternate, & q̃ se fizesse a viagẽ per Borneo, para se descobrir cõ particularidade aquelle novo caminho, mãdou á este effeito em hũa coracora Vasco Lourenço, Diogo Cão, & Gõçalo Velloso, cavalleiros mui honrados, cõ ordẽ que em Borneo assentassem cõmercio cõ el Rei, à quẽ enviou hum presente: entre as peças delle avia hum panno de Raz, de figuras grandes, q̃ representavão o casamẽto d'el Rei Enrique VIII. de Inglaterra cõ a Rainha Dona Caterina sua molher. Chegarão estes Portugueses á Borneo, onde acharão hũ junco, de q̃ era Capitão hum Afonso Pirez: fallarão à el Rei, de quem forão bem recebidos, & appresentando lhe Vasco Lourenço as peças que lhe levava, abrindose o panno, vendo el Rei hũa cousa tam desacostumada, sospeitando q̃ aquellas figuras erão encãtadas, q̃ lhe querião metter em casa, para de noute o matarem, & lhe tomarem o Reino, mandou que logo lho tirassem d'alli, & os Portugueses se fossem do seu porto, q̃ não queria na sua terra outro Rei senão elle. E posto q̃ Afonso Pirez, q̃ era seu conhecido, & algũs Mouros procurarão tirar el Rei d'aquella imaginação, dizendolhe o q̃ aquellas figuras significavão, não puderão. E assi Afonso Pirez se tornou para Malaca, com quem foi Vasco Lourenço, & os seus companheiros voltarão na coracora para Maluco.*

*Diogo do Couto liv. 4. cap. 2. & 4. & Francisco de Andrade. 2. parte, cap. 32. & Fernão Lopez de Castanheda cap. 55. do libro. 7.*



ir o mesmo Pero Botelho com quantos estavão no navio, & que avia de dar licença que todos os que erão de parte de Dõ Garcia se fossem com elle, sem lhes embargar suas fazendas, & que se avião de romper todos os autos; & devasas q̃ erão tiradas; os quaes capitulos avião de jurar solemnemente Dõ Iorge, & Dom Garcia. E que despois de ido Dom Garcia para Talangame com todos os que avião de ir com elle, viria Simão de Vera, & os outros da facção de Dõ Iorge, & o soltarião. Dõ Garcia mãdou diante seu fato, & os q̃ o avião de acõpanhar; & primeiro q̃ se partisse da fortaleza, fez encravar a artelharia, para q̃ lhe não tirassem com ella.[a] Ido Dõ Garcia, entrarão Simão de Vera, & seus companheiros, & soltarão à Dom Iorge com muito prazer delles, mas não de Dom Iorge que estava mui triste, & sentido da offensa q̃ se lhe fizera: polo que mãdou logo ao Ouvidor que fizesse autos de tudo o q̃ passara, & pedio instrumẽtos de como no tẽpo que estivera preso se apoderarão os Castelhanos da Ilha de Maquiẽ, por não aver quem lha defendesse, no q̃ el Rei de Portugal recebera muita perda por aver n'ella muito cravo, & mandou fazer hum requerimento à Pero Botelho, q̃ se fosse à fortaleza, porq̃ tinha muita necessidade do seu navio, por causa da guerra dos Castelhanos: mas deste, & d'outros requerimentos não fez caso Pero Botelho, nẽ Dõ Garcia, os quaes se partirão para Malaca; & Dõ Iorge mãdou fazer auto da desobediẽcia de Dõ Garcia, avẽdoo por alevãtado, & aos q̃ com elle ião, & fez protestos como lhes dera licẽça per força, estando fora de sua liberdade, & cargo preso em ferros, avendo tanta necessidade d'aquella gente por o estado em q̃ a terra ficava. Com estes autos, & instrumentos, & cõ cartas q̃ Dom Iorge escreveo ao Capitão de Malaca, em que lhe dava relação dos successos de Maluco, & lhe mãdava pedir soccorro de gente, mãdou Vicẽte da Fonseca àpressa em hũ navio após Dõ Garcia, escrevẽdo tãbẽ, & requerẽdo da parte d'el Rei, & da sua à qualquer Capitão q̃ em Banda estivesse enviado de Malaca, q̃ tomasse à Dõ Garcia o navio q̃ levava cõtra seu mãdado, & o prẽdesse. E enviou Gomez de Sequeira buscar mantimẽtos às Ilhas de Mindanao, o qual desgarrando com hum tempo geral descobrio muitas Ilhas juntas, em ix. para x. Graos da parte do Norte, que delle se chamarão as Ilhas de Gomez de Sequeira.

a. *Destas differenças entre Dõ Iorge, & Dom Garcia escrevem cõ particularidade Francisco de Andrade nos cap. 31. 32. 33. & 34. da 2. parte Diogo do Couto nos cap. 2. 3. & 4. do livro. 4. E Fernão Lopez de Castanheda, desde o cap. 54. ate o cap. 62. do liv. 7.*

*Diogo do Couto cap. 4. do liv. 4.*

## CAPITVLO XVII.

*Da jornada de Vicente da Fonseca à Ilha de Banda, & successos della, & da viagem de Dom Garcia Enriquez atè Cochij.*

TANTA diligencia pôs Vicente da Fonseca na viagem, que chegou à Banda primeiro que Dom Garcia, & não achando alli navios, nem Capitão à que notificasse os autos, & requerimentos de Dom Iorge, receou que chegando Dom Garcia o prendesse: mas n'esta conjunção veo Gonçalo Gomez de Azevedo (filho do Almirante Lopo Vàz de Azevedo) que o favoreceo. A causa de Gonçalo Gomez vir n'aquelle tempo foi, que sabendo Iorge Cabral, que estava por Capitão em Malaca, per Martim Correa, como os Portugueses que estavão em Maluco tinhão guerra com el Rei de Tidore, & com os Castelhanos, ordenou de lhe mandar soccorro de gente honrada, & limpa, & hũa armada de cinco navios, da qual fez Capitão mòr à Gonçalo Gomez de Azevedo; & os outros Capitães erão Gaspar Correa, Iorge Fernandez de Refoios, Manoel Botelho, & Rui Figueira. [a] Passou Gonçalo Gomez per Bintam, por mandado do mesmo Iorge Cabral; para tambem soccorrer ao senhor d'aquella Ilha, porque esperava ser cercado per Lacxemena Capitão mòr do mar d'el Rei de Campar inimigo dos Portugueses. Detevese em Bintam Gonçalo Gomez sette ou oito dias, esperãdo por Lacxemena, & vẽdo que não vinha, se fez à vella para Banda, onde chegou primeiro que Dom Garcia, & achou à Vicente da Fonseca, o qual contou à Gonçalo Gomez tudo o que Dom Garcia fizera à Dom Iorge, requerendolhe em segredo que o prendesse, & lhe tomasse o navio, que per força trouxera, cõtra os requerimentos de Dom Iorge, que delle tinha muita necessidade, por ficar de guerra com os Mouros, & com os Castelhanos. Gonçalo Gomez não deferio à prisão, dizendo, que o não podia fazer, mas que lhe tomaria o navio quando fosse tempo. E por a terra não ser segura, nem a gente fiel, fez Gonçalo Gomez hũa tranqueira onde se recolheo.

a. *Esta armada partio de Malaca na entrada de Ianeiro de M.D.XXVIII.*

A este



A este tempo chegou Dom Garcia Enriquez, & por se segurar fez outra tranqueira, & entretanto foi hospede de Gonçalo Gomez na sua. Mas quando Dom Garcia vio Vicente da Fonseca, que sabia ser amigo de Dom Iorge de Meneses, sospeitou a causa da sua vinda, & começou temer, que Gonçalo Gomez o prendesse: & mais o temeo quando vio q̃ Manoel Falcão que ia em sua companhia se passara para a tranqueira de Gonçalo Gomez de Azevedo, a quem tambẽ contou o que passara Dom Garcia com Dom Iorge, aconselhandolhe que prendesse Dõ Garcia, & lhe tomasse o navio em que ia, sendo elle o mesmo que fez com Dom Garcia que prendesse à Dom Iorge. E como era homem novelleiro, & q̃ não durava nas amizades mais que quanto à elle compria, lançou fama que Gonçalo Gomez avia de prẽder Dom Garcia por o que fizera à Dõ Iorge; o que Dom Garcia não creo, nem menos que lhe ouvesse de tomar o navio, porque levava cravo para el Rei. Gonçalo Gomez quando aos xxviij. de Abril se ouve de partir para Maluco, se foi despedir de Dom Garcia, & embarcado nos bateis, & alargado da terra, prepassando pelo navio em que Dom Garcia avia de ir, lhe metteo dentro Rui Figueira, com algũs Portugueses, & não lhe achãdo vellas, as mandou pedir à Dom Garcia, que as tinha na sua tranqueira, desculpandosse de lhe tomar o navio porque o fazia a requerimento de Dom Iorge de Meneses, Capitão de Maluco, de cuja jurdição era aquella terra, & por Dom Garcia lhas não querer dar, lhe tomou hum junco seu que lhe viera de Malaca: polo que Dom Garcia mandou logo as vellas, & queixàs à Gonçalo Gomez per Manoel Lobo, por quem avisou ao Mestre, & Condestabre, & à outras pessoas do navio, que dessem à vella derradeiro de todos, & tomassem por davante, para assi ficarem na traseira, porque entre tanto iria elle com gente, y cobraria o navio. O Mestre por comprir cõ o que Dom Garcia lhe mandava, fez que se embaraçava ao dar da vella, de maneira que ja os outros navios todos navegavão quando elle deu á vella, & fez tomar o navio por davante. Dom Garcia, que aguardava este tempo, acodio logo com muita gente em paraos, & Rui Figueira conhecendo a malicia, capeou à Gõçalo Gomez que tinha os olhos no embaraço do navio, & vendo a gẽte que ia da terra para o navio, & o capear de Rui Figueira, entendeo o que era, & mandou tirar

às bombardadas à Dom Garcia,o q̃ tambem fez Manoel Falcão. E por Manoel Lobo ir na dianteira, matoulhe de hũa bombardada dous remeiros,& à elle quebrou hũa perna, & Dom Garcia deſeſperado de cobrar o navio ſe tornou, & Rui Figueira ſeguio ſua viagem apôs Gonçalo Gomez de Azevedo,que chegou à Ternate à xij.de Maio.

Dom Garcia carregou o ſeu junco que lhe viera de Malaca, & partio para là no mes de Iulho d'aquelle anno de D.XXVIII. & veo ſurgir no porto de Panaruca, que he na Iaoa,onde eſteve tomando mantimentos,& d'alli fez ſua derrota à Malaca,& chegando à hũas Ilhas tres legoas della, mãdou pedir ſeguro à Pero de Faria (que ja entam era Capitão d'aquella fortaleza) que o não prendeſſe à elle,nem aos de ſua companhia;o qual lho deu,mas deſembarcando em terra mãdoulhe embargar toda afazenda, dizendo que lhe não dera ſeguro mais que para o não prender.[a]

Eſtando Dom Garcia em Malaca, & hũs Embaxadores d'elRei de Panaruca,que ião aſſentar paz,& amizade cõ Pero de Faria,ſe levantou hũa briga entre os criados deſtes Embaxadores,& os Malaios,à qual Dom Garcia com ſette,ou oito Portugueſes da ſua cõpanhia acudio,& apazigou,& foi cauſa de Pero de Faria lhe mandar deſembargar ſua fazenda, dando fiança de certos mil cruzados, para ſe delle quiſeſſe Dom Iorge de Meneſes algũa couſa.Não pararão aqui as aventuras que avia de paſſar a fazenda de Dom Garcia;porque vinda a monção para ir à India, partirão Iorge Cabral que fora Capitão de Malaca,& Dõ Garcia Enriquez, cada hũ em ſeu junco,cõ outros fidalgos no mes de Ianeiro de M.D.XXIX. & chegarão à barra de Cochij,& por ſer ja no fim de Março, & ventarem os Noroeſtes,Iorge Cabral entrou em Cochij, & Dom Garcia o não quis ſeguir,dizendo que avia de paſſar à Goa,em que pezaſſe ao vento,& ao mar. E por o vento ſer contrario.& o junco ir muito carregado, chegou à Baticalà com grande trabalho & perfia;& vendo que o vento avia de ſer cada vez mais forte,por ſer ja entrada do inverno, ouve por bom conſelho tornarſe à Cochij,& aſsi voltou cõ grande tormenta a barra onde ſurgio,porque por o junco ſer grãde,& ir mui carregado não pode entrar no rio. E deixando Dom Garcia o junco ſurto ſobre hũa amarra, ſe foi elle à terra; & creſcẽdo o vento,o mar ſe fez tam groſſo,que o junco ſe

a. *Fernão Lopez de Caſtanheda Cap.82.& 108.do liv.7 & Franciſco de Andrade Cap.37.da 2. parte.*



ſe foi ao fundo,com a muita agoa que lhe entrou,em que Dõ Garcia perdeo mais de cinquoenta mil cruzados que valia a fazenda que levava,ſem lhe ficar mais della que o veſtido cõ que ſaio em terra.Sobre eſta deſgraça o prẽdeo Nuno da Cunha por o que fizera em Maluco,& o mandou preſo à Portugal o anno ſeguinte: & aſsi ficarão em vão todas as diligencias que pôs por vir rico de bẽs tam fragiles, & incertos, & a temeraria promeſſa de poder mais que o mar,& o vento.

## CAPITVLO XVIII.

*Como os Caſtelhanos elegerão Capitão per morte de Martim Inhiguez,& tomarão hũa galeotta aos Portugueſes,com morte de Fernão Baldaia,& mandarão pedir ſoccorro à Nova Eſpanha,& os Portugueſes deſtruirão a cidade de Camafo.*

ESTE meſmo tempo ouve differenças entre os Caſtelhanos,ſobre a ſucceſſão da Capitania;porque falleſceo Martim Inhiguez de Carquizano ſeu Capitão, & hũs querião que foſſe Capitão Fernando de Buſtamante, que era Cõtador da armada,& dezião que trazia a ſucceſſão per regimẽto;outros querião que foſſe hum Fernando de la Torre, que ſervia de Alcaide mòr d'aquella caſa forte de pedra & barro, que elles chamavão fortaleza, & como eſte tiveſſe mais votos que favorecião ſeu partido, prendeo à Buſtamante, & teveo tanto tempo preſo,atè que per partido lhe obedeceo, & ficou por Alcaide mòr em lugar de Fernando de la Torre, & hum chamado Montemaior por Capitão do mar,& Afonſo de los Rios por eſcrivão. Vindo deſpois em Março de D.XXVIII.hum junco de Dom Iorge de fazer noz & maça para Ternate,encõtrou hũa nao[a] que partira da Nova Eſpanha,em que vinha por Capitão hum Alvaro de Saavedra, o qual não ſabendo a terra em que era aportado,vendo o navio de Dom Iorge,preguntou onde eſtava, & conhecendo os noſſos ſerem Caſtelhanos, calarãoſe, & forão dar nova d'aquella nao a Dom Iorge de Meneſes:mandou elle logo à Simão de Vera Alcaide mòr da fortaleza em hũa fuſta, & Fernão Baldaia Feitor em hum batel,que foſſem requerer ao Capitão

a. *Eſta nao era a Capitaina de hũa armada de tres navios que Fernando Cortès mãdou da Nova Eſpanha à Maluco em buſca da armada de Fr. Garcia de Loaiſa. Era Capitão Gèral deſta frotta Alvaro de Saavedra,parente de Fernando Cortès,& dos outros dous navios Luis de Cardenas de Cordova,& Pedro de Fuẽtes de Xcrez:ião n'ella cẽto & dez homẽs;levavão trinta peças de artilharia,& muita vitualha:partio do porto de Zivatlanejo veſpora de todos os Santos,do anno de D.XXVII. E deſta armada ſò a nao de Alvaro de Saavedra chegou à Maluco, & foi a primeira que fez eſta nova navegação, que pola conta dos pilotos foi de duas mil legoas.*
*Antonio deHerrera Hiſtoria das Indias,Decada.4.libro.1.& 3.*

Capitão d'aquella nao que vieſſe à fortaleza. Mas n'eſte tempo os Caſtelhanos de Tidore, ſabendo como a nao era entrada, tiverão mais diligencia, & fizerão com que a nao ſe metteſſe no porto de Geilolo; & poſto que Simão de Vera fizeſſe ſeus requerimentos, a reſpoſta que lhe derão os Caſtelhanos forão bõbardadas, & como elle eſtava ſò, & a polvorá q̃ tinha era molhada, & Fernão Baldaia não chegara à nao, tornouſſe Simão de Vera para Ternate.

A eſte tempo mandarão os moradores da Ilha de Moutel, que era do ſenhorio d'el Rei de Ternate pedir ſoccorro à Dõ Iorge, por o muito dãno que recebião dos de Tidore, mui orgulhoſos com ajuda dos Caſtelhanos, & com a vinda da nao de Saavedra. E porque os Caſtelhanos começarão fazer navios d'armada, para irem deſtruir à Moutel, mandou lá Dom Iorge à Fernão Baldaia em hũa galeotta, com trinta & tantos Portugueſes, & com elle ia Cachil Daroez com gente da terra: & como elles não podião paſſar à Moutel, ſenão à viſta de Tidore, vendo os Caſtelhanos a galeotta, com grande alvoroço ſe embarcarão em hũa fuſta que trazião preſtes, da qual foi por Capitão Afonſo de los Rios, & com a armada da terra, em que ião muitos Tidores, accõmetterão os noſſos; & deſpois de duas horas de peleja foi entrada a galeotta dos Portugueſes, em que morreo Fernão Baldaia: o qual por ſe reſtituir do erro paſſado, deſpois que de ferido & canſado não pode pelejar em pè, em giolhos pelejou em quanto teve mãos, & deſpois que ſe não pode valer dellas, pelejava cõ a lingoa, animando, & eſforçando os ſeus. Com elle morrerão outros, que deſpois cuſtarão a vida à muitos Caſtelhanos, os quaes levarão a galeotta com ſingular alegria & triumfo ſeu, & dos Mouros de Tidore.

Não avia mais que doze dias q̃ paſſara eſta deſgraça, quando chegou Gonçalo Gomez de Azevedo de Banda, com cuja vinda os Portugueſes ficarão mui contentes, & per o navio que elle tomara à Dom Garcia, mandou logo dom Iorge recado à Malaca per Simão de Vera, per via de Borneo, o qual ſe perdeo em as Illhas de Mindanao. Os Caſtelhanos apreſtarão tambem o navio de Saavedra para o mandarem com recado à Nova Eſpanha, & o carregarão com quarenta bares de cravo: & para credito da galeotta que tomarão aos Portugueſes, levava Saavedra conſigo Fernão Moreira patrão da Ribeira,



Ribeira, Iacome Ribeiro comitré, & hũ eſcrivão da fortaleza, & algũs outros q̃ forão cattivos na galeotta; & porq̃ o piloto de Saavedra era morto, levou elle em ſeu lugar à Simão d'Brito Patalim q̃ era prattico na arte de navegar, ao qual querẽdo Dõ Iorge caſtigar por culpas q̃ tinha, ſe lãçou cõ os Caſtelhanos, cõ outros dous Portugueſes, como tãbẽ ſe lãçavão os Caſtelhanos cõ os Portugueſes, quãdo ſeus Capitães os querião caſtigar. Partio Saavedra para a Nova Eſpanha à xiiij. de Iunho, & fazẽdo ſua derrota foi tomar à Ilha Hamei cẽto & ſetẽta legoas de Tidore, onde ſurgio para ſe prover de agoa, & lenha. Simão de Brito, & Fernão Moreira o patrão arrependidos do q̃ tinhão feito, determinarão de queimar o navio para q̃ Saavedra não foſſe pedir ſoccorro, & não achando para iſſo cõmodidade, furtarão o batel da nao, & quatro eſcravos que o remaſſem, & tornarãoſe com outros algũs da companhia caminho de Ternate. Alvaro de Saavedra ficando ſem batel com que ſe ſerviſſe, foi poſto em condição de ſe tornar, porẽ cõmetteo a jornada atè tomar hũas Ilhas em altura de dez Graos da banda do Norte, as quaes por ſerem mui freſcas, & cubertas de grãde arvoredo, lhe pôs nome Beljardin.[a] N'ellas ſe deteve algũs dias em que lhe entrarão os Levantes, com q̃ foi forçado arribar à Maluco, onde chegou ja no fim de Outubro.[b] Simão de Brito, & os outros Portugueſes q̃ fugirão no batel, forão de Ilha em Ilha ſofrendo tanto trabalho, & fome, q̃ de canſados ſe deixarão ficar tres delles em hũa d'aquellas Ilhas: os outros tres ſeguirão avante até a Ilha de Guarmelim que he do ſenhorio d'el Rei de Tidore, onde ſendo conhecidos q̃ erão Portugueſes, forão preſos, & levados à Fernãdo de la Torre, q̃ conhecendo q̃ erão os q̃ ião cõ Saavedra, tendo ma ſoſpeita delles, lhes deu tormẽto, & cõfeſſando a verdade, os condẽnou à morte por traidores ao Emperador. Simão de Brito foi arraſtrado, & degollado, Fernão Moreira enforcado, & o outro ficou cattivo. Os Caſtelhanos vẽdo o mao ſucceſſo da viagẽ do navio q̃ tinhão mandado à Nova Eſpanha à pedir ſoccorro, & q̃ Dom Iorge ſe avia de querer ſatisfazer da perda da galeotta, ſe aperceberão cõ cuidado. Porẽ Gõçalo Gomez de Azevedo deſpois q̃ chegou não quis entẽder em mais q̃ ẽ ſua fazẽda, & em fazer cravo, ſẽ em algũa couſa querer ajudar à Dõ Iorge, q̃ determinava ir deſtruir a cidade de Tidore, & aſsi ſem fazer nada ſe partio para Malaca à x. de Fevereiro, de M.D.XXIX.

No

a. *Eſtas Ilhas diſtão da Ilha Hamei quaſi duzẽtas & cinquoẽta legoas. Os naturaes dellas ſão brancos, de olhos pequenos, poucas barbas, como os Chiis: não avia n'aquellas Ilhas criação de aves, nẽ de gãdos: veſtião os ſeus habitadores hũs pannos feitos d'ervas: não tinhão ferro, & em lugar delle uſavão inſtrumentos feitos de cõchas de amegoas, & oſtras: peſcavão em almadias de madeira de pinho: o ſeu pão erão cocos ſecos ao ſol, q̃ na India chamão Copra: não tinhão uſo do fogo, porque nunca o virão, ſenão deſpois que os Caſtelhanos lho enſinarão.*
*Antonio Galvão, no livro q̃ fez dos deſcobrimentos das Antilhas, & India, & Diogo do Couto lib. 4. cap. 8.*

b. *Alvaro de Saavedra arribando à Tidore, fez varar a nao, & darlhe querena, & cõcertada tornou á ſair de Tidore para Nova Eſpanha no anno ſeguinte de M.D.XXIX. Fez ſeu caminho à Les nordeſte, chegou à hũas Ilhas q̃ diſtavão de Tidore mil legoas, & outras tãtas de Nova Eſpanha: d'alli correo à Nordeſte atè ſe pôr em altura de xxvj. Graos, onde morreo.*
*Proſeguirão os Caſtelhanos ſua viagem ſempre com ventos contrarios, atè hũa Ilha dos Ladrões, em altura de xxxj. Graos, mil & duzentas legoas do Maluco, de donde arribarão & chegarão à Geilolo no fim de Outubro do meſmo anno, com o navio comido de bruma, que entregarão à Fernão de la Terre.*
*Antonio de Herrera Hiſtoria das Indias Dec. 4. liv. 5. cap. 6.*

No Novbẽro d'antes, chegou à Ternate Dom Iorge de Caſtro, que de Malaca veo per via de Borneo em hum junco de Diogo Chainho Feitor q̃ fora de Malaca, & em ſua companhia Iorge de Brito em hũa fuſta, & errando a viagem veo tèr ao lõgo da Ilha de Macaçar, & della à Ternate, ſem a fuſta que não appareceo mais. [a] E porque mandando Dom Iorge em buſca della à algũas Ilhas do Moro à Gomez Aires em hũa coracora, os de Tolo, & Camafo o não quiſerão agaſalhar, nem dar de comer, mas fizerão zombaria delle, tendo agaſalhado, & banqueteado aos Caſtelhanos avia poucos dias, vindo elles de queimar hum lugar d'el Rei de Ternate por nome Chiamo: & eſta nova avia ja chegado à Dom Iorge per terra, quãdo tornou Gomez Aires, fez elle preſtes hũa armada, de q̃ mandou por Capitão Dõ Iorge de Caſtro, com atè vinte cinco Portugueſes, & com elles Cachil Daroez cõ os navios da terra; os quaes forão ſobre a cidade de Camafo, que era d'el Rei de Tidore, & a queimarão de todo, poſto que a gente com medo fugio, & ſe pôs em ſalvo. Tornados à Ternate, foi Dom Iorge de Caſtro per mandado de Dom Iorge de Meneſes à Tidore trattar pazes cõ Fernando de la Torre: mas elle, & os Caſtelhanos que com elle eſtavão ficarão tam ufanos, com o bom ſucceſſo da galeotta que tomarão, & da morte de Fernão Baldaia, & de ſeus cõpanheiros, & de outras vittorias que ouverão de algũs do Maluco, que não quiſerão vir à concerto com as condições que Dom Iorge propunha a paz, & fizerão tregoas, o que elle guardou para ſeu tempo, como ſe dira ao diante; porque deixada agora as couſas do Maluco, daremos razão das que ſe paſſarão na India.

a. *Eſta fuſta diz Franciſco da Andrade no cap. 59. da 2. parte, q̃ veo à portar à Banda.*



# LIVRO SEGVNDO
## DA QVARTA DECADA DA ASIA,
### *DE IOÃO DE BARROS.*

Governava a India Lopo Vàz de Sampaio.

## CAPITVLO PRIMEIRO.

*Como Lopo Vàz de Sampaio ſabendo que vinha Pero Maſcarenhas de Malaca, lhe mandou notificar, que não vieſſe como Governador, & que querendo entrar em Cochij foi maltratado, & ferido.*

NO MES de Dezembro do anno de M.D.XXVI. na ſegunda Oitava do Natal, chegou de Malaca hum junco à Cochij, que deu nova que vinha Pero Maſcarenhas, o que ſabẽdo Lopo Vàz, teve logo conſelho, em que ſe determinou, que ſe Pero Maſcarenhas como peſſoa privada quiſeſſe ſair em terra, o deixaſſem deſembarcar livremente, mas que ſe como Governador o tentaſſe, lho não conſintiſſem. Com eſta reſolução

ſolução mandou logo hum bargantim à Coulam com cartas à Enrique Figueira Capitão d'aquella fortaleza, & ao Feitor & officiaes, & com o traslado da ſua ſucceſſão, & hũa relação do que foi acordado; para q̃ tanto que Pero Maſcarenhas alli chegaſſe, lho amoſtraſſem, & lhe requereſſem da parte d'el Rei, & da ſua, que obedeceſſe à elle Lopo Vàz como à Governador, & fazendoo aſsi lhe abriſſem as portas da fortaleza, & deſſem todo o neceſſario; & não querendo obedecer, o não deixaſſem entrar n'ella. Outra tal ordem como a de Coulam deu Lopo Vàz à Afonſo Mexia, & logo ſe partio para Goa. E por ter a gente contente lhe mandou pagar muitos ſoldos; mas a paga que em retorno lhe derão os meſmos que receberão os pagamẽtos, foi murmurarem delle, & interpretarem ſua tenção, dizendo, que ſe pagava era por tèr os homẽs cõtentes para a vinda de Pero Maſcarenhas, o qual avião por Governador, & não à elle; & como a gẽte popular he varia, & inconſtante, & amiga de novidades, como peſſoas de baxo eſtado, que ſempre o eſperão melhorar com a mudança dos tempos; todos aguardavão a vinda de Pero Maſcarenhas, para verem em que paravão ſuas couſas.

Pero Maſcarenhas, que tomada, & deſtruida a cidade de Bintam, ſe partira para Malaca, chegou à ella à ſalvamẽto, & provendo em muitas couſas d'aquella fortaleza ſe partio para à India no fim de Dezembro, com tres galeões carregados de muita fazenda d'el Rei, & elle de vittorias, & triunfos, Chegando à Coulam, alli ſoube de Enrique Figueira (que como Governador o recebeo) como Lopo Vàz de Sampaio governava, & moſtrandolhe os papeis, & requerimentos que lhe mandava fazer, lhe contou o que na India paſſara deſde o tempo que o mandarão chamar à Malaca para governar. Do que Pero Maſcarenhas ficou mui anojado, & per conſelho de Simão Caeiro, que elle como Governador fizera ſeu Ouvidor geral, & de Lançarote de Seixas, à quẽ fizera Secretario, ſe determinou ir à Cochij, & uſar de todo rigor com Afonſo Mexia, por abrir a nova ſucceſſão, pelo que ſe pôs à caminho, & ao derradeiro d̃ Fevereiro do anno de M.D.XXVII. chegou à Cochij. Antes de ſurgir na barra, Afonſo Mexia Capitão da fortaleza, que ſobre elle tinha eſpias, ſabendo per ellas que era chegado, lhe mandou notificar pelos Iuizes da Cidade, & per Duarte Teixeira Teſoureiro, & Manoel Lobato Eſcrivão



Eſcrivão da Feitoria, a proviſão da nova ſucceſſão de Lopo Vàz de Sampaio, & a ordem que tinha ſua para não receber à elle Pero Maſcarenhas como Governador, & lhe requerer que obedeceſſe à Lopo Vàz, pois era Governador por aquella proviſão. A iſto reſpondeo Pero Maſcarenhas com muita colera, que aquella proviſão não era aſsinada por el Rei, & por tanto a não reconhecia por ſua, & que Afonſo Mexia como ſeu inimigo a poderia fãzer, & por eſſa cauſa lhe não avia de obedecer; & que os que com tal embaxada vinhão merecião ſer caſtigados, como homẽs que cõmettião traição contra ſeu Rei, pois reſiſtião à quem el Rei fizera Governador, & elles o approvarão, & chamarão: & per conſelho de Simão Caeiro ouve Pero Maſcarenhas aos Iuizes por ſuſpenſos dos officios, & lhes mandou que ſob pena de perdimento das fazendas não ſaiſſem de ſuas caſas como foſſem na cidade, & feito auto da ſua priſão, com eſta reſpoſta os mandou; & à Duarte Teixeira, & à Manoel Lobato, como peſſoas que mais inſiſtirão no requerimento, mandou prender em ferros em hum dos galeões.

Sabendo iſto Afonſo Mexia, mandou requerer à Pero Maſcarenhas, que lhe ſoltaſſe os preſos, que erão officiaes da Fazenda d'el Rei, que ſe podia perder; & de novo lhe mandou notificar a proviſão do Governador Lopo Vàz, & que ſe quiſeſſe algũa couſa delle que foſſe à Goa onde o acharia. Pero Maſcarenhas lhe reſpondeo, que ao outro dia (porque era ja quaſi noute) lhe daria a reſpoſta em terra. Afõſo Mexia ſe temeo que Pero Maſcarenhas deſembarcaſſe de noute, & entraſſe na cidade por não ſer cercada, polo que à ſom de hũ ſino que mandou repicar ajuntou todo o povo; & poſto que a mais da gente favorecia a parte de Pero Maſcarenhas, & o deſejavão ver no ſeu cargo, porque tinhão para ſi, que per dereito a governança era ſua, & que lha tiravão injuſtamente, todos porem acodirão à Afonſo Mexia poſtos em armas, para fazerem o que lhes mandaſſe, o qual lhes ordenou que foſſem vigiar a praia, para que nella não deſembarcaſſe Pero Maſcarenhas, o que elles fizerão, como ſe forão ſeus inimigos. No que ſe bem vio a lealdade de Portugueſes, que „ para ſervirem ſeu Rei, não eſpeculão ſe ſeus mandados „ ou de ſus miniſtros ſão juſtos, ou injuſtos; mas quanto „

„ as couſas ſão mais difficultoſas,& contra ſeus pareceres,& võ
„ tades,alli negão as próprias por comprir com a de ſeu Rei, &
„ ſenhor. Iſto ſe manifeſtou mais neſtes dous fidalgos competi
„ dores,& nos nobres que os ſeguião;porque cada hum delles,
„ & ſeus favorecedores ſe pegavão às proviſões d'el Rei, querẽ
„ do que ſe guardaſſem,ſem contra ellas excederẽ couſa algũa,
„ ſendo ſò a differença,& difficuldade entre elles,o entendimẽ
„ to das proviſões,& a interpretação da vontade de ſeu Princi
„ pe,cuidando cada hum que ſe abraçava com ella: & o que he
„ mais de ponderar, ſendo eſtes dous fidalgos tam animoſos, 10
„ eſtando em terras tam remotas, onde cada hum achára mui-
„ tos Reis,& muita gente d'aquellas provincias por ſi,ſe a cou-
„ ſa viera à rompimento.

Vendo pois Afonſo Mexia,que Pero Maſcarenhas determinava deſembarcar,tornou à mandarlhe muitos recados,& requerimentos,q̃ não deſembarcaſſe,porq̃ per armas lhe avia de defender a deſembarcação. Ao q̃ Pero Maſcarenhas reſpõ deo,q̃ não queria mais q̃ entrar deſarmado para ouvir Miſſa em S. Antonio,confiado q̃ como foſſe na cidade, tinha dẽtro muita gente da ſua facção q̃ lhe obedeceria: & aſsi ſe metteo 20
em dous bateis,com o ſeu Ouvidor,& Meirinho cõ varas, & todos os ſeus deſarmados,& ſem eſpadas, parecendolhe que Afonſo Mexia não quereria brigar cõ elle, vendoo em terra deſarmado: mas foi ao contrario,porque chegãdo Pero Maſcarenhas à praia,vendo Afonſo Mexia q̃ intentava deſembarcar,lho defendeo às lançadas como à inimigo, fazendo aos q̃ o acõpanhavão (entre os quaes andava elle armado ſobre hũ cavallo acubertado) metter pela agoa,mandandolhes q̃ feriſſem à Pero Maſcarenhas, & aos ſeus,& os mataſſem ſe quiſeſſem deſembarcar. Bradando Pero Maſcarenhas, que erão 30
Chriſtãos, & leaes à ſeu Rei & ſenhor, & que não tinhão armas, nem querião guerra, ſenão paz. Polo que vendo o perigo em que eſtava, & que não podia deſembarcar, & que os meſmos em q̃ elle confiava o perſeguião, ſe recolheo, bem eſcandalizado, & com duas lançadas em hum braço; & Iorge Maſcarenhas ſeu parente com hũa chuçada, & outros muitos feridos, & todos os mais enxovalhados, & eſcalavrados. Deſpois que Pero Maſcarenhas ſe recolheo ao ſeu galeão, mandou fazer autos de Afonſo Mexia, & dos moradores de Cochij, à quem mandou apregoar por 40
levan-



levantados,& traidores,moſtrando elles naquelle acto a maior lealdade,& inteireza que podia ſer,porque os que o mais ferião,por lho mandar ſeu Capitão da parte d'el Rei, erão os que o mais deſejavão de recolher, & obedecer.

Afonſo Mexia mandou logo Aires da Cunha à Goa com cartas ao Governador ſobre o que paſſara com Pero Maſcarenhas,o qual tambem eſcreveo pelo meſmo à Lopo Vàz,& à muitos fidalgos, pedindolhes que determinaſſem quem avia de ſer Governador. Partido Aires da Cunha, mandou
10 Afonſo Mexia requerer à Pero Maſcarenhas que lhe entregaſſe os galeões,& fazenda d'el Rei que trazia, & ſe quiſeſſe ir à Goa lhe daria hũa caravella; & como elle ſe determinou de não proſeguir ſeu dereito per força,ſenão per juſtiça, entregou os galeões,& a fazenda d'el Rei,& ſe paſſou com a ſua à caravella que lhe foi dada: & porq̃ não era capaz de muita gente; foràoſe muitos à terra, dos quaes Afonſo Mexia prẽdeo algũs,& entre elles Iorge Maſcarenhas ferido da chuçada que lhe derão,& preſo o mandou à Coulam. E porque Pe
ro Maſcarenhas era amigo de Dom Simão de Meneſes, foiſe
20 à Cananor para eſperar alli a reſpoſta de Goa; mas Dõ Simão tanto que ſoube que elle eſtava no porto, lhe mandou dizer, que lhe pezava muito de o não poder ſervir como pedião as razões da amizade que cõ elle tinha; porque Lopo Vàz de Sampaio,à que todos obedecião por Governador, lhe mandara,que ſe elle Pero Maſcarenhas chegaſſe à aquella fortaleza como fidalgo tam honrado,& de tanto merecimento como elle era,que o recolheſſe cõ toda a honra & corteſia poſſivel; mas que ſe foſſe com nome de Governador,q̃ o não cõ ſentiſſe; & que elle por o que compria à ſua lealdade não po-
30 dia fazer outra couſa,ſenão obedecerlhe. Pero Maſcarenhas lhe reſpondeo,q̃ não queria que quebraſſe ſua fè,& lealdade, que o que delle queria era hum catùr em q̃ foſſe à Goa, mais raſo q̃ na caravella que lhe deixaria. Dom Simão lhe mandou logo o catùr,no qual ſe partio para Goa, não levando conſigo mais que Simão Caeiro, & Lançarote de Sexas, & dous pagẽs que o ſerviſſem,eſperando que Lopo Vàz ſe poria cõ elle em juſtiça, & quando não quiſeſſe, que os fidalgos que com elle eſtavão lho fa-
rião fazer.
40

## CAPITVLO II.

*Como Lopo Vàz de Sampaio mãdou prẽder à Pero Maſcarenhas per Antonio da Silveira, & preſo em ferros foi levado à Cananor, & do que ſobre ſua priſão ſuccedeo.*

LOPO Vàz de Sampaio quando ſoube per Aires da Cunha o que Afonſo Mexia fizera à Pero Maſcarenhas em Cochij, ficou deſcanſado, parecendolhe que eſtava ſeguro na governança, & por a boa nova deu à Aires da Cunha a Capitania de Coulam, q̃ tirou à Enrique Figueira porq̃ agaſalhara Pero Maſcarenhas cõtra a ordẽ q̃ ſe lhe mandou. E cõmunicando aquelle caſo cõ Eitor da Silveira, & outros fidalgos, lhe perſuadirão q̃ lhe não compria entrar Pero Maſcarenhas em Goa; porq̃ como a mais da gente eſtava deſcontẽte de ſe abrir a nova ſucceſſão, & tinha para ſi que Pero Maſcarenhas era o legitimo Governador, ſe levantarião com elle ſe o là viſſem. Parecendo bem à Lopo Vàz eſte conſelho, eſcreveo logo ao Capitão mòr do mar per o meſmo Aires da Cunha, q̃ porq̃ compria ao ſerviço d'el Rei não ir Pero Maſcarenhas à Goa, procuraſſe de o encõtrar no mar, & lhe requereſſe da ſua parte q̃ ſe foſſe metter na fortaleza de Cananor, donde não ſairia ſem lho elle mandar; & que não querendo obedecer, deſpois de lhe fazer todos os proteſtos, & requerimentos neceſſarios, o prendeſſe, & preſo o entregaſſe à Dõ Simão de Meneſes, de quem cobraria conhecimento como o recebia. Outra carta[a] eſcreveo Lopo Vàz à Pero Maſcarenhas em reſpoſta das queixas que lhe elle eſcreveo do mao trattamento q̃ recebera em Cochij. Em que Lopo Vàz lhe dava à elle toda a culpa do q̃ lhe fora feito, pois não quiſera obedecer a ordẽ q̃ o Veedor da Fazẽda lhe mandara notificar, & por iſſo não tinha elle razão de o caſtigar, do q̃ lhe peſava muito; & q̃ quanto à verſe com elle, & cõ os fidalgos que cõ elle eſtavão em Goa, todos erão de acordo q̃ não era ſerviço d'el Rei por deſaſſeſſegos q̃ podia aver, q̃ ſerião de grande eſtorvo ao aper cebimento que ſe fazia para a vinda dos Rumes; & por tanto lhe pedia da ſua parte, & requeria da d'el Rei ſeu ſenhor, que

a. *A copia deſta carta eſcreve Diogo do Couto no cap. 6. do liv. 2.*





q̃ elle ſe foſſe à fortaleza de Cananor, como o Capitão mòr do mar lhe diria, & d'ahi mandaſſe requerer o que quiſeſſe.

Eſtas cartas deu Aires da Cunha ao Capitão mòr do mar, o qual nunca pode topar à Pero Maſcarenhas: o que receando o Governador q̃ poderia acontecer, per conſelho de Eitor da Silveira, que era o fidalgo que elle mais grangeava, aſsi por ſua peſſoa, como por tèr muitos parentes, que eſperava ſeguirião ſua parte, & com parecer de outros ſeus amigos, mandou por maior ſeguridade ſeu gẽro Antonio da Silveira, que foſſe aguardar à Pero Maſcarenhas à barra de Goa com hũa galè, & dous bargantijs para o prender, & da meſma maneira à Simão de Mello ſeu ſobrinho, com outros tantos navios à barra de Goa a velha. E como os bargantijs de Antonio da Silveira andavão por atalaias, vendo o catùr de Pero Maſcarenhas (que chegou à barra de Goa aos xvj. de Março) forão à elle, & o levarão à Antonio da Silveira, o qual recebeo à Pero Maſcarenhas com muita corteſia, & lhe diſſe, que o Governador mandara que indo elle alli o não deixaſſe paſſar, & lhe tomaſſe a homenagẽ, & o levaſſe preſo à Cananor, por ſe eſcuſarem inquietações. Ao que Pero Maſcarenhas reſpõdeo, que elle não avia de dar ſua homenagem, antes lhe requeria que o deixaſſe ir à Goa para ſe ver com Lopo Vàz, & requerer ſua juſtiça. O q̃ Antonio da Silveira não conſentio, & o prẽdeo em ferros q̃ lhe mãdou lãçar pelo meirinho, pedindo lhe perdão, & deſculpãdoſe por lhe ſer aſsi mãdado: & per Simão de Mello foi levado à Cananor, & entregue à Dõ Simão de Meneſes. Forão tãbẽ preſos cõ Pero Maſcarenhas Simão Caeiro, & Lançarote de Sexas, & levados à Goa, onde eſtiverão na cadea carregados de ferros, como incitadores da revolta de Cochij, & conſelheiros de Pero Maſcarenhas.

Entre tanto q̃ Antonio da Silveira era ido à encontrar Pero Maſcarenhas, os da ſua facção vendo ajuntar tanta gẽte q̃ ſe embarcava para o prẽder, em vozes altas ſe queixavão, & de noute o fazião em parte q̃ o Governador ouviſſe. Outros ſe forão queixar ao Guardião de S. Franciſco, q̃ era homẽ letrado, Caſtelhano de nação, pedindolhe eſtranhaſſe ao Governador o q̃ uſava cõtra Pero Maſcarenhas. O Guardião lhes reſpõdeo, q̃ Lopo Vàz tinha a juſtiça por ſi, & q̃ o provaria o dia ſeguinte na prègação. Aſsi o fez à outro dia, cõ muitas razões deſpois de lèr a proviſão de Lopo Vàz, dizendo mais q̃

alem de lhe imporem falſo teſtemunho, comettião deslealdade à ſeu Rei, couſa tam deſacoſtumada de Portugueſes, cuja lealdade para ſeus Principes, fora ſempre maior que de todas outras nações: ſobre iſto fez requerimẽtos ao Vigairo géral, que ouveſſe por eſcomungados aos que o contrario dizião. Acabada a prattica, Pero de Faria Capitão de Goa lhe pedio a ſucceſſão, & a beijou, & pôs na cabeça, dizẽdo, que à obedecia, & pergũtádo à todos q̃ eſtavão preſentes ſe fazião outro tanto, reſponderão que ſi, & deſta approvação, & do parecer do Guardião, mandou fazer hum auto, & per ordem do Governador o foi aſsinar o Ouvidor geral, por os fidalgos que ſe acharão na prègação, & que diſſerão que obedecião à proviſão. E por Dom Vaſco de Lima, & Iorge de Lima não quererem aſsinar, & ſe moſtrarem parciaes de Pero Maſcarenhas, forão preſos ſobre ſuas homenagẽs.

Com eſta diligencia, & com a priſão (que à ella ſe ſeguio) de Pero Maſcarenhas, ſe ouve Lopo Vàz por ſeguro, parecẽdolhe que ſe avião quietado os vandos, & deſaſſeſſegos em q̃ a gente de Goa andava. Mas não o deixarão eſtar muito tẽpo quieto. Porque Chriſtovão de Souſa Capitão de Chaul, ſabẽdo como Lopo Vàz de Sampaio queria proceder com Pero Maſcarenhas, & que o mandava aguardar na barra de Goa para o prenderem, com parecer do Feitor, Alcaide mòr, & officiaes da fortaleza, & dos fidalgos que com elle eſtavão, que erão muitos, eſcreveo hũa carta [a] à Lopo Vàz (q̃ lhe derão deſpois da priſão de Pero Maſcarenhas) em que lhe dezia: que para ſe apagarem as diſſenſões que começavão à naſcer ſobre a preferencia da ſucceſſão do governo, cõpria pôrſe em juſtiça, por o perigo em que ſe punha o eſtado da India, principalmente em tempo em que cada dia ſe eſperavão os Rumes, para o que era neceſſario accreſcentar o poder, & não diminuilo dividindoſe a gente, que em ſi era pouca, cuja perdição eſtava certa; porque ſe grandes Imperios feitos, & arreigados ſe perderão por ſerem diviſos, que ſe podia eſperar de hum que entam começava, & que tinha as raizes tam pouco fundadas, & o ſoccorro em lugar tão remoto: & que o deſengava, que elle não avia de obedecer à quem ſe não poſeſſe em dereito. Era Chriſtovão de Souſa hum fidalgo de muita qualidade, em ſua peſſoa mui eſforçado, & mui humano, de gentil converſação, & de condição alegre, & fami-

*a. A copia deſta carta eſcreve Diogo do Couto no cap. 7. do liv. 2.*



& familiar com todos; & não ſòmente eſplendido na cõtinua meſa q̃ dava, mas no ſoccorro q̃ do ſeu dinheiro fazia aos q̃ o não tinhão; polo que em Chaul invernavão mais numero de fidalgos, q̃ em nenhũa outra parte da India: & como elle tinha tanta autoridade, & tantos do ſeu bando, ficava muito de vẽtagẽ a parte à que elle ſe acoſtaſſe; & aſsi a ſua carta fez muito abalo no Governador quando a vio, entendendo per ella q̃ não eſtava pacifico no cargo; & per conſelho de ſeus amigos, à que em ſegredo moſtrou aquella carta, eſcreveo à Chriſtovão de Souſa, como Pero Maſcarenhas eſtava preſo, com approvação de todos os fidalgos, & Capitães da India, q̃ à elle Lopo Vàz reconhecião por Governador, polo que lhe pedia quiſeſſe conformarſe com os mais, & obedecelo, pois q̃ não avia diviſão, nem ſe podia recear, & que lhe rogava quiſeſſe eſcrever à Pero Maſcarenhas, que deſiſtiſſe da pretenſão do governo. Como Chriſtovão de Souſa não pretendia mais q̃ quietação, folgou de ſe conſeguir tam pacificamẽte. Mas por parte de Pero Maſcarenhas, peſoulhe muito ſer com ſua priſão, porque a não tinha por juſta. Porem, conſiderando que della reſultava dãno particular à elle, & não ao publico, & q̃ querendoo ẽmendar, era contra o bem cõmũ; porque vindo os Rumes poderião ganhar a India, achandoa dividida: de conſelho dos q̃ cõ elle eſtavã reſcreveo [a] à Lopo Vàz de Sápaio, dizendolhe, que no que eſtava feito, não avia neceſsidade de ſeu parecer, q̃ ſempre deſejara ver quietação n'aquelles negocios, & aſsi eſtava contente de ſe acabarem tanto em paz, que elle o obedeceria como Governador que era; & eſcrevia à Pero Maſcarenhas hũa carta que mandava aberta, para que a viſſe, & mandaſſe ſe quiſeſſe. N'ella lhe dezia, per muitas razões, que era ſerviço de Deos, & d'el Rei, & honra ſua, eſtar preſo, & que tiveſſe muita paciencia na priſão, como de homem tam valeroſo, & eſforçado ſe eſperava; porque Deos o ordenava, para que a India ſe não perdeſſe, cõ as ſedições q̃ começavão aver, q̃ fora melhor ſerẽ ambos mortos, q̃ aver cõpetencias tã perigoſas, q̃ ſe lembraſſe que Lopo Vàz de Sampaio eſtava de poſſe de ſeu governo, & q̃ alem de ſer approvada pelo juizo de muitos homẽs de ſão entendimẽto, dous frades letrados, & prègadores per juramẽto affirmarão nos pulpitos, q̃ a juſtiça eſtava per elle, & que não tornar n'eſte caſo per ſua hõra, era maior hõra, & não ſer Governa-

*a. As copias deſtas duas cartas que Chriſtovão de Souſa eſcreveo à Lopo Vàz de Sampaio, & à Pero Maſcarenhas, eſcrevem Fernão Lopez de Caſtanheda no cap. 31 do liv. 7. & Diogo do Couto no cap. 7. do liv. 2.*

dor era merecer ante el Rei que lho galardoaria. Tambem eſcreveo à Dom Simão de Meneſes,& à outros fidalgos ſobre o meſmo.

Não pezou à Pero Maſcarenhas com aquella carta, porque por ella entendia que Chriſtovão de Souſa não avia ſua priſão por juſta,ſenão por não aver ciſma,& diviſão nos Portugueſes, & aſsi não deſconfiou de alcançar que ſe poſeſſe Lopo Vàz com elle em dereito,ſe Dom Simão o ſoltaſſe, em q̃ via ja algũas moſtras de o vir à fazer, alem de lho prometter. Polo que ſe atreveo à mandar ao Governador hum requerimento,[a] per hũ publico taballião de Cananor, perque lhe pedia, que ſe poſeſſe com elle em juſtiça, & lhe não tomaſſe ſeu officio per força;proteſtando pelas perdas, & dãnos, & intereſſes,& que lhe ſoltaſſe Simão Caeiro,& Lançarote de Sexas,que tinha preſos ſem culpa,para requererem ſua juſtiça. Lido eſte requerimento, o Governador o rompeo com muita indinação,perque o taballião ſe foi fugindo à Cananor ſem eſperar reſpoſta. E porque paſſando Lopo Vàz pela cadea,Simão Caeiro, & o Sexas com grande clamor lhe requererão os mandaſſe ſoltar para requerer a juſtiça do Governador Pero Maſcarenhas,os mandou carregar de maiores ferros,& mãdou pregoar ſobpena de morte que ninguẽ chamaſſe à Pero Maſcarenhas Governador: o qual ſabendo como Lopo Vàz de Sampaio rompera o requerimento, & não dera reſpoſta,pedio ao meſmo taballião diſſo hum inſtrumẽto;& deſte ſucceſſo ſe eſcandalizou tanto Dom Simão, parecendolhe que Lopo Vàz tomava a governança per força, que em ſeu animo determinou de lhe deſobedecer.

a. *A copia deſte requerimento eſcreve Diogo do Couto no cap.7.do liv.2.*

## CAPITVLO III.

*Como Lopo Vàz de Sampaio mandou prender à Eitor da Silveira, & outros fidalgos ſeus parentes,& amigos,& a cauſa que ouve para iſſo.*

ERA tanta a autoridade de Chriſtovão de Souſa,& o reſpeito que todos lhe tinhão, que como elle não reprovou a priſão de Pero Maſcarenhas, todas as diſſenſões, & bandos que avia ſobre a preferencia dos Governadores ceſſarão,



ceſſarão,& começou Lopo Vàz,como homem que ja eſtava quieto empregarſe todo no apercebimento para a vinda dos Rumes. Mas não tardou muito que lhe não ſuccedeſſe outro novo ſobreſalto. Porque Eitor da Silveira,que era hum fidalgo mui principal por ſua nobreza,peſſoa,& valor,que ſeguia as partes de Lopo Vàz,lhe veo à pedir a Capitania de Goa para ſeu primo Diogo da Silveira,a qual tinha Pero de Faria, q̃ eſtava provido de Malaca por el Rei. Ao que o Governador reſpondeo,q̃ na eſcolha de Pero de Faria eſtava ter a Capitania de Goa,ou deixala,polo que elle não o podia obrigar ir à Malaca cõtra ſua vontade, mas que lhe fallaria niſſo, & querendo ir à Malaca lhe daria a Capitania de Goa. E dizendo q̃ lhe fallara, reſpondeo á Eitor da Silveira, que Pero de Faria não queria ir à Malaca. Iſto não creo Eitor da Silveira, mas pareceolhe que por a neceſsidade que Lopo Vàz tinha de gẽte,& de amigos,não queria alongar de ſi à Pero de Faria, que era ſeu grande amigo:& eſcandalizado da reſpoſta,lhe pedio, que pois Pero de Faria não queria ir à Malaca,lhe deſſe aquella fortaleza para ſeu primo, pois como Governador a podia dar,& ella cabia muito bem nos merecimentos de Diogo da Silveira; do que ſe eſcuſou Lopo Vàz, dizendo, que folgara de lha poder dar,mas que não podia, porque Iorge Cabral a ſervia,por lha dar Pero Maſcarenhas ſendo em Malaca jurado,& obedecido por Governador,por o que Iorge Cabral a não quereria largar ſem proviſão de Pero Maſcarenhas,& indo Diogo da Silveira ſem ella,ſeria renovar ſedições em Malaca,como avia na India, & que lhe peſava muito de lhe pedir couſas que não podia fazer com juſtiça,a qual elle na governança em que eſtava determinava guardar em tudo à todos. Eitor da Silveira lhe diſſe, que folgava muito de lhe ver tam bõos propoſitos,bem differentes do que as mas lingoas andavão publicando, que elle não queria guardar juſtiça à Pero Maſcarenhas, a qual ſe não guardava, daria occaſião à gente de cuidar que tomava o governo per força; & aſsi que viſſe bem o que fazia,porque elle ſempre avia de ſer em favor da juſtiça. E deſpois de aver entre ambos algũs debates, & Lopo Vàz ſoltar algũas palavras com colera, Eitor da Silveira ſe foi anojado;& cõmunicando com ſeus parentes, & amigos o que paſſara com Lopo Vàz de Sampaio, como algũs delles lhe não tinhão boa vontade, aſſentarão todos que elle

elle tinha uſurpado o cargo ao Governador, & que era razão que ſe determinaſſe per juſtiça à quẽ pertencia, & que não era honra ſua obedecerem à quem cõmettia força, tendo elles jurado outro Governador. Para iſto convocarão outros fidalgos que tiveſſem ſua opinião, de que forão eſtes os principaes, Dom Triſtão de Noronha, Dom Iorge de Caſtro, Dõ Antonio da Silveira, Dom Enrique Deça, Iorge da Silveira, Franciſco de Taide, Dõ Franciſco de Caſtro, Iorge de Mello, Diogo de Mirãda, Aires Cabral, Simão Sodrè, Martim Vàz Pacheco, Vaſco da Cunha, Nuno Fernandez Freire, & Simão Delgado Quadrilheiro môr; & como virão eſtes fidalgos, que os da Camara de Goa, & muitos cidadãos erão de ſeu parecer, logo eſcreverão à Pero Maſcarenhas per terra, dizendo, que devia de trabalhar com Dom Simão que o ſoltaſſe, & ſe vieſſe à Goa, & ſendo preſente requererião ao Governador ſe poſeſſe com elle à dereito, & que não querendo, o deſobedecerião, & darião a obediencia à elle Pero Maſcarenhas.

A carta ſendo aſsinada per todos, que fazião numero de duzentos & ſeſenta, couſa que Pero Maſcarenhas não eſperava, elle a moſtrou à Dom Simão de Meneſes, & lhe deu tantas razões, que Dom Simão lhe prometteo que o ſoltaria ſe aquelles fidalgos perſeveraſſem em ſeguir ſua parte. Cõ eſta promeſſa, & carta, tomou Pero Maſcarenhas mais animo, & começou à frequentar requerimẽtos cõ o Governador, atè q̃ lhe reſpondeo, q̃ lhos não mãdaſſe mais, q̃ não ſe avia de pôr em juſtiça com elle em couſa que não tinha duvida. Avida eſta reſpoſta, Pero Maſcarenhas a mandou à Eitor da Silveira, eſcrevendolhe, que pois Lopo Vàz ſe não queria pôr em juſtiça com elle, lhe pedia que elle, & os da ſua valia fizeſſem o que lhe tinhão eſcritto, & offerecido; o que ſe com brevidade não effeituaſſem, que por o verão ſe ir chegando, verião as naos de Portugal, com que ficava Lopo Vàz de Sampaio com muito maior poder, porque os Capitães, & a mais gente dellas, não avião de obedecer ſenão ao Governador q̃ achaſſem de poſſe; & que eſtava certo, que Lopo Vàz o mandaria preſo nas meſmas naos ao Reino, & aſsi ficarião fruſtradas todas ſuas eſperanças, & os favores que lhe querião fazer na ſua pretenção. E porque o Governador Lopo Vàz fazia pouco caſo dos requerimentos de Pero Maſcarenhas, eſcreveo elle à Camara de Goa, [a] os fizeſſe em ſeu nome à Lopo Vàz,

*a. Eſtes proteſtos, & a reſpoſta que à elles deu Lopo Vàz de Sampaio, ſe podẽ ver nos capitulos nove & dez do ſegundo livro da Decada quarta de Diogo do Couto.*



Vàz, requerendolhe, que ſe poſeſſe com elle em juſtiça, o q̃ fazendo, & avendo per reſpoſta ameaços, Eitor da Silveira, & os fidalgos de ſua facção fizerão outro per eſcritto, q̃ mandarão ao Governador per Manoel de Macedo com hum Eſcrivão, o qual acabando de o ler, Lopo Vàz com grande ira, mãdou prender na cadea entre os homẽs baxos à Manoel de Macedo, ſendo homem fidalgo, & ao Eſcrivão arrepelou, & eſpancou.

Ao eſcandalo que Eitor da Silveira, & Diogo da Silveira tinhão do Governador, ſe ajuntou a violencia de que uſava, não ſofrendo que lhe pediſſem fizeſſe de ſi juſtiça, & ſe poſeſſe à dereito com Pero Maſcarenhas. Polo q̃ elles aſſentarão de o prender, & o fizerão ſaber aos officiaes da Camara, para lhe acodirem com armas quando compriſſe. Iſto ſe publicou logo, & como o Governador o ſoube, determinou de prender à Eitor da Silveira, & aos fidalgos da ſua valia, & aſsi ao dia ſeguinte mandou Antonio da Silveira ſeu genro, & Simão de Mello ſeu ſobrinho, & outros ſecretamẽte armados, que foſſem tomar as ruas que ião à caſa de Eitor da Silveira, para deter os que lhe quiſeſſem acodir, & à Pero de Faria como Capitão da cidade que os foſſe prender, & elle ſe pôs à cavallo na rua dereita, para mandar gente em ſeu ſoccorro, ou acodir elle em peſſoa ſe compriſſe. Como o rumor andava ja pelo povo, que o Governador queria prender Eitor da Silveira, aquella manhãa ſe forão os da liga à ſua caſa, & muita gente à ſua porta, & chegando Pero de Faria à ella, Eitor da Silveira ſaio à janella, & perguntandolhe que queria, lhe diſſe Pero de Faria, que o vinha prender, que lhe deſſe a homenagem, ao que Eitor da Silveira reſpondeo, que lha não queria dar, & q̃ o fizera como mao fidalgo, em aceitar aquella cõmiſſão. Sendo o Governador certificado diſto, per recado de Pero de Faria, chegou à preſſa, & da rua lhes diſſe que ſe deſſem à priſão, elles reſponderão, que não darião, que era ſeu inimigo capital, por lhe dizerem que fizeſſe juſtiça de ſi. E vendo o Governador que ſe não querião dar à priſão, apeãdoſe do cavallo, tomou hũa lança, & hũa adarga, com muita ira quis ſobir acima onde aquelles fidalgos eſtavão. Mas repreſentandoſſe à Eitor da Silveira os grandes males que ſe ſeguirião d'aquella reſiſtencia, & lembrandolhe o ſerviço d'el Rei, movido mais da lealdade que lhe devia, que do odio que tinha ao Gover-

vernador,ſe deu à priſão,& ſe derão os mais q̃ com elle eſtavão:& Pero de Faria os levou à fortaleza, onde o Governador os foi eſperar,& lhes tomou as homenagẽs. E porq̃ via q̃ algũs d'aquelles fidalgos não tinhão mais culpa que ſerẽ amigos de Eitor da Silveira,& por os tèr por amigos,mandou os para ſuas caſas;ſòmente à Eitor da Silveira,Diogo da Silveira,Dõ Antonio da Silveira,& Dõ Iorge de Caſtro por ſerem os principaes d'aquella opinião,deixou eſtar preſos na fortaleza;& à Iorge de Mello,& Aires Cabral, por homẽs ſoltos de lingoa,& inquietos,mandou preſos em ferros à fortaleza de Benaſterim.E no fim de Agoſto, querendo mandar à Eitor da Silveira,& aos ſeus tres companheiros à Cochij, elles requererão cõ grande inſtancia,& proclamarão,q̃ o Governador os mandava em tempo tam aſpero,& tempeſtuoſo ſò para morrerem no mar,polo que deixou de os mandar, & os teve à bom recado,& aſsi dizem que o tinhão elles ſobre ſi.

## CAPITVLO IIII.

*Como Pero Maſcarenhas foi ſolto, & obedecido por Governador per algũs Capitães.*

SABENDO Pero Maſcarenhas da priſão de Eitor daSilveira & dos mais fidalgos da ſua opinião, & do mao tratamento que fazia Lopo Vàz de Sampaio, à quem lhe fallava em pôr em juizo ſua governança,requereo com grande inſtancia à Dom Simão de Meneſes que o ſoltaſſe,& o reconheceſſe por legitimo Governador, o que não foi muito de acabar com elle,pelo eſcandalo q̃ tinha da priſão d'aquelles fidalgos; & diſſe à Pero Maſcarenhas, que não tinha que era honra obedecer per violencia à Lopo Vàz de Sampaio, & que à elle queria dar a obediẽcia. E para que não pareceſſe que ſò per ſua vontade ſoltava Pero Maſcarenhas,& lhe obedecia pela de todos,o ſoltou,& o levou à Igreja, & juntos os officiaes da Iuſtiça,& Fazenda,fidalgos,& toda a mais gente,hum taballião em voz alta leo a ſucceſſão de Pero Maſcarenhas,que foi aberta ao tempo que Dom Enrique de Meneſes falleſceo;& o auto que ſe fez da governança temporaria à Lopo Vàz de Sampaio, em quanto Pero Maſcarenhas não



não vinha de Malaca; & a carta do Veedor da Fazenda,perque o mandou chamar,& a ſucceſſão de Lopo Vàz, com todos os autos da reſiſtencia que ſe à Pero Maſcarenhas fez em Cochj.Deſpois de lidos,diſſe Pero Maſcarenhas,que lhes mãdara lèr tudo aquillo,para que viſſem, que ſendo elle eleito para Governador da India por el Rei,approvado per ſeus officiaes,& Capitães,& chamado delles,fora ſem razão deſpojado da governança,afrontado,ferido,& preſo em ferros como traidor,quãdo eſperava mais favor de todos, vindo vittorioſo cõ a deſtruição d'el Rei de Bintam.E que para mais evidencia de Lopo Vàz de Sampaio ſe levantar cõ a India, prendera aos fidalgos principaes della cõ tãto rigor, por lhe requererem ſe poſeſſe em juſtiça,& caſtigava todos os q̃ tal lhe requerião.Cauſando tamanha diſcordia en tẽpo q̃ o Eſtado da India eſtava tã arriſcado cõ a vinda dos Rumes, q̃ lhes pedia fizeſſem cõ Lopo Vàz q̃ ſe poſeſſe cõ elle em juizo,ou lhe tiraſſem a obediẽcia,& a deſsẽ à elle,& não o fazendo,fez muitas proteſtações. Todos os que eſtavão preſentes reſponderão,que não avia que requerer,nem que proteſtar,que elles à hũa voz o reconhecião por Governador, & logo o jurarão por tal com grande feſta. Como eſta nova ſe ſoube, muitos fidalgos,& outras peſſoas q̃ lhe erão afeiçoados ſe vierão para elle,aſsi de Cochij,como de outras Capitanias,por terẽ por mui juſtificada a ſua cauſa.Quando Lopo Vàz ſoube q̃ Pero Maſcarenhas era ſolto,& obedecido d'algũs por Governador,ſe teve por mal aconſelhado,em o aver fiado de outrẽ,& tirado de Goa,ou de Cochij.Polo que receandoſe, que elle ſe vieſſe metter em Goa, mandou à Simão de Mello ſeu ſobrinho, que foſſe guardar a barra de Goa a velha, com tres navios,porque por alli lhe pareceo que vieſſe Pero Maſcarenhas, ao qual mandava que prendeſſe,& o levaſſe à Goa.

*Frotta da India do anno de M.D.XXVII.*

Neſta conjunção aportarão na barra de Goa em xvj. de Agoſto as duas naos da invernada do anno paſſado, de que erão Capitães Antonio de Abreu, & Vicente Gil, & em Settembro chegarão tres naos de viagem da companhia de cinco que partirão de Portugal em Março d'aquelle anno de D.XXVII. Das duas que faltarão, ião por Capitães Manoel de la Cerda, & Aleixo de Abreu, que ſe perderão na Ilha de São Lourenço,de cujo naufragio, & ſucceſſo diremos adiante: & das tres que chegarão à ſalvamento, erão

erão Capitães Christovão de Mendoça, irmão da Duquesa de Bragança Dona Ioanna de Mendoça, filhos de Diogo de Mendoça Alcaide mòr de Mourão, que ia provido da fortaleza de Ormuz na vagante de Diogo de Mello, & Balthasar da Silva, & Gaspar de Paiva, & nestas naos forão embarcados Dõ Ioão Deça cunhado de Lopo Vàz de Sãpaio, q̃ levava a Capitania de Cananor, & Francisco Pereira de Berredo a de Chaul. Aos quaes Capitães fez Lopo Vàz as mesmas perguntas sobre a justificação do seu governo, que fizera aos Capitães das naos do anno passado (como atras dissemos) & elles lhe derão a mesma resposta que os outros, approvando a sua posse.

Pero Mascarenhas como se vio favorecido, mandou à Chaul Francisco Mendez de Vasconcellos, pedir à Christovão de Sousa da sua parte, & da de Dom Simão, & dos officiaes da Camara, que requeresse à Lopo Vàz se posesse em justiça sobre a governança; porque não convinha ao serviço d'el Rei aver dous Governadores, & que se não soccedesse à isso, que lhe tirasse a obediencia: o mesmo mandarão requerer â Lopo Vàz, & escreverão aos fidalgos presos, offerecendolhes Pero Mascarenhas, que poria a vida sobre sua soltura. Chegou Francisco Mendez à Goa, & deu os requerimentos que levava ao Secretario, & as cartas aos fidalgos, & passou à Chaul, onde entregou os papeis que lhe derão em Cananor à Christovão de Sousa, pelos quaes constandolhe dos muitos requerimentos que se fizerão à Lopo Vàz de Sampaio per parte de Pero Mascarenhas, & o que fez à quem lhos apresentou; & como Pero Mascarenhas estava obedecido em Cananor por Dom Simão, & o fora ja de todos os fidalgos, & Capitães da India quando se abrira a successão, propôs tudo aos officiaes da fortaleza, & aos muitos fidalgos q̃ por sua causa invernarão em Chaul, os quaes da prisão de Eitor da Silveira, & seus companheiros estavão mui escandalizados, & de cõmun acordo se assentou, que Christovão de Sousa obedecesse à Pero Mascarenhas em quanto Lopo Vàz se não quisesse pôr com elle à dereito, & que quando se posesse, daria a obediẽcia à quem a justiça declarasse por legitimo Governador; & que isto se fizesse logo antes que Lopo Vàz adquirisse mais forças, ou succedesse a vinda dos inimigos. O q̃ Christovão de Sousa não recusou fazer per o perigo q̃ podia correr o estado



o estado da India avendo divisões, polo que escreveo à Lopo Vàz de Sampaio, a razão porque dera a obediencia à Pero Mascarenhas, & a condição com que o fizera. A esta carta não respondeo Lopo Vàz, & logo lhe quis tirar a Capitania, de que Francisco Pereira de Berredo vinha provido do Reino. Para o que ordenou hũa armada, de que fez Capitão mòr Antonio da Silveira, & lhe mandou que fosse à Chaul, & requeresse a Christovão de Sousa que lhe entregasse à elle a armada que là estava, & a Capitania à Francisco Pereira q̃ com elle ia, por ser o tẽpo de Christovão de Sousa acabado. Christovão de Sousa resentido de Lopo Vàz não responder à sua carta, não deixou desembarcar à Antonio da Silveira, & ao que Lopo Vàz mandava respondeo, que o não avia de fazer, porque tinha mandado em contrário de Pero Mascarenhas seu Governador; & feitos muitos requerimentos per Antonio da Silveira, & protestos per Frãcisco Pereira, se tornarão sem o effeito da jornada.

## CAPITVLO V.

*Do que Antonio de Miranda de Azevedo, & Christovão de Sousa ordenarão para Lopo Vàz de Sampaio, & Pero Mascarenhas de sestirem do governo, & se porem em dereito.*

DESPOIS de partido Antonio da Silveira de Goa para Chaul; vindo Antonio de Miranda de Azevedo Capitão mòr do mar da India, de Cochij para Goa, foi de caminho tèr à Cananor, para saber o estado d'aquella fortaleza; & estando no mar, lhe mandou dizer Pero Mascarenhas por Dom Simão de Meneses, como elle estava solto, & obedecido por Governador pelo mesmo Dõ Simão, & per Christovão de Sousa Capitão de Chaul, & pela mòr parte dos fidalgos, & soldados que na India andavão, que lhe requeria q̃ lhe desse à elle tambem a obediencia, pois Lopo Vàz de Sãpaio não queria que se posesse em juizo a preferencia da governança, & de seu absoluto poder a usurpava, & vẽdose sem armada, veria à succeder no que era justiça. Antonio de Miranda cõsiderando que a total ruina do Estado da India, seria aver

aver nella ciſma de dous Governadores, & diviſão da gẽte Portugueſa, que em ſi era pouca, & os inimigos naturaes, & eſtrangeiros ſem numero, reſpondeo à Pero Maſcarenhas q̃ o não podia obedecer como Governador, atè ſe não ver com Lopo Vàz, & ſaber delle ſe ſequeria ſõmetter à juizo de arbitros, & que não o querendo elle outorgar, em tal caſo obedeceria à elle Pero Maſcarenhas, de que lhe deu hum eſcritto [a] de ſua mão, em que lhe fazia preito, & homenagẽ de aſsi o comprir.

a. *A copia deſte eſcritto, referem Fernão Lopez de Caſtanheda no capit. 43. do livro 7. & Diogo do Couto no cap. 7. do livro 3.*

Chegando Antonio de Miranda à Goa, ſabendo Lopo Vàz como dera aquelle eſcritto, lho eſtranhou com muita aſpereza, & ameaços que faria outro Capitão mòr do mar, & elle ſe iria para Pero Maſcarenhas, porem não ouſou por não accreſcentar o eſcandalo, & as diſſenſões que avia, & o mandou logo à Chaul para ajudar à Antonio da Silveira que fora pedir a armada à Chriſtovão de Souſa, & depolo do cargo de Capitão, & entregalo à Franciſco Pereira. E quando chegou à Chaul partia para Goa Antonio da Silveira com a reſpoſta que acima diſſemos, à quem fez eſperar atè ſe ver com Chriſtovão de Souſa, ao qual mandou dizer que compria à ſerviço d'el Rei vereníe ambos; Chriſtovão de Souſa lhe reſpondeo o meſmo que diſſera à Antonio da Silveira, & em ſeu nome, & dos fidalgos que com elle invernavão, lhe mandou requerer, que acodiſſe à força que ſe fazia à Pero Maſcarenhas, & que pois eſtava em ſua mão fizeſſe com Lopo Vàz que outorgaſſe o que tantos lhe pedião, & pacificaſſe a India, & ſobre iſto lhe mandou fazer tantas proteſtações, que lhe pareceo à Antonio de Miranda que convinha ir à fortaleza à verſe com Chriſtovão de Souſa, & aſsi o fez. E como eſtes dous fidalgos não procuravão outra couſa que o ſerviço d'el Rei, & a paz, & união entre os Portugueſes, determinaraõſe em obrigar à Lopo Vàz que deſiſtiſſe da governança, atè ſe julgar à quem pertencia. Polo que deſpois de muitos diſcurſos, aſſentarão que aquella cauſa ſe julgaſſe per juizes arbitros, & que eſtes foſſem ſette, hum delles o meſmo Antonio de Miranda, & os outros Dom Ioão Deça, Franciſco Pereira de Berredo, Balthaſar da Silva, Gaſpar de Paiva, Fr. Ioão de Alvim da ordem de S. Franciſco, & Fr. Luis da Vittoria da Ordem de S. Domingos.

Aſsinalados os juizes (os quaes ficarão em ſegredo entre eſtes



eſtes dous Capitães com juramento atè ſer tempo de ſe declararẽ, para que os dous competidores o não ſoubeſſem) ordenarão hũas Capitulações, [a] ſobre ſegurança das peſſoas de Chriſtovão de Souſa quando foſſe à Goa; & de ſeus parentes, amigos, & criados, & de Lopo Vàz de Sãpaio, & de Pero Maſcarenhas. Que o q̃ dlles ficaſſe julgado por Governador, não desfaria o q̃ o outro tiveſſe feito, nẽ entẽderia na peſſoa, & fazenda do outro, nẽ de ſeus criados, parentes, & amigos. E q̃ tanto que Chriſtovão de Souſa, & Antonio de Miranda chegaſſem à Goa, Eitor da Silveira, Dom Iorge de Caſtro, & Dõ Antonio da Silveira, & todos os mais q̃ por cauſa de Pero Maſcarenhas eſtiveſſem preſos, ſerião ſoltos; & q̃ aquella cauſa ſe avia de determinar em Cochij, onde ambos os cõpetidores ſe ajuntarião, como peſſoas privadas; tendo deſiſtido cada hum do officio de Governador, atè ſe determinar per ſentença qual delles o ſeria. E que Lopo Vàz iria deſde Goa entregue à Antonio de Miranda, & em Cananor ſe lhe entregaria Pero Maſcarenhas, & querendoo elle levar no ſeu galeão, ſe entregaria Lopo Vàz à Chriſtovão de Souſa, ou à Dom Simão de Meneſes, para o levarem no navio em que foſſem. Eſtas, & outras muitas ſeguranças, & cautelas ſe capitularão; as quaes ao outro dia juntos todos na Igreja, moſtrarão, & lèrão ao Feitor, Alcaide mòr da fortaleza, officiaes, & fidalgos q̃ invernarão nella; dãdolhe relação da cauſa porq̃ as fizerão, & q̃ viſſem o que lhes pareciã, & o que ſe avia de accreſcentar, ou diminuir, requerendolhes que lhe ajudaſſem à pòr em effeito aquella obra, os quaes todos a louvarão muito, & derão os agradecimentos à Chriſtovão de Souſa, & à Antonio de Miranda, de que ſe fez auto publico, que todos aſsinarão.

a. *Eſtas Capitulações eſcreve Fernão Lopez de Caſtanheda no cap. 44. do livro 7.*

Chriſtovão de Souſa deixando entregue a fortaleza à Alvaro Pinto Alcaide mòr della, ſe partio com Antonio de Miranda, & Antonio da Silveira para Goa, onde chegados, dando conta Antonio de Miranda ao Governador Lopo Vàz de Sampaio, diante do Ouvidor gèral, & Secretario do aſſento que tinhão tomado, & das Capitulações que tinhão feitas, ſe anojou muito; porque como elle era de animo ſenhoril, & altivo, & eſtava de poſſe do governo à ſeu parecer juſtamente, per proviſões d'el Rei, parecialhe que ſe lhe fazia violencia, & deſacato, ſem elle niſſo intervir, fazerem

contrattos,& determinações ſobre ſua peſſoa;polo que com moſtras de muita colera diſſe, que não ſe queixava ſenão de ſi meſmo, pois ſe fiara delle Antonio de Miranda deſpois que dera o eſcritto à Pero Maſcarenhas,& que fizera mal de ordenar aquelle concerto para eſcuſar ſedições,& alvorotos, que per eſſe meſmo caminho ſe ſuſcitarião maiores. Antonio de Miranda que emeſtremo deſejava a quietação cõmũ, & evitar perigos em que o Eſtado da India eſtava que ſò dependia de abrandarem a dureza de Lopo Vàz,lhe deſcobrio contra o juramento que fizera quem erão os juizes que eſtavão nomeados;com o que Lopo Vàz ſe deſanojou. E acõſelhado de ſeus amigos, vendo que de neceſsidade ja ſe não podia deixar de pòr em juizo, ſem riſco de perder a governança,pelos juramentos que eſtavão feitos de deſobedecerem à parte que recuſaſſe,diſſe à Antonio de Miranda, que conſentia nas capitulações,com condição que os juizes não avião de ſer mais de ſette,nem outros ſenão os que eſtavão nomeados, de que lhe pedio hum aſsinado,que elle lhe deu, & que ficando Pero Maſcarenhas por Governador, não tiraſſe a Afonſo Mexia nenhũ dos officios que tinha,& o entregaria ſeguro ao Governador que foſſe de Portugal. Contente Chriſtovão de Souſa de tudo, os fidalgos preſos forão ſoltos, & ſe fizerão juramentos de parte de Lopo Vàz, & de Pero Maſcarenhas; & tẽdo ambos deſiſtido do governo,vierão à Cochij,& no mar eſtiverão eſtes dous competidores em arrefẽs atè ſe dar ſentença. Lopo Vàz entregue à Antonio da Silveira na nao S. Roque, & Pero Maſcarenhas à Diogo da Silveira na nao Flor de la mar.

(2.)

CAPI-



## CAPITVLO VI.

*Das differenças que ouve ſobre accreſcentarem à cauſa de Lopo Vàz de Sampaio, & Pero Maſcarenhas mais juizes dos que forão nomeados à principio, & como ſe deu a ſentença em favor de Lopo Vàz.*

NÃO Querendo Chriſtovão de Souſa que Fr. Ioão de Alvim foſſe hum dos juizes,& que em ſeu lugar ſe accreſcentaſſem cinco, que erão Lopo de Azevedo que viera aquelle anno de Portugal, Antonio de Brito, que fora Capitão de Maluco, Nuno Vàz de Caſtelbranco, Capitão que fora do navio do trato de Sofala, Triſtão de Gà, & Baſtião Pirez Vigairo gèral da India, por quam ſoſpeitos tinha os ſette nomeados em favor de Lopo Vàz, arriſcou com eſta innovação o effeito do que eſtava aſſentado, & ficar o negocio em pior eſtado, & perigo que antes. Porque Lopo Vàz quando lho diſſe Antonio de Miranda, não confiando dos juizes que ſe accreſcentavão, ſe indinou muito contra elle, queixandoſe que o trouxera enganado de Goa, & o fizera deſiſtir do governo, & ſobre iſſo lhe diſſe outras palavras aſperas, que Antonio de Miranda prudentemente ſofreo, por os deſejos que tinha de ver paz na India. Finalmente, deſpois de muitas altercações, que chegarão à termos de ſe querer averiguar aquella cauſa com as armas, Lopo Vàz veo à conſentir nos juizes, & reconciliado com Antonio de Miranda, lhe pedio perdão das palavras que com elle paſſara.

Ao ſeguinte dia, Chriſtovão de Souſa, & Antonio de Miranda, com o Ouvidor gèral, & o Secretario, ſe forão ao Moſteiro de Sãto Antonio, de Religioſos de São Franciſco, & alli diante dos mais dos fidalgos que eſtavão em Cochij nomearão os onze juizes referidos. Antonio de Miranda, que não eſtava ſeguro da ſatisfação que Lopo Vàz teria delles, polo aquietar, lhe pareceo

bem que se accrecẽtasse m mais dous juizes,& que fossem Fr. Ioão de Alvim,& Bras da Silva de Azevedo,mas Christovão de Sousa vendo a desigoaldade que avia nos votos contra Pero Mascarenhas sendo ja a seu requerimento excluido por sospeito Fr. Ioão, não queria consentir na nomeação dos dous juizes; porem cansado das novidades que cada dia naquelle negocio recrecião, obrigado dos desejos da paz, que sempre procurou,sem dar parte à Pero Mascarenhas, que estava certo que não consentiria, deu o seu consentimento. Polo que dizendose logo hũa Missa foi dado juramento aos juizes, que bem, & verdadeiramente julgassem aquella causa,& recolhidos com o Secretario, que servio de escrivão do processo, apparecerão ante elles Dom Vasco Deça procurador de Lopo Vàz de Sampaio,& Simão Caeiro procurador de Pero Mascarenhas, que com as procurações que mostrarão de ambos,offereceo cada hum as razões de dereito de seus constituintes.

Appresentouse logo aos juizes hum longo razoado [a] de Afonso Mexia, em que tratava os inconvenientes que na India se seguirião de Pero Mascarenhas governar, & nelles se conhecia tèr tanto odio contra Pero Mascarenhas, quanta amizade mostrava tèr à Lopo Vaz. Outros apontamentos se offerecerão por parte de Pero de Faria Capitão de Goa, & outros pola do Licenciado Ioão de Osouro Ouvidor gèral da India, em que requerião o mesmo.Entrou tambem hum procurador da Camara de Cochij, que em nome da cidade requereo aos juizes da parte de Deos,& d'el Rei não julgassem a governança à Pero Mascarenhas, porque era seu inimigo capital,& como tal os tinha ameaçados, pelo que sendo elle Governador despovoarião a cidade, & se irião para os Mouros, porque com nenhũas promesas, & juramentos que fizesse se terião por seguros.E assi na noute antes d'aquelle dia em que os juizes entrarão em despacho, todos os moradores de Cochij,por a offensa, & resistencia que fizerão à Pero Mascarenhas, & por as ameaças que elle lhes fez de os castigar como traidores se viesse à governar à India, andarão com suas molheres, & filhos pelas Igrejas em procissão descalços,com muitas lagrimas,& devação, pedindo à Deos inspirasse nos juizes que não julgassem a governança à Pero Mascarenhas.

a. *A copia deste razoado escreve Fernão Lopez de Castanheda no cap. 49. do livro.7.*





Os juizes ouvidas as partes, derão seus votos, & sendo os mais em favor de Lopo Vàz,se escreveo a sentença, [a] perq̃ julgarão,q̃ Lopo Vàz de Sãpaio governasse a India, & Pero Mascarenhas se fosse para o Reino, para onde lhe seria dada embarcação cõforme à qualidade de sua pessoa:& quãto aos ordenados do officio de Governador ficasse reservado para el Rei o determinar no Reino, como lhe parecesse, & tudo o mais q̃ cada hũa das partes quisesse requerer. Esta sentẽça se deu aos xxj.deDezẽbro d'aq̃lle anno de M.D.XXVII.& assi nada pelos juizes Antonio de Mirãda,Dõ Ioão Deça,Bras da Silva, & Triftão de Gà,se forão à nao onde estava PeroMascarenhas,& entrados dẽtro o Secretario lha publicou, a qual PeroMascarenhas como magnanimo q̃ era ouvio cõ o rostro mui seguro,sem mostra de algũa alteração,o que seus amigos não fizerão,que todos ficarão mui tristes. Despois forão os mesmos publicar a sentença à Lopo Vàz de Sampaio, que a ouvio com muito prazer, & dando muitas graças aos juizes, pedio outra vez perdão à Antonio de Miranda do que passara com elle. Os de Cochij que estavão solicitos se se daria a sentença ao contrario, fizerão muitas festas, o que aos da outra parte dava muita paixão, receando o tratamento que Lopo Vàz lhes faria ficando na India.E por elle os assegurar desta sospeita, antes que desembarcasse ao outro dia pela manhãa em hum catùr correo toda a frotta, pedindo à todos que se alegrassem com elle,& cressem que tinhão nelle hum grande amigo na India,& no Reino com S.A. para lhe representar seus serviços, & que aos que forão da facção de Pero Mascarenhas,tinha em mui boa conta,por proseguirem com tanto valor o que lhes parecera que era justiça, que o mesmo esperava fizessem por elle quando compriste, & que servissem com elle à el Rei com aquelle mesmo animo, & se fossem à descansar. Do que lhe todos derão as graças, & com elle forão à terra acompanhandoo,onde foi recebido cõ muita festa, & levado à Igreja debaxo de hum palio, & alli fez muitos comprimentos aos fidalgos que lhe forão contrarios, com que se segurarão para ficar na India.

Neste tempo forão acabadas de carregar as naos que avião de vir à Portugal, & se partirão, & em hũa dellas veo Pero Mascarenhas entregue à Antonio de Brito que vinha por Capitão della, & o fora de Maluco; & primeiro que

a. *Traslado da sentença.*
*Vistos por os juizes estes autos, & o que per elles se mostra,& vistos nossos asinados, em que cada hum declarou sua tenção,julgamos por nossa diffinitiva sentença, q̃ Lopo Vàz de Sampaio governe, & seja Governador nestas partes da India, & Pero Mascarenhas se và embora para o Reino de Portugal, & lhe será dada embarcação,segũdo a qualidade de sua pessoa.E quãto aos ordenados dos sobreditos, fique para el Rei Nosso Senhor o julgar,como lhe bem parecer, & assi tudo o mais q̃ cada hũ delles quiser requerer no Reino.*
*Fernão Lopez de Castanheda cap. 50.do liv.7.*

Pero Maſcarenhas partiſſe, mandou citar ao Governador Lopo Vàz para ante el Rei por o civel, & crime que contra elle eſperava alcançar, & lhe eſcreveo que ficavão Caſtelhanos em Maluco, que ſoccorreſſe à Dom Iorge de Meneſes cõ gente, & munições para defenſão d'aquella fortaleza. As naos chegarão em ſalvo à Portugal, & Pero Maſcarenhas foi d'el Rei bem recebido, & lhe deu a Capitania de Azamor, onde eſteve algũs annos, & vindo para Portugal ſe perdeo no mar.[a]

a. *Iodo de Barros eſcreveo as differẽças entre Lopo Vàz de Sampaio, & Pero Maſcarenhas, com tanta brevidade, em dous pequenos capitulos, q̃ fica ſendo a noticia dellas diminuta, polo que pareceo dalla enteira nos ſeis capitulos paſſados, porem menos dilatadamente do que as eſcreverão Fernão Lopez de Caſtanheda no livro. 7. Diogo do Couto nos livros. 2. 3. & principio do 4. & Franciſco de Andrade, na 2. parte, deſde o capit. 11. atè o 28. onde ſe poderão lèr com mais particularidades.*

## CAPITVLO VII.

*De algũas armadas que Lopo Vàz deſpachou, & como ſoccorreo a fortaleza de Ceilam, que eſtava cercada, mandado à ella Martim Afonſo de Mello.*

ENDO SE Lopo Vàz de Sampaio fora das inquietações, & diſcordias em que andava com Pero Maſcarenhas, & deſpachada a armada para o Reino; pareceolhe neceſſario ordenar outra para elle ir ao Eſtreito queimar as galès dos Rumes, que alli eſtavão, de cujas differenças, & poucas forças, & morte de Raez Soleimão, elle ja ſabia, como atras diſſemos. E pondo em conſelho eſte ſeu intento, lhe foi contrariado como da outra vez, & ſe aſſentou nelle, que não convinha ir o Governador fora da India, em tempo que el Rei de Calecut tinha apreſtados muitos paraos ſeus, & feita armação com muitos coſſarios, com que podia fazer muito grande dãno, em auſencia do Governador; & que para queimar as poucas galès dos Rumes que eſtavão em Camaram, baſtava mandar hũa armada ao Eſtreito. Com eſta reſolução aparelhou Lopo Vàz hũa armada, que entregou à Antonio de Miranda de Azevedo Capitão mòr do mar da India, & deſpachou Pero de Faria para ir à Malaca ſervir de Capitão d'aquella fortaleza (na vagante de Iorge Cabral, q̃ tinha ja acabado ſeu tẽpo) q̃ partio em Abril đ M.D.XXVIII. & de que ja começamos fallar no primeiro livro, diſcorrendo pelas couſas de Malaca, & Maluco, para onde ia, em companhia do meſmo Pero de Faria, Simão de Souſa Galvão, em



em hũa galè, de cuja jornada adiante diremos. E aſsi eſpedio à Dom Ioão Deça para ir tomar poſſe da Capitania da fortaleza de Cananor, de que do Reino viera provido, & para guardar a coſta aquelle verão, na qual andavão muitos paraos de Malavares.[a]

a. *Apreſtou outra armada de ſeis catùres, & fuſtas de que fez Capitão Manoel da Silva, para guardar a coſta de Goa atè Chaul. E à Ioão de Flores mandou com hũa caravella, hũa barcaça, & tres fuſtas à recadar a renda da peſcaria do aljofar, à quẽ ac cõmetterão vinte paraos de Mouros, não tendo Ioão Flores conſigo as fuſtas, & o matarão, & à todos os Portugueſes, & queimarão os navios. Franciſco de Andrade cap. 30. da 2. parte.*

Outra armada ordenou à Martim Afonſo de Mello Iuſarte para ir fazer a fortaleza de Sunda, que Franciſco de Sà (como temos ditto) por o mao ſucceſſo que ouve, não pudera fazer. E por o Governador, & elle recearem, que para aquella jornada não acharião gente que quiſeſſe ir por o que là à Franciſco de Sà acontecera, lançarão fama, que a armada era para ir fazer preſas na coſta de Tanaçarij, & Pegù, por là ſerem lançados algũs navios de Turcos, & naos de Mouros, que per entre as Ilhas de Maldiva fazião ſua viagem à aquellas partes, fugindo de noſſas armadas. Como eſta nova ſe ſoube, ſe alvoroçou a gente com a eſperança das preſas, parecendolhe que ſeria neſta ida Martim Afonſo tambem fortunado, como fora o anno paſſado na armada em q̃ fora às Ilhas de Maldiva, onde ſe fez muito proveito. Na qual viagem abrio Martim Afonſo nova navegação das Ilhas de Maldiva para Goa, fazendoſe na volta de Socotorà, & deſpois de eſcorrer todos os baxos das Ilhas arribando ſobre Goa.

Apreſtada a armada de oito vellas groſſas,[b] & de algũs navios de remo, das quaes forão Capitães Antonio Cardoſo, Franciſco Ferreira, Duarte Mendez de Vaſconcellos, Franciſco Velho, Ioão Lobato, Manoel da Veiga, Manoel Vieira, Ioão Coelho, Vaſco Rebello, & Thome Rodriguez, nella ſe embarcarão quatrocentos homẽs: & eſtando para partir, vierão novas ao Governador como Boenegobago Pandar Rei da Cota em Ceilã, eſtava cercado de Patemarcar Capitão mòr d'el Rei de Calecut, o qual pelos ſeus portos de mar lhe fazia muito dãno, em odio dos noſſos, & em favor de Madune Pandar irmão do meſmo Rei da Cota, polo que ſendo neceſſario ſoccorrer aquelle Rei, por ſer vaſſallo d'el Rei de Portugal, mandou o Governador à Martim Afonſo, que logo partiſſe, & paſaſſe por Ceilam, & ſoccorreſſe à el Rei Boenegobago Pandar. Martim Afonſo fez a viagem como ſe lhe ordenou, & chegou à Columbo, onde ja não achou Patemarcar, que tendo novas da noſſa armada

b. *Eſta armada era de onze vellas de remo, das quaes hũa era galè, & outra galeotta. Diogo do Couto cap. 5. do liv. 4.*

se metteo pelos rios da Ilha em partes, que os nossos navios por serem grandes não podião ir à elles, & o Madune Pandar levantou o cerco qui tinha posto ao irmão.[a]

Martim Afonso por não perder sua monção, não se quis detèr em Ceilam, & com muito proveito que fez de de navios de Mouros que alli ouve, partio, & foi tèr à Calecare, onde se vio com o senhor da terra, & assentou com elle o trato da pescaria do aljofar, que se pesca naquelles baxos de Ceilam, à hum preço certo, & com obrigação que pagaria cada anno tres mil pardaos, com que o Governador da India mandasse dar guarda aos pescadores do aljofar no tempo da pescaria, da qual entam andava por Capitão Diogo Rebello com algũs navios. E porque os moradores de Care, lugar vezinho de Calecare, onde tambem se pesca o aljofar, matarão à Ioão Flores Capitão da guarda d'aquella pescaria, Martim Afonso passou là, & o destruio, & d'alli se foi à Paleacate.

a. *Estes dous irmãos, & outro que se chamava Reigam Pãdar erão filhos de hum irmão de Dramapracara Mabago Rei de Ceilã, per cuja morte outro seu irmão chamado Boenegabo Pandar, lhe matou tres filhos q̃ lhe ficarão de pouca idade; & usurpou o Reino; & para o possuir sem cõtradição, & ser absoluto senhor delle, determinou de matar à estoutros tres sobrinhos, & enteados seus, porque estava casado com a molher de seu irmão, cujos filhos elles erão. Os moços q̃ já tinhão idade para entender à intenção do tio, com ajuda de quem lhes maior bem queria q̃ elle, o matarão, tomarãolhe o Reino, & o dividirão entre si. Boenegobago Pandar q̃ era maior ficou com o titulo de Rei da Cota, Madune Pandar com o Estado de Ceitavaca, & Reigam Pãdar com o de Reigam. Gozarão estes tres irmãos seus Estados em amizade algũs annos, atè a morte de Reigam Pandar, q̃ el Rei tomou o q̃ elle possuia, & Madune desejava, sobre q̃ se começarão á desavir estes dous irmãos, & à contender abertamẽte, pretendendo Madune de sobir ao supremo dominio d'aquella Ilha, para o que intentava todos os meos para o conseguir. Esta era a causa da guerra entre elles, na qual se el Rei ajudava dos Portugueses em sua defensão, & Madune dos Malavares, para seus intentos.*
*Diogo do Couto Deca. 5. liv. 1. cap. 5.*

## CAPITVLO VIII.

*Do que soccedeo à Martim Afonso atè se perder na Ilha de Negamale, & como foi cattivo.*

DETEVESE Martim Afonso algũs dias em Paleacate (onde estava por Capitão Ambrosio do Rego) tomando roupas, & outra fazenda, que lhe era necessaria para a jornada que ia fazer; & ao tempo que naquelle lugar se estava apercebendo, acertarão de vir de Cochij per terra algũs patamares, que são correos de pè, que em seu modo andão tanto como cà os nossos correos à cavallo; os quaes derão novas da armada de Martim Afonso, que tanto que se elle partio de Cochij, se publicou que elle ia fazer a fortaleza de Sunda, & não as presas de Tanaçarij. E a causa porque se rompeo este segredo, foi, que estando Martim Afonso lendo entre si o regimento que levava, ficavalhe nas costas delle hũa cota que dezia: Regimento de Martim Afonso de Mello do que ha de fazer na jornada de Sunda; aonde agora vai; a qual cota lendo quem estava junto delle, a divulgou, & assi se veo à publicar o lugar onde ia. Como o soubesse a gente da sua companhia, & se achou enganada, se começou amotinar, & fugir algũa, porque quanto foi o alvoroço com que partirão para as presas de Tanaçarij, tanto foi o desgosto de os levarem à Sunda. Polo que comprio à Martim Afonso desfazer algũa prata sua, & buscar dinheiro empresta do com que fez algũas pagas aos soldados; porque quando partira de Cochij com a nova de irem às presas, não lhe fora nada pago. E por mais os aquietar lhes prometteo Martim Afonso, que de caminho irião pela costa de Tanaçarij, & faria as presas que alli achassem. Com este proposito se partio de Paleacate, tornandose d'alli Antonio Cardoso com hũa galè por não servir para aquella navegação que avia de fazer, & por duas fustas fazerem muita agoa, se tornarão tambem com seus Capitães para Cochij, os quaes parece que quis Deos salvar dos perigos que os outros avião de passar. Porque fazendo elles sua viagem, na travessa d'aquelle golfão, & enseada de Bengalla saltou com elles hum temporal, que os espalhou de maneira, que Martim Afonso se achou só com seu navio junto à Ilha que chamão Negamale, que he fronteira à cidade de Sodoè, que está na terra firme, onde em hum baxo se veo à perder, ficando a maior parte da gente salva.



Vendose Martim Afonso no batel do navio em que se salvou com atè cinquoenta pessoas, & com a fortuna do tempo, que poderia perder os outros navios da sua armada, seguio a vontade dos mais companheiros, & mandou remar contra a ponta de Negamale, parecendolhe que por ser parte que os nossos navios geralmente vão demandar, quando navegão à Pegù, alli poderia achar algum remedio, porque quando não fosse em os navios que esperavão de achar, seria na gente da terra, por o muito conhecimento que tinha de nos; mas quantas cousas acometia, nenhũa lhe succedia bem; porque tudo erão mudanças do tempo, que ora os lançava à hũa parte, ora à outra, sem ousar de tomar terra, temendo serem offendidos dos Barbaros da costa, por ser gente que não tinha cõmercio com nosco. Finalmente vencidos da fome, & da sede, tãto que descobrirão hũa pequena povoação, lançaraõse alli duas pessoas aventuradas à morrer por dar vida à todas as outras:

*Tudo isto faltava nos quadernos de Ioão de Barros, que parece lhe tiratão a folha em que devia estar escritto.*
*Diogo do Couto cap. 10 do liv. 4. Francisco de Andrade cap. 36. da 2 parte, & Fernão Lopez de Castanheda desde o cap. 75. atè o cap. 79. do liv. 7.*

„ os quaes forão hum fidalgo per nome Franci ſco da Cu-
„ nha, filho de Rui de Mello da Cunha do Algar ve, & hũ
„ Antonio Fialho, que forão logo tomados, & levados da
„ viſta dos noſſos para o ſertão per muitos d'aquelles Bar
„ baros que ſe ajuntarão. Quando Martim Afonſo vio o
„ procedimento que elles tiverão com aquelles dous ſol-
„ dados, (que não correrão perigo da vida, & paſſado al-
„ gum tempo forão reſgatados) converteoſe aos compa-
„ nheiros, & com as melhores palavras que pode, os per-
„ ſuadio tiveſſem paciencia naquelles trabalhos, & os mu
„ dou de ſeu propoſito, que era, quererem antes morrer
„ em terra cattivos d'aquella barbara gente, q̃ andar mor
„ tos de fome, & de ſede, & ao cabo ſerem comidos dos
„ pexes. Poloque voltando ao baxo, onde ficou o navio
„ perdido, parecendolhe que o mar lançaria algũa couſa
„ delle, com que ſe pudeſſem reparar, nem alli, nem a ou-
„ tra parte acharão ſe não maiores trabalhos, & perigos;
„ com os quaes navegarão cinco, ou ſeis dias com grande
„ fome, & ſede, & ao cabo delles aportarão à hũa ilheta,
„ onde deſcobrirão hũas tartarugas, com cuja carne, & o-
„ vos que cozerão em hum capacete, ſe deu a vida a mui-
„ tos enfermos que comerão de hũas favas peçonhẽtas, q̃
„ alli acharão, & os ſãos ſe refreſcarão.

„ Paſſados tres dias partirão d'aquella ilheta, & atra-
„ veſſando a coſta, chegarão à hũa praia, onde achando
„ boa agoa & palmitos, com elles, & com o que levavão
„ das tartarugas, eſtiverão outros tres dias: ao cabo delles
„ vierão dar com os noſſos duas almadias de peſcadores,
„ os quaes dizẽdo que os levarião ao porto de Chatigam,
„ que he de Bengalla mui frequẽtado dos Portugueſes, os
„ metterão em hum rio de hũa cidade chamada Chacurià,
„ que era do ſenhorio de Codavaſcam vaſſallo d'el Rei de
„ Bengalla: Ao qual dando os peſcadores novas d'aquelles
„ Portugueſes que andavão perdidos, & que vinhão de-
„ ſarmados, o Codavaſcam que ſabia ſerem os Portugue-
„ ſes homẽs eſforçados, & exercitados na guerra, deter-
„ minou de ajudarſe delles em hũa que tinha com hũ ſeu
„ vezinho, & aſsi os mandou logo buſcar com ſuas gẽtes,
„ & os trouxe à ſi com promeſſas de os aviar para ſe torna
„ rem à India, & de outras couſas, que não comprio. Por-

que



„ que avida vittoria de ſeu inimigo, com ajuda d'aquelles Por-
„ tugueſes, não lhes quis dar licença que ſe foſſem, mas os rete-
„ ve como cattivos, dizendolhes que ſe reſgataſſem. O lugar
„ onde eſte tyranno os tinha era hũa cidade ſua que ſe chama-
„ va Sorè, ſituada ao longo de hũa ribeira, que entra em hũ rio,
„ o qual ſe vai metter no mar oito legoas da cidade.

„ Aconteceo, que eſtando Martim Afonſo naquelle eſtado,
„ vierão tèr à barra d'aquelle rio hũa galeotta, & hum bargan-
„ tim da ſua armada, de que erão Capitães Duarte Mendez de
„ Vaſconcellos, & Ioão Coelho, aos quaes elle logo mandou
„ aviſar como eſtavão alli, & que o Codavaſcam lhes pedia reſ-
„ gate por ſuas peſſoas, que ajuntaſſem algũa couſa do que tra-
„ zião para os livrar d'aquelle tyranno; mas como elles trazião
„ pouco, & o tyranno pedia muito, vendo que não tinhão ou-
„ tro remedio, determinarão Martim Afonſo, & ſeus compa-
„ nheiros de fugir, tendo concertado que duas almadias irião
„ de noute per o rio acima atè hum certo lugar que ſeria da ci-
„ dade duas legoas, porque não podião ſobir mais acima, & q̃
„ alli os recolherião, o que ſe não pode fazer tam ſecretamente,
„ que não foſſem ſentidos, & tomados antes de chegar ao lu-
„ gar em que eſperavão as almadias, eſtando ja todos embre-
„ nhados. E o que mais ſentio Martim Afonſo foi degollarem
„ os Bramenes diante de ſeus olhos à Gonçalo Vàz de Mello
„ ſeu ſobrinho (mancebo mui gentilhomẽ a que entam come-
„ çava a barba) em ſacrificio à ſeus idolos, porque lhes tinhão
„ feito voto que deparãdolhe os Portugueſes, lhe ſacrificarião
„ o mais fermoſo delles: & poſto que Martim Afonſo promet-
„ teo pelo ſobrinho grande reſgate, não o pode livrar da mor-
„ te, que com grande conſtancia Chriſtãa elle padeceo. Os que
„ eſtavão nos navios tanto que forão aviſados do eſtado em q̃
„ martim Afonſo ficava, partirãoſe caminho da India à dar
„ novas do ſucceſſo d'aquella armada. Mas quis Deos provèr à
„ tribulação d'aquelles homẽs, porque d'ahi à pouco tempo
„ forão reſgatados por tres mil cruzados que por elles
„ deu hum mercador Mouro que avia nome
„ Coge Sabadim.

(.2.)

CAPI-

## CAPITVLO IX.

*Como Dom Ioão Deça desbaratou, & prendeo à China Cutiale Capitão mòr d'el Rei de Calecut, & do que mais lhe soccedeo.*

DOM Ioão Deça, que atras dissemos que o Governador mandara com armada à costa de Calecut, pôs nisso tal diligencia, que não saia navio dos lugares d'aquella costa que lhe esca passe; polo que naquelle verão que nella andou tomou cinquoenta vellas, as mais dellas carregadas de pimenta de Mouros de Calecut, no que teve muitas pelejas com elles, nas quaes os Portugueses o fizerão sempre mui esforçadamente. E não saindo ja navios d'aquelles portos, com temor de Dom Ioão, com conselho dos Capitães que com elle iáo, desembarcou em Mangalor, por tèr novas que estavão alli recolhidos algũs paraos, os quaes queimou, & abrasou o lugar, & sem receber algum dãno se tornou à embarcar; & correndo a costa, encontrou cõ China Curiale Capitão mòr da armada d'el Rei de Calecut, que era de sesenta paraos. Era este Mouro mui valente cavalleiro, & que sempre andava apercebido de grande numero de vellas, & gente limpa; & desta vez que se topou, & pelejou com Dom Ioão, posto que acõmetteo os nossos com muito animo, & durou hum bom espaço no combate por ser o numero dos Mouros mui desigual, por derradeiro o parao em que vinha Cutiale foi entrado dos nossos, & elle ferido de duas cutiladas pelo rostro, & duas arcabuzadas em hũa perna; & assi ferido, vendo que não tinha outro remedio para se salvar se deitou ao mar, por não vir à poder dos Portugueses; porem não pode escapar que não fosse tomado, & a maior parte dos seus navios, com morte de mil & quinhentos Mouros, & quasi outros tantos cattivos; dos nossos ouve muitos feridos, & vinte mortos. Dom Ioão avida esta victoria, que foi mui grande, por ser ja no fim do verão, se recolheo à Canahor, onde desarmou os navios, mandando a galè para Cochij, em que foi Dom Simão de Meneses que lhe entregou a fortaleza. O Governador que d'aquelle feito levou muito gosto, por quam desmandados andavão



andavão os Mouros d'aquella costa, escreveo à Dom Ioão as graças, & lhe fez merce da pessoa de China Cutiale, que curado & são de suas feridas deu por seu resgate doze Portugueses dos que estavão cattivos em poder do Samorij, & quinhẽtos cruzados em dinheiro, & jurou em sua lei, & deu fiadores Mouros ricos de Cananor, de mais não fazer guerra aos Portugueses, com que ficou livre.

## CAPITVLO X.

*Como Antonio de Miranda Capitão mòr do mar partio para o Estreito, & do que passou naquella viagem, atè chegar ao porto da cidade de Adem.*

ANTONIO de Miranda de Azevedo Capitão mòr do mar, a quẽ Lopo Vàz de Sampaio entregou hũa armada de vinte vellas, cõ mais de mil homẽs, para o Estreito do Mar roxo, da qual erão os principaes Capitães Antonio da Silva filho de Tristão da Silva, Lopo de Mesquita, Enrique de Macedo, Fernão Roiz Barba, Rui Pereira, Dom Iorge de Noronha, Francisco de Vasconcellos, Rui Gonçalvez Capitão da ordenança. Partio de Goa aos xxv. de Ianeiro do anno de M.D.XXVIII. & fazendo sua viagem, achou hum galeão de Rumes, que ia carregado de madeira para fazer galès, & por ser velleiro não o poderão seguir senão algũs bargantijs, os quaes elle arredrava de si, com a muita artelharia q̃ levava; atè que avendo dous dias que o seguião o perderão de vista, por o tempo ser tanto, q̃ não podião sofrer vella. Chegando Antonio de Miranda à Socotorà, detevese alli cinco dias, para repairar algũs dos navios que levava, & partio à cinco de Fevereiro, & quando chegou ao Cabo de Gardafù, & costa de Arabia, repartio as vellas que trazia em tres partes, hũa deu à Antonio da Silva Capitão do galeão Reis Magos, outra deu à Fernão Roiz Barba Capitão do galeão São Raphael, & elle ficou no meio com quatro galeões, & dous bargantijs, porque não entrasse, nem saisse navio do Estreito q̃ lhes não viesse cair nas mãos. Porem no tempo que alli andarão, que foi todo Fevereiro, tiverão tantas çarrações que passarão muitos navios sem serẽ vistos: mas todavia algũs cairão

na

na rede aos noſſos bargantijs,como foi hũa nao que metterão no fundo por não querer amainar.E Enrique de Macedo apartandoſe com as ſarrações ao mar, encontrou com hum galeão de Turcos mui poderoſo,& tanto que hum ouve viſta do outro trabalharão por ſe ajuntar, atè que ſe afferrarão,confiados os Turcos de virẽ bem providos de armas, & de muitos artificios de fogo: dos quaes lançarão logo hũa lança no noſſo galeão,a qual ſe apegou na vella, que ſacudindoſe com as lufadas do vento que a calmara, deſpedio de ſi com tanta força a meſma lança,que caio no galeão dos Turcos,& não ſòmente deixou ateado o fogo na vella do noſſo galeão,de maneira que a queimou toda, & pôs em riſco ao galeão de ſe queimar, mas ainda queimou os meſmos inventores do fogo. Porque receando elles que os noſſos abalroaſſem, & entraſſem no ſeu galeão, encherão a poppa delle de polvora, & eſta lança que lançarão para os noſſos,porvir dar nella,lavrou de maneira que ſe queimou o ſeu galeão,& todos os Turcos,tirando ſette,ou oito q̃ ſe lançarão ao mar.E a cauſa do galeão de Enrique de Macedo não arder eſtando ambos tam travados,foi por chegar hum bargantim dos noſſos,& Diogo de Meſquita em o batel do ſeu navio,& às toas o deſembaraçarão,livrandoo d'aquelle perigo. E deſpois que o apartarão delle, tornarão ſobre os Rumes,que andavão nadando,& às lançadas os matarão todos.

A Antonio da Silva coubelhe em ſorte tomar hũa nao grande de Dio,& hũa cotia com eſpecearia, & toda a gente della morreo à eſpada.Rui Gonçalvez Capitão da caravella Bicha abalrroou hum bargantim,& hum zambuco. Fernão Roiz Barba tomou dous zambucos carregados de eſpecearia,& arroz.Os Capitães dos bargãtijs tomarão outros dous. Dom Iorge de Noronha encontrou hũa nao mui groſſa com que andou dous dias às bombardadas, & por derradeiro ella ſe ſalvou com deixar à Dom Iorge muita gente ferida,& deſpois foi elle dar com hum zambuco carregado de algodões,que por a ſua galé os não poder recolher, cattivou os Mouros,& pôs fogo ao zambuco.Finalmente cada hum dos Capitães teve ſuas aventuras, atè que ſe ajuntarão com Antonio de Miranda no porto da cidade de Caxem, que he na coſta de Arabia, onde elle tinha dado regimento que ſe ajuntaſſem atè xv.de Março. D'ahi eſpedio o Feitor da armada



mada com hum bargantim,& algũa gente, com as naos tomadas que o foſſem aguardar à Maſcate,porque queria dar hũa viſta à cidade de Adem,por lhe dizerem os Mouros que tomarão naquellas naos (que todos vinhão de Iudà) terem novas que os Rumes eſtavão ſobre Adem, & quando não eſtiveſſem,queria chegar às portas do Eſtreito.

Avendo quinze dias que Antonio de Miranda eſtava cõ toda armada em Caxem, chegou alli hum navio a que os Mouros chamão Marruaz,de q̃ affirmarão ao Capitão mòr, que ainda ſe eſperavão por mais naos que avião de vir ao Eſtreito.Eſta meſma nova certeficarão algũs dos Mouros cattivos.Movido com eſta nova Antonio de Miranda,avẽdo conſelho com os ſeus Capitães, determinouſe nelle que era ſerviço d'elRei emboccar o Eſtreito,&ao menos dar hũa viſta à cidade de Adem,quando outra couſa não fizeſſem,& favorecela com tam groſſa armada cõtra os Rumes, por naquelle tempo eſtar a cidade na noſſa amizade,& que alli poderião tèr certa informação do lugar, & eſtado em que eſtavão os Rumes.Partido Antonio de Miranda com eſta determinação caminho de Adem,deixou em Caxem à Rui Pereira cõ hũa galè,& hũa galeotta por ſer Quadrilheiro mòr das preſas,& tèr por arrecadar o dinheiro de duas naos groſſas de Mouros que alli ſe venderão, & deixoulhe ordenado Antonio de Miranda,que como foſſe deſpachado ſe foſſe à via de Adem,& ahi o eſperaſſe,o qual o comprio aſsi,& chegando primeiro que Antonio de Miranda, achou no porto duas naos groſſas com mercadoria,às quaes não fez dãno algũ por honra dos de Adem,por lho aſsi tèr mandado Antonio de Miranda,& em final de paz ſalvou a cidade com ſua artelharia ſegundo ſeu coſtume.E como os Mouros por ſuas obras nunca ſe aſſegurão,mandarão logo os Governadores da cidade viſitar o Capitão com algũ refreſco, dizẽdo como aquella cidade eſtava preſtes para o que lhe neceſſario foſſe, por ſer amiga de Portugueſes,& el Rei ſeu ſenhor lho tèr aſſi mandado que o fizeſſem,vindo alli tèr algũas naos noſſas. Rui Pereira lhes reſpondeo com boas palavras,& delles ſoube como el Rei eſtava fora da cidade,no ſertão, para acodir à hum ſeu vezinho que lhe entrava pelo Reino: & as novas que dos Rumes lhe derão, forão aver pouco que eſtiverão alli,[a] & delles receberem dãno por lhes defenderem a terra,

a. *Eſtos Rumes erão os da companhia de Muſtafà ſobrinho de Raez Soleimão.*

& que

& que tinhão ao preſente novas que eſtavão em Camaram.

D'ahi à dous dias chegou Antonio de Miranda com toda a armada, que pôs na cidade grande eſpanto, deſpois que ouvirão a ſalva da artelharia q̃ elle fez; & logo os meſmos Mouros que vierão à Rui Pereira ſe forão ao galeão do Capitão mòr com preſentes & refreſco da terra, offerecendolhe o que ouveſſe meſter para aquella armada, por aſsi lho tèr mandado el Rei ſeu ſenhor quando d'alli partio. E deſpois que Antonio de Miranda lhes agradeceo ſua viſitação, eſteve inquirindo delles novas dos Turcos, & aſsi do Eſtreito, para ſaber o fundamento que teria na mudança de ſua armada, & pôr as couſas que ſoube delles, que concordavão cõ as que tinhão ditto à Rui Pereira, pôs em conſelho o que ſe faria. E porque os mais erão de parecer que antes que foſſe ſôbre os Rumes; mandaſſe alguem que tomaſſe informação do q̃ paſſava no Eſtreito, mandou à eſte negocio o piloto mòr d'armada, cõtra voto de müitos que quiſerão por ſi fazer aquella jornada: Mas como Antonio de Miranda receava, que mandando ho mem de maior ſorte, podia atraveſſarſe em tomar algum navio, quis antes eſte, pois não ia à mais que à ver os tempos que curſavão dentro do Eſtreito, & aver à mão algũa gelva para tomar lingoa, & que niſto ſe arriſcava pouco. Porem como o piloto tambem deſejava aver algũa boa preſa, tanto que entrou dentro no Eſtreito, & lhe vierão à mão dous marruazes que andavão deſarmados, tornouſe para Adem ſem ir mais adiante, dizendo que curſavão ja os tempos verdes, & que o não pudera fazer. Algũs dizião, que o temor o fez tornar, & por ſe ver glorioſo com a preſa que fez, parecendolhe que baſtava ſaber de algũs Mouros que tomou, como os Rumes eſtavão em Camaram, & que ſerião atè ſeiſcentos homẽs de peleja, & outra muita gente do mar, & hũa armada tam groſſa, que não era a noſſa que eſtava em Adem para pelejar com ella. Antonio de Miranda ſe vio envergonhado com hum recado tam incerto, que não concordava com o que os Mouros lhe tinhão ditto, & ficou anojado de confiar ſua honra do piloto, & não de peſſoas de mais qualidade que lhe pedião aquella jornada: & eſteve quaſi determinado de entrar pelo Eſtreito, mas faltandolhe mantimentos, receou que à tornada os Levantes o impediſſem; polo que ſe reſolveo de quebrar eſta furia em Zeila, poſto que outros lhe



lhe dezião que foſſe em Xael, onde elle dezia que eſperava de dar quando tornaſſe por lhe ficar em caminho.

Aſſentado de ir à cidade de Zeila, que he da parte de Africa, na coſta do Abexim, paſſou com toda a armada da outra parte, & achou a cidade deſpejada de todo; porque os moradores della como forão aviſados da armada groſſa que per alli andava, metterão logo ſua fazenda pelo ſertão, & eſtavão preſtes, como a armada appareceſſe, aſſegurarem tambem ſuas peſſoas; polo que neſta ida de Zeila não ſe fez mais que pôr o fogo às ſuas caſas palhaças; & querendo voltar para a coſta de Arabia, ſurgindo no Cabo de Guardafũ, ſaltou com a armada tal temporal, que os fez acolher à Maſcate, ſem dar em Xael como deſejavão. Aqui eſteve Antonio de Miranda com ſua armada, por ſer hum porto em que as armadas que os Portugueſes trazem no Eſtreito de Meca vem invernar, & deixando alli a armada entregue à Antonio da Silva de Meneſes, ſe foi à Ormuz no ſeu galeão São Dinis, com outros dous que levou em ſua companhia, para arrecadar o dinheiro das naos das preſas que alli tinha mandado, para ſe venderem, & de cinco paraòs de Malavares carregados de pimenta, que tomou vindo elles tèr à Adem, quando ahi eſtava, que tambem mandou vender à Ormuz, com as outras naos.

## CAPITVLO XI.

*Como Antonio de Miranda veo de Ormuz à Dio, & do que aconteceo neſſe caminho à Lopo de Meſquita, à Diogo de Meſquita, & à Enrique de Macedo, & como chegou à Chaul toda a armada.*

ORNANDO Antonio de Miranda de Ormuz (onde era ido com Rui Pereira ſobre o dinheiro das preſas) à Maſcate, d'ahi partio à xxij. de Agoſto d'aquelle anno de M.D.XXVIII. para Cambaia, à eſperar as naos que ião à Dio, aonde chegou, & ancorou, & por o tempo ſer ainda verde, & o ſeu galeão, não poder ſofrer amarra, mandou levar ancora, & deu final à armada, que aſsi o fizeſſe ſe diſſo tiveſſe neceſsidade, o q̃ todos fizerão, ſenão Antonio

da Silva,& Enrique de Macedo com ſeus galeões, & outras duas vellas. O Capitão mòr com o tempo que lhe deu, foi parar à Chaul, de maneira que as preſas que ſe ouverão de fazer ſobre Dio, não ouverão por eſſa cauſa effeito. Correndo com o meſmo temporal Lopo de Meſquita com o ſeu galeão Samorij, foi dar com hũa nao de mercadores que ia para Dio,& andava com a meſma tormenta. Lopo de Meſquita a abalroou, & com algũs dos ſeus entrou nella com aſſàs trabalho, por a nao trazer dozentos homẽs bem armados, que pelejarão mui valentemente; & poſto que os Portugueſes não erão mais que trinta, davãolhe bem que fazer. E andando aſsi os noſſos neſte trabalho, lhe ſobreveo hum caſo mui perigoſo, perque ſe ouverão de perder; porque as balroas com que o galeão eſtava abalroado com a nao quebrarão, & ſe apartarão ambos, ficando Lopo de Meſquita com os poucos que o ſeguião dentro na nao, entre aquelle grande numero de Mouros: & como ſe virão naquelle eſtado de deſeſperação das vidas, querendo vendellas caras à aquelles inimigos, dobrandolhe a neceſsidade as forças, os acõmetterão com tanto impeto, & esforço, que matarão quaſi todos, poſto que com grande força, & reſiſtencia ſe defenderão, & os outros vendoſe feridos ſe renderão. E cuidando Lopo de Meſquita, & os que com elle entrarão na nao, que por alli ſe acabavão ſeus trabalhos, ſobreveolhes outro de maior temor, porque a nao dos Turcos quando eſteve abalroada, dava com a tormenta tam grandes pancadas no galeão, que era mui forte, que ficou quaſi de todo aberta, & começou de ſe encher d'agoa, & irſe ao fundo; o que vendo Lopo de Meſquita, ajuntou todo o dinheiro que na nao achou, & mandou à ſeu irmão Diogo de Meſquita que ſe metteſſe no batel cõ dezaſeis homẽs, para que não podendo a nao eſcapar, ſalvaſſe aquelle dinheiro no galeão, onde recolhido mandaſſe pelos que ficavão na nao.

Os do batel perdendo logo de viſta o galeão com o tẽpo, entendendo que a nao não poderia deixar de ſe ir ao fundo, não quiſerão tornar à ella, receando que os que nella ficavão ſe quiſeſſem metter no batel, q̃ por ſer peq̃no ſe alagaria, & aſsi derão à vella governando para Chaul, levando forçado à Diogo de Meſquita, que lhes não pode reſiſtir; & navegando forão encontrados da armada de Dio, que os tomou, & cattivos



cattivos forão levados à el Rei de Cambaia, que com grandes mimos & promeſſas os perſuadio que ſe fizeſſem Mouros, & deſpois que com elles os não moveo de ſua fortaleza Chriſtãa, vierão as ameaças, & os tormentos, que à nenhũ delles mudarão. A Diogo de Meſquita mandou el Rei metter dentro em hũa groſſa bombarda cevada, o qual com hũa conſtancia de martyr lhe diſſe, que tomara fora o tormento maior, & mais duravel, para padecer mais, & moſtrar nelle o goſto com que o paſſava pela honra de Deos, & por ſua Fè ſanta. Admirado Soltam Badur d'aquelle animo, o mandou tirar da bombarda, & forão todos mettidos em hũa aſpera priſão, donde deſpois ſairão com muita honra.

*Diogo do Couto no cap.9.do liv.4. & Fernão Lopez de Caſtanheda cap68.do liv.7.*

Lopo de Meſquita que ficou na nao, fez tanta diligencia, que ſe tomarão as agoas principaes, que eſtorvavão o governo da nao, & nella com grande trabalho foi tèr à Chaul, onde achou ja o ſeu galeão, & Antonio de Miranda com ſua armada. Apôs Lopo de Meſquita veo Enrique de Macedo em ſeu galeão Samorij grande mui deſtroçado com maſtos & vergas quebradas, & roto o coſtado per muitas partes; porque em hũa calmaria que teve de fronte de Dio, o inviſtirão algũas cinquoenta fuſtas, & tres galeottas, que o chegarão à tal eſtado, que eſteve quaſi de todo perdido, porque pelejou de pela manhãa atè a tarde, & foi tal a peleja, que lhe matarão a maior parte da gente, & a outra foi ferida de maneira que lhe não ficarão ſãos mais que ſeis, ou ſette homẽs; & por a neceſsidade em que eſteve de gente, hũa molher ſervia de dar polvora aos bombardeiros; & elle foi tam queimado do roſtro, que não ſo conhecião.[a] E alli acabara, ſe Antonio da Silva, Capitão do galeão Reis Magos, lhe não acodira, que à caſo veo ouvindo o eſtrondo da artelharia com a viração; o qual o deſapreſſou d'aquella afronta, & preſſa em que eſtava, & tam valentemente pelejou com as fuſtas, que matou o Capitão dellas, que era hum filho de Xeque Gil, Capitão das fuſtas de Baçaim, que os noſſos matarão em Chaul em tempo de Diogo Lopez de Sequeira. E com a morte de ſeu Capitão, as fuſtas ſe puſerão em fugida.[b] Antonio de Miranda com a chegada deſtes dous galeões, que lhe faltavão da ſua armada, ſe deteve

a. *Eſta batalha eſtà pintada nas varãdas da Igreja das chagas de Goa, & cadà ánno ſe renova por memoria de hum feito tam aſsinalado. Diogo do Couto.cap.9.do liv.4.*

b. *O Capitão deſtas fuſtas diz Diogo do Couto que era Alixiah, & que o morto foi Antonio da Silva de hũa bombardada E o meſmo eſcreve Fernão Lopez de Caſtanhèda no cap. 69.do liv.7.*

deteve em Chaul algũs dias, repairando os navios do neceſſario,& tambem mandou vender a nao que tomou Lopo de Meſquita,& repartio as preſas,de que à parte d'el Rei vierão cinquoenta mil pardaos. E acabado iſto ſe partio para Goa onde chegou à xvij.de Outubro,& achou o Governador que invernara alli.

## CAPITVLO XII.

*Como o Governador Lopo Vàz de Sampaio partio com hũa groſſa armada para Cochij,& pelejou com cento & trinta paraòs de Malavares,& os desbaratou.*

TANTO que Antonio de Miranda chegou à Goa,determinou o Governador de ir à Cochij à dar carga às naos q̃ eſperava, & de caminho viſitar Cananor,q̃ não eſtava muito fiel; porq̃ do tempo em q̃ ouve as differenças ſobre a governança,ficarão os Mouros d'aquella coſta do Malavar algum tanto levantados,& inquietos,por verem que os noſſos trazião mais tento nos negocios d'aquellas differenças, q̃ na guerra cõ elles.Avião os do rio de Chatuà morto, & cattiva do todos os Portugueſes que ſe ſalvarão nelle, de hũa armada de treze navios de remo,q̃ cõ tormenta ſe perderão naquella coſta.A qual armada fez Afonſo Mexia para impedir a ſaida de algũas naos que o Samorij mandava à Meca carregadas de pimenta.Com eſta deſgraça,& noſſas diſcordias andavão os Mouros mui ſoltos por toda aquella coſta,& paſſavão à viſta de Cananor,fazendolhe muitas ſobranҫarias,ſem Dom Ioão Deça Capitão della ouſar de pelejar cõ elles, por não tèr navios para iſſo.Publicavão tambẽ, que os Rumes eſtavão em Camarã,& q̃ trazião hũa groſſa armada,& q̃ a noſſa não entrara no Eſtreito,ſabendo eſtarẽ alli os Rumes, & q̃ o deixarão de fazer com temor delles. Tudo iſto obrigou à Lopo Vàz ir em peſſoa viſitar a coſta, deſpidindo diante Simão de Mello em hum galeão,& ſeis fuſtas,& elle o ſeguio com hũa armada de quatro vellas groſſas,& ſette paraòs, porque eſtes por ſua ligeireza ſão os que fazem a guerra, deixando Antonio de Miranda por Capitão de Goa.

*Fernão Lopez de Caſtanheda cap.88.do liv.7.*
*Diogo do Couto liv.5.cap.3.*
*Franciſco de Andrade, cap.39. da 2.parte.*

Sendo



Sendo tanto avante como à Monte Delij, àquem de Cananor duas legoas, apparecerão muitas vellas ao longo da coſta,as quaes muitos julgavão ſer palmeiras,por ir o galeão do Governador hum pouco largo da coſta, & ſer ja tarde, & o Sol ficar ſobre o mar. Com eſta pouca certeza ſe erão vellas,ou não,Lopo Vàz mandou governar ao porto de Cananor, que tomarão ja quaſi noute; mas por o Capitão de Cananor lhe dizer, que aquelle dia paſſarão per alli muitos paraòs de Malavares, contra a meſma parte onde os noſſos os virão,teve por certo ſerem navios: polo que o Governador tanto que o ſoube, mandou eſpiar por hum catùr onde eſtavão,& quantos erão,com determinação de os ir demandar;o que foi eſcuſado,porque elles ouverão viſta da noſſa armada,& como ſabião que a maior parte della ſempre ſão navios grandes, & não tam ligeiros como os ſeus, vierão demandar a armada, para ver ſe podião tomar algũa vella. E ainda vendo occaſião que lhe dava o tempo, confiados em o numero de ſeus paraòs, que erão cento & trinta, determinarão de affrontar o Governador. Com eſta confiança, & porque o tempo lhes deu para iſſo cõmodidade por ſer calmaria, & não ſervir ao Governador mais que para os paraòs que levava, ao outro dia com grande ſeguridade paſſarão pela armada do Governador, & lançaraoſe por diante entre elle, & a terra. O Governador quando vio tamanha ouſadia, poſto que o numero dos ſeus paraòs era tanto menor que o dos Mouros, determinou de os acõmettet, & pôs em conſelho o modo que teria niſſo. A maior parte foi que não pelejaſſem, viſto como ſe não podião aproveitar dos navios grandes; por razão da calmaria: porem elle com algũs que tomarão por afronta o que aquelles Mouros fazião,não a quis diſsimular,& determinado em pelejar,com os paraòs, & fuſtas repartidos pelas peſſoas de que confiava,acõmetteo o cardume dos cento & trinta que eſtavão juntos, & os rompeo da maneira que os ginetes rompem a gente de pè, tornando logo a virar ſobre elles, & cada vez que paſſavão lhes davão hũa ſalva de pelouros de eſpingardaria, & artelharia, & os Malavares com ſettas os ſeguião. Neſte modo de peleja, vendo elles quanto dãno lhe os noſſos fazião, & que as naos grandes ſe fazião à vella, para vir ſobre elles, & que dos

ſeus paraòs hũs erão ja mettidos no fundo, & tinhão gente morta, & muita ferida, & que com o Governador ſe ajuntarão mais tres paraòs de Cananor de refreſco, começarão à ſe retirar. Lopo Vàz os ſeguio hum bom pedaço, indo tomando poucos & poucos dos que não podião ir avante canſados da continuação do remo, & os outros a que o temor dava melhores braços para poderem continuar aquelle trabalho ſe poſerão em ſalvo. Durou eſta peleja de pela manhãa atè horas de veſpora, & foi hum dos honrados feitos que pelos Portugueſes ſe fizerão naquellas partes, por o numero dos paraòs ſer tam deſigoal. Dos quaes lhe metterão os noſſos no fundo dezoito, & tomarão vinte dous, com cinquoenta peças de artelharia. Morrerão perto de oitocentos Malavares, & forão muitos outros cattivos. Os que eſcaparão foràoſe à Calecut, donde elles vierão: & com os paraòs que o Governador aqui ouve reformou hũa armada de vinte vellas, por tèr muita falta deſtas de remo; & recolhido aos galeões, foi caminho de Cochij, no qual achou algũs dos paraòs q̃ lhe fugirão, & outros q̃ andavão pela coſta, os quaes tomou, & deſtruio.

## CAPITVLO XIII.

*Como o Governador Lopo Vàz de Sampaio partio de Cochij cõ toda aſua armada, & deu no lugar de Porcà, & o desbaratou, & queimou com morte de muitos.*

DESEIAVA Lopo Vàz de dar algum caſtigo ao ſenhor de Porcà (a que o vulgo chama Arel de Porcà) porq̃ ſendo confederado cõ os Portugueſes, & ſeguindo a ſua bandeira em algũas empreſas, ſe veo à inimizar cõ elles, depois que Dom Enrique de Meneſes o deſpedio de ſi cõ a perna quebrada, como na 3. Decada temos ditto. * E por as cauſas q̃ outros Mouros ſe atrevião à nos (q̃ erão as referidas) ſe atrevia elle tãbẽ, & como era homẽ poderoſo, & tinha muitos navios, de cujas preſas vivia, mandava cõ algũs correr a coſta, & fazer muitos dãnos; & por iſto ſer couſa, que para ſe evitar avia meſter muita força, determinou Lopo Vàz de ir elle em peſſoa ſobre a cidade de Porcà, & aſsi ſendo tãto avãte como Cochij, não ſe quis detèr, & foi correndo a coſta, na qual queimou

**Liv.9.cap.5.na tomada de Coulete*



queimou Simão de Mello Capitão mòr dos bargantijs doze paraòs que eſtavão ſurtos; & ſaio em Chatuà, & queimou catorze, & deſtruio o lugar, & mandando o Governador queimar quantas embarcações ſe encontravão, chegou à Cranganor onde eſtava a noſſa armada, à qual ordenou que o ſeguiſſe, por ja não ſer alli neceſſaria, & queria dar à todos parte do contentamento que avião de tèr os que com elle ſe achaſſem na tomada, & ſaco da cidade de Porcà, que eſperava ſer grande. Para eſta empreſa levava mil homẽs, os mais delles eſpingardeiros, com os quaes deu no lugar hũa manhãa, não eſtando o Arel nelle. Os Mouros poſto que eſtavão deſcuidados d'aquelle caſo, poſeràoſe em defenſão, como quem defendia a vida, molheres, filhos, & fazenda, mas como os noſſos levavão boa vontade, os metterão todos à eſpada, & os derribavão com a eſpingardaria, de maneira, que os mortos impedião aos vivos deſenvolverenſe tambem como no principio. Finalmente foi tamanho o temor da morte nos que ficavão, que eſquecidos dos filhos, & das molheres ſe poſerão em fugida. Entrada a cidade, ſe deu à ſaco, em que ouve muito ouro, prata, pedraria, ſedas, & pãnos de algodão, & muitos cattivos, & entre elles a molher do Arel,* & outras peſſoas nobres, & muita artelharia, aſsi da ſua, como da que tinhão tomada aos Portugueſes, & treze navios de remo mui bõos. Recolhido eſte deſpojo, ſe pôs fogo à cidade que toda ardeo, & algũs dos ſeus moradores que ficarão nella, & lhe decceparão as palmeiras, que he o principal mantimento d'aquella gente, com que ſe embarcou o Governador, ſem morte de algũ Portugues, poſto que algũs ouve feridos.

Partido de Porcà, chegou à Cochij à tempo que tambem chegavão duas naos, de que erão Capitães Antonio de Saldanha, & Garcia de Sà, que partirão aquelle anno do Reino, com Nuno da Cunha, que vinha por Governador da India, de quem ſe apartarão, & derão nova como vinha cõ muitas vellas, & grande poder de gente nobre; o q̃ deu grande contẽtamento à todos, por a falta em q̃ a India eſtava, & fizerão ſolemnes prociſões, dando graças à Deos por em tal tempo lhe ſobrevir tal foccorro. E porque Lopo Vàz de Sampaio deſejava de entregar a India limpa dos coſſairos, que infeſtavão aquella coſta do Malavar, determinou de

*a. Diogo do Couto eſcreve no cap.4. do liv.5. que a molher do Arel ſe não pode ſair da cidade quando lhe poſerão fogo, & foi nella queimada, & toda ſua familia.*
*Fernão Lopez de Caſtanheda no cap. 90. do liv.7. diz, que eſta molher do Arel (q̃ Franciſco de Andrade chama Mãi) & hũa ſua irmãa ficarão cattivas, & forão deſpois reſgatadas per muito dinheiro. E q̃ o deſpojo deſta cidade foi tã rico, q̃ hũ Frãciſco Mẽdez de Braga tomou hũ caldeirão de cobre, que levaria hũ cantaro d'agoa, cheo de pardaos d'ouro, & muitos ſoldados ouverão à ſua parte dez, oito, & cinco mil pardaos, & ſendo o numero dos Portugueſes mais de mil, nenhũ ouve q̃ deſte ſaco lhe coubeſſe menos de cem pardaos.*

ir à Cananor com tenção de esperar alli atè que as naos da carga partissem para o Reino, [a] & despachar algũas armadas para differentes partes. Polo que mandou à Antonio de Saldanha que ajuntasse gente em Cochij, & que com ella o fosse buscar para se embarcarem em hũa armada de bargantijs, & hũa galè, que Antonio de Miranda ahi fez, em espaço de dous meses que servio de Capitão, atè que veo Dõ Ioão Deça: & esta armada se avia de ajuntar à outra que se fazia em Goa, para em hum corpo irem à costa de Cambaia, & na do Malavar deixarem parte para defensão della.

a. *Partirão na entrada de Ianeiro de M.D.XXIX. Erão as duas de Antonio de Saldanha, & Garcia de Sà, das quaes forão por Capitães Gonçalo de Sousa, & Lopo Robello. Frãcisco de Andrade. c. 41. da 2. par.*

Chegando o Governador à Cananor, mandou logo à seu sobrinho Simão de Mello com certas vellas sobre Marabia, lugar do Reino de Cananor, & distante de Cananor perto de quatro legoas, onde Simão de Mello chegou em amanhecendo, & pelejou com os paraòs q̃ guardavão o porto, dos quaes queimou doze, & os outros se salvarão à força de remo. E avida esta vittoria no mar, saio em terra, que lhe os Mouros quiserão defender, mas por fim da contenda que os nossos com elles tiverão, os desbaratarão, & lhe destroirão, & queimarão o lugar, & lhe cortarão muitas palmeiras. E feito isto em hũa manhãa, se tornou para o Governador, que logo o mandou com doze vellas ao Monte Delij, à queimar hũs paraòs que alli andavão às presas. E fez outra armada de dez vellas que deu à Antonio da Silva de Meneses, mandandolhe que fosse correr à costa atè Cochij, & da volta que viesse trocasse a armada cõ Simão de Mello, & elle fosse para cima, & Simão de Mello para baxo. E em todo este tẽpo, q̃ ambos andavão corrẽdo a costa, não toparão com os paraòs q̃ costumavão andar ao salto, porq̃ o temor os fazia recolher para dentro dos rios: mas porem là onde estavão os ião buscar estes dous Capitães, saltando algũas vezes em terra, onde fizerão muito dãno; & os paraòs que Simão de Mello veo buscar à Monte Delij os queimou com morte de muitos Mouros,

CAPI-



## CAPITVLO XIIII.

*Como el Rei de Cambaia moveo guerra ao Nizamaluco, & o Governador Lopo Vàz de Sampaio pelejou com Alixiah Capitão das fustas de Dio, & o desbaratou, & das armadas que fez.*

NESTE tempo el Rei de Cambaia moveo guerra ao Nizamaluco senhor de Chaul, a qual lhe fazia tanto per mar como per terra, & não sòmente à elle, mas à todos os Portugueses que na sua terra estavão. Para esta guerra trazia no mar oitenta fustas muito bem esquipadas de gente de guerra, & com muita artelharia, das quaes era Capitão mòr Alixiah, que era hum valente, & valeroso Mouro, [a] com a qual armada corria toda a costa. E receando Francisco Pereira de Berredo Capitão de Chaul, que estas fustas o cercassem per mar, & el Rei de Cambaia per terra, por tèr tomadas as fortalezas de Caruela, & Sangaçà, que erão do Nizamaluco, por a vezinhãça que tinhão de Chaul; fez de tudo per suas cartas relação ao Governador Lopo Vàz de Sampaio, pedindolhe que fosse com algũa armada, ou a mandasse contra aquella parte, para favorecer aquella fortaleza, & para aquellas fustas não se atreverem à andar tam soltamente fazendo dãno, porq̃ não entrava, nem saia de Chaul vella que não fosse tomada. De todas estas cousas avisou tambẽ o Nizamaluco per hum Embaxador seu ao Governador, pedindolhe o soccorresse cõ algũs Portugueses contra el Rei de Cambaia. Lopo Vàz despachou logo o Embaxador com cartas para Francisco Pereira Capitão de Chaul, ordenandolhe que aprestasse a gente para aquelle soccorro que lhe pedia o Nizamaluco. E com estes avisos se apercebeo para ir à Chaul, com fundamento de mãdar d'alli o soccorro ao Nizamaluco, & que não tendo a fortaleza necessidade delle Governador, iria buscar as fustas onde quer que estivessem. E porque elle ordenava que Antonio de Miranda, que entam estava por Capitão em Goa, ficasse na costa do Malavar para a guardar, por se aver de apartar tanto de Goa indo à Chaul; antes que se partisse de Cananor, mandou à Goa o Capitão de Cananor, & à Simão de Mello à

a. *Alixiah vinha nesta armada por Tenente de Melique Alicer Geral della, filho de Camalmaluco, que neste tempo estava por Capitão da cidade de Dio, sendo fugido della para Iaquette Melique Saca, como se verá no cap. 6. do liv. 5. onde Ioão de Barros o escreve, & esta guerra que el Rei de Cambaia fez ao Nizamaluco.*

Chaul com nove bargantijs mui bem artilhados, & esquipados do necessario, os quaes avia de entregar à Antonio de Miranda quando ahi chegasse, para fazer corpo de grossa armada. E deixando isto assi ordenado, foisse para Goa à esperar Antonio de Saldanha com a gente que tinha mandado que fizesse em Cochij, & espedir Antonio de Miranda com a sua armada para a costa, na qual levava dozentos homẽs todos de gente limpa, escolhida, & exercitada na guerra. E vindo Antonio de Saldanhà à Goà, onde o Gõvernador estava, acabou de se apresta[r], & partio para Chaul em Ianeiro de M.D.XXIX. com hũa armada de quarenta vellas, [a] & com elle ia toda a gente nobre que entam andava na India, que serião mais de mil homẽs Portugueses, a fora a gente da terra, assi de peleja, como a do mar. E para boa ordem desta sua viagem, fez à Eitor da Silveira Capitão dos navios de remo, à que mandou que todos seguissem, & obedecessem naquella jornada, o qual cõforme ao regimento que levava, avia de ir ao longo da costa, porque lhe não ficasse cousa que não visse, onde as fustas se pudessem esconder; porque tinha por nova certa que chegarão até Dabul, que he abaxo de Chaul trinta legoas contra Goa, & não sabião se passarião mais para baxo. Mas ellas como trazião sua vigia, & souberão da vinda do Governador, começarão de se ir recolhendo para os Ilheos queimados duas legoas de Chaul.

Lopo Vàz chegou à Chaul, onde se informou do Capitão da fortaleza do estado da terra, & do que el Rei de Cambaia fazia per dentro do sertão. E sendo logo visitado da parte do Nizamaluco, com muitos agradecimentos da sua vinda, & com hum grande presente de vacas, carneiros, arroz, & outros muitos refrescos, mandou logo aperceber oitenta Portugueses, para enviar de soccorro ao Nizamaluco, & por Capitão delles hum valente cavalleiro chamado Ioão de Avelar, à que encomendou o credito & honra dos Portugueses, & com promessas de lhes fazer à todos muitas merces, os entregou ao Embaxador do Nizamaluco, que se partio cõ elles, fazendolhe pelo caminho o gasto com muita largueza. E provendose o Governador de bastimentos, se deteve alli em Chaul algũs dias; nos quaes sendo o tempo tal, que à ninguẽ dava lugar para poder lair do rio, vierão treze fustas dar hũa mostra, como que não temião aquella armada, à qual de lõje esbom-

a. *Era esta armada de cinco galeões, & duas galès de q̃ forão por Capitães Antonio de Saldanha, Garcia de Sà, Antonio de Lemos, Lopo de Mesquita, Eitor da Silveira, Simão de Mello, & Enrique de Macedo, & de quarenta & quatro navios de remo, de que ião por Capitães Diogo Coelho, Gaspar Paez, Francisco Alvarez, Ioão Rodriguez o Chatim, Pedralvarez de Mesquita, Antonio Correa, Lourẽço Botelho, Christovão Lourenço Carracão, o Calafate de Chaul, Diogo Quaresma de Altunha o Malù, Pero Barriga, Antonio Colaço, Christovão Correa, Iorge Diaz, Antonio Fernãdez, & outros. Nas fustas, & catures q̃ pelejarão cõ os inimigos, q̃ forão xxvj. se embarcarão quatrocẽtos homẽs escolhidos, em q̃ avia muitos fidalgos, entre os quaes forão Dõ Francisco de Castro, Dõ Eitor de Mello, Paio Rõiz de Araujo, Manoel Rõiz Coutinho, Christovão de Mello de Sampaio sobrinho do Governador, Antonio Correa, Francisco de Barros de Paiva, Luis de Paiva, Duarte Dinis, Ioão de Mello, Garcia de Mello seu irmão, Fernão de Faria, Antonio da Barbuba, Ioão da Silveira, Diogo da Silveira, Nuno Pereira, Dõ Afonso de Meneses, Dõ Pedro seu irmão, Enrique de Vascõcellos, Manoel de Macedo, Gabriel de Brito, Fernão Rõiz Barba, Garcia de Brito, Pero de Mesquita, Gomez de Azevedo, Andre Casco, Luis Coutinho, Duarte Coelho, Manoel de Carvalhal, Lançarote de Alpoem, & outros, cujos nomes se não sabem.*

*Francisco de Andrade, cap. 42. da 2. part. & Diogo do Couto. c. 5. do liv. 5.*



esbombardearão. E posto que o vento era contrario, quisera Eitor da Silveira sair à ellas, por não irem sem castigo por aquella sobrançaria, mas Lopo Vàz o não consentio, dizendo, que as deixassem cevar, para as acolher em melhor tẽpo. E porque sua tenção era destroir estas fustas, & as ir buscar à Dio, & tambem dar hũa vista à cidade, teve sobre isso conselho, & nelle propôs, que bem sabião que el Rei de Cambaia andava em guerra cõ o Nizamaluco, & cõ o Hidalchã, & cõ outros Principes, com que tinha assãs em que entender, & q̃ Dio ao presente não tinha maior ajuda, & soccorro que aquella armada que per alli andava, que lhe parecia seria bom trabalhar por desbaratar estas vellas, & que cõ a vittoria dellas, que esperava em Deos lhe daria, poderia logo ir à cidade de Dio, que por ventura estaria en tal estado, que a poderia tomar, & segurar, por estar o soccorro d'el Rei de Cambaia occupado nas guerras que tinha; & que para se poder conseguir estas duas cousas, se devião de ordenar os meios necessarios naquelle conselho, porque as cousas providas com prudẽcia, elle as regulava à bom fim, posto que as mais vezes as da guerra não se conformavão com a tenção de quem as propunha em seu favor. Os mais que no conselho estavão forão de opinião que o Governador se não avia de sair de Chaul, pois sua vinda alli fora à chamado do Capitão, por razão da guerra q̃ aquellas fustas fazião, & por cerco que esperavão per terra, & que isto se assegurava com sua presença. Toda via seguindo o Governador o parecer dos outros, principalmente de Eitor da Silveira, que desejava ganhar honra com as vellas que trazia à seu cargo, por serem aquellas de que neste feito das fustas se mais avião de servir, veo por derradeiro assentar no modo que teria nesta empressa, & determinou q̃ elle se faria à vela cõ os navios grossos ao mar largo, & que Eitor da Silveira fosse ao longo da terra com os de remo.

Assentado assi isto, partio o Governador de Chaul dia de Entrudo, & à outro dia amanheceo sobre Bombaim, & ouve vista das fustas do inimigo, que estavão junto de hũa ponta, detras da qual se poserão tanto que descobrirão Eitor da Silveira; o Governador vendo que ellas tomavão aquelle posto, parecendolhe que o fazião, porque succedendolhe mal, lhes ficava por remedio acolherense pelo rio de Bandorà acima, que està diante meia legoa, mandou certos catures q̃ fossem

cosers-

coſerſe com terra,& que tomaſſem a bocca d'aquelle rio, para lhe tomar a entrada deſta retirada. O que foi grande ardil para os melhor acolher:porque tanto que Eitor da Silveira ſe foi chegando às fuſtas,o Capitão dellas vendo ſua determinação,ſe fez à vella & remo, recolhendoſe contra a bocca do rio,não ouſando experimentar a fortuna em mar largo, mas Eitor da Silveira o começou à perſeguir de maneira, que chegando elle ao rio de Bandorà,onde ja achou o impedimento dos noſſos navios,que lhe tinhão tomada a entrada, antes q̃ ſe podeſſe ſalvar pelo rio de Maim, aonde ſe os Mouros quiſerão acolher,forão cercados de muitos catùres, & à poder de fogo, & ferro foi deſtruida a primeira & principal fuſta, & apôs eſta começarão os noſſos entrar pelas outras, em que ouve hum agradavel eſpectaculo para ver de fora;porque per hũa parte tudo erão fuſijs de fogo,aſsi da artelharia, como da eſpingardaria,per outra as nuvẽs de ſettas;& nas fuſtas que ja erão abalroadas, andava o Ar cuberto de ferros das eſpadas, terçados, finalmente tudo erão ſinaes de morte. A viſta deſta obra chegou o Governador de largo, & ſe deixou eſtar com o corpo da armada,animando com a preſença os ſeus, como quem eſtava vendo hũa fermoſa montaria. A mortandade dos Mouros foi mui grande aſsi dos que perecerão no mar,q̃ andava tinto em ſangue, como dos que varavão em terra por ſalvar as vidas,onde os noſſos catùres por ſerẽ pequenos lhes ião impedir a ſalvação. De todas as fuſtas que erão oitenta eſcaparão ſette,em hũa das quaes ſe acolheo Alixiah.[a] Das reſtantes,as trinta & tres vierão à poder dos Portugueſes, & as outras ficarão tam deſtroçadas,que não ſervirão mais que para o fogo,que os noſſos lhe poſerão. O deſpojo deſta victoria foi grande numero de cattivos,& muita artelharia, de que algũa fora noſſa,que os Mouros tinhão tomada em algũs navios. Achouſe grande quantidade de polvora,pelouros,& artificios de fogo. Eſta foi hũa glorioſa victoria,porque os inimigos erão muitos,& gente mui eſcolhida, & as vellas muitas,& mui providas de artelharia, & munições, de que chovião pelouros & ſettas,& ſendo grande o numero dos Mouros que neſta batalha morrerão, dos noſſos nenhũ morreo, algũs porem forão feridos,que logo guarecerão.

João de Avelar que ia com o Embaxador do Nizamaluco ſe foi informando pelo caminho do ſitio da fortaleza que el

a. *O Gèral Melique Alicer como vio as noſſas fuſtas emvoltas cõ as ſuas, ſe metteo em hũa eſquipada, & ſe tornou à bocca do rio,donde ſem pelejar fugio. Seu pai Camalmaluco quãdo em Dio o ſoube, fez grandes demonſtrações de ſentimento pela deſhonra do filho, & o fez buſcar com muita diligencia para o entregar à Soltã Badur,q̃ o caſtigaſse como merecia ſua covardia. El Rei ſe ouve por ſatisfeito deſta demonſtração de Camalmaluco, & à elle por ſem culpa no erro do filho, & deu a Capitania de Dio à Melique Tocão (irmão de Melique Saca,q̃ eſtava em Iaquette) por lhe pedir Camalmaluco que o tiraſſe della.*
*Franciſco de Andrade cap.43 & 55. da 2.parte.*

*Franciſco de Andrade cap.41. da 2.parte.*



el Rei de Cambaia tinha tomado, & da guarnição que nella eſtava. Chegando perto della, deixando ſeus companheiros em lugar ſeguro com a gẽte do Nizamaluco, ſe diſfraçou em trajo de trabalhador,& guiado per hum homem da terra, foi reconhecer a fortaleza. Eſtava ella aſſentada em hum outeiro alto,& tam ingreme, que ſò com pedras que deixaſſem cair do muro ſe poderia defender de hum exercito. João de Avelar reconhecido o ſitio,voltou aos Portugueſes, & com elles, & com mil homẽs do Nizamaluco foi demandar a fortaleza ante manhãa, com tanto ſilencio, que não forão ſentidos dos inimigos,ſenão mui perto della. Levavão os Mouros eſcadas,& aos eſpingardeiros Portugueſes mandou João de Avelar que tolheſſem chegar os inimigos ao muro à lançar pedras que nelle tinhão poſtas:& com eſta ordem acõmetterão a fortaleza,& a eſcalarão,não ouſando os inimigos apparecer no muro, porque os noſſos eſpingardeiros matarão os que ſe nelle deſcobrirão. O Capitão João de Avelar foi o primeiro que ſubio per hũa eſcada,& apôs elle outros Portugueſes per outras,& poſto que os inimigos ſe defenderão dentro cõ muito eſforço,forão todos mortos, & dos noſſos tres ſòmente,& feridos muitos. Tomada a fortaleza,João de Avelar a entregou ao Capitão do Nizamaluco;o qual eſtava d'ahi hũa Iornada,& ſabẽdo deſte bom ſucceſſo,mandou chamar João de Avelar,à que fez muita honra,& deu hũa cabaia, & mil pardaos,& outros dous mil para repartir pelos Portugueſes,com que os deſpedio,& os feridos mandou levar em andores atè Chaul para ſerem curados à ſua cuſta.

## CAPITVLO XV.

*Como a vida a victoria das fuſtas, quiſera o Governador ir à Dio, & lhe foi contrariado. E de algũas armadas que mandou à diverſas partes.*

AVIDA a victoria das fuſtas de Dio,o Governador ſe recolheo com a armada das naos groſſas à enſeada de Bombaim, onde foi tèr Eitor da Silveira cheo de gloria, & triũfo. Lopo Vàz o recebeo com muita feſta,& com palavras de muitos louvores,engrandeceo o que fizera, de que cõfeſſava que

que lhe tinha muita enveja,& armou cavalleiros à muitos fidalgos,& à outros que o quiserão ser,por se acharem em feito tam honroso.E antes que d'alli se partisse,quis o Governador tèr conselho com todos aquelles Capitães,sobre o que ja em Chaul movera,acerca da sua ida à Dio,persuadindo, & facilitando entam o negocio mais que antes que desbaratassem as fustas.Porque a força d'aquella cidade,toda cõsistia naquella armada,cuja perda não sòmẽte enfraquecia à Dio,mas ainda,por ser dãno tam cõmum,avia de metter à todos em cõfusão,& desmaio,& q̃ nada se aventurava em dar hũa vista à cidade,para fazer o mais que a disposição della desse. O que alli foi ao Governador mais contrariado que em Chaul. Dezião hũs que não convinha à autoridade de hum Governador da India emprender cousa que não acabasse,porque Dio era tal, que requeria mais força,& mais gente da que elle tinha, que o deixasse para outro tempo,em que com poder igoal à empresa a podesse acõmetter. Antonio de Saldanha, & Garcia de Sà (que entam avião vindo do Reino com Nuno da Cunha, à que na chegada à India se anticiparão com o tempo que os apartou delle) o contrariavão com mais força, & liberdade;dizendo Garcia de Sà ao Governador que não roubasse a honra à Nuno da Cunha, ao qual el Rei não mandava à India à outra cousa senão à tomar Dio, polo que o deixasse à quem estava cõmettido. Vendo o Governador que não tinha por seu voto mais que à Eitor da Silveira, & que seu governo se ia ja acabando com a vinda de Nuno da Cunha, que cada dia esperava,não ousou de ir contra os requerimentos que lhe fazião. Mas segundo despois se vio pelo successo, o parecer de Lopo Vàz de Sampaio era o melhor, porque se entendeo que se à Dio fora se lhe entregara, & se escusara o sangue, & a despesa que despois custou. O Governador pedio hum instrumento do que em Chaul, & alli propozera,para se desculpar ante el Rei de se não tomar Dio, & mandou ao Secretario que guardasse hũa carta que o Nizamaluco lhe escrevera à Chaul, & della lhe desse hum traslado para o mesmo effeito, na qual lhe dezia, que avisado el Rei de Cambaia que elle ia com armada para Dio, levantara os cercos que tinha postos às suas fortalezas, para soccorrer à Dio,& que Camalmaluco sabendo o desbarato da sua armada se fora da cidade ; polo q̃ lhe parecia q̃ devia tornar

*Fernã Lopez de Castanheda cap. 93.do liv.7.*
*Diogo do Couto cap.5.do liv.5.*
*Francisco de Andrade cap.44.da 2.parte.*



tornar à Dio,pois estava em tempo de o poder tomar facilmente,para o que elle lhe daria todos os mantimentos, & esquipações necessarias pagas à sua custa, com que lhe desse Baçaim quando o tomasse, porque estava dentro nas suas terras.

E porque no mesmo conselho se assentou, que para alimpar aquella costa dos saltos que os Mouros nella fazião,bastava que ficasse alli Eitor da Silveira cõ algũs navios de remo,o Governador o deixou cõ vinte bargantijs,& duas galeottas, & trezentos homẽs, com regimento que guerreasse aquella costa da enseada de Cambaia,per todo aquelle verão, & que no inverno se recolhesse à Chaul. E o Governador se partio para Goa à xx.de Março,[a] & como là foi, despachou à Dom Fernãdo Deça seu cunhado para Ormuz,com tres galeões carregados de mercadorias d'el Rei,em hum dos quaes ia Dom Fernando por Capitão mòr, & dos outros forão Capitães Lopo de Mesquita,& Antonio de Lemos,& lhes mandou q̃ da vinda fossem fazer presas à ponta de Dio. Despachou tãbem à Garcia de Sà,que do Reino vinha provido por Capitão de Malaca para succeder à Pero de Faria,à quem o Governador mandou encarregar a liberdade de Martim Afonso de Mello Iusarte,que estava cattivo em Bengalla,para que à vinda o resgatasse.Garcia de Sà partio em hũa nao grande, & levava mais hum junco,que se perdeo ao sair da barra, & com a nao chegou à salvamento à Malaca,& lhe foi entregue a fortaleza per Pero de Faria,que se veo para a India em Novẽbro seguinte.Outra armada de seis bargantijs, & hũa galè fez o Governador,em que ião cem homẽs, de que era Capitão Christovão de Mello seu sobrinho,com o qual forão muitos fidalgos,& pessoas nobres, para se ir ajuntar com Antonio de Miranda,que andava na costa do Malavar,à quem mãdava Lopo Vàz que seu sobrinho obedecesse, & andasse debaxo da sua bandeira. Antonio de Miranda tinha desbaratado hũs doze paraòs, & como chegou à elle Christovão de Mello,tomarão ambos hũa nao d'el Rei de Calecut carregada de pimenta,que estava no rio de Chale para ir à Meca, cuja presa deu muito trabalho,por estarẽ nella perto de oitocentos Mouros,com muitas armas,& artelharia.Despois toparão ao Monte fermoso com hũa armada d'el Rei de Calecut de cinquoenta vellas, a qual desbaratarão, tomandolhe treze paraòs

a. *Em Goa teve Lopo Vàz de Sãpaio recado de Melique Saca(que estava em Iaquette) que fosse sobre Dio, & elle iria per mar ajuntarse cõ o Governador,& per terra lhe levarião seus cunhados quinze mil de cavallo,& cinquoenta mil de pè:& que de Lopo Vàz não queria mais, senão q̃ tomando a cidade fizesse à elle Melique Capitão della,como ja fora,& fundasse nella fortaleza com que o defendesse d'el Rei de Cambaia: & daria ao Governador as rendas do mar,& elle ficaria com as da terra. Para confirmar,& asinar o que se destes apontamentos resolvesse, trazia o mensageiro largos poderes. O Governador respondeo à Melique Saca com esperãças de fazer o que lhe pedia, & offerecia, mas que por ser entam inverno se não podia concluir aquelle negocio, no qual se tomaria resolução no verão seguinte.*
*Francisco de Andrade,cap.44.da 2. parte.*

paraòs com ſua artelharia,& lhe cattivarão muita gẽte, alem da que foi morta;& tornando à correr a coſta, tomarão outros paraòs da meſma armada,que avião eſcapado da primeira. Com que tendo a coſta limpa, ſe recolherão à invernar, Chriſtovão de Mello em Goa, & Antonio de Miranda por mandado do Governador em Cochij.

## CAPITVLO XVI.

*Como Eitor da Silveira aſſolou muitos lugares na coſta de Cambaia,& pelejou com o Capitão Alixiah,& lhe tomou a fortaleza em que eſtava,& da deſtruição que fez em Baçaim.*

EITOR da Silveira com a armada que lhe o Governador deixou começou à correr a coſta de Cambaia,na parte de Baçaim, atè chegar ao rio Nagotana, que he de Baçaim oito legoas contra Goa.Por eſte rio acima, pouco mais de duas legoas, eſtà hũa fortaleza, que tem o nome do meſmo rio,na qual el Rei de Cambaia tinha gente de guarnição,que fazião guerra à el Rei de Chaul.Deſejando Eitor da Silveira de entrar no rio,mandou primeiro ao Piloto mòr da frotta q̃ foſſe diante em hum catùr,& ſondaſſe o rio, ò qual tornando lhe diſſe,que elle não poderia chegar com os navios à fortaleza,porque era tam baxo,que eſcaſamẽte poderia nadar hum catùr com gente.Vendo Eitor da Silveira que não podia fazer o que deſejava,no proprio lugar onde eſtava,que era junto de hũa povoação,ſaio em terra com a ſua gente, & foiſſe à ella,& pôslhe o fogo,& não ſòmente à eſte lugar, mas à outros cinco,ſem achar nelles gente algũa; porque os Mouros com temor,antes que elle chegaſſe,os deſpejarão, como quẽ trazia os olhos em quantas voltas Eitor da Silveira dava; de maneira que tiverão tempo de ſe pôr em ſalvo, tam aſſombrados andavão do desbarato das fuſtas;porem ſempre acharão gẽte que cattivar,ainda que não quiſeſſem pelejar, nem defenderſe. A fora eſte dãno de lhe abraſarem ſuas caſas, lhe fazião outro maior, que lhe queimarão ſuas novidades de q̃ ſe ſoſtentavão;para que a nova deſtas perdas,inciraſſe ao Capitão de Nagotana à vir pelejar cõ elles, & aſsi o fez; porque vendo



vendo eſtas tam continuas injurias,& dãnos,que com lagrimas lhe ião contar os Mouros que eſcapavão, determinou de pelejar com Eitor da Silveira,& tomar vingança delle, & aſsi o veo buſcar com muitos homẽs de pè, & quinhentos de cavallos acubertados,& achou à Eitor da Silveira na derradeira povoação que queimara.Eitor da Silveira vendo o grã de numero de gente que eſte Capitão trazia, que para cada hum dos noſſos avia vinte, vèoſe recolhendo pela ribeira abaxo o melhor que pode às fuſtas; porem quando vèo ao embarcar,os Mouros de cavallo os quiſerão impedir eſcaramuçando com elles,para os entretèr atè que vieſſe a gente de pè,cõ a qual ſe poderião melhor aproveitar dos noſſos. Eitor da Silveira que ficou na retraguarda,lhes fez roſtro com a gẽte que eſtava por embarcar,& lhe derribou tres de cavallo às eſpingardadas.Neſte tempo hum ſoldado digno de fama que ſe chamava Franciſco Godinho,vendo que os Mouros apupavão,& aſoberbavão aos q̃ ſe embarcavão, com hũa lança, & hũa rodella ſe afaſtou dos outros,& hum Mouro de cavallo vendoo ſò,remetteo à elle para o ferir com hum zarguncho, o ſoldado o eſperou,& chegando à elle,que alçou o braço para o ferir,metteolhe a lança per baxo delle,& deu cõ o Mouro morto no chão,& ainda não era caido, quando o ſoldado lhe tomou o zarguncho,& pondoſe à cavallo no do Mouro, levou outro Mouro de encontro,q̃ ia para o ferir,& paſſou o pelos peitos com quanto o laudel era forrado de malha:& tomando o ſoldado o cavallo do ſegundo Mouro pela redea, ſe foi com muito ſoſſego para Eitor da Silveira,pedindolhe o armaſſe cavalleiro quando foſſe tempo.Com eſte valeroſo feito de Franciſco Godinho,merecedor de hũ notavel premio, voltou Eitor da Silveira aos inimigos,& com hũa grande ſurriada de eſpingardaria os fez afaſtar,& os noſſos ſe acabarão de embarcar mui à ſeu ſalvo.

*Fernã Lopez de Caſtanheda cap. 96.do liv.7.*
*Diogo do Couto liv.5. cap.6.*
*Franciſco de Andrade cap.45.da 2.parte.*

Embarcado Eitor da Silveira, ſe vèo à bocca do rio, & d'ahi foi correndo a coſta atè o rio de Baçaim, aſsi chamado por razão da fortaleza que eſtà ſituada ao longo delle duas legoas da ſua bocca, & oito de Nagotana. E hũa legoa da barra em hũa povoação pequena, entre ella, & o rio, onde ſe fazia hum teſo de area, tinhão os Mouros fabricado hũa tranqueira de madeira entulhada, em que avia muita artelharia groſſa, & miuda, & era

o desembarcadouro de maneira, que os que ouvessem de desembarcar naquelle posto, avião de pôr as barrigas nas boccas das bombardas. Afora esta defensão da entrada do lugar, detras delle estava Alixiah (o Capitão das fustas que foi desbaratado pelo Governador) com tres mil homẽs de pè, & quinhentos de cavallo. Chegando Eitor da Silveira à bocca deste rio, tornarão à elle certos bargantijs, que mandou diante à descobrir o lugar, & estado delle, & disserão-lhe que acharão dentro doze naos grandes, dellas em terra postas em estaleiro, & dellas no mar, & tres taforeas que carregavão madeira, & assi lhe derão conta do baluarte, & sitio da terra. E porque segundo o que lhe à elle parecia, o caso requeria conselho, teveo com os Capitães dos catùres no modo que terião de acõmetter. Seu parecer era, que queimassem as naos, posto que todas estivessem acima do baluarte; & porque convinha passar por elle, ordenou que toda a artelharia fosse abatida; porque segundo os navios erão rasos, & a artelharia dos inimigos estava assestada alta, por causa do sitio ser eminente sobre a praia, lhe parecia que em a passada delles pouco dãno faria, senão ouvesse mais detença que passar com o remo teso. E por os Mouros se descuidarem da passajem que elle avia de fazer, tomou certos Canarijs dos que hi andavão servindo, & entregou duzentos à hum Capitão delles, chamado Malù, & mandoulhe que cõmettessem sair em terra à hũa ilharga do baluarte, para que os Mouros acodissem ahi, & se descuidassem do que elle avia de fazer em outra parte; & em ordenar isto gastou quasi todo o dia. Quando veo a noute, pôs se em caminho pelo rio acima, & à outro dia às nove horas chegou à tranqueira, que disparando toda sua artelharia, no tempo da fumassa della passou Eitor da Silveira com seus bargantijs, com menos perigo do que esperava, & não sòmente saio em terra, & entrou a tranqueira, onde estava a artelharia, à força da espada, matando aquelles que lha defendião, mas começou de entrar no lugar.

Alixiah como vio que os nossos em tam breve tempo erão dentro nelle, saio cõ toda sua gente ao soccorrer. E posto que Eitor da Silveira não sabia q̃ este Capitão alli estava, & o impeto da força de tãta gẽte, subito, & não esperado, fosse cousa mui



mui temerosa, não perdeo o tento do que lhe convinha fazer. Porque cerrandose todo em hum esquadrão, por o não entrarem, delle começou a espingardaria à ferir os cavallos, que como não erão costumados ao tom dos tiros, assi de espanto delles, como dos pelouros que levavão no corpo, fugião com seus senhores, & com furia davão na sua propria gente de pè, & a atropelavão; & aproveitandose os nossos da occasião, arremetterão aos Mouros, & ferindo, & matando nelles, como em gente vencida, os puserão em fugida. Mas Eitor da Silveira não quis que seguissem o alcance, por a terra ser cuberta de palmares, em que os nossos corrião risco de serem desbaratados. E por reprimir o impeto da vittoria, & os recolher, mandou pôr fogo ao lugar, para que todos acodissem ao roubo delle. Porem o fogo, levou a maior parte do despojo de Baçaim, porque como foi posto primeiro em hũas casas grandes, que servião de Almazem, & nellas avia polvora, & salitre, & cousas em que o fogo lavra de improviso, assi ardeo todo o lugar, que em breve foi queimado, & não deu espaço à mais saco. Como Eitor da Silveira destroio Baçaim, foisse pelo rio acima onde estavão as naos, & por serem de mercadores de Ormuz, que erão vassallos d'el Rei, & os termos como naturaes, não lhes foi feito dãno; mas trouxe as naos, & as taforeas abaxo ao porto, & tomou as tres taforeas que carregavão de madeira, & mandou à Christovão Correa em hum catùr à queimar outras tres naos que estavão em hum rio perto das Ilhas das Vacas, que carregavão de mantimentos, & madeira para levar à Dio, & fazerem navios; por aquella comarca de Baçaim ser a mais fertil de mantimentos, & de arvoredo de todo o Reino de Cambaia.

Sabendo o Xeque da cidade de Tanà, que està pelo rio de Baçaim acima quatro legoas, o que Eitor da Silveira fizera, & o que os Portugueses lhe podião fazer, por ser aquella cidade povoada de gente que vive por trato de pannos de seda, que se alli tecem, de que ha muitos mil teares, temendo que sobindo Eitor da Silveira à sua cidade, ficaria destroida, mandoulhe Embaxadores, dizendo, que queria ser vassallo & tributario d'el Rei de Portugal, & que lhe queria dar de tributo

cada anno quatro mil pardaos, por os deixarem em paz, & seguridade; & porque ao presente a terra por esterelidades passadas, & guerra que os Portugueses fazião pelo mar, estava Tanà mui pobre, porque não corrião as mercadorias como de antes, que daria aquelle primeiro anno tres mil pardaos, & logo mandava dous mil em começo de paga, & refées em quanto não assentavão as pazes, & não pagavão o resto. Eitor da Silveira, porque não tinha gente para cõmetter tamanha cousa como era aquella cidade, assi em sitio, como em grandeza, aceitou sem replica o que lhe offerecião, & com isso despidio os Embaxadores, dizendolhes, que elle ia para Chaul, por tèr recado do Governador que o chamava, que là podião assentar com elle seus cõtrattos. Idos os Embaxadores, antes de elle partir, mandou diante as taforeas de madeira, & despachou as naos de Ormuz, mãdandolhes q̃ fossem tomar carga à Chaul, & rogoulhes q̃ cada hũa levasse hũa jangada per poppa d'aquella madeira q̃ estava cortada para carregar para fora, & elle levou a mais madeira por ser necessaria para fazer navios. E em tres dias que alli esteve ficou o lugar de Baçaim tam destroido, & abrasado, assi as casas, como as hortas, & pomares, q̃ movia à piedade; & foi lamentado dos Mouros, porque a terra de Baçaim era toda hum jardim mui deleitoso. Chegando à Chaul, forão là tèr os Embaxadores de Tanà à comprir o que prometterão, & mandou Eitor da Silveira quatro bargantijs à correr a terra de Baçaim, & impedir que os Mouros tornassem à reformar algũa força, no qual tẽpo cattivarão muitos, & destroirão a costa de maneira, que não sòmente não ousavão os Mouros navegar per ella, mas os que habitavão os portos do mar, despejavão os lugares, & se mettião pela terra dentro. E bem sentião todos esta perda, pola muita q̃ recebião nos dereitos das mercadorias, que não acodião, nem os mercadores ousavão navegar, nem querião aventurar suas fazendas.

Lopo Vàz de Sampaio, como destas cousas era autor, por as mandar elle fazer, quando Eitor da Silveira o mandou avisar do que deixava feito, dava muitos louvores à Deos, por em seu tempo lhe deixar acabar cousas de tanto seu serviço, & d'el Rei. E como os Mouros d'aquellas partes trazem os olhos nos feitos dos Governadores, & no que lhe bem, ou mal succede na guerra, por verem que nestas em que Lopo



po Vàz tinha posto mão sempre lhe succedera bem, o Hidalchan, vezinho às terras de Goa, lhe mandou seus Embaxadores, cõmettendolhe que queria tèr perpetua paz com elle, por desejar tèr amizade com el Rei de Portugal. O Governador despois de lhe dar graças por sua visitação, & da vontade que mostrava acerca da paz, disse, que para firmeza della lhe avia de dar tres Tanadarias das que estavão nas terras firmes de Goa, quaes elle nomeasse, & que com esta cõdição faria paz, porque sem ellas el Rei seu Senhor averia que o não tinha ser vido. Espedidos estes Embaxadores, porque a resposta do Hidalchan se deteve, não ouve esta paz effeito em tempo de Lopo Vàz, por se acabar seu governo.

Sendo dez dias de Maio, Bastião Ferreira, que Lopo Vàz de Sampaio tinha mandado à saber novas de Nuno da Cunha, chegou com cartas suas para Lopo Vàz, pelas quaes elle soube que Nuno da Cunha invernara em Melinde, donde era ja partido para Ormuz, & das vittorias que ouvera naquella costa, & nas cartas lhe pedia que lhe tivesse as mas vellas q̃ pudesse juntas, porque em chegando à India esperava de as aver mester. E deixadas agora as cousas da India, daremos cõta das de Maluco, de que sempre tratamos despois das da India, ainda que acontecessem antes.

## CAPITVLO XVII.

*Do que succedeo à Simão de Sousa Galvão, que ia por Capitão de Maluco.*

SABENDO o Governador Lopo Vàz de Sampaio, per Pero Mascarenhas, ao tempo de sua partida para o Reino, & per outras pessoas, a necessidade de gente, & munições que tinha a fortaleza de Maluco, querendoa prover de Capitão, & tirar della à Dom Iorge, determinou mandar là hũa pessoa que tivesse as qualidades que convinhão para o remedio d'aquella fortaleza, & soccorro do estado em que entam estava; & porque todas concorrião em Simão de Sousa Galvão, filho de Duarte Galvão, o mandou em companhia de Pero de Faria, que ia servir de Capitão de Malaca, * & lhe deu hũa galè,

*Como se disse atras no cap. 7.

de que era Capitão Iorge de Abreu, & a Capitania mòr do mar de Maluco levava Dõ Antonio de Caſtro, & a Feitoria Antonio de Abreu Caldeira, que todos erão homẽs nobres, & eſcolhidos, como pedia a neceſsidade de Maluco. Na galè iáo ſettẽta ſoldados; & trinta lhe avia de dar Pero de Faria em Malaca. Fazendo ambos ſua viagem, antes de chegarẽ ao golfão, lhes ſobreveo hũa tormenta, com que hũs & outros ſe perderão de viſta. Pero de Faria foi tèr à Malaca, onde lhe entregou a fortaleza Iorge Cabral, & Simão de Souſa correo à tormenta arvore ſecca, & foi aportar à barra do Achem, com os ſoldados que levava na galè meios mortos, dos grandes trabalhos que paſſarão na tormenta, ſem ſaber donde eſtava. E deſpois que o ſoube, ſe quiſera fazer à vella, ſe o tempo o deixara, porque não tinha aquelle porto por ſeguro, por ſer de gente inimiga dos Portugueſes; parece que o eſpirito lhe revelava o que avia de ſer. Porque tanto que el Rei ſoube que eſta galè era chegada aſsi deſtroçada com a tormẽta, mandou logo à ella hũa eſpia, com nome de viſitador, à ſaber que gente vinha nella, & com palavras diſsimuladas offerecendo ao Capitão o que ouveſſe meſter, & pedindolhe que entraſſe para dentro, onde eſtaria mais ſeguro do tempo. Simão de Souſa lhe deu os devidos agradecimentos, & ſe eſcuſou da entrada. Eſpedido eſte viſitador, ao outro dia vèo à elle hũa embarcação da terra à lhe pedir da parte d'el Rei que ſe foſſe para dentro, & que para lhe revocarem a galè lhe mandava àquellas lancharas que atras vinhão, que não tardarão muito em apparecer, atulhadas de gente de guerra, de armas, & de artificios de fogo. As quaes chegadas à galè, vendo os Mouros que Simão de Souſa não queria entrar, o acõmetterão per tantas partes, que a galè foi entrada, travandoſe hũa grande peleja. Era hum triſte eſpectaculo, & caſo que aos meſmos inimigos pudera laſtimar, ver aquelles poucos homẽs tam maltratados dos trabalhos que paſſarão; & tam rodeados de inimigos; mas como todos elles erão eſforçados, ouveràoſe de maneira, que mais parecião liões que homẽs; & aſsi fazião façanhas increiveis: mas contra tantos inimigos pouco lhes aproveitava ſua valentia, porque poſto que fazião grande eſtrago nos que achavão diante, entravão outros de refreſco em ſeu lugar. Fazendo os Portugueſes maravilhas, durou a peleja tanto tempo, que



que deſeſperados os Mouros de tomar à galè, como lhe era mandado por el Rei, receando ja as mortes que os noſſos lhes davão, ſe apartarão, & aſsi desbaratados ſe forão appreſentar à el Rei, ficãdo dos Portugueſes menos os dous terços dos que erão entre mortos, & feridos.

Deſte ſucceſſo ficou el Rei mui indinado contra os ſeus, porque ſendo tantos lhe não levavão a galè; pelo que mãdou logo ao ſeu Capitão mòr do mar, que ſe fizeſſe aquella noute preſtes com toda a ſua armada, que eſtava no porto, & pela manhãa lhe foſſe buſcar a galè, com grandes ameaças de morte ſe lha não trouxeſſe. O Capitão ſe foi pela manhãa à galè (q̃ lhe não deu o tempo lugar para ſe ſair da barra) & os Mouros que o dia de antes com os noſſos pelejarão, receando de ſe chegar, por eſtarem ja ſangrados do ferro Portugues, aconſelharão ao ſeu Capitão, que tentaſſe ſe per manha podia tomar a galè, tendo por impoſsivel avela d'outro modo; & aſsi tanto que chegou à galè que o podeſſem ouvir, mandou dizer à Simão de Souſa com muitas palavras, que el Rei queria tèr paz, & cõmercio com o Capitão de Malaca, & com elle; & para iſſo lhe mandava pedir quiſeſſe ir para dentro. E porque algũs dos Portugueſes eſtavão ja taes, que ſe não atrevião a pelejar, lhes pareceo que ſe devião de concertar, & começarão de pratticar niſſo: o que ſentindo Simão de Souſa, eſtando à falla com os Mouros, lhes reſpondeo que queria aver conſelho com os ſeus; & por entender que algũs delles ſe querião entregar, por o eſtado em que ſe vião todos feridos, & ſem eſperança de ſoccorro, lhes fez hũa falla, declarandolhes com a brevidade que o tempo pedia a falſidade, & tenção d'aquelles Mouros, perſuadindoos à morrerem antes com honra confeſſando a Fè de Chriſto, que entregarenſe à aquelles inimigos della, que com grande crueldade lhes avião de tirar a vida, que eſperavão alcançar delles. Reſponderão todos à hũa voz, que o ſeguirião, & morrerião com elle. Os Mouros deſenganados, remetterão à galè com tanta braveza, que pareceo que do primeiro acõmettimento a levarião; mas os noſſos aſsi como erão poucos, & eſtavão desfallecidos do ſangue, & das forças, lembrandolhes que morrião pola Fè de Chriſto, & contra tam grandes inimigos della, cobrando novos eſpiritos, fizerão proezas quaes

ſe contão nos livros fabuloſos,& que de homẽs que eſtavão naquelle eſtado ſe não poderião crèr:de maneira que os Mouros ſe afaſtarão da galè,com morte, & deſtroição de muitos, & com tenção de ſe recolherem,não ſabendo que os noſſos erão quaſi todos mortos,& os vivos tam feridos que ja não podião pelejar.

Neſte tempo ſe deitou à nado hum Mouro dos forçados da galè,o qual deſcobrio ao Capitão das lancharas, o eſtado em que a galè eſtava,& que ſe não foſſe,que à pouco que perſeveraſſe os acabaria de conſumir. O Capitão mòr mandou eſte Mouro à el Rei,o qual à grande preſſa proveo os ſeus cõ mais gente de refreſco,& mais polvora. Com eſte ſoccorro tomarão atrevimento de entrar na galé,onde ja não avia quẽ a podeſſe defender , & começarão de novo à pelejar cõ eſſes poucos que nella eſtavão vivos, os quaes vendo que aquelle era o ultimo de ſuas vidas,por as venderem caras fizerão maravilhas, como ſe de novo vierão à peleja, atè que pregarão as mãos com ſettas à Dom Antonio de Caſtro em a haſtea de hũa alabarda que tinha nellas cõ que pelejava,& das muitas feridas que tinha eſgottou todo o ſangue atè q̃ caio morto. A Simão de Souſa Galvão derão com hum zarguncho de arremeſſo com tanta força,que paſſando as couraças lhe pregou o coração , & deſte modo acabou Simão de Souſa Galvão,hum dos quatro filhos,[a] com que Duarte Galvão paſſou à aquellas partes;& aſsi acabarão os mais que na galè avia , & algũs poucos que com vida ficarão(dos quaes erão Antonio Caldeira,& Iorge de Abreu , tão feridos, que mais ſe podião contar por mortos que por vivos ) forão levados com a galè à el Rei,como em triunfo de tamanha vittoria,& o corpo de Simão de Souſa feito em pedaços lançarão ao mar. A os feridos fez el Rei muito gaſalhado,& mandou curar,por diſsimular ſua maldade , moſtrando que lhe pezava muito da morte de Simão de Souſa,& dos outros Portugueſes, que elle mandava chamar para lhes fazer gaſalhado,& honra,como deſeja va fazer à todos,& lhes diſſe que como elles foſſem ſãos,eſcolheſſem entre ſi algum,que foſſe dizer da ſua parte ao Capitão de Malaca que mandaſſe por elles,& pela galè, & artelharia,& por o mais que là tiveſſem, & fora dos Portugueſes; porque tudo daria de boa vontade.Porem a tenção deſte Rei infiel era tomar o navio , & gente que o Capitão de Malaca mandaſſe

a. *Os outros tres ſe chamavão Iorge, Manoel,& Rui Galvão.*



mandaſſe como fez ; & ſe dira adiante. E para mais enganar aos noſſos,mandoulhes dar muito boas pouſadas,& todo o neceſſario,com muita largueza,como mui amigo.

## CAPITVLO XVIII.

*Como Dom Iorge de Meneſes tomou a cidade de Tidore ; & aſſentou pazes com os Caſtelhanos que nella eſtavão.*

ESTANDO Dom Iorge de Meneſes Capitão de Maluco, em tregoas com Fernãdo de la Torre Capitão dos Caſtelhanos que eſtavão em Tidore,vindoſe acabar, & querendo as renovar Dom Iorge, não quis Fernando de la Torre per conſelho do Governador de Geilolo;& a cauſa era porque el Rei de Tidore pretendia ſer ſenhor de todo o Eſtado do Moro. E porque elles eſtavão preſtes, mandarão logo ſua armada,para q̃ foſſe tomar os lugares que là tinha el Rei de Ternate;& poſto que Cachil Daroes tinha os lugares bem providos ,mandou tambẽ ſua armada em que ião algũs Portugueſes,que forão desbaratados per Cachil Rade Governador de Tidore,que matou,& ferio muitos delles, & prendeo hum Capitão dos Mouros, que deſpois mandou matar. Os Ternates,& Portugueſes que eſcaparão , acolhendoſe em terra,aviſarão à Dom Iorge do ſeu desbarato , pedindolhe ſoccorro,porque os de Tidore erão muitos , & com elles Fernãdo de la Torre , & quarenta Caſtelhanos que conſigo tinha. Dom Iorge que eſtava eſcandalizado de Fernando de la Torre de não querer com elle paz,pareceolhe que tinha boa occaſião de ſe vingar delle,& d'el Rei de Tidore,para o que diſſe à Cachil Daroes,que era neceſſario deſtroirem aquellas armadas,& ajuntarẽ para iſſo ſeu poder,& dos amigos. Cachil Daroes mandou recado aos Sangages, & à el Rei de Bacham, que acodiſſem com ſua gente,o que logo fizerão. Dom Iorge não lhes manifeſtando ſeu intento , mandou armar cento & vinte Portugueſes todos eſcolhidos.E como as armadas forão juntas,ſe apartou com os officiaes da fortaleza , & com el Rei de Bacham,& Cachil Daroes , & lhes diſſe , que bem ſabião as offenſas que tinhão recebido dos Tidores,poderoſos,

& fortalecidos com a companhia dos Caſtelhanos, & ſua artelharia: & q̃ para ſua deſtroição nũca ouvera melhor tempo, nem mais deſpoſto que o preſente, por muitos andarẽ na guerra do Moro, & ficar a Ilha com poucos, & aſsi ſendo pouca a defenſão, os poderião deſtroir, com que ficarião em paz: porque el Rei de Geilolo ſem ajuda d'el Rei de Tidore, & dos Caſtelhanos não lhes podia fazer guerra. El Rei de Bacham primeiro, & deſpois Cachil Daroes, & os Sãgages, & Capitães dos Mouros, todos approvarão o parecer de Dom Iorge. Os Portugueſes reſpeitando mais ſua quietação, & proveito da ſua fazenda, derão muitas razões diſſuadindo aquella empreſa; mas replicando Dom Iorge, conſentirão nella, ainda que contra ſuas vontades.

Entregue a fortaleza ao Alcaide mòr Gomez Aires, pedio Dom Iorge à el Rei de Bacham, & à Cachil Daroes, q̃ ſe embarcaſſem logo com ſua gente, porque avião de partir aquella noute, antes que ſe publicaſſe aonde ião, porque queria tomar os inimigos deſcuidados. Embarcaraõſe todos, paſſadas algũas horas da noute, Dom Iorge em hum batel grande bẽ artilhado, & Dom Iorge de Caſtro em hum paraò Malavar. Ao outro dia, que era da feſta dos ſantos Apoſtolos Simão, & Iudas, chegarão rompendo a manhãa ao porto de Tidore, cuja cidade he grande, cercada de hũa tranqueira de duas faces, & fica afaſtada hum pouco do mar. Como forão no porto ordenou Dom Iorge de Meneſes, que Dom Iorge de Caſtro ficaſſe no paraò em que ia com quinze Portugueſes, & algũs Ternates, para com hum camelo que levava bater hum baluarte que alli eſtava, & elle com a outra gente avia de ir dar na cidade; & porque o caminho era per entre arvoredo, mandou diante deſcobrir a terra per Vaſco Lourẽço, que era mui esforçado cavalleiro, com doze Portugueſes, & nas ſuas coſtas, Dinis Botelho com outros tantos, & elle abalou com toda a gẽte para a cidade, onde aſsi nos Mouros, como nos Caſtelhanos ouve grande ſobreſalto, & medo: porque el Rei não tinha idade para pelejar, & Cachil Rade ſeu Governador, q̃ era mui esforçado Capitão, & experimentado na guerra, andava no Moro com a principal gente de Tidore. Fernando de la torre mandou com preſteza aſſentar algũs berços ſobre o muro, & poſtos nelle os Caſtelhanos com ſuas eſpingardas, começarão à defender cõ ellas, & cõ a artelharia a tranqueira animo-



animoſamente. Dom Iorge conhecendo o dãno que poderia receber tardando, arremetteo com ſua gente à hum portal da tranqueira per onde os de dentro ſe ſervião, & animando os ſeus, ſobio elle dos primeiros pela tranqueira, & ajudou à ſobir à outros. Os Caſtelhanos, & Tidores vendo que os entravão, ſe puſerão em defenſa com valor, porẽ não puderão reſiſtir à furia com que forão acõmettidos dos Portugueſes, & Ternates; & aſsi deſemparadas as tranqueiras, ſe retirarão os Caſtelhanos ao ſeu forte, quaſi todos feridos, dous mortos, & quatro preſos, & os Tidores à cidade; os quaes ſeguio Dom Iorge atè os lançar fora della, matando, & ferindo muitos, & da volta com elles ſe foi ſeu Rei, ſem em toda eſta peleja aver dos Portugueſes mais q̃ tres feridos. Tomada a cidade, mãdou D. Iorge de Meneſes vir D. Iorge de Caſtro, & dos Portugueſes q̃ ficarão cõ elle, para q̃ todos jũtos ſaqueaſſem a cidade, a qual ſaqueada a mandou queimar. Ficava por cõbater a torre dos Caſtelhanos, & primeiro q̃ D. Iorge o cõmetteſſe, eſcreveo hũa carta ao Capitão Fernãdo de la Torre, na qual lhe rogava da ſua parte, & requeria da do Emperador, q̃ conſiderado com prudencia, & ſem paixão, o eſtado em que eſtava, & pouca defenſão que tinha, ſe entregaſſe à elle, & não deſſe occaſião de ſe matarem hũs Chriſtãos com outros. A eſta carta reſpondeo de palavra Fernando de la Torre, que não ſe avia de entregar por mais ſegurança que lhe deſſe, mas que lhe entregaria a galeotta que fora tomada à Fernão Baldaia com toda ſua artelharia, & a Ilha de Maquiem, & que não ajudaria mais aos Reis de Tidore, & Gilolo contra Portugueſes, nem lhes faria guetra. Dom Iorge lhe replicou, que não fora à Tidore por tam pouco, & pois aſsi queria que ſeu foſſe o dano. Partido o menſageiro, Dom Iorge foi apôs elle com ſua gente, & diante algũas peças d'artelharia, & muitas panellas de polvora, & eſcadas. Temendo Fernando de la Torre tanto apparato, avendo ſeguro de Dom Iorge, lhe ſaio à fallar com a gente que tinha, & apartado hum pouco della, & Dom Iorge da ſua, ſe fallarão, & aſſentarão, que Fernando de la Torre ſe foſſe para a cidade de Camafo, com os Caſtelhanos que o quiſeſſem ſeguir, & alli eſtarião ſem fazer guerra aos Portugueſes, nem aos Reis de Ternate, & Bacham ſeus amigos, contra os quaes não ajudarião à el Rei de Geilolo, & reſtituirião a Ilha de Maquiem à el Rei de Ternate, & q̃ não farião cravo,

*Fernão Lopez de Caſtanheda cap. 6. do liv. 8.*
*Diogo do Couto liv. 6. cap. 11.*
*Franciſco de Andrade cap. 59. da 2. parte.*

„ cravo,nem irião à algũa das Ilhas em q̃ o avia;& para ſua em
„ barcação lhes daria Dom Iorge o bargantim que fora d'el
„ Rei de Geilolo,& tres coracoras, para o acompanharem atè
„ Camafo.E que Dom Iorge lhes não faria mais guerra,nẽ aos
„ Reis de Tidore, & Geilolo. E iſto ſe guardaria atè el Rei de
„ Portugal,& o Emperador mandarem o contrario. E deſpois
„ de cada hum deſtes Capitães dar conta aos ſeus, do que todos
„ forão contentes, aſſentarão as referidas capitulações de pa-
„ zes, que jurarão de comprir, & guardar, & as aſsinarão
„ com algũas peſſoas principaes. Dos Caſtelhanos que com
„ Fernando de la Torre eſtavão,dezoito que diſſerão que que-
„ rião ficar com Dom Iorge,Fernando de la Torre lhos entre-
„ gou, & com os que lhe ficarão ſe tornou à ſua torre, & ao
„ outro dia partio para Camafo.Donde per perſuaſão dos Caſ-
„ telhanos que andavão em Geilolo, deixando Camafo, que-
„ brando a promeſſa que fizera, ſe foi para elles.O que lhe Dõ
„ Iorge mandou eſtranhar,ao que elle reſpondeo, que forçado
„ o fizera,porem que em o mais guardaria as capitulações, &
„ aſsi o fez.

Dom Iorge antes de ſe partir para Ternate, fez paz com el Rei de Tidore, com condição que elle pagaria de parias à el Rei de Portugal cada anno certos bahares de cravo, & que em Tidore avião de eſtar algũs Portugueſes para enſinarem ſeus coſtumes aos Tidores, & não avia mais de ajudar aos Caſtelhanos,nem à Mouros contra Portugueſes.

*Fernão Lopez de Caſtanheda liv.8.cap.7. Francisco de Andrade cap.59. da 2.parte.*

„ Eſtando ainda Dom Iorge em Tidore,vio ao mar hũ jun-
„ co q̃ vinha de Banda,& de Amboino,em q̃ vinhão cinquoẽ-
„ ta Mouros com mercadorias para levar cravo de Tidore,cui-
„ dando que eſtava em ſua proſperidade. Sabendo Dom Iorge
„ donde era,mandou à Dõ Iorge de Caſtro que o foſſe tomar;
„ & entendendo os Mouros da deſtroição de Tidore, & a ida
„ dos Caſtelhanos,não ouſando de pelejar,ſe entregarão.Deſte
„ junco fez Dõ Iorge de Meneſes merce em nome d'el Rei de
„ Portugal à Dom Iorge de Caſtro, porque avia de ficar em
„ Tidore para cobrar o cravo d'el Rei, & deixando com elle
„ quarenta Portugueſes, & Cachil Daroes com a armada, ſe
„ partio para Ternate, levando conſigo duas galeottas dos
„ Caſtelhanos,& a galeotta que elles tomarão ao Baldaia, com
„ ſua artelharia, com muita polvora, & munições, & ſatiſ-
„ feito das offenſas paſſadas, entrou vittorioſo em Ternate.

Os



Os Caſtelhanos que à Ternate forão com Dõ Iorge de Meneſes,ſe embarcarão com Dom Iorge de Caſtro no Ianeiro ſeguinte para a India.

## CAPITVLO XIX.

*Da morte d'el Rei Bohaat,& priſão de ſeu irmão, & ſucceſſor Cachil Daialo,& da injuria que fez Dom Iorge à Cachil Vaidua parente d'el Rei.*

NESTE tempo que Dom Iorge de Meneſes deſtroio a cidade de Tidore,& lançou della aos Caſtelhanos,falleſceo na fortaleza el Rei Bohaat,[a] não ſem ſoſpeita de peçonha, que dizião algũs lhe mandou dar Cachil Daroes, por entender que el Rei lhe tinha odio por elle aconſelhar ao Capitão que o tiveſſe como preſo na fortaleza,onde avia muito tempo que eſtava, & de quem ſe tambem temia por tyrannias,& extorſões que fazia no governo. Pela morte d'el Rei, que foi mui ſentida de todos, porque era bom Principe, foi levãtado por Rei hũ ſeu irmão mais moço, por nome Cachil Daialo,que tambẽ Dõ Iorge metteo na fortaleza. A Rainha como lhe não ficava outro filho,receando que na fortaleza lhe morreſſe eſte como o outro, pedio com muita inſtancia à Dom Iorge lho deixaſſe tèr conſigo; mas Dom Iorge não quis,temendoſe que ſe os Ternates viſſem el Rei livre ſe levantaſſem contra os Portugueſes.O que tambem dizem que lhe aconſelhava Cachil Daroes, que por eſtar el Rei recolhido na fortaleza tinha elle todo o mando do Reino abſolutamẽte, & eſtando fora della, & em ſua liberdade não avia de ſer aſsi,por a Rainha lhe querer grande mal, q̃ella diſsimulava,por ſaber que nelle eſtava a liberdade d'el Rei ſeu filho. E por eſta cauſa Cachil Daroes tinha grande odio à toda peſſoa que fallava ſobre a liberdade d'el Rei, & muito maior à Cachil Vaiaco,de quem Dom Iorge era muito amigo, polo que temia Daroes,que Dom Iorge fizeſſe Governador à Vaiaco, & à elle tiraſſe do cargo,por lhe não tèr tambem boa vontade deſde o tempo que Dom Iorge tivera as differenças com Dom Garcia Enriquez.

[a] *Diogo do Couto chama à eſte Rei Baiano,& à ſeu irmão Aialo.*

Sendo

*Fernã Lopez de Caſtanheda liv.8. cap.18. Franciſco de Andrade cap.60.da 2.parte.*

Sendo por eſta cauſa grandes inimigos Cachil Daroes, & Cachil Vaiaco, aconteceo que vindo hũa armada d'el Rei de Geilolo dar viſta à fortaleza, mandou Dom Iorge contra ella Cachil Vaiaco com algũs Portugueſes, o qual ſe embarcou em hũa coracora em que Daroes ſoia andar, de q̃ elle não foi ſabedor. E tornando Vaiaco mui contente, por fazer recolher os Geilolos, & tomarlhe hũa coracora, Dom Iorge o feſtejou muito, & Cachil Daroes ouve grande enveja do bom ſucceſſo de ſeu inimigo, & quando ſoube que fora na ſua coracora tomou grande indinação, que deſcobrio o odio que lhe tinha, & começou d'ahi em diante de o vexar em tudo o que podia. Temendoſe Vaiaco delle, & não ſe atrevendo eſcapar com a vida eſtando entre os Mouros, ſe acolheo à fortaleza. Cachil Daroes determinando de o aver às mãos, o pedio à Dom Iorge, dizendo, que tinha feitos muitos deſerviços à el Rei Cachil Daialo, & que convinha caſtigalo, pelo que lho devia de entregar; porq̃ el Rei de Portugal não avia de aver por bem, que ſeus Capitães amparaſſem, & acolheſſem os q̃ deſervião à el Rei de Ternate. Dõ Iorge como era amigo de Vaiaco, & deſejava ſua ſalvação, pôs em conſelho ſe o entregaria à Cachil Daroes; mas Vaiaco receando que a determinação foſſe, que o entregaſſem, & que entregandoo, Daroes o avia de matar deshonradamente, & que o não pedia ſenão à eſſe fim, querendo antes matarſe à ſi, que morrer por mandado de ſeu inimigo, ſubitamente ſe lançou de hũa torre abaxo, do que logo morreo. Com eſte ſucceſſo ficou Cachil Daroes vingado, & Dom Iorge mui triſte, & ambos em grande odio.

Os Mouros como virão Cachil Daroes deſcubertamente aggravado, alem do odio que naturalmẽte tinhão aos Portugueſes, tinhãolho por reſpeito de Daroes, & em tudo o que lhes podião anojar o fazião diſsimuladamente, por o medo que tinhão à Dom Iorge, atè verem a ſua; & por lhe darem deſgoſto lhe matarão hũa porca da China que trazia em caſa, & eſtimava muito. E poſto que ſe fez encubertamente, fazendo Dom Iorge diligencia, achou quem culpaſſe na morte da porca à Cachil Vaidua tio d'el Rei, & Caciz mòr, homem entre elles per o ſangue, & per a dignidade de grande autoridade, ſem reſpeito da qual Dom Iorge o mandou prender. Deſta priſão ouve tanto alvoroço na cidade, que ſe não



não fora o muito medo que à Dom Iorge tinhão, ſe levantarão. Cachil Daroes com os principaes da cidade ſe foi à fortaleza, & pedio à Dom Iorge mandaſſe ſoltar Cachil Vaidua, eſtranhandolhe prender hũa peſſoa de tanta qualidade, por hũa couſa tam vil como era hũa porca. Dom Iorge, q̃ era homem de poucos comprimentos, não curando de deſculpas, lhes diſſe, que o não avia de ſoltar, ſenão pagandolhe a eſtimação da ſua porca anoveada. Trazendolhe penhores atè ſe avaliar a porca, mandou Dom Iorge à Pero Fernandez ſeu criado que os tomaſſe, & ſoltaſſe ao Vaidua; & como homem baxo, que parece ſer no nome, & na obra, ao tempo que ſoltou Vaidua, lhe untou o roſtro com hũa poſta de toucinho, que entre Mouros he graviſsima injuria. O Vaidua à quẽ aquella offenſa, & deſprezo foi mais que a morte, com muitas lagrimas que lhe corrião pelo roſtro, que ainda levava untado, ſe foi à Cachil Daroes, que com muitos mandarijs ficara à porta, aos quaes contou d'aquella affronta, & com magoa delle chorarão todos, & muito mais de o não poderem logo vingar; & entenderão que per mandado de Dom Iorge ſe faria aquella offenſa, porque nem caſtigou o criado, nem ſe deſculpou. E o deſprezo da priſão feita à hum homem de ſangue Real, à quem Dom Iorge por mais grave delicto ouvera de tratar conforme à ſua peſſoa, lhes dava maior indicio de elle o mandar. A indinação dos que virão aquella injuria foi maior quando os Portugueſes que alli eſtavão em lugar de a eſtorvarem, ou conſolarem à Vaidua, & à Cachil Daroes, ſe rirão muito, como de couſa de grande graça. Cachil Vaidua ſe foi de Ternate por todas aquellas Ilhas, manifeſtando aos Mouros a injuria que lhe fora feita a elle, & à toda a nação, & à ſua lei, pedindolhes que a vingaſſem, para que ſe começarão logo de aperceber. Dos exceſſos deſte Capitão, ſucce- »
deo a tragedia que ſe vera deſpois, & que ſempre ſoe acontecer quando os Principes, ou miniſtros ſeus tratão ſem clemẽ- »
cia, & humanidade aos vencidos, fazendoſe ſenhores dos cor »
pos, & não das vontades. Porque nenhũ preſidio, nem priſão »
ha, que mais faça tèr os ſubditos em obediencia, & alegre ſer- »
vidão, que o ſuave tratamento; & pelo contrario, per nenhũ »
caminho ſe perdem, & ſe arriſcão mais os Eſtados, & vem à »
deminuição, que per aſpereza, & inſolencia dos ſenhores pa- »
ra os vaſſallos; mormente quando ſão de outra nação, ou no- »

vamente

vamente ganhados. Cachil Vaidua, como diſſemos, ſe foi mo-
rar fora de Ternate, & não tornou à Ilha, atè que veo Anto-
nio Galvão por Capitão, que dos Mouros, & dos Portugue-
ſes foi igoalmẽte amado por ſua manſidão, & Chriſtandade.

## CAPITVLO XX.

*Como Dom Iorge mandou lançar à dous lebrès o Regedor de Tabo-
na, dos quaes foi cruelmente morto, & mandou degollar
à Cachil Daroes.*

*Fernão Lopez de Caſtanheda liv. 8. cap. 20. Diogo do Couto liv. 7. cap. 7. Franciſco de Andrade, cap. 60. da 2. parte.*

AMVITA inquietação de Dom Iorge, que não procurava paz, & ſoſſego para ſi, nem para os ſeus, por as offenſas que à todos os vezinhos fazia, era cauſa de eſtarem os Portugueſes muito pobres, como homẽs que não tinhão cõmercio, nem lhes pagavão ſoldo, polo que com neceſsidade tomavão aos Mouros os mantimentos que avião meſter per força, ſem lhos pagarem. E queixandoſe diſto os Mouros, Dom Iorge não lhes dava mais remedio que dizerlhes, que lhos deſſem elles per vontade, & que os Portugueſes lhos não tomarião per força. E indo com ſeus queixumes à Cachil Daroes, como à Governador que era do Reino, não ſoube mais que fazer para evitar brigas, que mandarlhes que não vendeſſem mantimentos, nem os tiveſſem em caſa, para os Portugueſes os não tomarem. Polo que ficando elles em grande aperto, querendo prover à iſſo Dom Iorge, mandou Gomez Aires Alcaide mòr, que com algũs Portugueſes que lhe deu foſſe pela Ilha buſcar mantimentos; os quaes no primeiro lugar à que chegarão, que ſe chama Tabona, incitados da fome, & da ſoberba, parecendolhes que a terra era ſua, ſe metião pelas caſas dos Mouros ſem reſpeito algum, & lhes tomavão os mantimentos que lhes achavão. Os Mouros reſiſtindo à eſta força, como os Portugueſes erão poucos, os tratarão mal; Gomez Aires que ficava detras com outros poucos, cuidando o Regedor da villa, que era gente que vinha de ſoccorro, acodio ajudar os ſeus, & tomando os Portugueſes entre ſi, os eſpancarão, & ferirão, & à algũs tomarão as armas que levavão, & aſsi os fizerão tornar à fortaleza. Indinado Dom Iorge por aquella afronta, mandou logo dizer à Cachil Daroes,



roes, que mandaſſe ir à fortaleza ao Regedor de Tabona, & os principaes que forão naquella offenſa, porque d'outra maneira não o teria por amigo d'el Rei de Portugal, nem ſeu. Daroes como tinha Dom Iorge à el Rei na fortaleza, fez o que lhe mandou requerer, & com o Regedor de Tabona vierão dous homẽs principaes, à que logo Dom Iorge mandou cortar as mãos, & com ellas cortadas os mandou levar à Tabona. Ao Regedor mãdou atar as mãos, & deitalo à dous cães de filhar mui feros, jũto cõ a praia q̃ eſtava cuberta de gẽte q̃ ſaio à ver tam nova juſtiça. Foi piadoſo eſpectaculo ver arremetter os cães à elle, & começar à esfarraparlhe a carne às dentadas, mordendoo cruelmẽte, & os gritos q̃ elle dava cõ as dores. O Regedor q̃ era animoſo ſe foi chegãdo para o mar, cuidãdo q̃ nelle o largarião os cães, mas encarniçados nelle o ſeguirão; & vẽdoſe elle em tamanho tormẽto, andando ja nadã do cõ os pès, q̃ cõ as mãos não podia por as tèr atadas, fez vòlta aos cães q̃ o ſeguião, & cõ muito esforço, & acordo, ſe começou à defender cõ os dentes, mordẽdo aos cães, aſsi como elles o mordião, de q̃ todos eſtavão attonitos, & andãdo eõ as carnes eſpedaçadas, afferrou hũ dos cães per hũa orelha, & afferrado ſe metteo cõ elle debaxo d'agoa, onde ſe afogou, deixando à todos cõ grande eſpãto, & maior magoa, chorãdo de verem morrer tam cruelmente hum homẽ tam esforçado.

D'alli por diãte teve Cachil Daroes mortal odio à Dõ Iorge, & aos Portugueſes, & deſejava de os matar à todos, & livrar a terra de ſeu jugo. E ſendo informado Dõ Iorge q̃ Cachil Daroes tinha aſſentado paz cõ Catabruno Governador de Geilolo, para Daroes matar os Portugueſes, & Catabruno os Caſtelhanos, & q̃ neſta conjura entrava tambẽ Cachil Samarao, q̃ era Almirante do mar, & Cachil Boio, q̃ era Iuſtiça mòr de Ternate, mandou chamar à todos tres, & fazẽdolhes preguntas, cõfeſſarão q̃ determinavão de livrar ſua patria das oppreſsões q̃ lhe elle Dõ Iorge, & os Portugueſes fazião, cõ os lançar de ſuas terras, ou matar à todos. Cachil Daroes como principal naquelle negocio, foi preſo na fortaleza, o que fez grande alvoroço nos principaes da cidade quando ſouberão a cauſa. Dom Iorge aconſelhandoſe com os officiaes da fortaleza, o que faria de Cachil Daroes, acordarão que devia ſer degollado publicamente, porq̃ tendoo preſo, poderia levãtarſe a terra contra a fortaleza, com eſperança de o livrar, & vendo

que era morto ſe aquietarião. Approvado eſte conſelho, foi Cachil Daroes degollado em hum cadafalſo da maneira que em Eſpanha ſe degollão os grãdes ſenhores, como autor d'aquella conjuração. A morte de hum homem tam aſsinalado,
» Governador d'aquelle Reino, & filho de hum Rei delle, & de
» quem os Portugueſes, aſsi delle, como de ſeu pai, tinhão rece-
» bidos tantos beneficios, & a pena da morte que em Maluco
» ſe não dà à homẽs fidalgos, por os delictos que cõmettem,
» ſenão deſterro; & a lembrança que tomando elles aos Portu-
» gueſes por hoſpedes, & amigos, ſe lhe tornarão ſenhores, & 10
» contrarios, & que chamavão traição quererem proclamar a
» ſua liberdade, fez tanto eſpanto, & indinação em todos, que a Rainha, & os principaes ſe forão da cidade para hum lugar que chamão Turucò, que eſtà hũa legoa de Ternate. Por cauſa deſta morte principalmente, vèo Dom Iorge preſo à India, & da India à Portugal, & de Portugal degradado para o Braſil, onde acabou a vida, como adiante diremos, quando tratarmos de Gonçalo Pereira, que lhe ſuccedeo na Capitania. E deixando agora as couſas de Maluco, tornaremos à tratar as da India, & de Nuno 20
da Cunha que a vinha
governar.

(2.)



# LIVRO TERCEIRO
## DA QVARTA DECADA DA ASIA,
### *DE IOÃO DE BARROS.*
### Governava a India Nuno da Cunha.

## CAPITVLO PRIMEIRO.

*Como el Rei Dom Ioão mandou por Governador da India à Nuno da Cunha, & do que paſſou atè chegar à Ilha de S. Lourenço*

30 NO ANNO de mil & quinhentos & vinte ſette, pelas naos que entam vierão da India, [a] ſoube el Rei Dom Ioão em quanta neceſsidade ella ficava de gente, & de outras couſas neceſſarias para a conſervação & governo d'aquelle Eſtado, & das differenças que entre Lopo Vàz de Sampaio, & Pero Maſcarenhas ſe receavão aver, por o modo que ſe teve no abrir das ſucceſſões. Pelo que lhe pareceo que convinha acodir à iſſo com mandar outro Governador. E porque em
40 Nuno da Cunha Veedor de ſua Fazenda concurrião muitas

*a. Deſtas naos vierão por Capitães Triſtão Vàz. da Veiga, & Franciſco de Anhaia.*

qualidades, assi de sua pessoa, como de muita experiencia do governo da India, por o tempo que nella andou com seu pai Tristão da Cunha, & por causa do officio que tinha, determinou de o mandar no anno M.D.XXVIII. por Governador d'aquellas partes. E por el Rei à aquelle tempo estar na cidade de Coimbra, & a armada avia de ser grande, em que esperava mandar muitos fidalgos, & criados seus, para despachar seus requerimentos, se passou à Almeirim, que está xiiij. legoas de Lisboa pelo Tejo acima, de fronte da notavel villa de Santarem. Nesta armada mandou mais de dous mil & quinhentos homẽs de armas, para ficar na India, afora a gente sobresalente do mar, & a que avia de marear as naos, que erão onze, cujos Capitães erão, elle Nuno da Cunha, Simão da Cunha, & Pero Vàz da Cunha, seus irmãos, Antonio de Saldanha, Garcia de Sà, filho de Ioão Roiz de Sà de Meneses, Alcaide mòr do Porto, & Senhor das terras de Sever, Dom Fernando[a] Deça, filho de Dom Pedro Deça o velho, Dom Fernando de Lima, filho de Duarte da Cunha, Bernardim da Silveira, filho do Coudel mòr Francisco da Silveira, Senhor das Cerzedas, Francisco de Mendoça Guedez, filho de Pero Guedez Senhor de Murça, & Afonso Vàz Azambujo piloto da Mina, Capitão & piloto de hũ navio pequeno, para serviço de toda a armada, assi para recados, como para às entradas dos portos, Ioão de Freitas Capitão de hũa nao Biscainha, & Gaspar Moreira, & Luis de Araujo,[b] Capitães de duas caravellas carregadas com mantimentos para proverem as naos, atè a costa de Guinè, & para tornarem com as novas da sua viagem atè passarem a Linha Equinoccial, termo de que se poderia julgar que a armada ia bem navegada, por partir de Lisboa tarde à xviij. de Abril.

*Frotta da India do anno de M.D.XXVIII.*

a. *A este chama Diogo do Couto D. Francisco.*

b. *Francisco de Andrade chama à este Luis Doria.*

Seguindo esta frotta sua derrota, à seis de Maio, antes de chegar às Ilhas do Cabo Verde, querendo a nao de Ioão de Freitas salvar a de Simão da Cunha, embaraçouse de maneira que deu hũa por outra, com que a de Ioão de Freitas começou de se ir ao fundo, por ser Biscainha, & velha, & não tam forte como a nao Castello de Simão da Cunha; & approuve à Deos que em hum dos navios dos mantimentos se salvou Ioão de Freitas, que ia por Feitor de Malaca, & onze homẽs com elle; & Dom Fernando de Lima no esquife da sua nao, recolheo poucos & poucos, atè cento & cinquoenta homẽs,



homẽs, com o qual soccorro quasi toda a gente se salvou.[a] Por causa deste desastre com q̃ se perderão muitos mantimẽtos, para animar a gente com nova provisão delles, mandou Nuno da Cunha governar à Ilha de Santiago, onde surgio à ix. de Maio. Enella se deteve tres dias, refazendose de muitas cousas que se perderão. D'alli despedio hũa das caravellas, & outra despois que passou a Linha à ij. de Iunho. E porque as naos não erão todas companheiras na vella, & algũas com os ventos geraes, que começavão à refrescar, não podião manter companhia das outras, como atèlli fizerão, por os tempos serem bonanças. Apartouse Nuno da Cunha com seu irmão Simão da Cunha, & com o navio de Afonso Vàz Azambujo, & às outras vellas deu regimento do que avião de fazer: & dando pela manhãa toda a vella ao vento, quando veo a tarde tinha ja perdido de vista as outras naos. Com bom tempo chegou em poucos dias às Ilhas que se chamão do nome de seu pai Tristão da Cunha, por as elle descobrir quãdo foi à India (como ja dissemos*) na qual paragẽ lhe deu hũ tẽporal cõ q̃ se apartou delle Simão da Cnnha, & ficoulhe a cõpanhia de Afonso Vàz. Corrẽdo cõ este tẽpo, vèo à dar cõ elle Antonio de Saldanha, & despois Pero Vàz da Cunha, & perdendo oje hũ, & a manhãa outro, segũdo cursava o vẽto, passou o Cabo de Boa esperãça, avendo vista delle o derradeiro de Iulho, onde andou em calmarias, atè q̃ vèo tẽpo q̃ o levou ao rostro da Ilha de S. Lourẽço, & chegou à ella à xxiij. de Agosto, mas o vẽto lhe não servio para poder tomar o Cabo de S. Maria, onde quisera fazer agoada, por ir tã falto d'agoa, q̃ em tres naos q̃ ião jũtas, a sua, a de seu irmão Pero Vàz da Cunha, & à de D. Fernãdo de Lima, não avia mais q̃ sesenta pippas della, sendo as pessoas mil cẽto & quarẽta & quatro. Cõ esta necessidade aos xxiij. dias de Agosto, tomou na mesma Ilha da banda de Oeste o porto de Santiago, q̃ està em altura de 15. Graos da parte do Sul, & antes de entrar neste porto quasi tres legoas foi dar em hũs baxos em q̃ se ouvera de perder, & onde se tinhão perdido Manoel dela Cerda, & Aleixo de Abreu, como despois soube. Passado este perigo, entrou no porto d' Sãtiago q̃ he hũa Baìa, a qual logo na entrada he tã espaçosa q̃ podẽ entrar per ella muitas naos à vella, porẽ despois q̃ entrão para dẽtro da terra, vaise fazẽdo hũa maneira d' seo, & no fim delle hũa cõcha chea de muitos alfaques, assi alcãtilados, q̃ està à poppa da

a. *Entre os que perecerão, que forão cento & cinquoenta pessoas, diz Diogo do Couto, q̃ foi hũ homẽ casado q̃ ia na nao com sua molher, & tres filhas donzellas, q̃ vendo a nao aberta, abraçandose todos cinco, com lastimoso pranto se forão ao fundo.*

* *No capit. 1. do liv. 1. da 2. Decada.*

da nao em oitenta braças,& a proa em doze. Toda eſta concha he cercada de hũa terra alta, & ſoberba, & ſòmente em hũa parte faz hum eſcampado, per meio do qual corre hum rio de agoa doce,o qual ſe faz de dous que vem de dentro da terra de partes diverſas, & eſte ajuntamento he mui perto donde ſe elle mette no mar,& traz tanta agoa que podem barteis grandes ir per elle acima hum bom eſpaço.

Surto Nuno da Cunha, porque aquella terra era mui povoada de Negros de cabello retorcido como os de Moçambique,começarão logo deſcer à ribeira muitos delles, trazendo carneiros, galinhas,grãos,lentilhas,& outros mantimentos, que davão aos noſſos à troco de pedaços de ferro, & de outras couſas de pouco preço. Com eſte cõmercio,& bõ tratamento q̃ lhes os noſſos fizerão,ficarão tam contentes,que d'ahi à dous dias trouxerão hum Portugues, o qual vinha tam deforme,com a grenha que trazia de cabellos, & cortimento dos couros deſpidos,que era mui mais feo à viſta que os proprios Negros. O prazer deſte homẽ foi tamanho quando ſe vio dentro na nao, que eſtava diante de Nuno da Cunha como paſmado,ſem lhe poder dar razão do que lhe perguntava. Deſpois q̃ entrou mais em ſi, cõtou como alli ſe perderão Manoel de la Cerda,& Aleixo de Abreu,dãdo de noute em ſeco,& eſtiverão atè o outro dia pela manhãa q̃ ſe ſalvarão em jangadas cõ algũa pouca fazẽda,& q̃ a gente de Manoel de la Cerda,ſegũdo ſoubera dos Negros, ſe mettera pela terra dẽtro,mas q̃ lhe não ſabião dar razão onde pararão, por que os Negros não coſtumavão ſair das comarcas dõde erão naturaes:& que a gente de Aleixo de Abreu,ſegundo elles dizião, andava pela Ilha; & a cauſa de elle ficar alli, fora, porq̃ quãdo Aleixo de Abreu(cõ quem elle vinha) determinou de ir per terra cõ a gente q̃ ſe ſalvara,buſcar algũ porto,dõde cõ jangadas,ou cõ algũ outro modo ſe paſſaſſe à Moçambique, elle eſtava tã doente,& manco,q̃ não podia dar hũ paſſo,& q̃ em quãto teve algũa couſa ſobre ſi,os Negros entre quem ficou,lhe forão cõtrarios,& não ſe fiavão delle,mas q̃ deſpois q̃ o virão deſpido,& de todo nuo como elles,& não tinhão que cobiçar,ficarão ſeus amigos,& o tratarão mui bẽ,por ſer gente pacifica,& q̃ vive à modo de cõmunidades, ſẽ terẽ ſenhor à quẽ obedeção. Eſtas,& outras couſas dos coſtumes d'aquelles Cafres cõtava eſte homẽ,o qual ſegundo dezia era criado de



de Dom Antonio de Noronha Conde de Linhares. E eſcapãdo de tantos trabalhos, vèo à morrer d'ahi à poucos dias em Mombaça de ſua infirmidade, [a] onde morreo muita gente outra,como adiante ſe vera.

a. *Eſcreve Diogo do Couto, que eſte homem viveo deſpois muitos annos caſado em Goa,& foi nella meirinho*

## CAPITVLO II.

*Da perdição das duas naos de Manoel de la Cerda,& Aleixo de Abreu,& do que aconteceo aos que dellas ſe ſalvarão.*

AS DVAS naos de que ſe ſalvou eſte Portugues que levarão à Nuno da Cunha, erão da companhia de cinco que partirão de Portugal no anno de M.D.XXVII. da qual armada ia por Capitão mòr Manoel de la Cerda, & das outras quatro naos forão os Capitães Aleixo de Abreu, Chriſtovão de Mendoça, Balthaſar da Silva, & Gaſpar de Paiva. Eſtas tres ultimas chegarão à ſalvamento à India em Settembro (como ſe atras eſcreveo*) & as duas de Manoel de la Cerda,& de Aleixo de Abreu, ſe perderão na coſta Occidental da Ilha de S. Lourenço, nos baxos da Baia de Santiago (na qual eſtava Nuno da Cunha) onde ſaio em terra toda a gente deſtas duas naos,& feitas hũas tranqueiras,dentro dellas ſe recolherão com as armas que eſcaparão do naufragio,& outras couſas,que cõmutando per mantimentos (de que aquella parte da Ilha não he mui abundante) com os naturaes da terra, ſe forão ſuſtentando miſeravelmente, eſperando que paſſaſſe algũa nao,que com ſinaes que lhe fizeſſem os vieſſem tomar. Eſtiverão naquella Baia hum anno, no fim do qual chegou à aquella paragem Antonio de Saldanha na ſua nao, que era da companhia da armada do Governador Nuno da Cunha, a qual viſta por eſta gente perdida,como foi noute fizerão grandes fogos em cruzes,para per elles moſtrarem aos da nao que eſtavão alli Portugueſes perdidos. Viſtos os fogos,mandou Antonio de Saldanha tomar os traquettes, & puſeràoſe à trinca, & como amanheceo forão na volta da terra, à que não ouſavão chegar,por não ſer ſabida, eſperando que della vieſſe em algũa almadia quẽ lhe diſeſſe que gente era aquela;& aſsi afaſtandoſe de noute da terra, & voltando à ella de

*Diogo do Couto cap.5.do liv.3.& cap.2.do livro.5.da 4. Decada.*

*No cap.4.do liv.2.

„ dia,andou alli Antonio de Saldanha oito dias,& no cabo del-
„ les,dandolhe hum temporal rijo,desappareceo, continuando
„ sua viagem.Os Portugueses perdidos, vendose sem o reme-
„ dio que esperavão da nao,se determinarão de passar à outra
„ banda da Ilha,onde poderião achar algũa embarcação da ter-
„ ra,em que passassem à Sofalla,ou à Moçambique, & divid-
„ dos em duas esquadras,se metterão pelo sertão, onde desapa-
„ recerão,ficando alli doente aquelle homẽ que achou Nuno
„ da Cunha, de quem soube o successo da perdição d'aquellas
„ naos.

*Francisco de Andrade cap.64.da 2.parte.*

„ Per cartas de Nuno da Cunha teve el Rei Dom Ioão no-
„ ticia da perdição destas duas naos,& mandou buscar a gente
„ dellas,no anno M.D.XXX.com dous navios,de que erão Ca
„ pitães dous irmãos,Duarte da Fonseca,& Diogo da Fonseca.
„ Chegarão ambos à Ilha de S.Lourenço, Duarte da Fonseca
„ entrou em hũa grande Baia, onde se afogou com dez ho-
„ mẽs que levava no batel do seu navio; & Diogo da Fonse-
„ ca correndo a costa, surgio em hum porto onde vio grandes
„ fumos,& mandando o batel à terra à saber a causa delles,acha
„ rão quatro Portugueses que os fazião,tres da nao de Manoel
„ de la Cerda,hum de Aleixo de Abreu,& hum Frances de hũa
„ nao Franceza que alli fora parar,de tres,q̃ os annos atras passa
„ rão à India.Estes homẽs recolhidos no navio,disserão q̃ avia
„ muitos vivos da sua companhia,mas que andavão tam espa-
„ lhados pela terra dentro d'aquella Ilha, que seria impossivel
„ achalos;pelo que Diogo da Fonseca se foi com elles à Mo-
„ çambique,levando o navio de seu irmão,& deixando alli hũ
„ delles por fazer muita agoa,partio para a India, em Abril de
„ M.D.XXXI. E na paragem de Sacotorà se devia de perder
„ com algum temporal,o que se despois soube,por algũa fazen
„ da,& arcas que forão dar à costa d'aquella Ilha, & pelos pa-
„ peis que nellas se acharão, se entendeo que erão deste navio
„ de Diogo da Fonseca,& o successo de sua viagem.

*Fr.Antonio de Gouvea, ora Bispo de Sirene, no ultimo capitulo do 3.livro da relação das guerras de Persia,& transmigração dos Armenios.*

„ Da gente destas mesmas naos de Manoel de la Cerda, &
„ Aleixo de Abreu devem de proceder os Portugueses que hũs
„ Hollandeses acharão nesta Ilha de S.Lourenço, onde se per-
„ derão na ponta de S.Lucia vindo da Iaoa em hũa nao carrega
„ da de drogas: os quaes andando cortando madeira para fazer
„ algũa embarcação em que voltassem à Bantam, forão vistos
„ da gente da terra,a qual parecendolhe que erão Portugueses,
se



„ se vierão à elles com muito alvoroço,& abraçandoos, & fal-
„ lando Portugues, lhe differão que tambem elles erão netos
„ de Portugueses(posto que o não parecião nas cores,& trajos)
„ & com muita instancia perguntavão se trazião comsigo pa
„ dres. E desenganados que não erão Portugueses, senão Hol-
„ landeses,de que elles não tinhão noticia, lhes contarão como
„ em tempos passados hũa nao tam grande como aquella sua
„ alli se perdera,salvandose a gente,& o Capitão della conquis-
„ tara parte d'aquella Ilha,de que se fizera senhor, & q̃ os mais
„ se casarão com as molheres da terra, de que tiverão grande
„ geração,da qual elles descendião, & que assi como seus pais,
„ & avòs desejarão sempre tèr padres que os doutrinassem, assi
„ elles vivião nos mesmos desejos. Feita a embarcação volta-
„ rão estes Hollandeses para Bantam, onde relatarão este suc-
„ cesso aos companheiros,& à Fr.Athanasio de I E S V, frade
„ Agostino Portugues,que estava cattivo entre elles, acrescen-
„ tando como notarão naquella gente erros intoleraveis na Fè
„ por falta de doutrina, nos quaes se parecião mais à aquelles
„ barbaros com que se criarão,que aos Portugueses de que pro
„ cedião. Frei Athanasio avisou de todas estas cousas à Dom
„ Fr.Aleixo de Meneses Arçebispo q̃ entam era de Goa,& go-
„ vernava a India, & agora he Arçebispo de Braga,& Visorrei
„ d̃ Portugal;o qual cõ a vigilãcia,& cuidado q̃ costuma tèr em
„ semelhantes casos, & grande zelo na conversão das almas,
„ (como o mostrou na redução dos antigos Christãos de S.Tho
„ me,à Fè Catholica, & obediencia da santa Igreja Romana,
„ da qual avia mais de mil annos que estavão apartados, em
„ que este Illustrissimo Arçebispo com perigos continuos, &
„ incãsaveis trabalhos,imitou os Prelados da primitiva Igreja)
„ encomendou aos Padres da Cõpanhia de I E S V,que forão
„ com Dom Estevão de Taide à conquista de Monomotapa,
„ de Moçambique, ou de outro algum porto vezinho,tra-
„ balhassem por alcançar mais clara noticia desta
„ gente,para a poder socorrer como
„ a sua necessidade
„ pede.

## CAPITVLO III.

*Como a nao de Nuno da Cunha se perdeo com hum vento traveſſão, ſalvandoſe elle, & ſua gente, & do que lhe aconteceo atè chegar à Ilha de Zanzibar.*

NVNO da Cunha por ſe melhor informar do ſitio & qualidades da terra, em quanto a gente do mar fazia ſua agoada, deu licença à Dom Pedro Lobo, à Luis Falcão, & à Manoel Lobato, & à algũas outras peſſoas nobres, que com algũs ſoldados à bom recado foſſem atè a povoação dos Negros, mas que não entraſſem nella, ſomente viſſem o que lhe parecia do ſitio, & diſpoſição da terra, & levaſſem moſtras de cravo, canella, & de toda outra eſpecearia, ouro, & prata, para ſaber ſe entre os Negros avia algũa d'aquellas couſas, & ſe era delles eſtimada. Idos eſtes fidalgos, porque o tempo que lhe Nuno da Cunha limitou era mui eſtreito para o q̃ avião de fazer, tornarão logo à tarde mui contentes da diſpoſição & fertilidade da terra, & aſsi de ſeus moradores, por ſer gente pacifica, ſem cautelas, & ſem aquella malicia propria dos Negros de Guinè, & trouxerão dos mantimentos q̃ entre elles avia, atroco de algũas couſas q̃ levarão; & quanto às moſtras de ouro, & prata, & eſpecearia, não davão razão como gẽte q̃ não ſabia mais da terra que atè onde chegava o termo da ſua aldea.

Avendo tres dias q̃ Nuno da Cunha alli eſtava provendo ſe do neceſſario, & eſperando tẽpo para ſairem d'aquella angra, ſobrevèo vento do mar, q̃ ficava em traveſſão na coſta, & como o porto era cheo de alfaques, aſsi deſcõpaſſados em partes (como diſſemos) começou a nao de Nuno da Cunha ſaluçar de maneira, que trincou logo duas amarras, & vindo logo outras duas, ou tres novas, apena forão lançadas ao mar quando ſe fizerão em pedaços, & a cauſa de durarem tã pouco, não foi tanto por razão dos ſaluços da nao, como por eſtarem recozidas da quentura & humidade dos paioes onde vinhão, com a qual falta a nao foi levada à terra do impeto do mar, & a pôs em tres braças, onde cõ tres, ou quatro pancadas abrio de todo, aſſentandoſe no fundo da area, quando ja o vento



vento não era tam rijo. E poſto que a nao foi logo chea de agoa, ficou tam perto da terra, que nadando ſairão muitos homẽs, & chamarão todos os bateis que erão na agoada, que lhe vieſſem ſoccorrer ſem as outras naos, que eſtavão mais ao mar o poderem fazer. Porque na primeira eſtrupada de vento tambem ellas tiverão aſſas trabalho, principalmente a nao S. Caterina de Però Vàz da Cunha, que caçou hum grande pedaço, & Deos milagroſamente a ſalvou para recolhimento de tanta gente como ia com Nuno da Cunha: a qual como vio a nao chea d'agoa, ſem eſperar que vieſſem os bateis que diſſemos, começou de ſe lançar ao mar, avendo iſto por menos perigo, que eſtar nella. Ao que Nuno da Cunha acodio não o conſentindo, & conſolando à todos, promettendolhes que ſalvaria primeiro as peſſoas delles, que a ſua propria, como vieſſem os bateis, & aſsi o fez: porq̃ vindo elles ſem preſſa nem deſordem, mandou paſſar toda a gente à terra, & algum fato que ſobre a cuberta ſe pode ſalvar, deixandoſe eſtar na nao atè o outro dia às dez horas, que toda a gente deſembarcou, a qual repartio pelas duas naos que com elle erão naquel le trabalho. A de ſeu irmão Pero Vàz, onde ſe elle recolheo, ſe ajuntarão ſettecentas peſſoas, & à de Dom Fernando de Lima quinhentas. Terça feira, à noute que forão tres de Setembro, mandou Nuno da Cunha pôr fogo à nao, a qual ardeo atè a agoa defender o que eſtava debaxo della, onde ſe perdeo muita fazenda d'el Rei, & de partes, & com a artelharia hum baſiliſco de metal, que Nuno da Cunha muito ſentio, & as armas de que os homẽs tinhão neceſsidade, por ſer couſa que tam cedo ſe não podia reformar.

Ao dia ſeguinte partio d'alli com determinação de ir à Melinde à ſe prover de algũas couſas, & ver ſe por aquella coſta apportara algũa das naos da ſua armada, ou ſe achava navio do tratto de Sofala, para baldear da gente que levava. Mas ainda a fortuna o quis neſte tam curto caminho tentar: porque João de Liſboa piloto mòr o foi metter entre muitas Ilhas, q̃ erão as que comũmente chamão do Commoro, [a] dizendo elle ſerem novamente achadas. As quaes paſſadas com aſſas perigo, por razão das grandes correntes, foi metter a nao em hũs baxos pegados na Ilha de Zanzibar, onde correo muito maior riſco, não indo ja cõ Nuno da Cunha, a nao de Dõ Fernando de Lima, por ſe apartar da ſua eſteira nas correntes das Ilhas

[a] *A principal, & maior Ilha deſtas, q̃ ſe chama do Commoro, jaz entre a Ilha de S. Lourenço, & a terra firme de Ethiopia, tem o meio della 11. Graos & tres quartos de altura Auſtral, & 16. legoas de comprimento, & oito na maior largura. He povoada de Cafres Gentios, & Mouros Baços, que ſão os principaes ſenhores della, & os do Eſtreito de Meca, & da coſta de Melinde cõmerceão neſta Ilha, na qual ha muita criação de vacas, carneiros, & cabras. He terra montuoſa, & de ſerras altas, entre as quaes hũa o he tanto, que paſſa a altura das nuvẽs, das quaes a maior parte do anno ſe vè cuberto o ſeu cume, & delle baxão muitos arroios de agoa, que regando os valles deſta Ilha, a fazem freſca, & fertil.*

Ilhas do Commoro: Nuno da Cunha vendo a nao mettida em hum facco, dõde não podia sair, & q̃ o Piloto não conhecia a terra, nẽ avia pessoa na nao, que soubesse dizer onde estava, mandou à seu irmão Pero Vàz, que no batel com algũa gente armada saisse em terra, & cõ todo o resguardo visse se podia achar algum povoado de que pudesse saber onde estavão. Partido Pero Vàz da Cunha, como aquella terra era a Ilha de Zanzibar, [a] à espaço de cinco legoas, foi dar cõ apovoação, donde por ser de hum Rei amigo dos Portugueses, trouxe dous Zambucos, & Pilotos da terra, que levarão a nao à cidade. [b] El Rei recebeo à Nuno da Cunha cõ grande prazer, mandandoo logo prover de muitos mantimẽtos, com que deu a vida à todos, por trazer ja muita gẽte doente. E vendo Nuno da Cunha q̃ estava em parte tã segura, & abastada, ordenou por lhe não morrer aquella gẽte enferma, deixar alli atè dozentos homẽs, & por Capitão delles Aleixo de Sousa Chichorro, & por Feitor Manoel Machado criado d'el Rei, que sabia bẽ o tratto & o modo da terra, & algũa cousa da lingoa della, porque avẽdo estado em Moçambique quatro ou cinco annos, viera alli negociar algũas vezes. Deixou tambem Nuno da Cunha dinheiro & fazenda à este Feitor, & ordem à Aleixo de Sousa, que como agente estivesse em disposição, se fosse com ella à Melinde em Zambucos da terra, porque alli acharia recado seu do mais que avia de fazer.

Partido Nuno da Cunha de Zanzibar, à viij. de Outubro chegou à Melinde, onde achou Dom Fernando de Lima cõ cento & sesenta pessoas doentes, & assi à Diogo Botelho Pereira filho de Ioão Gago com hum navio & hũa caravella, ao qual o anno passado el Rei mãdara de Lisboa à correr aquella costa desde o Cabo de Boa esperança atè o das Correntes, & assi a Ilha de S. Lourenço, em busca de Dom Luis de Meneses, [c] & de Ioão de Mello da Silva, os quaes se perderão vindo da India, & avia presumpção, que podião andar naquellas paragẽs entre os Negros, & por os ventos lhe serem contrarios tinha Diogo Botelho arribado alli da Ilha de S. Lourenço, & estava esperando tempo.

* * *

CAPI-

a. *A Ilha de Zanzibar he adjacẽte à Ethiopia, tem de altura Austral vj. Graos, & fica no meio das Ilhas de Pẽba, & Monsia, & todas tres mui arrimadas à aquella costa, entre Mõbaça, & Quiloa. São todas tres povoadas de Mouros Baços, & Cafres Gentios. Resgatãose nellas ambar, tartaruga, marfim, cera, milho, & arroz, de q̃ são mui abũdãtes. Fazẽse nellas muito cairo, & bõos pãnos de seda, & algodão. Cada Ilha destas tẽ Rei, & todos são vassallos del Rei de Portug. Fr. Ioão dos Santos no seu livro da Ethiopia Oriental.*

*A Ilha de Zãzibar descobrio Rui Lourẽço Ravasco Capitão de hũa nao de viagẽ, no anno de MDIII. & fez tributario ao Rei della em cẽ miticaes d'ouro, & trinta carneiros cada anno, como escreve Ioão de Barros na primeira Decada liv. 7, cap. 4.*

b. *Francisco de Andrade no cap. 47. da 2. parte, & Diogo do Couto no cap. 1. do liv. 6. da 4 Decada, & Castanheda no cap. 86. do liv. 7. escrevẽ, q̃ mandou Nuno da Cunha descobrir a terra em hũ batel à Manoel Machado seu Capitão da guarda, & por os Negros lhe defenderẽ a desembarcação, mandou à Pero Vàz da Cunha seu irmão cõ cinquoenta soldados, q̃ vistos dos Negros, despejada a povoação fogirão para o mato: & para tomarẽ algũ, ficarão em terra escõdidos dous fidalgos irmãos, Diogo de Mello, & Tristão, ou Ioão de Mello, filhos do Abbade de Põbeiro, os quaes tomarão hũ Mouro, q̃ por boa sorte era piloto d'aquelles canaes, & delles tirou a nao, & a levou ao porto da cidade de Zanzibar.*

c. *Dõ Luis de Meneses vindo da India embarcado na nao S. Caterina de Mõte Sinai, em cõpanhia do Governador Dõ Duarte de Meneses seu irmão, apartouse delle na Agoada de Saldanha, & porq̃ nella deu ao Governador hũa tormẽta cõ q̃ esteve perdido, & Dõ Luis não appareceo mais, teve se presunção, q̃ cõ a mesma tormenta se perderia naquella paragẽ. Porem elle pairou, & chegou á costa de Portugal, onde foi tomado per hũ cossairo Frances, q̃ deu à morte à todos os Portugueses, & queimou a nao, porq̃ se não viesse à saber. Despois no anno de M.D.XXXVI. andando Diogo da Silveira por Capitão mor da armada da costa, tomou hũ navio de outro cossairo Frances, de cuja companhia descobrirão algũs à Diogo da Silveira, q̃ aquelle seu Capitão era irmão do cossairo q̃ tomara a nao de Dõ Luis de Meneses. Francisco de Andrade no cap. 67. da 1. parte.*



## CAPITVLO IIII.

### *Do que Nuno da Cunha fez em Melinde.*

DESPOIS que Nuno da Cunha foi visitado d'el Rei de Melinde, & provido do necessario, ouve conselho cõ os pilotos, & gente do mar, se passaria à India, & posto que à muitos pareceo, que não podia, por ser ja passada a monção, toda via determinou de pôr o peito ao mar, & tentar o tempo; & porque não tinha consigo mais que Dom Fernando, quis levar Diogo Botelho Pereira, por a necessidade que podia tèr de seus navios em qualquer porto à que chegasse, pois ia fora de tẽpo, fazendo fundamento de tanto q̃ fosse na India o tornar à enviar ao negocio à que ia, pois naquelle tẽpo, em nenhũa cousa podia mais servir à el Rei, q̃ em ir com elle. E antes que Nuno da Cunha partisse d'aquelle porto de Melinde, que foi à xiiij. de Outubro, mandou à Ormuz Duarte da Fõseca em hũ navio de Diogo Botelho, avisando de sua vinda à Christovão de Mendoça Capitão d'aquella fortaleza, & q̃ poderia ser invernar em Melinde, onde deixou atè cẽto & cinquoẽta doẽtes, & por seu Capitão Iurdão de Freitas, hũ homẽ fidalgo da Ilha da Madeira, filho de Ioão de Freitas, & cõ elle hũ Feitor para provimẽto, & despesa do q̃ avião de fazer. Mas aq̃lla partida q̃ Nuno da Cunha d'alli fez, não foi mais q̃ forçar o tempo, & aventurarse à muito perigo para passar à India. E quãdo vio q̃ não podia surdir mais avãte q̃ hũ Grao & meio da Linha Equinoccial da parte do Norte, à vj. de Novẽbro arribou à Melinde, cõ determinação de invernar naquella costa, onde o melhor pudesse fazer. E do caminho mãdou Diogo Botelho q̃ fosse ao lugar do Iubo, q̃ corta a Linha Equinoccial, dezaseis legoas quasi aquẽ da cidade d Brava, onde, segundo lhe differão, estava hum bargantim, em que andavão Portugueses alevãtados, que da India, no tempo das differenças de Lopo Vàz de Sampaio, & Pero Mascarenhas partirão para andarem às presas per aquella costa de Melinde. Aos quaes mandou seguro para que se viessem à elle para servir à el Rei, & não querẽdo, que por força os obrigasse à vir. Diogo Botelho os não achou, & tornou à Melinde com hum navio que d'alli partira avia quinze dias, de que era Capitão Barthola-

Bartholameu Freire, que Antonio da Silveira Capitão de Moçambique mãdava em busca do Capitão Leonel de Taide, que tambem indo para a India arribou por causa do tempo; & este deu por nova que pelejara com hũa nao Franceſa em ſaindo de Quiloa, de que era Meſtre hum Portugues de alcunha Brigas, o qual ia com penſamento de paſſar à India, que de feito foi, como adiante diremos.

Nuno da Cunha vendo que Melinde não era lugar para paſſar nelle o inverno, nem o poder mantèr, por ſer lugar falto de mantimentos, teve conſelho ſobre o que farião; & aſſentouſe, que deſſe na cidade de Mombaça, & a deſtruiſſe. E o q̃ obrigou à Nuno da Cunha acõmetter eſte feito, forão algũas palavras que ſoltou publicamente contra o Rei de Mombaça, dizendo, que folgara de ir de vagar, & não tam de preſſa, por paſſar à India aquelle anno para o caſtigar: porque quando paſſou por Zanzibar, o Rei d'aquella Ilha lhe fez queixume da mà vezinhança que recebia d'el Rei de Mombaça, fazendolhe muitos dãnos, ſòmente por elle ſer ſervidor d'el Rei de Portugal. E por cõtentar à el Rei de Zanzibar, & não moſtrar fraqueza ao de Melinde, ſe determinou neſta empreſa.[a] E poſto que el Rei de Melinde offereceo à Nuno da Cunha oitocentos homẽs, elle os não quis aceitar; porque na detença de os ajuntar perdia tempo, & dava eſpaço à el Rei de Mombaça que ſe apercebeſſe melhor; aceitou porem cento & cinquoenta homẽs que tinhão juntos dous Moros principaes da terra, à hum chamavão Sacoeja, & ao outro Cide Bubac, para os levar por guias naquella viagem, & tambem porque de hum delles tinha neceſsidade. Porque quando aſſentou de tomar aquella cidade de Mombaça, logo com os fidalgos & Capitães com que teve conſelho, ſe determinou, que dandolhe Deos vittoria. & tomando a cidade, a deſſe à hum Mouro por nome Munho Mahamed, filho de Sacoeja Rei de Melinde, que reinava no tempo que Dõ Vaſco da Gama Conde Almirante per alli paſſou, em remuneração do gaſalhado que nelle achou; & aſsi per outras couſas em que elle moſtrava a lealdade que tinha com os Portugueſes. E como as boas novas todos folgão de as dar, foi revelado à Munho Mahamed eſta determinação; pelo que ſe foi logo à Nunho da Cunha à lhe dar as graças do que ordenava delle, por os ſerviços de ſeu pai, dizendo mais, que elle tendo mais reſpeito ao ſerviço d'el Rei

a. *Diogo do Couto. cap. 1. do liv. 6. & Caſtanheda no cap. 86. do liv. 7. dizem, que o que obrigou à Nunho da Cunha ir ſobre Mombaça, foi, aver mandado recado à el Rei della, pedindolhe licença para ir invernar no ſeu porto, & el Rei parecendolhe que era invenção do Governador para lhe tomar a cidade, mandouſelhe eſcuſar, de q̃ ſe reſentio Nuno da Cunha, & determinou de o caſtigar, como fez.*



Rei de Portugal, que à merce & honra que lhe queria dar, lhe manifeſtava que elle era pouco aparentado, porque el Rei ſeu pai o ouvera em hũa de ſuas eſcravas, de geração Cafre, & que ſeu irmão Cide Bubac, & ſobrinho d'el Rei que entam reinava, ainda que era mais moço, era do ſangue dos Reis de Quiloa, que à elle devia dar o Reino de Mombaça, porque per ſua peſſoa, & poſſe, poderia ſer mais obedecido: & que ſe à elle quiſeſſe fazer algũa merce foſſe em lhe dar o officio de Governador do Reino, no qual cargo elle confiava que avia de merecer à el Rei de Portugal, a merce que lhe fizeſſe. Nuno da Cunha eſpantado da pouca cobiça, & menos ambição deſte fidalgo Mouro, ſendo dos affectos que traſtornão os mais dos homẽs, & ſua muita prudencia, perque lhe pareceo digno de outro Reino, o louvou muito, & deixou à determinação d'aquelle negocio para quando foſſe ſenhor da cidade. Eſte Mahamed foi com elle com ſeſenta homẽs em hum zãbuco, & aſsi Cide Bubac em outro zambuco com outros tantos homẽs. Dos noſſos era à gente da nao de Pero Vàz da Cunha, & a de Dom Fernando de Lima, & a dos dous navios de Diogo Botelho Pereira, & a do navio de Lionel de Taide, & a do bargantim de Barthalomeu Freire, & a que levava Iurdão de Freitas em hum zambuco da terra, com parte da gente enferma que lhe ficara, por eſtar ja convaleſcida, que por todos fazião oitocentos homẽs, com que partio Nuno da Cunha de Melinde à xiiij. de Novembro.

## CAPITVLO V.

*Como Nuno da Cunha foi ſobre a cidade de Mombaça, & a tomou.*

NVNO da Cunha chegado de fronte de Mõbaça, em hũa Ilheta que tem de fóra a barra, hũa ſeſta feira ao meio dia, xvij. de Novembro, vèo tèr com elle hum Mouro honrado em hũ zambuco bem acompanhado de gente, o qual era ſenhor de hum lugar chamado Otondo, vezinho de Mõbaça, & vinhaſſe offerecer à Nuno da Cunha para o acompanhar naquella empreſa. E porque elle ſe eſcuſou de o levar, dizendo, que baſtava a gente Portugueſa que tinha, & que ſe levava

levava de Melinde a que elle via, era por serem offendidos d'el Rei de Mombaça, por causa de serem servidores d'el Rei de Portugal. Ao que respondeo este senhor do Tondo, que tambem por essas mesmas razões, elle podia ir no conto dos outros: Porque vassallo d'el Rei de Portugal elle o era no animo, mas que fora de tam humilde fortuna, que núca os Portugueses de sua terra se quiserão servir: & se por razão de offensas recebidas d'el Rei de Mombaça, por desejar servir el Rei de Portugal, admittia outros, ninguẽ as tinha recebido por essa causa, mais que elle: & que não podia ser maior offensa, que ir el Rei de Mõbaça sobre elle, & despois que vio que per armas o não podia vencer, assentara paz com elle, & estando seguro por as condições, & juramento da paz, à traição o prendera, indo elle á sua casa visitalo, onde o teve muito tempo em prisão, atè que os povos Sopangas por razão de parentesco, & amizade que com elle tinhão, fizerão por seu respeito guerra à el Rei de Mombaça: & por cõdição de pazes, que cõ elle assentarão, fora elle solto da prisão, & se tornara para seu Senhorio: & por memoria da injuria que d'el Rei de Mombaça recebera em o ter preso em ferros elle trazia aquella cadea de prata, que lhe elle Nuno da Cunha via nos pès, a qual não avia de tirar atè que prendesse a el Rei de Mombaça em outra tal prisão como elle o tivera, & que por estas razões de servidor d'el Rei de Portugal, & como tal offendido d'el Rei de Mombaça o podia levar consigo. Nuno da Cunha lho concedeo vendo a dòr & magoa com que lhe contava esta sua offensa.

A cidade de Mombaça, como dissemos na primeira Decada,* quando o Visorrei Dom Francisco de Almeidà a destruio, tinha hum baluarte em hũa das boccas do esteiro, o qual agora neste tempo estava muito mais forte, & melhor provido de artelharia, por el Rei tèr recolhido toda a que se pode aver de naos nossas que se perderão naquella paragem, de que erão Capitães Dom Fernando de Monroy, & Francisco de Sousa Mancias, & assi de muitas munições, porque el Rei de Mombaça era ja avisado per Mouros de Melinde, como Nuno da Cunha ia sobre elle. A qual nova não sòmente o fez provèr de toda defensão nesta entrada, onde elle tinha toda sua força, mas ainda da terra firme tinha mettido na cidade cinco, ou seis mil frecheiros dos Negros, à que elles chamão

* *No capitulo.7.do livro.8.*



chamão Cafres gente solta & leve na maneira de seu pelejar, & ousada em cõmetter.

Despois que Nuno da Cunha surgio na barra deste rio, posto que trazia consigo Mouros de Melinde, que sabião mui bem a entrada, por não confiar delles tamanho negocio, mandou primeiro à Pero Vàz da Cunha seu irmão em hum batel grande, & Diogo Botelho Pereira no seu, com os Pilotos da armada, & algũs dos Mouros, que entrassem pelo rio, & fossem sondando atè o surgidouro ante a cidade, onde esperava entrar com as naos por serem grandes, dandolhe aviso que era o fundo para isso, & para não aver muita detença na tornada, logo de dentro lhe fizessem final, para deferir as vellas, & entrar. O que elles fizerão com assas perigo de suas pessoas, porque à entrada, & à saida, forão bem servidos de artelharia que estava sobre o rio no baluarte que dissemos; mas approuve à Deos que não receberão dãno algum. Feito o final que Nuno da Cunha esperava, pôs se em caminho, dando às trombetas, & à todo outro genero de instrumentos, & de envolta com grandes gritas, como que davão Santiago cõmettendo os inimigos. Os navios ião nesta ordem, Iordão de Freitas ia diante em hum zambuco, que logo recebeo do baluarte duas bombardadas, das quaes hũa levou a perna à hum Antonio Diaz natural do Crato, de q̃ logo morreo. Atras Iurdão de Freitas seguia Lionel de Taide em seu navio, & posto que as obras mortas lhe forão desfeitas cõ pelouros, não perigou alguẽ. A Diogo Botelho Pereira, que ia apos elle, mataràolhe o seu despẽseiro, & quebrarãolhe hũa peça da sua artelharia. E no zambuco em q̃ ião os Mouros, quebrarão a mão dereita à Cide Bubac, sobrinho d'el Rei de Melinde. E as naos em q̃ ião Nuno da Cunha, & Dom Fernando de Lima, como fazião maior pontaria, & dellas ao baluarte não avia mais distancia que hum tiro de pedra, forão bem varejadas da artelharia, & se não acontecera quebrar hũ tiro da nao de Nuno da Cunha hũa peça grossa do baluarte, que embaraçou os Mouros, cõ que se detiverão hum pouco, em quãto as naos passarão, sempre ouverão de receber maior dãno, porq̃ elles erão prestes, & certos no tirar per industria de dous renegados que com elles estavão. Finalmente, não ficou algũa das nossas vellas, sem nella aver lenha, & sangue, que fez este baluarte. E porem à seu pezar Nuno da Cunha foi tomar

o pouſo de frõte da cidade ja quaſi Sol poſto, em oito braças de fundo. E por o eſpaço do dia ſer pequeno, não ouve mais tempo, que em quanto tinha luz metterſe elle logo em hũ eſquife cõ algũas peſſoas que para iſſo chamou, & andou rodeãdo a cidade, para ver per q̃ parte a podia cõmetter. Chegado à hũa ponta, onde os Mouros tinhão hũs zambucos varados, que era per onde o Viſorei Dom Franciſco entrou, quando deſtruio aquella cidade, achou alli por reſguardo de hũa porta do muro que era baxo, feitos hũs andaimos de madeira, cõ algũas defenſões, para que os noſſos não fizeſſem per alli entrada. E porq̃ Nuno da Cunha não ficou ſatisfeito de todo do que vira por ſer ja bocca de noute, como ſaio o Lũar, mandou Dom Fernando de Lima no ſeu eſquife, que lhe foſſe ao redor da cidade ver o ſitio della, & viſſe ſe os Mouros fazião algũa obra nos lugares que elle notou, na qual ida lhe ferirão o ſeu Meſtre em hũa mão com hũa frecha ervada, & à outro homẽ com outra, & ſegundo a força da erva de que uſão, foi ventura eſcaparem. E porque os Mouros, alem de terẽ vigia no que os noſſos fazião, ſentirão a ida do batel, toda a noute lançavão ſettas perdidas ſobre as naos, que parecia que chovião, tantas, & tam continuas erão. E o que fazia pontaria aos Mouros, era, que das meſmas naos para terror tiravão à cidade, aos lugares onde vião luzir candeas, & com o fuzilar dos noſſos tiros, frechavão os Mouros melhor, & mais dereito. Tornando Dom Fernando, teve logo Nuno da Cunha conſelho, & aſſentouſe nelle o modo que ſe avia de tèr para ante manhãa ſairem em terra, & aquelle eſpaço da noute q̃ ficava hũs o deſpenderão em concertar ſuas armas, outros em fazer confiſſões, & teſtamẽtos, & outros em foliar, & cantar, moſtrando o alvoroço que tinhão para vir o dia.

Em rompendo a manhãa eſtava ja Nuno da Cunha poſto em terra, afaſtado hum pouco do roſtro da cidade, avendo ſer aquelle lugar a melhor parte, perque a podia cõbater. [a] Seria a gente cõ q̃ elle cõmetteo eſta empreſa quatrocentos & cinquoenta homẽs, em q̃ averia ſeſenta eſpingardeiros; & deſta gente, tanto q̃ ſevio em terra, apartou cento & cinquoẽta homẽs fidalgos, & nobres, & trinta eſpingardeiros, cõ os quaes mandou à ſeu irmão Pero Vàz da Cunha diante caminho do muro da cidade, q̃ diſtaria d'aq̃lle lugar mil paſſos, & Nuno da Cunha nas ſuas coſtas cõ o reſto da gẽte o começou à ſeguir.

Pero

a. *Eſcreve Franciſco de Andrade, q̃ Nuno da Cunha deſembarcou junto de hũa meſquita, pouco abaxo da cidade, onde avia bom deſembarcadouro, o qual lhe moſtrou hũ Mouro piloto que viera com Iurdão de Freitas. E Diogo do Couto diz, que eſte Mouro vèo da cidade fogido à nado: & o meſmo diz Caſtanheda.*



Pero Vàz, como quem deſejava ganhar a honra da dianteira que lhe fora dada, poſto que topou algũs Mouros fora das portas da cidade, que per entre hũs vallos, & ſepulturas dos ſeus, de que alli avia muitas, lhe frechaſſem a gente, não curou de ſe embaraçar com elles, ſenão ir avante atè topar com o muro, & alli deu Santiago, onde ja os Mouros erão muitos, & tinhão feridos dos noſſos algũs cõ frechas d'erva. Os Mouros quando ſentirão a dos noſſos, q̃ lavrava mais de improviſo, q̃ erão as eſpingardadas, & lançadas cõ que logo ficavão eſtirados, encomendavão a vida aos pès, & afaſtavãoſe do perigo o mais q̃ podião; & o q̃ os fez retirar mais ſem tento, foi, q̃ como eſperavão por Nuno da Cunha, por ſerẽ aviſados de Melinde que ia ſobre elles, tinhão poſto ſuas molheres, & filhos, & a melhor fazenda em ſalvo entre o arvoredo da Ilha, & ſòmente ficou algũa gente frecheira, cõ que trabalharão o que puderão por entretèr os noſſos. Mas quando os virão ſobir per cima dos muros como aves, largarão a cidade de maneira, que Pero Vàz por final que ja era dentro, mandou em hũa caſa alta arvorar hũa bandeira, para que a viſſe ſeu irmão, & aſsi a gente que ficava nas naos, os quaes tanto que ouverão viſta della, logo reſponderão à eſte ſinal de vittoria com grandes gritas, & tiros de artelharia, para maior terror dos Mouros: & aſsi alvoroçou os noſſos que eſtavão em terra, que vendo Nuno da Cunha que os não podia tèr, em chegando onde Pero Vàz o eſperou, deu lugar à Dom Fernando que com a gente da ſua nao tomaſſe outra rua, & Pero Vàz ſeguiſſe a que levava, & elle caminhou dereito aos paços d'el Rei, que eſtavão no alto, onde todos ſe avião de ajuntar, mandando tambem abrir as portas da ribeira à gente do mar, que entraſſe na ordenança que elle tinha aſſentado.

E poſto q̃ à Noſſo Senhor aprouve q̃ eſta cidade ſe entrou tam levemente, & a quis dar aos noſſos ſem ſangue aquelle primeiro dia, não ſòmente da erva, mas de algũs votos, que os Mouros tinhão feitos, q̃ não ſe avião de ſair da cidade, correo algũa gẽte noſſa grãde perigo, entre os quaes foi Dõ Fernando de Lima, cõ hũ Mouro homẽ mancebo, filho de Munho Mototo parente d'el Rei, & ſeu Regedor. Eſte mancebo era bem deſpoſto, & andava de amores com hũa ſobrinha d'el Rei, & o dia de antes que os noſſos chegaſſem quãdo a cidade ſe deſpejava, ſaindoſe eſta donzella com outras molheres,

acertou eſtar o ſeu ſervidor em cõpanhia d'outros homẽs mãcebos,& nobres;& perpaſſando per elles, diſſe ella: *Que fraqueza he eſta cavalleiros de Mombaça, que cõſentis que noſoutras molheres ſejamos aſsi lançadas de noſſas caſas, & repouſo, & nos vamos metter em poder dos Negros Cafres?* Eſtas palavras aſsi envergonharão o ſeu ſervidor, que chegãdoſe à ella, em voz alta, diſſe: *Pois que aſsi me afrontas em minha face, eu juro por o amor que te tenho, que antes de dous dias me chorẽ muitos que me querem bem, & tu ſe mo quiſeres não me terás para me dar ò galardão delle.* Eſte ajuramentado, com outros mancebos, fizerão voto de morrerẽ per gloria de algum honrado feito, & cada hum ſe ajuntou com parceiros de que ſe ajudaſſe; & o ardil que aquelle mancebo teve, foi metterſe em hũa caſa, & acertou de ſer per onde ia Dom Fernando de Lima, & quando nas armas, & companhia que levava, conheceo ſer peſſoa notavel, em Dõ Fernando, paſſando pela porta, ſaio de dentro como hum lião q̃ eſtà eſperando a prea, para fazer aſſalto, & remetteo em dous pulos, & o levou nos braços, & o derribou no chão. Dom Fernando, poſto que era homẽ de boa eſtatura, & forçoſo, & mãcebo, foi eſte ſobreſalto de maneira, que no inſtante delle não pode mais fazer, que abraçarſe bẽ cõ o Mouro, por lhe atar as mãos, no qual tẽpo por parte de cada hum acodirão muitos valedores, & ninguẽ naquelle conflicto o fez melhor, que hũ criado do meſmo Dõ Fernando, com cuja ajuda o Mouro foi morto, & aſsi o forão outros em outras partes, q̃ cõ o meſmo propoſito cõmetterão ſemelhantes caſos para morrer.

Finalmente a cidade foi de todo deſpejada dos vivos, porque os mortos ficarão pelas ruas: & quis Deos que dos Portugueſes, poſto que forão mais de vintecinco feridos, não ouve algum morto, nem que correſſe perigo de morte, ſenão Luis Falcão filho de Ioão Falcão, & Antonio da Fonſeca filho de Ioão da Fonſeca Eſcrivão da Fazenda d'el Rei, por cauſa da erva. E quem vira a grandeza deſta cidade, a multidão do povo della, o agro ſitio em que eſtà ſituada, a eſtreiteza das ruas, que as molheres às pedradas a podião defender das janellas, & dos terrados, & matar os noſſos; parecerlhe ha que milagroſamente Deos a quis dar nas noſſas mãos, & cegar aquelles Mouros para a deſpejarem tam levemente.

***

CAPI-



## CAPITVLO VI.

*Do que Nuno da Cunha fez deſpois de tomar a cidade de Mombaça, com algũs Mouros que tornarão à ella, & das novas que lhe vierão de Simão da Cunha, & de outros Capitães da ſua armada.*

TANTO que Nuno da Cunha ſe vio em poſſe de Mõbaça, mandou arvorar a bandeira da Cruz d'Chriſto, na mais alta torre das caſas d'el Rei, que erão grãdes, & fortes à modo de Caſtello, & d'ahi deu licença aos Capitães que foſſem dar hũa cevadura à gente d'armas no esbulho da cidade, o qual de couſas ricas foi pequeno, por os Mouros terem o principal poſto em ſalvo, ſòmente de mantimentos eſtava abaſtada, que foi a vida à muitos, por a neceſsidade em q̃ eſtavão delles, cõ a perdição da nao de Nuno da Cunha; & ſatisfeita a gẽte aq̃lle dia, como a cidade era grãde, & derramada, ficou Nuno da Cunha recolhido naq̃llas caſas d'el Rei, põdo os Capitães em ſuas eſtancias em cada hũa das boccas das ruas, que alli vinhão dar, & aſsi nos lugares de ſoſpeita per onde os Mouros podião cõmetter.

Quando vèo eo outro dia, q̃ era Domingo, mandou à Dõ Fernando de Lima[a] com atè dozentos homẽs que foſſe ao baluarte da entrada do rio, à lhe trazer as peças d'artelharia com que os Mouros lhe tirarão; as quaes elles ja tinhão enterradas, de que algũas não apparecerão, & entre ellas, & outras peças que ſe acharão na cidade aſſentadas em partes per onde aos Mouros parecia que os noſſos avião de entrar, que era per onde entrou o Viſorei Dom Franciſco d'Almeida; ſerião por todas vinte, de que a maior parte erão de metal, em que avia algũas groſſas, & com as armas Reaes de Portugal, por ſerem das naos perdidas que atras diſſemos. A tornada deſta ida que Dom Fernando fez, vindo per fora da cidade entre hũs ervaçaes, & lugares encubertos de moutas, em que bem poderião eſtar mil homẽs, lhe ſaio hum grande golpe de Mouros às frechadas, & como o lugar era para elles defenſavel, por ſerẽ mui leves no ſaltar, & os noſſos vinhão muito

a. *Franciſco de Andrade, & Diogo do Couto, & Caſtanheda, dizem, q̃ era Dom Rodrigo de Lima, irmão de Dõ Fernando, & q̃ neſta entrada do baluarte foi ferido de hũa frechada, de que morreo. E Ioão de Barros diz no fim do cap. 7. que foi ferido na peleja da nao de Meca, de que morreo em Calaiate.*

muito armados, & deſpeados do caminho, por a grande calma que fazia, frechavão os à ſeu prazer, em que Dom Fernando ouve tres frechadas, & ſeu irmão Dõ Rodrigo de Lima oura, & aſsi outros, q̃ forão mais de vinte, de q̃ logo alli ficou morto hum Ioão Ribeiro, criado do Cardeal Infãte Dõ Afonſo, & deſpois falleſcerão algũs de peçonha da erva q̃ os Mouros alli uſão. Ao repique deſta revolta Nuno da Cunha mandou ſeu irmão Pero Vàz, & poſto que ao tempo que elle chegou, Dõ Fernãdo era ja dentro dos muros da cidade, anda vão os Mouros tã ouſados por aquelle dãno q̃ tinhão feito, q̃ em vendo à Pero Vàz o forão demandar ſem temor, & lhe ferirão logo muitos homẽs; mas como os noſſos eſpingardeiros acodirão, reſpondendo às ſuas frechadas, começarão derribar algũs, com que os outros ſe poſerão em ſalvo.

Ao outro dia ſeguinte, pela ouſadia do paſſado, chegarãoſe tanto às caſas onde Nuno da Cunha eſtava apoſentado, que começarão de as frechar, como quẽ provocava aos noſſos q̃ ſaiſſem à campo; mas cuſtoulhe eſte atrevimento ſangue, & vidas, & aos noſſos que os fizerão retirar dous mortos, & ficar Pero Vàz da Cunha com hũa perna atraveſſada de parte à parte, & ferido Dom Simão filho de Dom Diogo de Lima, & outros homẽs de ſorte. Por eſta cauſa mandou Nuno da Cunha à Lionel de Taide com gente queimar algũas caſas pela Ilha, por a deſpejar dos Mouros, que cada dia vinhão dar rebates, nos quaes os noſſos padecião muito dãno, por o grande ervaçal, & arvoredo, que aſsi de fora, como de dentro da cidade avia, que peava muito os Portugueſes, & encobria os Mouros, para mais à ſeu ſalvo os ferirẽ. Polo que Nuno da Cunha mandou decepar algũ arvoredo q̃ fazia eſtas encubertas, & não conſentio q̃ a gente foſſe fora da cidade. Os Mouros como ſentirão eſte receo dos noſſos, cõ mais algum atrevimento, por a cidade ſer grande, em magotes ſaltavão dentro, & ião à algũas caſas à furtar mantimento, & o que ſabião ficar eſcondido nellas, & em tres, ou quatro dias que iſto continuarão, ſempre ião deminuidos, ficando algũs mortos pelas ruas do ferro dos noſſos.

*a Diogo do Couto eſcreve, que quando Simão da Cunha chegou á Mombaça, vinha cõ elle Aleixo de Souſa.*

Neſte tempo vèo Aleixo de Souſa,[a] que Nuno da Cunha deixara com a gente doente em Zanzibar, ao qual mandara chamar, para que com a gente ſãa ſe achaſſe na tomada d'aquella cidade, o que elle não pode fazer antes, por tempos contra-



contrarios que teve, com tudo ainda vèo em cõjunção q̃ ganhou muita honra. Porque ſaindo Nuno da Cunha à cortar hũs laranjaes, onde ſe vinhão metter os Mouros, & eſtando ja com os machados aos pès delles, derãolhe rebate, que pela outra parte da cidade entravão muitos Mouros à roubar, contra os quaes elle mandou Aleixo de Souſa com algũa gente da ſua, & Dom Rodrigo de Lima, que ia ainda ferido da frechada do dia atras, & Diogo Botelho, os quaes matarão algũs Mouros, & ferirão muitos, que là forão morrer entre os ſeus, ſegundo ſe deſpois ſoube; por cuja cauſa ouve grande pranto entre todos, principalmente por hum delles, que era dos principaes; o qual de propoſito ſe vèo offerecer à morte por fazer algũa boa ſorte, avendo que ſe neſte cõmettimento morreſſe, que ſalvava ſua alma; & a ſorte que fez foi chegarſe tanto à Aleixo de Souſa, que lhe deu hũa cutilada per hum braço, & outra acima da ſobrancelha, por o qual atrevimento elle ficou morto às eſtocadas aos pès de Aleixo de Souſa, por ſua mão, com ajuda de Luis Doria, que acodio à eſta revolta. A morte deſte Mouro cauſou tanta triſteza, & terror entre os ſeus, que afloxarão aos noſſos, ſem mais vir à cidade, & principalmente por lhes Nuno da Cunha mandar queimar quantos barcos avia ao redor da Ilha, por os quaes elles da terra firme ſe paſſavão à Ilha, & aſsi mandou vedar hum paſſo, perque de marè vazia paſſava muita gente.

Eſtando as couſas neſte eſtado, ſoube Nuno da Cunha per hum zambuco que vèo de Moçambique, com cartas de Simão da Cunha ſeu irmão, como fora alli tèr à ix. de Settembro, & como deſpois vierão tèr ao meſmo porto Franciſco de Mendoça, & Dom Franciſco Deça, Capitães de duas naos, & que o navio de que era Capitão Afonſo Vàz Azambujo, ſe perdera em hũa Ilha à que os mareantes chamão de Ioão da Nova, que diſta de Moçambique quarenta & ſeis legoas, na qual toda a gente ſe ſalvou, & tirados algũs mantimentos do navio, ſe ſuſtentarão com elles, & com grajaos, rolas, & codornizes, de que a Ilha he muito chea, & tam manſas que as tomão à mão. Deſta gente logo foi hũa batelada para Moçambique, em que ia o Piloto, & Meſtre do navio: & Simão da Cunha, tanto que eſtes chegarão, mandou à Nicolao Iuſarte, hum fidalgo mui

mui prattico na arte de navegar, que trouxeſſe a outra gente que là eſtava avia cinquoenta & dous dias, mantendoſe da maneira ſobreditta. E aſsi ſoube mais Nuno da Cunha que o galeão de Bernardim da Silveira per indicios entendião ſer perdido no parcel de Sofala, como de feito ſe perdeo, mas não ſe ſoube onde. Nuno da Cunha ficou algum tanto conſolado com eſtas novas, preſumindo que as naos de Antonio de Saldanha, & Garcia de Sà, por elles terem mais experiencia da navegação, & levarem bõos pilotos, & officiaes, irião per fora da Ilha de S. Lourenço à India, dos quaes deſpois teve nova ſer aſsi.

## CAPITVLO VII.

*Como Nuno da Cunha mandou convidar certos ſenhores Mouros, que mandaſſem gente para povoar Mombaça, & como o Rei della ſe fez vaſſallo d'el Rei de Portugal com lhe pagar pareas.*

VENDO Nuno da Cunha como Mombaça era hũa cidade mui grande, & a pouca gente q̃ tinha, & os rebates que os Mouros lhe davão cada dia, & como os naturaes da terra, nos pès erão mais leves em cõmetter, & fugir, & uſavão da erva em ſuas frechas, com que fazião tanto dãno, determinou de mandar vir gente da terra leve, & ſolta, & coſtumada à aquelle ſeu modo de pelejar, para com os noſſos fazerem mais effeito, lançando os Mouros de toda a Ilha. Sobre iſſo eſcreveo à el Rei de Melinde, o qual logo mandou hum ſeu ſobrinho irmão do Principe herdeiro, com muitos Mouros honrados, & atè quinhentos homẽs, que foi para elles hũa nova de muito contentamento. Porque aſsi por razão de cõpetencia que tinhão, como por ſaberem que a cidade ficava ainda com muita fazenda, vinhão mui alvoroçados para ſe vingarem, & fazerem proveito, Nuno da Cunha os recebeo com muita feſta, & grande eſtrondo de trombetas, & atabales para entriſtecer aos Moradores de Mombaça. E como a cidade eſtava deſpejada, forãoſe eſtes novos hoſpedes aposentar à ſua vontade, & mui contentes por acharem esbulho, que para elles era boa fazenda, da qual mandarão logo carregados



gados os navios em que vierão. Da meſma maneira, & com a meſma boa vontade, vèo per recado de Nuno da Cunha el Rei de Mohtangane, que he hũa pequena terra vezinha à Mombaça, & mui vexada da vezinhança della, por á amizade que com noſco tinha, com atè dozentos homẽs, por elle ſer mui fraco, & desbaratado por el Rei de Mombaça. E por a meſma cauſa el Rei da Ilha de Pemba, que he fronteira à Mõbaça, por ſer mui abaſtada de carnes, & refreſco da terra, mandou grandes preſentes à Nuno da Cunha; & outro tanto fez el Rei de Zanzibar, & todo o contorno de Mombaça, por todos eſtarem offendidos d'el Rei, como de hum tyranno poderoſo, que os queria ſobjugar, & todos por eſta cauſa ſe moſtravão contentes da ſua deſtroiçáo, & noſſos amigos.

Com eſtes vezinhos coſtumados à pelejar, & aos àres da terra, em companhia dos Portugueſes, que lhes davão animo, os Mouros de Mombaça deſpejarão a Ilha, paſſandoſe à terra firme, de fronte de hũ paſſo, que de marè vazia o podião paſſar à vao, & não mais longe delle, que diſtancia de hum tiro de bombarda, pelo qual como era de noute fazião entradas algũs delles à vir buſcar à ſuas caſas do que lhe ficara nellas, & mantimentos, porque morrião de fome. A eſte lugar, que tinha forma de arraial, mãdou Nuno da Cunha Lionel de Taide, & Dom Fernando de Lima, & como os Mouros tinhão boa vigia, forão ſentidos, & fizerão menos do que eſperavão; toda via de caminho queimarão na Ilha algũas caſas à maneira de quintãas que eſtavão ermas. Neſtas entradas q̃ os Mouros fazião mais com fome, que com vontade de pelejar, vierão à deſavergonharſe tanto por entrarem na cidade, q̃ ſaio à iſſo Pero Vàz da Cunha; & poſto que no campo ficarão eſtirados vintecinco Mouros, foi Pero Vàz ferido de hũa frecha que lhe atraveſſou hũa perna abaxo do giolho, & quis Deos que não perigou, ſomente morreo da erva hum Figueiredo criado de Dom Luis de Silveira Conde da Sortelha. Nuno da Cunha alem da ordem de pelejar, & ſaquear a cidade, que deu aos Mouros que vierão de Melinde, & aos outros que diſſemos, tambem lhes mandou que derribaſſem as caſas, & deſtruiſſem tudo; porque ſua tençáo era não deixar couſa em pè, pois tanto dãno recebia d'aquella terra.

Quando el Rei de Mombaça entendeo que Nuno da Cunha determinava invernar nella, & que os Mouros ſeus vezinhos

zinhos derribavão as casas,& cortavão seus palmares,que era parte de sua vida,por ser seu mantimẽto,mandou dizer à Nuno da Cunha que lhe pedia,que folgasse antes de o aver por vassallo d'el Rei de Portugal, que destruirlhe aquella casa de sua vivenda,& berço de seus filhos,& lhe desse licença,& seguro para hũa pessoa de qualidade,que elle mandaria,à fallarlhe em pazes.E passados algũs recados,primeiro vèo à Nuno da Cunha hum Mouro honrado por nome Munho Mototo, que era parente d'el Rei,& assentou com Nuno da Cunha, q̃ el Rei se fazia vassallo d'el Rei de Portugal, com tributo de mil & quinhentos miticaes d'ouro cada anno(val cada mitical d'ouro trezentos & sesenta reaes) & logo pagaria tres annos;& por resgate da cidade,por a não queimarem,& destroirem, daria doze mil miticaes, & ficaria obrigado servir à el Rei de Portugal,& de não recolher Turco, nem inimigo de Portugueses em suas terras,tornando o Mouro com este concerto,em final que el Rei era contente, vèo com mil & quinhentos miticaes em prata,& ouro,dizendo, que o mais veria logo, por quanto se juntava por todos os moradores da cidade,pois todos participavão desta merce, & beneficio.

Neste tempo vèo alli tèr hum Andre Coelho, que andava levantado em hum bargantim,[a] com dezasette Portugueses,que Nuno da Cunha recolheo,com lhe dar perdão da culpa do levantamento,visto como se elle viera offerecer ao serviço d'el Rei.E despachou à Diogo Botelho Pereira para Portugal,com recado à el Rei do que passara em sua viagem, & o estado em que ficava, & como determinava ir invernar à Ormuz, o qual Diogo Botelho partio à xxvij. de Dezembro,de M.D.XXVIII.& chegou à Lisboa em Iunho, de M.D.XXIX.de quem el Rei soube as novas da India,& da Iornada de Nuno da Cunha.

* * *

a. *D'outro levantado faz mẽção Francisco de Andrade no cap.48. da 2.parte,o qual se chamava Pero Peixoto, que indo Nuno da Cunha de Melinde para Mombaça,o achou cõ catorze Portugueses em hũa fusta. recolhido em hũa enseada d'aquella costa,& perdoados, os levou consigo.*

CAPI-



## CAPITVLO VIII.

*Do que fizerão os Mouros de Mombaça nos dias que se tratava a paz,& como Nuno da Cunha ainda que dos Portugueses morrião muitos,se não quis ir da cidade,& a destroio,& queimou.*

NAquelles primeiros dias, em que se trattava da paz,confiados os Mouros na prattica della, vinhão à cidade com algũas cousas da terra firme à vender aos nossos, & conversavão os Mouros que de fora alli erão vindos; mas despois que Nuno da Cunha apertou com elles, que cõprissem o que tinhão promettido, apartarãose da cõmunicação dos Portugueses,& passados algũs recados entre Nuno da Cunha, & el Rei sobre este caso, tornou à mandarlhe hũa correição per toda a Ilha,derribandolhe casas,& queimando palmares; & porque elles acodirão logo à este dãno, em recompensa delle,ouve Nuno da Cunha por bem de lhe abater o preço dos doze mil miticaes em sette, de que logo el Rei mandou quinhentos, & para pagarem este dinheiro, mandou algũs homẽs principaes à cidade, que vissem as casas nobres que estavão em pè,para per seus donos fazerem o lançamento do que avião de pagar, & acharão que estavão ainda por derribar mais de novecentas casas principaes, lamentando com muitas lagrimas a ruina das outras. Mas cõ a cõmunicação que tiverão com os Mouros,per os quaes souberão que a maior parte dos Portugueses estavão doentes,esfriarão do negocio à que vinhão,fazendo conta,que Nuno da Cunha por fugir o perigo da doença despejaria a cidade.

E na verdade os nossos estavão em estado, para elles terẽ esta esperãça.Porque homẽs que de dia, & de noute nunqua deixavão as armas,& dormião pouco,& comião sõmente os mantimentos da terra,que era arroz,& milho, & sendo o lugar naquelles meses doentio aos naturaes, quanto mais aos estrangeiros,& mais vindo ja a maior parte delles doentes do mar,não podião deixar de cair em grandes infirmidades: & o que pior era,que sò a natureza tinhão por mezinha,carecendo dos remedios,à que erão acostumados em taes tempos. E

assi

aſsi morrerão de doença mais de dozentas peſſoas, de que os principaes forão Pero Vàz da Cunha, irmão de Nuno da Cunha, & o menor de ſeus irmãos, mancebo de grandes eſperanças, muito esforçado, humano, & ornado de outras muitas virtudes, Dõ Pedro da Silva, filho de Dõ Philippe Lobo, Enrique Furtado de Mendoça, filho de Afonſo Furtado, Dõ Rodrigo de Noronha, filho de Dõ Sancho, Gonçalo Pereira, Iorge Brãdão, filho de Duarte Brãdão, Alvaro Peſtana eſcrivão da moeda de Lisboa, q̃ por amizade q̃ tinha cõ Nuno da Cunha ſe foi cõ elle à India, Gaſpar Moreira eſtribeiro pequeno que fora d'el Rei, & hum irmão ſeu, & outros homẽs deſta qualidade criados d'el Rei, cõ as quaes mortes q̃ aſſombrarão a gente, foi Nuno da Cunha por vezes requerido pelos fidalgos q̃ cõ elle eſtavão, que a vida delle importava mais ao ſerviço d'el Rei, que a de todos, q̃ lhe pedião que poſeſſe ſua peſſoa em lugar menos enfermo, & elles ficarião alli, com a ordem q̃ elle mandaſſe. Ao que Nuno da Cunha reſpondeo, que Deos per elles lhe dera aquella cidade, q̃ a não avia de deſamparar, que apercebido eſtava para o q̃ Deos delle diſpoſeſſe, & q̃ conta daria elle à Deos, & à el Rei, & à ſua honra, pondoſe elle em salvo, deixandoos à elles no perigo? & aſsi cõ muito animo, & conſtancia eſperou todos os ſucceſſos do tempo. E porque os Mouros per aviſo dos q̃ vierão ſobre as pazes q̃ eſtavão na cidade, ſabião deſtes requerimentos q̃ ſe fazião à Nuno da Cunha, tinhão eſperança q̃ o poderião mover algũ dia, & não tomavão concluſão. E para os eſpertar mandou Nuno da Cunha cõmetter a eſtãcia de Munho Mototo, q̃ eſtava mais perto do paſſo da Ilha para à terra firme. Ao que foi Dõ Fernando de Lima, q̃ ja era ſão das feridas q̃ ouvera, com dozentos homẽs, porq̃ a mais gente toda andava enferma, & ficava em guarda da cidade. Porem porque os Mouros forão aviſados per hum eſcravo da terra, não ouve effeito eſta ſua ida; mas de outra vez q̃ elle foi tèr à outra parte contra a terra de Melinde, de que os Mouros eſtavão deſcuidados, deu em hum lugar, onde matou muitos, & trouxe algũs cattivos.

Chegado o fim d'Ianeiro, do anno de 1529. vèo tèr à Mõbaça hũ Portugues per nome Pãtalião Pinto, q̃ vèo da India em hũa atalaia cõ mercadoria à Melinde, o qual deu relação à Nuno da Cunha das differẽças entre Lopo Vàz de Sãpaio, & Pero Maſcarenhas. Apôs eſte, vèo Baſtião Ferreira Alcaide mòr de Goa



de Goa em hum navio, que lhe deu nova como Antonio de Saldanha, & Garcia de Sà paſſarão ambos à India, pelos quaes Lopo Vàz de Sampaio, & Afonſo Mexia Veedor da Fazenda, ſouberão da ſua vinda, & com ſoſpeita que podia invernar naquella coſta, o mandavão à elle com cartas, que lhe deu. D'ahi à poucos dias vèo de Ormuz hũa caravella, de que era Capitão hum Pedralvarez do Soveral, o qual mandava Chriſtovão de Mendoça Capitão d'aquella cidade à viſitar Nuno da Cunha com refreſco, & couſas para doentes, q̃ deu vida à muitos, que das febres andavão mui mal tratados. Sendo mortos quaſi no meſmo tempo de hum deſaſtre mais de vintecinco homẽs, em que entrava Lionel de Taide de hũa frechada, & Dom Rodrigo ficou ferido de outra, de que morreo deſpois em Calaiate. E o caſo foi, que ſendo Nuno da Cunha aviſado, que os Mouros eſperavão naos de Cambaia, que com mercadorias vinhão fazer reſgate à Mombaça, por querer aver à mão hũa nao que alli vèo tèr, mandou là dous bateis grandes com eſpingardeiros, em hum delles ia Dom Rodrigo de Lima, & no outro Lionel de Taide. Eſta nao cõ temor delles, & de hum bargantim que foi diante, de que era Capitão Andre Coelho, ſe metteo em hum eſteiro, que cauſou a morte à eſtes dous fidalgos, & aos que com elles ião. E aſsi aos do bargantim, por ſer o eſteiro tam eſtreito, que os Mouros das ribanceiras da terra os frechavão, principalmente de hũa tranqueira que fizerão de pès de palmeiras, onde poſerão certas peças d'artelharia. E vendo os noſſos, que não podião tirar d'alli a nao, nem menos ardia com o fogo que duas vezes lhe poſerão, a deixarão. [a] E indo ja os bateis bem frechados, para maior deſaſtre com a marè vazia ficou o bargantim atraveſſado onde toda a gente pereceo às frechadas, eſcapando ſòmente hum remeiro do bargantim, que vèo dar nova da deſgraça.

Paſſados eſtes trabalhos, teve Nuno da Cunha conſelho ſobre o que faria d'aquella cidade, por tèr ja ditto, que dando lha Deos a avia de entregar à Munho Mahamed ſobrinho d'el Rei de Melinde, por gratificar os meritos de ſeu pai, na lealdade que ſempre tivera; & por as razões que com elle paſſou, que a entregaſſe antes à Cide Bubac ſeu irmão. E porque eſte pedia à Nuno da Cunha cento & cinquoenta homẽs Portugueſes, porque ſem elles não ſe atrevia à defendela, aſſentou

a. *Eſta nao foi entrada dos noſſos, cõ morte de muitos Mouros, que a defenderão esforçadamente, na qual acharão muita fazenda, que com a preſſa de a recolherẽ, ſe deſcuidarão da marè q̃ vazava, com q̃ os bateis, & bargantim ficarão em ſeco, ſobre os quaes acodirão tantos Mouros, q̃ às frechadas matarão todos os do bargantim, que ficou mais perto de terra. Os bateis não receberão tanto dãno, por eſtarem mais afaſtados, & com a enchente da marè ſe ſairão cõ algũs mortos, & muitos feridos. Franciſco de Andrade. 2. parte, capitulo. 48.*

assentou Nuno da Cunha de a queimar antes, visto quanto dãno lhe podia causar esta gente. Chegado o tempo da monção para poder partir, mandou repartir a cidade entre todos os Mouros, q̃ erão vindos em odio d'el Rei della, os quaes como estavão magoados dos seus moradores, para destroir tudo enchião os vãos das casas de madeira, & palha das outras casas da gente pobre, & punhãolhe o fogo, de maneira q̃ com a força delle, caindo a maior parte da cidade, ficou toda feita cinza.

*De xv. de Março por diante começão nesta costa à ventar os Ponentes, que he a monção para sair della, & navegar à Ormuz.*

Na entrada de Março, porque o requeria ja o tempo, mandou Nuno da Cunha à Ioão de Freitas em hum batel grande das naos com peças d'artelharia ao passo da Ilha à entretèr os Mouros, que não passassem à ella, à dar nas costas dos nossos quando quisessem embarcar: & em quanto là esteve Ioão de Freitas, mandou metter muita lenha nas casas d'el Rei, onde elle pousava, & darlhe fogo, & assi per muitas outras da cidade, onde ainda não chegara, cujo ruido, fumaça, & estrondo da ruina dos edificios, tinhão hũa semelhança do inferno. Nesta conjunção se embarcou Nuno da Cunha para Melinde, sem contraste, nem impedimento algum, com os Portugueses q̃ escaparão da guerra & das infirmidades de Mombaça, & com a gente de Zanzibar, de Pemba, & dos outros lugares, que alli erão vindos. Outros da mesma costa o vierão vèr, dizendo, que todos querião ser vassallos d'el Rei de Portugal: & o mesmo fizerão os moradores da cidade de Brava, os quaes tanto que Nuno da Cunha chegou à Melinde, lhe mãdarão Embaxadores de suas Cabildas, com settecentos & cinquoenta miticaes d'ouro, em pagamẽto de pareas de tres annos, & que cada anno lhe pagarião dozentos & cinquoenta, com mais outras obrigações, o que lhes Nuno da Cunha folgou de aceitar por razão de ja serem destroidos do tempo que seu pai Tristão da Cunha per aquella cidade passou, de que Nuno da Cunha que com elle ia foi testemunha.*

Aqui em Melinde vèo tèr seu irmão Simão da Cunha, que invernara em Moçambique.[a]

***

[a] *Simão da Cunha, Dom Francisco Deça, & Francisco de Mendoça, Capitães de tres naos da armada de Nuno da Cunha, que invernarão em Moçambique, partirão d'alli com a monção dos Ponentes, com quatrocẽtos homẽs menos que lhe morrerão naquella cidade E diz Diogo do Couto, que chegarão em fim de Março à Mombaça, onde acharão á Nuno da Cunha de caminho para Ormuz. E o mesmo escreve Castanheda liv. 7. cap. 101,*

* *A destruição desta cidade escreveo Ioão de Barros no cap. 3. do 1. liv. da 2. Decada.*

CAPI-



## CAPITVLO IX.

*Como Nuno da Cunha ássentou de ir à Ormuz, & do que fez antes que partisse de Melinde, & do qué ordenou em Calaiate, & Mascate, atè chegar à Ormuz.*

EM Melinde teve Nuno da Cunha conselho com os Capitães, Mestres, & Pilotos, se faria sua viagem em dereitura à costa da India, por o tempo ainda parecer algum tanto verde, & foi assentado per todos, que era cousa mui perigosa cõmetter aquella costa naquelle tempo cõ tamanhas naos, que a mais segura viagem era ir invernar à Ormuz. Assentada assi a jornada, despedio d'alli Bastião Ferreira cõ cartas para Lopo Vàz de Sampaio, & Afonso Mexia, em que lhe dava conta da sua partida para Ormuz, donde logo como a monção viesse se partiria, & que sua tẽção era naquelle mesmo anno ir à Dio, que lhes pedia, que tivessem feito todos os apercebimentos, assi de navios de remo, como de muniçõe, & mantimentos, por se não detèr nisso quando fosse, com outras cousas que importavão à aquelle negocio. Bastião Ferreira chegou à Goa em Maio com aquellas cartas, & Nuno da Cunha partio de Melinde à iij. de Abril, deixando primeiro posta a terra em paz, & presos dous homẽs que andavão levantados à roubar, com ordem que os enforcassem, porem elles se acolherão antes da sua partida para os Mouros. E à Luis de Andrade mandou em hũa caravella de que era Capitão, à hum lugar perto d'alli, que se chamava Iubo, em busca de hum galeão de Rumes, que viera tèr à aquelle porto com tempo; o qual fez Luis de Andrade dar à costa, pelejando cõ elle, & lhe tomou muita pimenta que trazia de Iaoa, & levava para o Estreito, & lhe matou gẽte, não sem sangue da sua.

Deixou tambem o Governador em Melinde Tristão Homẽ, filho de Pedro Homẽ estribeiro mòr que fora d'el Rei Dom Manoel, com oitenta homẽs enfermos, & que como viesse Settembro se embarcasse com elles para a India. Os quaes defenderão à el Rei de Melinde não ser destroido por el Rei de Mombaça, que logo partido Nuno da Cunha, vèo contra el Rei de Melinde. E nesta sua defensão se acharão entre

tre os Portugueſes com Triſtão Homẽ, eſtas peſſoas principaes, Iurdão de Freitas, Duarte de Miranda, Baſtião Monteiro, Bartholameu Freire Feitor, & Ioão de Mattos.

Partido Nuno da Cunha de Melinde, paſſou pela Ilha de Socotorà, onde fez ſua agoada, & deu proviſões ao Xeque d'alli, para a navegação de ſeus navios, por elle ſer fiel amigo dos Portugueſes. Paſſados tres dias que ſe deteve naquella Ilha, com bom tempo chegou à x. dias de Maio à Calaiate, que he o primeiro lugar do Reino de Ormuz na coſta de Arabia, onde ſoube o desbarato das fuſtas, que fez Lopo Vàz de Sampaio na enſeada de Cambaia, que atras eſcrevemos, & achou Aires de Souſa de Magalhães, ſobrinho de Lopo Vàz, que per ſeu mandado, como Capitão mòr do mar de Ormuz andava com hũa fuſta, & dous bargantijs, guardando aquella coſta infeſtada dos Nautaques, que às vezes ſalteavão nella os navios que vinhão da India. Eſtava tambem em Calaiate por Feitor Gomez Ferreira criado do Duque de Bragança, o qual tomava as fianças aos Mouros que carregavão de cavallos para Goa. E porque o Guazil, & os Mouros da terra ſe vierão queixar à Nuno da Cunha, que recebião delle algũs aggravos, mandou elle lançar pregão, que qualquer peſſoa que tiveſſe recebido aggravo algum de Portugueſes, ſe vieſſe à elle, que o mandaria deſaggravar, como fez, mandando pagar à muitos, couſas que tinhão mal levadas, & aos que erão officiaes d'el Rei ſuſpendeo de ſeus officios, & os levou preſos à Ormuz, o que fez grande eſpanto nos Mouros, por não terem viſto aquelle caſtigo, no que deu eſperança à todos, q̃ à falta de juſtiça, não avião de receber mal, & dãno, & niſto ſe deteve tres, ou quatro dias.

Ao meſmo lugar vèo tèr Dom Fernando Deça, que ia para Ormuz por Capitão mòr dos navios que andão naquelle tratto para a India, os quaes Nuno da Cunha levou conſigo à Maſcate, onde chegando à xix. de Maio, foi logo viſitado do Guazil d'aquella villa, que ſe chamava Xech Raxit, que era o que no tempo do levantamento de Ormuz, ergueo bandeira por el Rei de Portugal, & livrou muitos dos noſſos. E porque elle tinha morto Raez Delamixà, irmão de Raez Xarafo, pela maneira que atràs contamos, * deſde entam atè a chegada de Nuno da Cunha, trabalhava Xarafo por o aver em Ormuz, & vingarſe delle: & quando per ſuas manhas não pode,

*Decada.3.liv,7.cap.6.



pode, diſſe à el Rei, q̃ eſte lhe devia mais de vinte mil xerafijs, por não aver dado conta avia muito tẽpo, que per qualquer via que foſſe o fizeſſe vir à Ormuz; o q̃ não quis Xech Raxit fazer, & ſe deſpôs à padecer tudo o que lhe vieſſe, antes que ir là; porque ſabia que indo, não avia de viver muitos dias. Diſſo, & de outras couſas deu elle conta à Nuno da Cunha, dizẽdo, q̃ ſe vinha metter preſo em ſuas mãos, & aſsi à ſeus filhos, & fazenda. E que debaxo de ſeu amparo iria à Ormuz, & daria ſua conta, a qual elle ſempre diſſe que queria dar, & não queria q̃ a deſſe outrẽ por elle; mas porq̃ querião mais tirarlhe a vida, q̃ tomarlhe conta, avia deixado de ir à Ormuz; & q̃ como Deos ſabia ſua innocẽcia, & não ſer elle merecedor de morte, o provera com S.S. vir por alli para o livrar de ſeus inimigos, & gratificar os ſerviços q̃ tinha feitos à el Rei de Portugal. Nuno da Cunha por ja eſtar informado da lealdade deſte Xech Raxit, o conſolou, & ſegurou de ſeus temores, promettendolhe de lhe guardar juſtiça, & fazer merce em nome d'el Rei ſeu Senhor, por os ſerviços que lhe fizera.

E porque lhe pareceo melhor não ir à Ormuz com tantas naos groſſas, entregouas à Dom Fernando de Lima, com mil homẽs que nellas podião ficar, que mais ſervirião alli onde eſtavão para favor d'aquella coſta; & elle ſe foi caminho de Ormuz, cõ todos os fidalgos, & Capitães que não tinhão cargo das naos que ficavão. Sua chegada foi mui feſtejada, & celebrada, porque entrou com mais pompa na cidade, do que atè entam entrara Governador, com ſua guarda de alabardeiros diante, veſtidos de ſua librè, com trombetas, atabales, & charamellas, no que deu muito contento à el Rei, & à gente da cidade. Os fidalgos que levava ião veſtidos de varias ſedas, & tambem ornados de eſpadas, punhaes, cadeas, pontas, & arreos d'ouro, que parecia que ião mais para dar à aquelles Perſas, que para tomar delles, o que em tanta abundancia elles não tinhão viſto. E como em chegando ſuccedeo caſo per que lhe foi neceſſario por em effeito algũas couſas mais preſtes do que elle levava em regimento, convem fazermos hum pequeno diſcurſo das couſas que erão paſſadas em Ormuz deſpois do levantamento delle, & do eſtado em que eſtavão, para ſe melhor entender o que Nuno da Cunha fez.

***

## CAPITVLO X.

*Do que era paſſado com Xarafo Guazil de Ormuz, & como foi preſo per cartas d'el Rei Dom Ioão, que Manoel de Macedo levou deſte Reino, & do que Nuno da Cunha paſſou com el Rei de Ormuz.*

DESPOIS que Lopo Vàz de Sampaio deixou em Ormuz à Raez Xarafo, reſtituido no ſeu officio de Guazil, & amigo com Diogo de Mello Capitão d'aquella Fortaleza, como atras diſſemos,* cõmetteo Xarafo taes couſas na adminiſtração do ſeu Guazilado, que por ellas mandou Lopo Vàz à Ormuz à Manoel de Macedo com proviſões para o prender, & dar o Guazilado à Raez Hamed. Manoel de Macedo chegou à Ormuz, prendeo Xarafo, & o levou à Goa, onde o Governador o mandou metter na torre de homenagem, & deſpois lhe deu a cidade por priſão. Mas Xarafo uſando de ſuas cauteloſas manhas, ſe livrou de todas as culpas, & Lopo Vàz o tornou à mandar à Ormuz, confirmandolhe de novo o cargo de Guazil, em cõpanhia de Chriſtovão de Mẽdoza q̃ ia à ſervir de Capitão d'aquella cidade, na vagante de Diogo de Mello. Neſta viagẽ de maneira grangeou Xarafo a amizade de Chriſtovão de Mendoça, q̃ chegando à Calaiate, uſando de ſeus poderes em favor de Xarafo, mandou hum recado à el Rei de Ormuz, ordenado per Xarafo, de q̃ reſultou o meſmo dia q̃ Chriſtovão de Mẽdoça chegou ao porto de Ormuz, matar el Rei Raez Hamed ſeu Guazil, que o ſervia em auſencia de Xarafo: ſendo hum homem de quem ſe elle avia por bem ſervido, por ſua lealdade, & inteireza, & de quem todos os Portugueſes recebião mui boas obras. A cauſa deſta morte, dizem que foi Xarafo; porque tal foi o recado que à ſua inſtancia mandou Chriſtovão de Mendoça à el Rei, que para elle viver, lhe foi forçado matar à Hamed. Porem el Rei calando eſta cauſa, dava por razão da morte de Hamed, deſcorteſias que lhe diſſera, & que o quiſera matar, quando ouvio dizer que Raez Xarafo deſembarcava, & que avia de ſervir de Guazil.

*Liv. 1. cap. 4.

Sabendo



Sabendo el Rei Dom Ioão eſtas couſas que em Ormuz paſſavão, & outras que contra Chriſtovão de Mendoça, & Xarafo ſe punhão, encõmendou à Nuno da Cunha quando deſte Reino foi, que tiraſſe de todas devaſſa. E querendoo elle fazer, avendo quatro dias que à Ormuz chegara, lhe deu hum homẽ hũa carta de Manoel de Macedo, dizendo, que ficava em caſa d'el Rei, & lhe manifeſtou de palavra o ſegredo que vinha na carta, que era ir prẽder ao paço d'el Rei à Raez Xarafo, que lhe mandaſſe gente de ſoccorro para o fazer. Da nova, & vinda de Manoel de Macedo, ficou ſobreſaltado Nuno da Cunha, & a grande preſſa, por não aconteeer algũa deſordem, entrou na Fortaleza, & mandou à Chriſtovão de Mẽdoça Capitão della, que de ſua parte foſſe às caſas d'el Rei, & lhe chamaſſe Raez Xarafo, & que em toda maneira não vieſſe ſem elle; & avendo algum impedimento por parte d'el Rei que ſecretamente lho aviſaſſe: & para iſſo mandou com elle o Secretario Simão Ferreira, & algũa gente. Xarafo ſòmente per palavra do Secretario ſe foi com elle, ſem nenhũ aſſombramento, ficando Chriſtovão de Mendoça, & Manoel de Macedo fallando com el Rei. Eſta novidade de Manoel de Macedo vir prender Raez Xarafo, procedeo de elle o trazer preſo de Ormuz à India, como atras diſſemos;* & parece que naquella viagem vèo Xarafo contando à Manoel de Macedo, & confeſſando culpas alheas, & não as ſuas. E quando Manoel de Macedo vèo à Portugal o anno M.D.XXVIII. com Pero Maſcarenhas, porque elle ſe achara preſente às differenças, que Pero Maſcarenhas tivera com Lopo Vàz de Sampaio, chegando às Ilhas Terceiras, foi eleito para vir à el Rei diante das naos, com as novas de ellas alli ſerem chegadas, por ainda a armada, que as avia de ir buſcar, não ſer là, & para dar conta à el Rei do eſtado das couſas da India. Porque tinha elle muitas qualidades para iſſo, & ſaber bem as couſas d'aquellas partes, por aver andado muito tempo nellas. E alem diſſo, tinha hũa ſoltura em as contar, ſegundo elle queria, & com ſer bom cavalleiro, não tinha no que dezia primor de ſegredo, nem reſguardo da honra alhea; de maneira que por elle ficou el Rei cheo de couſas de Ormuz: & prometteo à S. A. que lhe traria preſo à Raez Xarafo, & delle poderia tèr informação de todas as couſas que Capitães cobiçoſos tinhão

*Liv. 1. cap. 7.

feito; & lhe deu esperanças que per o mesmo Xarafo podia aver hũa grande soma de dinheiro. Cheio destas informações mandou el Rei à Manoel de Macedo, em Settembro, com grandes poderes, exempto do Governador da India, & do Capitão de Ormuz, à fazer aquella obra, não parecendo à el Rei que Nuno da Cunha neste tempo podia estar em Ormuz. Este favor que Manoel de Macedo levou d'el Rei, como elle era homem solto, & descuberto, & não muito attentado, indo mui encarregado de não revelar o segredo da sua jornada, primeiro que partisse publicou ao que ia. E chegado à Moçambique, soube como Nuno da Cunha ia caminho de Ormuz. D'alli foi fazer sua agoada à Socotorà, & no cabo de Rosalgate, que he na costa de Arabia, deixou o navio escondido, & em hũa terrada da terra se embarcou, & em hum dia, & hũa noute chegou à Ormuz, à vij. de Iunho, & se metteo em casa de hum criado seu, & d'ahi saio à outro dia pela cidade, sem dar conta à Nuno da Cunha, & foi à casa d'el Rei fazer o q̃ acima dissemos. E posto que à muitos pareceo que o Governador o devera castigar, por cõmetter aquelle negocio sem lhe dar conta, deixou o castigo para el Rei lho dar em Portugal, & sòmente lhe disse algũas palavras de reprehensão.

Entrando Raez Xarafo na Fortaleza, foi mettido em hũa torre,[a] & entregue à Manoel de Macedo, & Nuno da Cunha foi visitar à el Rei cõ sua guarda de alabardeiros, & fidalgos, todos vestidos de festa. El Rei tambẽ se pôs de festa em hũa sala grande alcatifada de riquissimas alcatifas, segũdo o uso dos Reis Mouros da Persia, por esta ser a sua tapeçaria. E tão tosto que Nuno da Cunha chegou à porta, elle se levantou de hũa cadeira lavrada de madre perola, em que estava assentado, & o vèo tomar à porta. Feitas suas cortesias, ambos mão por mão se forão assentar, el Rei em sua cadeira, & Nuno da Cunha em outra, que para elle estava posta junto d'el Rei. Por festa tinha el Rei hũa cabaia de beatilha mui delgada, por terem ser esta mais nobre veste para os Reis, que se fosse de brocado, & cingido com hum cinto d'ouro, & pedraria, & hum terçado da mesma sorte mui rico, & os dedos cheos de aneis com ricas pedras, na cabeça tinha hum carapução dos da divisa do Xiah Ismael, com hum penacho de pẽnas dos passaros de

*a. A prisão de Raez Xarafo escreve mui particularmente Francisco de Andrade no cap. 50. da 2. parte.*



de Maluco, com muitas perolas, os pulsos dos braços, & dos pès, segundo seu uso, tinha cubertos de bracellettes d'ouro, & pedraria, & os pès descalços sobre hum coxim de velludo de Meca. Despois que ambos forão assentados, mandou Nuno da Cunha assentar em hũs bancos que para isso estavão ordenados à Christovão de Mendoça Capitão da Fortaleza, & à seu irmão Simão da Cunha por Capitão mòr do mar, & assi outros fidalgos principaes, segundo suas qualidades. Passadas as primeiras palavras, de se verem hum ao outro, Nuno da Cunha lhe deu as cartas que levava d'el Rei Dom Ioão, perque lhe notificava mandar Nuno da Cunha à aquellas partes por Governador dellas. E assi lhe deu outras que levava Manoel de Macedo, em que lhe fazia à saber, que por comprir à seu serviço, & ao bem d'aquelle Reino de Ormuz, elle mandava vir à Portugal Raez Xarafo seu Guazil. E que alem de Nuno da Cunha, por bem de seu officio, ser à isso obrigado, elle particularmente lhe encomendava as cousas delle Rei de Ormuz, & que tratasse sua pessoa, & o contentasse em tudo como à seu filho, porque teria disso muito prazer: & que com esta confiança, elle Mamud Xiah o podia requerer à Nuno da Cunha, porque elle o faria assi, por seu cõtentamento, bem, paz, & assessego do Reino.

## CAPITVLO XI.

*Do que Nuno da Cunha passou com el Rei de Ormuz, & como pesadamente aceitou o que lhe deu, & o mandou entregar ao Feitor d'el Rei de Portugal.*

IDAS estas cartas d'el Rei de Portugal pelo Secretario Simão Ferreira, & interpretadas per Francisco Munhoz lingoa, Nuno da Cunha pelos tèrmos dellas, se começou offerecer à el Rei à tudo o que fosse bem, & serviço seu, & lhe pedio não tivesse pejo de lhe dizer, se tinha recebido desprazer, ou escandalo de algũa pessoa, porque elle proveria nisso, como el Rei seu Senhor lhe mandava. E que quanto à vinda de Raez Xarafo à Portugal, o não devia tèr por estranho, nem lhe desse sospeita algũa,

algũa,que era em dãno,& offensa delle Mamud Xiah, antes era por seu bem,& accrescentamento de seu Estado,& assessego d'aquelle Reino,por tèr el Rei seu Senhor informação quam inquieto,& tyrannizado estava. Com estas palavras de esforço,& consolação,tambem lhe disse,como tinha sabido, que elle matara à Raez Hamed seu Guazil, & Governador d'aquelle Reino,per autoridade d'el Rei de Portugal seu Senhor,a qual morte não sendo per via judicial, como costumão fazer os Principes, & Reis Christãos,se tem entre elles por cousa mui criminosa,a que são obrigados dar conta, não sòmente à Deos, mas ao mundo, & à algum Senhor se o ha na terra sobre elles. E por aquella morte ser mui publica, & de que estava o mundo esperando a punição della, elle como Governador da India,que provia em todos os bẽes, & males della, em pessoa d'el Rei seu Senhor, como ministro de sua justiça,avia à elle Rei Mamud Xiah por condẽnado por matador d'aquelle Governador do Reino de Ormuz, que era d'el Rei Dom Ioão seu Senhor; que se elle tivesse algũas causas justas,& manifestas, que as mostrasse, porque diante d'aquelles Capitães,& fidalgos que erão presentes, elle proveria nisso,como compria à bem da justiça, & serviço d'el Rei, polo que sem temor podia dizer o que quisesse. El Rei lhe respondeo,que quanto às offertas que lhe fazia per carta d'el Rei seu Senhor, elle as recebia como de seu Rei, & Senhor,& que quanto à morte de Raez Hamed, elle o matara, porque o quisera matar à elle, & pois tivera tam justa causa, não se lhe devia estranhar defender sua vida, com morte de quem lha queria tirar,& mais sendo seu vassallo, & official, cujo officio era olhar por sua pessoa,& não procurar sua morte,& per suas mãos. Nuno da Cunha por o não afrontar muito,lhe disse,que elle tinha sabido,que ao tempo que Raez Hamed fora morto,não tinha outra arma,mais que hũa faca,que costuma todo homẽ trazer para cortar o Betele,[a] & que elle Rei estava armado,& apercebido, como cousa que fora cuidada,& não accidental. E que por quanto as mortes dos homẽs são para se sobre ellas fazer todo exame,el Rei não ouvesse por mal,proceder nisso cõ devassas,& testemunhas, segundo às leis d'el Rei seu Senhor. Nuno da Cunha, posto que el Rei dizia que elle fora autor desta morte, & que a não fizera constrangido per outrẽ,senão per sua propria vontade, bem entendeo

[a] *O Betele à q̃ os Malavares chamão Betre, os Guzarates, & Decanijs Pam,os Malaios Ciri, & os Arabios Tambul; he hũa arvore q̃ arrimada a outras trepa por ellas como a Era, cujas folhas são mais compridas, & mais estreitas na ponta q̃ as da Larangeira. He o çumo destas folhas aromatico,cordial, confortativo do estomago, resolutivo das ventosidades,restaurativo dos dentes, q̃ se bolem,& faz bõ anhelito. Vsão das folhas do Betele todas as gentes Orientaes,com Areca (que he hum frutto semelhante à Noz noscada) & pouca quantidade de Cal feita de cascas de Ostras, & os ricos lhe mesturão Canfora de Borneo & algũs Calambac,& Almiscar,ou Ambar. Garcia d'Orta no livro dos simples, & drogas da India.*



entendeo nelle,posto que Xarafo estava preso,que temia dizer quem o movera à isso.

Mudada a prattica em outras cousas,querendose Nuno da Cunha despedir,mandou el Rei trazer hum cinto d'ouro, & pedraria,& hum terçado,& adaga da mesma sorte, & algũas peças de brocado,& pãnos ricos de seda,& os deu à Nuno da Cunha,pedindolhe que tomasse aquella pouquidade por seu amor,por não perder o costume dos Reis d'aquellas partes. E porque Nuno da Cunha se escusava cõ boas palavras, elle se ouve por injuriado disso,com que lhe convẽo aceitar as peças. E à todos os fidalgos deu el Rei as suas, segundo as qualidades das pessoas. Com isto se despedirão delle, & à porta achou Nuno da Cuha hum fermoso cavallo sellado,& enfreado,& ornado ao uso dos Persas,que lhe tambem el Rei mandou apresentar,o qual cavallo, & assi todas as outras peças, elle mãdou entregar na Feitoria,& carregar em receita sobre o Feitor,segundo o seu regimento,que era não tomar para si os presentes que lhe dessem.

## CAPITVLO XII.

*Como Nuno da Cunha entendeo na devassa cõtra Raez Xarafo, & do que fez sobre sua vinda à Portugal,& condẽnou à el Rei de Ormuz por a morte de Raez Hamed.*

FEITA aquella primeira visitação à el Rei, começou Nuno da Cunha entender nas cousas do governo da terra. E porque Raez Xarafo se avia de vir para este Reino, quis logo entender na devassa que el Rei mandava tirar, para a mandar per Manoel de Mácedo, como mandou. E como com esta devassa tambem tirou a da morte de Raez Hamed,em que achou el Rei o matar sem causa justa, sòmente induzido, & por comprazer à outros que isso ordenarão, em modo de sentença o condẽnou em pena de dinheiro,atè a merce d'el Rei de Portugal. A pena foi accrescentarlhe que pagasse mais em cada hum anno de pareas quarenta mil xerafijs, alem dos sesenta que pagava, & a taxação deste accrescentamento ia de cà do Reino por as informações que el Rei tinha de quanto aquelle Reino rendia,

& que tudo o que ſobejava das deſpeſas ordinarias que el Rei tinha, lhe roubavão ſeus Guazijs. Mas Nuno da Cunha, como prudente, por menos eſcandalo, quis dar à entender que o fazia per via de pena d'aquelle exceſſo que el Rei fizera. E iſto atè que el Rei ſeu Senhor proveſſe niſſo, viſto como a pena d'aquelle crime de morte per outra via ſe não podia executar na peſſoa d'el Rei de Ormuz: o que elle ſofreo por mais não poder, & conhecendo que o exceſſo merecia muito caſtigo. O que dos Mouros foi mui louvado, vendo que entre Portugueſes avia tanta juſtiça, que nem os Reis ficavão ſem pena dos crimes que comettião contra ſeus vaſſallos. Alem diſto começou de entender nos aggravos que erão feitos à Diogo de Mello de algũas ſentenças em que o condenarão mal, ſendo accuſado per Xarafo, o qual tanto que vio Diogo de Mello fora do cargo de Capitão, entre outras couſas juſtas, demandava outras injuſtas, com que lhe tinhão tomado muita fazenda. Quando os Mouros virão que Nuno da Cunha adminiſtrava juſtiça, ſem reſpeito de peſſoas, & que logo dava a execução os danos, & perdas que algum tinha recebido, ouſadamente começou cada hum requerer contra aquelles de que tinhão recebido aggravos. Com que Ormuz ficou tam acreditado, que per mar, & per terra corrião as mercadorias mais ſeguramente, & os moradores ouverão que podião eſtar ſeguros de muitos roubos, & offenſas que nos annos atras recebião; o que ſe vio logo no rendimento das alfandegas, & outros dereitos da terra.

El Rei de Ormuz quando vio tanta inteireza, & prudencia de Nuno da Cunha, aſsi na adminiſtração da juſtiça, como no governo da terra, & que nelle não avia cobiça, tomou ouſadia de lhe requerer que lhe fizeſſe juſtiça de Raez Xarafo, porque rendendo ſeu Reino mais de trezentos mil xerafijs, tirados os ſeſenta mil que pagava de pareas, & que as vezes ſe ficavão devendo de hum anno para outro, tudo conſumia em peitar à quem lhe ſofria ſeus roubos, que o obrigaſſe à dar razão dos rendimentos do ſeu Reino. Ao que Nuno da Cunha reſpondeo, que eſta era hũa das principaes cauſas porque el Rei ſeu Senhor o mandava ir à Portugal, onde S. A. lhe mandaria dar o caſtigo que mereceſſe, & que por Manoel de Macedo podia mandar as queixas que delle tinha; por que elle Nuno da Cunha, não avia de entender em mais que em



em tirar devaſſa das couſas d'aquella cidade, & que pertecião aos Capitães, & officiaes d'el Rei ſeu Senhor, & caſtigar aquelles que o mereceſſem. E quanto às que pertencião à elle Rei Mamud Xiah, que tambem as podia requerer contra elle, porque entenderia nellas, ſomente as de Xarafo remettia à el Rei ſeu Senhor.

E porque Nuno da Cunha (como atras diſſemos) mandou ao Guazil de Maſcate XechRaxit, que ſe vieſſe logo tras elle, para o negocio da ſua conta, de que ſe el Rei queixava delle, & era chegado à Ormuz, deu Nuno da Cunha conta à el Rei, como fizera vir aquelle homẽ, o qual eſtava alli para dar razão de ſi, que mandaſſe ajuntar os officiaes que lhe avião de tomar conta, para logo o fazer pagar ſe deveſſe. El Rei mandou ao ſeu Teſoureiro Coge Abrahẽ, que eſtiveſſe à conta com elle, & vindo cada hum com ſeus papeis, ſendo preſente o Secretario Simão Ferreira, como teſtemunha, & arbitro das duvidas quando as ouveſſe, achouſſe que Xech Raxit, tinha entregue tudo quanto recebera das rendas d'el Rei, ſem ficar devendo couſa algũa, & ouve ſua quitação aſsinada por el Rei nas coſtas de hum auto, que Nuno da Cunha deſta cõta mandou fazer. Vendo el Rei que Nuno da Cunha dava logo a execução, o que juſtamente lhe requeria, lhe fez queixume do meſmo Coge Abrahem, dizendo, que fora Teſoureiro de dous Reis paſſados, & tivera toda a fazenda, & joias d'el Rei Torum Xiah que matarão, de q̃ não appareceo mais que hum terçado, & hũa cinta, & hũs bracelletes, & hũa adaga, ſendo eſte Rei rico de dinheiro, & joias, por ſer muiro acquiridor, & conſervador do que lhe caia na mão, & que nunca em tempo deſte Rei dera conta. Antes que Abrahẽ fizeſſe algũa couſa de ſi, Nuno da Cunha o mandou prender, ſòmente por ſaber, que ſendo filho de hum homẽ muito pobre, & de parentes pobres, & bãxos, deſpois que entrou na alfandega por Eſcrivão, & ſervio de Teſoureiro, tinha acquirido muita fazenda, & feitas hũas caſas as mais ſumptuoſas, & nobres da cidade. Coge Abrahẽ como ſe vio preſo, começou de ſe contratar com el Rei, dizendo, que lhe queria dar vinte mil xerafijs; mas como Nuno da Cunha eſtava informado da groſſura deſte Mouro, não cõſentio niſſo, atè que deu à el Rei quarenta mil, com que el Rei pagou dividas que devia, & aſsi as pareas, & elle ficou ſem officio.

Tambẽ lhe pedio el Rei, que lhe mandaſſe entregar a rẽda da caſa das Ormacas, que poderia render dous, ou tres mil xerafijs, a qual elle tinha dada contra ſua vontade ao Capitão da Fortaleza, por eſtar ja tanto em coſtume darẽ os Reis eſta renda aos Capitães polos contentar, que fazião elles diſto hũa obrigação ordinaria, a qual renda deſpois que Nuno da Cunha ſe foi para à India, el Rei tornou à dar ao Capitão, mais por temor, que por vontade. Pediolhe mais el Rei, que lhe tiraſſe o Guarda mòr que lhe punhão Portugues, porque recebia niſſo grandes oppreſſões, & eſtava como cattivo, de maneira que não tinha vida, nem podia dar hum paſſo, que logo não foſſe moleſtado, ou avia de comprar a liberdade por muito, porque nunca ceſſavão os taes officiaes de tirar delle. Eſte officio levava de Portugal Manoel de Alburquerque, filho de Lopo de Alburquerque, homem que no que deſpois fez (como no diſcurſo deſta hiſtoria ſe verà) moſtrou que por ſua cavalleria, & peſſoa, era para maiores couſas que para Guardá mòr d'el Rei de Ormuz. E como era homem virtuoſo, & bem coſtumado, & q̃ ſabia el Rei era mancebo vicioſo, & que entrando elle naquelle cargo, para tèr vida lhe compria conſentir uſar elle de ſeus vicios, diſſe à Nuno da Cunha, que elle não queria tal officio; pelo que avendo Nuno da Cunha reſpeito à muitas couſas, por entam lhe pareceo eſcuſado aquelle officio, & o ſatisfez à Manoel de Alburquerque.

Requereo mais el Rei à Nuno da Cunha, que lhe mandaſſe entregar a Ilha de Baharem, na qual eſtava avia ja ſeis, ou ſette annos, hum Raez Barbadim, ſobrinho de Raez Xarafo, da qual Ilha o meſmo Xarafo lhe tinha dado o Guazilado, & ambos a comião, ſem della aver rendimento, antes todos os annos lhe contavão muitas deſpeſas de mantimento, de arroz que ia de Ormuz para mantèr à gente que là eſtava, ſendo certo que rendia cada anno quinze mil xerafijs, aſsi por razão da peſcaria do aljofar que ſe nella fazia, como da grande novidade que nella avia de tamaras, de que avia carregação para muitas partes.[a] E como iſto era couſa de Raez Xarafo apertava el Rei muito à Nuno da Cunha, que lha mandaſſe entregar, o q̃ para Manoel de Macedo era grãde enfadamẽto, porq̃ tinha promettido à el Rei Dõ ioão, q̃ elle ordenaria cõ q̃ Xarafo vieſſe de Ormuz cõ muita riq̃za, polo q̃ man-

a. *Eſta Ilha de Bahrem deſcreve Ioão de Barros na 3. Dec. liv. 6. c. 4.*



mandando Nuno da Cunha, quando prendeo Raez Xarafo, eſcreverlhe a fazenda toda, Manoel de Macedo clamou, que o não eſcandalizaſſe, porque compria levalo mimoſo, & ao meſmo Xarafo fazia crèr, que levando bem que peitar tudo acabaria, de que ja tinha experiencia. E aconſelhava à el Rei de Ormuz, que mandaſſe o ſeu terçado à el Rei de Portugal, porque por elle lhe quitaria el Rei os quarenta mil xerafijs, que Nuno da Cunha lhe accreſcentara. O que Nuno da Cunha diſsimulou per honeſto modo, por não infamar a nação Portugueſa mais do que eſtava infamada em Ormuz pelas couſas paſſadas. Mas Xarafo era tam ſabedor, que deu pouco pelos conſelhos que lhe dava Manoel de Macedo, & levou o que tinha, que era ja bem pouco, por as creſtas que lhe davão à meude, & a maior ſubſtancia de ſua fazenda era hum pouco de patrimonio de palmares, & terras em Baharem, que lhe grangeava ſeu ſobrinho Raez Barbadim, que podião render oito, ou dez mil xerafijs, & hũas caſas honradas em Ormuz, & tam pouco movel como devia tèr hum homẽ que ſe vigiava, parecendo à Manoel de Macedo, q̃ trazia elle muitas couſas para eſte Reino. Polo que Nuno da Cunha por algũs inconvenientes, mandou à Manoel de Macedo ſair de Ormuz, & que vieſſe eſperar à Raez Xarafo à Maſcate.

Alli ſe embarcarão ambos para eſte Reino, & porque ao tempo da partida ſe deſcobrirão no navio algũas agoas, que ſe abrirão cõ a carga das drogas que lhe metterão, & aos officiaes pareceo que não podia chegar à Portugal, mandou o Governador, que foſſe Manoel de Macedo à India, & la tomaſſe qualquer embarcação que quiſeſſe, pelo que chegado à Cochij, Afonſo Mexia lhe deu outro navio, em q̃ Manoel de Macedo trouxe à Xarafo à eſte Reino, onde elle eſteve algũs annos, ſem ſua vinda trazer mais frutto que deſcobrir culpas alheas, as quaes Nuno da Cunha per devaſſa q̃ em Ormuz tirou per apontamentos que o meſmo Manoel de Macedo levava, mandou mais na verdade, do que Raez Xarafo podia dizer, por ſerem teſtemunhadas per os principaes Mires, & peſſoas notaveis que el Rei de Ormuz teve. E no fim deſtes annos tornou Xarafo à India, como da India à Ormuz, quando a outra vez foi preſo, & ſervio ſeu officio, ſalvandoſe per as leis da India, como todos os culpados ſe ſalvão, quãdo fazem o que elle fazia, porque a natureza dos homẽs,

poſto

posto que mudem o Clima, não mudão a inclinação, principalmente em casos de proveito.

## CAPITVLO XIII.

*Como Belchior de Sousa Tavares foi à Bascorà, & do sitio d'aquella cidade, & da Ilha de Gizaira.*

ESTANDO Nuno da Cunha fazendo o que dissemos em Ormuz, chegou de Balcorà Belchior de Sousa Tavares, que o Capitão Christovão de Mendoça tinha là mandado cõ dous bargantijs, & quarenta homẽs de peleja, à requerimento de Ale Mogemez Rei d'aquella cidade, para o ajudar à defender d'el Rei de Gizaira seu vezinho, que lhe fazia guerra. E porque Belchior de Sousa foi o primeiro Capitão, que com mão armada entrou pelos dous rios Tigris, & Eufrates, onde não entrou o poder dos Gregos, & Romanos com seus exercitos, quando contendião com os Reis de Babylonia, & de Persia, não he fora do intento da nossa historia escrevermos da jornada de Belchior de Sousa, em que assentou paz entre estes dous Reis, & despois fez guerra ao de Bascorà, por não comprir com elle o que lhe prometteo. Tã temido era o nome Portugues naquellas partes, que hum Capitão de dous bargantijs, com quarenta homẽs, fez o que adiante veremos; & não na costa de Guinè entre Negros barbaros, mas na mais celebrada terra, de que as escrituras fazem menção, que he nas correntes dos dous illustres rios Eufrates, & Tigris, onde elles dão de beber aos povos Babylonios, & Chaldeos, & onde oje os Mouros tem sua celebre cidade de Bagadad, & as sepulturas de Ali,[a] & de algũs filhos seus, que são a cabeça de sua seita. E para mais clareza do que hemos de dizer, será necessario trattar primeiro da situação de Bascorà.

Dista esta cidade quasi trinta legoas da barra dos rios Eufrates, & Tigris, quando ambos juntos se mettem no mar Parseo, não ao longo da corrente delles, mas afastada hũa legoa no fim de hum esteiro feito à mão, que para serviço da mesma cidade se abrio, em que podem entrar navios de remo.[b] Esta povoação, segundo se diz, se fundou ha poucos annos,

a. *Ali, foi filho de Abiltaleph, com cujo conselho, & ajuda promulgou Mafamade a sua maldita seita, & o casou com sua filha Fatima, & nomeou por successor no Reino & Caliphado, a qual dignidade usurpou como mais poderoso Abubecher outro Conselheiro, & companheiro de Mafamade. Foi Ali, V. Calipha, & autor de outra nova seita, que professão os Persas. Teve por contrario à Moavia, com o qual pelejou com varia fortuna. E ultimamente per ordem de Moavia foi morto perto de Cufá cidade de Arabia, entrando em hũa mesquita no anno de DC.LX.*

b. *Tem per tradição os vezinhos de Bascorà, que lhe foi alli prègar a Fè, & converteo muitos o Evangelista S. Ioão.*
*O Padre Ioão de Lucena, na vida do Padre Francisco Xavier, liv. 1. ca. 13.*



annos, & ora a tem os Turcos mui forte, cõ temor de nossas armadas. Ptolemeu nas suas Taboas de Asia, situa naquella parte de Babylonia, ao longo das ribeiras d'aquelles dous rios, duas povoações, à hũa chama Thalatha, & à outra Batracharta,[a] seja qualquer que for, o que podemos affirmar, he, que esta que està em pè, nestes tempos proximos à nos se fundou: & junto della mettida mais no sertão espaço de oito legoas està hũa cidade despovoada, cujo circuito tem andadura de mais de hum dia; & hum Turco natural do Cairo, que se tomou quando Dom Fernando de Noronha ouve victoria do Capitão dos Turcos, que erão lançados em Bascorà, o qual oje he meu cattivo, homem prudente, & de grande juizo, & memoria, me contou, que o seu Capitão se pusera à cavallo hum dia, & elle em sua companhia, & forão ver esta antiguidade, como em romeria, por estar alli hũa mesquita sumptuosa de Alì, & para verem a grandeza da cidade se subirão em hũa torre, & que não podião sair com a vista fora das casas, & jurava por sua lei, que lhe parecera duas vezes maior que o Cairo. A qual dezia que era toda despovoada, sem aver nella mais que hum Mouro na mesquita, com tres filhos, & tres filhas, que tinha cargo de duas alampadas que ardião nella, sem naquella grande povoação, que não era cercada, aver outro moradot. As casas todas erão terreas de pedra & cal, as pedras mui grandes todas engatadas com ferro, & cobre, o que dezião ser por o tremor da terra, que naquella parte muitas vezes avia: & os telhados (por alli chover raramẽte) erão eirados ladrilhados, & muitas das casas ricamẽte fabricadas, & ladrilhadas cõ azulejos: & q̃ cõtava aquelle Mouro q̃ alli estava, que à aquella cidade chamavão Bascorà a velha. Da grandeza desta cidade andão pela terra contos increiveis. Hum Geographo Parseo escreve, que esta Bascorà a velha foi fundada em tempo de Alì, tio & gẽro de Mafamede, per hum Mouro chamado Atabad, filho de Garvan; & que no tempo de Bibal filho de Abibardaà, avia nella cento & vinte mil esteiros, que se derivavão dos rios Eufrates, & Tigris, por virem ambos alli concorrer. E que sendo tamanha se despovoara, porque a terra era muito salgada, & não tinha agoa que beber, & lhe vinha de mui longe, & os poços que tinha erão mui salobros. E por a terra ser mui calmosa no tempo do verão, que não se podia sofrer o fervor do Sol, & no inverno o rigor do frio, por

a. *Ptolemeu no liv. 5. da sua Geographia cap. 20. põe Thalatha em 32. Graos, 10. Min. de altura, & Batracharta em 32. Graos, 40. Min. & Bascorà està em 31. Graos.*

por os ventos que vinhão per aquellas campinas que matavão a gente, & por carecerem de lenha com que se aquentar. E que antiguamente quando aquella cidade prosperava, trazião a agoa per vallas do rio Euphrates, as quaes despois se taparão com as cheas, & agoas do mar no tempo das marès, per que aquelle sitio se vèo todo salgar, & assi se despovoou; & que os moradores d'aquella cidade se passarão hũs à Bagadad, & outros à Basçorà a nova. E porque Ptolemeu afastado do rio Euphrates quasi naquella distancia situa hũa cidade per nome Beththana, [a] ja pode ser que fosse esta, que sendoo seria reedificada, & povoada por Atabad.

A Ilha de Gizaira fazem os dous famosos rios Euphrates, & Tigris. Nasce o Euphrates na Turcomania, & o Tigris em Adilbegiam, [b] & fazendo ambos aquelle gram cerco, à que os Geographos chamão Mesopotamia, que quer dizer, terra entre dous rios; quando o Euphrates vem dar na Provincia à que Ptolemeu chama Babylonia, lançase do Sul para o Norte, & faz hum agudo cotovello de fronte da cidade Bagadad, per que passa o Tigris, & entre hũ & outro rio não fica mais espaço que sette legoas, as quaes nas grandes crescentes delles todas se cobrem d'agoa. Deste cotovello volta Euphrates ao Sul, & rompendo com grande impeto, se parte em dous braços, hum se vai metter no Tigris, & o outro correndo com o mesmo curso, alaga toda à terra de Basçorà, atè se juntar com as outras agoas suas, & do Tigris em Corna, que he hũa Fortaleza que os Turcos fizerão no canto da terra deste ajuntamento. D'aqui vão ambos os rios em hum corpo atè entrar no mar Parseo, per duas boccas que fazem hũa Ilha, à que os Parseos chamão Murzique, & Ptolemeu, & Plinio situão nella o lugar Teredon. [c] Nesta Ilha vivem algũs pescadores, por ser toda cuberta de canaveaes, & tam baxa, que estão quasi sobre a barra deste rio quando vèm do mar, & não a vèm, nem se toma se não per Pilotos que estão alli perto em outra Ilha chamada Cargue. E porque o Euphrates despois que a primeira vez se junta com o Tigris, ambos retalhão toda aquella terra. A que he assi cercada, & cortada dos rios, chamão os Persas Gizera, & os Arabes Leziras, vocabulo que entre muitos outros nos ficou delles do tempo que senhorearão Espanha. E a principal, & maior dellas, à que os naturaes chamão Vacet, & nos Ilha de Gizaira, que he vezinha de Basçorà, & a ultima

a. *Em altura de 32. Graos, 52. Min. no livro 5. cap. 20 & na Taboa 4. de Asia.*

b. *O rio Euphrates nasce naq̃lla parte da Armenia maior que se chama Turcomania, do monte Pariades, do qual tem tambem seu nascimento o rio Araxes. Este corre à Levante, & entra no mar Caspio, & o Euphrates faz seu curso per hum espaço à Ponente, donde volta à Meiodia, atravessando o nomeado monte Tauro, para se ajuntar com o Tigris. Antes de passar aquelle celebre monte, se chamava antiguamẽte Pyxirato, & despois de passado Omira, como escreve Plinio no cap. 24. do livro 5. E no capit. 26. do livro 6. diz, que os Assyrios lhe chamavão Armalchar, ou mais propriamente Naarmalcha, como lhe chama Am. Marcellino, que significa rio Real, que he o mesmo que Basilio, nome que pela mesma causa lhe dà Ptolemeo na 4. Tab. da Asia; & por ella consta ser hum braço do mesmo Euphrates, q̃ rega a provincia & cidade de Babylonia, pela qaal passa. O nome Hebreo que tem na sagrada Escritura, he Pharath, que quer dizer Fortificativo: & Iosepho no cap. 2. do livro 1. das Antiguidades lhe chama Phora, & oje os Armenios Frat, & os Turcos Murat.*

*O rio Tigris nasce em hũa Provincia da Armenia maior, que Ptolemeo chama Gordene, & oje Curdi: o seu nome antigo foi Sollax, como affirma Plutarcho o Moço no tratado dos Rios. No seu nascimento onde corre vagarosamente, se chamou Diglito, como escreve Plinio no capit. 27. do livro 6. E quando se apressa, & correm com impeto suas agoas, por razão d'elle lhe poserão os Medos o nome de Tigris, que entre elles quer dizer Setta, & por a mesma causa & significão tem na sagrada Escritura o nome de Hidekel, que he Siriaco. Diglath lhe chama Iosepho, & os nomes modernos são varios, segundo as Provincias per que passa: porque lhe chamão Hidecel, Derghele, Sir, & Set.*

c. *Este lugar querem Mercator, & Ortelio que seja Basçorà, em que se enganão, porq̃ Teredon situa Ptolemeo no mẽio da Ilha, & Basçorà não està nella, senão trinta legoas das boccas do rio, & fica à mão dereita da sua corrẽte, & não à esquerda, como estes Autores a poẽ em suas Taboas Geographicas.*



a ultima que estes rios fazem, onde està a fortaleza de Corna, terà de circuito mais de quarenta legoas, & toda chea de castellos, pola maior parte de madeira, em que cada hum vive sobre si, & de dentro de suas abertas tem sua fazenda, onde ninguem lha vai devassar. Estas povoações, que todas estão pela terra dentro, afastadas d'agoa, mais são para se defenderẽ hũs dos outros, que dos estrangeiros, por elles serem tam bellicosos, que em suas contendas tem que fazer toda a vida. O Rei he pouco obedecido, & por isso quem mais pode tẽ mais justiça no que quer, & não ha outra entre elles. He gente bẽ disposta, & ligeira, não tem uso de cavallos, somente el Rei os tem para sua pessoa; polo que suas guerras são sempre à pè, suas armas principaes são frechas, & assi avia naquella Ilha Gizaira quarẽta mil frecheiros. Antiguamente obedecião todos ao Senhor de Bagadad, mas despois que o Turco começou à contender com o Xiah Ismael, hum Mouro poderoso que alli presidia, naquellas differenças se intitulou por Rei, sobre o qual o Xiah Tamas quisera vir, & sabendo que toda a Ilha era retalhada de esteiros, & que cada vez que querião seus moradores alagavão toda a terra, o deixou de fazer. Este Mouro que se levantou por Rei, que era Pai, do que neste tempo vivia, & contendia com o Senhor de Basçorà, tinha posto de sua mão à este Ale Mogemez, naquelle lugar, como Feitor seu, para lhe recadar os dereitos das cousas que per alli passavão, & elle em quanto aquelle Senhor de Gizaira contendia com o Senhor de Bagadad, fez se forte, & como era Arabio da seita de Mahamed, & inimigo dos da opinião de Alì, que são aquelles de Gizaira, levantandolhe de todo a obediencia se intitulou Rei, como este de Gizaira fez ao Senhor de Bagadad. E com tudo por obediencia pagava este Ale Mogemez ao Rei de Gizaira passado, certas pareas, em final de subjeição, & vassallagem. E a causa porque o de Gizaira lhe fazia agora guerra, era, que avendo annos que Ale Mogemez não queria pagar este tributo, alem desta rebellião, lhe mandou matar hum filho andando à caça na terra firme da parte da Arabia, onde elle tinha tomado dous lugares à Ale Mogemez. Polo que por medo d'el Rei de Gizaira, mandou Ale Mogemez pedir ajuda à Christovão de Mendoça. E porque os Capitães de Ormuz tem muita necessidade da amizade do Senhor de Basçorà, & nella tem sempre hum Feitor, que lhes admi-

adminiſtra ſua fazenda, & ordinariamente cada anno vão d'alli ſettecentos, & oitocentos cavallos à Ormuz, & d'ahi para à India, q̃ dão muito rendimento à el Rei de Portugal nos dereitos q̃ pagão, favorecẽ muito as couſas d'aquelle Mouro.

## CAPITVLO XIIII.

*Como Belchior de Souſa foi recebido d'el Rei de Baſçorà, & foi com elle contra el Rei de Gizaira.*

NO Tempo que Belchior de Souſa chegou à Baſçorà, andava el Rei no campo à caça, & em dous dias que elle tardou, deixouſe eſtar Belchior de Souſa no bargantim meia legoa da cidade, ſendo viſitado do ſeu Governador com muito refreſco, & fruttas de noſſa Europa. Vindo el Rei, mãdou ao ſeu Governador, & aos principaes de ſua caſa, q̃ foſſem acompanhar à Belchior de Souſa: & elle foi com parte de ſua gẽte a mais luzida ſem armas, ſò dous homẽs levou armados com eſpadas de ambas as mãos, para dar moſtra à el Rei; o qual por lhe fazer honra o eſtava eſperando em hum terreiro grande ante ſuas caſas, q̃ ſeria de quarenta braças em quadra, com as coſtas em hũa parede, aſſentado em hum coxim de ſeda, ſobre hũa alcatifa d'ouro, & junto com elle eſtava outra de lãa para Belchior de Souſa. De longo das paredes do pateo, era tudo eſteirado, em que eſtavão aſſentados em cocaras mais de dous mil homẽs. No meio do terreiro andava hum eſtribeiro d'el Rei encima de hum fermoſo cavallo paſſeando, & dez, ou doze homẽs à pè trazião outros tantos cavallos pela redea, por eſta ſer a maior honra com que elles recebem os Embaxadores, dandolhe moſtra dos cavallos de ſuas peſſoas. Alem deſtes, andavão outros homẽs à hũa parte do terreiro eſgrimindo com lanças de canna, & cofos por eſtado; & tudo iſto era ao ſom de hũas doçainas ao ſeu modo, que aos noſſos parecerão bem. Iunto d'el Rei eſtavão ſette, ou oito muſicos, cantando per livros com vozes acordadas per arte, que foi aos noſſos couſa nova; porque os Arabes da noſſa Berberia não uſão della, o que parece eſtes de Baſçorà aprenderão dos Perſas. El Rei aſſentado naquella almofada, com ſuas pernas cruzadas, tinha veſtida hũa camiſa de linho



linho tinta de azul, & ſobre ella hũa algerevia de lãa, & na cabeça hũa grande, & não mui delgada touca, ſem mais outro arreo, moſtrandoſe mui Arabe no trajo, de que ſe elles muito prezão. Entrando Belchior de Souſa acõpanhado do Guazil, foi atè onde el Rei eſtava, o qual ſaio fora da alcatifa, & o levou pella mão à aſſentar na que eſtava poſta para elle. Paſſada a primeira prattica de ſeus comprimentos, mãdou el Rei chegar para ſi os dous homẽs que Belchior de Souſa levava armados, & apalpou todas as armas, & chamando à hum ſeu armeiro, lhe perguntou ſe lhe faria outras d'aquella maneira, porque lhe parecião bem, & pedio à Belchior de Souſa que os mandaſſe jugar das eſpadas; o que elles fizerão mui bem, & el Rei folgou muito de os ver.

Deſpedido Belchior de Souſa d'el Rei, para ir à repouſar, ao outro dia o mandou vir per o proprio Guazil, & lhe deu cõta de ſeus trabalhos & guerra, que avia dez annos que lhe el Rei de Gizaira fazia; & que quanto à morte de ſeu filho, de q̃ ſe elle mais ſentia, jurava em verdade que elle lho não mandara matar, & que a morte fora per deſaſtre, & não per outra via: que verdade era, que elle mandara aquelle ſeu Capitão, q̃ trabalhaſſe de o cattivar, para ſobre ſeu reſgate fazer algũa paz. Belchior de Souſa como trazia inſtrucção do que avia de requerer à el Rei de Baſçorà, deſpois de o conſolar em ſeus trabalhos, & dizer que para lhe valer nelles, o mandara o Capitão de Ormuz: começou de o culpar em ter conſigo Turcos inimigos dos Portugueſes, & os recolher, ſabendo que nos offendia, & tinha fuſtas, que ião ao mar de Perſia fazer algũas preſas em os navios que levavão mantimentos & mercadorias à Ormuz. Vltimamente deſta prattica, & de outras couſas que lhe Belchior de Souſa propòs ſobre amizades, & boa vezinhança, que com noſco lhe compria tèr em Ormuz, de q̃ tanto bem & proveito recebia: elle Ale Mogemez prometteo, que em ſatisfação d'aquella ajuda, que lhe vinha dar, lhe entregaria as fuſtas que tinha, que ſerião ſette, pois dezia deſcontentarſe o Capitão de Ormuz de as elle ter. E que na ſua terra não conſintiria Rumes, que os que ao preſente alli eſtavão, paſſada aquella neceſsidade os deſpidiria. Mas q̃ o q̃ delle Belchior de Souſa ſòmente queria, era fazer com el Rei de Gizaira foſſe ſeu amigo, ou o ajudaſſe à cobrar duas fortalezas, q̃ lhe tinha tomadas na terra da Arabia, ao lõgo do rio Eufrates.

Concertando que foſſem contra el Rei de Gizaira, ſe fez preſtes o de Baſçorà em eſpaço de quinze dias,& partio com dozentas dalaças,que ſão hũas barcas grandes ladas, & raſas, em que levou cinco mil homẽs de pè,ſeiſcentos dellos eſpingardeiros,& as ſette fuſtas mui bem artilhadas, de que a menor levava ſette bombardas,en ellas ião cinquoenta Rumes veſtidos todos de vermelho,& outros tantos homẽs da terra, dos mais principaes,nas quaes ia el Rei.Per terra ao longo do rio,mandou hum ſobrinho ſeu com atè tres mil homẽs encavalgados em egoas,(porque os cavallos vendem elles para Ormuz)dos quaes os quatrocentos erão acubertados ao modo da Perſia, armados com ſaias de malha, todos mui bem concertados,ſegundo ſeu uſo.E porq̃ ao longo do rio, vẽtou Noroeſte,q̃ ſempre alli curſa, ſe detiverão no caminho tres dias em chegar ao lugar aonde ião, ſendo poucas as legoas. Aſſentando el Rei ſeu arraial na terra firme da banda da Arabia,de fronte donde el Rei de Gizaira tinha aſſentado o ſeu, em que dizẽ que avia doze mil homẽs os mais delles frecheiros,eſtiverão eſpaço de nove dias em ſilencio, ſem travarem eſcaramuça hũs com os outros.

Belchior de Souſa vendo eſta dilação,& que neſtes dias ſe não fizera mais que ir dar moſtra à el Rei de Gizaira, & esbõbardear pelos àres, apertou com el Rei Ale Mogemez, que não deixaſſe paſſar mais tempo,porq̃ ſe perdia conjunção,ao q̃ elle reſpondeo,que ſe não agaſtaſſe,& o deixaſſe fazer:porque elle ſabia como as couſas d'aquella terra querião ſer trattadas. Atè que hum dia vèo à fuſta de Belchior de Souſa, & diſſelhe, que era neceſſario eſcrever elle Belchior de Souſa à el Rei de Gizaira,& que elle daria a forma da carta, para o negocio vir à bom effeito. A carta ſe eſcreveo em lingoa Arabiga,& ſe mandou à el Rei de Gizaira, cuja ſubſtancia era,que Belchior de Souſa viera alli per mandado do Capitão de Ormuz,por ſaber que elle, & el Rei de Baſçorà andavão em guerra,ſobre as differenças que tinhão.E por ambos ſerem vezinhos de Ormuz, elle queria uſar officio de bom vezinho, & aſsi mandava à elle Belchior de Souſa para os metter em paz,& amizade,& que aquelle que a recuſaſſe o tiveſſe por inimigo,& lhe fizeſſe o mal, & dãno que pudeſſe, & à todos ſeus naturaes;& q̃ para eſta paz ſe effettuar trouxera logo conſigo à el Rei de Baſçorà, o qual era contente de eſtar



eſtar por o que elle Belchior de Souſa niſſo fizeſſe, tendo informação do caſo:Mandada eſta carta per hum Mouro mercador,vèo logo a reſpoſta della,em que dezia el Rei de Gizaira,que pois elle era o offendido,que razão fora de ir primeiro fallar com elle,que com Ale Mogemez,que o poderia informar como convinha à ſeu propoſito.Porem por elle ſer o primeiro Portugues que fora à aquelle ſeu Reino, & tal peſſoa, & tambem por ſer aquelle o primeiro requerimento do Capitão de Ormuz,com quem deſejava tèr amizade,elle era cõtente de fazer paz com Ale Mogemez,& que para iſſo mandaria logo dous criados ſeus para a aſſentarem, & que tudo o que fizeſſem,elle a aſsinaria.

## CAPITVLO XV.

*Como Belchior de Souſa aſſentou pazes entre os Reis de Baſçorà, & de Gizaira,& como do de Baſcorà vèo deſavindo por lhe faltar da promeſſa que lhe fez.*

NO fim de quatro,ou cinquo dias q̃ os procuradores d'el Rei de Gizaira eſtiverão com el Rei de Baſçorà, aſſentarão com elle pazes,cõ eſtas condições:Que el Rei de Gizaira entregaſſe ao de Baſçorà as duas fortalezas,q̃ lhe tinha tomadas na terra firme,& por ellas lhe daria logo o de Baſçora cinquo mil cruzados, & cinquoenta covados de velludo preto, & doze cavallos,& q̃ cada anno lhe pagaſſe o tributo que lhe ſoia pagar.E porq̃ Belchior de Souſa quãdo ſoube do concerto da paz,diſſe à el Rei de Baſçorà,q̃ elle não viera alli para fazer pazes per tãto preço,ſenão francamente,& cõ honra ſua, & ſe moſtrava diſſo deſcontente.El Rei de Baſçorà ſe agaſtava,como quẽ deſejava verſe ſeguro no Reino q̃ uſurpara, & pedia à Belchior de Souſa cõ grande encarecimẽto ſe contentaſſe,porq̃ o partido lhe vinha muito bẽ, & nũca cuidara q̃ el Rei de Gizaira vieſſe à cõcerto cõ elle. E porq̃ ſabia q̃ el Rei de Gizaira aguardava q̃ elle Belchior de Souſa lhe mãdaſſe os agradeſcimẽtos do q̃ fizera,lhe pedia lhe deſſe hum Portugues para ir cõ os ſeus,q̃ avia de mãdar à aſsinar o que tinhão aſſentado,pelo que Belchior de Souſa, mandou à hum Gaſpar do Caſal,cõ o ſobrinho d'el Rei de Baſçorà,q̃ foi à eſſe negocio.

Acabadas de cõfirmar eſtas pazes,& el Rei Ale Mogemez poſto em ſua caſa,determinouſe em não cõprir a promeſſa q̃ fizera

fizera à Belchior de Souſa de lhe dar as fuſtas q̃ tinha,& temẽ
dõ q̃ lhas tomaſſe per força,quãdo lhas negaſſe,mãdou as met
ter pelos eſteiros, em parte onde os Portugueſes não podeſ-
ſem ir,nẽ Belchior de Souſa ſoube parte dellas; & requerẽdo
à el Rei q̃ cõpriſſe com elle,eſcuſavaſe,dizendo,ſer couſa mui
afrontoſa para elle dar ſuas fuſtas, q̃ lhe daria em lugar dellas
mil xerafijs,q̃ podião valer.Belchior de Souſa vẽdo q̃ per ne-
nhũ modo lhas podia tirar da mão,diſſimuladamẽte mãdou re
colher hũ Fernão Mendez,q̃ là eſtava feitorizando fazẽda do
Capitão de Ormuz,& aſsi outros Portugueſes,& como os te
ve cõſigo,ſaioſe fora do eſteiro da cidade,& vẽoſe ao rio, on
de tomou hũa dalaça,& ſem fazer nojo à gẽte,per hũ dos ma-
rinheiros della,mãdou dizer à el Rei,q̃ pois lhe quebrava ſua
palavra,& lhe não cõpria a promeſſa, elle lhe avia por quebra
da a paz q̃ tinha cõ Ormuz,& q̃ mãdaſſe guardar ſua terra,por
q̃ lhe avia de fazer quãto mal & dãno podeſſe.Denũciada eſta
inimizade,ſem lhe el Rei mãdar reſpoſta,vẽoſe pelo rio aba-
xo,& deu em hũ lugar q̃ ſeria de trezẽtos vezinhos,em q̃ ave
ria cinquoẽta de cavallo, os quaes vierão receber aos noſſos à
praia,mas como elles virão tres,ou quatro derribados,recolhe
rãoſe ao lugar entre a gẽte de pè.E como a tẽção de Belchior
de Souſa era queimar eſte lugar,foi dar ainda nelles, onde tã-
bẽ derribou cõ as eſpingardas cinco, ou ſeis, cõ q̃ o lugar foi
deſpejado,& cõ bõbas de fogo o mãdou queimar, por ſe não
derramar a gẽte, ſendo os q̃ ſò tinha cõſigo trinta & cinco ho
mẽs,q̃ os mais ficavão nos bargantijs. Queimado eſte lugar,
paſſouſe da bãda da Perſia, & foi dar em outro de cem vezi-
nhos,que tambem queimou.O que feito, tornou dar viſta à
Baſçorà,& andou na bocca do ſeu eſteiro tres,ou quatro dias,
por não dizerem os Mouros que fugia às ſuas fuſtas que po-
dião mandar ſobre elle armadas com os Turcos.

E vendo q̃ iſto baſtava, & q̃ não tinha ja polvora para alli
andar mais tẽpo,partioſe via de Ormuz ao longo da coſta de
Perſia,por dar hũa viſta à villa de Rexet, q̃ ſeria de dous mil
vezinhos,cercada de muros de pedra & cal,& de caſas mui no
bres,como na Perſia coſtumão.O Senhor q̃ entam era deſta
terra,avia pouco,q̃ por ſer Senhor della, não eſperando o q̃ o
tempo lhe poderia dar, matara à ſeu pai às frechadas. Com
eſte concertou Belchior de Souſa em odio d'el Rei de Baſço-
rà,que d'alli mandaſſe os cavallos à Ormuz,que ião per via de
Baſçorà,



Baſçorà,porque lhos tomarião là de melhor vontade: o que
elle aceitou por o muito proveito q̃ d'ahi lhe vinha, & aquel-
le anno forão per ſua ordem mais de trezentos cavallos à Or-
muz.Mas iſto durou pouco,porque dous irmãos deſte parri-
cida,à que elle quiſera matar cõmo à ſeu pai, o matarão à elle
às punhaladas,per juizo de Deos,que he juſtiça univerſal de
todas as gentes.

## CAPITVLO XVI.

*Como Belchior de Souſa vẽo à Ormuz, & provendoo o Governador da Capitania mòr do mar,o mandou à Baharem, & do que là fez.*

EM chegãdo Belchior de Souſa à Ormuz, deu
razão à Nuno da Cunha do q̃ deixava feito,do
q̃ elle ficou mui contente,por ver quã bẽ com
prio,o q̃ lhe Chriſtovão de Mendoça mãdara,
& aſsi por aq̃lle ſerviço,como por as qualida-
des de Belchior de Souſa,o fez Capitão mòr do mar de Or-
muz.Deſta Capitania ia do Reino provido por el Rei Manoel
de Souſa,filho de Gonçalo de Souſa de Evora,q̃ eſtava alli cõ
Nuno da Cunha,& elle a renunciou em ſuas mãos,para della
prover à quẽ lhe pareceſſe. Porq̃ como eſperavão de ir aq̃lle
anno ſobre a cidade de Dio,& elle era homẽ de maiores pẽſa-
mentos,que de ſer Capitão mòr do mar de Ormuz,quis aven
tura do que o Governador lhe podia là fazer, & a honra que
eſperava ganhar naquella empreſa,antes que ficar alli.Parece
que o chamava o lugar,& a hora em que avia de acabar, co-
mo deſpois acabou na meſma cidade de Dio, com tanta ſua
honra,como veremos em ſeu lugar.

Nuno da Cunha por comprir o requerimento d'el Rei de
Ormuz,que era darlhe a poſſe da Ilha de Baharem, determi-
nou de mandar là Belchior de Souſa, com quatro bargan-
tijs,& algũa gente à prender Raez Barbadim, & deixar por
Guazil naquella fortaleza, per ordem d'el Rei de Ormuz,
hum Mouro chamado Mir Aberus, por ſer peſſoa de que
elle confiava. A ordem que levava para o poder fazer, era
chegar ao porto de Baharem,com fama que tornava à Baſço-
rà fazer guerra à el Rei, por o que tinha paſſado com elle,
& alli fingir eſtar mal depoſto,& mãdar chamar da parte d'el

Rei,& de Nuno da Cunha à Raez Barbadim,que lhe queria dizer algũas cousas da sua parte,que lhe pedia pois elle com sua doença não podia sair em terra; que lhe quisesse alli vir fallar. Chegado Belchior de Sousa à Baharem, foi logo mandado visitar per Raez Barbadim com refresco de carneiros, & fruttas;ao que elle respondeo com agradecimentos,& qué muito mais folgara de os ir comer em terra com elle, mas por vir doente o não fazia. E que por elle trazer recados para elle d'el Rei de Ormuz,& do Governador da India Nuno da Cunha,& serem cousas q̃ se não podião cõmunicar per terceira pessoa,lhe pedia viesse ao bargantim,para lhos dar. Raez Barbadim como ja estava avisado de tudo o que passava em Ormuz,respondeo à este recado,q̃ não curasse de arteficios com elle,q̃ fallasse claro,q̃ bem sabia ao q̃ era vindo,q̃ se trazia cõsigo Mir Aberuz,q̃ o mandasse sair em terra, q̃ elle lhe entregaria a fortaleza.Belchior de Sousa quãdo nestas palavras, & em outras claramente entendeo q̃ elle era sabedor da causa da sua vinda,mandou vir Mir Aberuz,q̃ estava em outro bargãtim,& cõ elle Ioão Pessoa, & Antonio Diaz, ambos criados d'el Rei,per os quaes mandou hũa carta de Nuno da Cunha à Raez Barbadim,em q̃lhe dezia,q̃ el Rei Dõ Ioão seu Senhor mandara ir Raez Xarafo à Portugal, para delle saber algũas cousas de seu serviço,& bem, & assessego d'aquelle Reino de Ormuz.E sabẽdo o parẽtesco,& razão q̃ ambos tinhão, avia por bẽ q̃ elle Raez Barbadim ficasse em Ormuz cõ el Rei por seu Governador,em quanto Raez Xarafo andasse em Portugal.E q̃ para se poder vir cõBelchior de Sousa entregasse a fortaleza à Mir Aberuz ; pedindolhe elle Belchior de Sousa por razão de hũ regimento q̃ levava do Governador Nuno da Cunha,& assi d'el Rei de Ormuz q̃ se viesse embarcar cõ elle, & não o querẽdo fazer,o avia por traidor, & levãtado,& quãtos estavão cõ elle,se lhe obedecessem. Ao q̃ respõdeo Barbadim, q̃ elle via seu cunhado preso,& levado à Portugal, & por tãto não ousava entregar sua pessoa em poder alheo, & muito menos dos q̃ querião mal à seu cunhado.E quãto ao despejar da fortaleza,q̃ se fosse elle Belchior de Sousa em boa hora,& lhe despejasse o porto,para elle livremẽte se passar à viver à bãda de alẽ da Persia,q̃ à Ormuz nũca o Deos levasse,pois nelle tudo erão revoltas,& inquietações.Belchior de Sousa posto q̃ o segurava destes receos,nũca o pode trazer à cõclusão,sõmẽte dezia,



dezia, que se o avião por dizer que devia dinheiro à el Rei, sem embargo de não ser assi,por viver em paz,& sem sobresaltos,daria à el Rei trinta mil xerafijs.Despois que Belchior de Sousa provou todos os meios sem frutto, escreveo à Nuno da Cunha o que passava, & que Raez Barbadim estava posto em se defender, porque tinha comsigo oitocentos homẽs Parseos em hũa fortaleza, que do mar lhe parecia mui bem,que lhe enviava Ioão Pessoa,& Antonio Diaz, que elle per vezes lá mandara com recados,os quaes lhe poderião dar larga relação de tudo,porque o virão,& tratarão: & que elle se deixara ficar naquelle porto, defendendo o soccorro de mantimentos,& gente da costa de Persia, donde se elle provia,& que os pescadores não fossem pescar, que se lhe bem parecesse mandasse mais gente, & as munições necessarias, que elle cõmetteria a fortaleza. A esta carta respondeo logo Nuno da Cunha per Ioão Pessoa,dandolhe as graças do que fizera, & encomendandolhe que defendesse a entrada d'aquelle porto,como fazia,porque atras isto lhe iria recado do que se avia de fazer.

Posto este caso em conselho, & dadas muitas razões, por diversos respeitos, forão todos de parecer, que para aquella empresa se avia mester muita gente, pelo que ordenou Nuno da Cunha, que seu irmão Simão da Cunha, que avia de servir de Capitão mòr do mar da India fizesse aquella jornada; para ella lhe mandou Nuno da Cunhã fazer prestes oito vellas,com quatrocentos homẽs,de que erão Capitães Dom Fernando Deça, Dom Francisco Deça, Aleixo de Sousa Chichorro, Lopo de Mesquita, Manoel de Alburquerque, Francisco de Mendoça,& Tristão de Taide,& mais algũas terradas d'el Rei de Ormuz, em que ia gente para serviço,mais que para pelejar.

***

## CAPITVLO XVII.

*Como Nuno da Cunha ſe partio para a India com a gente que tinha comſigo em Ormuz da ſua armada, & de algũas couſas que deixou feitas para quietação do Reino.*

DESPOIS da partida de Simão da Cunha para a Ilha de Baharem, que foi aos viij. dias de Settembro, quando ſe celebra o naſcimento de N. Senhora, começou Nuno da Cunha entender em ſua viagem para a India. E porq̃ temia q̃ por el Rei de Ormuz ſer moço, & inclinado à vicios, & q̃ deſpois de elle partido, como ja ficava mais ſenhor de ſi, podia cõmetter algũas couſas contra o ſerviço d'el Rei de Portugal, determinou de o refrear, & tirarlhe antes que partiſſe algũas occaſiões. A primeira foi, que por elle tèr hũ ſeu irmão preſo, dizendo que o quiſera matar, não o quis deixar em ſeu poder, mas por boas rázões o mandou levar à Fortaleza, & o entregou ao Capitão Chriſtovão de Mendoça com guarda nelle; porque com eſte moço em noſſo poder, temeſſe el Rei, que fazendo algũa couſa que não deveſſe, o poderião os Portugueſes levantar por Rei, por ſer moço bem inclinado, & noſſo amigo. Tambẽ mandou deſterrar de Ormuz hũ irmão de Raez Barbadim, homẽ que era perjudicial na cidade. Aſsi meſmo lhe tirou de caſa outro ſobrinho de Raez Xarafo, que lhe ſervia de Guarda mòr, à que el Rei era inclinado por lhe conſentir em algũas deſordẽs, & deixar cõprir ſeus appetites. E poſto q̃ elle cõſentio perder aconverſação deſte homẽ, era ja tamanho o odio que tinha às couſas de Raez Xarafo, que o ſofreo bem. Vltimamente Nuno da Cunha não deixou em Ormuz homẽ, de que ſe pudeſſe preſumir q̃ aconſelharia à el Rei algũa maldade. Por Guazil lhe deixou aquelle fiel & leal à noſſas couſas Xech Raxit, que eſtava em Maſcate, couſa q̃ os Mires, que ſão os fidalgos d'el Rei ſofrerão mal, por ſer Arabio, à que os Perſas não tem boa vontade. E poſto que el Rei pôs eſſe inconveniente à Nuno da Cunha, movido per algũas peſſoas que diſſo ſe deſcõtentavão, toda via como em Ormuz não avia homẽ de tanta qualidade como aquelle, & os



& os que avia todos erão parentes, & chegados à Raez Xarafo, que era gente ſoſpeitoſa, ouve Nuno da Cunha por mais ſeguro ficar Xech Raxit por Guazil. E porque o officio era tam cobiçado, & o maior que Raxit podia deſejar, elle o não queria aceitar, & fallou niſſo à Nuno da Cunha em ſegredo, dizendo, que o pejo que tinha à ſervir aquelle cargo era tèr elle morto Raez Delamixà, irmão de Raez Xarafo, pela maneira que elle ſabia, por ſervir niſſo à el Rei de Portugal, & q̃ ficando naquelle cargo tam honrado, & envejado entre os parentes de Xarafo, ſempre avião de embicar nelle, como gente magoada, que elle queria antes hum repouſo, que vida tam temida. Nuno da Cunha viſtas as razões de Xech Raxit, & q̃ não erão fingidas, o ouve por homẽ para muito, & digno de maiores cargos, & não lhe aceitando as eſcuſas, com grande ſolẽnidade o entregou à el Rei, dandolhe juramento, que bẽ, & verdadeiramente ſerviſſe aquelle officio, & foſſe leal à el Rei. Deſte modo de entrega ficou el Rei contẽte, & d'ahi em diante não deu cargo algum ſem aquelle juramento. E logo mandou vir hũa cabaia de brocado, & ſeu carapução, & fota à ſeu uſo, que he o trajo dos Reis, & Governadores d'aquellas partes, com que veſtio à Xech Raxit, como em poſſe, & inveſtidura do officio de q̃ folgava de o encarregar. Vẽdo el Rei quãtas couſas Nuno da Cunha fizera em tã pouco tẽpo, & q̃ todas erão em proveito do Reino, & q̃ o tratava como à filho, & ſem nenhũa moſtra de cobiça, hum dia eſtãdo ja em veſporas de partida, lhe metteo na mão hum fio de perolas, pedindolhe que por amor delle o tomaſſe. Nuno da Cunha o tomou por o não eſcandalizar, & porẽ elle as mandou à Portugal à el Rei per Manoel de Macedo.

Acabadas eſtas couſas, à xv. de Settembro ſe partio de Ormuz, & d'ahi vèo tèr à Maſcate, onde tinha deixado as naos que atras diſſemos. De Maſcate partio com aquellas vellas, de que ião per Capitães Antonio da Silveira de Meneſes, que viera de Moçambique, deixando de ſervir a Capitania de Sofala, por ſe vir à India com elle por ſerem cunhados, & Dom Fernando de Lima, Antonio de Lemos, & Luis de Andrade, com a qual frotta com tempos contrarios, não podẽdo tomar Chaul, foi tèr jũto de Dabul, onde achou Fernão Martiz Evangelho, que o andava alli eſperãdo com hũa galeotta, & quatro bargantijs que fizera à ſua cuſta para

ſervir

*Frotta da India do anno de M.D.XXIX.*

a. *Estas quatro naos chegarão à barra de Goa dia de S. Bartholomeu. Enrique Moniz Capitão de hũa delas morreo no mar. Levava comsigo dous filhos de pouca idade, Aires Moniz, & Antonio Moniz Barreto, que despois foi Governador da India. Diogo do Couto Dec.4 liv.6.cap.6.*

servir el Rei. Cõ esta cõpanhia chegou Nuno da Cunha à barra de Goa, à xxij. dias de Outubro, onde logo vierão à elle Frãcisco de Sà, Lopo de Azevedo, & outros fidalgos, per os quaes soube como Lopo Vàz de Sãpaio estava em Cananor fazendole prestes para se vir ao Reino, & levara d'ahi comsigo Antonio de Miranda de Azevedo Capitão mòr do mar, com toda a armada que trazia para andar na costa do Malavar. E que do Reino erão vindas quatro naos[a] da carreira de que viera por Capitão mòr Diogo da Silveira, filho de Martim da Silveira, cunhado delle Nuno da Cunha, irmão de D. Maria da Cunha sua primeira molher. Das outras tres naos erão Capitães Enrique Moniz, Rui Gomez da Gràm, & Rui Mendez de Mesquita, & assi soube como Eitor da Silveira estava em Chaul, onde invernara. Nuno da Cunha antes que desembarcasse, per navios de remo proveo logo no que cõpria. A Diogo da Silveira escreveo que se viesse à elle com as cartas que d'el Rei trazia. A Lopo Vàz de Sampaio, que lhe mandasse o galeão S. Dinis, para ir nelle, porque em Goa não faria detença por ser ja tarde. A Antonio de Miranda mandou que trouxesse toda a armada; & o mesmo escreveo à Eitor da Silveira, deixando sòmente a ordenada da fortaleza de Chaul. Despedidos estes recados, ao outro dia, quãtos navios de remo avia na cidade se vierão à elle, que ia na galeotta de Fernão Martiz Evangelho. A festa do mar foi grande d'artelharia, musica, & bandeiras, & com este apparato, & estrondo chegou às portas da cidade, que estavão cerradas, & se abrirão, sendo presente Dom Ioão Deça Capitão da cidade, & os Vereadores, & officiaes della; os quaes lhe apresentarão seus privilegios dados por el Rei Dõ Manoel, & confirmados por el Rei Dom Ioão, pedindolhe jurasse de os comprir, & guardar, o q̃ Nuno da Cunha jurando, segundo costume, lhe forão entregues as chaves das portas da cidade per Dõ Ioão Deça, à quem as elle logo entregou. E mettido debaxo de hum palleo de brocado, foi levado por os mais principaes officiaes da cidade, & per o Vigairo cõ toda a clerezia em procissão à See, com o canto de Te Deum laudamus, com tanta solemnidade como se podera fazer à pessoa d'el Rei. Feita sua oração, se foi aposentar às casas do Sabaio, por ser o aposento dos Governadores. Passados cinquo dias de sua chegada à Goa, chegou Antonio de Saldanha de Cochij, sem saber da vinda de Nuno da Cunha.

E porque



E porque de Mombaça (como atras dissemos) tinha Nuno da Cunha escritto à Lopo Vàz de Sampaio, & à Afonso Mexia, que lhe tivessem feitos grandes apercebimentos para a ida de Dio,[a] de que não achou cousa que lhe desse esperança para aquelle anno poder là ir, fallou sobre isso cõ Antonio de Saldanha, por vir de Cochij, onde algũas cousas d'aquellas se apercebião, & cõ algũs Capitães, & pessoas notaveis, & officiaes de Goa, & assentou que se devia elle partir para Cochij, assi à isso, como à dar ordem à carga das naos q̃ avião de partir para o Reino. E antes q̃ partisse chegou Diogo da Silveira cõ as cartas que lhe el Rei escrevia, nas quaes lhe dezia, que se o negocio de Dio não era acabado, lhe tornava à encõmendar, que o não cõmettesse senão mui provido de tudo, para q̃ por falta de algũa cousa, se não deixasse de acabar, com todo o resguardo, & segurança da gente. Com esta lembrança que el Rei fez, se pôs em mais duvida de ir aquelle anno, & com este pensamento se partio para Cochij.

a. *Lopo Vàz de Sãpaio tinha apresta do hũa armada para Nuno da Cunha, de catorze galeões, oito galès, dez galeottas, seis caravellas, dozentas fustas, & bergantijs; dos quaes navios elle fez de novo no tempo do seu governo seis galeões, hũa taforea de quinhentos toneis, seis galès, oito galeottas, quatro caravellas, cinquenta bargantijs; & fustas q̃ se fizerão dos paraòs que se tomarão aos Malavares nas armadas que se lhe desbaratarão. Francisco de Andrade part.2.c.46.*

## CAPITVLO XVIII.

*Do que Simão da Cunha passou em a Ilha de Baharem, & despois de a combatter se recolheo por a doença geral que vèo à todos.*

SIMÃO da Cunha partindo (como atras dissemos) de Ormuz, à viij. dias de Settembro, para ir à Ilha de Baharem, por razão dos tempos contrarios, chegou à vinte do mesmo mes, sendo o caminho no mais que de cento & vinte legoas; & antes de chegar ao porto se vèo à elle Belchior de Sousa, que o andava guardando, para Raez Barbadim se não prover de gente da Persia: posto q̃ em quarenta dias que alli andou, até Simão da Cunha chegar, Raez Barbadim recolheo, alem dos que ja d'antes tinha, seiscentos homẽs, que lhe entrarão per outros portos que a Ilha tem. A fortaleza em que Barbadim estava, era situada em hum teso sobre o porto, o qual tinha por abrigo hũa Ilheta pequena, em que se recolhião pescadores. No circuito desta fortaleza avia dezasette cubellos com sua cerca de pedra & cal, & barbacãa, & per tudo suas ameas, & setteiras, & hũa torre de homenagem mui fermosa;

& em

& em hum dos cubellos eſtava a porta da entrada da torre muy bem requeſtada. A barbacãa era torneada de hũa grande cava, com ſua ponte levadiza. E porque em modo de arrabalde avião neſte circuito algũas caſas de gente pobre, Raez Barbadim as mandou derribar, & queimar, antes que Simão da Cunha vieſſe, como homem que eſperava tèr cerco: & eſtava tam determinado de ſe defender, que atè hũs Arabios principaes, com ſuas molheres & filhos, dos quaes ſe temia por as tyrannias que lhes fazia, recolheo conſigo, receando que ſe levantaſſem contra elle com a outra gente cõmum, & eſtando dentro os tinha em modo de refées. E tanto que Simão da Cunha ſurgio, o Barbadim mãdou arvorar na torre da homenagem, hũa bandeira vermelha, [a] que não era final de paz, & ſem embargo diſſo, mandou logo viſitar Simão da Cunha com carneiros, & refreſco da terra, & dizerlhe, que ſua vinda foſſe boa, que elle era vaſſallo d'el Rei de Portugal, & d'el Rei de Ormuz, & que como tal, que era o que mandava delle: que lhe pedia que mandaſſe là à pratticar com elle hũa peſſoa de qualidade, porque elle faria tudo o que foſſe razão. Simão da Cunha lhe mandou os agradeſcimentos de ſua viſitação, & q̃ para là mandar hũa peſſoa tal como pedia, era neceſſario, que mandaſſe elle outra que ficaſſe em refées; & que prazeria à Deos que tudo ſe acabaria bem, como ſe confiava de peſſoa tam leal como elle era. Simão da Cunha deteveſſe aquelle dia, eſperando que Raez Barbadim lhe mandaſſe a reſpoſta pelo ſeu viſitador, & vendo que não vinha, nem recado ſeu, deſembarcou ao dia ſeguinte, com duas peças d'artelharia groſſas, que entregou à Franciſco de Mendoça, com todos os bombardeiros. Na avanguarda ião Belchior de Souſa, & Triſtão de Taide, com oitenta homẽs, & elle com a bandeira Real levava toda a mais gente, deixando boa guarda nos navios. Com eſta ordem ſe paſſou da outra banda da fortaleza, por lhe dizerem que per aquella parte erão os muros mais fracos para lhe darem bateria.

Tinha Simão da Cunha em ſua companhia dous Mouros honrados, hum delles era Arabio de nação, chamado Barnegaez, & Xeque de muita gente, à quem eſte Raez Barbadim tinha deſterrado de Baharem; & ſabendo como Nuno da Cunhà mandava ſobre elle, vèoſe à Ormuz com algũa gente, pedindolhe por merce, que para ſe vingar da offenſa que tinha recebido

[a] *A primeira bandeira que Barbadim arvorou na fortaleza, foi branca, & como refreſco mandou dizer à Simão da Cunha, que elle ſe fizera forte naquelle caſtello por cauſa da priſão de ſeu cunhado Raez Xarafo: mas ja que el Rei de Portugal o mandara fazer, que elle, como vaſſallo leal, queria eſtar à obediencia do ſeu Gouernador da India, q̃ ſe elle Capitão mòr queria aquella fortaleza, elle lha largaria livremente, & ſe iria com ſua molher & familia para outra parte. Simão da Cunha, como prudente, quiſera aceitar o offerecimento, porem os Capitães & fidalgos, levados da cobiça da fazenda de Barbadim, o contrariarão: o qual vendo que ſe lhe engeitara o partido, que elle não movia de medo, pòs a bandeira vermelha, & ſe defendeo: & continuando o cerco, mandou dizer à Simão da Cunha, q̃ lhe aconſelhava que ſe foſſe d'aquella terra, porque era chegada a monção das febres, de que todos avião de adoecer & morrer. E deſpois quando com muito trabalho ſe embarcou a gente, & a artelharia, lhe mandou outro recado, que ſe embarcaſſe em bora, & muito à ſua vontade, porque lhe não daria nenhũ eſtorvo. E aſsi por ſe não aceitar o offerecimento de Barbadim, & por falta de polvora, foi tam deſgraciado o ſucceſſo deſta empreſa.*

*Fernão Lopez de Caſtanheda no cap. 102. do livro 7. Diogo do Couto cap. 4. livro 6. & Franciſco de Andrade cap. 51. da 2. parte.*



recebido d'aquelle tyranno, lhe deſſe licença q̃ elle ſe foſſe para Simão da Cunha. O Governador lha concedeo, & lhe deu as graças do offerecimento, fazendolhe por iſſo honra, porque alem deſte odio, era muito amigo dos Portugueſes, & ſendo Simão da Cunha partido avia tres, ou quatro dias diante, tanta preſſa ſe deu, que eſtava ja com elle antes que ſaiſſe em terra. O outro Mouro era hũ Capitão de nação Baluche. Eſte eſtando na fortaleza com cem homẽs à ſoldo d'el Rei de Ormuz, quando vio q̃ Raez Barbadim não ſe queria entregar per mandado d'el Rei, ſaioſe da fortaleza dizendo, q̃ não era elle homẽ q̃ avia de ſer traidor ao Principe de q̃ recebia ſoldo, & paſſouſe à Ilheta q̃ eſtà de fronte da fortaleza, onde eſteve cõ favor de Belchior de Souſa atè a chegada de noſſa armada.

Simão da Cunha por o recado q̃ Raez Barbadim lhe mandara, ainda com elle quis uſar de mais corteſia, para ver ſe podia levalo per modo de concerto, & aſsi mãdou lançar hũ pregão ſob graves penas, q̃ ninguẽ tiraſſe à fortaleza cõ ſetta, ou eſpingarda, nem moſtraſſe em algum auto q̃ a queria offender. Mas quando vio q̃ na ſua deſembarcação tirarão da fortaleza tiros de bõbardas, & de eſpingardas, com que lhe ferirão dous homẽs, entendeo q̃ era neceſſario reſpõderlhes ao meſmo tom: & logo mandou à grande preſſa deſembarcar mais cinco tiros groſſos, com que ſe começou à bater a fortaleza, & ſe continuou tres dias, & querendo proſeguir a bateria, & mudala à outra parte onde o muro era mais fraco, achouſe ſem polvora, de que ficou em eſtremo ſentido, por tèr muita obra feita cõ ella, & ſe outra tanta tivera, fora entrada a fortaleza. Neſte meſmo tẽpo tinha elle mandado fazer eſcadas de maſtos & vergas de navios, q̃ Belchior de Souſa alli tinha tomado; porq̃ de Ormuz partio ſem eſte apercebimẽto, q̃ tam pouco era de effeito, faltãdo à polvora para deſpejar o muro quãdo a gẽte ſubiſſe per ellas. Determinou porẽ de enttar per aquelle rõpimento do muro, & para o poder fazer com a gente da terra, & Mouros q̃ ajudavão, mãdou entulhar a cava de palmeiras, & terra, na qual obra lhe frecharão de cima do muro muita gẽte, em q̃ entrarão eſtes fidalgos Belchior de Souſa Tavares, Frãciſco de Mẽdoça, Martim de Freitas, Frãciſco Gomez Pinheiro, Antonio de Noronha, & outros homẽs honrados, & criados d'el Rei, porq̃ dẽtro da fortaleza Raez Barbadĩ tinha mais de ſeiſcẽtos frecheiros Perſas, & algũs eſpingardeiros,

ros, & ſua artelharia poſta no muro nos lugares de ſoſpeita. De maneira q̃ entrar à eſcala viſta per cima da cava, ſem ter com que deſpejar o muro, era matar toda aquella gente, de q̃ a maior parte erão homẽs nobres, que neſtes caſos ſão os primeiros. Finalmente poſto o caſo em conſelho com os Capitães, & peſſoas principaes, foi aſſentado, que o cerco ſe continuaſſe, & que à gram preſſa mandaſſem à Ormuz buſcar polvora para acabar aquella empreſa. Quãdo a polvora chegou, em dezaſeis dias que Alvaro Sardinha pôs em ir, & vir à força de remo em hũa terrada, não ſervio; porque naquelles dous meſes de Settembro, & Outubro ſão os ares d'aquella Ilha tã peſtilenciaes, q̃ os proprios moradores naturaes ſe ſaem della; & aſsi em tres dias adoecerão dozentos homẽs, & vinha a febre tam furioſa, que não dava muito eſpaço ao enfermo, & erão mortos cem homẽs, & os mais doentes. E aconteceo q̃ dando o mal à hum homem que tinha veſtida hũa ſaia de malha, deſpindoa ſubitamente caio morto. Toda via vindo a polvora Simão da Cunha mandou bater a fortaleza, & derribou hum bom lanço do muro; mas a gente eſtava tal, que nem cõ paz avia quem tomaſſe poſſe da fortaleza quando ſe lhe entregara, quanto mais avendo quem tanto a defendia cõ polvora, & frechas, porque em pè não avia ſeſenta homẽs Portugueſes, & dozentos frecheiros Perſas, que andavão todos com as forças tã relaxadas, que ſe não podião tèr nas pernas. Pelo que determinou Simão da Cunha de ſe recolher, & aſsi o fez de noute, & por encobrir ſeus trabalhos, com muitas folias, & tangeres, fez recolher toda a artelharia, & a mais da gẽte por os Mouros o não ſentirẽ, & elle ſe embarcou de dia cõ Belchior de Souſa, Martim de Freitas, Triſtão de Taide, & outros que forão os derradeiros, q̃ ainda andavão em pè; & neſte recolhimento lhe fez honra Raez Barbadim, em os deixar embarcar ſem rebate, q̃ ſegundo todos andavão tocados d'aquelle mal, qualquer impedimento os acabara.

***

CAPI-



## CAPITVLO XIX.

*Como Simão da Cunha adoeceo do malgeral, & morreo delle: & algũs fidalgos, & o vierão enterrar à Ormuz.*

RECOLHIDO Simão da Cunha ao mar, achou outro tal trabalho nos mareantes, por ſerem tantos mortos, & doentes, que não avia quem pudeſſe marear os navios, polo que lhe conveo tomar os mareantes das terradas que andavão à peſcar per cõſelho de Belchior de Souſa, que ſabia bem onde ellas andavão, & com elles fez tambem ſua agoada, de que tinha muita neceſsidade. E porq̃ em os navios por o grande numero dos doentes, não avia q̃ lhes dar, & muitos perecião à falta, diſſe Belchior de Souſa à Simão da Cunha q̃ Mir Aberuz lhe diſſera, q̃ ſe elle quiſeſſe mandaria hũ recado à Raez Barbadim, porq̃ elle ſe offereceo à dar o que foſſe neceſſario para os doẽtes; & per eſta via, ouverão muitas paſſas, amendoas, galinhas, farinha, & arroz, q̃ conſolou a gente em algũa maneira. Mas ao terceiro dia da ſua partida ſobreveo hũa tam grande calmaria, que durou nove dias, em que os doentes morrerão, & dos ſãos adoecerão muitos. Entre os mortos forão o meſmo Capitão Simão da Cunha, Afonſo Tellez filho de Triſtão da Silva, Franciſco Gomez Pinheiro, Diogo de Meſquita, Dom Simão de Lima; & à Ormuz forão morrer Dom Franciſco Deça, Franciſco de Mendoça, Diogo Soarez, Dom Afonſo de Sotomaior, & outros homẽs nobres. E ſegundo as calmarias durarão, & a gente mareante andava fraca, ſe Chriſtovão de Mendoça Capitão de Ormuz, não mãdara ao caminho muitas terradas, para marearẽ os navios, & muitos mãtimẽtos para enfermos, & ſãos, por vẽtura todos ficarão naquelle Eſtreito; porq̃ a proviſão q̃ mãdou lhes deu força, & vida para chegarẽ à Ormuz, onde forão do Capitão agaſalhados, & curados, como ſe cada hũ delles fora ſeu irmão. Simão da Cunha foi enterrado em Ormuz,[a] cõ muitas lagrimas, não ſòmẽte dos Portugueſes, que o conhecião, & converſarão mais tempo, mas d'aquelles Arabios q̃ andavão em ſua companhia. Porque era Simão da Cunha ſobre

a. *Diogo do Couto eſcreve no cap. 4. do liv. 6. q̃ Nuno da Cunha eſtava ainda em Ormuz quãdo chegou eſta armada de Baharẽ, em q̃ vinha o corpo de Simão da Cunha, & q̃ o levara o Governador à India, onde o enterrara em hũa Capella q̃ lhe mandara fazer na See de Goa.*

*O q̃ não pode ſer, partindo Nuno da Cunha de Ormuz para à India em xv. de Settẽbro, & Simão da Cunha chegando à Baharem aos xx. como diz Ioão de Barros nos Capitulos paſſados 17. & 18.*

ſobre mui esforçado,& prudente, brando, & cortés, & para todos mui humano,& mui alheo de em obras,ou palavras escandalizar à alguem. Com a nova de ſua morte,que Nuno da Cunha teve na India,ficou em eſtremo anojado, por perder taes dous irmãos,como Pero Vàz da Cunha em Mombaça, & Simão da Cunha em Baharem; porque ainda que morrerão com tanta honra, achavaſſe deſamparado delles, principalmente de Simão da Cunha,que era de mais idade, & maduro conſelho, & de que ſe eſperava ajudar no trabalho do gover no da India, onde ja perdera ſeu irmão Manoel da Cunha, de que no principio deſta hiſtoria fizemos menção.

10

***



# LIVRO QVARTO
## DA QVARTA DECADA DA ASIA,
### *DE IOÃO DE BARROS.*

**Governava a India Nuno da Cunha.**

## CAPITVLO PRIMEIRO.

*Do que Nuno da Cunha fez no primeiro anno de ſeu governo, & o que paſſou com Lopo Vàz de Sampaio, quando lho entregou.*

30 VENDO Nuno da Cunha,que para o muito que tinha que fazer,era o tempo breve,partio de Goa para Cochij,& paſſou per Baticalà, onde eſteve dous dias provendo algũas couſas,& proſeguindo ſua viagem,tanto avante como à Monte Deli, cinquo legoas antes de chegar à Cananor, encontrou Antonio de Miranda de Azevedo Capitão mòr do mar da India, que andava guardando aquella coſta com hũa galè baſtarda,& vinte bargantijs,& catùres, o qual tira-
40 da ſua bandeira da gavea, como quem eſtava perante o Go-

verdador da India o ſalvou com ſua artelharia, a que foi reſpondido com outra,& o vèo ver à nao, do qual foi recebido com muita honra, aſsi por o cargo que tinha, como por as qualidades de ſua peſſoa, & grandes ſerviços que naquellas partes tinha feitos; com cuja companhia Nuno da Cunha chegou à Cananor à xviij.de Novembro, onde achou Lopo Vàz de Sampaio, que ſe eſtava fazendo preſtes, eſperando por elle para ſe vir à eſte Reino. Nuno da Cunha o mãdou viſitar,fazendolhe ſaber que ia muito de preſſa à dar aviamẽto às couſas que tinha para fazer, & que ſe ſaiſſe em terra,per força el Rei de Cananor o avia de detèr com ſua viſitação, que elle guardava para tempo mais cõmodo, & de mais vagar,que lhe pedia que ao mar lhe vieſſe fazer a entrega da India,ou ſe embarcaſſe,& lha faria em Cochij. Lopo Vàz poſto que replicou à iſſo,toda via por a preſſa que Nuno da Cunha levava, vèo à ſua nao em tres bargantijs embandeirados, & em hum delles a bandeira alta como Governador. Deſpois que ſe receberão hum à outro,Lopo Vàz,poſto que no mar foſſe,ſendo preſentes todos os fidalgos que com elles vinhão, lhe fez a entrega da India com as ſolemnidades coſtumadas. Acabada a feſta que a artelharia nos taes tempos ſoe fazer, Lopo Vàz ſe embarcou com ſeu genro Antonio da Silveira dè Meneſes na nao Caſtello,por Nuno da Cunha o obrigar que foſſe à Cochij à hum negocio, que lhe el Rei mandava que fizeſſe com elle. E Nuno da Cunha antes que d'alli partiſſe mandou viſitar à el Rei de Cananor pelo Ouvidor Pero Barreto,diſculpandoſe de não ſair em terra para o ver, por a grande preſſa que levava por cauſa do deſpacho das naos que avião de partir para Portugal, que deſpachadas ellas,avia de tornar à Goa,& entam o viſitaria, & que entretanto viſſe aquella carta d'el Rei ſeu Senhor. El Rei lhe reſpondeo com palavras de muito contentamento de ſua vinda, diſculpandoſe tambem de o não ir ver ao mar, por a mà diſpoſição que tinha. Atras eſte recado d'el Rei, vèo ſeu Guazil, que era hum Mouro mui conhecido, & mui leal ſervidor d'el Rei de Portugal, & bom homem, & ſe offereceo à Nuno da Cunha,& lhe pedio, que o ouveſſe debaxo de ſeu amparo, & proteição, porque andava atormentado por os deſmanchos d'el Rei, o qual por ſer Gentio eſtava entregue à Bramenes, com os quaes, & com ſeus Pagodes gaſtava mais



mais do que tinha,& queria que elle lhe ſupriſſe as neceſsidades em que o mettião ſeus appetites. Eſtando neſta prattica fingio que lhe queria fallar couſas de ſegredo à parte, & como ſe vio ſô com elle,tirou do ſeo hum rico collar d'ouro,& pedraria, dizendo à Nuno da Cunha, que aquillo era tam coſtumado offerecerſe aos Governadores, que não devia aver por eſtranho fazerlhe aquelle ſerviço, que lhe jurava por ſua lei, que nunca à peſſoa do mundo o diria. Nuno da Cunha fazendo que o não entendia, chamou a lingoa,& diſſelhe,que diſſeſſe ao Guazil,que os collares quẽ delle queria,era ſervir com muita lealdade à el Rei de Portugal ſeu Senhor, do qual avia de receber maiores couſas que ouro,& pedraria, que quanto ao que lhe pedia do amparo,confiaſſe delle,que em tudo lhe guardaria ſua juſtiça, por elle tèr fama entre os Portugueſes de quam lealmente ſe avia nas couſas do ſerviço d'el Rei ſeu Senhor.

## CAPITVLO II.

*Como Nuno da Cunha partio de Cananor,& foi à Cochij, & do recebimento que lhe fizerão, & como prendeo Lopo Vàz de Sampaio, & o mandou à Portugal.*

NVNO da Cunha partido de Cananor,chegou à Cochij; aos xxv. de Novembro, onde logo na nao foi viſitado de Afonſo Mexia Veedor da Fazenda, & de Iorge Cabral, que era chegado de Malaca, & de outros Capitães, & fidalgos que preſentes ſe acharão. Ao outro dia foi recebido da cidade em terra, com todo o modo de feſta, que ſe pode fazer,& aſsi foi levado à See,& d'ahi ſe foi apoſentar no Caſtello, que para elle eſtava deſpejado. E porque o penſamento que trazia nas couſas de Dio, o não deixava aquietar,logo ao outro dia quis ſaber de Afonſo Mexia,& dos officiaes à que o negocio competia, o eſtado dos apercebimentos que mandara fazer para a empreſa de Dio, que lhe el Rei tanto encomendara; & achou,que aſsi as munições, como os mantimentos, & tudo o mais que lhe era

necessario para aquella jornada, estava mui de vagar. E por lhe comprir dar destas cousas razão à el Rei pelas naos que estavão para vir à este Reino, teve conselho com os Capitães, & officiaes da Fazenda, & foi assentado, despois que se vio o pouco que estava feito, & o muito que se avia mester, que de nenhũa maneira podia naquelle anno ir à Dio, com o poder que el Rei mandava que levasse. E que para o outro se pódia mais levemente, & à menos custo aperceber, & que bastava naquélle anno prover na costa do Malavar com alguã armada, & na cárga da pimenta, que estava de vagar, se el Rei de Cochij não fizera muita diligencia em amizade de Nuno da Cunha. Porq̃ nas visitações q̃ entre ambos ouve, se achou elle differentemente trattado, do q̃ fora nas differẽças de Lopo Vàz de Sampaio, & Pero Mascarenhas, de que estava escandalizado. E com Nuno da Cunha lhe pareceo que era Rei, por a muita autoridade com que o trattou, como adiante veremos.

Em quanto as naos estavão à carga, a primeira cousa em que Nuno da Cunha entendeo, foi mandar Diogo da Silveira (que deste Reino fora com a Capitania mòr das quatro naos que dissemos) por Capitão de hũa armada de trinta velas para andar na costa do Malavar; & assi fez outra para a costa de Cambaia, que tinha ordenada para Simão da Cunha seu irmão, como Capitão môr do mar, a qual entregou à Antonio da Silveira de Menèses seu cunhado. Outra mandou ao Estreito do Mar Roxo, cuja Capitania deu à Eitor da Silveira, posto que andava bem cansado das armadas passadas.[a] E no meio do fervor destas cousas teve Nuno da Cunha outra que o mais atormẽtou, que foi prender à Lopo Vàz de Sampaio, per hũa provisão que el Rei de cà mãdou, não sòmẽte por culpas de Ormuz, de que Manoel de Macedo levou a devassa, mas ainda por outra que elle tirou alli em Cochij. O qual preso sobre sua homenagem, vèo com Dom Lopo de Almeida, que estava na India esperando embarcação para se vir para este Reino. E em sua companhia com a carga da pimenta vierão outras duas naos sòmente,[b] de que erão Capitães Antonio de Miranda de Azevedo, & Rui Mendez de Mesquita, que tambẽ trouxe consigo preso à Diogo de Mello Capitão q̃ fora de Ormuz, por culpas do officio. Os quaes todos vierão à Pottugal à salvamẽto, onde despois

a. *A armada de Diogo da Silveira era de hum navio em que elle ia, de duas galeottas, & hũa caravella, de que erão Capitães Nuno Fernandez Freire, Manoel de Vasconcellos, & João da Silveira, & de seis fustas.*

*A armada de Antonio da Silveira era de cincoenta & tres fustas, em que ião novecentos soldados.*

*A armada de Eitor da Silveira era de quatro galeões duas caravellas, & quatro fustas.*

*Diogo do Couto liv. 6. cap. 6. & Francisco de Andrade cap. 54. da 2. parte.*

b. *Estas tres naos erão da armada de Nuno da Cunha, q̃ por estarẽ gastadas, & no Reino poderião tèr o concerto necessario, q̃ não podião tèr na India, o Governador as mandou com a carga da pimenta, & ordenou q̃ ficassem as quatro naos da armada de Diogo da Silveira, assi por q̃ não avia carga para ellas, como porq̃ podião passar sem cõcerto, & irião invernar à Ormuz carregadas de fazendas, polo q̃ aprestadas fez Capitães dellas Rui Vàz Pereira, Lopo de Azevedo, Pero Gomez da Grãa, & Dõ Fernãdo de Lima, q̃ se forão à Baticalá carregar de mercadorias, em que se detiverão tanto, q̃ quando partirão para Ormuz era ja em Fevereiro do anno de M.D.XXX. & como a monção era ja gastada acharão tãtas calmarias, q̃ as tres dellas desaparecerão, de cuja perdição devia ser causa a sede: & sò a de Rui Vàz Pereira por andar menos ficou atràs, & chegouse mais para a costa da India, cõ que lhe não durou tanto a calmaria, & com muito trabalho de sede chegou à Ormuz.*

*Francisco de Andrade 2. parte, cap. 54. & Castanheda cap. 27. do liv. 8.*



despois forão livres das culpas, com seus encargos de justiça.[a] E não pode aquelle anno vir mais carga de especearia, que aquella que occupou as tres naos, por muitas causas procedidas das cousas passadas, que Nuno da Cunha não pode emendar em chegando, como fez despois.

## CAPITVLO. III.

*Do muito dãno que Diogo da Silveira fez na costa de Calecut, pelo que o Samorij mandou pedir paz à Nuno da Cunha, a qual lhe concedeo com taes condições que elle a não aceitou.*

IM Quanto as naos que avião de vir ao Reino estavão à carga da pimenta, soube o Governador, q̃ na costa de Calecut dous galeões de Rumes se carregavão de pimenta para o Estreito do Mar roxo, pelo que mandou avisar à Diogo da Silveira que andava em guarda d'aquella costa, que tivesse grande vigia, não lhe escapassem; porque segũdo a informação que tinha per Malavares de Cochij, que vinhão de dentro da terra, o fundamento d'aquelles Rumes era na Lũa de Ianeiro, ou Fevereiro partirem, por não perderem sua monção. Mas Diogo da Silveira, alem da vigia ordinaria que nisso tinha, fez tanto mais, que atè os barcos de pescar não deixava ir ao mar. E vendo o Samorij quam estreitamente a sua costa era guardada, & vigiada, & que à gente dos portos de Calecut, Cale, & Capocate, que são dos mais notaveis de seu Reino, se lhe impidia o cõmercio, & o povo clamava, não vendo outro remedio para tirarse d'aquella oppressão, determinouse em mandar pedir pazes à Nuno da Cunha. A este negocio mandou tres Naires, que são dos mais nobres da terra, q̃ trouxerão sua carta de creẽça à Nuno da Cunha, & outras taes cartas de dous estados da gente que naquella terra ha, que são Mouros, & Chatijs. Estes são hum genero de mercadores Gentios, differente do outro cõmum do Malavar, que he mechanico. Dando os Naires estas cartas à Nuno da Cunha, forão per elle bem recebidos, & ao outro dia os ouvio. A substancia da embaxada era: Que no tempo dos Governadores passados, principalmente de Dom Duarte

a. *Lopo Vàz de Sampaio esteve preso dous annos, & foi condẽnado q̃ perdesse os ordenados do tempo que governou a India, & que pagasse dez mil cruzados de pena, & fosse degradado por certos annos para os lugares de Africa. Porem el Rei Dõ João avendo respeito aos muitos, & bõos serviços de Lopo Vàz, lhe fez merce de lhe perdoar toda esta cõdẽnação. Assi o escreve Francisco de Andrade na vida del Rei Dom João, na 2. parte, cap 54.*

*E Diogo do Couto na 4. Decada, lib. 6. cap. 7. & 8. refere hũa falla q̃ Lopo Vàz fez à el Rei em relação, & os cargos que lhe poserão, & a sua resposta, & descargo à elles: onde hũa cousa, & outra se pode ver, & assi outras particularidades que estes Autores escrevem da prisão de Lopo Vàz de Sampaio. O qual foi muito esforçado, constante na justiça, riguroso no castigo dos malfeitores, casto, cortès, & afabil. Aos fidalgos em quãto governou fez muitas merces, & aos soldados mandou pagar seus soldos, & mantimentos: & com todas estas boas partes, & boas obras, foi mal quisto de todos, pola màvontade que lhe tomarão por causa das differenças que teve com Pero Mascarenas sobre a governança da India.*

de Meneſes,eſtando elles de paz, receberão muitos aggravos, & ſem razões dos Portugueſes, aſsi em ſua terra, por cauſa da fortaleza que nella tinhão, como no mar em ſuas naos, & zambucos,que levavão cartas de ſeguros, os quaes lhe quebravão, tomandolhe ſuas fazendas. E pedindo elles juſtiça, & boa conſervação da paz, tal como a elles guardavão,à nenhũa couſa déſtas lhes reſponderão com obras, nem com palavras.Os quaes males,& dãnos não podendo elles ſofrer,ſe levantarão contra a fortaleza,ſendo os meſmos Portugueſes autores diſſo,tomando por remedio antes deſcuberta guerra,que ſimulada paz. E querendo antes de Dõ Enrique derribar a fortaleza,aſſentar paz com elle, mais em favor, & ſerviço d'el Rei de Portugal, que em honra do Samorij, Dom Enrique a não quis aceitar, donde procedeo buſcarem elles todo o modo de vida,pois lhe querião tirar a ſua, tolhendolhe dar ſaida à ſuas novidades. E que poſto que per Lopo Vàz de Sampaio lhes fora cõmettida paz por ſeu ſobrinho Simão de Mello,que eſtava por Capitão em Cananor, não lha quiſerão conceder,ſendo as condições della mais honeſtas das que elles offerecião à Dõ Enrique. E que a cauſa diſſo foi,por terem ſabido que o tempo de ſua governança não ſe eſtendia à mais,que atè a vinda delle Nuno da Cunha,de que ja tinhão nova,& da tomada deMombaça.E pois elle era preſente,& tinhão ſabido quanta juſtiça à todo genero de gente adminiſtrava,& que a guerra que fez per onde vèo era juſta, & não voluntaria,ſe demoverão à lhe pedir paz, ſendo com juſtas, & honeſtas condições, a qual inteiramente guardariáo.E que lhe lembravão,que a guerra do Malavar, ainda q̃ aos naturaes foſſe perigoſa, & cuſtoſa, tudo redundava em não tèr ſaida ſuas novidades,& que tambem não era folgada aos Portugueſes,nem cuſtava pouco à fazenda de ſeu Rei. Por tanto lhe pedião conſideraſſe hũa couſa,& outra, & conformandoſe com o bem,& mal de ambas as partes, lhes reſpondeſſe o que avia por bem que ſe fizeſſe.

Nuno da Cunha lhes diſſe, que el Rei Dom Ioão ſeu Senhor eſtava tam eſcandalizado de quantas vezes o Samorij lhe tinha quebradas as pazes, que com ſeus Governadores tinha aſſentado,que hũa das principaes couſas que lhe encomendou foi a guerra do Malavar, & que offerecendolhe o Samorij algũa paz, lha não concedeſſe, pois a não guardava mais



mais que em quanto os Mouros querião,por ſer governado per elles;aos quaes dava mui pouco das mortes, & perdas q̃ o povo Gentio recebia,por não pretenderem a paz,& repouſo do Reino alheo,ſenão ſeu particular intereſſe; mas que toda via elle proporia eſta ſua pretenſão em conſelho das principaes peſſoas, & Capitães que erão preſentes,com quem lhe el Rei ſeu Senhor mandava conſultar as couſas de tanta importancia,como erão paz, & guerra; & tomado ſeu parecer lhes reſponderia ao dia ſeguinte. E aſsi o fez, reſpondendo, conforme ao que no conſelho ſe aſſentou, que lhe concederia a paz,& amizade com eſtas condições: Que o Samorij entregaſſe toda a artelharia que tinha dos Portugueſes, que elle ouvera os annos paſſados,& aſsi todos os paraos de guerra,& pagaſſe a perda q̃ dera aos Portugueſes, & que deſſe em ſuas terras lugar conveniente para fazer hũa fortaleza, & toda a eſpecearia q̃ ouveſſe em ſeu Reino por os preços q̃ valia quãdo a noſſa fortaleza eſtava em pè.E que entregaſſe dous galeões dos Rumes q̃ eſtavão em ſeus portos, & não avia mais de conſentir em ſeu Reino Rumes, por ſerem inimigos dos Portugueſes,& mais que per nenhũ modo avia o Samorij innovar couſas à el Rei de Cochij que foſſem cauſa de guerra, porque logo a paz com os Portugueſes ſeria quebrada.E que com eſtas condições elle Governador mandaria ceſſar a guerra:& que para o anno ſeguinte pelas naos que foſſem à Portugal,mandaria à el Rei ſeu Senhor a relação deſta paz que com elle Samorij fizera,& as couſas que à iſſo o moverão, mãdandolhe elle o contrario em ſeu regimento. E que elle eſperava que S.A.ouveſſe tudo por bem. Eſta reſpoſta ouverão os Naires eſcritta per apontamentos, os quaes Nuno da Cunha mandou à Diogo da Silveira,& recado à Duarte Barboſa Eſcrivão da Feitoria de Cananor, que ſe foſſe para Diogo da Silveira para entrevir neſte negocio com elle, por ſer mui verſado nos modos,& coſtumes dos Malavares,& ſaber bem ſua lingoa.Diogo da Silveira ſe foi ao rio de Challe, que diſta de Calecut tres legoas,onde vindas algũas peſſoas notaveis per mandado do Samorij, deſpois de irem & virem recados foi a concluſão,que elles darião as eſpecearias por o preço, & modo paſſado,& das outras condições ſe eſcuſarão.[a]

Diogo da Silveira por reſpoſta deſte ſeu concerto, ſaltou tres,ou quatro vezes em terra,de fronte de Calecut,em diffe-

a. *Diz Frãciſco de Andrade no cap. 65.da 2.parte,q̃ ſe fizerão as pazes, reſtituindo el Rei de Calecut toda a artelharia noſſa que tinha em ſeu poder, & os Portugueſes & eſcravos q̃ forão cattivos na guerra. E que deſtas pazes ſe reſentio muito el Rei de Cochij,por ſe aſſentarem ſem lhe dar o Governador conta dellas,cõtra hũa proviſão del Rei de Portugal, em que mandava que nenhũ Governador da India fizeſſe paz com o Samorij ſem conſentimento d'el Rei de Cochij. E queixandoſe à Antonio de Saldanha de lhe quebrar o Governador eſta proviſão,vèo Nuno da Cunha à Cochij, & deſculpouſe com tam boas razões, q̃ el Rei ſe moſtrou cõtente das pazes, & concedeo ao Governador licença para levantar gente em Cochij para a jornada de Dio.*

*Diogo do Couto no cap.9.do liv.6.eſcrevè,que eſta paz ſe concluio quando o Governador fez a fortaleza de Challe, como ſe dira adiante no cap. 17.& q̃ não ſe effettuãdo deſta vez.*

*Diogo da Silveira mandou per algũs marinheiros pòr fogo à cidade de Calecut de q̃ queimou mais de dozentas caſas, & do mar fez cõ a artelharia hum grande eſtrago na gente q̃ acodia ao fogo.*

*O meſmo affirma Caſtanheda no capitulo.12.do livro.8.*

rentes lugares,& queimou algũas Macuarias(como lhes elles chamão)que ſão habitações de peſcadores, & cortou muitos palmares,que elles tem por grande mal.Os Mouros, & Gentios indinados deſte ſegundo dãno, ceſſarão por entam de fallar na paz;polo que cairão em tanta neceſsidade, por a muita guerra que lhe Diogo da Silveira fazia, que morrião à fome:porque o arroz que he ſeu ordinario mantimento, & lhe vinha de fora, chegou à valer o fardo à ſeis, & ſette tangas, que da noſſa moeda ſão quatrocentos & vinte reaes, valendo ordinariamente hũa tanga,com que a gente pobre perecia,& não podião ir ao mar à peſcar,de-que vivem,nem os galeões que eſtavão carregados para o Eſtreito de Meca, ouſarão ſair donde eſtavão.E para mais perſeverarẽ em ſua contumacia, & obſtinação de não concederem a paz com as condições q̃ lhes pedia o Governador, ſuccederão duas couſas em ſeu favor.A primeira foi ſobrevir hum temporal tam rijo, & traveſſão na coſta,que deſamarrou algũs bargãtijs noſſos, hum dos quaes de que era Capitão hum mancebo fidalgo por nome Simão de Souſa,natural de Guimarães, foi tèr junto da terra; o qual ficando ſò naquelle lugar, paſſada a tormenta, vierão à elle algũs paraòs de Mouros da terra, com os quaes andando às bombardadas, lhe ſaltou per deſaſtre o fogo na polvora,com que a cuberta do bargantim voou para o Ar,& o Capitão com os mais forão queimados,& outros cõ o caſco do bargantim derão em terra,cõ grande prazer dos Mouros.A outra cauſa,& mais principal,foi,que ſabendo os Mouros de Cananor eſta fome de Calecut,por os ſoccorrer, & tãbem por fazerem ſeu proveito,os provião de arroz, & de todo mantimento per o rio Tramapatam, que divide o Reino de Calecut do de Cananor.De maneira, que Diogo da Silveira andava guardando que não foſſem providos de outros rios, & elles o erã deſte. Eſta proviſão durou atè que Nuno da Cunha vindo em Fevereiro de Cochij invernar à Goa, paſſou per Cananor, & ſabendo como Calecut era provido d'alli,ameaçou aos Mouros com grande caſtigo ſe o mais fizeſſem. O que tambem el Rei de Cananor defendeo com penas de perdimento de todos os bẽes, & caſtigo nas peſſoas,com a qual defeſa os de Calecut tornarão à meſma neceſsidade de fome.

CAPI-



## CAPITVLO IIII.

*Como o Governador mandou Gaſpar Paez à Melique Saca àſeu requerimento, & do que com elle paſſou.*

NESTE tempo eſtava Melique Saca, filho de Melique Az Capitão de Dio,na terra dos Resbutos em caſa de ſeu ſogro, com temor d'el Rei de Cambaia, & d'alli tinha ja per vezes mandado recado à Lopo Vàz de Sampaio, antes que Nuno da Cunha vieſſe.Do que Lopo Vàz fazia pouca conta, por cauſa das mentiras que à Eitor da Silveira tinha dittas, quando o entreteve na barra de Dio, para fabrica de ſeus artificios com el Rei de Cambaia, atè que a couſa parou em elle fugir para ſeu ſogro. E como eſte Mouro nas malicias, & aſtucias parecia bem ſer filho de ſeu pai, tanto que teve nova de Nuno da Cunha, & do que fizera em Ormuz, & que todo ſeu intento era ir tomar Dio, pareceolhe que aquelle era o Governador que elle avia meſter para ſeus negocios com el Rei de Cambaia: polo que quando Nuno da Cunha chegou à Goa, ja achou hum ſeu meſſageiro [a] com cartas para elle, nas quaes lhe dava a boa hora de ſua chegada. E que porque deſejava fallar com elle couſas que importavão muito ao ſerviço d'el Rei de Portugal, & Eſtado da India, mandara logo à elle antes que começaſſe de ordenar algũas couſas, que per ventura deſpois que o ouviſſe, veria ſer eſcuſada a deſpeſa dellas. E que avendo elle por bem de ſe verem, lhe mandaſſe ſeguro Real para ſua peſſoa, & familia, & algũa peſſoa que o trouxeſſe, & levaſſe navios, & larga embarcação para ſua fazenda; & que folgaria, que eſſa peſſoa que là ouveſſe de ir foſſe Gaſpar Paez, que ja eſtivera em Dio por Feitor, por ſer ſeu amigo, & homem com quem ſe podia melhor entender, que com outro algum. Nuno da Cunha o ordenou aſsi, & mandou o meſſageiro de Melique com Gaſpar paez em hũa galè ſua, em que andava, & lhe deu mais

[a] *Franciſco de Andrade eſcreve nó cap.52.da 2.parte,que eſte meſſageiro de Melique Saca era o q̃ elle tinha enviado à Lopo Vàz de Sampaio,como ſe diſſe atras na nota do cap. 15.do liv.2.*

*E Diogo do Couto no cap.6. do liv.6. diz, q̃ por chegar eſte meſſageiro de Melique à tempo q̃ Lopo Vàz aguardava por Nuno da Cunha, não ſe determinou na propoſta de Melique, deixando a reſolução della para Nuno da Cunha, q̃ mandou o Enviado de Melique mui contente com peças em hũa galè: a qual chegada à Iaquette,o Capitão della ſe vio com Melique,& lhe deu hũa carta do Governador,em que lhe pedia que naquella galè ſe foſſe ver com elle à Goa. Ao que reſpondeo Melique Saca, que ſe tornaſſe elle Capitão embora,& diſſeſſe ao Governador, que não queria que lhe fizeſſem o q̃ à Raez Xarafo.*

quatro bargantijs com boa artelharia, & muitos eſpingardeiros com todo o mais provimento neceſſario. E à Melique Saca eſcreveo palavras mimoſas, doendoſe de quam mal el Rei de Cambaia o trattava, tendo tantos merecimentos por ſeus ſerviços, & por os de ſeu pai, para lhe fazer merce, & tambem lhe fez offerecimentos de o tornar à ſeu Eſtado, & outras palavras ſemelhantes, à fim de o provocar mais ao que elle dava à entender no que lhe eſcreveo de ſua vinda à Goa. E porque Gaſpar Paez tornou deſta ida na entrada de Ianeiro, de M.D.XXX. que era no tempo em que ſe pratticava nas pazes de Calecut, iremos continuando com elle atè o trazer com a reſpoſta que achou.

Partido pois Gaſpar Paez à xij. de Novembro, chegou à Chaul, onde ouve Pilotos que ſoubeſſem bem a enſeada de Iaquette, onde Melique eſtava, que he aquella em que o rio Indo vem deſcarregar todas ſuas agoas no mar.[a] E por não ſer viſto da coſta de Dio atraveſſou a enſeada de Cambaia, bem largo ao mar, & paſſada a ponta de Dio algũas dez legoas, foi tèr entre Patane, & Mangalor, cidades principaes d'aquella coſta, onde tomou hũa nao que vinha de Gogà cidade da enſeada de Cambaia, carregada de algodão, que ia para o Sinde. Della tomou ſòmente a gente, & a nao metteo no fundo, por ſer mercadoria de grande volume, & pouca valia, & a gente mandou d'alli em hum dos bargantijs para Chaul. Tornando à ſeu caminho mais largo da coſta, achou catorze fuſtas de hum Senhor della, que andavão alli eſperando as naos que vinhão de Ormuz, com as quaes pelejou, & fez recolher ao rio Pormeane. Paſſada a ponta de Iaquette, que he aquelle nomeado templo dos Resbutos, fez agoada em hũa Ilheta chamada Bette, que em outro tempo fora bem povoada de Gentios, & Melique a deſtroiò. Atraveſſando d'alli, em dous dias, & hũa noute foi tèr à hũa enſeada onde eſtava Melique Saca mettido per hum rio dentro, em hum lugar chamado Cinguilim, onde logo acodio gente à praia ſaber quem era, & diſſerão lhe que aquelle lugar era de Melique Saca, o qual não eſtava ahi, mas dentro pela terra firme mais de ſeis legoas de caminho, & que elle deixara ditto, q̃ vindo alli algũ recado do Governador da India lho levaſſem logo. E poſto que

a. *Os Geographos modernos errão em ſeus mappas, & taboas Geographicas na ſituação da foz do rio Indo, deſcrevendoa na enſeada de Cambaia, & os que menos errão, mettẽ hũ braço deſte rio na enſeada de Cambaia, & outro na de Iaquette, ſendo aſsi que ſòmente na de Iaquette entrão as ſuas agoas no mar per muitas boccas, que Ptolomeo affirma ſerem ſette ſituadas por elle nõ ſeno Canthi, que he o de Iaquette, chamãdo a enſeada de Cambaia ſeno Barigazeno, no qual mette os rios Goari, & Binda, que parece ſerem os de Baroche, & Surat, à que os naturaes chamão Narbanda, & Taptij.*



que Gaſpar Paez quiſera là mandar hum homem, eſtes de Melique lho não conſentirão, & lhe levarão elles o recado, ſendo tudo artificio de Melique por o entretèr. E tornando d'ahi à dous dias, por moſtrar que eſtava em outra parte, encaminharão à Gaſpar Paez pelo rio acima em hum catùr (deixando os navios em baxo à bom recado) onde achou Melique Saca. Gaſpar Paez lhe deu as cartas do Governador, & lhe appreſentou o ſeguro Real que levava ſellado com as armas de Portugal, como ſe coſtuma em couſas de ſemelhante importancia. Melique deſpois de dar graças à Gaſpar Paez d'aquelle trabalho que levara por elle, perguntou por o Governador que homem era, & que valia tinha em Portugal, ao que elle reſpondeo como convinha na verdade, & à honra de Nuno da Cunha, por ſer ſeu parente, porque Gaſpar Paez era neto de Ioão Roiz Paez Contador mòr que fora de Lisboa, com que Nuno da Cunha tinha muito parenteſco. Paſſada aquella primeira prattica, dilatou Meliq à reſpoſta para outro dia, à qual foi de pouca concluſão, dizendo, que para elle fazer tamanha mudança de ſi, como era ir ao Governador, primeiro avia de ver tres couſas. A primeira, vir aquelle ſeguro em lingoa Parſia, & não na Portugueſa, & que o avia de ſegurar o Governador de o não levarem à Portugal, como fizerão à Raez Xarafo. A ſegunda, que no ſeguro lhe avia de nomear o Governador a parte que lhe avia de dar das couſas que ganhaſſe em Cambaia. E a terceira, que quando ſe ouveſſe de embarcar com elle, avia de ſer em companhia de mais navios, & mais gente: porque a coſta de Dio andava chea de navios de armada, & não queria aventurar ſua peſſoa em couſa tam fingella como elle trazia. Ao que Gaſpar Paez reſpondeo, que aquelle ſeguro, como vinha em nome d'el Rei de Portugal, não era decoro, nem coſtume que ſe deſſe em outra lingoagem, ſenão na Portugueſa, por ſèr a lingoa propria que el Rei fallava, & na forma em que vinha, era tam firme, & valioſo, como ſe o meſmo Rei Dom Ioão de Portugal o aſsinara por ſua mão: & què as ſuas armas repreſentavão ſeu nome, & final. E que quanto à parte que lhe avião de dar do que ſe tomaſſe em Cambaia, quando elle Melique Saca deſſe algum modo para ſe tomar algũa couſa, entam elle a averia.

Mas

Mas que ſe ainda atè entam elle não tinha trattado com o Governador couſa d'aquella materia, como avia o ſeguro de fallar nella, pois eſtava por fazer? E que elle não mandara pedir mais que ſeguro, & navios, & que iſſo lhe trazia alli. E que ſe receava a coſta de Dio, por lhe parecerem poucos os ſeus navios, que com eſſes poucos tomara elle hũa nao, & fizera recolher no rio de Pormeane catorze fuſtas. Em fim vendo Gaſpar Paez as ſimuladas razões de Melique Saca, & que lhe não quis tornar o ſeguro deſpois que o teve na mão, dizendo que o queria ver com algũs dos ſeus, & tomar delles ſeu parecer, entendeo que aquella invenção de o fazer alli vir, fora como o que tinha feito à Eitor da Silveira, para fazer ſeus negocios com el Rei de Cambaia, & aſsi ſe vio pelo ſucceſſo: porque d'ahi à pouco tempo ſe tornarão à reconciliar, como el Rei ſoube que Gaſpar Paez fora tèr com Melique, & lhe levara o ſeguro, que Melique moſtrava em abonação de ſua lealdade, temendo el Rei, que ſe o mais indinaſſe, ordiria algũa trama com o Governador que lhe cuſtaſſe muito.

## CAPITVLO V.

*Como Gaſpar Paez ſe partio deſavindo de Melique Saca, & lhe queimou algũas fuſtas, & ſe tornou à Cochij.*

GASPAR Paez deſpedido, & bem eſcandalizado de Melique, ſe recolheo à ſeus bargantijs, & a noute ſeguinte ao tempo da marè com dous delles ſòmente pelo rio acima lhe foi queimar nove fuſtas, & tornouſe à ſair com determinação de na ſeguinte noure ir queimar quinze que erão de ſeu ſogro; & eſtavão mais acima meia legoa. Mas vendo o Mouro o dãno do fogo das outras debaxo, pôs em ſalvo as de cima, com que Gaſpar Paez não pode pôr em effeito ſeu propoſito. E partido d'ahi vèo correndo a coſta atè chegar à cidade de Mangalor, onde achou muitas naos de Cambaja, & algũas de Ormuz com ſeus cartazes para poderem navegar, & deixou de fazer dãno à outras que os não tinhão, porque eſtavão em companhia das que erão de amigos noſ-



ſos. E ao tempo que Gaſpar Paez chegou deſta viagem à Cochij, que foi em Ianeiro, ſabendo delle o Governador que hi eſtava, o que paſſara com Melique, & que tudo erão enganos, & aſtucias, para fazer bem ſeu negocio, ficou mui indinado, & com o fundamento deſfeito da eſperança que aquelle Mouro dava das couſas de Dio; pelo que mudou de propoſito, & determinou de ir o anno ſeguinte com hũa groſſa armada ſobre aquella cidade. [a] E porque em Choromandel andavão muitos Portugueſes, por ſer terra abaſtada, em que os homẽs à pouco cuſto ſe mantinhão, mandou là hum cavalleiro per nome Ambroſio do Rego com poderes baſtantes, para fazer vir aquella gente, & perdoar à algũs que là andavão homiziados, vindo à ſervir à el Rei naquella jornada de Dio, & aſsi ordenou, que Antonio de Saldanha ficaſſe alli aquelle inverno para provèr as couſas neceſſarias à armada.

Atè aquelle tempo, ſendo ja perto da ſua partida para Goa, não ſe tinha viſto com el Rei de Cochij, por elle eſtar doente de bexigas, poſto que o tiveſſe mandado viſitar per recados; & mandandolhe dizer, que ſe queria partir, & quanto ſentia ſua enfermidade, pois fora cauſa de o não poder ver. El Rei lhe reſpondeo, que nenhũa couſa lhe poderia dar ſaude ſenão ſua viſta. E que não ouſava de lhe pedir que o viſitaſſe, tendo muitas couſas de importancia que trattar com elle, por ſua enfermidade ſer contagioſa, & recear que temeſſe elle de o ver. O qual receo Nuno da Cunha lhe tirou com ir à elle, que não foi pouco conſentir el Rei ſer viſto naquelle eſtado de enfermo, & de tal enfermidade, poſto em mão de hum Bramane, que o curava, por ſerem aquelles Gentios mui ſuperſticioſos, & de grandes agouros em ſuas obras, & não quererem os Grandes, que os vejão em ſuas enfermidades, por lhes não verem ſuas fraquezas. Toda a prattica da viſitação foi queixarſe el Rei, & contar à Nuno da Cunha os aggravos que recebera de Afonſo Mexia no tempo das differenças entre Lopo Vàz de Sampaio, & Pero Maſcarenhas. Na qual prattica Nuno da Cunha conheceo d'el Rei ſer homem prudente por a paciencia que teve nas couſas que lhe forão feitas em modo de deſprezo, fazendo pouca conta delle. Ao que Nuno da Cunha reſpon-

a. *Eſcreve Franciſco de Andrade no cap. 55. da 2. parte, q̃ eſtando Melique Tocã, irmão de Melique Saca, por Capitão de Dio (deſpois q̃ deixou aquella Capitania Camalmaluco, como ſe diſſe atras na nota do cap. 14. do liv. 2.) mandara Nuno da Cunha ſegunda vez Gaſpar Paez à Dio, eſcrevẽdo à Melique Tocã os parabẽs da Capitania, & offerecendolhe ſua amizade para tèr Feitoria em Dio; & cõ ordẽ à Gaſpar Paez, q̃ reconheceſſe cõ particularidade a cidade, & deſtramente perſuadiſſe à Melique q̃ deſſe nella hũa Fortaleza à el Rei de Portugal, cõ q̃ ſe aſſeguraria das tyrannias de Badur.*

*Partio Gaſpar Paez de Goa cõ tres fuſtas em Fevereiro, de M.D.XXX. chegou à Dio, foi bẽ recebido de Melique Tocã, deulhe a carta do Governador, & hũ preſente q̃ lhe mandava; & tratando da Feitoria, mãdou Melique aviſar à el Rei Badur, como o Governador a offerecia: à q̃ reſpondeo, q̃ deſpois q̃ viſſe as condições com q̃ ſe avia de aſſentar, mandaria o q̃ lhe bem pareceſſe. Em quanto foi, & veo eſte recado à el Rei, vio, & notou Gaſpar Paez tudo dentro, & fora da cidade, & deſpedido de Melique (a q̃ não fallou na fortaleza, por ſe lhe moſtrar mui obrigado, & fiel ao ſerviço de Badur) com hum preſente rico para o Governador, & reſpoſta da ſua carta cõ grandes agradecimentos da amizade q̃ lhe offerecia, tornou à Goa em ſalvamento.*

reſpondeo de maneira que lhe curou ſua paixão,aſsi em ſecreto,como em publico;& por o que importava ao ſerviço d'el Rei de Portugal,& conſervação da paz,& amizade que tinha cõ elle,o tratava com toda a reverencia que podia: & algũas couſas lhe concedeo acerca dos dereitos das mercadorias que lhe não pagavão,com que Nuno da Cunha o deixou contente,& ſatisfeito.

## CAPITVLO VI.

*Como Nuno da Cunha foi à Goa,& o que fez em Challe, onde achou Diogo da Silveira,à que encomendou que deſtroiſſe o Chatim do rio de Mangalor.*

TANTO que Nuno da Cunha deu fim ao que tinha que fazer em Cochij, partio para Goa,& chegado à Challe achou Diogo da Silveira com a maior parte da ſua armada, por ter ſabido que per aquelle rio avião de ſair os galeões dos Rumes que diſſemos.Neſte rio ſe deteve Nuno da Cunha hum dia,onde foi viſitado d'el Rei, & Principe de Challe por eſtarem de paz com noſco: & por iſſo acodião à Diogo da Silveira com os mantimentos da terra que lhe erão neceſſarios,poſto que eſte Rei deſſe obediencia à el Rei de Calecut.Polo que à ſeus menſageiros Nuno da Cunha fez merce,& deu licença para el Rei poder mandar vir mantimentos de fora, por eſtarem na meſma neceſsidade delles
» que Calecut. E porque ſoube que hum Chatim que eſtava
» em Mangalor mui rico,& poderoſo, fazia muitas offenſas à
» Portugueſes, principalmente em dar favor aos de Calecut,
» que tiraſſem per aquelle porto ſuas eſpecearias para os Mou-
» ros,ſob color de ſer vaſſallo d'el Rei de Narſinga, encomen-
» dou muito à Diogo da Silveira que foſſe à aquelle lugar, &
» podendo dar hum caſtigo à aquelle Chatim ſem perigo ſeu,
» o fizeſſe.E primeiro que ſe deſpediſſe de Diogo da Silveira, fez merce aos Capitães,& peſſoas notaveis que com elle anda vão na ſua armada,& mandou pagar ſoldo à gente de armas, por todos andarem gaſtados, & bem agaſtados, por aquella guerra do Malavar ſer de muito trabalho,& pouco proveito, couſa que os ſoldados mal ſoffrem.

Deſpe-



Deſpedido o Governador de Diogo da Silveira, partioſe via de Cananor à xij.de Fevereiro de M.D.XXX. onde eſtava Dom Ioão Deça por Capitão, & no lugar onde ſe os Reis coſtumão ver com os Governadores,que he ante a fortaleza noſſa, ſe vio el Rei com Nuno da Cunha, vindo com ſua pompa,& apparato de Naires poſtos em ordem de guerra. E como elles ſão homẽs de grandes ceremonias,& vãos em ſeu trattamento,& mais eſte que era homẽ mui velho,& da condição mimoſo.Nuno da Cunha ſatisfez tanto à ſua vaidade, que ficou elle mui contente.E à troco de algũs requerimentos que lhe Nuno da Cunha concedeo, por ſerem juſtos, lhe pedio o bom trattamento do ſeu Guazil, por ſer noſſo amigo,& fiel,o qual andava fora da ſua graça, como atras diſſemos.E por ſer coſtume geral,quando os Reis ſe vem com os Governadores,appreſentarlhe ſempre algũa peça, fez el Rei preſente à Nuno da Cunha de hũs bracelletes lavrados de pedraria, que elle aceitou por o não eſcandalizar, por elles averem por injuria engeitarlhe o que offerecem. Nuno da Cunha os mandou logo entregar ao Feitor da armada para os mandar à el Rei quando as naos vieſſem ao Reino, por comprir com ſua condição,que era alhea de toda cobiça, & com as leis de ſeu officio,com as quaes cumprem poucos. Deſpedido Nuno da Cunha d'el Rei,proveo nas couſas da fortaleza,mandando fazer algũas obras para mais ſegurança della, alem de hum baluarte que Lopo Vàz de Sampaio tinha mandado fazer.E por cauſa das novas que alli ſoube das couſas de Calecut, alem das amoeſtações, & defeſa que pôs nos que d'alli o provião com mantimentos,mandou recado à Diogo da Silveira,que em ſe levantando de Calecut, deixaſſe alli algũs Capitães,para tolher entrarenlhe mantimentos, & elle o fez aſsi,deixando Nuno Fernandez Freire com hũa galeotta, & hum bargantim com ſeſenta homẽs,com os quaes gaſtou bem o tempo que ſe alli deteve, vindolhe de Cananor os mantimentos.

***

CAPI-

## CAPITVLO VII.

*Como Diogo da Silveira entrou no rio de Mangalor, & destruio o Chatim que alli vivia.*

TORNOV Diogo da Silveira, despois da partida de Nuno da Cunha para Goa, visitando todos os rios d'aquella costa, sem deixar entrar, nem sair vella algũa, com que metteo em grãde oppressão os lugares della, por levar dezaseis vellas, de que erão Capitães Ioão da Silveira seu irmão, Francisco da Cunha, Manoel de Vasconcellos, Ioão Penalvo, Diogo Quaresma, Aires Cabral, Antonio de Sousa, Nicolao Iusarte, Gomez de Sotomaior, Antonio de Sotomaior, Afonso Alvarez, Lourenço Botelho, Antonio Mendez de Vasconcellos, Frãcisco de Sequeira, & Antonio Mendez Malavares; & em que ião quatrocentos & cinquoenta homẽs. Com esta armada foi à Mangalor, que he hum lugar mettido per hum rio do mesmo nome, per que podem entrar navios de carga. Este lugar he d'el Rei de Narsinga, com que os Portugueses tinhão paz, & amizade, por a qual razão se recolheo naquelle rio hum tam grosso mercador em substancia de fazenda, que por excellencia era chamado & conhecido por Chatim de Mangalor, porque entre elles ao mercador chamão Chatim, que ja he recebido entre os Portugueses, que naquellas partes trattão. Este de Mangalor, porque com a guerra de Calecut, que durou annos, não podia negociar seus trattos, tomou por remedio arrẽdar à el Rei de Narsinga aquelle rio, & d'alli carregava muitas naos para o Estreito de Meca, parecendolhe que o salvava desta obra, estar elle naquelle lugar, que era de hum Rei nosso amigo. Porem como homẽ que sabia offendernos naquelle tratto que tinha com nossos inimigos, por se segurar de nossas armadas fez per dentro deste rio hũa fortaleza de pedra & cal onde se recolhia. E como el Rei de Calecut per este cãno surdo dava saidas à suas espeçarias, escondidamente o favorecia com munições, & artelharia, para se defender de nos se là quisessemos entrar. E por à Nuno da Cunha ser ditto o procedimento deste Chatim, & o favor que lhe dava el Rei de Calecut, & quam forte estava, encomendou



dou à Diogo da Silveira o castigo delle.

O Chatim como per via de Cananor, teve aviso que avião de ir sobre elle, na entrada do lugar em algũas partes fez hũas tranqueiras em modo de baluartes com artelharia, para fazer dãno à quem entrasse pelo rio contra sua vontade. E diante da sua casa forte tinha feita hũa força de madeira com dobrada artelharia, & as vigas mais espessas, porque naquelle lugar era necessaria maior resistencia. Diogo da Silveira nas mais pequenas embarcações, deixando as outras à bom recado na bocca do rio, sobio per elle acima com dozentos, & quarenta homẽs, de que ametade erão espingardeiros. A cujo encontro saio hum esquadrão de gente frecheira, & algũa com espingardas, cuidando que como empregassem os primeiros tiros, farião embarcar os poucos nossos: mas como elles começarão à sentir o fogo, & o ferro dos Portugueses tanto se forão retirando, atè que se recolherão de todo, os nossos forão tras elles, & os seguirão atè que a ligeireza dos pès os salvou. Despejado o lugar, foi Diogo da Silveira demandar a casa forte, que estava junto do rio, no cõmettimento da qual os nossos começarão à sentir mais resistencia com tiros de espingarda, frechas, panellas de polvora, & todo outro artefício de boa defensão, atè que à pesar della, & delles, os nossos chegarão à porta, amparada de hum baluarte, em que tinhão os inimigos assestada muita artelharia; & os primeiros que cõmetterão querer entrar nesta casa forão Diogo Alvarez Tellez, Francisco de Barros de Paiva, Ioão de Sousa Lobo, Gomez de Soutomaior, Francisco Brandão, Diogo Tiznado, Duarte de Paiva, Ioão Quaresma, & Antonio Mendez de Vasconcellos, tomando todos hum berço de ferro dos que estavão no baluarte, & feito delle vaivem, foi a porta aberta, & a casa entrada; & a melhor fortuna que os nossos tiverão em seu favor, foi, que à hum bombardeiro dos Mouros, que governava hũa peça de artelharia grossa, com que lhe pudera fazer grande dãno, hum espingardeiro Portugues o matou. Tanto que a casa foi entrada, vendo o Chatim que não podia salvar a fazenda, procurou salvar a vida, & foi tam desditoso, que indose acolhendo entre algũs seus que o acompanhavão,

vão, outro eſpingardeiro noſſo o derribou. E porque os mais delles ião buſcar o rio para ſe ſalvar à nado da banda de alem delle, acharão os noſſos bargantijs, & catùres, que às lançadas matarão tantos, que as agoas andavão tintas com o ſeu ſangue; & aſsi hũs no mar, & outros na terra acabarão as vidas, [a] & os noſſos poſto que ouverão vittoria delles, não ouverão ſua fazenda: porque Diogo da Silveira deſpois que mandou recolher toda a artelharia, da qual algũa fora tomada à navios pequenos de Portugueſes, quando paſſavão per aquella coſta, mandou pôr fogo à toda a fazenda que eſtava na caſa do Chatim, que era muito cobre, azougue, vermelhão, coral, & outras mercadorias, q̃ pela navegação do Mar roxo os Mouros levavão à aquellas partes, as quaes mercadorias o Chatim avia à troco da pimenta, porque temeo Diogo da Silveira que os ſeus ſoldados ſe quiſeſſem entregar naquella fazenda em recompenſa de ſeu trabalho, & carregala nos navios da ſua armada, que erão de remo, para pelejar, & não para carregar com ſemelhante preſa. Tambem mandou queimar treze navios que alli eſtavão varados para carregar de pimenta, & decepar os palmares, couſa que aquella gente mais ſente.

Acabado eſte feito, por ſer ja no fim do verão, fez Diogo da Silveira ſua viagẽ para Cananor, deſpedindo de ſi oito ou nove vellas, por ja não tèr neceſsidade dellas, parecendolhe que não podia vir couſa para que as ouveſſe meſter. Mas não ſuccedeo aſsi, porque chegado à Cananor, eſtando deſcarregando algũa d'aquella artelharia que tomou ao Chatim, acertou de paſſar hum Capitão d'el Rei de Calecut, por nome Pate Marcar, de que neſta hiſtoria ao diante ſe fará muita menção por a guerra que nos fez. Eſte levava hũa armada de ſeſenta paraòs, & ia à Mangalor, que Diogo da Silveira deixava deſtruido, à buſcar arròz, por a neceſsidade que Calecut tinha delle. Diogo da Silveira aſsi carregado como eſtava, vendo paſſar aquellas vellas, as quis ſeguir, por não perder tam boa occaſião, ainda que tinha menos as vellas que deſpedio, & que erão as que lhe ficarão poucas, & pejadas, & aſsi não lhe ſuccedeo bem; porque Pate Marcar como era Capitão, & as ſuas embarcações ião deſpejadas, melhorouſe colhendo o balravento à Diogo da Silveira; & hum dos noſſos catùres q̃ ia diante, por

[a] *Erão os Mouros mais de quatro mil, dos quaes entre mortos & feridos forão mais de mil, dos noſſos morrerão treze, & das frechas forão feridos muitos.*
*Franciſco de Andrade 2. parte, capit. 57.*



por ſer ligeiro per deſaſtre çoçobrou, & de hũa bombardada que brarão os inimigos hum braço à Ioão da Silveira ſeu irmão. E vendo que o vento por ſer contra elle lhe não dava lugar para ir ao Mouro, ſe tornou à Cananor à deſcarregar, com fundamento que voltando mais leve, & o Mouro carregado ſe vingaria delle. E como o cuidou, aſsi foi: porque Pate marcar tornando de Mangalor tam carregado de medo, por a deſtruição q̃ vio naquelle lugar, como de arroz que foi buſcar à outra parte, chegando à Monte Deli, onde Diogo da Silveira o eſtava eſperando, perdeo ſeis vellas, que os noſſos lhe metterão no fundo, & com eſta perda ſe acolheo à Calecut, & Diogo da Silveira ſe foi invernar à Cochij.

## CAPITVLO VIII.

*Do que fez Antonio da Silveira com hũa armada na enſeada de Cambaia, onde tomou Surat, & Reiner, cidades principaes d'aquella coſta.*

SEGVINDO a ordem que o Governador Nuno da Cunha teve em mandar as armadas de Cochij, como à elle chegou, de que a primeira foi a de Diogo da Silveira, diremos agora o que fez Antonio da Silveira com a ſua na coſta de Cambaia. O qual partio de Cochij à xvj. dias de Dezembro de M.D.XXIX. para Goa, à recolher os navios que o Governador mandava que levaſſe, & d'ahi ſe foi à Chaul, onde tambem tomou os que alli eſtavão, & partio para a enſeada de Cambaia à xxj. de Ianeiro de M.D.XXX. & logo em Bombaim, que ſão cinco legoas de Chaul, fez alardo, & achou que levava cinquoenta & hũa vellas, de que tres erão galès, hũa em que elle ia, & em outra ia Franciſco de Vaſconcellos, que andava na coſta do Malavar, & por ſer homem de muita conta para aquella guerra de Cambaia, mandou o Governador que foſſe com Antonio da Silveira; d'outra galè era Capitão Ioão Rodriguez Paez, irmão de Gaſpar Paez, & de duas galeottas erão Capitães Fernão de Lima, & Ioão de Magalhães, irmão de Fernão Mìz Evangelho. Todas as

mais vellas erão fuſtas, bargantijs, & catùres, embarcações de remo, & pequenas, nas quaes por o alardo que fez, achou que levava novecentos homẽs Portugueſes, em que entravão muitos fidalgos mancebos, & criados d'el Rei, que aquelle anno forão com Nuno da Cunha.

Saido de Bombaim, foi correndo a coſta atè Damam, & no caminho achou algũas naos carregadas de madeira, que atraveſſavão para a cidade de Dio, & aſsi achou hum barco pequeno, que vindo dar com elle o tomou, no qual ia hum Mouro honrado que vinha de Dio, mandado de Melique Toçam. D'alli foi tèr à barra do rio de Taptij, pelo qual acima eſtavão duas cidades as mais notaveis d'aquella enſeada. A primeira chamão Surat à tres legoas da foz, & à outra Reiner, da outra banda do rio, meia legoa da ſua ribeira, de tras de hũa ponta que a terra faz. Eſta era mais ſumptuoſa em ediſicios, & policia de gente bellicoſa, todos Mouros coſtumados à guerra do mar, & de que as mais das fuſtas, & navios da armada d'el Rei de Cambaia ſe provião. Surat era povoada de gente fraca, à que chamão Baneanes, homẽs dados à officios mechanicos, principalmente à arte de tecer pannos de algodão. Eſte rio Taptij, poſto que he dos dous mais notaveis que aquella enſeada tem, & atraveſſa toda aquella parte de Cambaia, que jaz na coſta do Oriente, não podem entrar nelle vellas grandes: & porque os noſſos Pilotos não ſabião a entrada delle, nem o fundo que tinha, poſto que Antonio da Silveira levava algũs Mouros de Chaul, não ſe quis fiar delles, nem de olhos alheos, ſenão dos ſeus; & por ſi meſmo em dous bargantijs foi ſondando o rio: nelle vio, que não podião entrar ſenão fuſtas, & bargantijs, porque de marè vazia, todo outro navio de maior porte ficava em ſeco, ſòmente tinha hũs poços ao modo de pègos, que parecia ſerem feitos de induſtria, para quando algũa nao ſe achaſſe dentro, tèr alli cama na vaſſa. Reconhecido o rio, metteoſſe com toda a gente que avia meſter nos bargantijs, & catùres, & na foz do rio deixou as maiores embarcações, & com ellas Franciſco de Vaſconcellos: & por ſer da barra donde elle partio à cidade quatro legoas, não pode no primeiro dia chegar à ella, por razão da vazante da marè, com que lhe ficarão algũas embarcações em ſeco com o peſo da gente: & aſsi quando vèo às doze horas



horas do dia ſeguinte chegou ante a cidade, que na viſta lhe pareceo mais defenſavel do que os noſſos a acharão, por ſer hũa povoação de dez mil vezinhos com caſas nobres de ladrilho, & no cabo hũa fortaleza junto d'agoa, com ſeu caez mui bem feito. Antes da cidade avia hũa praia limpa, em que Antonio da Silveira determinou de deſembarcar, parecendolhe que mais ſeguramente o podia alli fazer: & porque pegado à eſta praia, eſtava hum teſo, que occupandoo os inimigos, podia receber delles muito dãno, mandou Manoel de Souſa com algũa gente que lho foſſe tomar, em quanto elle deſembarcava, & ordenava a outra; o que Manoel de Souſa fez ſem reſiſtencia. E poſto que quando Antonio da Silveira cõmetteo a deſembarcação, lha quiſerão defender os inimigos com algũas frechadas, & eſpingardadas, nenhũ deſtes que as tirava eſperou o retorno dos noſſos, avendo neſta gente hum corpo de mais de dez mil homẽs, em que entravão trezentos de cavallo, tomando todos por ſalvação virar as coſtas aos noſſos à quem mais corria: porque eſta gente Baneane he tam fraca, que o temor lhe faz não tèr conta com a honra, mas tem por prudencia ſalvar a vida como puderem. Finalmente a cidade ſe deſpejou de toda a gente, avendo tres dias que tinhão tirada ſua fazenda, por ſaberem que a armada vinha per aquella coſta, & eſtavão cada dia eſperando ſerem viſitados. E como os Portugueſes não acharão nella fazenda, de milhor vontade lhe poſerão o fogo per muitas partes, como Antonio da Silveira mandou, & aſsi à hum galeão novo, & à outras vellas que eſtavão em eſtalleiro, ſòmente ficarão por queimar algũas vellas de Malavares de Cananor, & Cochij, que alli eſtavão à carga, que neſta entrada puſerão bandeiras brancas: & ſabendo Antonio da Silveira ſerem de noſſos amigos, eſcaparão do incendio das outras.

Acabado eſte feito, ſem cuſto noſſo, mandou Antonio da Silveira Manoel de Souſa que foſſe diante delle ſondando o rio da banda de Reiner, que era a outra cidade que diſtava deſta queimada hũa legoa com a torcedura do rio, mas per caminho dereito pouco mais de meia legoa: & indo com Pilotos ſondando, quaſi ja na frontaria da cidade, começarão de lhe tirar com algũas bombardas, que eſtavão

vão poſtas em hũa eſtancia, da qual eſperavão defender a deſembarcação aos noſſos. Sondado o rio, tornou Manoel de Souſa, onde deixara Antonio da Silveira, que ſem detença com toda a gente ſobio pelo rio acima, atè de fronte da cidade. A qual eſtava ſituada em hum teſo ao longo do rio, & todo o circuito della era campina, & a ſua caſaria ao modo de Eſpanha de pedra & cal, com portaes & janellas lavradas de macenaria. [a] Do rio ſe ſervião per tres caezes de pedra, nas quaes partes como ſoſpeitoſas, perque os noſſos poderião cõmetter a deſembarcação, tinhão aſſeſtada muita artelharia, com ſuas tranqueiras, & defenſões. Afaſtado hum pouco da cidade, no lugar onde tiravão as naos em eſtalleiro, eſtavão todas juntas, tambem com ſua defenſão de catorze bombardas groſſas, temendo que lhas foſſem queimar. Seria aquella cidade de ſeis mil vezinhos, quaſi todos Mouros Naiteas, [b] gente mui valente, & deſtra na gueara do mar, geração avorrecida dos naturaes da terra, por ſerem homẽs malicioſos, & atraiçoados, & quaſi toda ſua valentia eſtava mais em manha, que em eſforço, & forças. Eſtes nas guerras de Cambaia erão avidos por os primeiros, & principaes, & com a groſſura do tratto da cidade erão ricos, & a riqueza os fez ſoberbos, como pela mòr parte ſão os que eſtão em eſtado proſpero; & quaſi toda a navegação para Tanaçarij, & Eſtreito de Meca era deſta cidade, que das mercadorias d'aquellas partes eſtava chea. Antonio da Silveira vendo que ſe ſaiſſe em algum dos caezes, ſeria cauſa de lhe morrer ſua gente, por a muita defenſão d'artelharia que nelles avia, quis antes deſembarcar em hum teſo, & mandou à Manoel de Souſa, que com a gente que levava, que ſerião ſeſenta homẽs, os mais delles eſpingardeiros, foſſe tentar hũa eſtancia, que os Mouros naquella ilharga da cidade tinhão feita. A qual Manoel de Souſa cõmetteo com tanto impeto, que fez aos Mouros deſpejar o lugar às eſpingardadas, & lançadas; & algũs quinhentos de cavallo que andavão no campo ao redor d'aquelle ſitio, quando virão que os noſſos erão ſenhores da eſtancia, como gente que tinha alli pouco que fazer, poſerãoſe em ſalvo. Manoel de Souſa vendoſe deſempedido da gente d'aquelle lugar, foiſſe ajuntar com Antonio da Silveira, que com o corpo de toda a gente foi

a. *Eſta cidade de Reiner, diz Diogo do Couto, que foi fundada pelos Gentios Reineis, que ja forão Senhores de todo o Reino.*

b. *Eſtes Naiteas ſão grandes coſſairos, & todos uſão a arte, & guerra do mar; he a mais baxa caſta dos que ſeguẽ a lei de Mafamede, ſegundo a ſeita dos Arabes. E por elles entrou aquella falſa lei no Reino de Cambaia, & d'alli ſe eſtendeo per todo Oriente, aſsi nos Reinos da terra firme, como nos das Ilhas de Samatra, Iaoa, Borneo, Banda, Maluco, aonde eſtes Naiteas chegarão cõ ſuas naos, & como zeloſos da ſua ſeita a prègarão, & converterão à ella grande multidão d'aquella Gentilidade. Diogo do Couto. 4. Dec. liv. 6. cap. 9.*



foi dar em outra eſtancia acima, da parte do rio, que tambem foi logo deſpejada, ſem nella achar a valentia, que lhe dezião d'aquella gente; antes no primeiro cõmettimento, ſem cuidado de molheres, filhos, ou fazenda, começarão de irſe recolhẽdo per hũa rua larga, tam de preſſa, que os não podião os noſſos ſeguir. Os primeiros que ſe acharão neſta entrada, forão Gonçalo Vàz Coutinho, Balthaſar Lobo de Souſa, Ioão Iuſarte Tição, Diogo Varella, Franciſco da Silva, Rui Boto de Lima, Dom Diogo Valençuela, Pero de Taide, Duarte de Mello, & outros: os quaes como virão que a vittoria era ſua, deſpejando a cidade, não quiſerão ſair della para ſeguir mais os inimigos, porque podia vìr gente de cavallo, que os poderia enxovalhar eſtando canſados. Antonio da Silveira deu a cidade à ſaco aos ſoldados, & ſe ouvera embarcações em que recolher parte das muitas mercadorias, de que ella eſtava bẽ chea, ficarão todos ricos; pelo que o Capitão mòr mandou pôr fogo à cidade per muitas partes: a qual por eſtar poſta em campina, aſsi lhe aſſoprava o vento, que era hũ terror ouvir os eſtrallos, & eſtrondo que fazião os madeiramentos, & paredes das caſas; couſa certo, ainda que a cidade era de inimigos, muito para doer aos meſmos glorioſos da vittoria. Alem da fazenda que ardeo na cidade, tambem arderão muitas naos, [a] & fuſtas, que eſtavão na agoa, & em eſtalleiro, entre as quaes eſtava hũa que entre elles era afamada, porque nas partes de Malaca, em companhia de outra, tomou hũa nao noſſa, em que andava por Capitão Alvaro de Brito, de que atras diſſemos.

a. *As naos erão vinte, & muitas cõtias carregadas de fazendas, mantimentos, & madeira, & a artelharia das tranqueiras por não aver dõde a embarcar, a mandou Antonio da Silveira lançar no pẽgo do rio. Diogo do Couto, Dec. 4. liv 6. cap. 9. & Fernão Lopez de Caſtanheda, cap. 8. liv. 8.*

## CAPITVLO. IX.

*Como Antonio da Silveira tomou Agacim, & a deſtruio.*

ACABADO o feito de Surat, & Reiner, que foi hum dos hõrados que naquella enſeada atè entam ſe fizerão, deixando eſtas duas tam notaveis cidades deſtroidas, & queimadas con tam pouco cuſto dos vencedores, tornouſe Antonio da Silveira recolher à ſeus navios, os quaes achou poſtos em grande feſta, porq̃ em quanto elle ganhou aquella honra,

tomarão elles seis vellas que iáo carregadas de mantimentos para Dio. E ao Mouro que tomou de Melique Tocam despedio, mandádolhe dar sua embarcação, que fosse em boa hora, & lhe perdoasse, porque quando o tomara ia com determinação de destroir aquellas duas cidades, & o entretivera para ver o que os Portugueses nisso fazião. E pois ja o vira, podia levar esse recado à seu Senhor, do que o Mouro ficou mui cõtente, & teve que contar à Melique.

Saido Antonio da Silveira da barra donde estava, foisse outra vez à Damam, que he hum lugar grande, que tem hum rio, onde não podem entrar galès. E para sua defensão tinha hũa fortaleza com quatro cubelos, & muro de oito pès de largo. Mas os seus moradores ficarão tam assombrados com a destroição das cidades de Surat & Reiner, que não ousarão experimentar o ferro dos que vinhão triunfando dellas, & despejarão o lugar de todo. Polo que não tiverão os nossos mais que fazer nelle, que tomar algũs mantimentos, & porlhe o fogo, & em bateis pequenos forão à cattivar algũs Mouros pelas aldeas que estavão ao longo do rio [a].

a. *Esta tomada de Damam escreve mais largamente Francisco de Andrade no cap. 56. da 2. parte, onde se podera lèr. E diz que de caminho destruiò Antonio da Silveira a Ilha de Bombaim: mas não faz menção da tomada e de Agacim.*

D'alli veo Antonio da Silveira caminho de Agacim, que dista de Chaul catorze legoas, com determinação de dar nelle. E por o rio não ser para isso, desembarcou na costa brava, meia legoa do lugar, que era grande & rico de fazenda, posto que pobre de edificios, em que averia cinquo mil homẽs de pè, & quatrocẽtos de cavallo, que servião de guarnição, por ser perto de Chaul; os quaes não despejarão o lugar, por lhes parecer, que os nossos não quererião ir à elle, porque tinhão muito caminho que andar à pè; & confiando na gente de cavallo, que os podião empedir. Antonio da Silveira como tudo atè o lugar era cãpo, & lhe pareceo ser mais perto do que era, saiò em terra, & mandou diante caminho do lugar por descobridor hum Capitão Canarij, chamado Malù, homem costumado à andar em nossas armadas ganhando soldo. Nas costas deste Canarij mandou tambẽ à Francisco de Vasconcellos, & Fernão de Lima, ambos com algũs espingardeiros, & elle com à mais gente os seguio na retraguarda. Caminhãdo todos nesta ordem, forão dar os dianteiros na gente do lugar, que à modo de encuberta estavão lançados no baxo de hum cabeço, os quaes em os nossos chegando sairão mui rijo, dando grande grita. Neste comettimento matarão cinquo Portugueses, cõ que os mais se poserão em virar as costas aos inimigos: Mas forão logo entretidos per Francisco de Vasconcellos, & per outros fidalgos, & chegou Manoel de Sousa, que vinhà detras com mais de cem espingardeiros, que fizerão aos Mouros voltar caminho do lugar. Chegado Antonio da Silveira aonde foi este desmancho, não se quis deter, nem levar o passo tam vagaroso como levava, mas tomádoo mais apressado chegou ao lugar, & antes de entrar nelle deixou a bandeira acompanhada d'aquelles que avião mester tomar algum folego. Na parte onde deixou aquella gente, era em hũa de duas entradas que o lugar tinha de sua serventia, porque o mais era o rio, & da outra banda hũa vasa, que no tempo de baxamar era peor que a mesma agoa, & asi do rio, & da vasa era este lugar cercado ao modo de ilha, o qual estava cheo de muita artelharia, & mercadoria de pannos de algodão, & grande quantidade de madeira, por a muita que cada anno d'alli se tirava para diversas partes; o que tudo foi à força de ferro pelos nossos entrado. E como este lugar não tinha mais que aquellas duas servẽtias, & hũa lhe tomou Antonio da Silveira com a bandeira Real, não se pode salvar tãta gente, & forão cattivos mais de dozentos, & muitos mortos, & o lugar queimado, & os navios que estavão no rio [a]. Destroido este lugar, tornousse Antonio da Silveira à recolher, & veose à Bombaim, que dista cinquo legoas de Chaul, para mandar recadar as pareas dos de Tanà, Bandorà, & Caranjà, que erão obrigados à pagar em cada hum anno por as pazes que fizerão com Eitor da Silveira. Mas não o pode fazer, por ir soccorrer ao Capitão de Chaul, como diremos.

a. *Nesta guerra queimarão os Portugueses trezentas vellas entre naos grossas, zambucos, & cotias, carregadas de fazenda, de madeira, & mantimentos. Fernão Lopez de Castanheda cap. 9. do livro. 8.*



## CAPITVLO X.

*Como Francisco Pereira de Berredo Capitão de Chaul, mandou recado à Antonio da Silveira, que o viesse soccorrer em hũa presa em que estava com os Capitães d'el Rei de Cambaia.*

NESTE tempo que Antonio da Silveira andava correndo a costa de Cambaia, Soltam Badur Rei della fazia guerra ao Nizamaluco, que era Senhor das terras de Chaul, o qual se ia retirando da potencia de Badur, que era

Senhor do Campo, & entre algũs Capitães seus que nas terras do Nizamaluco fazião entradas, era hum Popaterao que fora seu vassallo, & se lançara com o Soltam Badur, & por melhor saber a terra, vèo contra aquella parte de Chaul per seu mandado, & a estragou quanto pode atè chegar à povoação dos Mouros, que he acima da nossa fortaleza. Os quaes com algũs Portugueses que com elles estavão, & outros que acodirão com Fernão de Moraes, que hi estava com hum galeão que Nuno da Cunha mandava para Ormuz, todos juntos pelejarão com os Mouros de cavallo entre hũs vallos das hortas do lugar, & derribarão quatro delles, com que escarmentarão os outros, & se forão com esta perda. Quando vèo ao outro dia, movido Francisco Pereira de Berredo, per conselho de algũs homẽs, & importunado dos Mouros, & gente da terra, pedindolhe que os fosse amparar antes que aquella gente tornasse aos destroir, porque como ião escandalizados, temião que de proposito tornassem à se vingar, se armou com parte da melhor gente que tinha, em que entravão cinquoenta de cavallo, & cento & cinquoenta de pè, & saio da fortaleza, & passando a povoação destes Mouros, foisse à hum passo alem della, que he como entrada, o que chamão Argao, que serà da fortaleza meia legoa, o qual por ser entre hũas serras, he tam forte, & tam estreito, que cinquoenta homẽs podião defender a entrada à cem mil. E porque alli não acharão os Mouros que ião buscar, algũs da companhia começarão de requerer à Francisco Pereira, que fosse mais avãte, porque d'outra maneira pareceria aos Mouros de Chaul covardia. Elle movido com estas razões, começou seguir o caminho, & à outro passo apartaraõse quatro de cavallo dos seus à descobrir terra, os quaes lhe mandarão dizer, que andasse mais que tudo estava seguro. Chegando à hum campo, no fundo delle jazia em repouso o Capitão Popaterao, & outros que aquella noute vierão à se ajũtar com elle, os quaes serião per todos cinquo mil de cavallo, & dez, ou doze mil de pè. Francisco Pereira, como vio tam grossa gente, & que começava abalar contra elle, & travar escaramuça com os de cavallo que ião diante, quis voltar ao passo recolher a gente de pè; mas ella ia tam cansada, & a calma era tam grãde, que como homẽs que se não atrevião na força dos pès, começarão de se espalhar, & metter pelo mato, a qual desordem os matou, porque os Mouros hum & hũ os



os forão derribando à todos. Francisco Pereira o melhor que pode no passo entreteve os de cavallo, mas como vèo a gente frecheira dos Mouros, que erão de pè, fizerão recolher os nossos à fortaleza, a maior parte delles feridos, & deixando no campo mortos mais de oitenta.[a] Com este desbarato, ficou a fortaleza tam desamparada de gente, & sujeita à todo desastre, se os Mouros tiverão animo para logo vir sobre ella, que por este receo escreveo Francisco Pereira à Antonio da Silveira o perigo em que estava: o qual acodio logo, & sabendo o caso, & quam perto el Rei de Cambaia andava, temeo, que sabendo a destroição que elle Antonio da Silveira deixava feita naquella costa, em vingança disso quisesse vir sobre aquella fortaleza, tanto mais tendo nova do que estes seus Capitães deixavão feito à pouco custo seu. Polo que por esta causa Antonio da Silveira em chegando mandou fazer muitas estancias, & assentar nellas sua artelharia, provendo na terra, & no mar, como quem esperava de se defender à todo o poder do Soltam Badur, que andava mui soberbo pelas terras do Nizamaluco. O que aproveitou muito, porque como estes Capitães que fizerão aquelle estrago, souberão que Antonio da Silveira era alli com a armada que trazia, & o que deixava feito, recearão de pagar o dáno que fizerão, & converterão sua indinação em tomar hũa fortaleza per nome Palle do Nizamaluco, que he das mais fortes que elle tem, & tal que não se pode tomar senão per fome. Esta fortaleza està em hum passo per onde da terra firme vem todos os mantimentos à Chaul, & se o Capitão della a não entregara, nunca fora tomada: & sòmente com o estrago da terra, & tomada desta fortaleza, por se vir o inverno, el Rei Badur se tornou para Cambaia, mas a fortaleza esteve pouco tempo em seu poder, por a cobrar o Nizamaluco.

Antonio da Silveira deu conta destas cousas de Chaul ao Governador, & as cartas o tomarão passando elle per Baticalà, & quisera ir à Chaul, se a doença que lhe sobrevèo, & o inverno lho não impedirão. E mandou logo que Francisco Pereira fosse preso sobre sua homenagem, & levado à Goa; & que Antonio da Silveira ficasse por Capitão na fortaleza, para que vissem os Mouros como se castigavão os Capitães que deixavão suas fortalezas, de que avião feito homenagẽ, & saião fora dellas sem mui grande necessidade. E tirandose devassa

a. *Escreve Francisco de Andrade (no cap. 44. da 2. parte) este successo de Chaul no tempo do governo de Lopo Vàz de Sampaio, & q̃ tendo o Governador nova desta desgraça, mandou à Chaul Antonio de Miranda com os seus poderes, o qual quando chegou achou jà em Chaul Eitor da Silveira, q̃ sabendo do q̃ acontecera acodira logo alli com a sua gente. E no cap. 56. diz, q̃ o Governador Nuno da Cunha ordenou à Antonio da Silveira (despois da destruição de Damã, & Agacim) que fosse à Chaul, & tomando posse da fortaleza, lhe mandasse preso Francisco Pereira polas culpas do successo do Argao.*

*Fernão Lopez de Castenhada no cap. 10. 11. do liv. 8. & Diogo do Couto no cap. 9. do 6. liv. em tudo se conformão com Ioão de Barros, differe sòmẽte Diogo do Couto no numero dos inimigos, porque escreve que erão mais de dozentos de cavallo, & dous mil de pè.*

devaſſa do caſo, caſtigou algũas peſſoas por incitarem à Fran ciſco Pereira ir aonde foi. Antonio da Silveira como teve recado do Governador que ficaſſe na fortaleza, deſpedio as mais das vellas da ſua armada, que foſſem invernar à Goa, deixando ſòmente hũa galeotta, & algũs bargantijs para ſerviço da fortaleza, & ſeiſcentos & cinquoenta homẽs para guarda della.

## CAPITVLO. XI.

*Do que Eitor da Silveira fez com a ſua armada, atè chegar à Mete, & deſpois à cidade de Adem, & como fez tributario o Senhor della.*

NO principio deſte livro diſſemos das tres armadas que o Governador Nuno da Cunha apreſtou em Cochij, das quaes hũa avia de ſer para o Mar Roxo, de que fez Capitão Eitor da Silveira, o qual partio de Goa à xxj. de Ianeiro, do anno de M.D.XXX. com quatro galeões, duas caravellas, & quatro bargantijs, em que ião ſeiſcentos homẽs, & fez ſua viagem à Ilha de Socotorà, para nella fazer ſua agoada, a qual feita diſpôs ſeus navios de maneira, que não paſſaſſe vella de Mouros ſem dar nas ſuas, eſtendendoas quaſi hũas à viſta de outras ao modo de rede, deſde o cabo de Guardafù, que he na coſta de Africa contra Xael na coſta de Arabia. Eſtando neſta ordem, hũa nao que ia de Mangalor carregada de eſpecearia, foi dar com Eitor da Silveira, a qual era do Chatim de Mangalor, & era ja partida d'aquelle porto quando Diogo da Silveira deſtroio ao Senhor della; mas ſe a fortuna a livrou de hum Silveira, vèo ſer tomada deſtoutro, com morte de quanta gente trazia, & foi grande ventura, porque aquelle anno ſòmente ſaio do Malavar com eſpecearia para Meca. Alem deſta, tomarão outras vellas, poſto que não de muita ſubſtancia. A Martim de Caſtro Capitão de hum galeão, na parte onde andava, coubelhe em ſorte outra nao, que ia de Dio, & levava dozentos homẽs, que quando os noſſos abalroarão com elles, ſe defenderão tam valeroſamẽte, q̃ ſe ouvera de perder Martim de Caſtro, & dez, ou doze homẽs q̃ ſaltarão cõ elle dẽtro na ſua nao; mas



mas na fim da peleja à cuſta de muitas feridas, principalmente das de Martim de Caſtro, ouverão vittoria delles, com morte da maior parte dos Rumes, ficando a nao em poder dos noſſos, a qual ia carregada de ricas mercadorias. E por Eitor da Silveira pela gẽte deſta nao, & de outros navios que tomou, tèr ſabido que as naos que aquelle anno carregarão em Cambaia, partirão de là cedo, com receo dos Portugueſes, temendo foſſem à Dio, & erão ja todas paſſadas ao Eſtreito, elle ſe foi ajuntar com toda a armada em o lugar de Mete, onde tinha mandado per regimento à todos, que no fim das preſas foſſem fazer agoada.

E porque Nuno da Cunha lhe mandara, que feitas as preſas, dandolhe o tempo lugar, deſſe hũa viſta à cidade de Adẽ, & achando no porto naos de pouca valia, mandaſſe dizer à el Rei, que por amor delle lhe não fazia dãno, & o cõmetteſſe amoroſamente, que ſe fizeſſe vaſſallo d'el Rei de Portugal; como ajuntou toda a frotta, mandou d'alli as naos que tomara para Maſcate, & elle ſe partio para Adem, aonde chegou à iiij. dias de Abril d'aquelle anno. Foi logo viſitado da parte d'el Rei com muitas vacas, & carneiros, & outros refreſcos, com palavras ſignificadoras de muito contentamento da ſua vinda, & per retorno ouve el Rei outras couſas que avia de eſtimar em muito. Paſſadas as viſitações, mandou el Rei dous homẽs Arabios dos principaes, ſaber de Eitor da Silveira a cauſa da ſua vinda, & a correſpondencia que o Governador da India queria tèr com elle. Ao que Eitor da Silveira reſpondeo, que o Governadot ſabendo que os Rumes o tinhão cercado o mandara com aquella armada ſoccorrer: & por em Socotorà achar nova ſerem ja idos,[a] eſpalhara a armada às preſas: & pois o Governador ſe movia à eſta boa obra por deſejar ſua amizade, pòr lho el Rei de Portugal ſeu Senhor encomendar, elle tambem devia de folgar de ſe obrigar à el Rei cõ algũa demõſtração, para o Governador da India tèr mais vivo cuidado das couſas delle Rei de Adem, & que eſta demonſtração devia ſer fazerſe vaſſallo d'el Rei ſeu Senhor, cõ algum reconhecimento de pareas, para o Governador da India o defender dos Rumes. Ao que el Rei reſpondeo, que antes por razão de elle entretèr aquella màgente noſſa inimiga, el Rei de Portugal lhe devia muito, pois não pretendião outra couſa os Turcos ſenão tomar aquella ſua cidade de Adẽ, & alli

a. *Diogo do Couto eſcreve, que os Rumes com o ſeu Capitão Muſtafà, em companhia d'el Rei de Xael, eſtavão ainda ſobre Adem, com mais de vinte mil homẽs, quando Eitor da Silveira chegou, & que temẽdo q̃ elle foſſe à tomar Xael, levantarão o cerco de Adem.* Cap. 10. liv. 6.

& alli se fazerem fortes para d'ella conquistarem a India. Eitor da Silveira disse à estes homẽs que ião,& vinhão, que nenhũa cousa o Governador da India mais desejava, que ver os Turcos tomarem algum lugar, para os ir desbaratar nelle, & que soubesse que muito mais certo tinha tomar aquella cidade de Adem da mão dos Turcos quando a elles tivessem, que da dos Arabios, mas como andavão escondendose em buracos,não os podia castigar. Que agora visse el Rei se queria a sujeição d'aquelles que conhecião por gente sem lei, & sem verdade,& atraiçoados,& crueis em todas suas obras, ou a amizade dos Portugueses, com a lealdade com que tratavão seus amigos,& os vassallos de seu Rei, & Senhor. Estes, & outros recados vierão,& forão tantas vezes,atè que el Rei concedeo fazerse vassallo d'el Rei de Portugal, com lhe pagar cada hum anno dez mil xerafijs, & deu logo mil & quinhentos mortos para se fazer em Ormuz hũa coroa d'ouro, de que lhe fazia serviço. Deste assento de paz, & vassallagem se fizerão duas escritturas assinadas per el Rei,& per Eitor da Silveira,de que cada hum ficou com a sua,& à rogo d'el Rei deixou Eitor da Silveira hum bargantim com trinta homẽs, de que ficou por Capitão Antonio Botelho.[a]

Antes que d'alli partisse Eitor da Silveira, lhe escreveo el Rei de Xael, que tambem se queria fazer vassallo d'el Rei de Portugal,& lhe entregaria toda a artelharia que tinha alli, & em Dofar que fora nossa, & a ouvera os annos passados. Disto ficou el Rei de Adem mui contente, vendo que todos desejavão a amizade dos Portugueses em odio dos Turcos, de que estava escandalizado, não tanto por a guerra que lhe fizerão, quanto por a pouca verdade que nelles achava, & maldades que cõmetterão. O Capitão destes que cercarão à cidade de Adem,de que ella ficou mui desbaratada, foi Mustafà,sobrinho de Raez Soleimão Capitão mòr da armada do Turco,de que atras fallamos.* Estas novas, & as da vassallagem d'el Rei de Adem,mandou Eitor da Silveira à Nuno da Cunha,

*No cap.8.do liv.1.

a. *Esta jornada de Eitor da Silveira divide Frãcisco de Andrade em duas, & em differẽtes tempos: porq̃ escreve no cap.47.da 1.par.q̃ em fim de Janeiro do anno de MDXXIIII. partio Eitor da Silveira de Goa para o estreito do Marroxo, per mandado do Governador D. Duarte de Meneses em busca de D. Rodrigo de Lima, q̃ não levou à India por o não achar em Maçuà. E que desta viagem aportãdo em Adẽ, fizera à el Rei della vassallo d'el Rei de Portugal, cõ hũa coroa de ouro de dous mil xerafijs de pareas, & que entã lhe deixara o bargantim para sua guarda, & per Capitão delle Fernão Carvalho, à quẽ el Rei matara (logo q̃ Eitor da Silveira se partio para a India) & aos Portugueses do seu bargantim, & à outros q̃ com a segurãça da paz vierão à seu porto. O q̃ soube despois no anno de XXVIII. Antonio de Miranda (como diz Francisco de Andrade no cap.66.da.1.parte) quãdo foi ao Estreito: pelo q̃ tomando de fronte de Adem hũa nao de mercadores ricos d'aquella cidade, q̃ vinha de Cambaia, despois q̃ a mandou despejar da fazenda q̃ trazia, & lhe pagarão os mercadores por seu resgate trinta mil xerafijs, os fez queimar vivos cõ sua nao.*

*E no cap.63.da 2.parte, escrevẽdo esta jornada de Eitor da Silveira do anno de M.D.XXX diz, q̃ chegou à Adẽ com desejo de tomar vingança da falsa paz q̃ el Rei lhe fizera com elle quãdo lhe dera a coroa de ouro de pareas: & q̃ el Rei em satisfação, lhe offerecera nova paz, & por vassallo d'el Rei de Portugal, cõ as mesmas pareas dos dous mil xerafijs, & q̃ refaria a quebra da outra paz passada, q̃ fora quebrada pelos muitos males, & grandes roubos, & insultos q̃ fazião os Portugueses q̃ alli deixara no bargantim, no q̃ se não tomou resolução, porq̃ se partio logo Eitor da Silveira para a India.*

*João de Barros não escreve a jornada de Eitor da Silveira do anno de XXIIII. senão do anno de D.XXVI. em tempo do Governador Dõ Enrique, no cap.1. liv.10. da 3. Decada, quãdo trouxe Dõ Rodrigo de Lima, & o Zagazabo Embaxador do Preste João. E no cap.9.do liv.7.da mesma Decada, trata da jornada q̃ Dõ Luis de Meneses fez ao Estreito em busca de Dõ Rodrigo, que não trouxe: & assi parece que Francisco de Andrade se enganou, fazendo de Eitor da Silveira a viagem de Dõ Luis de Meneses. F Diogo do Couto no cap.10. do liv.6.diz, q̃ quãdo Eitor da Silveira chegou à Adẽ, estava ainda cercada per Mustafà, o qual como vio a nosse armada levantou o cerco, & foise para Xael. E no mais se conforma cõ João de Barros neste capitulo, como tambem Castanheda.*



Cunha per Martim Vàz Pacheco Capitão de hũa das caravellas que levava. Tambem deixou hum bargantim em Mete com a nao da presa para a levar à Mascate antes que fosse à Adem. Com este bargantim vèo tèr hũa fusta de Turcos, & cuidando o Capitão ser algũa das da nossa armada, saio à ella,& em chegando, & conhecendo que se enganara, não pode deixar de pelejar, sendo os Portugueses sòmente doze, & os Turcos trinta, os quaes todos despois que cansarão de pelejar se assentarão para descansar, & tornando de novo à requesta, ficarão os nossos com a vittoria, bem feridos,& tres delles mortos, & os Turcos morrerão todos, & com a fusta tomada se forão à Mascate,& desta viagem que Eitor da Silveira fez,se levarão à Goa para el Rei trinta & dous mil pardaòs das presas.

*Frotta da India do anno de M.D.XXX.*

Este fim ouverão as tres armadas que Nuno da Cunha armou chegando à India, per tres Capitães de appellido de Silveira. Per Diogo da Silveira, filho de Martim da Silveira Alcaide mòr de Terena, pai de D. Maria da Cunha, primeira molher do Governador Nuno da Cunha: & per Antonio da Silveira, filho de Nuno Martiz da Silveira, Senhor de Goes, & dos Morgados da Silveira,& Lemos,& pai de Dona Isabel de Vilhena, segunda molher do mesmo Governador Nuno da Cunha, com quem entam era casado: & per Eitor da Silveira, filho de Francisco da Silveira, Senhor das Cerzedas, & de Sovereira fermosa, Coudel môr deste Reino. Todos tres parentes per descendencia de Nuno Martiz da Silveira o velho, que foi rico homem, Escrivão de puridade d'el Rei Dom Duarte, Aio d'el Rei Dom Afonso V.& Coudel môr,& Veedor mòr das obras do Reino.[a]

## CAPITVLO. XII.

*Como Nuno da Cunha partio para Dio, & das novas que soube per mercadores Arabios que na fortaleza de Damam achou.*

NVNO da Cunha por o muito que trabalhou em mandar fazer muitos apercebimentos para a jornada de Dio, era tam grande o apparato destas cousas, asi de navios, munições, mantimentos, que por não poder partir juntamente de

a. *Em Settembro deste anno de MDXXX. chegarão à Goa cinco naos do Reino, de seis que partirão delle sem Capitão mòr. Destas cinco erão Capitães Manoel de Brito, Luis Alvarez de Paiva, Fernão Camello, Vicente Pegado, & Francisco de Sousa Tavares provido da Capitania de Cananor. A cuja paragem chegou no fim de Outtubro: à outra nao (de que ia por Capitão Pero Lopez de Sampaio, q̃ levava a Capitania de Goa) com tanta gente morta & doente, q̃ não avia quem mareasse as vellas. E perderasse, se a não encontrara Diogo da Silveira Capitão mòr d'aquella costa, que metteo dentro na nao gente da sua armada, com que foi surgir no porto de Cananor, onde os doentes forão curados, a nao despejada, & levada à Cochij.*
*Francisco de Andrade cap.64. da 2. parte.*
*Fernão Lopez da Castanheda capit. 28 livro 8.*
*Nestas naos mandou el Rei à Nuno da Cunha, q̃ embarcasse para o Reino Afonso Mexia, & lhe fizesse invẽtario da fazenda, pelas culpas & capitulos que Pero Mascarenhas deu contra elle. A fazenda, que era de muita pedraria, perolas, peças de ouro & prata, & outras cousas ricas, se entregou aos Capitães das naos, em q̃ Afonso Mexia se embarcou em Janeiro de MDXXXI.*
*Diogo do Couto cap.2.do livro 7.*

de Goa com toda a armada, mandou Antonio de Saldanha[a] com algũas vellas que eſtavão preſtes, que o foſſe eſperar à Bombaim. Elle partio de Goa o primeiro dia de Ianeiro, do anno de M.D.XXXI. com parte da frotta, & para o mais que ficava deixou à Franciſco de Sà que a levaſſe. Chegado à Chaul,[a] deu a Capitania d'aquella fortaleza à Gaſpar de Teive, que era Alcaide mòr della, porque levou conſigo Antonio da Silveira, & chegado à Bombaim, onde eſtava Antonio de Saldanha eſperando por elle, ajuntou alli toda a armada,[b] a qual era de cento noventa & nove vellas; naos, galeões, & navios redondos erão vinte ſeis, galès & galeottas doze, fuſtas & bargantijs ſeſenta & ſeis, catùres quarenta & dous, ſeis naos grandes de Mouros, & quatro juncos, & quarenta & tres navios, à que chamão cotias, em que ia o Gentio da terra, Canarijs, & Malavares, que erão dous mil. Os principaes Capitães da frotta erão Antonio da Fonſeca do galeão S. Matheus, em que ia o Governador Nuno da Cunha; das outras vellas erão Antonio da Silveira, Diogo da Silveira, Eitor da Silveira, Antonio de Saldanha, Franciſco de Sà, Iorge Cabral, Franciſco de Vaſconcellos, Dom Antonio da Silveira, Vaſco Pirez de Sampaio, Nuno Fernandez Freire, Manoel de Brito, Rui Vàz Pereira, Manoel de Alburquerque, Enrique de Macedo, Antonio de Lemos, Iorge de Lima, Martim Afonſo de Mello Iuſarte, Iurdão de Freitas, Martim de Freitas, Dom Triſtão de Noronha, Fernão de Moraes, Manoel de Vaſconcellos, Gomez de Soutomaior, Fernão de Lima, Paio Rodriguez de Araujo, Triſtão de Taide, Ioão de Magalhães, Luis Falcão, Luis da Veiga, Gonçalo Baião, Fernão Roiz Barba, Iorge de Souſa, Paio Guedez, Gaſpar Preto, Gregorio de Abreu, Franciſco de Brito, Gonçalo Vàz Coutinho, Galvão Viegas, & outros cujos nomes não vierão à noſſa noticia.[c] Partido o Governador de Bombaim

a. *Eſcreve Fernão Lopez de Caſtanheda, que do Chaul mandou o Governador deſcobrir a coſta de Cambaia per Dom Manoel de Meneſes Tello com tres catùres, o qual chegando perto da Ilha das Vaccas, encontrou cõ Hag Mamude, q̃ diſuadio à Melique Saca entregar Dio à Eitor da Silveira, o qual andava guardãdo aquella coſta cõ vinte fuſtas bẽ armadas, que vendo os catùres os acõmetteo, & elles ſe forão retirando concertadamente, & chegando a Capitaina de Mamude, por ſer mais ligeira, à hum dos catùres zorreiro, Dom Manoel voltou à voga arrancada ao ſoccorrer, & abordando a fuſta, querendo ſaltar dentro os Portugueſes, os Mouros com medo ſe deitarão ao outro bordo, com que a fuſta çoçobrou, & ficarão os Mouros n'agoa, onde os noſſos matarão muitos, & entre elles à Hag Mamude: & porque as outras fuſtas ſe vinhão chegando, Dom Manoel ſe contentou de ſalvar o catùr, com o qual ſe foi à Chaul, onde foi bem recebido do Governador, aſsi por ſalvar o catùr de tamanha armada, como pola morte de Hag Mamude, Cap. 29. liv 8.*

b. *Dos grandes apercebimentos deſta armada (que foi a maior que atè entam ſe fizera na India) fazem particular relação Diogo do Couto no cap. 2. do liv. 7. & Franciſco de Andrade no cap. 66. da ſegunda parte, onde eſcreve, que afora os navios que muitos homẽs particulares fizerão à ſua coſta, avia neſta armada oito naos do Reino, catorze galeões, duas galeaças, doze galès, dezaſeis galeottas, dezentas & vinte oitovellas meudas de remo, entre bargantijs, fuſtas, & catùres, vinte cinco juncos grandes de Malaca, carregados de mantimentos, & muitas naos, zambucos, & cotias, de taverneiros q̃ ião vendendo mantimentos & vinhos da terra, com q̃ fazião numero de mais de quatrocentas vellas.*

c. *Franciſco de Andrade, & Diogo do Couto nomeão mais os ſeguintes, Garcia de Sà, Dom Vaſco de Lima, Triſtão Homem, Antonio de Sà o Rume, Nuno Pereira de la Cerda, Manoel de Souſa, Miguel Carvalho, Dom Roque Tello, Manoel de Miranda, Manoel Rodriguez Coutinho, Chriſtovão de Paiva, que ia por Feitor da armada, Rui de Mello, Lopo Pinto, Pero Botelho, Antonio da Cunha, Franciſco de Souſa, Antonio da Silva de Meneſes, Lopo de Meſquita, Martim de Caſtro, Vaſco da Cunha, Franciſco da Cunha, Nuno Fernandez de Macedo, Dom Fernando Deça, Ambroſio do Rego, Nuno Barreto, Gonçalo Gomez de Azevedo, Ioão da Silveira, Enrique de Souſa, Dom Manoel de Lima, Triſtão Gomez da Grãm, Ioão Mendez de Macedo, Diogo Botelho Pereira, Lourenço Botelho, Antonio Peſſoa, Antonio Correa, Ioão Iuſarte Tição, Vicente Correa, & Gaſpar Correa: de cujos eſcritos diz Frãciſco de Andrade q̃ tomou o mais do q̃ eſcreve das couſas da India, por elle ſe achar preſente à todas, de que dà relação.*



Bombaim,[a] com toda ſua armada, foi tèr à fortaleza de Damam, que era d'el Rei de Cambaia, & com temor ſe deſpejou logo, & todos os bargantijs entrarão dentro do rio à fazer agoada por ſer pequeno, & não para maiores embarcações. Aqui ſaio Nuno da Cunha em terra, onde mandou dizer Miſſa ſolenne, & fez hum Sermão o Comiſſario da Ordem de S. Franciſco, & na fim delle deu hũa abſolvição geral. O que acabado, mandou o Governador lançar pregão, em que o primeiro homem que ſubiſſe os muros de Dio, averia de merce d'el Rei quinhẽtos pardaos, & o ſegundo trezentos, & o terceiro cento, & eſcala franca à todos, tirando a artelharia, & caſcos das naos que erão d'el Rei per ſeu regimento. E per algũs mercadores Arabios que alli achou fazendo ſeus cõmercios, ſoube como Muſtafà, de que atras fallamos, ſobrinho de Raez Soleimão, era entrado em Dio avia poucos dias, em tempo que ninguem atè alli atravеſſou de Caxem, donde elle partio, para Dio, por ſer em Ianeiro fora de monção. E a razão de vir em tempo tam perigoſo, era por fugir das armadas Portugueſas, que temia vindo em tempo ordinario. Tambem ſoube o Governador, como na Ilha de Beth (que diſta ſete legoas de Dio para a enſeada de Cambaia, & mil paſſos apartada de terra firme) eſtava hum Capitão Rume com algũs Rumes, & Arabios, & outras naçõeſ de Mouros, que ſerião por todos dous mil homẽs, os quaes fazião hũa fortaleza, alem da que a meſma Ilha tinha. Eſta Ilha ſeria em redondo de legoa & meia, & ſobre a penedia de que era cercada, tinha em torno feito hum muro antigo de pedra, & cal, com baluartes, & cubellos de maneira que ficava como hũa cidade bem cercada. D'aquella fabrica era algũa renovada, como obra que ſe fizera, temendoſe que tomaſſem os Portugueſes poſſe della, com que ficaria Dio deſtroida, & deſpovoada. Sua entrada era hũa calheta entre hum arrecife de pedras, ſobre o qual eſtava hum baluarte para defender a deſembarcação, & logo junto delle duas portas dobradas enfiadas hũa em outra, & o caminho para ſubir acima era amparado de dous muros hum bom pedaço, atè entrar em terra chãa, porque ſòmente os baluartes & eſtes muros eſtavão ſobre a penedia, & encima no chão avia hum templo antigo, final que em algũ tempo aquella povoação fora couſa mais nobre do que agora era. Neſte lugar avia

a. *Neſta Ilha de Bombaim ſe fez reſenha geral da gente q̃ ia na armada, & acharãoſe tres mil & quinhentos & ſeſenta & tantos homẽs de peleja, contando os Capitães, mil & quatrocentos & cinquoenta & tantos homẽs do mar Portugueſes com os Pilotos & Meſtres, dous mil & tantos Malavares & Canarijs de Goa, oito mil eſcravos homẽs que podião pelejar, quatro mil marinheiros da terra q̃remavão, & mais de oitocentos mareantes dos juncos.*

tanta artelharia, que Nuno da Cunhá o não creo, ſenão deſpois que o vio.

## CAPITVLO XIII.

*Como Nuno da Cunha chegou à Ilha de Beth, & a deſtroio, & da crueldade que o Capitão della executou em ſua familia, por dar exemplo de ſua conſtancia.*

ALVOROZADO com aquellas duas novas Nuno da Cunha partio de Damam, atraveſſando à outra coſta da enſeada de Cambaia, & foi demandar à Ilha de Beth, onde chegou à ſette de Fevereiro, & em quanto a armada ſe agaſalhava, mandou à Antonio de Saldanha com todos os navios de remo que foſſe tomar a traveſſa do mar, que avia entre a Ilha, & a terra firme, & andaſſe em vigia, & viſſe a diſpoſição que a Ilha tinha per aquella parte, para ver per qual ſeria melhor cõmetter a entrada della. Porque em a armada ſurgindo, com grita, & artelharia a ſalvarão os inimigos de maneira, que bem moſtravão ſerem homẽs que defenderião a terra em que eſtavão. E como Nuno da Cunha vio eſta ſua determinação, tomou algũs fidalgos, & embargantijs, & catures foi dar hũa viſta à parte onde eſtava Antonio de Saldanha. E deſpois de reconhecer todos os lugares de dentro, & de fora da Ilha, & avido conſelho ſobre o que farião, forão todos de parecer, que não devia deixar aquella ladroeira atras, o que Nuno da Cunha approvou. E entre muitas razões que deu para ſe dever fazer, foi, que tomava aquelle acerto por bom pronoſtico, lembrando lhe que indo o Viſorei Dom Franciſco de Almeida à Dio desbaratar os Rumes, que de feito desbaratou, ſaio primeiro em Dabul, que deſtruio, & deſpois alcançou hũa mui illuſtre vittoria,* & outra tal eſperava elle naquella Ilha, & não menos glorioſa em Dio. Sò à Eitor da Silveira, à quẽ não faltava animo, nẽ cõſelho, pareceo q̃ a Ilha ſe não avia de acõmetter, porq̃ eſtádo a gẽte della cõ determinação de ſe defender, não ſe podia entrar ſem algũa perda de gente, que para a empreſa de Dio não ſe avia de arriſcar o mais pequeno homem d'aquella armada, porque tudo lhe era neceſſario. No que parece

**A tomada de Dabul eſcreve Iaõ de Barros no cap. 4. do liv. 3. da 2. Dec.*



rece que adivinhava ſua morte, & a falta que podia fazer. Determinado o acõmettimento da Ilha, por não aventurar Nuno da Cunha, nem dous grumettes que nella podião perigar, diſſe, que primeiro avia de ver ſe aquella gente ſe queria entregar à partido, & per hum homem de hum barco que ſe alli tomou da terra, mandou recado ao Capitão, dizendo, que elle via bem como eſtava cercado, & que nem pelo ar podia fair d'alli, ſenão per via de concerto, o qual parecia convirlhe ſe queria viver, deſpejando a Ilha de todo com ſua fazenda. Ao que o Mouro reſpondeo, que lhe mandaſſe hum ſeguro para ir fallar com elle, & vindo diſſe, que elle era hum homem ſò, & que não ſabia ſe poderia acabar com a gente que deixaſſem ſuas armas, & fazendas, & que dando elle ſeguro à tudo, trabalharia niſſo o que pudeſſe. Nuno da Cunha lhe reſpondeo, que o que tocava à ſua peſſoa, molher, & filhos, ſe os tinha, & propria fazenda, que era contente, & com iſſo o deſpedio para o outro dia tornar com a reſolução. A qual foi, que elles não erão homẽs para tam levemente alargarem o que lhes era entregue, que onde ſe perdeſſe a fazenda, là foſſem as vidas, & ſegundo ſe deſpois ſoube, os eſtrangeiros erão de parecer que ſe deſſem, mas os Guzarates naturaes temião tanto a crueldade de Soltam Badur, que não conſentirão no partido. E como gente determinada à morrer, toda aquella noute ſe raparão as cabeças (que he hũa ſuperſtição de que uſão os que deſprezão a vida, aos quaes chamão na India Amaucos) & ſe forão à ſua Meſquita, & alli offerecerão ſuas peſſoas à morte, ou ao que a ventura delles diſpoſeſſe, pois querião manter à fè que tinhão dada; & em final deſte voto, o Capitão por dar exemplo de ſua determinação, mandou fazer hũa grande fogueira onde lançou ſua molher, & hum filho pequeno que tinha, & toda ſua familia, & fazenda entregou ao fogo, temendo que algũa couſa ſua podia vir à noſſo poder. Outro tanto fizerão algũs tam deſeſperados como eſte Capitão.

Nuno da Cunha como teve o ſeu deſengano, para o outro dia ordenou as peſſoas que avião de cõmetter a entrada onde elles eſtavão. A Fráciſco de Sà, & à Manoel de Alburquer que deu hũa parte à Antonio da Silveira, & à Diogo da Silveira, & à Manoel de Souſa outra, à Eitor Silveira, Iorge

Cabral, & à Rui Vàz Pereira outra, à Martim Afonſo de Mello com algũs Capitães dos navios outra: & elle com Antonio de Saldanha, & todos os outros Capitães tomou outra. Vindo a luz da manhãa cada hum acodio à ſeu lugar com grande animo. Os Mouros como eſtavão offerecidos ao Demonio, aſsi ſe vinhão metter nas armas dos noſſos, como que na ſua morte, eſtava a ſalvação da Ilha, & dando, & recebendo de ambas as partes, ouve aſſaz ſangue, & algũs ficarão logo onde os ferirão. E outros morrerão deſpois das feridas que ouverão, aſsi como Eitor da Silveira que de hũa eſpingardada que lhe atraveſſou hũa perna morreo d'ahi à ſeis dias, ao que ajudou ſua mà diſpoſição, que dezião ſer quaſi ethico. E como nelle avia hum animo invencivel, & de ſuas obras lhe reſultava tanta gloria, & fama, & era tam neceſſario ao ſerviço d'el Rei, não lhe impedia a doença trattar as armas, & offerecerſe aos maiores perigos: & aſsi acabou com univerſal ſentimento, & notavel perda. Tambem morreo Dom Franciſco de Caſtro, filho de Dom Antam de Almada Capitão de Lisboa, Ian'Alvarez de Azevedo, Enrique de Souſa, & outros que fazião numero de doze peſſoas; os feridos forão mais de cento, de que os principaes erão Rui Vàz Pereira, & Ioão da Silveira. Os Mouros como ſe virão entrados per tantas partes, começaraõſe de recolher ao lugar de ſeu juramento, que era a Meſquita, a qual eſtava no meio da Ilha, onde ſem ſe quererẽ entregar morrerão com hũa braveza de animaes brutos à cuſta do ſangue dos noſſos. Muitos delles por fugirem o ſeu ferro, lançaraõſe pelas barrocas da Ilha abaxo, & vinhão tèr ao mar, onde os bateis noſſos os andavão fiſgando às lançadas, com que acabarão como os outros: os quaes per ditto delles meſmos forão mil & oitocentos; forão tomadas ſeſenta peças d'artelharia de toda ſorte. A cerca, & baluartes ficarão aportilhados, principalmente a obra nova, que era menos forte: & por eſte feito ſer hum dos mais perigoſos, & bem pelejados da India, & em que morrerão tantos Mouros, algũs chamarão à eſta Ilha, a dos mortos, & outros lhe chamão de Santa Apollonia, por ſer tomada em ſeu dia, nove de Fevereiro.[a]

[a] *Eſcreve Diogo do Couto, & Fernão Lopez de Caſtanheda, q̃ na tomada deſta Ilha, arremettendo hum ſoldado Portugues com hũa lança à hũ d'aquelles amoucos, elle ſe metteo per ella, & correndo pela aſtea atè chegar ao ſoldado, lhe deu hũa cutilada per hũa perna, que lha cortou, & ambos cairão mortos à hũ tempo.*

*E Franciſco de Andrade refere, q̃ tomada a Ilha, rodeandoa Gaſpar Correa em hũ catùr, vio ſobre hũ penedo quatro molheres, & hũ homẽ, & indo para os tomar, o Mouro com hũa adaga degollou duas, apartando ellas voluntariamente as gargantas, & querendo degollar as outras o matarão com hũa eſpingardada, & ellas ſe deitarão ao mar para ſe afogarẽ, por não virem à poder dos Portugueſes, & tomadas dos remeiros do catùr, o intentarão deſpois algũas vezes.*





Nuno da Cunha acabando de ſe recolher a gente à ſeus navios, a primeira couſa que fez foi em hum catùr andar de navio em navio viſitando todos os homẽs principaes feridos: & apôs iſſo mandou ao Secretario Simão Ferreira, & com elle o Patrão mòr que foſſe de fronte deſta Ilha à terra firme, à hũa ribeira d'agoa, ver ſe era para fazer agoada nella. E por acharem que o era, tornou là Simão Ferreira à iſſo, & Franciſco de Sà em ſua guarda, aos quaes os moradores de hum pequeno lugar que eſtava à borda d'agoa, vierão pedir ſeguro para o irẽ pedir ao Governador que lhes não mandaſſe fazer dãno algum, & elle lho concedeo, & lhe mandou dar certos covados de velludo cremeſim, de que ficarão contentes.

## CAPITVLO XIIII.

*Como Nuno da Cunha viſto o ſitio, & baluartes de Dio, ſe determinou em o combater.*

DA Ilha de Beth partio Nuno da Cunha aos xij. de Fevereiro, mandando diante de toda a armada à Simão Sodrè à hum rio que ſe chama Madrefabat, para defender que quando a armada per alli paſſaſſe, não entraſſe algũa das vellas dentro para elle ancorar com toda a frotta junta, & dar della hũa grande moſtra, como fez meia legoa da face de Dio. E tambem por evitar o perigo da artelharia, de que logo teve experiencia, porque lhe tirarão com hum baſiliſco, cujo pelouro andava ſaltando entre as vellas, & emendandoſe a pontaria, parecendolhes que não chegava bem, ſobrelevou toda a frotta. Nuno da Cunha viſto o ſitio da cidade, os baluartes, & villa dos Rumes, & toda ſua diſpoſição, ouve que não tinha informação de homẽs, nem pintura de papeis, que podeſſem demonſtrar o que elle ſentia com a viſta; & que quantas informações erão dadas à el Rei em Portugal, & regimento que para aquella empreſa lhe dera, tudo era pouco mais de nada, para o que elle via, & convinha fazerſe. E ſegundo elle deſpois dezia, ſe nelle ſò eſtivera a execução d'aquelle caſo, &

não ouvera de dar conta ao mundo, elle não gastara nisso hum arratel de polvora. Porem como era necessario satisfazer ao mandado d'el Rei, & à opinião das gentes, convinha fazer experiencia, & acabar de desenganar tanto enganado.

*No cap.9.do 2.livro da 1. Decada, escreve da fundação de Dio, & de seu sitio no cap.5.do livro.3.da mesma Decada.

E posto q̃ ja atras * em algũa maneira escrevemos a postura, & sitio desta cidade, toda via primeiro que digamos o modo de como foi combatida, daremos hũa breve noticia de algũas cousas della. O lugar em que esta cidade està situada he terra firme, mas porque hum esteiro do mar a rodea fica em Ilha. Este esteiro faz duas boccas, hũa da parte do Norte, que por ser baxo, & aparcelado, não se servem per elle, & a face desta Ilha, q̃ fica da banda do mar, & corre atè a outra bocca do esteiro da parte do Sul, he tudo hũa rocha de penedia mui aspera, principalmente onde a propria cidade tem seu assento, que he na bocca do esteiro do Sul, & quasi toda a povoação, & o principal serviço della, jaz ao longo deste esteiro, que será de largura de hũa milha. Da outra banda d'elle, na mesma parte do Sul, està hũa povoação à que chamão villa dos Rumes, * & aqui espraia o mar, de maneira por ser aparcelado, que não pode nadar hum barco, que he mui differente do canal, que vai ao longo da cidade, que tem fundo porque entram os navios, & de cima della se pode defender, à quem quiser entrar per elle; & para esta entrada ficar mais defensavel, à meio esteiro, entre o aparcelado da banda da villa dos Rumes, & a cidade, fizerão hum baluarte baxo mui forte, que joga ao lume d'agoa, & como està no meio, serve de través à outros tres baluartes que ficão da parte da cidade, hum junto às casas da alfandega, onde se descarrega a fazenda que entra, & outro mais abaxo contra o mar, fronteiro quasi ao do meio do esteiro, & o que chamão de Diogo Lopez, que jaz abaxo de todos. Deste baluarte que està no meio, ia hũa grossa cadea ao outro baluarte fronteiro, sostentada sobre barcos, & da outra parte contra a villa dos Rumes corria outro lanço da cadea tambem sobrebarcos, atè dar em hũa ponte de madeira que ficava em lugar de estancia atè a villa. Alem desta cadea, que fechava aquella entrada, estavão entre bargantijs, & fustas mais de oitenta vellas, com muitos frecheiros, & espingardeiros para acodirem à parte onde necessario fosse. Na villa dos

*O seu proprio nome he Gogalà.



dos Rumes estava gẽte da terra, com suas molheres, filhos, & fazenda, para os obrigar à não desamparar o lugar se cõmettidos fossem. A cidade estava atulhada de gente de diversas nações, & todos os muros, & eirados, & partes de que podião ver a nossa armada estavão cheas, & com grandes grittas, mostrando que a tinhão em pouco. Porem a verdade he (segundo despois se soube) que Melique Tocam, quando vio o mar coalhado de vellas, & soube que na Ilha de Beth erão mortos mil & oitocentos homẽs, os quaes estando em hum lugar tam defensavel forão entrados à poder de ferro, esteve mui abalado para deixar a cidade, ou ao menos fazer algũ partido d'elle ficar com a vida, & fazenda seguro. Mas (segundo tambem se disse) Mustafà, que era chegado de poucos dias,[a] vendo a disposição da cidade, & que em todas as cousas que tinha visto em Italia, & Turquia, não avia algũa que per natureza, & arte fosse tam defensavel como ella, & sobre isso a muita artelharia, assi a que avia na cidade, como a que elle trouxe por ser mui grossa, em que entravão basiliscos & outras peças mui furiosas, & muitos generos de artificios de guerra, & com tanta gente,[b] não desconfiava de poder defenderse, com que todos se determinarão à esperar a primeira bateria.

a Chegou Mustafa à Dio com dous galeões carregados de soldados, artelharia, & munições tres dias antes que o Governador. Diogo do Couto cap.4.do liv.7.

b. Avia na cidade dez mil homẽs que podião tomar armas.

Nuno da Cunha despois que notou o que pode ver do estado, & disposição da cidade, teve conselho com os principaes Capitães, declarandolhe a vontade d'el Rei, sobre o cõmettimento della, & o que lhe tinha escritto pela informação que lhe tinhão dado, que era cõmetter a entrada da cidade pela villa dos Rumes, por ser combate mais segũro, tendo sempre diante à vida dos homẽs. E pois todos tinhão ante os olhos o que avião de acõmetter, lhes pedia que cada hum desse seu voto, perque lugar seria, conformandose com a tenção d'el Rei seu Senhor. Posto este negocio em prattica, despois que foi altercado per final conclusão, per muitos inconvenientes, & pouca disposição para isso, ouverão que não podia ser pela villa dos Rumes, se não per a mesma cidade, & assentado per onde a avião de combater, não se fiando Nuno da Cunha d'outrem, o dia antes da bateria per si mesmo com o piloto mòr d'armada, andou sondando os lugares onde se devião pôr os que a batessem. E per pessoas que

para isso ordenou, dando à cada hum seu rol, se notificou aos navios pequenos, que Capitania cada hum delles avia de seguir da repartição que fez.

## CAPITVLO. XV.

*Como Nuno da Cunha cõmetteo á cidade de Dio, & por a principal artelharia lhe rebentar, & aver outros impedimentos, não perseverou no combate.*

VISTA a disposição da cidade, & determinação do conselho, que se acõmettesse per mar, o Governador ordenou as estancias em tres partes, pelo baluarte que estava no meio do rio, & per outro da terra de fronte delle, & por o que chamavão de Diogo Lopez. Para este, por causa de hũa calheta à maneira de concha onde se podia desembarcar, & parecia que derribando algum pedaço do muro, & pondose escadas, poderia a gente subir per aquella parte, ordenou Iorge Cabral, Manoel de Sousa, Martim Afonso de Mello, cada hũ em sua galè, & em hũa galeaça Manoel de Albũrquerque cõ hum basiliſco, Francisco de Vasconcellos em hũa galè com outro; & Iurdão de Freitas com outro em hũa albetoça, Fernão de Lima, Manoel de Vasconcellos, Ioão de Magalhães, Enrique de Macedo, & Gomez de Sotomaior em galeottas: Alem destes navios, ião algũs bateis grandes, cada hum com sua peça grossa, & mantas, de q̃ erão Capitães Iorge da Azambuja, Vasco da Cunha, & sobre elles Antonio de Saldanha cõ sua taforea, da qual tirava hũa salvagem à cidade à matar gente, & fazer o dano que acertasse: & elle andava em hum catùr (em que lhe matarão hum homem com hum pelouro de bombarda) correndo os navios da gente d'armas, que tambẽ alli era repartida, para que avendo algum modo de entrada saissem. Contra o baluarte do mar, ordenou o Governador tres bateis grandes, & poderosos, que para isso forão feitos, com mantas, & tiros mui grossos, de que erão Capitães Dom Vasco de Lima, Iorge de Lima, & Tristão Homem. Contra o baluarte da terra à este fronteiro, ordenou Francisco de Sà em hũa galè bastarda, que tirava hum basiliſco, & dous liões, & Antonio de Sà em hũa galè com outro basiliſco, & dous camelos,



camelos, Nuno Fernandez Freire levava outra, de que tiravão outros tres tiros grossos com suas mantas, & arrombadas, & amparo para a gente correr menos perigo. E Nuno da Cunha ficava com toda a outra gente, asi Portuguesa, como Canarij da terra de Goa, pela qual repartio as escadas, & munições, com que avião de acodir se necessario fosse saltar em terra. E para que a mais frotta ficasse segura detras, & os que dessem a bateria estivessem seguros de oitenta fustas que os Mouros tinhão dentro da cadea, que como são ligeiros em suas remettidas, podião fazer torvação, ordenou que Antonio da Silveira com duas galeottas, & vinte bargantijs estivesse em sua guarda, para acodir quando fosse necessario, & que se posesse hum pouco afastado para segurança da gente, por serem navios ralos.

Dada esta ordem à todos os Capitães, quando vèo ao outro dia, que forão xvj. de Fevereiro, dia de Santa Iuliana virgem, cada hum estava posto em seu lugar; & dado por final no batel de Dom Vasco de Lima hum tiro com hũa peça, à que os nossos chamão espalha fato, por ser mui furioso, começarão o mar, a terra, & àr à tremer, & mudar a quietação que tinhão: porque o mar fervia saltando para cima as suas agoas com o cair dos pelouros que vinhão da cidade, & fustalha, onde avia grande numero de espingardaria, de maneira que os pelouros fazião hũa chuiva: & no àr, & agoa se encontravão. A terra era toda posta em poeira que levantavão os nossos tiros das estancias que batião. O àr era hum fumo de enxofre asi escuro, & grosso, que afogava os homẽs, & os cegava, & entre elle hũs relampados de fogo, que parecião vir do inferno. Tudo era hũa escuridão sem algũa luz, sòmente hum terror, & espanto aos olhos, tormento aos ouvidos, & hũa confusão de animo, que não sabião os homẽs onde estavão, & se era sonho o que vião, ou verdade.

Neste tempo andava Nuno da Cunha em hum catùr, por ser manhãa fria, vestido de hũa roupeta d'escarlata, & chapeo de seda de felpa, & encima o cobria hum sombreiro da China grande tambem de seda de còr; tudo porque fosse visto, & conhecido, & desse animo aos homẽs. Neste catùr trazia sòmente o Secretario Simão Ferreira, & perpassando pela taforea em que estava Antonio de Saldanha, vio nella à Tristão de Gà, ao qual por ser seu amigo, & com que folgava, lhe

disse: *Ah galante entrai aqui com nosco, não aveis vos de levar essa vida.* E porque despois de ser dentro no catùr chovião pelouros d'artelharia,& hum delles passou per junto de Tristão de Gà, com cujo vento se assombrou; disse à Nuno da Cunha: *Ah senhor à isto me trouxe V. S. aqui?* & elle respondeo muito enteiro, & seguro estas palavras da Igreja: *Humiliate capita vestra.* E porque elle corria tudo, ora à hũa parte, ora à outra, chegando à Iorge de Lima, achou que lhe erão mortos quatro homẽs, & tinha o batel arrombado, & como se não podia tèr sobre a agoa, o rebocou, & levou à seu galeão ao concertar. Neste tempo, estando Dom Vasco de Lima no seu batel em pè, lhe levou hum pelouro a cabeça do corpo. Os que estavão na bateria do baluarte da terra à este fronteiro com sua artelharia lhe não fazião dãno: porque como maciço não obrava mais o pelouro que amassar hum pouco o lugar onde dava, & maior dãno fazia com o repuxo à quem tirava que ao baluarte. A Francisco de Sà rebentoulhe o seu basiliſco, & o que tinha Antonio de Sà fez hũa senda na bocca com que não podia tirar mais. A serpe que estava na galè de Nuno Fernandez Freire tambem arrebentou. Os que estavão da banda do baluarte de Diogo Lopez de Sequeira,que batião com tres basiliſcos, & outras peças,por o muro ser dobrado,& a bateria ser do mar, & o repuxo da furia dos tiros não ser em cousa fixa,& immobil,fazião muito pouco dãno,sòmente hum basiliſco que tirava à montão dentro na cidade (segundo se despois soube) fez muito mal na gente. Os Mouros que estavão no baluarte do meio do rio, como virão os bateis retirados, converterão os tiros às galès,& aos outros navios que lhe caião em põ- 30
taria,com que fazião muito mal aos nossos, matando algus, sem delles poderem receber algum dãno.E nisto gastarão todo o dia atè a noute, sendo toda a perda nossa, assi da gente, como das peças d'artelharia,que arrebentarão; porque alem das nomeadas,tambem arrebentou hum basiliſco à Francisco de Vasconcellos,& à Iurdão de Freitas outro,& à Martim Afonso de Mello hum lião.

O Governador como sempre andava visitádo estas estácias dõde se dava a bateria,sabia particularmẽte o q̃ acõtecia à cada navio.Eporq̃ o tẽpo não dava mais lugar,mádou afastar os cõ 40
batentes,



batentes; & para se determinar o que farião ao seguinte dia, aquella noute teve conselho com todos os Capitães,& altercado o caso, visto que o maior dãno d'aquelle dia fora dos nossos,& não dos inimigos,& que das peças da nossa artelharia,as mais importantes erão quebradas, & que quanto acõmetter a cidade pela villa dos Rumes,como el Rei mandava, per mà informação que lhe derão,era impossivel, assentou, que nenhũa outra cousa podia fazer dãno à aquella cidade, & ao Reino de Cambaia, senão trazer boa armada no mar, 10
& não lhe deixar entrar,nem sair cousa algũa: porque era regra certa,que quem era senhor do mar, tambem o era da terra; & assi se resolveo que o Governador se tornasse para Goa; & que Antonio de Saldanha ficasse com boa armada para fazer todo o mal; & dãno que pudesse na enseada de Cambaia. Polo que logo aquella noute mandou Nuno da Cunha que todos se fizessem à vella,afastandose o mais largo que podessem da cidade.Este successo teve esta jornada, que fora prospero se o Governador se não detivera na tomada da Ilha de Beth,& navegara dereito à Dio, ou se despois de to- 20
mada partira logo,& chegara à aquella cidade antes de entrar nella Mustafà, que persuadio à Melique Tocam que se defendesse.O que mais espantou aos Mouros neste combate, foi a cõstancia com que os nossos em todo hum dia, recebendo,& não fazendo dãno,durarão,atè que a luz do dia lhes faltou, & os despedio, com morte sòmente de trinta pessoas, que pareceo cousa milagrosa, segundo a multidão dos pelouros chovia sobre elles.Tambẽ ouverão por muito tornar tam grãde armada tam enteira como vèo sem algũ desastre.

O Governador despedido d'Antonio de Saldanha, foise 30
para Chaul,onde se deteve algus dias ordenando hum baluarte,muros,& cava,& outras cousas para defensão da fortaleza. Providas estas cousas,partiose para Goa,& seguindo seu caminho,vèo tèr com elle Bastião de Faria,que vinha de Calecut com nova que o Samorij lhe queria dar lugar para fazer hũa fortaleza.Chegado à Goa à xv. de Março esteve na cidade,atè q̃ chegarão duas naos que forão deste Reino, para irem à China. De hũa vinha por Capitão Manoel Botelho, & da outra Manoel de Britto, as quaes não forão à China, mas o Governador as tornou mandar cõm carga para o Rei- 40
no, como adiante se dirá.

CAPI-

*Frotta da India do anno M.D.XXXI.*

*a. Estas naos erão de hũa armada de seis naos que partirão do Reino em Março de M.D.XXXI. hũa dellas arribou à Lisboa,em q̃ia Pero Vàz do Amaral,Corregedor da Corte, cõ òfficio de Veedor da Fazenda, & Capitania de Cochij. Das cinquo erão Capitães Aquiles Godinho,Diogo Botelho Pereira, Manoel Botelho, Ioão Guedez,& Manoel de Macedo, que levou preso à Portugal Raez Xarafo,& vinha provido da fortaleza de Chaul. A nao de Manoel Botelho por erro do seu Piloto,foi parar às Ilhas de Nicobar,donde voltou à Cochij. A de Manoel de Macedo errando tambẽ o seu Piloto a navegação,mettose do cabo de Comorij para dentro,sem saber donde estava, & foi varar a nao na restinga da Ilha dos Iogues, de fronte do lugar de Calecare povoado de Mouros Naiteas. Manoel de Macedo desembarcou na restinga, & em hũa ponta de area se fortificou com a artelharia da nao; & como mui esforçado Capitão se defendeu doze dias dos Mouros, que em muitos navios que ajuntarão, os combaterão com muitas peças d'artelharia de dia,& de noute, atè que chegou o soccorro de Cochij (aonde Manoel de Macedo com o esquife avisou ao Capitão do seu naufrágio) com q̃ os Mouros se retirarão,& embarcada toda a gente, artelharia, munições,& fazenda nos navios que vierão de Cochij, poserão fogo ao casco da nao, & chegarão à salvamento à aquella cidade. Tres destas naos vinhão ardenadas do Reino para fazerem viagem à China,& por aquella Provincia estar levantada, o Governador as tornou à mandar à Portugal em Ianeiro de M.D.XXXII. aonde não chegarão as duas de Manoel Botelho, & de Diogo Botelho, nem apparecerão mais.*
*Francisco de Andrade,cap.75.da 2. parte,& Diogo do Couto cap.11. do livro.7.*

## CAPITVLO XVI.

*Como Muſtafà foi recebido de Soltam Badur com muitas honras, & merces, & dos nomes de honra, & titulos com que ſe nomeão os Principes, & nobres do Oriente.*

LOGO que partio o Governador de Dio, ſe partio Muſtafà com todos os da ſua companhia para onde eſtava Badur, de quem foi recebido cõ muita honra, & gaſalhado, aſsi por a fama q̃ delle tinha, como por o grande preſente que lhe fez de muitos cavallos Arabios, & armas de toda ſorte, & peças ricas de ſeda & ouro, & o que era mais principal, muita artelharia, em que entravão baſiliſcos, & outras peças de bater, que forão cauſa de ſe defender Dio dos Portugueſes, o que el Rei muito eſtimou; & por moſtrar a vontade com que o recebia, & galardoar a Muſtafà o preſente de ſua peſſoa, & do mais, lhe fez merce da Capitania de Baroche, que he na enſeada de Cambaia, & de grande rendimento, & aſsi d'outras terras, & juntamẽte o nome de Rume, & o honroſo apellido de Chan.

O Rume lhe chamou por ſer natural Grego: porq̃ os Mouros da India como não ſaibão fazer diviſão deſtas Provincias de Europa à toda Tracia, Grecia, Eſclavonia, & ilhas circunvezinhas do Mar Mediterraneo, chamão Rum, & aos homẽs dellas Rumij, ſendo eſte nome proprio dos naturaes d'aquella parte de Tracia em que eſtà Cõſtantinopla, que do nome que ella teve de nova Roma, tomou a Tracia o de Romania. E aſsi ſão differentes nações Rumes & Turcos: porque eſtes tem a ſua origem da Provincia Turcheſtan, & os Rumes da Grecia & Tracia, & como taes ſe tem por mais honrados que os Turcos, fazendolhes ventajem nos coſtumes & valor, & tendo por afronta chamarenlhe Turcos. E poſto q̃ nas meſmas Provincias de Grecia, Tracia, Eſclavonia ha Chriſtãos, não ſão dos Mouros aborrecidos, como os das outras partes de Europa, à que elles chamão Frangues. A origem deſte vocabulo, & deſte odio he do tempo em que Gotfredo de Bulhon conquiſtou a Terra Santa. Porque como elle, & os mais dos Principes, que forão as cabeças d'aquella expedição erão Franceſes,



Franceſes, que forão grande terror dos Arabes, Perſas, & Egipcios, de que fizerão grande eſtrago, & lhe tomarão ſuas terras, chamarão ſempre Frangues, por dizerem Franceſes à todos os Chriſtãos de França, Eſpanha, Alemanha, & das outras Provincias do Norte. E como os homẽs deſtas nações ramẽte ſe tornão Mouros, & obedecẽ à Igreja Romana, tẽ elles à todos por verdadeiros Chriſtãos, & por o odio que lhes tem, & aborrecimento ao nome de Frangue, por vituperio chamão aos Chriſtãos deſtas partes Frangues, como nos à elles impropriamente chamamos Mouros.

O Chan que acreſcentou el Rei Badur ao Rumi, he denotação de dignidade tomada dos Tartaros, & que entre os Guzarates, & outros Povos do Oriente, ſe coſtuma dar por eſtado, ou merecimentos de peſſoa, que denota entre elles hũa dignidade como em Eſpanha a de Duque. E porque em diverſas nações d'aquellas Orientaes ha muitas differẽças deſtas adjecções, & additamentos, que ſe fazem aos nomes proprios, ſegũdo he a dignidade da peſſoa, aſsi para entendimento do que nos eſcrevemos neſtes livros, como para os que traduzem de hũa lingoa em outra, ſaberem fazer a diſtinção do nome, cognome, & agnome como os Latinos, ſerà neceſſario darmos diſſo a noticia que alcançamos, por ſer couſa que muitos não ſabem.

Os Perſas, como gente mais politica que todos os Orientaes (excepto ſempre os da China) derão entre os Mouros à elles vezinhos diverſas denotações de honra, & tudo exemplificaremos conforme aos atributos dos ditados, & dignidades de Eſpanha, donde as outras nações o podem applicar à ſeus uſos. Eſte nome Xiah, que em lingoa Arabiga ſignifica Governador, ou Capitão, junto à qualquer nome proprio, dão os Perſas à ſeus Reis, & acerca delles denota Emperador, donde vem chamarẽlhe Xiah Iſmael, Xiah Tamas. Bec, reſponde à dignidade de Conde. Emir, que quer dizer Capitão, he titulo que ſe dà ao fidalgo. Xech em Arabigo, & Cogia em Turqueſco, ſignificão homẽ velho d'autoridade. Raez, de nota em Arabigo Principe, & Capitão que manda navio, pelo que vſão delle os Governadores dos Reinos. Os Turcos chamão à ſeu Rei Paderan. & Vazir, que quer dezir Conſelheiro, he dignidade igoal à do Duque, & Baxia à do Conde. Sãgiac, he o meſmo q̃ Capitão de bãdeira; Chiauſe Cavalleiro

da

da caſa d'el Rei; Ianglichiari eſcravos d'el Rei, a que nós chamamos Ianiçaros. Os Arabios no tempo de ſua potencia chamavão Soltam ao Rei do Cairo, o qual nome os Turcos tomarão delles.

Deſtas nações dos Mouros tomarão outras ſeus appellidos de honra, como os do Reino de Cambaia, o nome de Soltam, que derão ao ſeu Rei. Os Capitães do Reino do Decan acreſcentão à ſeus nomes proprios outros de honra, de que ſe mais prezão, chamandoſe Iniza Malmulco, que quer dizer, lança da terra, Cota Malmulco fortaleza da terra, Adilchan da juſtiça ſenhor; & nos corrompendo eſtes nomes, lhe chamamos Nizamaluco, Cota Maluco, & Hidalchan. Os Mouros Malaios tem hum termo que he Raja, que quer dizer d'el Rei, o qual acreſcentão à ſeus proprios nomes, cõ que ficão, ſignificando cavalleiro d'el Rei, braço d'el Rei. Entre os de Maluco ha hum prenome de honra que he Cachil, como entre nos Dom, & dizem Cachil Daroes, Cachil Vaidua. Finalmente não ha lugar na terra em que não aja eſta ambição de nomes honroſos, no fim, ou no principio do ſeu proprio: & o mais comum naquelle Reino de Cambaia he o de Chan, q̃ Soltam Badur deu à Muſtafà, chamandolhe Rumechan: & como à homem à que melhor cabia o governo de quantos Rumes, & Chriſtãos avia em ſeu Reino, lhe deu a Capitania delles.

## CAPITVLO. XVII.

*Do que fez Antonio de Saldanha com a armada que lhe ficou, & como o Governador ouve à mão hum irmão d'el Rei de Cambaia, & do ſucceſſo d'armada de Dom Antonio da Silveira, & da ſua morte.*

ANTONIO de Saldanha ficou com ſeſenta vellas, as mais dellas de remo, & com mil & quinhentos homẽs, à quem o Governador mandou que primeiro q̃ entraſſe na enſeada de Cambaia, eſtiveſſe no porto de Dio algũs dias, cõmo eſteve oito, ſem as oitenta fuſtas de Melique que dentro da cadea tinha ouſarem ſair. Partido d'alli entrou na cidade de Madrefabat, que diſta cinco legoas de Dio, contra a Ilha de



de Beth, com tenção de fazer alli agoada, porque tem hum eſteiro em que bem podia entrar toda a armada, & foi à tempo que eſtava toda deſpejada de gente, temendo que os Portugueſes foſſem à ella. Eſta cidade era toda cercada de muro, & da parte da terra firme tinha ſerventia de duas portas, onde Antonio de Saldanha em quanto os noſſos andavão recolhendo hum pouco de deſpojo que acharão aſſaz pobre, mandou pôr à hũa das portas Fernão Roiz Barba com trinta homẽs, & na outra Iorge de Souſa com vinte cinco. Per ambas cõmetteo entrar muita gente de cavallo dos Mouros, & poſto que entrarão, cuſtou a vida à dezaſete que alli ficarão mortos, ſendo algũs dos noſſos feridos. E vendo que entrar dentro era ſua perdição, quiſerão tornar à ſair per onde entrarão, & por acharem as portas defendidas, como gente ja deſeſperada, vierão demandar as portas da ribeira, por ſer lugar mais eſpaçoſo, perque podião fugir. E neſte caminho que fizerão pelo terreiro, ficarão alli algũs derribados às lançadas. Queimada eſta cidade, & Talajà, entrou Antonio de Saldanha para dentro da enſeada, ao longo da coſta d'aquella parte de Cãbaia, & foi à hũa cidade grande, & antiga, chamada Gogà, [a] de muito tratto, que diſtarà de Madrefabat vinte quatro legoas, pouco mais, ou menos. Neſte porto achou dezoito paraòs de Malavares carregados de eſpeccaria, que erão os melhores de todo o Reino de Calecut, por ſerem de tres mercadores ricos, Pate Marcar, Cutiale, & de ſeu filho. Eſtes tanto q̃ ouverão viſta da armada de Antonio de Saldanha, ſe mettẽrão per hum eſteiro dentro quaſi meia legoa, cuidando que os noſſos navios por demandarem mais fundo, não poderião ſobir onde elles eſtavão. Mas Antonio de Saldanha com as vellas mais ſutis & leves os foi demandar com oitocentos homẽs, porque ſe puſerão elles em defenſão com muita artelharia: & em os quererem os noſſos cõmetter, tiverão aſſaz trabalho, porque lhes conveo ſair em terra, onde os vierão receber mais de trezentos homẽs de cavallo, & oitocentos de pè em que entravão muitos eſpingardeiros dos Malavares, que como gẽte que defendia o ſeu, derão bem q̃ fazer aos noſſos, mas à cuſta de mais de dozentos delles que alli ficarão mortos, deſamparárão os catũres, & eſtancias, q̃ logo forão queimadas, & aſsi entrarão na cidade, à que tambem foi poſto fogo, & à ſette, ou oito naos que eſtavão em baxo no porto, ficando

[a] *Eſta cidade era hũa das maiores, & mais opulentas em trato, riqueza, & poder de todas as da enſeada de Cambaia. Iaz quaſi no cabo della da banda do Ponente, eſtendida em hum largo campo, & de algũas ruinas de edificios, que ainda oje ſe vèm, moſtra que foi antiguamente couſa mui grande, vendoſe em muitas partes pedaços de groſſos muros de canteria, de pedras bem lavradas de quatro palmos de comprido, tres de largo, & outros tantos de alto, liadas ſem betume, nem cal, & aſſentadas com tanta igualdade, que parece parede de hũa ſo pedra. E ſe os Romanos chegarão com ſuas cõquiſtas à aquellas partes, poderaſe preſumir que era fabrica ſua, pela ſemelhança que tem com as que elles deixarão feitas: & deve ſer dos Chijs, cujos edificios de ſemelhante fabrica ſe vèm em algũs d'aquelles Reinos, de que elles forão ſenhores, cõmo nos Pagodes da Ilha de Salſete, & outros.*
*Diogo do Couto livro. 7. cap. 5.*

ficando tudo assolado, & feito em cinza. Dos nossos forão muitos feridos, & algũs mortos, de que foi hum Paulo de Sà do Porto. Destes paraòs Malavares se ouve muita artelharia da qual algũa era de bronzo.

Acabado este feito, passouse Antonio de Saldanha à outra costa de fronte,[a] & foi demandar a cidade de Surat, por tèr nova que dentro do seu rio estavão algũs navios, principalmente paraòs Malavares carregados de pimenta, & gẽgivre, mas não achou mais que sette q̃ queimou. E posto q̃ o anno passado fora aquella cidade destroida per Antonio da Silveira, porq̃ se começava outra vez à reedificar, antes de fazerem maiores raizes; nas embarcações pequenas forão queimar o q̃ estava em pè. Tornado Antonio de Saldanha a sair do rio, se foi invernar à Goa, deixando tam assombrada aquella costa, que mandãdo Nuno da Cunha algũs catùres à Dio tomar lingoa, a tomarão pegados na cadea, & a esbombardearão, sem algum navio da cidade ousar de vir à elles.

Neste tempo andavão dous irmãos d'el Rei de Cambaia fugidos delle temendo que os mandasse matar, como fizera à outros, os quaes vindo tèr à casa do Nizamaluco, elle os quisera mandar à el Rei seu irmão, por lhos mãdar pedir. Pelo que vendose elles tam perseguidos, apartarãose, & hum delles foi morto por se não deixar prender de quem o ia buscar, cuja cabeça foi levada à Soltam Badur seu irmão. Outro foi tèr com o Hidalchan, que com temor de o irmão tambẽ lho mãdar pedir, lhe deu dinheiro, & o despidio de si, dizendolhe, que se fosse segurar à outra parte. E indo caminho de Dabul, para d'alli se passar per mar para outra parte, seus proprios criados lhe derão peçonha, & o deixarão per morto, roubandolhe o que levava. E estando alli por Feitor hum Lopo Toscano, o fez saber à Nuno da Cunha, & elle lhe mandou seguro, & que lho enviasse logo; & por ir mui desbaratado, o fez mui bẽ curar, & darlhe todo o necessario, & o tinha por grande joia, por ser o legitimo herdeiro do Reino de Cambaia, esperando com elle fazer algum bom negocio.[b]

Em Chaul despedio Nuno da Cunha à Dom Antonio da Silveira para o Estreito, com seis vellas, hũa galeaça em que elle ia, & cinco galeões, de que crão Capitães Iorge de Lima, Martim de Castro, Antonio de Lemos, Enrique de Macedo, & Ioão Rodriguez Paez. Chegado Dom Antonio da

a. *Onde destruio os lugares de Belsà, Tarapor, Maÿ, Quelme, Agacim, atè o rio de Bandorà.*

b. *Deste irmão de Soltam Badur escrevẽ variamente Francisco de Andrade, & Diogo do Couto. Porq̃ Francisco de Andrade diz no cap. 85. da 2. parte, q̃ fugindo elle de Badur em trajos de iogue, viera à Dabul, onde Ioão Criado q̃ alli estava por Feitor o recolhera, & em hũa fusta, que para isso mandara pedir à Chaul à Manoel de Macedo, o levara à Goa, & q̃ o Governador o fora receber à Pangim em hũa galè, & o hospedara, & tratara como irmão d'el-Rei de Cambaia, o qual com os ciumes deste irmão mandara ao seu Regedor mòr q̃ tratasse com Tristão de Gà (q̃ então estava na Corte) algum concerto entre elle Rei, & o Governador, com que a guerra se acabasse.*

*Diogo do Couto escreve no cap. 3. do liv. 8. q̃ quando Nuno da Cunha partio para Bacaim, q̃ a destruio, entregara no Ouvidor geral Simão Caeiro hũ irmão de Soltam Badur, q̃ Antonio da Silveira Capitão de Ormuz tomara naquella cidade, que ia fugindo de seu irmão q̃ o quisera matar; & q̃ deste Principe não podera saber o nome, nem quando, & onde morrera, mas que alcançou homẽs velhos em Goa, q̃ o virão aquelle inverno do anno M.D.XXXII. andar pela cidade bebado encima de hum elefante, o que fazia de ordinario.*



da Silveira com toda sua armada à salvamento, à paragẽ onde avia de esperar as naos da presa, repartio os seus navios para o que lhe era necessario, onde avia de andar atè a fim de Maio; & d'ahi foi tèr à cidade de Adem, onde soube que os homẽs que Eitor da Silveira alli deixou, & os outros Portugueses q̃ despois cõ mercadorias ahi forão tèr, erão mortos por el Rei de Adem. A causa da sua morte, foi a cobiça que el Rei teve de hũa nao carregada de pimenta, q̃ alli levarão certos Portugueses que lhe elle tomou. Dõ Antonio da Silveira, porq̃ não levava força para o castigar, dissimulou o melhor que pode aquella culpa. E porq̃ certas naos estrágeiras q̃ hi estavão surtas ouverão medo delle, se acolherão, & elle se foi à Ormuz onde falleceo em Agosto. E em seu lugar foi feito Capitão mòr Iorge de Lima: o qual partindo de Ormuz na saida do mesmo mes de Agosto, de caminho na costa de Cambaia tomou duas naos de presa tã ricas, q̃ valerão para el Rei, & parres cinquoenta mil cruzados, & com ellas chegou à India.

## CAPITVLO XVIII.

*Como Nuno da Cunha à requerimento d'el Rei de Calecut fez a fortaleza de Challe, & o modo que teve com elle primeiro que a fizesse.*

EL Rei de Calecut assombrado da guerra que lhe Nuno da Cunha mandava fazer, & quanto dãno seu Reino nisso recebia; porque sòmẽte o anno passado avia perdido com nossas armadas que andavão na costa de Cambaia vinte sette vellas carregadas de especearia, que estavão para ir ao Estreito de Meca, escreveo à Nuno da Cunha sobre concerto de pazes. E que por evitar a dilação de idas, & vindas de messageiros, mandasse là hũa tal pessoa, q̃ conforme à seus apontamentos podesse logo dar seguro, cõ q̃ os mercadores livremẽte navegassem suas mercadorias, por ser o tẽpo da mõção. Para este negocio mãdou Nuno da Cunha a Diogo Pereira, por ser homẽ q̃ tinha mui antigua experiẽcia das cousas do Malavar, & đgrãde autoridade ante os Reis, & Principes delle, por a prattica q̃ ẽ negocios passados cõ elle tiverão: o qual

alem de ser hum varão prudente,& de muita capacidade para semelhantes cousas,tinha à outros ventagẽ,q̃ era saber a lingoa da propria terra de maneira, q̃ não tinha necessidade de interprete,parte mui importãte à Embaxadores, & pessoas q̃ hão de negociar cõ gẽte estranha:porq̃ alẽ de todo o segredo dos dous q̃ contratão,& fallão ficar no interprete,como a lingoa he hũ vinculo q̃ muito obriga para ambos se conviré bẽ, se a sabẽ,estão seguros de aver mẽtira na falla,& de não se trocar hũa cousa per outra,como muitas vezes acontece por malicia,ou ignorãcia do interprete,& quando he sem estes, está o negocio seguro de tal perigo,& acabasse mais cedo, & melhor,como entre naturaes pela cõmunicação da lingoa, q̃ soe causar benevolẽcia.E porq̃ a tenção,& fundamẽto de Nuno da Cunha era tèr hũa fortaleza em hũ porto de Calecut, todo o regimento q̃ Diogo Pereira levou vinha acabar nesta cõclusão,apõtãdolhe a parte onde a queria,q̃ era no porto de Challe,mas q̃ não sentisse el Rei q̃ elle a desejava alli,& q̃ para mais dissimulação sempre lhe apontasse o proprio lugar onde estivera a outra nossa fortaleza,q̃ Dõ Enrique de Meneses mandara desfazer, por elle Governador tèr sabido q̃ em nenhũa maneira el Rei avia de cõsentir q̃ alli fosse,o qual requerimẽto assi succedeo,& el Rei lhe deu logo disso hũa provisão.Diogo Pereira como teve este recado d'el Rei,secretamẽte o mãdou logo à Nuno da Cunha,porq̃ conhecia bẽ a natureza,& incõstancia destes Principes Malavares,& ja el Rei avia de sofrer ou per bẽ,ou per mal q̃ o Governador fizesse a fortaleza. Nuno da Cunha em quanto mandava fazer cal, & outras provisões para a obra,entreteve na Corte d'el Rei de Calecut à Diogo Pereira quasi todo o inverno fazẽdo outros negocios de pouca importãcia,para neste tẽpo pratticar cõ dous,ou tres Principes de Challe,& aver seu consentimẽto, principalmẽte cõ o q̃ era senhor da terra onde Nuno da Cunha pretendia fundar a fortaleza,por ser o mais conveniente lugar.E para se melhor entẽder o que dissermos,he necessario declarar o sitio da terra,& a vezinhança que tem.

Esta terra chamada Challe he hũa Ilheta pequena que faz hũ rio dos notaveis d'aquelle Malavar,q̃ está abaxo de Calecut tres legoas contra o Sul.He este rio navegavel cõ catùres atè o pẽ da serra de Gate onde nasce;porque tambem entrão nelle outros rios, que o fazem grande: hũs vem da parte de Calecut,



Calecut, & outros da parte de Tanor. De maneira que muita parte das terras à Challe vezinhas vão repartidas, & retalhadas em leziras com esteiros,perque se os moradores servẽ. Porem quando todos estes rios,& esteiros se querem metter no mar,he per tres partes, hũa decima da banda do Norte, à que chamão Challe.Outra que sae à baxo meia legoa,chama da Caramanlij:& logo mais abaxo legoa & meia entra outro braço,à que chamão Parengalle,vezinho à el Rei de Tanor. Da terra de Challe era Senhor hũ Gẽtio chamado Vnirama, q̃ se intitulava Rei, & vezinhava com elle da parte de baxo contra o Sul el Rei de Tanor,ambos subditos d'el Rei de Calecut. Ambos desejavão muito a amizade dos Portugueses, por se livrarẽ do Samorij.Cõ elles tinha Diogo Pereira pratticado este negocio,& elles mesmos o provocavão à se fazer esta obra,esperando q̃ nossa fortaleza os avia de fazer ricos, & poderosos,como tinhamos feito à el Rei de Cochij. Avido conselho sobre o sitio da fortaleza,cõ as principaes pessoas cõ q̃ Nuno da Cunha o pratticou,foi assentado que se fizesse em Challe,porq̃ seria hũ freo para todo o tẽpo enfrear a soberba do Samorij,& os Mouros de Meca não poderẽ navegar a pimenta,q̃ tiravão de Calecut,& seus portos, senão cõ risco de se perderẽ,& outros muitos proveitos q̃ da Feitoria da fortaleza dependião,sendo os Portugueses Senhores d'aquelle rio, em que os seus navios podião invernar.

Provido o necessario para esta obra,o Governador partio de Goa[a] à xx.de Outubro,d'aquelle anno de M.D.XXXI.[b] &quãdo chegou estava ja o Samorij arrepẽdido de permittir fazerse a fortaleza per cõselho dos Mouros mercadores, aos quaes ella era hũ pesado jugo sobre o pescoço.Toda via entre a promessa,& o arrepẽdimẽto,Nuno da Cunha fundou a fortaleza,na qual gastou muita pedra de hũa mesquita de Mouros antigua,q̃ estava junto della, & de algũas casas velhas,q̃ foi grande ajuda,& assi à pressa cõ trabalho das mãos de quãtos fidalgos se ahi acharão, em espaço de vinte seis dias foi posta em defensão,com muro de doze palmos, com seus baluartes,& torre de homenagem, & casas para o Capitão, & soldados,almazẽs,& Igreja:& he hũa das bem acabadas fortalezas d'aquellas partes, mui proveitosa, de bom porto, & tam pegada na area do mar, que não se pode minar, porque à meia braça achão logo agoa doce que se pode beber.

a. *Antes q̃ Nuno da Cunha partisse de Goa para Challe, mandou Antonio de Saldanha q̃ fosse à Cochij recolher a armada, & gente que alli estava prestes,ordenãdolhe q̃ com ella o esperasse por todo Novẽbro sobre o porto de Calecut.Chegou Antonio de Saldanha ao rio de Panane, & soube q̃ dẽtro estavão duas naos do Samorij à carga, & porq̃ não saissem deixou sobre aquella barra Dõ Roque Tello Capitão do galeão Lambeamovim cõ seis fustas,& elle passou à Cochij.*

*O Samorij mandou armar quarẽta navios para q̃ o fossem render, & despois q̃ os Mouros o cõbaterão com muita artelharia, & arcabuzaria determinarão de o investir, & commetterão a entrada,q̃ lhe foi defendida dos nossos cõ tanto valor,que se retirarão os inimigos,com mais de doze navios menos, & os outros destroçados,& muita gente morta & ferida,& assi se tornarão à recolher no rio,levãdo para dẽtro as duas naos, que ião ja saindo para fora. Dõ Roque Tello posto que lhe ferirão algũs homẽs,não recebeo outro dãno,& tornou à sorgir no mesmo posto,onde esperou per Antonio de Saldanha, que vindo de Cochij com a armada,se foi com elle à Calecut esperar o Governador como lhe ordenara.*
*Diogo do Couto cap.11.do liv.7.*

b. *Levava o Governador hũa grande armada de cento & cinquoenta vellas,nas quaes ião embarcados tres mil Portugueses,& mil Lascarijs da terra.*

Para eſta obra derão o Rei, & Principe de Caramanlij, & el Rei de Challe todo o favor, & ajuda que delles ſe ouve meſter. E porque antes de Nuno da Cunha fazer aquella fortaleza os dereitos das mercadorias que entravão per aquelles rios ſe partião igoalmente entre eſtes dous Principes, concedeolhos Nuno da Cunha, o qual requerimento negou ao Samorij. Eſta era hũa das principaes couſas que elle requeria, & apõtava no contrato das pazes, que os dereitos da entrada, & ſaida d'aquelles portos foſſem ſeus. Ao q̃ Nuno da Cunha reſpondeo, q̃ tendo el Rei de Portugal ſeu Senhor fortaleza em Cochij, os taes dereitos erão do Rei da terra, como Senhor q̃ era della; & q̃ à el Rei de Calecut, q̃ não era Senhor d'aquella, não ſe devião pagar, pois nunca os levara antes da fortaleza; & q̃ a juſtiça era darenſe ao Senhorio da terra. Diſto ficou o Samorij anojado, & muito mais quando hũ Senhor da Serra, chamado Baluari Lambeadorim, q̃ tem vinte mil naires, per contemplação d'el Rei de Tanor, ſe confederou cõ eſtoutros dous, em favor da fortaleza, & odio delle Samorij, para não conſentirẽ q̃ ellevieſſe per ſuas terras, & muito menos o Principe de Calecut, q̃ por ſer muito amigo dos Mouros, & por os cõprazer, inſiſtia muito q̃ ſe não fizeſſe a fortaleza. A qual como foi acabada, deixou o Governador nella dozentos & cinquoẽta homẽs, & por Capitão & Feitor à Diogo Pereira, por elle o merecer por ſua peſſoa, & por o trabalho que levou em quanto andou no negocio della; & à Franciſco da Yora fez Alcaide mòr. E para mais ſeguraça, deixou à Manoel de Souſa q̃ andaſſe naquella coſta atè a entrada do inverno, cõ hũa galè, hũa galeotta, dez bargãtijs, & dez catùres, aſsi para guarda da fortaleza, como para favor d'aquelles noſſos amigos novos, cõ q̃ el Rei de Calecut por noſſa cauſa eſtava de quebra. Manoel de Souſa andou naquella coſta pouco tẽpo, porq̃ lhe deu hũ temporal tã forte, q̃ todas as vellas q̃ trazia ſe recolherão per eſſes portos q̃ poderão tomar, & não podẽdo elle ſair de hũa enſeada cõ a galè, ſofreo o tẽpo ſobre a amarra atè que abrio por ſer velha, mas a gente ſe ſalvou cõ a artelharia toda, ſòmente hum baſiliſco q̃ aboiarão, & deſpois o vierão tirar, & cõ o tẽpo ſe recolheo à Goa, onde o Governador eſtava.[a]

El Rei de Calecut como Nuno da Cunha ſe partio, começou fazer guerra à aquelles Principes noſſos aliados aos quaes cuſtou muito trabalho ſua defenſão, principalmente à el Rei de

a. *Neſta jornada de Challe, diz Diogo do Couto no cap. 12. do liv. 7. que Nuno da Cunha fez pazes com o Samorij, à inſtancia d'el Rei de Tanor, à quem o Samorij tomou por medianeiro para que o Governador lhas concedeſſe.*



de Challe, no que elle moſtrou tanta lealdade, & fè, como el Rei de Cochij, quando por noſſa cauſa ſofreo os trabalhos q̃ ja eſcrevemos.* E quando per guerra o não pode vencer, movialhe partidos de grande tentação; & pela meſma maneira tentou à el Rei de Caramanlij, & à el Rei de Tanor, mas todos ſe moſtrarão noſſos amigos. Cõ eſtes deſprezos ſe ouve o Samorij por tã injuriado, da pouca conta em que eſtes Principes o tinhão, por o favor que lhes davamos, que eſteve para morrer. No tempo de ſua doença, o Principe herdeiro fez da neceſsidade virtude, & eſcreveo à Diogo Pereira cartas de grande amizade, promettendo nellas, que ſe ſeu tio falleſceſſe elle avia de aſſentar pazes com o Governador, & que quando ſe foſſe à coroar, como verdadeiro amigo avia de ir pela porta de Cochij, & não per caminhos furtados, como ſeu tio fizera.

**No livro 7. da 1. Decada.*

## CAPITVLO. XIX.

*Do que Manoel de Vaſconcellos, & Antonio de Saldanha fizerão em Xael, & como chegarão à Maſcate.*

O Governador Nuno da Cunha, porq̃ tinha determinado de mãdar Antonio de Saldanha ao Eſtreito do Mar roxo, tanto q̃ a fortaleza de Challe eſteve em boa altura, o deſpedio que ſe foſſe à Goa dar ordẽ à ſua partida, por ſer ja tarde. E para melhor aviamento, quis Antonio de Saldanha por cauſa da monção q̃ ſe paſſava, q̃ foſſe diante delle Manoel de Vaſconcellos, & o eſperaſſe em Xael, dãdo primeiro hũa viſta à Ilha de Socotorà, q̃ era o ordenado curſo das noſſas armadas para aquellas partes. Manoel de Vaſconcellos partio à xxviij. de Fevereiro, de M.D.XXXII. cõ duas galeottas, elle em hũa, & Enrique Mendez de Vaſconcellos em outra, & oito bargantijs, & de algũs erão Capitães Fernão Lourenço de Lima, Chriſtovão Rangel, Thome Baião, Diogo Vàz, & Triſtão de Horta, & em eſpaço de xiiij. dias foi na Ilha de Socotorà onde fez agoada. D'ahi foi caminho de Xael, como lhe Antonio de Saldanha mandara, & tambem por tèr nova que no porto eſtavão muitas naos. Na traveſſa deſte caminho achou hũa nao de Dabul, a qual como ia bem artilhada, & levava muita gente, começou de ſe pôr em ordem

de querer pelejar, o que ella não fez como se vio rodeada dos nossos, & pondo hũa bandeira na quadra, final de paz, disse ser de Dabul, & mostrou o cartaz que trazia, que lhe foi guardado, posto que era antigo, & passado o tempo delle. O respeito que Manoel de Vasconcellos teve em alargar esta nao, foi termos em Dabul hũ Feitor, q̃ podia receber dano, se esta nao o recebesse; somente lhe servio de lhe dar novas, que em Xael ficavão muitas naos, & entre ellas hũa muito rica, & nomeada Cufturca, que avia muito tempo que navegava, & nunca fora tomada dos nossos. E assi lhes custou muito trabalho de a aver quando chegarão à Xael: porque tanto que ella vio a nossa armada, temendo o que veo à ser, alargou as amarras, & deixouse ir à costa atè encalhar, & a gente della fugio para terra onde esperava de salvar à si, & à ella com a artelharia que poserão na praia para a defender. Os nossos querẽdo a cõmetter, tiverão logo recado dos Mouros da cidade com presentes q̃ lhe mandarão, dizendo serem nossos amigos, & não lhe merecerẽ fazerẽlhe algum dano no porto d'aquella cidade. Mas quando virão que toda via entravão dentro na nao, & para a poderem tirar ao alto à nado, alijavão algũs fardos de mercadorias, começarão os Mouros de se servir da sua artelharia, de q̃ hũ dos nossos foi morto, & algũs feridos. E por muito q̃ alijarão, & a nao estava ja em nado, não avia remedio de a tirar d'aquelle lugar à poder de cabrestantes, atè q̃ hũ Mouro catti vo q̃ andava nas nossas galeottas descobrio à Manoel de Vasconcellos q̃ tinha per baxo rajeira dada na quilha, & a tacada em terra, como de feito assi era. A qual cortada a nao, vèo logo onde as galeottas estavão. Alem desta nao q̃ era bẽrica, tomarão hũ marruaz de Turcos q̃ tinha muita fazẽda, & escorcharão outras tres naos, cõ a fazenda das quaes carregarão à Cufturca em lugar da q̃ lhe tinhão alijada. El Rei de Xael tremendo por o q̃ vio fazer, q̃ se não cõtentasse Manoel de Vasconcellos cõ esta presa q̃ tinha feita, o mãdou visitar cõ hum presente de vaccas, carneiros, galinhas, tamaras, & outros mãtimẽtos da terra, dizẽdo q̃ era nosso amigo, & queria estar em nossa amizade, & q̃ a artelharia q̃ se tirara na praia fora per Turcos do marruaz, de q̃ elle não fora sabedor; mas despois q̃ o soubera os mandara prender. E q̃ quanto às naos q̃ tomarão, pois erão de seus inimigos, q̃ o pagassem, q̃ se mandasse algũa cousa delle, q̃ folgaria de o fazer. Estes cõprimẽtos gratificou Manoel



Manoel de Vasconcellos à el Rei de Xael, com lhe mandar algũas cousas, & sette cascos das naos que alli tomara vendeo à seus naturaes por mil pardaos. E porq̃ Antonio de Saldanha lhe tinha dado em regimento, não sendo com elle atè dez de Abril no cabo de Fartaque onde o mandava esperar que se fosse à Mascate, & o tempo era ja passado, determinou de se partir, & de todas as vellas que levava tirou à dous, & à tres marinheiros com que proveo de gente do mar a nao Cufturca com trinta Portugueses; porque os mais erão da terra, com a qual presa chegou à Mascate.

Antonio de Saldanha que ficou em Goa, não se pode fazer prestes para partir mais cedo que à dez de Março, em que deu à vella com dez navios, elle em hum galeão, de que era Capitão Antonio da Fonseca, por ser costume que o Governador, & Capitães mòres levão em a nao em que vão hũa pessoa que sirva de Capitão da mesma nao para entender no governo della, ao modo que serve hum Veedor da casa, & o Capitão mòr fica desoccupado para o governo de toda a armada. Os outros Capitães erão Dom Fernando Deça, Dom Roque Tello de Meneses, Enrique de Macedo, Antonio Cardoso, Gonçalo Vàz Coutinho, Antonio de Lemos, Gaspar de Lemos, Ioão Correa, & Francisco Mendez. Partido com esta frotta, chegou à Ilha de Socotorà vespera de Pascoa, & em fazer sua agoada se deteve quatro dias, d'aqui foi tèr à Xael, onde foi visitado d'el Rei com algum refresco, que lhe Antonio de Saldanha não quis aceitar, que foi causa de se temer de sua vinda. Com este temor, parecẽdo aos de Xael que queria sair em terra, começarão logo de despejar a cidade das molheres, meninos, & fato, que carregarão em camelos, que os nossos vião ir pelo caminho da Serra. Aqui acharão algũas naos de Chaul, & Dabul com seus cartazes, & assi à ellas, como à outras que estavão em seco que se apercebião para defensão, não lhes foi feito mal algum: porque a tenção de Antonio de Saldanha, era dar hũa vista à Adem, & não achando Turcos com quẽ pelejar, andar às presas. Mas como se pôs em caminho atè chegar ao cabo de Fartaque, não poderão ir mais avante, por serem ja xxvj. de Abril, com grandes çarrações, & tormenta, que o fez arribar á Mascate.

## CAPITVLO. XX.

*Do que Antonio de Saldanha fez em Maſcate, & dos trabalhos que paſſou na paragem de Dio, atè Diogo da Silveira tomar entrega da armada, & como veo ao Reino por Capitão mòr das naos de viagem.*

TANTO que Antonio de Saldanha chegou à Maſcate, que foi à ſeis de Maio, achou hi Manoel de Vaſconcellos com ſua preſa, & Ioão Roiz Paez, Vaſco Pirez de Sampaio, & Antonio Fernandez, que não poderão vir em ſua companhia, & rota batida vierão demandar eſte porto, & tirou, & pôs Capitães, & officiaes novos, por os outros ſe quererem entregar das preſas que tinhão tomado, & ſegundo o regimento dellas, as repartio pela gente que erão novecentos homẽs. E vindo o tempo partio d'alli, & veo aver viſta do cabo de Roſalgate, & por achar os mares grandes com tempo novo, foiſe à coſta de Dio, & forão contando as pedras ao longo da praia de Pate, & Patane, atè ſe lançarem na ponta de Dio. Aqui vierão dar com elle ſette, ou oito naos, de que ſòmente tomarão tres, & as outras derão conſigo à coſta, onde a gente ſe ſalvou. Chegado mais à viſta da barra de Dio appareceo hum galeão de Rumes, que determinou de ſe ſalvar correndo tam junto da praia por eſcapar às noſſas vellas grandes, que foi neceſſario que o ſeguiſſem as galeottas, & bargantijs, que ſe lhe tiravão hum tiro, tirava elle dous, & da praia lhe fazia a gente de Dio ſinaes, que não ouveſſe medo, & cõ a artelharia que nella tinhão poſta, tiravão aos noſſos bargantijs que o perſeguião, atè que querendoſe metter quaſi no porto de Dio, coſeoſe tanto com a terra, q̃ foi dar em hũa pedra, & com a pancada lhe ſaltou logo o maſto fora, & virouſe de hũa ilharga, onde ficou. Mas os noſſos não ouſarão de o ir esbulhar por eſtar em lugar perigoſo, nem menos os da terra que eſtavão à viſta de tudo, ſòmente ouverão os noſſos delle o que o mar lhe lançou na praia, & parte da gente ſe ſalvou.

E porque Antonio de Saldanha tinha ordem de Nuno da Cunha, que ſe não partiſſe de ſobre a barra de Dio, atè elle mandar Diogo da Silveira com hũa armada de navios de remo,



mo, à que elle Antonio de Saldanha avia de entregar os outros que trazia, para ficar naquella coſta, deixouſe andar eſperando por elle; & cõ muito trabalho: porque os ventos erão tam rijos, que ſe não podia hum homẽ tèr em pè nos galeões, & os bargantijs eſtavão arraſados d'agoa, & não dormia a gẽte, & o menos que os navios grandes eſtavão ſurtos, temendo ir dar conſigo em terra. era em ſeſenta braças, mudando muitas vezes as ancoragẽs, em que os homẽs andavão mortos, & dos bargantijs ficarão ſòmente tres, & os outros arribarão à Chaul. Finalmente com o trabalho, fome, & ſede, começou a gente adoecer, perque foi neceſſario mandar Antonio de Saldanha no galeão de Ioão Roiz Paez caminho da India os doentes, & muita fazenda que ſe tomou, com o qual foi Antonio Fernandez no ſeu catùr. E per Ioão Roiz Paez mandou Antonio de Saldanha dizer à Nuno da Cunha o que tinha feito, & como ficava naquelle trabalho eſperando Diogo da Silveira.

As fuſtas de Dio neſte tempo eſtavão apercebidas para cõmo viſſem ſua hora ſairem aos noſſos navios grandes; & aſsi tanto que ellas virão ir deſcaindo ſobre os alcorões da cidade, que he na barra della, o galeão de Antonio de Saldanha, & dous outros; hum de Dom Fernando Deça, & outro de Dom Roque, ſairão à elles vinte ſete vellas, & poſeráoſe em lugar, & ordem, que deſcarregarão quanta artelharia trazião na Capitaina, & aſsi nos outros dous galeões: mas como o galeão S. Matheus, em que Antonio de Saldanha andava, era como hũa rocha forte, como davão no coſtado caia o pelouro no mar ſem fazer dãno, ſòmente algũs entravão dentro per cima do bordo, quando ião fazendo ſaltos, & chapelettas pelo mar. Dos quaes hum quebrou hum braço à hum fidalgo per nome Ioão Tellez, & outro foi dar no galeão de Manoel de Vaſconcellos, que matou dous eſcravos. Neſte cõmettimento também os Mouros levarão ſeu caſtigo em gẽte que a noſſa artelharia ferio, & matou. E ao tempo que batião os galeões eſtavão as ſuas fuſtas ſobre o remo, & os noſſos navios ſurtos, que foi cauſa de não irem melhor caſtigadas: & a principal foi ſerem os noſſos tres bargantijs idos em caça de hũa nao, que os Mouros lançarão pela barra fora em modo de ardil. a qũal encaminharão de maneira que forão dar com ella na coſta em Madrefabat, achandoa vazia os noſſos bar-

gantijs ſe detiverão là em fazer agoada.

Neſte tẽpo chegarão dous catùres da India, em q̃ vinhão Martim de Caſtro, & Fernão de Moraes, com recado do Governador para Antonio de Saldanha, como Diogo da Silveira vinha logo. Os quaes vindo na paragem de Baçaim, toparão Fernão Lourenço de Lima, Chriſtovão Rangel, Franciſco Mendez, & Ioão Correa Capitães dos bargantijs da armada de Antonio de Saldanha, que erão os que diſſemos ſerem arribados à Chaul, & ajuntaraõſe eſtes dous catùres com elles, & tomarão hũa nao de preſa, & a levarão à Chaul. Com eſta nova que os catùres trouxerão à Antonio de Saldanha, por ſe não ir d'aquella coſta ſem fazer algũa couſa notavel, determinou de ir dar em a cidade de Pate, que fica detras de Dio, para o que mandou dous catùres diante, que lhe foſſem dar hũa viſta, para ſaber o eſtado em q̃ eſtava, & que deſembarcação tinha, moſtrando que arribarão alli com tempo, & que elle ia de vagar tras elles. Os catùres toparão hũa nao muito rica que vinha para Dio, & começarão de ir ladrando tras ella às bombardadas, & como Antonio de Saldanha ia de caminho para là, & as ouvio, entendendo o que ſeria deu mais velas: mas quando chegou, ja os catùres com os bargantijs que forão diante tinhão tomada a nao, q̃ foi a mais rica de quantas tinhão tomado, à cuſta de muito ſangue dos noſſos, por pelejarẽ hũa grande hora, em que morrerão muitos Mouros, & outros carregados de muita ſoma de moeda d'ouro & prata ſe lançarão ao mar, cujo peſo os levou mais cedo ao fundo. E ſegundo algũs dos Mouros cattivos della dizião, ſomente em moeda de zequijs Venecianos trazia mais de ſeſenta mil, afora muitos brocados, ſedas, pannos, & outras mercadorias, & conſervas de todo genero, atè de eſpargos, que valião grá de preço. Como eſtes que entrarão na nao tomarão o que poderão, ſe tornarão à ſeus navios, antes que Antonio de Saldanha chegaſſe, o qual mandou metter nella officiaes para ſe pôr em boa arrecadação o que nella vinha: & dando com eſta vittoria hũa viſta à Dio, navegou para Chaul. Mas primeiro que là chegaſſe, na paragem de Baçaim achou Diogo da Silveira, ao qual entregou os navios q̃ Nuno da Cunha mandava, & elle foiſe à Chaul, onde mandou fazer grande cata em todos os navios & catùres que tomarão a nao na coſta de Dio, de q̃ ouve grande ſoma de dinheiro, & fazẽda, de



de que deixou algũa parte alli, por tèr maior valia que em Goa, & partioſe para là, onde foi recebido com grande prazer; porque importarão às preſas que naquella viagem fez mais de cento & oitenta mil cruzados, em ouro, prata, ſedas, pannos, cobre, & outras mercadorias que deſtas partes de Europa ſe levão à India pelo Eſtreito do Mar roxo.

*Frotta da India do anno M.D.XXXII.*

Naquelle anno de M.D.XXXII. foi a armada que partio deſte Reino dividida em duas Capitanias mòres,[a] de hũa era Capitão mòr Dom Eſtevão da Gama, filho do Conde Almirante, com quem ia por Capitão de hũa nao Vicente Gil. E da outra era Capitão mòr Dom Paulo da Gama, irmão do meſmo Dom Eſtevão, & com elle por Capitão de hũa nao Antonio Carvalho. Dom Eſtevão invernou em Moçambique, & porque avia de ficar na India para ir por Capitão à Malaca, & quando elle acabaſſe lhe avia de ſuccéder Dom Paulo ſeu irmão, vèo Antonio de Saldanha ao Reino por Capitão mòr d'aquella armada, com a carga da eſpecearia.

a. *Eſta armada do anno de XXXII. era de cinquo naos, da qual ia por Capitão mòr Pero Vàz do Amaral, que arribara o anno paſſado. Na nao de Vicente Gil foi embarcado Dom Fernando Vaqueiro Biſpo Aurenſe, da Ordem dos Menores, varão mui religioſo, & o primeiro Biſpo que el Rei Dom Ioão mandou à India, o qual falleſceo o anno de XXXIIII. eſtando em Ormuz, aonde jaz enterrado na Igreja da Fortaleza. A nao de Dõ Eſtevão (com quem ia Dom Chriſtovão da Gama outro ſeu irmão) errando Moçambiquẽ, & não podendo tomar Melinde para fazer agoada, nem Sacotorà, foi à Xael, em cuja praia deſembarcou Dõ Eſtevão, com Dõ Manoel de Lima, & Dõ Fernando de Lima. E eſtando nella em quãto ſe fazia agoada, ſobreveo hum Levante tam rijo, que não o podendo ſofrer a nao que andava às voltas cõ o traquette, lhe foi forçado correr em popa, & ir demandar a coſta de Melinde, & não podendo ferrar terra, paſſarão avante, & forão tomar Moçambique com muito trabalho, & perigo. Dom Eſtevão paſſada a primeira furia do temporal, embarcouſe ao outro dia no batel, & foi ao mar buſcar a nao, parecendolhe que andaſſe per alli às voltas, & não a achando, chegou à Sacotorà, onde não ſabendo novas della, aportou em Magadaxo, el Rei da terra lhe deu hũa embarcação maior, & Pilotos que o levarão à Melinde, onde ſoube que a ſua nao eſtava em Moçambique, & em hũa fuſta que lhe apreſtou Nuno Fernandez Capitão de Melinde, em poucos dias chegou à Moçambique, & alli eſperou à monção de Agoſto, a qual o levou à India.*
*Diogo do Couto liv. 8. cap. 2.*

## CAPITVLO. XXI.

*Como Diogo da Silveira entregue da armada de Antonio de Saldanha, deſtroio as cidades de Patan, Pate, & Mangalor, & as queimou, & as naos que em ſeus portos eſtavão.*

SENDO paſſado o inverno, fezſe preſtes Diogo da Silveira, & partio de Chaul caminho de Dio à fazer guerra naquella coſta, como o Governador lhe mandava: mas nellà não avia ja que fazer, por Antonio de Saldanha a deixar deſtruida, & amedrentada, por o que atras diſſemos: polo que paſſou avante com tenção de dar na cidade de Patan, que eſtà na coſta, doze legoas de Dio. Era eſta cidade cercada de bõ muro, & baluartes que defendião a deſembarcação que eſtà ao longo de hum arrecife, da qual tinha novas Diogo da Silveira, que eſtava bem provida, aſsi de Rumes, como d'artelharia, com que ſe determinava defender. Com tudo elle a foi demandar, & chegando ao porto deſembarcou com a melhor gente da que levava, & tomou hũa tranqueira que os Mouros

Mouros tinhão feita muito forte, & bem artilhada, a qual foi acõmettida pelos noſſos com tanto esforço, que lha fizerão largar, & ſe recolherão com morte de muitos. A iſto acodio o Capitão da cidade com muitos Rumes que pelejarão mui animoſamente, atè lhe os noſſos matarem o Capitão cõ muitos dos ſeus, com que foi entrada a cidade de Patan, ſaqueada, & queimada, & com ella perto de quarenta naos que eſtavão no ſeu porto. Embarcado Diogo da Silveira, com muito contentamento de todos, com eſta vittoria que ouverão, à pouco cuſto ſeu, com tanta brevidade, & de que ouverão grande deſpojo, ſe partio caminho da cidade de Pate. Eſta cidade eſtava tambem muito forte, aſsi de gente d'armas Guzarate, como d'artelharia; mas nada lhe valeo, poſto que o ſeu Capitão a defendeo mui valeroſamẽte, porque com ſua morte, & de muitos dos ſeus, foi a cidade tomada, ſaqueada, & entregue ao fogo, & todas as naos que no porto eſtavão. Com eſta ſegunda vittoria andava a gente tam contente, & glorioſa, que tudo lhe parecia leve de acõmetter. E aſsi ſe foi Diogo da Silveira à cidade de Mangalor, que diſta vinte legoas de Dio, & poſto q̃ em coſta brava, não deixou de a acõmetter, & queimar, & as naos do ſeu porto, ſem reſiſtencia de ſeus moradores, por todos a terem deſpejada com temor de Diogo da Silveira, o qual andou deſtroindo aquella coſta, & queimando muitos lugares, & vèo à dar viſta à cidade de Dio, ſem aver quem lho defendeſſe, tanto era o temor que delle tinhão. [a]

*a. Antes desta jornada fez Diogo da Silveira outra em Settembro de M.D.XXXI. com vinte navios, em q̃ levava trezentos espingardeiros, cõ que atravessou de Chaul à ponta de Dio, à esperar as naos de Meca, & por ellas serem ja entradas em Dio, antes q̃ elle chegasse, voltou d'alli no fim de Outtubro para a enseada de Cambaia, & foi demandar Bandorà, cidade d'aquelle Reino mui rica, por o trato, & cõmercio de seus habitadores, & posto q̃ elles a defenderão bem, foi tomada per os nossos, & despois de saqueada lhe poserão o fogo. De Bandorà se passou Diogo da Silveira ao rio de Bombaim, & entrou per elle atè a cidade de Tanà, q̃ com o favor de hum Capitão de Melique Tocam, que estava cõ dous mil homẽs em Baçaim, se rebellara, & não pagava as pareas que se obrigara pagar quãdo là fora Eitor da Silveira. Defenderão os Mouros a desembarcação aos nossos, & com grande resistẽcia a entrada da cidade: porem com morte de muitos Rumes, & Guzarates foi entrada, & destruida como Bandorà. Saidos os Portugueses do rio, forão atè Surat assollando todas as aldeas, & povoações maritimas, em q̃ cativarão, & matarão muita gente. E não avendo naquella coſta mais em q̃ empregar o ferro, & o fogo, ſe paſsarão à outra de Dio, onde fizerão igoal dãno nos lugares de Caſtellete, Talajà, & Madrefayat, queimando naquelles portos muitos navios carregados de fazendas, polo que todos os moradores da coſta deſpovoarão os lugares, & Diogo da Silveira acabado o verão, em Abril, de M.D.XXXII. ſe recolheo vittoriozo à Goa (onde ja eſtava o Governador da volta de Challe) com mais de quatro mil cattivos, & ſeus ſoldados ricos de deſpojos.*
*Francisco de Andrade cap. 76. da 2. parte. Diogo do Couto cap. 13. do liv. 7. & Fernão Lopez de Caſtanheda cap. 45. & 46. do liv. 8.*

## CAPITVLO XXII.

*Como Nuno da Cunha tomou a fortaleza de Baçaim, & a mandou deſtroir, com morte de muitos Mouros, & fugida de Melique Tocam ſeu Capitão.*

VENDO Nuno da Cunha que não ſe podia tomar a cidade de Dio, por ſua grande fortificação, determinou de lhe fazer tanta guerra per mar, tolhendo que ao porto della não foſſem naos, cõ que a deſtroiſſe. Por eſta razão deixou Antonio de Saldanha naquella coſta, & apôs elle mandou Diogo da Silveira, que fizerão o q̃ temos eſcritto. Bem ſentio o dãno



o dãno Soltam Badur no pouco rendimẽto que aquelle anno teve de ſuas alfandegas. E poſto que Nuno da Cunha lhe mádou fazer eſta guerra, não lhe deſcanſava o eſpirito, em quanto não via hũa fortaleza feita na cidade de Dio, & aſsi buſcava todos os modos que podia, para a apertar de maneira que ſe lhe vieſſe à entregar. E porque tinha per informação, que Baçaim ſe ia fazendo outra Dio, antes que mais creſceſſe determinou de a deſtruir. Deſte penſamento deu conta à cinco, ou ſeis Capitães dos mais principaes, & experimentados, pedindolhe conſelho ſe cõmetteria eſta empreſa por as cauſas que à iſſo o movião. As quaes erão ſer aquella cidade de Baçaim grande eſcala de naos, onde carregavão para Meca muita madeira, de que ſe provião as galès dos Turcos, & todo aquelle Eſtreito, no qual ella tinha muita valia, & que ſe ia fazendo aquelle porto outra Dio, com a fortificação que nelle começara Melique Tocam. E que ſe os Turcos alli ſe recolheſſem vindo à India (de que avia preſunção) ſeria notavel dãno para aquelle Eſtado, polàs cõmodidades, que elles para ſuas armadas naquelle lugar tinhão. Polo que lhe parecia que convinha deitar os Mouros de Baçaim, & fazer nelle hũa fortaleza, aſsi para lhes impedir o trato da madeira, & os intentos de Melique, & eſtorvar q̃ os Turcos o occupaſſem, como para tèrem nelle as noſſas armadas porto mais vezinho de Dio, donde ſaiſſem à fazer guerra ao Reino de Cambaia. Pareceo aos Capitães deſneceſſario fazer fortaleza em Baçaim (como ſe deſpois fez por as cauſas referidas) ſendo a de Chaul tam vezinha, & que para ſe atalharẽ os dãnos que ſe receavão, baſtava arraſar o lugar, & pôr per terra tudo o que Melique nelle tinha fortificado.

Approvada a jornada, ſe fez preſtes o Governador, & partio de Goa na entrada do anno de M.D.XXXIII. com oitenta vellas, [a] indo elle em hũa galè baſtarda, & levando por Capitães das mais galès Manoel de Alburquerque, Dom Pedro de Meneſes, Martim Afonſo de Mello Iuſarte, Pero de Faria, Nuno Barreto, Triſtão de Taide, Franciſco da Cunha, Vaſco da Cunha, Manoel de Vaſconcellos, & Fernão de Lima. Dos galeões ião por Capitães Dom Fernando Deça, Dom Paulo da Gama, Antonio de Lemos, Vaſco Pirez de Sampaio, Enrique de Macedo, Antonio Cardoſo, & aſsi outros, cujos nomes não vierão à noſſa noticia. A gente que ia neſta armada

*a. Era eſta armada de mais de cento & cinquoenta vellas, nas quaes avia vinte galeões, muitas gales, & galeottas: os Capitães ſem os que no mea João de Barros, erão Garcia de Sà, Antonio da Silva, Jorge de Lima, Franciſco de Sà, Rui Vaz Pereira, Antonio de Sà o Rume, Nuno Pereira de la Cerda, Triſtão Homẽ, Jorge Cabral, Franciſco de Vaſconcellos, Martim de Freitas, Dõ Roque Tello, Manoel de Miranda, Manoel Rodriguez Coutinho, Criſtovão de Caſtro, Luis Coutinho, Franciſco da Silva, Paio Rodriguez de Araujo, Lopo Pinto, Pero Botelho, Jorge de Souſa, Antonio da Cunha, Franciſco de Souſa, Pero de Meſquita, Afonſo Figueira, Antonio Ribeiro, Franciſco da Coſta, Gaſpar Luis, Bartholameu Vaz, João Fernandez o Taful: não embarcados neſta armada mais de tres mil ſoldados Portugueſes.*
*Diogo do Couto cap. 3. do liv. 8.*

armada (à qual ſe ajuntou a de Diogo da Silveira, que tinha mandado chamar Nuno da Cunha) erão mil & oitocentos Portugueſes, & dous mil Canarijs. Melique Tocam Capitão de Dio, que eſtava entam em Baçaim, [a] & avia muitos dias, que a fortificava, ſabendo que o Governador vinha ſobre ella com tamanho poder, metteo na cidade cõ eſte receo mais de doze mil homẽs de guarnição, & acabou de a fortificar o melhor que lhe foi poſsivel, & quis ver ſe podia per algũ ardil livrarſe de Nuno da Cunha, para o que lhe mandou per hum Mouro cometter paz com algum bom partido. O Governador reſpondeo, que aceitaria a paz, & mandou à Melique com arrefẽs que deu, à Martim Afonſo de Mello, o qual não aſſentou nada, porque Melique não quis cõceder a paz, como nos convinha. Polo que aſſentou o Governador com os Capitães, & Fidalgos, que com elle vinhão, de ſair em terra antes que Melique ajuntaſſe mais gente. E tambem porque foi aviſado per o Secretario Simão Ferreira, que os ſoldados ſe queixavão d'elle ja não acõmetter a fortaleza. Para o que ordenou ſua gẽte em tres eſquadrões: No dianteiro ião Diogo da Silveira, Manoel de Alburquerque, Martim Afonſo de Mello: No outro Dom Paulo da Gama, Dom Fernando Deça, Vaſco Pirez de Sampaio, Antonio Cardoſo, Enrique de Macedo, Antonio de Lemos: Na retraguarda ia Nuno da Cunha, com os dous terços da gente. E porque Melique tinha feito hũa tranqueira bem fortificada para defender a deſembarcação, [b] & em hũa ponta della eſtava hum baluarte, & a outra ia enteſtar em hũa Meſquita, a qual era mui forte, com ſeus baluartes de terra & madeira, com muita & boa artelharia, & ſua cava ao redor, mandou Nuno da Cunha chegar à ella todos os bateis, & embarcações, com ſuas mantas, & artelharia para a baterem. E ante manhãa dado o ſinal que tinha poſto, forão todos juntos, & ſendo confeſſados & abſolutos per hum Religioſo de S. Franciſco, & encomendandoſe à Deos, partirão, & chegando à tranqueira, começarão a batela, à que os Mouros reſpondião della com outros tantos tiros. Paſſando os noſſos per eſte perigo forão deſembarcar no cabo deſta tráqueira, ónde acharão Melique cõ a mais da gente, em q̃ avia muitos de cavallo, & tãtos tiros de eſpingarda, & artificios de fogo, que parecia temeridade acómettelos; o que os noſſos fizerão com tanto eſforço, q̃ não podendo

a. *O que eſtava em Baçaim diz Frãciſco de Andrade, que era ſobrinho de Melique Tocam Capitão de Dio, do ſeu meſmo nome. Cap. 77. da 2. par.*

b. *A fortificação deſta cidade, & a peleja que os noſſos teverão com os Mouros, eſcreve mui particularmẽte Franciſco de Andrade no cap. 78. da 2. parte.*



do os Mouros ſofrelos, ſe começarão a deſordenar, & recolher para à fortaleza, ſeguidos dos noſſos, fazendo Melique per algũas vezes entreter os ſeus pelejando cõ os Portugueſes por muito eſpaço, atè que a victoria ſe declarou por nos. O que vendo Melique, ſe pôs em fugida, & todos os mais com elle, morrendo muitos. [a] Dos noſſos morrerão ſòmente dous homẽs de nome Diogo de Mello, & Bartholomeu Drago, & ſeis, ou ſete ſoldados, o que os Gentios da terra tiverão por milagre entre tantos tiros, & artificios de fogo, que foi cauſa de algũs ſe fazerem Chriſtãos. Paſſada eſta tráqueira, caminhou Nuno da Cunha para à fortaleza, mandando diante Simão Ferreira com poucos que a foſſe reconhecer, em quãto elle ſe detinha em eſperar por artelharia para a bater. Mas os noſſos vendo ir Simão Ferreira, ſe forão todos apôs elle; o que viſto pelos Mouros, & como Melique ſe acolhera, & era tanta gente morta, não ſe atreverão defender a fortaleza, & começarão à fugir, & os noſſos aos ſeguir matando nelles. Aviſado Nuno da Cunha per Simão Ferreira, abalou logo atè chegar à fortaleza, & deſpois de entrado nella, deu muitas graças à Deos por lha dar. E louvando muito à aquelles Capitães & fidalgos ſeu muito eſforço, armou algũs cavalleiros cõ muito prazer de todos em dez dias que alli eſteve, no qual tempo a gente deſtroio a terra, & Nuno da Cunha mandou derribar a fortaleza atè os alicerces, por entam não ſer neceſſaria. [b]

Em quanto eſteve em Baçaim, mandou Diogo da Silveira ao Eſtreito do Mar roxo, por Capitão mòr de hũa armada de quatro galeões, de que forão Capitães elle, Vaſco Pirez de Sampaio, Antonio Cardoſo, & Antonio de Lemos, & de duas galeottas, das quaes erão Capitães Franciſco de Souſa, & Fernão de Caſtro, & de quinze bargantijs. Tambem deſpachou Martim Afonſo de Mello Iuſarte para Bengala, de cujo ſucceſſo daremos conta em ſeu lugar. E por lhe darem novas q̃ a fortaleza de Damam eſtava deſpejada, mandou tambem d'ahi à Manoel de Alburquerque que a foſſe derribar com hũa armada, de que o fez Capitão mòr, com elle ião Dom Pedro de Meneſes, & Manoel de Vaſconcellos, & trezentos homẽs, em doze bargantijs, & catures. Antes de Manoel de Alburquerque chegar à Damam, achou novas, que não eſtava deſpejada a fortaleza; & ſendo requerido de todos que ſe tornaſſe, porque o Governador ſòmente a mandava derribar, cuidan-

a. *Forão mortos mais de quinhentos & cinquoenta Mouros.*

b. *Recolherãoſe da fortaleza, baluartes, & tranqueiras mais de quatrocentas peças d'artelharia, & hũa grande quantidade de munições. Fernão Lopez de Caſtanheda, cap. 63. do liv. 8.*

cuidando que estava desamparada da gente, & não lha mandava conquistar, elle por comprir com sua honra não quis deixar de chegar à ella, & informarse per si do que podia fazer. E achando que estava mui bem artilhada, & com muita gente de guerra Abexijs, & Fartaquijs, todos homés de feito, & que elle não levava o necessario para a acómetter, & sobre isso a pouca vontade dos seus soldados a deixou.

*Diogo do Couto cap.5. do liv.8.*

Partido Manoel de Alburquerque de Damam, foi quemando, & assolando todas as povoações que avia de Baçaim até Tarapor, tomando muitas embarcações, com fazendas, & da volta entrou no rio de Bombaim, dando em algũs lugares da Ilha de Salcete, que ja se tornava à povoar; & porque o dano não crescesse, offereceo cada hum dos Tanadares della, quatrocentos pardaòs de parias, pagando logo os d'aquelle anno; & o mesmo fizerão os de Tanà, Bandorà, Maij, & Bõbaim: & por se chegar o inverno, recolheose Manoel de Alburquerque à Chaul, como o Governador lhe tinha mandado.

*Diogo do Couto, & Francisco de Andrade no cap.80. da 2. parte.*

Diogo da Silveira que partio para o Estreito de Meca às presas no principio de Fevereiro, chegou ao cabo de Guarda fù, onde tomou hũa nao com algũa resistencia da muita gente q̃ ia nella. Vasco Pirez que se adiantou da armada na paragem de Sacotorà, rendeo hũa grande, & poderosa nao de Rumes, com morte da maior parte delles, & de algũs dos nossos. E no cabo de Fartaque tomou outra que levava muita fazenda. Diogo da Silveira queimou despois duas no porto de Adem, & deu com outra que amainando o Capitão della, se foi no batel ao galeão, & lhe apresentou com muita confiança hũa carta de hum Portugues, que estava cattivo em Iudà, a qual trazia o Mouro por salvoconduto. Diogo da Silveira a abrio, & leo nella estas palavras. *Peço aos senhores Capitães d'el Rei que encontrarem esta nao, que a tomem de presa, porque he de hum muito roim Mouro.* Vendo o Capitão mòr a confiança cõ q̃ o Mouro trazia aquella carta de sua perdição, & considerando a ruindade do Portugues, por conservar o nosso credito, aprovoulhe o falso seguro, & rompendolho, porq̃ não conhecesse o engano, nẽ lhe fizesse mal encontrandoo cõ elle algũ Capitão cobiçoso, passoulhe outro em forma, cõ que o Mouro se foi mui contẽte, & Diogo da Silveira quis antes perder hũa nao carregada d'ouro, que quebrar a fè enganosa de hum Portu-



Portugues, em q̃ o Mouro vinha tã cõfiado. D'ahi embocou o Estreito da Persia, & deixãdo os galeões em Mascate, se passou aos navios de remo, & nelles foi à Ormuz onde invernou. Na entrada de Agosto partio com toda a armada para Goa, nesta hũa travessa, tomarão duas naos de Meca, com que chegarão à Chaul. Despedindo alli Diogo da Silveira os navios grossos, para se concertarẽ, embarcouse na galè de Manoel de Alburquerque, & cõ os navios de remo voltou à cõtinuar a guerra de Cambaia, & se pôs na enseada onde vèo rèr com elle Vasco da Cunha, & lhe deu hũa carta do Governador, com a qual se recolheo à Goa no fim de Settembro.

a. *De Goa despachou o Governador para Maluco Tristão de Taide, q̃ estava provido d'aquella Capitania, & para Malaca Dõ Paulo da Gama, por não aver novas de Dõ Estevão seu irmão. Estes Capitães partirão em Abril.*
*Diogo do Couto cap.5. do livro.8. & Castanheda cap.64. do liv.8.*

*Frotta da India do anno de M.D.XXXIII.*

*Estas duas armadas chegarão em Settèbro à India, & cõ ellas Dõ Estevão da Gama, q̃ invernara em Moçãbique. Partidas as duas armadas do Reino, chegou à elle a da India, pela qual soube el Rei Dõ Ioão do roim successo q̃ tevera Nuno da Cunha na jornada de Dio, & per via de Levãte, q̃ se apercebião os Turcos para irem à India. Pelo q̃ mandou S.A. apressar cõ diligencia outra armada de doze vellas, q̃ erão dous galeões, hũa naveta, & nove caravellas. Esta frotta ia ordenada para ficar na India, levava mais de mil & quinhentos soldados: foi por Capitão mòr della no galeão Salvador Dõ Pedro de Castellbrãco, filho de Dõ Pedro, despachado com quatro annos da Capitania de Ormuz. Do outro galeão era Capitão Andre de Castro, da naveta Nicolao Iusarte, & das caravellas Antonio Lobo, Balthasar Gonçalvez, Lionel de Lima, Eitor de Sousa, Ioão de Sousa, Antonio de Sousa, Frãcisco Pereira, Gonçalo Fernandez, & Francisco Fernandez Leme. Partirão na entrada de Novembro, tiverão trabalhosa viagẽ atè chegar em Fevereiro à Moçãbique: alli se ajuntarão todos os navios & se aparelharão, & reformarão do q̃ lhes faltava, & em Março partirão para a India, onde chegarão no principio de Maio.*
*Diogo do Couto cap.7. & 10. do liv.8. & Francisco de Andrade cap.87. da 2. parte, & 2. da terceira.*

## CAPITVLO XXIII.

*Como o Governador mandou Vasco da Cunha à Melique Tocam, sobre se fazer a fortaleza em Dio.*

DEstruido Baçaim, partio o Governador para Goa, onde foi recebido com grande alegria pela victoria cõ que vinha de Melique Tocá, porem elle não se dava por satisfeito do successo de Dio, & só em tomar aq̃lla cidade, & fazer nella hũa fortaleza trazia occupados todos seus pẽsamẽtos. Incitavao el Rei D. Ioão cõ continuas lẽbranças, como fez aq̃lle mesmo anno de M.D.XXXIII. pelas duas armadas de sette naos q̃ mandou, de hũa das quaes vèo por Capitão mòr Dõ Gõçalo Coutinho, & com elle por Capitães das naos Nuno Furtado de Mendoça, Diogo Brandão do Porto, & Simão da Veiga. E da outra armada era Capitão mòr Dom Ioão Pereira, que levava a Capitania de Goa, & os Capitães das outras naos Lourenço de Paiva, & Dõ Francisco de Noronha, q̃ se perdeo na viagẽ. Poloq̃ determinou Nuno da Cunha de fazer tanta guerra à Cambaia, atè que el Rei de cansado della lhe desse a fortaleza.

Neste tẽpo estãdo Meliq̃ Tocá mui receoso de lhe el Rei tirar a Capitania de Dio, para a dar à Mustafà, escreveo hũa carta ao Governador, q̃ lhe mãdasse hũa pessoa de qualidade cõ quẽ cõmunicasse algũas cousas de muito serviço d'el Rei de Portugal. Nuno da Cunha posto que não ignorava as astucias, & manhas de que os Mouros se valẽ para seu proveito, não deixou tãbem de cuidar, que por algum respeito lhe queria Melique conceder a fortaleza que pretendia. E fazendo conselho sobre aquelle

negocio,no meſmo parecer forão todos, & ſe aſſentou foſſe Vaſco da Cunha,porque alem de ſer esforçado,& ſesudo, era mui verſado nas couſas d'aquelles Mouros, como homem antigo na India, & lhe deu inſtrucção do que avia de fazer com Melique Tocam,& o que lhe avia de prometter ſe deſſe a fortaleza,que era a metade do rendimento da alfandega de Dio de juro; & mandarlhe o Governador fazer hũa fortaleza em qualquer dos rios de Cambaia que elle quiſeſſe, para que nella eſtiveſſe ſeguro d'el Rei, contra quem o favoreceria, & ajudaria cada vez que foſſe neceſſario. E para qualquer ſucceſſo que iſto tiveſſe, encarregou o Governador muito à Vaſco da Cunha trabalhaſſe por ir à cidade, para ver ſe avia nella algũa entrada per onde ſe podeſſe tomar, & per onde melhor ſe bateria. E para eſte effeito mandou com elle hum Condeſtabre da artelharia mui experto em ſeu officio, & em ſua companhia hum Iao Chriſtão, caſado em Goa, irmão de hum bombardeiro que eſtava em Dio no baluarte do mar, para ſe informar do irmão como ſe poderia per aquella parte bater, & tomar a cidade.

Vaſco da Cunha ſe partio em hũa fuſta à entrada de Agoſto,chegado à Dio,& arvorado hũa bandeira branca, perque Melique entendeo que ſeria peſſoa perque eſperava, mandou ſaber per hum homem de confiança quem era o que vinha na fuſta. Vaſco da Cunha lho diſſe,& que trazia hũa carta do Governador para Melique Tocam, mas que não ſairia em terra atè ſe lhe mandar em arrefés o Capitão do baluarte do mar,o que logo ſe fez, & deixandoo em poder de Antonio Borges que com elle ia,ſe foi deſembarcar na cidade, onde de praça fallou à Melique Tocam em ſua caſa. Sendo noute, foi tèr Melique com Vaſco da Cunha, & por ſaber bem fallar Portugues,não levou interprete; elle lhe deu hũa carta do Governador,em que lhe eſcrevia o que queria delle, & o partido que lhe faria. Alem deſta carta, lhe diſſe Vaſco da Cunha as muitas razões que tinha para ſe vingar d'el Rei de Cambaia,por os aggravos que delle tinha recebidos, querendolhe tomar Dio, para a dar à Muſtafà homem eſtrangeiro,que ſem cauſa algũa fora traidor ao Turco ſeu Senhor: & que agora tinha occaſião, & com muito proveito ſeu, para ſe ſatisfazer, & mais ficando em ſua natureza ſeguro d'el



d'el Rei de Cambaia.Melique Tocam lhe pedio tempo para ſe deliberar, no qual Vaſco da Cunha ſe foi ver com Diogo da Silveira(que viera do Eſtreito,& andava na ponta de Dio) & lhe deu a carta do Governador(de que atras diſſemos) em que lhe mandava que não fizeſſe guerra à Dio, em quanto Vaſco da Cunha là eſtava,& o Embaxador que elle mandara à el Rei Badur. Tornado à Dio Vaſco da Cunha, Melique Tocam lhe moſtrou a cidade,& nem elle, nem o Condeſtabre virão modo para ſe poder entrar per mar,ſem tambẽ acõmetterẽ per terra,para o q̃ era neceſſario hum grande exercito,& armada.A ultima reſolução de Melique foi dizer à Vaſco da Cunha,que lhe parecia bem o que lhe dezia & eſcrevia o Governador,o qual iria de armada naquelle verão à Dio,& que atè entam ſe reſolveria, & lhe daria aviſo do que determinaſſe, & com hũa carta para o Governador, deſpedio à Vaſco da Cunha.

## CAPITVLO. XXIIII.

*Como o Governador mandou Triſtão de Gà à el Rei de Cambaia,ſobre a fortaleza de Dio que lhe pedia, & como el Rei mandou ir o Governador à Dio para ſe verem, & as viſtas não ouverão effeito. & Manoel de Macedo deſafiou à Rumechan.*

NO meſmo tẽpo q̃ o Governador Nuno da Cunha mandou Vaſco da Cunha à Melique Tocam,mandou Triſtão de Gà à el Rei de Cambaia, cõmettendoo q̃ lhe deſſe a fortaleza em Dio,& faria paz cõ elle,& ſeria ſeu amigo, & eſcreveo à algũs Capitães d'el Rei,& privados ſeus lhe acõſelhaſſem q̃ bẽ lhe vinha a amizade,& favor d'el Rei de Portugal para cõtra ſeus inimigos,& para ſegurãça de ſeu Eſtado. A embaxada de Triſtão de Gà moſtrou el Rei folgar de ouvir, mas a verdade era q̃ elle não tinha võtade de dar lugar para ſe fazer a fortaleza.Porq̃ como Rumechan q̃ andava muito ſeu privado,tinha olho em aver a cidade de Dio, & fazela tirar à Melique Tocam,à quem tinha grande odio, & ſobre que trazia eſpias,como ſoubẽ que Vaſco da Cunha viera à Dio verſe com elle, acuſavão ante el Rei, dizendo, que aquellas viſtas

erão trattos em que andava para dar a fortaleza ao Governador. Perſuadido el Rei deſta acuſaſſão, determinou de tirar a Capitania à Melique Tocam, & dalla à Rumechan. Polo que aſsi para impedir o que ſoſpeitava, como para entretèr ao Governador que lhe não fizeſſe guerra aquelle verão, ou para o matar ſe pudeſſe, deſpedio à Triſtão de Gà, que com inſtancia lhe pedia a reſpoſta da ſua embaxada, mandando per elle pedir ao Governador quiſeſſe ir à Dio para ſe verem ambos, & aſſentarem pazes. O Governador, que das manhas, & condição d'el Rei não ſabia tanto, pôs a cauſa em conſelho, não para ſe trattar ſe avia de ir, ſenão como avia de ir, & foi aſſentado, que foſſe à Dio com húa boa armada, mas apercebido tanto para a guerra, como para as viſtas. Os fidalgos, & mais gente que à ellas ião mui contentes, ſe aperceberão de muitas louçainhas, & veſtidos ricos, & com elles partio Nuno da Cunha de Goa, em fim de Outtubro, com ſua armada, que com a de Diogo da Silveira, que achou em Baçaim, levava cem vellas, em que ião dous mil Portugueſes, que todos erão mui nobre, & luzida gente. Os galeões erão oito, de que afora a nao Capitaina, ião por Capitães Diogo da Silveira, Antonio de Lemos, Manoel de Macedo, Dom Eſtevão da Gama, Antonio de Sà o Rume, Diogo Alvarez Tellez, Dom Gaſtão Coutinho. Das galès, & galeottas erão Capitães Manoel de Alburquerque, Vaſco Pirez de Sampaio, Dom Pedro de Meneſes, Manoel de Vaſconcellos, Fernão de Lima, Dom Fernando Deça, Antonio da Silva de Meneſes, Vaſco da Cunha, & outros fidalgos. Chegado o Governador de fronte de hum lugar chamado Danù, ſoube que el Rei de Cambaia paſſara o dia de antes com nove galès para Dio, & logo d'alli lhe mandou dizer per Simão Ferreira, que onde mandava que ſe viſſem, ſe em Madrefavat, ou no mar, & com elle mandou à Ioão de Santiago por lingoa, que fora Mouro, & ſe tornara Chriſtão. E proſeguindo ſua viagẽ, chegou à Ilha dos Mortos, & nella eſperou Simão Ferreira q̃ não tardou, & com elle vinha Coge Sofar, que lhe diſſe da parte d'el Rei de Cambaia, q̃ lhe pedia foſſe à Dio, & q̃ là ſe verião. Deſta Ilha ſe foi o Governador à Dio, & da barra tornou à mãdar Simão Ferreira com Coge Sofar à el Rei à ſaber delle em que lugar queria que ſe viſſem. Entretanto que vinha a reſpoſta,



reſpoſta, ſaio o Governador em terra, com algũs Capitães, & fidalgos, onde chamão o Palmarinho, para ver ſe podião proar alli as galès; para que querendo el Rei que ſe viſſem naquelle lugar, fazer chegar à elle as galès, para ficar ſeguro com ſua artelharia, ſe lhe el Rei de Cambaia quiſeſſe fazer algũa violencia. Eſtando niſto, veo Simão Ferreira ao Governador, & diſſe, que el Rei não acabava de ſe reſolver onde ſe avião de ver, mas que lhe mandava pedir, que entretanto ſe não vião, lhe mandaſſe là os Capitães dos galeões, & da galè baſtarda para os ver: o Governador os mandou, & forão mui gentis homẽs, & ricamente veſtidos, el Rei os recebeo com muita honra, & agaſalhado, moſtrandolhes que folgava muito de os ver.

Manoel de Macedo, que era hum dos Capitães, ſabendo que Rumechan procurava de aver a Capitania de Dio, que era de Melique Tocam, com quem elle tinha amizade, & que el Rei determinava de lha dar, ſe chegou à el Rei com muito acatamento, & pedindolhe licença para fallar, lhe diſſe: Que ſe eſpantava muito de ouvir dizer, que S.A. ſendo hum Principe tam prudente, & valeroſo, & tam grande remunerador dos ſerviços que recebia, queria tirar a Capitania de Dio à Melique Tocam ſeu vaſſallo, & que tambem o tinha ſervido, & filho de tam ſingular Capitão como fora Melique Az, que tantos ſerviços fizera à ſeu pai, & à elle, & que tanta honra ganhara ao Reino de Guzarate, & dala à Rumechan, homem eſtrangeiro, & de que não tinha mais experiencia, que fazer traição ao Turco ſeu Senhor, & que por eſſa cauſa viera à Cambaia, mais que para o ſervir, poloque não ſe devia fiar delle: & por hum homem tam ſem verdade aggravar à quem com tanta lealdade, & verdade o ſervira. E que ſe Rumechan alli eſtava ( que elle o não conhecia ) & lhe negaſſe o que elle dezia, lho faria conhecer pelas armas, & o deſafiava, & pedia para iſſo licença à S. A. Rumechan que alli eſtava, & ouvio aquellas palavras ao interprete, não reſpondeo por ſi couſa algũa. El Rei o olhou com olhos torvos por elle não reſponder por ſua honra; & entendendo Manoel de Macedo que era Rumechan aquelle para quem el Rei olhava, outra vez o tornou à deſafiar por a meſma cauſa, dizendo mais, que podia metter conſigo

consigo outro; porque com ambos se mataria. Vendo el Rei que nem à isto respondia Rumechan, lhe disse com ira, que como não respondia ao desafio? Ao que Rumechan disse, q̃ por o não tèr em conta; porem que pois assi queria, elle aceitava o desafio sò por sò: & assi foi assinado por campo o mar, para cada hum pelejar de sua fusta. Sabendo o Governador do desafio de Manoel de Macedo, folgou muito, & lhe deu licença para o fazer, & lhe mandou esquipar hum bargantim em que se metteo, & foi surgir junto da Lagea. Tardando Rumechan, por parecer ao Governador que com medo da sua frotta não vinha, se fez ao mar hum espaço; & logo sairão oito fustas toldadas, & embandeiradas, & hũa diante da outra, forão demandar o bargantim de Manoel de Macedo, & dando todas hũa volta ao redor delle, se recolherão ao porto donde sairão, & não voltou mais algũa, o que parece foi por não querer el Rei que Rumechan saisse ao desafio. E vendo o Governador que tardava muito, fez final à Manoel de Macedo com hum tiro que se recolhesse, o que elle fez com muita honra.

a. *Esta jornada do Governador escreve mui particularmẽte Francisco de Andrade nos capitulos. 86. 87. 88. 89. da 2. parte. E dà outra causa do desafio de Manoel de Macedo.*

*Fernão Lopez de Castanheda em tudo se conforma com o que escreve Ioão de Barros.*

*E Diogo do Couto refere no cap. 8. do liv. 8. que este desafio foi por outra causa, & com outro Rumechan, q̃ era genro de Coge Sofar, chamado Tigre do mundo: & que o desafio foi tantos por tantos, cujo numero não affirma Diogo do Couto, mas diz q̃ os q̃ achou nomeados forão Manoel Rodriguez Coutinho, Antonio de Sà o Rume, Ioão Iusarte Tição, Gonçalo Vàz Coutinho, Ioão Velho, & Francisco Gonçalvez das Armas. E não faz menção da ida de Vasco da Cunha à Dio, nem da embaxada que o Governador mandou per Tristão de Gà à Soltam Badur, o qual diz que mandara pedir per hũa carta à Nuno da Cunha que se vissem, & que o portador da carta era hum pagẽ de Badur, à que encontrara Diogo da Silveira na paragem de Surat em hum navio ligeiro, & o levara ao Governador, que movido das palavras da carta, fizera esta jornada à Dio.*

A resolução que el Rei tomou sobre as vistas, foi mandar dizer ao Governador que se queria ver com elle, estando à janella de hum baluarte, & o Governador no mar em hũa galè. Vendo o Governador o despropósito que el Rei queria tèr nas vistas, lhe mandou dizer, que per aquella maneira se não queria vèr com elle. Tudo isto erão persuasões de Rumechan, que receava de se dar a fortaleza em Dio, de que elle pretendia ser absoluto Capitão, & Governador; o que não podia ser cõ a vezinhança dos Portugueses. Tambẽ fazia à el Rei não querer ver ao Governador as esperanças em que estava de fazer pazes, & aliança com Omaum Patxiah Rei dos Mogoles, com que ja começava à ser ufano, & cuidar que lhe não farião dãno os Portugueses, mas que elle os poderia com ajuda dos Mogoles lançar da India, o que tudo lhe succedeo ao contrario.a

Quando o Governador Nuno da Cunha vio que a sua vinda fora em vão, & a pouca verdade, & desprimor d'el Rei, lhe mandou fazer cruel guerra per toda a costa, & escreveo logo à Omaum Patxiah Rei dos Mogoles, per via do Sinde, offerecendolhe sua amizade, & fazer toda a guerra per mar à Soltam Badur, por ser homem sem verdade, & de



& de que se não devia fiar. Ao que Omaum respondeo mostrando tèr grande desejo de sua liança, & amizade. De Dio se vèo Nuno da Cunha à Chaul, onde despachou algũas armadas para diversas partes. Hũa de nove vellas entregou à Antonio da Silva de Meneses para ir à Bengalla: outra de tres galeottas, & treze fustas levou Vasco Pirez de Sampaio para o Estreito, em que ião trezentos homẽs. Os Capitães das galeottas erão Vasco Pirez, Dom Pedro de Meneses, & Dom Manoel de Lima. Outra armada para o mesmo Estreito mandou de cinco galeões, de que ia por Capitão mòr Diogo da Silveira; & os outros Capitães erão Dom Gastão Coutinho, Antonio de Sà, Diogo Alvarez Tellez, & Antonio de Lemos, & là se avião de ajuntar com elles Vasco Pirez de Sampaio.a

a. *Em Fevereiro partirão estas armadas para o Estreito, & chegadas à costa de Arabia, tomarão algũas naos de Cãbaia, & do Achem, & com a fazenda dellas se forão invernar à Ormuz, & d'alli à Chaul, onde Diogo da Silveira entregou as armadas à Martim Afonso de Sousa, como se dirà no ultimo capitulo deste livro Diogo do Couto cap. 1. do liv. 6.*

De Chaul se foi o Governador à Goa, & della despachou Dom Estevão da Gama para Malaca, por ser primeiro em tempo que seu irmão Dom Paulo que là estava, dandolhe poderes de Veedor da Fazenda, & hũa provisão para seu irmão Dom Paulo ficar por Capitão mòr do mar todo o seu tempo, atè lhe tornar à caber a Capitania, que era apos elle; porque estava o Rei de Vjantana de guerra, & era necessario acudir à ella; para o que deu Nuno da Cunha à Dom Estevão tres galeões, de que erão Capitães elle Dom Estevão, Simão Sodrè, & Antonio de Brito, que avia de ir à Banda; & algũs navios ligeiros em que ião Andre Casco, Ioão Rodriguez de Sousa, irmão de Martim Afonso de Sousa, & Dom Francisco de Lima. Nesta armada levava Dom Estevão quatrocentos Portugueses, & seu irmão Dom Christovão da Gama, com provisão para servir de Capitão mòr do mar, se Dom Paulo o não quisesse ser. E nesta conserva foi tambem Vasco da Cunha na nao S. Cruz, para em Malaca carregar de drogas, & de pimenta da Iaoa, & irse para Portugal, fazendo sua viagem pelo boqueirão da Sunda.

* * *

## CAPITVLO XXV.

*Como Cunhale Marcar tomou hum bargantim, & outros navios de Portugueses, & da morte que lhes deu: & como Antonio da Silva de Meneses desbaratou este cossairo, & lhe tomou as fustas.*

*Francisco de Andrade cap. 91. da 2. parte.*

ANTES que o Governador partise para Dio, deixou Manoel de Sousa em guarda da costa do Malavar, da qual por pouca vigia dos nossos, saio de Panane Cunhale Marcar, Mouro cossairo, sobrinho de Pate Marcar, com oito fustas bem armadas, & navegando para Choromandel, no cabo de Comorij, achou de noute surto hum bargantim nosso, com hum falcão, & seis berços, em que avia dezoito Portugueses, & tres bombardeiros, & saia de Coulam à dar guarda às naos dos mercadores d'aquella terra, que vinhão carregadas de arroz. E como os nossos descuidadamente dormissem, não sentirão os Mouros dentro no bargantim, senão quando lhes atarão as mãos. A todos mandou Cunhale machucar as cabeças na proa do bargantim, com hum marrão de bombardeiro, em pena de dormirem tam descansadamente sem medo delle. Aos bombardeiros, & comitre levou presos, & d'alli foi salteando toda aquella costa atè Negapatam, onde sempre estavão muitos Portugueses, & Mouros mercadores. Estes receando que entrando Cunhale naquelle porto, os roubasse juntamente com os Portugueses, por se segurarè delle, lhe mãdarão dizer, que viesse à aquelle lugar, onde acharia boa presa na fazenda dos Portugueses, que estava à borda do rio, pelo qual poderia entrar sem dificuldade.

Deste trato foi sabedor o Digar da terra, & esperando de ser seu o maior, & melhor quinhão da presa, escreveo à Cunhale que viesse seguramente, porque elle ajuntaria gente para o ajudar, fingindo que era para defender o lugar, & os mercadores que nelle estavão, como lhe mandava seu Senhor. Polo que o cossairo se pôs logo com sua armada na barra de Negapatam, que sabendoo os Portugueses, que erão quarenta, enterrarão o dinheiro onde lhes pareceo que poderia estar mais escondido, & se concertarão com as armas que tinhão



nhão o melhor que puderão para se defenderem. E não tendo noticia do trato dobre do Digar, que os segurava, promettendolhe de os defender, lhe requererão que lhes guardasse suas fazendas, de que protestavão lhes avia de dar conta: & com algum fato, & mantimento que levavão seus escravos, se sairão do lugar com tenção de se passarem à terra de outro Senhor que estava d'alli perto: porem não lho consentindo o Digar, se metterão em hũ pagode cercado de muro, o qual terraplenarão, & cerrarão a porta que estava na borda de hũa lagoa grande, com determinação de se defenderem nelle. O Digar que vio os Portugueses encerrados, pôs sobre elles muita gente de guarda, porque não fugissem, para os entregar à Cunhale, que era ja entrado no rio; mas não saira em terra, porque o Digar o não fora receber à praia: o qual vendo os nossos fortificados, temendo que mandassem algum recado à seu Senhor, não se quis mostrar descubertamente em favor do cossairo, mas mandoulhe dizer, que desembarcasse, & tomasse as fazendas que achasse dos Portugueses, & os fosse matar ao pagode, que estava d'alli meia legoa.

Avia neste lugar hum Mouro mercador mui rico, conhecido, & amigo dos Portugueses chamado Coge Marcar, que ainda tinha algum parentesco com Cunhale. Este procurãdo salvar os nossos, foi vesitar ao parente com hum presente, & lhe disse, que por ser seu sangue o ia avisar que se não fiasse do Digar, que estava concertado com os Portugueses, que mandara de proposito metter no pagode, para lhe ir queimar a armada, em quanto elle com a sua gẽte os fosse combatter. Ao que o cossairo, como era recatado, deu credito, & ao parẽte graças pelo aviso. Coge em se apartando de Cunhale, se foi ao Digar, & em grande segredo lhe disse que se não fiasse de Cunhale, que à elle sò queria tomar, porque tinha entendido q̃ o enganava, & que por têr ja roubado o dinheiro aos Portugueses, lhe mandara dizer que os fosse mattar ao pagode, para entretanto lhe queimar as fustas: de que o Digar cobrou tamanho medo, que nunca se quis ver com o cossairo por mais recados q̃ lhe mandou, & assi temendose, & vigiandose hum do outro, os Portugueses por este meio se salvarão. Cunhale porem saio em terra com sua gente, & queimou as casas dos Portugueses, & algũs navios que estavão varados, & romou algũs zambucos nossos carregados com fazendas que

vierão tèr à aquelle porto nos dias que nelle ſe deteve, & à oito Portugueſes que vinhão em hum navio, os mandou levar à terra, & atados em paos matar às frechadas.

Da tomada do bargantim, & mais navios, & mortes dos Portugueſes, & roubos que eſte coſſairo andava fazendo, deu el Rei de Cochij aviſo à Pero Vàz Veedor da Fazenda, & Capitão da cidade, para que vingaſſe tantos males, & dãnos, & ſe ſeguraſſem as naos dos ſeus mercadores que eſperava. Pero Vàz apreſtou logo oito fuſtas, & quatro catùres: com duzentos eſpingardeiros, de que fez Capitão Antonio da Silva de Meneſes. Deſta armada, & da partida della de Cochij, foi logo aviſado Cunhale: & porque os ventos erão contrarios para ſe tornar para a India, metteoſe em hũa enſeada da meſma coſta, chamada Canhameira, com groſſas peitas que deu ao Senhor da terra que o recolheſſe, & metteo as fuſtas por hum eſteiro que entrava para dentro hũa legoa, cuja bocca fez cerrar com vallados de terra, & rama, de maneira que parecia não aver alli eſteiro, & na entrada delle armou hũa traqueira com a artelharia das fuſtas.

Antonio da Silva ſabendo que Cunhale eſtava naquella enſeada entrou nella, & deſembarcada toda a gente em terra, à que ſe ajuntou a do lugar, foi dar nos Mouros que eſtavão na tranqueira, os quaes com pouca reſiſtencia a deſemparárão, & ſe puſerão em fugida, ſeguidos dos da tera, que os forão matando, & deſpindo; & tornados ao lugar, deſentopirão o eſteiro, & tirarão da vaſa o noſſo bargantim, & as fuſtas de Cunhale, que limpas & lavadas com a marè ſairão para fora do eſteiro, & queimadas tres por eſtarem quebradas, com as outras, & com o bargantim, em que ſe recolheo a artelharia, & munições do coſſairo, ſe tornou Antonio da Silva para Cochij. Cunhale Marcar em trajos de pedinte, ſe foi per terra à Calecut, onde eſtava ſeu tio Pate Marcar, com quem tornou à continuar o officio de coſſairo.

* * *

CAPI-



## CAPITVLO. XXVI.

*Como Antonio da Silveira Capitão de Ormuz mandou Dom Iorge de Caſtro, & deſpois Franciſco de Gouvea à caſtigar el Rei de Raxet, por ſe levantar contra el Rei de Ormuz.*

ESTANDO Antonio da Silveira por Capitão de Ormuz,[a] mandou à Dom Iorge de Caſtro com hũa galeotta, & duas fuſtas, com cem homẽs eſpingardeiros, que foſſe caſtigar à el Rei de Raxet (cidade na coſta da Perſia) porque ſendo vaſſallo d'el Rei de Ormuz, com hũa armada que trazia naquelle mar, roubava quantos vinhão para Ormuz, no que el Rei muito perdia nos dereitos. E por Dom Iorge achar os tempos muito contrarios no cabo de Orfacam, & lhe matarẽ, & cattivarem os remeiros da galeotta em que ia, & oito Portugueſes, em hũa ſilada que os Mouros lhe armarão em terra, querendo elle fazer agoada em hũs poços de hum lugarinho de dez, ou doze caſas de palha, foi forçado tornarſe a Ormuz. Continuando el Rei de Raxet na rebellião, & queixandoſe muito el Rei de Ormuz à Antonio da Silveira, & pedindolhe mandaſſe caſtigar aquelle Mouro, Antonio da Silveira tornou apreſtar a armada, & mãdou Franciſco de Gouvea por Capitão mòr della em hũa galeotta, & Ioão Ribeiro em hum bargantim, & Rui Gomez em outro, & Nuno Vàz em hũa fuſta, & cinco catùres, com dozentos homẽs; & ſem tèr na viagem os trabalhos que paſſou Dom Iorge, chegou Franciſco de Gouvea ao porto da cidade de Raxet, & ſurto nelle, foi logo viſitado per hum Mouro da parte d'el Rei, cõ refreſcos, & palavras de comprimento, dizendo que queria dar os noſſos cattivos que là tinha, & aſſentar paz cõ noſco, & reduzirſe à obediencia d'el Rei de Ormuz, para o q̃ elle Capitão mòr ſaiſſe em terra ordenar as Capitulações das pazes, & aſsinalas com o ſeu Guazil. Franciſco de Gouvea ſe moſtrou contente deſte recado: & ſabendo pelo aviſo que lhe tinhão dado, quam differente era a tenção d'el Rei, que eſtava com o animo dãnado contra nos, & que tinha mandado q̃ eſtiveſſe preſtes ſoma de gente de pè, & de cavallo, para que

em

[a] *Deſta Capitania proveo o Governador à Antonio da Silveira o anno paſſado de XXXII. a qual ſervia Belchior de Souſa Capitão mòr do mar, & Alcaide mòr d'aquella fortaleza, per morte de Chriſtovão de Meadoça Capitão della. Onde chegando Antonio da Silveira, el Rei de Ormuz ſe lhe queixou de Raez Ale ſeu irmão, que o quiſera matar per induzimento de ſua mãi, pela qual razão o tinha preſo, & lhe não quiſera dar a morte que merecia, por não aver diſſenſões no Reino.*

*Antonio da Silveira por ſatisfazer à queixa d'el Rei, embarcou à Raez Ale, com toda ſua caſa, no meſmo navio em que foràa, & o mandou à Goa ao Governador, eſcrevendolhe a cauſa porque o mandava: o qual o recebeo cõforme a qualidade de ſua peſſoa, & lhe tomou a hõmenagẽ, de que ſe não tornaria à Ormuz ſem ſua licença, o que Raez Ale cõprio. Fernão Lopez de Caſtanheda cap. 50. do liv. 8. & Franciſco de Andrade cap. 75. da 2. parte.*

em lhe fazendo final saiſſem aos noſſos, & os cattivaſſem. Polo que o dia que Franciſco de Gouvea ſaio em terra aſſentar a paz, como ia aviſado, mandou pôr todas ſuas embarcações com os eſporões em terra, & a artelharia toda ſevada, & os murrões acceſos, & elle con cinquoenta homẽs armados deſembarcou diante da cidade, & ſe foi à hũa tenda onde eſtava Frajula Guazil do Reino, que vinha em lugar d'el Rei cõ poderes ſeus para aſsinar as pazes; & vendo o Guazil os noſſos tam cauteloſos, não ſe atreveo à executar o que eſtava ordenado, aſsi as Capitulações das pazes ſe eſcreverão, & aſsinadas por ambos, Franciſco de Gouvea ſe recolheo aos ſeus navios, & o Guazil ſe foi dar conta à el Rei do que ſe fizera: o qual ſe indinou tanto contra elle, que com hum terçado que tinha na mão o matou, & mandou hum Capitão ſeu cõ muita gente à guardar hũs poços onde os Portugueſes avião de fazer agoada, no que ouve algũs recontros ſobre os noſſos quererem tomar agoa, & por não cuſtar ſangue, & Franciſco de Gouvea têr pouca gente, encaminhou à hũa Ilha vezinha à Raxet. No caminho ouve viſta de hũas fuſtas da armada d'el Rei de Raxet, à que mandou logo arribar, & ellas ſe acolherão à hum rio, & duas que ficarão de fora, hũa varou em terra, & outra foi tomada dos noſſos, que vinha carregada de eſpecearia que os Mouros tomarão de navios que ião de Ormuz para Baſçorà, & nella cattivarão hum ſobrinho d'el Rei de Raxet. Iſto acabado, tornou Franciſco de Gouvea à ſeguir ſeu caminho, & chegando à Ilha achou a povoação deſpejada, & em hũa Meſquita algũs ſeſenta homẽs d'armas em guarda, pela devação que os Mouros nella tinhão, que devia de ſer pouca, pois a deſamparárão por ſe não terẽ por ſeguros, & ſe forão para hum forte, parecendolhe, que nelle ſe ſalvarião, & por derradeiro ſe entregarão à Franciſco de Gouvea, prometendolhe as vidas; & feita ſua agoada, à requerimento do ſobrinho d'el Rei, tornou à Raxet, onde o Rei por reſgare do ſobrinho lhe mãdou dar os cattivos, & deu a obediencia à el Rei de Ormuz, & aſſentou de novo à paz, dando deſculpas ao paſſado das que os Mouros coſtumão dar em ſemelhantes caſos. Franciſco de Gouvea foi correndo aquelle Eſtreito, atè a Ilha de Baharem, donde eſcreveo à el Rei de Baſçorà o que fizera, & lhe mandou a eſpecearia que tomara, o qual a eſtimou muito, & é retorno mãdou muitos manti-



mantimentos, & offerecimentos à Franciſco de Gouvea, que deixando o Eſtreito ſeguro, ſe foi invernar à Ormuz, onde chegou à ſalvamento, & achou que el Rei era falleſcido, & levantado por Rei hum filho ſeu de idade de oito annos, que deſpois foi morto com peçonha, que dizem lhe mandou dar ſeu tio Raez Ale, que eſtava em Goa, o qual ſuccedeo no Reino, em que fez muitos ſerviços à el Rei de Portugal.

## CAPITVLO XXVII.

*Como Martim Afonſo de Souſa foi de Portugal por Capitão mòr do mar da India, & tomou Damam, & o deſtroio. E como el Rei de Cambaia pedio paz à Nuno da Cunha, & lhe deu por ella Baçaim com todas ſuas rendas.*

ESTANDO o Governador em Goa, chegou neſte anno de M.D.XXXIIII. hũa armada, de que ia por Capitão mòr Martim Afonſo de Souſa, que el Rei mandava com cargo de Capitão mòr do mar da India, com elle ião por Capitães das outras naos Simão Guedez para Capitão de Chaul, Diogo Lopez de Souſa, Antonio de Brito, & Triſtão Gomez da Gràa. [a] O Governador entregou logo à Martim Afonſo a Capitania mòr do mar, & hũa armada, em que lhe mandou que foſſe ſobre Damam: com elle ião Manoel de Souſa de Sepulveda, Martim Correa, Fernão de Souſa de Tavora, Dom Diogo de Almeida, Franciſco de Souſa, & Ioão de Souſa Lobo, que ião por Capitães das galès, & galeottas. E em Chaul lhe entregou Diogo da Silveira ſua armada, [b] & à de Vaſco Pirez de Sampaio, que erão vindos de Ormuz onde invernarão: fazião eſtas vellas numero de quarenta, todas mui bem artilhadas, em que ião quinhentos homẽs. Chegãdo Martim Afonſo à Damam, achou o lugar todo deſtroido pelo meſmo Capitão delle, que ſe recolhera à fortaleza com quinhentos homẽs que tinha Turcos, & Resbutos, de que muitos erão eſpingardeiros. E porque Martim Afonſo ſoube que deſembarcando no rio avia de têr muito impedimento, por cauſa da artelharia que eſtava em certas eſtancias poſta ao longo delle,

*Frotta da India do anno de M.D.XXXIIII.*

a. *Diogo do Couto chama à eſte Capitão Triſtão Gomez da Mina.*

b. *Entregue a armada, ſe paſſou Diogo da Silveira à Goa, onde deſpedindoſe do Governador ſe foi para Cochij, & d'alli ſe vèo para Portugal por Capitão mòr da armada que levou Martim Afonſo de Souſa, em q̃ tambem ſe embarcou Iorge Cabral, & outros fidalgos. Diogo do Couto liv. 9. cap. 1.*

delle, deſembarcou de noute na coſta ſem entrar no rio, poſto que foi muito trabalhoſo, & tomou o caminho de que ja eſtava aviſado q̃ ia dar da outra bãda da fortaleza, onde chegou ainda antemanhãa, & cõ os muitos eſpingardeiros q̃ levava, forão logo os muros della deſpejados da muita gente q̃ por elles eſtava, & foi poſta nelles hũa eſcada, & o primeiro q̃ per ella ſubio foi Frãciſco da Cunha, por ſer homẽ q̃ em todas as partes, em q̃ aſsi elle, como ſeus irmãos, ſe acharão, ſempre forão os primeiros nos perigos, por não degenerar de ſeus avòs Rui de Mello da Cunha Almirãte deſtes Reinos, & Diogo de Barros Adail delles, os quaes ambos forão mui eſforçados cavalleiros. E indo Frãciſco da Cunha ja para lãçar mão das ameas dos muros, quebrou a eſcada cõ elle, por ſer velha, & podre, & elle grãde de corpo, & à quantos ião tras elle levou ao chão, & ſe eſcalavrarão. A eſte tẽpo abrirão os Mouros hũa porta da outra banda da fortaleza para ſe irẽ, aonde os noſſos logo acodirão, & ouve hũa brava peleja, os Mouros por ſairẽ, & os noſſos por entrarẽ. O primeiro q̃ entrou foi Diogo Alvarez Tellez, & apos elle outros, q̃ tomarão os inimigos em hũ terreiro q̃ eſtava dẽtro da fortaleza, em q̃ avia mais de cinquoenta de cavallo, eſtes pelejarão mui eſforçadamente, atè que a victoria ſe declarou por os noſſos, com morte de muitos dos inimigos. Acabado iſto, mandou Martim Afonſo de Souſa arrafar a fortaleza de todo, & ella arrafada, ſe embarcou, & foi corrẽdo a coſta atè Dio.

E por Damã ſer hũa fortaleza de q̃ el Rei de Cãbaia fazia muita cõta, ſentio muito a perda della, & as muitas victorias q̃ cada dia dos lugares da coſta de Cãbaia avião os Portugueſes. E porq̃ lhe era forçado acodir à guerra q̃ lhe fazia el Rei dos Mogoles (como diremos adiante) receando q̃ ſe deſamparaſſe Dio, q̃ lho tomaria Nuno da Cunha, para o ſegurar em quãto ia à guerra dos Mogoles, quis fazer pazes cõ elle, & darlhe Bacaim; & para iſſo mãdou por Embaxador à Xacoez, [a] o qual foi tèr à Goa com Nuno da Cunha, & lhe deu ſua embaxada. E avendo de parte à parte trattos, & capitulações, tornou Xacoez com procuração de ſeu Rei, & ſe fez hũa publica eſcrittura das pazes, cuja ſubſtancia era.

*Que Nuno da Cunha como Governador da India, & Procurador d'el Rei de Portugal ſeu Senhor concedia pazes perpetuas em ſeu nome à Soltam Badur Rei do Guzarate, com eſtas condições.*

*Que*

a. *Xacoez era per ſua prudencia, & conſelho peſſoa de muita autoridade na caſa d'el Rei Badur: & eſcreve Diogo do Couto, q̃ elle chegou em tres navios ligeiros à barra de Baçaim, na qual eſtava o Governador ſurto cõ grande armada, onde viera cõ pẽſamento de paſſar à Dio, & de a occupar, tanto q̃ Badur ſaiſſe de Cambaia à guerra do Mogol, & q̃ recebera, & ouvira à Xacoez no ſeu galeão cõ grande apparato, & que aſſentadas as Capitulações das pazes, & juradas por ambos, o Governador eſpedira logo o Secretario Simão Ferreira para ir à Cambaia à velas jurar por Soltam Badur, q̃ as jurou com grande ſolemnidade, & deſpachado o Secretario, partira Nuno da Cunha para Goa, levando conſigo Xacoez em refẽs de Simão Ferreira. Capitulo 2. do livro 9.*



*Que o ditto Rei do Guzarate daria à el Rei de Portugal para ſempre Baçaim, com todas ſuas terras firmes, & mar, com toda ſua juridição mero & mixto imperio, com todas as rendas, & dereitos Reaes, aſsi como elle, & ſeus paſſados, per ſeus Capitães, & Tanadares ouverão, & que de tudo podeſſem logo mandar tomar poſſe per ſeus officiaes.*

*Que todas as naos que partiſſem dos Reinos, & Senhorios do Guzarate para o Eſtreito do Mar roxo, partiſſem de Baçaim, & alli vieſſem tomar ſeus cartazes do Capitão da fortaleza, & que da tornaviagem, tornaſſem ao meſmo porto de Baçaim à pagar ſeus dereitos.*

*Que todas as outras naos que navegaſſem para outras partes, levarião cartazes dos Capitães das fortalezas d'el Rei de Portugal, com q̃ poderião navegar livremente, ſem outra algũa obrigação.* » Diogo do Couto no cap. 2. do liv. 9.

*Que em nenhũ porto d'el Rei de Cambaia ſe faria navio de guerra, & os feitos não navegarião mais.*

*Que Soltam Badur não recolheria em ſeus portos Rumes, nem lhes daria favor, mantimentos, nem couſa algũa que ouveſſe em ſeus Reinos.*

*Que todo o dinheiro que eſtava por arrecadar das rendas de Baçaim, deſde o tempo de Melique Azẽ o pudeſſe mandar cobrar o Governador.*

*Que os cavallos que vieſſem do Eſtreito de Meca, ou de Arabia, os primeiros tres annos deſpois da fortaleza de Baçaim acabada, verião à ella, para Badur mandar comprar alli os que quiſeſſe, pagando os dereitos que delles ſe pagavão em Goa.*

*Que vindo algũa nao de Soltam Badur, com cavallos para elle, não pagaria dereitos de ſeſenta.*

*Que vindo algũa nao de qualquer parte (como não foſſe do Eſtreito de Meca) para o Reino de Cambaia, & deſgarrando com temporal, ſe tomaſſe Baçaim, poderia ſairſe do porto livremente quando quiſeſſe.*

*Que cinco mil tangas de Larijs, que nas rendas de Baçaim eſtavão aplicadas para as Meſquitas, ſe pagarião ſempre das meſmas rendas.*

*Que ſe pagarião das meſmas rendas duzentos pardaòs aos ſoldados das fortalezas Aceira, & Coeja, como de antes ſe pagavão.*

Mas deſpois que Soltam Badur deu a fortaleza em Dio, ſe diſtratarão algũas deſtas condições, concertandoſe o Governador, & el Rei de Cambaia, que as naos de Meca, que neceſſariamente avião de ir, & vir à Baçaim, foſſem à Dio ſe quiſeſſem, & aſsi todas as mais naos, cõ algũas declarações ſobre

os

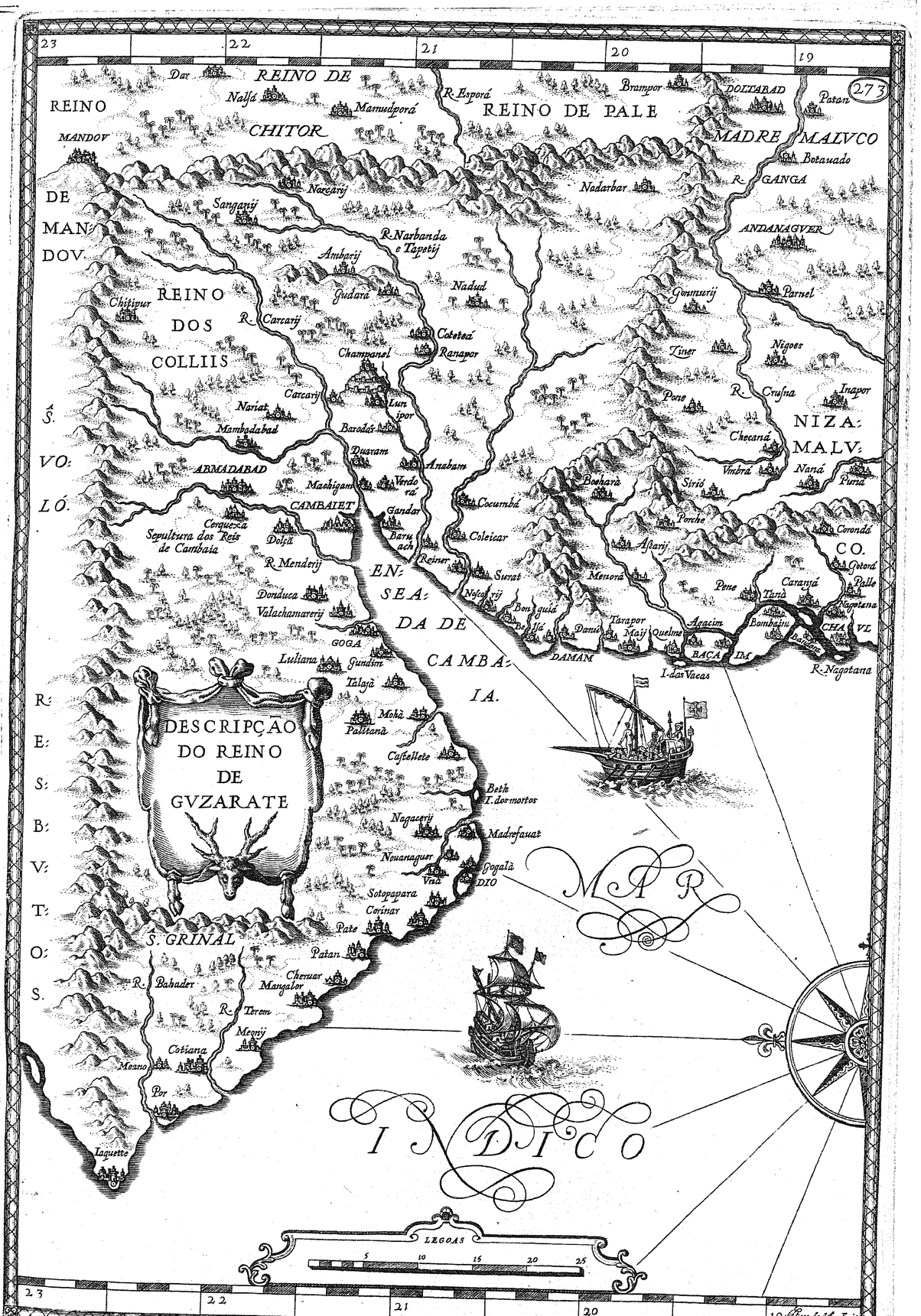
os cavallos que vinhão de Ormuz, & da Arabia. Alem disto, por virtude do ditto contratto, prometteo el Rei que entregaria os cattivos que estavão presos em Champanel, & Nuno da Cunha muitas vezes lhe pedio. Confirmadas, & assinadas estas pazes, o Governador se foi à Baçaim, onde o Embaxador d'el Rei de Cãbaia lhe deu posse d'aq̃lla cidade,[a] & das mais terras, Ilhas, & rendas, conforme aos contrattos que tinhão feitos. E logo o Governador mandou fazer hũa Feitoria,[b] em que pôs Gaspar Paez, para à seu tempo se fazer fortaleza, & se tornou para Goa, porque se vinha o inverno. Onde nos ora o deixamos por dar razão no livro seguinte da descripção, & cousas do Reino de Guzarate, por o muito que delle avemos de trattar ao diante.

10

a. *Esta posse diz Fr̃ancisco de Andrade no cap. 2. da 3. parte, q̃ a tomou Martim Afonso de Sousa, per ordem do Governador q̃ ficara em Goa, & não faz menção da sua vinda à Baçaim.*

b. *Escreve Diogo do Couto nos cap. 2. & 3. do liv. 9. q̃ no mesmo dia em q̃ Nuno da Cunha tomou posse de Baçaim, elegeo o sitio em q̃ queria fundar hũa fortaleza, cujos alicerces se abrirão logo, & q̃ aos xx. de Ianeiro deitou o Governador nelles a primeira pedra, & posta em defensa a proveo d'artelharia, & os almazẽs de mantimentos, & munições, & deu a Capitania à Antonio da Silveira, q̃ à aquelle tempo chegara de Ormuz.*

*Mas isto encontra o q̃ escreue Ioão de Barros no cap. 17. do liv. 6. Francisco de Andrade no cap. 17. da 3. parte, & Fernão Lopez de Castanhedæ no cap. 126. do liv. 8. affirmando todos q̃ o Governador começou a fortaleza de Baçaim quando voltou de Dio, deixando naquella cidade feita fortaleza. E q̃ a Capitania da de Baçaim deu à Garcia de Sà que alli estava, & defendera dos Mogoles à Feitoria, & cidade, com as tranqueiras que ordenou, Antonio Galvão, como se escreve no cap. 16. do mesmo liv. 6.*



# LIVRO QVINTO
## DA QVARTA DECADA DA ASIA,
### *DE IOÃO DE BARROS.*

**Governava a India Nuno da Cunha.**

## CAPITVLO PRIMEIRO.

*Em que ſe deſcreve o Reino de Guzarate, & as gentes de que he habitado.*

SENDO as couſas da India, & das outras Provincias Orientaes, que os Portugueſes deſcobrirão, & conquiſtarão tam novas, & incognitas aos homẽs de Europa, & tam dignas de viré à noticia do mundo, & de que os Gregos, & Romanos antigos tam pouco deixarão eſcritto. Os Romanos por não chegar ſeu Imperio à aquellas partes; & os Gregos por não lhes durar muito o dominio que em algũas dellas tiverão: Não deve parecer fora da materia que emprendemos, de eſcrever os feitos que os Portugueſes nellas fizerão, referir algũa couſa do ſitio das terras, da origem de ſeus povos, & de ſeus

„ ſeus Reis, & Principes, dos coſtumes, & ſeitas delles, & do
„ modo de ſua milicia, para aſsi ſe vir em mais facil conhecimẽ
„ to deſta Hiſtoria, & ſe poder collegir a eſtima em q̃ ſe devem
„ tèr os Portugueſes, q̃ tantas, & tam feras nações tantas vezes
„ vencerão, & trouxerão à ſeu jugo; & recebendo delles as pa-
„ rias, & tributos, como vencedores, & ſenhores ſeus, lhes dão
„ as leis, a lingoa, & à muitos a Religião. Sendo pois noſſas cou
„ ſas tam travadas com aquellas gentes, aſsi pór a guerra, como
„ por o cõmercio que com elles temos, não podemos eſcrever
„ de couſas noſſas, que não ſeja tambem das ſuas. E alem da ne-
„ ceſsidade que temos de trattar parte de ſuas couſas para me-
„ lhor entendimento das noſſas, não fica ſendo pequeno orna-
„ mento, & utilidade da hiſtoria, para exẽplo, & aviſo de noſſa
„ vida, recontar variedades de empreſas, & cauſas perque ſe in
„ tentarão, & os ſucceſſos dellas, para com ſua noticia alcançar-
„ mos juizo, & prudencia, para nos governarmos em outras ſe-
„ melhantes, que he o principal fim, & frutto da hiſtoria. Polo
„ que avendo nos ora de trattar de algũas couſas de muito peſo,
„ & maior conſideração, q̃ os noſſos fizerão no Reino de Cã-
„ baia, deixamos para eſte lugar a deſcripção do Reino todo, &
„ a origem dos Reis, que à noſſa noticia poderão vir, como fa
„ remos de outras Provincias, & de outros Reis nos livros que
„ ſe ao diante ſeguem; & fizemos nos paſſados.

O Reino do Guzarate à q̃ geralmente chamão Cãbaia (co
mo diſſemos na deſcripção geral do maritimo da India*) co-
meça na ponta de Iaquette, & acaba no rio Nagotana, q̃ he o
limite do ditto Reino, & das terras de Chaul, q̃ ſão do Senho-
rio do Nizamaluco. E para ſe melhor entẽder a ſituação deſte
Reino, uſaremos de noſſa mão eſquerda, ſegundo ja em ou-
tras partes figuramos a coſta maritima da India: virada eſta
mão cõ a palma para baxo, juntos os dedos, & afaſtãdo del-
les o pollegar, fica feita a enſeada de Cambaia. E na parte mais
curva pegada na juntura deſte dedo pollegar, da banda de dẽ
tro, eſtà ſituada a cidade de Cambaiet, à que chamamos Cam
baia, q̃ por ſer a mais nobre, & populoſa, & como Metropoli
d'aquelles lugares maritimos, dà nome não ſòmẽte à meſma
enſeada, mas à todo o Reino. Porẽ eſta nobreza, & tratto que
antes tinha, perq̃ era celebrada, perdeo quando a cidade de
Dio ſe fundou, pela maneira q̃ adiante diremos. Porq̃ a nave-
gação d'aquella cidade he tam perigoſa por cauſa do grande
macareo

* Cap. 1. do liv. 9. da primeira Deca-da.



macareo q̃ tem, que quando a marè enche, & vaza, ſe çoço-
brão muitas naos. Eſte macareo, ou fluxo da marè, he tam ve
loz, que não ha cavallo por ligeiro q̃ ſeja à que a marè não
alcance quãdo entra pela planicie da praia, cõ q̃ ſe perde mui-
ta gente, & fazenda no rio Carcarij, q̃ ſe vem metter no ulti-
mo ſeo deſta enſeada, acima da ditta cidade de Cambaia. Na
foz deſte rio, para ſe não perder gente, per ordenança dos que
regem a terra, em hum lugar alto, eſtà ſempre hũa vigia, q̃ vè
vir a marè de mui longe, a qual vem ſempre tam levantada,
& ſoberba, q̃ parece hũa montanha d'agoa: & como começa
apparecer, aquella vigia tãge hũa bozina, perq̃ dà aviſo q̃ nin
guem paſſe o rio, porque vem a marè tam repentina, & furio
ſa, & mette tam grande quantidade d'agoa naquella paſſagẽ,
q̃ alaga tudo. E ainda q̃ eſta vigia não enxergue com os olhos
a marè, tem outro mui certo ſinal d'ella vir, que he o grande
numero de aves, q̃ andão naquella campina da praia mariſcã-
do na iſca que achão do mar: as quaes per hũ inſtincto natu-
ral, ainda q̃ não vejan a marè, quando ha de vir, he tanta a gra
lheada, & apitar q̃ fazem, fugindo todas para à terra, q̃ as ou-
vem mui longe, poſto q̃ as não vejão. E por razão deſte maca
reo tam perigoſo, na cidade de Cambaia eſtà hum eſteiro on
de os navios ſe recolhem, furtandoſe do impeto da marè, que
vai dereita correndo buſcar a garganta do rio, onde faz o dã-
no que diſſemos. Eſte perigo não tem a cidade de Dio, antes
he mui proveitoſa ſua navegação: porq̃ eſtà aquella cidade
ſituada ſobre a ponta do dedo pollegar que puſemos por figu
ra, q̃ fica mais à Ponente, & aonde concorrẽ todas as naos q̃
vão d'ambos Eſtreitos, de Ormuz, & de Meca, & aſsi de toda
a coſta de Melinde. As quaes quando querem paſſar à India,
que he toda a parte do dedo index, q̃ corre da ſegunda junta
atè o fim delle, fica eſta cidade de Dio quaſi como hũa eſcala
de aquelle Levante, & do Ponẽte; por neſte Reino aver mais
copia de mercadorias de entrada, & ſaida, que en toda a India,
tirando pimenta, & outras eſpecearias, que naſcem da terra
do Malavar para o Oriente.

E tornando à noſſa diviſão deſte Reino do Guzarate, do
noo do meio do dedo index, q̃ figuramos ſer o rio Nogatana,
termo Oriental deſte Reino, atè a cidade de Dio, podera aver
neſta coſta aſsi curva como ſe moſtra oitenta legoas, & corrẽ
do atè a ponta de Iaquette cento & vinte cinco. Per dentro

pelo ſertão da parte do Ponẽte,q̃ he o dedo pollegar, vezinha cõ os povos Resbutos. Eſtes habitão em hũa corda de Serranias, & matas, q̃ começão do cabo Iaquette, & correm para o Norte, & Nordeſte, atè o Reino Mãdou; q̃ eſtà ſobre a jũtura deſte pollegar, cõ o qual Reino tãbẽ por a parte do Norte vai vezinhar eſte do Guzarate, & pola do Nordeſte cõ o Reino de Chitor, & do Leſte cõ o de Pale, tomando toda a coſta da enſeada q̃ diſſemos, ondẽ tẽ muitas cidades, & povoações.[a]

Deſte Reino quaſi todo o maritimo, principalmente o da parte do Oriente, aẽ de ſer terra chãa, he regada de dous notaveis rios Taptij, & Tapetij, & de muitos eſteiros d'agoa ſalgada, q̃ a retalhão à maneira de Ilhas: he mui fertil de mantimentos de todo genero, & de grandes criações de gados q̃ paſtão a fertilidade das ſuas cãpinas. Eo meſmo he da outra parte da coſta do Ponẽte, ainda q̃ não tẽ aquella abundancia d'agoas; & ao longo do mar ſe levanta a terra algũa couſa, & ſe abaxa, cõ q̃ fica montuoſa em reſpeito da outra. Saindo deſte maritimo, atè ir dar nas Serranias dos Resbutos pela parte do Ponẽte, & do Norte, & Nordeſte, onde eſte Reino parte cõ os Reinos q̃ diſſemos, quaſi tudo ſão cãpinas tã chãas, q̃ todo o ſerviço da gente he em carros q̃ levão bois, que não andão tam peſadamente como os noſſos de Eſpanha, nem ſão tam grandes, mas ſão muito mais vives na andadura, q̃ aſnos Mouriſcos, & tem no andar mais aſſento que as facas de Irlanda. De maneira, que ſegundo dizem, algũs dos noſſos que provarão eſtes dous modos de caminhar, menos trabalho ſentem os que vão neſtes carros de Cambaia, que os que vão nos carros de Italia, & Flandres, tirados por cavallos; & tem melhor curſo principalmente em jornadas curtas.

Todo eſte Reino de Guzarate he mui povoado de quatro generos de gẽte, de povo natural da meſma terra, à q̃ chamão Baneanes de duas ſortes: hũs ſão Bagançarijs, q̃ comẽ carne, & peſcado: outros Baneanes, que não comem couſa que tiveſſe vida. Outros ſão Resbutos, que antiguamẽte crão os nobres d'aq̃lla terra, tambẽ Gẽtios.[b] Outros Mouros chamados Luteas, q̃ ſão naturaes da terra, convertidos novamẽte à ſeita de Mafamede. Outros ſão Mouros que vierão de fora, & conquiſtarão a terra, lançando della os Resbutos. A gente popular he mui dada ao trabalho, aſsi da agricultura, como da mechanica. E neſta parte he tam ſubtil, & induſtrioſa, q̃ tem cõ o trato das obras que fazem enriquecido aquelle Reino: porq̃ mais ſeda, & ouro fiado ſe gaſta nelle em pannos tecidos de diverſas ſortes, q̃ em toda a India. E a cidade de Patá pode cõpetir em numero de teares cõ as cidades de Florença, & Milão. De marfim, de madreperola, concha de tartaruga, laque qua, criſtal, lacre, verniz, pao preto, & amarelo, & de outras couſas q̃ ſervem para leitos, cadeiras, vaſos, & armas de toda ſorte, ſò deſte Reino ſaem mais obras, que de todo o reſtãte da India. E d'aqui vem ſer elle abaſtado de todas as couſas neceſſarias: porq̃ as q̃ naturalmente, ou artificialmente não tem, lhas trazẽ os q̃ vem buſcar as q̃ elles tem, que ſão muitas. A gente do povo he naturalmente fraca, & cattiva de cõdição, por ſerem da linhagem Baneane: a qual guarda cõ grãde religião a ſeita de Pythagoras, de não comerem couſa q̃ ſeja viva. E ſão tam ſuperſticioſos na obſervancia deſte preceito não mataràs, q̃ as immundicias q̃ em ſi crião, as facudẽ em parte q̃ não ſejão maltratadas. Poloq̃ quando os Mouros querẽ delles aver algũa couſa, trazenlhe diante hum paſſaro, ou outro qualquer animal, ainda que ſeja hũa cobra, & fazendo q̃ a querem matar, elles a comprão, & ſoltão por não verẽ ſua morte, & tem q̃ fazem niſto grande ſerviço à Deos. Atè hũa carreira de formigas ſe atraveſſão per hũ caminho per onde algum Baneane va, ou à pè, ou à cavallo, ha de rodear por não paſſar por cima dellas.[a] Per preceito de ſua religião, não podem tèr arma algũa em caſa. E he a gente mais delgada, & engenhoſa em o negocio do comercio, q̃ quantas temos deſcuberto, tirando os Chijs, q̃ niſſo, & na mechanica leva ventagem à todas às nações do mundo. A outra gente deſte Reino, ja convertida à ſeita dos Mouros, poſto q̃ ſeja tambem fraca, como he meſturada d'eſtas ambas nações, por a parte q̃ tem dos Mouros, q̃ ſão eſtrangeiros, & trazem origẽ de gente mais robuſta, fazem à eſtes Gentios muita vẽtagẽ: & de todos elles, os homẽs mais valentes na guerra, ſão os Resbutos, q̃ habitão as Serranias que diſſemos, os quaes forão ja ſenhores deſte Reino do Guzarate, & com a vinda dos Mouros ſe forão recolhendo ao alto

a. *Para acõmodar a verdadeira deſcripção preſente deſtas regiões orientaes, com a antigua de Ptolemeo, que per erradas informações, com grandiſsima differença da forma da coſta, & das alturas de ſeus cabos, & lugares elle deſcreveo, he neceſſario uſar de conjecturas: porque a coſta da India, deſde a ponta de Damam, atè o cabo de Comorij, que corre do Norte ao Sul, ſitua Ptolemeo de Ponente à Levãte: & ſe elle a deſcrevera deſde o promontorio Simylla, que he a ponta de Damam, atè o de Cory, que he o de Comorij, como na verdade ella corre, & os promontorios Baleo, & Simylla eſtiverão poſtos na altura que elles tem, viera à ſituar o cabo de Comorij quaſi na altura em que elle eſtà: porque o Promontorio Simylla diſta do de Cory, ſegundo Ptolemeo, quinze Graos de Ponẽte à Levante, & dous menos ha de Norte à Sul, deſde a ponta de Damam ao cabo de Comorij. E aſsi per conjecturas parece que os dous ſinos Canthi, & Barigazeno de Ptolemeo, ſão as duas enſeadas de Iaquette, & Cambaia: o promõtorio Baleo, he a ponta de Iaquette. A Ilha Barace que elle ſitua arrimada à eſte cabo, querem algũs erradamente que ſeja a Ilha de Dio, deſcrevendo Ptolemeo à Barace na entrada do ſino Canthi da parte de dẽtro; & ſicando a de Dio arrimada à coſta, que corre da ponta de Iaquette para a enſeada de Cambaia, & tam junta à terra firme, que hum eſteiro mui eſtreito a divide della. O promõtorio Simylla onde ſe termina o ſino Barigazeno, parece ſer a ponta de Damam, & o rio Nanaguna, pola ſemelhança dos nomes, & diſtancia o rio Nagotana, termo per aquella parte do Reino de Cambaia.*

b. *Ha neſte Reino de Cambaia quatro caſtas de Gentios, que ſão os Bramenes, em que eſtà o ſacerdocio (como em todo Oriente) os Baneanes, que ſão mercadores, os Catheris, que tem armas, & as exercitão na guerra, & Vices, que ſe occupão em officios mechanicos. Tẽ tambem certo modo de religioſos que chamão Vertiàs, contrarios da ſeita dos Bramenes, os quaes andão cubertos com hũ panno branco, & não o podem lavar, nem tirar, ſem primeiro ſe fazer em pedaços, ſobre elle ſe aſſentão, ou no chão: vivem de eſmola; & não podẽ guardar couſa algũa de hum dia para o outro. O que com mais cuidado procurão para ſua ſalvação, he não matar couſa viva, & aſsi não conſentẽ fazerenſe tanques, porque podem nelles morrer os peixes; & não accendẽ de noute candea por não morrer nella algũ bicho. Trazem todos nas mãos hũas vaſouras compridas, para irem varrẽdo o chão per onde paſſão, per não acertarem de piſar, ou matar com os pès algum bicho.*

*O Padre Fernão Guerreiro na ſua relação Annal das couſas da India dos annos DC.VI. & DC.VII. liv.3. cap.12.*



a. *Vſão de tanta cõpaixão, & humanidade cõ os brutos, q̃ para curar os paſſaros ha no Reino de Cambaia hũ hoſpital, cuja maquina de enfermeiros, & fabricas de enfermerias, não ſão menos dignas de eſpanto, que de riſo: porq̃ ha muitos homẽs ſalariados das rendas do meſmo hoſpital, q̃ tẽ por officio andar pelas cidades, & lugares, & correr o campo em buſca das aves, & paſſaros doentes, & aleijados, para ſerẽ alli curados, & ſuſtẽtados. Outros andão pelas praças, onde os Mouros caçadores lhes vendem os paſſaros, q̃ elles não deixão de cõprar per nenhum preço, ſomente para q̃ lançados logo à voar, os tornẽ à pôr em ſua liberdade. Da meſma maneira tem currais deputados para o gaſalhado, & cura de toda a ſorte de alimarias, q̃ por doentes, ou velhas ſeus donos deitão ao almargẽ. E para q̃ ſe conheça bẽ o autor deſta ſua miſericordioſa beſtialidade, ſe encõtrarem hũ homẽ morrendo ao deſamparo, ou o virem lançado per terra piſar dos q̃ paſſão, nem o ajudarão a levãtar, nem porão os olhos nelle, & não lhes ficara paſſaro q̃ não reſgatem, & deixarão morrer ao proprio pai em duro cattiveiro.*

*O Padre Ioão de Lucena, cap. 12. do liv. 2. da vida do Padre Franciſco Xavier.*

alto das Serras;como fizerão os Eſpanhoes quando os Mouros entrarão em Eſpanha,que ſe recolherão aos Montes Pyreneos,& às Montanhas de Oviedo. E deſde aquelle tempo ſempre entre os Resbutos, & os outros ficou hum capital odio,& contenderão entre ſi.E como eſtes Resbutos erão da mais nobre gente que ſenhoreava aquella terra do Guzarate, & ſão homẽs grandes,& forçoſos, & não tem a religião dos Baneanes,armados,& em bõos cavallos,deſcem das montanhas,& vèm ao baxo às povoações onde fazem grandes preſas. Governãoſe os Resbutos ao preſente em Republica per os mais velhos, repartidos em Senhorias, & ſe todos ſe conformaſſem em amizade,& não contendeſſem entre ſi, ja forão ſenhores do Guzarate,que ſeus avòs perderão. Porẽ com eſta diviſão,& com o poder da artelharia,de que elles carecẽ, por não terem cõmercio do mar,não lhes aproveitão ſuas forças,& animo para mais que para eſtas entradas que diſſemos. E o que principalmente fez aos Reis Mouros,que conquiſtarão aquelle Reino,poderoſos contra eſta robuſta & guerreira gente,foi fazerenſe logo ſenhores dos portos de mar, perq̃ forão mettendo muita gente Arabia,Perſa,& Turqueſca, & de nação Grega,& Levantiſca,à que elles chamão Rumes;os quaes vem cada anno à aquelle Reino buſcar mercadorias,& ganhar grandes ſoldos,que eſtes Reis Mouros lhes dão, com que tem cõquiſtado o que ora poſſuem, & defendido de nos deſpois que conquiſtamos a India. A noſſa entrada foi cauſa deſtes Resbutos perderem de todo as terras chãas que poſſuião:porque como os Reis Mouros por ſe defenderem de noſſas armadas,tinhão grande neceſsidade de recolher aquella gẽte eſtrangeira que diſſemos,ella meſma lhes deu a induſtria, & animo para ſe defender dos Resbutos: de cuja religião,& creença de tres peſſoas, & hum ſò Deos, & veneração da Virgem Maria Noſſa Senhora, & outras couſas,que parece averem ſeus maiores recebido dos Apoſtolos, em a noſſa Geographia o eſcrevemos particularmente.

* *
*

CAPI-



## CAPITVLO II.

*Como,& em que tempo os Mouros começarão à ganhar o Reino do Guzarate aos Gentios.*

EM que tempo,& perque maneira os Mouros entrarão no Reino do Guzarate, & ſe ſenhorearão delle, elles meſmos em ſuas hiſtorias ſe cõfutão, & encontrão em quẽ foi o primeiro. Mas neſta noſſa narração ſeguiremos a mais cõmum opinião dos eſcrittores do meſmo Reino do Guzarate.E ſegundo elles eſcrevem,no anno de DCC.da Era de Mafamede,q̃ he o deChriſto noſſo Redẽptor de M.CC. XCII. reinava no Guzarate um Principe Gẽtio por nome Galacarnà, homẽ mui poderoſo,& esforçado de ſua peſſoa.O qual poſto que com a maior parte de ſeus vezinhos eſtava em paz, por temerem de o anojar,ſempre viveo em differenças com hum ſeu irmão mais moço. A cauſa deſta diſcordia,era,porque ſeu pai de ambos, deixou hum Eſtado q̃ tirou da Coroa do Reino,& o deu à eſte moço,& com elle titulo de Rei, cuja cabeça era a cidade de Champanel, que per ſitio era a mais forte do Reino do Guzarate. E como eſte Galacarnà arguia q̃ ſeu pai não podia deſmẽbrar do Reino tãta parte delle para o dar à ſeu irmão,& mais cõ titulo de Rei,& elle lho queria tirar,como couſa q̃ lhe pertencia,ſuccedeo d'aqui,q̃ por ſe fazer poderoſo hum contra outro,ambos ficarão fracos para o q̃ lhes ſobrevèo.E o caſo foi,q̃ tẽdo eſte Galacarnà dous Capitães ambos irmãos,& os mais principaes do ſeu Reino,poſtos na frõtaria contra aquelles cõ q̃ tinha guerra:o maior delles q̃ chamavão Madanà tinha hũa das mais fermoſas molheres do Reino,a qual era da linhagẽ d'aquellas q̃ elles chamão Padaminij,q̃ ſegũdo affirmão, alẽ de ſerẽ molheres mui perfeitas em ſeus feitos,& fermoſas em ſuas peſſoas, per natureza lhes cheira mui ſuavemente toda a roupa que veſtem, como que da compreiſſão, & boa proporção de humores proceda eſte cheiro à ſua carne,& della às veſtiduras q̃ trazẽ, como contão q̃ fazia à Alexãdre Magno.*E por iſſo erão aq̃llas molheres mais eſtimadas entre aq̃lle Gentio: das quaes dizẽ elles agora,que com difficuldade ſe acha algũa naquelle Reino do Guzarate,mas que no de Orixà ha muitas.

* *Plutarcho na vida de Alexandre Magno,referindo os Cõmentarios de Ariſtoxeno.*

Vendo el Rei Galacarnà eſta molher de Madanà ſeu Capitão, aſsi por a fermoſura de ſua peſſoa, como por ſer d'aquella boa natureza, & cõpoſtura, tanto ſe lhe affeiçoou, q̃ buſcou todos os meios para gozar della; mas ella reſiſtindo às importunações d'el Rei, & à ſuas promeſſas, em nada conſentio, indo el Rei deſconhecido à ſua caſa. Poloq̃ como ella era de propoſito caſtiſsima, & amiga da pureza de ſua peſſoa, & da honra de ſeu marido, lhe deu aviſo q̃ ſecretamente ſe vieſſe logo ver cõ ella, porq̃ aſsi importava à honra de ambos. Chegado o marido, deulhe conta do q̃ paſſava, & como chegara el Rei à tanto, q̃ hũa noute viera tèr à ſua caſa, ao qual ella deſpedira fingindo certos inconvenientes, pelos quaes não podia entã fazerlhe a võtade, o q̃ faria d'ahi à poucos dias; as quaes eſcuſas elle aceitou, & lhe prometteo de a tomar por molher. Madanà deſpois q̃ particularmẽte ſoube o procedimẽto q̃ el Rei tivera naq̃lle negocio cõ ſua molher, mandoulhe q̃ ſe fizeſſe preſtes o mais ſecretamente q̃ pudeſſe, porq̃ elle ia dar conta à ſeu irmão d'aquelle caſo, para pôr em ordẽ ſuas couſas em quãto elle tornava por ella. Finalmente os irmãos ambos ſe fizerão em hũa vontade, & tomando ſecretamente ſuas molheres, & o mais precioſo de ſuas fazendas, ajuntarão ſuas gentes, & fizerão ſeu caminho ao Reino do Delij: & tanto pode a perſuaſão delles, & a cobiça de Xiah Noſaradim [a] Rei d'aquelle Reino, q̃ cõ grande exercito ſe ajuntou cõ eſtes dous irmãos, & vèo cõquiſtar o Reino do Guzarate: & por ſe deſviarẽ do povoado do Reino de Mandou, q̃ ſe mette entre o Reino do Delij, & o do Guzarate, cõ grandes montanhas, cõmetterão de paſſar hũa tam aſpera, q̃ parecia couſa impoſsivel, mas à força de braços, & de ferro rõperão hũa penedia tam maravilhoſa de ver, q̃ por memoria d'aquelle feito, mandou el Rei do Delij edificar alli hũa cidade mui populoſa, à q̃ pôs nome Mãdanai, por hõra do maior d'aq̃lles irmãos. Mas como não era eſtrada Real, nẽ caminho para outras partes, & ninguẽ ia à aq̃lla cidade, ſenão quem tinha negocio nella, vèoſe perder, & diminuir, & oje he mui pequena, & obſcura.

Entrádo aquelle grãde exercito no Reino do Guzarate, como a maior parte d'aquella gente em aquelle tẽpo era dos Baneanes, q̃ como diſſemos por ſua religião não tinhão armas em caſa, levemẽte foi cõquiſtado, & el Rei Galacarnà morto em hũa batalha. Seu irmão porque ſabia q̃ a entrada de Xiah Noſaradim

a. *Deſte Rei do Delij Xiah Noſaradim trattou João de Barros no cap. 2. do liv. 5. da 2. Decada.*





Noſaradim fora por induſtria dos dous irmãos pola injuria recebida, pareceolhe q̃ não receberia dãno delles, & deixouſe eſtar na ſua Serra do Chãpanel, ſem querer ajudar ao irmão: mas não tardarão muitos dias, q̃ morto o irmão na batalha, Noſaradim o foi buſcar, à quẽ não ouſando eſperar por o pouco poder q̃ tinha em reſpeito de ſeu inimigo, deixou a terra, & com o mais precioſo q̃ tinha de ſua fazenda, & cõ algũs q̃ o quiſerão ſeguir, atraveſſou a Serrania de Pale, a qual he tam aſpera, que atè agora neſtes noſſos tẽpos, q̃ o Senhor d'aquella terra ſe fez vaſſallo de Soltam Badur Rei de Cambaia, nunca foi conquiſtada, avendo tanto tempo que iſto paſſou.

El Rei Xiah Noſaradim, fazendo deſte Rei de Pale pouca conta, o deixou, & o Eſtado q̃ ganhou entregou à hũ ſeu Capitão chamado Habedxiah, q̃ naquella guerra, & em outras cõquiſtas lho tinha merecido; para ſegurãça do qual lhe deu parte do exercito q̃ trazia, & lhe mandou q̃ conquiſtaſſe o mais q̃ ficava do Reino. Aos dous irmãos Mãdanà, & Cacanà, q̃ o trouxerão à ganhar aq̃lle Reino, & o ajudarão, deu dobrado Eſtado do q̃ tinhão em vidad'el Rei Galacarnà. E em memoria de ſua vinda à aq̃llas partes, fũdou hũa cidade de ſeu nome, q̃ oje eſtà ẽ pè, & os Guzarates lhe chamão Nozcarij, q̃ diſta da cidade ẽ Chãpanel 20. legoas pouco mais, ou menos ao Levãte.

Os Reis de Mandou, & de Chitor, temendo q̃ quando eſte Principe Xiah Noſaradim tornaſſe para o Delij, lhes roubaſſe, & deſtroiſſe ſuas terras de paſſagẽ, ou com o favor da vitto ria q̃ ouve dos Guzarates, quiſeſſe intentar a cõquiſta de ſeus Reinos, mandarãolhe Embaxadores com grandes preſentes, entregandoſe por ſeus vaſſallos, com obrigação de certo tributo por anno. Com eſta offerta ficou Noſaradim ſatisfeito, & ſem lhes fazer dãno paſſou perſuas terras, & ſe foi ao Delij. Atè aqui contão as hiſtorias do Guzarate deſte Principe que os conquiſtou. [a]

As Chronicas dos Perſas, de quẽ nos tomamos algũas couſas dos Reis della para eſta noſſa hiſtoria, dizẽ, q̃ no anno de DCC. VIII. de Mafamede, que ſão M.CCC. de noſſa Redempção, reinou na Tartaria Oriental hũ Principe Tartaro, por nome Tara Mexernij Chan, filho de Doa Chan, em cujo tempo poucos Tartaros ouve que não abraçaſſem a falſa lei Mahometana. Eſte ſendo Principe mui guerreiro, entrou na India, & ganhou o Reino do Delij, & deſceo ao do

a. *Pelos annos C. do Naſcimento de Noſſo Salvador, baxarão dos ultimos termos Septẽtrionaes, innumeraveis gentes repartidas em Tribus, q̃ vierão conquiſtando tudo o q̃ jaz do mõte Caucaſo para baxo atè Cambaia. Erão eſtas gentes Mogoles, Tartaros, Chacatais, & Resbutos. Eſtes ſe apoderarão do Guzarate, & forão ſenhores de todo o Indoſtan, q̃ repartirão entre ſi, tomando as cabeças tĩ tulo de Rajas, q̃ he o meſmo q̃ Governadores, atè cerca dos annos de M.CCC. q̃ vierão todos à ſerem conquiſtados de hum Rei do Delij, chamado Soltam Noſaradi (q̃ he o meſmo à q̃ João de Barros chama Xiah Noſaradim neſte capitulo) cujo Imperio ſe eſtendeo deſde o rio Indo atè o Ganges, & recolhẽdoſe para o Delij, onde falleſceo brevemente, deixou em todos os Reinos do Decan hum Governador, & outro por nome Mahamed (q̃ João de Barros no capitulo ſeguinte chama Hamed) no Reino do Guzarate, com o qual elle ſe alçou tomando titulo de Rei, quãdo ſoube da morte de Soltam Noſaradi. Diogo do Couto Dec. 4. liv. 1. cap. 7.*

Guzarate,o qual fez ſeu tributario: & tornãdoſe para ſeu proprio Eſtado,deixou no Reino do Delij hũ ſeu irmão chamado Doa Chã,como ſeu pai, & no Reino do Guzarate hũ ſeu Capitão. E ſegundo a conveniencia dos tẽpos, q̃ he a couſa q̃ na hiſtoria ſe mais deve cõſiderar pera a verdade della,parece q̃ o Xiah Noſaradim,& eſte TaraMexernij era hũ meſmo Rei,poſto q̃ os nomes ſejão differentes, pois ambos ſegundo dizẽ,quaſi em hũ meſmo tẽpo cõquiſtarão o Reino Guzarate.Xiah Noſaradim nos annos de Maſamede de DCC.VII. & Tara Mexernij poſto q̃ põtualmente a Chronica q̃ temos dos Reis de Perſia não diga em q̃ anno conquiſtou os Reinos doDelij,& do Guzarate,ſabemos q̃ deſpois d'ſer tornado à ſua propria patria,foi morto no anno deMaſamede DCC.VIII. por hũ ſeu ſobrinho chamado Purõ, filho de Taimu Chã em hũa batalha jũto da cidade de Chàta.E porq̃ per morte delle, ſegũdo a meſma Chronica dos Perſas, foi levantado por Rei Daiagàn Chã ſeu filho,o qual por vingar a morte de ſeu pai, matou muitos Senhores q̃ forão na conjuração deſta morte: revolveoſe o Imperio de maneira,que muitos Capitães que eſtavão em diverſas Provincias governando por elle, ſe levantarão por Reis,dos quaes ſeu tio Doa Chan ficou Rei do Delij,& o Capitão do Reino do Guzarate.

E poſto q̃ a Chronica dos Perſas diga, q̃ poucos Tartaros ficarão q̃ ſe não fizeſſem Mouros em tẽpo de Xiah Tara Mexernij:ou q̃ eſtes dous Principes q̃ elle deixou noGuzarate,& Delij,não ſerião tã cõfirmados naquella ſeita, q̃ permaneceſſem nella,ou porq̃ a terra era toda de Gentios, os Reis q̃ deſpois ſuccederão à eſtes primeiros Cõquiſtadores,forão Gentios.E querer enfiar a linhagẽ de hũs em outros elles meſmos o não podẽ fazer por as mortes, levantamẽtos,& mudanças, q̃ os Eſtados tẽ,quãto mais nos q̃ diſſo não temos mais noticia q̃ a q̃ delles recebemos.Baſta para cõtinuar noſſa hiſtoria, q̃ o Reino doDelij per algũs annos teve o imperio dosReinos de Guzarate,de Mãdou,de Chitor,& Canarà,& de toda à terra,q̃ jaz entre aquelles celebrados rios Indo, & Ganges, à q̃ propriamẽte chamamos India,& os naturaes Indoſtã. E que eſtes Reinos, & ſeus Principes ſe iſentarão deſpois da morte de Xiah Noſaradim, que com a gente que naquellas Provincias mettia d'aquellas partes do Norte, que naturalmente he conquiſtadora,os enfreava.

CAPI-



## CAPITVLO. III.

*Como Hamed Mouro Tartaro de nação vèo ſer Rei do Guzarate,de que procederão todos os Reis que atè agora forão,& o que paſſou ſobre ſua ſucceſſão.*

NO anno de M.CCC.XXX. de noſſa redempção,hũ Mouro Tartaro,chamado Hamed, homẽ rico,& poderoſo,q̃ vivia na cidade de Cambaiet,à q̃ nos chamamos Cãbaia, cõ favor dos Arabios,Perſas,& gẽtes de Europa, principalmente Gregos,& Turcos,à q̃ elles chamão Rumes,q̃ à aquelle Reino ião por cauſa do cõmercio, ſe levantou cõ parte do Reino Guzarate,tomando per força d'armas ao Rei Gentio q̃ entã reinava,q̃ ſe chamava Deſingue Rao,muitos lugares, & a cidade de Madrefavat,q̃ naquelle tẽpo era mui grande,& populoſa,& diſta cinco legoas de Dio,q̃ deſpois ſeu neto Peruxiah ennobreceo,como adiãte diremos.Eſte Hamed poſto q̃ era cavalleiro de ſua peſſoa,quãto baſtava para eſta empreſa, q̃ tomou de ſe intitular por Rei em Reino alheo,era elle tã prudẽte,q̃ iſſo lhe deu maior ſer para o q̃ foi,q̃ as armas cõtra o Rei Gentio.E aſsi cõſiderando elle,q̃ o q̃ faz os Reinos, & as Republicas mais florentes,ſão homẽs,& riquezas,recolhia todos os eſtrãgeiros,aſsi da Europa,como de Africa,Egypto, Arabia,& da Perſia,aos quaes dava grandes ſoldos, cõ q̃ fazia muita guerra ao Rei Gentio;& cõ todos uſava de muita juſtiça,& liberalidade,q̃ ſão as partes cõ q̃ os Principes ſe fazẽ bẽ quiſtos,& reverẽciados.E para enriq̃cer ſeu Reino,não ſòmẽte recolhia nelle toda ſorte de mercadorias q̃ tinhão valia, & de ſua mão ſe repartião pelos que as avião meſter, ſem dellas querer mais ganho q̃ terem todos neceſsidade delle,mas ainda todo genero de moeda eſtrangeira, quer foſſe de Mouros, quer de Chriſtãos da Europa,ou de Gẽtios d'aquelle Oriẽte, mandava q̃ correſſe em ſeu Reino por mais do q̃ valia nas terras donde vinha,cauſa q̃ entraſſe nelle grãde quãtidade d'ouro,& prata. Teve tãbẽ outras partes mui principaes para ſer bẽ quiſto,q̃ aos Principes cuſtão pouco, & lhe rendẽ muito. Alem diſto,o q̃ o fez mui poderoſo para conquiſtar aquelle Reino do Rao,foi viver elle muito, & tèr vinte filhos de diverſas molheres,que quaſi todos vio homẽs em ſeus dias.

Por

a. *Aeſte chama Diogo do Couto Daudarchan, & q̃ foi o fundador de Dio, & não faz mençõ de Peruxiah, ſe não de Mahamed, q̃ diz foi filho de Daudarchan, & ſeu ſucceſſor. Liv. 1. cap. 7.*

Per morte deſte Principe, reinou ſeu filho Ale Chan.[a] Eſte acreſcentou ao Eſtado herdado muitas terras, q̃ tomou ao Rei Gentio; mas em hũa batalha que lhe deu junto da cidade de Cambaia, foi vencido do Gentio, com perda de muita gẽte, & deſpojo de duas naos ricas que derão à coſta, com q̃ ficou o Rei Gentio mui rico, cauſa de elle deſpois perder em outra batalha dez mil homẽs: porq̃ como ouve a riqueza d'aquellas naos, q̃ erão muito ouro, prata, ſedas, & couſas de grãde preço, deſceo do ſertão às povoações da ribeira do mar, q̃ erão do Mouro à lhe fazer guerra, eſperando aver outra tal preſa, & Ale Chan lhe mandou armar cõ outras duas naos lãçadas à coſta, como em cilada, cõ que foi desbaratado, & perdeo aquella gẽte q̃ era a melhor q̃ tinha. Eſte Ale Chan viveo cẽto & ſeis annos, dos quaes reinou cinquoẽta & nove, & teve quarenta filhos de muitas molheres, de q̃ tres forão Reis.

O q̃ lhe ſuccedeo foi o maior q̃ ſe chamou Peruxiah: o ſegundo por nome Azeide Chan, caſou cõ hũa filha d'el Rei do Mandou ſeu vezinho, & per morte do ſogro por não tèr filho herdou aquelle Reino per via da molher. O terceiro ſe chamou Ale Chan como o pai, q̃ tambem pola molher veo à reinar em Agimar, hũ pequeno Reino q̃ confina cõ Chitor, & com Galer. Peruxiah foi homẽ pacifico, & humano, como ſe vio nos trattos q̃ tinha, & nos favores que fazia aos mercadores, & navegantes q̃ à ſeu Reino ião, que foi cauſa de ſe fazer rico, & poderoſo. Fez moeda de cobre, & de prata, de que oje ſe acha ainda algũa: foi o primeiro q̃ naquellas partes fez navios de guerra ao modo dos de Levante, per induſtria de Gregos, & Italianos, & de outras nações q̃ ião à aquellas terras, cõ cuja ajuda ouve muitas vittorias do Gentio, & a principal foi de dous juncos dos Chijs: os quaes como naquelle tẽpo navegavão a coſta da India, per ella tinhão ſuas Feitorias, por razão do tratto da eſpecearia. E poſto que Peruxiah ouve vittoria deſtes juncos, na peleja lhe matarão dous irmãos, & cinco tios, cõ muita gẽte nobre, & elle ficou mui ferido. E em quãto ſe curava, em memoria da vittoria, q̃ foi onde oje eſtà edificada a cidade de Dio, elle fez alli hũa povoação (não ſendo antes mais q̃ acolhimẽto de peſcadores) & mãdou q̃ o tratto de Madrefavat, q̃ era a cidade principal d'aquella coſta, ſe paſſaſſe à Dio. Mas iſto durou o tẽpo q̃ elle vivco. De maneira que ao tẽpo q̃ a ouve Melique Az, ja era tornada quaſi à ſeus prin-



principios, & elle a reedificou, & ennobreceo.

a. *Eſte foi o que deu a Ilha de Dio à Melique Az, & em ſeu tempo deſcobrio a navegação da India o grande Dõ Vaſco da Gama Conde da Vidigueira, Almirante do mar da India. Diogo do Couto liv. 1. cap. 7.*

A eſte Peruxiah ſuccedeo ſeu filho Soltã Mahamud,[a] por appellido Begra, q̃ em lingoa dos Guzarates quer dizer cavalleiro, porq̃ aſsi o foi elle, & mui aſtuto, & dado ao governo de ſeu Eſtado, & à adminiſtração da juſtiça. Eſte Principe tomou ao Gentio da terra de Mangalor cõtra o cabo de Iaquette mais de vinte cinco villas, & povoações, & teve em cerco a cidade de Chãpanel tres annos, no fim dos quaes a tomou, & aſsi a Serra della, ſendo à couſa mais forte de todo aq̃lle Reino do Guzarate. Neſta cidade achou grãdiſsimos teſouros dos Reis antigos. Reinou Mahamud 55. annos, & deixou doze filhos; O maior delles chamado Modafar, foi grãde edificador, & ennobreceo muito ſeu Reino; lavrou hũa moeda d'ouro, q̃ ora corre, chamada do ſeu nome Modafarxao, q̃ da noſſa de Portugal val 1270. reaes, da qual vèò muita à poder dos noſſos per morte de ſeus filhos. Reinou Modafar catorze annos. Os filhos q̃delle ficarão eſtimados, & de q̃ ſe faz mẽção, forão Scãder Chã, Latifà Chã, Badur Chan, Chãde Chan, Iangri Chan, & Mamud Chan, & outros.

Scãder Chã mais velho ſuccedeo à ſeu pai, & não reinou mais q̃ nove meſes, porq̃ por ſer homẽ aſpero, & por querer tirar de Dio à Melique Saca, filho de Melique Az, por as razões q̃ adiãte diremos, foi morto per conjuração dos ſeus. Porq̃ como eſte Melique era homẽ ſagaz, & poderoſo como ſeu pai, cõ ſeu dinheiro, & aſtucia grãde ou muitos dos principaes, q̃ à el Rei por ſua cõdição não tinhão boa võtade. E todos cada hũ per ſua parte à força de dinheiro, moverão à Madre Maluco Governador do Reino, q̃ elle per ſua mão mataſſe à el Rei, & q̃ tãto q̃ iſto fizeſſe lhe acodirião todos cõ ſeu poder. O Madre Maluco matou à el Rei, & logo tomou no collo à Mamud Chan ſeu irmão o mais moço, q̃ era de dous annos, intituládoo por Soltã, à fim de elle Madre Mamaluco ficar mais tẽpo por Governador do Reino, como ja era, & cõ os outros de ſua parcialidade comerẽ os rẽdimẽtos do Reino. E por moſtrar q̃ el Rei não fora morto por odio q̃ os Grãdes lhe tiveſsẽ, ſenão por evitarẽ as aſperezas q̃ cõ o povo uſava, cõ grãde ſolẽnidade, & põpa, acõpanhado de algũs Senhores de ſua facção, o levou à enterrar onde ſeu pai el Rei Modafar eſtava ſepultado. E o novo Rei levou à cidade de Chãpanel, q̃ era a mais forte couſa do Reino, onde eſtava o teſouro dos Reis. Alli fez vir todos à obedecer ao menino, governãdo elle abſolutamẽte, porẽ cõ prudẽcia, & vigia d'ſua peſſoa.

Mas

Mas não tardarão muitos dias q̃ Latifa Chan, ſegundo filho de Soltam Modafar, à quẽ pertencia o Reino por morte de Scandar, vèo do Reino do Mandou, onde era caſado cõ hũa filha d'el Rei delle, & cõ a gẽte q̃ trouxe, & a q̃ ſeguia ſua parte, que era a da juſtiça, foi levantado por Rei na cidade de Abmadabad, & logo ſe pos à caminho para Champanel. Porẽ a fortuna devolveo o Reino ao terceiro filho de Modafar, que era Badur Chan, q̃ andava em habitos vijs de Calandar peregrinando per Reinos eſtranhos, indigno da herença de ſeu pai, por o q̃ tinha cõmettido, como ſe adiante verà, cõ cujo proceſſo de vida, & feitos, nos pareceo q̃ convinha ir cõtinuando, não ſòmente porq̃ tocavão aos feitos dos Portugueſes, & ao propoſito de noſſa hiſtoria, mas ainda porq̃ no diſcurſo da vida deſte Principe, & de outros que cõ elle contenderão, ſe verà hum curſo de tempo de varias tragedias de Eſtados, para exemplo d'aquelles que os governão.

## CAPITVLO. IIII.

*Como por el Rei Modafar dar certas cidades aos filhos de Melique Az, ſe aggravarão ſeus filhos, & o terceiro delles Badur Chan ſe foi do ſeu Reino para el Rei de Chitor, & o que lhe là aconteceo.*

DAQVELLE Melique Az tam celebrado neſta noſſa hiſtoria, que falleſceo no anno de M.D.XX. lhe ficarão tres filhos, Melique Saca, Melique Liaz, Melique Tocam. E querẽdo el Rei Modafar ſatisfazer à eſtes ſeus filhos os ſerviços de ſeu pai, repartio per elles as terras que ſeu pai tinha em ſua vida, que erão Baçaim, Madrefavat, Dio, & Iaquette, q̃ he hũa cidade poſta em hũ cabo, que faz a enſeada chamada do ſeu nome de Iaquette, na qual entra o rio Indo. Cada hũa deſtas cidades tinhão muitas povoações, q̃ lhe erão ſubjeitas, perque ficavão de grande rendimento, de q̃ a maior parte dava Melique Az à el Rei, o mais lhe ficava à elle para defenſão, & governo d'aquellas terras, como Capitão dellas, q̃ ſe elle nomeava, & não Senhor. A repartição que el Rei fez deſtas terras foi dar à Melique Saca, que era o mais velho, as cidades de Dio, & Iaquette, à Melique Liaz a cidade de



de Baçaim, & à Melique Tocam, que era o mais moço, a cidade de Madrefavat, que era ſomenos das outras. Algũs dizem, que a tenção d'el Rei Modafar em repartir eſtas terras per eſtes irmãos, não foi tanto por lhes fazer merce, como por tirar competencias entre o Principe Scandar, & Badur ſeus filhos: os quaes quãdo virão feita a doação dellas, ſe queixarão muito à ſeu pai, dizendo, que como avia elle de dar aos filhos de hum ſeu eſcravo como foi Melique Az, as terras com que os podia à elles mantèr: as quaes dezia cada hum delles que eſtarião mais ſeguras em ſua mão, q̃ na dos filhos de Melique, que ja em ſua vida eſtivera duas vezes para entregar a cidade de Dio aos Portugueſes, com artificios que para iſſo uſara.

Melique Saca quando ſoube deſte requerimento, pareceo lhe que o Principe Scandar não pedia eſtas terras tanto por cobiça, por o grande cuſto que ellas tinhão nas armadas, que fazia ſeu pai Melique Az, quanto por a mà vontade que lhe tinha por algũas paixões que entre elles avia. E como era criado nas ſagacidades de ſeu pai, & elle tambem era homem naturalmente malicioſo, começou peitar groſſamente à Madre Maluco Governador do Reino, & à todos os privados d'el Rei, com que fez que el Rei as repartio da maneira que diſſemos; porq̃ ſabia q̃ ſe ſeus filhos deſejavão aquellas terras, era para comer o rendimento dellas. E como erão maritimas, onde elles não avião de reſidir para as defender dos Portugueſes, ficavão mui apparelhadas para as elles tomarẽ, & elle Rei não teria dellas rendimẽto algum: das quaes em tẽpo de Melique Az avia elle em cada hum anno cento & cinquoenta, & duzentos mil pardaòs: & anno ouve q̃ por ſe Melique Az aſſegurar ante el Rei dos males q̃ algũs ſeus cõpetidores delle deziã, lhe levou quatrocẽtos mil pardaòs. Finalmente el Rei cõ repartir eſtas terras pela maneira referida, & com razões que deu à ſeus filhos, ſe eſcuſou de lhas dar à elles; o que deſpois foi cauſa de muitos trabalhos, & de Soltam Modafar correr riſco de morte. Porq̃ Badur Chan, que era ſeu terceiro filho, como não eſperava por ſua morte a herença do Reino, q̃ era do irmão maior (poſto q̃ el Rei deſenganou ao Principe, dandolhe algũas razões cõ q̃ o ſatisfez, ſobre a pretenſão d'aquellas cidades) inſiſtia muito no ſeu requerimento, ao qual el Rei ſe eſcuſava com o aver negado ao Principe. Algũs dizem q̃ el Rei aborrecia à eſte ſeu filho Badur, porque em naſcendo, ou

por

por Aſtrologia, ou por feitiçaria, lhe diſſerão que elle avia de ſer cauſa da deſtroição d'aquelle Reino. O qual por ſua mà inclinação, & por ſe ver deſfavorecido do pai, & ſobre tudo mal deſpachado neſte ſeu requerimento, dizem que deu peçonha à ſeu pai, cõ conſelho, & ajuda de ſua mãi que lhe queria grande bem: da qual peçonha, porque ouve algũs indicios na peſſoa d'el Rei, que foi diſſo curado, temendo Badur que o pai o quiſeſſe prender, fugio, levando conſigo algũs criados que o ſeguirão. E por moſtrar que fazia eſta ida por algũs particulares deſgoſtos que tinha de ſeu pai, & não temor do que fizera, neſte meſmo tempo teve outros requerimentos, & com voz de paixão do mao deſpacho delles ſe partio, & foi tèr ao Reino de Chitor, vezinho do de Guzarate, que era de hum Gentio por nome Sanga.

El Rei de Chitor, por Badur ſer filho d'el Rei Modafar, o recebeo com muita honra, & gaſalhado, & por lhe fazer feſta, a noute ſeguinte de ſua chegada teve ſerão, ao modo que cà na Europa coſtumão os Principes, & Reis. E vindo à bailar certas moças, que ſegundo o ellas fazem naquellas partes com deſtreza, parecem volteadores, gabou Badur à hum homem dos nobres do Reino que eſtava junto delle o bailar, & ſoltura dellas. O qual em modo de deſprezo, diſſe cõtra Badur: *Pois aquellas moças que vos alli vedes, ſão filhas de homẽs nobres de voſſo Reino Guzarate, as quaes nos cattivamos quando tivemos guerra com voſco, & el Rei Noſſo Senhor as mandou enſinar à bailar para ſeu goſto.* Mas Badur por eſtas palavras lhe parecer que ſe dezião em ſua injuria, levou de hum punhal que trazia na cinta, & deu duas punhaladas à aquelle fidalgo, de que logo ficou morto. E Badur tambẽ o fora per mãos dos parentes do morto, ſe a Rainha Crementij molher d'el Rei o não defendera delles, & d'el Rei, que o queria mandar caſtigar. E ſobre o livrar d'aquelle perigo, o mandou ſecretamente com guarda pôr em ſalvo fora do Reino do Delij, o que lhe elle deſpois mal pagou, como adiante diremos.

(2.)

CAPI-



## CAPITVLO. V.

*Como Badur ſe fez Calandar, & da maneira, & coſtumes d'aquella religião, & como ſabendo da morte de ſeu pai, & da d'el Rei Eſcandar que lhe ſuccedeo, vèo ao Reino de Guzarate, & ſe levantou com elle, com morte de ſeus irmãos, & de outros muitos.*

TANTO que Badur ſe vio fora do Reino de Chitor, & da afronta em que foi poſto, & em terras eſtranhas, determinou fazerſe religioſo, por remedio de vida, & desbaratãdo tudo o q̃ conſigo trazia, & repartindoo pelos criados, ao modo de homẽ q̃ entrava em religião de pobreza, tomou habito de Calãdar, deſpedindoſe de todos, dizendo, q̃ deixava o Mũdo, & ſe offerecia todo ao ſerviço de Deos, & a peregrinar, pedindo eſmola por ſalvar ſua alma. Eſte uſo de religião não ſò mẽte tẽ os Mouros, mas tãbẽ os Gentios, & eſtes tomão eſte modo de vida mais eſtreitamente, aos quaes elles chamão Iogues. Os quaes não ſò deſprezão todo o mimo, & delicias de comer, & veſtir, mas ainda fazẽ vida de grãde aſpereza, & tal q̃ faz eſpãto, & move à cõpaixão, porq̃ andão nuos com hũas groſſas cadeas de ferro ao peſcoço, & ao redor de ſi à maneira de cilicio, ſòmẽte as partes vergonhoſas trazẽ cubertas com hũas peles, & comẽ mui miſeravelmente. E poſto q̃ pareça q̃ cobrẽ algũa parte de ſeu corpo por vergonha, tem elles em o mais mui pouca) porq̃ em todas as couſas naturaes ao homem onde quer q̃ lhe toma vontade, logo obedecẽ à natureza, ſem terẽ pejo à ſerẽ viſtos de alguẽ, dizendo (como tambẽ os Philoſophos Cynicos[a] dezião) q̃ a natureza não faz couſa torpe. São eſtes na vida hũs martyres do Demonio, & nas maldades os meſmos Demonios; porq̃ como ſão acreditados em toda a parte, cuidão aquelles povos q̃ quando fallão cõ hũ deſtes, fallão cõ hum Santo, nẽ ſe vigião delles. E porq̃ como homẽs ſantos, não ſão buſcados, nẽ os tocão. Nos tẽpos das guerras, elles ſão os q̃ de Reino à Reino levão todas as cartas, & aviſos, & os q̃ paſſão pedraria furtada aos dereitos dos portos. E poſto q̃ eſtas couſas, & outras peores ſe ſaibão delles, tem para ſi, quẽ lhes fizer mal, q̃ fica excomũgado, & perdido do corpo, & da alma. A parte õde ſe acha mais numero d'eſtes he no Reino

a. *Antiſthenes Athenienſe Philoſopho Socratico, deu principio à ſeita Cynica, aſsi chamada da eſcola Cynoſarge, hũa de tres que avia fora de Athenas, na qual enſinava Antiſthenes, como Platão, & Ariſtoteles nas outras duas Academia, & Lyceo. Foi Antiſtenes meſtre de Diogenes Cynico, & de outros Philoſophos que ſeguirão à ſua ſeita. Eſcreveo dez livros de varias materias, como refere Laertio na ſua vida, liv. 6.*

do Delij,porque he como hum centro d'aquellas Provincias de Aſia,aonde concorrẽ de todas as nações, & muitas vezes andão em hũa cõpanhia mais de dous mil, os quaes poſto q̃ ſejão de differentes lingoas,cõ a converſação q̃hũs cõ outros tem neſtas ſuas peregrinações,q̃ he hum dos votos de ſua regra,todos ſe entẽdem. Não entrão nas cidades, mas ao modo dos Cyganos q̃ andão neſta parte de Europa,pouſão fora do povoado,& alli lhe traz a gente do povo ſua eſmola. E quando aſsi anda grande numero delles, elegem hum à q̃ obedecẽ à maneira que os Cyganos fazem à ſeu Conde. Cada hũ deſtes traz hũa corneta,principalmẽte quando andão ſòs, a qual tangem em chegando ao povoado,para que ſe ſaiba que eſtà alli,& lhe trazerem de comer,& eſmola.

Andando aſsi Badur neſte habito de Calandar nas terras do Reino do Delij,teve novas como ſeu pai Soltam Modafar era falleſcido,& ſem mais eſperar outra couſa, naquelle meſmo habito ſe veo ao Reino do Guzarate, onde tambẽ ſoube da morte de Soltã Eſcandar ſeu irmão q̃ ſuccedera à ſeu pai,& a maneira della,& q̃ o Governador do Reino Madre Maluco levantara por Rei à Mahamud Chan ſeu irmão mais moço, menino de pouca idade: & aſsi ſoube como Latifa Chan legitimo herdeiro do Reino,por ſer o ſegundogenito, era vindo com gente groſſa do Reino do Mandou,onde era caſado,para ſe apoderar do Reino de ſeu pai,q̃ de dereito era ſeu, & depôr o menino q̃ o Governador mal levãtara. [a] E porq̃ eſte irmão Latifa Chan caminhava para Champanel à ſe apoderar do teſouro de ſeu pai,Badur deſceo para as fraldas do mar, para ſe metter nas cidades de Surat,& Reiner, onde tinha dous mercadores groſſos ambos irmãos grãdes ſeus amigos, aos quaes eſcreveo do caminho,q̃ ſecretamente ſem Deſtar Chan Capitão d'aq̃llas cidades o ſaber (porq̃ fora na morte de ſeu irmão Eſcandar) lhe fizeſſem a mais gẽte q̃ podeſſem à ſoldo, & que em quanto a levãtaſſem,elle pelo caminho per onde foſſe cõ o ſeu nome iria ajuntando algũa. Finalmẽte Badur entrou na cidade de Reiner per induſtria dos dous irmãos,& cõ o poder, & favor da gente q̃ lhe tinhão junta foi levantado por Rei.

A nova deſte levãtamẽto foi logo tèr à noticia dos outros ſeus irmãos,q̃ os metteo,& à toda a gẽte em grãde confuſão, não ſabẽdo à qual das partes acodiſsẽ, principalmente Deſtar Chan,q̃ eſtava fora das cidades. Eſte parecẽdolhe q̃ grãgeava

Badur,

a. *Eſcreve Diogo do Couto, que Badur (à que elle chama Bador) era o primogenito d'el Rei Modafar, o qual por querer dar o Reino ao filho ſegundo moſtrava mà vontade à Badur, polo que elle ſe fizera Calandar, auſentandoſe do Reino. E o que aqui diz Ioão de Barros de Latifa Chan, que com ſoccorro d'el Rei de Mandou veo à pretẽder o Reino do Guzarate, Diogo do Couto o refere de Badur. Capitulo. 1. livro 7.*



Badur,lhe foi beijar a mão, mas nelle começou Badur de encetar com morte a nobreza d'aquelle Reinò mandãdoo logo matar,com titulo de traidor à ſeu irmão,dizendo,q̃ fora participante no conſelho de ſua morte. Iſto dizia o prẽgão; mas a cauſa era por lhe tomar toda a fazenda, como tomou. E por ſe acreditar com a gente, & mover à todos que o ſeguiſſem, logo alli galardoou aos dous irmãos que o ajudarão, ao que ſe chamava Naitia deu aquellas duas cidades de Reiner, & Surat,& ao outro ſeu irmão chamado Coje Babù fez Veedor de ſua fazenda,que era grande cargo.

Partioſe logo Badur em buſca de ſeu irmão Latifà Chan, mandando diante muitas cartas aos Capitães que com elle andavão,prometendolhe grandes merces ſe o deixaſſem, & ſe vieſſem para elle. E como a fortuna as mais das vezes nos primeiros amores que tem com a peſſoa que quer levantar a grã de eſtado,lhe faz a entrada leve, & deſpejada de todos os inconvenientes,aſsi ordenou as couſas de Badur,que venceõ ao irmão em hũa batalha que lhe deu, ficando deſamparado de todos os ſeus,& foi achado morto ſem ferida algũa entre dez, ou doze homẽs que lealmẽte o ſeguião,& dizem que morreo de abafado das armas,por ſer homem muito groſſo.* D'aqui foi Badur à cidade de Champanel,onde ſe lhe entregou o Governador Madre Maluco,com o menino Mamud que levantara por Rei,& outros dous irmãos tambem de Badur, a qual entrega elle fez de ſi,& d'aquelles Infantes,com grandes ſeguros jurados por Badur,per os oſſos de ſeu pai,& per o Moçafo de ſua lei,que lhes não faria mal: mas a fim de ſua verdade foi diſsimular algũs dias com Madre Maluco, por lhe acolher a fazenda. E no tempo que elle eſtava com menos ſoſpeita, & mais favorecido de Badur,o prendeo,& mandou eſfollar vivo. O qual dizem que eſteve inteiro fallando ſempre atè lhe chegarem ao embigo,& lhe foi tomada toda a fazenda. D'ahi à poucos dias mandou vir ante ſi os tres Infantes ſeus irmãos, & per ſua propria mão degollou o Mamud que era levantado por Rei, ſendo criança que ainda não ſabia ſair dos braços de ſua ama,& aſsi degollou os outros dous irmãos,por lhe dizerem, porque tingia as mãos em ſeu proprio ſangue,ſendo aquelle ſeu irmão menino innocente,em idade,& em culpa.

*Succedio iſto no anno de M.D.XXV. Diogo do Couto.*

## CAPITVLO. VI.

*Com el Rei Badur determinou de matar todos os q̃ em tempo de seu pai o tinhão offendido, & entre elles à Melique Saca Capitão de Dio, & da manha que elle usou para lhe escapar. E como naquelles dias veo à Dio hũa nao de Franceses que partira de França, de que era Capitão, & Piloto hum Portugues.*

DEBEDECIDO Badur por Rei d'aquelles Senhores, & gente que tinha consigo, & rico com os tesouros de seu pai, começou logo à entender no modo q̃ avia de tèr para matar assi aquelles à que tinha odio antes que fugisse de casa de seu pai, & à aquelles que em sua vinda lhe forão causa de algum impedimento, como os que forão na morte d'el Rei Escandar seu irmão, assi per suas pessoas, como per seu conselho: & isto mais por lhe tomar o seu, que por lhe doer a morte de seu irmão. Em Melique Saca Capitão de Dio, filho de Melique Az, concorrião todas estas causas de odio, assi por os modos que teve em peitar, para que Soltam Modafar não desse aquelle Estado de Dio à elle Badur (como dissemos) como por lhe não empréstar algum dinheiro que lhe elle pedio, & ser mui rico, & hum dos principaes autores que urdirão a morte d'el Rei Escandar. Polo que para effettuar este desejo, Badur o mandou chamar, como à homem dos principaes do Reino, à quem ainda não tinha visto, para lhe beijar a mão, & o reconhecer por Senhor à seu modo, fingindo tambem q̃ a causa principal porq̃ o chamava, era tèr sabido quanto dãno as armadas dos Portugueses fazião por toda a costa de seu Reino, & querer consultar cõ elle o modo q̃ se teria para aquella defensão. Melique Saca alem de estar avisado pelas mortes d'aquelles que el Rei matava, com voz que forão autores da morte de seu irmão, em q̃ elle se achava culpado, temia muito ir ante el Rei, porq̃ secretamente lhe mandarão cartas de aviso, q̃ sua vida não seria mais q̃ atè chegar à el Rei, & q̃ por isso olhasse por si. E como elle era homẽ sagaz, & criado nas manhas de seu pai, q̃ cõ nosco fazia às vezes seus negocios ante el Rei Modafar seu Senhor, usou tãbẽ destas artes, escusandose à el



à Soltam Badur com nossas armadas, que andavão naquelle tempo pela costa de Cambaia, & que se não atrevia deixar Dio à risco de o tomarmos em quanto elle fosse ausente. El Rei que não era menos malicioso que elle, & incitado do odio que lhe tinha, apertavao mais que fosse, & deixasse algum homem de recado por Capitão, em quanto o là detivesse. Quando Melique Saca se vio tam apertado, mandou chamar à Eitor da Silveira, que o entreteve em Dio, como atras escrevemos, *à fim de se desculpar à el Rei, & fazerlhe crèr a necessidade que avia de sua pessoa em Dio.[a] Mas como el Rei per outra parte sabia ser elle o mesmo autor de os nossos irem à Dio, & o modo que tinha com elles, apertouo tanto, que elle se determinou em fugir para Iaquette.

* No cap. 5. do liv. 1.

Esta he hũa cidade que està em hum cabo assi chamado, por causa de hum antigo, & sumptuoso templo de Gentios, o mais celebre d'aquellas partes, onde começa a outra enseada, q̃ por causa do mesmo templo, se chama de seu nome de Iaquette, a qual enseada he assi penetrante na terra com hũ cotovello como a de Cambaia, & se esta tem os perigos do grãde macareo que nella ha, com que muitas naos ou ficam em seco, ou çoçobrão com a soberba da agoa, que entra do mar à encher o que vazou, assi a de Iaquette tem grande numero de Ilhas de areas levadas da agoa que se mudão, à que os navegantes chamão alfaques, com as cheas do grande rio Indo, & de outros que descarregão suas agoas nella. Nesta parte esperava Melique de se salvar, por duas razões: a hũa por ser perigosa a navegação per aquelle mar, & per terra não poder ir el Rei là, por as grandes montanhas que lhe era necessario atravessar, que são dos Resbutos, com que aquelle Reino de Cãbaia tem continua guerra: a outra razão, por ser elle casado cõ hũa filha de Lacazamo, Senhor da comarca de Cache, Resbuto de nação, que està no interior da enseada que dissemos, & homem poderoso entre aquella gente, onde esperava achar favor.

Determinado Melique em effettuar sua partida, mandou passar muita artelharia que estava na cidade às naos em que esperava de fugir, & assi proveo toda a fustalha do necessario, como que avia de pelejar com nossa armada, se nos quisessemos cõmetter entrar no porto, com fundamento de não sòmente levar sua pessoa, familia, & fazenda,

a. *Diogo do Couto escreve, q̃ a tenção de Melique Saca, foi de entregar cõ effeito a fortaleza de Dio aos Portugueses, de que Agà Mahamud seu parente o disuadio, descõfiando da verdade & fè de Eitor da Silveira, que tendoo em seu poder, com a cobiça do tesouro que tinha, o prẽderia, & assi ficaria sem fortaleza, sem fazenda, & sem liberdade. O que este Mouro traçou maliciosamente, para lhe ficar o governo da cidade. A qual diz Couto que lhe deu Badur vindo à Dio em busca de Melique Saca, que ja era fugido para Iaquette. Decada. 4. liv. 1. cap. 8. & Fernão Lopez de Castanheda liv. 7. cap. 6. 7. & 13.*

& fazenda,mas ainda todos'os principaes mercadores que alli reſidião,per vontade,ou per força, para com elles ennobrecer a povoação, & fazer della outra eſcala tam principal como Dio,por o ſitio em que eſtava. A principal peſſoa com q̃ Melique Saca tinha cõmunicado eſte ſeu propoſito era Agà Mahamud,aquelle ſeu Capitão das fuſtas que muito perſeguio os noſſos em Chaul,quando fazião a fortaleza:*porque alem de ſer homem de ſua peſſoa,& prudente,tinha nelle cõfiança que lhe manteria ſegredo. E porque eſta mudança ſe não entendeſſe,nem menos no embarcar foſſe ſentido,foiſſe Melique à hũa quintãa ſua, que he na terra firme da Ilha de Dio obra de cinco milhas,alem da villa que chamão dos Rumes,que he hum arrabalde da cidade,entre aqual,& o arrabalde,ſe mette o braço da agoa ſalgada, que faz a terra ficar em Ilha.Neſta quintãa tinha elle ſua molher,& ſeu filho,& fazẽda,& mandando diante algũs navios, com diſsimulação, por não arrancar com tanta familia,nelles mandou a molher, & parte da fazenda. E a noute em que eſperava de ſe acolher, mandou à Agà Mahamud, que fizeſſe grande revolta na cidade,dizendo que vinha noſſa armada para a tomar, & q̃ no alvoroço de todos acodirem aos lugares de defenſa, elle acodiria tambem da quintãa aquella antemanhãa, como quem ſe vinha metter dentro,& ao paſſar do rio ſe embarcaria, & daria à vella caminho de Iaquette.

Agà Mahamud lançando outras contas, fezſe em outro bordo,& deu conta à certos Capitães Arabios,& outros que ſervião à Melique,& examinado bem o negocio, aſſentarão de não conſentir à Melique que ſe embarcaſſe, nem entraſſe na cidade,& eſtiveſſem levãtados cõ voz de Soltã Badur, atè ſaber delle o q̃ mandava. E começarão pelo proprio ardil de Melique,de noute cõ tãbor,& grãdes gritas,dizẽdo, q̃ vinha a armada dos Portugueſes,& deſpejarão muita artelharia que eſtava nas naos,& navios q̃ Melique queria levar, & a poſerão no muro,cõ outras muniçõeſ q̃ avião meſter para defenſão da cidade.Melique foi logo aviſado dos ſeus da grande revolta que avia nella,dizendo que vinhão os Portugueſes,que acodiſſe: & como elle tinha cuidado o ardil d'aquella revolta,pareceolhe que o fazia Agà Mahamud polo ſeu mandado, & todo ſeu trabalho era mandar carregar ſuas carretas com o fato,dizendo q̃ o queria recolher na cidade antes q̃ nos chegaſſemos.

* *Como eſcreve Iohão de Barros nos capitulos.8.9.10.da Decada.3.*



gaſſemos. Vindo elle em rompendo a alva, para embarcar ſeu fato, a gente, que ja eſtava apellidada por parte de Agà Mahamud, tanto que o vio à borda da agoa, começarão de lhe tirar às frechadas & eſpingardadas, com grandes apupadas,chamandolhe traidor,que queria dar a cidade aos Portugueſes, com mil doeſtos,quaes a gẽte popular junta,ſoe ſoltar em ſemelhantes mudanças de tempos.

Quando Melique ſe vio aſsi ſobreſaltado, não ſómente deſeſperou de ſe poder embarcar, por lhe terem tomada a embarcação, mas ainda temeo perder a vida, parecendolhe, que tam grande couſa, como aquella, não podia vir de Agá Mahamud,ſenão induſtriada d'algum Capitão,por mandado d'el Rei, que lhe pareceo não poderia muito tardar, que não vieſſe ſobre elle. E pedindo hum pelouro dos que lhe tirarão com a artelharia,o tomou na mão,& diſſe: *Eu te mandei fazer,& não para mi,ſe não para meus inimigos,& pois os amigos te mandão cà, como ſinal que ja o não ſão, eu te levo comigo, como teſtamunha para algũa hora (ſe Deos quiſer) te moſtrar á elles, que mal me pagavão o bem que lhes fiz.* Tornado para ſua quintãa,aven do quatro dias que não fazia outra couſa, ſe não carregar, & aperceberſe de cavalgaduras & de carretas, para ir per terra onde eſtava ſeu ſogro nos Resbutos,veolhe nova,que el Rei abalava para vir ſobre elle, por o recado que lhe mãdou Agá Mahamud. Melique Saca como a nova o apreſſou levando de ſua fazenda o mais principal, ſe pôs em caminho, em que paſſou aſſas de trabalho em hum paſſo jũto da cidade de Novanaguer,em que ja eſtavão dous Capitaẽs d'el Rei, que lhe forão atalhar a eſtrada,onde lhe conveo partir o ouro, prata, & joias,que levava pelos alforges da gente de cavallo,não eſperando de ſe poder ſalvar. Com tudo elle o fez de maneira, que rompeo o grande numero de gente que os Capitaẽs trazião, & mais ſalvou grande parte de ſua recovagem diãte de ſi,o que elle não eſperava.Paſſada eſta afronta, elle ſe vio em outra maior: porque el Rei o alcançou,mas elle ſe pôs à eſpora fita, dizendo aos ſeus, que não avia de ver o roſtro de ſeu Senhor,nẽ levantar arma contra elle: & aſsi ſe ſalvou d'aq̃lla furia d'el Rei por entam.

Em quanto el Rei foi no alcanço de Melique, Agà Mahamud com os conſelheiros deſte caſo mandarão á grã preſſa chamar Melique Tocam irmão de Melique Saca, q̃ eſtava em

em Madrefavat,ao qual differão que lhe entregavão aquella cidade,atè el Rei prover,por quanto ſeu irmão fazia aquella traição que elles não conſentirão.ElRei como deſeſperou de poder aver à mão Melique Saca,vèoſe à Dio,& mandou matar como traidores os mais d'aquelles principaes, que forão no conſelho de ſe levantar contra elle,& de todo eſteve julgado à morte Agà Mahamud,por ſer autor diſſo,ſe o não defenderão algũs Capitães privados d'el Rei. E tambem por rogo de Codamo Chan,que era o principal do Reino, que tinha o ſello,como acerca de nos o Eſcrivão da puridade, deixou Badur de matar à Melique Tocam com peçonha ſecreta, dizendo que o merecia por aceitar a Capitania da cidade de mão dos traidores. Com tudo elle o levou conſigo, & aſsi à Agà Mahamud,para Champanel, como preſos. Tambem levou quantos Rumes avia na cidade,por ſe não fiar delles, & os mãdou pôr em guarda da Serra, da qual era Capitão hum chamado Tearchan,& em Dio deixou outro por nome Camalmaluco,homem que elle fez de pouco,por o acompanhar, & ſervir nos ſeus principios.

Avendo poucos dias que el Rei era partido para Champanel,na entrada de Iulho do anno de M.D.XXVII.chegou ao porto de Dio hũa nao Franceſa, que ſe armara no porto de Diepa, [a] de que era Capitão,& Piloto hum Eſtevão Diaz Brigas de Alcunha Portugues, com atè quarenta Franceſes, o qual por traveſſuras que tinha feitas neſte Reino, ſe lançou em França,para cõmetter eſta maldade,que lhe cuſtou a vida. Porque deſpois de lhe dar o Capitão de Dio ſeguro para alli fazerem ſeu cõmercio,os prendeo à todos, & os mandou à el Rei à Champanel,parte dos quaes ſe fizerão Mouros, & o Eſtevão Diaz acabou mal,como tambem acabarão os Franceſes.

* *
*

a. *As naos Franceſas forão tres. Hũa aportou na Ilha de S. Lourenço, da qual era o Frances que nella achou Diogo da Fonſeca,como ſe diſſe no capitulo.2.do livro. 3. Outra era eſta de que tratta aqui Ioão de Barros. E da outra era Capitão, & Piloto hum Portugues natural de Villa do Conde,que ſe chamava o Roſado, a qual nao ſe perdeo em hũa Bahia da coſta Occidental da Ilha Samatra, perto de Panaajù cidade do Rei dos Batas,que ouve deſta nao algũa artelharia,com que foi pelejar com el Rei do Achem no anno de MDXXXIX. Fernão Mendez Pinto no livro das ſuas peregrinações,cap.16.& 20.*

CAPI-



## CAPITVLO. VII.

*Da embaxada que Babor Patxiah Rei do Delij mandou à el Rei de Cambaia, o qual armando gente contra elle, foi contra o Nizamaluco, & como mandou eſfollar hũs Collys, & da vingança que elles diſſo tomarão.*

TORNADO Soltam Badur à Champanel, da viagem que fez à Dio, vierãolhe alli Embaxadores de Babor Patxiah Rei dos Mogoles,& do Reino do Delij. A ſuſtancia de ſua embaxada era, que por quanto aquelle Reino do Delij,de que elle era Senhor,fora antiguamente a cabeça do Imperio de todo o Indoſtan,& todos os Eſtados q̃ nelle ha, erão governados per Capitães do meſmo Imperio:os quaes em tẽpos paſſados,cõ infortunios, & guerras que aquelle Imperio teve,ſe rebellarão contra elle,& ſe intitularão por Reis,ſendo vaſſallos,elle Babor Patxiah queria tornar reſtituir à aquelle Imperio o poder, & jurisdição que tinha em todos aquelles Eſtados,como verdadeiro Senhor que era delles.E porque o Reino do Guzarate, de que elle Badur ſe chamava Rei, era hum dos principaes,& mais vezinho à elle Babor, lhe mandava dizer,que tomaſſe a ſua diviſa, & na Meſquita foſſe o ſeu nome cantado, em ſinal de obediencia, & vaſſallagem. Soltam Badur como era homem aſſõmado, & tam ſoberbo, que lhe parecia ſer mais digno d'aquellas couſas que Babor pedia delle, quiſera logo mandar matar aos Embaxadores, ſe ſeus Capitães lho não eſtorvarão. Poloque lhes reſpondeo, que diſſeſſem à quem os mandava, que ante de muito tempo eſperava de lhe dar a reſpoſta dentro do Reino do Delij. E com iſto os deſpedio,ficando tam indinado da ſoberba do Patxiah,que logo mandou fazer grandes apercebimentos, q̃ forão cem mil homẽs de cavallo,& quatrocentos Elefantes, & grande ſomma d'artelharia.

Eſtando para partir contra o Delij, lhe mandou pedir Madre Maluco,hũ dos Capitães do Reino do Decan,o ſoccorreſſe contra o Nizamaluco ſeu vezinho,q̃ lhe tinha tomada a cidade de Doltabad,cabeça de ſeu Eſtado,& pretẽdia conquiſtarlhe o reſtante delle. E que por eſte beneficio ſe queria

fazer ſeu vaſſallo. El Rei Badur deixando para outro tempo a jornada contra o Delij, ſe foi à cidade de Doltabad, de que o Nizamaluco ſe apoderara,& eſteve em cerco ſobre ella tres meſes,atè que a tomou,nos quaes aos cinco de Outubro d'aquelle anno,que foi o M.D.XXVIII.choveo pedra tã groſſa como laranjas,que lhe matou muita gente, & cavallos, & atè Elefantes,perque lhe conveo tornarſe ſem fazer mais, cõ tamanho apparato como levou,que reſtituir à Madre Maluco aquella cidade que tinha perdida.*

**Deſta guerra ſe eſcreveo no cap. 14. do liv. 2.*

Tornado Badur à Champanel,com perda de outra muita gente que lhe morreo no caminho, por ſer tempo de inverno, acertou à ver na caſa onde ſe arrecadavão ſeus dereitos naquella cidade,certos homẽs,que erão Gentios,& do Reino dos Collijs,que fica entre o Reino de Mandou, & Champanel,os quaes tambem arrecadavão dereitos para ſeu Rei. E poſto que elle ſabia bem a cauſa porque alli vinhão pedir, & cobrar aquelles dereitos,fez que não ſabia parte diſſo, & perguntou que dereitos erão aquelles que ſe davão de ſua fazenda à aquelles Gentios,reſponderãolhe,que avia muitos annos que os tinhão, & a cauſa era, porque avendo entre o Reino dos Collijs,& aquella cidade de Champanel guerra, era mui perſeguida delles,por lhes virem todos os annos à queimar os pães,& as mais novidades.E que vendo el Rei ſeu biſavò,que era menos mal darlhe algũa couſa por anno, que a perda que o povo d'aquella cidade recebia; ouve entre elles concerto, que lhes pagaſſem em cada hum anno a quarta parte do rendimento d'aquella cidade, & que iſto era o que aquelles homẽs alli arrecadavão.Soltam Badur, que era homem ſem nenhũ diſcurſo no que fazia,mandou prender aquelles Gẽtios, & porque ſe não quiſerão tornar Mouros,os mandou eſfollar vivos,dizendo,que aquelle era o tributo que de Champanel avião de levar os Collijs. Sabido eſte feito pelo Rei d'aquella gente,mandou hũa noute dar em hum lugar cinco leguas de Champanel, & tomarão delle cinquoenta peſſoas, que mandou eſfollar vivos, & ficarão pendurados cada hum em ſeu pao como carneiros. Em vingança foi Soltam Badur ſobre aquelle Reino,& por ſer ja no inverno,ſem fazer couſa algũa,ſe vèo,com determinação de tornar ſobre elle como vieſſe o verão.

Mas ſobrevèo couſa que o impedio,& foi, que hũ Senhor do



do Reino do Decan chamado Baamane,o mandou chamar para lhe entregar duas fortalezas,& muita fazenda que tinha em ſeu poder do Nizamaluco, por aggravos que lhe fizera. Poloq̃ em o mes de Settembro do anno de M.D.XXIX.partio el Rei Badur de Champanel com ſetenta mil de cavallo, & dozentos mil de pè, dos quaes lhe morrerão dous mil na paſſagem do rio de Baroche,& aſsi outros muitos de pedra q̃ choveo,& de frio,por cauſa das neves.E primeiro que entraſſe nas terras do Nizamaluco,combateo hũa Serra mui aſpera, onde eſtava hum Gentio chamado Largiz, homẽ poderoſo, & tributario do Nizamaluco. O qual vendo o grande poder de Badur, ſe entregou à elle, mas mais ſe entregou Badur à hũa irmãa de Largiz, de que ſe namorou tanto que a tomou por molher,& aquella foi a primeira q̃ recebeo, & logo d'alli a mandou mui acompanhada à cidade de Champanel. Proſeguindo ſeu caminho,pôs cerco à cidade Patarij, que era tam forte,que a não pode tomar(a qual fora do Madre Maluco,& o Nizamaluco lha tinha tomada)polo que ſe determinou em ir deſtroindo as terras chãas do Nizamaluco,antes que deterſe em cercar cidades,& fortalezas. Tanto que chegou às terras do Hidalc han,com quem tinha amizade, mandou arvorar hũa frecha,ſegundo ſeu coſtume,para que foſſe notorio à todos,que não avião de fazer mal, nem dãno à couſa do Hidalchan.

Sabendo o Nizamaluco do eſtrago que Soltam Badur ia fazendo,não lhe quis ir ao encontro,temendo o grãde poder que levava:mas chamando em ſua ajuda o Verido,que he outro Capitão dos do Reino de Decan,foiſſe caminho das terras de Emir Mahamed Xiah,ſobrinho do Soltam Badur, por ſer vezinho à ellas.Badur quando ſoube deſta ſua ida, partio ſeu exercito em duas partes, & deu à ſeu ſobrinho trinta mil de cavallo,& elle ficou com o mais, mandandolhe que acodiſſe à ſuas terras.E acertou que vindo o Verido deſavindo do Nizamaluco,ſobre o modo que avião de tèr naquella guerra,& tornandoſe para ſeu Eſtado,vèo à ſe encontrar com EmirMahamed Xiah que o ia buſcar. Verido, poſto que ſeu exercito era mui deſigual, porque não levava mais que cinco mil de cavallo, & doze mil de pè,era tam eſforçado, & a ſua gente tal,que acõmetteo o arraial de Mahamed, paſſando para iſſo hum rio à vao,& não ſe contentou, ſenão com lhe ir cortar

as

as cordas das tendas. Com o ſubito impeto deſte inimigo ſe virão os Guzarates tam embaraçados, que ſe começarão de desbaratar. E ouvera o Verido de fazer grande eſtrago nelles, ſe não uſarão de hũa ſtratagema, que foi, levantar hum ſombreiro de pè, o qual ningem pode trazer ſenão a peſſoa d'el Rei: para darem à entender que era vindo Soltam Badur em ſeu ſoccorro. E aſsi tanto que aquella inſignia appareceo, os Guzarates, que não ſabião do caſo, cobrarão animo, & o que era fingido, ficou ſendo verdade: porque naquella conjunção veo el Rei, que fez a Verido recolherſe, dizendo, que não avia de levantar arma onde eſtiveſſe a peſſoa d'el Rei. Porem com todo ſeu animo perdeo alli ſua bãdeira, & quatrocentos de cavallo, que erão a flor de ſua gente: & elle matou grande numero de Guzarates, & ſe não perdera a bandeira, & ſe não retirara por reverencia d'el Rei, ficara com a vittoria. Mas elle o fez na peleja tam esforçadamente, & com tanta prudencia, & moſtras da diſciplina militar, que deſejou Soltam Badur de o ter por amigo, & lhe eſcreveo, que o quiſeſſe ſer: & per cartas ficarão grandes amigos, recolhendoſſe cadahum para ſeu eſtado.

Deſta ida deixou Soltam Badur tres Capitaẽs com doze mil homẽs de cavallo ſobre as terras do Nizamaluco, q̃ crão vezinhas de Chaul, onde tinhamos noſſa fortaleza. Alli andavão eſtes fazendo guerra, & crão aquelles, com quem Frã ciſco Pereira de Berredo Capitão de Chaul teve o recontro que atras diſſemos. * E por acodirem aos dannos q̃ Antonio da Silveira fazia na deſtroição das cidades de Reiner & Surat, & das outras povoações d'aquella enſeada, deixarão os Capitaẽs aquella parte de Chaul

* *No cap. 10. do liv. 4. do ſucceſſo de Argaõ.*

Chegado Soltam Badur à cidade de Champanel, lhe derão nova, que ſeu irmão Iangri Chan era morto, o qual eſtava na cidade de Abmadabad, com o Capitão della, que o tinha encuberto, & negado a el Rei Badur, temendo que o queria matar, como fizera aos outros ſeus irmãos. E porque Badur entendeo que eſta nova era falſa, ſe foi à Abmadabad, & com peçonha fez matar ao Capitão, tendolhe feito juramento de lhe não fazer mal, & a Capitania deu à um privado chamado Carija, que era Senhor de Cambaiet. E o q̃ ſe fez deſte irmão d'el Rei, & d'outro per nome Chande Chan, à quem de dereito pertẽcia o Reino de Cambaia, que



que neſte tempo eſtava no Reino do Mandou, por ſer caſado com hũa filha d'el Rei, diſſemos atras. *

* *No cap. 17. do liv. 4. no qual ſe eſcreveo q̃ hũ deſtes irmãos de Badur foi morto, & o outro levado à Goa.*

## CAPITVLO VIII.

*Como Babor Patxiah Rei dos Mogoles, indo para fazer guerra à el Rei de Cambaia, lhe ſaio ao caminho el Rei de Chitor, & da batalha que ambos tiverão.*

NESTE tempo Babor Patxiah Rei dos Mogoles, & do Delij, por cauſa da reſpoſta que Soltam Badur deu à ſua embaxada, com grande exercito abalou do Delij, com tẽção de entrar nas terras do Guzarate. Mas eſta determinação lhe foi impedida por lhe ſair ao caminho el Rei de Chitot, que he hum dos tres mais poderoſos Principes d'aquellas partes: à eſte por excellencia os Resbutos chamão Sanga, que entre elles quer dizer Emperador: & os outros dous Principes ſão o Samorij no Malavar, & el Rei de Biſnagà no Canará, os quaes tem a meſma dignidade Imperial. O Sanga dizem que pode pôr em campo dozentos mil homẽs de cavallo: & ſe he verdade o que ſe diz de ſeu Eſtado, que tem cento & cinquoenta mil povoações de cinquoenta vezinhos para cima, não ſe avera por muito tèr dozentos mil de cavallo. Eſte vèo ao encontro de Babor Patxiah, por ſaber que para ir ao Reino do Guzarate forçadamente avia de atraveſſar gram parte do ſeu Reino de Chitor. Neſta reſiſtẽcia ouve entre ambos os exercitos hũa mui cruel batalha, em que de hũa parte, & outra morreo muita gente; della ficou o Mogol tam afrontado, por cuidar que não acharia naquella gente tanto animo, que ſe recolheo à ſeu Reino, à ſe refazer, para cõmetter a paſſagem com mais poder, como fez.

O Sanga como ſoube que Babor ſe apercebia para tornar, o eſcreveo à Soltam Badur, o qual como ſabia que Babor não pretendia mais das terras do Sanga, que a paſſagem, para entrar nas ſuas, por cauſa dos meſſagẽs que entre elles erão paſſados, mandou hũa ſoma de dinheiro ao meſmo Sanga, para ajuda d'aquella reſiſtencia: porque por o esforço da ſua gente ſabia ſer elle mui poderoſo. Tanto que o Sanga ſe fez preſtes, não quis eſperar em ſuas terras aos Mogoles, mas com cem

mil

mil de cavallo os foi buſcar alem da cidade de Chader no fim do Reino do Mandou, que os Mogoles lhe ja tinhão tomada. E antes de ſe encontrar com elles, por ſer homem de idade, cõ o trabalho d'aquella jornada falleſceo. Morto elle, não deixarão por iſſo ſeus Capitães de ſeguir ſeu caminho em buſca dos Mogoles; & para os governar elegerão hum que era o mais principal vaſſallo do Sanga, que chamavão Salahedin, que era Senhor de hum Eſtado que chamão Raoſinga, ou ſegundo outros Rauſina, & punha em campo vinte mil homẽs de cavallo. Chegado Salahedin aos Mogoles, romperão ſuas batalhas, em que cada hũa das partes perdeo muita gente, aſsi de pè, como de cavallo. E por os Mogoles trazerem menos gente da que era a dos Resbutos, com a grande quebra que ouverão, não quiſerão ir mais avante. Neſta batalha dizem que o Salahedin foi preſo; & outros, que elle ſe carteou com Babor Patxiah, & que na revolta da peleja ſe lançou com elle. Em fim elle ſe fez Mouro, & ficou em ſerviço do Babor, que lhe deu muito dinheiro por o tèr de ſua mão, por ſuas terras ſerẽ a entrada para vir ao Reino do Mandou, per onde elle determinava de acõmetter a entrada para o Guzarate, & não per Chitor.

Tornado Babor para o Delij, o Salahedin ſe foi para ſuas terras, & por temer que ſeu povo o não receberia por Senhor, por ſe tèr feito Mouro ſe tornou ao eſtado do Gentio: & a ceremonia que niſto tem, he eſta. Eſte Gentio tem a vaca por couſa ſanta,[a] & por iſſo não comem a carne della, nem a matão, & as mais das ſuas ceremonias fazem com a ourina, ou eſterco della: & quando ſe querem tornar ao eſtado de Gentio, por averem aceitado algũa outra ſeita, mettem hũa vaca em hũa caſa muito limpa, & dãolhe alli à comer milho, & tanto que a vaca eſterca, tomão aquella boſta, & deſpois de ſeca a lavão, & tirão della o milho que fica enteiro, & eſte desfazem em farinha, & della fazem certo numero de bolos, os quaes comem em modo de jejum, & penitencia. Iſto fazem per eſpaço de quarenta dias, & deſpois ſe lavão em hum rio d'agoa corrente, com certas ceremonias feitas per ſeus Bramenes, no fim das quaes ficão no eſtado do Gentio que de antes tinhão.

a. *Como per todo Oriente ſeja comũ o ſonho Pythagorico da treſpaſſação das almas à varios corpos de brutos animaes, hũa das cauſas porque as vacas ſão tam reſpeitadas d'aquella Gentilidade, he por averem que no corpo deſta alimaria fica hũa alma melhor agaſalhada, que em nenhum outro deſpois que ſae do humano. E aſsi poem ſua maior bemaventurança em os tomar a morte com as mãos nas ancas de hũa vaca, eſperando que ſe recolha logo a alma nella.*

(?)

CAPI-



## CAPITVLO. IX.

*Como Soltam Badur com ſeu exercito foi contra el Rei Mamud de Mandou, & o venceo, & matou ja cattivo; & encontrando no caminho o novo Sanga de Chitor, fez com elle alianças, & o que paſsou com Salahedin.*

SENDO acabado o inverno, perque aſsi os Mogoles, como os Resbutos ſe recolherão à ſuas terras, Soltam Badur ajuntou hum grande exercito, & caminhou contra Baguer, que he hum Senhorio de Gentios Resbutos, que jaz da banda da cidade de Abmadabad cõtra o Reino de Chitor, na qual ida não fez couſa algũa de ſuſtancia, ſòmente algũas eſcaramuças com os Gentios da terra, que o vinhão afrontar, & ſe tornarão logo à Serra. E porque entre aquella grande Serrania avia hum paſſo eſtreito, perque os Mogoles podião entrar, com o grande poder de gente que levava fez alli hũa fortaleza, em que ſe deteve tres meſes. Acabada a obra, lãçou fama que ſe ia para ſeu Reino de Cambaia, & caminhou para o Reino de Mandou, & encontrandoſe com o novo Sanga de Chitor (que entam ſuccedera à ſeu pai, eleito pelos Resbutos por ſeu Emperador, paſſada a batalha que tiverão com os Mogoles, de que atras fizemos menção, o qual ia caminho da cidade de Chanderij, que lhe os Mogoles tinhão tomada) ouve entre elles viſtas, & novas alianças, por cauſa dos Mogoles inimigos cõmũs de ambos, & ſe deu hum à outro muitos preſentes, & peças ricas, em ſinal de amizade, & principalmẽte dinheiro que Soltam Badur deu ao Sanga para ajuda da defenſão, que avia de fazer contra os Mogoles, por não entrarẽ pelas terras de Chitor. E porque Soltam Badur deu conta ao Sanga, como ia ſobre as terras del Rei Mamud de Mandou, em ſinal de amizade, mandou o Sanga em ſua companhia à Salahedin ſeu vaſſallo (que eſtava com elle reconciliado) com algũa gente, & elle ſe foi ſeu caminho para Chanderij. Mas o Salahedin naquella jornada, como vio tẽpo, fugio ao Badur, & foiſe para el Rei Mamud do Mandou, moſtrando que o ia ajudar contra Badur. El Rei o recebeo mui bem, mas foi para mais

mais ſua deſtroição: porque por meio do Salahedin muitos Capitães do Mamud ſe rebellarão contra elle, lançandoſe cõ Salahedin na Serra do Mandou, que per ſua aſpereza ſe não pode entrar.[a] Mas Badur corrompeo com dinheiro aquelles Capitães, & fez que lhe abriſſem as portas da entrada da Serra. Acodindo el Rei Mamud à eſta entrada, hũs Capitães ſeus que eſtavão em outro paſſo vezinho, nos quaes ouve mais lealdade que nos outros, entretiverão a gente de Badur tanto eſpaço, que el Rei Mamud teve tempo para ſe acolher à ſeus paços, que erão no alto da Serra, à ordenar algũas couſas, pois não tinha outro remedio contra tam poderoſo inimigo; & chamados ſeus filhos, mandoulhes que ſe poſeſſem em ſalvo, porque elle em ſua peſſoa queria fazer a experiencia da verdade, ou traição de Badur. Mas nenhum de ſeus filhos o quis fazer, ſòmente Chande Chan ſeu genro, irmão do Badur, por o perigo que corria de morte, ſe acolheo por detras da Serra cõ algum dinheiro que lhe o ſogro deu, o qual ſe foi para o Reino do Decan. Tambem ſe foi para o Reino do Delij hum ſobrinho de Mamud, que algũs dizem que era ſeu filho. Poſtos eſtes em ſalvo, chegou às portas do paço d'el Rei hum Senhor do Guzarate chamado Cancanà, & apôs eſte chegou outro por nome Cadamo Chan, homem de muita autoridade, & q̃ muito tẽpo fora Governador do meſmo Guzarate. Os quaes com palavras, & promeſſas juradas aſsi moverão ao Mamud, que deu a entrada ao Badur. Mas elle não comprio com o que eſtes da parte de ſeu Rei prometterão, que era não lhe aver de tomar ſeu Reino, mas tornarlho à entregar como ſeu pai delle Badur lho entregara ja hũa vez, quando o tomou ao Sanga paſſado Rei de Chitor, que o tinha uſurpado ao meſmo Mamud: porque em lugar de comprir ſua promeſſa o mãdou prẽder em ferros, & metter em hum andor cerrado, & entregar à hum ſeu Capitão chamado Dacafo Chan, com voz que o levaſſe à Champanel, & no caminho ſe fez per ordem d'el Rei Badur hum arroido feitiço, & dentro no andor matarão à el Rei Mamud às eſtocadas. Os filhos forão tambem levados preſos à Serra de Champanel, & mettidos em tal parte, que mais era para os mattar, que para os tèr em guarda, ſendo moços innocentes. A molher deu à hũ ſeu privado chamado Minao Chan, & de tres filhas q̃ tinha, elle tomou a maior, outra deu à ſeu ſobrinho Emir Mahamed Xiah, & a outra à outro.

Feito

a. *Eſta Serra rodea ſette legoas, & tem meia de altura. A cidade eſtà ſituada no mais alto della, & na qual eſtà cortada ao picão a entrada da cidade. Nella tinhão os Reis hũs paços muy grandes com hũa horta do tamanho de hũa boa villa, & dẽtro della tres grandes tanques d'agoa, com bargantijs para ſua recreação, no cabo eſtrebarias com dez mil cavallos. Antes de chegar à eſtes paços, ſe avia de paſſar por tres fortalezas que guardavão Capitães com muitos ſoldados.*
*Fernão Lopez de Caſtanheda capit. 97. do liv. 8.*



Feito Soltam Badur Senhor de todo o Reino do Mandou, lhe vierão dar a obediẽcia todos os Principes do Reino: & logo começou dar o pago aos Capitães d'el Rei Mamud, por a traição q̃ contra ſeu Senhor cõmetterão; porq̃ metteo entre dous mais principaes tal zizania, q̃ hũ matou ao outro, & elle mãdou degollar ao matador, moſtrãdo que fazia delle juſtiça por ſe moſtrar Rei juſto. E per outros modos, & artificios, por cõprir cõ ſua mà inclinação, à todos caſtigou com morte. Ao Salahedin, porq̃ foi o q̃ ordio a traição dos Capitães, mãdoulhe dar todo o teſouro q̃ ſe achou d'el Rei, q̃ erão quinze colores, q̃ valẽ de noſſa moeda tres contos d'ouro. Mas como Salahedin não era menos malicioſo q̃ el Rei, & entendeo q̃ aquillo era para o ſegurar, diſſimulou cõ elle, & pediolhe licẽça para mãdar ſeu filho herdeiro chamado Botiparao ao Reino de Chitor à caſar cõ hũa irmãa do Sanga, dãdolhe entẽder, q̃ era para elle Badur fazer ſuas couſas naq̃lle Reino mais levemẽte, tẽdo ſeu filho tãta razão nelle, como era ſer caſado cõ hũa irmãa d'el Rei. A vida eſta licença, & poſto o filho em ſalvo cõ grande apparato de noivo, para melhor encobrir ſeus intẽtos, acolheoſe tambẽ o Salahedin para o Senhorio de Raoſinga, q̃ he hũa Serra inexpugnavel, onde tinha hũa cidade, aſsi por ſitio, como por arte mui defenſavel, q̃ era a cabeça de ſeu Eſtado. Badur como era homẽ aſtuto, & q̃ em todas ſuas couſas uſava de artificio, & manha, não moſtrou ſentimento da ida do Salahedin, antes lançou fama que o avia de deixar por Governador d'aquelle Reino do Mandou.

## CAPITVLO X.

*Como Salahedin por engano do Soltam Badur, vindo ao Reino de Mandou, foi preſo, & Badur ſe foi à Raoſinga em buſca de Botiparao, que lhe eſcapou, & como quis dar batalha ao Chitor menino irmão do Sanga, com quem tinha feitas lianças, & amizade.*

SOLTAM Badur como eſperava tẽpo per algum engano aver às mãos o Salahedin, aproveitouſe da occaſião que ſe lhe logo offereceo, & foi andar nova entre os do ſeu arraial, que os Portugueſes vinhão ſobre Cambaia.

Polo que eſcreveo ao Salahedin, encomendandolhe muito q̃ ſe vieſſe para Mandou, porque elle tornava à ſuas terras contra o mar, por aquella vinda dos Portugueſes. Salahedin confiado nos mimos das cartas, & vendo que Badur fizera ja duas jornadas de caminho para a parte que lhe dizia, ajuntou hum bom exercito, & com elle ſe vèo dereito ao Mandou. Mas Badur que trazia eſpias ſobre elle, lhe furtou a volta, & hum dia amanheceo ſobre ſeu arraial de improviſo, poloq̃ vendo Salahedin que lhe não podia eſcapar, por lhe ſerem os caminhos tomados, ſe entregou à Badur. O qual o fez Mouro per força, & mandou hũ de ſeus Capitães ſobre Raoſinga, cuidando q̃ ſe lhe entregaſſe. Mas Botiparao filho herdeiro do Salahedin, vendo que fizera Mouro à ſeu pai, não lhe quis obedecer, nẽ menos os ſeus ſubditos de Raoſinga, que por o meſmo reſpeito lhe tinhão odio.

A eſte meſmo tempo chegou recado à el Rei Badur, como o Governador Nuno da Cunha com grande armada ia ſobre Dio, com eſta nova eſpedio com grande preſſa dous Capitães com muita gente, & munições. Alli lhe vèo tambem nova, q̃ o Sanga novo Rei de Chitor, com quem elle poucos dias avia aſſentara grandes amizades nas viſtas que tiverão, morrera naquelle caminho que fazia para Chanderij, & que levantãdo por Rei hum ſeu irmão moço de pouca idade, por o qual governava ſua mai a Rainha Crementij, que livrara da morte à Badur, ſe forão os grandes para ſuas terras. Per aq̃lle meſmo tempo era vindo onde Soltam Badur eſtava Tear Chan, homem de muita confiança, & autoridade, que lhe tinha el Rei dado a Capitania da Serra de Champanel, que era a mais forte couſa de ſeu Reino, onde elle tinha todo ſeu teſouro, & muitas vezes deixava ſuas molheres, quando fazia algũa com prida jornada, ao qual mandou chamar q̃ vieſſe para elle com gente, porque eſperava fazer o que fez com a nova que lhe derão. E foi mandar logo d'alli Madre Maluco ſeu Capitão cõ doze mil de cavallo à Raoſinga per hum caminho, & elle tomou outro menos uſado, cuidando que pudeſſe acolher à Botiparao filho de Salahedin. Mas como elle trazia eſpias no arraial de Badur, tanto que ſoube deſtes ſeus caminhos, entregou a Serra de Raoſinga à hum ſeu Capitão, & com ſeu exercito ſe foi caminho de Chitor. Eſta ida fez elle, porque ſabia que Badur levava ſeu pai preſo, & que o avia de cercar à elle naquella



naquella Serra, & que ſe lha não entregaſſe, como determinava fazer, lhe mataria ſeu pai ante ſeus olhos. Mas Soltam Badur como ſoube do caminho que Botiparao levava, à gran de preſſa mandou à Madre Maluco ſeu Capitão que lhe foſſe tomar hum paſſo de aſpera montanha per onde elle avia de paſſar: mas Botiparao era ja paſſado quando elle chegou ao paſſo.

Soltam Badur, deixada a maior parte de ſeu exercito em Raoſinga, o entregou à Tear Chan, & foi com outra parte delle ao paſſo onde eſtava Madre Maluco, & juntos ambos os exercitos, foi caminho das terras do novo Sanga moço de poucos annos, mais com tenção de o tentar ſe o achava tam deſcuidado, & deſapercebido, como lhe dezião que eſtava, que de o conſolar pola morte de ſeu irmão, & à Rainha Crementij (à quem elle tinha tanta obrigação) pola de ſeu filho. Mas o moço ainda que não tinha idade para governar, tevea para defender ſeu Reino, vindo à impedir ao Badur que não lhe entraſſe nelle com quinze mil de cavallo, governados por mui bõos Capitães. Badur trazia dez mil, & duzentos Elefantes, & algũa artelharia. Chegados ambos à viſta, em parte que lhe ficava hũa ribeira no meio, cada hum fortaleceo ſeu arraial eſperando q̃ vieſſe a manhãa para darem a batalha; a qual não ouve effeito, por vir recado à Badur, que o Sanga fugira aquella noute, ſem ficar no campo mais que hũas poucas de tendas velhas, & outras couſas de pouco preço. Hũs dizem, que o Badur ſentio o ardil do Sanga, que ſe fez fugido, para elle Badur o ſeguir atè que caiſſe na cilada que lhe tinha armada. Outros affirmão, que Badur foi aviſado per peſſoas que o Sanga trazia no ſeu conſelho, que o aviſavão de tudo o que paſſava. Porque Badur trabalhava muito que lhe cuſtaſſem ás vitorias dinheiro, & não ſangue, & niſto gaſtava grande parte do ſeu. Finalmente por qualquer cauſa que foſſe, elle não ſeguio o caminho que levava, & deixou alli em hũ certo paſſo ao Madre Maluco, com quatro mil de cavallo, como homem que temia virem lhe dar nas coſtas, & tornouſe à Raoſinga, onde chegou Muſtafà, que el Rei mandou ir de Dio, à que deu o nome de Rume Chan, & fez as merces que atras eſcrevemos, & para fazer experiencia de ſua peſſoa, & induſtria, lhe mandou que combateſſe à cidade com

os ſeus Rumes que levava,& com os Franceſes da nao do Brigas,de que atras eſcrevemos,com oito Portugueſes que anda vão no ſeu arraial. A cidade eſtava aſſentada no alto da Serra, em ſitio tam ingrime, & aſpero, que às pedradas ſe podião defender os paſſos perque ſe entrava nelle, nos quaes avia baluartes com muita artelharia. O primeiro foi entrado pelos Portugueſes,& o que ſe delles adiantou foi hum mãcebo por nome Franciſco Tavares,que na tomada do ſegundo baluarte matarão, & ſeus companheiros forão bem feridos. Durarão eſtes combates quatro meſes,atè que ganhando todos os baluartes,el Rei chegou à dar hũa bateria à cidade, com que derribarão hum grande lanço della.

## CAPITVLO XI.

*Como o Soltam Badur tomou a cidade de Raoſinga àpartido, & da verdade,& diligencia que uſou,para que os vencidos não recebeſſem offenſa. E do valeroſo feito de Salahedin,& de ſuas molheres.*

NÃO querẽdo Botiparao eſperar em Raoſinga ao Soltam Badur,& pôr em perigo ſeu pai ſe ſe defendeſſe, foi cõbater hũa cidade notavel de ſeu Eſtado,q̃ confinava cõ o Delij, q̃ hum Rei d'aq̃lle Reino chamado Alamo lhe trazia uſurpada;ao qual venceo Botiparao,& cobrou ſua cidade. Alamo em odio de Botiparao,& pretẽdendo recuperar a meſma cidade,ſe vèo para Soltã Badur,ao tẽpo q̃ elle eſtava ja em partido cõ a gẽte da cidade de Raoſinga,q̃ tivera em cerco. O Badur quãdo vio hũ Principe tã grãde, q̃ trazia cõſigo doze mil de cavallo,q̃ ſevinha offerecer para o ſervir naq̃lla guerra,fezlhe muita hõra,&como era vão,&mui altivo,por moſtrarſe magnifico,& grãdioſo, lhe deu muito dinheiro,cavallos,& grandes atavios,& terras q̃ lhe rẽdeſſem em quãto andaſſe cõ elle.

O partido q̃ os da cidade moverão ao Soltã Badur,foi deſpois de não terẽ polvora,frechas,& muniçõeſ,cõ q̃ ſe defendeſſẽ,q̃ entregarião a cidade,cõ q̃ lhe ſeguraſſe asvidas,&fazẽdas,& a deſpejarião, por quãto ſe querião ir habitar à outras partes,& q̃ os q̃ quiſeſſẽ ficaſſẽ livremẽte. Feito eſte cõcerto, hũa antemanhãa vèoſe a maior parte da gẽte da cidade aſsẽtar em



em hũa fralda da Serra em modo de arraial, para d'alli ſeguirem ſeu caminho. E de quam pouca fè Soltam Badur gardou com juramento à outras peſſoas,com eſta gente, ſuccedendo o negocio contrario à eſperança que delle ſe tinha (como ſe verá) teve tanta conta em comprir o que prometteo,que receãdo que os ſeus ſoldados lhe fizeſſem algum dãno, mandou à hum ſeu ſobrinho,q̃ com ſua gente eſtiveſſe em guarda d'aquella que ſe lhe entregava. E porq̃ elle cuidou que as primeiras peſſoas q̃ ſaiſſem foſſem as molheres,filhos, & familia de Salahedin,que elle trazia preſo conſigo,vendo q̃ era ja muita gente em baxo, & ellas não deſcião, mandou trazer Salahedin ante ſi,&pergũtoulhe porque não vinhão ſuas molheres, ao que elle não ſoube reſponder,ſòmente diſſe que mandaſſe là algũa peſſoa que vieſſe em guarda dellas, que per ventura com temor de receberem algũa offenſa da gente de guerra, não ouſavão de vir. Para o que el Rei mandou logo hum privado ſeu chamado Alicer,q̃ era aquelle Capitão q̃ perdeo as fuſtas em tempo de Lopo Vàz de Sampaio,* dandolhe aviſo q̃ tiveſſe grande recado no teſouro de Salahedin; porq̃ como avia pouco tempo que elle avia dado à Salahedin o q̃ tomara à el Rei do Mandou,& mais ſabia ſer elle muito rico, & q̃ avia grande tempo q̃ enteſourava,parecialhe tèr alli hũa mui grande preſa. Chegando Alicer ao muro da cidade,lhe vèo recado das molheres de Salahedin,perque lhe fazião ſaber, que ellas não ſe avião de entregar à peſſoa algũa,ſenão ao meſmo Salahedin. E quãdo elle foſſe morto,à propria peſſoa d'elRei. Trazido eſte recado à Badur,mandou à Salahedin que foſſe là para virẽ em ſua companhia,& o meſmo Alicer em guarda delle,com pouca gente,por não fazer eſtrondo, com que as molheres ſe aſſombraſſem.

*Como ſe referio no cap. 14. do liv. 2*

Entrando Salahedin onde ellas o eſtavão eſperando apercebidas para o que determinavão fazer, começarão de lhe lembrar ſua honra,& quam mal o tinha feito em ſe tornar Mouro,porq̃ iſto procedia da vontade,& os caſos da guerra, & ſua priſão da fortuna,cõ outras palavras taes, que não teve Salahedin que lhe reſponder, ſenão q̃ de vontade nunca fora Mouro,& o que niſſo fizera fora por ſalvar a vida,& a vir alli offerecer por ſalvaçãõ dellas,ou para morrer cõ ellas juntamẽte. Erão eſtas molheres com ſuas eſcravas por todas quinhentas Gẽtias,afora algũas Mouras que na guerra forão cattivas.

As quaes molheres,ſegundo ſeu coſtume Gẽtilico,de ſe quei marẽ quando morrẽ ſeus maridos, eſtavão offerecidas à eſta morte,antes q̃ ir à poder de Soltam Badur, & para iſto tinhão em hum pateo grãde muita madeira junta,de ſandalo, pao de aguila,beijoim,& outras couſas odoriferas,& vaſos de azeite, & manteiga para melhor arder. O Salahedin quando per ellas lhe foi moſtrado aquelle inſtrumento de ſua fim,chamou todos os parentes,& criados,que eſtavão em guarda dellas, que ſerião cento & vinte homẽs,& deſpois de lhe fazer hũa arenga,em q̃ tratou da hõra,& louvor que ganharião em morrer todos juntamẽte por não cairẽ nas mãos de ſeus inimigos,& virẽ à baxeza,& cattiveiro. Todos ſe forão à hũ tãque d'agoa que tinhão das portas adentro,onde ſe lavarão, & feitas ſuas ceremonias naquelle lavatorio, em remiſſão (ſegundo elles crião)de ſeus peccados,veſtindoſe cada hum hũa camiſalavada,& os cabellos ſoltos, per honra da liberdade, ſe vierão às molheres com ſuas eſpadas nas mãos,com palavras, & ceremonias de ſua religião. O Salahedin foi o primeiro que ſobre aquelle ajuntamento de madeira, começou de degollar ſuas molheres,indo ellas ornadas de muitas joias d'ouro,& pedraria,& de todo o melhor que tinhão,para cevo do fovo.

O Capitão Alicer,que com o Salahedin viera, como não eſtava poderoſo para o eſtorvar, poſto q̃ niſſo lhe fallou em modo de piedade,& compaixão, temendo que aquella furia vieſſe à quebrar nelle,tornouſe com grande preſſa dar conta à Soltam Badur d'aquelle eſtranho auto, à que devia de acodir,ao menos quando não podeſſe ſalvar às peſſoas, para ſalvar a riqueza antes de ſe queimar. O que elle logo fez,pondo ſe à cavallo,& mandando certos Capitães que eſtavão mais preſtes, que foſſem diante à entretèr que não ouveſſe tanta perda. Mas quando chegarão à hũs baluartes que eſtavão no meio da Serra, acharão o Salahedin, que com os ſeus tinhão morto à eſpada muita gente que guardava aquella entrada da Serra: & os paços do Salahedin parecião o meſmo inferno de chamas de fogo, entre fumo de mil cores, ſegundo a materia que o fogo queimava. Finalmente o Salahedin com os ſeus, como quem queria vender ſua vida atroco de muitas,andando todos armados,fizerão couſas,que não parecião de homẽs,ſenão de Demonios q̃ andavão reveſtidos nelles: porque ſendo ſòs cento & vinte homẽs, matarão mais de



de quinhentos,atè que mais canſados,que vencidos, à ferro forão mortos. E ſe o Salahedin não morrera logo de hũa eſpingardada na primeira furia,ainda o dãno fora maior. E entre os feridos d'aquelle inſulto,que forão muitos, foi hũ Portugues,& dous Franceſes.

E porque o ſobrinho de Soltam Badur,q̃ elle mandara pôr em guarda da gente,q̃ ſe ſaira da cidade ſobre ſua fè, não podia retèr os ſoldados, que não foſſem a roubar,por a indinação q̃ tomarão deſte feito do Salahedin,acodio o meſmo Badur à eſta furia por mantèr ſua palavra: & eſta foi a primeira que guardou. E ainda lhe foi iſto mais louvado,porq̃ temẽdo ſe q̃ toda via os ſoldados ſe deſmandaſſem,mandou aviſar aos principaes da gente que era ſaida,que aquella noute ſe foſſem caladamente em boa hora,& fizeſſem fogos,& deixaſſem algũas tendas velhas armadas,para terem tempo de ſe ir eſcoando pela outra fralda da Serra:porque elle mãdaria ao Capitão da guarda delles,que ninguem foſſe ao ſeu arraial, & em quãto viſſem algũas tendas,& fogos,preſumirião não ſerem partidos. Elles o fizerão aſsi,& ſe ſalvarão,hũs fazendo caminho para o Reino de Chitor,outros para o de Delij. E de quanto teſouro Badur eſperava de aver do Salahedin,achou ſòmente quaſi hum milhão & meio de valor,entre ouro,prata,& couſas de caſa,porque o mais ſe queimou,& avia levado Botiparao quando ſe d'alli foi.

## CAPITVLO. XII.

*Como Badur mandou dar honrada ſepultura à Salahedin, & aos que com elle morrerão, & como fez afogar Alicer ſeu privado em hum rio, & da viſitação que lhe fez Melique Tocam, & como tomou o Reino de Chitor ao Sanga, & das condições com que ſe lhe fez vaſſallo.*

REColhido o deſpojo da cidade de Raoſinga,mãdou el Rei fazer hũa nobre ſepultura à Salahedin,& aos Mouros q̃ com elle morrerão ao ſeu modo: & aos mais principaes Gẽtios mandou queimar os corpos, & levar ſuas cinzas ao rio Gãga,q̃ he o Ganges,ſegũdo ſeu coſtume. A cidade, & toda a Serra deu à Soltã Alamo,q̃ novamẽte era vindo ao ſervir naq̃lla

guerra,a qual logo foi povoada de gente da terra.E em quanto ſe el Rei alli deteve,mandou à Tear Chan,que com ſua gẽ te,& outros algũs Capitães foſſe tomar a fortaleza de Doçor no Reino de Mandou,que o Sanga paſſado tinha tomada, a qual levemente cobrou por ſe deſpejar,& deixando nella Capitães,ſe veo caminho do Mandou,onde já achou el Rei que eſteve alli atè o fim do inverno.E como Badur era homem q̃ ſeu eſpirito não aſſeſſegava ſem fazer algum mal, paſſeando hum dia à cavallo ao lõgo do rio Narbanda,que ſe vem metter na enſeada de Cambaia junto da cidade de Baroche, por naſcer naquellas Serras do Mandou,entrou em hũa fuſta que mandou fazer para ſeu paſſatempo,& em hũa almadia muito pequena fez entrar o Capitão Alicer,& como tinha ordenada a morte deſte, os remeiros que remavão a almadia derão com elle na agoa em modo de folgar,como que queria el Rei ver ſe ſabia nadar.E ouvindo os brados,& laſtimas que Alicer dizia,pedindo que lhe acodiſſem,Badur ſe matava de riſo,atè que o miſeravel ſe afogou. Era eſte Alicer naquelle tempo mui privado d'el Rei,& de ninguem confiava ſua mai,& quãtas molheres tinha ſenão delle, como ja fiara ſua armada das fuſtas de Dio, & de ſeu pai Camalmaluco a Capitania da meſma cidade.

Neſte tempo vèo Melique Tocam,que eſtava em Dio, viſitar à el Rei com grandes preſentes, & darlhe conta como tinha nova mui certa da vinda dos Rumes, para el Rei ordenar o que niſſo avia de fazer, & outros aſſombramentos das armadas dos Portugueſes, para moſtrar a muita neceſsidade que avia delle ſer ſempre preſente naquella cidade;por a qual razão el Rei o deſpedio logo,& lhe deu algũs Portugueſes, & Franceſes que là andavão,por os aver por mais fieis q̃ os Turcos,temendo que vieſſem como Melique Tocam lhe dezia. E avendo ja dias que elle era partido para Dio, & eſtando el Rei em Champanel ordenando hũa grande feſta, à que elles chamão Bacharij,em que matão grande numero de gado de toda a ſorte, em memoria d'aquelle ſacrificio que Abraham fez do carneiro em lugar de ſeu filho Iſac,lhe chegou recado deſte Melique Tocam,em que lhe fazia ſaber que ſobre Dio era chegada hũa groſſa armada,& que ainda não tinha ſabido ſe erão Rumes,ſe Portugueſes. Com eſta nova deſamparou el Rei a feſta,& à grande preſſa ſe vèo à Dio. Aquella armada



mada era a de Antonio de Saldanha, de que atras eſcrevemos.* E como el Rei achou recado em Dio, que a armada não fizera mais dãno,que tomar algũas naos que vinhão do Eſtreito do Mar roxo,ſem acõmetter a cidade, ficou deſcanſado,& ſem alli fazer detẽça;porq̃ eſperava de ir fazer guerra ao Sanga Rei de Chitor,mandou levar de Dio ſeiſcentas peças d'artelharia,em que entravão cinco baſiliſcos, & cõ cem mil de cavallo,& gente de pè ſem numero, da qual a que ſòmente ſervia no arraial enchia os campos,ſe abalou.

*No capitulo.17.do livro.4.*

O Sanga o eſperou jũto de Doçor, mas como vio aquella grande potencia de gente,armas,& artelharia, não ouſando eſperar mais,ſe recolheo para Chitor,[a] em cujo alcance mandou Badur atè o encerrar na cidade. Eſta da meſma maneira de Raoſinga eſtà ſituada ſobre hũa grande Serra mui aſpera de ſobir, ſòmente de fronte tem hum pico,que lhe fica quaſi igoal em altura,que por ſer vezinho à cidade, por cauſa della ſe chama Chitorij,como diminutivo.Deſte pico ſe começou à bater a cidade,& delle,& d'outras partes,em que el Rei como chegou mandou aſſeſtar a artelharia,foi tam grande a bateria dos baſiliſcos,& d'outros tiros groſſos, que derribarão hum grande lanço do muro da cidade. Os de dentro ſe virão em tanto perigo,& aperto,avendo dous meſes que durava o cerco,em que ſe defenderão mui esforçadamente,que vierão à concerto,& foi: Que el Rei de Chitor lhe alargaſſe todas as terras que tinha tomadas do Reino do Mandou, & todas as peſſoas que tinha em arrefẽs,por o reſgate que o Soltam Mamud do Mandou lhe ficou devendo, & aſsi hũa coroa de pedraria,& certas joias outras,que o meſmo Soltam dera em pagamento de ſeu reſgate quando foi vencido na batalha q̃ lhe o Sanga velho deu;& que hum irmão mais moço do Sanga o ſerviſſe com dous mil de cavallo, & que o Sanga no fim do anno foſſe à Corte delle Soltam Badur à lhe fazer à ſalema como ſeu vaſſallo;& que Botiparao filho do Salahedin morto q̃ eſtava caſado com hũa ſua irmãa,vieſſe à ſervir à elle Rei Badur como ſeu vaſſallo.Feitos ſobre eſte concerto ſeus contratos ao ſeu modo,Badur foi entregue de tudo: & entre algũas villas,& cidades que o Sanga entregou,a que mais ſentio foi a cidade de Renatambor, que eſtà nos confis do Reino do Delij,ſituada em hũa Serra redonda,que tem doze legoas em torno todas de cãpina ſem agoa, perq̃ não pode ſer cercada.

[a] *Chitor na lingoa da terra quer dizer Sombreiro do mundo, & aſsi o era eſta cidade,por ſer a mais nobre, & rica do Indoſtan, na qual avia ſumptuoſos edificios dos ſeus pagodes,& de ſeus moradores,cujas paredes erão forradas de taboas douradas,ou branqueadas com hum betume mui alvo,& rijo,que parecia vidro.*

*Fernão Lopez de Caſtanheda capitulo.96.do livro.8.*

„ Deſta maneira pagou Badur o beneficio que a Rainha Cre-
„ mentij de Chitor lhe fez quãdo o livrou da morte, que el Rei
„ ſeu marido lhe queria dar, pola que elle deu ſem cauſa em ſua
„ preſença à hum ſeu fidalgo principal. E niſto pararão as ami-
„ zades, & lianças que o Sanga mancebo, & elle contratarão. E
„ com eſta vittoria ficou Soltam Badur Senhor de tres grandes
„ Reinos, do Guzarate, do Mandou, & do Chitor, cujos Reis de
„ cada hum per ſi era potentiſsimo, & riquiſsimo avia pou-
„ cos dias.

## CAPITVLO XIII.

*Como vèo nova à Soltam Badur, que Babor Rei dos Mogoles era falleſcido, & da vinda do Principe Mir Zaman, cunhado do novo Rei, à Corte do Badur, & como elle intentou diminuir os ſoldos & quantias que a gente de guerra tinha delle.*

ACabadas eſtas couſas com os de Chitor, Soltam Badur ſe partio para a cidade do Mandou, onde lhe vèo nova que Babor Patxiah Rei dos Mogoles era falleſcido, & que hum filho ſeu per nome Omaum Patxiah reinava, ao qual elle logo ordenou mandar viſitar per hum Capitão ſeu Mouro de nação Coraçone, por ſaber bem os eſtilos dos Mogoles, & com elle hum Caciz homem mui religioſo de ſua ſeita. A ſubſtancia deſta viſitação, & embaxada, era alegrarſe com elle do novo Eſtado que herdara, & offerecerlhe ſua amizade, & que como amigos, & aliados aſſentaſſem pazes; para o que o Caciz levava os livros de ſua lei, para ſerem juradas nella, avendo que os Mogoles não erão tam doutrinados nas couſas della, como erão os Mouros do Guzarate, por a vezinhança, & cõmercio que tinhão com a caſa de Meca.

Neſta conjunção chegou à Corte de Badur Triſtão de Gà, que Nuno da Cunha mandara ſobre concerto de pazes, como diſſemos atras.* E no tempo que eſtavão na Corte do Mogol os Embaxadores de Soltam Badur, vèo à ſua hum Principe chamado Mir Zaman,[a] cunhado de Omaum Patxiah, que era caſado com hũa ſua irmãa. Sua vinda era com temor d'el Rei, q̃ ſoſpeitava que Mir Zaman intentava traição para

*No cap. 23. do livro 4.

a. Dos progenitores deſte Zaman eſcreve Diogo do Couto no capitulo 13. do liv. 1. da 5. Decada.



para o matar. Trazia eſt Principe conſigo mil homẽs de cavallo, & grande apparato, como à ſeu eſtado convinha, poſto que ſua partida fora apreſſada, como quem fugia. Soltam Badur, ſobre muitas hõras que lhe fez, lhe deu logo dinheiro para ſe provèr de couſas neceſſarias à ſua caſa, & para ſeu ſuſtento a cidade de Borodà, que rendia cento & oitenta mil pardaos. Omaũ Patxiah ſeu cunhado, como ſoube ſer elle acolhido à Cambaia, eſcreveo à Soltam Badur que lho mandaſſe entregar, & em quãto não teve reſpoſta delle, não quis deſpachar de todo o Embaxador, poloque lhe conveo deixar là o Caciz, & hum Melique, que era a ſegunda peſſoa da embaxada, & virſe à Soltam Badur ſobre o caſo. Badur o tornou logo à inviar mais à intentar amizade entre Omaum, & ſeu cunhado, que à dar promeſſa de lho entregar.

Eſtando eſtas couſas aſsi movidas, ſuccedeo para Badur não aſſentar paz com o Governador da India, & cõ Omaum Patxiah, que lhe veo nova, que hum ſeu tio irmão de ſua mai ſe levantou por Rei, com favor de hum Capado Capitão da cidade de Mambadabad, & de outros Capitães, no que entrava Mujatte Chan. Soltam Badur como ſoube deſte alevantamento (de que o aviſou o meſmo Capado, temendo que ſe não ſuccedeſſe o caſo bem, que deſpois vieſſe elle à pagar eſta traição com a vida) acodio logo com mão armada, & não ſòmente matou o tio, mas duas peſſoas principaes, que publicamente favorecerão aquella rebellião; & com Mujate Chan diſsimulou, por ſer hũ dos mais antigos Senhores do Guzarate. E à Tear Chan, q̃ era ſeu principal Regedor, & Capitão da Serra de Chãpanel, onde tinha ſeus teſouros, & molheres, per algũs indicios que de algũs ſeus criados, & peſſoas à elle chegadas, teve de elle favorecer eſte caſo do tio, o ſuſpendeo por algũs dias do cargo, atè elle ir em peſſoa à Chãpanel ver ſe achava algum raſtro, para acreſcentar o caſtigo; & ao Capitão Capado fez honra, & merce. E como ficou deſaſſombrado da principal gente que tinha morto, & ſe vio Senhor do Reino do Mandou, & o de Chitor eſtava à ſua obediencia, parecia-lhe que eſtava ſeguro de noſſa parte, & dà do Mogol, por as pazes que determinava tèr com elle, & com o Governador Nuno da Cunha. Poloque ſe reſolveo deſpedir a gente de guerra, & encurtar as comedias que tinha ordenadas aos Capitães, por eſtarem preſtes com gente quando os chamaſſe. E

chegou

chegou à tanto eſte negocio, que diſſe aos Senhores que tinhão terras, & rendimentos para eſta deſpeſa, que lhes avia de deſcontar certos annos que comerão os rendimentos, ſem aver guerra, & ſem elles terem a gente obrigada. E aſsi começou à mover hũa couſa, que ſe antes lhe tinhão odio por ſuas crueldades, & por quam vario, & ſubito era em ſuas acções, com iſto ſe dobrou, & logo ſe paſſarão para o Mogol quatro mil homẽs nobres eſcandalizados deſta novidade.

## CAPITVLO. XIIII.

*Como Soltam Badur por Mujate Chan lhe contrariar que não tiraſſe as comedias aos nobres que o ſervirão na guerra, o mandou à Dio para Melique Tocam o matar: & do valeroſo feito que fizerão, Melique em deſcobrir aquelle ſegredo à Mujate, & Mujate em ſe ir apreſentar à el Rei para que elle o mataſſe.*

VENDO Mujate Chan, que era hum dos mais antigos, & poderoſos Senhores do Reino de Guzarate, a deſordem que el Rei intentava cõ aquelles nobres que o ſervirão nas guerras, dizia em publico, que não avia de conſentir, q̃ à gente nobre lhe foſſe tirado o que tinha, por o averem merecido per ſerviços de ſeus avòs, & ſeus. Poloque Soltam Badur que tinha ſoſpeita que favorecera à ſeu tio no alevantamento que fez contra elle, & deſejava de o caſtigar, & não ouſava por a grande qualidade de ſua peſſoa, por contrariar aquella ſua ordem, determinou de o matar per manha, como era ſeu coſtume. Para o que chamandoo hum dia, lhe diſſe, que elle ſabia bem como tinha aſſentado com Nuno da Cunha Governador da India, de ſe verem em Dio: & porque temia, que vindo o Governador poderoſamente, achaſſe Dio deſapercebida, lhe rogava ſe foſſe para là, para favorecer com ſua peſſoa, & gente à Melique Tocam, em quanto elle não foſſe, & que hi o eſperaſſe. Partido Mujate Chan para Dio, deſpedio logo Badur hum ſeu Secretario por nome Mula Mamed, com hũa carta para Melique Tocam, em que lhe mandava, que tanto que Mujate Chan foſſe na cidade, por lhe fazer feſta o levaſſe hum dia em hũa fuſta ao mar, & o lançaſſe nelle



nelle com hũa pedra aõ peſcoço: & que quando deſta maneira o não podeſſe matar, foſſe de qualquer outra, com que não eſcapaſſe de morte.

Na noute que eſte Mula Mamed chegou à Dio, deixou a ſua tenda na quintãa de Melique, & vèo embuçado à cidade darlhe conta do negocio à que vinha, & como trazia hũa carta d'el Rei, à que elles chamão formão, a qual tambem com o ſeu fato deixara na quintãa, & por não ſe pôr à deſenfardelar logo per ante os ſeus, ſe viera ſem ella antes que Mujate Chan chegaſſe, que devia ja vir perto. Melique Tocam, quando ouvio eſta maldade d'el Rei, ficou aſſombrado, & reſpondeo à Mula Mamed que ſe tornaſſe à ſua tenda, & como homem que vinha canſado repouſaſſe atè o outro dia ja tarde, pois Mujate Chan não era chegado. Deſpedido Melique de Mula Mamed, mandou logo chamar algũs homẽs, de q̃ muito confiava à que deu cõta do que lhe el Rei mandava fazer, pondolhe diante quam grande Senhor era Mujate Chan, que ſòmente de parentes, criados, & vaſſallos tinha dez mil de cavallo, & que bem ſabião quam leal ſempre fora aos Reis. E que ſegundo o que tinha ſabido, que a cauſa de o el Rei mandar matar procedia de lhe elle ir à mão por hum dãno tam notavel como era querer tirar as comedias aos homẽs que as tinhão merecidas ao Reino, & à elle proprio Badur. Mas como elle era homem perverſo, que per mui leves couſas ſe movia à pôr em effeito qualquer grande maldade, & naſcera para derramar quanto nobre ſangue avia no Reino de Guzarate, elle Melique eſtava determinado em não fazer o que Badur lhe mandava, mas que com tudo queria o parecer delles. O voto de Melique approvarão todos, & ainda acreſcentarão muitas mais razões, para lhe não aver de obedecer, tam aborrecida, & deſcontente eſtava à gẽte da vida, & feitos d'aq̃lle Rei. Pola qual razão Melique Tocam eſpedio logo hum deſtes homẽs à grande preſſa à Mujate Chan, perque lhe mandava dizer o que paſſava, por iſſo viſſe o que fazia; & como elle vinha ja muito perto de Dio, aquella noute teve eſte recado: o qual da gente que trazia mandou logo trecentos de cavallo que ante manhãa foſſem dar na tenda de Mula Mamed, & o prenderão, & lhe buſcarão o fato que trazia, atè acharem a carta d'el Rei para Melique Tocam, a qual logo foi levada à Mujate. E tanto que pela carta d'el Rei vio ſer verdade o

que

que Melique lhe mandara dizer, sem fazer mais detença, da mais limpa gente, & escolhida que trazia, tomou quinhentos de cavallo, & com elles se tornou à Cambaia, onde el Rei estava. E como homem confiado em sua pessoa, por ser mui cavalleiro, & amado de todos por suas qualidades, se foi à el Rei (que se vinha chegando à Dio para se ver com Nuno da Cunha) & tanto que esteve ante elle, tirou de hum terçado que trazia na cinta, & lançouse aos pès de Badur, dizendo: *Se te eu mereço a morte, aqui está o traidor, & o ferro para lhe cortares a cabeça; & ainda que o eu não mereça, se disso tẽs contentamento, que maior honra posso eu desejar, que perder a cabeça per tua mão, por satisfazer à teu appetite. Mas mandaresme matar por hum teu escravo, filho d'outro, isto não posso eu sofrer, sendo innocente. Outra cousa te mereciamos meus avòs, & meu pai, & eu, por quantos serviços temos feitos aos teus, & à ti. E se isto mandavas fazer, ou não, ex aqui a tua carta.* El Rei quando vio que Mujate Chan lhe apresentou a sua carta, ficou confuso, & tam envergonhado, que lhe não soube responder, sòmente o levantou nos braços. E por custumarem os Principes d'aquellas partes, quando querem fazer honra à alguem, ou mostrarenlhe final de amor, mandarenlhe dar hũa veste, à que elles chamão Cabaia, despio el Rei hũa que tinha mui rica, & lançoua nos hombros à Mujate Chan, com grandes palavras de amor, & confiança, & algũas desculpas. E por o mais contentar, lhe disse, que tomava o terçado, como de mão de hum seu vassallo mui leal, & em retorno delle lhe mandou dar hũa espada, que lhe Nuno da Cunha com outras cousas mandara de presente, quando concertarão as vistas em Dio, que não ouverão effeito.

***

CAPI-



## CAPITVLO. XV.

*Como Badur Rei de Cambaia mandou secretamente à Rume Chan tomar Dio, & se Melique Tocam se quisesse defender, que o matasse. E que homem era Iorão de Santiago, o que foi por lingoa à Cambaia.*

TANTO que el Rei satisfez com afagos, & merces à Mujate Chan, pedindolhe que se fosse para as cidades de Palitanà, & Talajà, que erão suas vezinhas, na ensеada de Cambaia. E porque entendeo que Melique Tocam fora o descobridor da morte que lhe mandava dar, determinou de o ir per si castigar. Para o que teve grãde incitador em Rume Chan, o qual desejava muito tèr Dio, & queria grande mal à Melique. A causa deste odio era, porque ordenara com el Rei que lhe tirasse a cidade de Baroche, que lhe dera quando à elle vèo, fazendo crèr à el Rei q̃ Baroche era hũa cidade mui forte, & importante à seu Estado, & que sendo posta em poder de Rume Chan, recolheria alli todos os Rumes que viessem à aquellas partes, & como homem que era livre, & aventureiro, daria despois muito trabalho à aquelle seu Reino. Este cõselho lhe pagou Rume Chan em a mesma moeda à Melique, dizendo à el Rei, que homem que descobria os seus segredos tam importantes, que o devia de aver por traidor: & que não seria muito tèrse concertado com os Portugueses para lhe entregar Dio, que elles tanto desejavão de aver, para se assegurar de S.A. por o delicto que fizera: polo que seu parecer era, que logo antes de Melique se prover per algũa maneira, fosse pôr cobro sobre Dio. El Rei como neste tempo era governado per Rume Chan, pareceolhe melhor o seu conselho, que o d'outros seus aceitos, à que tambem deu parte deste caso. Porque os Principes que se deixão governar por homẽs que lhes fallão à vontade, são como os homẽs frascarios, & sujeitos à molheres, que aquella que he mais nova na conversação, lhes he mais aceita. Assi Badur governado polo novo privado Rume Chan, o mandou logo d'alli de Cambaia onde estava com algũs navios de Remo, & deulhe hũa provisão per elle assinada

da, que todos em Dio lhe obedeceſſem como à ſua propria peſſoa ſob pena d morte,& per outra proviſão ſecreta lhe mãdou,q̃ ſe meteſſe em Dio,& trabalhaſſe de qualquer modo de matar à Melique Tocam. Chegado Rume Chan à cadea que eſtà atraveſſada no porto de Dio, ſendo Melique Tocam na ſua quintãa,não lhe quis o Capitão q̃ elle deixou em ſeu lugar na cidade abrir,atè q̃ Rume Chan lhe moſtrou o formão d'el Rei,& como foi dentro na cidade, apoderouſe della aquella noute. Sendo eſta nova dada à Melique, por não fazer eſtrondo,ſe vèo cõ pouca gente ao outro dia,como homẽ ſeguro,caminho da cidade, & chegando ao Caez que eſtava da banda onde elle avia de embarcar para paſſar, os criados de Rume Chan q̃ eſtavão nas fuſtas em que elle vèo, lhe defenderão a paſſagẽ. A eſte reboliço acodio Rume Chan,para naq̃lla volta matar à Melique;mas os Arabios q̃ elle trazia em ſua guarda o defenderão como leaes,& valentes homẽs que erão. Melique vendo o caſo,entendeo ſer mandado d'el Rei, & temendo q̃ viria logo per terra,tornouſe à ſua quintãa, & ſem fazer nella detença,tomou o mais dinheiro, & joias q̃ pode levar, & ſua molher,& duas eſcravas que a ſerviſſem, & fugio caminho de Sinde. El Rei q̃ ficava em Cambaia,partio per mar,& vèo deſembarcar em Gogà,& d'alli per terra vèo tèr à Dio. E tanto q̃ ſoube o q̃ era paſſado,eſcreveo à Melique Tocã grandes amores,& mandoulhe hum ſeguro, cõ o qual,& cõ a palavra de Cancanà (q̃ era o principal Senhor do Guzarate em ſangue,& renda,à q̃ el Rei tinha grande reſpeito,& o meſmo Melique)ſe tornou. E ja neſte tẽpo tambẽ era vindo Melique Saca ſeu irmão,cõ outro tal ſeguro,& promeſſa de Cancanà: o qual eſtava em Cambaia com Mir Mamud Xiah,ſobrinho d'el Rei,que ficou alli com a Corte toda em ſeu lugar.

De Dio (onde neſte tẽpo vèo Nuno da Cunha para as viſtas cõ Badur,q̃ não ouverão effeito) ſe foi Soltam Badur para Champanel,levando conſigo à Ioão de Santiago, q̃ fora por lingoa de Simão Ferreira,quando foi à Dio ſobre as viſtas de Nuno da Cunha com el Rei. E para que ſe ſaiba os coſtumes d'aquelles Reis do Oriente,& de quam baxos homẽs ſe ſervẽ muitas vezes no governo de ſeus Eſtados,& lhes dão as maiores dignidades delles,& quanto no do Guzarate pode eſte, daremos delle algũa noticia. Eſte homẽ era Arabio de nação,eſcravo de hum marinheiro Portugues, q̃ andava na armada da India,



India,& por ſaber bẽ algũas lingoas, ſe ſervia delle Nuno da Cunha de interprete em algũas couſas de pouca ſuſtancia,maiormente nas q̃ não requerião ſegredo: como tal o levou por lingoa Simão Ferreira quando foi à Cambaia ao negocio das viſtas q̃ diſſemos. E por a ſagacidade q̃ eſte homem tinha, & hũa deſcrição aprazivel na converſação, cõ q̃ ſe accõmodava à vontade de muitos,todos ſe lhe affeiçoavão. Tanto ſe contẽtou Soltam Badur delle as vezes que o vio fallar,que mandou dizer à Nuno da Cunha (quando vèo tèr à Dio) q̃ levava Santiago conſigo,para per elle lhe mandar certos cattivos que là tinha,& Nuno da Cunha lhe pedia,& por eſſe reſpeito ficou cõ el Rei,à opinião de algũs,tam Mouro como o meſmo Badur,dando à entẽder à Nuno da Cunha q̃ Badur o entretinha cõtra ſua võtade,& q̃ ſeu coração eſtava em Goa,& nos ſacrificios da Igreja. E a couſa per q̃ ſe mais inſinuava na benevolencia d'el Rei,era as muitas liſongerias q̃ lhe dezia, apoucãdo as couſas de Nuno da Cunha,& dos Portugueſes, q̃ não erão mais poderoſos q̃ para eſpancar o mar,roubando a pobre gente q̃ navegava,& q̃ todo o poder da Chriſtãdade,não ſe podia cõparar cõ o delle Badur,em Eſtado,& riqueza,& q̃ levemẽte podia lãçar da India aos Portugueſes. E como era diſcreto, & entẽdeo a arte de Badur,& ſabia darlhe razão de qualquer couſa,ganhoulhe a vontade de maneira,q̃ a primeira couſa q̃ Badur fez por elle,como ſe fora homẽ de grande experiencia, & qualidade,foi fazerlhe merce de dez mil pardaos,para ſe aperceber do neceſſario,como hũ de ſeus Capitães, & cada anno quarenta mil pardaos de renda de aſſentamẽto, cõ obrigação de o ſervir cõ quatrocentos & cinquoenta de cavallo,& o fez Capitão dos Portugueſes, & Franceſes q̃ là andavão, & lhe pôs nome Frangue Chan; Frãgue,porq̃ era Chriſtão;& Chan, por ſer nome de honra,como atras diſſemos. E de ſua peſſoa, & conſelho ſe ajudava nas couſas que tocavão ao Eſtado da India,como de hum dos ſeus mais aceitos Capitães.[a] Deſte genero de homẽs eſcravos,& muitas vezes de Capados ſe ſervem os Reis d'aquelle Oriente,quãdo per ſuas peſſoas ſe avẽtajão dos outros na guerra,ou os ſervem em couſas de ſuas rẽdas,ou appetites, ſem fazerem differença de ſervo à livre, ou de natural à eſtrangeiro,& aſsi como muitas vezes os levantão da terra em hũ dia,aſsi em hũa hora os tornão à derribar por leve cauſa.

a. *Outros varios ſucceſſos de Ioão de Santiago,eſcreve Diogo do Couto no cap.10.do 1.liv.da Dec.5.*

## CAPITVLO. XVI.

*Como Soltam Badur, & Omaum Patxiah se vierão à desavir, & começarão fazer guerra entre si, por Badur lhe não querer entregar Mir Zaman.*

SOLTAM Badur Rei de Cambaia, posto q̃ era hum dos mais poderosos, & ricos Principes de todo o Oriente, sempre se temeo das armas dos Mogoles, como de gente mais esforçada q̃ a sua, & de mais valor que as outras de que elle avia triunfado, & nenhũa cousa mas desejava que fazer pazes & lianças com Omaum Patxiah Rei do Delij, com as quaes lhe parecia lhe seria facil lançar os Portugueses da India, & alcançar a quietação com que gozasse das boas venturas que ouvera. E ja na esperança d'aquella liança, alem dos conselhos de seus privados, que o lisonjeavão, refusara as vistas com o Governador Nuno da Cunha, de que fez menos caso do que devera. não duvidando de trazer Omaum cõ bõos partidos à sua amizade. Masisto lhe não succedeo como elle cuidava: por que Omaum Patxiah, assi por a entrega que Badur lhe não fazia de Mir Zaman seu cunhado, como por a informação que teve, que os Embaxadores que Badur à elle mãdava, levavão muito dinheiro para peitar, & corromper seus conselheiros, & privados, provocandoos à fazer traição, & muitos sinaes em branco para lhe fazer merces de terras, rendas, & honras, se se passassem à elle, sentioo muito, & tevelhe à grande baxeza querer com preço como mercador, & não polo valor das armas, & de sua pessoa aver delle vittoria, que ouvera de procurar per guerra guerreada, & limpa, como cavalleiro; polo que elle não ouvia bem aos Embaxadores, nem os queria consentir em sua Corte. E como homem escandalizado de Badur, assi por esta causa, como por os favores que fazia à Mir Zaman, se desavèo com elle, & lhe negou as pazes.

Badur sentio muito esta desavença, por muitos respeitos, de que era o principal, o mascabo em que caia com o Governador Nuno da Cunha, à que não quisera ver, fazendoo ir à Dio para isso, como quem estava insolente com a liga que ja cuidava q̃ tinha feita cõ Omaum Rei tam temido de todos.





Polo q̃ instava mais na concordia cõ elle, & lhe mandou outros Embaxadores. Mas elles partidos, lhe vierão novas, que à terra do Sinde, vezinha aos Resbutos, com os quaes elle tinha guerra, erão vindos algũs Capitães de Omaum, & ouvera entre elles, & os da terra algũas escaramuças, como gente q̃ queria atravessar as Serras, & entrar no Guzarate. Com esta nova, mandou à Sadar Chan com dez mil de cavallo à Morbij, que he contra aquella parte, para retèr os Mogoles q̃ não entrassem mais pela terra; & elle tãbem se fez prestes em Chã panel, lançando fama que queria ir sobre a nossa fortaleza de Chaul. E para mais acreditar esta fama, mandou levar suas tendas, & apparatos de guerra à hum lugar chamado Olor, que està no caminho para Baroche, & que d'ahi se iria à Chaul, no qual lugar todos os Capitães, & Senhores estivèrão atè fim de Iunho. Entre tanto mandou lançar ao mar em Cambaia sette galès, & algũas fustas, & outros navios de remo, dizẽdo, que nestas embarcações avia de mandar muita artelharia, & munições, para per mar pôr cerco à Chaul. E despois de ser tarde, que nossas armadas lhe não podião fazer dãno, mãdou estes navios caminho de Dio, dizendo, que alli estarião mais seguros de os Portugueses os poderem queimar.

Partida esta armada, mandou hum Capitão chamado Albergij, que era seu cunhado, que levasse toda esta artelharia, q̃ elle ajuntara para a ida de Chaul, caminho do Mandou, porq̃ temia nesta cõjunção mais a vinda dos Mogoles para aq̃lla parte, & a voz de vir à Chaul era fingida, por causa delles, mostrando q̃ mais lhe lembravão nossas armadas d'aquella costa de Cambaia, que a vinda de Mogoles. Cõ tudo por as novas que cada dia tinha delles, & de quã pouco là fazião seus Embaxadores, de Olor onde estava junto todo seu exercito, partio na primeira vista da Lũa de Iunho, tempo mui observado delle por sua religião; posto que elle na verdade andava assombrado no seu animo, receando muito romper guerra com os Mogoles, por tèr experiencia que a gente de Cambaia era fraca, & não costumada ao curso d'aquella gente valente, sofredora de grandes trabalhos, & experta na guerra. E se algũa cousa com seus Guzarates tinha ganhado, era porque os inimigos erão tambem fracos, & porque de suas vittorias, muitas ouvera mais per sua industria, & peitas, que à força de braço; & a gente estrangeira que comsigo trazia de Portugueses,

Rumes,Parſios,& Arabios erão mui poucos.

Finalmente,per idas,& vindas de ſeus Embaxadores,a reſoluçáo deſtes dous Principes foi,que Omaum Patxiah pedia à Soltam Badur,que lhe entregaſſe ſeu cunhado Mir Zaman, & ſoltaſſe o Principe do Mandou,& ſeus irmãos,& lhe reſtituiſſe o Reino que lhes tinha tomado. Ao que reſpondeo Badur,que quando elle Omaum reſtituiſſe o Reino do Delij à cujo era,que entam ſoltaria elle o de Mandou: & que milhor ſeria,pois ambos erão irmãos na lei, que o foſſem em amor, & paz,eſtando cada hum em ſeu Reino, fazendo guerra ao Gentio ſem lei,& aos Chriſtãos,à quem tam odioſas erão as couſas de ſeu prophera Mafamede. E quanto à ſeu cunhado, viſto como entre elles avia parenteſco de primos, & ſer caſado com ſua irmãa,de que tinha filhos, & ao eſcandalo q̃ delle tinha não ſer couſa indigna de perdão, ſeria melhor apartalo de ſi,dandolhe algũa couſa com que viveſſe conforme à ſeu eſtado,& elle lhe daria tambem naquella parte à elle vezinha algũas terras para ſe ajudar à mantèr, & aſsi viveria entre os dous eſtremos de ſeus Reinos ſem eſcandalo algum,& que ficaſſe livre,ſem tèr obediencia de vaſſallo à hum,nem à outro. Sobre eſtes recados ouve outros,em que ja ſe começavão eſquentar em palavras,atè mandar dizer Soltã Badur à Omaũ, que não curaſſe de ſe pôr em caminho, & vir buſcar ſeu cunhado,que elle o levaria conſigo ao Reino do Delij,& que là lhe faria a entrega delle. Com eſte recado lhe mandou de preſente hum veſtido de molher de grandes ornamentos, como em deſprezo;porque os Mogoles ſão homẽs que ſe prezão de andarẽ na guerra mui ataviados nos veſtidos de ſuas peſſoas, & ornamentos de ſeus Cavallos. Em retorno d'aquelle preſente,com outras palavras que reſpondião às de Badur,o Mogol lhe mãdou hum cão, & hum açoute com que açoutão os cavallos; porque os Guzarates não tem uſo de eſporas,& aſsi lhe mandou hum dromedario, & hum cavallo, dizendo palavras perque o provocava à ir encontrarſe com elle tam à preſſa como dizia:porque deſtas allegorias, & figuras uſão muito aquelles Mouros do Oriente em ſemelhantes negocios.

***





# LIVRO SEXTO
## DA QVARTA DECADA DA ASIA,
### *DE IOÃO DE BARROS.*
### Governava a India Nuno da Cunha.

## CAPITVLO PRIMEIRO.

*Em que ſe deſcreve a origem dos povos Mogoles, & que parte da terra habitarão.*

PORQVE a guerra dos Mogoles com el Rei de Cambaia, & o que della ſuccedeo, foi couſa mui notavel,& de que coube grande parte ao Eſtado da India, & que aos Portugueſes cauſou muito trabalho: convem dármos noticia particular deſta gente, & em que parte da terra eſtava eſcondida: dos quaes atè aquelle tempo, em que vierão tèr guerra com o Soltam Badur Rei de Cambaia, os noſſos que na India andavão não tinhão conhecimento algum. E para maior ſatisfação dos que ſe deleitão em ſaber hiſtorias, repetiremos de longe a origem delles. Eſta gente à q̃ cõmunmente

mente os noſſos chamão Mogores,& propriamẽte Mogoles, elles entre ſi ſe chamão Chacatais,[a] por virẽ de hũa linhagẽ antiga,& nobre dos Tartaros,aſsi chamada, de q̃ elles ſe glorião muito,como os Eſpanhoes ſe jactão (ſem razão) de vir dos Godos,como ſe os Godos,& os Chacatais não foſſem dos Barbaros q̃ povoão as terras frias do Norte. A região q̃ eſtes Chacatais habitão,he chamada Chacatà,[b] vezinha à Provincia Turqueſtan,mai natural, de q̃ procederão os verdadeiros Turcos.E poſto q̃ todos os Chacatais ſejão Mogoles, os nobres sòmẽte ſe nomeão Chacatais, aos quaes he grande injuria chamarlhe Mogoles,tãto como ſe lhe chamaſſem villãos; o qué não he no povo,que por iſſo ſe não eſcandaliza.

Os Perſas q̃ foi a gente d'aquellas partes Orientaes q̃ mais cedo recebeo a ſeita de Mafamede,por as vittorias q̃ delles ou verão os Arabios,& q̃ cõ a ſeita tambẽ receberão a Eſcrittura,eſcreverão em ſuas Chronicas,q̃ eſtes Mogoles deſcẽdẽ de Magog neto de Noe Patriarcha das gẽtes,filho de Iaphet.[c] E aſsi dizem,q̃ Magog foi hũ Rei poderoſo naquellas partes de Tartaria,de q̃ procederão muitas & diverſas familias,& linhagẽs,como diremos em noſſos Cõmentarios da Geographia, em q̃ fallamos da origẽ dos Tartaros Aſiaticos.Em vida deſte Magog,& deſpois per todo o tempo q̃ reinou ſeu filho Tarahan,as gẽtes q̃ eſtavão debaxo de ſeu Imperio guardavão a religião,coſtumes, & adoração de hũ ſò Deos, ſegundo tinhão recebido de Noe ſeu progenitor. Mas falleſcidos eſtes dous Reis,ſuccederão outros Principes q̃ ſeguirão ſuas proprias inclinações, cõ q̃ os povos ſe derão à varias ſeitas, & opiniões cõtrarias aos preceitos d̃ ſeus antigos padres.D'aqui ſe cauſou derramarẽſe per diverſas partes,& habitarẽ novas Provincias. E poſto q̃ eſta gẽte per aq̃lla grande Tartaria tinha eſte nome de ſeu primeiro Principe Magog, & foſſe avida por vagabunda,como aq̃lla q̃ diſcorre per diverſas partes,onde ſe mais cõſervou eſta geração foi na região q̃ ora he chamada Mogalia, ou Mogoſtã do nome delles,à q̃ Ptolemeu chama Paropaniſus,poſto q̃ elles ſe extendão mais:porq̃ vão vezinhar ao preſente cõ o Reino Horacan,chamado per Ptolemeu Aria, de hũa cidade ſua Metropoli,à q̃ oje chamão Here.Epela parte do Norte vão beber as agoas do rio Geũ,*chamado dos Geographos Oxo,q̃ paſſa pela Provincia Bactriana, nomeada de ſua Metropoli Bactria,q̃ ora ſe chama Bohàra, Eſtudo mui celebre,

*a. ...mapropriamente ſão chamados Zagatais,& a Provincia em que habitarão Zagatai.*

*b. Diogo do Couto eſcreve q̃ à eſta Provincia Chacatà, deu nome Chacatai,filho de Chingiſchan, Senhor das Provincias Sogdiana, Bactriana, Aracoſia, Aria, Parthia, Perſia, & Armenia.*

*c. Faz Diogo do Couto larga relação dos Mogoles, & de ſua deſcendẽcia,a qual deduz, ſeguindo as hiſtorias Tartaras, de hum Turc neto de Noe filho de Iaphet (do qual não fazem menção os hiſtoriadores) como ſe pode ver nos capitulo. 1. & 2. do liv. 10. E no capitulo. 7. do livro. 1. eſcreve, q̃ quando no anno de C. de noſſa Redempção baxarão do Norte os Mogoles,com as outras gentes,ficarão elles povoando o Reino de Mãdou,& que naquella cidade ſe vèm ainda oje três ſepulturas de Reis Mogoles,como conſta dos letreiros dellas:& he preſunção bem fundada, q̃ forão eſtes povos antiguamẽte ſenhores de toda a India,onde no maritimo della fundarão as duas cidades de Mangalor, hũa na coſta de Dio, & outra na de Canarà, & neſta ha ſepulturas de muita antiguidade, per cujos epitafios ſe conhece q̃ jazẽ nellas Reis Mogoles.*

** Outros chamão à eſte rio Abia.*



bre,& antigo,como reliquias do grãde Zoroaſtres,[a] à q̃ os Perſas chamão Zoac.Neſta Boàra eſtudou Avicenna,Medico celebrado,por ſer natural da terra,ſegũdo eſcrevẽ os Perſas. O q̃ lhe não tira ſer natural de Cordova,conforme a opinião de algũs;porq̃ pode ſer q̃ por tèr eſtudado em Bohàra o queirão os Perſas fazer ſeu natural.Tẽ mais os Mogoles da bãda do Nordeſte a região Sogdiana,à q̃ elles ora chamão Queximir,& aſsi o monte Caucaſo, que divide a India d'outras Provincias,& regiões Boreaes.He verdade que neſta noſſa idade, como he gente bellicoſa,correm da parte de Meiodia atè os montes à que Ptolemeu chama Parveti,& Bagous, * & elles Angon.

Eſte Eſtado era de hũa gente chamada Patane,que ſenhoreava eſtas montanhas,& como os q̃ habitão nos confijs dos montes Pyreneos,d'aquem,& d'alem delles,ſão ſenhores dos paſſos perque paſſamos de Eſpanha à França,& de là para cà, aſsi eſtes povos Patanes ſão ſenhores de duas entradas que a India tem,para aquelles que per terra querem ir à ella. Porq̃ os que vão da Perſia do Reino Horacam,de Bohàra,& de todas as partes Occidentaes,caminhão atè a cidade à que os naturaes chamão corruptamente Candar,avendo de dizer Scandar,nome perque Perſas chamão Alexandre; por elle (como eſcreve Arriano[b]) edificar eſta cidade, & do ſeu nome ſe chamou Alexandria,ſituada ao longo do rio Aria. Eſta cidade he hũa das mais Illuſtres,& celebres d'aquellas partes, por ſer ponte,& porto perque ſe caminha para a India:porque as Serranias da Provincia Ciſtou,q̃ vem cortando para o Meio dia,atè os deſertos de Mazeran, deixão no meio hũa aberta, onde como porto eſtà Scandar ſituada.Nella ſe tomão dous caminhos,quem quer ir pelos deſertos de Mazeran,vai paſſar o rio Indo na cidade Batcar,ſituada nas correntes delle(a qual por a ſituação que tem,podemos dizer ſer aquella à que Ptolemeu chama Ariſtobatia,*) & querendo della ir ao Reino de Cambaia,tomão a mão dereita pelo rio abaxo,& vem entrar nelle pelas Serranias dos Resbutos,& vão tèr à grande cidade delles chamada Patane,& d'ahi à Lavaia.E querendo ir ao Reino do Delij, vão pelo rio acima atè a cidade de Moltan Metropoli dos povos Moltanes.E deixando à eſquerda o rio Indo,caminhão per terra chãa a mais povoada de toda a India, atè chegar à cidade de Delij, que he a cabeça d'aquelle Reino,q̃ della ſe nomea,ſituada nas correntes do rio Iamona,

*a. Zoroaſtres,como refere Suidas, foi Perſa Medo, viveo em tẽpo de Nino Rei dos Aſſyrios,antes da guerra Troiana D. annos:perſuadio aos Aſſyrios q̃ deſpois de ſua morte, q̃ foi cõ fogo do Ceo,guardaſſem as ſuas cinzas ſe querião q̃ ſe perpetuaſſe o Reino delles.Eſcreveo quatro livros da natureza,hũ de pedras precioſas, & cinco de Aſtrologia judiciaria.*

*Plinio eſcreve no cap 16. do liv.7. q̃ rio Zoroaſtres no meſmo dia q̃ naceo:& no cap.1.do liv.30. q̃ foi o inventor da Arte Magica,& o primeiro que a pratticou em Perſia.*

*Outros Autores affirmão q̃ foi Zoroaſtres Rei de Bactriana, & q̃ teve guerra com Nino,na qual foi morto. E não pode ſer viver Zoroaſtres antes da guerra Troiana D. annos,& em tempo de Nino,como diz Suidas: porq̃ Nino morreo no anno do Mundo MM.XLVIII. & Troia foi deſtroi da DCCC.XXIIII.annos deſpois, no anno do Mũdo MM.DCCC.LXXII.*

** Ptolemeu na nona taboa da Aſia.*

*b. Arriano faz menção de quatro cidades q̃ Alexandre Magno fundou, & à q̃ deu ſeu nome. A primeira em Egypto, na bocca Occidental do rio Nilo. A ſegunda nas fraldas do monte Caucaſo, não longe da cidade de Bactra. A terceira no rio Iaxartes, chamado de Arriano Tanais (outro do que divide Aſia de Europa) A quarta ao pè do monte Paropaniſo, & eſta parece q̃ quer entender Ioão de Barros que ſeja Scandar.*

** Na taboa nona de Aſia.*

*Na taboa.10.de Aſia.

*Liv.6.cap.17.19. & 20.

à que Ptolemeu chama Diamuna,* & Plinio Iomanes.*

Eſtes caminhos de que fallamos, ſão as eſtradas geraes das Cafilas, q̃ às vezes ſão de tres, & quatro mil homẽs; porq̃ a terra alẽ de ſer deſerta, & em muitas partes mõtuoſa, he de muito perigo, por cauſa da gẽte mõtanhes, & cãpeſtre q̃ vai buſcar as eſtradas para roubar os caminhantes. O caminho de Cãdar à Batcar, não o ſeguẽ as Cafilas ſenão em tẽpo de guerras, por ſer muito deſerto, & tèr quatro, ou cinco jornadas ſem agoa, & de muita area, temendo q̃ ſe forẽ pelo de cima, q̃ eſtà à parte do Norte, alẽ dos mõtes Angon dos Patanes, por ſer per meio do Reino dos Mogoles, podẽ ſer delles roubados. Eſte caminho de cima, para quẽ quer ir ao Reino do Delij, he mais breve, & povoado, poſto q̃ mui fragoſo em partes; & na cidade de Cãdar poẽ o roſtro quaſi à Leſte, atraveſſando toda a terra Hozara, & vai tèr à antiquiſsima cidade Cazrij, meia arruinada, & d'ahi à cidade Cabol Metropoli dos Mogoles. A qual tãbẽ por cauſa das mõtanhas, & ſerranias he outra põte q̃ vão demandar, não ſòmente as Cafilas, q̃ vẽ de Candar, mas ainda as de Camarcant, & de toda a Provincia de Turqueſtã, & Caxcar. E deſta cidade Cabol, atè outra por nome Ingoxan, em q̃ averà tres dias de jornada, tẽ as Cafilas bõ caminho; mas como chegão à hũa villa chamada Haibar, d'ahi atè a cidade de Nilao, & della atè as portas per onde entrão na India, q̃ ſerà caminho de cinco dias, he elle tã eſtreito, & fragoſo, q̃ ſe não pode ir por elle ſenão à fio, & olhar para o cume das Serranias, & pôr os olhos nas nuvẽs. E chegãdo à porta per onde os Perſas dizẽ q̃ entrou Alexandre Magno, a qual elles chamão Darbande, q̃ quer dizer porta fechada, & os Indios com a meſma ſignificão Dangalij. Deſcobreſe o cãpo da comarca chamada Guzar, onde eſtà ſituada a cidade de Beera, nas corrẽtes do rio Bet. Eſta cãpina he ja da terra da India. E como quãdo da aſſomada de hũa mõtanha ſe veẽ grandes cãpinas, em q̃ a viſta ſe perde, aſsi paſſada eſta porta, q̃ fica ſoberba, apparecem aq̃llas do Reino do Delij, povoadas de muitas cidades, & lugares, ſẽ achar nẽ hũa ſò pedra em q̃ tropecẽ. Eſta terra he em ſi fertil, & graciosa à viſta, por ſer regada deſtes cinco notaveis rios, q̃ fazẽ o corpo do Indo, Bet, Satinague, Chanao, Rauè, & Bea.

Deſta porta atè a cidade de Cãdar, q̃ fica atras, onde ſe eſtremão os dous caminhos q̃ diſſemos para a India, tudo ſão Serranias, & terra aſpera, parte da qual era do Eſtado dos Mogoles, prin-



principalmẽte a q̃ eſtà mais ao Ponente, & Norte, q̃ he a menos fragoſa. E a q̃ eſtà ao Sul dos montes Bagous, ou Parveti, como lhe Ptolemeu chama, & a q̃ eſtà ao Oriente atè a porta Darbande, q̃ he dos povos Patanes, tudo ſão Serranias aſperas. E poſto q̃ as Cafilas q̃ per eſtes dous povos paſſavão lhes pagavão ſeus dereitos, ſegũdo ſeu coſtume antigo, quãdo vião aq̃llas riquezas Orientaes q̃ vinhão da India, & as Occidentaes q̃ entravão nella, onde ſe cõmutavão hũas couſas por outras, fazialhes grãde cobiça do Senhorio della; & por duas cauſas crecia a eſperãça q̃ tinhão de cõſeguir ſeu deſejo. A primeira por ſerẽ elles Mouros, & os povos da India Gẽtios, quaſi atè o maritimo da India baxa, cuja coſta nos navegamos, muita parte da qual he ja ſubjeita aos Mouros. A outra cauſa era, ſerẽ elles todos gente bellicoſa, & bẽ armada, & ſofredora de trabalho, coſtumada à pelejar à cavallo, por a grãde copia q̃ delles tem. O q̃ tudo vião pelo contrario nos Gentios da India, por ſer gẽte fraca, & imbelle, mais induſtrioſa, & inclinada ao uſo mecanico, & de cõmercio, q̃ ao exercicio das armas, & as de q̃ uſão ſerem fracas, & ſem cavallos, & eſſes q̃ tem de ſua terra ſerem fracos, & poucos, & os q̃ vem de fora de tanto preço, q̃ os não podem tèr ſenão Senhores, & peſſoas de muita fazenda.

Mas ao deſejo deſtes dous povos, avia dous inconvenientes q̃ os impedião. Aos Patanes, q̃ erão os mais vezinhos da porta Darbãde, tèr el Rei do Delij poſto nella hũ Capitão de muita fidelidade cõ muita gente d'armas para guarda della, & aſsi para a recadação dos dereitos q̃ ſe pagavão das mercadorias que per ella entravão. & ſaião. E os Mogoles, q̃ erão mais cõquiſtadores q̃ eſtes Patanes, alẽ de terẽ o impedimẽto da entrada, tinhão cidades, villas, & lugares dos meſmos Patanes, q̃ lhe cõvinha cõquiſtar primeiro q̃ chegaſsẽ às portas Darbãde. Por a qual cauſa erão os Patanes mui cioſos deſta entrada, & bem entẽdião q̃ todas as cõtẽdas, & guerras q̃ os Mogoles cõ elles tinhão, mais erão per ſe fazerẽ ſenhores deſta entrada, q̃ por terẽ cobiça đ ſuas terras, & Eſtado, por ſer mui fragoſo, & eſteril, & differẽte do ſeu đlles. Cõ eſte receo q̃ os Patanes tinhão, quãdo das partes da Perſia, de Bohara, de Camarcãt, & Caxcar vinha algũa grande Cafila para entrar na India, como era de quatro, ou cinco mil homẽs, não os deixavão entrar em ſuas povoações, nem paſſar avante, ſem primeiro darem arrefeẽs, & outros ſeguros, perq̃ ficaſſem delles ſatisfeitos, & certos,

tos,não ſer aquella gente algum artificio,& ardil dos Mogoles. Outras taes cautelas tinha el Rei do Delij na entrada da ſua porta,& por cauſa deſtas ſoſpeitas, & vigias, & guerras em que os Mogoles andavão com os Patanes, perque algũas vezes as Cafilas erão roubadas, ou ao menos lhes fazião pagar dereitos dobrados,como ellas chegavão à cidade de Candar deixavão eſte caminho de cima, & tomavão o de baxo, que era deſerto,poſto que mais comprido,& eſteril foſſe.

## CAPITVLO II.

*Dos coſtumes,& trajos dos Mogoles, & da ſeita que tem, & de ſua lingoa.*

TA Que tratamos da origem, & habitação dos Mogoles, pareceonos neceſſario dizer de ſuas peſſoas,de ſua lei,& de ſeus coſtumes,& trajos, & da ordẽ da ſua milicia.Os Mogoles ſão da lei de Mafamede,ſua lingoa he Turqueſtan,por là terẽ ſua origem,& por a vezinhança que tem com os Perſas tambem fallão a ſua lingoa;geralmente ſão homẽs bẽ diſpoſtos,alvos,& de olhos algũ tanto pequenos,ao modo dos Tartaros,& Chijs:tratãoſe todos muito bem, veſtindoſe os nobres de ſedas,brocadilhos,& lãas finas,& o povo de algodão, & no inverno de acolchoados, & de feltros para a chuva. A maneira de ſeus veſtidos he ſemelhante à dos Perſas, que ſão ſaios compridos abertos por diande de pouca fralda,cingidos por cima,como ſe cingem os Venecianos. As barbas trazem compridas,& as cabeças rapadas,nellas trazem barretes altos de feltro teſo redõdos,& não agudos,recheados de algodão, ou de outra couſa,com que andem ſempre irtos, & ao redor das cabeças ſobre os barretes toucas de algodão brancas, aſsi poſtas,que do meio para cima ja fora do caſco da cabeça lhes fique o barrete deſcuberto, por o qual trajo do barrete lhe chamão os vezinhos Cachabax,que quer dizer cabeça de feltro;como chamão mais propriamẽte aos que vivẽ na comarca de Camarcãt,na cidade Metropolitana da região Caxcar, à q̃ as outras nações chamão cabeça de feltro, porq̃ o trazem na cabeça mais alto que o dos Mogoles.Os homẽs nobres ſe tratão cõ muita policia,ſervẽſe de baxellas de prata, alumião-ſe



ſe com velas de cera. Quando caminhão levão o fato que tẽ em arcas encouradas,malas,& almofrexes cubertos cõ repoſteiros,ou alcatifas,ſobre Camelos,& levão mui boas tendas para ſe agaſalharem no campo.Fora da guerra,em ſuas terras ſão gente pacifica,branda, & de bom gaſalhado aos eſtrangeiros,& verdadeira em ſeus negocios.As molheres deſta nação ſão fermoſas,& para apparecerem em toda a parte.

As armas de que uſão,aſsi as offenſivas, como as defenſivas,coſtumão de trazer mui ricas,principalmente os nobres, trazem pẽlotes forrados de laminas douradas, que lhe dão por baxo do giolho hum palmo com cravações douradas, & muito bem guarnecidas,nas cabeças trazem celadas, & capacetes guarnecidos d'ouro com ſuas plumagẽs. As offenſivas ſão lanças,terçados,maças de ferro,machadinhas, que levão penduradas nos arções das ſellas,arcos,& frechas,que he a ſua natural arma para pelejar; & tirando os Tartaros Vzbeques de Camarcant,& da Provincia Caxcar,& d'ahi para cima,atè contra o Norte,nenhũa nação que à noſſa noticia vieſſe che ga aos arcos,& ao modo de tirar dos Mogoles; & quanta ven tagem os Perſas fazem neſtes arcos aos Turcos de Grecia, & da Natolia noſſos vezinhos,tanta fazem os Mogoles aos Perſas.Toda ſua guerra fazẽ à cavallo,porq̃ o eſtilo,& curſo delles não ſofre trazerem gente de pè, porque andão tanto que anoutecendo aqui,ao outro dia amanhecem d'ahi à dez, & quinze legoas.Os cavallos ſão como quartaos, correm pouco,mas andão muito,& pelejão com elles acubertados. Não he gente que ſitue cidades,& dem combates com artelharia, & artificios que cà uſamos neſtas partes. Todo ſeu feito ſão corridas,talhando os fruttos,& novidades dos campos, roubando povoações,& com aquelle furor do primeiro impeto tudo acõmettem, no que ſão tam preſtes,que não dão lugar à algũ apercebimento.E quando ſe cuida q̃ ſe poem em fugida,muitas vezes ficão vittorioſos;porque aſsi frechão fugindo,como quando cõmettem.Coſtumão fazer ciladas,& tem niſto grandes modos,& ardijs.E fazem mais conta de ſerem ſenhores do campo,q̃ das povoações, & eſta ſòmente he à ſua maneira de cerco,porq̃ ſabem q̃ quẽ do campo for ſeñor, que o ſerà do mais.Finalmente elles,& os cavallos em q̃ andão ſão grandes aturadores,& ſofredores do trabalho. Trazem artelharia em carretas, cada peça de comprimento

de

de hum covado, as grossas tirão pelouros de tamanho dos de falcões, os das meudas como nozes.

Com esta gente anda muita de diversas nações, como Tartaros, Turquimães, Coraçones, & outros, aos quaes tambem chamão Mogoles por andarem com elles. O seu Rei tratase com muita magestade, & deixase ver poucas vezes; tem gran de guarda em sua pessoa, assi na paz, como na guerra, na qual o guardão dous mil de cavallo à cada quarto, em que entrão cem Senhores principaes, & todos comẽ de sua cozinha. Dos mais usos, & abusos desta gente, diremos em nossa Geographia, quãdo escrevermos de sua região, & das à ella vezinhas, basta o que aqui temos ditto, para se saber o valor desta gẽte.

## CAPITVLO. III.

*Da causa que os Mogoles tiverão para entrar no Reino do Delij, & como el Rei Babor se fez Senhor delle, & do mais que nelle succedeo.*

ESTANDO os Reis dos Mogoles, & Patanes tam intentos em hum mesmo pensamẽto de se fazerem Senhores na India, para gozarem as riquezas della, como os estados do Mundo estão postos em casos que o tempo traz, aconteceo que hum Rei do Delij chamado Babul, vèo à tèr guerra com outro seu vezinho, contra o qual elle mandou pedir ajuda de gente de cavallo à Abrahemo Rei dos Patanes, cuja Metropoli he Nilão, que distarà da porta Darbande quinze legoas. Abrahemo como nenhũa cousa desejava mais que entrar naquelle Reino do Delij, vèo à elle o mais poderosamente que pode, & em lugar de soccorrer à Babul, lhe tomou o Reino, & fazendose Senhor delle, mandou vir do seu Reino muita mais gente, que foi despois causa de o perder, como adiante diremos.

Vindo este à morrer, ẽixou dous filhos, o maior q̃ ficou por succeſſor do Reino se dizia Escandar, o menor Alamo Chan. Falleſcẽdo Escãdar, ficou o Reino à seu filho Abrahemo, este por ser homẽ cruel, & đ mao governo, sẽtindo Alamo seu tio q̃ elle lhe ꝓcurava a morte, fugio cõ sua molher & filhos para o Reino



Reino do Guzarate, em tempo de Modafar Rei delle, que lhe fez muita honra, & lhe deu terras, & renda com que se podesse sostentar, como filho de quẽ era. E despois de estar em Cambaia, não tardou muito que seu sobrinho Abrahemo fez taes cousas, que muita parte dos Grãdes escreverão à Alamo, que se tornasse ao Delij, que o querião levantar por Rei: porq̃ ainda q̃ não ouvera mais razão que as cruezas, & maldades q̃ Abrahemo usava, era bẽ que o despossessem do Reino, quanto mais ser elle filho legitimo de Abrahemo primeiro, à quẽ mais pertencia q̃ à Abrahemo segundo, q̃ tinhão por certo ser adulterino, & não filho de Escandar. Alamo avidas estas cartas, as foi mostrar à Soltam Modafar, pedindolhe licença, & ajuda para ir cobrar aq̃lle Reino, q̃ com tã justas causas lhe offerecião, perq̃ se via ser elle o verdadeiro succeſſor. Modafar trabalhou muito por o desviar d'aq̃lle propossito, dãdolhe para isso muitas razões: mas quando vio q̃ Alamo toda via se determinava ir, por cada dia lhe virẽ recados, & cartas dobradas, tornando elle Alamo à lhe dar conta da pressa que os do Reino lhe davão, consentio q̃ se fosse; mas usou cõ elle de hũa cautela, acõselhandolhe que não levasse sua molher, & filhos, dizendo, que o negocio à que ia estava mui incerto, & como podia succeder bem, podia succeder ao contrario, como cousa que dependia da vontade da gente do povo, q̃ sempre foi varia, & inconstante; por isso seu parecer era, que deixasse sua molher, & seus filhos comendo as terras que lhe elle tinha dadas: & que quando estivesse pacifico, elle lhe mandaria a molher, & os filhos como quem erão.

Este cõselho, posto q̃ foi proveitoso à Alamo, por os trabalhos em q̃ se vio, a tenção d'el Rei era, parecerlhe q̃ se Alamo cobrava aquelle Reino do Delij, por a vezinhança q̃ tinha cõ elle, q̃ era bom penhor tèrlhe a molher, & os filhos em poder, para qualquer negocio, & cõ a licença lhe deu boa soma de dinheiro, por não ir escãdalizado delle: & quãto à gẽte q̃ Alamo lhe pedia, disse q̃ lha não dava por não rõper as pazes, & amizade antiga q̃ avia entre seu Reino, & aq̃lle do Delij. Alamo satisfeito d'el Rei cõ aquellas razões, & cõ outras, deixãdo sua molher, & filhos como lhe acõselhou, partio caminho do Delij cõ seus servidores sòmente: mas cõ o dinheiro q̃ levava fez hũ bõ exercito de gẽte solta do Guzarate, & Mandou, & d'outra que se à elle ajuntou pelas terras per onde passava.

Os

Os Grandes do Delij,quando ſouberão de ſua ida,o vierão receber,& levantarão por Rei,intitulãdoſe por eſte nome de Soltam Laudij,& acreſcentando mais ſeu exercito,começou fazer guerra à Abrahemo;o qual por algũas vezes q̃ pelejou com o tio,ſempre o venceo,atè q̃ na derradeira batalha, vendoſe Laudij deſamparado da maior parte da gente, que logo no principio o ſeguia,cõ algũs poucos foi pedir ſocorro à Babor Rei dos Mogoles, por razão do parenteſco que tinha cõ elle.O qual ja à eſte tempo tinha tomado parte do Reino à Abrahemo:porq̃ como eſtes dous Principes, o dos Patanes, & o dos Mogoles,deſejavão de tomar aquella porta Darbãde para entrarem no Reino do Delij,tãto q̃ Abrahemo o velho o tomou pela traição que cõmetteo contra el Rei Babul,deſcerão os Mogoles ſobre as terras dos Patanes, & começarão de os conquiſtar. E ja no tempo que Soltam Laudij lhes foi pedir ſoccorro,lhes tinhão tomado eſtas cidades, Ingoxauz, Haibar,Haibarij, Senarà, & a ſua Metropoli Nilão,que eſtão no caminho das Cafilas que entrão na India por a porta Darbande,entrada tam deſejada delles.

A cauſa porq̃ eſtes Mogoles em tam breve tempo conquiſtarão eſtes,& outros lugares do Reino dos Patanes, avendo tanto tempo que o deſejavão,foi,que Soltam Abrahemo o velho,tanto que tomou a cidade de Delij, começou à deſpejar o ſeu proprio Reino de gente,por a neceſsidade que tinha della para a cõquiſta do outro,q̃ elle mais eſtimava,por a diffe rença que avia de hũ Eſtado ao outro. Com q̃ ficou tam deſpovoado, que tiverão os Mogoles azo de entrar nelle, & em breve cõquiſtarão a maior parte das povoações de baxo. Por que as que eſtão nas montanhas ainda oje as não entrão, mas ſe defendem os Bagounes fortemente, & muitas vezes deſcẽ do cume das Serras,& vem aos paſſos fragoſſos per onde paſſão as Cafilas,as quaes não deixão paſſar atè que lhe dem hũ tanto por iſſo, como gente que não quer perder a poſſe dos dereitos,que lhe as Cafilas pagavão d'aquella paſſagem.

Babor Patxiah vendo o requerimento de Laudij, por o deſejo q̃ tinha de entrar naquelle Reino. Deſpois de o receber cõ muita honra,& gaſalhado como parẽte,em poucos dias ſe vèo cõ elle trazẽdo quinze mil homẽs de cavallo,ao qual ſe ajũtarão algũs Capitães q̃ andavão cõ Laudij, & o deixarão no desbarato da derradeira batalha. El Rei Abrahemo junta ſua



ſua gente algũas vezes pelejou cõ ſeu tio em lugares q̃ delle ſe podia ajudar,atè q̃ em hũa batalha cãpal q̃ ambos tiverão, em q̃ Abrahemo trazia dous mil elefantes, cuidando q̃ elles baſtavão para lhe darẽ vittoria,foi elle vencido,& morto dos meſmos ſeus elefantes.Porq̃ querendo com elles romper a batalha dos Mogoles,aſsi como vinhão furioſos para rõper, aſsi tornarão à virar, tanto q̃ ſe ſentirão feridos de hũa chuva de frechas dos Mogoles,q̃ os não conſentirão chegar à elles. Cõ eſte impeto de fugida,& frechadas com q̃ os ião perſeguindo, trilharão, & romperão a batalha em que Abrahemo vinha, com q̃ puſerão tudo em desbarato. Eſta vittoria confirmou à Laudij ſer avido dos Patanes por ſeu Rei. Mas porq̃ Abrahemo ſeu pai não tinha pago a maldade q̃ cõmetteo contra Babul em lhe tomar o Reino,chamandoo elle para o ajudar à defender,a juſtiça divina diſsimulou cõ elle para o pagar eſte ſeu filho per o meſmo modo,& ainda com maior dãno.

Porque Babor Patxiah como a maior parte de ſeu Eſtado era montuoſo,& aſpero de ſofrer nos temporaes do anno, & não tinha a fertilidade,ares,& riqueza, & tam grande numero de povoações como o Reino do Delij, do qual boa parte elle vio, & paſſeou naquella guerra, quis tomar por premio de ſeu trabalho o proprio Reino.Para effectuar eſte propoſito,pegavaſe Babor à tres razões que à iſſo o movião. A primeira o exemplo de Abrahemo,no que fez à Babul, à quem aquelle Reino fora roubado,& não pertencia à quẽ o poſſuia. A outra razão era dizer,que ſabia que os Capitães de Laudij lhe aconſelhavão q̃ lançaſſe mão delle Babor antes q̃ ſe foſſe, atè lhe entregar as cidades que lhe tinha tomadas do Eſtado de ſeu pai,q̃ era a entrada do Indoſtan, de q̃ eſtava em poſſe, & q̃ por eſte modo ficaria ſeguro delle.A terceira, & principal razão,era dizer,Babor tèr mais dereito noReino q̃ o meſmo Laudij,porq̃ dezia q̃ o grande Tamur Lang natural Chacatai,em ſua vida dera o Reino de Cabol que elle conquiſtou atè o rio Indo,à ſeu neto Pir Mahamed Ianguir,& eſte caſara deſpois hum filho ſeu com hũa filha d'el Rei do Delij, por a vezinhãça q̃ tinhão, o qual foi avò delle Babor Patxiah. [a] E hũa das peſſoas que à Babor deu muito animo, & ajuda para totalmẽte ſe fazer Senhor d'aq̃lle Reino,foi hũMouro de nação Patane,per nome Xer Chan,de q̃ fazemos eſta lẽbrança por o muito que nos livros ſeguintes delle hemos de dizer.

Final-

a. *Foi o Tamur Lang, o Langar (como lhe chama Diogo do Couto) que quer dizer felice manco, natural de Quex,cidade vezinha à Samarchãde,o qual deſpois que com as armas ſe fez Senhor das Provincias de Horaçan(ou Coraçone) Perſia, Armenia,& todas as mais que jazem per to do Mar Caſpio(à q̃ os Turcos chamão Tanguis Xor,q̃ quer dizer Mar Salgado,& os Armenios XorGuilan, Mar de Guilan, cidade ſituada nas ſuas praias) ſaio à conquiſtar o Indoſtan,& do q̃ ganhou nelle,cõ vittoria de hũ Rei do Delij,deixou por Rei à Pir Mahamed ſeu neto,filho de Iãguir ſeu filho mais velho, que ja era morto, o qual pòs a ſua Corte em Cabol.*

*Por morte de Tamur,q̃ foi no anno de M. CCCC. V. lhe ficavão tres filhos.Omar Miruxiah com o Imperio de Samarcãt,com tudo o q̃ ſe cõprehẽde entre os rios Oxo,& Iaxartes. Miraxàroc cõ o Reino de Coraçone, & Haomar Xiab,à q̃ chamarão Balobo,q̃ ficou ſem Eſtado. Eſte ſe paſſou ao Delij feito Calandar, matou ao Rei d'aquelle Reino, & apoderado do ſeu Eſtado, ſaio à conquiſtar outros do Indoſtan.Herdouos por ſua morte Abuſſeir ſeu filho,à quem ſuccedeo Babor ſeu filho,pai de Omaum Patxiah.E ſegundo eſta relação de Diogo do Couto,era Babor biſneto de Tamur Lang.*

*Cap.2.do liv. 10 & no cap. 13. do liv.1.da 5.Decada, faz outra relação dos ſucceſſores de Tamur Lang, que differe em algũa couſa deſta, como nella ſe pode ver.*

Finalmente Babor per força de ſuas armas,ſe foi entregan
do do Reino,atè de todo ſe fazer Senhor delle.Poloque ven-
doſe Laudij deſpojado,& cattivo,como homem abatido da
fortuna,& deſconfiado do remedio, pedio à Babor uſaſſe cõ
elle de clemẽcia,pois o chamara para o ajudar à cobrar o que
reſtava do Reino,que fora de ſeu pai,& não para lhe tomar o
acquirido,& quiſeſſe darlhe liberdade; por quanto queria ir
acabar o reſte de ſua vida na caſa de Meca;porque lhe parecia
que por ſeus peccados o quiſera Deos caſtigar.Babor lho con
cedeo, reſpeitando ſer ſeu parente, & lhe mandou dar larga-
mente o neceſſario para ſeu caminho, & pôr nos confijs do
Reino de Guzarate,onde deixara ſua molher, & filhos em po
der de Soltam Modafar,que naquelle tempo falleſceo. E não
querendo Laudij ir à Meca, ſe deixou eſtar no Guzarate em
ſerviço de Soltam Badur,que à ſeu pai Modafar ſuccedera.

„ Do exemplo deſtes Principes,& d'outros q̃ o tempo moſ-
„ trou, ſe pode tèr quaſi por regra geral, que os Principes que
„ ſaem do ſeu Reino por conquiſtar o alheo, muitas vezes per-
„ derão o proprio,& o que quiſerã conquiſtar; & que todo o
„ Principe que mette em ſeu Reino ajudas d'outro mais pode-
„ roſo,em lugar de ſe defender d'aquelle contra quem pede o fa
„ vor,vem ſer vencido do que chamou para ſoccorro.

## CAPITVLO. IIII.

*Como el Rei Badur de Cãbaia começou fazer guerra à el Rei Omaum dos Mogoles, & a Rainha de Chitor lhe negou a obediencia,& a deu à Omaum.*

OS Mogoles com eſtas ſuas vittorias,& cõquiſ-
tas dos Reinos de Bagou,& Delij, forão terror
à quelles povos daIndia não coſtumados à gue
rra da gente do Norte dura,& animoſa, & por
eſta razão receava Badur Rei deCambaia rom
per com Omaum Patxia filho de Babor,& aſsi inſtou muito
na concordia com elle,como atras diſſemos,*que não poden
do conſeguir, & vindo à rompimento de guerra, a primeira
couſa q̃ ordenou contra Omaum, foi mandar hum Capitão
ſeu per nome Terca Chan,com vinte mil de cavallo, & mui-
ta gente de pè,que entraſſe nas terras do Mogol.

* Livro.5.capitulo.16.

A cauſa



A cauſa porq̃ mãdou eſte Capitão,& não outro,ſendo elle
ainda muito moço,era por ſer hũ dos filhos de Soltã Laudij,
q̃ elle deixou em Cãbaia por cõſelho d'elRei Modafar,o qual
deu à Laudij terras q̃ comia,alẽ das q̃ lhe tinha dado, quando
Babor o deixou em liberdade,& o mãdou pôr nos confijs do
Guzarate;& neſte tempo ainda era vivo, & ſervia à Soltam
Badur.E por o dereito que eſte mancebo tinha ao Reino do
Delij,o mandava Badur com aquelle poder à dous fijs,aſsi pa
ra elle com maior animo pelejar cõ os Mogoles, que o deſer-
darão do ſeu,como porque a gente Patane ſua natural em o
vendo cõ tanto poder o ajudaſſe,rebellandoſe contra Omaũ,
pois era Senhor eſtrangeiro,& não natural.

Eſpedido eſte Capitão,eſcreveo Badur à Rainha Cremen
tij molher do Sanga velho,mai do moço que entam reinava,
que lho mandaſſe com a gente cõ que era obrigado vilo ſer-
vir na guerra,porque entam tinha muita neceſsidade delle,&
de ſua gente.A iſto reſpondeo a Rainha,q̃ de mui boa vonta-
de,& q̃ logo o fazia preſtes: mas por não ficar orfãa de dous
filhos q̃ tinha,lhe pedia por merce, que para ſua conſolação
lhe mandaſſe o outro que andava em ſua Corte. O q̃ lhe Ba-
dur cõcedeo,& lho mandou à Chitor mui honradamente per
dous Capitães,dos quaes hum era Cuja Chan,& outro Mina
Hocen.Appreſentando elles eſte Infante à ſua mai, pedirão-
lhe que lhe entregaſſe o herdeiro Sanga,porque vinhão para
o levar,& que com elle tambem foſſe Botiparao ſeu cunhado
delle Sanga, que era filho do Salahedin. A Rainha mandou
muito bem agaſalhar os Capitães,& tratalos com muita hon
ra,dizendolhes que repouſaſſem, porque em breve tẽpo aca
baria de aperceber ſeu filho; & à gram preſſa mandou fazer
preſtes muita gente de cavallo,& de pè,com todo o apparato
de guerra,dando à entender que era para ir com el Rei ſeu fi-
lho à ſervir à Soltam Badur.

Entretanto teve a Rainha Crementij algũs conſelhos
com os principaes Capitães,& com elles aſſentou que muito
mais proveitoſa couſa lhe era obedecer à Omaũ Patxiah Rei
dos Mogoles,que à Soltam Badur,por muitas razões que pa-
ra iſſo forão apontadas. E antes que ſe determinaſſe à dar
eſte deſengano à Badur,ſecretamente mandou ſeu Embaxa-
dor à Omaum Patxiah, noteficandolhe ſua tenção, & que
querendo aceitar a proteição,& defenſão d'aquelle Reino de

Chitor,ſeu filho lhe daria a obediẽcia de vaſſallo, como à Emperador de todo o Indoſtan,que elle era. Tanto que a Rainha teve certa a acceptação de Omaum, mandou dizer aos dous Capitães do Badur,que ſe foſſem em boa hora, que ſeu filho era moço,& mal diſpoſto,& não podia por entam ſair de ſeus braços para o curar,& como eſtiveſſe em boa diſpoſição,ella faria niſſo o que lhe bem pareceſſe. Os Capitães porque inſiſtião em não ſe partir ſem levar elRei,mandoulhe a Rainha dizer, que ſe foſſem logo,ſe não que os mandaria deitar fora do Reino,o que elles fizerão ſem eſperar outra reſpoſta. Soltam Badur tanto que ſoube que a Rainha, & os do ſeu Conſelho ficavão naquelle propoſito de lhe não obedecer,& que mandava arraſar aquelle monte,de que a cidade fora combatida,para delle outra vez não tornarem à receber dãno, bem ſentio que iſto era algũa confiança que tinha em Omaum Patxiah.

Paſſado aq̃lle inverno,em ſe Badur aperceber para ir buſcar eſte ſeu inimigo,tãto que foi tempo, ſe pôs em caminho. Mas Rume Chan o tirou de ir buſcar o Mogol,& lhe aconſelhou que foſſe primeiro à Chitor, dandolhe ſuas razões perque devia caſtigar eſta deſobediencia, por lhe não ficar nas coſtas aquelle Reino rebellado, que lhe podia fazer dãno, ſe algum tratto tinha com Omaum Patxiah. Movido el Rei cõ as razões de Rume Chan,partio com cem mil de cavallo, & quinze mil eſpingardeiros;a gente de pè à que pagava ſoldo ſerião quatrocentos mil homẽs. D'artelharia levava mais de mil peças,dellas groſſas de bateria,em que entravão tres baſiliſcos,& tres meios,& outros canhões groſſos, & outra leve de campo,& ſeiſcentos elefantes;todos armados de laminas de aço,com ſeus caſtellos,para de cima pelejarem, & em cada caſtello quatro homẽs,& dous berços:levava ſeis mil carretas,em que ſòmente ia a fardagem d'el Rei, d'ellas tiravão bois,& dellas cavallos. Alem deſta fardagem d'el Rei,ia a dos Capitães, que era outro grande numero. Per ordenança dos que governavão aquelle exercito,no lugar onde ſe cada Capitão agaſalhava,tinha propria praça,à que acodião todos os mantimentos,que os ſeus regatães erão obrigados à trazer. E aſsi todo official mecanico,ſem o ir buſcar à outra parte. A qual ordem era mais eſpantoſa, que o numero da gente, & abundancia de todas as couſas.

CAPI-



## CAPITVLO V.

*Como Soltam Badur foi cercar a cidade de Chitor,& de algũas victorias que os Mogoles ouverão de ſeus Capitães,tendo elle cercada a cidade, que tomou, & do que deſpois diſſo fez.*

APreſſouſſe elRei no caminho deChitor,por lhe vir nova q̃ Terca Chan,que elle tinha enviado ao Reino do Delij cõ vinte mil de cavallo,pelejara cõ os Mogoles,& em hum recõtro q̃ teve cõ elles,ficara no campo cõ a victoria,pondoſe elles em fugida. Com eſta nova,chegando à Chitor, a ſituou com a mais da gente q̃ levava: a outra mandou com Soltam Laudi,pai de Terca Chan:& com Mompalrao,& outros, cõ hũa copia de gente,ao extremo do Reino do Delij, para que vindo os Mogoles per aquella parte,que era mais ſoſpeitoſa, os entretiveſſe,atè per elle ſer aviſado da vinda delles, por o não tomarẽ de improviſo occupado naq̃lle cerco. Pola qual razão,cercada a cidade,começou à dar os combates tã apreſſados,cõ a muita gente que tinha,que dava muita oppreſſão aos cercados,que tambem com grande animo ſe defendião, no que elle perdia muita gente; & forãolhe mais trabalhoſos eſtes combates,que os da outra vez,por falta do monte Chitorij fronteiro da cidade,que a Rainha mandou arraſar,& tãbem por ella tèr muita artelharia que Badur lhe deixou,quando da outra vez combateo a cidade,para ſe defender ſe os Mogoles a vieſſem cercar. E como Badur era accelerado, & não tinha paciencia para eſperar o tempo, & conjunção das couſas,& diante dos ſeus olhos via que os cercados cõ eſta artelharia,& grandes artificios de fogo,matavão muita gente, & não conſentião chegarem à combater o muro, mandou per ante ſi pôr hũa meſa com muito dinheiro em ouro, & lançar pregão,que por cada pedra do muro que lhe trouxeſſem daria hum tanto,com o qual partido a gente pobre ſe aventurava de maneira,que de cento não ganhava hum, ficando là os outros mortos,& feridos. E com tudo vendo a gente logo o pagamento na mão,tornavaſſe à venturar, com o que el Rei gaſtava algũas mil peças d'ouro cada dia.

Eſtando neſte entretenimento, por ſer ja hum pedaço do muro desfeito, por a bateria, & deſpejo das pedras que a gente tirava, vierãolhe novas que Terca Chan, que elle mandara com vinte mil de cavallo, & ouvera hũa victoria dos Mogoles, & com o favor della, entrara tanto pela terra das campinas do Delij, que ia ja mui perto da cidade de Agara, q̃ era a mais notavel do Reino, como homem que ſe ia empoſſando d'aquelle Reino, de que elle era Principe herdeiro, como filho de Soltam Laudij, Rei deſpojado delle; & tendo ja andado ſeis jornadas ſem algum contraſte, ſe lhe appreſentarão atè dous mil Mogoles de cavallo, que conſigo trazião algũa gente de pé da terra, os quaes fingindo temor de Terca Chan começarão de ſe recolher em hũa batalha cerrada para hum certo lugar, em que ſe pudeſſem amparar. Terca Chan alvoroça do com a moſtra de temor que nelles ſentia, & com a victoria que ja d'outros ouvera, os rompeo. Mas elles não curando de lhe reſiſtir, foraõſe recolhendo concertadamente, como gente deſtra naquelle meſter, defendendoſe ſegundo ſeu uſo, tirando com ſeus arcos per cima das ancas dos cavallos, atè entrarem em hũs valles de entre hũas ſerras. Os Guzarates como ião naquelle alvoroço, ſeguirão ſua corrida, atè irẽ dar em duas ciladas q̃ os inimigos lhes tinhão encubertas, nas quaes os Mogoles matarão tãtos, q̃ de vinte mil homẽs de cavallo, ſòmente eſcaparão quatro mil. Neſte desbarato morreo Terca Chan, não fugindo, mas pelejando como esforçado cavalleiro que elle era, com algũs que o quiſerão ſeguir nas voltas que fez, & com elle muitos homẽs nobres, & Capitães Guzarates. E porque os Mogoles ſeguirão o alcance quatro dias, ainda eſſes poucos que eſcaparão, foi com favor de Soltam Laudij, o qual por eſtar naquella parte por onde eſtes fugião acodio com ſeis mil de cavallo aos recolher, & ſe foi per hũa Serra q̃ era de hum Principe Gentio, q̃ o favoreceo, ſem atè entam ſaber ſe era ſeu filho morto. Mas deſpois q̃ de ſua morte foi certificado per peſſoas que o virão matar, mandou eſta nova à Soltã Badur, perq̃ elle ficou mui triſte, & receoſo, aſsi por a peſſoa de Terca Chan, & por os Capitães conhecidos, como porq̃ neſte desbarato conheceo o poder dos Mogoles. Logo mandou ceſſar dos cõbates da cidade, por entender nas exequias de Terca Chan, q̃ mandou fazer mui ſolẽnes, por a nobreza de ſeu ſangue, & amor grande que lhe tinha, & não ſòmente elle, que de todos era amado por ſuas boas qualidades; mas os outros que com elle perecerão, forão de todos mui chorados per todo o arraial, & fez mui grande eſpanto a morte deſta gente, & a perda da riqueza do arraial, que ſegundo ſeu coſtume, ſoem levar os Guzarates, de que os Mogoles ficarão ricos.



Os cercados quando virão que ſe lhes não davão aquelles continuos combates dos dias atras, & ouvirão o rumor dos prantos, que no arraial ſe fazião, parecendolhe por elles, que ſerião mortas algũas peſſoas notaveis, deſcerão à baxo à outra cerca onde eſtavão os inimigos, & derão nelles com gran de grita, em que fizerão muito eſtrago, por eſtarem ſeguros d'aquelle ſobreſalto. Indinado diſto Soltam Badur, mandou logo à grande preſſa dar combates, como que nelles ſe queria vingar da victoria que os Mogoles ouverão. Eſtando neſta furia, lhe vèo outra nova, que Mompalrao ſeu Capitão ouvera outro recõtro na parte onde eſtava com os Mogoles, em que lhe matarão tres mil homẽs, os mais delles Decanijs, que era a melhor gente que elle trazia d'aquellas partes, entre os quaes morrera hum Capitão Gentio d'aquella meſma gente chamado Bargi, que elle muito ſentio; & aſsi toda eſta indinação que tinha contra os Mogoles, convertia contra os cercados. E tanto fez com dadivas, & promeſſas de rẽdas, & acreſcentamentos à quem o bem fizeſſe, atè que a cidade foi poſta em ſeu poder, à cuſta das vidas de muita gente nobre, & Capitães de nome, em que entrarão quatro Portugueſes. Neſte cerco morrerão, ſegũdo dizião, quinze mil homẽs, dos quaes os quatro mil erão de cavallo. O Sanga, & ſua mai, com toda ſua caſa, & familia, & gente nobre que os quis ſeguir, ſe sairão hum dia antes da entrada da cidade per hũa porta que nella ha da parte da Serra, pelo qual caminho elles ſeguramente ſe poſerão em ſalvo, deixando queimado quanto movel tinhão, q̃ não puderão levar.[a] Soltam Badur não entrou na cidade cõ tenção de matar, & roubar a gẽte que nella ficou, como victoriolo, antes a mandou reformar logo de muros, & ſegurar toda a gente que andava fugida pela Serra, & na cidade deixou per Capitão Minao Hocem com doze mil homẽs, a maior parte de cavallo.

Acabadas todas as couſas que tocavão ao ſoſſego, & ſegurança da cidade, & feitas grandes exequias por os que alli morre-

a. *Neſta guerra de Chitor, eſcreve Diogo do Couto, que ſe acharão Diogo de Meſquita, Lopo Fernandez Pinto, Manoel Mendez, Duarte da Gama, & todos os mais Portugueſes q̃ Badur tinha cattivos, aos quaes deu armas, cavallos, & criados, & tudo o mais neceſſario com largueza, & os fez da guarda de ſua peſſoa, confiandoa mais delles, que de ſeus vaſſallos. E no cerco da cidade de Chitor Diogo de Meſquita, & ſeus companheiros moſtrarão bem o coſtumado valor Portugues: & que na tomada de Chitor forão cattivados a Rainha, & o Sanga ſeu filho. Cap. 3. do liv. 9.*

morrerão,partioſe el Rei d'alli, levando ſeu exercito repartido em tres batalhas,como homem que à cada encuberta eſperava de lhe ſair hũa cilada dos Mogoles.Porque el Rei aſsi como para cõmetter qualquer couſa árdua, ſeu eſpirito era audaz,& ſem medo,aſsi em recear virlhe algum mal,era timido, como ſão os tyrannos.O temor dos inimigos ſe lhe dobrava cada dia,& já naquelle caminho que ia fazendo lhe chegou outra nova, como os Mogoles tinhão tornado à tomar a cidade de Chandarij,que o Sanga velho cobrara delles, & deſtroido muita parte do Reino de Mandou, atè tomarem a cidade de Sarangue,que diſta quarenta legoas do Mandou,couſa mui notavel.

Indo ſeu caminho com o exercito em boa ordem contra hũa comarca que chamão Doçor, por cauſa de hũa cidade do meſmo nome, alli aſſentou ſeu arraial, ſem querer ir mais avante,per conſelho de Rume Chan, per quẽ entam ſe governava naquellas couſas. Neſte lugar em que el Rei aſſentou ſeu arraial,de hũa parte eſtava hum rio grande, & da outra hum tanque d'agoa, que elles coſtumão fazer naquellas partes:porque como ha poucas ribeiras, para recolhimento das agoas do Inverno,fazem eſtes tanques(à que mais propriamente podião chamar lagoas) todos empedrados. Eſtes ſão tam grandes,que muitos delles paſſão de legoa em circuito,dos quaes beve a gẽte,& o gado,& eſte que el Rei tomou para defenſa de ſeu arraial,era hũ d'aquelles: & da outra parte onde eſtava o rio obra de duas legoas & meia,per duas partes,fez duas cavas,perque mettia o rio atè o levar ao tanque; demaneira que de todas as partes ficava cercado d'agoa, que lhe ſervia de força,& proviſão para o arraial; & per aquella parte per onde os Mogoles o poderião acõmetter, fez hum baluarte,no qual mandou aſſentar mui groſſa artelharia.

Neſte tempo os Mogoles tomada a cidade de Nerangue-
por,& vindo caminho do Mandou,foilhes dada nova como
Soltam Badur tinha tomada a cidade de Chitor,[a] que muito
ſentirão,porque vinhão para a ſoccorrer,& aſsi com eſta no-
va, deixando o caminho do Mandou que levavão, vieráoſe
dereitamente onde el Rei eſtava, atè aſſentarem ſeu
arraial,duas legoas delle,à viſta hum do ou-
tro, por a terra ſer
chãa.

a. *A eſta cidade diz Diogo do Couto que chegara Omaum Patxiah, vindo em ſeguimento de Soltam Badur, a qual logo ſe lhe entregou: & que della paſſara ao Reino do Mandou, no qual não achara reſiſtencia. Cap.5.do liv.9.*

CAPI-



## CAPITVLO VI.

*Como Omaum Patxiah teve por perdido à Soltã Badur, por a maneira em que tinha aſſentado ſeu arraial, & como foi morto o Capitão Coraçan Chan.*

ENDO Soltam Badur, & Omaum Patxiah aſſentados ſeus arraiaes hum à viſta d'outro, cada hum começou de entender como ſeu inimigo eſtava,para ſe melhorarem,& ſaberem perque modo melhor poderião acõmetter.Omaũ como vio que Badur eſtava fortalecido em ſeu arraial,ouveo por perdido,vendo que fazia mais conta da ſegurança de ſer acõmettido,que do campo,do qual elle ſe fez ſenhor, à dous fijs;hum mandando às vezes ſua gente à eſcaramuçar,à ver ſe podia provocar os Guzarates à ſairẽ à batalha;outro à lhe tolher que não lhe vieſſem mantimentos de fora; entendendo, que tanta gente avia de comer, & não ſe avia de manter do vento,& que não podião tèr conſigo tanta proviſão que em poucos dias ſe não gaſtaſſe:na qual neceſsidade Badur ſe vio dentro de hum mes.E para remedio della, mandou hum ſeu Capitão à hum Rao,que era Principe Gentio,que não reconhecia ſuperior, & confinava com as terras do Sanga, & de outra parte cõ o Reino de Guzarate, q̃ o proveſſe de mantimentos,mandãdolhe hũ preſente de cavallos,armas,& outras couſas.Mas como elle naq̃lle tẽpo tãto temia à Omaũ,como à Badur,reſpõdeolhe,q̃ ſe elle quiſeſſe paſſar per ſuas terras,q̃ o caminho aberto eſtava,q̃ elle o não podia tolher à hũ tã grã de Principe como elle era,mas q̃ ajudalo não podia,porq̃ não cõprava inimigos cõ fazer boas obras à outros;& ſem querer tomar algũa couſa eſpedio o meſſageiro de Badur. Deſta reſpoſta ficou elle mui enfadado,por ver q̃ ja no ſeu arraial era tã ta a falta dos mãtimẽtos,q̃ aſsi para a gente,como para as beſtas,valia tudo em muito grãde preço,cõ q̃ os pobres perecião. E ſe algũa pouquidade vinha para o arraial,era tomada pelos Mogoles, os quaes por lhes eſcaparẽ dous Capitães q̃ cõ hũa pouca de vitualha entrarão ſeguros no arraial,trouxerão d'ahi em diãte melhor vigia,elles per hũa parte, & o Sanga de Chitor,que era vindo em ſua ajuda contra Badur, per outra. De

maneira que atè os homẽs que iáo ſegar hũa pouca de er va, erão logo tomados.

El Rei Badur vendo a deſtroição,& mortes de tanta gente,& alimarias d'aquelle arraial, & que muitos deſeſperados ſe ſaião delle à buſcar que comer,& ſe podião de noute,ou de dia fugião,querendo antes cair na mão dos inimigos,que morrer de fome;mandou lançar grandes pregões,defendẽdo aos Capitães que não conſentiſſem alguem de ſua Capitania ſair do arraial ſob pena de morte.E por animar a gente, & a não deſeſperar, mandou Coraçan Chan buſcar mantimentos à hũa fortaleza que hi eſtava perto: era Coraçan Chan hum ſeu Capitão de muita autoridade,o qual tinha debaxo de ſua bandeira todos os Coraçones,Mogoles,& Perſas que em ſeu Reino andavão,& aſsi gente da terra,com que fez dous mil de cavallo.Partido de noute,foi ſentido dos Mogoles, & deixarão o caminhar atè hum certo paſſo, per onde entendião que elle avia de ir,& alli lhe armarão hũa cilada entre hũs matos.E ſaindolhe de roſtro com atè ſeiſcentos homẽs, forãolhe alargando o campo atè os metterem nella, onde lhe matarão a mais da gente, & elle muito ferido foi levado ante Omaum Patxiah,hũs dizem que foi morto por não querer confeſſar o eſtado em que Soltam Badur eſtava, outros que por dizer algũas palavras deſcorteſes à Omaum, o matarão, & lançarão ſeu corpo pelo rio abaxo,para ir tèr onde os ſeus eſtavão, & ſer conhecido por o veſtido que levava. Eſta morte de Coraçan Chan,& dos outros homẽs de preço que com elle forão,foi mui ſentida, porque poſtoque quanto à nação foſſem eſtrangeiros, erão ja avidos por naturaes, & ſentião a falta que farião ao Reino,por ſerem muito cavalleiros, & valeroſos.

* *
*

CAPI-



## CAPITVLO. VII.

*Como Soltam Badur, por a morte de Coraçan Chan, & outras perdas,deſamparou ſeu arraial,& ſe pôs em ſalvo, & o arraial foi ſaqueado, & das riquezas que ſe nelle acharão.*

SOLTAM Badur vendo as muitas vittorias que ſeus inimigos tinhão avidas delle, & que o tinhão em cerco com fome,& que de cem mil de cavallo que trouxe, não tinha cinquoenta mil, & para pelejarem não ſerião quinze mil, & que de ſeiſcentos Elefantes não teria ja cento, & os bois erão mortos,& comidos,como homem deſeſperado,determinou de pôr ſua peſſoa em ſalvo. Porque alem de lhe faltarem tantas couſas como avia meſter para ſua defenſão, foi aviſado,que algũs Capitães ſeus,offendidos delle, tinhão ordenado de o entregarem aos Mogoles.E ou iſto foſſe verdade, ou temor delle,ou artificio para ſe acolher,elle o pôs em effeito. De q̃ deu primeiro conta à Rume Chan,& à Frangue Chan, ordenandolhes que logo aquella noute mandaſſem carregar bem a artelharia groſſa para arrebentar.E no tempo do eſtrõdo,por não ſer ſentido, ſe ſaio com algũs do ſeu Conſelho, o que foi à xxv.de Abril,de M.D.XXXV.& por ſer grande eſcuro,& não ſe poder ver o caminho, levou ante ſi hũa tocha baxa,que o encaminhou atè ſair de todo fora do arraial.

Tanto que nelle ouve rumor que el Rei era ido,cada hum trabalhou de ſe pôr em Salvo.E algũs Portugueſes que alli andavão ſe forão para os Mogoles,& algũs Guzarates, entre os quaes foi Melique Liaz,por deſgoſtos que tinha d'el Rei;por que alem de em ſua peſſoa receber muito mal, & dãno na fazenda,mataralhe com peçonha ſeu irmão Melique Saca, & à Melique Tocam mandara degollar, per conſelho de Rume Chan,que lhes queria grande mal. Forão neſta fugida tomados muitos Capitães,& Senhores Guzarates:& outros por ſe diſfraçarẽ em trajos pobres,ſe ſalvarão, não ſendo conhecidos dos Mogoles,q̃ delles não fazião caſo. El Rei não parou menos de Mãdou,levãdo em ſua cõpanhia Rume Chan, Frãgue Chan,& Duarte da Gama,& Frãciſco Vaz Portugueſes.

Omaum Patxiah tanto que foi aviſado de noute, q̃ el Rei era partido, por lhe parecer que ſua ida ſeria para a Serra de Mandou, por ſer a colheita que mais perto tinha, mãdou apôs elle hum Capitão com dez mil de cavallo, que lhe foſſe tomar a diantera, o qual neſte caminho matou grande numero de gente da que ia fugindo; & quando ſoube que el Rei não era là, deixouſſe eſtar à viſta da cidade, que eſtà ao pè da Serra, o que deu grãde trabalho à Badur, porque o fez rodear por outra parte, & foi entrar na cidade per hum poſtigo fàlſo encuberto aos Mogoles. E tanto que foi dentro na cidade, mãdou fazer à porta della hũa torre, de q̃ fez Capitão à Rume Chan. Mir Mamud Xiah, ſobrinho d'el Rei, não ſabendo que caminho levava ſeu tio, foiſſe para a cidade de Chãpanel, & neſte caminho foi roubado dos povos Collijs, & ferido hũ ſeu Capitão per nome Suja Chan, & foi tam desbaratado, que eſcapou cõ cinco de cavallo ſòmente, com q̃ chegou à Chãpanel.

Omaum Patxiah, quando vèo a manhãa, apôs a noute que Soltam Badur fugio, mandou entrar no arraial, & indo todos dereitamente às tendas d'el Rei, que erão de riquiſsimo brocado, & tamanhas, que occupavão hum grande eſpaço, onde eſperavão de achar maior preſa; acharão muitos Abexijs, & Arabios, os mais delles ſeus eſcravos, os quaes ſe poſerão em defenſa, não ſe deixando entrar, atè todos morrerem, & com elles os Mogoles, que lhes derão a morte. Deſta maneira o arraial de Soltã Badur foi poſto em poder dos Mogoles; os quaes por mandado de Omaum à todo Guzarate davão a vida, & nenhum outro algum dãno lhe fazião, que rouballos, ſe lhes achavão algũa couſa de preço; porq̃ o arraial tinha tãto ouro, & prata em moeda, afora as baixellas, & vaſos de ſerviço, & tanto movel, de que eſtava cheo, aſsi dos que erão mortos à fome, como dos vivos que fugirão, & dos que ficavão, que gaſtarão muitos dias em o ſaquear. E por ſer couſa sẽ eſtima, nem conto o que ſe achou, não ſe pode eſcrever, ſòmente ſe pode affirmar, que parecia ſer igoal ao deſpojo que avia no arraial de Dario, quando Alexandre o venceo, eſte q̃ Omaum Patxiah ouve do Soltam Badur. E quando adiante dermos razão da riqueza que eſte Principe Badur tinha ao tempo que começou à reinar, & o que deſpendeo, & perdeo neſte arraial, ſe verà a ſua potencia.

* * *

CAPI-



## CAPITVLO. VIII.

*Como Rume Chan temendoſe que Soltam Badur o queria matar, ſe paſſou àel Rei dos Mogoles, & el Rei Badur ſendo lançado da Serra do Mandou, fez levar de Champanel ſuas molheres, & teſouro para Dio.*

TANTO que Omaum Patxiah Rei dos Mogoles cevou os ſeus no deſpojo do arraial de Soltam Badur, & ſoube que elle ſe recolhera à Serra do Mandou, vèo em buſca delle, & aſſentou ſeu arraial tres legoas da cidade, em duas partes, onde concorrião dous caminhos, por impedir algum ſoccorro do Guzarate, ſe vieſſe à Badur. E ſabendo elle como Omaum Patxiah aſſentara ſeu arraial tam perto, como homẽ que lhe tinhão cuſtado caro os conſelhos de Rume Chan, & eſtava arrependido de tèr mortos os filhos de Melique Az, que per ſeu conſelho matara, & por tambem ter ſuſpeita que ſe carteava com os Mogoles, determinou de o matar. A determinação deſta morte foi prattiçada com quem a avia de executar, que era hum Abexij criado do meſmo Badur. Eſte vindo Rume Chan chamado d'el Rei, para o mandar matar, o aviſou no caminho, por aver recebido delle boas obras. Rume Chan ſem ir mais adiante, nem tornar à caſa, tomando conſigo algũas peſſoas à elle mais aceitas, diſsimuladamente deu conſigo no arraial de Omaum Patxiah, que o recebeo como à homem com quem ja tinha prattica ſobre ſua ida.[a] Soltam Badur quando o ſoube, ficou mui anojado, porque quiſera tomar vingança d'aquelle homem que lhe fora traidor. Alem diſſo receava, que por o muito que ſabia de ſeus ſegredos, & couſas que com elle cõmunicava, & das do Reino, lhe perjudicaſſe em algũas com ſeus inimigos.

E antes que Rume Chan proveſſe em ſuas molheres, filha, & fazenda que tinha em a cidade de Champanel, mandou Badur à grande preſſa que ſe recolheſſe tudo, & eſtiveſſe à bom recado. Mas ſe el Rei ſe quis vingar de Rume Chan, mais ſe vingou elle d'el Rei, porque tanto andou induzindo, por ſeus meios, & promeſſas de Omaum Patxiah, ceros Capitães da Serra,

a. *Eſcreve Diogo do Couto, que antes da fugida de Soltam Badur do ſeu arraial, delle ſe paſſara a Rume Chan com oito mil de cavallo para Omaũ Patxiah.*

Serra, que tinhão de guarda as portas principaes, que elles lhe abrirão a entrada hũa noute; & primeiro que pelos cercados se sentisse, erão ja dentro dous mil homẽs. E acodindo Badur à isso, matou à Botiparao filho de Salahedin, por lhe dizerem que elle fora naquella traição; & assi à Soltam Alamo que era Capitão de Raosinga; mas entendeose que nenhũ delles teve culpa, & que el Rei, como suspeitoso que era, & vingativo, & grãde executor de seus appetites, os matara. Outros affirmavão, q̃ este Soltam Alamo morreo pelejando cõ os Mogoles, defendendo a entrada, & assi morreo nella Recenal Maluco Capitão da mesma cidade de Mandou. A pressa d'el Rei foi tãta nesta entrada dos inimigos, q̃ sòmente levou consigo estes cinco Senhores Malu Chan, Baergij seu cunhado, irmão de sua molher, Cancanà filho do grande Cancanà, o mòr Senhor do Guzarate, q̃ era ja fallescido de nojo das cousas d'el Rei, & Somandar Chan, & hum seu filho naturaes do Mandou.

Chegando cõ estes Senhores à Chãpanel à mata cavallo, vierão despois Madre Maluco, Mujate Chan, & Alu Chan, homẽs de grande casa, & renda, & outros, cada hũ como se podia acolher. Soltã Badur, sem mais detença, mandou logo tirar todo seu tesoro,[a] q̃ na Serra tinha, & sua mai, & molheres, & as mandou com a fazenda caminho de Dio, & Sofa Chan cõ gẽte para sua guarda. Feito este despejo, sòmẽte das molheres, ouro, prata, & pedraria, por irẽ mais à ligeira, temẽdo o grãde curso dos Mogoles, começou de ordenar para guarda da Serra, onde ainda deixava todo seu movel, à Tear Chan por principal Capitão, & outro q̃ era Gẽtio chamado Rao Barsinga cõ cinco mil de cavallo. Estãdo neste trabalho, lhe sobrevèo nova, q̃ os Mogoles estavão em hum lugar chamado Lunipor, q̃ era de Champanel quatro legoas, cõ o qual aviso mãdou arrebentar quãta artelharia grossa tinha em baxo no pè da Serra, para q̃ os Mogoles a não levassem acima, & se aproveitassem della. Tambẽ pôs fogo à hũas casas que tinha em baxo, & as molheres velhas de seu pai, q̃ nellas se agasalhavão, & outras escravas, soltou, que se fossem onde quisessem.

Passado hum quarto da noute, por ninguem ver para onde ia, partio para a cidade de Barodar,[b] q̃ dista seis legoas de Chãpanel, onde chegou ja alta noute com trezentos de cavallo, & hi se deteve atè pela manhãa, que partio para Cambaia, à qual chegou no mesmo dia, sendo treze legoas de caminho.

E por-

a. *Este tesouro era o que Badur tomara ao Madre Maluco, em q̃ avia cento & vinte cofres de cobre, cada hum delles com trezentos mil pardaos, q̃ montavão trinta seis milhões, & hũ cofre com mil adagas d'ouro, & pedraria, & outro que pesava quatro quintaes cheio de perolas, & aljofar, afora muito mais que se não levou, por ser em moedas de prata, o q̃ tudo o Madre Maluco tirara de hum tesouro o mais pequeno de tres muito antigos que avia no Reino.*
*Francisco de Andrade cap. 3. part. 3. & Diogo do Couto Dec. 5. liv. 1. c. 11.*

b *A esta cidade chamão os Portugueses corruptamente Berdorà.*
*Diogo do Couto cap. 5. do liv. 9.*



E porque ainda alli achou suas molheres com seu tesouro, logo as mandou passar hum rio, que està alem de Cambaia contra Dio, o qual de marè chea se não pode passar, & tẽdoo passado, vindo os Mogoles estarião em seguro, & elle deixouse ficar na cidade. E por os inimigos se não aproveitarem da armada que alli tinha, a mandou queimar.

No dia que Badur chegou à Cambaia, chegarão os Mogoles à cidade de Champanel. E como Rume Chan soubè que Badur lhe levava suas molheres, & filha, pedio à Omaum Patxiah que lhe desse cinco mil de cavallo; porq̃ com elles queria ir tomar sua molher, o que Omaũ lhe concedeo. Rume Chan seguindo à el Rei, com o desejo de cobrar suas molheres, & filha, sendo ja junto de Cambaia, achou muita gẽte que seguia à el Rei, com a qual pelejou, & entre outros foi morto Iampe rus Rei do Sinde, que era sogro d'el Rei Badur. E por Rume Chan levar o tento nas molheres, como se desembaraçou deste impedimento que o entreteve, seguio seu caminho tam apressado, que entrando a sua gẽte que ia na dianteira per hũa porta de Cambaia, saia el Rei per outra. De maneira que travarão alli os Mogoles com elle, & lhe convèo arrancar, & ferir, atè que se espedio, & se pôs em corrida por alcançar suas molheres. E por escapar, & salvar sua pessoa, mandou entretèr as molheres, & filha, & familia de Rume Chan, porque seguindo elle o seu alcance, achando isto que buscava, o deixasse de seguir; & à suas molheres, & tesouro mandou ir per outro caminho desviado, & não pela estrada de Dio per onde ião. E ainda por se mais despejar, mandou pôr fogo à duas, ou tres carretas d'aquellas que dissemos que andavão muito, em que levava muitas joias, & pedraria, por lhe não ser impedimento à sua corrida, & para que se os Mogoles chegassem, não tomassem o que vinha nellas; & desta maneira escapou em Dio.

Porque Rume Chan tanto que chegou à suas molheres, & fazenda, não curou de ir mais avante, & tornouse com a gente da sua guarda. E querendo os Capitães della saquear a cidade de Cambaia, os mercadores que nella avia por a não metterem à saco, lhe derão quantidade de dinheiro: mas recebido o preço, os Rumes começarão de a roubar; ao que Rume Chan acodio, mostrando ser desmando de gente de guerra. D'ahi se partio Rume Chan para Champanel, onde ja estava

tava Omaum Patxiah com ſeu arraial aſſentado ao pè da Serra,porq̃ à ſeu parecer baſtava a viſta della para perder toda a eſperança de a tomar,ſe não foſſe por algum ardil não cuidado,ou traição:mas determinou de acabar per dinheiro,o q̃ ſe não podia acabar per guerra,& aſsi o fez,peitando, & dando tanto ouro,& promeſſas aos Capitães que guardavão eſta Serra,que de alta,& aſpera que era, a fizerão branda, & facil de ſubir ; & deſta maneira entrou nella Omaum Patxiah, & ficou eſpantado de ver couſa tam inexpugnavel. Alli foi catti vo Frangue Chan,que antes ſe chamava Ioão de Santiago,& carregado bem de ferros. Omaum Patxiah neſta ſegunda vitoria quis uſar de liberalidade,aſsi do ganhado, como do que eſtava por ganhar;& deu o Reino do Mandou à hum filho do Rei paſſado,que andava com elle,& o Reino de Cambaia deu à hum irmão ſeu, ao qual eſpedio com quarenta mil de cavallo para ir invernar à Amadabad,& as terras de Baçaim deu à Melique Liaz,& à Rume Chan Surat,& Reiner, & pedindolhe elle à Dio,ſe eſcuſou,por o tèr guardado para os Portugueſes em ſua vontade,como adiante ſe vera.

## CAPITVLO. IX.

*Dos reſpeitos perque el Rei de Cambaia ſe não defendeo na Serra de Champanel d'el Rei dos Mogoles,& do ſitio,& fortaleza, & ſumptuoſidade dos edificios della.*

SENDO natural dos Principes que não tem clemencia temerẽ muitos, aſsi como elles ſão temidos de muitos,Soltam Badur por as obras que uſava,como temia todos, não achava de quem ſe fiaſſe,nem lugar que lhe pareceſſe ſeguro. Polo que ſendo a Serra de Champanel lugar tam forte, per natureza,& per arte,que nelle ſe podia defender per muito tempo de todo o Mundo,& muito mais dos Mogoles que não ſitião cidades,nem ſe detem muito nos lugares à q̃ vão, não ſe fiou de ficar alli, tomando mais deſconfiança dos homẽs que conſigo trazia, que confiança naquelle lugar com quam inexpugnavel era:porque como elle tinha mortos tantos dos nobres,& eſcandalizado tanta gente, temiaſe que ſe os



os ſeus o viſſem em algum aperto,ou neceſsidade, o deſampararaſſem,& à todos tinha por ſoſpeitos, não ſabendo de quem ſe fiaſſe:por tanto teve por mais ſeguro ir à Dio, porque alli tinha os pès em terra,& as mãos no mar,para fugir ſe lhe cũpriſſe. E para que ſe ſaiba quãto enfraquece o medo, que tem hũa conſciencia culpada:& como eſte Principe eſtava ſeguro naquella Serra todo o tempo que ſe quiſera defender, deſcreveremos a forma della,& tambem por ella em ſi ſer couſa mui notavel.

Eſta Serra por razão de hũa cidade ſituada ao pè della, chamada Champanel,tem o meſmo nome,eſtà em meio de hũas campinas,& levantaſſe dellas em tanta altura,[a] que de dezoito,& vinte legoas ao mar apparece aos navegantes, eſtando ella trinta legoas afaſtada da coſta. A maior parte della he tam à pique,& de viva penedia,que ſò para aves he ſubida. De outra parte onde ha algũas quebradas, he cercada de muro, & perto delle eſpaço de meia legoa eſta ſituada em hum lugar chão a cidade de Chãpanel, cuja povoação ſerà de vinte mil vezinhos,de edificios mui nobres,em que ha grande trafago de mercadores,& não he cercada de muro. Iunto deſta cidade corre hum rio que ſe vai metter no rio Narbãda, hum dos maiores que entrão na enſeada de Cambaia, & ſe mette no mar na cidade de Baroche. Saindo de Champanel para ir ao pè da Serra,que he o lugar por onde ſe à ella ſobe, eſtà hum templo grande,& ſumptuoſo, que foi de Gentios, & agora ſerve de Meſquita aos Mouros. Deſte templo ſae hũa muralha,de hũa banda,& da outra,que ſerve de rua para ir tèr à primeira cerca que a Serra tem pelo pè. No qual lugar pela parte de dentro da primeira cerca, eſtà hũa povoação tamanha como hũa honrada villa,na qual eſtão dous mil Soldados que guardão aquella entrada,& a vigião de dia,& de noute: & pelo muro deſta primeira cerca em lugares convenientes, eſtão cem peças d'artelharia groſſa,& dozentos bombardeiros para ella, os mais delles eſtrangeiros, os quaes tem ſuas molheres,& filhos em cima na Serra,como em arrefés. Acima deſta cerca,em outra parte,vai outra por nome Reguiguir,onde ha outra povoação do tamanho da outra villa atras, em que ha mil & quinhentos Soldados, & cinquoenta peças d'artelharia,& vinte bombardeiros,que tambem tem as molheres, & filhos encima. O muro della tẽ tres guaritas, & todo o modo de

[a] *A altura deſta Serra,diz Diogo do Couto q̃ he de quatro legoas & meia de ſubida.*

de boa defenſão com ſua artelharia,& doze trabucos,& dous quartaos,porque o ſitio o requere. Indo pela Serra mais acima,ha outro muro,cercado de hũa cava aberta na viva pedra, a qual no inverno ſe enche d'agoa,& ſobre eſta cava eſtà hũa pont elevadiça de madeira,a qual colhem per cadeas com cabreſtantes,& vaiſe retèr em argolas groſſas de latão, que eſtão embutidas nas pedras do muro. A porta per onde entrão, & ſe ſervem per eſta parte, he tam grande que cabe per ella hum Elefante carregado com ſeu caſtello, he forrada de chapas de cobre com grandes laçarias de dentro, & de fora, ſem apparecer o pao em que eſtão pregadas. Neſte muro ha cinco cubellos grandes,em cada hum dos quaes ha ſeis peças d'artelharia do tamanho das noſſas eſferas,& pelo muro vão poſtas outras peças pequenas, como os noſſos falcões, & quatro quartaos grandes,& dezoito trabucos. Aqui ha de guarda tres mil homẽs,em que entrão quinhentos eſpingardeiros, & cẽ bombardeiros,que todos ſão Rumes,Mouros Garabijs deſta Africa noſſa vezinha,& Ianiçaros. Eſtes tem ſeus apoſentos em caſas baxas, ao longo do muro. Pela maneira deſtas tres cercas primeiras,vão mais outras tres,hũa acima da outra, cõ que fazem o numero de ſeis que ha neſta Serra, cuja ſubida cada vez he mais defenſavel:cada hũa dellas tem cavas, baluartes mui bem artilhados, bombardeiros, & gente ordenada para ſua guarda,& hũa povoação com muita abundancia d'agoa,& todas eſtão providas de mantimentos para mais de tres annos, ſe hum cerco tanto duraſſe. Na ultima deſtas ſeis cercas ha hũa grande povoação, & à hũa parte os paços dos Reis, que occupão hum pedaço de terra tam grande como o de hũa boa cidade, os quaes ſão riquiſsimamente lavrados de obras antigas de Moſaico,& relevo, com muito ouro, & prata,& ladrilhadas muitas das caſas de azulejos,de eſtranhas pinturas,& cores. Neſtes paços ha muitos banhos,& jardijs, com toda diverſidade de arvores, & plantas, ervas cheiroſas, & flores que no Mundo ha, & todo o modo de delicias, & paſſatempos:à hũa parte ha eſtrebarias, em que tem muitos cavallos para el Rei,& os ſeus ſe deſenfadarem quãdo là vão, com mui ricas ſellas,& arreos para elles. Alli tem os Reis ſuas molheres,& ſeus teſouros,& os armazẽs das armas, & de ſua artelharia,& as caſas da fundição della, & mantimentos em grande abundancia. Deſtes paços d'el Rei vai hũa ſerventia ſecreta



ſecreta para o pico da Serra,ſobre o qual pinaculo eſtà outra fortaleza grandemente artilhada,com todas as munições, & artificios de guerra neceſſarios para ſua defenſão, & gente de guarnição,em que os Reis tem outros ſeus apoſentos. Finalmente eſte he hum dos mais fortes, defenſaveis, & deleitoſos ſitios do Mundo,aſsi per natureza, como per artificio, & riqueza que nelle tem os Reis de Cambaia. Tudo iſto não baſtou à Soltam Badur para ſe aquietar, & defenderſe alli, tanta inquietação tem hum eſpirito culpado, que não ſem razão o comparão as Santas Eſcritturas à hum mar picado, & aſsi ſe foi metter em Dio, onde ja tinha mandado ſuas molheres.

## CAPITVLO. X.

*Do que fez Soltam Badur em Dio: & como Martim Afonſo de Souſa quiſera ir verſe com elle, & Nuno da Cunha lho eſtorvou, & mandou Simão Ferreira ao meſmo Soltam ſobre a fortaleza de Dio.*

EL Rei Badur, poſto que tam desbaratado, conſolouſe quando chegou àDio cõ a vinda de ſuas molheres,& de ſeu teſouro, tomando eſperança que ainda cobraria ſeu Eſtado, conſiderada a condição,& coſtume dos Mogoles, que mais trattão de roubar as terras, andando em ſuas corridas, q̃ de as poſſuirem,& guardarẽ habitando nellas. E para que ſe o Mogol vieſſe, o não podeſſe entrar, mandou logo fortificar a cidade, & fazer dous baluartes em dous paſſos da terra firme para à Ilha,que ſe podião paſſar de marè vazia. A Damam,& à aquella comarca que confina com Chaul,mandou ſeu ſobrinho Mirao Muhmald à fazer gente, & defendela do Nizamaluco,ſe lhe quiſeſſe fazer guerra, ordenãdolhe que ſe ſe viſſe em algum aperto, ſe foſſe à Chaul, & ſe entregaſſe à Martim Afonſo de Souſa Capitão mòr do mar, que ſabia que invernava ahi. Mirao Muhmald para ſaber o acolhimento que acharia em Martim Afonſo de Souſa, tanto q̃ chegou àDamã,lhemãdou pedir ſeguro,para ſe lhe cõpriſſe ir àChaul com ſuas molheres,& fazenda,ſe ſe viſſe apertado dos Mogoles,ou do Nizamaluco. Martim Afonſo de Souſa, & Simão

*Fernão Lopez de Caſthanheda no cap.98. do liv.8.*

*Caſtanheda no meſmo capitulo.*

Guedez Capitão da fortaleza lho mãdarão mui largo. E Martim Afonſo lhe eſcreveo hũa carta de muitos cõprimentos, „ & ſobre elles, que ſeria el Rei de Cambaia bem aconſelhado „ em obrigar ao Governador Nuno da Cunha para o ajudar na „ neceſsidade em que eſtava, cõ lhe dar hũa fortaleza em Dio, „ & não ganharia pouco em tèr tam boa amizade como a ſua. „ E que d'outra maneira não avia o Governador de confiar nas „ pazes que fizeſſem, pois tam mal comprira a principal condi „ ção das que tinhão feitas, que foi mandarlhe logo os cattivos „ que là tinha que não mandara. E que para desfazer ſuſpeitas, „ lhe devia dar a fortaleza, com que el Rei de Cambaia ficaria „ livre de ſeus inimigos. Tudo iſto eſcreveo logo Mirao Muh- „ mald à ſeu tio, & as boas palavras, & vontade que achara em „ Martim Afonſo de Souſa.

Alem deſta carta, eſcreveo Martim Afonſo outra à Soltã Badur de conſolações ſobre ſeus trabalhos, & offerecimentos de ſua peſſoa, & armada para o que lhe compriſſe. E ao Gover nador eſcreveo o eſtado em que ficava Soltam Badur, & lhe pedio licença para ir com ſua armada à Dio na entrada de Agoſto, por a boa occaſião que avia de impetrar a fortaleza, eſtando el Rei aſsi desbaratado, por o que folgaria com a ami zade dos Portugueſes, & juntamente recearia de ſe ajuntarem com os Mogoles ſeus inimigos; & por Dio eſtar mui falto de gẽte, & artelharia. E que eſtãdo elle Martim Afonſo no mar, o poderia pôr em grande aperto, tolhendolhe os mantimentos, & virlhe ſoccorro do Mar roxo.

„ Nuno da Cunha como de Portugal viera encarregado de „ tomar Dio, ou aver nella hũa fortaleza, & tinha ja tomada ſo- „ bre ſi eſta obra, como de empreitada, à que el Rei per todas as „ armadas que de Portugal vinhão, o incitava, & q̃ ja lhe tinha „ cuſtado tanto, não queria que ninguẽ niſſo poſeſſe as mãos, „ nẽ ganhaſſe honra neſſa empreſa, ſenão elle. E quanto mais „ valor via em Martim Afonſo, & mais autoridade tinha ante „ el Rei de Cambaia, que lhe era mui affeiçoado, tanto mais „ ſe ceava delle. Polo que o Governador moſtrou a carta „ de Martim Afonſo à algũs fidalgos ſeus parentes, & a- „ migos, dandolhes algũas razões para el Rei de Cambaia „ naquelle tempo mais que em outro negar a fortaleza, „ das quaes era hũa, por ſer Dio o lugar principal em que „ ſe podia ſalvar, & tèr nelle ſuas molheres, & teſouros.

E que



E que ainda que Badur lha quiſeſſe dar, primeiro avia de fa- „ zer a fortaleza de Baçaim com que ſe contentava, cuja ſegu- „ rança era o maior proveito que queria das perdas que Soltã „ Badur ouvera. Deſte parecer forão todos aquelles fidalgos a- „ migos de Nuno da Cunha: mas outros dos quaes erão Alei- „ xo de Souſa Chichorro, Franciſco de Souſa Tavares, & algũs „ mais, votarão que Martim Afonſo de Souſa devia de ir por a „ meſma razão, que o Governador dava para o contrario. Por- „ que por não tèr Soltam Badur outro lugar para ſua ſalvação „ mais conveniente que Dio, & nelle tèr ſuas molheres, & te- „ ſouro, avia de querer conſervalo, & telo ſeguro, o que não po „ dia ſer ſem amizade dos Portugueſes, & ſem lhe dar a fortale- „ za que pedião nella, para o defender dos Mogoles; & ſaben- „ do que pelo mar lhe podião tolher os mantimentos, que lhe „ não vinhão per terra. E que em tempo eſtava Badur, para de „ ſeu offerecer a fortaleza, quanto mais ſendolhe pedida. Polo „ que a ida de Martim Afonſo lhes parecia de muito ſerviço „ d'el Rei de Portugal, & não ir, o contrario. Como os deſte vo „ to erão menos em numero, aſſentouſe, que Martim Afonſo „ não foſſe à Dio, & aſsilho eſcreveo o Governador.

„ Porem, tanto que Agoſto vèo, & o tempo deu lugar à na- „ vegação d'aquella coſta, deſpedio o Governador à Simão Ferreira, que fora ſeu Secretario, para Dio em hũa fuſta, com tres catùres que o acompanharão, com embaxada à el Rei Badur, mandandoo viſitar, & offerecerlhe ſua ajuda contra ſeus inimigos, com eſperanças que el Rei lhe daria a fortale- za, por a adverſa fortuna em que ſe achava. E à eſſe fim deu procuração baſtante à Simão Ferreira, para fazer todos os concertos que compriſſem na acceitação da fortaleza.

E com Simão Ferreira foi Coge Xacoez Em- baxador de Soltam Badur, que an- dava em Goa.

***

## CAPITVLO. XI.

*Como Soltam Badur mandou pedir ſoccorro ao Turco, & ſabendo da tomada de Champanel, ſe quiſera ir à Meca, & mudado o conſelho, eſcreveo à Martim Afonſo de Souſa ſe foſſe logo ver com elle. E como os Reis Badur, & Omaum eſcreverão ao Governador, offerecendolhe ambos Dio.*

*Fernão Lopez de Caſtanheda no cap. 100. do liv. 8.*

VENDOSE Soltam Badur em Dio fora dos perigos, & medos de q̃ eſcapara, & q̃ naquellas comarcas não avia movimentos algũs de guerra, & o q̃ Martim Afonſo de Souſa eſcrevera à Mirao Muhmald, & deſpois à elle, tomou animo, & teveſe por mais ſeguro, do q̃ cuidou q̃ ſeria quãdo partio de Chãpanel fugindo. E por a certeza q̃ tinha para ſi de os Mogoles não poderem entrar naquella Serra, parecialhe q̃ tã impoſsivel era tomarẽ elles Dio, & outros lugares q̃ tinha fortes na coſta de Cambaia, como era tomarẽ Champanel. E aſsi ſe perſuadia que bem ſe poderia ſoſtentar contra os meſmos Mogoles, ſem cõ os Portugueſes fundar novas amizades para lhes dar fortaleza em Dio, parecendolhe, q̃ aſſas era tèrlhe dada a de Baçaim, com q̃ elles ſe terião por ſatisfeitos. Polo q̃ para effeito de cobrar ſeu Reino, ſe determinou em mandar pedir ſoccorro ao Turco, tendo por certo que lho daria, & com elle cobraria ſeu Eſtado, & deitaria os Portugueſes fora da India, & ſe faria Senhor della. E para provocar ao Turco, que com melhor vontade, & brevidade o ſoccorreſſe, lhe mandou hum preſente de joias, armas, & roupas ricas, que dizem foi avaliado em ſeiſcentos mil cruzados.[a] E para dez, ou doze mil homẽs que lhe mandava pedir, affirmão que mandou mais de tres milhões. Iſto tudo entregou à hum ſeu Capitão principal chamado Saf Chan, de quem confiou eſta embaxada, mandandolhe que foſſe per mar atè Iudà, & d'ahi per terra ao Cairo, & do Cairo ſe iria aonde o Turco eſtiveſſe, & para ir em ſua companhia lhe deu hum Portugues arrenegado, per nome Iorge, que era ſeu patrão mòr. E poſto que era ainda o tempo verde, quis que partiſſe Saf Chan na entrada de Settembro, porque ouve medo, que

a. *De muito maior preço foi eſte preſente, ſegundo o q̃ eſcreve Diogo do Couto no cap. 11. do liv. 1. da 5. Decada: porq̃ diz q̃ era hũa cabaia de fio d'ouro, lavrada toda de perolas de tanto preço, q̃ a menor valia quinhẽtos pardaos d'ouro, & os botões della de diamantes do tamanho de tremoços. Hũa cinta d'ouro, & pedraria, cõ hum terçado, & adaga do meſmo feitio, & riqueza q̃ a cabaia. Hũa coroa Imperial d'ouro, & pedraria, q̃ dezião os q̃ a virão q̃ valia mais de dous contos d'ouro.*



que partindo mais tarde, os encontraſſe Martim Afonſo de Souſa Capitão mòr do mar, que corria a coſta com ſua armada. E porque as couſas que Sof Chan levava erão de tamanho preço, deulhe tres galeões, em que elle foſſe por Capitão de hum, & do outro Iorge o arrenegado, & em ſua companhia duas caravellas, & duas fuſtas, todas eſtas vellas mui bem artilhadas. [a]

a. *Diogo do Couto, & Franciſco de Andrade, eſcrevem, que mandou Badur a mais principal de ſuas molheres com Saf Chan, o que reprova Caſtanheda.*

Enviada eſta embaxada, logo vèo nova à Soltam Badur como Omaum Patxiah eſtava apoderado da Serra, & cidade de Champanel, com a qual ficou mui confuſo, & deſeſperado de ſe poder reſtituir à ſeu Eſtado: porque para elle era caſo não imaginado tomarſe a Serra, que por natureza, & arte parecia inexpugnavel. E por ſe ver entallado entre ſeus inimigos, que erão de hũa parte os Mogoles, & da outra os Portugueſes, q̃ o porião per mar em cerco, em tempo de tanta falta como tinha de gẽte, d'artelharia, & de mantimentos, q̃ lhe não podião vir ſenão per mar, & q̃ cõ ſuas armadas lhe poderião tolher todo o ſoccorro q̃ pelo Mar roxo lhe vieſſe, ſe determinou em fugir para Meca, & deixar ſeu Reino, & tornar à elle ſe impetraſſe o ſoccorro q̃ mãdara pedir ao Turco. Querendo pôr em effeito a partida, ſua mai, Nina Rao Capitão de Dio ſeu tio, Coge Sofar, & outros, lhe derão tantas razões q̃ deixou de fazer a jornada. E Coge Sofar lhe aconſelhou que deſſe a fortaleza em Dio ao Governador, que o ajudaria, & q̃ com ſua ajuda ſe poderia reſtaurar, & q̃ deſpois que cobraſſe ſeu Reino, ahi lhe ficava poder tomar a fortaleza, & lançar della os Portugueſes, ſe quiſeſſe.

*Fernão Lopez de Caſtanheda no cap. 101. do liv. 8.*

Com eſte propoſito pareceo bem à el Rei dar a fortaleza, & logo eſcreveo à Martim Afonſo de Souſa, que viſta ſua carta ſe foſſe à Dio, para trattar com elle hũa couſa de muito ſerviço d'el Rei de Portugal, & lhe mandou outra carta para o Governador Nuno da Cunha, em q̃ lhe dezia o meſmo, porq̃ lhe queria dar a fortaleza. E com o Embaxador que levou eſtas cartas, mandou à Martim Afonſo Diogo de Meſquita, Lopo Fernandez Pinto, Diogo Mendez, que tivera preſos em Champanel, & os mais cattivos que era obrigado à mandar pelas Capitulações paſſadas. [b]

b. *Eſtes cattivos diz Diogo do Couto, q̃ os mandou Soltam Badur ao Governador Nuno da Cunha por Simão Ferreira quãdo foi à Cambaia à ver jurar as pazes paſsadas.*

*Cap. 3. liv. 9.*

*E Frãciſco de Andrade eſcreve, q̃ deſpois de desbaratado Badur derra liberdade à Diogo de Meſquita, & à ſens cõpanheiros, & que por Diogo de Meſquita eſcrevera ao Governador q̃ o vieſſe ſoccorrer, offerecẽdolhe a fortaleza em Dio. Ca. p. 3. da 3. parte.*

Pouco tẽpo antes q̃ o Embaxador d'el Rei Badur chegaſſe à Chaul, & deſſe as cartas à Martim Afonſo de Souſa, lhe foi dada outra carta d'el Rei dos Mogoles, para o Gover-

„ nador,em que lhe offerecia a fortaleza em Dio:porque como
„ Nuno da Cunha vio à el Rei dos Mogoles fazer guerra à el
„ Rei de Cambaia,& o grande poder q̃ tinha, perq̃ lhe parecia
„ tomaria o Reino de Cambaia, como ja tinha tomado o de
„ Chitor,& o de Mandou,ſecretamẽte lhe mandou pedir Dio.
„ Polo q̃ tanto q̃ ſe el Rei dos Mogoles vio Senhor da Serra de
„ Champanel,eſcreveo ao Governador hũa carta,que mandou
„ à Martim Afonſo, q̃ elle logo enviou à Nuno da Cunha an-
„ tes de ſe partir para Dio,per Ioão de Mendoça, que tambem
„ levou o Embaxador de Cambaia.E ao Governador eſcreveo
„ Martim Afonſo de Souſa de ſua ida à Dio.

## CAPITVLO. XII.

*Como Martim Afonſo de Souſa foi à Dio, & elle, & Simão Ferreira Procurador do Governador, aſſentarão pazes com el Rei de Cambaia, & lhes deu a fortaleza em Dio, entregando à Martim Afonſo o baluarte do mar.*

*Eſte Capitulo, que em Ioão de Barros he breve, ſe acreſcentou com o q̃ eſcreve Fernão Lopez de Caſtanheda no cap.102.do liv.3.*

VENDO Martim Afonſo de Souſa a carta d'el Rei de Cambaia,& quãto importava ao ſerviço d'el Rei ir elle à Dio, por não ſe lhe ir das mãos tã boa occaſião,q̃ às vezes deſpois de ida não ſe cobra,poſto q̃ o Governador lho tiveſſe defeſo,& por o negocio eſtar em outros termos, ſendo elle à preſſa chamado de Badur,partioſe logo com tres catùres, em que levou ſeſſenta homẽs,em hum delles ia elle,em outro Simão Guedez Capitão de Chaul,deixando recado à Vaſco Pirez de Sampaio que ſe foſſe apos elle cõ a outra armada.E proſeguindo ſua viagẽ,perto de Dio achou Simão Ferreira, de q̃ ambos ficarão eſpantados, Simão Ferreira de ver Martim Afonſo de Souſa ir à Dio, ordenandolhe o Governador que não foſſe,q̃ não avia para que,& Martim Afonſo de ver Simão Ferreira,porq̃ paſſou ſem tomar Chaul,& de ſaber ao q̃ ia,por o pouco fundamento que Nuno da Cunha moſtrava de ſe lhe dar a fortaleza em Dio, na carta que lhe eſcrevera. Mas Martim Afonſo diſſe à Simão Ferreira como ia chamado d'el Rei,& com eſperanças de lhe dar a fortaleza, que ſem ella não aſſentaria nada com elle.

Chega-



Chegados ambos à Dio,[a] el Rei moſtrou grande goſto de ver Martim Afonſo,& lhe deu conta do eſtado em que eſtava,& q̃ o que queria do Governador era, q̃ o ajudaſſe contra ſeus inimigos,aſsi para ſe defender delles, como para lhes fazer guerra,& q̃ a maior ajuda q̃ queria delle era,q̃ elle Martim Afonſo foſſe ſeu cõpanheiro, por a confiança q̃ em o valor de ſua peſſoa tinha,& q̃ em recompenſa diſto, queria dar ao Governador hũa fortaleza em Dio. E por o Governador eſtar em Goa, que era lugar mais remoto, mandara chamar à elle Martim Afonſo,aſsi para o ajudar à defender ſe os Mogoles foſſem contra elle, como para aſſentar cõm elle a data da fortaleza, & Capitulações das pazes, atè o Governador as aver por boas.E que pois Simão Ferreira trazia procuração para fazerem pazes em nome do Governador, que logo as aſſentaſſem. E que a fortaleza ſe faria da banda dos baluartes do mar,ou da terra,onde o Governador elegeſſe, quã grãde quiſeſſe,porq̃ em ambos lugares lha daria, & na parte do mar lhe parecia melhor, porq̃ era o mais forte da cidade.E cõcertando el Rei com Martim Afonſo cõ q̃ condições ſe as pazes avião de fazer,o mandou logo metter de poſſe do baluarte do mar,& alli ſe aposentou com os Portugueſes.[b]

*Os Capitulos forão eſtes: Que el Rei de Cambaia era contente de dar lugar à el Rei de Portugal na cidade de Dio, para fazer hũa fortaleza em qualquer lugar que o Governador quiſeſſe, da banda dos baluartes do mar, ou da terra, & da grandeza que quiſeſſe: & aſsi lhe daba o baluarte do mar. E que avia por bem de confirmar a doação que lhe fizera de Baçaim, com ſuas terras, & rendas, & tanadarias, como tinhão contrattado.*

*Com condição que todas as naos de Meca, que por virtude do contratto das pazes paſſado, erão obrigadas ir à Baçaim, foſſem à Dio aſsi como de antes, ſem lhes ſer feita força alzũa. E quando algũa per ſua vontade quiſeſſe ir à Baçaim, o pudeſſe fazer, & as naos d'outras partes poderião ir, & vir para onde quiſeſſem: porem que hũas, & outras navegarião com cartazes.*

*Que os cavallos de Ormuz, & de Arabia, que pelo contratto paſſado erão obrigados ir à Baçaim, vieſſem à Dio, & pagarião os dereitos à el Rei de Portugal, ſegundo o coſtume de Goa, & não os comprando el Rei, ſeus dõos os levarião onde quiſeſſem. Mas que os cavallos que foſſem do Eſtreito para dentro, não pagarião dereitos algũs.*

a. *Chegarão à Dio à xxj. de Settembro. Francisco de Andrade cap.4. par.3.*

b. *Martim Afonſo mandou cortar hũa ponta q̃ fazia a cidade; deſde o rio ao mar, onde abrio hũa cava de largura de duas braças, & hũa de altura, recolhendo para dentro a pedra, & terra q̃ da cava ſe tirava, cõ q̃ ſe fez hum vallo aſſas alto, & lançou ſobre ella hũa ponte de madeira. E per hum Iudeu mercador do Cairo eſcreveo logo à el Rei Dõ Ioão, q̃ Badur dera em Dio lugar para ſe fazer a fortaleza, tanto de S. A. deſeja da. E pelo meſmo Iudeu eſcreveo Badur à el Rei, dandolhe conta de ſuas deſgraças, & pedindolhe ſoccorro: & para aſſegurar a jornada, porque poderia morrer nella o Iudeu, mandou Badur em ſua companhia hum Armenio morador, & caſado em Dio. Francisco de Andrade cap.4. par.3.*

*Outra condição era, que el Rei de Portugal não teria em Dio dereitos, nem rendas, nem mais que só a ditta fortaleza, & baluartes, & todos os dereitos, rendas, & juridição da gente da terra, seria do Soltam Badur.*

*Poserão mais por condição, que el Rei de Portugal, nem seu Gouernador por seu mandado, farião guerra, nem dano no Estreito do Mar roxo, nem nos lugares da Arabia, nem se tomaria nao de presa, & todos navegarião seguramente. Porem, que avendo no Estreito, ou em outra parte armada de Rumes, ou Turcos, poderião ir pelejar com ella, & destroila.*

*E que el Rei de Portugal, & Soltam Badur serião amigos de amigos, & inimigos de inimigos, & se ajudaria hum à outro per mar, & terra, com tudo o que podessem, com suas gentes, quando lhes comprisse.*

*A ultima condição foi, que se algũa pessoa que devesse dinheiro, ou fazenda à el Rei de Portugal, se passasse às terras do Badur, elle os mandasse entregar, & outro tanto faria o Gouernador quando se passase aos Portugueses alguem que devese a Soltam Badur.*

Feitas estas Capitulações, & asinadas por el Rei, Martim Afonso as mandou ao Governador por Diogo de Mesquita, & com elle mandou el Rei à Xacoez com hũa carta,[a] ao Governador, em que lhe rogava que se viesse logo à Dio.

a. *A copia desta carta escreve Fernão Lopez de Castanheda no cap. 103. do liv. 8. & Diogo do Couto no cap. 8. do liv. 9.*

## CAPITVLO. XIII.

### *Como o Governador Nuno da Cunha foi á Dio verse com el Rei de Cambaia.*

*Fernão Lopez de Castanheda no cap. 103. do liv. 8. onde escreve a copia da carta d'el Rei dos Mogoles.*

NVNO da Cunha quando vio as cartas dos Reis de Cambaia, & dos Mogoles, nas quaes ambos lhe offerecião Dio, Badur porque receava de a perder, & Omaum porque esperava de a ganhar, posto que o Mogol lhe fazia largas promessas, pareceolhe melhor tomar a fortaleza da mão d'el Rei de Cambaia que tinha Dio, que d'el Rei dos Mogoles q̃ a esperava tèr, & avendoa, lha daria, ou não, & porque lhe vinha melhor a amizade d'el Rei de Cambaia, por quam pouco podia, que a d'el Rei dos Mogoles, que andava tam poderoso, & pretendia conquistar a India, & daria mais que fazer aos Portugueses, que nenhum Rei della, & quanto menos elle



elle pudesse, tanto o Estado d'el Rei de Portugal na India ficava mais seguro. Por tanto determinou de se liar com el Rei de Cambaia, & ajudalo contra os Mogoles. E sem mais se detèr que o dia em que Ioão de Mendoça chegou, se partio ao outro[a] em hũa fusta, levando sòmente em outras Garcia de Sà, Francisco de Sousa Tavares, Diogo Lopez de Sousa, & Antonio Galvão, deixando recado à Manoel de Sousa que o seguisse com a armada o mais prestes que pudesse.[b] Passando por Chaul, foi tèr à Baçaim, onde achou Vasco Pirez de Sampaio com a armada que levava à Martin Afonso de Sousa, que trouxe consigo. D'alli partio para Dio onde chegou com novecentos homẽs, sendo ja o mes de Outubro. A barra o mandou el Rei receber per Niña Rao Capitão de Dio seu parente, acompanhado de muita gente nobre, que com elle ia em hũa galè, & despois de o visitar da parte d'el Rei, & lhe dar o parabem de sua chegada, o acompanhou atè onde el Rei o estava aguardando, que era em hũa casa sem armação algũa, parece que por a desgraça passada. E elle jazia deitado em hum Catle, que não tinha outro paramento, nem riqueza mais que serem os pès d'ouro, & vestido em hũa cabaia de algodão branco. Com elle estavão dez, ou doze Senhores, dos quaes hum que parecia de idade de settenta annos fora irmão d'el Rei do Delij, & outro filho de outro Rei assentados no chão alcatifado junto com o Catle, & os outros em pè, porque diante d'el Rei de Cambaia, se não assentavão senão Reis, ou filhos de Reis. Com o Governador entrarão quarenta fidalgos, & tanto que vio el Rei lhe fez hũa mesura, & outra entrando mais na casa, & assi fizerão os fidalgos q̃ cõ elle ião. A cortesia que lhe el Rei fez, foi agasalhalo bem cõ os olhos, como à pessoa que muito folgava de ver: & passando entre elles palavras geraes, Nuno da Cunha se despidio d'el Rei, & se foi aposentar no baluarte do mar, que estava aparelhado de festa, & embandeirado com as insignias de Portugal.[c] Despois deste dia se vio o Governador com el Rei algũas vezes, nas quaes el Rei pedio ao Governador lhe mandasse per hum de seus Capitães tomar hũa fortaleza que os Mogoles lhe tomarão à elle no rio Indo, que se chama Varivene. Para isso mandou logo o Governador Vasco Pirez de Sampaio com hũa armada de doze fustas, & algũs bargantijs, em que levou dozentos & cinquoenta Portugueses, de que forão Capitães

*Frotta da India do anno de M.D.XXXV.*

a. *Antes do Governador partir de Goa chegarão à ella sette naos que este anno de M.D.XXXV. partirão do Reino, das quaes era Capitão mòr Fernão Perez de Andrade, & os Capitães das outras naos erão Martim de Freitas, Thome de Sousa, Iorge Mascarenhas, Luis Alvarez de Paiva, Fernão Camelo, & Fernão de Mopaes: levarão estas naos muita & boa gente, & muito cabedal. Fernão Lopez de Castanheda cap. 108. do livro. 8. & Diogo do Couto cap. 8. do liv. 9.*

*Francisco de Andrade diz, que chegarão estas naos à Goa estando o Governador em Dio, onde lhe levarão a nova, & seiscentos Soldados dellas.*
*Cap 8. da 3. parte.*

b. *Escreve Diogo do Couto, que o Governador partio de Goa cõ cem navios, em q̃ ia embarcada muita & mui lustrosa gente, & todas as cousas q̃ lhe parecerão necessarias para a fabrica da fortaleza, & q̃ parara em Baçaim, aonde o foi encontrar Xacoez cõ hũa carta do Badur, & cõ os Capitulos do contrato da fortaleza de Dio, com que o Gouernador se partio logo para aquella cidade.*
*Cap. 8. do liv. 9.*

c. *Da desembarcação do Governador, do vestido q̃ levava, do recebimento q̃ lhe fez Soltam Badur, & das palavras q̃ lhe disse, escreve com particularidade Diogo do Couto no cap. 9. do liv. 9. E que de novo forão renovadas as Capitulações, & juradas as pazes por el Rei, & pelo Governador com grande solemnidade, & magestade.*

Miguel de Aiala, Rodrigo Alvarez Vogado, Afonso Figueira, & outros, cujos nomes não vierão à nossa noticia: & em sua companhia, & debaxo de sua bandeira ia Coge Sofar Capitão d'el Rei de Cambaia cõ trezentos Turcos. Tambẽ lhe pedio el Rei q̃ mandasse defenderlhe a cidade de Baroche, q̃ está dez legoas da cidade de Cãbaia; por quanto se temia que os Mogoles se apoderassem della: para o que o Governador mandou logo fazer prestes Dõ Gonçalo Coutinho cõ outra armada para a defender. E estãdo para partir, chegou Manoel de Macedo, à quem o Governador deu a Capitania, ficando Dõ Gonçalo.[a]

a. *Manoel de Macedo chegou à Baroche à tempo q̃ Asçan Mirza irmão de Omaum Patxiah, cõ dez mil cavallos entrara na rica cidade de Barodar, q̃ seus vezinhos despejarão com medo dos Mogoles: & com o mesmo, sem os verem, fugirão os moradores de Baroche, & a deixarão deserta, posto q̃ Manoel de Macedo os animava, & com elles, & cõ os Portugueses q̃ tinha se offerecia à defendella: pelo que vendose só, deixousse ficar na cidade, atè aparecerem os inimigos; & não a podendo defender com os poucos Portugueses, por tèr mais de hũa legoa de circuito, se embarcou, & voltou à Dio.*
*Diogo do Couto cap. 9. do liv. 9. & Francisco de Andrade capit. 16. da 3. parte.*

## CAPITVLO XIIII.

*Da notavel façanha q̃ fez Diogo Botelho em vir da India à Portugal em hũa fusta, por mostrar sua lealdade à el Rei, ante quem fora calumniado falsamente.*

*Fernão Lopez de Castanheda no cap. 105. do liv. 8.*

„ DA nação dos Portugueses, quam natural seja, „ mais que d'outras gentes, serẽ leaes à seu Rei, „ & quãtos exẽplos ha de muitos, q̃ por guardar „ incorrupta sua lealdade morrerão, & passarão „ trabalhos increiveis, cousa notoria he aos q̃ de „ suas cousas sabẽ: mas o admiravel, & audaz feito q̃ Diogo Bo „ telho fez, para mostrar como falsamẽte o calumniarão ante el „ Rei, não sòmente de cõmetter deslealdade, mas de a imagi- „ nar, he digno q̃ entre todas as gẽtes, & em todos tẽpos ouves- „ se delle memoria. Sendo pois este cavalleiro filho bastardo de „ Antonio Real (Capitão q̃ fora de Cochij em tẽpo do Visorei „ Dom Francisco de Almeida) & de Iria Pereira molher Portu- „ gueſa, & servindo elle na India, onde nasceo, à el Rei Dom „ Manoel nos primeiros annos de sua milicia, & despois à „ el Rei Dom Ioão seu filho, vindo à Portugal à requerer „ satisfação de seus serviços, por elle ser muito curioso, & „ prattico na Geographia, & saber fazer cartas de ma- „ rear, fez hũa grande, em que descreveo tudo o que do „ Mundo era descuberto, & a appresentou à el Rei Dom „ Ioão. Tendoo el Rei em boa conta, & querendo lhe fa- „ zer merce, & servirse delle, como nesta terra sempre „ ouve boa novidade de homẽs envejosos, & maldizentes, que



„ que à todos bõos espiritos, & uteis à Republica procurão aca „ nhar, & estorvarlhe o bem, & melhoramento, aos quaes pa- „ rece doer mais o bem alheo, que o mal proprio, ouve quem „ disse à el Rei, que Diogo Botelho trazia pensamento de o de- „ servir, & irse à el Rei de França. Polo que movido el Rei per „ aquelles interpretes de pensamentos, na armada em que Mar „ tim Afonso de Sousa foi o anno de M. D. XXXIIII. o man „ dou degradado para a India.[a] Diogo Botelho, que sentia por „ maior afronta a causa do degredo, que o mesmo degredo, co- „ mo foi na India, pedio ao Governador Nuno da Cunha li- „ cença para fazer hũa fusta, para andar nella servindo à el Rei, „ com proposito de se ir na mesma fusta à Portugal, para ma- „ nifestar à el Rei sua innocencia, & lealdade, & a maldade dos „ que ante elle o accusarão, & que como se ia da India para Por „ tugal, se pudera ir para França, se quisera. Com esta determina „ ção fez hũa fusta em Cochij de vinte dous palmos de com- „ prido, doze de largo, & seis de pontal, que he da quilha atè a „ primeira cuberta. Acabada a fusta, como tambem na India „ avia Portugueses, & os que andão as terras, & passão o mar, „ não mudão por isso a condição, nem a natureza, que sempre „ levão consigo, não faltarão na India outros maldizentes, que „ affirmavão que Diogo Botelho fizera aquella fusta para ir „ nella ao Estreito do Mar roxo, & d'ahi ao Turco. Ouvindo „ isto o Doctor Pero Vàz Veedor da Fazenda que entam era, „ lhe tomou a fusta, do que Diogo Botelho se queixou muito, „ & lhe disse, que atentasse bem o que fazia, que aquillo monta „ và mais, que tomarlhe sua fusta; porque sabendo el Rei, que „ avia delle tam mà sospeita, lhe mandaria cortar a cabeça. Pe- „ ro Vàz lhe tornou a fusta, com elle primeiro jurar solemne- „ mente, que se não iria à parte algũa onde deservisse à el Rei de „ Portugal. E por não esperar outro encontro, que lhe tolhesse „ effectuar sua determinação, & por a boa occasião de naquel- „ les dias se conceder à el Rei Dom Ioão a fortaleza de Dio, que „ elle tanto desejava, de que lhe podia levar novas primeiro que „ outrem, se foi à Dabul, para d'ahi fazer sua viagem. E por elle „ entender mui bem a arte de marear, não levou consigo outro „ que della soubesse, por não aver entre elles dous contradição, „ que seria causa de se perder. Nem para marearem a fusta le- „ vou mais que seus escravos, & cinco Portugueses, tres delles „ criados seus, & o Comitre da fusta, & hum Manoel Moreno; „

a. *Francisco de Andrade escreve que el Rei mandou prender Diogo Botelho, & que esteve preso atè q̃ foi à India por Visorei o Conde Almirãte, que o pedio à el Rei para o levar consigo, & S. A. lho cõcedeo, com quẽ não tornasse mais à Portugal.*
*Cap. 13. da 3. parte.*
*O mesmo affirma Diogo do Couto cap. 2. do liv. 1. da 5. Decada.*

& com

2. *Escrevendo de Dio o Governador ao Veedor da Fazenda, q̃ lhe mandasse navios, & gente, cõ esta occasião fez Diogo Botelho a fusta para vir nella à Portugal, publicando q̃ era para levar nella gente à Dio, & recolhendo vinte Soldados, & outros tantos escravos seus, partio de Cochij, & chegou à Baçaim, onde deixou a fusta, fingindo q̃ fazia muita agoa, & em hum catùr passou sò à Dio, onde foi bẽ recebido do Governador, & tomando cõ dissimulação a planta da fortaleza q̃ se fundava, & a copia das Capitulações das pazes, para dar enteira relação em Portugal à el Rei, voltou escondido à Baçaim, & dizendo ao Capitão q̃ o Governador o mãdava cõ muita pressa à Chaul, se embarcou na sua fusta, & partio para Portugal em Novembro de M.D.XXXV.*
*Francisco de Andrade no cap. 13. da 3. parte.*

& com boa provisão de mantimentos se partio de Dabul o primeiro dia de Settembro do anno de M.D.XXXV.ª dizẽdo à todos que se ia ajuntar com nossa armada, que andava na costa de Cambaia. E porque ao atravessar do golfão se ia afastando muito da terra, & lhe aconselhava o Comitre que o não fizesse, lhe descobrio à elle, & aos outros Portugueses sua determinação: & receando que se rebellassem quando o soubessem, levava vestida debaxo hũa saia de malha, & na cinta hũa espada. E esforçou à todos para aquella viagem, dizendolhes quanto lhe compria fazela, & promettendolhes gran de satisfação de seu trabalho. E ao Comitre deu dinheiro, & pagou tudo o que na India lhe ficava. Contentes com isto, & com verem que tomou terra na costa de Arabia ao tempo q̃ disse que a avia de tomar, sendo cousa em que os Pilotos que per alli navegão não atinão, por causa das grandes correntes, se aquietarão.

Feita a agoada, & carnes em hum porto chamado Iubo, se partio, & foi surgir no cabo das Agulhas, duas legoas de terra, onde lhe deu hum tã rijo temporal do Sul, que arribou duas vezes, & se vio de todo perdido, por serẽ os mares mui grossos, que entravão per hũa parte da fusta, & saião pela outra, & milagrosamente escapou. Com este mesmo temporal dobrou o cabo de boa Esperança à xx. de Ianeiro do anno seguinte de XXXVI. Despois passou maiores trabalhos de tormẽtas, de fome, & de sede, por não poder tomar a Ilha de Santa Elena com nevoas.[b] Os marinheiros não podendo ja com tantos trabalhos, determinarão de matar à Diogo Botelho, & aos outros Portugueses, & irense à terra. Pelo que quando se virão na costa de Guinè, levantarãose hũa noute,[c] hũs com machados, & outros cõ espetos, & fisgas, & derão em Diogo Botelho, & nos outros Portugueses, de que logo morreo hũ, & ferirão mal à Diogo Botelho, & ao Comitre, os quaes com os outros dous companheiros, de tal maneira apertarão com os marinheiros, que se lançarão ao mar, onde algũs se afogarão, & outros perdoados se recolherão à fusta. A qual com este levantamento ficou sem marinheiros, sem Piloto, & sem Comitre, & sem terem os feridos com que se pudessem curar. Diogo Botelho esteve catorze dias sem poder fallar, & per escritto mandava governar, polo que muitas vezes estiverão em risco de se perder, ao que se ajuntou a falta da agoa, & por a estreiteza

b. *Diogo do Couto diz, que tomou a Ilha de Santa Elena, na qual varou a fusta, & concertou, em que se deteve algũs dias.*

c. *Este levantamento diz Francisco de Andrade que foi antes de chegar ao cabo de boa Esperança.*



a estreiteza da regra que era necessario fazerse, padecerão immenso trabalho: com o qual chegarão à paragem das Ilhas Terceiras, que Diogo Botelho não tomou, com medo de o prenderem. Mas com força de vento arribou à Ilha do Faial, onde à caso acertou de estar o Corregedor das Ilhas, que Diogo Botelho teve por outro infortunio maior, por o perigo que corria sua vida, & sua honra, podendose entam acabar de ter por certo que vinha fugindo do degredo que lhe derão, com tenção de irse à França, & ficar avido por traidor, & desleal, onde cuidava que se salvava disso. E como se não podia encobrir, desembarcou, fingindo que levava à el Rei hum recado do Governador da India de grande importancia, & para que se lhe cresse fez hum maço de cartas feitiço.

Ao desembarcar o foi receber o Corregedor com toda a gente da terra, como cousa estranha, & milagrosa, sabendo q̃ vinha da India, em hũa tam pequena embarcação. E assi lhe fizerão festa, & correrão touros. Estandoos Diogo Botelho vendo de hũa Ianella, foi conhecido do Corregedor que estava com elle: & porque sabia que Diogo Botelho fora degradado para a India, pareceolhe que vinha fugindo, & que por isso se aventurara à vir naquella fusta: & determinado de o prender, perguntoulhe se era elle parente de hum Botelho que fora degradado para a India, fingindo que lhe não sabia o nome, porque se negasse que era aquelle, teria sua presunção por verdadeira, & prendelo ia logo. Diogo Botelho sospeitando a tenção do Corregedor, disselhe que elle era o mesmo Diogo Botelho que fora degradado, & que Nuno da Cunha por não achar outrem que se offerecesse à tamanho perigo o mandara, por não estar bem com elle, & que fizera aquella viagem por o recado que levava ser de grande importancia, & de tanto segredo, que de ninguem fiava as cartas, senão de si mesmo, & mostroulhe o maço que comsigo trazia. O Corregedor crendo o que lhe dezia, o não prendeo, mas rogoulhe lhe disesse que recado levava, ao que elle respondeo, que de nenhũa maneira lho podia dizer, porem que por amor delle, posto que fosse contra juramento lhe deixaria hũa carta em que lho referisse, com tanto que lhe desse sua fè, que a não abriria se não oito dias despois de sua partida, & assi o fez.

Na carta que lhe deixou, dezia o modo de que ia, com que o Corregedor ficou mui desgostoso por o não prender, & muito

muito mais o foi quando no dia que abrio a carta chegou às Ilhas Simão Ferreira Secretario da India, que por mandado do Governador trazia a nova à el Rei Dom Ioão da fortaleza que Soltam Badur dera em Dio. E posto que Nuno da Cunha espedio à Simão Ferreira com grande pressa em hum navio ligeiro, logo apos Diogo Botelho, quando soube que era partido, para que por elle não soubesse el Rei primeiro a nova da fortaleza que per Simão Ferreira, succedeo porem assi, porque Diogo Botelho chegou em Mayo à Lisboa muitos dias primeiro que Simão Ferreira, & se appresentou à el Rei, que estava em Almeirim,[a] indo na fusta pelo Tejo acima atè Salvaterra, & lhe disse a causa perque viera da India d'aquella maneira, para mostrar sua lealdade, & lhe deu as novas da fortaleza de Dio, que lhe Soltam Badur dera. El Rei se maravilhou d'aquella viagem, & as novas festejou muito, & seu leal animo, & o tornou à sua graça, mas não com a satisfação que aquella façanha merecia,[b] (ao costume da terra, na qual raras vezes se pagarão bem serviços assinalados) & foi tamanho o espanto della, que muita gente, assi naturaes, como estrangeiros, forão ver aquella fusta à Salvaterra, como cousa admiravel. A qual despois foi levada à Sacavem, onde se mandou queimar, por não ser vista, & se divulgar pelo Mundo, que em tam pequeno navio se podia navegar à India.

a. *Francisco de Andrade escreve, que el Rei estava em Evora, aonde fora logo Diogo Botelho.*

b. *Diogo do Couto diz, que Diogo Botelho esteve algũs annos em Portugal, sem el Rei lhe fazer merce, & à cabo delles lhe deu a Capitania de S. Thome, polo ter fora do Reino: & despois o despachou para a India com a de Cananor. Escreve mais Diogo do Couto, que el Rei logo mãdou fazer solemnes procissões por as novas de Dio, & as escreveo ao Summo Pontifice Paulo III. que as celebrou com outra solemnissima procissão, & Missa Pontifical, na qual fez hũa oração Fr. Theophilo da ordem de S. Agostinho, em louvor d'el Rei D. Ioão, & da nação Portuguesa, a qual traduzida em Portugues refere Diogo do Couto, no cap. 2. do 1. liv. da 5. Decada, onde se pode lèr.*

## CAPITVLO. XV.

*Como o Governador Nuno da Cunha fundou a fortaleza de Dio, & como Vasco Pirez de Sampaio tomou aos Mogoles a fortaleza de Varivene no rio Indo.*

TANTO que Nuno da Cunha se vio entregue do baluarte, & do sitio em que se avia de fundar a fortaleza, pôs grande diligencia em ajuntar os materiaes para ella necessarios, no que se deteve atè Novembro, & hum Domingo, xx. dias d'aquelle mes, acõpanhado de todos os Capitães, & fidalgos, & mais gente, com muita festa, deu elle a primeira enxadada nos alicerces que se começarão abrir, o que se continuou com tanta pressa, que quando foi aos xxj. de Dezembro (dia do Apostolo S. Thome,



S. Thome, padroeiro da India) assentou Nuno da Cunha a primeira pedra da fortaleza, com muitas moedas d'ouro debaxo della; & por comprazerem ao Governador, os fidalgos lançarão outras muitas, no que todos mostravão contentamento, & alvoroço, & se festejou com grande estrondo d'artelharia, & de trombetas, atabales, & charamelas. Soltam Badur para mostrar que tambem lhe cabia à elle parte d'aquelle contentamento, & que a obra se fazia por sua vontade, mandou logo à Nuno da Cunha quinze mil pardaos d'ouro, em nome de almorço para os servidores da obra, dos quaes elle mandou muitos. Mas não menos trabalhavão os fidalgos que a outra gente, & todos erão repartidos per quartos, & os Capitães delles andavão à enveja, de quem daria melhor mesa aos do seu quarto, & como cada hum lha dava, assi se lhe ajuntava a gente, & crecia a obra. E por essa causa hum baluarte que Garcia de Sà tinha à cargo (que tem o seu nome, posto que lhe poserão o de Santiago) cresceo mais que todos, porque o fez todo, & gastou nelle muito. E tanta pressa se deu à obra, que antes de se acabar o mes de Fevereiro, era a fortaleza acabada, à qual foi posto nome S. Thome, & provẽdoa o Governador de muita artelharia, & munições, fez Capitão della à Manoel de Sousa fidalgo, de sua pessoa mui valeroso, & esforçado, como na vida, & morte mostrou, & lhe deu para guarda della novecentos homẽs Portugueses. E porq̃ Nuno da Cunha em tudo desejava de comprazer à Soltam Badur, & por lho elle rogar, m andou pedir ao Nizamaluco que lhe não fizesse guerra, porque estando seguro de lha não fazer, tiraria da sua fronteira à Mirao Muhmald, com a gente que nella tinha, que lhe era necessaria para outra parte. Com esta embaxada mandou à Gaspar Preto, que era homẽ para muito, & de grãde recado, o que negociou tambem, que não sòmente Badur ficou seguro do Nizamaluco lhe fazer guerra, mas ainda deu gente à Mirao Muhmald para a fazer à outros. O que sabendo Badur do Governador, ficou agradecido, & desalivado.

Entre tanto Vasco Pirez de Sampaio proseguindo sua viagem, tambem em serviço de Soltam Badur, chegou à foz do rio Indo, hum dos mais famosos da Asia. Surto aqui Vasco Pirez, vazou à marè mais de meia legoa, & ficarão os navios em seco, pelo que foi avisado que os despejasse, para que ficassem

*Fernão Lopez de Castanheda no cap. 109. do liv. 8. E Frãcisco de Andrade no cap. 16. da 3. parte.*

„ cassem leves quando tornasse a montãte d'agoa; porque se
„ estivessem carregados, se perderião, por trazer grande força,
„ enchendo com macareo: & por tanto elle mandou aboiar a ar
„ telharia, para o que forão postos sobre ella os mastos, & ver-
„ gas dos navios. E quando a marè tornou, vinha o macareo
„ tam alto, & com tamanho impetu, & rugido, que os Portu-
„ gueses recearão que os çoçobrasse, & assi derão os navios tã
„ grandes pancadas na praia, que parecia que se espedaçavão.
„ Passada esta furia foi recolhida a artelharia com o mais, &
„ apparelhados os navios, entrou a armada no rio, onde achou
„ Vasco Pirez, o Capitão d'el Rei de Cambaia, a que os Mogo-
„ les tomarão a fortaleza; o qual sabendo que Vasco Pirez ia, o
„ foi alli esperar com a gente que tinha embarcada, & lhe con-
„ tou como os Mogoles sabendo de sua vinda queimarão logo
„ a povoação de Varivene, & se recolherão na fortaleza, a qual
„ era pequena posta à borda d'agoa, com quatro, ou cinco ber-
„ ços. Os Mogoles que nella estavão erão cento & cinquoen-
„ ta. Vasco Pirez levãdo este Capitão, foi pelo rio acima, & sen
„ do ja noute chegou à fortaleza, & sem querer saber mais da
„ disposição della, pela manhãa cedo começou de a cõbater, re
„ partindo o cõbate per tres estancias, hũa q̃ elle tinha cõ os Por
„ tugueses, outra Coge Sofar cõ os Turcos, & a outra o Capi-
„ tão d'el Rei de Cambaia com os seus, que erão espingardei-
„ ros, q̃ não avião de fazer mais q̃ tirar aos Mogoles q̃ appare-
„ cessem sobre o muro, para os Capitães sobirem por escadas.
„ Os Mogoles, posto q̃ fossem tam poucos, se defenderão mui
„ valentemente cõ essa pouca artelharia q̃ tinhão, & cõ sua arca
„ buzaria, & muitas frechas, cõ q̃ ferirão oitenta Portugueses,
„ q̃ não puderão chegar as escadas ao muro, salvo Miguel de Aia
„ la, q̃ foi o primeiro que subio, & foi lançado delle, cõ grande
„ perigo seu; & assi Martim Afonso de Mello o punho, Manoel
„ Machado, & Ioão de Freitas, q̃ião apos elle, q̃ forão mal feri-
„ dos, & Ioão Ferreira que caio abaxo morto de hũa frechada.
„ Vendo Vasco Pirez o dãno que os seus recebião, mandou os
„ afastar, determinando de descoroar as ameas do muro, para
„ a gente poder melhor subir, & assi se fez logo com a arte-
„ lharia que mandou tirar em terra. E por esta bateria se aca-
„ bar perto da noute, deixou de cõmetter a entrada para o
„ outro dia. Mas não esperando por isso os Mogoles, fugi-
„ rão aquella noute, & desamparárão a fortaleza. E sendo

Vasco



„ Vasco Pirez avisado de sua ida, desembarcou, & foi apos el-
„ les, & matou os que alcançou, & tomada a fortaleza a entre-
„ gou ao Capitão d'el Rei de Cambaia, & por não tèr manti-
„ mentos, & entre elle, & Coge Sofar aver algũa desavẽça, não
„ fez mais guerra aos Mogoles, & se tornou à Dio.

## CAPITVLO. XVI.

*Como querendo Soltam Badur ir visitar algũas partes de seu Reino, pedio ao Governador lhe desse por companheiro à Martim Afonso de Sousa. E como indo os Mogoles sobre Baçaim, se tornarão com temor dos Portugueses, & Mirao Muhmald os foi lançando de Cambaia.*

ESbricandose a fortaleza de Dio, vierão novas à Soltam Badur, que el Rei dos Mogoles depois de tèr tomado Champanel, tomara Amadabad, cidade principal de Cambaia, por lha entregar o Capitão della, a qual elle pretendeo, com tenção de ir logo tomar a cidade de Dio, & dala ao Governador Nuno da Cunha, por lha tèr promettida. E por sãber que ja estava nella fazendo a fortaleza, deixou de vir. Polo que conhecendo el Rei de Cambaia o favor que ja achava com a fortaleza, & que à sombra della podia defender sua pessoa, & Estado, & muito mais com a assistencia de Nuno da Cunha em Dio, determinou de ir dar hũa vista à algũas partes de seu Reino de Cambaia, assi por dar aos seus mostra de si que era vivo, & com esperança de os poder soccorrer, com favor dos Portugueses, & cobrar seu Estado, como para saber as fortalezas, & lugares que estavão de sua devação. Para o que tomou conselho com o Governador, que lho approvou; & para esta jornada lhe pedio ouvesse por bem que Martim Afonso de Sousa fosse com elle, porque alem do valor de Martim Afonso nas armas, & conselho na guerra, & aprazivel conversação, & outras boas qualidades, eralhe el Rei Badur mui affeiçoado, & dezia, que tanto estimaria levar comsigo Martim Afonso, como levar mil Portugueses. O Governador lho concedeo, & mandou mais algũs fidalgos que o acompanhassem. [a]

[a] *Escreve Diogo do Couto, q̃ os Portugueses q̃ forão cõ Martim Afonso de Sousa, erão quinhentos. E os fidalgos q̃ o acompanharão forão Fernão de Sousa de Tavora, Francisco de Sà dos otolos, Dõ Diogo de Almeida Freire, Martim Correa da Silva, Manoel de Sousa de Sepulveda, Antonio Moniz Barreto, & outros. Cap. 10. do liv. 9. Francisco de Andrade diz, q̃ os Soldados espingardeiros erão cento, & de cavallo cinquoenta fidalgos, & gẽte nobre, a que Badur mandou dar os cavallos. Cap. 11. da 3. parte.*

El Rei ſe partio, deixando encomendadas ao Governador ſuas molheres, & ſua mai, & familia, & correo algũs lugares de ſeu Reino, de que achou algús ſerem leaes, & eſtarem as fortalezas por elle, & dos que eſtavão pelos Mogoles ſoube que tinhão mui fracos preſidios, & que os poderião facilmente cobrar. Porque como os Mogoles não fazem longa habitação nos lugares, aſsi não occupão gente militar, de que tem neceſsidade em preſidios, & os que deixarão erão de pouca gente, & eſſa mal provida, por não ſerem elles ſenhores do campo, & terem longe o ſoccorro. Mas como el Rei não ia fazer guerra, nem à reſtituirſe d'algũa maneira, ſenão à dar viſta de ſi à ſeus vaſſallos, nem levava campo formado, & lhe derão novas que os Mogoles abalavão contra elle com grande exercito de pè, & de cavallo, não ſe atrevendo à pelejar com elles, determinou retirarſe à Dio. Mas animado per Martim Afonſo de Souſa, cõ ſeu conſelho, ſe ſobio à hum monte vezinho, para onde ſe recolhia grãde multidão de gente q̃ vinha fugindo dos Mogoles, a qual Martim Afonſo fez retèr, & alojar ordenadamente, & no cume do monte mandou plantar as inſignias Reaes, porque vendoas o inimigo, & cuidando q̃ aquella gẽte era de guerra, não ouſaria cõmetter o monte. Reſpondeo o ſucceſſo ao diſcurſo de Martim Afonſo; porque logo appareceo no campo hum irmão d'el Rei dos Mogoles com oito mil de cavallo, que eſtando em Abmadabad teve aviſo de como Badur andava pelo Reino com pouco poder, & vinha com aquella gente eſcolhida para o prender. E como chegou à aquelle campo, & vio ſobre o monte as inſignias Reaes, & tanta multidão de gente, parecendolhe que toda era de guerra, foi dando viſta pelo pè do monte, & ſaindoſe do campo. Martim Afonſo contra vontade d'el Rei com os poucos da ſua companhia deſceo à baxo para reconhecer o caminho que levavão os inimigos, & os vio entrar per algũas aldeas, & queimalas; & não podendo remedear aquelles dãnos, por não tèr gente, tornouſe à el Rei, que ficou no monte aquella noute com grandes vigias. E ſabendo que os Mogoles ſe ião recolhendo, mandou algũs Capitães que os ſeguiſſem, atè de todo ſe ſairem do Reino. E receandoſe de outra volta, ſe recolheo à Dio, mui ſatisfeito dos Portugueſes que o acompanharão, aos quaes fez muitas merces.

*Diogo do Couto no capit. 10. do livro 9.*

Sabendo



Sabẽdo o Governador, que os Mogoles ſe movião, receou q̃ foſſem ſobre Baçaim, & o tomaſſem, pelo q̃ mãdou Garcia de Sà que foſſe para là, & lhe deu quatrocentos Portugueſes que foſſem com elle; & aſsi lhe mãdou, q̃ entretanto juntaſſe os materiaes neceſſarios para elle ir fazer naquelle lugar hũa fortaleza como ſe acabaſſe a de Dio. Eſtando Garcia de Sà em Baçaim chegou Gaſpar Preto que vinha do Nizamaluco, ſobre deixar a guerra de Cãbaia; o qual lhe deu novas, que vindo de là para Dio ſoubera que ia hum Capitão d'el Rei dos Mogoles ſobre Baçaim com vinte mil de cavallo, & gente de pè ſem conto para o tomar, & dalo à Melique Liaz, que ſe lançou com el Rei dos Mogoles, como fica ditto atras. E que os corredores deſta gente chegarão tam perto delle, que lhe cattivarão algũas peſſoas de ſua companhia; pelo que lhe fora forçado deixar o caminho que levava, & ir à Damam, & d'alli viera per mar à Baçaim. Garcia de Sà que ja ouvira eſta nova, ficou mui triſte, quando vio que a confirmava Gaſpar Preto, com cujo parecer, & d'outros muitos determinou de não eſperar os Mogoles, vindo ja tam perto, porque lhes parecia temeridade, não ſendo mais de quatrocẽtos, & os inimigos ſem conto, eſperalos em cãpo, polo que ſe apercebeo para embarcarſe, & irſe. A gente da terra, & os mercadores eſtrangeiros que hi reſidião, & ſe tinhão por ſeguros cõ a preſença de Garcia de Sà, ſe derão por perdidos; & tudo erão lamentações, & alaridos das molheres, & meninos, quando vião entrouxar os Portugueſes.

*Fernão Lopez de Caſtanheda no cap. 122 do liv. 8. E Franciſco de Andrade no cap. 12. da 3. parte.*

Antonio Galvão que alli eſtava, vendo a grande quebra, & deſcredito que era para os Portugueſes irẽſe d'aquella maneira, principalmente em tempo em que toda a cõfiança d'el Rei de Cambaia eſtava nelles, parecendolhe mal aquella determinação, fez hũa falla à Garcia de Sà, dizendolhe, que não lhe podia negar, que quando alli vèo para defender Baçaim dos Mogoles não ſabia q̃ os homẽs que trazia não erão mais dos que agora erão em reſpeito dos inimigos. E que neſſe tẽpo imaginara mui bẽ quantos avião de ſer, pois querião tomar aquella terra, à que o Governador o mandara para lhes reſiſtir. E que tambem lhe não negaria, que bem ſabia quando alli o mandarão, que não tinha onde ſe defendeſſe, ſenão no campo pelejando. E que pois ſe entam não eſcuſara de acei tar eſſa empreſa, podendoo fazer, ſem deſonra, pois ninguem

„ o ſabia, que não era decente eſcuſarſe agora com ficar deſon-
„ rando à ſi, & aos Portugueſes com tamanho deſcredito, pois
„ era em publico: & que por ſoſtentar o credito que ſeus paſſa-
„ dos tinhão ganhado na India à cuſto do ſangue de tantos, cõ-
„ pria à ſerviço de Deos, & d'el Rei, & da ſua Patria, não dege-
„ nerar delles, & alli perder as vidas, que durão tam pouco. E q̃
„ aſsi lho requeria o fizeſſem. Quanto mais, que ſem as perder,
„ ſe poderião defender com a artelharia, & eſpingardaria, que
„ tinhão, que lhe defenderião a dianteira, & as coſtas o mar: &
„ brevemente farião hũa tranqueira da muita madeira, que alli
„ tinhão, que com hũa cava ficaria fortiſsima. A gente plebeia
„ não approvava o que Antonio Galvão dizia: mas primeiro
„ que Garcia de Sà lhe reſpondeſſe, começarão de dizer, que o
„ que Antonio Galvão dizia, era eſcuſado: o q̃ elle ſentio mui-
„ to, vendo que ſe não punha em prattica, o que avia propoſto.
„ Mas Garcia de Sà, à quem aquelle conſelho pareceo bem, lhe
„ louvou as razões que deu, & lhe pedio, tomaſſe à ſeu cargo fa
„ zer a metade da tranqueira: & aſsi a fez. A gente da terra, & os
„ eſtrangeiros, ſe ajuntarão com Garcia de Sà, & o ajudarão. O
„ Capitão dos Mogoles ſabendo quam fortalecidos os Portu-
„ gueſes eſtavão, deixou a ida de Baçaim, & tournouſe: no que
„ os Portugueſes ganharão muito credito, & honra, a qual toda
„ ſe attribuio à Antonio Galvão, que deu o conſelho.

Vindo à noticia de Mirao Muhmald ſobrinho d'el Rei de Cãbaia, que os Mogoles não ouſarão ir à Baçaim, & que elle não tinha ja que fazer na frontaria de Damam, eſtando amigo com o Nizamaluco, & que el Rei dos Mogoles era ido caminho de Bengalla, & a gente, que deixava em algũas forças de Cambaia, não era baſtante para lhe impedirem andar pelo Reino, com a que elle tinha, & com outra que lhe Soltam Badur mandou, & com a que lhe Nizamaluco deu, lhe fez logo guerra, & lhe tolheo os mantimentos, de que tinhão muita falta, por não eſtarẽ ſenhores do campo, de maneira que forão alargando as fortalezas, & ſe forão hũs para ſuas terras, outros para Emirzaman cunhado de ſeu Rei, que ſe paſſou a el Rei de Cambaia: & acodindolhe d'ahi adiante mais gente, pôs a couſa em eſtado, com que Badur deſpois cobrou todos os ſeus ſenhorios.

(***)

CAPI-



## CAPITVLO XVII.

*Como Soltam Badur ſe arrependeo de dar a fortaleza de Dio aos Portugueſes, & quiſera fazer entre ella & a cidade hum muro, com que a cegara, & como o Governador o pacificou, & ſe foi à Goa.*

ENDO Soltam Badur naturalmente de ſua condição inquieto & inconſtante, que lhe não durava muito hũa vontade, & eſtava ja deſapreſſado do Nizamaluco, & em eſperanças de o ſer dos Mogoles, quando vio a fortaleza de Dio acabada, arrependeoſe em grande maneira de a ter concedida aos Portugueſes, & ja que a não podia deſfazer, determinou de a cegar, com mandar fazer hum muro entre ella & a cidade, de maneira que a cidade não ficaſſe ſubjugada da fortaleza, com tenção, que ido Nuno da Cunhã, faria no muro baluartes, com que podeſſe bater a fortaleza, & tomala. Com eſta determinação, mandou dizer ao Governador por Nina Rão Capitão de Dio, que avia de fazer o muro. O Governador, avendo conſelho com ſeus Capitães, aſſentarão, que Fernão Roiz de Caſtellobranco lhe foſſe dizer, que a fortaleza era ſua, & elles ſeus, que por iſſo era eſcuſada aquella parede. El Rei lhe reſpondeo, que aquella parede queria fazer para evitar eſcandalos entre os ſeus, & os Portugueſes, & não ſe quebrar a amizade que tinha com el Rei de Portugal. E paſſando algũs recados de parte à parte, mandou dizer ao Governador, que elle não ſe obrigara pelo contratto das pazes à ſer ſujeito à Portugueſes, ſe não à darlhe lugar para hũa fortaleza, & que elles o querião forçar à que não fizeſſe hũa parede em ſua terra: & porque Fernão Roiz levava ordem do Governador, que inſiſtindo el Rei em fazer a parede, o deſenganaſſe, que o Governador lho não avia de conſentir, elle o fez aſsi: de que Badur ficou mui reſentido, parecendolhe que era grande quebra ſua, tam ſeco deſengano, & bẽ ſe entendeo delle, que ſe pudera, logo ſe vingara do Governador. Mas como tinha pouco poder, & ainda os Mogoles andavão em Cambaia, diſsimulou eſte odio, determinando de tomarlhe a fortaleza à ſeu tempo.

Eſtando algũs dias que de arrufado ſe não vira com o Governador, lhe mandou dizer por Nina Rao, que lhe deſſe a gente que lhe prometera para ir contra os Mogoles, & eſcuſandoſe elle diſſo, por ſer inverno, & dilatandoo para o verão ſeguinte, com receo que dandolha, a mataſſe à traição. Queixouſe el Rei muito de lhe o Governador não comprir o contrato, dizendo, que elle buſcaria ſeu remedio, & fez com Nina Rao que diſſeſſe ao Governador em ſegredo, como de ſeu, que el Rei Badur queria irſe para Meca, para que entendeſſe o Governador que ſua ida ſeria para trazer ſoccorro do Turco. E poſto iſto em conſelho, crendo todos que ſeria aſsi, ſegundo el Rei era voluntario, & determinado, aſſentarão, que convinha detelo por a diviſão que avia em Cambaia. E fazendo o Governador que ſe viſſem ambos, por el Rei eſtar na quintãa de Melique Az, viráoſe na ponta de Dio, aonde o Governador foi em hũa fuſta, & com elle Martim Afonſo de Souſa, Manoel de Souſa, Dõ Gonçalo Coutinho, Fernão Rodriguez de Caſtellobranco, & Ioão da Coſta Secretario do Governador. El Rei o eſperou em outra fuſta, acompanhado de quatro, ou cinquo Senhores Grandes de ſeu Reino.

O Governador ſe metteo na fuſta d'el Rei, & ambos na poppa, ficando os fidalgos, & Senhores de fora. Alli fez el Rei hua longa prattica ao Governador toda de queixumes de lhe não comprir o contratto, como elle comprio. E por o Governador eſtar doente, pedio à el Rei, que permitiſſe reſponder por elle Fernão Rodriguez que ſabia bem d'aquelle negocio. O qual lhe diſſe, que S. A. era o que não compria o contratto, porque lhe concedera hũa fortaleza, & a vira fazer, & agora lhe tirava os olhos, & a viſta, pois com a parede ficava cega, & imperfeita, & differente das outras fortalezas, & que as doações que os Principes fazião ſe entendia per dereito de todas as gentes, que avião de ſer largas, & liberaes, & não diminutas, & inutiles, que não hõraſſem à quem as dava, nem aproveitaſſem à quem as recebia. E que a fortaleza era para S. A. tam proveitoſa, como para os Portugueſes, que ja crão ſeus, & eſtavão alli para o ſervir, & morrer em ſua defenſão quando compriſſe. E que a gente que lhe pedia, que ainda que lha agora deſſe, não podia fazer com ella couſa algũa, por que por ſer inverno não podia eſtar em campanha, que no verão quando lhe poderia ſervir, lha daria quanta quiſeſſe. E que



que o meſmo fizera ainda q̃ não eſtivera capitulado no contratto, por a vontade que tinha de o ſervir. E que não cuidaſſe outra couſa. Com aquellas razões, & outras ſe abrandou el Rei, & prometteo de ſe vir para a cidade, dizendo, que não ia logo porque não cuidaſſem os Mouros que o levavão forçado. E o Governador ſe tornou, & ao outro dia ſe foi el Rei para a cidade como tinha promettido, & ſe reconciliou com o Governador, ainda que não de coração, porque determinava de lhe tomar a fortaleza como viſſe tempo.

Avendo pois o Governador fundada a fortaleza, & eſtando de acordo com Soltam Badur, & deixando Manoel de Souſa bem provido de gente, mantimentos, & munições, & do mais que compria para ſua defenſa, [a] antes de ſe partir para Goa, teve com el Rei todos os comprimentos devidos, dizendolhe, que alli deixava Manoel de Souſa com toda aquella gẽte, & armas, mais para o ſervir, que para guarda da fortaleza: & que iſſo era o que lhe deixava mais encarregado; & que todas as vezes que foſſe neceſſario acudir elle Nuno da Cunha em peſſoa com todo o Eſtado da India, o faria por o ſervir. E que ia contente de ſi, por ver que ja tinha cobrado parte de ſeu Reino; & que eſperava em Deos, que por aquelle ſerviço que fizera à el Rei ſeu Senhor, em lhe dar lugar para aquella fortaleza em Dio, ſeria cauſa para elle Soltam Badur tèr mais ſeguro, & mais quieto d'ahi em diante o ſeu Eſtado. Com eſtes offerecimentos, & outros neceſſarios ao tempo, ſe deſpedio d'el Rei, ficando ambos muito amigos. Nina Rao o tio d'el Rei Capitão de Dio, receandoſe que não faltaſſe hũ acha que com que el Rei hum dia o mandaſſe matar, como tinha feito à muitos, pedio à Nuno da Cunha em muito ſegredo, que deixaſſe ditto à Manoel de Souſa, que ſendolhe neceſſario o recolheſſe à elle com ſua molher, & filhos, & familia na fortaleza; porque ſe temia da inconſtancia d'el Rei, & que elle o ſerviria. Nuno da Cunha o deixou mui encarregado à Manoel de Souſa, folgando muito de tèr por amigo hum homem tam principal como aquelle. Ordenadas todas eſtas couſas, partio Nuno da Cunha de Dio à xx. de Março do anno de M.D.XXXVI. & foi à Baçaim onde chegou cõ toda ſua armada, & vendo a tranqueira que ſe fez por conſelho de Antonio Galvão, gabou a muito, & foi ver o ſitio onde ſe avia de fazer a fortaleza, a qual começou logo: & por fazer honra à

a. *Deixou o Governador por Capitão do baluarte do mar à Lionel de Souſa de Lima cõ trinta eſpingardeiros. Fez à Antonio da Veiga Feitor, & Alcaide mòr. A Pedralvarez de Almeida Ouvidor. No rio deixou duas albetoças, hũa caravella, hũa galè, & quatro catùres para o ſervi ço: & na fortaleza ſeſenta peças d'artelharia; a melhor q̃ entã avia na India. Na Igreja (q̃ ſe fez no alto da fortaleza, & tam forte, q̃ della podia jugar a artelharia, ſendo neceſſario) pòs Vigairo com ſeis Sacerdotes. Fez pagamento à toda a gente de ſeis meſes, & entregou ao Feitor dez mil pardaos para o que foſſe neceſſario, & para ſe continuar cõ as obras da fortaleza. Franciſco de Andrade cap. 17. da 3. parte.*

Antonio Galvão quando se abrirão os aliceces, mandoulhe que desse elle as primeiras enxadadas, & posesse a primeira pedra, & deixando Garcia de Sà para acabar a obra, partiose para Goa, onde foi recebido cõ muita alegria, por deixar mais duas fortalezas de hũa viagem, tam importantes, como a de Dio, & a de Baçaim, accrescentadas ao Estado da India.

## CAPITVLO. XVIII.

*Como Garcia de Sà Capitão de Malaca, por engano d'el Rei de Achẽ, lhe mandou Manoel Pacheco em hum galeão à boafè, & elle, & os que levava forão mortos à traição.*

a. *Tendo o Achem aviso que em Malaca estava hã Embaxador d'el Rei de Arù, amigo dos Portugueses, que vinha pedir soccorro contra elle ao Capitão Pero de Faria, & sabendo q̃ se apresta va o soccorro, receando q̃ cõ elle lhe faria muita guerra el Rei de Arù, para o estorvar mandou Antonio Caldeira, offerecẽdo a paz, cõ as condições referidas, q̃ parecendolhe à Pero de Faria q̃ dellas ganhava mais que no soccorro d'el Rei de Arù, deixou de lho dar, posto q̃ com grande cõtradição de Martim Correa, que conhecendo as traições do Achẽ, lhe acõselhava q̃ não deixasse de dar soccorro ao Arù, pelas falsas promessas do Achẽ. Mas persuadido Pero de Faria de Antonio Caldeira, espedio ao Embaxador d'el Rei de Arù sem soccorro, & mãdou dous homẽs à Malaca à tratar das pazes, q̃ aportarão á hũa Ilha na costa do Achẽ, onde forão mortos. E ao Arù mandou Fernão de Moraes em hum galeão, à darlhe satisfações de o não ajudar naquella occasião contra o Achem, que forão d'el Rei mal recebidas.*
*Fernão Lopez de Castanheda cap. 83 do liv. 7.*
*Diogo do Couto Dec. 4. liv. 5. cap. 8.*
*Francisco de Andrade 2. parte. c. 37.*

Vardando a ordẽ com q̃ começamos de tratar das cousas de Malaca, & Maluco apos as da India, das quaes por as não interrõper, ha muito q̃ não fallamos; he tẽpo de relatarmos o q̃ naquellas partes succedeo. Ditto temos atras, como em tẽpo de Lopo Vàz de Sampaio, foi morto Simão de Sousa Galvão, indo para servir de Capitão mòr do mar de Maluco, com a maior parte dos que levava, & outros ficarão cattivos, & entre elles Iorge de Abreu, & Antonio Caldeira. Feita aquella maldade por el Rei de Achẽ, & fingindo elle q̃ lhe pesava d'aquelle succesſo, não satisfeito cõ tam pequena presa, mandou dos cattivos tres à Pero de Faria Capitão q̃ entã era de Malaca, dizendo, q̃ elle folgaria de tèr paz com Malaca, & queria tornalhe a galè, & os cattivos q̃ là tinha, para o q̃ lhe enviasse algũa pessoa para assentar esta paz cõ elle, & lhe fazer entrega de tudo.[a] Pero de Faria vendo quãto importava à navegação de Malaca tèr paz cõ aquelle Rei, q̃ ia crescendo em poder, & q̃ não lhe faltava mais para fazerse Senhor da maior parte de Samatra, q̃ tomar o Reino de Arù vezinho de Malaca, cõ o qual elle entã estava de guerra, ouve q̃ Deos lhe movia o animo para nosso beneficio na paz q̃ cõmettia. E logo mãdou armar hũa lancha cõ algũs Portugueses sòmente para saber se era verdadeira aq̃lla sua tenção, para nisso prover cõforme ao q̃ achasse nelle. Os quaes Portugueses forão mui bẽ tratados delle, & lhe deu grãdes dadivas, q̃ cõfirmavão o q̃ elle mandara dizer à Pero de Faria. Mas como elle era traidor, & sem



& sem fè, mãdou saltar com elles ao caminho, & forão todos mortos, & a lãchara mettida no fũdo, porq̃ não appareceſſe.[a]

E avendo seis meses q̃ tinha isto feito, sendo ja Garcia de Sà Capitão de Malaca, q̃ succedeo à Pero d̃ Faria, escreveolhe este Mouro hũa carta cõ sobrescritto para Pero de Faria, em q̃ lhe dezia, q̃ avendo tãto tẽpo q̃ là mãdara hũa lanchara cõ certos homẽs sobre o negocio da paz q̃ queria tèr cõ elle; estãdo esperando por sua resposta atè entam não vira seu recado. E porq̃ elle estava na mesma vontade, lhe pedia mandasse là algũa pessoa notavel para isso, por não irem, & virẽ recados, & fez escrever à Iorge de Abreu, & aos outros Portugueses que là tinha cattivos, quanto elle desejava a paz, & que logo os soltaria. E que a causa principal porque a desejava, era por tèr guerra com el Rei de Arù, & queria favorecerse com Malaca, & tèr os Portugueses por amigos. E como homẽ falso que era, neste tempo trattava estes cattivos com muito mimo, para elles escreverem à Garcia de Sà este bom tratamento, & debaxo desta simulação armava a traição mais à seu proposito, como aconteceo, posto q̃ o caso mais foi descuido, & simplicidade dos nossos, que astucia sua.

Porq̃ vendo Garcia de Sà este recado, parecendolhe q̃ não avia outra maior verdade, segũdo lhe os nossos escrevião, mãdou apparelhar o galeão S. Iorge, que era de dozentos toneis, armado cõ sette bombardas grossas, tres falcões, & vinte berços, & muitas panellas de polvora, com oitẽta & cinco Portugueses, os principaes de Malaca, ordenado tudo cõ cautela de as lãcharas deste Tyranno lhe não poderẽ fazer dãno. Deste galeão mãdou Garcia de Sà por Capitão à Manoel Pacheco, q̃ era mui bõ cavalleiro, o qual cõ seu descuido o foi entregar às lancharas de Achẽ, assi como ia armado. Porq̃ chegado ao porto de Achẽ, hũ pouco ao mar, por lhe calmar o vento, vierão logo à elle algũas lãcharas da parte d'el Rei saber quẽ erão, & o q̃ querião. Ao q̃ elle respondeo o à que vinha, & q̃ ao outro dia, se não ventasse, lhe mandasse lancharas para o reboca rẽ, & metterẽ no porto. El Rei como isto lhe vinha à poppa do q̃ tinha ordenado, mandou logo soltar suas lancharas, com algũs baileus altos, q̃ andão no meio dellas, donde pelejão, à maneira das redes q̃ cà usamos, & os remeiros ficão per baxo, & todos cõ grandes festas, mostrando q̃ o fazião por hõra dos nossos. Muitos que não erão acostumados à guerra das

a. *Estes Portugueses diz Diogo do Couto q̃ forão mandados por Garcia de Sà, em cõpanhia de hum Embaxador do Achem, per quem elle mandou pedir pazes à Garcia de Sà, com as condições q̃ offerecera à Pero de Faria. O qual Embaxador entrou com grande apparato em Malaca, sobre hum Elefante, com hum prato d'ouro nas mãos, em que levava a carta d'el Rei do Achem, para o Capitão, & diante delle ia hum homem como Rei d'armas, q̃ ao som de algũs instrumentos publicava em alta voz q̃ el Rei do Achem mandava cõmetter pazes, & amizades aos Portugueses.*
*Diogo do Couto cap. 9. do liv. 5.*
*Francisco de Andrade cap. 46. da 2. parte.*
*Fernão Lopez de Castanheda cap. 99. do liv. 7.*

lancharas,quando as virão, eſpertarão ao Capitão, dizendo, que lhe não parecia bem aquelle modo de feſta,que por qual quer maneira q̃ foſſe os devião de receber armados,& poſtos em ordem de peleja.O Capitão Manoel Pacheco,à quem pa rece que ſua hora o enganava, & aſsi a de muitos q̃ alli erão, começou à bradar que ſe não armaſſem, que dãnavão todo o concerto,& ordẽ q̃ levava de aſſentar a paz, q̃ o não deſonraſſem,& ſe deixaſſem eſtar,nẽ fizeſſem alvoroço,porque na deſcõfiança q̃ moſtravão,dãnavão o à q̃ vinhão.E como ho mem q̃ recebia irmãos,& não inimigos,deixouſe eſtar cego, & contumaz naquella perfia.De maneira,que o galeão ficou per todas partes cercado,& dos baileus ſaltarão os Mouros dẽ tro,ferindo algũa gente: quando Manoel Pacheco acordou d'aquella modorra que tinha, foi o primeiro que os Mouros matarào às frechadas,ſem elle tèr arma na mão com que ſe defender.O meſmo aconteceo aos outros,que eſtavão na propria cegueira.Os q̃ ſe poſerão em defenſão, erão tã poucos em reſpeito do grande numero dos inimigos, q̃ quaſi todos morrerão.[a] O galeão foi appreſentado à el Rei cõ muita feſta,q̃ para os cattivos que eſtavão eſperãdo ſua redempção foi a meſma morte,& entam entenderão que o bom trattamento que lhes d'antes fizerão,era para aquelle fim.

O Tyranno como vio que por fabricar aquella maldade avia de ficar perpetuamente em noſſo odio, aſſentou pazes com el Rei de Arù, com fundamento que com ſeu favor, & com ajuda d'outros Mouros vezinhos, com que naquelle tempo eſtavamos de guerra, podia tomar Malaca. Eſta pretenſão lhe facilitava hum Mouro honrado de Malaca, por nome Sinaia Raja, que acerca dos Malaios tinha muita autoridade, com quem eſte Rei de Achem ſe carteava, & por cujo conſelho, & inſtrucção tomou o galeão per aquelle engano. O qual lhe mandou dizer, que buſcava tempo para lhe dar nas mãos a fortaleza de Malaca, como lhe dera o galeão, & a galè. E correo muito riſco de ſer aſſi, ſe a couſa ſe não deſcobrira por os meſmos Malaios. Porque andando muitos Mouros de Achem d'armada ao lõgo da coſta de Malaca,ajuntaràoſe algũs Malaios cõ os Achẽs onde chamão o Tanque,& alli fizerão hum banquette,em q̃ os Achẽs deſpois de ſe eſquentarem cõ o vinho,contarão aos Malaios como por inſtrucção de Sinaia, el Rei de Achem tomara o galeão,& como mandara matar no mar ſecretamẽte o Embaxador de Pero de Faria para mais diſsimulação, & tinhão concertado de tomar a fortaleza em hum certo dia, ao tempo que Garcia de Sà eſtiveſſe na Igreja com toda a gente. Diſto foi logo aviſado Garcia de Sà per algũs d'aquelles Malaios, que erão ſeus amigos, & aſſentou de matar Sinaia com o menos alvoroço que pudeſſe ſer.Polo que logo o mandou chamar,& vindo com hũ ſeu enteado por nome Tuam Mahamed,& dandolhe razão do que tinha ſabido da ſua traição,lhe mandou arar as mãos atras,& lançalo da torre de homenagem abaxo,& aſsi foi morto. A Tuam Mahamed que não tinha culpa conſolou, & acompanhado o mandou para ſua caſa,o qual com ſua mai,& com toda ſua fazenda o mais ſecretamente que pòde ſe ſaio de Malaca,& ſe foi para el Rei de Vjantana. Os Malaios ficarão eſpantados,& comparavão aquelle caſo ao de Vtimuta Raja, em tempo de Afonſo de Alburquerque,& dezião,que os Portugueſes ſabião muito, que não ſe lhes eſcondia nada. E deſta morte de Sinaia Raja ficou el Rei de Achem muito triſte, por ſe deſcobrir o que tinha feito,& o que pretendia fazer.

[a] *Os que eſcaparão vivos forão levados com o galeão à el Rei, que os mãdou matar,& aos outros Portugueſes da galè de Simão de Souſa, que tinha cattivos.*
*Fernão Lopez de Caſtanheda cap. 99. do liv. 7.*

*Fernão Lopez de Caſtanheda no cap. 10. do liv. 7.*
*E Diogo do Couto no cap. 7. do liv. 5.*



## CAPITVLO. XIX.

*Como Gonçalo Pereira indo à Maluco mandou viſitar à el Rei de Borneo, & como chegando à Ternate, a Rainha lhe mandou pedir juſtiça de Dom Iorge de Meneſes, & que ſoltaſſe ſeu filho.*

*Eſte Capitulo,& os dous ſeguintes, & o Capitulo vintequatro,ſe amplião quanto pareceo neceſſario, por deixar Ioão de Barros eſcrita a ſubſtãcia delles em mui poucas regras.*

Gonçalo Pereira,q̃ el Rei D. Ioão mandou deſte Reino provido da Capitania de Maluco,avẽdo de fazer ſua viagẽ, o Governador Nuno da Cunha lhe deu regimento, q̃ de Malaca fizeſſe ſeu caminho pela Illia de Borneo, para de ſua parte viſitar à el Rei,& tomar alli algũa mercadoria neceſſaria para Maluco. E partindo elle de Malaca em Agoſto de M.D.XXX.& fazendo ſeu caminho per entre muitas Ilhas, chegou ao porto da cidade dBorneo,da qual como mais principal ſe denomea toda a Ilha, & logo mandou hũ preſente à el Rei per Luis de Andrade,q̃ ia por Alcaide mòr da fortaleza de

de Ternate,& dizerlhe,que el Rei de Portugal, & o ſeu Governador da India o mandava alli para o ſervir no que lhe mandaſſe, porque deſejava muito ſua amizade, & que ſeus vaſſallos foſſem trattar à Malaca, como ião d'antes, onde ſerião mui bem recebidos,& tratados, & que os Portugueſes foſſem à ſeus portos, & tiveſſem nelles cõmercio. Com o recado do Governador moſtrou el Rei muito goſto,& reſpondeo à elle com muitas palavras de agradecimentos, & offerecimentos de ſua amizade;& de fazer tudo o que ſe lhe pedia, & deſpachado em breve Luis de Andrade, mandou com elle dous Mandarijs viſitar à Gonçalo Pereira, & levarlhe hum preſente.

Era eſte Rei de Borneo na ſeita Mouro, como tambem erão os ſeus, rico, & poderoſo, & que ſe ſervia com grande eſtado;tinha hum Governador,que por elle regia o Reino, à q̃ em ſua lingoa chamão Xabandar. São os d'aquella Ilha gente baça, mas bem diſpoſtos; no trajo dos veſtidos, & lingoa ſão como os Malaios. He terra mui abaſtada de carnes,arroz, & outros muitos mantimentos,& de mercadorias da terra de muito preço. Naſcẽ nella pelas praias do mar junto da cidade de Tãjapura diamãtes mais finos,& de maior valia q̃ os da India,[a] & per toda ella naſce a verdadeira canfora em arvores, como na Europa naſce a reſina,& eſta he a q̃ na India tẽ grande preço, q̃ a q̃ là vai da Perſia hé falſificada.[b] A cidade de Borneo he grãde cercada de muro đ ladrilho,de nobres edificios, onde os Reis reſidẽ,& tẽ hũs paços ſumptuoſos. Habitão em Borneo, Lave, Tãjapura, Modurò, Ceravà, portos principaes deſta Ilha, muitos,& mui ricos mercadores q̃ trattão em Malaca, Samatra, Sião na China,& outras partes,à q̃ levão diamãtes, canfora, paõ de aguila, & mantimentos, & hum vinho q̃ chamão Tampor,que he o melhor que ha entre os artificiaes.

D'aquella cidade partio Gonçalo Pereira, deixando el Rei muito amigo, & chegou à Ternate em Outubro do anno de M.D.XXX. Dom Iorge de Meneſes,quando ſoube q̃ Gonçalo Pereira ia provido da Capitania de Ternate por el Rei,& que levava conſigo Lionel de Lima, q̃ era ſeu inimigo,temeo que per elle ſeria mexericado cõ o Governador, & ſe deu por preſo; & para não ficar tam afrontado ſe o foſſe, ſaindo receber à Gonçalo Pereira, deſpois de lhe entregar a fortaleza,& as chaves della,& à el Rei Cachil Daialo,tomou na mão hũs

a. *Em duas partes da India ſe achão Diamantes, em Biſnagà, & no Decan na terra de hum Senhor gentio,perto do Eſtado do Madre Maluco. Em Biſnagà ha duas, ou tres rocas, ou minas delles: & no Decan hũa, que chamão a Roca velha,cujos Diamantes ſão melhores, poſto que não tam grandes como os de Biſnagà. Eſtes de Tanjapura na Ilha de Borneo ſão de muita eſtima por ſua perfeição, como diz Iolão de Barros, mas peſão muito. Criãoſe neſtas rocas os Diamantes em eſpaço de tres annos. Os Arabios,& Mouros lhe chamão Almaz: os Gentios de Biſnagà & Decan,Irà: & os Malaios, Itam. Não ſe abranda, nem ſe lavra o Diamante com ſangue de cabrão, não tira a virtude à pedra de Cevar, com qualquer martello, & pouca força ſe quebra,& os ſeus poos não ſão peçonha,nem matão: cõtra o que eſcrevem autores graves,& a vulgar opinião.*

*Garcia d'Orta no livro dos ſimples, & drogas da India colloquio 43.*

b. *A Canfora à q̃ chamão os Arabios Capur,& Cafur,he hũa goma de arvores grandes,altas,& eſpaçoſas da feição da Nogueira, q̃ tem a folha brãca como a do Salgueiro, & a madeira como a da Faia. Achaſe na China,& em Borneo: eſta não ſe traz à Europa,por aver della mui pouca,& ſer dos Borneos tam eſtimada, q̃ val hũa livra della,quanto val hũ quintal da Canfora da China. Eſta vem à Europa em pães q̃ peſa cada hum delles quatro onças, & a de Borneo he toda em grãos,apartados por hũa joeira de cobre, per que ſe joeira o Aljofar,& o maior delles peſa hum adarme. Tambẽ ſe acha Canfora em Pacem,& em Bairros perto de Malaca.*

*Garcia d'Orta, Colloquio. 12. & Chriſtovão de Acoſta no tratado das Drogas,cap.33.*



hũs grilhões q̃ lhe levava hũ criado debaxo da cappa,& diſſe à Gonçalo Pereira,q̃ ſe tinha neceſsidade d'aquelles ferros para lhos lançar,alli os trazia,& eſtaria mui obediente para os receber. Ao que reſpõdeo Gonçalo Pereira, que elle não vinha para o anojar,ſenão para o ſervir no que pudeſſe, comprindo a obrigação de ſeu cargo. Com iſto entrarão na fortaleza, onde Dom Iorge banqueteou à Gonçalo Pereira, deixandoo nella ſe foi para ſua pouſada,que ja tinha fora della.

Tanto q̃ a Rainha ſoube da vinda de Gonçalo Pereira,ella & os Mandarijs q̃ com ella ſe fairão da cidade, lhe mandarão hum Mandarin,homẽ prudente,& q̃ bẽ fallava a lingoa Portugueſa. O qual lhe fez hum grave razoamento ſobre as grandes injurias q̃ os Portugueſes lhe fizerão,recõtando juntamẽte os beneficios que dos Ternates receberão, recolhendoos elles com muito favor,& amizade,por a fama q̃ delles avia de eſforço,& juſtiça;pelo q̃ el Rei Boleife lhe deu ſitio para fazer rẽ ſua fortaleza, ſem outro intereſſe mais que o goſto da ſua amizade. E q̃ em pago deſtas boas obras, a molher, & filhos do meſmo Rei, & ſeus vaſſallos, vierão ſer tam perſeguidos dos meſmos Portugueſes, q̃ deixadas ſuas caſas, & a terra em que naſcerão forão buſcar outras, de maneira que cuidando q̃ mettião amigos cõſigo,ſe acharão com inimigos, & como taes os trattarão. Porque à el Rei Bohaat filho maior do meſmo Rei Boleife,q̃ os agaſalhou,contra dereito da hoſpitalidade,q̃ todas as gentes por feras,& barbaras q̃ ſejão reconhecẽ, ſendo moço,& innocẽte,o prẽdeo Antonio de Brito ſem cauſa,& deſpois ſuccedẽdo Dõ Garcia Enriquez não quis ſoltar, & Dõ Iorge de Meneſes proſeguio na priſão do ditto Rei,atè q̃ morreo nella. E para q̃ ſempre tiveſſe preſo hum Rei de Ternate,morto Bohaat,prẽdeo à el Rei Cachil Daialo ſeu irmão, ſẽ mais culpa, q̃ averẽ agaſalhado os Portugueſes. Do qual Dõ Iorge receberão tantas injurias,q̃ não as podendo ſofrer, mudarão a terra,& o eſtado: porq̃ à Cachil Vaiduatio d'el Rei,& Caciz mòr deſpois de D. Iorge,o prender por hũa couſa tã vil, como he hũa porca,ſẽdo do ſangue Real;& de tãta dignidade, por menoſpreço de ſua peſſoa, lhe untarão ſeu roſtro cõ hũa poſta đ toucinho,porſer carne entre elles abominavel, o q̃ foi injuria cõmun de todo o povo, por ſer cõtra os preceittos de ſua lei,& para lhe não faltar genero de crueza,q̃ não fizeſſe, ſẽdo o Regedor de Tabona homẽ de tãta eſtima, & autoridade, o man-

o mandara o meſmo Dõ Iorge cõ as mãos atadas deitar à ſeus cães; q̃ cõ eſpãto dos q̃ o virão morrera hũa morte cruel, & para magoar à ſeus meſmos inimigos. E q̃ ſobre eſte, & outros muitos exceſſos q̃ fizera, matara à Cachil Daroes irmão d'el Rei, & Governador do Reino, & a peſſoa principal delle, que tanto fizera por os Portugueſes ſe conſervarẽ em Ternate, dõde per muitas vezes forão lançados, ſe os elle não defendera. E q̃ temendo a Rainha, & os nobres do Reino, q̃ tambẽ mataſſe à elles, ſe auſentarão da terra. Poloq̃ a Rainha, & os Mandarijs ſe mandavão queixar à elle Gonçalo Pereira, & pedirlhe lhes fizeſſe juſtiça de Dõ Iorge de Meneſes, & lhes deſſe ſeu Rei, para os governar, & mãter em juſtiça, & para o caſarẽ, & aver filhos q̃ lhe ſuccedeſſem. E a Rainha particularmẽte lhe pedia com grande inſtancia lhe deixaſſe lograr ſeu filho eſſes poucos dias q̃ avia de viver, pois não tinha outro; & o maior lhe tiverão na priſão atè à morte, ſem aver delinquido.

Ouvido o Embaxador, Gonçalo Pereira pôs em conſelho a ſoltura d'el Rei, em q̃ ouve differẽtes pareceres. Hũs tinhão, q̃ lhes não compria ſoltalo, porq̃ a Rainha, & os Mandarijs ſentirão muito a priſão d'el Rei, afora os mais aggravos que lhes erão feitos, de que muito ſe eſcandalizarão; & q̃ como tiveſſem ſolto el Rei, ſe levantarião, para ſe vingarẽ dos aggravos paſſados, & evitarem outros de futuro. Outros diſſerão, que antes para os deſaggravar, & apaziguar, ſe devia ſoltar el Rei: porq̃ ſe Gonçalo Pereira continuaſſe na priſão d'el Rei, cuidarião que todos os Capitães lhes prenderião ſeus Reis, & os avião ſempre de aggravar, & como deſeſperados trabalharião de lançar fora os Portugueſes, que erão tam poucos, que não poderião reſiſtir aos Mouros ſe ſe ajuntaſſem em hũa vontade. O que eſtava certo ſer, ainda que entre ſi eſtiveſſem diſcordes, por ſer contra Chriſtãos, inimigos de ſua lei, que os querião dominar, & opprimir. E que em fim nenhum Imperio violento era muito duravel, & a longa paciencia dos males, que aquelles padecião tantas vezes offendida, ſe lhes tornaria em furor. E que ſe viſſem, que elle Gonçalo Pereira lhes ſoltava ſeu Rei, & não perſeveravão nas ſem razões dos Capitães paſſados, crerião que entre os Portugueſes avia homẽs humanos, & elementes, de quem podião eſperar boa vezinhança, & bom tratamento, & aſsi lhes ganharião as vontades, & terião a terra pacifica, & quieta.

Eſte



Eſte parecer contentou à Gonçalo Pereira, mas aſſentouſe, que a ſoltura d'el Rei ſe dilataſſe com algum pretexto honeſto, atè ſe acabar a fortaleza, para ſegurança dos Portugueſes. E aſsi a reſpoſta q̃ o Capitão deu ao Embaxador da Rainha foi, que era contenre de ſoltar à el Rei ſeu filho, & lho entregar, & fazerlhe a vontade, em tudo o poſsivel, que aſsi o queria el Rei de Portugal, & lho mandava o Governador, & que lhe pedia muito, que logo ſe tornaſſe com ſeus Mandarijs à Ternate, & que eſtiveſſe na amizade que antes tinhão.

A Rainha não ſe aquietou com eſta reſpoſta, mas replicou que lhe deſſe primeiro ſeu filho, & entam ſe iria para à cidade. E avendo ſobre iſto muitas altercações de parte à parte, por remate dellas ſe aſſentou, que el Rei ſe entregaſſe como os navios partiſſem para à India, & que Gonçalo Pereira juraſſe de o comprir aſsi, o que fez nas mãos do Vigairo ſobre hũa Cruz, ſendo preſentes os officiaes da fortaleza, & os principaes Mandarijs de Ternate. Com eſta promeſſa, & juramento fizerão os Ternates grande feſta, por a eſperança da liberdade de ſeu Rei, & a Rainha com ſeus Mandarijs ſe tornou logo à cidade. Gonçalo Pereira mandou viſitar a Rainha cõ hum bom preſente, & os Mandarijs principaes com outros, & recado que folgaria de os conhecer, & ſervir, pedindolhes que o foſſem ver à fortaleza. Aos quaes indo là fez muita hõra, & gaſalhado, & por contentar a Rainha, veſtio à el Rei de velludo de cores à Portugueſa, & com certos Portugueſes que lhe ordenou para ſua guarda, fez que o levaſſem pela cidade à ſe deſenfadar, do que todos ſe alegrarão, parecendolhes que Gonçalo Pereira compriria ſeu juramento, à quem moſtravão tèr amor. A eſte contentamento ſe acreſcentou fazerlhes Gonçalo Pereira hũ Governador do Reino à vontade da Rainha, & dos Mandarijs, que ſe chamava Cachil Ato, da geração dos Reis. Neſte meſmo tempo, por ſe queixar el Rei de Tidore, q̃ não podia pagar as pareas do cravo que lhe Dom Iorge de Meneſes impoſera, porque não lhe ficava de que ſe mantèr, lhas levantou Gonçalo Pereira, atè vir recado de Nuno da Cunha, por o que ficou muito ſeu amigo; & tambem ratificou as pazes com Fernando de la Torre, Capitão mòr dos Caſtelhanos, mandandoo elle viſitar da boa vinda.

(**)

CAPI-

## CAPITVLO XX.

*Como Gonçalo Pereira prendeo à Dom Iorge de Meneſes, & o mandou preſo à India, & executou hum regimento que o Governador lhe deu, ſobre a compra, & venda do cravo, & como a Rainha de Ternate, o mandou matar.*

VENDO Gonçalo Pereira a terra aſſeſſegada, & em paz, moſtrando hũa carta do Governador à Dom Iorge, em que mandava lhe tomaſſe a homenagem, & preſo ſobre ella ſe foſſe apreſentar ante elle na India, & tiraſſe devaſſa do tempo que fora Capitão de Maluco; lhe tomou a homenagem per ante os officiaes da fortaleza, pedindolhe perdão, & deſculpandoſe de não poder al fazer, por lhe ſer mandado. Quando os Portugueſes virão a priſão de Dom Iorge, feita com tanta quietação, & ſilencio, os que de ſi ſabião culpas, recearão de ſe trattar delles, & muito mais quando ao Feitor, & à outros officiaes paſſados, recenſearão ſuas contas. E per eſta viſita que ſe fez dos officiaes, ſe vio quam diſsipada anda va a fazenda d'el Rei; mas Gonçalo Pereira diſsimulou entã com tudo, por não aver outra gente para guarda da fortaleza. E como eſtes forão deſenganados q̃ aquelle anno não avião de ir à India, mandou apregoar o regimento que levava de Nuno da Cunha, ſobre o cravo, que na ſubſtancia era o meſmo que Dom Iorge de Meneſes levara quando foi à Ternate, do que ſe cauſou grande eſcandalo nos Portugueſes, & nos Mouros: neſtes por ſe lhes tirar a liberdade de venderem ſuas novidades, como, & à quem quiſeſſem: & nos Portugueſes, por lhes defenderem comprar aos Mouros, & ficarem neceſſitados, comprarem da mão dos officiaes d'el Rei per certo preço, ſem lhes ficar o ganho que antes tinhão. Mas como per a diſcordia que ſempre avia entre o Capitão que entrava, & o que ſaia, ſe tratavão as couſas de maneira, que eſte regimento ſe não executava, vendo elles que por eſta cauſa ſe não deixaria de executar, pela amizade, & conformidade que avia entre Gonçalo Pereira, & Dom Iorge, determinarão de metter entre elles tal zizania, que entendendo en ſi, ſe deſcuidaſſem dos

outros



outros, & da execução do Regimento. Aſsi o fizerão, & com tanto artificio tramarão eſta tea, que vierão Gonçalo Pereira, & Dom Iorge à grande odio, & à temerſe cada hum do outro. Polo que quando vèo Fevereiro de M. D. XXXI. tempo para partir para a India, entregou Gonçalo Pereira preſo Dom Iorge de Meneſes à Lionel de Lima, â quem deu as devaſſas que tirou, & carta para Nuno da Cunha, à quem tambem a Rainha de Ternate eſcreveo per dous criados que â iſſo mandou, pedindolhe juſtiça de Dom Iorge. Elle foi tèr à India, & Nuno da Cunha o mandou à Portugal, onde foi condenado em degredo para o Braſil, & nelle morreo pelejando contra o Gentio. E eſte foi o primeiro caſtigo dado per culpas d'aquellas partes, ſendo eſte fidalgo hum dos principaes que na India mereceo outro galardão.

Gonçalo Pereira como ſe vio deſembaraçado com a partida de Dom Iorge de Meneſes, entendeo com muita diligencia em acabar a obra da fortaleza, de que os Capitães paſſados ſe deſcuidarão. [a] Tambem executava a pragmatica do cravo com mais rigor, do que demandava tam pouco numero de Portugueſes em terra tam remota, poſtos entre tantos inimigos; para o que avia meſter telos contentes, & concordes. Polo que indinados com eſtes rigores, & inſtigados de ſeu intereſſe, & ganho, que per tantos perigos, & tam longa peregrinação forão buſcar, não ſòmente deſamavão ao Capitão, & lhe deſejavão a morte, mas lha procurarão: para o que perſuadirão à Rainha, & aos Mandarijs, que ſe não mataſſem à Gonçalo Pereira, elle tinha em tenção deſtroir à todos, & que fora eſtava de ſoltar à el Rei.

A Rainha vendo que Gonçalo Pereira lhe não ſoltava ſeu filho como avia jurado, (o que elle deixava de fazer, por não tèr acabada a obra da fortaleza, & receava que a eſtorvaſſe a ſolturra d'el Rei, & que tendoo preſo o ajudarião os Ternates) creo o que os Portugueſes lhe dizião, & determinou de mandar matar à Gonçalo Pereira. Para iſto lhe pareceo boa occaſião eſtar el Rei ſeu filho na fortaleza, & com elle ſeus irmãos, & muitos Mandarijs mancebos que ião à folgar com elle, & o Governador Cachil Ato, aos quaes pola cõtinuação de irem, & eſtarem, não buſ-

cavão

a. *Para eſta obra mandou Gonçalo Pereira Luis de Andrade pedir madeira à el Rei de Tidore, q̃ elle lhe deu com boa vontade. E porque o Regedor de Maquiẽ eſtava levantado, & não queria pagar as pareas q̃ Dom Iorge lhe puſera, mandou Gonçalo Pereira contra elle Vicente da Fonſeca, & Cachil Ato, com armada, & gente. O Regedor fugio para Geilolo, cujo Rei, & Fernão de la Torre o reconciliarão com o Capitão, & tornando à ſeu Eſtado, pagou as pareas q̃ devia. Franciſco de Andrade cap. 72. da 2. parte.*

cavão ſe levavão armas, polo que as podião levar ſecretas. Vindo o dia da veſpora de Pentecoſte d'aquelle anno de XXXI. em que eſtava aſſentado de matarem à Gonçalo Pereira, & à todos os Portugueſes, para ſe livrarem do ſeu jugo, que lhes era mui peſado; ſendo horas de ſeſta, & Gonçalo Pereira recolhido na ſua camara à repouſar, Cachil Ato ſe foi à fortaleza, com Cachil Cabalou ſeu ſobrinho, & outros nove mancebos conjurados para aquelle feito. O porteiro conhecendo à Cachil Ato, & ſabendo que ia muitas vezes à aquellas horas à fallar à Gonçalo Pereira, o deixou entrar, ſem o buſcar ſe levava armas, nem à algum dos outros.

Neſte tempo ia da fortaleza para a cidade hum Portugues, o qual vendo na Meſquita junto da fortaleza gente d'armas, que alli eſtava recolhida para acodir à Cachil Ato, & à ſeus companheiros, parecendolhe que não era ſem algum miſterio, fez volta à fortaleza. Os Mouros temendo que foſſem per elle deſcubertos, ſairão algũs ao matar, & andando com elle às cutiladas, hũa eſcrava do Capitão que aſſomou à hũa janella, & o vio, bradou que matavão os Mouros à hum Portugues. Aos brados acordou Gonçalo Pereira, & com hũa eſpada, & adarga abrio a porta da camara para ſair fora, & achou Cachil Ato, & os mais companheiros com ſeus criſes arrancados para o matar; & poſto que Gonçalo Pereira defendeo a entrada mui esforçadamente, os Mouros entrarão pelo repartimento da camara que derrubarão, & com muitas feridas matarão ao Capitão. Aos meſmos brados da eſcrava, acodirão ſeus criados, dos quaes hum per nome Dinis de Araujo deu com hũa chuça pelos peitos à Cachil Cabalou, que aſsi ferido, & atraveſſado o ferio à elle de maneira que ambos cairão mortos à hum tempo. Iſto ſe fez tam de repente, que os Mouros não tiverão tempo de fazer o final que eſtava entre elles ordenado aos que eſtavão eſcondidos na Meſquita, & nos mattos que cercão a povoação dos Portugueſes, que foi cauſa de ſe elles ſalvarem, & a fortaleza, & de ſerem mortos todos os Mouros que ſe acharão dentro, tirando el Rei, & tres irmãos ſeus, & Cachil Ato, para ſe ſaber por elles, como fora a morte de Gonçalo Pereira, & ficarem em arrefes, para os Mouros

não



não fazerem guerra à fortaleza, da qual logo Luis de Andrade tomou as chaves, & ſe metteo em poſſe por ſer Alcaide mòr della.

## CAPITVLO XXI.

*Como Vicente da Fonſeca foi feito Capitão de Ternate pelos inimigos de Gonçalo Pereira, & por a neceſsidade de mantimentos em que o pòs a Rainha de Ternate, vèo à ſoltarlhe ſeu filho el Rei Cachil Daialo.*

SENDO Luis de Andrade Alcaide mòr, & Feitor da fortaleza de Ternate, & rendo as chaves, & poſſe della, & Bras Pereira Capitão mòr do mar, & parente do Capitão Gonçalo Pereira, contenderão ambos aquelle dia do inſulto, qual avia de ficar com a Capitania, allegando cada hum ſuas razões. Mas como homẽs ſeſudos, que procuravão o ſerviço d'el Rei, concertaraõſe, que delles dous foſſe Capitão qual per mais votos foſſe elegido, o que ſe determinaria o dia ſeguinte, que era do Eſpirito Santo. Tanto que os inimigos de Gonçalo Pereira ſouberão da eleição que ſe avia de fazer, ajuntaraõſe aquella noute com o Vigairo da fortaleza, chamado Fernão Lopez, que era homem inquieto, & atrevido, & determinarão de elegerem por ſeu Capitão à Vicente da Fonſeca, que era hum delles. Porque ſe fazião Luis de Andrade, que era grande amigo de Gonçalo Pereira, & executor da pragmatica do cravo, ficarião perdidos, pobres, & deſtroidos; & ſe elegião Bras Pereira, era peor, por ſer parente mui chegado de Gonçalo Pereira, que avia de querer vingar ſua morte, & devaſſar della, no que elles paſſarião mal, por ſerem os que incitarão à Rainha à que o mandaſſe matar. Polo que não tinhão outrem que mais proveitoſo Capitão lhes foſſe que Vicente da Fonſeca, por elle ſer o principal que contradizia a pragmatica do cravo, & que na morte de Gonçalo Pereira fora mais parte que elles. Com a qual eleição ficarião ſeguros de devaſſas d'aquella morte,

& do proveito,& ganho do cravo que pretendião.E elegẽdo algum dos dous oppoſitores,eſtava certo ſeu dãno, & o riſco de ſuas peſſoas.

Iuntos ao outro dia Luis de Andrade,& Bras Pereira,& jurando nas mãos do Vigairo de obedecer cada hum delles ao que dos dous foſſe eleito.E começando o Ouvidor Pero Moreira tomar os votos,por aver algũs à que parecia que a Capitania per dereito era de Luis de Andrade, por ſer Alcaide mòr.O Vigairo,& os do bando de Vicente da Fonſeca, temendo que ſe acabaſſem de votar,Luis de Andrade ſairia por Capitão,metterão a couſa à vozes. Impedido o Ouvidor cõ eſte tumulto,ſem lhe valer muitos proteſtos,& requerimentos,não deſiſtirão,& ſem deixar ir a eleição ao cabo, nomearão Vicente da Fonſeca, & todos em hum corpo abrirão as portas da fortaleza com grande arruido de trombetas, & vozes,que dezião:Viva, viva Vicente da Fonſeca. O qual deſpois de hum banquete que deu aos da ſua facção,pedio à Luis de Andrade as chaves da fortaleza, que lhe elle não quis dar; & não avendo d'aquella parcialidade quem ſe atreveſſe tomarlhas,o Vigairo remetteo à Luis de Andrade; & ajudado d'outros homẽs, & per força lhas tomarão, ſem o Ouvidor ouſar bolir conſigo.Iſto cõmetterão aquelles Portugueſes,por os mais delles ſerem homẽs plebeios, que à aquellas partes tam remotas leva o intereſſe de trazerem dellas aquelle ganho do cravo que ſe lhes tirava, com o averem de comprar aos officiaes d'el Rei, & por o preço que elles querião. A eſtes deſconcertos, & outros ſemelhantes, dão cauſa os miniſtros dos Reis, mais zeloſos de ſua fazenda,que de ſua honra.Não entendendo quanto mais ganhão os Prin-
cipes quando à ſeus ſubditos alargão, & quitão os tributos, que quando lhos impoem,& de quantos trabalhos, & rebelliões foi cauſa não lançarem conta, qual importa mais ſe a receita dos dinheiros,ou a perda dos corações, & das vontades dos vaſſallos.

A Rainha que eſtava com grandes eſperanças da liberdade de ſeu filho,& de ſua cidade, & verſe exempta da ſubjeição dos Portugueſes, com a morte de Gonçalo Pereira, ficou mui anojada vendo ſeus intentos fruſtrados, & ſò a conſolou a eſperança que tinha em Vicente da Fonſeca, que lhe promettera ſe ſe viſſe Capitão d'aquella fortaleza, lhe entregaria ſeu filho.E para ſe mais ſegurar, mandou logo recado às Ilhas de Moutel, & Maquiem, que lhe prendeſſem todos os Portugueſes que là eſtavão. Mas quando là foi ſeu recado,ja os Mouros por terem ſabido da morte de Gonçalo Pereira ſe avião levantado contra os Portugueſes que là andavão negociando cravo,& matarão algũs,dos quaes o primeiro foi aquelle que em tempo de Dom Iorge fez a injuria à Cachil Vaidua.E chegado o recado da Rainha ceſſarão de os matar,& prenderão os que acharão,& lhos levarão.Per hum deſtes mandou a Rainha viſitar à Vicente da Fonſeca,ſignificando o contentamento que tinha de elle ſer Capitão, por entender que ſempre fora ſeu amigo,& dos Mouros,& confiar delle ſe averia melhor com ſuas couſas do que os Capitães paſſados o fizerão, & pedindolhe compriſſe ſua palavra, entregandolhe ſeu filho, & offerecendolhe ſua paz, & amizade. Vicente da Fonſeca reſpondeo à Rainha, que deſſe ella primeiro os Portugueſes que tinha preſos, & pagaſſe a perda que os Mouros lhe derão na noſſa povoação,quando matarão Gonçalo Pereira, & que elle lhe daria ſeu filho. A Rainha que eſperava outra reſpoſta de Vicente da Fonſeca,por a promeſſa que lhe fizera,ficou mui eſcandalizada, & ſoltando hum Portugues,lhe mandou por elle dizer, que ſem aquellas condições lhe devera elle logo ſoltar ſeu filho: porque maiores penhores erão para aquellas perdas tres irmãos d'el Rei, & Cachil Ato,q̃ lhe ficavão preſos em ſeu poder, & q̃ ſe aquillo lhe mandava dizer cõ tenção de lhe não dar el Rei,lhe não mandaſſe mais recado algũ.E anojada ſe paſſou cõ ſeus Mandarijs à hũa villa q̃ chamão Limatao,& defendeo com grandes penas que não levaſſem mantimentos à cidade. Com a falta de mantimentos que começou aver, ſe vio Vicente da Fonſeca mui atribulado, não achando remedio, ſò tinha eſperança em hum junco que avia de vir de Banda com roupa, & mantimentos. Mas hum Franciſco de Sà, que delle era Capitão,chegando à Ternate, & ouvindo a maneira perque Gonçalo Pereira fora morto,parecendolhe que Vicente da Fonſeca era levantado, não quis ir â fortaleza, temendoſe que lhe tomaſſe o junco, polo que ſe foi â Tidore, para vender, & fazer emprego do que levava. Eſtando naquelle porto, a Rainha de Ternate mandou pedir â el Rei de Tidore ſeu ſobrinho, que fizeſſe repreſſa naquelle

navio,& na fazenda delle,& nas peſſoas dos Portugueſes que nelle vinhão, parecendolhe que por aquella preſa, & por os Portugueſes que ella tinha,lhe daria ſeu filho Vicente da Fonſeca. A quem mandou dizer a razão porque fizera tomar aquelle navio, & gente. Mas Vicente da Fonſeca a reſpoſta que à iſto deu foi prender à el Rei,& mettelo em hum ſotão per ante o meſſageiro da Rainha,& com elle ſeus irmãos, & em ferros os mancebos fidalgos que com el Rei eſtavão, & as molheres que os ſervião. E conſtrangido da muita neceſſidade que a gente padecia,mandou pedir à el Rei de Geilolo que por ſeu dinheiro mandaſſe que em ſua terra lhe deſſem mantimẽtos.Com eſta occaſião el Rei de Geilolo,& Fernão de la Torre que là eſtava,acabarão com Vicente da Fonſeca que deſſe à Rainha ſeu filho,& com a Rainha que ſoltaſſe os Portugueſes,& deſſe arrefẽs à Vicente da Fonſeca,atè lhe ſatisfazer os dãnos,que erão feitos aos Portugueſes, para o que deu quatro Mandarijs dos principaes de Ternate. El Rei de Tidore mandou ſoltar Franciſco de Sà, & os mais Portugueſes, & reſtituirlhe o ſeu junco. E na villa de Limatao onde a Rainha eſtava ſe ajuntarão Fernão de la Torre,& o Governador de Geilolo,& Vicente da Fonſeca, que levou el Rei para o entregar à ſua mai,deſpois de jurarem de comprir o que tinhão aſſentado. E logo el Rei foi ſolto com grande prazer de todos,& aſsi ficarão em paz.

## CAPITVLO XXII.

*Como Pate Sarangue Regedor de Ternate, com ajuda de Vicente da Fonſeca, fez que Cachil Daialo foſſe deſpojado de ſeu Reino, & poſto em ſeu lugar Tabarija ſeu irmão. E como fizerão que a mai de Tabarija caſaſſe com Pate Sarangue, & a molher de Cachil Daialo fogiſſe ao marido para caſar com Tabarija.*

A Grande ſoltura que os Mouros vião naquelles poucos Portugueſes que na Ilha de Ternate eſtavão, & quam pouco caſtigo avião por os exceſſos que fazião, & a pouca reputação em que os Reis eſtavão, lhes deu cauſa de tentarem couſas novas, mòrmente na Capitania de



de Vicente da Fonſeca,homem audaz, q̃ não receava dizer, & fazer o q̃ queria. Polo q̃ ſe ordenou outra rebellião cõtra a peſſoa d'el Rei, como a que ſe fez contra Gonçalo Pereira.

Avia em Ternate hum Mandarim per nome Pate Sarangue, homem velho,& ſabedor,& que acerca do povo tinha muita autoridade,à que Vicẽte da Fonſeca fez Regedor do Reino,por o tèr de ſua mão em quanto el Rei Cachil Daialo não governava por ſua menor idade. Eſte por ver que el Rei ſe ia chegando á ſua legitima idade para governar ſeu Reino, & que ſeu cargo de Regedor expirava, como homem ambicioſo que era, determinou de tirar o Reino à Cachil Daialo, & dalo à hum ſeu irmão baſtardo,per nome Cachil Tabarija, [a] moço de catorze annos, para elle entretanto governar por elle,atè ſer de idade divida.Dando conta deſte penſamento à Vicente da Fonſeca,& propondolhe os proveitos que ſe lhe ſeguirião,& quã mais abſoluto ſeria no q̃ quiſeſſe, não ſendo Cachil Daialo Rei;não ouve muito que fazer em Vicente da Fonſeca approvar o conſelho inſtigado de avareza, & ambição,& do odio que elle tinha à aquelle Rei, ou receo q̃ el Rei lho tiveſſe à elle,por o aver preſo, & maltratado. Avido eſte conſentimento,com ajuda de hum Travanelo,homẽ velho, aviſado,& de muita autoridade,começou Pate Sarãgue à ordir a traição,deſacreditando primeiramente à peſſoa d'elRei, & diffamando delle,não ſòmente em Ternate,mas em os outros lugares de ſeu Eſtado,q̃ era homẽ no ſaber mui fraco, & na condição mui forte, & não para governar, aſſacandolhe alem diſſo outras muitas faltas,perque fizerão creer à muitos que não era habil para Rei, & que devião privalo do Reino, & levantar em ſeu lugar à Tabarija ſeu irmão.

Não parando aqui,forão grandes as perſecuções q̃ Pate Sarangue,& Vicente da Fonſeca fazião à el Rei,& os falſos teſtemunhos q̃ lhe levantavão.E qualquer homicidio,o delicto de que ſe não ſabia autor,que foſſe feito contra Portugueſes, tudo carregavão ſobre el Rei,& lho davão em culpa, ſendo diſſo innocente.Polo que Vicente da Fonſeca deſejava de tornar el Rei à priſão, & o fizera, ſe el Rei não ſe guardara de ir à fortaleza. E vendo que o não podia prender, determinou de o matar, com conſelho de Pate Sarangue, o que ſendo deſcuberto à el Rei, por furtar o corpo à tantos trabalhos, ſe foi com ſua mai à Turutô meia legoa da cidade.

a. *Tabarija era filho ligitimo d'el Rei Boleiſe, irmão enteiro dos Reis Bohaat, & Daialo, & filhos todos tres da Rainha Neachile Pocaraga, filha d'el Rei Almanſor de Tidore, como conſta do teſtamento de Tabarija, q̃ eſtà regiſtado nos contos de Goa.*
*Aſsi o eſcreve o Padre Iolão de Lucena no cap. 6. do liv. 4. aonde trata da converſão deſta Rainha Neachile, mai de Tabarija, per meo da doutrina, & orações do B.P.M. Frãciſco, à q̃ no Bauriſmo elle pôs nome Iſabel.*

*Fernão Lopez de Caſtanheda cap. 56. do liv. 8.*

E ſabendo que Vicente da Fonſeca não deſiſtia de ſeu mao propoſito,ſe foi mais longe onde chamão a Terra alta. Vicente da Fonſeca fazendo diſto culpa,& publicando que el Rei ſe fora à Terra alta para d'alli fazer guerra à fortaleza,o foi buſcar com muita gente,& podendoſe el Rei defender,por não fazer offenſa à Portugueſes,com quem ſe criara, & à que era mui affeiçoado, & mui leal à el Rei de Portugal, lhes fugio, pondo à cura deſtes males nas mãos do tempo, & eſperando que ſe acabaſſe a furia à Vicente da Fonſeca, ou o tempo da ſua Capitania. E aſsi ſe paſſou à Tidore com ſua mai, onde el Rei ſeu primo,& ja cunhado,o conſolou,& prometteo de trabalhar por o reconciliar com Vicente da Fonſeca,& que tambem eſcreveria aos Reis de Bacham,& Geilolo que o ajudaſſem niſſo,com as quaes palavras, & promeſſas ficou com algũa eſperança.

Mas ſeus inimigos não quiſerão mais que vello fora da Ilha,para levantarem por Rei à Tabarija. E para mais confirmação d'aquelle levantamento,andarão com Tabarija ao lõgo da coſta pelos lugares della,publicandoo por Rei levantado,& por deſpoſto à Cachil Daialo,dando por cauſa d'aquelle levantamento ſer Cachil Daialo com a Rainha ſua mai culpado na morte de Gonçalo Pereira, & não tèr qualidades de ſua peſſoa para ſer Rei. E receando Pate Sarangue que com o favor d'el Rei de Tidore, Cachil Daialo tornaſſe à cobrar ſeu Reino,fez com Vicente da Fonſeca que com hũa groſſa armada foſſe ſobre el Rei de Tidore, o que elle mui em breve fez,& chegado à Tidore,mandou dizer à el Rei as cauſas acima dittas,porque elle, & os ſeus privarão do Reino à Cachil Daialo,& levantara por Rei à Tabarija. E que por Daialo ſer inimigo dos Portugueſes, era elle Vicente da Fonſeca vindo alli à requererlhe que lho entregaſſe, & o teſouro que levava conſigo,que era do que foſſe Rei,& não ſeu: & que não o fazendo,o avia por inimigo d'el Rei de Portugal, pois lhe agaſalhava,& favorecia ſeus inimigos. El Rei de Tidore que era moço,lhe reſpondeo,que ſe aconſelharia com os ſeus, & lhe daria a reſpoſta. Mas Vicẽte da Fonſeca ſem eſperar por ella, com a furia que levava,ſaio em terra ſobre a cidade de Tidore,& fez nella grande deſtruição,matando muita gente,com que el Rei,& Cachil Daialo ſe acolherão à hũa Serra que eſtava ſobre a cidade, & com eſta vittoria de pouca honra





ſua ſe tornou Vicente da Fonſeca à Ternate.

Eſtava neſte tempo preſo na fortaleza de Ternate hum Mouro principal Regedor de Toloco,o qual vendo as grandes ſem razões que ſe fazião à Cachil Daialo, & quam injuſtamente pela maldade d'aquelles homẽs era deſpojado do Reino,deſejando de vingar o mal que lhe era feito, determinou de matar à Tabarija que eſtava na meſma fortaleza. A quem arremettendo com hum cutello que trazia eſcondido, eſcapou Tabarija fugindo,& não o podendo alcançar o Regedor, por eſtar carregado de groſſos ferros, alcançou hum filho de Vicente da Fonſeca moço de ſette annos,& o degollou,vendo que ſe não podia vingar de quem quiſera, & acodindo gente o matarão. Vicente da Fonſeca que com a morte de ſeu filho ficou mais encruado, & indinado contra Cachil Daialo,& porque muitos dos principaes de Ternate não querião obedecer à Tabarija,& por deſprezo lhe chamavão o Rei de Vicente da Fonſeca, fez outra armada, & Capitão mòr della à Pate Sarangue,com que todos lhe obedecerão,& ouve o teſouro de Cachil Daialo,que eſtava em mão de Urobachela ſeu Teſoureiro,o qual foi entregue à Tabarija.

Finalmente tanta vexação foi a que fizerão à Cachil Daialo,que atè el Rei de Tidore ſeu primo, vendo ſuas couſas irẽ de mal em peor,& as de Tabarija ſerem cada vez mais proſperas,& q̃ Vicente da Fonſeca tambem o perſeguia,em odio de ſeu primo,vèo aſſentar paz com elle. Mas vendo Cachil Daialo que eſta paz lhe era à elle ſuſpeitoſa,& pouco ſegura, por a converſação que os Portugueſes cõ el Rei de Tidore avião de tèr,dos quaes ſe não fiava por o que nelles vira os dias paſſados,que tomava por meſtres dos preſentes,& futuros,determinou de viver em Geilolo. E antes que para là ſe foſſe, foi el Rei cõmettido de Vicente da Fonſeca que lhe entregaſſe Cachil Daialo. E por não cõmetter tam grande traição, & entregar ſeu primo,& hum Rei que ſe acolheo à ſua caſa para lhe valer, concedeolhe toda via per importunação darlhe a mai de Tabarija,que andava com a mai de Cachil Daialo para caſar com Pate Sarangue. Não contente com iſto Vicente da Fonſeca,tratou com a Rainha molher de Cachil Daialo, que era irmãa d'el Rei de Tidore,que fugiſſe ao marido, & lhe levaſſe o dinheiro que tinha,& ſe foſſe à Ternate, & caſaria cõ el Rei Tabarija,& ſeria Rainha,o que nũca avia de ſer ſendo

molher de Daialo,que ja mais seria Rei. A Rainha guardádo pouca fè à seu marido,se foi secretamente à Ternate, levandolhe a maior parte do tesouro que lhe ficava, & chegando à Ternate a casou Vicente da Fonseca cõ el Rei Tabarija. Algũs dizião, que neste concerto consentio el Rei de Tidore; por ver sua irmãa Rainha,& creer que Cachil Daialo ja não cobraria o Reino.O qual sentio menos perder o Reino, que a molher,por o amor que lhe tinha,& tambem sentio levarlhe o tesouro,porque ficava vivendo do que pedisse á outros, avendo sido Rei,& rico, que à outros dava, & sem tèr com que sostentar aquelles que o acompanhavão. E como de sua natureza era magnanimo, não desmaiou com todos seus infortunios,nem se mudou da determinação de ir viver à Geilolo.E porque sua mai avia de ficar em Tidore, deixou com ella aquelles que o acompanhavão,encomendandolhos muito,& pedindolhes à elles perdão de os não levar consigo, & de lhes não poder fazer merces como costumava. E fazendo assi el Rei como elles grande pranto por o apartamento, elle se partio para Geilolo sò,& tam pobre,que não tinha mais do que lhe el Rei dava para comer,onde esteve, atè que tornou outro tempo,como se dirà adiante.

## CAPITVLO. XXIII.

*Como Vicente da Fonseca mandou à India preso à Bras Pereira, & de là vèo por Capitão de Maluco Tristão de Taide, o qual mandou preso à India à Vicente da Fonseca. E como Fernão de la Torre,& os Castelhanos se vierão para os Portugueses,& da morte d'el Rei de Geilolo.*

*Fernão Lopez de Castanheda no cap.55.do liv.8.*

„ SENDO Bras Pereira homem fidalgo,& parente do Capitão Gonçalo Pereira,& Capitão mòr do mar, como pretendera a Capitania da fortaleza de Ternate, que se deu à Vicente da Fonseca per mera força,& não per justiça, estava em odio com elle. Ao que se ajuntou pedirlhe Bras Pereira a Capitania de hum junco que avia de ir para Malaca,& elle negarlha por a dar à Afonso Pirez seu amigo. Polo que sofrendo Bras Pereira mal, não lhe dar Vicente da Fonseca tam



tam pequena Capitania,tendo usurpada a da fortaleza, que à elle Bras Pereira era mais devida, alem do escandalo de ser elle grande parte na morte de seu parente Gonçalo Pereira, d'alli por diante não se fallarão mais.E de tal maneira se accẽ deu o odio entre elles, que Bras Pereira soltou muitas palavras contra Vicente da Fonseca,& fez requerimentos que o prendessem por traidor por aconselhar aos Mouros que matassem o Capitão Gonçalo Pereira, & que como à Capitão não legitimo lhe não obedecia.Polo que Vicente da Fonseca prendeo à Bras Pereira,& algũs outros da sua valia; & por se não aver seguro delles,os entregou presos à Gaspar Velloso, que ia por Capitão do bargantim para Malaca, para d'ahi os levarem à India. Os quaes partirão de Maluco no anno de D.XXXII.& per elles soube Nuno da Cunha os desconcertos que ião em Maluco,polo que mandou logo por Capitão à Tristão de Taide, filho bastardo de Alvaro de Taide, que chegou em Outubro de M.D.XXXIII. & d'el Rei Tabarija,& de Vicente da Fonseca foi recebido com muito prazer, & muito mais de Vicente da Fonseca, per o aperto em que andava,em casa com os Portugueses, & fora com os Geilolos,que lhe fazião guerra. Mas como elle era mal quisto de muitos,logo foi mexiricado delles à Tristão de Taide,dizendolhe,que como Vicente da Fonseca soubera que elle chegava,recolhera em sua casa quanta fazenda d'el Rei avia na Feitoria, para se pagar à si; & à seus amigos de seus ordenados. Por a qual nova Tristão de Taide lhe mandou buscar a casa, onde se achou ser verdade o que lhe disserão, & por isso o mãdou prender,& a fazenda foi tomada à Feitoria. Sobre esta culpa,& sobre a morte de Gonçalo Pereira, & sobre despojar do Reino à Cachil Daialo,& outros casos,em que os mais dos Portugueses o culparão, começou Tristão de Taide à devassar. E pela residencia o prendeo,& preso o mandou entregar ao Governador da India por Iurdão de Freitas.[a]

Estava neste tempo el Rei de Geilolo de guerra com a fortaleza de Ternate, em que mostrou querer perseverar. Porque sendo costume entre aquelles Principes que estão de paz com os Portugueses, quando chega algum novo Capitão, mandarlhe os parabẽs da vinda, & mandando visitar à Tristão de Taide os Reis de Tidore,& de Bacham, & outros, o de Geilolo o não fez. E porque Fernão de la Torre Capitão dos

„ a. *No principio do governo de Tristão de Taide duas coracoras de Mouros saquearão,& destruirão hũa cidade da Ilha do Moro, chamada Momoja. Indo de Ternate pouco despois deste successo à aql la cidade hũ Portugues chamado Gõçalo Velloso,o Sangage della (q̃ era Gentio,como todos seus vassalios) se lhe queixou d'aquelles Mouros seus vezinhos,pedindolhe cõselho, & ajuda para a vingança. Para o q̃ Gonçalo Velloso lhe offereceo a amizade dos Portugueses,com q̃ seguraria seu Estado, & o persuadio à q̃ se fizesse Christão. Determinado o Sangage de o ser, por as razões de Gonçalo Velloso,com q̃ Deos o moveo, embarcouse em algũas coracoras cõ os principaes da cidade,& foi à Ternate,onde Tristão de Taide lhe fez hũ gran de recebimento,& o entregou à hum virtuoso Sacerdotè chamado Simão Vàz para o catechisar, & à todos os seus,& como estiverão instruidos nos artigos de nossa Santa Fè,forão com grande solemnidade bautizados, & ao Sangage foi posto nome Dõ Ioão, & mui cõtente se tornou para Momajà,levãdo cõsigo algũs Portugueses q̃ Tristão de Taide lhe deu para o acõpanharẽ, & guarda de sua cidade, & ao Sacerdote Simão Vàz,q̃ viveo naquella cidade algũ tẽpo, exercitãdo cõ grande charidade o officio de bõ Pastor d'aquellas novas ovelhas. E porq̃ ellas crecião em num.ro, & elle era sò, & não podia acodir aos muitos Gentios q̃ pedião o Bautismo, mandoulhe Tristão de Taide o Padre Francisco Alvarez para o ajudar,& ambos em poucos dias acabarão de fazer Christãos todos os moradores de Momojà,& de outros lugares,derribãdo os pagodes,& purificando os principaes, fazẽdo das casas de abominação, Tẽplos em q̃ Deos começou à ser venerado,& louvado. Este foi o principio,& primeiro fundamento da Fè naquellas Ilhas. Diogo do Couto cap.13. do liv.5. & Francisco de Andrade cap.7. da 3. parte,& Fernão Lopez de Castanhe da cap.93.do liv.8.*

dos Caſtelhanos que em Geilolo eſtavão, mandara pedir à Nuno da Cunha per hum Pero de Montemaior embarcação para ſe irem à India,& d'ahi para Portugal nas naos da Carreira,& Nuno da Cunha mandara Pero de Montemaior com Triſtão de Taide,& o encarregara que tiraſſe os Caſtelhanos de Geilolo,& os embarcaſſe;& elle ſe temia que el Rei os não deixaria vir por cauſa da guerra, para o ajudar nella, & lhes não conſentiria tirar ſua artelharia, nem lhes daria as armas que tinhão empenhadas à el Rei,por lhes dar que comeſſem; foi neceſſario uſar de manha,que cõmunicou com o Pero de Montemaior,para a dizer à Fernão de la Torre,que eſtiveſſe aviſado;& foi eſte o ardil:Mandou pedir ſeguro à el Rei para lhe mandar hum recado,o que elRei lhe concedeo,& per Antonio de Teive,com quem foi o Pero de Montemaior, mandou dizer publicamente à Fernão de la Torre da parte do Governador Nuno daCunha,que el Rei de Portugal,& o Empe rador erão concertados ſobre a poſſe d'aquellas Ilhas,[a] & q̃ o Emperador mandara pedir à el Rei de Portugal que deſſe embarcação aos Caſtelhanos q̃ naquellas partes eſtiveſſem, para virem à Portugal,& d'ahi ſe irem à Caſtella,& que o Governador da India per ſeu mandado eſtava preſtes para lhadar,& que à elle Triſtão de Taide fora mandado,que quando per ſua vontade não quiſeſſem ir,os fizeſſe ir per fõrça. Por tãto lhe notificava da parte do Governador, que logo ſe paſſaſſe à Ternate,para d'ahi ſe embarcarem.

Com eſte recado,fingio moſtrarſe Fernão de la Torre muy queixoſo à el Rei de Geilolo,dizendo,que não ſe avia de ir para os Portugueſes,& que antes ſe deixaria matar, quãto mais que com o favor d'el Rei ſe eſperava defender. El Rei, & os de ſeu conſelho lhe diſſerão,que não ſe agaſtaſſem,que elle os ajudaria à defender.Com eſta determinação appellidou Triſtão de Taide aos Reis de Ternate,& de Tidore, & de Bachã, para todos irem com hũa grande armada à Geilolo tirar os Caſtelhanos que là eſtavão.E foi a couſa tambem ordenada, que quando ſe elles avião de defender dos noſſos, ſe recolherão,& embarcarão com elles,com toda a ſua artelharia,& armas que tinhão.[b] E quando foi para entrarem em a cidade de Geilolo,acharão que el Rei, & a gente a deſpejarão toda com temor,& entrada por Triſtão de Taide,a mandou queimar.Alli deixou Triſtão de Taide àDiogo Sardinha Capitão mòr

a. *A copia do cõtratto que el Rei Dõ Ioão fez com o Emperador, ſobre as Ilhas de Maluco, eſcreve Diogo do Couto no cap.1.do liv.7.*

b. *O modo q̃ tiverão os Caſtelhanos para ſe ajuntarẽ cõ os Portugueſes, eſcreve particularmente Fernão Lopez de Caſtanheda no cap.71. do liv.8. & Franciſco de Andrade no cap.94.da 2.parte.*



mòr do mar com hũa armada,& Antonio de Teive com atè ſeſenta Portugueſes,& muitos Mouros Ternates, & elle ſe partio com eſta vittoria para a fortaleza, donde Fernão de la Torre, & os Caſtelhanos partirão para a India com Iurdão de Freitas,que levava Vicente da Fonſeca.

Diogo Sardinha, & Antonio de Teive aſsi fizerão guerra aos de Geilolo,que lhe tiravão o ſeu principal mantimento, que era ir peſcar ao mar. Polo que Cachil Catabruno Regedor de Geilolo per conſelho dos do Reino pedio paz à Diogo Sardinha.Para eſta paz foi o meſmo Catabruno fallar à Triſtão de Taide, & à tornada à Geilolo deu peçonha à ſeu proprio Rei, mas de maneira que duraſſe algũs dias,o que dizem que tinha aſſentado com Cachil Daroes em tempo de Dom Iorge de Meneſes.E algũs dizião, que deſta morte fora ſabedor Triſtão de Taide, por Catabruno cõmetter iſto logo quando foi de Ternate.E por eſte Rei ſer muito moço,& não ter filhos, nem outros erdeiros,Catabruno ſe metteo de poſſe do Reino.

## CAPITVLO. XXIIII.

*Como Triſtão de Taide per calumnias de Samarao prendeo à el Rei Tabarija,& à ſua mai,& outros, & os enviou preſos à India ao Governador;que os mandou para Maluco ſoltos, & livres. E como Tabarija ſe fez Chriſtão em Goa, & morrendo em Malaca,deixou o Reino à el Rei de Portugal.*

NESTE tempo contra võtade d'el Rei de Ternate,& de Pate Sarangue ſeu Governador, & dos de ſeu conſelho,levantou Triſtão de Taide o degredo à Samarao,que fora criado de Cachil Daroes,& Almirante do mar,o qual Dom Iorge degradou por dizer que fora participante nas culpas, perque Cachil Daroes ſeu amo fora degollado. Deſte perdão do degredo,à el Rei Tabarija,& ao Pate Sarangue muito pezou, por ſer homem de mao animo, & ſe temerem que por elle lhes vieſſe algum mal,como deſpois vèo. E como eſte Samarao era muito ſagaz,aſsi ſe metteo na benevolencia, & familiaridade de Triſtão de Taide,cuja feitura confeſſava ſer, & tantos

tantos ardijs lhe dava para acreſcentar fazenda que elle lhe dava muito credito. E para elle tèr juntamente o favor d'el Rei de Ternate, como tinha o do Capitão, imaginou de fazer tirar o Reino à Tabarija como ſe tirou à Cachil Daialo, & que ſe levantaſſe por Rei Cachil Aeiro ſeu irmão mais moço de idade de catorze annos, confiando da amizade de Triſtão de Taide, que o faria à elle Regedor do Reino, atè Cachil Aeiro ſer de idade para governar. Polo que aſſacou à Tabarija que elle per conſelho de ſua mai, & Pate Sarangue ſeu padraſto, & de Ragabao Iuſtiça môr do Reino, tratavão de matar à Triſtão de Taide, & à todos os Portugueſes, & tomar a fortaleza. Perſuadido diſto Triſtão de Taide, dando conta à algũs Portugueſes, determinou de prender el Rei. E para que em ſua priſão não ouveſſe alvoroço, ordenou que dous Portugueſes fizeſſem hum arroido feitiço, & que mandandoos elle prender, pedirião à el Rei rogaſſe por elles à Triſtão de Taide que os ſoltaſſe, & que indo el Rei ſobre iſto à fortaleza o prenderia, com a mãi, & os outros. Aſsi o fez Triſtão de Taide, & per conſelho de Samarao levantou logo por Rei à Cachil Aeiro, filho baſtardo d'el Rei Boleife, irmão de Tabarija. [a]

*a. Mandou Triſtão de Taide hũs criados ſeus à caſa da mai de Cachil Aeiro, à pedir que lho entregaſſe para o levantarem por Rei. Vendo ella o infelice fim q̃ os paſſados Reis tiverão deſpois q̃ os Portugueſes entrarão naquella Ilha, cõ muitas lagrimas, & laſtimas, não alargava o filho, querendoo antes ſeguro em humilde eſtado, q̃ arriſcado no Real. Os Portugueſes lho tirarão com força dos braços, & à ella com deshumanidade de feras, lançarão per hũa janella fora, do que logo morreo.*
*Diogo do Couto cap. 13. do liv. 8.*

Como a priſão d'el Rei, & d'aquellas peſſoas tam principaes ſe ſoube, muitos fugirão da cidade, & entre elles os do Conſelho d'el Rei, cuidando que tambem ſerião preſos, ou mortos. E foi couſa laſtimoſa ver naquelle ſubito rebate a preſſa, & deſatino com que fugião, & como os ſeguião as mulheres, filhos, & criados, deſamparando ſuas caſas, que deixavão abertas: & os gritos da gente popular, quando via fugir os maiores. Ouro Bachela Teſoureiro que fora d'el Rei Daialo, por ſer do Conſelho, querendoſe ir deſculpar à Triſtão de Taide, o matarão à porta da fortaleza, o que foi cauſa de a cidade ſe deſpovoar mais. Deſte caſo ſe deſculpou Triſtão de Taide de palavra com os preſentes, & per cartas com os Reis vezinhos, os quaes reſponderão, que là ſe avieſſem os Ternates, pois per ſua vontade quiſerão receber Portugueſes, & entregarlhes ſua terra, & ajudallos contra elles ſeus parentes, & naturaes, & de ſua lei. Dada eſta deſculpa, publicou Triſtão de Taide o levãtamẽto de Cachil Aeiro, & o teve na fortaleza, dõde não ſaia em figura de hũ cattivo mimoſo, porq̃ era ſervido dos ſeus, & tratado em tudo como Rei; mas



mas ſem juridição algũa, nem liberdade. E os officiaes todos d'el Rei proveo de novo, & ao Samarao deu o officio de Regedor do Reino, por cuja pretenſão elle ordio eſta maldade.

Quando vèo o tempo de averem de ir navios à Malaca, & d'ahi para a India, de que ia por Capitão Lionel de Lima, Triſtão de Taide lhe entregou el Rei Tabarija, & ſua mai, & à Pate Sarangue, & Ragabao preſos, com os autos que mandou fazer de ſuas culpas. Os quaes vendoſe tirar da priſão para os levarem de ſua terra para outra tam remota, donde não eſperavão tornar, ſendo innocentes da culpa que lhe impunhão, fazião grande pranto, & dezião muitas magoas. Entam conheceo Pate Sarangue que pagava a maldade que cõmettera em fazer tirar o Reino à ſeu Rei Cachil Daialo injuſtamente. Sendo eſtes preſos na India, Nuno da Cunha vio as devaſſas que contra elles forão, & os achou ſem culpa, polo que os deu por livres, & julgou que o Reino de Ternate ſe reſtituiſſe à Tabarija. O qual converteo a injuria que lhe foi feita em maior bem que tornaremlhe ſeu Reino. Porque na demora que fez em Goa, Deos inſpirou nelle, & de ſua propria vontade ſe tornou Chriſtão, & no Bautiſmo tomou o nome de Manoel, em memoria d'el Rei Dom Manoel, que as Ilhas de Maluco mandou deſcobrir, & que foi cauſa de ſua converſão. Tornando para ſeu Reino, adoeceo, & falleſceo em Malaca à xxx. de Iunho do anno de M.D.XLV. onde fez ſeu teſtamento, & nelle por não tèr herdeiros, deixou per herdeiro de ſeu Reino de Ternate à el Rei Dom Ioão de Portugal, como diſſemos na terceira Decada.* ** Liv. 5. cap. 6.*

## CAPITVLO. XXV.

*Como Triſtão de Taide ſem cauſa fez guerra à el Rei de Bacham, & como os Reis do Maluco ſe conjurarão contra elle, & do que ſobre iſſo ſuccedeo.*

TRiſtão de Taide como vio que tinha à el Rei Cachil Aeiro como ſeu cattivo, & ao Regedor de Ternate por tam familiar, determinou de aver para ſi todo o cravo que ouveſe na terra por o preço da Feitoria, que era à mil reaes o bahar.

bahar, que he hum peſo de quatro quintaes. Para o que o Samarao mandou pregoar per todo o Reino de Ternate ſob graves penas que nenhum Mouro, nem Gentio vendeſſe cravo ſe não à Triſtão de Taide, ou à quem elle ordenaſſe. Com eſte pregão creſceo o preço do cravo à tanto que chegou à
» valer hum bahar cinquoenta, & ſeſenta cruzados. Porque co-
» mo os Portugueſes tinhão muita fazenda para empregar, &
» vião o Maluco em riſco de ſe perder por as deſordẽs dos Ca-
» pitães, todos compravão cravo, & como os Mouros de Ter-
» nate ſe aventuravão à grandes penas ſe Triſtão de Taide o
» ſoubeſſe vendião o riſco que niſſo corrião por grande preço.
Por rogos de Triſtão de Taide mandarão pregoar a meſma defeſa em ſuas terras os Reis de Tidore, & de Geilolo. O que el Rei de Bachã ſendo requerido por elle, não quis fazer, poſto que era mui leal ſervidor d'el Rei de Portugal, & amigo antigo de Portugueſes, & que para acodir à ſuas neceſsidades nunca aguardou ſer rogado, porem parecialhe injuſta à poſtura do cravo, & muito mais a priſão d'el Rei Tabarija, & por eſtas, & outras deſordẽs avia dias que não ia à fortaleza de Ternate como de antes fazia. Mas Triſtão de Taide eſcandalizado de lhe não fazer a vontade no negocio do cravo, tentou fazerlhe guerra, & mandou hũa armada contra elle, à cujos Capitães el Rei fez muitos requerimentos, que lhe não fizeſſem guerra, pois ſempre fora, & era leal ſervidor d'el Rei de Portugal, & não cõmettera couſa porque lha fizeſſem. Porem não querendo elles ſe não inſiſtir, o que niſſo ganharão foi morrerem algũs Portugueſes, & os outros tornarem com pouca honra.

Indinado diſto Triſtão de Taide, quis ir elle em peſſoa, & levar conſigo em ſeu favor os Reis de Ternate, & de Tidore,
*Fernão Lopez de Caſtanheda no cap. 95 do liv. 8*
*Franciſco de Andrade no cap. 7. da 3. parte.*
» & foi com hũa groſſa armada, de que ião por Capitães Dio-
» go Sardinha Capitão mòr do mar, Antonio de Teive, Baltha
» ſar Vogado, Antonio Pereira, Balthaſar Velloſo, Liſuarte
» Caeiro, Fernão Enriquez, Iorge Goterrez, Afonſo Pirez, &
» outros, & aſsi aquelles Reis, & ſeus Regedores, & Sangages.
» Como os de Bacham ſouberão que os Portugueſes ião con-
» tra elles, lhe atopirão o rio com muita madeira, & deſatopin-
» doo os noſſos, os Bachões lhe mudarão a corrente per hũa ma
» dre antigua perque ja correra, & aſsi ficarão os navios dos Por
» tugueſes em ſeco; mas mandando Triſtão de Taide dar nos que



» que trabalhavão no rio, deixarão a obra, & tornou à correr
» por onde antes ia. Deſconfiado el Rei de poder reſiſtir à
» Triſtão de Taide, deſpejou a cidade de todo, de gente, &
» fazenda, & foiſe para o ſertão. Os Portugueſes porque não
» acharão vivos com que pelejar, pelejarão com os mor-
» tos, quebrando as ſepulturas dos Reis Mouros que alli
» avia, & à tudo poſerão o fogo. E querendo Triſtão de
» Taide entrar pela Ilha, o não fez, por à terra ſer alagadiça,
& ſe tornou para Ternate, deixando Diogo Sardinha com parte da armada, & com elle o Samarao com a de Ternate, para lhe tolher o ſerviço do mar, polo que el Rei de Bacham lhe cõmetteo paz com dar cada anno dozentos bahares de cravo à el Rei.

Mas poſto que elle fez eſta paz, ficou em ſeu animo em viva guerra, & mui eſcandalizado da mà paga que ouve por a grande lealdade que ſempre teve à el Rei de Portugal, & pelos beneficios que fizera à Portugueſes, à que tam affeiçoado era. Polo q̃ ſabendo elle como os outros Reis de Maluco eſtavão eſcandalizados de Triſtão de Taide, & dos Portugueſes, poſto q̃ o diſsimulavão, per cartas, & menſageiros ſe vierão à concordar que ſe viſſem, & em caſa de Cachil Mir Rei de Tidore ſe ajuntarão, el Rei Cachil Daialo que fora de Ternate, el Rei Cachil Catabruno de Geilolo, & el Rei de Bacham, onde cada hum em particular recontou as cauſas do odio que tinha, para procurar a total deſtruição de Triſtão de Taide, & dos Portugueſes, & alli jurarão todos ſobre hum Moçafo, que he o livro de ſua lei, de fazerem guerra à fortaleza de Ternate, atè a tomarem, & matarem à Triſtão de Taide, & à todos os Portugueſes. A eſte juramento, & viſtas deſtes Reis, não foi preſente o Samarao Regedor de Ternate, mas ſendo o principal dos conjurados, com ſimulada amizade que moſtrava tèr à Triſtão de Taide, ficava fazendo maior guerra, ſabendo ſeus diſenhos todos, & ſecretos, para aviſar delles aos Reis. Naquellas viſtas aſſentarão duas couſas, hũa que a guerra avia de começar em Ternate, & que atè não irem bem com ella por diante, os Reis a não avião de mover. A outra foi, que o Samarao com ſeu conſelho, & induſtria fizeſſe divertir à Triſtão de Taide com mandar armadas à outras partes, para aſsi ſe gaſtar, & ficar com menos gente.

A primeira couſa que o Samarao niſſo fez, foi fazer crer à Triſtão de Taide que nas Ilhas dos Celebes, & dos Macaçares, & na de Mindanao avia muito ouro, para que com a cobiça delle mandaſſe algũs navios à eſte deſcobrimento, para aſsi ficar com menos gente. E como o cobiçoſo, & o trampoſo (como diz o proverbio) ſe concertão facilmente, com eſte conſelho do Samarao, & por lhe dizerem que à Geilolo chegarão certas coracoras que vinhão de Mindanao, perque ſe ſoube que là avia muito ouro, mandou logo armar hum navio, de que fez Capitão à hum Ioão de Canha Pinto, o qual não achou o ouro que ia buſcar, mas hum perigo em que ſe elle por ſua culpa quis metter, de querer cattivar hũs Mouros na Ilha de Siriago, que como amigos vierão à ſeu navio, tendo feito paz com elle. Polo que os da terra correrão apôs elle, & alli com hum temporal que lhe deu, lhe foi neceſſario lançar a artelharia ao mar, & ſem fazer outra couſa tornou à Ternate.

Quando os Reis conjurados virão quam poucos Portugueſes forão à Mindanao, ordenarão outro modo, & foi, que el Rei de Geilolo concertou cõ hũs povos que chamão Tanares que fizeſſem guerra ao Senhor de Bonacora, & ao Moro, por andarẽ là muitos Portugueſes, ao que eſtava certo q̃ Triſtão de Taide avia de acodir, como logo acodio, mandando à Bonacora hũa armada, & por Capitão della à Iorge de Taide ſeu ſobrinho, & outra ao Moro, de que ia por Capitão Diogo Sardinha. Com eſta deſpedida de gente, algũs dos Ternates ſecretamente ſe forão em ſeus navios à Batochina do Moro, junto de Geilolo, onde algũs Portugueſes andavão com Vicente Correa meſtre de naos cortando madeira para navios que Triſtão de Taide mandava fazer. E mandando elle hum batel carregado d'aquella madeira para a fortaleza, eſtes Ternates matarão a gente do batel, de que não eſcapou mais que hum Arabio à nado, que levou a nova à Vicente Correa: o qual com temor ſe acolheo em outro batel para Ternate, & achou no caminho os meſmos Ternates que matarão os que elle mandara. Mas elles diſsimularão, & paſſarão à Geilolo. El Rei Catabruno ſabendo per elles o que deixavão feito, por mais ſegurar à Triſtão de Taide na ſua amizade fingida, mandoulhe logo hum recado, perque lhe



lhe fazia à ſaber como entendera que os Ternates fizerão aquelle inſulto, para que não cuidaſſe que couſa ſua fora niſſo. E por moſtrar mais amizade, mandou certas coracoras apôs Vicente Correa, para que o acompanhaſſem, & levaſſem ſeguro dos Ternates. Não ſabendo Triſtão de Taide deſte conluio, mandou agradecer à el Rei o que fizera, & ficou mui confuſo por não ſaber a cauſa que moveo aos Ternates fazer aquella traição.

Mas muito mais ficou quando d'ahi à poucos dias a cidade de Ternate foi deſpejada de todos ſeus moradores ſubitamente em hũ ſò dia, tendo ja tirado della ſuas fazendas, & quando acodio achou ja mui poucos, aos quaes rogando que ſe não foſſem, & ſe tinhão aggravos lhos emmendaria, o não quiſerão ouvir, & por os não eſcandalizar, não lhe quis fazer força. Como a cidade ſe deſpejou, o Samarao ſeu Governador, que era ido fora com grande armada, vèo, & tanto que deſembarcou com os de ſua caſa, os Mouros que ficavão nos navios, como gente que eſtava fallada, virarão as proas, & forãoſe. Chegado o Samarao à noſſa fortaleza, moſtrouſe mui eſpantado à Triſtão de Taide do levantamento da gente da cidade de Ternate, & como homem que fingia não ſaber parte deſte caſo, começou de lhe contar os medos que tivera d'aquelles que atè alli o trouxerão, dizendo que o querião matar, como gente indinada delle. E que cria que ſe o deixarão de fazer, fora porque ſeu filho ſe fora com elles. E per taes termos fallou com Triſtão de Taide, que ſe enganou com elle, & parecialhe tèr nelle hum grande amigo, & como tal per ſeu conſelho fez hũa armada de quantas vellas eſtavão no porto, & das d'el Rei de Geilolo, que ainda eſtavão nelle, como eſpia do que Triſtão de Taide fazia. Na qual armada levavão à el Rei Cachil Aeiro, para que vendo os Mouros dos lugares maritimos ſeu Rei, ſe moveſſem ao obedecer, & ſe tornaſſem à povoar a cidade. Mas elles eſtavão tam indinados contra Triſtão de Taide, que quando lhe dizião que obedeceſſem à ſeu Rei, & que ſe tinhão queixas do Capitão, ſe remediarião à ſeu contento, reſpondião todos, que não tinhão, nem conhecião tal Rei, & ſe algũa hora lhe obedecerão, fora per força, & não per vontade, que ſeu Rei natural era Cachil Daialo,

& que quanto a amizade com os Portugueſes a tinhão como d'antes, & que ſe elles mataſſem à Triſtão de Taide, ſe ajuntarião com elles, & ſem iſſo, não.

Finalmente não fez outro effeito a armada, & os Ternates q̃ fugirão da cidade fizerão hũa povoação afaſtada donde os Portugueſes podeſſem ir, & de noute vinhão dar rebates na noſſa povoação, & andavão tam frequentes neſtes aſſaltos q̃ cõprio à Triſtão de Taide fazer repairos, & vigias para ſua ſegurança. Acabado de ſe divulgar per outras partes eſte levãtamento dos Ternates cõtra a noſſa fortaleza, onde avia Portugueſes, os cattivavão, & matavão, & aſsi foi morto o Vigairo Simão Vàz, [a] que na Ilha de Chião, principal do Moro, eſtava fazendo algũs Chriſtãos, & com elle os que o acompanhavão, & os novamente bautizados, & outros em bateis que ião buſcar mantimentos.

Em quanto eſtas couſas ſe fazião, Cachil Daialo tinha ja quaſi toda a Ilha de Ternate por ſi, & o reconhecião por Rei, & tinha mandado fazer gente à Banda cõtra os Portugueſes. Com eſta nova, em hũ junco q̃ alli foi tèr de Portugueſes fazer noz, de q̃ era Capitão Lopo Alvarez, forão mortos elle, & a gente toda, & tomado o junco, & a artelharia delle levada à Cachil Daialo. O qual indo à requerimento d'el Rei do Geilolo, à fazerlhe entregar certos lugares que tinha perdidos no Moro, [b] em tomando o primeiro lugar, logo os moradores de Sugalla o mandarão chamar para lhe entregar hũ clerigo per nome Franciſco Alvarez, q̃ alli bautizara algũs Gẽtios, & aſsi algũs Portugueſes q̃ hi eſtavão fazendo hũ junco. O q̃ entendendo Franciſco Alvarez fugio em hũa coracora, levando cõ ſigo os ornamẽtos cõ q̃ dizia Miſſa. Mas como a armada d'el Rei de Geilolo que alli eſtava o ſentio, foi tras elle, & o alcançarão, & na revolta q̃ ouverão lhe derão dezaſete cutiladas, pelejando elle, & os companheiros mui valentemente, & o q̃ os ſalvou forão os ornamentos que o clerigo alijou ao mar, na preſa dos quaes os inimigos ſe detiverão, & neſſe tempo por ſer ja de noute ſe ſalvarão na noſſa fortaleza.

Sabendo deſte ſucceſſo Triſtão de Taide ficou mui triſte, & agaſtado em perder a amizade d'el Rei de Geilolo, q̃ ſempre o achara mui leal, & logo entendeo q̃ os outros Reis ſeus amigos ſe avião rebellado. Os quaes vendo como el Rei Cachil Daialo ſe ia apoderando do Reino, & que el Rei de Geilolo ſe avia

a. *Hum Mouro dos q̃ matarão Simão Vàz, & aos novos Chriſtãos, quebrou em pedaços hũ retabolo de Noſſa Senhora, q̃ o Vigairo tinha, & não ſofrẽ do Deos eſta ofenſa feita à ſua ſagrada Mãi, ſubitamente ſe lhe aleijarão às mãos ao Mouro, & morreo brevemente, & dentro de hũ anno toda a ſua geração, de deſaſtres: & o lugar q̃ era mui grande em poucos annos ſe conſumio per guerras, de maneira que delle não ha memoria algũa. Diogo do Couto cap. 4. do liv. 9.*

b. *Tomados eſtes lugares, foi Cachil Daialo ſobre a cidade de Momoja, de que era Senhor Dõ Ioão (como atras diſſemos) o qual determinou de ſe defender cõ os Portugueſes q̃ tinha em ſua cõpanhia, para o q̃ ordenou hũa forte tranqueira, q̃ ſendo cõmettida polos inimigos, os Portugueſes ſem reſiſtencia ſe paſſarão à elles, deſamparando cõ grande infidelidade à Dom Ioão, q̃ os perſuadia q̃ quiſeſſẽ antes morrer como Chriſtãos, q̃ entregarſe à Mouros, & cõ ajuda de algũs poucos dos ſeus defendeo a tranqueira todo hũ dia: & ſaindo da briga cõ muitas feridas, & ſem eſperança de ſoccorro, determinou de perder antes a vida, q̃ a liberdade: & porq̃ ſua molher, & filhos, q̃ erão Chriſtãos, deſpois de ſua morte não vieſſem ao poder dos Mouros, q̃ os couverteſſem como fracos à ſua perverſa ſeita, lhes deu à todos a morte. Os ſeus o entregarão à Cachil Daialo, & foi levado à el Rei de Geilolo, q̃ ſabendo o que Dõ Ioão fizera, & perguntandolhe a cauſa porq̃ matara ſua molher, & ſeus filhos, lhe reſpõdeo com eſtrema do valor, que lhe dera a morte, porq̃ melhor era q̃ foſſem reinar cõ Chriſto morrendo, que não ſervirem vivendo à Mafamede, & que elle não avia de deixar a Fè de Chriſto por todas as ſuas ameaças, & tormentos. Eſpantado el Rei de hũa tam rara cõſtancia, o deixou livre ſem caſtigo. Franciſco de Andrade cap. 29. parte. 3. O Padre Ioão de Lucena no cap. 16. & 17. do liv. 3.*



avia deſcuberto, os Reis de Tidore, de Bacham, de Maquiem, & de Moutel ſe declararão cõ Triſtão de Taide que lhe querião fazer guerra, lançando fora os Portugueſes que em ſeus Reinos andavão. E ſabendo os Ternates eſta deſpedida que os Reis davão aos Portugueſes, os ſaltearão, & matarão todos. Em vingança diſto, foi logo Triſtão de Taide ſobre hũ lugar chamado Mongue, perto da fortaleza, & o tomou, mas ſe não forão Antonio de Teive, Iorge de Taide, & Balthaſar Vogado, & outros, ouvera de cuſtar a vida à muitos Portugueſes, & forão mal feridos Iorge de Brito, Enrique Iorge, Afonſo Teixeira, & Andre Pinto.

Neſte tempo chegou de Malaca Simão Sodrè em hum navio, o qual mandou Dom Eſtevão da Gama, que là eſtava por Capitão, que animou muito à Triſtão de Taide por a gẽte freſca q̃ trazia. E logo per Simão Sodrè mandou fazer guerra aos Ternates, à que tomou Turutò, Palacia, Calamata, Gico, & outros lugares, cujos moradores ſe ião ajuntar com outros mais longe, & algũs delles forão fazer hũa povoação em ſitio afaſtado, & aſpero, que Triſtão de Taide não podia ir à elle, atè que ouve cattivos à mão, que lhe inſinarão o caminho, & dando no lugar per duas partes, foi entrado, & queimado, & muitos Mouros mortos. A tomada deſte lugar, por ſua aſpereza, ſentirão os inimigos muito, polo que deſpovoarão todos os lugares vezinhos da fortaleza, & forão fazer outros lõge della da banda de Levãte, cõ q̃ a fortaleza ficou algũ tãto deſapreſſada de rebates, mas à maior guerra q̃ os Mouros fazião, era tolher os mantimẽtos. Para o q̃ os Reis conjurados mandarão ſuas armadas, com que os Portugueſes ſe não atrevião ſair à buſcalos, principalmente deſpois que os Mouros ouverão à mão hum paraò, de que ficarão mui orgulhoſos por ſer a primeira vittoria que contra Portugueſes ouverão no mar.

Triſtão de Taide por iſto ſer couſa tam nova, quis logo vingala, & ſe embarcou em hũa armada, & foiſſe à Tidore com propoſito de deſtroir a cidade. Os Mouros confiados na vittoria que ouverão, o vierão receber, de que os Portugueſes ſe eſpantarão, porẽ poſto q̃ o numero delles era grande, & cõ ſua artelharia, que era poucar, reſponderão à dos Portugueſes, que era mais, deixarão de abalroar com os noſſos por ſuas embarcaçoes ſerem mui leves, & temerão ſerem mettidos no

fundo.Mas como erão muitos andarão esbombardeando cõ os Portugueses tanto tempo, que vendo Tristão de Taide q̃ lhe faltava a polvora, começou de se recolher, & os Mouros tambem mui contentes,porque não ficarão vencidos, como soião à ser,posto que forão bem escalavrados.

## CAPITVLO. XXVI.

*Como Tristão de Taide proseguio a guerra com os Reis do Maluco com varios successos,atè a vinda de Antonio Galvão,que vinha por Capitão de Ternate.*

ESTava per aquelle tempo no porto de Talangame,q̃ he da Ilha de Ternate, hũa nao de Francisco de Sousa, q̃ tambẽ andava cõ Tristão de Taide nestes trabalhos de guerra, & em terra se acabava hum junco de Francisco Enriquez, os quaes navios estavão naquelle porto, porque nelle podião estar vellas grandes,& não em o de Ternate, por causa do recife,como ja dissemos. E por estes navios terem mui pouca guarda,determinarão os Mouros de os queimar cõ jangadas de fogo, entremettido pela madeira, breu,& alcatrão,& em quãto aperceberão estas cousas cessarão da guerra, como homẽs q̃ estavão cãsados della.E como tiverão tudo apercebido, subitamẽte appareceo sobre o porto de Talangame hũa armada de trezẽtas vellas,q̃ cobria o mar, cousa não esperada dos nossos,nẽ parecia q̃ entre Mouros podia aver tãto navio. Tambẽ per terra appareceo muita gente de guerra, cõ proposito q̃ em quãto os do mar queimassem a nao,elles rõperião a trãqueira,& darião sobre o jũco,à q̃ tãbẽ porião fogo.Frãcisco de Sousa vẽdo tãto apparato de vellas,& hũ cardume dellas mui espesso,onde vinhão jãgadas,como era Soldado prattico,entendeo o caso, & incontinente cercou sua nao de vigas, lançadas na agoa de maneira, que as jangadas tivessem impedimento para não chegar à nao,& nisto gastou a maior parte do dia, em que se os Mouros detiverão em chegar ao porto. Como foi noute, mandou Francisco de Sousa recado à Tristão de Taide, fazendolhe saber o estado em que estava, pedindolhe que lhe acodisse. Tristão de Taide mandou logo por Capitão mòr de hum navio, & de outras embarcações



ções à Estevão de Chaves,hũ fidalgo de autoridade, & idade, & cõ elle estes Capitães, Antonio de Teive, Antonio Pereira, Iorge de Brito, Ioão Figueira, Balthasar Vogado, Balthasar Velloso,& Iorge Goterrez, q̃ como foi noute partirão.E em chegando à tiro de berço,começarão à varejar naquelle cardume de vellas.Francisco de Sousa cõ a gente q̃ tinha, & seus paraòs ajudou aos outros.E como as jangadas dos Mouros cõ a marè ficarão em seco,os Portugueses lhe puserão o fogo,& elles se defenderão de maneira,que entre todos ouve hũa grã de requesta.Por derradeiro os Mouros desesperando de fazer algum dãno, & vendo que o recebião, se forão recolhendo para suas casas,& os Portugueses para à fortaleza.

Tristão de Taide vendo q̃ a fortaleza estava em tãta necessidade, q̃ vierão os nossos à comer cães,gatos,& bogios, & valer hum alqueire de arroz cinco cruzados,& hũa jarra de sagù mantimẽto da terra vintecinco, & tinta cruzados, hũa cabra vinte cruzados,hũ porco cinquoẽta,hũa galinha quatro, hũ ovo trinta reaes,& assi d̃ todas as outras cousas era tamanho o preço,q̃ não avia homem q̃ tivesse cabedal para cõprar o comer,pareceolhe q̃ como os Mouros do recõtro passado ficarão quebrados de sua opinião,era boa conjunção para lhe cõmetter paz,q̃ elle antes tá pouco procurava,& q̃ entã lhe cõvinha mais q̃ a guerra.O medianeiro q̃ nisto metteo foi o traidor Samarao,q̃ era o q̃ mais impedia a paz,& assi como os inimigos per elle sabião o estado de Tristão de Taide, não lha concederão,& ficarão na inimizade em que estavão.

Nesta necessidade dos nossos,vèo de Bãda em socorro Dõ Fernando de Monroi fidalgo Castelhano, q̃ o Capitão Enrique de Vascõcellos mandou em hũ junco,& Luis Froez Piloto em outro,em q̃ trouxerão mantimẽtos,& gente, & outras provisões q̃ Tristão de Taide mandara buscar.Cõ este soccorro renovou a guerra com os Mouros,& lhes tomou dos portos os melhores q̃ tinhão,q̃ erão Toloco,& Tabanga.E porq̃ os Mouros mudarão a cidade de Toloco de jũto do mar para dentro do sertão,pegada à hũa Serra,elle foi à ella per mar, & Francisco de Sousa per terra,& lhe deu nas costas tã subitamẽte,que tomarão a cidade,& ouverão os mantimentos della, q̃ foi o melhor despojo q̃ entã desejavão.Despois mandou Tristão de Taide à Geilolo,& o mais que alli fizerão foi queimar hũa Mesquita, & querendo ir mais adiante à hum lugar,

não poderão por acudir tanta gente, que cauſou embarcarenſe de preſſa.

Os Mouros porque deſejavão de deſpejar de todo a Ilha de Ternate,& iremſe para Geilolo,& não o podião fazer ſem grande perigo ſeu, por Triſtão de Taide lhe tèr pejado com ſeus navios os portos onde avião de embarcar,lhe mandarão cõmetter pazes pelo Samarao, moſtrando eſtarem canſados de continuar a guerra, & que lhes convinha juntarenſe por andarem todos derramados. Triſtão de Taide foi diſſo contente,não advertindo o engano,& deſembaraçados os portos,poucos,& poucos ſe recolherão nas embarcações que lhe levavão os de Geilolo, & ſòmente ſe deixou ficar Poio filho de Samarao,com algũs de ſua valia,moſtrando que queria ficar com os Portugueſes. E para melhor ordenar, & corar ſua maldade,mandou pedir à Triſtão de Taide,que para ſe virem para a cidade de Ternate lhe mandaſſe algũs Capitães ſeus que lhe deſſem guarda. Para iſto lhe mandou Triſtão de Taide dous bargantijs,& por Capitães delles Franciſco de Souſa,& Balthaſar Vogado,os quaes forão em tal ora,que a armada d'el Rei de Geilolo que eſtava em cilada, ſaltou de ſubito com elles,& foi tomado o bargantim de Balthaſar Vogado, que ia diante,& morto elle,& quantos levava conſigo. Franciſco de Souſa vendo que lhe não podia valer, & que ſe offerecia à morte ſem frutto, ſe tornou para a fortaleza. Deſte ſucceſſo ficarão os Mouros tam ſoberbos, & atrevidos, por ſerem os primeiros que ouſarão abalroar navio Portugues, que levarão o bargantim à el Rei de Geilolo. Os de Tidore tendo grande enveja deſta vittoria, forão tomar hum navio de remo em que ia Franciſco Enriquez de Talangame buſcar hum leme,& como eſtavão em cilada,ſairão à elle,& matarãolhe logo dez Portugueſes, & quarenta eſcravos, & ſe a ſua tranqueira não fora tam perto,onde ſe acolheo a mais gente,toda perecera. Triſtão de Taide ſaio ſòmente à ſaber deſte deſaſtre de Franciſco Enriquez, & hũa armada de Tidore o vèo eſperar ao caminho, da qual elle metteo no fundo hum navio,& recolhido, não quis mais ſair, nem mandar fora da fortaleza peſſoa algũa, & ſe deixou eſtar, atè que vèo Antonio Galvão ſucceſſor no cargo,que o tirou d'aquelles trabalhos.

LIVRO



# LIVRO SEPTIMO
## DA QVARTA DECADA DA ASIA,
### *DE IOÃO DE BARROS.*
### Governava a India Nuno da Cunha.

## CAPITVLO PRIMEIRO.

*Dos Principes que ficarão no Reino do Decan per morte d'el Rei Mamud Xiah, & das guerras que entre elles ouve.*

EM Quanto paſſavão no Reino de Cambaia,& nos à elle comarcãos, as couſas que atras eſcrevemos,ouve outras entre os Principes do Decan, em que tambem intervèo ſuor,& ſangue dos Portugueſes,o que querendo nos eſcrever, convem repetir algũas de longe,para entender as que ſuccederão,atè chegar ao tempo de Nuno da Cunha,que he o fim de noſſo intento. Eſcrevendo nos na ſegunda Decada deſtes livros,* como o Reino de Decan,per morte d'el Rei Mamud Xiah,ficou repartido em ſette Capitães ſeus,contamos como todos ſe fizerão tyrannos das terras,& comarcas que tinhão

*No cap.2.do liv.5.

à ſeu cargo,& não ſòmente cõquiſtarão dos Gentios outras, mas ainda hũs com outros contenderão quem ſe faria maior. De maneira que de ſette, ficarão em cinco, cujos nomes, & Eſtados ſão eſtes. O Hidalchan, filho do Sabaio, que morreo quando Afonſo de Alburquerque tomou Goa. Eſte foi ſempre o principal deſtes Satrapas, porq̃ ſe fez tyranno da peſſoa d'el Rei, que per morte de ſeu pai Mamud Xiah ficou moço de doze annos, poſto que no acatamento, & reverencia o Hidalchan o tratava como à ſeu Rei, & Senhor. E para ſe fazer maior, & tèr mais autoridade, & aução para o que pretendia, tomou per molher hũa ſua irmãa, para que falleſcendo elle, moſtraſſe què per ella lhe pertencia o Reino, & a herança. E tendo elle nas ceremonias apparentes poſto em muita mageſtade à el Rei, para enfrear os outros, lhe deu peçonha, mas de tal maneira, que de vagar o foſſe conſumindo, & que pareceſſe doença, da qual vèo à morrer. E aſsi lhe ſoccedeo no Eſtado, o qual he ao longo da coſta do mar, que corre de Norte à Sul, & começa no rio Domel, que fica oito legoas de Dabul, & acaba em Cintàcola abaxo de Goa onze legoas, em que avera ſeſenta legoas, pouco mais, ou menos de diſtancia, & na maior largura cinquoenta. Da parte do Norte confina com o Nizamaluco, que he o ſegundo Capitão, cujo Eſtado terà de coſta maritima quinze legoas, começando no meſmo rio Domel, & acabando para o Norte no de Nagotana, termo cõmũ ſeu, & do Reino do Guzarate. Da parte do Sul vai enteſtar o Hidalchan com o Reino de Canarà, que he d'el Rei de Narſinga, com quem a maior parte do tempo anda em guerra. E pela de Levante cercão ao Hidalchan, & ao Nizamaluco os outros tres Capitães Madre Maluco, Melique Verido, que fica em meio, & Cota Maluco mais ao Sul. Eſte por tèr tomado muitas terras ao Rei de Orixà ſeu vezinho, & por a ſua terra ſer mais montuoſa, & aſpera que a dos outros, & tèr de ſeu muitos Elefantes, he muito temido, & quer competir em poder com o Nizamaluco. Aſsi que de dezoito Capitães perque Mamud Xiah tinha repartido o governo, & defenſão de ſeu Reino, quãdo elle proſperava, vèo à ficar em ſette, atè que per morte de hũs, & per violencia d'outros, que ſe fizerão mais poderoſos, ficarão eſtes cinco de que fallamos, cujos animos, & odios veremos no que ſe ſegue.

Eſtes todos em algũa maneira ſempre tiverão algum reconhecimento



nhecimento de ſuperioridade ao Hidalchan, o qual tambem tinha algũa reverencia, & reſpeito ao Nizamaluco, como rico que era, por cauſa da noſſa fortaleza de Chaul, per onde tinha entrada de cavallos, & de noſſas mercadorias, & por eſſa cauſa lhe dera a irmãa por molher. O Madre Maluco era caſado com a irmãa do Hidalchan, o qual trattava à eſte ſeu cunhado, & à Melique Virido como â ſeus vaſſallos, principalmente ao Virido, à que dera algũas terras por vaidade de vaſſallagem. Eſte ao tempo que falleſceo el Rei Mamud Xiah, era guarda, & governador de ſuas molheres, & eſtava ſempre com ellas na cidade de Bider, onde as tinha el Rei. Morto Mamud Xiah, & ſeu filho que em poder do Hidalchan eſtava, uſava dellas como Mamud Xiah fazia. O Cota Maluco vindo tèr differenças com elle, como com vezinho com quem partia ſuas terras, deſejando de lhas tomar, per cartas lhe eſtranhou muito a traição que naquillo fizera à ſeu Senhor, & lhe eſcreveo, que não ſem razão ſe diſſera, que elle por ficar à ſua vontade com ſuas molheres, & o Hidalchan por lhe uſurpar, & tyrannizar ſeu Eſtado, matarão com peçonha à el Rei Mamud Xiah, & outras palavras com que culpava ambos de traidores, & por ellas ſe lhe tornarão ambos inimigos, & com a reſpoſta que o Virido mandou ao Cota Maluco, vierão romper em guerra, em que o Cota Maluco perdeo muita gente, & desbaratado ſe tornou para ſuas terras, tendo entrado pelas do Virido, poſto que ajudado do Hidalchan, que o ſoccorreo com gente como à vaſſallo ſeu: mas a principal cauſa era para ſe vingar das palavras do Cota maluco, que o infamava de traidor.

(?)

CAPI-

## CAPITVLO II.

*Como o Hidalchan foi cercar a cidade de Goulacondà do Cota Maluco, que a defendeo com grande estrago da gente do Hidalchan, per conselho, & ajuda de doze Portugueses seus cattivos, & da morte do Hidalchan, & prisão de Abrahemo seu filho segundo, que se queria levantar com o Estado.*

NESTE tempo que Cota Maluco provocara cõ palavras ao Hidalchan, acertou elle de adoecer, cuja doença dezião ser peçonha, industriada per hũa de tres pessoas, pelo Açadachan seu Capitão, & vezinho nosso de Goa, ou per Cota Maluco, ou per Melique Abrahemo filho do mesmo Hidalchan, mancebo ousado, & temerario, ao qual o Cota Maluco dizem corromper com promessas, que matando à seu pai com peçonha, o casaria com hũa sua neta, indose para elle, & o metteria em posse do Estado de seu pai. O Hidalchan entendendo sua doença, & sendo certo q̃ hũa destas tres pessoas lhe dera a peçonha por o odio q̃ tinha ao Cota Maluco, creo mais q̃ elle seria o autor. E tanto q̃ foi são, por lhe acodirẽ logo, sem mais esperar, com todo seu poder, foi pôr cerco à Cota Maluco na sua cidade de Goulacondà, que he hũa das cidades mais inexpugnaveis, de todo o Reino do Decan, por razão do sitio, estando assentada no alto de hũa Serra mui ingreme, & aspera, onde em hum pico tem hũa fortaleza cercada de tres cercas, em que se podem agasalhar quatro mil homẽs, que fica como torre de homenagem da cidade, que està ao pè da fortaleza, & he de grande povoação. E alem da defensão natural que tinha por causa do sitio, era ainda mais defensavel, por a muita artelharia, & munições de guerra que nella avia.

O poder que o Hidalchan ajuntava, era tam grande, que o Cota Maluco se não esperava defender, porque segundo fama, tinha cem mil de cavallo, & quatrocentos mil de pè. E por ser ajudado de Madre Maluco, & de Melique Verido, & do Açadachan, que erão tam poderosos, tinhão muitos para si, que aquelle apparato era para ir contra



contra el Rei de Bisnagà, posto que com elle estava entam de paz. Mas el Rei de Bisnagà por a grande amizade, & vezinhança que tinha com Cota Maluco, lhe mandou muita gente; por se dizer, que o Hidalchan, não ia com tam grande exercito para sòmente lhe tomar aquella cidade, que era a cabeça de seu estado, mas toda a mais terra que tinha, o que não podia ser sem grande perjuizo do Reino de Bisnagà. O Cota Maluco vendo sua pessoa, & Estado em tanto perigo, buscava todos os meios para se defender: & porque elle tinha doze Portugueses cattivos que comprara à el Rei de Orixà, mandou os trazer ante si, & se aconselhou com elles, que modo teria para defender aquella cidade, em que consistia sua honra, & seu Estado. Elles lhe derão taes modos, & traças para assegurar a cidade, que Cota Maluco lha entregou, mostrando ter mais fè em sua lealdade, & esforço, que nos seus Capitães. Mas os Portugueses a não quiserão aceitar sem lhes dar Capitão para mandar a gente, porque à elles que virão avia tam pouco em estado servil, não avião de obedecer, polo que Cota Maluco lhes deu hum Capitão de que mais se fiava. Vindo o Hidalchan com todo o seu exercito, pôs cerco à cidade, & a começou à combater: mas os de dentro se defenderão de tal maneira, que nos primeiros tres combates lhe matarão mais de vinte mil homẽs Do que o Hidalchan ficou tam indinado, que determinou de se não mover d'alli sem tomar a cidade, em cuja defensão os doze Portugueses fizerão cousas maravilhosas, & entre elles acertou de estar hum d'aquelles à que Afonso de Alburquerque em Goa mandou cortar os narizes, & orelhas, por se lançar com os Mouros, o qual era grande artilheiro, & andava ganhando soldo com o Cota Maluco.

Em quanto a cidade se combatia, andava o Cota Maluco no campo tomando todos os mantimentos que ao Hidalchan vinhão, com que o pôs em tanta necessidade, que de fome, & do trabalho dos combates que se derão, lhe morrerão mais de cem mil pessoas, em que entrarão quinze mil de cavallo: & no arraial andavão mais de dez mil homẽs sem orelhas, & sem narizes d'aquelles que ião buscar mantimentos, & os mais delles erão de Melique Virido, aos quaes o Cota Maluco mandava soltar, & que se fossem appresentar de sua parte ao Hidalchan, & lhe disséssem que mandasse à Melique Virido que lhe posesse outras orelhas, & outros narizes, dos que

que elle mandara cortar aos ſeus quando com elle tivera guerra.

Neſte tempo do nojo que o Hidalchan trazia do mao ſucceſſo d'aquella guerra,que elle não eſperava, & de indiſpoſições ſuas, lhe vèo naſcer hũa apoſtema de que morreo. Sua morte dous meſes eſteve encuberta ſem ninguem do arraial o entender. A cauſa de ſe encobrir,era tèr elle dous filhos, hũ mais velho chamado Maluchan, que ouvera em Aresbabà ſua primeira molher, filha d'el Rei Mamud Xiah, & outro menor por nome Melique Abrahemo, de outra ſua molher Chandebibij,irmãa do Nizamaluco, mancebo atrevido, & leve, & apparelhado para cõmetter qualquer feito por traveſſo que foſſe, & com iſſo mui apprazivel ao povo, cujas mãis de ambos eſtiverão à morte do Hidalchan ſeu marido. E porque na morte dos Reis,& Principes d'aquelle Oriente, he couſa mui cõmum aver alevantamentos de gente,que anda à roubar a terra do Senhor morto, per tempo de tres meſes,& mais, ſe lhe não acodem; por terem por opinião, que naquillo moſtrão a dor,& ſentimento que tem de ſeu Rei,para que todos ſaibão que perderão nelle o amparo de ſuas couſas,& a paz da terra, naquelle arraial não ſe atreverão os filhos denunciar a morte de ſeu pai,por eſtar tanta gẽte junta, & a tiverão aquelles dous meſes encuberta. Os irmãos entre ſi eſtavão tam receoſos hum do outro, que nem da tenda de ſeu pai ouſavão ſair, por cauſa de algum teſouro que ſeu pai tinha conſigo, porque o mais groſſo tinha elle na cidade de Biſapor,que era a cabeça de ſeu Eſtado.

Finalmẽte ſabendo Maluchan de ſua mãi,como ſeu pai o deixava por herdeiro de ſeu Eſtado, & ao Açadachan por ſeu Governador,elle em ſegredo o deſcobrio ao Açadachan: & deſpois de algũas diligencias que ſe fizerão para evitarem o alevantamento, de que a principal foi ſegurar o teſouro que eſtava no arraial,& a cidade de Biſapor cõ algũas forças principaes,forão todos os Capitães chamados à tenda, onde lhe foi denunciada a morte do Hidalchan.E ſendo aberto o teſtamento,perque ſe vio como o Açadachan [a] ficava por Governador,ouve em todos muita indinação, dizendo, que como podia ſer que hum eſcravo os avia de governar, avendo tantos homẽs notaveis,& de limpo ſangue? Toda via a couſa ſe diſſimulou por medo do Açadachan: & elle fez logo que antes

a. *O cargo de Açadachan correſponde em dignidade ao de Conde Eſtabre, & he de tamanha preeminencia no Reino do Hidalchan, q̃ quẽ o tem ſe aſſenta à ſua mão dereita acima de todos os Senhores, & Capitães do Reino, aos quaes precede em tudo, & cõ differença notavel faz a corteſia (à q̃ elles chamão Sũbaia) à el Rei: porq̃ os outros Capitães a fazem todas as Lũas novas em hũ cãpo grande, pondo a mão dereita no chão, & deſpois ſobre ſuas cabeças, ſignificãdo q̃ ſobre ellas poem a terra que el Rei piſa, o qual eſtà em hũa varãda vendo eſta ceremonia, & paſſar cada hũ delles cõ ſeus Camelos, & Elefantes, & cõ as inſignias, & inſtrumentos de guerra. E o Açadachan em dias aſſinalados chega com dez, ou doze mil cavallos q̃ ſuſtẽta à hũa caſa de prazer fora da cidade, onde el Rei vai, & alli lhe faz o Açadachan à ſumbaia a cavallo, ou à pè, como el Rei eſtiver.*

*O proprio nome deſte Açadachan era Cufo (à q̃ Iodo de Barros chama Sufo) & por ſer natural do Reino de Lara, vezinho ao de Ormuz, ſe chamava Cufo Larim. Sẽdo mãcebo, vèo ao Reino do Hidalchan, à quem ſervio com tanto valor nas guerras cõtra os Portugueſes, que vagãdo naquelle tempo o cargo de Açadachan do Reino, lho deu o Hidalchan, & o governo do Concan, onde elle para ſua eſtãcia fez a fortaleza de Põdà. Diogo do Couto cap. 6. do liv. 7. da 4. Decada.*



tes que d'alli ſaiſſem,foſſe obedecido Maluchan por Senhor do Eſtado de ſeu pai. E ſegundo ſeu coſtume,os mais lhe vierão fazer ſua çalema,que he como entre nos beijar a mão ao Rei per reconhecimento de Senhorio.

Quando Melique Abrahemo vio o teſtamẽto de ſeu pai, & que ſeu irmão ficava Senhor de todo ſeu Eſtado como elle era pouco prudente,& impaciente em ſeus deſejos, & achou diſpoſição,começou logo à metter o arraial em revolta, buſcando valias, & ajudas para romper em guerra com ſeu irmão, aproveitandoſe entam do que lhe cuſtava pouco, que erão palavras,& promeſſas que fazia da governãça que tinha Açadachan, a qual promettia à cada hum que o ajudaſſe, como fazem homẽs que pretendem aver Reinos, ou Eſtados que lhes não pertencem,os quaes ſe alcanção,ficão mal quiſtos de muitos,porque não podem dividir o Eſtado,ou officio que prometterão à todos. Andando Abrahemo neſtes ſubornos,lhe eſcreveo o Cota Maluco hũa carta em que lhe dizia, que ſe lançaſſe com elle,como lhe ja outras vezes cõmettera, & que o caſaria com ſua neta,& lhe faria aver o Reino do Decan. E que o que elle vira naquelle cerco,lhe dava por fiador, & as perdas de gente, & de fazenda que ſeu pai o Hidalchan recebera delle: & que trabalhaſe por grangear algũs Capitães, & avelos de ſua parte,& logo alli cõmetteſſe o negocio. Melique Abrahemo,como não deſejava outra couſa, não ouve para elle neceſsidade de mais eſporas, & avocando à ſi dous principaes Capitães Albocane,& Melique Cuf Sarandinà,* começou ajuntar hum grande numero de gente de cavallo. Porem ſabendo Açadachan do levantamento que elle intentava,antes que à mais procedeſſe,foi Melique Abrahemo preſo em ferros,& os dous Capitães Albocane,& Melique Cuf, & forão logo entregues à hum Capitão dos principaes chamado Corgetechan,o qual com vinte mil homẽs os levou à cidade de Panella,que tem hum mui forte caſtello, onde os metteo,ficando elle em ſua guarda.

* *Xandivar lhe chama Diogo do Couto.*

*Diogo do Couto tratta do principio, & ſucceſſão dos Reis do Decan, & da rebellião dos Capitães d'aquelle Reino mui differente do que Iodo de Barros eſcreve neſtes Capitulos primeiro, & ſegundo, & no ſegundo do livro quinto da ſegunda Decada. Porque diz Couto no cap. 4. do livro 10. da 4. Decada, que pelos annos de M.CCC.XII. ouve hum Rei do Delij, que com grande exercito baxou à India, & conquiſtou a maior parte do Canarà, povoado naquelle tempo de Gentios, & tornando vittorioſo para ſeu Reino, deixou naquella Provincia que ganhara hum parente ſeu, cujo nome foi Thogalaça, primeiro Rei della da ſeita de Mafamede. Eſte aſſentou ſua Corte na cidade de Vltadab, & per ſua*

*sua morte lhe succedeo seu filho Soltam Singabupa, o qual pôs o nome de Decan à aquelle Reino, de que os naturaes delle se chamarão Decanijs. Soltam Perù filho de Singabupa, mudou a Corte para a cidade de Cabunbargui, onde residirão sette Reis seus descendentes, Singa, Mahamed, Mugerdar, Daul, Mahamed II. Xadom, & Dilagar. Morreo este cerca dos annos de M.CCCC.XV. & soccedeolhe seu filho Soltam Piros, q̃ foi Rei moralmente virtuoso, fundou duas cidades, hũa chamada Piroszobai (que he oje das principaes do Reino do Idalxiah) & outra XarBedar, ou Bider, para a qual mudou sua Corte. A este Rei succederão outros sette Reis, Maham. d III. Homahũ, Hamed, Homem, Mahamed IIII. Valebar, & Daudar, homem fraco, & de pouco governo, que repartio o Reino do Decan em Capitanias, hũa deu à Adelchan (à quem chamamos Hidalchan) que era Iustiça maior de seus Reinos, cuja Capitania se estendia pola costa do mar quasi sessenta legoas, desde Angediva atè Cifardam. De Cifardam atè Nagotana, que são pouco mais de doze legoas de costa, deu à Nizamán Moluc (que he o Nizamaluco) pagè da sua lança. Na terra que fica ao Levante destas duas Capitanias, na comarca dos Talingas, que confina com o Reino de Canará polo Norte, & polo Oriente com o de Orixà, pôs Soltam Daudar à Coth Moluc seu Tesoureiro mòr, à que erradamente chamamos Cota Maluco. E aquella parte de Hadaverar (que quer dizer terra de casamentos, porque allì vão todos os Gentios do Decan fazer suas vodas) que fica ao Noroeste do Estado do Cota Maluco, & confina com o do Miram, & Virgi, que jasão de Cambaia, deu à Idmad Moluc, Condestabre mòr do Reino, q̃ com a mesma corrupção chamamos Madre Maluco. Reinou Soltam Daudar sette annos, ficoulhe hum filho de pouca idade, debaxo da tutoria de hũ Capitão chamado Virido, Vngaro de nação, Armeiro mòr d'el Rei. Em tempo deste nos annos de M.CCCC.XC. se levantarão os quatro Capitães cada hum com as terras que governava, & o Virido se entregou do moço Rei, & da pequena parte do Reino de Decan, que lhe deixarão os Capitães rebellados, na qual ficou a cidade de Xarbedar. E como este Rei teve idade, Virido o casou com hũa filha sua, de que ouve hum filho, que despois foi casado com hũa filha do Idalxiah, & he o verdadeiro herdeiro de todos estes Estados usurpados, dos quaes posśue o menor quinhão.*

*O Hidalchan pôs a sua Corte na cidade de Bisapor, andava nella hum Turco chamado Cufo, que em tempo de Soltam Daudar foi tèr à Xarbedar, mancebo, & pobre, em hũa cafila de mercadores; & quando se levantarão os Capitães, se passou Cufo para o Hidalchan, que se lhe afeiçoou tão, que era por elle governado. Matarão ao Hidalchan seus vassallos, justo castigo de sua traição, como o tiverão os outros Capitães, cujos Estados não lograrão seus herdeiros, & vierão à poder de outros Tyrannos. Deixou o Hidalchan hum filho de poucos annos, apoderouse Cufo delle, & do Estado per sua morte, que succedeo hum anno despois que matarão ao Hidalchan. Este titulo tomou tambem Cufo: estendeo os limites de seu Senhorio, & conquistou a Ilha de Goa, que possuia hum Senhor Canarà chamado Savay, vassallo d'el Rei de Canarà. E por não ser verdadeira a informação que destas cousas derão à Iolão de Barros, confundio o nome do Gentio Savay com o de Cufo Hidalchan, què era ja Senhor de Goa, quando as armas Portuguesas entrarão na India. Viveo Cufo atè o anno de M.D.V. ficarãolhe dous filhos, Ismael, & Meale, Ismael como maior herdou o Estado, & titulo de Hidalchan, à quem o grande Afonso de Alburquerque tomou Goa. Morreo Ismael Hidalchan no anno de M.D.XXXIIII. succederãolhe dous filhos, Maluchan, & Abrahemo, que são estes dous de que tratta Iolão de Barros nos dous Capitulos passados.*

*Affirma Diogo do Couto, que tirou esta relação das Chronicas dos Reis do Decan, & o soube per informação que lhe derão Embaxadores destes Principes, & Mealechan filho de Cufo Hidalchan.*

(.?.)

CAPI-



## CAPITVLO. III.

*Como levando Maluchan o corpo de seu pai à sepultar, lhe vèo ao caminho Cota maluco, & ouve batalha com Melique Verido: & como Abrahemo foi solto por Cogertechan, & soccorendoo Nizamaluco seu tio, foi preso Maluchan.*

TANTO que à Maluchan vèo nova como Abrahemo, & os Capitães Albocane, & Meli que Cuferão presos em Panella, partio com o corpo de seu pai para lhe dar sepultura na villa de Gogij, oito legoas de Bisapor, contra as terras do Cota Maluco, onde tinha seu jazigo. E porque o corpo avia de passar necessariamente per hum passo entre hũas Serras tam aspero, que se não podia ir per elle senão à fio, alli vèo Cota Maluco esperar à Maluchan, & como na avanguarda do exercito ia Melique Verido, & no corpo da batalha Maluchan com o corpo de seu pai, & suas molheres, & familia, & o Açadachan na retaguarda, deu Cota Maluco na avanguarda com quatro mil homẽs escolhidos para este feito, & conhecendo a devisa que era de Melique Verido seu grande inimigo, com maior impeto rompeo a gente, & foi de maneira que logo ferio à Verido de hũa frechada em hum braço, & com hum zarguncho lhe passarão hum ombro. Tanto que esta nova vèo tèr ao Açadachan, ainda que vinha longe, acodiò, & querendoo as molheres do Hidalchan entretèr, pedindolhe que não passasse adiante, & que fossem rodear per outra parte, elle respondeo: *Nunca Deos queira, que levando eu aqui o corpo de meu Senhor, & suas molheres, que he a minha honra, deixasse de ir avante. Porque, que maior gloria posso eu desejar, que morrer diante dellas, por defender o corpo de meu Senhor, & suas pessoas?* E não se detendo, passou adiante. E a revolta se acabou com o Cota Maluco perder mil homẽs, em que entrarão quatro Capitães, hum era seu genro, & hum Abexij seu Capitão geral, & elle foi ferido levemente. Com este dãno se retirou Cota Maluco pela espessura das matas, que per alli ha mui grandes,

grandes,como quem ſabia as veredas della,por ſerem em ſua terra, & ou para o não buſcarem, ou para algũa eſtratagema que determinava ordenar, fez que lançaſſem os ſeus fama, que naquelle recontro fora morto. E maior foi o dãno que alli recebeo, que o que teve na cidade Goulaconda, que lhe defenderão os Portugueſes: mas elle tambem ſe vingou, matando da gẽte do Verido,& do Açadachan tres mil & quinhentos homẽs,afora os feridos, em que tambem o Açadachan entrou.

Tornandoſe ajuntar,& ordenar o exercito,quiſera Maluchan com aquella nova da morte do Cota Maluco, que antes que foſſem mais adiante, tornaſſem à cidade que tiverão cercada para lha tomar,& aſsi todo o Eſtado. Mas eſte conſelho não approvou o Açadachan, porque como ſagaz que era,& tinha tratado o Cota Maluco muito tempo, & ſabia ſer manhoſo,& cheo de aſtucias, diſſe que ſua morte era fingimento,que foſſem em boa hora ſeu caminho. E aſsi ſe fez, deixando aquella empreſſa para outro tempo mais conveniente, porque naquelle primeiro anno aſſas tinha que fazer Maluchan em aſſentar as couſas de ſeu Eſtado. Chegados à Gogij, onde ſepultarão ao Hidalchan, & lhe fizerão ſuas exequias ſegundo ſeu uſo, foiſſe Maluchan à cidade de Biſapor, & d'alli deſpedio à Madre Maluco, & Melique Verido, para irem pôr cobro em ſuas terras. E porque com os alevantamentos que em as proprias avia andava tudo revolto, & não ouſava ninguem caminhar, mandou à Açadachan com hum groſſo exercito à pacificar os levantados.

Neſte tempo Melique Abrahemo, que eſtava preſo, começou à cartearſe com ſeu tio o Nizamaluco, & ſua mãi Chandebibij, que com elle eſtava, fazia o meſmo, chorando com muitos queixumes a priſão de ſeu filho, pedindolhe como à bom irmão que o vieſſe tirar della, dizendo,que não faltava para ſer livre mais que moverſe elle à iſſo, ſegundo o tinha entendido de Cogertechan, que ſò com quatrocentos homẽs d'armas eſtava em guarda de ſeu filho. O Nizamaluco que deſejava ſucceder caſo para ſe fazer Senhor do Eſtado que Abrahemo pretendia,ſe fez preſtes,com pretexto que o queria ir livrar da priſão em que eſtava: mas quando chegou, ja Cogertechan o tinha ſolto, com as

promeſſas



promeſſas que lhe Abrahemo fez de lhe dar o governo do Eſtado,& outras couſas,afora o que a mãi de Abrahemo lhe deu em dinheiro,& joias,como molher rica que era. E ao tempo que o Nizamaluco chegou à cidade de Panella,ja Abrahemo tinha mais de quatro mil homẽs tomados à ſoldo, com o dinheiro que lhe a mãi dera,& outra mais gente que Corgetechan ajuntou,della à ſoldo,& della que vinha à ſeguir a ventura d'aquelle Principe,por ſer conhecido por benigno, & liberal. Partes que mais ganhão os coraçõnes dos homẽs, & per que muitos Principes de pequenos principios vierão à ſer mui grandes,& celebrados. A cauſa porque Cogeitechan ſoltou à Abrahemo,& aos dous Capitães que com elle eſtavão, alem das dadivas, & promeſſas q̃ lhe forão feitas, foi porque receava que o Nizamaluco lho tomaria per força,& perderia elle o beneficio de o ſoltar,alem de perder na defenſa o Eſtado,& a vida,polo que ſe quis anticipar.

O Nizamaluco chegou com grande exercito junto à cidade de Biſapor,onde Maluchan eſtava,cujos Capitães o entregarão preſo ao Nizamaluco,por temerem o grande poder cõ que vinha: o qual logo fez levantar por Senhor à ſeu ſobrinho Abrahemo, com as ceremonias que entre elles uſão. E em pago da priſão de Cuf,que por amor delle Abrahemo teve,lhe entregou à ſeu irmão Maluchan preſo em ferros, para que ficaſſe com elle alli em Biſapor, & o guardaſſe com tres mil homẽs d'armas.

Melique Verido como ſoube que o Nizamaluco ſoltara ſeu ſobrinho Abrahemo,& o mettera em poſſe do Eſtado,parecendolhe,que aſsi o tio,como o ſobrinho poderião tèr neceſsidade delle, por as couſas ſe armarem de maneira, que ſe podia eſperar guerra, eſcreveo ao Nizamaluco, que elle ſeria em ſeu favor, quando lhe compriſſe, & ajudaria com todo ſeu poder à Melique Abrahemo,com tanto que lhe deſſe ſua irmãa Chandebibij por molher. Quando Chandebibij ſoube da carta de Melique Verido, ficou tam indinada por aquelle atrevimento de hum vaſſallo de ſeu marido, & ao preſente de ſeu filho,à pedir per molher, que pondoſe ante ſeu irmão, & ſeu filho, com muitas lagrimas lhes pedio, ambos juntamente foſſem logo vingar aquella grande injuria. O Nizamaluco, que (como diſſemos) mais ſe moveo à vir ſoltar ſeu ſobrinho para tomar para ſi o Eſtado

do Hidalchan, que para o pôr nelle, apazigou a irmãa com palavras, dizendolhe, que tudo tinha seu tempo, & que assi o averia para aquelle castigo tambem merecido: mas que o que cumpria entam, era dissimular todas as offensas, atè segurar seu filho naquelle Estado. E por não desesperar da pretensão à Melique Virido, lhe respondeo brandamente, dandolhe esperança de o contentar no que fosse nelle: & que sua irmãa não tinha ainda enxugado as lagrimas pola morte do Hidalchan seu marido, & polos trabalhos em que vira, & via à seu filho, que por isso a deixava satisfazer à seus nojos, atè passar algum tempo, que cura todas as paixões d'aquella qualidade, & que entretanto elle aceitava seu offerecimento, & o punha à sua conta, para o pagar quando lhe compriſſe.

## CAPITVLO IIII.

*Como indo o Açadachan à Bisapor livrar da prisão à Maluchan, Melique Cuf, que o guardava, lhe arrancou os olhos, & com elle, & com o tesouro se foi para Abrahemo. E das differenças que trouxerão muitos Capitães do Decan, & da morte de Melique Cuffo Cocheca.*

O Açadachan antes q̃ partisse para ir assentar os levantamentos do Reino do Decan, tirou do tesouro do Hidalchan quatrocentos mil pardaos d'ouro, dizendo serem necessarios para despesa da guerra que ia fazer. E o primeiro caminho que fez, foi para as fraldas da Serra de Gate (que he aquelle grande espinhaço, & corda de Serranias, que vai do Norte para o Sul, ate acabar no cabo de Comorij) que caem para o mar, nas terras de Curale, Salsim, Parvolide, & Banda, que ficão acima de Goa. Nestas terras andavão salteando tres Capitães Gẽtios, Berugij, Verugij, & Ramugij, que erão da geração d'aquelle Comogij, que antiguamente fora Senhor dellas, como na terceira Decada dissemos, *quando Rui de Mello Capitão de Goa as tomou ao Gentio desta linhagem. Estes trazião quinze mil homẽs de pè, & por a terra ser muy aspera, & de Serrania, se emboscavão de maneira, que o Açadachan

* Capitulo. 5. do livro. 4.



o Açadachan andava em busca delles, como quem andava monteando, dando ora em hũs, ora em outros.

Andando neste trabalho, lhe derão novas de como Melique Abrahemo era solto, & levantado por Senhor do Decan, & preso Maluchan, & posto em guarda de Melique Cuf. A qual nova o intristeceo tanto, que deixada a montaria em que andava, partio logo caminho de Bisapor à soltar Maluchan, para o que ajuntou a mais gente de cavallo que pode. Melique Cuf que o tinha em guarda, temendo esta ida do Açadachan, & que lhe podia tomar Maluchan, por o muito poder que levava, com tamanho atrevimento, como crueldade, lhe arrancou os olhos, & tomando o à elle, & ao tesouro que tinha consigo, foisse tèr com Melique Abrahemo à cidade de Calberga. O Açadachan, como teve nova que Maluchan estava cego, & elle, & o dinheiro em poder de Abrahemo, deixado o caminho de Bisapor, tomou o de Calberga.

Sabendo Abrahemo da ida de Açadachan, & parecendolhe, que por aver sido feitura do Hidalchan seu pai, folgaria de o servir, ja que à Maluchan o não podia fazer, lhe mandou ao caminho muitas cartas com todos os mimos, & branduras com que podia aplacarse, dizendolhe, q̃ pois Deos aquillo ordenara per mão d'aquelle mao homem, cegãdo seu irmão, enganado por lhe parecer q̃ com aquelle feito se escusavão muitas mortes de entre elles, ouvesse por bem de lhe ir obedecer, porq̃ elle lhe promettia de o fazer seu Governador, como era de seu irmão, com mais acrescentamento de honra, & Estado do q̃ elle tinha; dizendo mais, que se não castigara logo à Melique Cuf, por o grande crime q̃ cõmetteo, era porque andavão as cousas tã revoltas como elle sabia, polo q̃ não cõpria buscar novos odios, senão paz, & concordia: mas q̃ elle lha tinha guardada para seu tempo, como veria. O Açadachan, como homẽ q̃ se não fiava de tantos mimos, & cõprimẽtos, tanto q̃ chegou à Calberga, assentou seu arraial, segundo o uso q̃ elles tem, assi na paz, como na guerra. Porq̃ como os tyrannos todo o tẽpo, & lugar, & pessoas lhe são suspeitas, tinha Açadachan sua tẽda sò no meio de hũa grãde praça despejada ao redor hũ bõ espaço de todas as outras tendas, em torno della em modo de cerca estava toda a gẽte de cavallo, & esta tãbẽ apartada d̃ toda a outra gẽte outro espaço: & alẽ deste, estavão

os Elefantes pela meſma maneira de cerca, & na meſma ordem, & diſtancia ficava agente de pè, de maneira que quem quiſeſſe ir fallar ao Açadachan na tenda, avia de paſſar por todos eſtes muros, & eſcampados para ſer viſto de todos.

Tendo o Açadachan alojado o ſeu arraial neſta ordem, cinco legoas do de Abrahemo, mandou per hum ſeu criado, chamado Cacem, pedirlhe hum ſeguro para ir à elle, ao qual Melique Abrahemo recebeo com muita honra, & gaſalhado. E paſſadas muitas couſas entre elles, por Abrahemo achar diſpoſição em Cacem, lhe cõmetteo que mataſſe ao Açadachan, & que elle lhe prometia de lhe dar todo o ſeu Eſtado, alem de outras merces: & que per eſte modo ficava livre de ſer eſcravo de hum eſcravo. Aceitado o partido, & tornado Cacem ao Açadachan, deſpejou a tenda por ſer de noute, & ficou ſò com elle ouvindo o que paſſara com Abrahemo, & o contentamento que moſtrara tèr delle, & deſejo de ſe verem ambos. Hũs dizem, que o Açadachan foi aviſado per via de algum amigo que tinha no conſelho de Abrahemo, com quem elle cõmunicou eſte caſo. Outros, que o Açadachan era tam agudo de engenho, & ſoſpeitoſo de ſua condição, que nos meneos, & prattica de Cacem entendeo que trazia o animo dãnado: & como era ja alta noute, o matou cõ ſuas mãos com hum punhal. E ao outro dia, ſem diſſo dar conta à ninguem, deixando ſeu arraial aſſentado como eſtava, ſe partio à grande preſſa ſò com doze de cavallo, que levou para guarda de ſua peſſoa. E ſendo ja alongado do arraial eſpaço de hũa legoa, mandou ao Capitão que tinha cargo de o aſſentar, o levantaſſe, & o ſeguiſſe com boa ordem caminho de Bilgan, onde tinha ſeu aſſento. Melique Abrahemo como teve nova que o arraial era levantado, & o Açadachan deſaparecido, & que Cacem fora achado em ſua tenda morto, entendeo que o que com elle paſſara fora ſabido pelo Açadachan, & mandou algũa gente que foſſe em ſeu ſeguimento, a qual não o podendo alcançar, degollou algũa da retaguarda.

Melique Abrahemo com a partida do Açadachan, ſe foi à Bider, que era de Melique Virido, para o caſtigar da ouſadia que tivera, em mandar cõmetter ao Nizamaluco, que lhe deſſe por molher a mãi delle Abrahemo. Para eſta guerra o vierão ajudar o Madre Maluco, & Cota Maluco,



Maluco, que era o que mais deſejava deſtroir à Verido, por ſerem inimigos antigos, & vinha tambẽ por a pretenſão de tèr Abrahemo por genro. Melique Verido ſabendo que eſtes dous Capitães vinhão em companhia de Abrahemo, & q̃ o Nizamaluco ſe fora fingindo hũa neceſsidade ſubita, entẽdeo que o não queria defender: & não ſe atrevẽdo eſperar o impeto d'aquelles ſeus contrarios, deſamparou a cidade de Bider, & fugio ſò, levando o mais dinheiro que pode aver. Abrahemo foi o primeiro que chegou à Bider, & tomou poſſe della, onde achou muitos cavallos, & elefantes, de que ſe forneceo, tendo delles neceſsidade. A vendo ja tres dias que eſtava na cidade, chegarão Madre Maluco, & Cota Maluco, & aſſentarão ſeus arraiaes duas legoas da cidade, por ſaberem tèr ja tomada Abrahemo poſſe della ſem peleja, & que o Verido deſapparecera. Eſtes Principes ambos pretendião tèr por genro à Melique Abrahemo, querendo Cota Maluco darlhe hũa neta, & o Madre Maluco hũa filha, mas Madre Maluco ſe anticipou, & quando o outro o ſoube, calouſe ſem fallar niſſo à Abrahemo, tendolhe ja fallado avia dias, como temos dittò atras. Porem Abrahemo quando vio que lhe não fallava Cota Maluco, o cõmetteo: mas elle ſe eſcuſou, dizendo, que ſua neta era menina, mais para criar, que para caſar, que elle para iſſo a criava, que entretanto baſtava a filha de Madre Maluco, & que por eſta cauſa, & ſer ſeu amigo deixara de lhe fallar niſſo. Melique Abrahemo, porque deſejava de ſe liar com eſtes dous homẽs per caſamẽtos, por lhe comprir aſsi para ſuas couſas, tanto apertou com Cota Maluco, que lhe prometteo ſua neta, como tornaſſe para ſeu Eſtado. Acabados eſtes concertos, Melique Abrahemo ſe partio para Biſapor, mas não quis alli eſtar mais que em quanto deu ordem para deixar naquella cidade ſeu irmão preſo, aſsi cego como eſtava, onde lhe deixou guardas de ſua peſſoa, & o neceſſario em abundancia para ſeu ſuſtento, & d'aquelles que o ſerviſſem, & d'ahi ſe tornou à Calberga, & o Madre Maluco, & Cota Maluco para ſuas terras.

Cogertechan per o beneficio que à Melique Abrahemo fizera de o ſoltar, & lhe dar o ſer que tinha, eſperava que fizeſſe delle muita conta, & lhe deſſe o governo de ſeu Eſtado, como lhe promettera. Polo que vendo que o fazia ao contrario, indinado d'aquella ingratidão, ſecretamente ſe foi

para o Açadachan,& ſe confederou cõ elle em odio de Abrahemo, & ſe forão contra a cidade de Calaçà. Era ainda vivo hum irmão do Hidalchan, * & tio de Melique Abrahemo, ao qual eſcreverão ambos,animandoo que ſe quiſeſſe levantar,& vir para elles, que o farião Senhor do Eſtado que fora de ſeu irmão, de que elle era mais digno, que ſeu ſobrinho, que per tam mao titulo o ouvera. Mas como elle ſempre fora de fraco animo,& froxo,não reſpondeo ao propoſito delles. Polo que declarados o Açadachan, & Cogertechan por inimigos de Abrahemo, determinarão de metter em ſua liga à Melique Cuffo Cocheca, & para iſſo forão buſcalo à cidade de Calarà, de que era Senhor, & achando nova que era ido contra a parte da Serra de Gate,que cae ſobre Dabul,cõ propoſito de ir roubar aquellas terras,folgarão muito, por ſer elle tambem levantado,& fora da obediencia de Abrahemo.E logo ambos eſtes novos amigos lhe eſcreverão, que o vierão buſcar para tratarem algũas couſas que lhe à elle relevavão, que aſsinalaſſe o lugar onde queria que ſe viſſem ambos. O fundamento com que Melique Cuffo ſaio de Calarà, foi eſcorchar Mujatechan Tanadar de Dabul de algum dinheiro. Ao qual de cima da Serra mandou dizer,como andava na guerra ſervindo o Hidalchan, & que elle Mujate era rendeiro, q̃ eſtava mui deſcanſado em Dabul enchendoſe de dinheiro, que lhe mandaſſe logo hũa certa quantidade para pagar o ſoldo à quatro mil homẽs que trazia conſigo. Mujatechan ſabẽ do que ſaia elle de Calarà para o vir deſtroir,ſe lhe não reſpondeſſe à ſua vontade no que lhe pedia, & que tambem vinha em propoſito de ir tomar as terras de Parvolide, que entam erão de Aga Muſtafà,mandoulhe aviſo da determinação de Melique Cuffo, & que ſe fizeſſe preſtes. E poſto que antes não eſtavão correntes na amizade, ſe fizerão entam amigos na cõmum defenſão,& em odio de Cuffo,& ſe virão na terra de Chaporan, & jurada ſua amizade, com dez mil homẽs ſe forão ao cume da Serra do Gate em buſca de ſeu inimigo. Melique Cuffo,ou porque os temeo,ou porque naquelle tẽpo lhe derão o recado que diſſemos do Açadachan,& de Cogertechan,deixou os com ſeus appercebimentos, & foiſe ver com o Açadachan, & com Cogertechan: & indo primeiro ao arraial de Cogertechan,elle lhe ſaio ao caminho, & encontrandoſe ambos, & abraçandoſe, Cogertechan arrancou de hũa

* *Eſte era Mealechan.*



hũa adaga,& lhe deu duas adagadas, de que logo lhe caio aos pès morto;& ſem mais eſperar, nem o fazer ſaber à Açadachan, à grande preſſa ſe foi metter de poſſe da cidade, & de quanta fazẽda Melique Cuffo tinha. O Açadachan que com elle eſtava contrattado, que o ganho que naquella empreſſa à que ião ouveſſem, foſſe repartido entre elles igualmente, por Cogertechan o não querer comprir,& ſe eſcuſar, dizendo,que como lhe avia de dar parte do que elle por ſi ſò ganhara,ſem ajuda ſua,ſe anojou muito delle, mas ſoffreo a indinação d'aquelle caſo,por nã aver tẽpo para ſe vingar,& deixando o caminho que levava,ſe tornou às fraldas do mar.

## CAPITVLO. V.

*Como o Açadachan fez que o Achandegij vieſſe à tomar as terras que forão de ſeus avòs, dandolhe para iſſo favor,& ajuda,& do que elle fez com outros Capitães.*

LOGO que o Açadachan foi da outra parte da Serra,mandou recado à Achandegij, que fora filho do Senhor de Parvolide, & andava em Cambaia,que vieſſe tomar as terras que forão de ſeu pai,& avòs, & que elle o favoreceria cõ gente,& dinheiro para as cobrar. O que logo Achandegij fez, & chegado à aquellas terras,achou recado do Açadachan, & dinheiro,com que logo fez dous mil homẽs, com os quaes começou de roubar as Tanadarias dos Mouros.E por elle ſer natural Senhor da terra,o Gentio ſe ajũtou à elle, de maneira que em pouco tempo lhe vierão mais de outros mil homẽs. Aga Muſtafà,que era Capitão d'aquellas terras por o Hidalchan, acodio com gente groſſa à eſte dãno, mas não pode dar batalha à Achandegij, por lhe andar fugindo per lugares aſperos, & montuoſos, na qual retirada ia roubando, & deſtruindo a terra, & per eſte modo matou à Muſtafà mais de dez mil homẽs. E foi correndo do Norte para o Sul per toda aquella fralda do mar,atè as terras de Cural, & Antruz, que ſão ja das terras firmes de Goa. Aqui ſe ajũtou com os outros Capitães Gentios Berugij, Verugij, & Ramugij, que tambem per aquellas partes andavão fazendo outro tanto dãno.

Neſte tempo eſtava ja Açadachan recolhido na ſua cidade de Bilgan, & d'alli eſcreveo muitas vezes à Mujatechan Tanadar de Dabul, que entraſſe na ſua liga, fazendo guerra per aquella parte, & elle faria per baxo outro tanto, & ficarião ambos Senhores dos portos de mar, & dando obediencia ao Governador da India, ficarião ſeguros, do qual não ſerião tam deſpeitados, como erão de Melique Abrahemo. E que fazia fundamento de lhe entregar as terras firmes de Goa. Deſta confederação ſe eſcuſou Mujatechan, dizendo, que o Governador Nuno da Cunha não avia de aceitar tal couſa, por tèr aſſentadas pazes com o Hidalchan, nem elle avia de deſobedecer à ſeu Senhor, por não ſer avido por traidor. Vendo Açadachan eſte deſengano, o fez logo ſaber à Cogertechan, que eſtava na cidade de Calarà, tornandoſe à reconciliar com elle, provocandoo que foſſe ſobre Mujatechan. O que elle logo determinou fazer: mas primeiro mandou dizer à Mujatechan, que bem ſabia como lhe dera a vida em o livrar de Melique Cuffo Cocheca, que elle matara, & pois com aquella morte tudo o que tinha elle lho dera, lhe mandaſſe os ſeus elefantes, & algũs bõos cavallos Arabios, & algũa ajuda de dinheiro, para pagar a gente que trazia, com que ſe averia por ſatisfeito, ſenão que ſe apercebeſſe ao caſtigo, que lhe logo iria dar, como à homem ingrato. Cogertechan não contente da reſpoſta de Mujatechan, mandou dizer à Ioão Criado Feitor d'el Rei de Portugal em Dabul, que poſto que lhe diſſeſſem que elle ia ſobre Dabul, que não temeſſe, por quanto elle não avia de tocar em peſſoa algũa, nem couſa d'el Rei de Portugal, & ſòmente ia à caſtigar ao Tanadar Mujatechan. Ioão Criado lhe reſpondeo, que não fizeſſe tal caminho, porque elle avia de defender o Tanadar de quem mal, ou dãno lhe quiſeſſe fazer, como ſe foſſe natural Portugues. E porque entre elles ouve outros mais recados, mandou Ioão Criado pedir ſoccorro à Chaul, que eſtà d'alli dezoito legoas, com que ajuntou vinte bargantijs, & algũas fuſtas que Nuno da Cunha lhe mandou de Goa para aquelle caſo. Com eſte favor Mujatechan foi eſperar Cogertechan no lugar onde elle eſperará à Melique Cuffo: mas Cogertechan não ouſou vir buſcalo, por ſaber que eſtava favorecido do Feitor.

Paſſados



Paſſados algũs dias, & partido Ioão Criado, por acabar ſeu tempo da Feitoria, tornou Cogertechan repetir a meſma cõtenda, atè que vierão à batalha no lugar onde Mujatechan o foi buſcar da outra vez. Neſte rompimento perdeo Mujatechan quatrocentos homẽs de cinco mil que levou, & outros favorecerão o vencedor, lançandoſe com elle, que eſte he o coſtume d'aquellas gentes, por a pouca lealdade que nelles ha: & o vencido ſe acolheo à unha de cavallo à ſua fortaleza de Chaporan ſeis legoas de Chaul, onde tinha a maior parte de ſua fazenda. Cogertechan com eſta vittoria ſe foi logo caminho de Dabul, mandando dizer diante que ninguẽ fugiſſe, porque elle não ia mais que à tomar à fazenda do Tanadar, por os roubos que fazia na terra: mas não querendo experimentar ſua verdade os Guzarates, & outros mercadores ricos, ſe recolherão. E Cogertechan o comprio tambem, que não fez nojo à peſſo algũa, ſòmente ſe contentou com tomar a fazẽda de Mujatechan, alem do mais q̃ trazia do ſeu arraial, que erão elefantes, & cavallos. E por aſsi entrar ſem offenſa de alguem, & uſar de muita temperança, foi recebido de todos de boa võtade, a qual elles não tinhão à Mujatechan por os deſpeitar mui cruamente. O qual desbaratado, & recolhido na ſua fortaleza de Chaporan, eſteve nella todo o inverno, ſem ouſar de ir à Melique Abrahemo, que ſe ja chamava Hidalchan como ſeu pai, porque lhe era forçado paſſar por as terras de ſeu inimigo Cogertechan. Nem tambem ouſava ir per mar buſcar o Governador Nuno da Cunha, em que elle tinha muita confiança, por cauſa do inverno, em que ſe não podia navegar.

Cogertechan paſſados algũs dias, deſpois deſta vittoria, foiſe para a cidade de Calarà, & ſegundo dizião ja perdoado da morte de Melique Cuffo Cocheca. O qual Cuffo tinha hum filho, & vendo que por duas peitas que eſte matador de ſeu pai deu, o Hidalchan o tornou em ſua graça, andou hum dia ao redor de Calarà vendo ſe achava azo de o matar, & quãdo não pode, com algũa gente que ajuntou andou à roubar as terras, como os outros fazião. Cogertechan tomada poſſe de Calarà, & de todas ſuas rendas, & perdoado do Hidalchan dos males que tinha feitos, determinou de com grande apparato de caſa, & gente ir à Biſapor à fazer çalema ao Hidalchan, & ao ſervir. Mas porque ao tempo que chegou ſoube que

avia

avia dous dias, que elle mandara cortar as orelhas à Melique Cuf Sanadinà, que era aquelle que cuidando que niſſo o ſervia,arrancara os olhos à Maluchan; não quis experimentar em ſua peſſoa outro tal galardão, como o que o Hidalchan deu,à quem lhe deu a vida, & o Eſtado, & d'ahi à poucos dias,fingindo certa neceſsidade,ſe tornou à Calarà,lembrandolhe o que tinha feito. Como foi em Calarà,ſe carteou com o Nizamaluco,cõmettendolhe que o recolheſſe em ſeu ſervi ço:& como teve ſeu recado,com toda ſua fazenda ſe foi para elle. O Nizamaluco com a lealdade,& fè que naquella nação ha,como com elle foi,lhe tomou quarenta elefantes que leva va,& dozentos cavallos, & grande movel de caſa, & muito dinheiro,ſem lhe deixar mais que quanto tinha veſtido. Outros dizẽ,que algũa couſa lhe deu por o que lhe tomou, principalmente por os elefantes,& cavallos, dizendo que os avia meſter,mas que foi tam pouco, que elle o não quis aceitar. E porque Cogertechan com temor pedio ao Nizamaluco licença para ſe embarcar para Meca,o Nizamaluco mãdou cõ elle hum ſeu Capitão per nome Coſcam com quatrocentos de cavallo à Chaul,para hi ſe embarcar, mandando à aquelle Capitão que ſe não vieſſe ſem o deixar embarcado.

Simão Guedez, que eſtava por Capitão da fortaleza de Chaul,como ſoube que elle eſtava no Argao,que ſerà da fortaleza hũa legoa,por a informação da peſſoa, & qualidade de Cogertechan,lhe mandon dizer,que ſe ouveſſe por bem de ſe recolher naquella fortaleza, que elle o agaſalharia nella de boa vontade,atè ſe determinar no que queria fazer de ſi. Elle com palavras de homem que vinha en tam triſte eſtado, lhe mandou agradecer muito aquella offerta,& a aceitou, & Simão Guedez per ſua peſſoa o foi buſcar,& o trouxe à fortaleza,onde lhe mandou dar o milhor apoſento que avia,com todo o neceſſario para ſeu ſerviço. E tendo Nuno da Cunha, que entam eſtava em Dio,recado de Simão Guedez,do eſtado em que Cogertechan alli chegara,& quem era, o mandou levar à Dio para lhe fazer algum bem,como fez, provendoo do neceſſario. E porque elle eſtava de caminho para Goa, & Soltam Badur era ido à viſitar algũas partes de ſeu Reino,como atras diſſemos,* lhe eſcreveo ſobre Cogertechan, pedindolhe ouveſſe eſte homem por hum dos ſeus aceittos, por quem elle era,& por lhe fazer à elle merce,& aſsi o encomendou

*No cap.16.do liv.8.



dou à Manoel de Souſa Capitão da fortaleza de Dio, & ao Rao Capitão da cidade.E quando el Rei veo por a recomendação que lhe fez Nuno da Cunha,& por ſaber quem era Cogertechan,o recolheo por ſeu Capitão, como os outros mais principaes. E como naturalmente era magnifico, & liberal, logo de boa entrada lhe mandou dar para ſe aperceber do neceſſario vinteſette mil pardaos d'ouro,& elle foi deſpois hum dos principaes Capitães de cambaia.

## CAPITVLO. VI.

*Como o Hidalchan mandou rogar ao Açadachan que ſe foſſe para elle,& como o Açadachan trabalhou porque Nuno da Cunha tomaſse as terras firmes de Goa.*

ANdavão neſte tempo os tres Capitães Gentios que diſſemos, Berugij, Verugij, & Ramugij nas terras de Goa mui proſperos,deſtroindo,& roubando as couſas dos Mouros,ſem perdoar à algũa, com cujo temor os Tanadares Mouros deixavão as terras, recolhendoſe em Goa. Os Mouros Naiteas,que ſão os naturaes da terra, fugião com ſuas molheres, & filhos para às terras de Goa, ſòmente ficou na fortaleza de Pondà hum Tanadar por nome Genetechan,homem principal,& bom cavalleiro,ao qual poſerão cerco,& tam apertado foi delles,que eſteve para deixar a fortaleza,como elles fazem quando ſe vem em algum aperto deſtes ladrões, ou para milhor dizer,deſtes ſeus Senhores naturaes,& antigos d'aquellas terras. Neſte cerco não ſòmente Genetechan perdeo gente,mas os agreſſores muita mais. E porque em hũa cilada que Genetechan lhes armou,morrerão algũs dos principaes,elles ſe forão à outras partes,onde não eſperavão achar tanta reſiſtencia, fazendo muito dãno por o muito que receberão em Pondà,& com deſejo de ſe vingarem, tornarão ſobre Genetechan,o qual ſe vio tam apreſſado delles, que lhe vèo à mover concerto,que deixaſſem elles as terras de Pondà, & Salſete,& ſe foſſem para as terras de Singuiçar,Cacorà,& Bailim, & as tomaſſem com a Tanadaria de Cintacora, & as comeſſem livremente para ſempre,com o qual partido ſe forão cõtentes. Genetechan,& os Mouros que eſtavão recolhidos nas

Ilhas,

Ilhas,tornaráose para ſuas caſas, o que não ouſarão fazer os Tanadares,temendo que como a gente eſtava levantada,por ſer quaſi toda Gentia,não lhe quiſeſſem obedecer. Os Gançares dellas, que ſão as cabeceiras obrigados aos pagamentos das rendas das Tanadarias, vendo que as terras ficavão aſsi deſamparadas de Tanadares,enviarão muitos recados ao Governador Nuno da Cunha,que mandaſſe tomar poſſe dellas, porque elles as querião entregar,antes à elle,que aos Mouros, por ſerem delles mais vexados,& roubados. Nuno da Cunha diſsimulou com eſte requerimẽto,não o aceitando, nem engeitando a offerta, eſperando vir occaſião para as elle aver com mais cauſa, por não romper a paz que tinha aſſentada com o Hidalchan.

O Açadachan,como quem de algum lugar alto,& ſeguro eſtà olhando algum grande fogo que anda nos cãpos alheos, aſsi elle da ſua fortaleza de Bilgan eſtava olhando em q̃ avião de parar todas eſtas couſas que ardião per tantas partes, cujo fogo elle accendera,atè que o negocio vèo à parar no termo que elle mais deſejava. Que foi,eſcreverlhe o Hidalchan cartas mui mimoſas, rogandolhe nellas muito que ſe foſſe para elle,porque com ſeu conſelho,& prudencia eſperava governar melhor aquelle Eſtado; q̃ lhe pedia por a obrigação que tinha aos oſſos de ſeu pai,folgaſſe de lhe fazer aquelle prazer, & que elle lhe promettia moſtrarlhe logo per obras quanto iſto eſtimaria. O Açadachan,que era mui aſtuto,& diſsimulado,toda a ſua reſpoſta foi, pedir ao Hidalchan o ouveſſe por eſcuſo,por ſer ja mui canſado dos trabalhos da vida, & eſſa q̃ tinha por paſſar,que ſeria mui pouca,ſegundo ſua idade,queria deſpender em ſe encomendar à Deos, ſem entender em outro negocio. E mais q̃ elle tinha promettido de ir morrer à Meca,para là fazer penitẽcia de ſeus peccados. Que lhe pedia por merce ouveſſe por bem não lhe eſtorvar eſte caminho de ſua ſalvação. E para o melhor poder fazer,lhe fizeſſe merce de hũa carta para o Governador da India o recolher em Goa,para à hi embarcar para Meca:& que eſta licença averia por maior merce que quantas delle tinha recebidas. Por tanto,que mandaſſe tomar poſſe das terras que ſeu pai lhe dera, porque elle com eſta ſua ida as deſpejava. O Hidalchan o tornou outras vezes apertar,ſem poder delle tirar outra couſa:de q̃ indinado determinou de o ir deſtroir. Aviſado o Açadachá por



por álgũa peſſoa com quem o Hidalchan cõmunicou o caſo, eſcreveo logo à Nuno da Cunha,fazendoſe grande ſeu amigo:& por lhe Nuno da Cunha tèr eſcritto antes diſto ſobre as terras firmes,& como os Guançares o importunavão que mandaſſe tomar poſſe dellas,por eſtarem devolutas,& perdidas,o que elle deixava de fazer por amor delle Açadachan,& por a amizade que tinha com o Hidalchan. Neſta carta lhe reſpondeo,que elle as devia tomar,porque o Hidalchan não eſtava em tempo que as podeſſe defender do Gentio: & por q̃ melhor ſeria tèr el Rei de Portugal o rendimento d'aquellas terras,que eſtarem em poder de quem as tinha. Nuno da Cunha vendo eſta conjunção,que era a principal cauſa com que ſe podia deſculpar com o Hidalchan, que não mandara tomar aquellas terras por cobiça de ſeu rendimento, mas por eſtarem deſamparadas:para atar bem eſte negocio, & mais à ſeu propoſito,mandou ao Açadachan Chriſtovão de Figueiredo,que era hũ cavalleiro da caſa d'el Rei,morador em Goa, de que ja fallamos,por ſer mui conhecido, & amigo do Açadachan,& mui aceitto de todos os Senhores do Balagate. Ao qual o Açadachan entre outras couſas lhe deſcobrio, que o Hidalchan,como homem ingrato, & vario que era, eſtava mal com elle,carregando ſobre elle muitas culpas, & que por iſſo fazia muito fundamento da amizade de Nuno da Cunha. Que lhe diſſeſſe de ſua parte,que lhe pedia por merce,que ſendolhe neceſſario recolherſe à Goa, o quiſeſſe receber como amigo,& ſervidor ſeu. Porque elle ſe achava mui velho,& cãſado,& não queria experimentar condição de novo Senhor, que logo começou ſeu reinado,tirando os olhos à ſeu irmão, & deſpois matou ao autor diſſo, & fazendo outras couſas de mancebo cruel,& de pouco governo. E quanto às terras, ſe o Governador Nuno da Cunha quiſeſſe delle algũa ajuda para as tomar,elle a daria. E para mais confirmação da amizade com Nuno da Cunha,fez logo voto que ſempre ſeria em favor dos Portugueſes, & nunca per modo algum conſentiria ſerem aquellas terras tiradas à Goa,por ſerem erança da meſma cidade. Vltimamente indo, & vindo Chriſtovão de Figueiredo com recados,aſſentou com o Açadachan per eſcritura,que viſto o eſtado em que aquellas terras eſtavão, & a grande deſtruição, que os Gentios nellas tinhão feita, ſem o Hidalchan à iſſo acudir, por tèr muitas occupações, & trabalhos,

balhos,que o Açadachan como vezinho mais chegado,à que competia defendelas,per muitas razões,que o movião, desistia dellas.Polo que o Governador as podia tomar, & que em elle as aceitar fazia hũa grande amizade ao Hidalchan: porque mais lhe importava o favor, & boas obras que recebia d'el Rei de Portugal,que o rendimento d'aquellas terras, que não era igoal à despesa que o Hidalchan fazia em as defender dos ladrões.E q̃ por este serviço que elle Açadachan fazia ao Hidalchan seu Senhor,era digno de o tornar à sua graça, da qual ao presente estava fora,por se querer aquietar na velhice,& não o poder ir servir à sua Corte em cargos, & officios que requerião forças de homem mãcebo,& mais são do que elle era.Assentado isto assi, Nuno da Cunha mandou tomar as terras,[a] como lhas tambem os Ganzares offerescião.

[a] *Estas terras firmes de Goa forão ja do Estado,em tempo do Governador Diogo Lopez de Sequeira,& de Rui de Mello Capitão de Goa, q̃ as tomou, & os Mouros as cobrarão governando a India Dom Duarte de Meneses,sendo Capitão de Goa Frã çisco Pereira Pestana.*

*Ioão de Barros na 3.Decada, no cap.5. do livro.4. & no cap.10.do livro.7.*

## CAPITVLO VII.

*Como o Açadachan se foi para el Rei de Bisnagà, por descontentar ao Hidalchan, & Melique Verido foi perdoado.*

SENDO a natureza,& estudo do Açadachan inventar enganos,& buscar escapulas de hũas culpas,com a fabrica d'outras, tratou de insinuarse na benevolencia d'el Rei de Bisnagà, à fim de metter o Hidalchan em grandes necessidades, & fazer que o temesse à elle.Para o que mandou hũ messageiro com cartas à el Rei de Bisnagà, perque lhe pedia seguro para se ir ver com elle sobre cousas que importavão muito à seu Estado. E para metter mais em suspeita de sua lealdade ao Hidalchan, & lhe dar mais em que cuidar, esperou a melhor occasião que podia ser. Esta era hum ajuntamento que el Rei de Bisnagà faz mui grande em cada hum anno,levando hum seu Idolo principal com muita solemnidade,com o qual corre com aquelle seu grande exercito por as partes principaes do Reino. A este Idolo se ajuntão todos os outros do Reino, & feitas suas ceremonias, deixando o Idolo principal em seu templo, os outros se tornão para seus pagodes. E porque este anno quis el Rei celebrar esta festa com maior exercito,do que levava quando ia à guerra, dizia



dizia o povo,que esta sua ida sob especie de festa, era para tomar a cidade de Rachol,que o Hidalchan lhe tinha tomada, tendoa o de Bisnagà ganhada ao Hidalchan,como na terceira Decada dissemos.*O Açadachan como teve o seguro d'el Rei,& cartas de muito contentamento de sua ida, partio de Bilgan com treze mil homẽs,de que os tres mil erão de cavallo,& dozentos elefantes.E ainda neste caminho quis enganar à Nuno da Cunha,à que mandou dizer, que enviasse cõ elle Christovão de Figueiredo,porque faria com el Rei de Bisnagà, que por razão do Senhorio que tinha antiguamente nas terras de Goa,fizesse doação dellas à el Rei de Portugal. Nuno da Cunha,posto que o dereito dellas se fundava no poder das armas contra os Mouros,quis comprazer ao Açadachan, & para ao adiante tèr mais hũa causa,ainda que fraca,& mandou com elle Christovão de Figueiredo. *Li

O Açadachan como não queria perder aquella conjũção da offerta d'el Rei de Bisnagà, & para dar mais suspeita de si ao Hidalchan,appressouse tanto,que quando Christovão de Figueiredo chegou à Bilgan,era ja partido, & o foi tomar ao arraial d'el Rei de Bisnagà,de quem o Açadachan foi recebido com grande honra, & de boa entrada lhe deu logo duas cidades Tungè,& Turugel,vezinhas hũa da outra, & pegadas no estremo da sua cidade de Bilgan,& lhe fez presente de cem mil pardaos d'ouro,& peças que valião outros tantos. Alem disso lhe fez a maior honra que elle soe fazer aos mais principaes seus acceitos,que he darlhe a primeira entrada, quando pela manhãa lhe vão fazer çalema,que he a adoração que fazem à seus Reis,& o antepôs nesta honra à todos os seus, do que os Senhores da Corte muito se anojarão por elle ser Mouro,& que fora escravo do Hidalchan, & determinarão de o matar.Mas el Rei se achou grande cõ sua vinda,& se avia por o maior Rei do mundo,em o Açadachan o vir servir,deixãdo o Hidalchan,porq̃ entendeo delle q̃ por causa de aggravos o fazia,& esperava que com a indinação que trazia, o serviria lealmente na guerra.Tambem o Açadachan fez presente à el Rei de cavallos Arabios mui fermosos,& de elefantes.

O Hidalchan como soube da ida do Açadachan à Bisnagà,se deu por morto,& sem Estado,& chamados cõ diligẽcia o Madre Maluco,& Cota Maluco ajũtou quatrocẽtos mil homẽs, em q̃ entravão nove mil de cavallo,& settecẽtos elefantes,&

foi tèr à hum lugar doze legoas donde eſtava el Rei de Biſnagà, o qual tinha conſigo quinhentos mil homẽs, dos quaes os doze mil erão de cavallo, & mil ſettecentos & trinta elefantes, & o Açadachan cõ ſeu arraial eſtava apartado do d'el Rei, mas perto delle. O Hidalchan enviou hũ meſſageiro à el Rei, q̃ à elle lhe foi ditto, q̃ o Açadachan ſeu eſcravo era fugido para ſua Corte, & porq̃ nas pazes q̃ tinhão aſſentadas ſe cõtinha, q̃ todo o eſcravo, ou devedor q̃ fugiſſe de Reino à Reino, ſe reſtituiſſe, lhe pedia lho mandaſſe reſtituir, & entregar. El Rei ſem reſponder ao meſſageiro, o mandou ao Açadachan, para q̃ elle deſſe a reſpoſta, & que eſſa averia por ſua. O Açadachan o reteve como preſo, & paſſados algũs dias o deſpachou, ſem ſe ſaber o que por elle mandou dizer ao Hidalchan, & enganou à el Rei, dizendolhe o recado que deu ao contrario do que o mandou, do que el Rei ficou mui contente.

Por eſte meſmo tempo Melique Verido, como fugio de Bider à furia do Hidalchan, per conſelho que lhe derão o Madre Maluco, & o Cota Maluco, eſtando ambos com o Hidalchan, ſe vèo metter em ſuas mãos. E entrando na ſua tenda em habito vil, com hũa machadinha ao peſcoço, ſe lançou aos ſeus pès, & em voz alta que todos ouvião, diſſe: *Vees aqui Senhor o teu eſcravo Verido, à quem o Demonio enganou em fallar couſa, que quando agora que eſtou em meu ſiſo, caio nella, me foge a terra debaxo dos pès. Mas pois eſtou ante os teus confeſſando meu peccado, aqui trago neſte ferro o algoz delle, que me pode tirar a cabeça fora dos ombros. E ſe eu não ſou digno de tam honrada morte, ſeja qual tu mandares, que para iſſo eſtou aqui appreſentado: porque nunca Deos queira que eu viva, ſe minha vida te deſaprouver, que à mi não ſeria vida, a que eu tiveſſe, eſtando fora de tua graça. E aſſi a não tenho eu, pois offendi tuas orelhas com minha ouſadia de palavras, porque de entam para cà ando converſando com as alimarias, comendo, bebendo, & dormindo nos campos, ſem ouſar de apparecer entre a gente.* O Madre Maluco, & Cota Maluco, ainda que ſeu inimigo, interrompendo eſtas palavras, que ja vinhão com muitas lagrimas, intercederão por elle com o Hidalchan de maneira, que lhe não ſoube reſponder, ſenão: *A bom tempo vèo pedir perdão.* Per eſte modo foi Melique Verido perdoado do Hidalchan, & logo ſe começou à ſervir delle naquelle arraial por ſer avido por cavalleiro, & induſtrioſo. Mas não viveo muitos dias de



paixão, ſegundo dizião, de ſe ver deſerdado do ſeu, & o Hidalchan por comprazer aos Capitães que com elle o ſervião, deu à ſeu filho que era menino de quatro annos o ſeu Eſtado, de que mandava recolher os rendimentos para lhos tèr em depoſito, atè ſer de idade para ſe governar.

## CAPITVLO. VIII.

*Do engano que o Açadachan fez à el Rei de Biſnagà, & à Chriſtovão de Figueiredo, & como ſe vèo fugido para o Hidalchan, que por outros taes enganos o deſejava matar.*

TANTO que el Rei de Biſnagà aſſentou ſeu arraial ao longo do grande rio Nagundin, vendo que o Cota Maluco ſe viera para o Hidalchan, ſendo elle antes grande inimigo de ſeu pai, por lhe querer tomar o Eſtado, & elle Rei o favorecera como amigo, lhe mandou dizer, que hũa das cauſas perque ſe deixava de chegar mais ao Hidalchan, & appreſentar batalha, era, por ſaber que elle hi eſtava para o ajudar naquella guerra; o que elle não acabava de crer, por duas razões: a primeira, por ſer filho de ſeu pai, que em quanto vivera fora ſempre perſeguido do Hidalchan paſſado, & que o preſente deſpois que viera ao Eſtado que tinha por tam maos meios, ainda não ſabia ſe lhe faria outra tal perſeguição. A outra razão era, por elle Rei de Biſnagà ſer tanto ſeu amigo, & mais certo que o Hidalchan, como tinha experimentado. E que do que mais ſe eſpantava, era, darlhe ſua neta por molher, ſendo ainda criança: & que ſe temia de a não poder caſar por falta de dote, que elle lhe prometia tal ajuda, com que a caſaſſe honradamente. Sobre eſtas razões lhe mandou dizer outras, para o tirar d'alli, & o metter em odio com o Hidalchan. A eſte recado reſpondeo Cota Maluco em poucas palavras, dizendo, que eſtava em outro tempo, & que elle mudava as couſas. Como el Rei ouvio eſte deſengano, & ſoube que do Açadachan ião, & vinhão recados ao Hidalchan, ouveo logo por ſuſpeito, não que lhe tiraſſe a entrada honroſa que tinha, mas mandou à hum ſeu Capitão que tiveſſe olho nelle.

Neſte tempo o Açadachan pedia à el Rei, que da muita gente que alli tinha lhe deſſe algũa eſcolhida, porque com ella, & com a ſua ſe atrevia tomar todo o Eſtado do Hidalchan em quanto o elle entretinha alli. El Rei lha não deu, & ſe pôs em caminho para a cidade de Rachol à lhe pôr cerco, como ja fizera outra vez, quando a tomou ao Hidalchan velho, & indo ja duas jornadas, & o Açadachan com elle, quando vèo à terceira, que el Rei levantou ſeu arraial, d'ahi à duas horas levãtou o Açadachan o ſeu. E como ja tinha mandado ver o lugar per onde o rio Nagundin ſe podia vadear, chegouſe à elle, & mandou paſſar a ſua gente da outra banda, para ir tèr com o Hidalchan. Vendo iſto o Capitão que o trazia em olho, foi à grande preſſa aviſar el Rei, que logo fez volta, cuidando que o podeſſe alcãçar: mas como o Açadachan levava grande ventagem de tempo, era ja mui alõgado do vao. Com tudo mandou el Rei algũs Capitães que o ſeguiſſem, como fizerão per eſpaço de algũas legoas, em que lhe matarão, & cattivarão muita gente, & tomarão grande parte de ſua recovagem. E o Açadachan ſe vio em tanta preſſa, que à unha de ſeu cavallo eſcapou, ao qual elle deſpois teve tam mimoſo, por o perigo de que o livrou, que lhe mandava fazer a cama de colchões. Quando determinou de fugir, tres dias antes deſpedio à Chriſtovão de Figueiredo, à quem trazia enganado, detendoo em palavras ſobre o negocio das terras firmes de Goa, que avia de trattar com el Rei de Biſnagà, como promettera à Nuno da Cunha. Per eſta maneira ſe ſalvou o Açadachan no arraial do Hidalchan, que logo em chegando lhe fez merce das terras de Curale, & Salſete, que começão em Banda, & chegão atè as de Ceptapor, & Sarapatam, com que lhe ficavão terras, que pela coſta do mar tomavão vinte oitto legoas.

El Rei de Biſnagà tornado do caminho que levava contra o Açadachan, encaminhou ſeu exercito para Rachol, & mandou dizer ao Açadachan, que eſtava triſte por aver dado gloria à ſeus Capitães de ficarem verdadeiros, & elle Rei enganado; porque quando o recolheo, o aviſarão, que ſe não fiaſſe delle, porque homem que não tinha fè com o Senhor cujo eſcravo era, menos a teria com elle: mas que a deſculpa que tinha era, que como elle vinha fugido, & buſcava amparo de ſua vida, & era proprio dos Principes ſoccorrerem à peſſoas



peſſoas miſeraveis, & condoeremſe dos neceſsitados, quanto lhe dezião ſeus Capitães contrariava. E que nenhũs homẽs ſão mais faciles de enganar que os Reis, & homẽs de eſpiritos generoſos, porque as vilezas, & aſtucias de que não uſão, não as entendem quando outros lhas fabricão. E que ſe ſua vinda à elle fora para provar o ſeu dinheiro, mais honeſto lhe fora mandarlhe pedir merce, & elle lha fizera maior, & não per aquelle modo de traição. O Açadachan lhe reſpondeo, que não avia Deos de permitir polo em tanta neceſsidade, que foſſe ſervir à quem não tinha conhecimento do meſmo Deos. E que quanto ao dinheiro, que muito mais lhe devia do que lhe dera, por fazer com o Hidalchan paſſado ſeu Senhor que ſe tornaſſe do cerco que lhe ia pôr à ſua cidade de Biſnagà, onde ouvera de gaſtar a vida, quanto mais tam pouco dinheiro, & aſsi iria hũa couſa per outra.

O Cota Maluco, porque queria grãde mal ao Açadachan, vendo que ſendo tantas vezes traidor ao Hidalchan, em chegando donde o fora offender, lhe fazia merce de terras, que podia dar à hum filho, fingindo tèr recado, que el Rei de Biſnagà lhe mandava entrar em ſuas terras, ſe deſpedio do Hidalchan, dandolhe ainda hum remoque ſobre as merces que fazia ao Açadachan, dizendo, que não queria perder o que tinha ganhado com tanto ſangue, pois atè aquelle tempo não tinha medrado mais que o que elle ganhara pela lança. El Rei de Biſnagà como ſoube que o Cota Maluco era partido para ſuas terras, parecendolhe que o fizera por razão do recado que lhe mandara, envioulhe cem mil pardaos d'ouro, com os quaes elle fez gente, & foi pôr cerco à cidade de Naiteguir, que era do Hidalchan.

Neſte tempo abalou o Hidalchan do lugar onde eſtava, & tanto que chegou ao rio Nagundin, não ouſou de paſſar, nem menos tornar atras, ſabendo que el Rei tinha poſto em grande aperto a cidade de Rachol, porque concurrião duas couſas, que o fazião não ſe mover d'alli, ſaber que el Rei eſtava mais poderoſo que elle, & tèr experiencia do que acontecera naquelle meſmo caſo, & lugar, quando lhe tomarão aquella cidade de Rachol. E o principal era ver o Cota Maluco partido, & não ſe fiar elle do Açadachan, por ſuas malicias, & artificios. E temia que hum, & outro tiveſſem

ordenado algũa couſa com el Rei, de quem tinhão recebido dinheiro, & boas obras, com que perdeſſe o Eſtado, & a vida. Pola qual razão ſe concertou com el Rei per eſta maneira, que a cidade de Rachol eſtiveſſe por elle Hidalchan como eſtava, & tiveſſe todas as terras que lhe pertencião da parte de Oeſte atè Sudueſte; & que el Rei de Biſnagà as de Leſte atè Sueſte, que erão de maior rendimento, em recompenſaſſão do corpo da cidade que ficava com elle Hidalchan. E com eſte concerto ficarão em paz, & cada hum ſe foi para ſua parte.

O Açadachan, porque não ouſava de ficar com o Hidalchan ocioſo, temendo que o mataſſe, por quantas maldades tinha cõmettidas contra elle, andava ſempre ao longe, & offereſceoſe que queria ir contra o Cota Maluco, que alem de tèr tomada a cidade de Naiteguir, por cerco que lhe poſera, andava deſtroindo outras cidades que não eſtavão providas. O Hidalchan lho agradeceo, & lhe mandou que foſſe diante, que elle em peſſoa queria ir ſobre a cidade de Bichocondà. E como o Açadachan ia à eſte negocio de boa vontade, apertou tanto com o Cota Maluco, que o fez ſair logo da cidade: & aſsi como o Hidalchan ia de caminho, o Cota Maluco ſe foi metter em ſuas mãos, levando conſigo ſua neta, que lhe tinha promettida por molher, & aſsi meſmo ſeu filho maior, para caſar com hũa irmãa do Hidalchan. Com eſtes caſamentos ceſſou toda a furia da guerra, & ficarão em paz; mas com todo eſte parenteſco, em hum paſſo de Serras per onde ſe entra no Eſtado do Cota Maluco, mandou o Hidalchan da parte das ſuas terras fazer hũa fortaleza, como freo contrà o Cota Maluco.

(??)

CAPI-



## CAPITVLO. IX.

*Como el Rei de Cambaia mandou ao Hidalchan as inſignias Reaes, para que ſe intitulaſſe Rei, & lhe deſſe obediencia, & como não quis tal titulo, & das inquietações em que andou o Açadachan, atè que com medo do Hidalchan ſe lhe vèo metter nas mãos com hum grande preſeute de dinheiro.*

NESTE tempo, que por os caſamentos, & amizades com os Principes vezinhos, o Hidalchan eſtava quieto na ſua cidade de Biſapor, Soltam Badur Rei de Cambaia, que como altivo, & ambicioſo ſe prezava de tèr grandes Senhores por vaſſallos, & o Hidalchan era tam grande em Eſtado, & riqueza, deſejava de o trazer à ſua amizade, & obediencia. Polo que para o provocar mais à iſſo, o tentou com lhe offerecer titulo de Rei, que o Badur como maior Rei do Indoſtan dizia poder dar. Para eſte effeito lhe mandou hũa embaxada per Xacoez (que ja à Nuno da Cunha mandara por Embaxador) mandandolhe por elle hũa cabaia, hũa touca, & hum ſombreiro de Sol vermelho, que ſão inſignias Reaes, pedindolhe que por amor delle, como de amigo, acceitaſſe aquellas peças, pois cõ ellas ficava intitulado Rei, por o poder que elle como Rei de Cambaia tinha, ſegundo o coſtume do Indoſtan. E tambem lhe pedia quiſeſſe chamarſe Badur, em memoria de receber de ſua mão o titulo de Rei, & que cõ iſto ficarião todos liados, & para ſempre amigos, pois ſeu tio o Nizamaluco, & Madre Maluco tinhão acceitado ſua amizade, & lhe deſſe tambem ſua obediencia, como a elles derão. Ao Embaxador, fez o Hidalchan muita honra, & lhe deu grandes dadivas, & d'aquellas peças tomou a cabaia, & a touca, & não o ſombreiro, por não ficar cõ titulo de Rei, reſpõdendo à Soltam Badur, q̃ elle ſe contentava cõ o nome de ſeu pai, q̃ era o de Hidalchan, & acceitava as outras peças como ſeu ſervidor, & amigo, em cuja amizade, & graça queria, & deſejava eſtar, cõ outras palavras de grãde agradeſcimẽto. Procurava Soltã Badur eſta nova amizade do Hidalchan em odio dos Portugueſes, como adiãte ſeverà, & logo aproveitou

ao Hidalchan; porque o Nizamaluco eſtava para lhe fazer guerra, de que ceſſou por eſta nova liança. E o indicio diſto foi, que naquella conjunção o Nizamaluco mandara dizer à Nuno da Cunha, que lhe pedia por merce lhe deſſe licença para tomar a cidade de Dabul, mandando ſair della ſeu Feitor, & como a tomaſſe, o mandaſſe eſtar outra vez de aſſento nella como eſtava, & ficarião na meſma cidade as pareas que de antes pagava, & tudo o mais que elle ordenaſſe ſe faria. Nuno da Cunha lhe reſpondeo, que elle não conſentiria tal, por ſer amigo do Hidalchan, & que per nenhum intereſſe quebraria a paz, & amizade que com elle tinha, antes o ajudaria muito como bom amigo. E que outro tanto faria por elle Nizamaluco, mas não em offenſa, & dãno do Idalchan, nem de qualquer outra peſſoa à que eſtiveſſe obrigado por lei de paz, & amizade; por a natureza dos Portugueſes ſer guardar verdade à quem o promettem. Com a qual reſpoſta, & com a liança de Soltam Badur, o Nizamaluco não procedeo em ſeu propoſito.

» Entretanto o Açadachan, como ſe não ſegurava em ſeu
» animo, com aquella inquietação, que os homẽs que não ſe-
» guem virtude, conſigo tem, trazia ſempre diante as teſtemu-
» nhas de ſua conſciencia, que ſão os maiores algozes que hũa
» alma pode tèr. E como tal, temia que o Hidalchan tomaſſe vingança de ſeus feitos, como ſe viſſe ſem neceſsidade delle. Pelo que perſuadio ao Cota Maluco, que ſe foſſe para ſuas terras, & começaſſe fazer guerra ao Hidalchan, em pagamento de quanto mal lhe tinha feito & que elle faria outro tanto per ſua parte, & aſsi averião ſatisfação de ſuas perdas. Cota Maluco aſsi o fez, & o Hidalchan entendendo que tudo procedia da maldade do Açadachan, & não o podendo acolher para o matar, como deſejava, teve conſelho com algũs ſeus privados, que remedio teria para iſſo, propondolhes as eſcapulas q̃ o Açadachan buſcava para o não acolherem, porque era tam manhoſo, que quando lhe avia de ir fazer a çalema, ninguem ſabia a hora, por variar elle os tempos, & ſempre avia de ſer quando elle Hidalchan eſtiveſſe ſõ, & à ida, & à vinda era cõ muita gẽte, como quem ſe temia: & que não ſe podia cõmetter deſcubertamente, porque era mui poderoſo em gente, & não era bem que por caſtigarem hum homem roim, pereceſſem muitos bõos, & a gente de cavallo que trazia era melhor que



que a delle Hidalchan, porque como eſtava em Bilgan, vezinho de Goa, eſcolhia os melhores cavallos q̃ vinhão de Arabia. Finalmente apontando outras muitas couſas, vèo aſſentar, com o parecer d'aquelles ſeus conſelheiros, q̃ devia deſpachar ao Açadachan para ir defender dos ladrões as terras que lhe tinha dadas Genetechan, & as que o Governador da India tinha tomadas. E que antes que o Açadachã partiſſe, mandaſſe ao Capitão de Merique, q̃ era ſeu criado, & tinha aquella cidade por elle deſdo tempo que lha dera Maluchan, que quãdo o Açadachan per hi paſſaſſe (o que de neceſsidade avia de ſer) o prendeſſe, & quando o não pudeſſe fazer, lhe não obedeceſſe, poſto que ſeu Senhor foſſe. E que tãto que o Açadachan paſſaſſe a Serra, & andaſſe na fralda do mar occupado na guerra com os Portugueſes, elle Hidalchan foſſe com todo ſeu poder, & lhe tomaſſe Bilgan ſua acolheita, & deſpois os paſſos da Serra, para não poder tornar acima. E que per eſta manera hũa de duas couſas, o avião de matar, ou a fome, porque lhe não irião do Balagate mantimentos, ou morreria em algũa batalha, ſe com os Portugueſes pelejaſſe. Para melhor corar eſta partida, deſpois que o Hidalchan teve eſte cõſelho particular, & ſecreto, teve outro geral, para que mandou chamar ao Açadachan, & diante delle propos à todos, como elle tinha feito merce ao Açadachan da maior parte das terras firmes de Goa: & por iſſo à elle pertencia recuperalas de qualquer mão em que eſtiveſſem: & que iſto era para que os mandara chamar, & aſsi à elle Açadachan, para logo ordenar de ſe partir antes que mais dãno ſe fizeſſe. Approvado de todos eſta propoſta do Hidalchan, ficou o Açadachan mui cõtente por ſe alongar delle, cuja preſença muito receava: & como homem que avia de fazer a guerra per aquella fralda do mar, & avia de pelejar com os Portugueſes, quis levar d'alli algũa gente à ſoldo; para que mandou pedir algum dinheiro ao Capitão de Meriche ſeu criado. O qual como eſtava ja amoeſtado do Hidalchan, não reſpondeo ao Açadachan ao q̃ pedia, dando por eſcuſa, que nas obras da fortaleza que lhe mandara fazer tinha gaſtado muito. No modo deſta reſpoſta, o Açadachan como era ſuſpeitoſo, & aſtuto, pareceolhe q̃ fallar eſte ſeu criado tam ſeccamente, vinha de algũa confiança que tinha em outrem, que o podia livrar do caſtigo. Com eſta ſuſpeita tanto trabalhou, que os privados do Hidalchan,

à que dava parte de seus segredos, à quem elle grossamente peitava, lhe vierão à descobrir que o Hidalchan desejava de o acolher para o castigar, mas não lhe disserão quando, nem o modo, somente que se guardasse. E para descobrir mais a vontade do Hidalchan, hum dia pela festa, sabendo que estava só, entrou com elle, & com dozentos mil pardaos que levava, se lançou à seus pès, dizendo: *Senhor dizem me que me queres prender, & matar, não sei porque? Se meus inimigos to aconselhão, isso será por enveja dos serviços que te faço, & verem que no tempo que estàs mais escandalizado de mi, me vou eu offerecer com a pessoa, & fazenda. E tem razão, porque outro tanto não fazem elles. Se me tens algum odio por cousas que passarão despois do fallecimento de teu pai, & differenças entre ti, & Maluchan teu irmão, tirado o pezar que entam tiveste, por isso sou eu digno de merce, por comprir o testamento de teu pai, & querer tér mais conta com sua alma, que com teu contentamento. Despois que quis Deos que ficasses no Estado que ora tens, sempre te servi. Verdade he que algũas cousas cõmetti por me assombrarem homẽs que desejavão verme posto em odio contigo. E eu por fugir tua indignação buscava todo o modo, & cautela para salvar minha pessoa, mais que por te deservir, porque cousa natural he aos filhos fugirem a indinação dos pais, & aos servos a dos Senhores; porque o temor este só amparo, & refugio tem de ausentarse do lugar do perigo. Porem sempre com estas mudanças que fazia, sempre perseverei em te servir com toda a lealdade, obediencia, & fè. Se te dezião que tinha muito dinheiro, & que vendote em necessidades, não te servia como era obrigado, eu não tenho filhos, nem parentes para quẽ o aja de entesourar, essa pouquidade q̃ possuio tua he, pois sou teu escravo. E o engano que tinha feito àel Rei de Bisnagà, mostrando que o ia servir, acabou em tirarlhe da mão esses dozentos mil pardaos d'ouro que te aqui apresento, delles em moeda, & delles em joias.* O Hidalchan em quanto lhe o Açadachan dizia estas cousas, lãçado à seus pès, esteve sempre mui prompto ao ouvir, & tanto que vio o presente, o levantou nos braços, dizendo: *Açadachan eu tenho ouvido vossas razões, & verdadeiramẽte q̃ eu as recebo em meu animo por justas, & honestas. Verdade he que com algũas cousas q̃ cõmetteste despois que eu estou neste Estado, mais accidẽtal, que prudentemẽte, me escandalizastes, lẽbrandome vosso saber, & idade, mas no fim dellas, como vos dizeis, entẽdi, & vi que podia mais em vos a lealdade, que a paixão, por me acodirdes no tempo em que maior necessidade tinha de vossa pessoa. Terdes inimigos, não vos espanteis, porque cousa he mui costumada aos homẽs que tem vossas qualidades, moverem à enveja os que não são taes. Tende bom animo, & não vos agasteis, certificandovos que nunca poderei creer de vos se não muita lealdade. E posto que tambem de mi vos vão dizer algũa cousa que vos assõbre, será per bocca de homẽs que desejão de vos pòr em odio comigo: por tanto ivos em boa hora, onde vos Deos dará tantas vittorias, perque vos eu faça mais merce do que importão as terras que is conquistar.* Com isto o despidio.



## CAPITVLO X.

*Como o Hidalchan mandou hum messageiro ao Governador, que lhe alargasse as terras firmes, à quem dilatou a resposta para Dio, para onde estava de caminho, & como Soleimão Agà per mandado do Hidalchan as veo correr, & cobrar, & lhe foi resistido.*

Açadachan como de sua natureza era inquieto, & infiel à todos, tendo antes tramado com Nunõ da Cunha, como atras dissemos, que ouvesse as terras firmes de Goa, là negociou com o Hidalchan que as cobrasse, & impedisse averem as os Portugueses, parecendolhe que ficava desculpado com elle, do que com Nuno da Cunha tratara. E do que assi com o Hidalchan ordenou, procedeo enviar logo o Hidalchan hum Mouro por nome Suzaga à Nuno da Cunha, estádo em Goa, no mes de Settembro do anno de M.D.XXXV. per quem lhe mandou hũa carta de crença, & dizerlhe de sua parte, que Genetechan seu Capitão que estava em Pondà, lhe escrevera como as terras firmes de Goa, elle Nuno da Cunha as acceitara dos ladrões que lhas tinhão tomadas, & que Genetechan lhas pedira da sua parte, à que elle respondera, que não via recado delle Hidalchan, que quando o visse entam responderia, & que para isso mandava Suzaga à pedirlhe que as mandasse entregar. E que tambem lhe pedia que desse entrada aos cavallos para os levarem à sua Corte, por a necessidade que tinha delles. Nuno da Cunha que à aquelle tempo era chamado à pressa d'el Rei de Cambaia, & estava ja quasi embarcado, respondeo ao Mouro, que elle se partia para Dio, por a necessidade que de sua presença tinha Soltam Badur, para negocio que não sofria dilação, pelo q̃ não podia entam respon-

reſponder, que ſe podia ir em boa hora, & que de Dio manda ria ſeu meſſageiro ao Hidalchan.

Deſpedido eſte Suzaga, não tardou muito que hum Soleimã Agà Turco de nação, Capitão dos Pages do Hidalchan, (que he officio como acerca de nos Capitão dos Ginettes) arrendou ao Hidalchan as terras de Goa, dizendo, que à ſua cuſta as queria ir tomar das mãos dos Portugueſes, pois o Governador da India as não queria ſoltar. O Hidalchan lhas concedeo, & lhe deu comiſſão para prender Genetechan, por quam mal o tinha feito em não defender aquellas terras aos ladrões, & conſentir que os Portugueſes as tomaſſem. Partido eſte Soleimam da Corte do Hidalchan, trouxe cõſigo cem Turcos, & tornou com elle o Suzaga que diſſemos, & pelo caminho vèo ajuntando gente atè chegar à fortaleza de Põdà, onde eſtava Genetechan, ao qual logo prendeo em ferros, & à ſeus officiaes, & alem de o aſsi tèr preſo, o vituperava cada dia de fraqueza, & covardia, que não fora para defender aquellas terras. Ao que reſpondia Genetechan, que o tempo dava por teſtemunha ſe o fizera bem, ou mal, deſpois que elle tiveſſe algum recontro com os Portugueſes, que elle fallava como homem que os não experimentara. A gente vulgar como vio Capitão novo, & que ſe jactava de ſuas valentias, começou de ſe chegar à elle, parecendolhes terem nelle boa comedia. Com iſto ajuntou quatro mil homẽs, afora mil que eſtavão em Pondà, & quinhentos que trazia em ſua companhia com os Turcos.

Dom Ioão Pereira Capitão de Goa, por Nuno da Cunha ſer ido à Dio, per hum Capitão Gentio (à que elles chamão em ſua lingoa Naique) mandou viſitar à Soleimam, como à homem vindo de novo à ſer ſeu vezinho tres legoas de Goa Soleimão lhe não quis reſponder, antes quiſera prender ao meſſageiro, mas deſpois per interceſſão de Suzaga o deſpedio ſem reſpoſta algũa. E logo mandou lançar pregões, que ſob pena de morte ninguem levaſſe mantimẽtos à Goa, nem lenha, nem outra couſa algũa, & com quatro mil Soldados, de que cento & cinquoenta erão de cavallo, ſe partio logo, & foi correr as terras de Cocorà, que os Gẽtios comião por lhas Genetechan tèr dado pelo concerto que atras eſcrevemos. O primeiro lugar que tomou foi hũa aldea chamada Curturij, deſpois tomou Margam, que he hum templo, & pagode de



de Gentios cercado à maneira de fortaleza.

Neſte tempo mandou Chriſtovão de Figueiredo, que era Tanadar mòr, & eſtava no pagode de Mardor, recado à Dõ Ioão Pereira, como erão entrados Mouros nas terras firmes, & que parecia que não vinhão à pelejar: mas tão que forão na aldea de Vernà meia legoa de Mardor, mandou à Dom Ioão outro recado ja mais apreſſado, como homẽ que ſabia a tenção da vinda dos Mouros. Com eſte recado mandou logo Dom Ioão o Feitor Miguel Froes, genro de Chriſtovão de Figueiredo, com ſeis de cavallo, & algũs piães, & dizer à Soleimam que ſe ſaiſſe d'aquellas terras, pois não moſtrava eſcrittura do Hidalchan, perque pediſſe à Nuno da Cunha q̃ lhe ſoltaſſe as terras que tinha tomadas ao Gentio, polo que lhe amoeſtava, que ſe não metteſſe na conquiſta dellas, por não dizer deſpois o Hidalchan que o Governador quebrara as pazes em pelejar cõ ſeus vaſſallos. Chegado Miguel Froes â Mardor, acertou de ir à aldea Vernà hum homem da terra, ja feito Chriſtão, que por amor de Nuno da Cunha tomou ſeu apellido, & ſe chamou Manoel da Cunha, & era tam fiel, & tam cavalleiro de ſua peſſoa, que ſervia de Capitão. Eſte indo com algũa gente à Vernà (que antiguamente fora hũa cidade de Gentios) eſtava nella gente de Soleimam Agà, que como ouve viſta delle, o foi cõmetter. Manoel da Cunha como homem prudente ſe fez em hum corpo, & deſpedio logo hum pião à grande preſſa à Chriſtovão de Figueiredo, que elle ficava pelejando com aquella gente. Chriſtovão de Figueiredo acodio com brevidade, mandou ſeu genro Miguel Froes com ſeis de cavallo, & vinte homẽs de pè, & por a gente que acodia ſobre elle ſer muita, o mais que Miguel Froes pode fazer, foi recolher à Manoel da Cunha, antes que o mataſſem, & aos que com elle ião, & todos em hum corpo com boa ordem ſe forão retirando para o pagode Mardor, onde eſtava Chriſtovão de Figueiredo. E porem erão ja tam apertados dos Mouros por ſerem muitos, que ſe Chriſtovão de Figueiredo lhes não acodira ao caminho com cem homẽs, alli perecerão todos. E neſte tempo tinha ja Miguel Froes duas frechadas, & ſeu cavallo muitas; erão feridos Thome Velloſo eſcrivão do Tanadar mòr, & muita gente de pè. Finalmente primeiro que todos ſe recolheſſem, nas voltas que Miguel Froes fez com Amador Monteiro, & Franciſco

Monteiro

Monteiro(que erão as principaes peſſoas que moſtrarão valor naquelle feito) matarão os Mouros oito Portugueſes, & entre elles Antonio Cardoſo,& hum Naique da terra. Tambem dos Mouros ficarão muitos no campo, & Soleimam Agà tambem fora morto de hũa eſpingardada que lhe deu na cabeça, ſe as voltas da touca que trazia o não ſalvarão.

Tanto q̃ os Portugueſes ſe recolherão em Mardor, Chriſtovão de Figueiredo mandou Diogo Gonçalvez de Figueiredo,& hum ſeu meirinho, à Soleimam Agà per modo de tregoa,notificandolhe o que Dom Ioão Pereira mandou dizer. Mas o Mouro como quem fazia pouca conta diſſo, virou as coſtas,levando eſtes dous homẽs cõſigo,& foiſe alojar perto d'alli como em cilada, para que ſe os noſſos com temor ſe quiſeſſem ir para Goa, lhes deſſe aquelle folgo, & deſpois dando ſobre elles, lho tiraſſe com a vida. Mas Chriſtovão de Figueiredo,que eſperava ſer logo cercado per elle,eſpedio hũ homem de pè com recado à Dom Ioão Pereira, fazendolhe ſaber o eſtado em que ficava,& o que tinha paſſado com Soleimam Agà. Com eſte recado que à Dom Ioão foi, à noute ſeguinte dos dezoito dias de Novembro,mandou lançar pregões,que pela manhãa todos,aſsi de pè,como de cavallo, cõ ſuas armas ſe foſſem ajuntar no paſſo de Agacim. Neſte lugar ſe ajuntarão dozentos homẽs de cavallo,& aos trinta delles mandou que ſe paſſaſſem logo alem do rio com Iurdão de Freitas que era Tanadar mòr de Goa,para ſoccorrer à Chriſtovão de Figueiredo antes que receheſſe algum dãno maior. Os Mouros como ſabião que o ſoccorro avia de vir, eſtavão poſtos em atalaiá:& avendo viſta de Iurdão de Freitas, porq̃ para ir à Mardor avia de ſer per hum paſſo eſtreito, forão à elle.Mas entendendo Iurdão de Freitas o que elles avião de fazer,deixou algũs dos que levava com a fardagẽ de pè, ordenandolhes que como elle deſceſſe ao baxo, ſe moſtraſſem todos em hũa aſſomada em maneira que pareceſſe muita gente:o que vendo os Mouros do lugar do paſſo onde eſtavão eſpiando aos noſſos,temendo que vinha muita gente, o deſamparárão,& forão dar nova à Soleimam Agà: o qual à eſte tempo eſtava com a mais gente ſua ao redor de Mardor, como quem fazia fundamento de os não deixar ſair d'alli. Mas tanto que lhe derão a nova,diſsimulando a cauſa porque o fazia,pôs ſe à fallar com Chriſtovão de Figueiredo, dizendo, que



que não queria pelejar com elle,mas a ſua tenção era aſſentar paz com o Capitão de Goa,& que aſsi lho podia mandar dizer, & com iſto ſe deſpedio, levando ainda conſigo Diogo Gonçalvez de Figueiredo, & o Meirinho. E levava tanto o olho ſobre o ombro, receando que a gente que virão foſſe tras elles,que como deſapparecerão de hũa aſſomada, donde podião ſer viſtos dos noſſos, indo atè alli ſeu paſſo cheo, derão os mais delles à correr,& tanto, que algũs de temor por não rodearem algũs caminhos ſe mettião per lagoas d'agoa que avia na terra do tempo do inverno, & não pararão d'aquella corrida menos do pagode de Margam,onde dormirão eſſa noute,& lhes morrerão algũs homẽs dos que levavão feridos do dia paſſado.

## CAPITVLO XI.

*De algũas duvidas que ouve entre os Portugueſes que eſtavão com Chriſtovão de Figueiredo, que ceſſarão com a vinda de Dom Ioão Pereira,o qual ſeguio à Soleimam Agà, atè ſe lhe acolher desbaratado.*

IVrdão de Freitas chegando onde Chriſtovão de Figueiredo eſtava, ouve grande contenda entre os moradores de Goa caſados, com a outra gente d'armas.Os caſados querião q̃ Chriſtovão de Figueiredo ſe recolheſſe com toda a gente,& ſe foſſe para Goa,& deixaſſe aquellas terras, porque eſtarem com ellas de guerra,era grande oppreſſão da meſma cidade,& não ſe podião mantèr. E porque Iurdão de Freitas tinha ſabido de Dom Ioão Pereira, que logo ia tras elle aos ſoccorrer; & tambem à dar de ſi moſtra à aquelles Mouros, deſviou eſta prattica por tirar perfias, dizendo, que eſperaſſem recado de Dom Ioão Pereira,que elle determinaria o que devião fazer,que entretanto elle ſe não avia de mover d'alli. A eſte tempo Bade hum Gentio, que era hum dos Capitães que comião as terras de Cacorà,& Bailin, mandou hũa carta à Iurdão de Freitas,dizendo,ſe queria dar nos Mouros, que elle os iria eſperar em hum paſſo,em que lhe podia fazer muito dãno. Ao que lhe reſpondeo, que eſtava eſperando por Dom

Dom Ioão Pereira, que como vieſſe lhe mandaria a reſpoſta, agradecendolhe a offerta.

Ao outro dia à noute, que Soleimam Agà dormio em Margàn, mandou Diogo Gonçalvez de Figueiredo, & o Meirinho, que tinha reteudos, com recado que elle não queria outra couſa ſenão paz, & iſto podião affirmar ao Capitão, antes que entre elles ouveſſe algum dãno de mais ſangue. E deſpedidos os dous Portugueſes, entre os ſeus começou à dizer grãdes feros, que não ſòmente nos avia de lançar das terras firmes, mas de Goa, no primeiro dia que lhe viſſem o roſtro. E q̃ o final que para iſſo dava, era ternos alli encerrados entre quatro paredes do pagode, com morte de muitos, que os Portugueſes tinhão perdido, ſem ouſar ſair d'alli. E que o recado q̃ mandara per aquelles homẽs que ſoltara, era para melhor os enganar. Iurdão de Freitas reſpondeo à ſeu recado, que ſe paz queria, que o eſperaſſe, que o iria buſcar, & entam aſſentarião as condições della.

A eſte tempo chegou Fernão de Lemos, Eſcrivão da matricola de Goa, com recado de Dom Ioão Pereira à Iurdão de Freitas, que o eſperaſſe, porque o avia de tèr conſigo por hoſpede, & aſsi o fez. Eſtando os noſſos armados no campo para o receber, tanto que elle appareceo à hũa aſſomada perto dõde elles eſtavão com hũa grande grita de prazer, arremetteò com cento & cinquoenta de cavallo que levava, & ajuntandoſe com os outros começarão todos de eſcaramuçar, chegãdoſe ao pagode. Apeado Dom Ioão aſſentouſe em hum poial ao pè de hũa grande arvore, poſta em hum largo & limpo terreiro, como tem os Gentios ante ſeus pagodes, para fazerẽ ſombra à gente que vem à celebrar ſuas feſtas, nos quaes ha algũas arvores tam grandes que ſe podem agaſalhar debaxo quinhentos homẽs de cavallo, porque com artificio eſtendẽ os braços dellas para fazerem grande copa. Soleimam Agà, que parece tinha atalaia ſobre o que os noſſos fazião, quando ſoube da muita gente de cavallo que era vinda, entendeo que era o Capitão de Goa. E apenas Dom Ioão tinha deſcanſado da feſta, & eſcaramuça em que andara, quando chegou hum meſſageiro de Soleimam, perque lhe mandou dizer: Que o Hidalchan ſeu Senhor mandara dizer ao Governador Nuno da Cunha per Suzaga ſeu criado, que lhe entregaſſe aquellas terras, que tomara das mãos dos ladrões Gentios, por ficarem deſampa-



deſamparadas da gente que alli tinha, ao que elle per ſuas occupações não pudera ſoccorrer naquelle tempo, & que Nuno da Cunha reſpondera à Suzaga, que lhe não reſpondia por eſtar embarcado para Dio, que de là lhe reſponderia, o que atè entam não tinha feito: por a qual razão o Hidalchan dera à elle Soleimam Agà aquellas terras de arrendamento, & que por iſſo era vindo à recadar o que dellas era devido, o que elle Senhor Dom Ioão não avia de impedir por razão da paz que o Governador tinha aſſentada com o Hidalchan. A iſto reſpondeo Dom Ioão, que ao tempo que o Governador Nuno da Cunha ſe partira para Dio, nenhũa couſa lhe mais encomendara que a guarda, & defenſão d'aquellas terras. E pois o Governador não era preſente, & elle Soleimam entrara nellas com mão armada, avendo paz entre elles, que lhe requeria que dentro de hũa hora & meia ſe foſſe. E não o querendo fazer, elle o iria logo lançar. O meſſageiro vendo tam eſtreito termo, lhe replicou, que dava mui breve eſpaço ſendo ja paſſada a maior parte do dia. Dom Ioão o deſpedio, & quaſi nas ſuas coſtas ſe pôs à cavallo com ſua gente, & quando chegou junto de Margam ſoube que Soleimam era ja partido ſendo Sol poſto, & mui alongado d'alli. E ſegundo a nova que lhe a gente da terra deu do caminho que levava ſer mui aſpero, & fragoſo, per que não podião ir ſenão à fio, era final do temor com que partira, & levava. Por a qual razão hum Enrique de Meneſes Gentio, que ſe fez Chriſtão em tempo do Governador Dom Enrique de Meneſes, foi dar na retraguarda de Soleimam Agà, no eſtreito do paſſo, por ſaber bem a terra; & deſpois de fazer grande eſtrago nos Mouros, que ião à grande preſſa fugindo, tornou com a lança quebrada, & o cavallo ferido: mas Dom Ioão bradou muito com elle, & o quiſera caſtigar, dizendo, que em quanto Soleimam Agà, & os ſeus caminhavão, ião ſeguros delle, pois comprirão o que lhes mandara.

Soleimam, aſsi por o dãno q̃ lhe eſte fez, como porq̃ ſoube q̃ hũs Naiques Gentios ſe adiantarão para lhe ir tomar outro paſſo eſtreito, onde poderia receber muito dãno, mandou dizer à Dõ Ioão Pereira, q̃ para q̃ era perſeguir à hũ caminhãte, q̃ não podia ir mais đ preſſa, q̃ lhe pedia por merce mãdaſſe dizer ao Bada Naique, o deixaſſe paſſar ſeguro. O q̃ D. Ioão fez, & não ſe partio para Goa, ſenão deſpois q̃ ſoube q̃ Soleimam

Agà eſtava em Pondà com menos cem homẽs dos que leva-
ra d'alli (de que os dezaſeis erão de cavallo) & outros feridos.
Deſte dãno que Soleimam recebeo, ouve grande prazer Ge-
netechan, por as cruezas que com elle tinha uſado, porque
não fora homem para lançar os Portugueſes fora da terra, ao
que elle reſpondia, que outra couſa ſentiria quando tiveſſe
experiencia dos Portugueſes: & com ella tornou Soleimam
mais manſo do que vèo.

## CAPITVLO XII.

*Como Soleimam Agà vindo à Pondà, fez algũas couſas em rompimen
to da paz que o Governador tinha com o Hidalchan, & Dom
Ioão Pereira lhe deu batalha, & o
venceo.*

TANTO que Soleimam Agà foi em Pondà, mandou dizer à Dom Ioão Pereira, que elle tinha comprido com o que lhe mandara dizer, & que agora fizeſſe elle outro tanto, que lhe mandaſſe deſpejar as terras dos Portugueſes que eſtavão nas Tanadarias, cujo rendimento era do Hidalchan ſeu Senhor, proteſtando ſe o não fizeſſe, de aver por rõpida a paz. Ao que Dom Ioão reſpondeo, que elle o não avia por Capitão do Hidalchan, antes o tinha per hũ homẽ alevãtado, por não moſtrar chapa ſua, nem carta para o Governador Nuno da Cunha, em q̃ o Hidalchan lhe eſcreveſſe q̃ o enviava à aq̃lle negocio. E q̃ elle eſcreveria logo à Nuno da Cunha, q̃ fizeſſe ſaber ao Hidalchan o modo q̃ elle Soleimã Agà tivera na entrada d'àquellas terras, para o caſtigar por iſſo. Soleimam Agà vendo eſta reſpoſta, mãdou pregoar ſob graves penas, q̃ ninguẽ levaſſe à vender à Goa mantimentos, ou outra couſa algũa. Deſte mãdado o reprendeo Genetechan, quẽ elle tinha preſo, dizendo: *Eu não tenho razão de te amoeſtar iſto, pois mo não mereces tendo me ſem cauſa deſta maneira ha tantos dias, poſto que ja deves eſtar certificado á tua cuſta, quanto mais duro he o ferro dos Portugueſes do que tu cuidavas, como te eu diſſe. Mas por ſer viço do Hidalchan meu Senhor, não calarei o q̃ me parecer deſta deſe ſa q̃ fizeſte. Quem te aconſelha tolheres que não levem à Goa couſa algũa? Tu ſabes que deſtas terras o Hidalchan não teria rendimento algum,*



*algum, ſe Goa não foſſe. Que ha Goa meſter dellas mais q̃ hũa pouca de lenha, & betele de q̃ os Portugueſes não uſão? Por q̃ arroz, & trigo, & outras couſas de q̃ ella he abaſtada, lhe vem de Ancola, Baticala, Bandà, & de Chaul, & os moradores deſtas terras à troco de lenha, & ervas, trazem de là ouro, prata, & cobre com q̃ pagão ao Hidalchan. E pela meſma Goa lhe vem os cavallos, que he todo o ſeu governo da guerra.* Soleimam por não dar gloria à Genetechan, q̃ apontava bem o que cõpria ao ſerviço do Hidalchan, o deſviou cõ palavras em contrario, dizendo, que bem parecia ſer amigo dos Portugueſes, pois cõ razões apparentes, que parecião ſer em proveiro do Hidalchan, queria q̃ foſsẽ providos do q̃ avião meſter.

Dom Ioão como ſoube deſta prohibição de Soleimã mandou que andaſſem algũs catùres per os paſſos per onde coſtumavão da terra firme trazer o Gentio algũas couſas à Goa, para q̃ o defendeſſem. Os Gançares da terra tanto q̃ virão q̃ Soleimam Agà ſe acolhera à Pondà cõ temor dos Portugueſes, enviarão logo pedir à Dõ Ioão, que mandaſſe Tanadares para recolher a renda, antes q̃ os Mouros lhe deſſem algũa creſta contra ſua vontade, como coſtumavão fazer. Sòmente os de Margam, que ſempre forão reveis, não mandarão recado algum. Para aquella recadação, mandou Dom Ioão o Feitor Miguel Froes com quarenta de cavallo pela ſemana de Natal. E como Soleimam Agà não vio correr o cõmercio, & quam eſtreitamente Dom Ioão defendia a paſſagem dos Portos, ouve por melhor conſelho o que lhe dava Genetechan, & mandoulhe pedir tregoas atè o mes de Abril, que eſperava recado do Hidalchan, à quẽ tinha eſcrito, as quaes lhe Dõ Ioão concedeo por aquelle tẽpo ſòmente, porq̃ teve recado de Nuno da Cunha deſpois que ſoube d'aquella revolta de Mardor, q̃ lhe fizeſſe guerra à fogo, & à ſangue. E vendo Dõ Ioão como o Governador por aquelle recado queria ſoſtèr aq̃llas terras, teve conſelho ſe ſeria bõ fazer hũa força na bocca de hũ rio, em hũa põta da terra, a qual cortada ficaſſe em Ilha, porq̃ atè alli podião ir os noſſos por mar, & era o caminho mais breve, & ſeguro para as Tanadarias em q̃ os Portugueſes avião de reſidir. A qual obra ſendo approvada per todos, ſe começou, & creſceo de maneira q̃ ficou cõ quatro baluartes de pedra, & cal, & ſe chamou a fortaleza de S. Ioão de Rachol: [a] mas a obrigação de a defẽder cuſtou deſpois caro, como adiãte diremos. Soleimam Agà vẽdo o muito q̃ importava não ſer alli

[a] *Eſcreve Diogo do Couto, q̃ D. Gonçalo Coutinho (que ſoccedeo à Dom Ioão Pereira na Capitania de Goa) desfez a tranqueira de Mardor, à q̃ ſe deu fogo, & ſobre hum teſo q̃ caia ſobre o rio fundou de madeira groſſa de duas faces terraplenada, eſta fortaleza de Rachol, da qual o Governador fez Capitão Alvaro de Caminha.*
*Cap. 5. do liv. 10.*
*Fernão Lopez de Caſtanheda diz, q̃ Dõ Ioão fez a fortaleza, & q̃ a fundou no Rio de Salſete, ſeis legoas de Goa, & hũa do paſſo de Borij ſobre hũ morro grande pegado quaſi com terra firme, a qual era de forma triangular, com tres baluartes entulhados atè o andar das ameas do muro: no meio hũa torre de homenagem, & que a acabou em eſpaço de tres meſes, & deixou nella por Capitão à Miguel Froes.*
*Cap. 108. do liv. 8.*

feita aq̃lla força,mandou defronte,ficando o rio em meio,fazer hũa parede em modo de amparo, para que eſtiveſſe ſua gente eſcudada,& com tiros impediſſem os noſſos no ſerviço da obra,& os barcos que ião,& vinhão de hũa,& outra parte. Eſta parede lhe foi logo desfeita com hũa peça d'artelharia, com que lhe matarão algũs homẽs,& com os noſſos ſaltarem em terra,deſpejarão os mais.

Neſte tempo ſendo quatro dias de Ianeiro do anno de M.D.XXXVI.chegou hum Coge Hamed criado do Hidalchan à Dom Ioão,& lhe diſſe,que elle era vindo à Soleimam Agà com recado de ſeu Senhor,em que lhe mandava dizer,q̃ não fizeſſe guerra, & deixaſſe eſtar aquellas terras no eſtado em que eſtavão,atè vir o Governador à Goa, por razão das pazes que cõ elle tinha aſſentadas. Ao q̃ Dõ Ioão reſpondeo, que por a meſma razão de pazes,não fizera elle guerra, ſomẽte acodira à ouſadia de Soleimam, & q̃ ſempre lhe pareceo q̃ eſte ſeu atrevimento não procedia da vontade do Hidalchan. O Mouro lhe diſſe,que Soleimam Agà ficava ja amoeſtado per elle, & ſeguro de ſe mais mover d'alli. O meſſage deſte Mouro foi fingido per Soleimam, para que dandolhe credito,por vir do Hidalchan,ſe deſcuidaſſem os noſſos da obra,& elle entretanto ſe aperceber do que lhe convinha,como logo moſtrou.E para maior diſsimulação,mandou lançar grandes pregões per toda a terra,que foſſem à Goa como ſoião à comprar,& vender.Tambem mandou algũs Capitães com gente que foſſem às terras de Bailin, & Cinguiçar, onde andavão Verugij,& Berugij.Os quaes Gentios, com ajuda de dozentos piães Portugueſes de que era Capitão Franciſco Falleiro, em hũ lugar onde os forão eſperar, matarão mais de tres mil homẽs à Soleimã:& glorioſos cõ a vittoria,lhe mandarão dizer,q̃ vieſſe elle em peſſoa à elles,& não lhe mandaſſe outrem por ſi. Ao q̃ Agà reſpõdeo,q̃ ſe elle tivera licẽça do Hidalchan não eſperara eſte recado.Mas por lhe elle mandar q̃ não ſaiſſe de Pondà, não tinhão elles razão de ſe gloriar. Outros quinhẽtos homẽs mandou Soleimam Agà às terras de Bardès, de que ia por Capitão hũ Turco chamado Sarnabote, contra os quaes foi Iurdão de Freitas Tanadar mòr de Goa,cõ cinquoẽta homẽs ſòmente,& ſaindo em terra de hũs bargantijs em q̃ foi per hũ rio dẽtro,lhe queimou hũas tranqueiras q̃ tinha feitas,& matou,& ferio,& cattivou muitos delles, & q̃brou hũs vallos,



vallos,com que a marè lhe alagou muita parte das ſementeiras de arroz em hũa varzia.Manoel de Vaſconcellos tambem per outra parte lhe foi desfazer hum baluarte que começava fazer no paſſo do Borij,queimando algũas caſas que eſtavão ao redor com morte de algũs delles.

Soleimam Agà por moſtrar à gente da terra q̃ elle não eſtava encurralado dentro em Ponda com temor dos Portugueſes,vendo que a gente começava de o não eſtimar, por levar ſempre na cabeça,ajuntou a mais gente que pode, & fez ſeu caminho à Margam:& per outra parte mandou à Sarnabote cõ outros quinhentos homẽs,que foſſem à Bardès. Dõ Ioão Pereira,vendo que Soleimam começava deſcobrir a fraude de ſua fingida paz,com a mais gente que pode ſe paſſou alem das terras firmes,contra aquella parte aonde Soleimam fazia ſeu caminho,& mandou à Iurdão de Freitas cõ vinte de cavallo,& oitẽta de pè,que foſſe lançar à Sarnabote das terras de Bardès,em quanto elle ia buſcar à Soleimã Agà. Mas Sarnabote como trazia vigia em ſi,tanto que ſoube da paſſagem de Iurdão de Freitas,ſe pòs em ſalvo, não ouſando de o eſperar, com a qual fugida foi Iurdão de Freitas em buſca de Dõ Ioão,q̃ achou ja no pagode de Margam,cõ roda a gente q̃ levava,& cõ a q̃ tinha Chriſtovão de Figueiredo,no qual ajuntamento avia quinhentos Portugueſes,de que os cẽto & cincoenta erão de cavallo,& ſetecentos Canarijs da terra,em q̃ entravão dozentos eſpingardeiros.Eſtando Dõ Ioão dúvidoſo do q̃ faria,chegou de Bailin o Capitão Gentio Verugij,& lhe deu nova como Soleimã Agà eſtava em propoſito de vir queimar o pagode de Margam, para os Portugueſes perderẽ aquella acolheita,& que quãdo ſoubera que elle Dõ Ioão alli eſtava tam perto,ſe tornara para outra parte.

Andando aſsi em mudanças Soleimã, & não aſſentando em hũ lugar certo,cõ medo dos Portugueſes,tornou o Capitão Verugij,q̃ andava por mandado de Dõ Ioão tras o raſtro de Agà,à lhe dizer,q̃ o tinha amalhado no pè de hũa Serra,que cõ dous braços que ſaião della, fazia hũ ſeo à maneira de Lũa em hum campo chão mui diſpoſto para pelejar. Dõ Ioão informado d'aquelle ſitio,concertou cõ Verugij(q̃ à iſſo ſe offereceo)que ſe foſſe à hum paſſo, per onde Soleimam avia de paſſar quando fogiſſe, & elle ſe foi à eſte lũgar onde eſtava Soleimam. O qual como homem que receava aquelle dia,

tinha as costas na Serra que dissemos. E quando soube que os nossos erão tam perto, que não tinha tempo para se d'alli sair, começou logo de se ordenar, se lhe quisessem dar batalha. Dõ Ioão como soube da gente da terra, que Soleimam estava ja posto em ordem de se defender, ordenou a gente que levava per esta maneira. A Iurdão de Freitas Tanadar mòr deu a gente Canarij da terra, & os espingardeiros à Galvão Viegas, & mais a gente da terra que comsigo tinha. E Christovão de Figueiredo, & Dom Ioão ficarão na retaguarda, com a maior parte da gente de cavallo, & de pè. Soleimam Agà tinha tam bem repartida sua gente en tres batalhas, hũa era de dozentos de cavallo, de que os quarenta erão acubertados, & entre hũ, & outro, ao seu modo, cinquo homẽs de pè frecheiros, outra parte era gente de cavallo, que tomou para si, & a outra era de pè. Tanto que lhe os Portugueses derão vista, por o não tomarem entallado, quando chegarão à tiro de espingarda, Soleimam arremetteo, na qual furia os piães de Dom Ioão, que erão da terra, começarão à remuinhar, & pôrse em fugida, cousa que entre elles se não tem por infamia. Os espingardeiros de Galvão Viegas, porque elle se pôs à cavallo, tambem se desordenarão de maneira, que poucos acertarão tiro. E o que à hũs, & outros mais desordenou forão foguettes, & bõbas de fogo que os Turcos usão no primeiro rompimento, com que embaraçarão a gente, & os cavallos não acostumados à isso fugião com seus Senhores, sem darẽ por freo. Quando Dom Ioão vio que estes se retiravão, arremetteo não como Capitão, mas como cavalleiro de hũa lança, que queria ganhar honra, dizendo: *Sigame quem quiser, que eu com vittoria espero em Deos de lançar estes inimigos d'aqui.* Com as quaes palavras assi o seguirão todos, que naquella primeira arremettida começarão logo os acubertados alijar as peças dos cavallos para ficarem mais leves. E quem fazia maravilhas cõ os instrumentos de fogo, era hũa feiticeira em trajos de homem, à quem matarão seu marido os Portugueses, quando correrão os Mouros à Christovão de Figueiredo em Margam, & tinha ditto à Soleimam Agà, que confiadamente podia acõmetter aos Portugueses, porque ella cõ seus encantamentos lhes auia as mãos, & os pès, cõ q̃ elle ficasse Senhor delles, & de suas fazendas. Mas ella ficou mentirosa, porque parece que Deos deu dobradas, & mais desempedidas mãos aos nossos, porque segundo



segundo no primeiro acõmettimẽto, o temor os encolhia, assi se ouverão despois q̃ Dõ Ioão começou à pelejar, q̃ logo Soleimã Agà foi de repẽte desbaratado, & desamparou seu arraial como estava inteiro, & se pôs em salvo. E não sòmente o despojarão os q̃ o vencerão, mas os Gentios moradores da terra se carregarão bẽ de fazẽda. Neste despojo se ouverão duas tẽdas mui ricas, hũa de Soleimã Agà, & outra de Abedechan Tanadar mòr das terras de Pangij, q̃ o vèo ajudar, q̃ cõ a tẽda tambẽ perdeo a vida. Dos seus ficarão alli mortos passante de cinquoẽta todos homẽs principaes, & outros tantos cattivos da gente cõmũ. E Fernão de Lemos, Diogo Mendez, Afonso Pico, & Crisna hũ Gentio honrado, q̃ forão no alcance quasi legoa & meia, à passagẽ de hum rio, & pelo caminho matarão mais de cẽto & cinquoenta, afora mais de trezẽtos q̃ se afogárão, mettendose pela agoa, q̃ por ser o lugar estreito, & a marè chea, não se poderão salvar. Alẽ deste dano q̃ aqui receberão os dous Naiques de Bailin, no passo onde os forão esperar lhes tomarão cinquoenta cavallos, porq̃ nelle hũ homẽ de pè podia desbaratar quatro de cavallo. Finalmẽte Soleimã Agà chegou à Pondà cõ perda de hũ sobrinho q̃ lhe matarão, & mais de oitocentos homẽs, em q̃ entrou muita gente nobre. Dos nossos forão feridos dez, ou doze, sem morrer algũ: & os principaes q̃ naquelle feito se mostrarão bẽ desatados dos ligamẽtos da feiticeira forão Iurdão de Freitas Tanadar mòr, Fernão Ferreira, Paio Rodriguez de Araujo, Miguel Froes, Bastião Lopez Lobato, Ioão Raposo, Belchior Botelho, Fernão de Lemos, Vasco Fernandez, Galvão Viegas, Bartholomeu Bispo, Matheus Fernandez.[a] Alcançouse esta vittoria à vij. dias de Fevereiro d'aquelle anno de M.D.XXXVI.[b] & foi a mais notavel que atè este tempo os nossos ouverão naquellas terras firmes, sem perigo delles, & tãta morte de seus inimigos. E dos Canarijs foi celebrada com grande festa, por Soleimã Agà ser hum homem de sua condição cruel, & tyranno. O qual sobre seguro vindolhe fallar vintecinco Naiques das aldeas de Bailin, os mandou enforcar cada hum em sua arvore, com q̃ escandalizou todo o Gentio da terra. Outra cousa mui mal recebida de todos, foi tomar toda a fazenda de Abedechan, que por o ajudar morreo no arraial, dizẽdo, q̃ elle ó desbaratara, porque a primeira gente que fugira fora a sua, & mándou q̃ seu corpo não fosse enterrado, & q̃ ficasse no cãpo para ser

a. *Demais dos nomeados, se achárão nesta batalha Vicente Colaço, & Iorge Garcès Vereadores de Goa d'aquelle anno, Galàs Viegas, irmão de Galvão Viegas, Pero Preto sogro de Dõ Diogo de Almeida Freire, Sebastião da Fonseca, Gregório Martiz, Francisco de Mendoça, Manoel de Vasconcellos, Afonso Pirez do Valle.*
*Diogo do Couto cap. 5 do liv. 10.*

b. *Antes desta vittoria escreve Frãcisco de Andrade, q̃ alcançou outra Dõ Ioão Pereira do mesmo Soleimã Agà, de que nenhũ outro Autor faz menção.*
*Cap. 9. da 3. parte.*

com todo o exercito. D'alli mandou recado ao Açadachan q̃ mandaſſe pôr cobro na cidade, porq̃ elle lha deixava livre, & levava cõtigo Mahamed por lhe não fazer mal com a indinação q̃ delle tinha: ao qual não devia de culpar, porque tudo o q̃ fizera fora per ſeu mandado. E que a cauſa de elle lho mãdar fazer forão mexericos que delle Açadachan lhe diſſerão nas coſtas da prattica que com elle tivera. O que elle tinha ſabido ſerem couſas de homẽs q̃ lhe tinhão enveja à merce q̃ lhe fizera das terras firmes que lhe mandara conquiſtar: mas como ſoubera a verdade, fizera aquelle caminho tã apreſſado à fim de o vir metter em poſſe do ſeu: que ſe foſſe em boa hora à fazer o que lhe mandava, por quanto lhe era ditto que os Portugueſes tinhão trattado mal à Soleimam Agà. O Açadachan por elle recado lhe mandou beijar os pès, & dizer, que elle ſe partia logo à fazer o que lhe mandava: mas não ſe fiava delle, nem o Hidalchan deſcanſava em ſuas couſas: porque per hũa parte era hum eſcravo ſeu muito ſubjeito, & humilde, & per outra via erão tudo traições, & maldades não penſadas, poſtas em effeito: como logo vio tanto que chegou à Biſapor, onde lhe vèo recado que o Cota Maluco entrava per ſuas terras, o que entendeo ſer per incitamento do Açadachan: o qual ſendo tornado à Meriche ſe pôs à reformar o dãno que lhe fizera, & d'ahi ſe vèo à Bilgan provèr do neceſſario para a conquiſta das terras firmes, o que fazia algum tanto de vagar.

Neſte tempo ſeſta feira antes de Ramos chegou o Governador Nuno da Cunha à Goa, deixando as couſas de Dio no eſtado q̃ diſſemos, quãdo tratamos d'el Rei de Cambaia, & logo mandou dizer ao Açadachan da ſua vinda, & q̃ eſtava eſpãtado das couſas q̃ achava feitas nas terras firmes, das quaes ainda q̃ ſoubera em Dio per cartas q̃ lhe eſcreveo o Capitão de Goa, não lhe parecia ſer tãto o mal, como ſendo preſente via, q̃ ſe maravilhava muito de elle conſentir q̃ andaſſem aquellas terras tam revoltas, & tam deſtroidas com os dãnos que a gente tinha recebido, que antes de muitos dias não averia quẽ as cultivaſſe, nẽ habitaſſe. E que ſegundo tinha ſabido, a maior parte deſte mal procedera de hum homem tam cruel como era Soleimam Agà, que fez muitas cruezas à gente meſquinha. E o de que mais ſe eſpantava era de lhe dizerẽ (o que não cria) q̃ elle em peſſoa vinha novamente ſobre aquellas terras.

Que



Que não ſabia à que? por eſtarẽ tam enfermas, & feridas dos dãnos paſſados, que nem para paſtar as ervas o poderião ſofrer, tanto mais as obras que fazem os Soldados por mui comedidos que ſejão: porque naturalmente he gente que vive do ſangue dos lavradores. E que à lhe dizer verdade, à elle lhe fazia pouca cobiça aquellas terras, ſòmẽte as queria para que a ſua gente d'armas tiveſſe onde ir montear, porque com as couſas de Cambaia (como elle ſabia) ficava tam ocioſa, que era neceſſario para ſe não amolleſcerem, & corromperem cõ o ocio, darlhe algũa honeſta occupação como he a caça. E q̃ ſe de Dio eſcreveo ao Capitão que as não ſoltaſſe, era à eſte fim, & por o concerto que com elle ſe fez, como ſabia. Por tãto lhe pedia, & rogava, que a amizade, & paz que entre elles era aſſentada, não ſe rompeſſe, pois de a tèr o Hidalchan com os Portugueſes, recebia mais proveito do que à elles lhe vinha. E baſtava para ſaber quam proveitoſos amigos erão os Portugueſes em o negocio preſente, que ora eſtava à viſta de toda a India, não achar Soltam Badur outro amparo, & ſegurança ſenão nelles.

O Açadachan como fora o autor de Nuno da Cunha mãdar tomar as terras pelo modo q̃ atras ſe vio, não ſe quis deſcubertamente moſtrar culpado na ſua vinda, nem menos eſcuſo della, & mandoulhe confeſſar o que tinha ditto, mas que bem via elle quantos trabalhos tinha atè entam paſſados cõ o Hidalchan, por inimigos ſeus que lhe andavão à orelha: & que alli onde eſtava o não deixavão aſſeſſegar, & q̃ elle muitas couſas lhe concedia, & em muitas lhe obedecia, não por lhe parecer bem, mas por ſer homem mancebo, appetitoſo, & deſconfiado, & contrariarlhe qualquer couſa em que elle moſtrava goſto, era total deſtroição ſua. E que como o Hidalchan neſta vinda ſobre as terras firmes, era a em que ao preſente mais appetite tinha, não podia elle tam deſcubertamente deixar de ir avante, & comprir ſua vontade: mas que faria eſte caminho de vagar, porque por ventura neſte meio tempo lhe veria outra vontade. E aſsi o moſtrou o Açadachan logo nos apercebimentos da guerra, indo mui vagoroſo nelles. Mas tudo iſto era artificio para fazer com o Hidalchan ſeus negocios melhor, & não por reſpeito de Nuno da Cunha. Porque a verdade deſte vagar era, que entendia per aviſos de ſeus amigos que trazia em caſa do Hidalchan, q̃ como

andaſſe

andaſſe envolto na guerra com os Portugueſes, lhe avia de ir tomar Bilgan, que era o ſeu coração, por tèr alli ſua fazenda, & ſegurança de todo ſeu ſer. O Hidalchan lhe dava ainda maior ſoſpeita, porque o apertava muito com cartas que foſſe avante; & ainda lhe convèo eſcrever-lhe muitas palavras de mimo, & ſeguralo, atè lhe mandar hum Capitão Abexij chamado Rahen, dizendo, que ſe o deixava de fazer, porque não tinha tanta gente como queria, para acõmetter aquelle feito, elle lhe mandava aquelle ſeu Capitão cõ quatro mil homẽs, & com elle mandou tambem Genetechan, que eſtava preſo em Pondà, à quem elle dava aquella Tanadaria, & mandava que ſe foſſe della Soleimam Agà ſeu inimigo, por a mà informação que tinha de como alli ſe ouvera. Com eſtes quatro mil homẽs que de novo vierão ao Açadachan, ajuntou elle em Bilgan doze mil, em que entravão quatro mil de cavallo, & dozentos eſpingardeiros.

Eſtando aſsi algũs dias levando as couſas de vagar, vèolhe recado como os Mogoles entravão pelas terras de Madre Maluco, o qual o mandou ao Hidalchan, dizẽdo, que ſe fizeſſem ambos em hum cõrpo para lhe defender a entrada. Com eſta nova, dizem que o Hidalchan mandou ao Açadachan q̃ não paſſaſſe à baxo às terras firmes, atè ſaber em que paravà eſte aviſo dos Mogoles. Outros dizem, que o Açadachan fazia a nova mais verdadeira do q̃ era, por tèr eſcuſa no vagar que levava, porque tendo elle ja mandado fazer largos caminhos nos paſſos de Gate atè Pondà, por ſer couſa mui trabalhoſa de paſſar hum tam grande exercito como elle trazia por elles, & muitas peças d'artelharia, que era ja poſta em caminho parà eſtar na fortaleza de Pondà, mandou que não foſſe por diante. E elle tambem eſtando no campo fora de Bilgan com ſuas tendas armadas, & o arraial aſſentado, tornouſe à recolher à cidade, & ao Genetechan que tinha eſpedido para Pondà, & eſtava ja em hum lugar chamado Chocolà, que he no Gatè, mandoulhe que ſe detiveſſe, & não paſſaſſe avante.

Finalmente com grandes intervallos, fingindo ora hũa couſa, ora outra, chegou à Pondà com vinte mil homẽs, à xvij. de Maio, de aquelle anno de M.D.XXXVI.

***

CAPI-



## CAPITVLO. XIIII.

*Como chegando o Açadachan à Pondà mandou hũa carta do Hidalchan à Nuno da Cunha, & da reſpoſta que à ella deu, & do que mais ſuccedeo entre elles.*

TANTO que o Açadachan chegou à Pondâ, logo aos xx. dias do mes de Maio, mandou à Nuno da Cunha hũa carta do Hidalchan com o meſſageiro que trazia, cuja ſubſtancia era, que elle mandava o Açadachan com vinte mil homẽs à cobrar as terras firmes que elle tinha uſurpadas; & que aquella carta não era para mais, que dar creença ao que lhe mandava dizer per aquelle meſſageiro. Nuno da Cunha o mandou receber, & deſpois de tèr lida a carta, ouvio o que da parte de ſeu Senhor lhe dizia, que foi hũa grande arenga, começando do tempo de Afonſo de Alburquerque, & das pazes que fizerão com o Sabaio ſeu avò, [a] & a cõtinuação d'aquella amizade, entre ſeu pai, & todos os Capitães que governarão a India, atè elle Nuno da Cunha. E que elle como herdeiro de ſeu pai queria continuar eſta paz pela maneira que ſempre tiverão, & não queria que ouveſſe couſa entre elles para ſe quebrar. E ſobre iſto outras muitas palavras, cuja concluſão era, que lhe ſoltaſſe as terras, & pagaſſe os rendimentos que tinha recebidos dos Gançares. Nuno da Cunha como ja com todos os Capitães, & peſſoas notaveis do conſelho da governança da India, tinha aſſentado a ſubſtancia da reſpoſta que avia de dar; por tèr ſabido à q̃ o meſſageiro vinha; logo em publico onde elle fez ſua falla, lhe diſſe, que elle não queria dilatar reſpoſtas, como outros uſavão, trazẽdo os meſſageiros em dilações, nẽ traria razões dos tempos tam atras, como era o de Afonſo de Alburquerque, mas ſomente do preſente, deſpois que o Hidalchan fora mettido em poſſe de ſeu Eſtado. E que a reſpoſta ſeria para à elle dar ao Açadachan que eſtava em Pondà, como elle dizia, cõ vinte mil homẽs, o qual ſe vinha com deſejo de pelejar com os Portugueſes, elles erão homẽs que não avião de negar a lutta: & que iſto diſſeſſe ao Açadachan. E que quanto ao Hidalchan, elle lhe eſcrevia largamente ſobre o negocio: & com iſto o eſpedio.

a. *Segundo o que eſcreve Diogo do Couto, ouvera de dizer, com o Cuſo Hidalchan ſeu avò.*

dio. A ſubſtancia da carta para o Hidalchan foi, que quando ſe tomarão aquellas terras dos Gentios que as roubavão, foi per conſelho do Açadachan, cujas cartas tinha, por elle Hidalchan eſtar naquelle tempo mui occupado em couſas do ſeu Eſtado, à que lhe convinha primeiro acodir; & como couſa que eſtava devoluta, & vaga lançara mão dellas. E que como marco, & padrão da poſſe mandara fazer aquella força, ſobre o qual negocio eſcrevera à el Rei ſeu Senhor, & por iſſo elle não podia ſem ſeu mandado ſoltar o que húa vez tomara. Antes lhe parecia que elle Hidalchan como peſſoa que novamẽte ſuccedia no Eſtado de ſeu pai, que fora tam grande amigo d'el Rei ſeu Senhor, como elle dizia, divera de folgar de o tèr por eſſe: porque os Eſtados da India, não eſtavão tam ſeguros, que não ouveſſem meſter por amigo hum tal Principe como el Rei de Portugal. E que bem preſente eſtava nos olhos de todos a proſperidade d'el Rei de Cambaia: o qual vindo à cair della, nem em vaſſallos, nem em vezinhos de ſua ſeita, achou ajuda, & amparo, ſenão em ſeu Governador da India, contra o qual antes ſe moſtrava tam iſento, que pedindolhe as terras de Baçaim, não lhas quis dar: & deſpois não ſòmente lhas deu ſem requerimento (o rendimento das quaes he dobrado do das terras firmes de Goa) mas ainda húa fortaleza na cidade de Dio, que elle tanto tempo negou, ſòmente por tèr o favor dos Portugueſes, & não outro mais certo remedio, & amparo em ſua preſente neceſsidade. Tanto poder tinha a fortuna varia dos homẽs, que dos inimigos faz amigos, & em os acharem ſe tem por benaventurados. E que quanto ao desfazer da fortaleza, ſobre que lhe ſeu meſſageiro fallara, ella tinha cuſtado tanto trabalho, & ſangue aos Portugueſes, que antes todos morrerião ſobre ella, que tal conſentir. Quando o meſſageiro vèo buſcar eſta carta, & deſpedirſe do Governador, lhe pedio que lhe fizeſſe húa merce, que elle teria por mui grande, que era mandar que não fizeſſem guerra atè elle ir, & vir do Hidalchan, o que lhe o Governador prometteo. Mas como elle conhecia as aſtucias do Hidalchan, por o não tomar deſcuidado, mandou armar certos catùres, & bateis, que andaſſem em Capitanias per todos os rios, & eſteiros que vẽ tèr à Goa, vigiando o que ſe fazia em terra, & ſe ordenavão os Mouros algũas jangadas de madeiras em que elles coſtumavão à paſſar gente à Ilha.

O Aça-



O Açadachan paſſados algũs dias que diſsimulou eſte caſo, por cauſa da vinda do meſſageiro do Hidalchan, quando vèo à ſete de Iunho, deſpedio dous Capitães, Rahen que lhe mandara o Hidalchan com quatro mil homẽs, & Soleimam Agà Capitão paſſado com outros quatro mil, & que ſe foſſem às terras de Salſete. Nuno da Cunha, porque iſto não reſpondia ao petitorio do meſſageiro do Hidalchan, que lhe pedio não fizeſſe guerra atè ſua tornada com reſpoſta, mandou hum Naique Capitão da terra denunciar ao Açadachan a guerra, o qual o reteve preſo. Como Nuno da Cunha ſoube que o Naique era reteudo, mandou à Rui Diaz Pereira, Capitão mòr dos navios de remo, fazer entradas pelos rios, & eſteiros da Ilha de Goa, & em terra fazer todo o dãno que podeſſe nas aldeas, & lugares: o que elle fez, matando, & cattivando muitos moradores das Tanadarias, principalmente em hum pagode, onde tomou trinta & tantas peſſoas, & os mais ſe forão lamentar ao Açadachan deſte dãno, com a qual nova, elle mandou logo ſoltar o Naique que tinha preſo, deſculpandoſe à Nuno da Cunha, que a cauſa de o detèr tantos dias fora por ſer homem com que folgava de fallar, por o achar peſſoa de ſubſtancia em ſua prattica, como por elle podia ſaber. E porque elle tinha mandado aos dous Capitães que levaſſem certas peças d'artelharia groſſa para pôr contra a noſſa fortaleza, onde elle eſperava de fazer hũa defenſão, tornoulhes à mandar dizer que a não levaſſem adiãte. E cada dia fazia hũa mudança, & mil artificios, para que Nuno da Cunha perdeſſe o raſtro do que elle queria fazer. Mas elle entendia bem que tudo era tèr o Açadachan mais o ſentido no que fazia o Hidalchan, temendo que lhe vieſſe tomar Bilgan, que vontade de nos fazer entam guerra. E à tanto chegou eſte ſeu temor, que algũas vezes ſe fazia doente na fortaleza de Pondà, & não ſe deixava ver, & de noute como pela poſta com cavallos em paradas, per ſua peſſoa, ſendo homem de muita idade, dava hũa viſta à Bilgan, & d'ahi à Biſapor onde eſtava o Hidalchan, & onde tambem tinha os que lhe davão os aviſos do que ſe paſſava ſobre elle. Com eſtes temores não aſſeſſegava, nem ſe ſabia determinar: porque às vezes partia de Pondà para as terras de Salſete, & no caminho fingia infirmidade, ou impedimento, de maneira que elle meſmo ſe não entendia. Os ſeus Capitães o mais que fazião era dar hũa viſta à noſſa forta-

fortaleza,ſem os noſſos ſairẽ,por aſsi lho tèr mandado Nuno da Cunha,atè q̃ elles ſe enfadaſſem.E aſsi foi, porq̃ por as terras per q̃ elles andavão ſerẽ alagadiças,& não as poderem andar,ſe não com muito trabalho, a gente enfermava, alem da fome q̃ paſſavão,por não acharẽ q̃ comer;porq̃ os lavradores cõ a continuação da guerta forãoſe recolhendo para cima cõtra o Gate,& deixarão de cultivar as terras,& alẽ da gente,lhe adoecião,& morrião os cavallos,& elefantes q̃ elle muito eſtimava.E temẽdo perder mais cavallos,mandou algũs q̃ elle tinha mais mimoſos à Bilgan.Neſte tẽpo em algũas entradas q̃ os Portugueſes fizerão pelos rios,matarão muita gente da terra,& por deſaſtre de hũ catùr dos Portugueſes ficar em ſeco com gente,carregarão alli tantos Mouros, que matarão os mais delles,de q̃ os principaes forão Enrique Ribeiro, Vaſco de Moura,Lopo Bugalho,& Iorge de Lemos.

## CAPITVLO. XV.

*Das couſas que ſuccederão na guerra das terras firmes de Goa, & da entrada que nellas fez Dom Ioão Pereira, & do bom ſucceſſo que teve.*

TAZIA o Açadachan a guerra remiſſamente com o tento que tinha no Hidalchan,occupandoſe em fazer caminhos largos para ſeu exercito,& ameaçando ora aqui,ora alli,como quem eſgrime em vão.Nuno da Cunha pelo meſmo modo,como quem entendia os receos do Açadachan, tambem o entretinha còm algũs ſaltos per eſſes rios, ora em hũa parte,ora em outra,fazendo o dãno que podia, atè que o Hidalchan lhe mandou reſpoſta da carta que lhe eſcrevera. A ſubſtancia della,era remetter ao Açadachan todos aquelles negocios,pois Nuno da Cunha dizia ſer elle muita parte de tomar aquellas terras, & que averia por bem tudo o que elle fizeſſe.Sobre iſto ouve muitos recados entre Nuno da Cunha, & o Açadachan, mas tudo ſe vinha reſolver em cada hum querer ficar com as terras,& não deſiſtir da conquiſta, & poſſe dellas. Neſte tempo vèo nova ao Açadachan, que o Hidalchan eſtavava em Biſapor, ſem ouſar de ſe mover d'alli,por tèr novas q̃ hũs Mogoles q̃ andavão em Cambaia tinhão



tinhão concertado cõ o Madre Maluco, que lhe deſſe paſſagem per ſuas terras para ir às delle Hidalchan,& d'ahi ſe paſſarem à Narſinga, onde elles muito deſejavão entrar, por a fama das grandes riquezas que naquelle Reino avia. Eſtas novas tinha o Açadachan por ſuſpeitas, & pareciãolhe fingidas pelo Hidalchan, para diſsimular com elle. E com ellas tambem lhe vinhão outras, que era ſer muito culpado ante o Hidalchan, & ſeus Capitães, por quam pouco tinha feito deſpois que viera à aquella empreſa,promettendo elle quando da Corte partio, que as ſuas barbas brancas avia de levar vermelhas do ſangue dos Portugueſes, em que as avia de tingir,& que atè entã mais as tinha cheas de injuria,que do ſangue que dizia.

Nuno da Cunha per eſte tempo ia cevando a fortaleza de Rachol,mandando em modo de Capitanias algũs fidalgos,& gente nobre,como foi Manoel de Macedo, & Ioanne Mendez ſeu irmão,com trinta homẽs per hũa vez, & per outra à Fernão de Lima,& Paio Rodriguez de Araujo, com muitos eſpingardeiros,& deſpois Gonçalo Vàz Coutinho. A cauſa de Nuno da Cunha ir cevando eſta fortaleza com gente, era, porque os Mouros cada dia davão moſtra de ſi ſem cõmetterem,& receava que hum dia com grande impeto deſſem nella de ſubito.E principalmente ſe temia,porq̃ foi aquelle anno o inverno tam grande em dous meſes delle, que andavão os homẽs mortos,& não podião aturar o trabalho por os maos gaſalhados que tinhão,& aſsi ſe perderão com as muitas chuvas todas as novidades,& ſementeiras da terra,& em Goa cairão muitas caſas. E porque na outra parte onde eſtava Vaſco Fernandez por Tanadar, hum Capitão do Açadachan o vinha muitas vezes cõmetter, mandou Nuno da Cunha à Antonio Correa com algũs navios de remo,& vieràoſe à revolver com os Mouros de maneira, que lhe matarão os noſſos muita gente,& o Capitão delles eſcapou à pè,perdendo o cavallo em hum lamaçal per onde ſe foi metter cõ preſſa da fugida.

Deſpois por vir nova à Nuno da Cunha per eſpias que là trazia,como ſe ajuntava no meſmo lugar muita gẽte em dãno noſſo,à x.de Agoſto,dia de S.Lourenço,fez paſſar à aquella parte Dom Ioão Pereira Capitão da cidade com cento & trinta de cavallo,[a] & ſeiſcentos Portugueſes de pè, de que foi

a. *Acõpanharão à Dõ Ioão neſta jornada Dõ Pedro de Meneſes, Ioão de Mendoça,Chriſtovão de Souſa, Liſuarte de Andrade,Martim Correa da Silva, Ioão Iuſarte Tição, Manoel de Souſa de Sepulveda, Franciſco de Gouvea,Pero da Cunha,Manoel de Vaſconcellos, Galvão Viegas,Galaz Viegas, Antonio de Reboreda,& hum filho ſeu,Pero Godinho,Diogo Fernandez o Adail,Paio Rodriguez de Araujo, Rui Diaz da Silveira.*
*Fernão Lopez de Caſtanheda cap. 138.do liv.8 & Franciſco de Andrade cap.32.da 3.parte.*

Capitão Gonçalo Vàz Coutinho, & mil piães Canarijs da terra,de que era Capitão Criſnà Gentio honrado. Os Mouros quando ſouberão que eſta gente entrava meia legoa pelo ſertão,recolherãoſe mais ao pè de hũa Serra, & fizerãoſe fortes em hum teſo,por eſtarem mais ſeguros, onde Dõ Ioão os foi buſcar.E como per Galvão Viegas, que levava diante por adail,ſoube do eſtado em que eſtavão, ordenou ſua gente per eſta maneira. Os Gentios, de que era Capitão Criſnà, por ſerem mais ligeiros, coſtumados à terra, ião na dianteira, tras elles ia logo Gonçalo Vàz Coutinho com a pionage Portugueſa.A gente de cavallo foi repartida em duas partes, hũa levava o Adail, & a mais principal ficou com Dom Ioão. Indo neſta ordem, porque o monte onde os Mouros eſtavão era hum pouco eſpeſſo com arvoredo, & fazia hum paſſo eſtreitto, que lhe podia perjudicar, vindo por alli algũs Mouros à lhe dar nas coſtas, com algũa cilada de que não ſoubeſſem, mandou Dom Ioão que ficaſſe alli Manoel de Vaſconcellos,com algũa gente de cavallo,& de pè.Chegados os noſſos tam perto,que erão viſtos dos Mouros, em lugar de a gente Canarij que levava Criſnà aver de ſubir pelo teſo acima à dar nos Mouros,começou à recear, atè que ſem vergonha tornarão para tras, & forão dar com impeto em Ioão Rodriguez Homem, o qual por ſe querer moſtrar que o era no animo, como no nome, com ſeu cavallo ſe metteo tam deſenfreadamente entre os Mouros, que logo foi morto.E com a furia deſta perda,Dom Ioão chamando por Santiago rompeo os Mouros com tanto impeto,que começarão à fugir,& deſcer à hũas ſemeadas de arrozes, que eſtavão ao pè do teſo da outra parte.E como eſtavão cheas d'agoa, onde os noſſos não ouſavão entrar,repartirãoſe em duas partes, hũs tinhão aquella entrada, tomando o caminho aos Mouros para não ſairem, outros forão rodear à tomarem hũa ponte de hum eſteiro perque ſe acolhião, na qual matarão muitos, delles com o temor do noſſo ferro ficarão enterrados naquelle tremedal dos arrozes, entre os quaes foi o ſeu Capitão Ianebec, que ja levava duas lançadas. Finalmente dos Mouros de cavallo ficarão alli vinte, & muitos de pè: os cattivos forão cinquoenta, entre os quaes foi Sarnabote, que era Adail de Ianebec. Dos noſſos morrerão quatro, alem de Ioão Rodriguez Homem, & algũs feridos,



ridos,de que os principaes forão Pero da Cunha, & Diogo Vàz de Aragão.E os peor trattados forão os Gentios da terra, por ſer gente mal armada. Per eſta maneira ficarão os Mouros que andavão naquellas terras de Bardès tam amedrentados,que ſe quiſerão paſſar às terras de Caporà,mas os moradores dellas os não conſentirão, dizendo, que temião que os Portugueſes os foſſem deſtroir,polo que ſe alongarão mais para as tetras de Bandà.

## CAPITVLO XVI.

*Como o Açadachan andou em requerimentos com Nuno da Cunhã ſobre aſſento de pazes, & de ſe verem ambos, o que não ouve effeitto, & das vittorias que ouverão Antonio da Silveira nas terras firmes, & Gonçalo Vàz Coutinho na coſta.*

NÃO tardarão muitos dias deſpois que Dom Ioão Pereira Capitão de Goa ouve aquelle bom ſucceſſo nas terras firmes, que o Açadachan eſcreveſſe ao Governador Nuno da Cunha, pedindolhe por não andarem em ir, & vir com recados, & reſpoſtas,que lhe mandaſſe algũa peſſoa,para pratticar com elle algũas couſas que convinha à ambos,& o Governador lhe mandou Chriſtovão de Figueiredo,com quem o Açadachan ſe deſenvolvia bem,& entre ambos ſe concertou que o Açadachan, & Nuno da Cunha ſe viſſem.Mas iſto não ouvè effeito,porque o Açadachan hum dia ſe fez doente,outro anojado,dizendo,que lhe viera nova q̃ os Mogoles matarão hũ filho do Madre Maluco em hũ recontro que teve com elles,querendo entrar nas terras de ſeu pai.E ſegundo ſe deſpois ſoube,o Açadachan queria ganhar a vontade à Nuno da Cunha, em lhe deſcobrir per meio de Chriſtovão de Figueiredo,o que el Rei de Cambaia andava ordenando com o Hidalchan, & com os Capitães do Reino do Decan,& todos os outros Principes da India contra Portugueſes, como adiante diremos. Toda via paſſados oito dias, o Açadachan vèo à hum outeiro do paſſo de Beneſtarin, & per derradeiro não forão mais as viſtas, que ir Chriſtovão de Figueiredo ao Açadachan, & Aga Mamud

criado do Hidalchan vir à Nuno da Cunha,& por remate do negocio ficarão no eſtado em que antes eſtavão,& Nuno da Cunha com maior eſcandalo. O qual por ſe ja deſpedir o inverno,mandou lançar ao mar todas as vellas. O Açadachan tambem por a meſma cauſa,antes que as armadas dos Portugueſes navegaſſem,& foſſem fazer algũ dãno pelos ſeus portos de mar,queria tomar mais algũa concluſão ſobre a fortaleza que elles tinhão feita,& mandoulhe dar algũas viſtas, cõ grande numero de gente tam perto della,eſcaramuçando em hum campo à modo de deſprezo,que indinados os noſſos, là os forão peſcar com duas,ou tres peças d'artelharia, com que ficarão no campo vinte. Os Mouros eſcandalizados diſto,forão dar no paſſo que chamão Carambolij,& apertarão tanto com o Tanadar Luis Caſtanho, q̃ o fizerão recolher à Goa.

Nuno da Cunha a primeira armada que lançou ao mar foi de duas fuſtas, & tres bargantijs, & tres catùres, cuja Capitania deu à Gonçalo Vàz Coutinho, que fez muito dãno por todos os Portos em que entrou. E tendo Nuno da Cunha conſelho para em peſſoa paſſar à Salſete, chegarão cartas d'el Rei de Cochij,& do Doctor Pero Vàz Veedor da Fazenda,dizendo,que importava muito ſua ida à Cochij,por as guerras que os Reis de Cochij, & Calecut entre ſi tinhão deſde o principio do inverno. E como Fernand'eanes de Sotomaior Capitão de Cananor por eſtar perto d'alli tinha ſoccorrido cõ dez vellas de remo,& dozentos homẽs,q̃ aproveitarão muito. Tambẽ lhe eſcrevia o Veedor da Fazenda q̃ per terra lhe vierão novas q̃ em Choromandel ſe levantava gẽte da terra contra os Portugueſes que là eſtavão, por razão de hũa nao que Antonio da Silva tomara paſſando para Bengala com ſua armada. Com eſta neceſsidade,aos xix. de Settembro deſpachou Nuno da Cunha à Martim Afonſo de Souſa Capitão mòr do mar com onze navios, para ir concertar eſtes dous Reis de Calecut, & de Cochij, & fazer niſſo o q̃ lhe pareceſſe,atè lhe mandar recado,do eſtado,& propoſito com que os achava. Partido Martim Afonſo (do qual adiante eſcreveremos) Nuno da Cunha por moſtrar ao Açadachan,q̃ queria tomar cõcluſão cõ elle,& não andar perdẽdo tẽpo, como atè entã tinha feito,por cauſa do inverno,no meſmo dia que Martim Afonſo partio,mandou lançar pregões,q̃ toda a gente de cavallo, & de pè ſe apercebeſſe para paſſar às terras firmes cõ Antonio da Silveira de Meneſes. O qual paſſou cõ dozentos de cavallo,[a] & ſetecentos de pè Portugueſes, & do Gentio da terra mil,& não ſe contentou com entrar pela terra firme menos de tres legoas. Na qual ida ouve tal vittoria dos Mouros, que matou trezentos, em que entravão dous Capitães do Açadachan,[b] & Coge Mugor ſeu eſtribeiro, que elle muito ſentio,& de feridos foi hum grande numero. Dos Portugueſes forão mortos oito, de que os principaes forão Franciſco da Silva, Belchior Velho, Baſtião Paez, Diogo Zambujo, Pero Chamiço, & feridos cinquoenta, os mais delles homẽs nobres,porque a peleja foi em lugar que os Mouros lhe tinhão muita ventagem. E em hum certo paſſo,onde eſtava por Tanadar Vaſco Fernandez,mandou Nuno da Cunha fazer hum forte,o qual ſitio elle per ſua peſſoa foi ver,& em quanto ſe fazia eſtava Antonio da Silveira em ſua guarda.

Sobre eſta vittoria chegou hũa nao de preſa, que Gonçalo Vàz Coutinho tomou no mar de Dabul, a qual por ſer da mãi do Hidalchan, ſegundo Nuno da Cunha foi certificado, mandou ſoltar o Capitão della, & pôr a fazenda em boa recadação, para lha entregar como elle trouxeſſe carta do Hidalchan, à quem Nuno da Cunha o mandou com ſua carta, dandolhe conta particularmente d'aquella guerra das terras firmes, & como o Açadachan o demovéra à iſſo, por as aver tomadas dos Gentios, ſem culpar ao Açadachan nos artificios que tinha uſado, & dito contrà elle, por o não metter em odio com o Hidalchan. E porque lhe pareceo que o Açadachan podia entretèr eſte homem,ſe ſoubeſſe que levava cartas ſuas,o mandou per mar para entrar per Dabul, o que aproveitou muito,porque achou là nova dos dãnos que Gonçalo Vàz alli tinha feito,tudo por cauſa deſta guerra que o Açadachan fazia. Porque Gonçalo Vàz tinha entrado pelo rio acima,queimando todos os navios que achou, & lugares, de q̃ trouxe muita artelharia, & quando entrou em Goa, foi cõ mais de trezẽtas peſſoas cattivas,& muitos mantimẽtos q̃ tomou per eſſes rios,de q̃ em Goa avia muita neceſsidade. E parece q̃ cõ aquelle dãno q̃ Gonçalo Vàz lhe fez, & cartas de Nuno da Cunha q̃ levou o Mouro,& principalmẽte porq̃ os Tanadarés dos portos de mar,forão neſte tẽpo encãpar as Tanadarias, clamando ranta perda de molheres,filhos,& parentes,

a. *Forão cõ Antonio da Silveira João de Mendoça, Franciſco de Mendoça, João Iuſarte Tição, Antonio de Lemos, Manoel de Macedo, Franciſco de Gouvea, Liſuarte de Andrade, Pero da Cunha, Ianne Mendez de Macedo, Manoel de Vaſconcellos, Franciſco da Silva de Alcobaça, Dõ João Lobo, Rui Diaz Pereira, Diogo Botelho de Andrade, Chriſtovão de Souſa de Lamego, Pero Rodriguez Porras, Manoel de Azambuja, Antonio Cabral de Santarem, Iorge de Mello Punho, Alvaro de Mendoça, Luis Coutinho, Pero Barriga, Franciſco Pacheco, Diogo Pereira, Antonio da Fenſeca, Diogo Lobato, Rui Diaz da Silveira, Chriſtovão Pereira, Duarte de Souſa, Antonio Caldeira, Alvaro de Figueiredo, Duarte Rodriguez Mouſinho, Franciſco de Souſa, Galvão Viegas, Diogo Fernandez Adail, Antonio de Freitas, João Gomez, Duarte de Taide, & outros.*

*Fernão Lopez de Caſtanheda cap. 139 do liv. 8. & Franciſco de Andrá de cap. 22. da 3. parte.*

b. *O Capitão geral dos Mouros ſe chamava Carnabeque, homem de grandes forças, como ſe virão nos golpes que deu neſta batalha em q̃ foi morto, a qual eſcreve com particularidade Caſtanheda, & Franciſco de Andrade nos Capitulos acima referidos.*

tes,hũs mortos,& outros cattivos; teve o Hidalchan conſelho com ſeus Capitães, os quaes todos culparão ao Açadachan d'aquelles dãnos cauſados da ſua contumacia, com que tinha indinado o Governador da India,ſem lhe fazer guerra, mas levando boa vida na fortaleza de Pondâ, donde não ouſava ſair, com o qual procedimento tinha feito mais perda, que proveito; & lançada bem a conta, mais importavão as entradas,& rendimentos dos portos do mar, que o Governador podia impedir, que quanto valião as terras ſobre que ſe contendia. A eſtas queixas ſe ajuntou vir o proprio Tanadar de Dabul emcampar a cidade ao Hidalchan, & contar particularmente quanto dãno Gonçalo Vàz deixava feito,dando muitas razões quanto importava à ſeu Eſtado, & rendimentos eſtar com os Portugueſes em paz. Para iſto dava por exemplo o que os Portugueſes fizerão à hum Reino tam poderoſo como o de Cambaia, que em menos de cinco annos lhe tinhão queimados quaſi todos os ſeus portos de mar, atè el Rei com ſeus trabalhos ſe vir à entregar nas mãos do Governador. E que tam grandes couſas como eſtas erão, não as avia de deixar no parecer,& vontade do Açadachan,cujo officio erão modos,& arteficios de enriquecer,& fazerſe temido. E que quando o Governador ſoltaſſe as terras, que não era de crèr,avião de ficar na mão do Açadachan,ſem elle Hidalchan tèr algum proveito.

## CAPITVLO XVII.

*Como o Hidalchan mandou ao Açadachan que deſiſtiſſe da guerra com os Portugueſes, & elle ſe eſcuſou: & como Dom Gonçalo Coutinho foi desbaratado no paſſo do Borij, & o Açadachan vèo aſſentar pazes com Nuno da Cunha, por evitar os dãnos que recebia.*

AS Queixas dos Tanadares, & a carta de Nuno da Cunha obrarão tanto ante o Hidalchan, que ſem dilação algũa mandou recado ao Açadachan, que deixaſſe de fazer guerra, & ſe foſſe à elle, por eſtar de caminho para as terras do Cota Maluco. Diſto ſe eſcuſou Açada-



Açadachan,dizendo,que tamanha empreſa como elle tinha tomado,& em que tinha gaſtado mais de trezentos mil pardaos,& poſto nella ſua honra,não era para deixar. E que elle era velho,& uſado na guerra, & que aquelle pomar em que elle cavava era delle Hidalchan,& para elle o queria, que deixaſſe pôlo no eſtado que deſejava, & entam faria o que foſſe ſeu ſerviço. Sobre eſte recado mandou ao Hidalchan duas peças mui fermoſas à viſta, hum cavallo, & hum terçado guarnecido d'ouro, & pedraria, o qual ſendolhe appreſentado, & querendo elle deſenvolver de hũs pannos de ſeda, em que ia, não o conſentio ſua mãi, que eſtava preſente, & mandou que o deſenvolveſſe hum moço,que em acabando de o tirar dos pannos caio morto. Polo qual caſo o Hidalchan não quis ſubir no cavallo, ſem primeiro outrem tomar a ſalva, & tambem morrerão dous que fizerão a experiencia. Vendo a mãi do Hidalchan eſtes dous ſubitos caſos de morte, diſſe: *Aqui vejo eu filho ſer verdade, que eſte traidor matou voſſo pai, como eu ſempre tive para mi.*

Por eſte tempo como Nuno da Cunha ſoube que o Açadachan fizera pouca conta do q̃ o Hidalchan mãdara, ſobre deſiſtir da guerra, mandou Gonçalo Vàz Coutinho com trinta navios de remo,& trezẽtos homẽs Portugueſes,& outros tantos Canarijs da terra,& foi queimar o lugar de Bandà, cuja fumaça ſe via de Goa,em q̃ ardeo muita fazẽda q̃ elle não quis recolher,por lhe não acontecer algũ perigo à embarcação. E aſsi meſmo queimou quantos navios achou,& fez todo o dãno que pode,de q̃ trouxe mais de trezentas peſſoas cattivas.

O Açadachan como homẽ indinado por os dãnos q̃ tinha recebidos, & furioſo de ſuas couſas lhe não ſuccederẽ como elle deſejava,& tãbẽ por acodir à ſua hõra,por o q̃ dizião delle ante o Hidalchã os outros Capitães, q̃ não ouſava ſair de Põdà,paſſouſe às terras de Salſete,onde tinhamos noſſa fortaleza de Rachol,de que naquelle tempo era Capitão Iurdão de Freitas, & da qual cada vez que os Mouros lhe davão viſta, ião eſcalavrados. E vendo o Açadachan que lhe convinha tolher a ſerventia,que eſta fortaleza tinha pelo rio acima,mandou em hum lugar delle mais eſtreito fazer hũa força, & pôr nella artelharia, para com ella tolher a paſſagem dos bateis. [a] Sobre eſta força ouverão tanta contenda os Mouros em a querer fazer, Nuno da Cunha em lha impedir, que

a. *Eſta força ſe fez em hum paſſo do rio q̃ ſe chama Borij, ſobre hum grande penedo que pendia ſobre a agoa, o qual cõ hũa ponta de area da outra banda chamada Lotilin eſtreitava de maneira o rio, q̃ não avia paſſagẽ das noſſas embarcações para Rachol, ſenão ao longo do penedo. E porq̃ cõ todo o riſco da artelharia, & arcabuzaria da força paſſavão os noſſos, atraveſſarão os inimigos aquelle pequeno eſpaço cõ fortes cadeas de ferro, preſas em groſſas traves mettidas na vaſſa, com q̃ a paſſagẽ, & ſoccorros de Rachol ficarão de todo impedidos. Polo q̃ o Governador mãdou Dom Gonçalo Coutinho à cortar a ponta de Lotilin, o que ſe fez cõ immenſo trabalho, & perigo, & ficou aberto hum canal, perque de marè cheа podião paſſar embarcações pequenas, que todo aquelle inverno ſoccorrerão Rachol com grande riſco. Diogo do Couto cap. 7. do liv. 10. da 4. Decada.*

que passarão assi os Mouros, como os Portugueses grande trabalho. Neste tempo vèo hú Mouro principal do Hidalchan, por nome Sangerichan, & o que a fama de sua vinda publicava era à tratar paz, & que isto queria seu Senhor. Mas tudo isto erão ardijs do Açadachan, para em quãto fossem, & viessem recados à Nuno da Cunha, elle ir com sua obra por diante. A qual era tal, que foi necessario acodir Nuno da Cunha com mais defensão, mandando Manoel de Vasconcellos cõ bateis, & navios que podião tirar cõ peças d'artelharia grossa. Mas como na obra andava muita gente, cresceo tanto à pesar dos Portugueses, que mandou Nuno da Cunha à Dom Gonçalo Coutinho, Capitão que entam era de Goa, que a fosse desfazer. E porque os mais dos homẽs andavão ja muito enfadados dos rebates de cada dia, de que não tinhão mais premio, que o trabalho grande que passarão aquelle inverno, & os moradores, & casados da cidade erão os que mais contrariavão esta guerra, porque não tinhão vida sem as terras firmes, & à elles era esta guerra mui dánosa, foise Nuno da Cunha pôr em o passo de Agazim, & d'alli fazia embarcar todos os homẽs, quasi em modo de repique, & soccorro. Os principaes desta ida, & que primeiro chegarão à tranqueira, forão Dom Gonçalo Coutinho com gente que o seguio, Gonçalo Vàz Coutinho, Dom Ioão Lobo, Martim de Castro, Lionel de Lima, Manoel de Vasconcellos, Gaspar Paez. Estes com toda a gente que levavão, onde lhe tomou a sorte, sairão em terra, hús abaxo, & outros acima, assi desembarcarão, mais furiosos que ordenados, sobindo por a ribanceira do rio à força que os Mouros tinhão feito. O primeiro final desta desordẽ foi quebrarem hum braço ao Capitão Dom Gonçalo Coutinho com hum espingardão, & à voz da gente meuda foi logo que era morto. Cõ o qual rumor os nobres quiserão mostrar tanto de suas pessoas contra o grande numero dos Mouros que de cima se defendião, que cairão logo em baixo Lionel de Lima, & Simão de Lima seu irmão, ambos tam mal feridos, que levados d'alli forão morrer à Góa; & alli ficarão mortos Dom Francisco de Lima, Dom Luis, Gonçalo Vàz de Moura, Diogo Botelho de Andrade, Pero de Lemos, Ioanne Mendez de Macedo, Ieronymo de Mello, Thome de Brito, Francisco Aires, Vicente Pirez, Ioão Carvalho, Lopo Sarrão, & outros homẽs nobres, que por todos forão trinta, & da



& da gente pequena morrerão muitos. E os que escaparão deste furor, embarcarão se quasi à nado, porque com o alvoroço de subir pelas tranqueiras, & cada hum se mostrar ser dos primeiros, desamparárão os bateis em que sairão, & como não tinhão quem os governasse, andavão à vontade da agoa, de maneira que quãdo os tornarão à buscar estavão no meio do rio. Dos Mouros forão mortos naquelle acõmettimento quatrocentos, em que entrarão quatro Capitães.[a]

Nuno da Cunha, posto que esta era hũa grande perda de gente nobre, não podia deixar aquella fortaleza que estava feita, & temendo que com esta victoria o Açadachan posesse todo seu poder para a tomar, & que para a poder defender, & sostentar convinha fazer outra no meio do rio, mandou algũs Capitães, & pessoas intelligentes que lhe fossem ver o sitio para esta obra, de que foi desenganado, que se não podia fazer. O Açadachan assi por o grande estrago da sua gente q̃ neste combate os Portugueses lhe fizerão, como porque sentia que Nuno da Cunha tomava ja este negocio à peito, mandoulhe cõmetter pazes per vezes, atè escrever sobre isso aos Capitães, que elle sabia serem contra esta fortaleza estas alli feita, & principalmente à Pero de Faria, que ja fora Capitão de Goa, & seu amigo, & à Camara da cidade, o que lhe Nuno da Cunha não concedeo, atè que elle per si mesmo, sem ser constrangido de alguem a mandou derribar à cinco dias de Janeiro do anno de M.D.XXXVIII.[b] E tambem por meio de Pero de Faria, que foi algũas vezes ao Açadachan, assentarão pazes, ficando porem no mesmo estado em que estavão antes que começassem a guerra, sem mais acrescentar, nem diminuir cousa algũa, pois entender o Governador quanto lhe compria acudir à Dio, & o perigo em que ficava Goa, estando de guerra com o Açadachan. E isto se fez em nome de Nuno da Cunha, & não d'el Rei, porque tinha o Governador escritto à S. A. como fizera aquella guerra às terras firmes, & tomara posse dellas, & não sabia se el Rei seria contente de desistir dellas, & approvar as pazes. Cõ este cõcerto o Açadachan se foi de Pondà cõtente, & por a cidade de Goa estar desfallecida de mãtimẽtos, mãdou à Nuno da Cunha para a festa de Natal cẽ vacas, trezẽtos carneiros, & grãde numero de galinhas, arroz, & manteiga. E nesta paz acabarão os trabalhos da guerra de todo aquelle inverno.

a. *O penedo em q̃ estava a força dos Mouros, como entrava pela agoa, fazia nella duas calhetas, nas quaes podião entrar embarcações, & lançar gente em terra: & porque por ellas temião os inimigos serẽ acõmettidos, em hũa abrirão na terra grandes cavas, q̃ taparão por cima cõ canas, palha, & terra, & na outra ensevarão hũa ponte, em que se avia de desembarcar, & em ambas poserão muitos arcabuzeiros, & frecheiros.*

*Dõ Gonçalo levava seiscentos Soldados em muitos navios grandes, & pequenos: chegando ao Bori, ordenou q̃ Lionel de Lima, & Diogo de Azambuja cõ trezentos homẽs desembarcassem na calheta da ponte, & elle na outra cõ o resto da gẽte. E despois q̃ ao outro dia se deu descarcaças hũa grande bateria à fortaleza dos Mouros, Lionel de Lima, & Diogo de Azambuja acõmetterão de salto a ponte, q̃ como estava ensevada escorregando della cairão ao mar, onde se afogarão cõ o peso das armas, & pelo mesmo modo, & as arcabuzadas, & frechadas forão mortos outros cento & cinquoenta Soldados, q̃ desembarcarão no mesmo posto. Dom Gonçalo Coutinho passou adiante a outra calheta, onde nas covas perecerão dozentos homẽs, & Dõ Gonçalo q̃ não caio nellas, com algus q̃ o seguirão foi cercado dos Mouros, & posto q̃ pelejarão todos valerosamente, forão mortos, & Dom Gonçalo cõ trabalho recolhido cõ hũ braço quebrado. E assi nesta desgraciada jornada acabarão quasi quatrocentos homẽs, muitos delles fidalgos, & forão cattivos mais de quarenta.*

*Diogo do Couto cap. 8. do liv 10.*

*Fernão Lopez de Castanheda cap. 152. do liv. 8. & Francisco de Andrade cap. 35. da 3. parte, referẽ este successo do Barij differentemente.*

b. *O modo q̃ teve Pero de Faria em derribar esta fortaleza de Rachol, escreve Fernão Lopez de Castanheda cap. 153. do liv. 8. & Francisco de Andrade cap. 35. da 3. parte.*

## CAPITVLO XVIII.

*Como o Samorij de Calecut à instancia d'el Rei de Cambaia vèo com muita gente à Cranganor, fingindo hũa certa visitação, por tèr azo de fazer guerra aos Portugueses.*

*Sendo os Chijs antigamente Senhores de todo o maritimo do Malavar, por onde fundarão povoações, de q̃ ainda oje ha algũa memoria, reduzirão o governo, & Senhorio d'aquelle Estado à duas cabeças, hũa com todo o poder temporal com titulo de Samorij, q̃ quer dizer imperar sobre todos, & outra com toda a jurdição espiritual com titulo de Bramane mòr, cujo assento posserão os Chijs na cidade de Cochij, deixando por lei, que todos os Emperadores do Malavar fossem tomar a investidura do Imperio em Cochij da mão do Bramane mòr: para o que deixarão naquella cidade hũa pedra, com obrigação q̃ nella aquelles Emperadores se coroassem. Esta ceremonia se foi guardando, & continuando muitos annos, atè q̃ o Rei de Calecut (o qual entre os Reis do Malavar ficou com a dignidade de Samorij, quando Perimal Rei de todo Malavar repartio seus Reinos, & se embarcou para Meca) q̃ destroio ao de Cochij, por a amizade q̃ tinha com os Portugueses (como escreveo Ioão de Barros na primeira Decada) lhe tomou a pedra da coroação, & a levou à Repelim.*

*O Samorij presente successor de seu tio, que morreo no anno de M.D.XXXVI. querendo se ir coroar sobre aquella pedra, porq̃ não podia passar à Ilha de Repelim sem consentimento d'el Rei della, confederouse com elle, o q̃ sabendo el Rei de Cochij, receando q̃ d'aquella liga resultasse sua ruina, pedio à Pero Vàz do Amaral Veedor da Fazenda, & Capitão de Cochij, q̃ o ajudasse a defender os passos, de q̃ se seguio a guerra q̃ nestes Capitulos seguintes escreve Ioão de Barros.*

*Diogo do Couto cap. 1. livro. 1. da 5. Decada.*

ACABADOS os trabalhos que aquelle inverno Nuno da Cunha passou em Goa, começarão em Cochij outros, por razão de outro vezinho tam perseguidor das cousas dos Portugueses como o Açadachan. Este era o Samorij de Calecut, o qual por a preeminencia que tem entre os Reis do Malavar, que he (como ja dissemos) Emperador entre elles, queria tèr superioridade sobre todos, principalmente sobre el Rei de Cochij, por causa da nossa amizade. Polo que naquelle inverno por hũa cousa leve, quis passar pelas terras de Cochij, dizendo, que avia muitos annos que não erão visitadas, & queria elle em pessoa ir fazer correição, como era obrigado por antigo costume. A voz da sua jornada era esta, mas a principal causa era ser elle incitado per cartas d'el Rei de Cãbaia, que andava armando o laço em que despois caio, & pela mesma maneira era o Açadachan convidado. Estes Mouros, & Gentios quando hão de mover algũa guerra contra os Portugueses, o fazem mais no inverno, que no verão, porque no inverno não se pode navegar toda a costa da India, assi por os mares serem mui grandes, como porque se cerrão as barras dos rios, com que as nossas fortalezas se não podẽ ajudar hũas das outras, & assi ficão quasi em cerco todo aquelle tempo, como se vio pelo discurso desta historia. Pelo que o Samorij favorecido da conjunção do tempo, & movido per aquelles nossos inimigos, partio de Calecut com muitos mil Naires, & vèo assentarse na Ilha de Cranganor, fronteira à outra chamada Vaipim, q̃ era d'el Rei de Cochij, as quaes Ilhas não são mais que as que acerca de nos se chamão Leziras, que são hũas terras baxas repartidas com esteiros do mar, & rios d'agoa doçe que vem da Serra, com que toda a terra do Malavar he retalhada. E està dividida em tres Senhorios, como ja escrevemos. E porque os Reis d'aquellas partes tem por grãdeza,



deza, & decoro de suas pessoas caminharem pelas estradas Reaes, sem por caso algum deixar seu caminho, sob pena de serem avidos por covardos, & cõmetterem cousa indigna da Magestade Real, porque em tornarem atras, confessão ser outro mais poderoso que elles; determinou o Samorij de levar aquelle caminho, & ir pôr a mão em hũa pedra, per costume mui antigo de seus passados, em que elles poem sua religião, & honra. Com este fundamento chegado à Cranganor quisera passar à Vaipim, ao que acudio Pero Vàz Veedor da Fazenda, que era Capitão de Cochij, para lho impedir, provocando tambem à el Rei de Cochij à isso. E por elle ser homẽ avaro, & que não queria despender seu dinheiro, por saber que este negocio importava tanto aos Portugueses, como à elle, queria que o custo d'aquella defensão ficasse à custa delles, & de sua Feitoria; natural aleijão de avarentos, que sempre tem mais conta com a fazenda, que com a honra, & a vida. Mas toda via movido pelos seus, & pelo Veedor da Fazenda, mãdou pôr nos lugares onde os nossos ordenavão essa gente que tinha. E porque todo aquelle inverno se passou em fazer hũa força de madeira com sua artelharia no lugar per onde o Samorij avia de passar, na fabrica destas defensões levarão os homẽs mais trabalho, & na invernada grande que succedeo, do que puderão levar pelejando. E como se temião, segundo andava fama, que el Rei de Calecut mandasse vir hũa armada grossa per dentro do rio Chatuà, que era cousa mui perigosa para defensão dos nossos, mandou Pero Vaz à Vicente da Fonseca (que ja estivera por Capitão em Maluco) com seis catùres, & hum batel grande com grossa artelharia à impedir esta passagem do rio. E para defender a barra delle, se a armada viesse de mar em fora, mandou armar hũa caravella, & hũa barcaça grande tambem com artelharia grossa, das quaes deu a Capitania à Francisco de Sousa, que se afastou meia legoa abaxo do passo, perque o Samorij avia de passar.

E porque hũa das cousas de que se Pero Vàz mais guardava, era romper guerra com o Samorij, por razão da paz que com elle tinha assentada, sempre nestes apercebimentos mais tratava de se defender, q̃ de offender. E ainda para o Samorij não tomar algum achaque, mandou à elle Gomez Carvalho, pedindolhe não quisesse fazer aquelle caminho, & lhe lembrasse a paz que tinha assentada com Nuno da Cunha, & que

não

não era muito eſperar por elle atè a ſua vinda, que ſeria acabado o inverno, pois avia vinte annos, ſegundo dizia, que aquellas terras não erão viſitadas. Mas como elle não reſpondeo à propoſito, mandou Pero Vàz à Pero Froes com hũa galè, & dous catùres à ſe pôr no rio de Chatuà à impedir tambem ſe alguem quiſeſſe vir por alli de Cranganor. E aſsi mandou fazer em modo de baluartes hũas defenſões de palmeiras onde poſerão artelharia.

Neſte tempo Fernand'eanes de Sotomaior, Capitão de Cananor, ſabendo aver neceſsidade de ſoccorro, o mandou com ſeu filho Antonio de Sotomaior em ſeis catùres, por ſerem navios ſutijs, para poderem andar polos rios. Ao qual Pero Vàz deſpedio, por não ſer neceſſario ao preſente, porque (como diſſemos) ſeu intento era entretèr el Rei. O qual por ſua parte tambem com induſtria dos Mouros, de fronte donde eſtavão os noſſos baluartes, & forças, mãdou fazer outros com ſua artelharia. Era iſto hum pouco afaſtado da caſa do benaventurado S. Thome, & quaſi ao amparo della eſtava hum ſeu Capitão chamado Pate Marcar com dezaſete vellas de remo, & doze dos Colamutes, afora outras que andavão pelo rio. E porque os noſſos lhe fazião dãno com a artelharia groſſa, a qual dando nas palmeiras com as rachas que eſcodeava os matava, emparandoſe elles detras dos pès dellas, arrombarão a caſa do Apoſtolo Santo, & outra Igreja junto della da invocação de Santiago, & poſerãolhe o fogo; mas os meſmos Santos tiverão cuidado de ſua defenſão, porque nunca ſe pode accender. E poſto que os Mouros virão aquella impotencia de fogo, não deixarão de ir avante com ſua obra, tirando telha & telha, pao & pao, atè a deſcobrirem, o que foi para ſeu dãno, porque acodindo os Portugueſes à lho defender, ouve entre elles hum jogo de tiros de polvora, & de frechas, em que os noſſos não receberão offenſa, & elles ouverão o pago de ſua infidelidade. Finalmente toda a peleja do inverno acabou aqui,[a] ſem aver outro ſangue, & tudo forão cõmettimẽtos, que os noſſos não querião proſeguir por cauſa da paz. E os que à cuſta de ſuas peſſoas, & fazenda defendêrão todo o inverno com grande trabalho as eſtancias que lhes couberão per ſorte, forão Lopo de Almeida Feitor de Cochij, Simão Botelho, Bartholomeu Diaz, João Pereira, Antonio Carvalho, Antonio Chanoca, & Frãciſco Rodriguez.

Vendo

a. *Franciſco de Andrade eſcreve no c. 21. da 3. parte, q̃querẽdo o Samorij paſſar à Ilha onde eſtava a gẽte d'el Rei de Cochij, mandara embarcar mais de dez mil homẽs, em jangadas, tonès, & almadias, amparadas da noſſa artelharia, com vinte fuſtas de Pate Marcar, & ſendo ja deſembarcados na Ilha mais de tres mil, Vicente da Fonſeca fez com a artelharia das ſuas embarcações tal eſtrago na gente q̃ ja eſtava em terra, & nas jangadas de q̃ o rio eſtava cuberto, q̃ ficarão alli mortos mais de mil homẽs, & outros muitos feridos, & tres das fuſtas mettidas no fundo. E o Principe de Cochij com dous mil Naires, & oitenta Portugueſes, derão na gente deſembarcada com tãto impeto, q̃ a fizerão fugir, & embarcar tanto ſem ordem, q̃ ſe afogou hum grande numero delles, ſem os q̃ matarão em terra: & q̃ o Samorij cõmetteo a paſſagẽ aquelle inverno algũas vezes, em q̃ ſempre foi desbaratado.*

*E no cap. 24. tratta da morte da mãi d'el Rei de Cochij, & das ceremonias do ſeu enterramento: pela qual cauſa el Rei ſe foi à Cochij, & ſepultada ſua mãi, tornou continuar a guerra.*



Vendo o Samorij que ſe vinha o verão, em que o Governador podia acodir, converteo ſua indinação em dãnarlhe a carga da pimenta; & o modo que para iſſo teve foi induzir para eſte effeito aos Reis de Paraù, & de Viamper, & à outros, os quaes temendo a potencia do Samorij, em quanto o negocio não vèo à mais rompimento, eſtiverão neutraes. Sendo ja fim de Agoſto, que o mar deu lugar, vèo Fernãd'eanes de Sotomaior Capitão de Cananor com dezaſeis fuſtas, & catùres, em que trazia dozentos homẽs, de que os cento & cinquoenta erão eſpingardeiros, com que pela coſta de Calecut vèo fazendo algum dãno. E porque Vicente da Fonſeca avia muito tempo que eſtava no lugar que diſſemos, foi repouſar do trabalho do inverno, & ficou alli Fernand'eanes, atè que vèo Martim Afonſo de Souſa, que (como atras fica ditto) Nuno da Cunha deſpedira de Goa, para vir remediar eſte negocio.

## CAPITVLO. XIX.

*Como Martim Afonſo de Souſa indo acudir à Cochij desbaratou os Colemutes, & lhe queimou o lugar, & defendendo d'el Rei de Calecut o paſſo do Vao, el Rei ſe foi, & o não eſperou, & do caſtigo que deu á el Rei de Repelim.*

A Dezanove de Settembro, de M.D.XXXVI. ſe partio de Goa Martim Afonſo de Souſa com cento & cinquoenta homẽs em quinze vellas: elle ia em hũa caravella; & dos outros navios erão Capitães Vaſco Pirez de Sampaio, Dom Diogo de Almeida Freire, Franciſco Pereira do Porto, Manoel de Souſa de Sepulveda, Fernão de Souſa de Tavora, Martim Correa da Silva, Gaſpar de Lemos, Dom Pedro de Meneſes, Franciſco de Sà, Franciſco de Barros, Franciſco de Mello Pereira, Iorge Barroſo de Almeida, Iorge de Figueiredo, João de Souſa Rates, & Diogo de Reinoſo, Franciſco de Reinoſo, & Antonio de Sotomaior, filhos de Fernand'eanes de Sotomaior Capitão de Cananor, que eſtavão com ſeu pai naquella eſtancia que diſſemos, & ſe ajuntarão à Martim Afonſo. E antes que elle chegaſſe à Cochij, de paſſada deu hũa viſta

ao lugar de Calamute, onde achou dous mil Naires, q̃ lhe qui serão defender a saida, mas elle à põta de ferro se vingou delles cõ morte de muitos, & lhe queimou o lugar, & lhe tomou sette fustas. Chegando Martim Afonso de Sousa à Cochij cõ o bõ succesſo do castigo q̃ deu aos ď Calamute, foi mui bẽ recebido d'el Rei, & do Veedor da fazenda Pero Vàz, & de Iorge Cabral Capitão da armada de cinco annos q̃ entã fora de Portugal, em q̃ião por Capitães das outras naos Duarte Barreto, Ambrosio do Rego, Gaspar de Azevedo, & Vicente Gil.

*Frotta da India do Anno de M.D.XXXVI.*

Vendo el Rei de Cochij os muitos Portugueses q̃ alli estavão, insistio muito, que Martim Afonso de Sousa fosse per terra à trãqueira que el Rei de Calecut tinha feita, para lha desfazer, & defender que não passasse o passo do vao. Isto pareceo bem à todos, & sendo assi assentado, Martim Afonso partio para là com perto de mil homẽs, em que entravão todos os fidalgos, & pessoas principaes que em Cochij se acharão. E o Mangate de Caimal, que he hum dos principaes Senhores do Reino, & o Regedor delle ião por Capitães da gente da terra, que serião mais de dous mil. Tanto que el Rei de Calecut soubẽ, que Martim Afonso de Sousa ia, não se atreveo à pelejar, & desamparou a tranqueira, & se foi. Sabido isto per Martim Afonso, caminhou per terra na ordem que levava, à dar hum castigo à el Rei de Repelim, por comprazer à el Rei de Cochij, que muito lho pedio, & por ver se lhe podia cobrar delle certa pedra de sua religião, que lhe tinha tomada. E para isso mandou cõ Martim Afonso ao Principe de Cochij, q̃ o acõpanhasse com todos os Naires q̃ avia na terra. Entrou Martim Afonso pelo Reino de Repelim, que he hũa Ilha, ou Lezira das que temos ditto que ha no Malavar, toda cercada de cannaveaes das cannas que dà aquella terra, que sãomui grossas, & por serem bastas, estavão tecidas de maneira q̃ fazia hũa cerca & muro mui defensavel, & em algũas partes per onde se entrava estavão feitas tranqueiras de cannas, & madeira, & terra, & estancias com muita artelharia, & acompanhadas de muita gente de guerra que as defendia.

*Aos iiij. de Settembro chegou à barra de Goa a nao de Ambrosio do Rego, a que em Guinè quebrara o masto grãde, & tornara à Canaria à concertallo, & partindo della, despois de tantas detenças, chegou à India primeiro que as outras quatro naos. Francisco de Andrade cap. 32. da 3. parte.*

Martim Afonso ordenou q̃ Antonio de Brito fosse diãte cõ trezẽtos espingardeiros, & elle ficou na retraguarda cõ toda a gẽte. Chegãdo Antonio de Brito à hũa trãqueira d'aq̃llas, o vierão receber muitos Naires, que pelejarão per hum espaço mui esforçadamente. Mas as espingardas dos Portugueses os



os fizerão recolher à estancia, onde de novo se tornou à travar a peleja, que durou atè a chegada de Martim Afonso de Sousa, com que todos forão acabados de desbaratar, & os q̃ ficarão se poserão em fugida para a parte do mar, onde estavão outras duas estancias, sobre que Iorge Cabral à este tempo estava, acabando de as desbaratar. O que sabido per el Rei de Repelin, mandou que deixassem as estancias, & se recolhessem na cidade, em que averia seis mil homẽs de peleja, de que muitos erão espingardeiros.

Sendo desbaratadas as tranqueiras, aquelle dia quis Martim Afonso descansar, & ao outro se partio para à cidade, levando diante Francisco de Barros de Paiva, com perto de dozentos espingardeiros, que ia defendendo que os inimigos que detras dos vallos vinhão à tirar, não fizessem mal aos nossos; à pôs elle ia Antonio de Brito com outros: & detras Martim Afonso com toda a mais gente. Com esta ordẽ chegarão perto da cidade, onde acharão hum Capitão com muita gente, & por o lugar ser de caminhos estreitos, & cercados de vallos, donde os Naires tiravão muitos tiros, recebião os nossos muito dãno, sem se poderem ajudar bem das armas. Neste lugar foi todo o trabalho da peleja que os nossos tiverão. Mas Deos os ajudou de maneira, que os inimigos se desbaratarão, & começarão â fugir para a cidade. Os que estavão nella fizerão o mesmo, sem el Rei os poder detèr por mais que os reprendia, & ameaçava. Em fim elles desampararâo de todo a cidade, & as casas d'el Rei, o qual foi dos derradeiros que della sairão, & logo foi dos nossos entrada. Francisco de Barros de Paiva seguio o alcance d'el Rei cõ os seus, ferindo, & matando nelles. E el Rei se vio tam apertado, que caindolhe o sombreiro (que se tem por grande afronta perdelo na guerra, por ser insignia Real) não o pode cobrar com a pressa de salvar sua pessoa, em hũa almadia, em que se embarcou com poucos. Martim Afonso chegando à hũa Mesquita, vèo à elle hum tropel de Mouros que nella estavão, determinados de o matar, segundo hum delles com grande furia, & ousadia arremetteo à elle cõ hũa cutilada, que Martim Afonso tomou na rodella, & lhe pagou a vontade que trazia, com o passar de hũa parte à outra com hum zarguncho, com que o derribou à seus pès, & os seus o acabarão de matar, & assi morrerão os mais companheiros, pelejando como muito valentes

lentes

lentes homẽs. Na peleja morrerão muitos Mouros, & feridos forão tantos, q̃ se lhe não soube o numero. Dos nossos morrerão pelejando sòmente Duarte de Miranda, & Estevão Gago, & dez, ou doze homẽs plebeos, que se desmandarão à roubar pela cidade.

Desbaratados os inimigos, & fugidos, foi saqueada a cidade, & as casas d'el Rei, em que foi achada a reliquia d'el Rei de Cochij, que era hũa pedra branca como outra qualquer cõmum, da feição, & tamanho de hũa meia moo de atafona, na qual estavão abertas hũas letras Malavares.[a] Tambem forão achadas hũas tavoas de metal com hũas serpes esculpidas nellas, & hũas letras dos Chijs, que el Rei de Repelim tinha en grande veneração. Despois que a cidade se saqueou, & foi queimada toda, se tornou Martim Afonso à Cochij, onde foi recebido com grande festa, & muito mais d'el Rei, por a pedra que lhe restituiò, & por o presente das tavoas, & sombreiro d'el Rei de Repelim, que era tanto como trazerlhe a coroa de sua cabeça, alem da vingança que delle lhe deu.

a. *Esta pedra era de marmore branco, roliça, de grossura de hum homẽ, & de altura de hũa braça. Estava em pè posta sobre hũa lagea. As letras nella entalhadas dizião o tempo em que alli fora posta, que segundo a sua conta, passava de dous mil & oitocentos annos, & estavão nella escrittos os nomes dos Samorijs q̃ nella se coroarão.*
*Francisco de Andrade cap. 37. da 3. parte.*

## CAPITVLO. XX.

*Como Martin Afonso de Sousa foi ao passo do vao defender que el Rei de Calecut o não passasse, & como pelejou com elle, & o desbaratou, & el Rei lhe fugio.*

AVIDA aquella vittoria em tempo que ainda a gente não descansara, vèo recado à el Rei de Cochij, que el Rei de Calecut vinha com todo seu poder para passar pelo passo do vao de Cambalão, que he nas terras do Mangate Caimal, que està duas legoas acima do outro passo de Cranganor. E porque por o passo de Cambalão ao vazãte da marè podia passar, como ja tentara o Samorij anteceſſor deste, em tempo de Duarte Pacheco que lho defendeo, *Martim Afonso de Sousa não esperando mais se embarcou à pressa, & com elle perto de cem Portugueses, de que os mais erão fidalgos, & Capitães, & à Antonio de Brito mandou que o seguisse cõ a mais gente que podesse, com o qual foi logo o Regedor de Cochij com algũs Naires. E à Francisco de Barros de Paiva, mãdou que com hũa galè, & dous bargantijs se fosse à guardar

* *Como escreve Iolão de Barros nos Capitulos. 5. 6. 7. 8. do liv. 7. da primeira Decada.*



dar o passo do rio de Cranganor, para que não entrassem per elle as fustas d'el Rei de Calecut, que se dizia mandara ir à aquelle lugar, para que os catùres não levassem soccorro aos nossos. A qual lembrança, & providencia se Martim Afonso não tivera, de nenhũa maneira se podera tolher a passagem à el Rei de Calecut.

Ao outro dia pola manhãa se achou Martim Afonso nas terras do Mangate Caimal, o qual não tinha consigo mais de tres mil Naires, & delle soube que el Rei de Calecut com quarenta mil homẽs estava d'ahi â duas legoas, & que d'ahi à tres dias daria batalha, segundo seu costume, que era quando chegava à terra do inimigo dar batalha ao terceiro dia, no ultimo dos quaes mandava tocar hum atambor de tam excessiva grandeza, que quatro homẽs o não podião abalar, cujo som se ouvia duas legoas, sem o qual final nunca dava batalha. Martim Afonso não curando dessas abusões, como Capitão prudente que se não queria descuidar, foise logo ao passo, & nelle desembarcou: & por os tonès em que ia não ficarem em seco, mandou os afastar para o rio, & elle se pôs no campo com sua gente. E estandolhe o Mangate, & o Regedor dizendo que se cansava de balde, que el Rei não daria a batalha sem aquelle costumado final, nem antes do terceiro dia, começou apparecer hum corpo de gente dos inimigos, que serião cinco mil homẽs, que com grandes gritas remetterão ao passo, & começarão de passar. Apos isto começou apparecer o exercito d'el Rei, & sua bandeira Real, perque se mostrava vir elle alli. E a razão porque não usou de suas ceremonias, & sinaes que costumava mandar fazer com aquelle grande atãbor, foi, por tomar os Portugueses de subito, & desbaratalos logo; o que na verdade fizera, se Martim Afonso com sua vigilancia, & bom aviso o não desviara. Quando a bandeira, & insignias d'el Rei de Calecut forão vistas dos Naires de Cochij, foi tanto seu pavor, que se afastarão hum pedaço de Martim Afonso, para fugirem se vissem que os Portugueses levavão o pior. O que sentindo Martim Afonso, os entreteve por fazer corpo com elles, & não dar animo aos inimigos vẽdo tam poucos Portugueses, dizendolhes, que não ouvessem medo, que elle esperava em Deos cõ aquelles poucos q̃ tinha, q̃ não serião mais de sesenta, desbaratar aq̃lla multidão q̃ vião dos d'el Rei de Calecut. Mas algũs dos nossos desconfiados

d'aquillo poder ſer,lhe aconſelharão que ſe recolheſſe às embarcações,porque era temeridade eſperar tam groſſa gente. Porem elle,porque ja grande numero dos inimigos tinhão paſſado o vao, & ſegundo erão ligeiros antes de os noſſos chegarem às embarcações os matarião todos: & alem diſto, porque Gaſpar de Lemos(à que elle mandou com trinta eſpingardeiros,ſe poſeſſe detras de hum vallo que eſtava perto do vao,para d'alli fazer roſtro aos inimigos)eſtava ja cercado delles,& em eſtado de perecerem todos, ſem mais eſperar razões,deu Santiago nelles,os quaes ferio de maneira, que ſendo cinco mil,que todos tinhão paſſado o vao,os fez retirar,& tornar paſſar per onde vierão com grande ſua afronta,& morte de trezentos homẽs que ficarão no campo, & os mais que ião feridos,ao que ajudarão hũs tres berços, que de dous bateis os varejavão. Quando o Mangate, & o Regedor, & os ſeus Naires virão feito de tanto eſforço que elles chamavão milagre,afrontados da covardia que moſtrarão, remetterão tambem com grandes gritas onde era a batalha, em que ja acharão pouco que fazer por os inimigos ſerem paſſados.

El Rei deCalecut cõ eſte deſcredito ſeu,ſe tornou à ſeu arraial mui anojado,& os d'el Rei de Cochij ſe eſforçarão tanto, q̃ por a nova q̃ correo acodirão logo aquella noute ao Mangate mais de quatro mil Naires; & ao outro dia ſeguinte da batalha chegou Antonio de Brito com quatrocentos Portugueſes,o qual vèo à tempo q̃ os d'el Rei de Calecut tornavão à provar paſſar o vao,para o q̃ dando Martim Afonſo a dianteira à Antonio de Brito,pelejou cõ elles, & os fez tornar cõ maior preſſa, & afronta q̃ da outra vez, & lhes matou muita mais gente.E porque o Principe de Cochij era chegado com vinte mil Naires,de que muitos erão eſpingardeiros, vendo Martim Afonſo a muita gente que alli eſtava junta,& quanto importava acodir elle a armada d'el Rei de Calecut q̃ andava no mar, deixou a guarda d'aquelle paſſo à Antonio de Brito com os quatrocentos Portugueſes que conſigo trouxera,& os vinte mil Naires.O qual em vinte dias que alli ficou, vèo à batalha ſeis vezes com a gente d'el Rei de Calecut, & de todas os venceo, & desbaratou, fazendo nelles grande eſtrago.Polo que el Rei levantou ſeu arraial,& com menos gẽte,& menos honra ſe tornou para ſuas terras, & com grande prazer d'el Rei de Cochij.

CAPI-



## CAPITVLO. XXI.

*Como Martim Afonſo de Souſa desbaratou à Cutiale Marcar Capitão mòr da armada d'el Rei de Calecut, & como foi ao paſſo do vao para pelejar com el Rei,& elle ſe recolheo,& desfez ſeu exercito.*

TANTO que Martim Afonſo de Souſa chegou à Cochij,com muita brevidade ſe embarcou para ir em buſca da armada de Calecut com trezentos Portugueſes. Dos navios que levava erão Capitães Vaſco Pirez de Sampaio,Dom Diogo de Almeida,Manoel de Souſa de Sepulveda, Fernão de Souſa de Tavora, Martim Correa, Franciſco de Barros de Paiva, Iorge Barroſo de Almeida, Franciſco Pereira, Gaſpar de Lemos, Ieronimo de Figueiredo, Franciſco de Sà, & outros, & correndo a coſta achou em Chale Diogo de Reinoſo com cinco fuſtas que ſe recolhera alli, fugindo de Cutiale Capitão mòr da armada de Calecut,cõ quẽ pelejou,& eſteve em termos de ſe perder, & lhe foi tomada hũa fuſta das que trazia,& os inimigos o ſeguirão atè aquelle porto. Recolhido Diogo de Reinoſo à conſerva de Martim Afonſo,ao outro dia indo a noſſa armada a la mar com as galès,& fuſtas maiores, & as ligeiras ao longo da terra, appareceo a frotta de Cutiale tambem ao longo da terra da parte de Calecut,a qual era de vintecinco fuſtas,em q̃ andavão mil & quinhẽtos homẽs,muitos delles eſpingardeiros.E como apparecerão de ſubito,& os noſſos ião deſejoſos de os achar,remeterão à elles Diogo de Reinoſo,& Antonio deLima,& Antonio de Sotomaior,Capitães de fuſtas, & outros q̃ ião em navios ligeiros,& derão cõ elles entre os Ilheos de Pãdarane,tirandolhes muitas bombardadas.Cutiale ſabendo q̃ Martim Afonſo andava ja no mar,& q̃ elle devia de vir alli, & da victoria q̃ ouvera d'el Rei de Calecut,receou o muito, & não o querendo eſperar, determinouſe em ſe ir à vella,& à remo o mais q̃ podeſſe para dobrar a põta deCoulette.Martim Afonſo q̃ vinha mais ao mar cõ os navios đ alto bordo,tirouſe đ hũ galeão em q̃ vinha, & metteoſe em hũa fuſta ligeira, & a ſua gente mãdou metter na fuſta de Ieronimo de Figueiredo, &

*Fernão Lopez de Caſtanheda no cap.148.do liv.8.*

tomar a dianteira aos inimigos,para que não dobrassem a põ ta, & consigo levou Francisco de Barros de Paiva, por a sua fusta ser das mais pequenas. Diogo de Reinoso, & Antonio de Lima alcançarão hũa fusta dos inimigos, & afferrandoa saltarão dentro com tanto esforço, que nenhum dos inimigos ficou vivo,mas dos nossos forão muitos feridos, & cinco mortos.Cutiale vendose cercado, porque Martim Afonso lhe tinha tomada a dianteira, & as outras fustas lhe ião nas costas,& as galès lhe fazião rostro,& que não podia escapar, antes de o cercarem de todo pôs a proa em Tiracole, lugar d'aquella costa,que tem hum arrecife de penedos diante do porto com duas entradas,& os seus seguirão apôs elle, & en- seccando as fustas quanto puderão saltarão em terra. Martim Afonso entrou no porto com Francisco de Barros,& Ieronimo de Figueiredo pela entrada da parte do Sul, por não caberem todos dentro, & começarão à pelejar com os inimigos,& querendose chegar Martim Afonso muito à elles, ficou em seco no rolo do mar,o que vendo os inimigos, remetterão algũs à sua fusta com grandes gritas de prazer, por lhes parecer que a tinhão tomada,& tanto se chegarão à ella, que lhe lançarão mão da appellação, querendoa ensecar de todo,sobre que ouve hũa grande peleja, de que ficarão muitos Naires mortos, & a fusta em nado. E tanto se chegarão Francisco de Barros, & Ieronimo de Figueiredo às fustas dos inimigos, que lhes queimarão algũas com panellas de polvora,& das tres horas do dia em que começarão atè a noute sempre pelejarão,em que fizerão grande dãno nos inimigos,& nosso muito pouco.

Sendo noute repartio Martim Afonso a armada em duas partes, & com hũa mandou à Manoel de Sousa de Sepulveda que guardasse a entrada do arrecife da banda do Norte, & à Francisco de Barros com a outra parte da frotta, que guardasse a outra bocca do Sul, porque receava que por aquelle arrecife tèr duas entradas, por hũa dellas se lhe acolhessem os inimigos, com tenção de dar nelles pela manhãa. Mas elles com esse receo, temendose que lhe queimassem as fustas, vigiarão toda a noute, & fortalecerãose com estancias em que poserão a artelharia, & na mesma noute acodirão os de Coulette, Termapatão,& de outros lugares da costa,cõ que se ajuntarão mais de seis mil homẽs.

O que



O que visto dos nossos,tratou Martim Afonso em conselho do modo que teria em os cõmetter, & considerandose a disposição do porto,que não dava lugar para toda a nossa armada poder entrar dentro; & posto que todos fossem juntos erão muito poucos para pelejarem com tanta gente tambem fortificada. E por à este tempo chegar hũa carta d'el Rei de Cochij,perque pedia muito à Martim Afonso que lhe acodisse sem dilação, porque el Rei de Calecut tornava à cõmetter o passo do vao, & que sem duvida não vindo elle o passaria,porque trazia todo seu poder,assentouse no conselho,que deixassem Cutiale, & fossem soccorrer el Rei de Cochij.Polo que mandou logo Martim Afonso dar à vella, & entrando cõ toda a armada per o rio de Cranganor, achou ahi Antonio de Brito com os mais que com elle estavão guardando o passo,os quaes festejarão muito a sua vinda, porque cada hora esperavão por el Rei de Calecut. O qual sabendo que Martim Afonso era chegado, que elle cuidou não podia vir tam à pressa, & por isso rornara ao passo, ficou tam desgostoso,& quebrado do animo,que não cõmetteo mais passar à Repelim,& recolhendose para dentro da terra, desfez o campo, despedindo a gente. O que entendido por Martim Afonso,se tornou outra vez à correr a costa, onde tambem não achou a armada,que cõ medo delle se recolheo, & ficou a costa aquelle anno despejada, polo que nelle não foi especearia ao Estreito.E no Maio seguinte se foi Martim Afonso para Cochij à invernar,no que el Rei levou muito gosto, & se mostrou muito obrigado.

## CAPITVLO. XXII.

*Como Madune Pandar Rei de Ceitavaca, com ajuda de hũa armada de Malavares,cercou à el Rei Boenegobago seu irmão na cidade da Cota,& Martim Afonso o foi soccorrer,& pelejou com a armada,& a desbaratou.*

NÃO deixarão as cousas de Ceilam descansar Martim Afonso de Sousa muito tempo em Cochij, porque perseverando Madune Pandar Rei de Ceitavaca em suas imaginações,& continuando na pretensão do Senhorio de toda a

*Diogo do Couto cap. 6. do liv. 1. da 5. Decada.*

„ Ilha de Ceilam (como atras diſſemos) ſoccedeo irem em
„ Agoſto deſte anno de XXXVI. hũs ſette paraòs de Mala-
„ vares à Columbo, à tempo que Nuno Freire de Andrade
„ Alcaide mòr, & Feitor d'aquelle porto eſtava na cidade da
„ Cota, com ſette, ou oito Portugueſes. Os Mouros dos pa-
„ raòs mandarão pedir à el Rei Boenegobago Pandar, que
„ lhes enviaſſe logo aquelles Portugueſes; reſentido el Rei
„ de tamanho atrevimento, determinou de o caſtigar, de
„ que deu conta à Nuno Freire, que polo que lhe tocava pe-
„ dio à el Rei aquella jornada. Elle lha concedeo, & ſeiſcentos
„ homẽs com Samlupur Arache ſeu Capitão, que o acompa-
„ nhaſſem. Partio de noute Nuno Freire com elles, & com os
„ oito Portugueſes, & foi amanhecer à Columbo, onde toman
„ do os Malavares em terra deſcuidados, os desbaratou, matou
„ muitos, & os que puderão eſcapar, hũs ſe metterão pelos ma-
„ tos, & forão parar à Ceitavaca, & outros ſe lançarão ao mar,
„ & ſe acolherão em tres paraòs, ficando os quatro em poder
„ dos noſſos.

„ Madune Pandar pezaroſo do ſucceſſo, recolheo, & aga-
„ ſalhou os Malavares que fugirão para Ceitavaca, os quaes
„ tendo noticia de ſeus intentos, lhe aconſelharão, que man-
„ daſſe pedir ſoccorro ao Samorij, com que conſeguiria fa-
„ cilmente ſua pretenſão, & lhe offerecerão encaminhar, &
„ acompanhar ſeus Embaxadores. Madune aprovou o conſe-
„ lho, eſcolheo entre os ſeus os Embaxadores, & os eſpedio lo-
„ go com hum rico preſente para o Samorij, & peças para ſeus
„ Regedores, pedindolhe hũa boa armada, cuja deſpeſa paga-
„ ria largamente.

„ Recebeo bem o Samorij os Embaxadores de Madune,
„ & perſuadido dos Mouros, & vencido do intereſſe, man-
„ dou logo recolher os navios que andavão fora, & armar ou-
„ tros, & com muita preſſa apercebeo hũa armada de qua-
„ renta & cinco navios, em que mandou embarcar dous
„ mil homẽs, & por Capitão della Ali Abrahem Marcà,
„ Mouro grande coſſairo, & muito cavalleiro. Chegou eſta
„ armada à Columbo na entrada de Outtubro, & como
„ Madune eſtava ja no campo com hum grande exercito,
„ ajuntandoſe com elle os Mouros, forão todos pôr cerco à
„ cidade da Cota. Eſta cidade eſtà ſituada em meio de hũa
„ grande alagoa, & per hum paſſo eſtreito, perque ſe ſerve,

ſe ajunta



ſe ajunta com a terra. Eſte paſſo fortificou Nuno Freire „
com hum baluarte, & tranqueiras, em que pôs a artelharia q̃ „
ſe tomou nos quatro paraòs dos Malavares, & ordenou que „
ouveſſe embarcações para defender a paſſagem aos inimi- „
gos, ſe em outras, ou em jangadas a intentaſſem. „

El Rei Boenegobago deſpidio logo hũ meſſageiro ao Go „
vernador, pedindolhe o mandaſſe ſoccorrer naquelle aper- „
to em que eſtava, pois era vaſſallo d'el Rei de Portugal, & ou- „
tro mandou à Martim Afonſo de Souſa, que ſabia eſtava em „
Cochij, rogandolhe que com a armada vittorioſa da em- „
preſa de Repelim o vieſſe livrar daquelles inimigos co- „
mũs. Madune entretanto continuou o cerco, dando gran- „
des aſſaltos, & cõmettendo os paſſos muitas vezes, que lhe „
forão com muito valor defendidos, ſendo os poucos Por- „
tugueſes que alli avia os primeiros nos perigos, de que ſai- „
rão muitas vezes feridos, os quaes el Rei mandava curar „
com grande cuidado, porque nelles tinha a ſua maior de- „
fenſão, & aſsi ſe foi o cerco dilatando por eſpaço de tres „
meſes. „

O inviado que ia ao Governador chegou à Cochij, onde „
achou Martim Afonſo de Souſa, à quem deu a carta d'el Rei, „
& outra de Nuno Freire, & repreſentou o aperto em que el „
Rei ficaua. Conhecendo Martim Afonſo a obrigação que „
lhe corria de ſoccorrer aquelle Rei vaſſallo da Coroa de Por- „
tugal, apreſtouſe com diligencia, & deixando as galès da ſua „
armada na coſta do Malavar para guarda della, com as ſuſ- „
tas ſe fez na volta do cabo de Comorij, o qual paſſado, & „
correndo à coſta atè os baxos de Manar, delles atraveſſou „
à Ceilam, & foi demandar Columbo, donde quando che- „
gou ja erão idos os Malavares. Porque tendo elles aviſo „
da partida de Cochij da noſſa armada, temendo per- „
der os navios, ſe deſpedirão de Madune Pandar, & em- „
barcados ſe paſſarão à outra coſta, & Madune levantou tam- „
bem o cerco da cidade primeiro que Martim Afonſo che- „
gaſſe, & ſe reconciliou com el Rei ſeu irmão. „

Vendo Martim Afonſo, que ſem elle arrancar a eſpada „
deſcercarão os inimigos à el Rei, pareceolhe conveniente, & „
devida corteſia veſitallo: polo que deſembarcando, par- „
tio para à Cota, onde el Rei o recebeo com grandes moſtras „
de agradecimento d'aquelle ſoccorro. Martim Afonſo lho „

„ offereceo por parte d'el Rei de Portugal, & do ſeu Governa-
„ dor da India, ſempre que lhe foſſe neceſſario, o que el Rei eſ-
„ timou muito, entendendo quam certo tinha o favor dos Por
„ tugueſes, & conhecendo a vontade, & diligencia com que a-
„ cudião à ſua defenſão.

„ Deſpedioſe Martim Afonſo d'el Rei, por não aver alli oc-
„ caſião de mais detença, & embarcado ſe paſſou à outra coſta,
„ & em breves dias chegou ao Malavar, onde ſoube, que não
„ erão ainda recolhidos os paraòs de Ali Abrahem. E porque
„ duas fuſtas da noſſa armada, de que erão Capitães Franciſco
„ de Mello Pereira, & Ioão de Souſa Rates, tomarão na paragẽ
„ de Monte Delij hum paraò de Malavares, & delles ſouberão
„ que a armada de Ali eſtava em Mangalor; com eſta nova vol
„ tou Martim Afonſo em buſca do inimigo, & indo hum pou
„ co afaſtado da terra, ouve viſta delle perto de Coulete. Os
„ Mouros tanto que conhecerão a noſſa armada, voltarão para
„ terra, com tenção de ſe ſalvarem nella, mas os noſſos navios
„ ligeiros apertando o remo os atalharão, & afferrando com os
„ paraòs dos inimigos, os embaraçarão, & entretiverão, em
„ quanto chegou toda a noſſa armada, que mettendolhes logo
„ algũs navios no fundo, & deſaparelhando outros, deſpois de
„ hũa porfiada peleja, os desbaratarão de todo, & renderão à
„ maior parte, com perda de mais de mil & dozentos Mouros,
„ & muita pouca noſſa, com que ficou a vittoria mais glorioſa.
„ O Samorij ficou com a perda deſta armada mui quebranta-
„ do, & os Mouros de Calecut mui pobres, porque elles forão
„ os armadores da maior parte deſtes navios. E Martim
„ Afonſo de Souſa andou na coſta todo o reſto
„ do verão, atè ſer tempo de
„ ſe recolher.

* * *





# LIVRO OCTAVO

## DA QVARTA DECADA DA ASIA,

### *DE IOÃO DE BARROS.*

### Governava a India Nuno da Cunha.

## CAPITVLO PRIMEIRO.

*Como o Governador Nuno da Cunha foi aviſado per muitas vias do que el Rei de Cambaia movia contra os Portugueſes, para lhes tomar a fortaleza de Dio, & os lançar da India, & do que ſobre iſſo fez.*

NÃO eſtava ainda Nuno da Cunha „
deſcanſado em Goa dos trabalhos que „
paſſou ſobre a defenſão das terras fir- „
mes, quando teve novas de couſas que „
o Soltam Badur Rei de Cambaia mo- „
via, para reſtituirſe da fortaleza de „
Dio, & lançar os Portugueſes de ſeu „
Reino, & de toda a India, ſe podeſſe. „
E como os meios que para iſſo buſcava, erão muitos, & os ne „
gociava com muitos, vierão facilmente à deſcobrirſe, & tèr „
Nuno da Cunha por certo, o de que antes eſtava duvidoſo. „
Porque poſto que quando o Açadachan lhe mandou pedir „

„ as pazes que aſſentarão, para o mais mover à ellas, o aviſou
„ dos intentos d'el Rei de Cambaia, que o incitava à fazer gue
„ rra aos Portugueſes, como â outros Potentados da India; & o
„ meſmo ſoubera o Governador do Hidálchan: ainda lhe pare
„ cia que ſerião arteficios, & invenção do Açadachan para lhe
„ outorgar a paz que pedia, ou que el Rei de Cambaia mudaria
„ a vontade, & propoſito que entam tinha. Porque poderia ſer
„ que (como muitas vezes acontece) com indinação, ou eſcan-
„ dalo que tiveſſe, como homem voluntarioſo, & mudavel que
„ era, acõmetteria o que deſpois não traria à effeito. Mas toda
„ via como elle conhecia bem a pouca conſtancia d'el Rei, &
„ ſer homem mui audaz, & que (como dizem) vivia de preſſa,
„ mettendoſe ſempre nos perigos, atè que acabou nelles, temia
„ ſe delle, como de Principe que era tam poderoſo, & rico de
„ tantos teſouros, que ſão o nervo da guerra, & que buſcava
„ ajuda de tantos Principes Mouros, cuja cauſa ficava cõmum
„ à todos, por ſer contra Chriſtãos, que os querião dominar,
„ começou tambem proverſe para o não tomarem deſaper-
„ cebido.

*Diogo do Couto na 5. Decada liv. 1. cap. 8. Fernão Lopez de Caſtanheda no cap. 155 do liv. 8. & Franciſco de Andrade no cap. 34. da 3. parte.*

„ Eſtando o Governador neſtas duvidas, deu el Rei hũa in-
„ conſiderada moſtra do que determinava em ſeu animo, per
„ que pudera correr perigo de ſua peſſoa, querendo ſegurar à
„ Manoel de Souſa Capitão da fortaleza de Dio. E foi, que vin
„ do elle à aquella cidade deſpois de dar fim à ſuas guerras, à
„ x. de Outubro, d'aquelle anno de M. D. XXXVI. logo no
„ meſmo dia à noute hum Mouro ſe foi à porta da fortaleza, di
„ zendo, que queria dar hũa palavra ao Capitão que importa-
„ va. E eſtando elle ſò da banda de dentro à portas fechadas, &
„ o Mouro de fora, lhe diſſe, que ſe ao outro dia el Rei o man-
„ daſſe chamar, não foſſe, porque o avia de matar, & que porq̃
„ não tiveſſe para ſi, que lhe dizia iſto por algum intereſſe, não
„ ſe nomeava quem era. Iſto não deſcobrio Manoel de Souſa à
„ peſſoa algũa, atè ver em que parava. Ao outro dia ſeguinte o
„ mandou el Rei chamar, & não embargante o que o Mouro
„ lhe diſſera, determinou de ir, lançando conta que ſe ſe eſcu-
„ ſaſſe, el Rei tomaria achaque para romper em guerra, o que
„ elle muito queria evitar, & que o aviſo do Mouro poderia ſer
„ falſo, porque el Rei por o matar à elle não ganhava a fortale-
„ za. Polo que encomendando a guarda, & defenſão della ao
„ Alcaide mòr, & deixando toda a gente armada, & a artelharia
poſta



poſta em ordem, ſe foi à el Rei, não levando conſigo mais q̃
os de ſua guarda, & ſeus criados. El Rei recebeo à Manoel de
Souſa com muito gaſalhado, & deſpois de lhe perguntar co-
mo eſtava, em final de honra, & amizade ao ſeu coſtume, lhe
mandou dar hũa cabaia rica; & Manoel de Souſa lhe deu de
preſente hum montante bem guarnecido, & hũs eſtribos, &
eſporas do meſmo teor. E por ſer a primeira vez que via à el
Rei, não lhe tocou na morte de algũs Portugueſes, que os
Mouros na cidade, ſem razão, tinhão morto, & ſe tornou à
fortaleza, moſtrando el Rei que ficava ſeu amigo.

Mas el Rei, cuja natureza era não eſtar ocioſo, nem quie-
to em hũa vontade, determinandoſe em tomar a fortaleza, o
pôs em conſelho com os ſeus. Os quaes todos forão de pare-
cer que o não fizeſſe, & ſua mãi, que era molher prudente, lho
rogou muito, impoſsibilitandolhe aquelle negocio, & moſ-
trandolhe, que o que ganharia d'ahi ſeria tèr os Portugueſes
por inimigos, que lhe deſtroirião a cidade, & lhe farião ou-
tros dãnos, como ja fizerão à elle, & à outros Reis, de que re-
ceberão offenſas. O conſelho de Ioão de Santiago, que ja ſe
chamava Rumechan, de quem el Rei fazia muita conta, foi
que ſe deſenganaſſe de tomar a fortaleza, por ſer tam forte, &
bem provida d'artelharia, & munições. E que os Portugueſes
erão taes, que primeiro todos avião de morrer, que a perdeſ-
ſem. Que o remedio para a tomar ſeria fazerſe mui amigo cõ
Manoel de Souſa, & com eſte pretexto ilo ver algũas vezes à
fortaleza, para o tirar de ſoſpeitas. E que vindo o Governa-
dor à Dio, com eſta meſma amizade, & converſação conti-
nuaſſe ir à fortaleza, & que aſsi poderia matar nella o Gover-
nador, & que morto elle, os Portugueſes não terião animo pa
ra ſe defenderem.

Eſte parecer contentou à el Rei, & como elle era precipi-
tado, & impaciente em ſeus appetites, quando vèo aos xiij. de
Novembro, ſendo ja oito horas da noute, ſem nenhum pro-
poſito, & ſem tèr mandado recado à Manoel de Souſa, bateo
a porta da fortaleza. E ſabendo Manoel de Souſa como era el
Rei, mandou tocar as trombetas, & os Portugueſes como an
davão receoſos da guerra, & dos movimentos que ſe ſentião
em el Rei, em hum momento forão todos armados, os quaes
fazião numero de novecentos, & poſtos no terreiro da for-
taleza em hũa rua, com muitas tochas entreſachadas, fazião
hũa

„ hũa fermoſa viſta com o reſplandor das armas. Abrindo Ma-
„ noel de Souſa o poſtigo da fortaleza, entrou el Rei ſò com o
„ Rao, & dous grandes Senhores, mandando à outra gente to-
„ da ficar de fora. E logo diſſe, que ſe fechaſſe o poſtigo, por Ma
„ noel de Souſa não tèr algum receo. E vendo tantos armados
„ tam de ſubito, perguntou à que fim ſe armavão, ſendo elle
„ tam amigo d'el Rei de Portugal, & dos Portugueſes? Manoel
„ de Souſa lhe reſpondeo, que aquillo era coſtume dos Portu-
„ gueſes, quando os ſeus Reis entravão nas fortalezas de Por-
„ tugal. Quando el Rei entrou no apoſento de Manoel de Sou
„ ſa, porque o Rao lhe tinha deſcuberto o odio que el Rei tinha
„ aos Portugueſes, receandoſe que hi o mataſſe, em voz baxa
„ lhe diſſe: *Capitão prende, & não mates.* Ao que Manoel de Souſa
„ reſpõdeo, que não faria hũa couſa, nem outra. E eſtãdo el Rei
„ em pratticas com Manoel de Souſa, lhe gabou aquellas caſas;
„ & dizendolhe elle, que as caſas, & a fortaleza erão de S. A. diſ-
„ ſe el Rei: *As caſas ſão tuas, & a fortaleza he d'el Rei teu Senhor.* E
„ detendoſe com elle eſpaço de meia hora, ſe faio, levandoo per
„ hũa mão Manoel de Souſa, & pela outra o Rao, & ſe foi para
„ ſua caſa, cuidando que deixava Manoel de Souſa fora de ſuſ-
„ peitas. Mas como elle conhecia a condição d'el Rei, nunca ſe
„ tanto temeo delle.

Succedendo deſpois algũas couſas, perque Manoel de Sou ſa entendeo o animo dãnado que el Rei trazia contra os Por tugueſes, eſcreveo tudo ao Governador, & como el Rei fora à fortaleza, onde o não prendeo, por não ſaber ſua vontade, & como ſoubera do Rao, que el Rei determinava de tomar à fortaleza, & que com brevidade acodiſſe à Dio, porque eſpe-

*Fernão Lopez de Caſtanheda no cap. 156. do liv. 8.*

„ rava ſer cercado. O Governador lhe eſcreveo logo de ſua
„ mão, eſtranhandolhe não prender el Rei tendoo na fortaleza
„ ſò, & deſacompanhado, & que elle iria mui em breve; mas
„ que ſe entretanto el Rei tornaſſe, o prendeſſe. Eſta carta man
„ dou Nuno da Cunha per hum Pero de Chaves criado ſeu de
„ confiança, q̃ a levava coſida no gibão, & foi em hum catùr
„ eſquipado. E como Nuno da Cunha era mui prudente, & eſ-
„ tava neſte tempo em concerto de pazes com o Açadachan,
„ as quaes fazia de mà vontade, ſò por receo da guerra com el
„ Rei de Cambaia, & dos Principes do Decan, que o avião de
„ ajudar, quis com mais fundamento ſaber de ſeus propoſitos.
E porque ſabia que el Rei era em ſuas acções mal attentado,
& que



& que com peſſoas que o aprazião era mui deſcuberto, man dou diante à Dio Manoel de Macedo, [a] com algũa gente (o qual ſabia que era mui aceito à el Rei) para o tirar de algũas paixões, & ver ſe podia deſcobrir ſeus intentos, porque cria que ſe abriria com elle. Mandoulhe que diſſeſſe à Manoel de Souſa que como elle chegaſſe à Dio, fizeſſe deſparar toda a artelharia, & moſtraſſe grande feſta, dizendo, que chegarão catorze naos de Portugal com muitos mil homẽs: & aſsi foi feito, perque el Rei mudou o conſelho de tomar a fortaleza per outra maneira, & não per priſão do Governador.

a. *Ou Diogo de Meſquita, como diz Diogo do Couto, & Franciſco de Andrade.*

Indo Manoel de Macedo ver el Rei na primeira prattica, entendeo delle deſejar muito de ſe ver livre da ſojeição dos Portugueſes, & verſe Senhor enteiro de Dio, & entre muitas couſas, em que ſe deſcobrio com Manoel de Macedo foi fazerlhe queixume de Manoel de Souſa de quam mal ſe avia com elle. Porque chegando elle à Dio, para ir contra Ramugij, que ſe lhe alevantara, & ſe acolhera aos Resbutos, para que avia meſter toda ſua armada que tinha em Dio, na qual quiſera mandar Coge Sofar ſeu Capitão mòr, & ir elle per terra, Manoel de Souſa lho impedira, & ſòmente lhe concede ra tirar dezoito fuſtas, & bargantijs, como ſe elle não fora Rei, & Senhor de Dio, ſendo elle o que deu lugar para ſe a for taleza fazer, & ajuda, & dinheiro para ella, & dera Baçaim, & ſuas terras por a amizade d'el Rei de Portugal. E que fazendo com Nuno da Cunha pazes com condições de ſe ajudar hũ ao outro, & com eſpecial promeſſa do meſmo Nuno da Cunha lhe dar ajuda contra os Mogoles, nunca lha dera. E agora era impedido per Manoel de Souſa ir caſtigar hum ſeu vaſſallo rebelde, o que elle não cria que vinha de Nuno da Cunha que tinha por ſeu amigo, & por homem agradeſcido, & Capitão prudente. Alem diſto ſoube mais Manoel de Macedo, como fora certo que el Rei de Cambaia fora a principal cauſa perque el Rei de Calecut movera guerra no Malavar contra el Rei de Cochij (por a amizade que tinha com os Portugueſes) & o Hidalchan, & Açadachan nas terras firmes de Goa. E que o meſmo Rei de Cambaia eſcrevera à el Rei de Xael em odio dos Portugueſes, perque ſe elle atreveo prender à Dom Manoel de Meneſes, de que adiante diremos. Tornando Manoel de Macedo em fim de Dezembro d'aquelle anno de M.D.XXXVI. & contando ao Governador o que

com

com el Rei de Cambaia paſſara, ſe reſolveo em fazer paz cõ o Açadachan cõ as condições q̃ diſſemos: & para ſe melhor certificar, determinou ir à Dio, & não ſe fiar de juizos alheos, ſenão do ſeu, em julgar as couſas d'el Rei de Cambaia, cuja paz & guerra tanto importavão ao Eſtado dos Portugueſes na India, & ver o procedimento que com elle avia de tèr.

## CAPITVLO II.

*Da embaxada que Soltam Badur Rei de Cambaia mandou ao Governador, pedindolhe ſe foſſe vèr com elle, & como ſabendo elle da traição que lhe el Rei ordenava partio logo, & do que mais ſuccedeo.*

ESTANDO Nuno da Cunha tam informado dos movimentos d'el Rei de Cambaia, & em propoſito de ir à Dio, chegou à Goa hum ſeu Embaxador por nome Mur Mahamed filho de Luchan Senhor principal do Reino de Guzarate, & homẽ de grande autoridade, com q̃ el Rei cõmunicava ſeus conſelhos mais ſecretos, & q̃ ſabia a traição q̃ el Rei ordenava, cõ o qual vinha Xacoez q̃ ja el Rei mandara à Nuno da Cunha cõ outra embaxada. Os quaes elle recebeo cõ muita honra, & gaſalhado, & para os acõpanhar lhes deu por companheiro hum Perſiano, que avia muitos annos que eſtava em Goa, per nome Coge Percoli, homem honrado, de que Nuno da Cunha fiava muito por ſer amigo leal dos Portugueſes. A ſuſtancia da embaxada era, mandar el Rei dizer ao Governador, que por quanto elle eſtava de caminho para hũa comprida jornada, & não ſabia o tempo da ſua detença, deſejava muito cõmunicar com elle algũas couſas, que lhe importavão muito à ſegurança de ſeu Eſtado, que lhe pedia muito por amor delle o quiſeſſe ir à ver, & q̃ receberia muito prazer em ſer o mais em breve que ſer pudeſſe. Agaſalhados os Embaxadores, Nuno da Cunha rogou à Coge Percoli, que ſoubeſſe per algum modo do Embaxador Mur Mahamed a determinação d'el Rei, & da meſma maneira rogou à Xacoez q̃ tinha por amigo, & lhe tinha deſcuberto como el Rei trattava de cõprar todo o arroz, & mãtimẽtos q̃ ouveſſe em Baçaim, & em ſua comarca, para q̃ os Portugueſes os não achaſſem,

*Fernão Lopez de Caſtanheda no cap. 157. do liv. 8.*



achaſſem, & que niſſo lhe parecia que el Rei pretendia fazer guerra à fortaleza de Dio. Elles ſe derão niſto tam boa manha, que dando hum dia hum banquette com bõos vinhos ao Embaxador, deſpois de ficarem todos tres ſòs ſobremeſa, Percolim, & Xacoez começarão de praguejar dos Portugueſes, por as ſem juſtiças, & males que fazião aos Mouros, & para aſſegurarem mais ao Embaxador, & tirarem delle o que ſabia, culpavão a fraqueza de animo de Soltam Badur, que ſendo tam grande Senhor, & tam rico, os não deitava da India, & que em hũa hora acabaria el Rei tudo ſe prendeſſe ao Governador, porque preſo elle, facilmente lhe podia tomar a armada, & a fortaleza. E que avendo o Governador às mãos preſo, o devia mandar ao Turco mettido em hũa gaiola, para ſua fama ſe eſtender per todo o Mundo, & que eſta ſeria mòr hõra que ſer Senhor do Guzarate. Como eſtes todos erão Mouros, & pela converſação da pouſada, & meſa ja amigos, o Embaxador quente, & alegre com o que avia bebido, rindoſe para elles, lhes diſſe, que el Rei o tinha aſsi determinado, & que para iſſo avia de dar hum banquette ao Governador, & à ſeus Capitães na quintãa de Melique, em hũa horta que tinha cerca de forte muro, & hi prendelos. E que quando não pudeſſe ſer o mataria na cidade em ſeus paços. Eſtas palavras do Embaxador ouvio hum Portugues que ſabia a lingoa que eſtava em hũa camara pegada com à do banquette, o qual eſcreveo tudo o que alli paſſou, & o deu à Nuno da Cunha. Quando o Governador acabou de certificarſe d'aquillo que não acabava de creer, determinou conſigo de fazer todo o poſsivel por prender à el Rei, ou na fortaleza, ou em ſeus proprios paços, levando conſigo algũs fidalgos, homẽs de feito, armados ſecretamente. Tendo em ſegredo o que ſabia, & o que determinava, propôs em conſelho, que ſobre iſſo teve cõ os Capitães, & peſſoas notaveis que eſtavão em Goa, algũas razões gereaes que avia para ir à Dio, & muito mais ao preſente, ſendo chamado, & rogado por el Rei. Mas não declarou o modo que com elle avia de tèr ſe lhe achaſſe o animo dãnado, nem que ſabia delle algũa couſa mais que o que ſe dizia geralmente: porque entendia quam perigoſo era trattar com muitos, o que ſe requeria ſer poſto em effeito per poucos. E o que mais movia ao Governador abbreviar ſua ida, era por não deixar à el Rei criar mais forças no mar, das que tinha.

Porque

Porque cada dia mandava fazer mais navios de remo: & tardando elle, podia vir algũa armada de rumes, para o que dizião el Rei mandara muito dinheiro à Meca, como se despois vio. Polo que a resposta que deu aos Embaxadores de Cambaia, foi, que por servir, & comprazer à el Rei se faria logo prestes, & partiria o mais em breve que pudesse, sem embargo de sua infirmidade, & lhe ser a cidade de Dio mui contraria à ella, por ser terra de campina desabrigada, & mui ventosa. Os Embaxadores se quiserão detèr para ir em sua companhia. Mas Nuno da Cunha os espedio com dadivas, & não consentio que se detivessem mais por estar avisado per carta de Manoel de Sousa, que elles avião de cõmetter ir em sua cõpanhia à fim de notar todas as cousas que fizesse naquelle caminho, & avisar disso à el Rei. Partidos os Embaxadores, Nuno da Cunha ordenou hũa armada de quarenta vellas, [a] de q̃ muitas erão naos grossas, galeões, & galès, & mandou recado à Martim Afonso de Sousa que andava no Malavar, que logo à pressa partisse para Dio, porque importava ser assi, o que elle logo fez. Nuno da Cunha partio de Goa à ix. de Ianeiro de M.D.XXXVII. mas como a armada era grande, & não pode toda sair aquelle dia, deixou Manoel de Macedo para levar os navios que ficavão, & o seguir com elles. Os Capitães das vellas grossas erão Lisuarte de Andrade filho de Simão de Andrade do galeão S. Mattheus, em que Nuno da Cunha ia. Os mais erão Dom Ioão Lobo, Rui Vâz Pereira, Enrique de Mello, Fernão de Sousa, Antonio da Cunha, Antonio da Fonseca, Manoel Ribeiro, Antonio de Sà, Manoel de Macedo, Antonio Cardoso, Antonio Correa, Diogo de Lemos, Rodrigo do Couto, Antonio de Figueiredo, Gil Pinto, Gonçalo Martinz, Francisco Rodriguez, Lourenço Botelho, Bastião Nunez, Gaspar Rodriguez, Diogo Paez, Garcia Alvarez, Garcia Anes Patrão mòr, Ascensio Fernandez, Afonso Bernaldez, Aleixo do Monte, Vicente Fernandez, Francisco Gonçalvez, Afonso Fialho, & Lopo Pinto, que com quatro catùres ia ordenado para entrar no Estreito saber novas dos Rumes: mas succedeo de outra maneira, por esta ida com o Governador.

***

CAPI-

a. *A armada diz Diogo do Couto q̃ era de cinco juncos grandes de Malaca carregados de mantimentos, oito naos do Reino, catorze galeões, duas galeaças, doze galès Reaes, dezaseis galeottas, & mais de duzentas & vinte fustas, catùres, & bargantijs: & sem estas vellas, ião naos, zambucos, & cotias de taverneiros da gente da terra, representando hũa grande povoação. Cap. 9. livro 1. Decada 5.*



## CAPITVLO. III.

*Do que o Nizamaluco tinha passado com Simão Guedez em Chaul, antes que Nuno da Cunha alli chegasse, & dos indicios que achou dos propositos d'el Rei de Cambaia.*

TENDO Simão Guedez nova, no mes de Abril do anno passado de M.D.XXXVI. que o Nizamaluco vinha com exercito à Chaul, posto que a terra, & comarca fosse de seu Estado, tomou delle mà presunção por ser cousa q̃ nunca fazia, & parecialhe que seria sobre algũs recados que entre elle, & Nuno da Cunha ouve, querendo o Nizamaluco tomar as duas fortalezas Carnà, & Sanguesà, que el Rei de Cambaia tinha dadas aos Portugueses quando deu Baçaim, as quaes avião sido do Nizamaluco, & el Rei de Cãbaia lhas tomara quando cõ elle teve guerra, sobre o qual negocio Nuno da Cunha chegou à tanto, que lhe queria mandar queimar a sua povoação de Chaul, que està acima da nossa fortaleza. Polo que o Nizamaluco se desceo disso: mas como elle era o mais malicioso d'aquelles Capitães do Decan, Simão Guedez se proveo de maneira, que quãdo elle chegou à Chaul na fim de Maio, tinha pouco temor delle, posto q̃ estivesse acõpanhado de tres mil homẽs de cavallo, & cinco mil de pè. E como soube que elle estava junto da povoação da cidade, o mandou visitar per Fernão Mendez Feitor d'el Rei, fazẽdolhe os geraes offerecimẽtos. Ao q̃ elle respondeo cõ palavras de agradecimento. E por lhe dizerẽ q̃ Simão Guedez se acautelava de sua vinda, como de inimigo, lhe mandou dizer, q̃ não tinha razão de o fazer, porque elle era grande amigo, & servidor d'el Rei de Portugal, & por folgar de tèr sua amizade cõsentira de se fazer a fortaleza que alli tinha feita. E que sua vinda não fora mais que à folgar, & querer comprazer à suas molheres, q̃e desejavão ver o mar, & que lhõ vinha mostrar, q̃ lhe pedia lhe mandasse dar algũa embarcação para andarem folgando pelo rio. Simão Guedez nestas duas cousas se ouve mui bẽ, porq̃ per hũa parte sem algũ alvoroço segurou a fortaleza, & per outra, assi no mar, como na terra, o festejou muito,

muito,atè lhe mandar jugar cannas ao longo da ribeira, que elle,& ſuas molheres as eſtavão vendo do mar nos catùres, & navios de remo,que lhe Simão Guedez mandou concertar, como para ſerviço de hum grande Principe. Mas não lhe conſentio com toda a amizade que elle entraſſe na fortaleza como elle quiſera,ſenão com cinco,ou ſeis de ſeus Capitães. E como iſto ſoube não quis ir à ella,dizẽdo,que por não deſcontentar os ſeus,em deixar fora hũs, & levar outros, o não fazia.E entam deu licẽça que ſeus Capitães de dous em dous, & de tres em tres entraſſem na fortaleza para verem como eſtava provida. E para mais ſegurança de Simão Guedez, mandou quatro molheres ſuas que a foſſem ver,a qual eſtava de maneira que ſe o Nizamaluco trazia algum mao penſamento, elle ſe lhe tirou, & por derradeiro ſe foi com os ſeus oitó mil homẽs,que aſsi no raſtro que de ſi deixarão, como em não reſtituirem todos os eſcravos que para elles fugirão da fortaleza, ſe ouverão tam vilmente, que Simão Guedez ficou deſavindo com o Nizamaluco.

Iſto tudo era paſſado, quando Nuno da Cunha chegou à Chaul,à quem Simão Guedez o contou por extenſo, poſto que per patamares,que ſão correos de pè, lho tinha eſcritto, & como o Nizamaluco eſtava d'alli doze legoas dentro pelo ſertão com gente d'armas.Quando o Nizamaluco ſoube eſtar Nuno da Cunha em Chaul, por encobrir ſua eſtada tam perto,& não dar mà ſuſpeita de ſi,por o que ja tinha paſſado, mandou o viſitar, & dizerlhe, que elle viera contra aquella parte por razão da fortaleza de Galeana, & outras terras que lhe Soltam Badur tinha tomadas nas differenças paſſadas que com elle tivera,para com eſte fingimento moſtrar que não eſtava tam corrente com Soltam Badur como cuidavão. E a verdade era,que elle eſtava alli eſperando ſeu recado, por o que ambos tinhão concertado de virem ſobre Chaul. Nuno da Cunha não lhe querendo dar à entender a mà ſuſpeita que delle tinha,lhe reſpondeo palavras de agradeſcimento da viſitação,& outras geraes.

Partido Nuno da Cunha de Chaul,chegou à Baçaim, onde eſtava por Capitão Antonio da Silveira ſeu cunhado, que poucos dias avia alli mandara em lugar de Garcia de Sà, que aquelle anno avia de ir à Portugal,por el Rei aſsi o mandar,por informação falſa,q̃ delle lhe derão homẽs de animo dánado,



dánado,ſendo elle hum fidalgo em que cõcurrião grandes,& honrados ſerviços,& muita bondade,& liberalidade exercitada no ſerviço d'el Rei, perq̃ não faltarão outros homẽs mais verdadeiros,que informarão à el Rei do contrario, com que elle ficou na India,& deſpois a governou per ſucceſſão deDõ Ioão de Caſtro Viſorrei della. E como Nuno da Cunha aſsi por o que Manoel de Souſa lhe eſcrevera, como por a eſtada do Nizamaluco tam pèrto de Chaul,& per outros muitos indicios,ia achando ſinaes da mà vontade d'el Rei de Cambaia, quis levar conſigo hum homem de tanta importancia como era Antonio da Silveira, para o que lhe podia acontecer, & principalmente para ſervir de Capitão da fortaleza de Dio, & tirar della à Manoel de Souſa para Capitão de Ormuz, em lugar de Dom Pedro de Caſtelbranco, por algũas culpas que lhe davão,& por ſentir que entre Manoel de Souſa,& Soltam Badur avia algũs queixumes que elle queria evitar,& Antonio da Silveira, quando Nuno da Cunha chegou à Baçaim, como ja tinha ſeu recado,eſtava preſtes.

Eſtando Nuno da Cunha em Baçaim, onde ſe deteve cinco dias provendo a armada de algũas couſas, vèo alli tèr hum Capitão d'el Rei de Cambaia com dezaſete fuſtas, & outros navios de remo,& vindo elle à ver Nuno da Cunha, lhe perguntou mui diſsimuladamente,à que era ſua vinda cõ aquella armada,ao que elle reſpondeo, que el Rei lhe mandara dar hũa viſta à aquella enſeada,por tèr nova que andavão alli algũs ladrões de Onor,& em Baroche algũs Mogoles.Nuno da Cunha diſsimulando o que entendia d'aquella ſua vinda (da qual conheceo mais deſcubertamente a tenção d'el Rei de Cambaia ) offereceolhe qualquer couſa que ouveſſe meſter para ſerviço d'el Rei, acerca da ſua vinda. E provida a fortaleza,ſegundo a ſuſpeita que lhe eſtas couſas davão, deixou por Capitão della à Rui Vàz Pereira, & partioſe à ſeis de Fevereiro, & em ſua companhia o Capitão d'el Rei de Cambaia com ſuas fuſtas.E ſendo tanto avante como à Maij, que he ſeis legoas acima de Baçaim, eſpedioſe eſte Capitão de Nuno da Cunha,dizendo, que ia à terra fazer agoada, & elle foiſe à enſeada de Cambaiet, eſperar recado de Coge Sofar,cujo Capitão era, ſegundo ſe deſpois ſoube.

(***)

## CAPITVLO. IIII.

*Como el Rei de Cambaia mandou viſitar à Nuno da Cunha ao caminho, & como por vir doente, o foi ver ao galeão chegando à Dio.*

SABENDO Nuno da Cunha antes que partiſſe de Baçaim, como el Rei Badur andava à caça ao redor de Dio, mandou viſitalo per Diogo de Meſquita, mas el Rei ſe anticipou, mandandoo primeiro viſitar per ſeu privado Ioão de Santiago, o qual quando chegou à Baçaim, ſoube que era ja Nuno da Cunha partido: polo que vèo tras elle, atè o tomar em Madrefabat. Nuno da Cunha quando ſoube da vinda de Santiago, ſe fez ainda mais doẽte do que vinha, vindoo elle muito, & deitouſe em cama, parecendolhe que com eſta nova de ſua infirmidade, remittiria el Rei algũa couſa de ſeu furor, & elle teria tempo de pratticar primeiro com Manoel de Souſa, & Antonio da Silveira, por quem eſperava, que tardava ja, por vir em hum galeão mui mao de vella. E por Ioão de Santiago ſer Chriſtão, & aver tido muita cõmunicação Nuno da Cunha com elle, lhe fez grande gaſalhado, & por ſer tam grande a valia que tinha com el Rei. E trattando com elle muitas materias, aſsi de graças, & boa converſação, como de couſas d'el Rei, para o tirar à terreiro, Santiago lhe diſſe: *Senhor el Rei não tem ainda unhas, mas como as elle tiver, crede que vos ha de arranhar.* Deſta palavra, & d'outras que elle ſoltou, acabou Nuno da Cunha de aſſentar que el Rei tinha o animo mais dãnado do que elle cuidava, poſto que ja o conhecia por homem não ſão, & mui vario, & inconſtante em ſeus dittos, & feitos.

Deſpedido Santiago, vèo aquella noute Manoel de Souſa fallar com Nuno da Cunha, ſem alguem ſaber que eſtava fora da fortaleza, & entre muitas couſas que lhe contou do que el Rei dizia, foi, que quando o prendeſſe o avia de mandar de preſẽte ao Turco, & que iſto ſoubera do Rao Capitão da cidade de Dio, que era muito ſeu amigo. Ao da priſão, diſſe Nuno da Cunha rindo: *Eſperança tenho eu em Deos, que dara eſſa ſentença ao contrario, & que ſeus maos penſamentos*



*mentos lhe fiquem quebrados em ſua cabeça.* E poſto que Manoel de Souſa moveo algũas couſas, que quiſera que Nuno da Cunha logo determinara, elle eſpaçou a reſolução para deſpois que foſſe em Dio, & vieſſe Antonio da Silveira, por quem eſperava, & com iſto deſpedio à Manoel de Souſa.

Ao outro dia, que erão catorze de Fevereiro, quarta feira de Cinza, Nuno da Cunha ſe fez à vella de vagar, por eſperar por Antonio da Silveira, que ainda não viera, & chegou ante a cidade de Dio às duas horas deſpois de meio dia. E ainda não era ſurto, quando vèo hũa fuſta d'el Rei com hum preſente que elle lhe mandou à Madrefabat, & quando o meſſageiro achou ſer partido Nuno da Cunha, o vèo alli tomar. O preſente erão vinte & tantos veados, & gazellas com eſte recado. Que elle andara monteando o dia paſſado, & que na boa ditta da ſua vinda fizera aquella montaria, que lha mandava, porque os homẽs que andão no mar folgão com carne freſca. Chegado Nuno da Cunha à bordo do galeão ver o preſente, vio a veação alaſtrada per toda a fuſta, eſfarrapada das unhas, & dentes das onças que a tomarão, porque como ſão feras na maneira de prear, não deixão a caça enteira, & aſsi não dava deleitação à viſta. Neſte tempo eſtava Ioão de Paiva Feitor da armada com Nuno da Cunha, à que era mui aceito, & ſem ſaber o que dizia, lhe diſſe: *Prazerà à Deos que aſsi verà V. S. cedo ſeus inimigos mortos, como eſtà aquella triſte veação.* As quaes palavras forão hũa prophecia, que antes de duas horas ſe comprio na propria fuſta em que vinha a caça. E no recado que el Rei mandava dizer da monteria que fizera, dizia verdade, porque como Nuno da Cunha chegou à Chaul, pelas eſpias que el Rei trazia no mar, deſpois que d'alli partio para Baçaim, & d'ahi para Dio, cada hora lhe levavão nova de quantas voltas dava. No qual tempo el Rei andava ao longo da coſta monteando com ſuas onças, de que os Principes d'aquellas partes muito uſão. E a noute que Nuno da Cunha chegou à Madrefabat, vèo el Rei dormir à Novanaguer quintãa de Melique, que eſtà cinco milhas de Dio.

Acabando Nuno da Cunha de deſpedir o meſſageiro d'el Rei, q̃ lhe levou o preſente, à q̃ fez merce, chegou Manoel de Souſa ẽ hũ catùr, & diſſelhe, como el Rei viera à quintãa d̃ Meliq̃ mui alvoroçado cõ ſua vinda, & à Manoel d̃ Souſa mãdou

Nuno da Cunha, que tanto que el Rei entrasse na cidade o fosse visitar de sua parte, & dizerlhe, que por vir mui doente de infirmidade, que não era para estar entre Principes, não desembarcava logo, que ao outro dia trabalharia de o fazer, dandolhe ella lugar para isso. Não seria partido Manoel de Sousa quando vèo Coge Sofar, & hum filho de hum dos principaes Capitães de Soltam Badur, que da sua parte o vierão visitar, aos quaes elle se mostrou doente, & dandolhe graças da visitação, mandou per elles dizer à el Rei o que tinha ditto â Manoel de Sousa. E pareceo que assi o tinha Deos ordenado, que vindo el Rei da quintãa de Melique, & querêdo passar o braço da agoa que se mette entre a cidade, & a terra firme, chegou a fusta que trouxe a veação à Nuno da Cunha, & juntamente Manoel de Sousa, & os dous visitadores, & dandolhe nova, como o Governador vinha mal desposto, & a desculpa de logo não sair em terra, disse el Rei à Manoel de Sousa: *Com os amigos quando são doentes, em quanto os homẽ não ve, não cumpre com sua amizade, eu quero ir ver o Governador*: & deixando a embarcação que lhe trazião para sua passagem, se metteo na fusta da veação com oito, ou nove Capitães,[a] & sòs dous pagẽs, hum que lhe levava o terçado, & outro o arco, & as sètas. Manoel de Sousa quando vio aquelle subito, não pode mais fazer que metterse com el Rei, & dizer à hum pagem seu que fosse correndo naquelle catùr, & dissesse ao Governador que el Rei o ia ver. El Rei foi tam à pressa, que apenas o recado era chegado, quando elle chegava, que não ouve tempo para o Governador cõmunicar cousa algũa, nem aver conselho sobre o que se avia de fazer, nem mais espaço que para alcatifar o lugar da nao per onde el Rei avia de passar, & deitar sobre a cama de Nuno da Cunha hum cobertor de cetim avellutado carmesim, & elle tomar hũa loba aberta de chamelote. Tanto que el Rei começou à chegarse, foi o estrondo das charamelas, trombettas, & atabales tamanho que se não ouvião. Nuno da Cunha o vèo receber ao bordo do galeão,[b] & como era homem grande de corpo, & a infirmidade o tinha debilitado, em o el Rei vendo tam desfigurado, lhe disse: *Se eu soubera que tam mal trattado o tinha a infirmidade, eu lhe mandara dizer que se não levantara da cama, mas ja que assi foi, vamonos assentar na vossa camara.* E tomãdoo pelo braço, o levou à ella, sem

a. *Os Capitães que ião cõ el Rei erão treze, & todos grandes Senhores. Lopo de Sousa Coutinho no trattado do cerco de Dio.*

b. *Escreve Diogo do Couto q̃ o Governador aguardou à Soltã Badur na camara do seu galeão, deitado em hũa camilha, armado secretamente, & com hũa espada ao longo de si, & que alli o recebeo acompanhado de Antonio da Silveira, Gonçalo Vaz Coutinho, Antonio de Sà o Rume, Ioão Iusarte Tição, & Dõ Manoel de Lima.*



sem entrarem mais que os seus Capitães, nem com Nuno da Cunha mais que dous pagẽs seus, & Ioão de Paiva que fechou a porta sobre si. Assentado el Rei em hũa cadeira que para elle estava posta, & Nuno da Cunha em hũas almofadas de sèda, & os Capitães em alcatifas, começou el Rei de lhe perguntar per sua disposição, & viagem que trouxera, & outras cousas geraes, em que ambos gastarão hum bom espaço.

Manoel de Sousa por o animo dãnado que conhecia d'el Rei, & que tambem sabia de Nuno da Cunha que determinava prendelo, começou agastarse sobre a resolução que se avia de tèr com el Rei, naquella conjunção de o terẽ na nao, & tam sò; & porque lhe pareceo necessario fazerlhe lembrança, mandou Iorge Barbosa pagem de Nuno da Cunha, que per fora da nao pela exarcea fosse à varanda della, & entrasse onde estava Nuno da Cunha, & lhe dissesse à orelha de sua parte que lhe mandava que fizesse. Entrado este pagem, chegouse em giolhos à Nuno da Cunha que estava mais perto da varanda, para lhe dar o recado, & em lho querendo dar à orelha, el Rei como o seu animo culpado tudo o que via fazer lhe parecia suspeitoso, & em seu dãno, começou de se confranger, & acodio com a mão à hũa adaga, & a pôs mais adiante do lugar onde a trazia. Ioão de Santiago, que servia de lingoa, & sabia a tenção d'el Rei, disse apressadamente à Nuno da Cunha: *Senhor não ouçaes recado algum, olhae para el Rei que vos falla.* Polo que Nuno da Cunha deu de mão ao moço, & o não quis ouvir, & voltandose para el Rei, tornou à enfiar sua prattica, por assentarlhe a alteração que lhe vio, & mui bem entendeo, como quem estava prompto nos gestos que el Rei fazia. O qual não se detendo muito, levantouse, & chegando à porta, como de outras naos erão vindos os Capitães, & fidalgos, & elle conhecia algũs, em os vendo lhes fallou, & agasalhou à seu modo. Levantado el Rei, Nuno da Cunha chamou à Ioão de Paiva, & como que se ajudava à levantar ao ombro delle, indo assi arrimado, lhe disse: *Dizei logo à Manoel de Sousa, que se và apòs el Rei, & que trabalhe muito por o levar à fortaleza para lha mostrar como a tem apercebida para seu serviço, & que eu mando todos os Capitães tras elle parà o seguirem, & que o não deixe sair atè eu ir, nẽ entrar mais gente q̃ a que leva, & quando não quiser, q̃ no mar o entretenha*: & dizei aos

*Capitães que lhes mando que acompanhem á el Rei com seus catùres, & bateis, & à Manoel de Sousa atè à fortaleza.* Dittas estas palavras, deixou Nuno da Cunha o ombro de Ioão de Paiva, & foise tras el Rei, atè que à bordo se despidio delle. E deixouse alli estar sempre com os olhos em sua pessoa por cortesia, & tambem por o segurar, que não tinha que mandar em a nao, nem fallava com alguem.

Em quanto se el Rei embarcou per este bordo, em que Nuno da Cunha estava, se embarcou Manoel de Sousa pelo outro no seu catùr, por o recado que lhe Ioão de Paiva deu, & dandolhe a mão ao descer, sentio que as tinha frias, & lhe disse: *Que he isto Senhor, à cousa tam quente, como levais as mãos tam frias?* A o que Manoel de Sousa respondeo: *São mãos de homem que ha oito dias que come dieta; mas eu espero em Deos que oje vos pare cerão bem quentes.* As quaes d'ahi à pouco espaço de hora se tornarão de todo frias, com a morte que lhe sobrevèo. Tam ignorante he a mente humana dos casos que lhe estão por vir. Nuno da Cunha despois que el Rei desappareceo de sua vista, & olhou para tras, & vio os fidalgos, & Capitães que estavão ao redor delle, disse: *Senhores que fazeis, que não is acompanhar à el Rei como mandei? Embarcaivos, & ide tras Manoel de Sousa.* O que cada hum fez à grande pressa.

„ Quando os fidalgos que estavão nos navios vierão ao ga-
„ leão do Governador, por se acharem presentes à visita d'el
„ Rei, tendo ouvido geralmente dizer que elle desejava tomar
„ a fortaleza de Dio, & fazer todo o mal que pudesse aos Portu
„ gueses, parecialhes que cumpria prendelo, ou matalo, & que
„ nenhũa occasião avia melhor que telo o Governador em seu
„ poder tam sò como vèo ao galeão. E assi forão de parecer cõ
„ Manoel de Sousa que mandassem perguntar ao Governador
„ por aquelle seu pagem, que ordenava que fizessem. E à saida
„ d'el Rei, tambem poserão os olhos nelle, dandolhe à entender
„ que estavão prestes para o que lhes mandasse. Mas à Nuno
„ da Cunha não pareceo tempo, nem conjunção de executar
„ entam seu proposito, ou porque lhe não parecia honroso fei-
„ to, nem fidalguia, prender hum tam grande Rei, não declara-
„ do por inimigo, vindoo visitar como amigo à seu galeão, &
„ afastado hũa legoa de sua cidade, acompanhado sòmente de
„ nove homẽs, fiandose delle, & dos Portugueses; ou porque
„ lhe parecia, que cousa de tanta importancia, & perigo não se
avia



„ avia de executar sem conselho dos principaes Capitães, assi
„ dos que esperava cada hora, que erão Antonio da Silveira, &
„ Martim Afonso de Sousa, como dos que alli tinha, à que por
„ a subita, & não cuidada vinda d'el Rei, não teve tempo de
„ fallar, porque à ninguem tinha descuberta sua tenção senão
„ à Manoel de Sousa, com o qual ainda não tinha assentado o
„ modo perque avia de prender à el Rei. Ou perque lhe não pa
„ receo seguro prendelo no mar, polo que podia acontecer an-
„ tes que chegasse à cidade, onde el Rei tinha cinquoenta mil
„ homẽs d'armas, & hũa tam grande armada, deixando a execu
„ ção do que determinava para a fortaleza de Dio, onde tinha
„ por certo que el Rei o fosse visitar estando doente, pois à ella
„ ia ver ao Capitão Manoel de Sousa sendo são. Ou tambem se
„ dilatou aquella obra (o que he mais de crer) porque quis Deos
„ que el Rei não fosse preso, como Nuno da Cunha determina
„ va, senão morto, por o que à serviço seu, & à salvação dos Por
„ tugueses compria, que não estava segura com sua prisão.

## CAPITVLO. V.

*Como forão mortos Soltam Badur Rei de Cambaia, & os Senhores que com elle ião, & Manoel de Sousa Capitão de Dio.*

DO galeão de Nuno da Cunha, donde el Rei saia, avia hũa legoa à cidade, & como a fusta d'el Rei ia melhor remada que o catùr de Manoel de Sousa, ja quando elle chegou aonde podia ser conhecido de longe, começou acenar, como que levava algum recado à el Rei. O qual entendendo que Manoel de Sousa ia à elle, mandou entretèr o remo, atè que o podesse ouvir. E elle tomando com a mão hũa ponta de hũa alcatifa, como quem a queria concertar, disse em alta voz à Ioão de Santiago que era o interprete: *Dizei à el Rei, que se queira passar à este meu catùr que vai mais limpo de sangue, & de caminho lhe irei mostrar como tenho apercebido a fortaleza para seu serviço, porque assi me manda o Governador que o faça.* Quando Santiago ouvio estas palavras, não ficou contente, & respondeo: *Não he isso cousa para eu dizer à el Rei*, mostrando indinação por ouvir aquellas palavras, & entendẽdo serẽ peores do q̃ erão.

Ao que el Rei perguntou, que dizia o Capitão? & ſabendo q̃ palavras erão, como couſa de que não fazia muita conta como Ioão de Santiago, nem tinha duvida em ir à fortaleza, diſſe: *Porque não irei lá? Sabeis Senhor por que* (diſſe Santiago) *porque me parece que vos querem prender. Prender?* (diſſe el Rei) *dizeo Capitão que entre cà dentro nesta minha fusta.* Em chegando Manoel de Souſa à fuſta d'el Rei, deu de pancada com ſeu catùr nella, & como eſtava no bordo para ſaltar, forãoſe lhe os pès, & caio ao mar, tras o qual ſe lançou hum pagem ſeu, & tornando à ſurdir acima, o pagem, & Diogo de Meſquita que ia no meſmo catùr, o metterão dentro da fuſta d'el Rei, como elle mandava; & aſsi molhado como eſtava foi levado per ſeus Capitães ante elle. Naquelle inſtante acertou de chegar hũa fuſta em que ia Lopo de Souſa Coutinho, Pedr'Alvarez de Almeida Ouvidor geral, & Antonio Correa, que vendo a caida de Manoel de Souſa, por lhe ſoccorrerem, per cima do ſeu catùr, de que fizerão ponte, paſſarão adiante, & cõ aquella preſſa entrarão na fuſta d'el Rei. O qual quando os alli vio entrar aſsi com impeto (porque ſua conſciencia lhe fazia temer tudo) diſſe aos ſeus Capitães que eſtavão mais junto delle, que levarão Manoel de Souſa, q̃e o mataſſem. Diogo de Meſquita entendendo eſta palavra, por aprender algũa couſa da lingoa no tẽpo que foi cattivo em poder do meſmo Soltã Badur, & vendo que Xabardin Agar,* genro de Coge Sofar, punha o ferro em Manoel de Souſa, com que o matou, [a] arremetteo à el Rei, & tomandoo pelos peitos, lhe deu hũa ferida, à que elle bradou: *Matẽ os, matẽ os.* Por eſtes brados d'el Rei ouve hũ bravo jogo de cutiladas entre os Capitães d'el Rei, & os noſſos, dos quaes o primeiro morto foi o Ouvidor geral Pedr'Alvarez de Almeida, defendendoſe mui esforçadamente em quanto a vida lhe durou, cujo corpo lançarão ao mar com o de Manoel de Souſa. Os outros tres que ficavão, que erão Lopo de Souſa Coutinho, Diogo de Meſquita, & Antonio Correa, ſòmente com as eſpadas andavão entre aquelles Capitães com tanto esforço, quanto era o perigo em que eſtavão poſtos. E poſto que o animo lhes não faltava, tẽdo ja mortos ſette dos Mouros, como elles erão muitos, os lançarão à braços no mar mal feridos, mas pelos noſſos, que em ſuas fuſtas, & catùres chegarão, forão ſalvos.

El Rei neſte tempo aſsi eſtava cortado cõ temor da morte, que

* *Aſetchan lhe chama Diogo do Couto.*

a. *Deſta maneira foi morto Manoel de Souſa, fidalgo de grande valor, & esforço, como moſtrou neſta occaſião, & na paſſada quando foi à caſa de Soltam Badur, eſtando aviſado que o chamava para o matar.*



que como atonito não fazia mais que olhar a peleja. O pagem que lhe trazia o arco, & frechas, que era hum moço de dezoito annos Abexij, de grande animo, quando o vio aſsi paſmado, tirando com o arco tam ameude, que parecia que punha as frechas de duas em duas, matou logo Antonio Cardoſo, & Afonſo Fialho, & ao pagem de Manoel de Souſa, & ferio à Ioão Iuſarte Tição, & à Martim de Caſtro, & outros dez, ou doze, & matara todos, ſe o não acertarão de matar cõ hũa eſpingardada, do qual aſsi avião medo os remeiros dos catùres, em que os fidalgos vinhão, que não ouſavão chegar à fuſta d'el Rei. A maior couſa que elle fez, foi mandar aos ſeus que remaſſem para a cidade.

No meio deſta revolta acertarão de vir tres navios de remo de gente d'armas da que el Rei tinha em Mangalor. E quando virão a requeſta dos noſſos ſobre ſua fuſta, que conhecerão, & ouvião a grita da gente da cidade, que eſtava poſta ſobre os muros, & lugares altos, à grande preſſa remetterão aos noſſos, & como era gente d'armas, & vinha bem apercebida dellas, principalmente de eſpingardas, & frechas, travarão com elles outra nova, & mais perigoſa peleja. Mas Deos ajudou os noſſos de maneira abalroando com elles, que não tiverão eſpaço de armarem os arcos, & cevarem as eſpingardas, & em breve eſpaço matarão hum bom numero de Turcos, & os outros ſe lançarão no mar para eſcaparem: no qual tempo por os noſſos andarem envoltos com elles, ſe alargarão da fuſta d'el Rei. O qual vendoſe deſabafado, apreſſava aos remeiros da fuſta para ſe acolher à cidade, & ſe ſalvar nella. Mas atraveſſouſe diante neſte tempo hum impedimento que o entreteve, que foi hum catùr que vinha da noſſa fortaleza à grande preſſa, como quem acode à arroido, de que era Capitão Baſtião Nunez, à que chamavão Pantafaſul. O qual com hum berço que trazia fez hum tiro à fuſta d'el Rei que ſe ia acolhendo, & levoulhe tres, ou quatro remeiros, cõ que a fuſta ſe eſtorceo, & ficando atraveſſada, & impedida, ſem ir mais por diante, a marè que vazava lançou a fuſta ſobre os noſſos, que ſe ião deſembaraçando dos Mouros à cuſta do ſeu ſangue. El Rei quando ſe vio naquelle eſtado, confiando que à nado ſe poderia melhor ſalvar que na fuſta, porque acodião dos noſſos muitos bateis, & catùres à ella, lançou ſe ao mar, & outros que com elle ião: mas o peſo da agoa que o impe-

o impedia surdir,o detinha, & ja de cansado começou de se nomear,dizendo,*Badur*,*Badur*,parecendolhe q̃ quẽ o ouvisse o salvaria. Tristão de Paiva hum cavalleiro de Santarem,quando o conheceo,fez chegar a sua fusta à elle, & dandolhe hum remo para se pegar,& o recolher,vèo hũ homẽ da mesma fusta,executor da divina justiça,& deulhe com hũa chuça pelo rostro,& sobre este vierão outros que o acabarão de matar, ficando sobre a agoa hũ bom espaço, atè que foi ao fundo, sem mais apparecer elle,nẽ o corpo de Manoel de Sousa, por muita diligencia que Nuno da Cunha sobre isso mandou fazer per toda aquella costa,para dar à cada hum sua devida sepultura,& tambem por memoria d'aquelle feito.

João de Santiago, que foi autor de toda aquella tragedia, tambem nadando foi tèr ao nosso baluarte,que està na bocca da barra,onde bradou que o recolhessem: mas como elle não merecia tornar mais à terra,naquelle mar o matarão. Sòmente dos homẽs de nome que ião com el Rei escapou Coge Sofar,o qual andando tambem nadando foi tèr à hũa fusta em que ião Antonio de Sotomaior,Francisco de Barros de Paiva,& Antonio Mendez de Vasconcellos,& por ser conhecido de Antonio de Sotomaior,lhe deu a mão, & recolheo, ja com hũa cutilada que lhe derão na fusta,com que se elle lançou ao mar. E quanto proveitosa foi sua vida naquelles dias para dar luz à algũas cousas das d'el Rei de Cambaia, tanto trabalho deu despois aos Portugueses,como se ao diãte verà.

Finalmente esta revolta custou as vidas das pessoas notaveis dos nossos que ja dissemos, & assi a de Alvaro Mendez, hum cavalleiro mancebo,que por se mostrar quẽ era entrou em hũa fusta de Mouros,onde cõ outros dous cõpanheiros q̃ o seguião pelejou tã valerosamente, q̃ matou os mais delles, & outros fez saltar ao mar,& foi morto de hũa frechada pelo estomago,& em todos os catûres, & fustas ouve muitos feridos. Dos Mouros segũdo se despois soube morrerão mais de cẽto & quarẽta,dos quaes algũs corpos vierão tèr à praia da costa cõ a marè, mas não de pessoas notaveis. Dos Capitães da fusta d'el Rei q̃ morrerão,q̃ todos erão grandes Senhores, forão os principaes delles Escandarchan natural do Reino de Mandou, Languerchan filho de Maluchan, Xabardin Agar,genro de Coge Sofar,que chamavão por sua valentia Tigre do Mũdo, Minacem Camareiro mòr d'el Rei, Gulpao

Rao



Rao Gentio,irmão de Nina Rao Capitão de Dio, & tio d'el Rei,& outros Senhores de grandes Estados,& rendas.

Este foi o fim d'aquelle Rei tam poderoso em Estado, em terras,em gentes,& em tesouros, com que podia competir com Dario,& com os maiores Principes que ouve naquelle Oriẽte. Mas como a prospera fortuna q̃ em seus negocios tivera o embebedara,& lhe faltou a prudencia para se bem governar nella,vèo à não sofrer a boa, como sofria a mà, quando feito Calandar andava peregrinando pelo Mundo. Era Soltam Badur de sua condição homem fragueiro, & que sofria bem os trabalhos da guerra, para que teve excellentes Capitães,perque viera tèr ainda maiores Estados dos que teve, se seguira,o parecer dos bõos conselheiros; mas os de que se cõtentava erão os que tinhão mais vicios que virtudes,mais jactancia que animo,mais astucia que verdade, & dos em que achava mais lisonjas q̃ desenganos,como forão Rumechan, & Franguechan,que antes se chamava João de Santiago,que o poserão no estado de sua perdição,& este no artigo da morte. Foi Soltam Badur de meãa estatura,& por ser de largos,& grossos membros parecia mais pequeno do que era. Da côr era baço por sua mãi ser Resbuta da nação do Gentio da terra,que geralmente são baços. Tinha o rostro largo, os olhos grandes,& esbugalhados, & sempre inquietos, mas em sua acatadura não era mal assombrado. Foi mui ligeiro em saltar, & correr,& prezavase muito de hũa liviandade, que nem em pessoa particular merecia louvor,que era correr com grande ligeireza per cima das ameas de altos muros,& torres, & cõvidando à isso outros,à que porque o não fazião chamava covardos. Fallava mui bem tres,ou quatro lingoas. De sua condição foi liberalissimo,& que não sabia dar pouco; & assi tinha algũs Capitães,& homẽs nobres estrangeiros em seu serviço,à que deu grandes terras,& Estados:& à outros de mui baxa condição fez muito grandes. Era tam vão, que lhe pesava de gabarem em sua presença à Alexandre Magno. E na verdade os espiritos tinha mui grandiosos, se usara bem delles. Por se mostrar magnanimo,a primeira vez que Nuno da Cunha se vio com elle,querendoo consolar de seu desbarato com os Mogoles,respondeolhe, que a guerra era jogo, que sem cabedal às vezes hum homem per hũa boa sorte ficava rico de Estados,& às vezes perdia os que tinha, & despois os

tornava

tornava à cobrar com dobrado ganho: & dizia, que naquella ſua deſgraça ſò per hũa couſa era triſte, & o ſeria toda ſua vida, que foi perder hum muſico, que era todo ſeu goſto, que ſe não podia cobrar como os Eſtados, q̃ a fortuna trazia em almoeda. E deſpois vindolhe nova que eſte ſeu muſico era vivo, alegrouſe com Nuno da Cunha, dizendo, que folgaſſe com ſeu bem, que era vivo o ſeu muſico. Tudo iſto era por moſtrar que não fazia conta de perder, ou ganhar Reinos. Finalmente peſando bem ſuas obras, nelle avia mais audacia que fortaleza, mais temeridade que audacia, & aſsi ſe mettia muitas vezes nos perigos, ſem cauſa, nem frutto; como foi ir ver à fortaleza de Dio à Manoel de Souſa de noute, & deſacompanhado, onde arriſcou ſua liberdade, & à Nuno da Cunha ao galeão acompanhado ſòmente de nove homẽs, per onde perdeo a vida.

## CAPITVLO VI.

*Do que ſe fez na cidade de Dio com a morte de ſeu Rei, & do que Nuno da Cunha ordenou para conſervar a meſma cidade em paz, & quietação dos moradores della.*

AO Tempo que a peleja que diſſemos foi no mar, toda a gẽte da cidade eſtava poſta nos muros, & lugares altos de que ſe podia ver a noſſa armada, & tambẽ o ſeu Rei. E antes diſſo quando ſouberão q̃ el Rei era ido ao galeão do Governador, & virão a ſua tornada, o fim da peleja, & ouvirão a morte d'el Rei, foi tamanho o terror na gente, que todo ſeu intento era em ſalvar ſuas vidas, ſem o marido tèr conta com a molher, nem as mãis com os filhos, todo o parenteſco, & toda razão ſe eſquecia, ſòmente nos pès tinhão toda a lembrança. Tanta era a preſſa com que fugião, que por não caber o concurſo da gente pelas portas da cidade, muita ſe afogou, principalmẽte a que era fraca, como velhos, meninos, & molheres, com que obrigarão à outros lançarſe per cordas per cima dos muros. E porque o Capitão da cidade mandou logo tomar todas as embarcações para a mãi d'el Rei, & para ſi, & os principaes da cidade fazião outro tãto, hũs caminhavão



vão para certos paſſos que tem a Ilha, perque ſe paſſa à terra firme de marè vazia. Outros ſe lançavão à nado, paſſando para a villa dos Rumes, dos quaes com preſſa algũs ſe afogarão. Tanto poder tem o temor, que tira à eſperança de ſalvação, onde a pode tèr, & vai pelos perigos da morte. Finalmente como na imaginação de todos era cuidar que tanto que vieſſe a manhãa Nuno da Cunha avia de entrar na cidade, & não avia de perdoar à ninguem, & dar ſaco nas fazẽdas, ninguem levava mais peſo, que quanto lhe podia caber na mão. Os preſos forão ſoltos, porque para fugir todos erão deſembaraçados: mas a gente d'armas, como era mas odioſa aos Portugueſes, receando que por eſte odio avião de fazerlhe mais cruezas, paſarãoſe â terra firme, fugindo para os lugares mais longe da cidade. Nuno da Cunha, porque entendeo quanto deſmancho ſe avia de fazer na cidade com a morte d'el Rei, per meio de Coge Sofar, q̃ elle recebeo com muitas palavras de eſperança de lhe fazer bẽ, mandou lançar pregão per todas as naos, que eſtavão no porto, que ſerião cinquoenta vellas, que elle ſegurava à todos, & não lhe ſeria feito aggravo, antes averião bom deſpacho, & lhe darião ſeus cartazes quando ſe foſſem, ſendo certos que partindoſe ſem licença os mandaria tomar por cattivos, & perderião ſuas fazendas.

Quando vèo pela manhãa, per meio do meſmo Coge Sofar, mandou lançar outros pregões na cidade, que cada hum eſtiveſſe em ſua caſa, & ſe não foſſe, nem temeſſe. E ſe algũs moradores naturaes da terra, ou mercadores, que alli erão vindos por razão de fazer ſeus cõmercios, aquella noute erão idos para a terra firme, podião tornar à ſuas caſas, & pôr cobro ſobre ſua fazenda: porque por ſerviço d'el Rei Dom Ioão ſeu Senhor, & em ſeu nome elle os avia à todos por ſeguros; mas à gente d'armas, cujo officio era viver da guerra, elle os amoeſtava que dentro de dous dias ſe faiſſem da cidade, & que ſendo deſpois achados, a pena ſeria perderem as vidas. Outros pregões mandou tambem lançar, que nenhum Portugues, de qualquer qualidade, & condição que foſſe, ou peſſoa que venceſſe ſoldo d'el Rei de Portugal, entraſſe na cidade, nem fizeſſe mal, & dãno aos moradores della, nem lhe foſſe tomado o ſeu, per qualquer via que foſſe, ſob pena de morte. Com eſtes pregões ficou tudo tam aſſeſſegado, que d'ahi à tres, ou quatro dias a mais da gente ſe tornou à ſuas caſas. E

poſto

posto que algũs acharão muitas cousas menos,& assi do que lhe caia pelas ruas com pressa da fugida,forão furtos dos proprios seus,sòmente hum bombardeiro dos nossos Framengo, por tomar hum pedaço d'ouro per força à hum Guzarate, o mãdou Nuno da Cunha enforcar,& tornar o ouro à seu dono.O que fez assessegar a gente,vendo o castigo que elle mãdava dar à aquelles que offendião aos naturaes da terra. Isto foi muito louvado dos Mouros,& Gentio da cidade, & d'ahi notarão que a morte de Soltam Badur mais fora culpa sua, que cobiça nossa,pois tanta justiça,& moderação se teve em hũa cidade orfãa de seu Rei,& chea de todo o tesouro q̃ avia em Cambaia.Porq̃ por razão da guerra dos Mogoles,& de se el Rei alli recolher, & os Capitães que andavão com elle, tinhão recolhido no mesmo lugar o melhor de sua fazenda. E para Nuno da Cunha mostrar a pouca cobiça que avia nelle para tomar a fazenda d'el Rei,& que sua morte não foi industriada à esse fim,sòmente causada por sua pouca prudencia,logo ao dia seguinte saio em terra em tres catùres,se m estrondo de gente d'armas,mandando ficar toda nas naos, por não assombrar a gente da cidade, & foise metter na fortaleza,onde averia mil & dozentos homẽs, que erão da guarda della,à cuja porta,& à da cidade mandou pôr guarda por ninguem entrar,& sair,& não aver algũa cousa de escandalo.

## CAPITVLO. VII.

*Do razoamento que Nuno da Cunha fez aos Capitães,& pessoas principaes da armada,& do comprimento que teve com a Rainha mãi d'el Rei Badur: & como mandou pòr cobro na fazenda d'el Rei, & do que se lhe achou per sua morte em seu tesouro,& almazẽs.*

AQVELLA manhãa que o Governador Nuno da Cunha se metteo na fortaleza, despois de ouvir Missa, mandou chamar todos os Capitães, & principaes pessoas da armada, à que propos estas palavras.

*Querervos Senhores repetir o que he feito sobre esta cidade de Dio, que ora tèmos em nosso poder pola morte de seu Rei, não servirà de mais*



*mais, que para vos trazer à memoria vossos trabalhos, pois quantos aqui estaes presentes, per elles, & per o suor de vosso rostro, atè derramar vosso sangue o tendes em lembrança, que à todos deve ser doce, & deleitosa, pois tudo o que fizestes foi per honra, & gloria de Deos, acrescentamento do Estado de nosso Rei, & louvor do nome Portugues. Porque se vemos tanto numero de escrittores porem tanto estudo, & trabalho em escrever a expedição de Alexandre, que partindo de Grecia, vezinha à esta Asia, com tam alto estilo celebrarão a guerra que teve com Dario Rei de Persia, & com Poro Rei de hũa parte do Delij,& encarecem tanto a navegação de seu Capitão Nearcho * por ir pelo rio Indo abaxo, atè as suas fozes, que aqui temos por vezinhas, & passar pelo nosso Estreito de Ormuz, & entrar pelas boccas dos rios Tigris, & Euphrates, atè Babylonia, cujas historias nos deleitão: que poderão escrever de nos, que vindo de tam remotas regiões, per mares nunca vistos, nem navegados, nos fizemos Senhores desses mesmos mares, & da navegação, conquista, & cõmercio delles, & contendemos per mar, & per terra, com tantos Reis, & Principes, de que ouvemos tam assinaladas vittorias, & entre elles com Soltam Badur, mais poderoso em gente, & em armas, & artelharia, & elefantes, & mais rico em ouro, prata, & pedraria, & todas as delicias Orientaes, do que erão Dario, & Poro? Certo que se os escritores disserem verdade, contarão, que não sendo nos Gregos vezinhos da Asia, mas Portugueses, mais remotos de todas as gentes, vindos do ultimo do Mũdo, donde o Mar, & a Terra, & o Ar fazem sua demarcação, não peregrinando per terra, como os Gregos, gozando dos refrescos, & delicias della, repousando em partes, onde os homẽs tem paciencia para sofrer o frio, & a calma, & alterações dos tempos, mas que navegamos per mares de climas differentes, atravessando toda a grandeza do mar Oceano, comendo o duro, & podre biscouto, & salgada carne, bebendo agoa corrupta, & mal cheirosa, com mais frio, & ardor do Sol do que a natureza dos homẽs pode sofrer: & para alivio destas cousas, padecendo assombramentos de tempestades, que não obedecem aos homẽs, nem temem suas armas, & ardijs, nem algum artificio humano, à que se não pode fugir, nem buscar acolheita. Chegados à este Oriente, achamos os inimigos mui mais contrarios, & infestos do que os acharão os Gregos, que adorando Iupiter, Apollo, ou Bacho, achavão os inimigos que adoravão os mesmos, & assi erão todos confrades de hũa seita. E confessando nos hum Criador do Ceo, & da terra, achamos Gentios remotos do conhecimento deste mesmo Deos, em todas suas opiniões contrarios, & nas vontades*

* *Esta navegação escreve Arriano no livro.8.*

*muito mais. Achamos Mouros professores da torpe, & abominavel seita de Mafamede, cujo preceito he perseguir com armas os servos de Christo, & morrer por os extinguir. Achamos Iudeus que blasfemão seu santo nome, per cuja Fè nos offerecemos à padecer martyrio. Pois se sòmente a esperança que pomos na misericordia de Deos nos salva de tantos perigos, & nos fez poderosos para amansar tam soberbo inimigo como era Soltam Badur Rei de tantos Reinos, mais poderoso, mais cavalleiro, & mais rico, que todos os Reis do Oriente, devemos dar muitas graças à Deos vermos sua morte per permissão divina, mais ordenada por ella, que procurada per nos, com que ficamos vencedores de sua fortuna, que foi a maior que se vio em Principe algum, em tam breve tempo. Porque sendo hum filho menor, desprezado de seu pai, & por isso desterrado, & feito Calandar, lhe matou Deos à seu pai, & elle à seus irmãos maiores, & herdeiros da casa Real, perque em mais breve tempo que elle desejou vèo ser herdeiro do Reino de seu pai, & de seus grandes tesouros, juntos per tantos Reis passados. E não contente com tam opulento Reino, como he o de Guzarate, conquistou, & ganhou os grandes Reinos do Mandou, & de Chitor. E se tivera governo em sua pessoa, como tinha bõos Governadores, & Capitães, vencera à Omaum Patxiah Rei do Delij, & dos Mogoles, que era hum grande Emperador. Mas como a justiça de Deos muitas vezes per algum tempo dissimula com as culpas dos maos, & os deixa gloriar dos triumphos de seus desejos, para os castigar no maior prazer delles, & sentirem mais o castigo. Assi este Rei tam glorioso de suas vittorias, no primeiro encontro com Omaum Patxiah tam quebrantado ficou de sua soberba, que vèo buscar nosso amparo, & fazendolhe nos tanto beneficio, por sua inquieta natureza, & inconstancia, ordio hũa tea, & armou laços em que elle em fim vèo à cair, perque ficamos Senhores desta cidade requestada de tantos annos. Da qual se sua morte não fora, não sòmente foramos lançados, mas de toda a India, por estar concertado com os mais dos Potentados della, onde tinhamos nossas fortalezas, que contra nos, por seu respeito, estavão conjurados. Polo que à Deos mais que à nossa industria devemos o inteiro dominio que agora temos nesta cidade tam desejada d'el Rei Nosso Senhor. E os que nisto fomos o instrumento perque Deos nos fez entrega della, devemos esperar de S. A. aquella merce que de sua grãdeza se espera, & elle costuma fazer. Quis Senhores propor vos estas cousas para dellas tirarmos hum novo conselho,*



*conselho sobre o que devemos fazer desta cidade, que nos Nosso Senhor tem dado. Porque não merece menos qnem bem, & fielmente acõselha, que quem animosamente peleja.*

Acabãdo Nuno da Cunha de fazer esta prattica à seus Capitães, entrou em outra acerca do governo da cidade, & cousas q̃ convinha serem logo providas. E sobre diversos pareceres vierão os mais dos Capitães à concordar cõ o de Nuno da Cunha. A cousa em q̃ primeiro entẽdeo, foi entregar a Capitania d'aquella fortaleza à Antonio da Silveira de Meneses, não tanto por ser seu cunhado, como por cõmum voto de todos, por as qualidades de sua pessoa, de cuja eleição se despois não acharão enganados, como adiante veremos. Apôs o Capitão, nomeou logo por Alcaide môr da fortaleza à hum fidalgo avido por mui bom cavalleiro, per nome Paio Rodriguez de Araujo, por Iuiz da balança à Manoel de Vasconcellos, que era o officio mais proveitoso, & honrado da cidade, à Francisco Enriquez de Aguiar Tesoureiro, à Iorge Barbosa Escrivão. E para despacho das naos q̃ alli estavão cõ mercadorias, fez Gaspar Paez Iuiz da alfandega da cidade, & na da villa dos Rumes, pôs Gaspar Preto para recadação dos dereitos dos mantimentos, fez Iuiz, & Tesoureiro Diogo Rodriguez de Azevedo, & Escrivão Rui Lopez; & das cousas que vinhão da terra firme, pôs por Iuiz, & Tesoureiro Francisco Pacheco, & Escrivão Andre Villella.

Ordenados os officios, quis logo fazer cõprimento com a Rainha mãi d'el Rei, q̃ estava em Novanaguer, & cõ o Rao Capitão de Dio q̃ estava cõ ella; & mandou a visitar, disculpãdose da morte de seu filho, q̃ fora mais culpa delle mesmo, & accidẽte, por causa da morte de Manoel de Sousa, q̃ industriada per elle Governador. Porq̃ se elle tivera tẽção de o matar, na camara do seu galeão o tinha mais â sua vontade, pedindo lhe que se não movesse donde estava, em quãto o Reino não tomava algum assento. E que querendose ella vir para à cidade à sua casa, elle a teria em sua guarda, com aquella lealdade, & respeito, como à hũa Princesa mui conjunta per parentesco d'el Rei Dom Ioão seu Senhor. A Rainha não quis ouvir o recado, do que o Rao a mandou desculpar, que com o grande nojo que tinha o não ouvira.

Passado aquelle dia, tendo ja Nuno da Cunha mandado lançar cadeados, & sellos nas casas d'el Rei, & assi nas casas da

Rainha, alem dos que ja tinha, ao outro dia seguinte mandou Antonio da Silveira, Fernão de Sousa de Tavora, o Secretario Ioão da Costa, & Estevão Toscano Feitor da armada com seus escrivães fazer inventario de toda a fazenda que estava nas casas d'el Rei, & da Rainha, a qual toda se entregou ao Feitor Antonio da Veiga. O que se em casa d'el Rei, & da Rainha achou, em moeda d'ouro, & prata, & algum metal por lavrar, dizem que serião dozentos mil pardaos, afora algũas joias, & pannos de brocado, & seda. Mas os que sabião os grandes tesouros d'ouro, prata, & pedraria, baixellas, arreos de cavallos d'ouro, & pedraria, & outras riquezas que ficarão de seu pai na Serra de Champanel, afora o que o mesmo Badur acquirio nas conquistas dos Reinos de Mandou, & Chitor, & de outras partes, espantavãose do pouco que se lhe achou. E como os homẽs naturalmente são pronos ao mal, & como dizem dos maos vezinhos, sabião o que entrou em poder d'el Rei Badur, & não inquirirão o que saio, attribuião ser muita parte de seu dinheiro, & moveis roubada pelos ministros que lhe fizerão o inventario, & tomarão entrega do que se achou, até não perdoarem à pessoa de Nuno da Cunha. Porem os que virão seu testamento, & sua fazenda despois de sua morte, & o pouco que em seus herdeiros se enxergava, & outros muitos sinaes de sua limpeza, tinhão aquillo por calumnia. Mas a verdade era que não foi achado mais, porque el Rei vèo aforrado à Dio, & muita parte do que tinha deixou em Mangalor. E per algũas addições dos livros de sua despesa se soube per informação de seus officiaes, que nas guerras que fez no Decan, & quando foi ao Reino de Mandou gastou cinco contos d'ouro. Os Mogoles lhe tomarão no arraial que desamparou tres contos & meio d'ouro, afora muita pedraria, & toda sua recamara de joias, & movel de grande preço. Seu tio Nina Rao quando lhe foi fazer gente em Chitor contra os Mogoles, lhe gastou hum conto & meio d'ouro. Outro Capitão perque mandou fazer gente aos Resbutos, lhe despendeo hum conto d'ouro. Para lhe trazer gente de guerra, mandou per Safchan ao Cairo tres contos d'ouro, & segundo outros quatro & meio, afora joias d'ouro, & pedraria, q̃ valião seiscentos mil cruzados em presente ao Turco. Fugindo de Chãpanel no caminho



caminho, alem de muitas joias, perdeo hum conto & meio. A mãi quando se foi de Dio para Novanaguer, levou (segundo se dezia) dous contos d'ouro, afora muitas joias. Destas poucas addições, que montão dezanove contos d'ouro, se pode collegir, o que gastaria em outras guerras, & em dadivas excessivas, & merces que cada dia fazia, que era cousa inestimavel.[a]

Mas o que per morte d'el Rei Badur se achou em seus almazẽs de polvora, materiaes para fazer outra, muitos artifícios de fogo, espingardas, arcos, & frechas sem conto, & todas outras munições, grande numero de sellas, & ricas cubertas de cavallos, & armas de todo genero, & tantos mantimentos de toda sorte, foi cousa maravilhosa, & que em vinte annos parecia se não poderião gastar. A armada que se achou era de cento & sesenta vellas, em que avia muitas, & fermosas galès, galeões, & naos de carga, & fustas todas mui bem aparelhadas.[b] A artelharia, assi dos navios, como dos almazẽs, era de grande numero de peças de metal mui grandes, em que avia tres basiliscos de admiravel grandeza, dos quaes hum que fora do Soltam de Babylonia, que Rumechan trouxe quando vèo à Dio, por ser peça notavel, Nuno da Cunha mandou à el Rei à Portugal,[c] & as peças de ferro erão sem numero, & dellas mui fermosas, & grandes.

a. *Pelo que se refirio do tesouro de Soltam Badur na nota do cap. 8. do liv. 6. & do presente que elle mãdou ao Turco per Safchan, como se escreveo na nota do cap. 11. do mesmo livro, se poderà colligir a grandeza dos tesouros deste Rei.*

b *Erão dezoito galès, & galeottas, trinta fustas, & catùres, tres galeões, quatro naos de carga, & quatro taforeas.*
*Francisco de Andrade cap. 42. da 3. parte.*

c. *He o que oje està no castello de Lisboa, à que chamão Tiro de Dio.*

## CAPITVLO. VIII.

*Da justificação que Nuno da Cunha mostrou aos Mouros, & Gentios acerca da morte do Soltam Badur.*

AO Tempo que se fez inventario da fazenda d'el Rei Badur, entre papeis, & cartas que se acharão em sua casa, & em casa de Abdelcader seu Tesoureiro mòr, se acharão algũas cartas, em que o Safchan, que era irmão do Tesoureiro, escrevia à Soltam Badur o que là em Meca onde estava negociava, sobre os Turcos que mandava buscar para a guerra contra Portugueses. E outras que erão resposta das q̃ o mesmo Soltam escrevia aos Reis de Adem, & de Xael em dãno dos Portugueses, & o que ordenava sobre isso. As quaes

cartas,& hũa inquirição que Nuno da Cunha mandou tirar, per Iacome Pirez Ouvidor de Baçaim, teſtemunhada per Mouros,& Chriſtãos,jurando cada hum ſobre ſua lei,lhe derão motivo para por abono,& honra ſua,& lealdade dos Portugueſes,mandar chamar Coge Sofar,de que naquelle tempo uſou, como de hum inſtrumento neceſſario para aſſentar as couſas d'aquella cidade,por a muita autoridade que tinha entre Mouros,& Gentios.E per ſeu meio ſe ajuntarão os principaes mercadores, Cacizes da cidade, à que o povo dà grande credito por lhe adminiſtrar os preceitos, & ritos de ſua ſeita.

A eſtes todos fez Nuno da Cunha hum razoamento, dizendo: Que elle mandava logo deſpachar toda a mercadoria que eſtava na alfandega, aſsi dos naturaes, como eſtrangeiros,para ſe irem em boa hora com ſeus retornos, com todo favor,& juſtiça,ſem lhe ſer feito aggravo algum. E que a cauſa porque mandara lançar pregões, que ninguem ſe foſſe ſem ſeu mandado, fora por não levarem as orelhas, & os olhos cheos de eſcandalo,do que era paſſado naquelle deſaſtre da morte de Soltam Badur, nem irem denunciando mal dos Portugueſes injuſtamente. E que como elle era Governador d'aquellas partes da India,por o mais Chriſtão, & virtuoſo Principe da Chriſtandade, & que nenhũa couſa mais encomendava em ſeus regimentos aos Governadores, que verdade, & fè no promettido, & lealdade na cõmunicação que tiveſſem com todo genero de homẽs, do mais pequeno mercador,atè o mais alto Principe da India,elle ſe queria juſtificar de ſuas obras,& que tinha comprido com o que lhe el Rei ſeu Senhor mandava,principalmente nas couſas que tocavão à Soltam Badur. Sobre o qual S. A. particularmente eſcrevia,mandandolhe que trabalhaſſe per todo modo,& arte de aſſentar paz com elle,& nunca dar cauſa de ſe quebrar. E que quando elle foſſe tam duro,& mal attentado, que não quiſeſſe tèr eſta paz, & aceitaſſe antes a dos Turcos, & Rumes ſeus inimigos,& competidores nas couſas da India, em tal caſo lhe fizeſſe guerra à fogo,& à ſangue. Porque iſto era o que convinha ao Rei que tiveſſe alma, & honra, & nunca cõmetteſſe couſa contra alguem per modo de traiçaõ; & aos ſeus amigos, & aliados ajudaſſe quando de ſuas armadas, & gente tiveſſem neceſsidade. As quaes couſas deſpois que elle entrara



entrara na India no anno de M.D.XXIX. atè o preſente de M.D.XXXVII. tinha uſado com Soltam Badur. Primeiramente fazendo muitos comprimentos para trattar com elle paz,ſem o poder chegar à concluſão della. Do que ſe cauſou fazer per muitos annos guerra publica,& deſcuberta, como lhe el Rei ſeu Senhor mandara, ſem nunca per modo algum lhe armar traição, ou enganno, atè que ſuas fortunas o tratarão de maneira com traição de hum Turco de que elle confiava,que foi Rumechan(como à todos era notorio) que vèo el Rei Badur à dar Baçaim, & aquella fortaleza de Dio em que eſtavão: a qual o meſmo Badur tomou por abrigo, & amparo de ſeus trabalhos.E que todos ſabião, que ſe el Rei Badur não confiara ſua peſſoa d'aquella fortaleza, & dos que nella eſtavão,elle ſe ſaira fora de ſeu Reino para Meca. E não ſòmente com ella ficou ſeguro de não perder a poſſe de ſeu Reino: mas ainda por eſta paz concorrerão à aquella cidade de Dio tantas naos, & mercadorias, que ſe tornou à reſtaurar todo o Reino de Guzarate, com os rendimentos das entradas, & ſaidas dellas, de quam perdido, & deſtroido eſtava das guerras dos Mogoles. E com todos eſtes beneficios,& proveitos tam manifeſtos que Soltam Badur via,como homem inimigo de ſeus proprios naturaes, & por ſeu pouco diſcurſo, movido de ſeus impetos, & não per conſelho de homẽs nobres, & que amaſſem ſeu Eſtado,mas per gente baxa,& vil, ſempre com elle Nuno da Cunha andou em manhas,& cautelas,deſejando quebrar à paz que cõ elle tinha aſſentada. E (o que peor era) movendo à todos os Principes dõ Decan,& à el Rei de Calecut,& aos Reis da coſta da Arabia,q̃ cada hum no q̃ pudeſſe ſe levantaſſe contra os Portugueſes,porq̃ elle ordenava de os lançar fora da India. E por não parecer à elle Coge Sofar,& aos mais q̃ eſtavão preſentes,que iſto era aſſacado,lhe moſtrava alli aquellas cartas, cujos ſinaes conhecião,que ſe acharão entre os papeis de Soltam Badur, & de Abdelcader, & aſsi naquella inquirição q̃ mandara tirar,do q̃ Soltam Badur tinha ordenado.E q̃ ſòmẽte à fim de prender, ou matar à elle Nuno da Cunha, & à quantos Capitães podeſſe em hum banquette que lhe avia de dar, o mandara chamar à Cochij. E ſabendo elle muita parte deſtas couſas,quando foi ao galeão viſitalo, onde pudera fazer ao Soltam, & aos Capitães que conſigo levava,

o que elle eſperava de lhe fazer, tudo ſofrera por comprir cõ os mandados d'el Rei ſeu Senhor, que era não fazer contra elle couſa algũa per engano,ou mà fé. Mas parece que permitio Deos de matar elle à Manoel de Souſa da maneira que elle Coge Sofar vira,para que ſe armaſſe o arruido em que foi morto,para ſe comprir a juſtiça de Deos. E porque elle queria dar boa conta de ſi à el Rei Dom Ioão ſeu Senhor, & aſsi denunciar à todos os Principes Mouros,& Gentios d'aquellas partes Orientaes,com que os Portugueſes tinhão cõmunicação, que a morte de Soltam Badur foi mais accidente de culpa ſua,& juizo de Deos,que induſtria delle Nuno da Cunha,pois ſem morte de Capitães o pudera elle prender no ſeu galeão, elle os mandara chamar como à teſtemunhas de viſta,para lhes moſtrar aquellas cartas, & a inquirição, que per mãos de Mouros,& Chriſtãos tam honrados eſtava aſsinada,& jurada, para que do que el Rei ordenava fazer lhe deſſem inſtrumento: & como deſpois de elle vir do ſeu galeão aonde o foi ver,tornando para a cidade,mandãdolhe elle Nuno da Cunha recado per Manoel de Souſa Capitão da fortaleza,elle o mandara matar ante ſi,ſem tèr cauſa para iſſo, antes muita para lhe fazer muitas merces,por a verdade, & lealdade que lhe Manoel de Souſa tinha guardado, por as vezes q̃ Soltã Badur o foi ver à fortaleza,& encoſtado na ſua cama, lhe dizer: *Capitão agora tẽes el Rei em teu poder, faze o que quiſeres.* Da morte do qual Manoel de Souſa ſe levantou o arroido entre quatro fidalgos que com elle ião,& os Capitães delle Badur,no qual elle ſe metteo, & foi ferido, & per ſi meſmo ſe lançou no mar,onde ſe afogou. As quaes certidões que pedia per muitas vias aſsinadas per elles, & pelos Cacizes, avia de mandar à Portugal,& aos Principes Mouros,& Gentios, para ſer à todos notorio, que os Portugueſes ainda que fazião crua guerra à ſeus inimigos, não erão cõmettedores de traição: mas mui leaes em ſeus feitos,& eſta fama tinhão em toda a Chriſtandade, onde erão conhecidos. E que com eſtas certidões, queria mandar pelas meſmas naos eſtrangeiras q̃ hi eſtavão, denunciar à todos os que com ſuas mercadorias quiſeſſem vir à aquella cidade de Dio,que o podião fazer,on de lhe ſeria guardada ſua juſtiça tam inteiramente como em vida de Soltam Badur. E que os que vieſſem dereitos para aquella cidade,poſto q̃ não trouxeſſem cartazes, não lhe ſeria feito



feito dãno algum per as armadas dos Portugueſes. Porem que quando tornaſſem os levarião, para ſaber como vinhão alli como mercadores, & não como gẽte d'armas,de que os Turcos uſavão por cautela ſua.

Deſta maneira juſtificou Nuno da Cunha entre aquelles Mouros a cauſa da morte d'el Rei Badur ſer por ſua culpa, & não ordenada per elle. E nas lingoas Arabica,& Perſiana ouve muitas cartas,como teſtemunhaveis, ſegundo as elle pedio aſsinadas per Coge Sofar,& per os principaes mercadores,& pelos Cacizes,das quaes hũa mandou aos Principes do Decan,à el Rei de Narſinga,& ao de Ormuz,& outras à coſta de Arabia,atè à el Rei de Adem. E alem deſta juſtificação que Nuno da Cunha quis moſtrar de ſua peſſoa,& da verdade dos Portugueſes, acerca da morte d'el Rei de Cambaia, tambem o fez por quebrar o animo d'aquelles que com Soltam Badur eſtavão confederados em dãno dos Portugueſes, principalmente por desfazer algum fundamento, que as galès de Suez terião no favor de Badur,& ſe ver como aquelles que armando laços de morte aos Portugueſes, vinhão à cair nelles, por juizo de Deos, com mais favor ſeu do que eſperavão.

## CAPITVLO IX.

*Do mais que ordenou Nuno da Cunha para bom governo, & quietação do povo, & como mandou à Portugal a nova da morte de Soltam Badur, & da vinda de Mir Mahamed Zaman ao Reino de Cambaia.*

IM Quanto Nuno da Cunha ordenava as couſas do aſſento,& governo da cidade, & dava ordem para deſpacho dos negocios correntes, tambem entendia em outros à que convinha logo acodir,por acquietar,& alegrar os animos dos Guzarates da terra. E o principal que fez,foi mandar que todas as couſas ordenadas per Soltam Badur na cidade correſſem como d'antes, como foi acudir cõ mantimento às peſſoas à que o el Rei dava, & que ſe alumiaſſem as alampadas das Meſquitas,provèr de eſmola aos pobres,como el Rei fazia,

zia,& pela ordem que elle ordenara, & q̃ tudo ſe pagaſſe das rendas da cidade,por quanto elle avia por ſerviço d'el Rei de Portugal,& conſervação d'aquella cidade não ſe mudar couſa algũa das q̃ ſe fazião antes da morte de ſeu Rei,& tinha muito tento em não eſcandalizar os animos dos Mouros. E entre outros que ante Nuno da Cunha vierão à requerer confirmação das tenças, ou mantenças que Soltam Badur lhes dava, foi hũ homẽ monſtruoſo de idade de trezentos & trinta annos, ſegundo affirmavão todos os principaes da cidade,& o meſmo Badur q̃ como couſa rara o fez vir ante ſi,& moſtrara à Nuno da Cunha quando o foi ver à Dio. Lembravaſſe eſte homẽ ſer toda Cambaia de Gentios, & não aver povoação em Dio. Aprova q̃ avia de elle ſer de tãta idade era dizerẽ homẽs muito velhos moradores de Dio,q̃ ouvirão à ſeus pais, q̃ ouvirão à ſeus avòs, q̃ ja em ſeu tempo eſte homẽ era avido por muito velho,& não ſabẽdo lèr,nẽ eſcrever,contava couſas mui antiguas de Dio q̃ avia eſcrittas,dizẽdo aver ſido preſente à ellas,& aſsi as relatava como teſtemunha de viſta, & não como quẽ as ouvira. Tinha hũ filho de noventa annos, & outro de doze. Dizia q̃ quatro,ou cinco vezes lhe cairão os dentes,& lhe tornarão à naſcer,& outras tantas vezes lhe cairão as cãas,& lhe naſcerão cabellos pretos de novo. Em ſeu aſpecto parecia homẽ de ſetenta annos. Era de pequenna eſtatura,magro,& de pouca barba, de nação Bengalla, & homem ſimplez naturalmente,à que os longos annos não fizerão ſabedor. De Gentio q̃ era,ſe fizera Mouro avia pouco tẽpo. O Governador lhe mandou ver o pulſo per hũ Medico,q̃ lho achou mui esforçado, & lhe confirmou a tença que o Soltam lhe dava.[a] Deſta maneira compria o Governador com as obrigações d'el Rei Badur. E quanto à juſtiça, & demandas que os Mouros tinhão entre ſi,mandou q̃ elles meſmos elegeſſem juizes,ſegũdo ſeu coſtume,mas q̃ não julgaſſem à morte peſſoa algũa,ſem darẽ razão do delicto à elle Nuno da Cunha. E para iſto melhor ſer,mandou q̃ os juizes foſſem cõſultar ſobre eſtes taes caſos cõ a Rainha mãi de Soltã Badur,& cõ o Rao Capitão de Dio,q̃ eſtava em Novanaguer. Mas a Rainha eſtava tal,que nunca acudio aos comprimentos de Nuno da Cunha;antes entendendo que elle eſtaria eſcandalizado della,por não reſponder à ſeus recados,& offerecimẽtos,temeo ſua indinação,& q̃ foſſe à ella, & lhe tomaſſe o que

a. *Era vivo eſte homem no anno de M.D.XLVII.porque deſpois do ſegũdo cerco de Dio,em tẽpo do Viſorrei Dom Ioão de Caſtro,o virão naquella Ilha,& não ſe ſoube de ſua morte. Diogo do Couto cap.12.liv.1.Decada.5.*



o que levou quando ſe ſaio de Dio. Pelo que ſe foi de Novanaguer para hũa fortaleza chamada Talajâ,do que ſe ella deſpois arrependeo,como ſe ao diante dirà.

Neſte meſmo tempo ſoube Nuno da Cunha que as vinte fuſtas que achou em Baçaim,quando elle per hi paſſou,que o Capitão dellas era criado de Coge Sofar,pelo que fez com o meſmo Sofar que lhe eſcreveſſe hũa carta que entregaſſe as fuſtas à Gonçalo Fernãdez,& Nuno da Cunha lhe eſcreveo outra. Mas o Mouro que naquelle tempo eſtava em Surat,como ſagaz que era, beijou as cartas, dizendo, que obedecia à ellas,& que o notificaria à gente. Porem com a nova da morte d'el Rei Badur,que entam ſouberão,ſe alvoroçarão de maneira que lhe não quiſerão obedecer. E quando Gonçalo Fernandez ſe vio ſalvo do alvoroço, & no ſeu catûr em que ia, ouve que eſcapara de hum grande perigo,& tornou dar reca do à Nuno da Cunha do que achara. O qual mandou là Thome Gonçalvez da Frotta,com tres catùres, & dinheiro para tomar gente que remaſſe as fuſtas: mas os Mouros as tinhão ja mettidas tanto pelo rio adentro,& a terra eſtava tam levantada com a morte d'el Rei Badur,que não ouſou metter o negocio à força por não levar poder para iſſo, & tornouſe para Dio. Nuno da Cunha não quis perfiar,eſperando que paſſaſſe aquelle impeto do nojo da morte d'el Rei, & de as aver deſpois à mão à pouco cuſto,como ouve. E mandou per terra à eſte Reino hum Iudeu per nome Iſac do Cairo, com nova à el Rei da morte de Soltam Badur, ao qual el Rei deu de alviceras hũa groſſa tença em ſua vida.

Antes que eſta nova da morte d'el Rei Badur foſſe tèr ao Reino de Mandou à Mirhan Mahamed Xiah, ſeu ſobrinho filho de ſua irmãa, era partido de là para Dio Mir Mahamed Zaman, cunhado de Omaum Patxiah Rei dos Mogoles, o qual trazia cartas deſte Mahamed Xiah de rogo para el Rei Badur ſeu tio, em que lhe encomendava eſte Zaman que o favoreceſſe,& ſoſtentaſſe com a honra com que o ſoia trattar. Porque poſto que elle o tinha ſervido bem, & lealmente contra Omaum Patxiah ſeu cunhado, deſpois que Badur foi por elle desbaratado, & que a principal cauſa da guerra, que entre elle,& Omaum ſe fez,fora o meſmo Zaman, tinhalhe Badur tamanho aborrecimento,que o não podia ver. E ſentindo Zaman eſte deſgoſto em Soltam Badur,foiſe à Mãdou, onde

onde andava ſeu ſobrinho Mirhan Mahamed,parecendolhe que com os ſerviços que lhe là fizeſſe,tornaria reſtituirſe em ſua graça. E achando elle no caminho nova da morte d'el Rei, & que ſua mãi, & o Capitão Nina Rao erão ſaidos de Novanaguer para a fortaleza de Talajà,fez para là ſeu caminho.E como elle levava dous mil homẽs de cavallo que o ſeguião naquella guerra,como à hum principal Capitão,& cavalleiro de ſua peſſoa;o Rao que eſtava com a Rainha o não quis recolher dentro, & vèo lhe fallar fora da fortaleza. Elle diſſe ao Rao a cauſa de ſua vinda,& que ſabẽdo no caminho a nova da deſaſtrada morte d'el Rei,que para elle fora a mais triſte que na vida ſe lhe pudera dar, ſe vinha appreſentar à Rainha para ſaber della que mandava que elle fizeſſe;porque ſua vontade era offerecer a vida em vingança da morte d'el Rei ſeu Senhor,por tal traição.O Rao lhe agradeceo os offerecimentos,& lhe diſſe daria diſſo conta à Rainha ſua Senhora.E deixandoo no campo,lhe tornou dar as graças da parte da Rainha do que dizia,mas que ella ao preſente não entendia em mais que em lagrimas por ſeu filho, que elle ſe podia tornar em boa hora para Mandou donde viera.

## CAPITVLO. X.

*Como Mir Mahamed Zaman foi nomeado por Rei do Guzarate cõ favor de Nuno da Cunha.*

ENDINADO Zaman por a ſequidão com que a Rainha o tratou, & lhe reſpondeo à ſeus efferecimentos,não lhe querendo dar entrada para lhe fallar, nem a ver, deſconfiando delle, começou à imaginar como della tomaria vingança.Polo que fingindo que ſe tornava para o Mandou, ſe foi lançar em hum paſſo,per onde ſoube que a Rainha avia de paſſar para outro lugar maior,não ſe tendo por ſegura naquelle em que eſtava, no qual paſſo Zaman a esbulhou de quanto ella ſalvou quando ſe foi de Dio, que dizem ſeria em dinheiro,& ouro por lavrar,afora joias, dous contos d'ouro, deixandolhe ſòmente o movel, por ſe não embaraçar com elle. A mais da gente que ia em companhia da Rainha erão Perſas,Arabios Abexijs,& outras nações, que ſeguem mais o ſoldo



o ſoldo que lhes dão,que o Senhor à quem ſervem. Zaman conhecendo a natureza d'aquella gente, denunciou ſoldo dobrado,com que todos o ſeguirão, que fazião numero de cinco mil homẽs,os quaes movidos da utilidade preſente, & da que eſperavão,intitularão logo à Zaman por Rei do Guzarate.Com aquelle nome ſe vèo metter em Novanaguer:& por lhe parecer que proceder em tamanha empreſa, não poderia ſer ſem favor dos Portugueſes, & que delles ſe podia muito aproveitar, mandou hum meſſageiro à Nuno da Cunha, pedindolhe pois ja com ſeu cunhado Omaum Patxiah tivera prattica ſobre as couſas de Soltam Badur, & viera à partido com elle de lhe pedir certos portos de mar do Reino de Guzarate,& elle eſtava intitulado por Rei delle, per conſentimento de mais de ſeis mil homẽs, & el Rei Badur não tinha filhos; & poſto que os tivera, era tam grande o odio q̃ todos tinhão aos de ſua linhagem,por ſuas cruezas,que antes tomarião por Senhor que os governaſſe à hum eſtrangeiro, que à algum de ſeu ſangue,que o quiſeſſe aceitar por amigo, & favorecer naquelle nome que lhe derão. Quanto mais, que per juſtiça à elle pertencia a ſucceſſão d'aquelle Reino, por ſer da Coroa do Reino de Delij, & elle deſcender dos Reis delle, pola qual razão (como elle Governador ſabia) Omaum Patxiah ſeu cunhado pretendeo aver aquelle Reino.Mas como elle não queria perſeverar na poſſe em que eſtava ſem vontade delle Governador,& o queria tomar niſſo por favorecedor, lhe pedia que na Meſquita da cidade mandaſſe que ſeu nome foſſe encomendado com titulo de Rei do Guzarate,& elle lhe faria qualquer partido dos que queria fazer com Omaum Patxiah. Nuno da Cunha tendo recebido eſte meſſageiro honradamente,lhe reſpondeo com palavras de ſeu contentamento.E travada mais prattica ſobre eſte negocio,per recados que ião,& vinhão entre Zaman, & Nuno da Cunha,com conſelho que elle teve com ſeus Capitães,em que ſe examinarão muitas razões,que per hũa parte,& outra ſe derão,aſſentou com Zaman eſtes Capitulos.

*Que elle Mir Mahamed Zaman Rei do Guzarate dava à el Rei de Portugal todas as terras da coſta do Reino de Guzarate, começando da cidade de Mangalor atè à Ilha de Beth,com todos os portos, & povoações que nellas ouveſſe,& entrando pelo ſertão duas legoas. E pelo meſmo modo lhe dava a villa de Damam na enſeada de Cambaia, atè*

*atè Baçaim, com todas as terras, & Paraganas, com toda a jurdição, & rendimentos, assi como estavão encabeçadas, segundo se continha nos foraes dellas.*

*Que se el Rei de Portugal quisesse naquelles lugares mandar bater moeda, para correr entre os Guzarates, fosse o proveito seu, mas o cunho seria com a chapa, & final delle Mir Zaman.*

*Que todos os navios de guerra de Soltam Badur, & assi os de carga, com fazenda, ou sem ella, onde quer que fossem achados, ou vindo de fora, os mandaria entregar.*

*Que em nenhum de seus portos consentiria fazer navios de guerra, somente se farião naos de carga para mercadoria.*

*Que os cavallos que viessem per mar, pagarião os dereitos que pagavão em Goa, & os dereitos delles serião para el Rei de Portugal.*

*Que os escravos dos Portugueses que fugissem para terra firme aos Mouros, & assi os que ja là estavão, os mandasse entregar.*

*Que qualquer Portugues que là andasse sem licença do Governador da India, ou do Capitão de Dio, ou Baçaim, o mandasse entregar preso.*

*Que os mercadores não fossem impedidos de ir, & vir com suas mercadorias, ainda que ouvesse guerra entre os Portugueses, & Guzarates, antes averião todo favor, & ajuda, nem lhe serião levantados os dereitos que ordinariamente pagavão.*

*E que Mir Zaman daria àel Rei de Portugal a quintãa de Melique, que està em Novanaguer.*

Estes apontamentos feitos em lingoa Portuguesa, & na Parsea, forão assinados, & sellados com o sello de Zaman, segundo nos vimos donde tiramos estes Capitulos. E para confirmação de tudo, deu logo de boa entrada cinquoenta mil pardaos d'ouro, para pagamento dos soldos da gente d'armas, que Nuno da Cunha mandou entregar ao Secretario João da Costa, & da sua mão se despenderão em soldos da mesma gente, & compra de pimenta.

Por esta amizade, & paz que assentarão Nuno da Cunha, & Zaman, se atreveo elle confiadamente mandar pedir conselho à Nuno da Cunha, sobre o que faria para levar avante esta sua pretensão, & ficar obedecido pelos Guzarates. Ao que Nuno da Cunha respondeo, que por a morte de Soltam Badur, a primeira cousa em que os grandes do Reino avião de entender era elegerem Rei, para terem cabeça à que seguir. E que segundo lhe tinhão ditto, todos os principaes do Reino



Reino, erão ja para isso juntos, & querião levantar por Rei hum moço de doze annos sobrinho de Badur, per nome Mamud, como seu pai Soltam Mamud, que Badur matou, como elle tinha sabido, & isto por se dizer que era fallescido Mirhan sobrinho d'el Rei, que elle deixou no Mandou. Que seu parecer era, assi como estava, antes q̃ estes Grandes levantassem Rei, ir elle dar nelles, & os espalhar de maneira, que lhe não desse repouso, nem tempo para se ajuntarem. E per esta maneira, como a gente segue à quem tem posse, & elle ao presente era Senhor das armas, com que se a guerra faz, que he o dinheiro, facilmente levaria os animos da gente tras si. E q̃ não perdesse a conjunção do tempo, porque quem sabia usar della, tinha a fortuna de sua parte. Mir Zaman, posto que este conselho de Nuno da Cunha lhe pareceo bem, algũs lho interpretarão mal, & deixouse estar em Novanaguer, no qual tempo os Principes do Reino levantarão por Rei o moço Mamud que dissemos, nomeãdo por Governadores do Reino Madre Maluco, Luchan, & Driachan, que naquelle tempo erão os mais principaes homẽs do Reino de Guzarate.

Estes souberão logo do titulo que Mir Mahamed Zaman tomara de Rei do Guzarate, & que com o favor de Nuno da Cunha, na Mesquita de Dio, era nomeado por esse. Mas que elle como homem que não sabia sair de seu abrigo, se deixava estar em Novanaguer. E posto que determinarão de ir sobre elle, não quiserão logo entender nisso, temendo que estando Nuno da Cunha em Dio, d'alli lhe podia mandar ajuda, com que elles não podessem conseguir seu proposito, & determinarão de esperar, atè ver se o Governador ia invernar à Goa.

Nuno da Cunha, posto que por o caso da morte d'el Rei de Cambaia quisera invernar em Dio, com a frol da gente da India, por tèr bem providas as cousas do Malavar com Martim Afonso de Sousa Capitão mòr do mar, toda via sua doença o apertou de maneira, que per conselho de fisicos, & requerimento de Capitães, & fidalgos, lhe foi necessario irse para Goa, por ser terra mais quente, & apropriada para sua infirmidade, que Dio, a qual he mui fria, & sujeita à ventos Nortes, pelo que no inverno estava em risco de perder a vida. Mas primeiro que partisse, mandou diante Martim Afonso de Sousa, com algũs navios de remo dos que forão de Soltam

Soltam Badur,& lhe deu dinheiro para pagamento da gente d'armas,que avia de trazer nelles. Tambem eſpedio à Fernão Rodriguez de Caſtelbranco, Veedor da Fazenda, os quaes juntos erão vindos à Dio (por Nuno da Cunha lhes eſcrever quando partio de Goa, que ſe foſſem ambos tras elle) aonde chegarão deſpois da morte de Soltam Badur cinco dias. E aſsi mandou Manoel de Macedo à ſervir de Capitão da fortaleza de Baçaim,& à Rui Vàz Pereira que ſe vieſſe à Dio, à que mandou dar dozentos homẽs,& que tiveſſe na cidade cuidado dos Mouros.

*Frotta da India do Anno de M.D.XXXVII.*

Neſte anno de D.XXXVII. partio deſte Reino hũa armada de cinco naos, [a] que ião para trazer a carga de eſpecearia, das quaes erão Capitães Dom Pedro da Silva, filho do Conde Almirante, para Capitão de Malaca, Iorge de Lima para Capitão de Chaul, Lopo Vàz Vogado, & Martim de Freitas, que todos chegarão à ſalvamento à India. Martim de Freitas, com Diogo da Silva, filho de Franciſco de Faria, & outro Diogo da Silva ſeu primo,& outros fidalgos, & peſſoas nobres, com deſejo de ſe ir à Baçaim vèr hũs amigos ſeus, deixando a nao, ſe metterão em hũa fuſta, & teverão naquella pequena traveſſa tal tempo, que forão tèr â villa de Damam,& com neceſsidade de fazer agoada, ſaindo no rio, forão os mais delles mortos,& os outros cattivos, em hũa cilada que lhe os Mouros armarão. Do qual deſaſtre ſe mandou deſculpar o Tanadar da villa à Manoel de Macedo Capitão de Baçaim, que não foſſe cauſa de ſe quebrarem as tregoas que o Capitão de Dio tinha aſſentado com os Governadores do Reino,& que mandaſſe pelos cattivos. Manoel de Macedo mandou logo hum bargantim armado com cinquoenta homẽs, que tornou ſem elles, por os terem ja mandados à Corte d'el Rei. Neſtas quatro naos tornarão Lopo Vàz Vogado, Antonio de Brito, Manoel de Caſtro, & na de Martim de Freitas, que foi hum dos mortos, vèo Dom Ioão Pereira.

(?)

a. *Diz Diogo do Couto, que as naos erão cinco, das quaes ia por Capitão mòr Iorge de Lima, & o Capitão q̃ Ioão de Barros não nomea era Dom Fernando de Lima. Eſtas duas naos, & a de Lopo Vàz Vogado chegarão juntas à Goa: as outras duas de Dõ Pedro da Silva, & de Martim de Freitas forão tomar Dio, como lhe el Rei mandara, onde deixarão a gente, & munições q̃ levavão para provimento d'aquella fortaleza. De Dio partirão para Goa. Dõ Pedro chegou à ella no fim de Settembro, & Martim de Freitas foi demandar à coſta de Damam. Surgio de fronte della, & embarcado no batel, com hũa ſoma de veludos, & damaſcos, para os ir vender à Surat, deſapareceo neſte caminho, de que ſe não ſoube nunca couſa algũa. Capitulo. 13. livro. 2. Decada. 5.*

CAPI-



## CAPITVLO. XI.

*Como ido Nuno da Cunha para Goa, os Capitães dos Guzarates derão batalha à Mir Mahamed Zaman, & do mais que fizerão deſpois de elle ſer ido ao Cinde, & como Nuno da Cunha tornou à Dio.*

VINDO o mes de Abril, em que Madre Maluco,& Luchan Principes do Guzarate ſouberão que Nuno da Cunha fora invernar à Goa, ajuntarão mais de ſeſenta mil homẽs de cavallo, & de pè, & vierão buſcar à Mir Mahamed Zaman, & fizerão ſeu aſſento em Vnà, que ſerà hũa legoa de Novanaguer onde elle eſtava. Os Capitães do exercito erão Luchan,& Mujatechan, homẽs de muita prudencia, & autoridade, os quaes vendo que Mir Zaman tinha conſigo a flor da gente de guerra de que Soltam Badur ſe ſervia, que erão d'aquellas nações que nomeamos, & aſsi os Mogoles exercitados em pelejar com Guzarates de que fazião pouca conta, & que os ſeus ſeis mil homẽs valião mais que os ſeus ſeſenta mil que trazião, temerão de o cõmetter,& determinarão de corromper com dadivas os Capitães d'aquella gente eſtrangeira que Zaman trazia, para que no tẽpo que deſſem batalha, elles não pelejaſſem, & ſe deixaſſem eſtar quedos. Neſte negocio ſe detiverão mais de cinquoenta dias ſem o poderem acabar: mas como o dinheiro vence toda lealdade de Mouros, lhe foi concedido.

Mir Zaman que era homẽ prudente, & muito cavalleiro, & que ſabia de ardijs de guerra, vendo q̃ os inimigos eſtavão hũa legoa,& com ſeſenta mil homẽs, poſto q̃ conhecia a differença dos ſeus poucos em comparação dos muitos, ſuſpeitou, que a detença que fazião era algum modo de engano. E como homem que ſe começava ja à temer da gente eſtrangeira que conſigo trazia ſer corrompida pelos inimigos, teve conſelho ſecreto com os ſeus, & determinouſe de não eſperar mais tempo, & dar batalha. E para animar os ſeus Mogoles, que erão mil & quinhentos, repartio o dinheiro & ouro que tinha avido, q̃ cada hũ levaſſe aquella ſoma derredor de ſi que podeſſe, porq̃ não ſabião a vẽtura da batalha; &

& fazendolhes hũa prattica para os animar, diſſe, que elle faria duas batalhas delles, & de todos os eſtrangeiros hũa, nos quaes tinha pouca confiança, que cada hum trabalhaſſe por o ſeguir, porque o animo determinado era o que rompia todos temores, & paſſava levemente os perigos, & vinha à fim vittorioſo. Algũs dos ſeus principaes, cujo animo não era tam confiado, vendo o grande numero dos inimigos, erão de parecer que ſe foſſem metter em Dio, & ſe abrigaſſem ao favor dos Portugueſes, atè que o tempo lhes moſtraſſe outro caminho para proſeguirem ſua empreſa. Ao que elle reſpondeo, que não queria experimentar novos amigos, & que para a opinião que a gente tinha delle, em fazendo iſſo, ninguem o ſeguiria, & perderia quanto atè entam avia ganhado. Finalmente elle ſe pôs no campo, & foi buſcar os inimigos para lhes dar batalha. Para iſſo dividio os ſeus Mogoles em dous eſquadrões, elle tomou hum de oitocentos homẽs, & outro de ſettecentos deu à hum ſeu Capitão, & da gente eſtrangeira toda fez hum batalhão. Eſtes como eſtavão corrompidos com dinheiro, quando vèo o tempo de romper, não quiſerão pelejar, & ſe deixarão eſtar quedos. Zaman com ſeus oitocentos de cavallo todos carregados d'ouro, & no meio delles hum elefante, que não levava outra couſa, rompeo hum eſquadrão da mais limpa gente dos contrarios, tam furioſamente, que deixou per onde foi feita hũa eſtrada alaſtrada de corpos mortos, como que dera nelles algum coriſco. Mas foi logo tam fechado do grande numero da gente, o lugar entre elle, & ſeu Capitão dos ſettecentos, que cuidou aquelle Capitão, que Zaman ſeu Senhor era ſumido entre os inimigos. E como homem deſeſperado de o mais poder ver, tomou por remedio ir buſcar o abrigo dos Portugueſes na villa dos Rumes, de fronte de Dio, onde eſtava Ioão de Mendoça por Capitão. Os Guzarates ſeguirão à eſtes de vencida, deixando à Mir Zaman, parecendolhe ſer ardil delle, fugirẽ hũs para hũa parte, & elle para outra: & temião q̃ elle os ia à metter em algũa cilada, de que não ſabião parte, por ſerem eſtes Mogoles grandes homẽs de ardijs neſte ſeu modo de fugir. Toda via eſtes que ſeguião os Mogoles, que ſe vinhão acolhendo à villa dos Rumes, não deixarão de os perſeguir atè que a artelharia da meſma villa os entreteve, que não chegaſſem ao muro, onde



onde ficavão abrigados os que atè alli chegarã cõ vida, porq̃ no caminho, & no campo ficarão grande parte delles. E ſe não fora que os Guzarates achavão nelles que roubar, & fazião niſſo detença, por ventura não chegarão tantos em ſalvo.

Ioão de Mendoça porque não tinha ordem de Antonio da Silveira Capitão de Dio, para recolher eſta gente na villa vindo armada, poſto que de Mir Zaman foſſe, mandoulhe dizer o que paſſava; ao que Antonio da Silveira reſpondeo, que recolheſſe algũs entregando primeiro as armas, & os outros ficaſſem de fora amparados ao muro. Em quanto eſtes recados forão, & vierão, algũs deſtes Mogoles que trazião ſuas molheres ſegundo ſeu uſo, & outros ſem ellas, à que o temor da morte muito apertou, vierão à comprar a entrada à peſo d'ouro, do que tinhão avido de Mir Zaman, & roubado na guerra. E hum caſado que entre elles vinha, porque o porteiro de hum poſtigo, que vendia eſtas entradas, como homem pouco caridoſo, lhe pedia por deixar entrar à elle, & à ſua molher mais do que elle tinha, vendoſe naquelle aperto, diſſe que recolheſſe a molher, que elle queria ficar de fora. Quando ſe ella vio dentro ſem ſeu marido, tornou muito de preſſa à elle para fora, & com hum amor honeſto lhe lançou os braços, dizendo: *O lugar de minha ſalvação he eſtar com voſco, & não dos muros adentro ſem vos*; & aſsi ficou com elle. Vindo ordem de Antonio da Silveira forão todos recolhidos, & os que vinhão feridos bem curados, como ſe forão noſſos naturaes, & à todos fez Ioão de Mendoça muito gaſalhado & lhes deu embarcação para Goa, Chaul, & Ormuz, como lha pedirão.

Mir Mahamed Zaman naquelle furioſo rompimento da batalha perdeo ſòmente trinta dos ſeus, & quando ſe achou ſò, & entendeo que os outros o não quiſerão ſeguir, com os que lhe ficarão pôs o roſtro na terra do Cinde, que he alem dos Resbutos. E ainda que o caminho era comprido, & avia de paſſar por as terras delles, que he gente belli coſa, elle ſe governou cõ tanta prudẽcia, & esforço, & a fortuna o favoreceo de maneira, que com todos os ſeus ſalvos chegou ao Cinde. Deſpois de là ſer, eſcreveo à Nuno da Cunha, moſtrando eſperança de tornar cedo poderoſamente à cõprir o que lhe tinha prometido. Mas o amor da molher, & filhos

que tinha no Delij,o deſviarão deſta empreſa, principalmente OmaumPatxiah ſeu cunhado,o qual movido das lagrimas de ſua irmãa,de que Zaman tinha dous filhos, lhe eſcreveo q̃ foſſe fazer vida com ella, que elle lhe perdoava o paſſado. Deſpois o fez Rei de Bẽgalla,mas no Eſtado durou pouco,como adiante diremos.

Os Capitães Guzarates que ouverão aquella vittoria de Zaman,per corrupção de peitas,& não per armas, aſsi como eſtavão com ſeu exercito ſe vierão apoſentar em Novanaguer,& d'alli mandarão recado à Antonio da Silveira, perguntandolhe que cauſa tiverão os Portugueſes para matarẽ ſeu Rei? Ao que elle reſpondeo,que ſeus peccados o matarão, & por elle o tèr merecido por a morte de Manoel de Souſa, que elle matou ſem cauſa,ſendo Capitão d'aquella forraleza. Deſpois trattarão de outras couſas, atè virem à fallar em paz, pois avia tantos annos que tinhão guerra;ao que elle reſpondeo,que não tinha para iſſo comiſſão do Governador. Porẽ, que dandolhe elles de Mangalor atè Dio, & de Damam atè Baçaim,como Mir Zaman,que ſe intitulava Rei do Guzarate,tinha dado ao Governador,com outras couſas que ſe continhão em hum contratto que ambos fizerão,elle eſcreveria ao Governador, & ſem iſſo não entenderia nas pazes. Com eſta reſpoſta não tornarão mais fallar em negocio de paz,& aquelle grande exercito ſe desfez, ficando alli em Novanaguer Luchan com dez,ou doze mil homẽs,como em frontei ra,& guarnição. O qual para obrigar ao Governador à concerto de pazes,começou de tolher os mantimentos à cidade, que erão carnes,& fruttas,porque o mais vinha de Chaul, & Baçaim. E como entrou a força do inverno, que impedio não virem d'aquellas partes,ouve entre os Portugueſes tanta falta,que valia hũa gallinha dez tangas,que ſão ſeiſcentos reaes da moeda dePortugal. Iſto durou atè o mes de Iulho,em que Antonio da Silveira fez tregoas com Luchan, atè a vinda de Nuno da Cunha: que aviſado das couſas de Dio, entendendo que o novo Rei Mamud não avia de querer perder hũa Ilha tam rica,& tam importante ao ſeu Eſtado como era a de Dio,& tendo novas da armada q̃ apreſtavão os Rumes em Suez para irem à India: pareceolhe neceſſario acodir em peſſoa à prover muitas couſas, de que aquella fortaleza, & as deChaul,&Baçaim tinhão neceſsidade,porq̃ por deſcuido não



não aconteceſſe algũa deſgraça. Polo que deſpachou as naos do Reino para irem tomar carga à Cochij, & eſpedio Martim Afonſo de Souſa,com quatro galès, & trinta & ſeis navios para guardar a coſta do Malavar,tẽdo hũa armada preſtes de oitenta vellas, nella ſe embarcou para Dio, onde chegou em Fevereiro do anno de M.D.XXXVIII.

## CAPITVLO. XII.

*Do que fez Martim Afonſo de Souſa Capitão mòr do mar, indo em buſca de hũa armada d'el Rei de Calecut,de que era Capitão mòr Pate Marcar.*

OS maiores inimigos q̃ na India tem os Portugueſes,& cõ q̃ mais ſe illuſtra a noſſa conquiſta naquellas partes ſão os Mouros, que povoão a coſta da India,deſde Chaul, atè o cabo de Comorij,q̃ ſerà de cento & noventa legoas. E neſta fralda do mar ha mais Mouros para nos dãnar,& offender, aſsi per terra,como per mar,do q̃ ha deſde a cidade de Ceptano Eſtreito de Gibraltar, atè a cidade de Damiata ſituada na mais Oriẽtal foz do rio Nilo,& principalmẽte em Cananor, & Calecut. Porq̃ como à eſtes dous portos,antes q̃ nos entraſſemos na India,cõcorrião as naos do Eſtreito de Meca à buſcar eſpecearia,parece que deſte cõmercio de Mouros eſtrangeiros,vierão à multiplicar tanto, q̃ neſte eſpaço de coſta de cento & noventa legoas averia mais de ſeſenta mil homẽs de guerra,todos gente esforçada,à quem a prattica da noſſa guerra,os tem feito mais ouſados,& mais deſtros nella. Tambem na coſta de Calle,& Callecarè,q̃ he alẽ do cabo de Comorij, na peſcaria do aljofar,por cauſa della, cõcorreo alli outro grãde numero delles;& ſe os Portugueſes não entrarão na India, ja forão Senhores de toda a ſua coſta,& de Ceilã,mas à cuſta do noſſo ſangue temos deſinſado muita parte deſta mà ſemẽte. E tẽ eſtes Mouros (principalmente os de Cananor) hũa vẽtagẽ aos de Berberia,q̃ eſtes não tẽ de pobres hũ alquice para ſe cobrir,nem ouſadia para navegar, & vivem das criações, & agricultura, & os d'aquella parte de Cananor ſão muitos delles coſſairos tam poderoſos,que fazem armadas, & tẽ animo de competir com os noſſos navios, principalmente

quando no verão navegão aquella coſta de fortaleza à fortaleza. De maneira que ſempre em Cananor os ouve, como no diſcurſo deſta hiſtoria ſe pode ver. E porque neſte tempo florecia muito hum Mouro por nome Pate Marcar,* que poderoſamente andava eſpancando aquelles mares, & fazendonos algũs dãnos, ſerà neceſſario tratar hum pouco delle.

* *O ſeu proprio nome diz Diogo do Couto que era Paichi Marcà, cap. 4. do liv. 2 da Dec 5.*

Vivia eſte Mouro em Cochij, & com duas naos que tinha tratava groſſamente em muitas mercadorias que carregava para Cambaia, com cartazes de ſalvocondutto dos Capitães de Cochij. Eſtas naos lhe forão tomadas per Portugueſes, ſem lhe valer os cartazes que trazia. E porque deſta perda não foi reſtituido, querendoſe reſtituir della, como homem eſcandalizado que eſtava, ſe paſſou à Calecut com ſua caſa, & ſe fez coſſairo, para o que el Rei de Calecut vendo que os negocios de Cambaia ainda nos occupavão, lhe armou navios, alem dos que elle tinha, & com ajuda de outros Mouros ricos, que deſejavão de offender aos Portugueſes, fez hũa armada de quarenta & ſette navios de remo, para ir ajudar à Madune Pandar contra ſeu irmão el Rei de Ceilam. Com eſte Rei tinhão os Portugueſes grande amizade, & pagava à el Rei de Portugal o tributo que ja eſcrevemos nas couſas do tempo de Lopo Soarez, quando governava a India, & fez fortaleza naquella Ilha. E como Madune Pandar vio, que alem do grande poder que tinha ſeu irmão, noſſa amizade lhe dava grande ajuda; porque ſempre em Columbo onde elle reſidia, tinhão os Portugueſes ſua Feitoria, por a canella que d'aquella Ilha vinha: & tambem ſabia a guerra que tinhamos com el Rei de Calecut, & que Pate Marcar naquelle tempo andava poderoſo, mandoulhe ſecretamente recado, que o foſſe ajudar contra ſeu irmão. E o concerto que fizerão foi, que elle não queria mais que ficar com o titulo de Rei, & livre de dar canella aos Portugueſes, & que todo o teſouro de ſeu irmão lhe daria, de que avia fama ſer mui grande. Iſto obrigou à el Rei de Calecut à mandar là Pate Marcar com a frotta das quarenta & ſette vellas [a] que diſſemos, em que levaria mais de dousmil homẽs, com grande numero de peças d'artelharia, tam apercebido em tudo, & com a gente tam deſtra, & esforçada, que lhe não chegavão os Turcos do mar de Levante em concerto, & animo de pelejar.

a. *Eſta armada era de cinquoenta vellas, das quaes cinco erão galeottas Latinas de Coxia, que jugavão por proa meias eſperas: levava mais de quatrocẽtas peças d'artelharia, a maior parte della de bronzo. Os Soldados deſta armada erão oito mil, mui bem armados com eſpingardas, arcos, & lanças: & todos os remeiros levavão arcos, & frechas debaxo dos bancos para pelejar quãdo foſſe neceſſario.*
*Diogo do Couto cap. 4. liv. 2. Dec. 5.*

Neſte



Neſte tempo Martim Afonſo de Souſa Capitão mòr do mar andava com quarenta vellas guardando a coſta do Malavar. E como a ordem de a guardar, he fazer hũa volta ao Norte atè Baticalà, & outra ao Sul atè Coulam, fazendo volta ao Norte, quando tornou, ſoube que Pate Marcar era ſaido de Panane com ſua armada, de que era Capitão mòr, & levava ſeu irmão Cutiale Marcar* por ſegunda peſſoa, & por terceira Ali Abrahem hum valente Capitão d'el Rei de Calecut, natural de Panane.

* *Cunhale Marcà lhe chama Diogo do Couto.*

Pate Marcar com grande confiança do poder que levava, paſſou per Cochij, eſtando as noſſas naos tomando carga, com tenção que ſe podeſſe cõmetter algũa, de o fazer. Mas ellas forão logo providas de maneira, que não ouſou de chegar à tiro de bombarda dellas. E ſeguindo ſeu caminho para Coulam, achou na ſua barra hũa nao noſſa [a] à carga de pimẽta. Pate Marcar a cõmetteo, & rodeandoa com a ſua armada, a começou à bater. Nicolao Iuſarte, que eſtava por Capitão della, a defendeo mui esforçadamente, deſaparelhou muitos navios dos inimigos; & por remate da pelleja foi elle morto de hũa bombardada, & Pate Marcar ſe afaſtou da nao polo dãno que recebia, & foi continuando ſua viagem. E indo adiante tomou hum navio noſſo que vinha de Ceilam com a carga de canella para as naos que avião de ir ao Reino. Deſte navio era Capitão, & Feitor Antonio Barreto, que na peleja morreo, & todos os noſſos que nelle vinhão. Alem do cabo de Comorij deu Pate Marcar em hum lugar dos Chriſtãos da terra, chamado Tucucurij, que tomou, & deſtruiò, matando muita gente. Finalmente correndo aquella coſta de paſſagem, foi fazendo eſtas obras, de que Martim Afonſo de Souſa, que lhe ia no alcance, ſoube, ao qual não pode alcançar à quem do cabo de Comorij. Antes tanto que alli chegou, por ſer no tempo em que naquella paragem curſão os ventos, à que elles chamão Vara de Choromandel, que ſão contrarios, & mui forçoſos à quem quer ir adiante, foilhe neceſſario deixar as ſeis galès, & ir nas fuſtas, & catùres, à que os Capitães das galès ſe paſſarão, por ſerem com Martim Afonſo naquelle feito, que ia cõmetter. Mas não ouve entam effeito; porque Martim Afonſo como teve o tempo contrario, & ſoube que Pate Marcar não era paſſado à Ceilam,

a. *Eſta nao ſe chamava S Pedro, aquelle anno ſe fez em Cochij para vir ao Reino, & andou na carreira da India vinte dous annos, & acabou na ribeira de Lisboa ſervindo de cabrea: & agora não faz hũa nao tres viagẽs, tal he a madeira, tal a fabrica, & taes os officiaes.*
*Diogo do Couto cap. 4. do liv. 2. da 5. Decada.*

determinou de ir avante atè dar com elle,& à força de remo quaſi debaxo da agoa correo a coſta, atè chegar ao porto de Calle ja noute,onde dormio.

Naquelle tempo acertou Pate Marcar de eſtar mettido em hum rio detras de Calle,& parece que foi logo aviſado da chegada de Martim Afonſo, porque quando vèo pela manhãa, como tinha o vento em ſeu favor,ſe fez à vella,ſòmente com os traquettes. Martim Afonſo tambem como ſoube de ſua vinda,com as ſuas dezanove vellas à remo,quanto os homẽs podião, por o vento lhe ſer contrario, o foi receber. E ſendo hũs dos outros obra de meia legoa, abaxarão os Mouros os traquettes que trazião, & ſe deixarão eſtar.O que parece fizerão para ver o que os noſſos fazião.Mas como Martim Afonſo deſejava de lhe chegar, mandou que foſſem avante.E vendo Pate Marcar que o ião demandar, virou as coſtas, & à força de remo, como que algũas couſas lhe erão impedimento, começou alijar ao mar, para ſe acolher melhor. Martim Afonſo não deixando o ſeu curſo remou quatro legoas, & ſendo ja noute, tanto avante como o lugar de Tucucurij,o perdeo de viſta,& alli parou, onde teve conſelho ſobre o que farião.E viſto como deixavão as galès no cabo de Comorij, & quam mal apercebidos ião do neceſſario para pelejar, & faltos de mantimentos, & que ſobre tudo as galès corrião riſco de ſerem tomadas, por a pouca gente que nellas ficava, ſe Pate Marcar com o bom tempo que tinha vieſſe dar ſobre ellas aquella noute, acordarão, que ſe tornaſſe para as aſſegurar, & d'ahi irem à Cochij à aperceberſe do que avião meſter, para tornar ſobre Pate Marcar, & aſsi ſe fez.

* * *

CAPI-



## CAPITVLO. XIII.

*Como Martim Afonſo de Souſa com quatrocentos Portugueſes pelejou com Pate Marcar, eſtando em terra com ſette mil homẽs de peleja,& o venceo, & desbaratou, & lhe tomou a armada,com morte de muitos Mouros.*

APERCEBIDO Martim Afonſo, tornou com vinte tres navios de remo, de que erão Capitães elle,Manoel de Souſa de Sepulveda, Martim Correa da Silva, Dom Diogo de Almeida,Fernão de Souſa de Tavora, Vaſco Pirez de Sampaio,Iorge Barroſo de Almeida,Franciſco de Sà, Franciſco Pereira,Gaſpar de Lemos,Ioão de Mendoça, Ieronimo de Figueiredo,Simão Rangel,Antonio de Lima, Antonio de Souſa,Miguel de Aiala,Ioão de Souſa Rates, Diogo de Mello,Franciſco de Barros,Antonio Mendez de Vaſconcellos,Simão Galego,Gomez Carvalho,Rui de Moraes,Rui Lobo,Franciſco Fernandez o Moricale,Franciſco de Sequeira Malavar,Diogo de Reinoſo.E poſto que de Cochij partio com algũas galès,foi porque temia que foſſe recado por terra à Pate Marcar das pequenas embarcações que levava; mas chegado à Coulam as deixou.Em quanto Martim Afonſo foi à Cochij à ſe aperceber,Pate Marcar,parecẽdolhe que ſe fora por razão do mao tempo, ou porque temia pelejar, foiſe metter em hũ porto que chamão Beadalà. A terra deſte lugar quer parecer hum dedo polegar, porque na banda de fora delle, quaſi na primeira juntura onde elle ſe adjunta â mão,eſtà a povoação,& da outra parte de dentro ſe faz hũa enſeada grande,como a pode figurar quem apartar todos os outros quatro dedos deſte polegar, os quaes fazem a coſta que vai tèr à ponta,& cabo à que chamão Canhameira. No fim deſte polegar ſobre a unha eſtà fundado hum ſumptuoſo templo de Gentios, per nome Ramanancor, & he tam delgada a terra, deſte mar de fora, ao de dentro da enſeada, onde eſtà Beadalà, que Ioão Fernandez Correa Capitão que foi da peſcaria do aljofar que ſe peſca naquella parajem, eſteve para cortar aquella terra. E o proveito deſte rompi-

mento era ser aquella passagem d'alli atè Canhameira chea de muitas ilhetas,restingas, & baxos, & no tempo do vento para a navegação he mui perigosa.E passando por este rompimento que elle queria fazer,entravão os navios na enseada grande,& com a terra firme que tinha da parte de cima, ficavão mais abrigados,& era melhor navegação, & tambem seria proveitoso para os Capitães da pescaria que alli andassem.

Pate Marcar,como homem que d'alli avia de atravessar à Ilha de Ceilam,que tinha de fronte, estava alimpando suas fustas,& as que ja tinha espalmado com as popas em terra, & as proas ao mar:entre as quaes se mettia hũa corda de baxos ao longo do dedo que figuramos,de maneira que não as podião entrar de mar em fora, senão per hũa calheta pegada à povoação.E elle estava aposentado em terra em hũ palmar, q̃ corria ao longo do dedo contra o pagode de Ramanancor, & tinha hũa tenda armada, & apparato de Principe em seu arraial,em que teria sette mil homẽs. Porque como elle ia à aquelle feito de metter de posse do Reino de Ceilam à Madune Pandar, ajuntou todos os Mouros que por aquella costa vivião,que he hum grande formigueiro delles, por razão da pescaria do aljofar,como atras escrevemos. Martim Afonso com esta armada ligeira, em que não levava mais que quatrocentos homẽs d'armas,passou o cabo de Comorij, sabendo que os inimigos estavão em Beadalà,chegou hũa tarde à entrada da sua barra,onde surgio:& por razão dos baxos que dissemos,& alli não aver pilotos delles,errarão o canal,& ficarão muitos navios em seco, que foi grande prazer para os Mouros,porque em tornar à sair,tiverão os nossos grande trabalho,por a artelharia que os Mouros tinhão em terra, com que os varejavão de maneira,que matarão hum marinheiro na fusta de Martim Afonso.

Saidos todos dos baxos, ordenou elle com conselho dos Capitães de ir pelejar com os Mouros em terra, dentro do palmar onde estavão alojados, & o acõmettimento avia de ser ante manhãa,& o caminhar com as fustas,& catûres avia de ser de noute,que o não sentissem os Mouros. E porque os descuidassem deste lugar,deixou Gaspar de Lemos,& Antonio de Sousa com sette catûres no lugar de Beadalà (por onde elles intentarão a entrada quando encalharão) & que cõmettesse entrar por alli com grande estrondo, ao tempo que elle mandasse fazer hum final per hum tiro de berço. Dada esta ordem à Gaspar de Lemos,& à Antonio de Sousa, como avião de acõmetter esta entrada, para que acodindo os Mouros à aquella parte,Martim Afonso com o peso da gente lhe desse nas costas pela outra parte da terra,fez elle seu caminho com as fustas atè o lugar ordenado.E aconteceo,que por desastre,ou descuido de hum bombardeiro, foi tirar com hum berço,que ouvio Gaspar de Lemos,como quem tinha o tento neste final que esperava,o qual foi de sua morte. Porque sendo mais tẽporão do que devera ser,por ainda não ser chegado Martim Afonso ao lugar donde o avia de mandar fazer,cõmetteo a entrada Gaspar de Lemos, sobre o qual acodirão os Mouros, parecendolhes que per alli os querião entrar. E como erão muitos,& Gaspar de Lemos era cavalleiro de sua pessoa,& os que com elleião erão desejosos de ganhar honra, quando Martim Afonso ja deu per sua parte, era elle morto, & Antonio de Sousa, & seis, ou sette Portugueses. Mas Martim Afonso vingou bem a morte delles,ferindo, & matando os Mouros per tam grande espaço, que era ja alta manhãa, & os Mouros como erão muitos pelejavão valentemente,sem mover pè.Francisco de Sequeira de nação Malavar,Capitão de hum dos catûres,como era natural da terra, & cavalleiro de sua pessoa,& homem prudente, & sabia a cõdição d'aquella gente,& o modo de sua peleja, quando vio que os Mouros não deixavão o campo por mais que atassalhavão nelles,disse à Martim Afonso: *Senhor se quereis vittoria destes Mouros,mandailhe pòr fogo às embarcações, que em quanto as virem,terão esperança de se salvar nellas.* Tomãdo Martim Afonso este conselho,& mandandoo executar,arderão algũas embarcações, & os Mouros começarão de fugir pela terra dentro,& os nossos à seguir seu alcance,atè que de todo deixarão o campo,com que ficou Martim Afonso Senhor delle,& da tenda de Pate Marcar, & de tudo o mais que em seu arraial avia.[a] Morrerão dos Mouros,que logo ficarão estirados naquelle sitio, mais de seiscentos, afora os feridos que forão morrer entre os seus. Dos nossos serião mortos trinta, entre os que morrerão com Gaspar de Lemos,& Antonio de Sousa, sem muitos feridos, por a batalha ser em terra,& os Mouros serem sette mil, & os Portugueses sòmente quatrocentos.

[a] *Neste arraial de Pate Marcar se acharão tres Portugueses carregados de ferros, & muitos escravos de outros Portugueses,que forão cattivos,& hũa molher solteira,que cattivarão os Mouros em hũa champana com hum seu amigo: & porq̃ era de bom parecer,Pate Marcar trabalhou pola tornar Moura, com todas as promessas,& ameaças que pode, atè lhe pòr a espada na garganta para a degollar, & mandar arrastar diante della à seu amigo.Mas nada bastou para acabar com ella o q̃ desejava,polo q̃ a trazia carregada de ferros,com os quaes andava ella contente,& exortava de contino aos Christãos cattivos à morrer constantemente pola Fè Santa que professavão.Exemplo raro da feminil constancia,digno de tanto maior louvor, quanto se esperava menos do mao estado em que esta molher andava. Francisco de Andrade cap 48. da 3. parte.*

centos.[a] Esta batalha foi hũa das mais bem pelejadas que se derão na India, a qual succedeo à xv. de Fevereiro do anno de M.D.XXXVIII. Como o fogo chegou à queimar vinte cinco paraòs, mandou Martim Afonso apagalo, & forão tomados vinte tres. Da artelharia se ouverão mais de quatrocentas peças, de que as settenta erão de metal, & mil & quinhentas espingardas, & porque este feito foi mui honrado, armou alli Martim Afonso muitos cavalleiros.

a. *Pate Marcar, & seu irmão, & Ali Abrahem vẽdo tudo perdido, se metterão em dous navios ligeiros, em q̃ se salvarão.*
*Diogo do Couto no cap. 4. do liv. 2. da 5. Decada.*

*Diogo do Couto nos cap. 4. & 5. do mesmo livro.*

„ Aconteceo nesta jornada hum caso digno de se notar, & „ foi, que indose embarcar Martim Afonso em Cochij, para „ vir em busca de Pate Marcar, atravessouse diante delle com „ muitas lagrimas hũa molher, dizendo: *Senhor por amor de Deos „ que me tragais meu filho moço de doze annos, per nome Marcos, que „ está cattivo em poder d'aquelle que vos is buscar.* Ao que Martim „ Afonso respondeo: *Eu espero em Deos de o achar vivo, & tambem de nos dar vittoria para volo trazer.* E aconteceo que estava „ este moço na tẽda de Pate Marcar, & o trouxe Martim Afonso, & o entregou despois pela mão à sua mãi em Cochij.

„ Entre os despojos desta batalha se tomou hum sombreiro que o Samorij mandava ao Madune, o qual Martim Afonso enviou de presente à el Rei de Cochij per Miguel de Aiala, à quem ordenou que de Cochij passasse à Dio com cartas para o Governador, em que lhe dava relação d'aquella vittoria. Miguel de Aiala chegou à Cochij, apresentou à el Rei o sombreiro, que estimou muito, & muito mais as novas da vittoria, que tanto foi festejada naquella cidade, quanto lamentada no Malavar. Partio logo Miguel de Aiala de Cochij para Dio, & perto de Challe encontrou hũa galeotta de Malavares que o investirão, lançandolhe gente no seu catùr, em que não levava mais que quinze Soldados, os quaes de tal maneira pelejarão com os Mouros, que sendo elles mais de duzentos, despois de durar a briga todo o dia, ouve tamanho estrago de ambas as partes, que hũs, & outros ficarão estirados nos navios, ou mortos, ou feridos. Os marinheiros do nosso catùr derão à vella, tomarão Cananor, onde desembarcarão os mortos para lhe darem sepultura, & os vivos, que não erão mais de cinco, com Miguel de Aiala, para os curarem. O Capitão de Cananor espedio o catùr com as cartas de Martim Afonso para o Governador, que festejou muito as novas della, & pelo mesmo catùr escreveo à Martim Afonso,



so, & aos fidalgos da sua companhia, dandolhe os parabẽes da vittoria, & os louvores que ella merecia.

## CAPITVLO. XIIII.

*De outras vittorias que Martim Afonso de Sousa ouve na costa do Malavar.*

VIttorioso Martim Afonso de Sousa, partio d'aquelle lugar de Beadalâ, & vèo à Tucucurij, onde estava o Feitor Portugues da Feitoria do Aljofar, & d'alli mandou à Cochij a maior parte dos navios que tomou com o despojo que ouve da artelharia muniçoes, & cattivos. E elle com a mais gente se passou à Ilha de Ceilam, que será de travessa vinte quatro legoas, tudo per baxos, onde se faz a pescaria. Chegado ao porto de Columbo, achou el Rei com o nosso Feitor, & Portugueses na sua fortaleza, à que elles chamão Cota, cercado de Madune Pandar irmão d'el Rei, que estava esperando à Pate Marcar, & todos com grande alvoroço, quando virão nossas vellas, cuidando serem as suas. Mas certificados da verdade deixarão logo o cerco que tinhão posto, & se recolherão para hũa Serra, onde se Madune fez forte, temẽdo que os Portugueses o fossem buscar.[a] El Rei com muito prazer recebeo os nossos, quando conheceo que ião em sua ajuda, o que logo se vio no gasalhado que mostrou à todos, & no recebimento que fez à Martim Afonso. Os dias que o alli teve, o banqueteou, per hum novo modo segundo sua usança, que foi servirse à mesa de molheres derreadas todas pelos lõbos, para que andando assi mais baxas, pareção mais humildes, & reverentes em final de cortesia. A tanto chega a ambição de hum homem que se honra de males alheos. Martim Afonso offereceo sua armada à el Rei, & lhe deu conta da destroição de Pate Marcar, & que à nenhũa outra cousa partio de Cochij, senão à tirarlhe aquelle trabalho em que o tinhão posto naquelle cerco. El Rei por mostrar o contentamento que tinha d'aquelle succesſo que Martim Afonso por o ajudar tivera, lhe deu peças, & joias, & à todos os Capitães, & lhe mãdou dar vinte mil cruzados * empreſtados, para ajuda de pagar o soldo à gente que levava, & com muitas palavras de grande

a. *Escreve Diogo do Couto, q̃ sabendo Madune Pandar do desbarato de Pate Marcar, & chegada da nossa armada à Columbo, mandara pedir pazes à el Rei seu irmão, que lhas concedeo.*

* *Quarenta mil diz Diogo do Couto.*

grande obrigação. Martim Afonso se despedio delle,& partio para Cochij,onde chegou,com aver dado tam glorioso fim à aquella empresa.

E por tèr nova, que muitos paraòs de Calecut erão idos à carregar de mantimentos à Mangalor, & Braçalor, determinou de não descansar atè ir acabar de desinçar aquella ladroeira de paraôs,& totalmẽte lhe tolher a navegação. E por não ser visto dos da terra, que podião dar aviso aos que ia buscar,passou per Chale,& Cananor ao mar delles. E sendo tanto avante como entre o monte Delij,& Fermoso, appa- 10
recerão seis paraòs, de que tomou quatro, & hum dos dous que escaparão foi dar com Ioão de Sousa que vinha detras em hũa fusta,o qual tambem foi posto no estado dos outros. A maior parte dos Mouros morrerão à ponta da espada, & outros se lançarão ao mar, & delles se entregarão à cattiveiro. Seguindo mais adiante, ao outro dia em amanhecendo ao monte Delij,vierão dar com elle dezasette paraòs,os quaes enganados com algũs dos seus paraòs que Martim Afonso tomou,parecendolhe que erão de sua gente,foràose metter 20
entre elles. Mas como sentirão o engano, empegaràose no mar,por Martim Afonso se metter entre elles,& a terra, por se não acolherem à ella. Mas isto lhes não valeo,antes foi causa de maior destroição sua,posto que com algum sangue dos nossos. Porque vendo elles que o seu braço os avia de salvar, & não tinhão modo para se acolherem, & vararem em terra, pelejarão tam valentemente, que morrerão algũs dos nossos,& forão muitos feridos: mas elles forão quasi todos perdidos,hũs mortos à ferro, outros afogados no mar, onde se lançarão, & muitos forão cattivos. E ao outro dia pelo mesmo modo tomou seis, & hũa nao carregada de man- 30
timentos,em que matou grande numero d'aquelles Mouros, por castigo dos de Cananor,q̃ favorecião estes, & armavão com elles. E por os mais assombrar,sendo tomado hum Mouro honrado naquella peleja,que era mui aparentado, & davão por elle seis mil pardaos, não os quis aceitar Martim Afonso, & o mandou enforcar, avendo que à serviço d'el Rei, & honra de Portugueses convinha mais o castigo de hũ mao homem,que todo o dinheiro que podia dar por si.

Em Cananor se deteve Martim Afonso de Sousa algũs dias, por não tèr novas de mais paraòs inimigos, & tanto 40
que



que algũs dos seus Soldados feridos forão sãos, partio d'alli para ir invernar à Cochij; & no caminho lhe foi dada hũa carta do Governador Nuno da Cunha(que ja estava em Goa da volta de Dio) perque lhe fazia saber, que erão chegados Turcos com hũa grossa armada à aquella cidade. Com esta nova deixou Martim Afonso hum galeão em que ia (que elle mandara fazer para ir nelle esperar as naos de Meca) & se metteo em hum catùr do meirinho da sua armada, & com os navios de remo com toda a diligencia que lhe foi possivel, 10
à vella & remo,tomou o caminho para Goa, no qual encontrou hum galeão da armada dos Turcos (que se apartou della com o temporal, com que se apartarão outros navios) sobre o qual arribou Martim Afonso, & de tal maneira se vio acossado o galeão d'aquella cachorrada de catùres, que ainda que parecia hum lião bravo entre elles,em artelharia, armas, & numero de gente, foi tamanho o temor nos Turcos, que derão com o galeão à costa, & se acolherão à terra, & delle se carregarão os catùres, & navios de remo de muita fazenda que lhe acharão. Estas vittorias que nestes annos ouve 20
Martim Afonso de Sousa, ainda que entam forão grandes, parecerão ao diante muito maiores, por destroir com ellas as armadas de Calecut, em que se matarão tantos dos inimigos, que se forão crescendo pelo tempo, ou estiverão inteiros, quando os Turcos vierão à Dio, ellas fizerão tanto dãno aos Portugueses, que a costa do Malavar se não pudera navegar, & as nossas naos correrão muito risco de serem tomadas: & ainda que não fizerão mais que ajuntarense aquellas armadas à do Turco, fora muito grande dãno para os nossos.

***

CAPI-

## CAPITVLO. XV.

*Como Dom Manoel de Meneſes foi preſo em Xael, & da cauſa porque el Rei o prendeo, & do mais que ſuccedeo em ſeu livramento.*

ANTES que Nuno da Cunha partiſſe de Goa para Dio, vèo alli hum Mouro chamado Abedelà meſſageiro d'el Rei de Xael, que trazia dous Portugueſes dos que eſtavão cattivos em ſeu poder com Dom Manoel de Meneſes, filho baſtardo de Dom Tello. Ao qual Abedelà Nuno da Cunha levou conſigo atè Dio para o deſpachar. Eſte meſſageiro vèo à pedir pazes de parte de ſeu Rei, & deſculpalo do cattiveiro em que tinha à Dom Manoel, de cuja priſão foi eſte o fundamento,

Como todos os annos os Mouros da India em noſſo odio levantão hũa nova com que nos ameação, que he fazer ſe armada de Rumes no Mar roxo. Os Governadores ordinariamente, alem de outras intelligencias que tem per peſſoas particulares, ſempre mandão ora armadas groſſas como as paſſadas que eſcrevemos, ora dous, ou tres navios de remo, como eſpias para entrarem dentro das portas do Eſtreito, & tomarem alguem per quem ſaibão o que là vai. E à fim de tèr noticia deſtas couſas, mandou Nuno da Cunha à Manoel Rodriguez Coutinho no anno de M.D.XXXV. com tres catùres, dandolhe por regimento o que avia de fazer, & que da coſta de Fartaque eſpediſſe hum dos catùres, de que era Capitão hum que ſe chamava de Alcunha o Artilheiro, o qual foſſe ao Xeque de Socotorà, & lhe pediſſe o que devia de hũa nao que ſe hi perdera. E que tambem lhe encomendaſſe os Chriſtãos da Ilha, porque el Rei Dom Ioão de Portugal ſeu Senhor, lhe eſcrevera ſobre iſſo, & que o meſmo eſcreveſſe à el Rei de Fartaque, que o mandaſſe aſsi à aquelle ſeu Xeque, pois moſtrava querer amizade com os Portugueſes. Tornando Manoel Rodriguez do Eſtreito ja no fim de Maio d'aquelle anno, por os tempos ſerem mui verdes, & não poder ir invernar à Ormuz, como lhe ordenara o Governador, ficou em Xael, onde recebeo d'el Rei muita honra, porque não ſòmente



ſòmente à ſua peſſoa, mas ainda à todos que forão com elle fez gaſalhado, & lhe mandou varar os catùres em terra, & ſerem vigiados, temendo que de noute os Mouros Baduijs, que he gente vil do campo, lhe vieſſem pôr fogo, & paſſados dous meſes & meio, ja meado Agoſto, Manoel Rodriguez ſe partio, mandando el Rei com elle hum meſſageiro, & hum preſente de ſeis cavallos, & outras couſas da terra à Nuno da Cunha, pedindolhe ouveſſe por bem de lhe dar paz, porque deſejava muito de a tèr com elle, & com todos os Portugueſes, & que para aſſentar eſta paz, mandaſſe là hũa peſſoa honrada com ſeu poder para a jurar com elle.

Chegado à India Manoel Rodriguez com eſte meſſageiro em Novembro, foi logo ſabido da vinda delle, & do Embaxador que levava, & o que el Rei de Xael pedia, & deſejava. E porque os homẽs eſtavão deſejoſos de navegar contra aquellas partes por razão de fazerem ſeus proveitos, ſem licença do Governador, mas eſcondidamente, como cada hum podia, forãoſe algũs à aquelle porto de Xael, mais à dannar à ſi, & à outros, que à fazer ſeu proveito. Porque nos homẽs que per cobiça entra a deſobediencia de ſeu Capitão, & que tem mais reſpeito à ella, que à verdade, & fè que lhe devem, logo ficão poſtos em caminho de cõmetter toda maldade. E o primeiro que a cõmetteo, & errou contra el Rei de Xael, foi o Capitão Artilheiro, por lhe pagar o bom gaſalhado que delle recebera. O qual eſpedido de Manoel Rodriguez Coutinho, foiſe lançar em hũs ilheos que ſão de Xael obra de doze legoas à eſperar os navios q̃ ſaião do Eſtreito, & fazer nelles preſa, deixando o caminho de Socotorà onde Manoel Rodriguez o mandava, ao q̃ acima diſſemos. Eſtando elle hi eſperãdo a preſa, vèo tèr com elle hũa galvetta, em q̃ vinha hũ primo d'el Rei de Xael, & hũ ſeu Feitor, & outro Mouro honrado, aos quaes o Artilheiro robou, & deu tormẽtos fortes pendurandoos per partes deſoneſtas, à fim que moſtraſſem o q̃ trazião. E deſpois de roubados, & atormentados, os vèo lançar em terra junto de Xael, os quaes ſe forão appreſentar à el Rei com os ſinaes de ſeus tormentos, do que elle ficou mui eſcandalizado, mais por as injurias que fizerão aos ſeus, que por a quantia da fazenda perdida. E ſe queixou muito de Manoel Rodriguez cõprir cõ elle tam mal ſua palavra.

Porque ſabendo elle como d'alli avia de deſpedir aquelle catùr para ir à Socotora, temendo que eſte catùr quiſeſſe fazer algũas preſas, pediolhe que não foſſe na ſua coſta; & tambem que não foſſe naquelles ilheos, porque eſperava aquella galvetta que tinha mandado ao Eſtreito, por ſer lugar que todos os que vem d'aquellas partes, o vem demandar, por eſtarem ſeguros de boa navegação.

A eſte queixume, ſuccedeo logo occaſião de outro, cauſado per hum navio de Gonçalo Vàz, que partio de Baticalà furtado do Governador, & (ſegundo dizião) com algũa pimenta. O qual não ſe contentando de ir com ſuas mercadorias, junto de Xael topou hũa nao carregada de outras, das quaes a maior parte erão de Mouros de Fartaque, & de Xael, & tomada vèo alli à vender tudo, o que el Rei ſofreo com paciencia por tèr Embaxador ſeu cõ Nuno da Cunha; & tambem porque ja à eſte tempo erão tantos os Portugueſes em ſeu porto, & importavãolhe tanto os dereitos que pagavão de ſuas mercadorias, que diſsimulava a injuria, & dãno que recebião ſeus vaſſallos, poſto q̃ ſe queixavão à elle. Sobre tudo iſto, hum Alvaro Madeira que andava levantado no rio Sinde com algũs companheiros, vindo alli tèr, foi appoſentado em caſa de hum Mouro honrado, & caſado. E parece que não ſe contentando de entender cõ hũa manceba do Mouro, & deſpois cõ ſua molher, ainda ſobre iſſo o eſpancou, por ſe ir queixar à el Rei: & vendo o Mouro como el Rei iſto diſsimulava, deixou a caſa de todo à Alvaro Madeira. Acreſcentouſe mais à eſtas offenſas, que indo hũ dia el Rei folgar em caſa de hum fuão Godinho Portugues, por ſer homẽ dado à prazer, & à banquetes, entre algũas palavras que ſobre cea teve cõ el Rei, lhe chamou bebado. E poſto q̃ el Rei algũ tanto eſtiveſſe alegre com o vinho, não eſtava tam fora de juizo, q̃ não ſoubeſſe conhecer, & diſsimular aq̃lla offenſa, & deſpedido delle ſe foi para ſua caſa cõ a palavra injurioſa no peito. Succedeo alem de tudo iſto, que hũs catorze Portugueſes que andavão levantados na coſta do cabo de Guardafù, tomarão hũa nao de gente conhecida do meſmo Rei, & vierão vender a nao cõ toda a mercadoria ao porto de Xael: & andando em pregão, lançou el Rei nella, & ſobre elle lançou hum Araujo Portugues que alli eſtava avia muitos dias. Eſte tinha tanto credito entre os Portugueſes, que per ſua mão fazião muita fazenda,



fazenda, & era entre elles & os Mouros chamado Feitor. El Rei parecendolhe aquillo deſacato ſeu, diſſe ao Araujo, que elle era Senhor d'aquella terra, & quando elle entendia em algũa couſa, que ninguem ouſava de olhar para ella, & que ſua tenção em lançar em aquella nao, não era para fazer fazenda, mas ganhar amigos, porque a queria comprar para a reſtituir à ſeus donos por aquelle preço, por ſerem homẽs de que tinha conhecimento. E que pois elle Araujo pretendia ganhar, lhe daria quinhentos cruzados, que lhe logo mandou dar em ouro de moeda Veneciana, para que deſiſtiſſe da nao. Outras muitas couſas eſcandaloſas fizerão algũs Portugueſes que alli andavão, as quaes el Rei, como homem mais prudente que accelerado guardava em ſeu peito, atè vir reſpoſta do que per ſeu meſſageiro mandara dizer à Nuno da Cunha.

Não tardou a reſpoſta muito tempo, porq̃ logo cõ o meſmo meſſageiro mandou o Governador em hũ galeão Dõ Manoel de Meneſes cõ ſettenta homẽs, ao qual deu comiſſão para aſſentar pazes com el Rei. Dom Manoel q̃ eſtava innocente do q̃ os Portugueſes tinhão feito em offenſa d'el Rei, folgou muito de achar naquella terra eſtranha ſeſenta ſeus naturaes, que nella andavão com muita liberdade, parecendolhe, que com elles ficava mais ſeguro. Com a chegada de Dõ Manoel ſe moſttou el Rei mui contente, & o mandou viſitar ao galeão cõ muitos carneiros, & fruttas da terra. Ao ſegũdo dia, para aſſentarem as capitulações, & concerto das pazes, ſaio Dom Manoel em terra, & foi apoſentado em hũas caſas das melhores da cidade, & d'ahi à tres dias fez cõ el Rei ſeu aſſento, ſegundo os apontamẽtos que trazia. Feito iſto, hũ Domingo pela manhãa, querendoſe Dom Manoel recolher ao ſeu galeão, mandoulhe el Rei dizer, que elle tinha informação que algũs Mouros Baduijs do campo eſtavão para entrar nos arrabaldes da cidade, & roubar hũa cafila que alli era vinda, q̃ lhe pedia muito que dos Portugueſes q̃ tinha conſigo lhe mãdaſſe là vinte eſpingardeiros para defenderem aquella cafila. Dom Manoel como eſtava para ſe embarcar, & tambem porque lhe diſſerão os ſeus, que ao redor de ſuas caſas ſe ajũtavão mais Mouros que os outros dias, eſcuſouſe dos eſpingardeiros, & mui à preſſa mandou que lhe trouxeſſem o batel do galeão, & que não vieſſem nelle marinheiros

Arabios, ſe não todos Portugueſes. Mas como a malicia eſtava ja determinada, a primeira couſa que os Mouros fizerão, foi acudir à praia à tomar o batel, & hum bargantim que hi eſtava dos alevantados. E deſpois derão na cidade pelas caſas, & pelas ruas onde achavão Portugueſes matando nelles à ſua vontade: no qual inſulto morrerão trinta & cinco. Dõ Manoel ouvindo a revolta querendo ſair era ja cercado, & começarão de o combatter, & pelejarão deſde pela manhãa atè hũa hora de Sol, em que matarão cinco Portugueſes: & porque os Mouros os achavão duros de entrar, trouxerão cer tas peças de artelharia para atirar à caſa, na qual avia pouca defenſão, porque as caſas erão de adobes. Em toda eſta revolta nũca el Rei appareceo, & o aſſeſtar das bombardas mais parece que foi para terror dos noſſos, para que ſe deſſem, que para outro fim: porque a vontade d'el Rei não era, ſe não avelos vivos à mão, Porque logo à eſte tempo mandou dizer ao Capitão, que lhe foſſe fallar, porque queria pratticar com elle algũas couſas ſobre a paz que tinha aſſentada, & q̃ para ſeguramente o poder fazer lhe mãdaria duas ou tres peſſoas das principaes, que eſtiveſſem em arrefẽs com os ſeus, atè elle ir à Meſquita onde o eſperava. Avendo precedido ſobre iſto muitos recados de parte à parte trouxerão os Mouros, & entregues aos Portugueſes foi Dom Manoel à Meſquita onde el Rei eſtava, o qual ſe começou de deſculpar, dizendo que aquelle caſo fora furia do povo, por quanto nelle avia muita gente, que tinha recebidas muitas injurias, & dannos d'algũs Portugueſes que alli eſtavão. E para mais juſtificação ſua, começou à propor, & contar as couſas de que atras fizemos menção, & diſſe, que pois ja o mao recado era feito, & que os mortos que ouvera de parte à parte, parecia ſatisfazerem parte das culpas cõmettidas, que elle não queria, que hum bem tam principal, como era a paz & amizade que eſtava contrattada ficaſſe quebrada. Mas que outra vez de novo ſe tornaſſe à ratificar, & reformar. Porque elle jurava por o Moçafo da ſua lei, em que punha as manos, que nenhũa couſa mas deſejava que a paz dos Portugueſes, & que iſto era o que queria, & outra couſa não. Dom Manoel lhe reſpondeo, que elle era ignorãte de todas aquellas couſas que lhe contara: & que na verdade ſe as elle ſoubera, antes que com elle trataſſe a paz à que era vindo, primeiro ouvera de



de trattar do caſtigo que avia de dar à aquelles culpados, porque elle trazia poderes do Governador para caſtigar malfeitores. E em quanto iſto não fizera, não ouſara de confiar ſua peſſoa de gente eſcandalizada, & deſejoſa de vingança. Mas que como vio os culpados de que ſe elles queixavão eſtarem na meſma terra, de quem podião tomar vingança antes de ſua vinda, que temor podia elle tèr, pois era chamado à bem de paz, & não de guerra? E pois o negocio eſtava naquelle eſtado, elle não ſabia mais que notificarlhe, que a nação Portugueſa muito mais temia fazer hũa couſa contra ſua honra, que contra a vida. E que ſe lhe à elle parecia, que por os tèr cercados & poſtos em perigo, avia com elles de trattar de pazes, menos do que tinha aſſentado, podia eſtar ſeguro que elle o não faria. E que avia de eſtar em ſua liberdade para as poder fazer, & não da maneira que elle eſtava. El Rei lhe reſpondeo, que elle dizia mui bem, & que aſsi queria que foſſe, & elle ſe tornaſſe para onde eſtavão os ſeus, & pratticaſſe cõ elles niſto que lhe dizia. Porque por ſua livre vontade queria que de novo aſſentaſſem as pazes, pois as paſſadas por aquelles inſultos dos ſeus erão quebradas.

Deſpedido Dom Manoel del Rei, & os ſeus que eſtavão em arrefẽs tornados, ouve grande confuſão entre os Portugueſes. Porque Dom Manoel temendo o que deſpois ſuccedeo, dizia, que ou pelejãdo livraſſem ſuas peſſoas, ou acabaſsẽ de todo. Os mais d'aquelles q̃ erão alli vindos buſcar fazenda & não honra, dizião que o melhor era ſalvarem hũa vez as vidas, q̃ o mais era trato de mercadoria, q̃ em hũa parte ſe perde & em outra ſe ganha. E quando el Rei lhe mantiveſſe tã pouca fè, que os cattivaſſe, que parentes & amigos tinhão na India para os reſgatarem. E os que mais inſiſtião em não pelejar, erão os caſados na India. Finalmente Dõ Manoel conſentio no que lhe el Rei mandou dizer, q̃ elle com todos os Portugueſes foſſe aos ſeus paços, para de novo publicamente aſſentarem as pazes, onde elle mandava, q̃ os principaes foſſem preſentes, para ſatisfazer à ſeu povo, & o aquietar d'aquella indinação q̃ tinhão. Vindo D. Manoel, tanto q̃ entrou em hũ grãde terreiro das caſas d'el Rei, cõ a gẽte que levava, q̃ ſerião ſettenta homẽs, el Rei lhe mandou dizer, que elle ſòmente com hũa peſſoa, que elle quiſeſſe, ſubiſſe à hũa caſa, onde o eſperava, & que os outros aguardaſſem atè elle os

mandar ir. Ao que Dom Manoel satisfez, subindo à hũa casa em que el Rei estava, & elle mandou levantar hum seu parente que tinha acerca de si, & em seu lugar fez assentar à Dõ Manoel. E pratticando com elle o danno que os Portugueses tinhão feito, lhe mostrou o seu parente & criado à que o Artilheiro roubara & atormentara, dizendo que fazer pazes verdadeiramente elle o desejava: porem que não sabia se o Governador averia por firme o que alli trattassem: porque por elle Dom Manoel estar em estado de cattivo mais que de livre, não parecião valiosas as pazes. Polo que era necessario que elle, & todos os seus estivessem alli, atè elle mandar notificar ao Governador a causa de os reter. E por quanto os que estavão no galeão, & nos navios dos Chatijs que alli erão vindos, podião fazer algum nojo à cidade com sua artelharia, sabendo como elles estavão reteudos, lhe rogava que lhes escrevesse, que se fossem em boa hora, sem atirar com a artelharia à cidade, & que na sua costa não fizessem algum danno. Ao que Dom Manoel respondeo, que elle em sua liberdade era Capitão d'aquella gente, & lhe obedecia: mas que no estado de cattivo, em que o elle tinha, não cresse que elles farião se não o que quisessem, & não o que lhes elle mandasse. Porem pois alli estava faria o que lhe mandava: & pedio papel & tinta, & fez duas cartas, hũa para a gente do mar do galeão & dos outros navios, & outra para Nuno da Cunha, dandolhe conta do estado em que ficava, & das causas per onde à elle viera: as quaes cartas el Rei mandou que lhe lessem. Os que ficarão em baxo no patio, quando virão D. Manoel preso, por o que elles tinhão feito, & que o tẽpo não dava à outra cousa remedio, entregarãose com esperança de sairem d'alli com elle, os quaes poucos & poucos forão logo postos à bom recado. A gente do galeão & dos outros navios vendo a carta de D. Manoel, por não serẽ causa de maior mal, pacificamente se partirão caminho da India. El Rei porque de nenhũ dos cattivos estava mais escandalizado que do Godinho, que lhe chamou bebado, ante si o mandou descabeçar per hũ seu escravo. Dos outros que ficarão, os trinta & quatro mandou de presente ao Turco com offerta de sua pessoa, por a nova de sua armada que se fazia em Suez, vendo que por o que fizera à Dom Manoel ficava posto em odio com os Portugueses, & cõ o presente ficaria mettido na graça do Turco.



Turco. Entre estes cattivos que mandou foi o Alvaro Madeira, o qual fugio de Constantinopla, & vèo à este Reino no anno de M.D.XXXVI. & deu à el Rei nova da armada que o Turco fazia em Suez para mandar à India como adiante diremos.

## CAPITVLO XVI.

*Do que Nuno da Cunha assentou com o messageiro d'el Rei de Xael sobre as pazes que pedia, & como mandou à Dom Fernando de Lima que ia por Capitão à Ormuz, que fosse por Xael tirar à Dom Manoel de Meneses de cattiveiro.*

DE todas estas cousas que erão passadas em Xael, Nuno da Cunha tinha informação: & porque a prisão de Dom Manoel procedeo dellas as dissimulou, & como foi em Dio, aonde trouxe o messageiro d'el Rei de Xael, assentou com elle pazes com estas condições.

*Que el Rei de Xael entregaria logo Dom Manoel, & os Portugueses que com elle estavão, & todos os seus escravos, & pagaria a perda de sua fazenda per esta maneira. Que Nuno da Cunha mandaria à Xael hum feitor & hum escrivão, & os dereitos que as partes ouvessem de pagar na alfandega se farião em tres terços, huns delles para pagamento destas fazendas, outro para el Rei de Portugal, & o outro para el Rei de Xael. E que este feitor & escrivão darião cartazes para navegarem as naos seguramente com suas mercadorias. E que em final de pareas el Rei de Xael daria em cada hum anno à el Rei de Portugal cem quintaes de Cisa, (que he azeite de pexe) para os seus almazẽs da India. E que Nuno da Cunha lhe mandaria entregar dous Mouros honrados naturaes de Xael, que forão presos em Ormuz, como represalia, por causa de Dom Manoel. E assi daria favor & seguro aos navios que fossem achados na costa do seu Reino dẽtro dos limites nomeados.*

Feito este contratto, porque Dom Fernando de Lima, filho de Diogo Lopez de Lima, que ahi estava, & viera de Portugal na armada do anno passado, ia para Ormuz à servir de Capitão d'aquella fortaleza, [a] ordenou Nuno da Cunha, que fosse por Xael à ver jurar el Rei este assento das pazes, &

[a] Estava neste tempo D. Pedro de Castelbranco por Capitão de Ormuz, donde mandarão à Dio ao Governador Capitulos de grandes queixas cõtra D. Pedro, as quaes erão de qualidade, que pareceo necessario à Nuno da Cunha para quietação da terra mandalo tirar da fortaleza, ao què enviou à Ormuz o Doutor Pero Fernandez Ouvidor gèral, que o suspendeo do cargo, & o mandou preso à India. E com esta occasion deu o Governador a Capitania de Ormuz à Dõ Fernando, que elle não possuio mais de tres meses, fallescendo nella de hũas febres, com grande sentimẽto de todos, pelas muitas partes de que Dom Fernando era ornado. Diogo do Couto capitulos 6. & 8. do liv. 2. da 5. Dec.

receber entrega de Dom Manoel de Meneſes, & dos outros Portugueſes. Chegando Dom Fernando à Xael, foi recebido d'el Rei com muita honra,& comprio cõ elle tudo o que ſeu Embaxador contrattou, & deulhe dous cavallos: & alem de entregar Dom Manoel,& todos os que com elle eſtavão,que em hum navio ſe forão para a India,entregoulhe certa fazenda que hi tinha Ioão de Santiago,à que chamavão Franguechan,por ſaber que ja era morto.E paſſando Dom Fernando per Caxen,lhe entregou tambem el Rei outra pouca de fazẽda do meſmo Santiago que ahi fora tèr em hum zambuco;tudo por apprazer à Nuno da Cunha,& deſejar ſua amizade, & dos Portugueſes: & aſſentou tambem pazes com Dom Fernando.E por eſtes Reis comprazerem à Nuno da Cunha,lhe mandarão novas,como não avia entre elles noticia algũa dos Rumes virem à India aquelle anno.

Chegado Dom Fernando de Lima à Ormuz, eſcreveo à Nuno da Cunha o ſucceſſo de ſua viagem,& como de Baſçorà avia vinte tres dias que era chegado hum Bartholomeu Rodriguez,que là mandara Dom Pedro de Caſtelbranco à ſaber novas dos Rumes,& conformava o que dezia com o que lhe diſſerão os Reis de Xael,& de Caxen.E afora os aviſos que eſtes Reis mandarão à Nuno da Cunha,os teve de outros muitos,como foi d'el Rei de Dofar:os quaes todos tratavão de o grangear. Porque como vião el Rei de Cambaia morto, & Dio em poder de Portugueſes,& todos os Arabios vivião do trato que naquella cidade tinhão,competião hũs com outros à qual o obrigaria com maiores beneficios, por o favor que pretendião para ſuas navegações. Mas Nuno da Cunha, ainda que aquella nova vinha per tantas vias,& não ſò per Mouros, mas per algũs Portugueſes,& lhe parecia que aquelle anno não virião Rumes,com tudo para ſegurança da fortaleza, deixou começada a grande ciſterna que nella ha,[a] & mandou fundar hum baluarte na villa dos Rumes,[b] & derribar a maior parte della,por ſer mui perigoſa aquella povoação, & ſòmente deixou algũas caſas para os officiaes que hi avião de reſidir:& aſsi ordenou outras couſas para a defenſão da fortaleza,no qual negocio elle levou maior trabalho que no governo,& foraes da terra.E deixando provido tudo o que era neceſſario,quando vèo o mes de Março, que he o principio do inverno,ſe recolheo para Goa.

Partido

a. *Eſta ciſterna he de tres naves,tem vinte cinco palmos de alto, & tam capaz, que cada palmo da ſua altura recolhe mil pipas d'agoa.*
*Diogo do Couto cap.3.liv.2.Dec.5.*

b. *Deſte baluarte deu o Governador a Capitania à Franciſco Pacheco.*
*O baluarte do mar proveo d'arteIharia,& munições, & nelle pòs por Capitão à Antonio de Souſa Coutinho com trinta Soldados.*
*A Capitania mòr da armada q̃ deixava no rio, deu à Franciſco de Gouvea,& Alcaidaria mòr da fortaleza à Paio Rodriguez de Araujo,& a Feitoria à Antonio da Veiga. E os fidalgos, & Capitães que deixou cõ Antonio da Silveira, forão Lopo de Souſa Coutinho, Gonçalo Falcão, Luis Rodriguez de Carvallo, Gaſpar de Souſa, Manoel de Vaſconcellos,& Rodrigo de Procença.*
*Diogo do Couto cap.6.*



Partido Nuno da Cunha,chegou à Dio hum navio,de que era Capitão Fernão de Moraes, que partio deſte Reino em Novembro em cõpanhia de outros dous navios, de que erão Capitães Fernão de Caſtro para ir à Ormuz,& Diogo Lopez de Souſa o Traquinas à Goa, indo aſsi ordenados para eſtas fortalezas ſe proverem, por o aviſo que el Rei Dom Ioão tinha da armada do Turco,que eſtava feita em Suez. A qual nova ſe ſoube não ſòmente por aquelle Alvaro Madeira, que diſſemos fugira para Portugal de Conſtantinopla, aonde el Rei de Xael o mandara com outros cattivos, mas de outras peſſoas de credito. Do que el Rei aviſava à Nuno da Cunha por eſtes tres Capitães,& que logo para Março mandava fazer hũa groſſa armada.E no meſmo mes de Novembro, em que elles partirão,partirão tambem para a India em dous navios Aleixo de Souſa,& Enrique de Souſa Chichorro ſeu irmão,filhos de Garcia de Souſa, os quaes forão à Moçambique,de cuja Capitania ia provido Aleixo de Souſa,porque ſe receou el Rei que foſſem tèr à ella algũas galès dos Turcos,& per eſte modo quis tèr provido tudo. E porque das couſas do Reino de Bengalla,ſendo de nos mui frequentado, atè agora não temos dado noticia, nem do ſucceſſo de duas armadas que Nuno da Cunha mandou à aquellas partes, deixando com o fim deſte libro as couſas da India, começaremos no ſeguinte com as de Bengalla, como mais vezinhas que as de Malaca,& Maluco,de que tambem nelle avemos de eſcrever,por irmos proſeguindo noſſa natural ordem,& caminho de Oriente.

**
*

27
26
25
24
23
22
555
REINO
LIMA
DE BREMA LIMA
TRIPÀ
Chacomas
REINO DE ARRA
ARRACAM
TIPORA
REINO
DE TIPORA
ESTADO DO
CODAVASCAM
Angur
CAM.
Tauascam
Sundar
REINO SIROTE
SIROTE
CO:
VAS:
SORÈ
DO:
CAM.
Santãtolij
Buluà
Aciapõdà
Orie
ton
Chocorià
Irabù
Maou
I.Bacalà
I.Chocuria
CHATIGAM
Tropo
COMOTAII
Aluia
Mauà
REINO DE
CAOR
REINO DE
COMOTAII
R.CAOR
Traquetèa
Jugudià
Sundiuà
ENSEADA
Merculij
Bander
Guacalà
LEGOAS
5
10
15
20
25
Bulnei
Bicaram
Sornagam
Daca
Belhaldij
Tipurià
Angara
Di:
purià
Mula
rangue
Nazirpur
Maluco
Nol
dij
Naomoluco
Cuipi:
tauaz
GOVRO
Patanà
Meneitipur
Buram
Fatiabaz
Rara
Moulauadangur
R.GANGES
Agrapara
Xore
DE BEN:
GA:
LLA
Gorij
SATIGAM
Berna:
ger
Betor
Choumà
Abegaça
Paçuculij
Ferranduz
REINO
Pisacolij
Pisolta
Mandaram
DESCRIPÇÃO
DO REINO
DE BENGALLA
COSPETIR
R. GANGA
C. Cegogorà
PATANES
REINO DE ORIXÀ
Conteripatam
Pularij
PIPILIPATAM
Diego de Astor Fecit

# LIVRO NONO

## DA QVARTA DECADA DA ASIA,

### *DE IOÃO DE BARROS.*

Governava a India Nuno da Cunha.

## CAPITVLO PRIMEIRO.

*Da descripção do Reino de Bengalla, & dos costumes da gente delle.*

PORQVE na geral descripção, que
em summa fizemos da costa da In-
dia na nossa primeira Decada, * não
demos mais noticia do Reino de Bẽ-
galla, que da dimensão da sua ensea-
da, & da entrada nella do Rio Gan-
ges (a que os naturaes chamão Gan-
ga) pareceonos que aqui onde avia-
mos de trattar do que aos nossos aconteceo n'aquelle Reino,
deviamos dar maior noticia delle, & dos costumes das gentes
que o habitão. A situação pois do Reino de Bengalla he na-
quella parte onde o rio Gãges descarrega suas agoas per dous
principaes braços no Oceano Oriental, & onde a terra reti-
rãdose mais de suas ondas, faz a grande enseada à que os Geo-
graphos

* *Liv. 9. cap. 1.*

*Este Cap. estava no quaderno de Ioão de Barros mui desordenado, trocadas as cousas, & todas fora de seu lugar, com que ficavão inintelligiveis.*

graphos chamarão Gangetica, & agora lhe chamamos de Bengalla. Nas fozes dos dous braços do Ganges se mettem dous notaveis rios, hum da parte Oriẽtal, & outro da Occidẽtal, ambos limites deste Reino. A hum delles chamão os nossos de Chatigam, por entrar na foz Oriental do Ganges em hũa cidade deste nome, que he a mais celebre & rica d'aquelle Reino, por razão de seu porto, no qual concorrem as mercadorias de todo aquelle Oriente. O outro rio entra no braço Occidental do Ganges à baxo de outra cidade que se chama Satigam, tambem grande & nobre, mas menos frequentada que Chatigam, por o porto não ser tam commodo para a entrada & saida das naos. O rio de Chatigam nasce nas serranias dos Reinos de Avà & de Vagarù, & fazendo seu curso do Nordeste para o Sudueste, divide o Reino de Bengalla das terras do Codovascan, & ao longo das correntes deste rio ficão os Reinos de Tipora & de Bremma Limma, que rodeão Bengalla da parte Oriental. Pela dõ Norte cingem este Reino hũas serranias, que o apartão do Reino de Barcunda: nas quaes abrio a natureza o caminho à aquelle illustre rio Gãges para levar suas agoas ao mar: & nesta abertura que he no estremo deste Reino tem o Rei hũa fortaleza chamada Gorij, para defensão das gentes que habitão aquellas serras & partes montuosas por onde o rio Ganges sae, paraque não possão entrar per terra nem per agoa. Voltando estas mesmas serras ao Ponente, apartão os Bengallas dos povos Patanes, & mais abaxo contra o Meodia do Reino de Orixà, ficãdo desta parte entre as serras & a corrente do rio Ganges as campinas de Bengalla. Outro rio que entra no Ganges abaxo de Satigam, corre pelo Reino de Orixà, & tem suas fontes nas costas da serra, à que os Indios chamão Gate, naquella parte que ella vezinha com Chaul, & por ser este rio grande, & correr per muitas terras, os naturaes à imitação do Ganges, em que se elle mette, chamãolhe tambem Ganga, & tem suas agoas por santas como as do Ganges. Desta maneira jaz o Reino de Bengalla pela sua parte maritima, que he a Austral entre os dous rios, este de Satigam ao Ponente, & o de Chatigam ao Oriente, & os dous braços do Ganges, em que elles entrão, formão a figura da letra Delta dos Gregos, como fazem todos os rios grandes que per bocas entrão no mar.

Toda a terra entre hum braço & o outro he dividida em Ilhas



Ilhas ou Leziras, que estão retalhadas com a agoa do mesmo Ganges, & dos outros rios grandes, que nelle entrão. Das quaes começando da foz Oriental são estes os nomes das que vierão à nossa noticia, Tranqueteâ, Sundivà, Ingudià, Merculij, Guacalá, Tipurià, Bulnei, Sornagam, Angarà, Mularágue, Noldij, Cupitavaz, Pacuculij, Agrapara, & outras muitas. Dentro dos limites com que comprehendemos o Reino de Bengalla estão estes Reinos à elle sujeitos. Caor, que vezinha com o Reino Cou; & foi em outro tempo parte delle, & os Bengallas o usurparão, & mais abaxo delle contra o mar, o Reino de Comotaij, & outro chamado Sirote, onde se fazem todos os capados que vem à Bengalla, & vão à outras partes, de que ha grande numero: O estado do Codovascam (que he hum Principe Mouro grande Senhor, & se mette entre Bengalla, & o Reino de Arracam) tambem os Bengallas o contão dentro dos termos do seu Reino; & assi o de Tipòra: mas como estas terras são montuosas, dizem os Bẽgallas, que certos Senhores poderosos se levantarão com ellas contra el Rei de Bengalla. E como entre os Tiporitas, & os Bengallas ouve sempre odio, & emulação, como pela maior parte soe aver entre Reinos vezinhos, quando algum delles pretende ser maior, que o outro, ou superior, fizerãose em liga os Tiporitas com os do Reino de Cou, tambem inimigo de Bengallas, com que lhe levantarão a obediencia. E segũdo este Reino de Cou he grande, & tem mais gente de cavallo que nenhum de seus vezinhos, & he aspero por as muitas serranias que tem, pudera por si sò conquistar Bengalla, quãto mais ajudado dos Tiporitas, que he gente mui bellicosa. Mas como estes dous Reinos amigos & confederados são Gentios, sem entre si consentirem Mouros, que com artelharia, & artificios de guerra de que usão, tem feito o Reino de Bengalla poderoso, vem estes dous Reinos amigos à perder por falta da disciplina militar dos Mouros, que a vierão dominar, o que lhe sobrelevão de esforço, de animo, & valentia. Da outta parte do Ponente contra o Reino de Orixà tem os Bengalas o Reino de Cospetir, cujas campinas no tẽpo das crescentes do Ganges, são cubertas quasi ao modo das do rio Nilo. E porque Bengalla a maior parte do tempo cõtende com dous Reinos vezinhos, com o de Orixà, que he Gentio, & com os Patanes, de que a maior parte são Mouros,

ficava

ficava aquelle Reino Coſpetir trilhado da paſſagem delles quando entravão em Bengalla, atè que os Patanes totalmente ſe fizerão Senhores delle, como adiante diremos.

Deſte Reino de Bengalla, & de outros quatro ſeus vezinhos, dizem os Gentios, & Mouros d'aquellas partes, que à cada hum delles deu Deos ſeu particular dom. A Bengalla gente de pè ſem numero: ao Reino de Orixà elefantes: ao de Biſnagà gẽte mui deſtra na eſpada & adarga: ao Reino do Delij muitas cidades & povoaçõe: & ao de Cou grande numero de cavallos. Aos quaes aſsi nomeados neſta ordem elles dão eſtoutros nomes, Eſpatij, Gaſpatij, Noropatij, Buapatij, & Coapatij.

A terra de Bengalla, como jaz entre vinte dous, & vinte ſette Graos da parte do Norte, & a maior parte della he de cãpos, que ſe regão de quatro rios notaveis, & he retalhada em leziras (como diſſemos) toda he mui fertil, não ſòmente de arroz, que he ſeu geral mantimento, mas de muitos legumes, hortalizas, & fruttas, dellas como as de noſſa Eſpanha, & de outras que cà não temos, que ſão naturaes à aquellas regiões do Oriente: fazſe em todo eſte Reino muito & bom açucar, que ſe leva em fardos para outras partes: naſce nelle muita pimenta longa, & he abundante de todo genero de gado meudo & groſſo, & animaes monteſes, & aves de ribeira de toda ſorte: crianſe muitos cavallos do tamanho de facas de Inglaterra, & ſe colhe tanto algodão, & ha tantos officiaes que tecem finiſsimos pannos, que pode dar de veſtir com elles à toda Europa. Porque não ſòmente de Malaca por diãte, em que ha hum infinito numero de Ilhas naquelle Arcipelago, mas ainda à toda a India, em cuja coſta em todos os lugares fazem infinitos pannos de algodão, por o geral da gente não ſe veſtir de outra couſa, quem ſe quer veſtir de pannos finos os ha de aver de Bengalla. E nas couſas de lavores de agulha, & differenças de tecedura à todas as gentes os Bẽgallas levão ventagem, como ſe vè nos lavrados das colchas riquiſsimas, & de outras couſas que de lâ vem.

A gente natural da terra pela mòr parte he gentia, & fraca para pelejar, mas à mais malicioſa, & atreiçoada de todo aq̃lle Oriente. Pelo que para injuriar hum homem em qualquer parte, baſta dizer, que he hum Bengalla. Mas tem hum bem eſte povo, que como he gente que não tem mais de ſeu, que quanto



quanto ganhão para comer aquelle dia, neſta pobreza eſtão mais ſeguros da vida, que os Grandes: porque à eſtes como lhe ſentem fazenda, logo lhe achão hũa culpa, perque lhe he tomada para el Rei, & muitas vezes com ella perdem a vida: & quando morrem naturalmente, el Rei he herdeiro, aſsi do rico, como do pobre. Vſa el Rei de outra tyrannia, que como os ſeus officiaes da juſtiça, & da fazenda eſtão hum pouco de tempo nos officios, & à elle lhe parece que algũ eſtà ja groſſo em fazenda, por qualquer achaque o manda chamar, & à poder de açoutes lhe tira a que pode, & deſpois lhe veſtem hũa cabaia que el Rei lhe manda dar, com a qual vai mais honrado, que injuriado com os açoutes, por ſer ſinal que fica ja reconciliado com el Rei, & que com aquella honra da cabaia lhe manda que torne à ſervir ſeu officio, no qual torna de novo à roubar, porque ſabe que aſsi lhe convem para quando vierem outros açoutes.

A principal cidade deſte Reino he chamada Gouro, ſituada nas correntes do Gange, & dizem tèr de comprido tres legoas das noſſas, & dozentos mil vezinhos. De hũa parte tem o rio por cerca, & da banda da terra hum muro de pedra & cal mui alto, & na parte onde o rio lhe não chega, tem hũa cava chea d'agoa, em que podem nadar grandes bateis. As ruas ſão largas & dereitas, & as principaes tem arvores poſtas em ordem ao longo das paredes, para fazerem ſombra à gente que paſſa. E como o povo he tanto, ſão as ruas tam frequẽtadas com o trafego, & ſerviço da gente, principalmente as que vão demandar os paços d'el Rei, que não podem nellas romper hũs per outros, pelo que os que acertão de cair entre gente de cavallo, ou de elefantes, em que vão os Senhores, & homẽs nobres, alli ficão muitas vezes mortos, ou eſmagados dos pès das beſtas. Grão parte das caſas deſta cidade ſão nobres, & bem lavradas: & a riqueza & groſſura do tratto deſta cidade, & de todo o Reino de Bengalla era tanto, antes que os Patanes o tomaſſem (como adiante diremos) que dizia Soltam Badur, ſendo elle hum Rei dos mais ricos d'aquelle Oriente, & muito arrogante, que elle era hum, & el Rei de Narſinga dous, & el Rei de Bengalla era tres, querendo dizer, que el Rei de Bengalla tinha ſò, quanto elle, & el Rei de Biſnagà tinhão juntamente.

CAPI-

## CAPITVLO. II.

*Perque maneira os Reis de Bengalla vierão à ser Mouros.*

EM tempos paſſados,ſegũdo dizem, averà cem annos, acertou de vir hũa nao do Reino de Adem,que eſtà na boca do Eſtreito do Mar roxo,ao porto da cidade de Chatigam,de que vinha por Capitão hum Mouro Arabio,homem nobre,& abaſtado,que trazia conſigo dozentos homẽs. Vendo eſte o eſtado da terra,como ſagaz,& curioſo,à quem a fortuna chamava para maiores couſas, começou à inquirir o eſtado do Rei,& do Reino, & ſeu governo, & como ſe informou bem de tudo,começou conceber em ſeu animo maiores eſperanças das com que elle alli vèo. Carregada ſua nao cõ o retorno do que trouxera, a tornou à mandar para Adem, deixandoſe elle ficar em Bengalla em figura de Feitor de parentes ricos que tinha,diſsimulando ſua intenção. Aos quaes mandou a nao,& a fazenda, & lhe eſcreveo que logo o anno ſeguinte lhe mandaſſem outra nao cõ aquella,& nellas a mais gente que pudeſſe vir;pelo qual ardil,em tres, ou quatro viagẽs,dobrando as naos, & a gente,ſe achou com quinhentos homẽs. E por elle ſer ja conhecido dos Mandarijs, que ſão os Governadores,& avido por homem proveitoſo à terra, por os muitos dereitos que pagava,era tido como natural. Eſta reputação em que eſtava lhe deu ouſadia de ſe elle ir offerecer à el Rei para hũa guerra que ſe moveo entre elle, & el Rei de Orixà ſeu vezinho,o que lhe el Rei acceitou. Mas neſta jornada o Arabio cõ ſua peſſoa,& gente q̃ levava ſervio de pouco;porque o Capitão geral do exercito que era Bengalla, como homem que ſe afrontara de lhe el Rei dar o Arabio em maneira de ajuda, não o metteo em couſa em que elle moſtraſſe ſeu animo,& induſtria;antes ſe ouve eſte Capitão mòr tam deſconcertadamente em hũa batalha que deu ao inimigo,que perdeo muita gente,& lhe tomarão muitos elefantes que el Rei muito ſentio. O Arabio vendo o modo que eſte Capitão com elle tinha em o deſprezar,& quanto ſe el Rei enojara da perda d'aquella batalha,pedio à el Rei q̃ o deixaſſe ir



ir com a meſma gente,com que o ſeu Capitão fora desbaratado,porque com ella, & com a pouca Arabia que tinha lhe daria vingança de ſeus inimigos. El Rei lho concedeo, & elle o fez de maneira que oúve hũa grande vittoria delles, & lhes tomou dobrados elefantes. Finalmente elle ſervio naquelle officio da guerra tãbem,que em ſatisfação diſſo, o fez el Rei Guarda mòr de ſua peſſoa.

Neſte officio vèo elle à comprir ſeu deſejo,que foi matar à el Rei,& apoderarſe da caſa Real,& do Reino. Polo que tanto que o matou,ſe deixou eſtar nos paços que naquella cidade de Gouro el Rei tinha,que erão maiores que hũa grande villa,& erão a fortaleza da cidade,em que eſtavão ſeus teſouros,ſuas armas, cavallos, elefantes, & mantimentos. Deſtes paços ſaia o novo Rei com ſeus Arabios, & outros Mouros eſtrangeiros que recolheo, & com algũs Bengallas que para elle ſe vierão,& tanta guerra fez aos da cidade, que ſe fez Senhor della,& de todo o reſtante do Reino. E para ſua defenſão,& converſão d'aquelle Gentio mandou vir muita gente de Arabia, pela qual como ſe vio Rei pacifico repartio os officios, & governo do Reino, como lhe pareceo: & por eſte modo ficarão os Mouros Senhores de Bengalla. E eſte foi o principio de os Reis della virem à ſer Mouros, ſendo antes elle, & o povo Gentio. Deſte tyranno, & dos ſeus vem todos os Reis que deſpois delle ſuccederão em Bengalla, não per ſucceſſão de pai à filho: porque para ſucceder no Reino, tem os Bengallas hum cruel, & barbaro coſtume, dos antigos tempos introduzido, que ſe algum dos ſervidores d'el Rei, dos que elle tem naquelles paços, o matar, & eſtiver tres dias aſſentado em ſua cadeira Real, ſem alguem o mover d'alli, he Rei ſem mais contradição. E a razão que para iſto dão, he, que pois Deos ſuſtenta aquelle na cadeira Real aquelles dias, o approva por Rei para governar melhor que o paſſado, que per elle foi morto. E Martim Afonſo de Mello Iuſarte, por cuja cauſa viemos contar as couſas de Bengalla, dizia, que no tempo que elle eſtivera naquelle Reino, ouvira dizer, que em eſpaço de quarenta annos ſe fizerão treze Reis per aquelle modo, entre os quaes foi hum eſcravo ſeu Abexij de nação, & outro que lhe ſervia de lhe trazer o andor em que andava. E o que reinava

em tempo que Martim Afonſo de Mello là foi, & que o prendeo (como diremos) ſe chamava Mamud Xiah, que na conjunção de ſua chegada matara hum ſeu ſobrinho, filho de Nancarote Xiah ſeu irmão, o qual o deixara por tutor do filho à hora de ſua morte, por ſer de pouca idade. E por parecer à Mamud Xiah que não ficava ſeguro com a morte do moço, por ſe aſſegurar dos grandes do Reino, acreſcentando hũa maldade à outra, mandou matar mais de dozentos homẽs, & tomarlhe as fazendas, das quaes ſão Senhores os Reis d'aquella terra, não ſòmente dos que ſão mortos por culpas, mas dos que morrem ſem ellas.

Eſte tyranno Mamud eſtava com eſtas cruezas recolhido na fortaleza d'aquelles paços de Gouro, como à quem tudo era ſuſpeito: & não tinha couſa de que ſe fiaſſe mais que de quatrocentos homẽs da guarda das portas que avia antes que entraſſem à elle, repartidos em quatro Capitanias. Os Capitães deſta gente vigiavão à quartos, & todas as noutes avião de ſer mudados demaneira que nenhum avia de ſaber que porta avia de guardar a noute ſeguinte, ſenã quando era poſto nella. Sòmente hum Capado que tinha cargo das molheres d'el Rei, que ſe affirmava ſerem mais de dez mil, & tinha a porta mais interior onde eſtava a peſſoa d'el Rei, não era mudado della, como os outros erão das outras. Eſte era Capitão de quatrocentos Capados que avia das portas adentro para ſerviço das molheres, os quaes nunca ſaião fora, & os que fora ião erão moços pequennos tambem Capados. D'aquellas molheres d'el Rei, quatro erão as principaes, & da primeira deſtas quatro os filhos erão herdeiros. Finalmente o Eſtado d'aquelles Reis de Bengalla era tam grande naquelle tempo, que aviamos meſter muito para poder eſcrever ſuas couſas.

E porque a cauſa que nos moveo eſcrever o que atè aqui diſſemos, foi tèr eſte tyranno preſo Martim Afonſo de Mello Iuſarte na ſua cidade de Gouro, ſerà neceſſario repetir de longe a razão porque o prendeo, & contar quam proveitoſo lhe foi tèr conſigo Martim Afonſo ja ſolto. E como elle, & os outros Portugueſes que com elle forão preſos, livrarão à Mamud Xiah da guerra que lhe os Patanes fazião. Em a qual narração ſe verà, que não ouve guerras



guerras naquelle Oriente de hũs Principes com outros, em que algũs dos noſſos ſe acharão, que a parte que elles favorecerão, não ouveſſe vittoria de ſeus inimigos. E tambem ſe verà, em quam breve eſpaço ſe trocão os Eſtados, por grandes que ſejão de hũs povos em outros, quando os Principes delles os poſſuem com tyrannia.

## CAPITVLO. III.

*Como Martim Afonſo de Mello foi à el Rei de Bengalla, requererlhe amizade, & cõmercio com Portugueſes, & do que ſobre iſſo lhe aconteceo.*

ATRAS temos ditto no ſegundo livro deſta Decada, como Coge Sabadim Mouro reſgatou Martim Afonſo de Mello, & ſeus companheiros de poder do Codavaſcam, os quaes per hum Coge Sucurulà ſeu parente mandou à India em hũa ſua fuſta no anno de M.D.XXIX. à Nuno da Cunha, que ja à aquelle tempo governava. O que moveo à eſte Mouro fazer eſte beneficio, foi tèr elle negocio com o Governador Nuno da Cunha, & era eſte. Como ordinariamente os mais dos annos os Governadores da India mandão à Bengalla hum Capitão, à que querem aproveitar com hũa armada, em que entrão navios de homẽs que vão à aquellas partes fazer cõmercio, de que eſte fidalgo he Capitão mòr, & leva jurdição ſobre elles, como ſobre os navios d'el Rei. Deu Lopo Vàz de Sampaio eſta Capitania à Rui Vàz Pereira (como atras diſſemos) que era hum fidalgo de ſerviço. Eſte chegado à Chatigam, que he a cidade de Bengalla, onde concorrem todos os navios que vão tratar à aquelle Reino; achou alli ao Mouro Coge Sabadim, que era Parſio de nação, & avia annos que eſtava naquella cidade de Chatigam negociando ſua fazenda, & de algũs Mouros de Ormuz, & fizera hũa galeotta à noſſa uſança, ſendo defeſa na India polos Governadores, & por el Rei de Bengalla no ſeu Reino, à inſtancia de Raphael Pereſtrello, quando alli eſteve. E a cauſa porque ſe defendião galeottas na India aos Mouros era, porque algũs delles ſe fazião coſſairos, & andavão roubando com os navios da feição dos noſſos,

& as partes roubadas ſe queixavão, que os Portugueſes os roubavão.

Avendo eſta defeſa, como Coge Sabadim tinha muito favor dos Governadores de Chatigam, por os peitar groſſamente, para bem fazer ſeus negocios, teve em pouco impedir lhe Rui Vàz Pereira uſar da galeotta que tinha feito à noſſa uſança. Polo que Rui Vàz lhe tomou hum galeão que no porto tinha carregado. Queixandoſe diſto Sabadim à Nuno da Cunha que ja governava, & pendendo demanda na India ſobre iſſo, fez o reſgate de Martim Afonſo, & dos mais Portugueſes, por obrigar ao Governador à lhe fazer juſtiça, & mãdou juntamente com Martim Afonſo à ſeu parente Coge Sucurulà, para andar na demanda do galeão (que lhe foi tornado com toda a fazenda) & pratticar algũas couſas de importancia com o Governador, alem de Martim Afonſo as trazer em lembrança. Erão algũas do ſerviço d'el Rei de Portugal, & outras em beneficio delle Sabadim, para libertar ſua peſſoa da violencia que os Governadores de Chatigam lhe fazião em o não deixarem ir d'aquella cidade para a Perſia ſua terra natural. Porque por o muito tempo que eſte Mouro eſteve naquella cidade, & o grande tratto que tinha d'alli para Ormuz, enriqueceo tanto, & era ſua eſtada alli tam proveitoſa às rendas d'el Rei, & à toda a terra, com a entrada & ſaida das mercadorias em que tratava, que o não querião deixar ir para ſua terra, dizendolhe, que el Rei o mandava aſsi. Coge Sabadim porque conhecia a natureza dos Bengallas, & a tyrannia d'el Rei, com que lhe tomaria toda a fazenda, & mais que o trazião ja preſo per olho que ſe não foſſe, deu conta de tudo à Martim Afonſo de Mello, & de quam aſſombrado vivia, temendo de perder a fazenda, & com ella a vida. E não ſòmente lhe deu conta dos deſejos de ſua liberdade, & ſalvação, mas lhe deu muitas razões, de quanto compria ao ſerviço d'el Rei de Portugal tèr alli hũa fortaleza, & quam leve ſeria de a mantèr, & defender: & quanto ſerviço elle poderia fazer à S. Alteza em Ormuz, ſe o Governador ordenaſſe como podeſſe ſair d'aquelle cattiveiro. Finalmente pedia ao Governador mandaſſe Martim Afonſo de Mello à Chatigam com hũa armada à fazer fazenda d'el Rei, para o que elle daria muita ajuda, & na envolta della recolheria ſua fazenda, & ſua peſſoa. E





deſpois que ſe viſſe com elle, daria ordem ao mais que promettia. Nuno da Cunha pratticou com Coge Sucurulà todo aquelle negocio, & lhe deu muita eſperança, que como foſſe tempo mandaria Martim Afonſo à Bengalla, & aſsi o eſpedio contente com a promeſſa, & com o galeão, & fazenda de ſeu primo.

Nuno da Cunha que eſtava determinado de executar o que offerecera à Coge Sabadim per ſeu primo Sucurulà, ſe moveo mais per hũa carta que lhe el Rei Dom Ioão eſcreveo, em que lhe encomendava aquelle negocio. Porque Martim Afonſo querendo gratificar o beneficio que de Sabadim recebera em o reſgatar, eſcreveo à el Rei nas primeiras naos que à eſte Reino vierão, & tambem lhe eſcreveo Coge Sabadim, dandolhe grandes eſperanças de o ſervir bem naquelle particular, & em outros. Polo que no anno de M.D.XXXIIII. mandou Nuno da Cunha à Martim Afonſo de Mello (como atras eſcrevemos *) com dozentos homẽs, em hũa armada de cinco vellas, de que erão Capitães, Chriſtovão de Mello de Sampaio de hum galeão em que ia Martim Afonſo como Capitão mòr, & dos outros navios erão Antonio Pacheco, Franciſco Bocarro, Antonio Gramaxo, & Antonio Diaz. E o regimento que Martim Afonſo levava, era ſòmente para cõmunicar com Coge Sabadim, a viſta, ſitio, & diſpoſição da terra, & tentar ſe por ventura el Rei de Bengalla daria lugar para ſe fazer no porto de Chatigam hũa caſa forte, para os Portugueſes aſſentarem hũa Feitoria, & ſer azo de terem trato pacifico, & cõmercio, ſem temor de alevantamentos que avia naquelle porto. Para effeito diſto, lhe deu Nuno da Cunha cavallos, & peças ricas, para mandar à el Rei de Bengalla à ſua cidade de Gouro, onde continuamente tinha ſua Corte, ao coſtume d'aquellas terras, onde ſe não vai ante el Rei com as mãos vazias.

Chegado Martim Afonſo ao porto de Chatigam à ſalvamento do mar, parece que na terra lhe eſtavão guardados ſeus perigos de cattiveiro, como ja naquellas partes tivera. E conforme ao regimento que levava de Nuno da Cunha, ordenou logo de mandar à el Rei as cartas que levava para elle, com o preſente, que em aquelle Reino chamão Adià, onde na offerta dos preſentes ſe tem eſta ordem per

* No capitulo.22. do livro.4.

costume mui antigo. Tanto que algum presente he levado ante el Rei, elle o manda avaliar pelos preços da terra, & per os mesmos preços se paga às partes. De maneira que qualquer presente ante el Rei de Bengalla, he hũa cõmutação de hũa cousa por outra: & mais se contenta el Rei de lhe ser apresentado per este modo o melhor que cada hum leva, que serlhe dado de graça, por as partes não esconderem o bom para o vender à outrem. E com terem por certo que lho ha el Rei de pagar, não tem receo de o appresentarem. O presente que Martim Afonso mandava erão algũs cavallos fermosos, & peças de brocado, & de seda, & outras cousas que se estimavão em Bengalla. E para autorizar as cartas, & o presente, ordenou em modo de Embaxador que o levasse hum cavalleiro que se chamava Duarte de Azevedo, & em sua companhia doze homẽs, de que estes erão os principaes Ioão de Villalobos, Lopo Cardoso, Diogo Ferraz, Nuno Fernandez Freire, Iurdão de Moraes, & Diogo Cabaço.

Quando chegarão com o presente, não forão tambem recebidos como elles esperavão, por ser em conjunção que o Mamud tinha morto pouco avia à seu sobrinho, fazendose Rei de Bengalla, & com temor desta maldade, & da que cõmettera na morte dos nobres, estava recolhido em seus paços, & toda a novidade lhe era entam suspeitosa. E para maior desdita dos Portugueses, acertarão à levar no presente certos caixões com barrilinhos d'agoa rosada, segundo os Mouros os navegão do Estreito de Meca, & Ormuz, como mercadoria em que fazem proveito naquellas partes, por os Mouros dellas serem mui delicioſos em cousas de cheiros. Estes caixões forão tomados em hũa nao de Mouros per hum Damião Bernardez Portugues,[a] que andava levantado, & feito cossairo, sem Nuno da Cunha o poder aver à mão. E no proprio porto de Chatigam, onde estava Martim Afonso de Mello, tinha elle tomada hũa fusta de hum Turco (que hi andava em Bengalla) com a qual tinha roubada a nao. E conhecendo este, & os outros Mouros os numeros, & marcas dos caixões serem de Mouros Mercadores, à quem a nao fora tomada, despois d'el Rei têr acceitado o presente, & cartas de Nuno da Cunha, taes cousas disserão ao Tyranno Mamud

a. *Damião Bernardez tendo licẽçá de Nuno da Cunha para ir em hum navio seu trattar à Bengalla, se levantou, & fez cossairo. Em Baleacate tomou muitas chãpanas de Mouros, & Gentios amigos dos Portugueses: & na Ilha de Negamale hũa galeotta de Rumes cõ muita fazenda: & em Chatigam roubou muitos dos seus moradores. E voltando para a India, em seguimento da galeotta q̃ lhe levava Nuno Fernandez Freire, foi preso em Negapatam, & levado à Goa, onde na cadea salleseeo sentẽciado em dez annos para a Ilha de S. Elena.*
*Fernão Lopez de Castanheda nos Capitulos 47. & 48 do liv. 8. & Francisco de Andrade no cap. 77. da 2. parte.*



Mamud Xiah, que faltou pouco para os mandar matar. E para melhor effectuar seu desejo o Senhor da fusta roubada, & outros à que muito pesava da paz, & amizade que Nuno da Cunha queria, tomarão por atiçador deste fogo hum Capado chamado Agà Abdelà, o mais acceito que Mamud Xiah tinha, fazendolhe crèr muitas suspeitas de que Mamud se podia temer dos Portugueses, dizendo, que seu officio era espiar as terras, & com nome de amigos vinhão despois à poder de ferro tomar posse do alheo; & que esse modo tivérão em Ormuz, & Malaca. E que não era tempo, nem conjunção para se fiar delles, estando em Chatigam hũa armada sua, & virem em requerimento de amizade, cousa que atè entam não tinhão feito. Vltimamente se os Portugueses não tiverão algũs Mouros por sua parte, hum dos quaes era Alfachan, homem que tinha grande autoridade ante el Rei, por ser Aio, & Mestre dos moços fidalgos que servião ante elle, & assi hum Elche Valenciano, que naquellas partes se fizera Mouro, os nossos perderão as vidas. Mas assi neste primeiro impeto d'el Rei, como no tempo que estiverão presos, sempre lhes forão bõos amigos, principalmente hum Gentio homem virtuoso moralmente, que como tal era avido entre elles por santo, & que dezião ser de idade de mais de dozentos annos. Porque este polo credito que tinha ante el Rei o desviou da morte dos Portugueses, & acabarão com elle que se contentasse com os prender: & que achando que erão os que lhe dizião, entam lhe ficava tempo para os castigar. E lhe lembrarão que não estava em tempo para ganhar inimigos, & que o Governador da India era Senhor do mar, & os Portugueses erão homẽs que em breve se vingavão de quem lhes fazia dãno. El Rei movido com estas razões, & com outras, ou por fazer maior presa, ou porque assi teria ao Governador da India mais sugeito à seus requerimentos, secretamente espidio hum seu Guazil de muita qualidade, que fosse à Chatigam, & prendesse à Martim Afonso, & aos principaes que com elle estavão. E isto de modo que não viessem às armas, por ser gente bellicosa. E para que os Portugueses não fossem avisados, mandou, que nem per agoa, nem per terra passasse homem algum para Chatigam, & sendo achado fosse logo preso. E em quanto este Guazil ia, não curou de

de mandar prender à Duarte de Azevedo,& ſeus companhei ros,atè lhe vir recado da obra que o Guazil tinha feito.

## CAPITVLO. IIII.

*Como Martim Afonſo de Mello,& os Portugueſes que com elle ião forão preſos per mandado d'el Rei de Bengalla.*

O Guazil d'el Rei de Bẽgalla como foi em Chatigam,fingio que vinha muito de preſſa à negociar certas couſas para ſe logo tornar à Corte donde viera.E acertou ao tempo de ſua chegada,Martim Afonſo, & ſeus companheiros eſtarem poſtos em hũa afronta com os officiaes da alfandega: porque como nella ſe pagavão por entrada das mercadorias grandes dereitos,algũs dos Portugueſes quando deſembarcarão ſonegarão algũas couſas das que levavão para vender,para não pagarem tantos dereitos. O que ſabendo os officiaes, tomaráolhe toda a fazenda per modo de embargo, atè pagarem tudo,o que erão obrigados per ſeu regimento. Sabendo o Guazil deſte embaraço, folgou com aquella occaſião para entender cõ os Portugueſes,& Martim Afonſo muito mais com ſua vinda,parecendolhe que por ſua interceſſão, por ſer peſſoa tam principal, teria mais favoravel deſpacho. Sendo apoſentado o Guazil,Martim Afonſo acompanhado de mais de cem homẽs bem ataviados, & armados para paz, & para guerra, o foi viſitar de ſua chegada. Deſte apparato ficou o Guazil confuſo:mas com aſtucia de homem de Bengalla lhe moſtrou bom roſtro;& tocandolhe Martim Afonſo nas differenças que com elle tinhão os officiaes da alfandega, com boas palavras lhe fez o caſo leve,& lhe diſſe, que ſe informaria dos officiaes proprios,& logo o deſpacharia, porque tambem elle ſe avia logo de tornar para el Rei. Mas elle foi entretendo o deſpacho atè ſe aperceber para o feito à que era mandado:& como vio tempo, mandou dizer à Martim Afonſo, que elle eſtava de caminho, & tinha ſeu negocio acabado, que ſe foſſe com ſeus Capitães,& peſſoas principaes à jantar com elle, porque ſe partia ao outro dia. Martim Afonſo não cuidando a traição q̃ ſe lhe armava,& lembrádolhe as cartas, & preſente que tinha mandado à el Rei, ſem receo algum ſe apercebeo, como homem que ia à hum banquette mais de feſta que de guerra,levando ſòmente as armas que os homẽs na paz coſtumão trazer.E acompanhado de quarẽta peſſoas das mais principaes,ſe foi à caſa do Guazil,onde forão recebidos com tanta feſta,& gaſalhado, quanto podião receber de hum parente,ou grande amigo.E ſem mais detença ſe aſſentarão à comer em hũa varanda terrea,que cercava hum grande patio deſcuberto.Eſtando quaſi no fim do comer, fingio o Guazil que lhe tomava hum accidente,& ſe levantou,dizẽdo,que lhe perdoaſſem, que logo tornava. E os Mouros que erão preſentes per modo de corteſia ſe forão com elle,deixando os Portugueſes ſòs.Não tardou muito que per cima das paredes,& partes que caião ſobre o patio appareceo grande numero de Mouros frecheiros,& eſpingardeiros, que atiravão aos Portugueſes,ſem lhes fallar couſa algũa.

Martim Afonſo vendoſe ſobreſaltado,& em tamanho perigo,mandoulhes perguntar per hum moço que lhe ſervia de lingoa,que porquè os frechavão? ao que elles reſponderão q̃ diſſeſſe ao Capitão d'aquella gente da parte do Guazil que lhe pagaſſem dez mil pardaos que lhe tomara o Capitão de Malaca.A iſto replicou Martim Afonſo,q̃ dividas de dinheiro,ainda que foſſem verdadeiras, não ſe requerião d'aquella maneira,& mais à quẽ ſe vinha metter em caſa de hũ homẽ tam honrado como era o Guazil: & que mal correſpondião aquellas obras ao que elle vinha à aquella cidade com cartas, & preſentes à el Rei de Bengalla ſobre a paz, & amizade que o Governador da India queria tèr com elle. A eſtas palavras lhe foi reſpondido com muitas eſpingardadas,com que derribarão à Chriſtovão de Mello ſobrinho de Lopo Vàz de Sãpaio Governador que fora da India,que logo morreo.Vendo Martim Afonſo morto a Chriſtovão de Mello, diſſe aos que eſtavão com elle: *Senhores mais he iſto que divida de dez mil pardaos;venhamos á verdade,mouramos com a eſpada na mão como cavalleiros,& nào com ella na bainha, matemos quem nos quer matar.* E todos juntamentè ſe arremeſarão à hũa porta do pateo,para ſairem per ondè entrarão:mas eſtava tudo tam trancado, q̃ não aproveitarão ſuas forças. E porque eſtando ahi ficavão mais deſcubertos para os frecharem, tornarãoſe à encantoar no alpendre onde comerão, & nelle matarão às frechadas

Gonçalo Gomez de Azevedo, Antonio de Meſquita, Antonio Gramaxo,& hum page de Gonçalo Gomez ſobre ſeu Senhor,que querendoo ir ajudar à levantar quando o vio cair, o ficou acompanhando na morte.No qual tempo eſtando ja Martim Afonſo,& outros mui frechados,enfraquecerão tanto por o ſangue que ſe lhe ia,que cairão. E vendoſe tam feridos,& poſtos ao modo de gado em curral,& q̃ poucos à poucos os ião matando, diſſe Martim Afonſo: *Senhores aqui não ha outra cavallaria,pois eſtamos decepados,ſenão pòrnos em eſtado de Chriſtãos, pedindo à Deos perdão de noſſos peccados; porque neſtes taes caſos,mais obra a limpeza da alma,que a força de braços; quanto mais que não ha que eſperar ſenão a miſericordia de Deos. E primeiro que venhamos ao artigo da morte,em quanto temos alento, & lingoa, quero perguntar à eſta gente,ſe quer outra couſa de nos; porque ſe com dinheiro podemos remir as vidas,leve remiſſão he, & bem o podemos fazer; & ſe querẽ a meſma vida,proteſtemos morrer como fieis Chriſtãos,& martyres debaxo do ferro deſtes infieis.* Ditas eſtas palavras ſe poſerão todos em giolhos,proteſtando a Fè que confeſſavão,& mandou ao moço que lhe ſervia de lingoa,que diſſeſſe ao Capitão d'aquella gente,que foſſe perguntar ao Guazil, que queria dos que ficavão vivos.O moço tornou com recado do Guazildizendo,que a culpa dos mortos fora ſua,pois ſe não quiſerão entregar à priſão, & que dos vivos não queria mais que entregarenſe para os levar à el Rei, que os mandava prender,para darem de ſi razão das culpas que contra elles pedião juſtiça:porque elle como Rei era obrigado de a fazer à quem lha pedia.E que ſe elles ſe querião entregar para os levar à el Rei, mandaria ceſſar os tiros: & para iſſo ouveſſem ſeu conſelho.Martim Afonſo quando ouvio eſta reſpoſta diſſe aos que com elle eſtavão:*Pareceme Senhores ſer eſta a verdade,que a cauſa do danno q̃ temos recebido, he mais mandado d'el Rei, que a divida dos dez mil pardaos,que o Guazil dizia dever o Capitão de Malaca:porque por tam pouca couſa,não ſe avia de atrever o Guazil fazer tamanho exceſſo,ſenão fora ordem d'el Rei. E pois aſſi he, q̃ fara dos outros que tem conſigo? Peçovos que cada hum de nos cuide o que deveis fazer,porque eu não quero tomar ſobre mi a morte alhea. Nem ſou tam barbaro que queira morrer como amouco, como eſtes Gentios fazem,pois ſomos aqui vindos por ſerviço d'el Rei Noſſo Senhor,por cujo reſpeito avemos de cortar pola cavalleria, & não pola vida. Porque ſegundo entendo, el Rei não quer noſſa morte, ſenão noſſa priſão, para algum intereſſe ſeu, que lhe importa mais que morrermos todos.* Pratticado eſte negocio entre todos, aſſentarão em ſe entregar,jurando o Guazil em ſua lei que os levaria vivos à el Rei.E para iſſo vèo à hũa janella do pateo, onde o jurou no ſeu Moçafo.



Per eſta maneira Martim Afonſo,& ſeus companheiros, que ſerião poucos mais de trinta,ſe poſerão nas mãos do Guazil, os quaes logo forão mettidos em hũa caſa com as mãos atadas, & esbulhados de quanto trazião pelos miniſtros de ſua priſão.[a] Da qual eſcaparão Franciſco Pacheco, & Ioão Iuſarte Tição, porque o Pacheco não foi ao banquette, por ficar na pouſada de todos por guarda della. E o Iuſarte por ſer grande monteiro,naquelle meſmo tempo era ido à monte. Os quaes ſabendo o caſo,& priſão de ſeus companheiros, ſe acolherão aos navios,& ſe poſerão em ſalvo. O que não puderão fazer outros Portugueſes,& os eſcravos Chriſtãos dos que forão preſos. El Rei foi logo aviſado per cartas do Guazil da priſão dos Portugueſes, & ao meſmo tempo o foi Nuno Fernandez Freire per hum Gentio ſeu amigo per nome Darindà,que o conhecia ja do tempo que eſtivera em Chatigam. O que Nuno Fernandez logo cõmunicou com Duarte de Azevedo,& conſultando todos,ſe os quiſeſſem prẽder, o que farião,como ſabião o que Martim Afonſo paſſara antes de ſer preſo, aſſentarão de ſe não deixarem prender. Mas deſpois que eſtando elles juntos na pouſada,ſe virão de ſubito acõmettidos de quinhentos homẽs eſpingardeiros, lhes pareceo que ſeria ſoberba,& temeridade quererſe defender, & ſerem homicidas de ſi meſmos, diſſerão que ſe entregarião pois el Rei o mandava: polo que não forão tam enxovalhados dos miniſtros, como Martim Afonſo, & ſeus companheiros.

(?)

a. *Eſta priſão de Martim Afonſo eſcreve d'outra maneira Franciſco de Andrade nos Capitulos 80. & 81. da 2. parte.*

CAPI-

## CAPITVLO. V.

*Como Martim Afonſo de Mello, & ſeus companheiros forão levados à el Rei à cidade de Gouro, & do que paſsou Antonio da Silva indo reſgatar à Martim Afonſo.*

TANTO que Martim Afonſo foi preſo com os ſeus companheiros, forão mettidos em hũa caſa eſcura, ſem ſerem curados de ſuas feridas. E quando vèo a noute vierão muitos miniſtros de ſua priſão, & apartando hũs dos outros, os principaes delles poſerão em andores, & os levarão todos acompanhados de gente de guerra, & caminharão com elles toda a noute. E quando vèo ao outro dia, acharãoſe em hũa povoação chamada Mavà, q̃ ſeria ſeis legoas donde partirão. Eſte lugar era porto de mar: & porque o Guazil ſe temeo que embarcando logo alli em Chatigam, podião aquelles preſos ſer tomados pelos Portugueſes q̃ eſtavão nos navios, os mandou de noute à aquelle lugar, onde eſtavão certos navios de remo ao uſo da terra, nos quaes mettidos, com as mãos atadas aos peſcoços, os levarão à cidade de Gouro.

A gente dos navios como ſoube que Martim Afonſo era levado preſo, & outros cõ elle, & q̃ no banquette forão mortos outros, ſairãoſe do porto de Chatigam, temendoſe de outro tal perigo, & como foi tẽpo forãoſe caminho da India dar novas à Nuno da Cunha d'aquelle deſaſtre, de q̃ elle foi mui anojado, por ſe lhe abrir de novo aquella guerra de Bengalla em tempo que tinha na India muitas couſas â que acudir. E dizia, que a priſão de Martim Afonſo fora em penitencia do que elle lhe diſſera, & eſcrevera à el Rei de Portugal em abonação de ſua ida à aquellas partes, & dos bẽs que ſe podião conſeguir em fazer fortaleza em Chatigam. E ſegundo os trabalhos que elle paſſou, bem purgou eſta informação, de que Nuno da Cunha ſe queixava: porque elle, & ſeus companheiros não forão tratados como homẽs racionaes, mas como beſtas feras. A priſão em que os metterão eſcura, nos paços d'el Rei, de fronte de outra em que eſtava Duarte de Azevedo, com os mais da embaxada, era hũa ſemelhança do



do inferno, ſem tèr algum modo de refrigerio, mais que a conſolação que recebião dos amigos que diſſemos, em ſuas neceſsidades.

Nuno da Cunha como a priſão deſtes homẽs o atormentava, tanto que vèo a monção para Bengalla, à grande preſſa fez preſtes hũa armada de nove vellas (como atras diſſemos *) em que irião atè trezentos & cinquoenta homẽs, & por Capitão Antonio da Silva de Meneſes. O regimento que lhe deu foi, que como apportaſſe à Bengalla, a primeira couſa que fizeſſe foſſe mandar notificar à el Rei, como elle o mandava para ſaber a cauſa da priſão d'aquelle Capitão, per quem lhe mãdara tratar de paz, & amizade: porque fazendo elle couſa per onde mereceſſe caſtigo, o ſeu delle Nuno da Cunha baſtava para o el Rei não mandar prender quando lhe notificara ſua culpa, por el Rei não violar o dereito das gentes, que he não prender, nem matar Embaxador, ainda que ſeja de inimigos, quanto mais ſendo ſeu, que repreſentava à el Rei de Portugal ſeu Senhor, com quem elle Rei tinha paz, & cõmercio. Mas quando elle Antonio da Silva viſſe que el Rei não reſpondia com paz, nem lhe entregava à Martim Afonſo, & aos outros cattivos, entaõ lhe fizeſſe guerra à fogo, & à ſangue. E porque todos eſtes Principes Orientaes tem grande vaidade nos preſentes que lhe levão com as embaxadas, & he meio mui coſtumado para bem negociar com elles, ordenou Nuno da Cunha que com Antonio da Silva foſſe Iorge Alcoforado com hum preſente para el Rei em modo de meſſageiro, para mais levemente poder ir à cidade de Gouro, onde el Rei eſtava. E acertou que eſtando Antonio da Silva para partir de Goa, vèo hi tèr hũa nao de Ormuz, & nella hum criado de Coge Sabadim, que de Chatigam fora là vender ſua fazenda, & lhe levava outra por retorno. E porque Coge Sabadim fora a principal cauſa de Nuno da Cunha mãdar Martim Afonſo à Bengalla, lançou mão Nuno da Cunha de ſua fazenda, & deſte ſeu criado, & entregou tudo à Antonio da Silva em modo de repreſalia, com tal ordem, que não avendo per meio de Coge Sabadim o que pedia, retiveſſe ſua fazenda, & criado, & não mandaſſe Iorge Alcoforado à el Rei.

Antonio da Silva partido de Cochij, como ſoube que em Coulam eſtava hũa nao de Mouros à carga de pimenta, paſſando per alli, a tomou. E chegando à Chatigam, ordenou logo

*No capitulo .23. do livro .4.

logo,como per cartas Martim Afonſo de Mello ſoubeſſe de ſua vinda. E à elle, & aos outros cattivos pareceo bem que devia logo de mandar Iorge Alcofarado com o preſente à el Rei,parecendolhe que com ſua ida acabaria a ſoltura de todos. Mas el Rei eſtava tam duro por os maos intentos que tinha,que não reſpondeo ao propoſito da liberdade, ſòmente que ſe tornaſſe à Antonio da Silva, dandolhe hũa carta para Nuno da Cunha, em reſpoſta da que lhe levou, em que lhe mandava pedir certos pedreiros,armeiros,& ourivezes,quaſi em modo do reſgate dos cattivos. Antonio da Silva, porque tinha aſſentado com Iorge Alcoforado, que dentro de hum mes ſe tornaſſe, porque paſſado elle, como deſeſperado do pouco que acabara com el Rei,avia de fazer guerra aos lugares do Reino da fralda do mar,vendo o tempo ſer paſſado, & mais algũs dias que lhe deu de falhas, parecendolhe ſer preſo como os outros,queimou grande parte da cidade de Chatigam,por ſer de cannas; & pela meſma maneira fez entradas em tres,ou quatro lugares,fazendo quanto danno podia, em que cattivou,& matou muita gente da terra: mas eſſe danno pagarão Marcos Barboſa, Gonçalo Fernandez, & Manoel Lobo de Sequeira, que morrerão, & outros que forão feridos na peleja que teve. Chegada eſta nova à cidade de Gouro,mandou el Rei apôs Iorge Alcoforado, que avia tres dias que era partido: mas quis Deos que eſcapou apreſſandoſſe o mais que pode,por no caminho ſaber o que Antonio da Silva fazia,que o vèo tomar eſtando ja de verga d'alto para a India. El Rei com a indinação do que Antonio da Silva fizera mandou ameaçar à Martim Afonſo, & os outros preſos, & tirarlhe a metade do comer,& apartalos de dous em dous, & ſe deixou de lhe fazer mais mal,foi por lhe parecer que Nuno da Cunha por ſua carta lhe avia de mandar os officiaes que pedia.

CAPI-



## CAPITVLO VI.

*Como Xerchan Capitão d'el Rei dos Mogoles ſe foi de ſeu ſerviço para el Rei de Bengalla, o qual o fez ſeu Capitão mòr, & depois ſe levantou contra elle, & ſe tornou ao meſmo Rei dos Mogoles.*

ESTANDO Martim Afonſo de Mello, & ſeus companheiros na dura priſão que diſſemos, como Deos Noſſo Senhor acode com ſuas miſericordias nos tempos deſeſperados de remedios humanos,em hum momẽto mudou as couſas ao reves do eſtado em que eſtavão. Porque à el Rei Mamud pôs em tanta neceſsidade,que não ſòmente ceſſou do furor que tinha contra Martim Afonſo, & ſeus companheiros,mas com mimos,& favores os começou à contentar,& amimar. E para que ſe vèja melhor quam pouca ſegurãça os tyrannos tem no tempo do maior ſeu repouſo (ſe elles neſta vida o podem tèr) traremos algum tanto de longe a cauſa perque vèo à aquelle Eſtado, que he hum dos maiores exemplos de noſſos dias.

No tempo que Babor Patxiah Rei dos Mogoles conquiſtou o Reino de Delij, hum dos Capitães que naquella conquiſta o ſervirão foi Xerchan (como atras diſſemos *) por os quaes ſerviços Babor lhe deu a cidade de Chinao, & outras terras que comeſſe. E com a meſma reputação em que Babor o tinha ficou per ſua morte em ſerviço de Omaum Patxiah ſeu filho. Acabada a guerra do Delij,em que elle fora Capitão deſtes dous Reis,como os Principes acabado de não averem tanto meſter os homẽs,os deſeſtimão, & eſquecem, & ſe não dão por tam obrigados por os ſerviços paſſados,como por os que eſperão de futuro. E ou porque el Rei o mandou, ou porque o conſentio, aconteceo hum dia, que querendo Xerchan entrar onde eſtava el Rei,como cada dia fazia, não ſòmente lhe defendeo a porta o official della, mas ainda dos Capitães que preſentes eſtavão recebeo mao tramento. Do qual caſo fazendo elle queixume à el Rei, foi a ſua reſpoſta tal,que delle ſe ouve por mais injuriado que dos outros. Polo que entendeo que lhe tinha avorrecimento, que ja avia dias ſentia

*No capitulo .3. do livro.6.

sentia nelle. Tinha Xerchan hum irmão seu por nome Hedelechan, homem esforçado, & de muitos merecimentos, cõ que cõmunicou sua afronta. E vendo ambos, que com as guerras do Delij acabadas, el Rei os estimava em pouco, & que os seus Capitães Mogoles os desejavão destroir por serem naturaes da terra, ordenadas suas cousas secretamente, se forão para el Rei de Bengalla. Xerchan ficou com elle em Gouro, & Hedelechan cõ cento & oitenta de cavallo que tinha seus foi tomar hũa cidade de Gentios chamada Rotàz per hum ardil, avendo muitos dias que el Rei de Bengalla a pretendia aver, o qual mandou logo muita gẽte à presia com que ficou Senhor da cidade. Com esta boa entrada ficarão estes dous irmãos mettidos no serviço d'el Rei, & acreditados: dos quaes Hedelechan ficou naquellas partes de Rotàz, & à Xerchan mandou el Rei que fosse por Capitão de certa gente debaxo da Capitania de Mocadam Olam (que quer dizer Capitão do Mundo) o qual el Rei trazia na parte do Reino dos Patanes, vezinhos aos Mogoles do Reino de Delij, com grande poder de gente, por ser seu cunhado, casado com hũa sua irmãa.

Correndo o tempo, vèo este Mocadam Olam à morrer andando no campo com seu exercito, em cujo lugar a gente de guerra levantou por Capitão mòr à Xerchan, por o grande credito que ja naquelle tempo tinha por os honrados feitos d'armas que naquella guerra lhe virão fazer. No qual cargo el Rei de Bengalla o confirmou. Xerchan como vio morto à Mocadam, & que elle ficava com a potencia d'aquelle grande exercito, per hum tempo dissimulou o que trazia guardado em seu peito, que era vingar a morte do Rei minino, & dos Grandes que Mamud matou. E assi despois de tèr avido algũas vittorias dos Mogoles, que descião do Delij ao longo do rio Ganges à roubar, com as quaes ganhou grande credito entre os Bengallas, & muito mais por sua liberdade para todos, parte necessaria para ganhar as vontades da gente, começou à tomar a voz contra o Tyranno Mamud, chamandose vingador do sangue do menino Rei innocente.

Não passarão muitos dias, que escandalizado Omaum Patxiah de Xerchan, por o danno que fizera à seus Capitães, vèo sobre elle, & o desbaratou. Mas Xerchan não ficou tam quebrado, que Omaum senão contentasse do concerto de paz



paz que Xerchan lhe cõmetteo, dizendo, que elle fazia guerra à aquelle tyranno tam justa como elle sabia, pois matara seu Rei, & aos principaes homẽs do Reino. Mas que elle o serviria como Capitão que ja fora seu tam leal, como elle sabia. E que não queria mais delle que darlhe algũa parte do que ganhasse para se mantèr. E para segurança de tudo, lhe daria em arrefes seu filho maior Gilalchan, que o andasse servindo com algũa gente de cavallo. Este concerto aceitou Omaum, vendo que à custa de Xerchan, sem pôr cabedal de sua casa, podia acquirir em Bengalla algũa cousa, avendo tambem respeito que Xerchan servira à seu pai, & à elle lealmente, & que tivera justa causa de se ir delle, & de seu serviço. E que a guerra que fizera aos seus Mogoles fora como Capitão d'el Rei de Bengalla, & debaxo de sua bandeira como soldado que ia ganhar vida, & não como inimigo em modo de se vingar delle. E tambem naquelle tempo tinha Omaum seu intento nas cousas de Cambaia, de que atras escrevemos, & por isso deixou Xerchan no estado em que estava, que despois o pôs à elle, no que adiante diremos. Nesta guerra de Cambaia, seu filho Gilalchan que andava com Omaum em arrefens, se lançou com Soltam Badur, o qual sabêdo cujo filho era, & o modo como andava, o mandou à seu pai mui honradamente, do qual beneficio não resultou pouco proveito ao Reino de Cambaia, como adiante se dirà.

Como Xerchan teve seu filho em seu poder, ficou com mais animo, & menos receo de Omaum para fazer guerra à Bengalla, sem tèr com elle conta, para o que teve duas causas principaes; a primeira andar Omaum algum tanto quebrado d'aquella grande potencia de gente com que entrou em Cambaia, porque là perdeo muita, & algũs grandes Capitães que naquelles despojos se fizerão ricos, forão comer com repouso suas presas, por andarem mui descontentes delle. Porque vendose com tantas vittorias, & tam poderoso, concebeo tanta opinião de si, que não lhe fallecia mais que mandarse adorar, o que lhe causava o Anfiam que tomava (que he o Opio) com que os Indios se embebedão mais, do que faz o vinho por forte q̃ seja, [a] perq̃ Xerchan o vèo à tèr em menos. A outra causa de se elle não temer de Omaum, era, que Rumechan, que deixando o serviço d'el Rei



a. *Ao Anfiam chamão os Arabes Ofiom, & Afiom, pouco corrupto de Opio, nome q̃ os Gregos lhe derão. Fazse o Anfiam da gomma, ou lagrima de dormideiras, as quaes crescẽ tanto em Cãbaia, q̃ ha casca de dormideira capaz de hũa canada d'agoa. Ha muitas differenças de Anfiam, o do Cairo, à q̃ chamão Meceri, he o mais estimado, & de mòr preço. Vai tambẽ à India de Adem, & de outros lugares vezinhos do Mar roxo, & se faz nos Reinos de Cãbaia, Manlou, & Chitor. He tanta a frialdade do Anfiam, q̃ usando delle incõsideradamente mata, & os q̃ de ordinario o comẽ, se o não continuão, correm perigo de morte: adormesce aos q̃ o tomão, com q̃ não sentẽ seus trabalhos, nem cuidão delles, & em bebeda.*

*Garcia d'Orta no livro dos simples, & drogas da India, no Coloquio 41.*

d'el Rei de Cambaia ſe vèo para elle, ouve por galardão de ſeus ſerviços a morte, acabando de lhe fazer hum mui grande ſerviço, & foi eſte.

Tomada per Omaum a cidade de Laor, ficavalhe o caſtello, ſituado ſobre hũa pena viva, pelo pè da qual corria o rio à que os da terra chamão Ravè. E avendo dous meſes que ſe defendia, vendo Rumechan à el Rei agaſtado, & enfadado de eſperar alli tanto tempo, diſſelhe, que não levaſſe mà vida, que ſe foſſe, & o deixaſſe à elle com aquelle cargo, que elle lhe daria o caſtello, ou a vida. Partido el Rei d'alli para hũa cidade perto, deixou dous irmãos ſeus quaſi com todo o exercito, & mandoulhe que deixaſſem uſar à Rumechan de ſeu ardil, com que eſperava tomar aquelle caſtello, o que aſsi ſe fez, per eſte artificio. Foiſe Rumechan pelo rio acima obra de tres legoas, & lá ordenou hum caſtello de madeira ſobre barcos, tam alto, que podeſſe igoalar com o outro da cidade ſituado ſobre a pedra. E como eſte rio Ravè he grande, & cabedal, por ſer o ſegundo braço de que ſe faz o Indo, trouxe por elle Rumechan eſta poderoſa machina, com a qual tomou de noute o caſtello, elle ſò com os ſeus Turcos, de que era Capitão, ſem neſta entrada elle conſentir Mogoles. Os irmãos d'el Rei quiſerão logo entrar dentro, mas elle o não conſentio, dizẽdo, que elle promettera à el Rei de lhe fazer entrega delle, ou de ſua cabeça, por tanto à elle o avia de entregar. El Rei ſabendo a nova da tomada do caſtello, & o propoſito de Rumechan, o vèo receber delle. E por ſentir nas palavras com que Rumechan lho entregou, que eſperava que elle lhe deſſe aquella peça, pois a ganhara per aquelle modo, por o não deſcontentar deu a cidade à ſeu irmão Camiran Mirzà, dizendo, que lha tinha promettida. Toda via Rumechan ſoltou algũas palavras em abonação de ſeu ſaber, & eſforço, & quam mal o fazião com elle: & que per menos ſerviços tinha el Rei dado à Capitães Mogoles maiores couſas, não chegando à peſſoa delle Rumechan com muita parte. Eſtas palavras com outras deſta qualidade não ſatisfizerão à algũs Capitães que as ouvirão, & as aggravarão muito à Omaum Patxiah, chamando à Rumechan alevantadiço, & que não ſeria muito cõmetter algũa traição: porque entre palavras de ſua abonação, & de ſeus Turcos, diſſera: *Ah quem me dera dez mil Turcos comigo, para ſer Senhor*



*Senhor do Mundo?* deſfazendo em as outras nações. Donde ſe ſiguio que antes de muito tempo Omaum ſecretamente lhe mandou dar peçonha, & aſsi acabou Rumechan.

## CAPITVLO. VII.

*Da guerra que Xerchan fez à el Rei de Bengalla, em que os Portugueſes interviérão, & do concerto com que deſiſtio della.*

TORNANDO à Martim Afonſo de Mello, è à ſeus companheiros, que eſtavão preſos com tanta aſpereza, vèo Xerchan apertar tanto à el Rei Mamud de Bengalla, que delle eſtava bem deſcuidado, que o temor que tinha deſta guerra, lhe fez mudar o odio que tinha à Martim Afonſo, & aos Portugueſes em amizade, pola opinião de elles, com conſelho, & obra o poderem ajudar. E ainda por mais de preſſa terem termo os ſeus trabalhos, acertou de chegar ao porto de Satigam (que he o outro porto do braço Occidental do Ganges) Diogo Rebello Capitão da peſcaria do aljofar, que he no cabo de Comorij, onde chamão Callecarè. A eſte Capitão mandou Nuno da Cunha encomendar que foſſe ver ſe per algum modo podia per aquella parte tirar à Martim Afonſo, & aos outros cattivos. O qual quando foi viſto no porto com duas fuſtas, & hũa atalaia que levava, cauſou tanto temor ao Capitão d'aquelle lugar, que logo mandou recado à el Rei, dizendo, que temia, que por cauſa dos cattivos Portugueſes que não ſoltava fizeſſe aquelle Capitão outro tal danno na terra, como o anno paſſado fizera o outro Capitão Portugues nas partes de Chatigam. Diogo Rebello por ſentir eſte temor, & querer levar aquelle negocio per outro modo, diſſelhe, que queria mandar hũ meſſageiro à el Rei, & hum preſente, q̃ convinha elle dar ordem à iſſo; o que logo fez. O preſente mandou Diogo Rebello per Diogo de Spindola ſeu ſobrinho, & cõ elle Duarte Diaz, os quaes chegarão à cidade de Gouro à tempo que eſtava el Rei tam apertado de ſeu inimigo Xerchan que não tinha outro deſcanſo ſenão mandar trazer ante ſi à Martim Afonſo (porem preſo, & com grande guarda, temendo que lhe fugiſſe para Xerchan)

Xerchan) & com elle pratticava nas couſas d'aquella guerra, & como queria mandar hum Embaxador ao Governador da India, que lhe mandaſſe algũs officiaes que avia meſter. Mas eſta ſimulação de officiaes era liança de amizade que elle pretendia, com pedir ajuda de Capitães contra ſeu inimigo, por elle tèr entendido que Soltam Badur Rei de Cambaia por fim de ſeus trabalhos, no Governador achara amparo de vida, & por ſe metter em ſuas mãos o livrara de ſeu inimigo Omaum Patxiah.

Finalmente chegado Diogo de Spindola à Corte, el Rei o recebeo mui bem, & mandou à grande preſſa ao Capitão de Chatigam em reſpoſta da carta que lhe eſcreveo ſobre a vinda de Diogo Rebello, que lhe fizeſſe muito gaſalhado, & lhe diſſeſſe que logo deſpachava o meſſageiro que lhe mandara, & aſsi o fez, deſpachando mui bem à Diogo de Spindola. Com elle mandou ſeu Embaxador, com requerimento à Nuno da Cunha de amizade, & paz. [a] E em ſinal della dava eſperança de dar em Chatigam lugar para fazer hũa caſa forte, quaſi ao modo d'el Rei de Cambaia quando deu Dio. Porque como Martim Afonſo não ia à outro fim, ſenão de tentar ſe el Rei de Bengalla daria licença para ſe fazer a fortaleza, & para ver o ſitio em que ſe faria, como vio à el Rei na neceſsidade, & temor em que eſtava, & quantas vezes o mandava chamar, foilhe dando â entender quam ſeguro teria ſeu Eſtado ſe obrigaſſe à Nuno da Cunha à fazer alli hũa caſa forte, por os muitos inſultos, & incendios que os Portugueſes padecião quando à Bengalla vinhão à ſeus cõmercios. E que tendo alli eſte recolhimento ſeguro, ſempre teria atè quinhentos Portugueſes preſtes para qualquer neceſsidade ſua, alem de pôr elles obrigar à Nuno da Cunha à lhe mandar toda ajuda. E que do que o Governador fazia por elle, & por os Portugueſes, ſe veria o que faria quando eſtiveſſe obrigado por tanta gente, tudo em proveito delle Rei de Bengalla, por razão dos rendimentos que avia de tèr dez vezes dobrados na entrada, & ſaida das mercadorias: porque com temor dos roubos que alli acontecião muitas vezes os mais dos Portugueſes não ouſavão cõ fiar ſuas fazendas da guarda de hũa caſa edificada de cannas. Finalmente com eſtas, & outras razões enfiadas à eſte propoſito da fortaleza, aſsi tinha Martim Afonſo movido à el Rei naquelles ſeus temores, que não ſòmente deſpachou mui bem à Diogo de Spinola, & com elle ſeu Embaxador, mas ainda mandou à Nuno da Cunha vinte dous dos cattivos, como penhor de ſua amizade, deſculpandoſe de não mandar Martim Afonſo, & os outros q̃ ficavão por razão de folgar muito de os tèr junto conſigo. E ainda por mais adoçar a vontade de Nuno da Cunha, para o q̃ lhe mandava requerer, fez que Martim Afonſo lhe eſcreveſſe hũa carta em favor de ſeus requerimentos.

Neſte tempo fazia el Rei tanta conta de Martim Afonſo, que querendo ſeu inimigo Xerchan entrar per hum certo paſſo da fortaleza de Gorij, que diſſemos eſtar na quebrada perque o rio Ganges ſae para as terras de Bengalla, per ſeu cõſelho mandou là doze Portugueſes, quaes elle nomeou, para darem ordem aos Bengallas, como defendeſſem o paſſo, os quaes ião em duas fuſtas, de que forão Capitães Ioão de Villalobos, & Ioão Correa. E ja confiava tanto nelle, & em ſeu conſelho, que o trazia ſolto: mas o temor o fazia per outra parte deſconfiado de o perder, & aſsi per olho o trazia preſo, poſto que mimoſo de veſtidos, & dinheiro, quanto elle, & os companheiros avião meſter.

Xerchan por lhe ſer impedido o paſſo pelo eſforço, & induſtria dos noſſos per onde determinava de tomar a cidade de Ferranduz, que eſtá vinte legoas da cidade de Gouro, onde el Rei eſtava, foi buſcar outra quebrada da Serra, pela qual vèo à cidade de Gouro, & affirmaſe que trazia quarenta mil de cavallo, & mil & quinhentos elefantes de peleja, & dozentos mil homẽs de pè, & pelo rio abaxo trezentas almadias, cada hũa com dous remeiros, & tres frecheiros. Tanto que Xerchan paſſou a Serra per outro porto, & não per onde os noſſos eſtavão, o Capitão Bengalla que com elles eſtava na cidade de Ferranduz, deſamparou aquelle lugar, com que o Capitão de Xerchan que alli eſtava com aquellas almadias, ſe vèo pelo rio abaxo tèr à cidade de Gouro, entre a qual, & o exercito de Xerchan, ſe mettia o Ganges, no qual tinha el Rei oitocentos paraos, para lhe defender a paſſagem. Neſta defenſão oito Portugueſes em hum parao, de que era Capitão Duarte de Brito, fizerão maravilhas, principalmente por tomarem hum elefante que

[a] *Eſte Embaxador chegou à India antes q̃ Nuno da Cunha foſſe a ultima vez à Dio, donde tornando à Goa eſpedio logo Vaſco Pirez de Sã paio cõ hũa armada de nove vellas, para ir á ſoccorrer el Rei de Bengalla, como per ſeu Embaxador lhe mãdara pedir. Os Capitães deſtes navios erão Antonio de Mello, Franciſco de Barros de Paiva, Manoel Maſcarenhas, Chriſtovão d'Oria, Diogo Rabello, & outros. Vaſco Pirez partio de Cochij em Maio, levãdo conſigo o Embaxador. Fernão Lopez de Caſtanheda no cap. 187. do liv. 8.*

vinha pela agoa abaxo,que el Rei muito deſejava,& mandou que lho tomaſſem per modo de vittoria,eſtando elle vendo a peleja de lugar bem alto, que caia ſobre o rio. Eſte elefante cuſtou a vida de Ioão de Villalobos,de Afonſo Vàz,& de Manoel Vàz,que erão dos oito do parao. Mas toda via Xerchan aſsi apertou a cidade,que vèo el Rei aſſentar pazes com elle, com tenção,que da India eſperava que o ſeu Embaxador lhe trouxeſſe gente para ſe defender deſte inimigo que o apertava. O concerto das pazes foi, que Xerchan do arraial donde eſtava avia de fazer hũa adoração, ou humilhação à el Rei de Bengalla, à que elles chamão Sumbaia, & ſe foſſe logo. E que el Rei de Bengalla, para pagar aquella gente que alli trazia,lhe deſſe hũa ſomma de dinheiro. Mas no cõſelho de el Rei dar eſte dinheiro,não foi Martim Afonſo, antes o contrariou,dizendo,que com elle lhe faria deſpois a guerra. Porẽ como Mamud ſe levantara com o Reino,& não era Rei legitimo,ſe não tyranno,não ſòmẽte ſe temia dos inimigos, mas dos ſeus vaſſallos,& domeſticos,& andava tam aſſombrado, que alem d'aquella ſomma d'ouro que dera em publico, deu ſecretamente outra tanta por ſe aquietar.

## CAPITVLO. VIII.

*Como el Rei de Bengalla deu liberdade à Martim Afonſo de Mello, & licença que ſe foſſe para a India. E como Xerchan vèo contra el Rei,& lhe tomou a cidade de Gouro,& el Rei ſe foi à Omaum Patxiah, & do que lhe ſuccedeo.*

EL Rei Mamud de Bengalla como ſe vio deſaſombrado de Xerchan,& começou à tèr eſperança que Nuno da Cunha o ajudaria por a embaxada que lhe mandou,deu licença à Martim Afonſo,& aos ſeus cõpanheiros,q̃ ſe foſſem para a India,& q̃ ſòmente ficaſſem em modo de arrefẽs Afonſo Vàz de Brito,[a] Antonio Paez, Nuno Fernandez Freire, & Ioão Adão. E fez Deos merce à Martim Afonſo em ſer logo partido,porq̃ nas coſtas delle vèo recado à el Rei para o entretèr,por tèr novas q̃ Xerchan vinha outra vez mais poderoſo ſobre

a. *Eſte Afonſo Vàz de Brito deſpachou de Cochij Martim Afonſo de Souſa,per ordẽ do Governador Nuno da Cunha,em hũa fuſta,para Bẽgalla,à reſgatar Martim Afonſo de Mello Iuſarte. Chegou Afonſo Vàz à Chatigam,& d'alli foi ao Gouro, onde deu à el Rei hũa carta de Martim Afonſo de Souſa, em q̃ lhe dava razão dos ſucceſſos paſſados de Cambaia,que eſtorvorão ao Governador mandarlhe aquelle anno o ſoccorro de gente q̃ per ſeu Embaxador lhe mandara pedir,a qual lhe enviaria o anno ſeguinte: & pedialhe Martim Afonſo de Souſa,q̃ deſſe liberdade à Martim Afonſo de Mello. Por eſta carta,& promeſſa deu el Rei licença à Martim Afonſo de Mello,& à ſeus cõpanheiros para q̃ ſe foſſem para a India, os quaes ſe embarcarão na fuſta de Afonſo Vàz de Brito,& chegarão à ſalvamẽto à Goa. Fernão Lopez de Caſtanheda nos Capitulos 173. & 180. do livro.8.*



ſobre a cidade de Gouro. E ſua vinda era por ſer paſſado hum anno deſpois q̃ recebeo aq̃lla grande quantia de dinheiro,pedindolhe q̃ lhe deſſe outro tanto por ſer paſſado o tẽpo,dizendo q̃ era tributo annual. E porq̃ el Rei o negava, elle vèo, & cercou a cidade,& à ferro,& à fogo a tomou, não perdoando à couſa viva,atè chegar às caſas d'el Rei.[a] Das quaes lhe à el Rei cõvèo ſair,& pelejar cõ a mais eſcolhida gente q̃ tinha cõſigo,atè receber tres,ou quatro feridas com q̃ ſe ſalvou trabalhoſamẽte,ao qual ſeguirão algũs ſeus familiares,& com elles paſſado o Ganges foi em buſca d'el Rei dos Mogoles Omaũ Patxiah,à lhe pedir o vieſſe reſtituir em ſeu Reino. A quem ja quando paſſou à primeira afronta cõ Xerchan tinha mandado ſeus Embaxadores cõ grãdes preſentes,& promeſſas do q̃ lhe daria vindoo à ſoccorrer. Omaũ movido de cobiça das promeſſas,ſabendo ſer eſte o mais rico Rei d'aquelle Oriẽte, mandou logo hũ ſeu Capitão diante,q̃ vèo encõtrar à el Rei ſette,ou oito jornadas de Gouro, indo ainda com as feridas abertas da batalha, de q̃ morreo, deſpois q̃ ſe vio cõ eſte Capitão Mogol. O Capitão por honra de ſeu Rei o mandou em balſamar,& poſto em andas com toda a pompa & ceremonia que elle pode fazer,o levou caminho de Gouro,dizendo,que ia entregar aquella cidade ao corpo de ſeu Rei, onde com toda a ſolemnidade o avia de ſepultar.

No tempo que eſtas couſas paſſavão, Xerchan aproveitandoſe de ſua vittoria,esbulhou o mais precioſo do teſouro,q̃ o Rei morto tinha nos ſeus paços. A ſomma de pedraria, perolas, aljofar, ouro,& prata,foi couſa tam grande,q̃ ſe não pode ſaber. Os Portugueſes q̃ ſe acharão naquelle tẽpo no meſmo esbulho,não ſouberão dar diſſo mais razão, que per eſpaço de dezaſette dias andarem trezentos calaluzes, que ſão navios de remo grandes, carregados d'aquelles teſouros, aos paſſar da banda d'alem do Ganges, & que foi o maior teſouro que ſe ſabia naquellas partes de Oriente. E era fama que paſſava aquella preſa de ſeſenta milhões d'ouro. No fim deſte recolhimento de Xerchan com eſte deſpojo, chegou Omaum Patxiah, por lhe ir nova da morte d'el Rei Mamud. Ao qual Xerchan mandou offerecer hum conto d'ouro, & que não entraſſe na cidade, por o povo della não receber algum danno da ſua gente d'armas. E vendo que ſe não contentava Omaum com eſta promeſſa, como hum

a *No tempo q̃ Xerchan tomou a cidade do Gouro, chegou à Chatigam Vaſco Pirez de Sãpaio cõ hũa armada que o Governador mandava em ſoccorro d'el Rei de Bengalla. Achou aquella cidade mui alvorotada com as guerras,& diſcordia q̃ entã avia entre Codavazcam, & Amarzacam,pretendendo cada hum ſer Senhor da cidade. Della ſe pudera facilmẽte apoderar neſta occaſião Vaſco Pirez,como lhe aconſelhava Nuno Fernandez Freire, & offerecião algũs Bengallas, mas elle attendeo à fazer muita fazenda em Chatigam,onde invernou, & d'alli foi à Pegù,& nelle falleſceo.*

*Em quanto eſteve em Chatigam, apportou em hum rio quatro legoas d'aquella cidade, hũa galeotta com ſeſenta Turcos,q̃ ſe derrotarão da armada de Soleimão Baxia: o q̃ ſabendo Vaſco Pirez, mandou Franciſco de Barros na ſua fuſta,& algũs calaluzes cõ gente,q̃ foſſe tomar a galeotta dos Turcos,mas elles ſe deſenderão de maneira q̃ voltarão os Portugueſes eſcalavrados: & poſto que Vaſco Pirez pudera tomar ſatisfação deſta afronta, o não quis fazer: porem Chriſtovão de Oria vingou à Franciſco de Barros,tomãdo aos Turcos a galeotta, com toda a artelharia,& riqueza que nella tinhão, q̃ era muita.*
*Fernão Lopez de Caſtanheda no cap. 201. do livro.8.*

eſtava de hũa parte,& outro da outra do rio Ganges, & Xerchan ſe podia ir com a preſa em ſalvo, ſe foi cõ ella. Omaum porque o não podia ſeguir como deſejava, quis primeiro fazer as honras ao Rei morto,& como ſeu herdeiro tomou poſſe da cidade:& aſsi dos mercadores,como de algũa gente nobre della, ouve hũa boa ſomma de dinheiro para o pagamento da gente que trazia. Tomada poſſe da cidade, deixou por Rei della à Mir Mahamed Zaman ſeu cunhado,cõ quem ja eſtava reconciliado. E aſſentadas todas as couſas,& ordenada gente para ſua defenſão, tornouſe para ſeu Reino de Delij. Mas Mir Mahamed Zaman não durou muito no Senhorio da cidade,porque Xerchan,como pôs o dinheiro,& riquezas que della tirou em as Serranias da cidade de Rotàz, onde tinha ſuas molheres,& filhos,per armas o lançou de Gouro.

## CAPITVLO. IX.

*Como ſe ajuntarão Xerchan, & Omaum Patxiah Rei dos Mogoles na cidade de Canoſe junto do rio Ganges,& foi deſbaratado Omaum.*

OMAVM Patxiah não podendo ſofrer os mimos q̃ a fortuna lhe fazia cõ tantas vittorias,determinou de perſeguir à Xerchan,& tẽtar ſua fortuna contra elle. Polo q̃ buſcádoo Omaũ ſe encontrarão junto do rio Ganges antes que cõ elle ſe incorpore o rio Iamonà,no lugar onde da parte do Ponente do rio eſtá hũa cidade que ſe chama Canoſe,das principaes do Reino de Delij. Xerchan eſtava alẽ do rio, na comarca à que os naturaes chamão Purbà; & ſabendo que Omaum o ia buſcar,chegouſe junto do rio Ganges, hum pouco per elle acima,apartado da cidade de Canoſe,o qual lugar elle eſcolheo para ſe melhor defender,porque de hũa parte lhe ficava o rio,& da outra o ſitio da terra,que elle por mais defenſavel eſcolheo. Omaum como ſoube que Xerchan ſe fazia alli forte,ſubioſe acima, & pôs ſeu arraial de fronte do outro de Xerchan,ſem aver mais entre elles que a agoa do rio,que tam bem lhe ſervia de beber tamanho exercito como trazia,ficando elle da parte de Ponente do rio, & ſeu inimigo da de Levante,& para paſſar ordenou hũa põte de madeira aſſentada ſobre



ſobre barcos, & foi tomar ſua eſtancia mui vezinho à Xerchan,& para lhe dar batalha repartio ſua gẽte em tres eſquadrões, dous deu â dous ſeus irmãos Hildan Mirzà,& Aſcarij Mirzà, cada hũ de trinta mil homẽs de cavallo,& elle tomou o terceiro que era de quarenta mil: porque ſe affirma, que de cavallo erão cem mil,& de pè cento & cinquoenta mil, afora a gẽte do ſerviço do arraial, q̃ ſeria de mais de dozẽtas mil almas. Xerchan per o meſmo modo repartio quarenta & cinco mil homẽs de cavallo que trazia em tres batalhas,dando à ſeu filho Gilachan dez mil,& outros dez mil à hum ſeu Capitão Capado per nome Avazchan,& elle ficou com o reſto. Vindo hũa manhãa Omaum demandar o campo de Xerchan para pelejar,elle não quis ſair do ſeu arraial,& deixouſe eſtar eſperando que o cõmetteſſe dentro das forças que tinha, polo que Omaum ſe tornou. E d'ahi à dous dias o meſmo Xerchan fez outro tanto de ir demandar à Omaũ às portas de ſeu arraial, à quem tambem Omaum não ſaio, atè que ao outro dia poſtos em campo ſe derão batalha. O Capitão Avazchan à noute que precedeo o dia da batalha ſe foi pelo rio acima, levando conſigo dous mil de cavallo,que elle eſcolheo dos dez mil que tinha,deixando com os oito mil hum ſeu Capitão de confiança,ao qual mandou que rompeſſe no tempo em que eſtava ordenado que a ſua gente avia de romper, ſem alguem ſaber que elle era auſente,porque aſsi convinha para averem vittoria dos inimigos. Chegado eſte Avazchan à hum lugar perque elle ſabia que o rio ſe vadeava,o paſſou da outra banda,& vèo per elle abaxo,atè ſer na ponte que Omaum fizera, & trabalhou por vir à tempo que as batalhas ja andaſſem travadas,& paſſando por ella deu nas coſtas dos inimigos, & acertou de ſer na gente de Aſcarij Mirzà irmão de Omaum. O qual como ſe não temia d'aquella parte,recebeo tanto dãno naquelle primeiro impeto que derão nelle, que começarão de ſe pôr em fugida demandando a ponte, a qual acharão quebrada per Avazchan,por eſte ſer o ſeu ardil. E quando ſe virão tam apertados dos inimigos,& a ponte quebrada, lançaràoſe à nado por ſalvar as vidas. Xerchan ſentindo a vittoria,& ſendo aviſado do que paſſava,começou de apreſſar, & appellidar os ſeus,dizendo: *Ao rio com elles.* E pondoſe as outras batalhas de Omaum tambem em fugida,per o meſmo caminho;foi couſa laſtimoſa de ver lançarſe tanta gente ao rio,

que andava coalhado della,& fazia repreſar a agoa: porẽ não levantava tanto que os ajudaſſe para tèr a ſaida chãa, porque avia hũas ribanceiras,por o rio ir alli fundo, perque os cavallos não podião ſordir,& ſe afogavão à ſi, & à ſeus Senhores, que por ſe ſalvar os ſofreavão mais do neceſſario. No trabalho deſta paſſagem eſteve Omaum quaſi afogado, ſe lhe não valera hum ſeu eſcravo Abexij, homem grande de corpo, & forçoſo, que por ſaber bem nadar o ſalvou, tirandoo fora do cavallo, de que ſe não ſabia deſembaraçar. Finalmente elle deixou ſeu arraial, ſem fazer mais conta que pôrſe em ſalvo com vinte cinco de cavallo que o ſeguirão, & não parou menos que na cidade de Laor, onde ſeu irmão Camiran Mirzà o recolheo, com mais gaſalhado, & amor do que elle teve quando com peçonha o quis matar, de que ainda Mirzà não eſta va ſem perigo.

E a cauſa deſta peçonha foi, que ſendo eſte Camiran Mirzà filho ſegundo de Babor Patxiah, & irmão deſte Omaum, quando ſeu pai vèo à aquella conquiſta do Reino de Delij (como atras eſcrevemos) deixou à eſte Camiran por Governador do ſeu Reino de Mogoſtan, o qual partido ſeu pai, lhe fez logo guerra Abiethan Rei de Samarcant, que era ſeu vezinho, vendo que Babor andava occupado na guerra do Delij. Camiran por ſer bom cavalleiro ſe defendeo de maneira, que ſendo Abiethan Emperador de Tartaros Vsbeques, & Chacatais, vèo à fazer pazes com Camiran, por ſe lhe abrir outra guerra com Xiah Iſmael, pela parte do Reino de Horacan, que confinava com elle. Acabada eſta guerra Camiran Mirzà, ſendo ja ſeu pai falleſcido, & ſabendo tèr Omaum ſeu irmão mais velho, & ſucceſſor do Reino neceſsidade de gente contra Xerchan, o vèo ajudar. E como Camiran em todas as vittorias que Omaum ouve ſe moſtrou bom cavalleiro, & era liberal,& affabil à gente, que ſão as partes perque os Principes mais vontades acquirem, todas as couſas que naquella guerra ſuccedião bem, erão attribuidas à elle, & não à Omaum. Polo que Omaum lhe começou à tèr enveja, & odio. De que ſe cauſou, que indo Omaum em buſca de Xerchan, que o desbaratou, tendo para ſi que tinha vittoria certa por a deſigoaldade de ſeu poder ao do outro, por não dizerem que



que ſeu irmão Camiran fora cauſa de ſua vittoria, determinou de o não levar conſigo. E por mais diſsimulação o levou tres, ou quatro jornadas, & alli lhe mandou dar peçonha leve que lhe impediſſe ir mais adiante. Diſto ſe afrontou muito Mirzà, & entẽdẽdo a tenção de ſeu irmão, ſe tornou para à cidade de Laor, que lhe elle tinha dada, & quando Omaum à elle vèo desbaratado, ainda ſe eſtava curando da peçonha que obrava.

Tornando à Xerchan, tanto que ſoube que Omaum ſe pozera em fugida por ſalvar ſua peſſoa, mandou à ſeus Capitães que ninguem o ſeguiſſe, nem aos ſeus, & que os deixaſſem ir em boa hora, pois no arraial deixavão a honra, que erão ſuas molheres, & a fazẽda que tinhão, que com iſſo ſe devião por entam de cõtentar: porq̃ o mais era tentar de indinação a fortuna, que tam levemente lhe dera a vittoria delles. E como Principe politico, & não como homem barbaro, achando no arraial as molheres de Omaum, elle as mandou tratar com toda a honeſtidade, & fez tanta honra à principal dellas, chamada Begiun, como ſe fora hũa Rainha ſua Senhora, aſsi no tratamento de ſua peſſoa, como em todo o ſeu ſerviço. Outro tanto mandou fazer à irmãa de Omaum, molher de Mir Mahamed Zaman ſeu cunhado, que naquella batalha morreo. E por não trazer no campo eſtas molheres nobres, & outras de ſua caſa, em quanto ſe andava ſegurando dos Mogoles, as mandou mui acompanhadas à cidade de Rotàz, que ſeu irmão tomara aos Gentios, onde elle tinha ſua molher, por ſer couſa mui forte. Paſſado hum anno, Xerchan màdou eſtas duas Princeſas com algũas ſuas criadas à Omaũ Patxiah, dandolhe maiores joias, & mais ricas peças do que ellas tinhão. Omaum chegando à cidade de Laor no eſtado q̃ diſſemos, com ſòs vinte cinco de cavallo que o ſeguião, ſeu irmão Camiran Mirzà o recebeo, como ſe delle tivera recebido obras de muito amor, & não o bocado de peçonha que o chegara à morte. E aſsi o ſervio, & proveo de todo o neceſſario tam perfeitamente como ſe elle eſtivera em ſua caſa com toda ſua proſperidade.

***

CAPI-

## CAPITVLO X.

*Como Omaum Patxiah foi buſcar ſoccorro de algũs amigos, & vaſſallos ſeus, & lho não derão, & o foi pedir ao Xiah Tamas que lho deu.*

AGente do arraial de Omaum Patxiah como ſoube que elle era ſalvo, & os inimigos o não ſeguião, como cada hum pode, hũs per hũa parte, & outros per outra, ſe vierão ajuntar na cidade de Laor, onde ſabião que ſeu Rei eſtava: & os que ſe acharão nella juntos, dizem q̃ erão dozentos mil homẽs, de que os vinte mil erão de cavallo. Mas não ſe atrevendo Omaum naquelle eſtado, & com aquella gente eſperar alli, antes que Xerchan o vieſſe buſcar, determinou de deixar por entam o Reino de Bengalla, por não eſtar poderoſo para o conquiſtar, & vencer ſeu inimigo, à quem os Patanes avião antes de querer obedecer, por ſer ſeu natural, que à elle que era Senhor eſtrangeiro, & aſsi ſe reſolveo de deſcer ao Reino de Cinde, onde eſtavão tres, ou quatro vaſſallos ſeus, & que ja forão Capitães de ſeu pai, & ſe intitulavão Reis, & pedirlhes ajuda para tomar outra vez o Reino de Cambaia, entrando pelos Resbutos, q̃ ficão entre o Cinde, & o Guzarate. Para eſta empreſa lhe pareceo boa occaſião as diviſões, & deſaſſeſſegos, que entre os Grandes do Reino avia pola recente morte de ſeu Rei Badur. E por a prattica que ja tivera com Nuno da Cunha, parecialhe, que dandolhe os portos de mar que em Cambaia quiſeſſe (como ja lhe offerecera) elle o ajudaria, & com eſta ajuda dos Portugueſes eſperava não ſòmente ganhar o Reino de Cábaia, & aſſeguralo, mas tornarſe à reſtituir, & reformar em tudo, para ſe vingar de Xerchan, de quẽ elle ſempre fez pouca cõta; mas menos a fizerão delle aquelles em quem elle eſperava.

Porque chegando Omaum perto da cidade de Moltan, ſituada ao lõgo do Rio Indo, cujo Senhor fora Capitão de ſeu pai, ſabendo elle que vinha Omaum desbaratado, ao coſtume do Mundo que favorece aos que eſtão mui proſperos, & deſpreza os que vè deſcaidos, por o não agaſalhar em Moltan, lhe mandou per bateis à hum certo paſſo algũs mantimẽtos, para



para com elles eſcuſar Omaum de o ir buſcar à cidade, temendo que a neceſsidade o obrigaſſe à iſſo. O meſmo deſengano achou Omaum em Mirza Xiah Hocen ſeu vaſſallo Senhor de Tatà (cidade aſſentada em hum cotovello, onde o rio Indo ſe parte em dous braços principaes, cõ que ſe mette no mar, & diſtante delle pouco mais de vinte cinco legoas, & polo ſitio mui celebre, por ſer hũa eſcala de quanto ſobe, & deſce per aquelle famoſo rio, ao longo do qual occupa hũa legoa & meia) porque caminhando Omaum para eſta cidade, ſabẽdo Mirzà Xiah Hocen de ſua vinda, o não quis ver, & para iſſo mandou recolher todas as embarcações que andavão no rio, porque não achaſſe em que o ir buſcar à cidade de Tatà, & nella ſe fez forte, para que vindo Omaum lhe não pudeſſe fazer danno.[a] O qual chegando junto deſta cidade com a maior parte da ſua gente morta de fome, ſede, & trabalho do largo, aſpero, & deſpovoado caminho, que ha de Laor à Tatà per diſtancia de cento & quarenta legoas, vendo à ingratidão d'aquelles ſeus Capitães, & vaſſallos antigos, fruſtrado das eſperanças que o alli trouxerão de melhorar ſeu Eſtado, determinou de ſe ir para o ſeu Reino de Mogoſtam. E aconſelhandolhe ſeu irmão Camiran Mirzà, que primeiro puſeſſe cerco à aquella cidade, & deſtroiſſe à Hocen, como merecia ſua rebellião. Patxiah lhe reſpondeo: *PareceVos que ganharei bom nome entre os Principes da terra, que Vencido de hum meu Capitão poderoſo, Venho empregar minhas forças em outro tam fraco como eſte he? Deixaio, que ja pode ſer que aſsi como eu ora o Venho buſcar para me ajudar com elle, aſsi buſcarà ella ajudas em outrem que me Vingarà do que me ora faz.* O que ſuccedeo aſsi: porque os Portugueſes lhe deſtruirão aquella cidade, por ſuas malicias, mandandoos elle buſcar para ſua ajuda.[b] Reſoluto Omaum na jornada de Mogoſtam, fez volta pelo rio acima para paſſar à cidade de Bacar, que atras diſſemos eſtar no meio do rio Indo, per onde paſſão as cãfilas, que vem da Perſia para a cidade de Candar. Eſte caminho fez com não menor trabalho, porque da cidade de Bacar atè Candar ha algũs dias de deſerto ſem agoa, onde de ſede lhe morreo muita gente.

Chegado Omaum à cidade de Candar, que era de ſeu Senhorio, mandou d'alli hum Embaxador ao Xiah Tamas Rei da Perſia, à lhe pedir licença para o ir ver, & lhe dar conta de ſeus trabalhos. Ao qual elle reſpondeo, q̃ nenhũa couſa mais deſejava

a. *O contrario eſcreve Diogo do Couto no cap. 3. do liv. 10. affirmando q̃ Mirzà Xiah ſaio à receber Omaum cõ muita honra, & o conſolou de ſua deſgraça, offerecendolhe ſeus Eſtados, & teſouros: & por Omaum querer paſſar à Perſia, lhe deu Mirzà muitos camelos, joias, & dinheiro para a jornada.*

b. *Eſta cidade de Tatà deſtruiò Pero Barreto, em tẽpo q̃ governava a India Franciſco Barreto ſeu tio.*

deſejava,que velo para lhe pagar quanta honra elle tinha dito que lhe avia de fazer quando foſſe ante elle. Eſta reſpoſta foi em modo de remoque, por o que Omaum diſſera delle. Porque eſtando hum dia torvado do Anfiam (ao coſtume d'aquella gente que o tomão para certos fins, & ſe embebedão com elle,ſem ſe diſſo afrontarem,como as gentes Septentrionaes fazem quando com o vinho ſe emborrachão) entre muitos deſvarios,& deſconcertos que diſſe,foi contar per ante algũs de ſeus Capitães que elle tinha por nova, q̃ tres Principes o querião ir ver, como ao maior Principe que avia no Mundo.Hum delles dizia que era Abiethan Rei de Comarcant,o outro era o Xiah Tamas Rei da Perſia,o terceiro o grã Turco.E porque elle deſejava de lhes fazer honra, lhe diſſeſſem como lha faria,& dizendo os Capitães que ninguem podia tèr niſſo melhor parecer que elle,que per Eſtado,grandeza, & cavalleria, era Senhor de toda a honra do Mundo. Omaum enlevado da vãa gloria, & torvado do Anfiam, diſſe, que quando aquelles Principes vieſſem à elle, avia de aſſentar à ſua mão dereita a Abiethan Rei de Comarcant, por ſer Chacatai, & de ſua nação; & à Xiah Tamas Rei da Perſia,porque ſeus pais forão grandes amigos, & era bom cavalleiro, o aſſentaria à mão eſquerda;& que ao gram Turco por aver alcançado muitas vittorias de Chriſtãos, poſto que era de baxa origem, o mandaria aſſentar na entrada da caſa, entre ſi, & ſeus cavalleiros. Deſta prattica foi ſabedor o Xiah Tamas, & por iſſo lhe reſpondeo d'aquella maneira, o que Omaum não entendeo, porque lhe lembrava pouco do que dezia, & fazia naquella torvação. E com a reſpoſta do Xiah Tamas, determinou de ſe ir ver com elle, & aſsi deſpedindo d'alli Aſtarij Mirzà ſeu irmão, que ſe foſſe para Cabol cidade principal do Reino de Mogoſtan, lhe mandou,que em quanto elle fazia aquella viagem, lhe ajuntaſſe a mais gente que pudeſſe,para que quando tornaſſe eſtiveſſe preſtes, para ir com ella à cobrar o que tinha perdido, & com mil de cavallo fez ſeu caminho para a Perſia.

Xiah Tamas como teve nova de ſua ida tres jornadas primeiro que chegaſſe à elle,lhe mandou tres Capitães,com grã de apparato de todas as couſas para o irem receber, & lhe fizeſſem o cuſto do caminho.Chegado Omaũ à hũ cãpo onde o Xiah



o Xiah Tamas tinha aſſentadas ſuas tendas, ao ſeu coſtume, que ſempre anda no campo,& não reſide em cidades, dando à entender que andava à caça per alli,o recebeo dẽtro em ſua renda,com toda a mageſtade,& pompa que pode; porque os Mouros neſtas viſitações,& recebimentos ſão mui vãos, & moſtrão niſſo todo ſeu poder. Omaum Patxiah, que era corteſão,& bom poeta na lingoa Parſea,de que ſe prezava, & tinha graça no que dizia nella,quando vèo à ſe abraçar com o Xiah Tamas,abaxouſe tanto,que quaſi ficou aos ſeus pès, & aludindo o ſeu proprio nome ao do paſſaro das Ilhas de Maluco,[a] à que os Perſas chamão Omaum (o qual os Principes d'aquellas partes trazem na cabeça por penacho ao modo das plumas de que cà uſamos) diſſe em verſo ao ſeu modo: *Omaum que naſceo para andar na cabeça dos Principes, vello aqui eſtà poſto aos teus pès.* O que foi mui celebrado entre os Perſas,por moſtrar neſte ditto hũa grande ſoberba,& hũa grande humildade. O Xiah Tamas deſpois de lhe fazer grande honra, ſem querer ſaber a cauſa de ſua vinda,deteveſe hum pouco em lhe perguntar como vinha de ſua indiſpoſição de tam comprido caminho,& ſe deſpidio delle,dizendo, que ſe ia para ſeu apoſento,pois elle ficava no ſeu,deixandolhe tendas,camas, & todas as couſas de ſeu ſerviço mui abaſtadamente, & elle foiſe à outra tenda,que ja para aquelle effeito tinha ordenado. Paſſados dous dias Xiah Tamas o vèo viſitar,& ſaber delle o que mandava:& paſſada muita prattica entre elles,em q̃ Omaum lhe deu conta de ſeus trabalhos, lhe diſſe que o vinha buſcar para remedio delles,confiado na grande amizade que ſeu pai Soltam Babor tinha com o Xiah Iſmael, pai delle Xiah Tamas: & que a entrada que fizera na India, & conquiſta do Reino do Delij,tudo fora per ſeu conſelho. E pois ambos ficavão herdeiros d'aquella amizade de ſeus pais, & elle tinha perdida a herança do ſeu,vinha buſcar à elle Xiah Tamas para o ajudar à cobrala.Xiah Tamas deſpois que o conſolou de ſeus trabalhos,approvandolhe a confiança que delle tinha para o ajudar nelles,por cauſa da grande amizade que ouve entre ſeus pais ſe deſpidio delle.E a primeira couſa em que moſtrou o que por elle avia de fazer,foi mandarlhe dozentos cavallos ſellados de ſellas guarnecidas d'ouro,& pedraria,& outras de prata,& no arção de cada hũa ſella ſeu arco, coldre, & terçado que dizia com ellas.Eſtes cavallos levavão dozentos eſcravos

a. *Eſtes paſſaros que algũs chamão paſſaros do Paraiſo: achãoſe nas Ilhas do Maluco,aonde vem da Ilha Arus. De Maluco os trazẽ à India ja mortos, & eſcalados pela barriga,ſecos,& ſem pernas, ſòmente cõ cabeça, & coſtas. A ſua pẽna he de cor amarella,mui graciosa à viſta: & no cabo q̃ he comprido, tem hũs tres,ou quatro fios mui delgados como nervos,que lhe ſaem das outras pẽnas:& como ſe lhe não vejão pernas,he opinião (poſto q̃ errada) q̃ as não tem,& q̃ per aquelles fios ſe pẽ durão nos ramos das arvores quando querem repouſar. Eſtes paſſaros por ſer couſa rara, & vir de partes mui remotas,ſão mui eſtimados dos Principes Orientaes,para os trazerem na cabeça por penacho,guarnecendolhe a cabeça, & peſcoço d'ouro,cõ pedraria, & enchendo os fios, ou nervos de perolas, com que fica hũa joia rica,& galante.*

escravos vestidos de seda,cada hum com sua gomia na cinta, & terçado guarnecidos de prata. O qual presente cõ suas tendas,& movel de todo seu serviço que lhe deixou,foi avaliado em hum conto d'ouro.Sobre isso disse à seus Capitães todos, que no que cada hum mandasse à Omaum Patxiah avia de ver o amor que lhe tinhão. Com esta palavra, como os homẽs naturalmente se desejão de insinuar na benevolencia dos Principes,& dos melhores da terra,forão tantos os presentes de cousas diversas que lhe mandarão, que dizião valerem mais de quinhentos mil xerafijs. E Xiah Tamas o ajudou cõ doze mil homẽs de cavallo pagos à sua custa por dous annos, & licença para que todo homem de seus Reinos, que o quisesse ir servir, podesse ir com elle.E por mais o honrar,vendo que Soltam Xiah Colij Rei de Quereman seu vassallo se escusou de ir por Capitão mòr d'aquella sua gente, dizendo, que nunca Deos quisesse que elle fosse pelejar debaxo da bãdeira de outro Principe,senão delle Xiah,que era seu Senhor, ou de algum de seus filhos,mandou Xiah Tamas com elle hũ filho seu menino,que ainda andava no collo de sua ama, & que Soltam Xiah Colij fosse com elle por Governador de sua casa,& de seu exercito que levava.

## CAPITVLO XI.

*Do que fez Omaum Patxiah com o soccorro que lhe deu o Xiah Tamas,& da morte de Xerchan.*

OMAVM cõ os doze mil homẽs de cavallo q̃ Xiah Tamas lhe deu,& com dez mil mais que o quiserão seguir, a primeira cidade em q̃ entrou do seu Estado foi a de Candar, donde se elle despedio de seu irmão Astarij Mirzà quando foi à Persia,na qual não pode entrar senão per força d'armas,& combate de muitos dias,porque seu irmão se tinha intitulado por Rei d'aquelle Reino Mogostan. Como esta cidade foi tomada, a deu Omaum à aquelle Principe menino filho de Xiah Tamas,para sua criação,que elle mui pouco lo grou,por fallescer por o trabalho do caminho tam cõprido, porque como era de tam pouca idade,não pode aturar os grãdes cursos que os Mogoles tẽ em seu caminhar,& cõquistar.

E porque



E porque o Xiah dera ao Soltam Xiah Colij hũa provisão, per que lhe mandava, que tanto que Omaum tomasse per armas a primeira cidade, como começo de posse de seu Estado, elle se tornasse com o menino,& ficassem cõ Omaum os doze mil de cavallo que lhe dera em ajuda,& os quatro Capitães que ião com elles à tres mil por Capitania, para andarem là o tempo dos dous annos. Vendo Xiah Colij o menino fallescido apressouse mais em sua partida, para o ir enterrar em hũa cidade cabeça do Reino de Oracan, onde jazem enterrados algũs Reis da Persia. Da morte do Principe Persa,& partida deste Rei pesou muito à Omaum, por ser homẽ mui notavel de cujo cõselho muito se aproveitava. Mas como vio a carta q̃ lhe elle mostrou do Xiah Tamas,& sobre isso a necessidade do enterramento d'aquelle Principe menino o sofreo.

Os quatro Capitães que ficavão,porque Omaum se deteve algum tẽpo em andar esperando recado de algũs Capitães que andavão com os irmãos, parece que enfadados d'aquella vida, pedirãolhe licença para se tornarem para a Persia, fòmente suas pessoas, & à gente de seu serviço, & que a outra que era ordenada para o ajudar,ficaria. Isto sentio Omaum; & porque insistirão muito lhes deu licença,mas elles não ficarão sem castigo.Porque o Xiah,quando os assi vio tornar sem acabar o à q̃ião,os mãdou cavalgar em asnos virados às avessas,com corochas nas cabeças, & outros sinaes de infamia,& que fossem assi levados cõ pregão per todo o arraial,& per sentença os ouve por inhabiles para nunca servirem em cousa de honra,pois deixarão de comprir seu mandado no tẽpo que os mandou andar com Omaum Patxiah. Dizendo mais que nenhũa morte pudera seu filho morrer mais honrosa,que nos braços de sua ama,em ajuda de hum tam valeroso Principe como era Omaum Patxiah.

E para que acabemos esta tam varia tragedia de tantos Principes, deixando Omaum em guerra com seu irmão, de que os successos não tocão à esta nossa quarta Decada, tornaremos à fortuna de Xerchan, de que começamos fallar. O qual sendo tam grande Principe em Estado, & riqueza cõ estas vittorias que ouve de Omaũ,assombrou todas aquellas partes da India,que se comprehendem entre o Indo,& o Gãges. E como o favor dos homẽs se inclina aonde se inclina a fortuna, não ouve Principe Mouro, nem Gentio

naquellas regiões,que lhe não mandaſſe ſeus Embaxadores. Affirmaſe,que por os grandes teſouros, & deſpojos que acquirio das vittorias de tam ricos Principes, trazia em campo quatrocentos mil homẽs de cavallo. Finalmente elle foi na India hum terror de todos os Eſtados della. E ſe deixou de fazer guerra ao Reino de Guzarate, per onde elle quiſera entrar para vir ao Reino de Decan, foi porque em tempo de Soltam Badur tinha recebido delle grandes obras de amizade. A primeira foi a honra que fez à ſeu filho Gilalchan. O qual (como atras diſſemos) Omaum Patxiah trazia em arrefẽs conſigo: & quando ſaio do Reino de Guzarate com a vittoria que de Soltam Badur ouve, Gilalchan ſe lançou com o meſmo Badur, que deſpois o mandou à ſeu pai mui honradamente. E a ſegunda, o meſmo Badur dera o titulo de Rei à Xerchan; porque por antigo coſtume dos Mouros d'aquellas partes do Oriente, de que eſcrevemos,eſtà introduzido,que nenhum Principe não lhe vindo per herança, ſe pode intitular Rei, por mui poderoſo, & rico que ſeja,ſenão per conceſſão de hum de quatro Principes, à que os Mouros ſòmente dão titulos de ſoberanos, como Emperadores, pelo gram Turco que pode dar aquelle titulo aos Principes de Ponente, pelo Rei da Perſia, que pode fazer Reis aos do rio Euphrates atè o rio Indo, pelo Tartaro Vsbeque Rei de Samarcant do rio Geum contra a Tartaria, & el Rei de Cambaia atè o rio Ganges. E não contente Xerchan com a dignidade à que chegou, quis tambem accreſcentado o Eſtado accreſcentar o nome, & deixando o de Xerchan, ſe começou à chamar Xiah Olam, que na lingoa dos Patanes quer dizer Senhor do Mundo. Mas neſte titulo durou poucos annos: porque tendo ſitiado hũa cidade de Gentios Resbutos, per nome Calija, não tanto para ſe fazer Senhor della, quanto para roubar hum templo que nella eſtava, em que avia grandes teſouros de offertas, que os Reis Gentios de longo tempo alli offerecião, & aſsi toda a mais Gentilidade d'aquellas regiões, ſendo ja tomada a cidade, por querer elle matar com hum tiro de bõbarda hum elefante que ſervia naquelle templo, a bombarda rebentou de maneira que fez Xiah Olam em tantos pedaços, que ſòmente foi conhecida ſua cabeça entre outros muitos, que tambem a bombarda eſpedaçou, que erão dos mais



mais nobres Capitães que conſigo trazia. E aſsi ſe acabou como couſa que era vãa, & caduca a gloria de Xiah Olam, & toda ſua felicidade. Deixou dous filhos Soleimechan, & Eidelechan, que deſpois contenderão ſobre a herença, & do Reino de Bengalla ſe fez Senhor hum Patane por nome Mahamedchan.

Eſta longa digreſſão fizemos por acabarmos a hiſtoria de Mamud Rei de Bengalla,& de Xerchan,que começamos ſobre o cattiveiro, & reſgate de Martim Afonſo de Mello Iuſarte,que na guerra deſtes dous Principes intervèo. E tambẽ por ſer notavel exemplo para todos os que mal obrão, ſaberẽ que como Deos faz naſcer o Sol ſobre os bõos,& os maos,aſsi he à todos igoal ſua juſtiça,ainda que infieis ſejão, em não diſsimular culpas notaveis ſem caſtigo.

## CAPITVLO XII.

*Como Dom Paulo da Gama Capitão de Malaca, mandou Baſtião Vieira viſitar à el Rei de Vjantana,o qual o matou,& aos Portugueſes que o acompanharão,& como Dom Paulo foi morto pelejando com hũa armada do meſmo Rei.*

EM Malaca não faltarão deſgraças, em quanto paſſarão as de Bengalla. Porque Dom Paulo da Gama(que o Governador Nuno da Cunha deſpachou para ir ſervir de Capitão d'aquella fortaleza, na auſencia de Dom Eſtevão da Gama ſeu irmão, o qual não paſſou à India o anno de M.D.XXXII.que partio deſte Reino)como chegou à Malaca, mandou hum Baſtião Vieira, natural da Ilha Terceira, à Vjantana viſitar à Alaudim Rei della, filho do Rei de Bintam que Pero Maſcarenhas deſtruio,& à darlhe conta da ſua vinda à aquella fortaleza, como à hum vezinho tã chegado, & ſaber delle ſe o avia de tèr por amigo,ou inimigo, para lhe correſponder com as obras que eſtes dous nomes merecião. E que lhe mandava fazer eſta pergunta como homem novo na terra,à quem convinha ſaber que vezinhos tinha, por algũas couſas que os moradores de Malaca dezião, à que elle não dava credito, atè o entender da ſua reſpoſta. A que

el Rei deu foi mandar matar à Baſtião Vieira,& à cinco Portugueſes,[a] que ião em ſua companhia,provocado por el Rei de Pacem,que lhe perſuadio que aquelle meſſageiro era eſpia que ia reconhecer o rio, & aſſento da ſua cidade. Dom Paulo ſoube deſte ſucceſſo que ſentio muito, & quiſera ir tomar vingança de tam grande maldade,mais foi aconſelhado que o não fizeſſe,por Malaca eſtar mui deſapercebida de gente, & de embarcações para cõmetter tamanho feito, & & que para o acabar eſperaſſe navios, & gente da India, que não podião tardar. Outra embaxada mandou Dom Paulo per Manoel Godinho aos Reis de Panda, & de Pate, com os quaes elle aſſentou paz, que foi mui proveitoſa para Malaca, porque d'alli ſe provia de mantimentos, poſto que com trabalho, por cauſa das armas d'el Rei de Vjantana.

Neſte eſtado eſtavão as couſas de Malaca,quando chegou à ella em Iunho de M.D.XXXIIII. Dom Eſtevão da Gama: o qual entregue da fortaleza, a proveo logo de mantimentos,& munições,de que eſtava falta, & para a ordinaria proviſão mandou concertar navios,ſem os quaes ella ſe não pode fazer.Porque como tudo lhe vem de fora, & o mais do tempo eſtà de guerra com os vezinhos, convem ſempre tèr embarcações preſtes para mandar buſcar mantimentos, & para os defender dos inimigos que os querem tolher. Andando neſta occupação lhe vierão dizer, que no rio de Muar virão entrar lancharas,& calaluzes.E porque a gente da terra que lhe deu eſta nova não ſe affirmava no numero delles,para o ſaber mandou Simão Sodrè com oito balões (que ſão hũs barcos leves) em cada hum dos quaes levava tres eſpingardeiros.E avendo ſeis horas que erão partidos, vioſe hum fumo contra a Ilha Grande,duas legoas de Malaca,que parecia ſer de bombardas.E era de hũa armada de lancharas,& calaluzes de Tuam Caba tio d'el Rei de Vjantana,[b] que à ſeu rogo com algũa gente da Iaoa era alli vindo para dar hũa viſta à Malaca,& quando a teve de Simão Sodrè,foiſſe tras elle, ladrando as bombardadas,cuja fumaça era a que ſe vio, indoſe Simão Sodrè recolhendo, por não poder reſiſtir com os balões à tam groſſa armada. Dom Eſtevão parecendolhe, polo fumo que vira, que Simão Sodrè pelejava, acodio apreſſadamente à ribeira para lhe mandar ſoccorro, onde ja achou

a. *Aeſtes Portugueſes mãdou matar eſte tyranno cõ hũ exquiſito,& cruel genero de morte,porq̃ os mandou pòr nuos em hũ campo atados de pès, & mãos, & lançarlhes encima tanta agoa fervendo,atè que ficarão meios cozidos,& deixados aſsi,forão comidos dos adibes.*
*Franciſco de Andrade no cap.* 83. *da* 2. *parte.*

b *Eſta armada era de ſettẽta vellas, de q̃ vinha por Capitão mòr Lacxime na (como eſcreve Diogo do Couto no cap.* 11. *do liv.* 8.) *o qual ſe foi lançar em cilada detras da Ilhà das Naos,q̃ os naturaes chamão Pongor, duas legoas de Malaca, & d'alli deſpedio dez lancharas,para q̃ correſſem atè a noſſa fortaleza, contra as quaes mandou Dõ Eſtevão algũs Bantis, & tres bateis grandes das naos,em hum dos quaes ſe embarcou Dõ Paulo, & nos outros dous Andre Caſco, & Simão Sodrè, & nas outras embarcações,q̃ ſerião quinze, ião Iodo Rodriguez de Souſa,Baltaſar Leite,Iuſarte Freire,& outros nobres. Os navios dos inimigos ſe forão retirando atè perto da Ilha,da qual ſaindo Lacximena cõ toda ſua armada, pelejarão cõ ella os Portugueſes tam esforçada mẽte, q̃ poſto q̃ a maior parte delles forão mortos na peleja,fizerão tal eſtrago nos inimigos,q̃ não ouve entre elles quẽ ſe apoderaſſe das noſſas embarcações deſemparadas de ſeus defenſores.Lacximena ſe recolheo mal ferido,cõ grande numero de ſua gente morta, & a maior parte das ſuas lancharas mettidas no fundo,& deſtroçadas. Dõ Paulo cheo de honroſas feridas vèo morrer à Malaca,& ſem os q̃ nomea Iodo de Barros, morrerão Andre Caſco, Sancho Sanchez, filho do Comendador de Calatrava Luis Alvarez, & outros. Foi eſta batalha tã celebrada dos Malaios,pelo danno q̃ nella receberão,q̃ ainda oje a lamẽtão elles com graude ſentimento nas ſuas cantigas.*
*Fernão Lopez de Caſtanheda cap.* 80. *liv.* 8. *& Franciſco de Andrade cap.* 93. *da* 2. *parte,eſcrevẽ o meſmo q̃ Iodo de Barros.Dizẽ porẽ q̃ os inimigos levarão Dom Paulo ſem ſentido quaſi morto na lanchara q̃ elle abalroou,não ſabendo os Mouros q̃ o levarão,ſenão ao dia ſeguinte q̃ morreo,& o conhecerão.*



achou Dom Paulo ſeu irmão embarcado em hum batel, & ſem lhe poder eſtorvar a ida,mandou metter Manoel da Gama em outro,& com elles ſe embarcarão Iodo Rodriguez de Souſa,Dom Franciſco de Lima, Vaſco da Cunha, Gonçalo Baião,& outros homẽs nobres.

Partidos elles mais apreſſada que prudentemente, mandou Dom Eſtevão nas ſuas coſtas Antonio de Abreu, em hum paraò, & apôs elle Enrique Mendez de Vaſconcellos.E como os bateis de Dom Paulo, & de Manoel da Gama levavão à eſtes ventagem, forão os primeiros no perigo, & na deſgraça: porque indo ja hũa legoa de Malaca, toparão os balões de Simão Sodrè que vinhão fugindo à dez, ou doze lancharas de Mouros, ſem o ſeu Capitão, nem Dom Paulo os poderem entretèr para voltarem ſobre as lancharas. Dom Paulo vendoſe ſò, & que corria mais perigo em ir tomar o ſoccorro da terra, que em pelejar com os inimigos, por virem ja mui perto delle, por conſelho dos que levava conſigo, enveſtio com a lancharа dianteira, & tendoa quaſi rendida, acodio outra,na qual ſem nenhum temor ſe lançou Dom Paulo, & com elle Bernardo Queimado, Miguel Freire, Gonçalo Baião, Antonio de Farào, & Iorge Fernandez Borges, onde pelejando mui esforçadamente forão mortos. A Manoel da Gama, que com o ſeu batel chegou à eſte tempo, derãolhe hũa ferida pelo peſcoço, & outra na mão dereita. Dom Franciſco foi ferido pouco no roſtro, & Vaſco da Cunha muito na cabeça,& Iodo Rodriguez de Souſa morto. Dos inimigos forão tantos os mortos,& feridos, que não ouſarão as outras lãcharas chegar aos noſſos bateis,os quaes com tam deſeſtrado ſucceſſo ſe recolherão à Malaca, onde ouve o ſentimento que merecia a morte de taes peſſoas.Deſta perda noſſa tomarão os Mouros ouſadia para virem com ſuas lancharas mui perto da cidade à tomar os navios que vinhão de fora. O que ſentia muito Dom Eſtevão,por não tèr navios para caſtigar ſeu atrevimento, & andando em preſſa de concertar algũs, vèo Tuam Mahamed,enteado de Sinaia, que Garcia de Sà mandou lançar da torre abaxo, com vinte cinco lancharas dar viſta à cidade tam perto, que com hũa eſpera lhe meterão hũa manchua no fundo. E reſentido Dom Eſtevão da ſoberba deſte Mouro, mandou à Manoel da Gama com

treze,ou quatorze navios(dos que ja tinha preſtes) que o foſſe caſtigar,mas elle foi tam ſeſudo, que não quis fazer experiencia de ſeu poder.

## CAPITVLO XIII.

*Como Dom Eſtevão da Gama foi contra el Rei de Vjantana, & lhe deſtruio,& queimou a fortaleza.*

DOM Eſtevão da Gama deſejoſo de vingar a morte de Dom Paulo ſeu irmão, & deitar de Vjantana aquelle Rei,que ſe ia fazẽdo mui poderoſo,& temido, por cauſa do ſitio da ſua cidade,fundada na garganta do Eſtreito de Cingapura,* pelo qual como mais principal que o de Sabà,ſe navegava de Malaca para todo aquelle Arcipelago, & regiões que ficão ao Oriente della, determinou de lançar eſte Mouro do lugar,de que tanto danno ſe podia ſeguir. E para ſe aſſegurar do animo d'el Rei de Pam, cunhado do de Vjantana, mandou là Simão Sodrè em hũa nao, não tanto à comprar mantimentos,como ſe dizia publicamente,quanto à deſcobrir com deſtreza a tenção d'aquelle Rei, & o que ſe podia eſperar que fizeſſe em quanto Dom Eſtevão eſtiveſſe auſente de Malaca, occupado na guerra d'el Rei de Vjantana. Proveo el Rei mui largamente a nao de mantimentos, & ſignificou com verdade à Simão Sodrè, que era grande ſervidor d'el Rei de Portugal,& que neſſa conta o podia tèr o Capitão de Malaca, para tudo o que lhe à aquella cidade compriſſe, & que folgaria muito que deſtruiſſe à ſeu cunhado, porque o merecia como hum grande traidor que era.

*Que por outro nome ſe chama ó Canal de Varela.

Quieto,& aſſegurado com eſta reſpoſta Dom Eſtevão, eſtando ja apercebido para a jornada, partio de Malaca em Outubro, com hũa armada de vinte ſeis vellas, das quaes erão duas naos, & Capitães dellas Dom Franciſco de Lima, & Diogo Botelho (neſta ia Dom Eſtevão) hũa caravella de Fernão Gomez,de que era elle Capitão,a qual,& a nao de Dom Franciſco, mandou Dom Eſtevão que ſe adiantaſſem,& ſe foſſem láçar na bocca do rio de Vjantana, & q̃ não deixaſſem entrar,nẽ ſair couſa algũa. As outras embarcações erão



erão de remo fuſtas,lancharas,catùres,& balões, & Capitães dellas Dom Chriſtovão da Gama, irmão de Dom Eſtevão Manoel da Gama,Enrique Mendez de Vaſconcellos, Simão Sodrè, Vicente da Fonſeca,que viera de ſervir de Capitão de Maluco,Pero Barriga,Antonio Grandio, Fernão Sodrè, & outras peſſoas nobres,& moradores de Malaca,que todos fazião numero de duzentos & cinquoenta homẽs.

E para que ſe tenha noticia do ſitio da cidade de Vjantana,que Dom Eſtevão ia cõmetter,& o que aquelle Rei eſcolheo para ſua morada,& a defenſão que nella tinha. He de ſaber que Vjantana he hũa ponta a mais Auſtral, & Oriental da terra firme da coſta de Malaca,a qual deſta ponta(que diſta da Equinoccial quaſi hum Grao,& de Malaca pouco mais de quarenta legoas) volta para o Norte ao Reino de Siam, onde fazendo a coſta hũa enſeada bem penetrante, na qual entra no mar o rio Menam, cuja bocca eſtà em altura de treze Graos & hũ terço,torna à terra à correr para o Sul ao Reino de Camboja. Na parte Occidental deſta ponta, ſae ao mar hũ rio* tam alto,que entrão per elle naos atè quatro legoas da barra, & ao longo delle bem adentro tinha el Rei Alaudim feito hũa grande povoação,cujas caſas erão de madeira, como ſão todas as d'aquella região,& abaxo della pouco mais de tres legoas,onde a terra fazia hum cotovello, eſtava fundada hũa tranqueira como fortaleza com muitas peças d'artelharia para defender o paſſo,que era alli tam eſtreito,& delle para cima atè a cidade,que às frechadas, & com zarguncho ſe podia defender, nem podia paſſar hum barco por pequeno que foſſe,que deſta fortaleza ſenão metteſſe no fundo, & ao longo della tinhão os Mouros alagados juncos, & muitas arbores cortadas, & atadas, para que chegando alli as noſſas embarcações, as ſoltarem, & impedir com ellas a paſſagem.

*Eſte rio ſe chama Ior.

Chegado Dom Eſtevão com toda armada à bocca do rio de Vjantana, onde achou Dom Franciſco, & Fernão Gomez, como delle não levaſſe piloto prattico, elle meſmo fez o officio, guiando as naos pelo rio acima atè onde puderão ſubir, & chegar mais perto da fortaleza, em que gaſtou ſeis dias, por o rio tèr muita correnteza, & muitas voltas. Antes que chegaſſem à fortaleza com as embarcações menores, porque tudo ao longo do rio era

cuberto de mato, & delle frechavão os Mouros à noſſa gente, poſto que com algum danno ſeu, mandou Dom Eſtevão Pero Barriga, & Antonio Grandio com ſeſenta eſpingardeiros em duas lancharas per hũa margem do rio, & pela outra com outras duas lancharas Dom Franciſco de Lima, & Enrique Mendez de Vaſconcellos, que fizerão retirar os Mouros, & ficou deſafrontada a gente que ia nos navios. Os quaes ſurgirão perto da fortaleza detras de hũa ponta da terra, onde a artelharia lhes não podia fazer algum mal. E para q̃ os Mouros não entendeſſem per onde os avião de acõmetter, mãdou Dom Eſtevão pôr de fronte da fortaleza, da outra banda do rio, quatro peças d'artelharia à cargo de Enrique Mendez de Vaſconcellos, com as quaes fez muito danno, ferindo muitos Mouros, & matando quinze, ou vinte, & entre elles dous Capitães.

No meſmo tempo intentou Dom Eſtevão entrar a fortaleza per outra parte, & chegandoſe à ella, vendo que não podia ſer por alli ſem notavel perda da gente, ſe retirou. E mudado de parecer, mandou fazer hũ baileu à caravella de Fernão Gomez tam alteroſo que ficaſſe igoal da fortaleza, para ſe acõmetter, & entrar, pondolhe ſuas arrombadas, que podeſſem ſofrer toda a artelharia que lhe tiraſſem. A Capitania deſte aſſalto, deu à Dom Chriſtovão da Gamma ſeu irmão, acõpanhado de Simão Sodrè, como de homẽ que d'aquelle exercicio era mais prattico naquellas partes. Eſta caravella levava aos lados hũa fuſta, & hum batel com ſuas arrombadas, nos quaes ião Vicente da Fonſeca, & Fernão Sodrè com muitos eſpingardeiros: mas forão tantos os impedimentos de tranqueiras, & juncos alagados, que não puderão eſtas embarcações chegar à fortaleza como determinavão, & della lhes fizerão os Mouros muito danno (poſto que tambem o receberão) ferindo algũs homẽs, & matando à Fernão Gomez Capitão da caravella. Polo que vendo Dom Eſtevão os eſtorvos, & perigos do mar, ſe reſolveo de bater da terra a fortaleza, para o que mandou Franciſco Boccarro Feitor de Malaca, que foſſe reconhecer o ſitio onde ſe podia plantar a artelharia, & per ſua informação ſe elegeo hum teſo, que ficava cavalleiro à fortaleza, onde mandou Dom Eſtevão pôr artelharia em duas eſtancias, que entregou à Enrique Mendez de Vaſconcellos, & à Antonio Grandio, das quaes ſe bateõ a fortaleza por





por eſpaço de oito dias, com morte de muitos Mouros. Mas vendo os Portugueſes que durava o cerco mais do que elles eſperavão, & que os mantimentos, & munições começavão à faltar, & os inimigos eſtavão mui inteiros, & com grande determinação de ſe defender, & receando mais a infirmidade por ſer o lugar mui doentio, que as bombardadas, & eſpingardadas dos Mouros, começarão à tratar de alevantar o cerco. O que ſabendo Dom Eſtevão, pôs o negocio em conſelho, no qual todos ſe forão com o voto de Pero Barriga, aprovando as razões que elle deu, como de homem mui experimentado na guerra, para ſe não alevantar o cerco, que era o que deſejava Dom Eſtevão, porque lhe parecia menoscabo do valor Portugues, tornar para Malaca ſem caſtigar aquelle Rei, & aſsi mandou que todos ſe apercebeſſem para de novo cõbater, & aſſaltar a fortaleza dos inimigos. Os quaes brioſos com nova gente de ſoccorro que trouxe Tuam Mahamed ſairão das tranqueiras, & acõmetterão as noſſas eſtancias, & dellas ſe retirarão com tantos Mouros mortos, & feridos, que não ouſando eſperar outro combate, no ſilencio da noute ſeguinte deſampararão as tranqueiras, & fortaleza, & el Rei ſe metteo pela terra dentro com ſeu teſouro, & molheres. Os noſſos o ſouberão pola manhãa, querendo proſeguir a bateria, & aviſado logo Dom Eſtevão que eſtava no mar, deſembarcou com toda a gente, & ſe foi metter na fortaleza, que de todo eſtava deſpejada, & recolhida a artelharia que achou nella, & nas tranqueiras, & as melhores embarcações que eſtavão no rio, à tudo o mais ſe pos fogo. [a] Com eſta vittoria ſe tornou Dom Eſtevão para Malaca, onde foi recebido cõ muita feſta, & univerſal contentamento, por quam neceſſario era caſtigar aquelle Mouro dos males que tinha feito aos Portugueſes, para exemplo dos vezinhos, que tinhão poſto os olhos no ſucceſſo d'aquella empreſa, para aſsi ſaberem o como ſe avião de aver com noſco.

* *
*

a. *Fernão Lopez de Caſtanheda nos capitulos. 87. 88. 89. 90. do liv. 8. & Franciſco de Andrade no cap. 6. da 3. parte, conformãoſe com Ioão de Barros, poſto q̃ eſcrevem eſta deſtruição de Vjantana mais particularmente.*

*Diogo do Couto a conta em ſuma no cap. 12. do liv. 8. com algũa differença, dando por razão, q̃ não achou quem deſta jornada o podeſſe informar. E que chegado Dom Eſtevão vittorioſo à Malaca, entendeo logo na carga da nao S. Caterina, q̃ avia de vir à Portugal, de q̃ era Capitão Vaſco da Cunha, o qual partio em Dezembro ſeguinte, & chegou à Lisboa à ſalvamento.*

## CAPITVLO. XIIII.

*De outra jornada que Dom Eſtevão da Gama fez contra el Rei de Vjantana, & das pazes que lhe concedeo. E como foi cõmetido duas vezes dos Achẽs.*

*Franciſco de Andrade no cap. 27. da 3. parte, & Fernão Lopez de Caſtanheda no cap. 131. do liv. 8.*

NÃO ceſſou el Rei de Vjantana com as perdas que recebeo na guerra paſſada, de continuar cõ ella cõtra Malaca, procurando per todas as vias que pode de reſtaurar os dannos, & vingar as offenſas recebidas. De que reſentido Dom Eſtevão da Gama, & não eſquecido da morte de Dom Paulo ſeu irmão, de que ſe não dava por ſatisfeito com a deſtruição da fortaleza de Vjantana, apreſtou hũa armada de tres fuſtas cõ lancharas, calaluzes, & balões, em que embarcou quatrocentos Portugueſes, com que partio de Malaca. Chegando ao Eſtreito de Cingapura, lhe deu hũa trovoada de vento tam impetuoſo, que ſe não ſe coſerão com a terra, nenhum remedio humano os pudera ſalvar; & ainda aſsi correrão riſco os navios de ferem çoçobrados com as arvores, que arrancadas do vento, com raizes, & terra vinhão à cair encima das embarcações. Dom Eſtevão ia em hũa fuſta velha, que abrio per baxo, & ſe foi ao fundo, em que ſe afogarão quatro Portugueſes, & algũs remeiros, & elle ſe ſalvou no baileu da fuſta, que o vento arrancou enteiro, & lançou ao mar. Paſſada a trovoada que durou pouco, chegou Dom Eſtevão à bocca do rio de Vjantana, pelo qual acima, cinco legoas alem da fortaleza que elle deſtroira tinha el Rei a ſua povoação, em que eſtava mui fortificado; & no ſitio em que eſteve a fortaleza, avia outras trẽ queiras com muita artelharia, & cinco mil homẽs para ſua defenſão, & dentro dellas varadas quarenta lancharas, que os Mouros tirarão em terra, para melhor as poderem defender. A eſte ſitio chegou Dom Eſtevão em nove dias com grandes difficuldades, porque quando enchia a marè, era com tanto impeto, que a grande corrẽte atraveſſava as embarcações, com que não podião fazer caminho, ſenão com a vazante, atoandoſe com cabos às arvores que eſtavão ao longo do rio, per onde ião os noſſos cortando, & desfazendo muitas eſtacadas, à pezar dos inimigos, q̃ com muitas frechas o impedião.

Vendo



Vendo os Portugueſes à multidão dos Mouros, & ſua fortificação, não deixarão de recear o feito, & avello por duvidoſo de acabar, porem o eſforçado animo de Dom Eſtevão tudo lhes facilitou, & aſſegurou. E ſurgindo detras de hũa ponta que o rio fazia, onde eſtava livre da artelharia das tranqueiras, determinou de as cõmetter na madrugada do dia ſeguinte; para o que ordenou, que os Malaios que levava, & remeiros foſſem diante com panellas de polvora, & apôs elles os eſpingardeiros, & elle com a mais gente os avia de ſeguir. Dada eſta ordem, deſembarcãdo antes que amaneceſſe, cõmetterão as tranqueiras, em que lançarão os Malaios, & remeiros grande multidão de panellas de polvora, com que ſe accendeo tanto fogo per todas as partes, que chegou às lancharas que eſtavão varadas, nas quaes ſe ateou com grande furia.

Dom Eſtevão chegou à eſte tempo às tranqueiras, & ſubindo per hũa de taboado, teve hũa mui travada peleja com os Mouros que acudirão à defenderlhe a entrada com muitas eſpingardadas, & frechadas; porem os noſſos per meio dellas apertarão de maneira com elles, que os desbaratarão, & puſerão em fugida, ſendo ja manhãa clara. Morrerão neſta peleja ſòmente tres Portugueſes, & dos Mouros mais de quinhentos. El Rei eſtava à eſte tempo em hum outeiro, hũa legoa das tranqueiras, do qual ſe deſcobria o fogo dellas, & das lancharas, onde forão tèr os ſeus abraſados, que lhe derão a nova de ſer queimada a ſua armada, tomadas as tranqueiras com a artelharia, & desbaratada a ſua gente, polo q̃ ſe retirou à preſa com ſuas molheres, & teſouro para o mato, onde ſe avia por mais ſeguro que na cidade.

Dom Eſtevão não quis paſſar adiante atè que a gente repouſaſſe do trabalho, & que foſſem curados os feridos, & enterrados os mortos, o que feito, mandou que marchaſſem para a cidade. Sabendoo el Rei, & vendoſe ſẽ gente, ſem armada, & ſem artelharia, arrependido das guerras paſſadas, conheceo que para viver quieto & ſeguro lhe convinha tèr paz cõ os Portugueſes, & concederlhes tudo o que elles quiſeſſem, & com eſta reſolução mandou dizer à Dom Eſtevão, que lhe pedia não paſſaſſe d'alli, porque queria tèr paz com elle, para o que lhe enviaria ſeus Embaxadores. A Dom Eſtevão pareceo conveniente aſſentar pazes com eſte Mouro, para quietação, & beneficio de Malaca, & aſsi lhe reſpondeo, que

não

Diogo do Couto no cap. 6. do liv. 10. da 4. Decada.

„ não ouviria fallar nellas sem refés. El Rei os mandou logo, &
„ forão hum seu tio homem velho, & de muita autoridade, cõ
„ suas molheres, & familia, com os quaes Dom Estevão se tor-
„ nou para Malaca, onde foi recebido com grande festa, & triũ
„ fo, & o tio d'el Rei de Vjantana agasalhado na fortaleza, &
„ tratado com muita honra. Despedio el Rei logo por Emba-
„ xadores Curutaule da Raja, Lacximena, Taucam da Raja,
„ & Turcam Marcar filho do seu Bandarà, os quaes chega-
„ rão à Malaca em oito, ou dez embarcações embandeiradas,
„ com grandes sinaes de alegria. Dom Estevão da Gama os re- 10
„ cebeo com grande aparato, & ouvio tudo o que lhe disserão
„ da parte de seu Rei cõ rostro alegre, & os mandou agasalhar,
„ & cõmunicando o negocio com os Capitães, & calados de
„ Malaca, assentarão que lhes devião conceder as pazes com
„ condições honestas, para assi ficar aquella cidade desasombra
„ da, & desapresada d'aquelles maos vezinhos: pelo que se con-
„ cluirão, com as condições seguintes.

„ *Que toda a artelharia q̃ ouvesse per todo o Reino de Vjantana com*
„ *as armas d'el Rei de Portugal, de muitas embarcações q̃ por suas costas*
„ *se perderão, seria logo tornada, & trazida à Malaca.* 20

„ *Que nunca mais el Rei de Vjantana faria em porto algum dos seus*
„ *lancharas, nem outras embarcações de guerra, & todas as que se fizes-*
„ *sem sem o el Rei saber, tanto que fosse à sua noticia, as mandaria à Ma*
„ *laca cõ os donos dellas. E que todas as que ao presente estivessem feitas,*
„ *assi suas, como de seus vassallos, mandaria logo entregar à pessoa que*
„ *com os Embaxadores para isso avia de ir.*

„ *Que nunca jamais faria tranqueiras, nem fortes algũs em Bintam,*
„ *nem em Vjantana, & que se passaria logo para o rio de Muar, por fi-*
„ *car mais perto de Malaca, para delle conversarem, & cõmercearem*
„ *como amigos. E que nàquelle lugar tambem não faria tranqueira, nem* 30
„ *forte algum.*

„ *Que todas as dividas que Tuam Mafamede devia aos mercado-*
„ *res de Malaca, das fazendas que tinha tomadas antes da guerra, as*
„ *tornaria logo à seus donos, & não podendo ser tudo, fosse parte, & a*
„ *demasia para o anno, de que elle Rei ficava por fiador.*

„ *Que todos os escravos de Portugueses que estavão fugidos de Ma-*
„ *laca, & d'alli por diante fugissem, se tornarião logo, & se algum ja fos-*
„ *se Mouro, o pagarião à seu dono, & o mesmo se faria em Malaca aos fu*
„ *gidos de Vjantana. E se ainda ouvesse em seu Reino algũs filhos de*
„ *Portugueses, que se perderão avia annos na sua costa em hũ junco que* 40

*ia de*



*ia de Borneo para Malaca, se tornarião logo, com todos os seus escra-* „
*vos, & escravas.* „

*Que deixaria navegar livremente todas as embarcações de quaes-* „
*quer partes que fossem para Malaca, com fazendas, ou mantimentos,* „
*sem as obrigar à tomarem seus portos, & que entrando algũas nelles* „
*com tempo fortuito, el Rei lhes daria toda a ajuda, & aviamento para* „
*irem para Malaca.* „

*Que mandaria à seus vassallos que fossem com suas fazendas à Ma-* „
*laca, para as venderem, & comprarem outras como amigos, à quem se* „
10 *faria favor, & amizade: & o mesmo se faria em seus portos aos Por-* „
*tugueses.* „

Estes Capitulos de pazes jurarão os Embaxadores em no- „ Fernão Lopez de Castanheda nos Capitulos 181. & 182. do liv. 8. & Francisco de Andrade no cap. 55. da 4. parte.
me de seu Rei, & Dom Estevão os mandou apregoar pela ci- „
dade, com universal alegria de todos. E despedidos os Emba- „
xadores, contentes com as peças que lhe deu, mandou com „
elles os que avião de ver jurar as pazes à el Rei, que os feste- „
jou muito, & as mandou publicar, & fez logo entrega das cou „
sas capituladas. Mudouse el Rei para Muar, aonde fundou no „
va cidade, começando à correr em grande amizade com os „
20 Portugueses, com que ficou Malaca em muita quietação, & „
se ennobreceo tanto com a frequencia de mercadores que „
nella concorrião, navegando seguros por causa das pazes, que „
nunca em outro tempo esteve em maior prosperidade. „

Despois da destruição de Vjantana, & pazes assentadas cõ „
o seu Rei, vierão os Achẽs duas vezes acõmetter Malaca no „
anno de M.D.XXXVII. A primeira mãdou el Rei hum Ca „
pitão com tres mil Achẽs em hũa armada, & sem terem della „
aviso os Portugueses, desembarcarão os Mouros de noute, & „
entrarão na povoação dos Quelis pelo baluarte de Bandorà „
30 sem serem sentidos. E mortos muitos Quelis, encaminharão „
para a ponte. Dom Estevão da Gama saio à ella com dozen- „
tos soldados, acompanhado dos fidalgos que estavão em Ma- „
laca, sabendo da entrada dos inimigos; com os quaes pelejou „
tam esforçadamente, que os fez recolher ao baluarte de Ban- „
dorà, donde os deitou Tristão de Taide (que avia pouco que „
chegara de Maluco) & retirados à hum espesso mato, em que „
se defenderão todo o dia, na noute seguinte se embarcarão na „
sua armada, que estava na Ilha das Naos, com menos quinhẽ „
tos companheiros, que ficarão mortos em Malaca: dos nossos „
40 forão feridos Tristão de Taide, Dom Francisco de Lima, „

Antonio

„ Antonio Pereira, Franciſco Boccarro, & outros, & nenhum
„ morto. Idos eſtes Achẽs, fez Dom Eſtevão cercar de taipa a
„ povoação dos Quelijs, que era cercada de madeira, & ſabẽdo
„ que el Rei de Achem apreſtava outra maior armada para má
„ dar contra Malaca, ordenou a defenſão da cidade, & fortale-
„ za como experto capitão; no baluarte de Bendarà pôs Paulo
„ da Gama com dozentos homẽs; à Triſtão de Taide, à Dom
„ Franciſco de Lima, à Dom Manoel de Lima, & à Manoel da
„ Gama, deu à cada hum vinte cinco homẽs para que corref-
„ ſem a nova cerca, & acodiſſem onde foſſe neceſſario, & elle
„ com outros cento ſe pôs junto da fortaleza. Os Achẽs que
„ erão cinco mil deſembarcarão, & aſſentarão ſeu arraial em
„ Tanjaquelim meia legoa da cidade, & cõmetterão tres nou
„ tes a cerca, o baluarte, & a fortaleza; mas de tal maneira lho
„ defenderão os Portugueſes, que deſconfiados de conſegui-
„ rem ſeu intento, com muitos mortos, & feridos, ſe embarca-
„ rão com tanta preſſa, que Triſtão de Taide que foi apôs elles
„ com hũa armada os não pode alcançar.

## CAPITVLO. XV.

*Do que aconteceo à Franciſco de Barros de Paiva em Patane, & à Enrique Mendez de Vaſconcellos na peleja que ambos teverão com hũa armada de Iaos.*

NO tempo que Dom Eſtevão da Gama mandou Simão Sodrè à Pam à deſcobrir o animo d'aquelle Rei, mandou tambem Franciſco de Barros de Paiva à Patane, com a meſma ordem de intentar ſe os Patanes eſtavão firmes na paz que tinhão com os Portugueſes. Chegado Franciſco de Barros à barra de Patane, eſtando nella ſurto, o vèo cõmetter Tuam Mahamed Capitão da armada d'el Rei de Vjantana com algũas quarenta vellas, de quem ſe defendeo Franciſco de Barros como Capitão esforçado que era, deſpois de hũa larga peleja, em que lhe matarão algũs Portugueſes de vinte que tinha no navio. Afaſtados os Mouros com muitos mortos & feridos para tomar algum repouſo, vendoſe os noſſos tam canſados, & feridos, q̃ tornando os Mouros à elles ſe não poderião



poderião defender, requererá à Franciſco de Barros, que no batel do navio ſe recolheſſem à terra, o que não querendo elle conceder, tendo por melhor morrer em defenſão do navio, elles ſe forão no batel à terra, & com Franciſco de Barros ficarão ſòmente Ioão Ferreira, & Baſtião Nunez, os quaes moſtrandolhe que era temeridade aguardar mais alli os inimigos, o perſuadirão à que ſe foſſe à terra, ſalvando primeiro a artelharia, & queimando o navio. Em Patane achou Franciſco de Barros bom acolhimento, onde eſteve atè que Dom Eſtevão acabada a jornada de Vjantana voltou à Malaca, & deſpachou Enrique Mendez de Vaſconcellos à Patane para o trazer, & mandar d'alli à China hum junco â ſentar o trato que antes tinhão os de Malaca com os Chijs, que entam eſtava quebrado.

Chegado Enrique Mendez ao porto de Patane, deſpois de apreſtar, & partir o navio para à China, & aviar outro em q̃ vieſſe Franciſco de Barros, & os Portugueſes ſeus companheiros, eſtando para ſe tornar para Malaca, teve novas de hũa armada de laos coſſairos, de que era Capitão mòr Ericatin, o qual trazia vinte calaluzes, que remavão com duas ordẽs de remos, hũs de galè, & outros de pangaio, com muita gente de guerra, artelharia, & artificios de fogo. Eſtes forão demandar o porto de Patane, de que ſendo os noſſos aviſados ſe fizerão à vella; mas porque Franciſco de Barros não tinha toda a ſua gente dentro no junco, ſurgio perto da terra eſperando por ella, & Enrique Mendez ſe fez na volta do mar. Os Iaos avendo viſta dos noſſos navios, os acometterão repartidos em duas eſquadras. Dez calaluzes, porque o vento era calma, chegarão a abalroar com muito esforço o navio de Enrique Mẽdez, cercandoo por todas partes; mas acharão tal reſiſtencia nos noſſos, que deſpois de durar à peleja hum grande eſpaço ſe afaſtarão os Iaos, com perda de muita gente, & calaluzes eſpedaçados, ficando tambẽ no navio tres Portugueſes mortos, & muitos feridos, & caido Enrique Mendez ſem acordo de hũa frecha de peçonha, de que não tornou em ſi, ſenão deſpois de afaſtados os inimigos, polos remedios com que lhe acodirão.

Franciſco de Barros com ſòs dezaſeis Portugueſes que tinha no ſeu junco ſe defendeo com tanto valor de oito calaluzes que o inveſtirão, que ſem o poderem entrar ſe afaſtarão delle,

delle, & com frechas de peçonha, & com a artelharia começarão de novo à pelejar com os noſſos, & foi tanta a bombardada, que todo o navio era aberto dos pelouros, que ſò na camara de popa lhe meterão cinquoenta, & hum q̃ foi dar em hum barril de polvora, queimou tres homẽs. Os Mouros vendo o fogo, & fumo, dando grandes gritas remetterão ao junco para o abalroarem, cercandoo per todas partes, & pondo nelle eſcadas para ſobirem. Mas Franciſco de Barros, poſto que ferido de hũa frechada d'erva que lhe atraveſſou hũa perna, com Baſtião Nunez, & o Meſtre do navio, que ainda eſtavão vivos, fizerão tantas maravilhas com artificios de fogo, que os mais dos que intentarão ſobir forão queimados. Porem não puderão deixar de ſer entrados, ſe à eſte tempo não chegara o navio de Enrique Mendez de Vaſconcellos, que tornando em ſeu acordo, & refreſcando o vento, dando todas as vellas vèo ſoccorrer o junco, & rompendo pelo meio dos calaluzes com a artelharia metteo no fundo tres, & eſpedaçou outros, & dos q̃ eſtavão per popa do junco alcançou dous, em hum dos quaes vinha o Capitão mòr, que ſe ſalvou à nado em outro, & ſe foi logo para terra, ſeguido dos outros calaluzes, & o navio tras elles, tirandolhe muitas bombardadas. E porque em quanto Franciſco de Barros pelejou, lhe fugirão para terra todos os marinheiros, & nella eſtavão algũs Portugueſes, lhe foi forçado tornar ao porto tomar a gente que lá tinha, & proverſe do neceſſario para a viagem de Malaca, onde chegarão eſtes dous Capitães à ſalvamento, encontrando no caminho outra armada de Iaos coſſairos, de que andava por Capitão Paribara, & trazia conſigo ſettenta vellas, de que não forão acomettidos por levarem muito vento, & irem muito ao mar.

* * *

CAPI-



## CAPITVLO. XVI.

*Como Antonio Galvão que el Rei fizera Capitão de Maluco, foi por mandado do Governador à ſucceder à Triſtão de Taide, & do alvoroço, & feſta com que foi recebido de todos.*

EM quanto em Malaca avia eſtas inquietações, em Maluco ouve outras muitas, à que derão cauſa os exceſſos que Triſtão de Taide fez no ſeu cargo, com os quaes pôs muitas vezes à riſco perderſe aquella fortaleza, com todos os Portugueſes que nella avia. Aquella ſoltura cauſava, aſsi nelle, como nos que o precederão, o reſpeito que tinhão mais à ſeu proveito particular, que ao d'el Rei, & do cõmum, & a grande diſtancia que ha d'aquellas partes à India, perque o Governador não ſòmente os não podia caſtigar, mas nem ſaber de ſuas culpas. E Triſtão de Taide tomava ainda mais licença, por a confiança que tinha na muita amizade que entre elle, & o Governador Nuno da Cunha avia, & no parenteſco com Dom Eſtevão da Gama, que em Malaca eſtava por Capitão, que era ſeu ſobrinho filho de ſua meia irmãa. Mas ſendo Nuno da Cunha informado por Lionel de Lima, que à Goa chegou com el Rei Tabarija, & ſua mãi, & padraſto, que Triſtão de Taide lhe mandou preſos, & ouvindo os clamores d'aquella gente, de cuja innocencia lhe conſtou, determinou de mandar aquelle anno à Maluco Antonio Galvão por ſucceſſor de Triſtão de Taide, porque por el Rei tinha a Capitania de Ternate.

Antonio Galvão, poſto q̃ ſe lhe repreſentava quã arduo negocio era naquelle tẽpo acceitar a Capitania de Maluco por a terra eſtar quaſi levãtada, aſsi os Mouros, como os Chriſtãos, por as muitas vexações q̃ os Capitães lhes fazião, q̃ eſtavão poſtos em foro de não ſerẽ caſtigados por ſuas inſolencias, & por a terra eſtar falta de mantimẽtos, de homẽs, & de armas. Porẽ como elle era muy zeloſo do ſerviço de Deos, & d'el Rei, determinou de ir, & de maneira q̃ remediaſſe as neceſsidades em q̃ aquella fortaleza eſtava. E porq̃ o Veedor da Fazenda não tinha tanto dinheiro q̃ lhe dar, quãto elle avia meſter, cõ toda

*Fernão lopez de Caſtanheda no cap. 127. do liv. 8.*

toda a fazenda que tinha,& cõ à q̃ pode aver de ſeus amigos ſe apercebeo do neceſſario. E porq̃ para Maluco ſe achava gẽ te cõ difficuldade, de q̃ là avia muita neceſsidade, cõ dadivas, rogos,& promeſſas ajũtou a mais que pode, alẽ da q̃ lhe o Governador deu. E para levar eſta gente, q̃ era a mais concertada q̃ nunca foi à Maluco, fretou outra nao à ſua cuſta. Alẽ deſta gente de guerra, levou algũas molheres, à que fez grandes partidos, para là caſarem com Portugueſes, & formar hũa colonia para arreigar a gente na terra, & ſaberem os Mouros que os Portugueſes fazião em Maluco ſua habitação de aſſento: levou tambem inſtrumentos de cortar, ſerrar, & metaes para fazer outros, & muitas alfaias para os homẽs viverem naquella terra cõmodamente.

Provido Antonio Galvão deſta maneira, partio de Cochij aos viij. dias de Maio d'aquelle anno de M.D.XXXVI. & chegou à Malaca aos xviij. de Iunho cõ ſuas duas naos, & outros navios de ſua conſerva. Alli lhe vierão cartas de Maluco, de muitos que lhe pedião cõ grande efficacia appreſſaſſe ſua ida para ir remir aquella terra, que eſtava falta de juſtiça, & de gente, & tanto de mantimentos, que perecião à fome. Outra carta teve do Feitor da nao Santo Spirito, chea de queixumes de Triſtão de Taide, que lhe não quiſera deixar carregar cravo para el Rei, & o detivera dous annos, por elle o comprar, & carregar para ſi. Polo que eſtando ainda mui mal de hũa doença que o chegou à morte, & em grande perigo, quis partir contra conſelho de Dom Eſtevão da Gama. *Caſtanheda.* E porque a ſalvação d'aquella gente de Ternate conſiſtia em elle lhes levar mantimentos, & o Feitor da nao d'el Rei não podia comprar ſenão mui poucos, elle comprou tantos à ſua cuſta com que carregou a ſua nao que levava fretada: & porque não ſe ſatisfazia com eſtes, deixou em Malaca hum Antonio Soarez, q̃ foſſe cũ hũ jũco à Iaoa, & hi o carregaſſe delles, & por ja não tèr dinheiro, lhe deu para iſſo ſua prata lavrada. E aſsi tam doente como eſtava partio aos xviij. de Agoſto, & ſurgio no porto de Ternate à xxv. de Outubro, onde foi viſto da gente com tanto alvoroço, como hum homem de que eſperavão ſer remidos do duro jugo que tinhão. E a primeira couſa que os homẽs principaes que o forão viſitar lhe diſſerão, forão grandes queixumes de Triſtão de Taide, attribuindolhe toda a culpa da guerra que os Mouros lhe fazião, & do

*Fernão lopez. de Caſtanheda no cap. 158. do liv. 8.*

*Fernão Lopez de Caſtanheda no cap. 159. do liv. 8. & Franciſco de Andrade no cap. 43. da 3. parte.*



& do odio que lhe tinhão, & que tam eſcandalizado eſtava delle o povo, q̃ ja o tiverão mandado preſo ao Governador da India, ſe Dõ Eſtevão da Gama ſeu ſobrinho não eſtivera por Capitão em Malaca onde avia de ir à parar. Tãtos forão os males q̃ de Triſtão de Taide recõtarão, q̃ Antonio Galvão os não podia crèr, & parecialhe q̃ por o grangearẽ à elle os accreſcentavão. E como elle era humano, & de ſpiritos nobres, tinha por couſa vergonhoſa à Portugueſes, q̃ os Capitães de Maluco todos q̃ vinhão de novo, prendeſſem aos paſſados: & deter minava (ſe poſsivel foſſe) não prender à Triſtão de Taide, ſalvo ſe as culpas foſſem taes, q̃ não podeſſe al fazer. Triſtão de Taide o mandou viſitar à nao, & pedirlhe foſſe logo tomar poſſe da fortaleza. Mas Antonio Galvão querendo apagar aquelle impeto q̃ via na gente contra elle, & por o favorecer, não quis ſair logo em terra, mas ſe deteve algũs dias, parecendolhe q̃ ſe viſſem q̃ o favorecia de algũa maneira, ſe reconciliarião cõ elle, ou ao menos não ſe queixarião com tanta efficacia como algũs tinhão feito. E como os da fortaleza eſtavão deſejoſos de ver Antonio Galvão por os bẽes q̃ de ſeu governo eſperavão, & mui eſcandalizados de Triſtão de Taide por o mao tratamẽto q̃ lhes fizera, murmuravão d'aquella dilação, & a atribuião à medo q̃ Antonio Galvão tinha do trabalho em q̃ entrava. Porq̃ a gente da fortaleza era mui pouca, a falta dos mantimentos muita. Os Reis Mouros vezinhos todos contrarios, ſendo algũs de antes muito amigos dos Portugueſes, a gẽte diviſa entre ſi, & mui pouco obediẽte; porq̃ como erão poucos, & ſe ião à India cõtra võtade dos Capitães, quãdo vinhão jũcos de Malaca, ou de Bãda, os Capitães ainda q̃ não quiſeſſem ſofrião os exceſſos dos q̃ ficavão, porq̃ ſe os caſtigaſsẽ, ou prẽdeſsẽ, ficaria a fortaleza ſò, & em grãde perigo cõ os Mouros. Mas ſabendo Antonio Galvão quã mal interpretavão ſua dilação ſaio logo em terra, onde foi recebido cõ prociſsão, & cantico de Te Deũ Laudamus, cõ grande prazer, & acclamações de todos, dizẽdolhe publicamẽte q̃ os ia remir do cattiveiro em q̃ eſtavão, & da fome com q̃ perecião.

Antonio Galvão como entrou, pôs logo taxa nos mantimẽtos, abaxandoos aos preços de antes. E para q̃ entẽdeſſem aſsi os Chriſtãos q̃ os cõpravão, como os Mouros q̃ os vẽdião, q̃ os preços ſe não avião de alterar, começou logo pelos mãtimentos d'el Rei, q̃ eſtavão na fortaleza. E para metter a gẽte em

*Caſtanheda, & Franciſco de Andrade.*

„ em ordem, & policia, & viverem como homẽs de razão, & os
„ enfrear com leis, levou os cinco livros das ordenaçõcs do
„ Reino, para per elles se governarem; & para os clerigos as
„ constituçõesdo Arcebispado de Lisboa, que o Cardeal In-
„ fante Dom Afonso fizera. Instituiò para execução das leis, &
„ administração da justiça hum juiz ordinario, & dous almota-
„ cès, que atè entam não ouvera. Apos isto entendeo logo em
„ repairar a fortaleza d'artelharia, de que a achou mui falta, por
„ que a que avia boa, deraa Tristão de Taide aos juncos dos
„ mercadores, para segurança do cravo que lhe levavão de gra
„ ça, & a artelharia que hi achou estava toda desaparelhada, nẽ
„ achou ferreiro que a concertasse; porque à hum que avia deu
„ Tristão de Taide licença que se fosse à Malaca. Mas Antonio
„ Galvão fez tanta diligencia, que descobrio hum ferreiro, que
„ andava encuberto, & em outro foro, à que deu tanto de sua
„ fazenda, que o obrigou à tornar ao officio, o que relevava
„ tanto, que d'outra maneira não avia artelharia, & sem ella
„ não avia fortaleza. Tambem não achou polvora, pelo q̃ logo
„ mandou fazer muita, & para fazer carvão, & trazer madeira
„ para os repairos das bõbardas, ia Antonio Galvão mesmo ao
„ mato cõ todos os fidalgos, & cada hũ trazia às costas a mais q̃
„ podia, de q̃ Antonio Galvão trazia sempre o maior cargo pa-
„ ra os animar, o que tudo se não pudera fazer, se Antonio Gal-
„ vão não levara a ferramenta, & instrumentos que dissemos.

## CAPITVLO. XVII.

*Do memoravel feito que Antonio Galvão fez em ir buscar com cento & vinte Portugueses à oito Reis Mouros, que cõ grande exercito estavão em Tidore, & como os desbaratou, & destruiò a cidade, & a queimou.*

OS Mouros de Maluco, como com as victorias passadas cobrassem coração, & estivessem juntos em Tidore oito Reis, q̃ cõtra os Portugueses estavão conjurados, os quatro delles de Maluco, & os outros quatro dos Papuas, com innumeravel gente de guerra, não passava momẽto q̃ os Portugueses não fosse delles salteados cõ suas armadas cõ q̃ os cõrrião, polo q̃ lhe sera necessario à todas horas estarẽ cõ as armas



mas vestidas. E parecendo à Antonio Galvão, que por elle ser novamente vindo, & Tristão de Taide, de quem se elles davão por offendidos se aver de ir, quererião paz com elle, lha mandou pedir per Gonçalo Vàz Sarnache Capitão mòr do mar. E elles se desculparão à Gonçalo Vàz da guerra que fazião, com os males que Tristão de Taide tinha feitos. E despois de consultarem entre si, assentarão tregoas por algũs dias, para nelles sàberem o estado da fortaleza, & a determinação de Antonio Galvão. Mas esta tregua guardarão elles mal porque saindo algũs escravos da fortaleza ao campo à buscar lenha, tomarão tres, & forãose com elles. Antonio Galvão se lhes mandou queixar, & dizer, que pois assi passava, que elle lhes faria guerra descuberta, & não a traição, ao que elles responderão que fizesse o que quisesse. Polo que Antonio Galvão se determinou em hum façanhoso feito, que era ir sobre Tidore, onde aquelles oito Reis estavão com infinita gente, & muito esforçada, & cõ esses poucos q̃ tinha darlhes batalha, que era cousa que o Governador com todo o poder da India, não faria pouco em a acõmetter. E posto q̃ entendia bẽ o grande risco à que se punha da vida, & ainda da honra, porq̃ não lhe succedendo bem, poderia ser julgado por temerario, parecialhe que era necessario tentar a fortuna. Porque para esperar mais gente, não lhe podia vir senão da India, & que por ella avia de esperar dous annos, à lhe não acontecer no caminho algum desastre. E que para a gente que ao presente tinha, não avia mantimentos para a terceira parte desse tempo, nem de outra parte os podia aver, & sem tèr mantimentos não se podião sostèr. Polo que o melhor conselho lhe pareceo aventuraremse em hũa batalha, com a esperança posta em Deos, que irse consumindo com a fome poucos & poucos. A isto teve Antonio Galvão muitos que o contradisserão, mas em fim seu parecer se seguio. E sem mais demora se partio para Talangame, onde estavão quatro vellas em que avião de ir, & em duas que erão naos avia de ir elle, & Gonçalo Vàz Sarnache, & em hum navio Francisco de Sousa Alcoforado, & em hum calaluz el Rei Cachil Aeiro de Ternate, & o Samarao com cinquoenta Mouros, & os Portugueses erão cento & settenta. Na fortaleza de Ternate deixou Tristão de Taide, por ser o mais idoneo para isso, por seu esforço, & experiencia, & por ser tio de Dom Estevão

„ Fernão Lopez. de Castanheda no cap. 160 do liv. 8.

da Gama Capitão de Malaca, que o ſoccorreria logo, ſe elle Antonio Galvão morreſſe na batalha.

*Caſtanheda, & Franciſco de Andrade no cap. 44. da 3. parte.*

Querendo Antonio Galvão partir de Talangame, lhe ſaio ao encontro hũa cilada de dous mil Mouros, com que ouve hũa eſcaramuça, na qual foi tomado hum Mouro homem d'eſpiritos, à quem Antonio Galvão perguntou por o que os Reis determinavão, & elle ſem nenhum medo, livremente lhe diſſe toda a verdade, que era eſtarem em Tidore os oito Reis que diſſemos com tantas gentes que ſe não podião contar, & que determinavão de o tomar vivo à elle, com todos os Portugueſes, para matarẽ cõ graves tormẽtos à Triſtão de Taide, & aos q̃ cõ elle eſtavão, & à elle Antonio Galvão, & aos que trouxe conſigo reſgatalos. E que a cidade de Tidore eſtava fortiſsima com muros, & baluartes, & muitos eſtrepes, que per nenhũa parte podia ſer entrada, & com hũa forta leza ſobre hũa rocha talhada, para onde ſubião per hum tam eſtreito caminho, que às pedradas ſe defenderia a ſubida à todo o mundo, & para ella avião de ſubir mais de hũa legoa, per caminho muito fragoſo, & cercado de arvoredo. E cõ tudo o Mouro lhe prometteo de o levar lá; porque (ſegũdo elle dizia) quanto mais cedo o levaſſe, tanto mais cedo ſe veria à ſi livre, & à Antonio Galvão cattivo. Iſto lhe ſofria Antonio Galvão porque o guardava para guia, ſe o ouveſſe meſter.

Ao ſeguinte dia em q̃ Antonio Galvão determinava partir, em rõpendo a alva appareceo ao mar hũa frotta dos Mouros de mais de trezentas vellas de remo, em q̃ vinhão paſſante de trinta mil homẽs de peleja, cõ os remeiros, q̃ tambem ſe contão por homẽs d'armas. Porque coſtumão naquella terra os filhos dos Sãgages, & dos Mandarijs, & dos meſmos Reis, em quanto ſão mancebos, andarem ao remo, & prezarenſe diſſo, porque d'alli vèm à ſer mais deſtros nas armas. Aquella moſtra d'armada quiſerão os Mouros dar, ſabendo que Antonio Galvão eſtava de partida para o eſpantarem, porẽ não ſe chegarão muito para elle, com medo de ſua artelharia. Mas entendendo Antonio Galvão que tudo aquillo erão feros, não deixou de partir, & juntamẽte partio a armada dos Mouros indo ſempre à la mar.

*Fernão Lopez de Caſtanheda no cap. 161. do liv. 8. & Franciſco de Andrade.*

Chegando à Tidore, forão logo as praias cubertas de gente que o ſaio à ver com grandes gritas. E começando à deſcobrir a cidade, começou à diſparar a artelharia della, mas como os



os pelouros paſſavão por alto, não lhe fazião danno. E para conſultar com os ſeus perque parte daria na cidade, ſurgio ao pè da rocha onde eſtava a fortaleza, por d'alli poder melhor esbombardear a cidade, & eſtar mais amparado da ſua artelharia. Allitiverão grande altercação ſobre a maneira com que a eſcalarião. Hũs querião que ſe eſcalaſſe per qualquer parte que podeſſem: outros erão de parecer que pela parte que era mais forte, porq̃ nella averia menos gente, que a defendeſſe: outros erão de opinião que ſe tomaſſe a fortaleza primeiro, porque poſto que foſſe difficultoſa couſa, era de menos perigo, por quanto não tinha artelharia, nem tinha gente que a defendeſſe; porque os Mouros tinhão por impoſsivel tomarſe couſa tam agra, & tam forte; & que ſe a tomaſſem d'ahi farião tanta guerra à cidade, q̃ os inimigos a deixarião, ou farião pazes. E que certo eſtava que ganhada a fortaleza avião os Mouros de perder o animo. E ſe tomaſſem primeiro a cidade, os Mouros ſe avião acolher à fortaleza, & que alli lhes não poderião fazer danno. A eſte parecer ſe acoſtou Antonio Galvão, & todos acordarão, que para aquelle feito levaſſem cento & vinte Portugueſes eſcolhidos, & os cinquoenta ficaſſem na armada para a defenderem, & para em amanhecendo darem viſta de ſi nos navios todos armados, tãgendo as trombettas, & atambores, como que querião deſembarcar, para que aſsi acodiſſem os inimigos à tolherlhe a deſembarcação, & entre tanto Antonio Galvão cõ os mais eſcalarem a fortaleza.

No quarto da modorra do dia do Apoſtolo S. Thomé, quãdo os inimigos eſtavão mais aſſeſſegados, deſembarcou Antonio Galvão com os ſeus cento & vinte Portugueſes, com ſuas eſpingardas, & lanças que eſcravos lhes levavão, que cõ os Senhores fazião numero de trezentos. Tornados os bateis para a armada, abalou Antonio Galvão para a fortaleza per hũ caminho q̃ eſtava afaſtado da cidade, & ia para cima da rocha que diſſemos. Na dianteira ião Gonçalo Vàz Sarnache, Diogo Lopez de Azevedo, Iorge de Brito, Antonio de Teive, Dom Fernando de Monroi, Iorge de Taide, & outros homẽs fidalgos, & hũ Antonio Carneiro, que levava o Mouro que os guiava. No meio ia Antonio Galvão cõ a bandeira, & na traſeira ião Franciſco de Souſa, Ioão Freire, & outros. Antonio Galvão por os ſeus não canſarẽ ia de vagar, & aſsi às oito

horas de dia chegou meia legoa da fortaleza,& apropinquandoſe mais à ella,foi ſentido das atalaias dos inimigos, que lhes logo derão aviſo de quam poucos erão os Portugueſes. Sabendoo os Reis,com grande alvoroço derão rebate aos ſeus, & com cinquoenta mil homẽs que ſe juntarão, ſairão logo à preſſa para onde Antonio Galvão vinha. O qual ouvindo o eſtrepito de tanta gente, por ſe não embaraçar com ella, antes de chegar à fortaleza,deixando o caminho que ſeguia, ſe metteo pela eſpeſſura grande do mato, onde ſe encobrio tanto dos inimigos, que o perderão de viſta. E por parecer aos Mouros,que com medo ſe retirarão os noſſos, com prazer derão grandes apupadas,que naquelles valles, & lugares concavos retumbavão com tamanho eco, que à qualquer homem de grande coração fizera muito pavor. Mas aquelle pequeno exercito Chriſtão,com as eſperanças poſtas ſò em Deos,ia mui esforçado.

El Rei Cachil Daialo, que era hum valente cavalleiro, & levava a dianteira,â que era encarregado que foſſe o primeiro que deſſe nos Portugueſes,trabalhou por os atalhar antes que chegaſſem à fortaleza.E chegando com ſua gente à hum eſcampado que ſe fazia entre elle, & a fortaleza, foi alli tèr à caſo Antonio Galvão, com quem elle quiſera fallar, para o detèr em palavras,em quanto os outros Reis com o reſto do exercito chegavão, para os tomarem vivos às mãos, porque não ſe contentavão matalos em peleja. Antonio Galvão que o entendeo,não curou de pratticar, ſenão de vir às mãos, & mandando toccar as trombettas, arremetteo aos Mouros, chamando por Santiago. Neſte primeiro encontro el Rei Cachil Daialo,que armado com hũa ſaia de malha, & hũa celada na cabeça pelejava com hũa eſpada de ambas as mãos, caio de feridas que lhe derão. Mas como era mui esforçado, ſe levantou logo, dizendo, que não era nada, poſto que lhe ſaia muito ſangue. A batalha foi mui travada, trabalhando os Mouros por cercarem os Portugueſes,& os conſumirem. O que ſem duvida fora, ſe el Rei Daialo não tornara à cair deſmaiado do muito ſangue que ſe lhe ia das feridas mortaes, de que d'ahi à pouco morreo. O qual em caindo bradou,que o tiraſſem da batalha, para que os Portugueſes não ſe alegraſſem com ſua cabeça. Quando os Mouros o virão aſsi levar ja quaſi morto,perderão o coração,& ſem poderẽ mais pelejar, começarão à fugir quanto mais cada hum podia, de que algũs por irem mais deſpejados deixavão as armas. E encontrandoſe com a gente dos outros Reis, que os vinhão ajudar, ſe embaraçavão hũs aos outros com a preſſa,indo hũs para a fortaleza,outros para os matos. Antonio Galvão ſeguindo os que fugião para a fortaleza,ſe envolveo com elles, & entrou nella com todos os ſeus, & os Mouros que entravão, & os que là eſtavão tornarão à ſair, & lha deixarão. Antonio Galvão mandou logo pôr fogo à fortaleza,& por as caſas ſerem de madeira,& de cannas,& a cobertura de ola,facilmente foi tudo queimado. Os Reis ſe acolherão per eſſes matos; & o de Tidore tomando ſuas molheres,& teſouro, com guarda de quatro mil homẽs que o ajudavão, deu conſigo em hum profundo valle. Como o fogo foi bem entregue da fortaleza, Antonio Galvão deſceo à cidade, & entrando com grande grita, & eſtrondo de trombettas, & atambores, os Mouros a deſampararão,& toda a fazenda que nella tinhão, à que tambem foi poſto o fogo,com que ardeo muita riqueza:porq̃ como os Mouros eſtavão confiados no forte ſitio em que eſtava, & difficuldade de ir à ella, tinhão alli todas ſuas fazendas. Dos Mouros forã muitos mortos, & muitos cattivos, & os feridos ſem conto. Da parte dos Portugueſes não morreo peſſoa algũa,tirando hum ſò eſcravo. O que parecerà duro à quem o ouvir, como perigoſo à quem o eſcreve, ſe ſenão lembrarem quam poucos Portugueſes acabarão ja maiores couſas contra mais numero de inimigos, à que tirarão as vidas, & os Eſtados. Acabando a cidade de arder, mandou Antonio Galvão derribar os muros,& baluartes della,& entupir as cavas,& aſsi ficou tudo tam raſo, como ſe nunca alli eſtivera cidade.

## CAPITVLO XVIII.

*Como os Reis Mouros se forão para suas terras, & o de Tidore fez pazes com Antonio Galvão.*

ENDINADOS os Reis Mouros por a victoria que os Portugueses delles ouverão, com a gente que tinhão determinarão de tomar Antonio Galvão quãdo das naos aonde vinha dormir, tornasse para à cidade. Sendo disto sabedor Antonio Galvão quis lhe contraminar seu disenho, & armar lhe hũa cilada de algũa gente ao longo da terra nos navios de remo que tomara, para que vindo os inimigos lhes ficassem os da cilada detras, & elle diante. E para que os Mouros de melhor vontade saissem, se embarcou em amanhecendo à som de trombettas, & atambores. E como os Mouros estavão prestes, sairão logo à elle para lhe tomarem a dianteira antes q̃ chegasse à terra, & indo assi, forão de subito dar com a cilada, de que logo começarão à esbõbardear, & chegarse aos Mouros, & aferrarão hũa coracora d'el Rei de Bacham carregada de gente, que não ousando à pelejar, se lançou toda ao mar, ficando a coracora em mão dos nossos. Vendo isto os Mouros que atras ficavão, se retirarão, & assi não receberão mais perda. Mas os Reis se afrontarão muito vendo quam pouco mõtarão seus ardijs, polo que determinarão de per mar, & per terra darem em Antonio Galvão, o que vindo à sua noticia, foi sobre elles per terra, & indo per caminhos encubertos, ouvera de tomar os inimigos repentinamente, se hũs soldados que ião na dianteira não dispararão as espingardas indo ja perto delles. Mas toda via com aquelle sobresalto se puserão em fugida: dos quaes ainda Antonio Galvão alcançou os que ião na retraguarda, de que ferio, & matou algũs, & outros cattivou; dos mortos foi hum parente d'el Rei de Geilolo, que era mui esforçado cavalleiro, & de que fazia muita conta, cuja perda os Mouros sentirão muito, & fizerão por elle grãdes prantos.

Os Reis de Bacham, & Geilolo, & os das Ilhas Papuas vendose desbaratados per tam poucos Portugueses, sendo elles tantos, & que perdião tẽpo em tentar mais a fortuna contra Portugueses,



Portugueses, imputavão seu desbarato à ira de seu Mafoma, & se forão para suas terras, deixando o proseguimento da guerra para outro tempo mais felice. Os Portugueses quando virão a partida dos inimigos tam subita, sendo tantos, receavão q̃ fossem sobre a fortaleza de Ternate, & com grande instancia requerião à Antonio Galvão que lhe acodisse, ao que elle respondeo, que quem não defendia sua casa, mal poderia tomar a alhea; & que d'alli se não iria atè fazer pazes cõ el Rei de Tidore, ou o matar. Para pôr isto em execução, lhe escreveo hũa carta toda chea de desculpas por a guerra que lhe fizera, & tambem de queixumes, por a occasião que elle, & os mais Reis de sua liga à isso derão com lhe engeitar a paz que lhe pedira, sendo os Portugueses taes, que onde quer que chegavão, os maiores Reis lha cõmetterão sempre, & com offertas de tributos, & vassallagem à seu Rei, & elle em vez de pedir paz & amizade, lha negou, & mandou afrontar com suas armadas, fazendo liga, & conjuração com os outros, sem elle atè entam lhe tèr feito aggravo algum, antes dado muitas mostras, de quem desejava sua amizade. E que pois pela experiencia vira quantos males trazia a guerra, quisesse com elle fazer paz. A qual lhe pedia não por temor algum que tivesse: porque os Portugueses erão homẽs, em cujos animos não entrava medo; mas por a boa fama que delle Rei de Tidore corria, com quem folgara tèr amizade, & vezinhança. Cõmunicando el Rei esta carta com os do seu conselho, todos se inclinarão à fazer pazes com Antonio Galvão, por a differença que delle vião à Tristão de Taide; & porque na maneira que procedia lhes parecia ser homem humano, & modesto, & que lealmente lhes cõservaria a paz. Porque nos encontros que tiverão, nunca consentio que lhes cortassem suas palmeiras, nem arvores outras, & que atè a sua Mesquita, que os Christãos tinhão por cousa abominavel, lha guardou illesa, sem lhes tocar nella. Polo que à todos pareceo, que a paz se avia de fazer: & entretanto que se capitulava, se fizesse tregoa de algũs dias, com condição que se fossem logo de seu porto, & que a paz se assentaria tanto que Tristão de Taide se fosse de Maluco. Entendendo Antonio Galvão, que se se fosse d'aquelle porto, não ficava o concerto fixo, & não se contentando da dilação que averia atè a ida de Tristão de Taide, mandou dizer à el Rei, q̃ antes de tratar sobre pazes se

*Fernão Lopez de Castanheda no cap. 163. do liv. 8. & Francisco de Andrade no cap. 45. da 3. parte.*

„ ſe avião ambos de ver. El Rei o recuſou, por o coſtume dos
„ Reis d'aquellas partes, que o vencido não vè o roſtro do ven
„ cedor antes de paſſarem ſeis meſes, & em ſeu lugar mandou à
„ Cachil Rade ſeu irmão, que era peſſoa de grande autoridade.
„ E por Antonio Galvão eſtar bem informado delle, & de ſuas
„ qualidades, & querer grangealo para o tèr de ſua parte contra
„ os outros Reis, antes de entrarem em prattica ſobre as pazes,
„ lhe cõmetteo que o faria Rei d'aquelle Reino de Tidore, ſe
„ elle quiſeſſe: porque ſeu irmão, por ſe levantar contra a forta-
„ leza de Ternate, o tinha perdido, & por não querer paz, ſen- 10
„ do requerido com ella, & ſobre iſſo lhe fazer guerra. Cachil
„ Rade não aceitou a offerta do Reino, dizendo, que nunca
„ Deos permittiria que elle fizeſſe traição à ſeu irmão. E de Ca
„ chil Rade lhe não aceitar aquella offerta, & de não lhe pro-
„ metter que faria com el Rei ſeu irmão que lhe fallaſſe, foi An
„ tonio Galvão tam deſcontente, que com elle não quis tratar
„ couſa algũa. E aſsi ficou de guerra com el Rei de Tidore, co-
„ mo de antes. Mas receando el Rei de eſcandalizar à Antonio
„ Galvão, como experimentado polo paſſado, quebrou o uſo
„ dos Reis de Maluco, & ſem eſperar por os ſeis meſes, ſe vio cõ 20
„ elle, levando conſigo ſeu irmão Cachil Rade, & muitos no-
bres. E aſſentarão paz, com condição que el Rei entregaria
à Antonio Galvão toda a artelharia que tinha, & todas as ar-
mas que forão de Portugueſes. E que por o preço da Feitoria
d'el Rei daria todo o cravo, que em ſua terra ouveſſe, & q̃ não
*Caſtanheda.* „ ajudaria à Rei algũ contra Portugueſes Ficou el Rei tam con
„ tente da arte, & brandura de Antonio Galvão, a qual parecia
„ ainda ſendo maior oppoſta à aſpereza & ſequidão de Triſtão
„ de Taide, que muitas vezes, aſsi elle, como ſeus irmãos, &
„ Mandarijs o ião viſitar, & comer com elle, como ſe toda a vi- 30
„ da ſe converſarão. Mas Cachil Rade, em pago da boa conta
„ em que Antonio Galvão o tinha, & de o querer fazer Rei, o
„ aviſou que ſe não partiſſe d'aquelle porto de Tidore atè as pa
„ zes ficarem bem firmes. Porque el Rei ſeu irmão era tam im-
„ portunado dos Reis de Geilolo, & de Bacham, que receava,
„ que tanto que ſe d'alli partiſſe, lhe moveſſe guerra, em vingan
„ ça da morte de Cachil Daialo, que fora morto à ferro, que to
„ dos eſtavão obrigados por juramento de vingar, & que aſsi
„ lho pregavão ſeus Cacizes. Polo que Antonio Galvão ſe de-
„ teve algũs dias mais, & aſſentadas as pazes prometteo à el Rei 40
de



de lhe mandar reedificar a cidade de Tidore no meſmo lugar „
onde eſtava, & aſsi o comprio, começandoa antes que d'alli „
ſe partiſſe para à fortaleza de Ternate, onde com grande feſta „
foi recebido, por hũa tam glorioſa vittoria que d'aquelles „
Mouros alcançara. „

## CAPITVLO. XIX.

*Das muitas inquietações que ſempre ouve em Maluco entre os Portugueſes, & ſeus Capitães, ſobre a compra do cravo, & do trabalho que niſſo paſſou Antonio Galvão.*

10 TEITAS as pazes com os eſtranhos, começa- „
rão as diſcordias com os domeſticos, ſobre a cõ „
pra do cravo: porque como para a viagem do „
Maluco, ſempre na India ſe achou gente com „
difficuldade, aſsi por o lugar ſer tam remoto, co „
mo por não aver outro cõmercio, nem tratto nelle, ſenão o „
20 do cravo, & os homẽs que à aquellas partes querião ir erão „
plebeios, & de pouca conta, tirando os Capitães, & officiaes „
d'el Rei, ouvè ſempre entre elles amotinações, & alvoroços, „
pelo que convinha aos Capitães diſsimular as offenſas, & às „
vezes as injurias que delles recebião, por os não deixarem ſòs „
na fortaleza, como muitas vezes acontecia. E como el Rei de „
Portugal não tinha na Ilha de Ternate, & conquiſta della ren „
da para ſuprir os gaſtos que fazia, no preſidio que hi tinha, & „
nas armadas que à ella mandava: o Veedor da Fazenda Afon „
ſo Mexia enviou à Maluco hum regimento, em tempo de „
30 Dom Iorge de Meneſes, perque mandava que o Feitor com- „
praſſe quanto cravo ouveſſe naquellas Ilhas, & carregaſſe o „
mais que pudeſſe para el Rei, & o mandaſſe a India, & que o „
que ſobejaſſe da carrega o vendeſſe aos moradores da forta- „
leza com ganho moderado, & que deſſe dinheiro ſe pagaſſem „
os ſoldos, & mantimentos dos Capitães, & gente d'armas, & „
outros gaſtos da fortaleza. Mas eſte regimento ſe não acei- „
tou, nem ouve effeito, por a grande contradição, que aſsi en- „
tre os Portugueſes, como entre Mouros ouve. E determinan- „
do Dom Iorge de Meneſes quando foi à Maluco de execu- „
40 tar aquelle regimento, mandou apregoar com grandes penas „

que

„ que ſe guardaſſe. Mas os Portugueſes vendo que ſe el Rei ſou
„ beſſe o muito que ganhava em aver o cravo todo à ſua mão,
„ que nunca mais o alargaria, & elles ficarião perdidos, ſem te-
„ rem mais que o mantimento, & o ſoldo, que ſe lhes pagava
„ tarde, & mal, determinarãoſe em não conſentir, & valerãoſe
„ de Cachil Daroes Governador do Reino de Ternate, à que
„ pedirão o eſtorvaſſe. E como elle deſejava occaſião de os Por
„ tugueſes o averem meſter, o fez aſsi, & mandou, que pois aos
„ Mouros ſe lhes tolhia a liberdade de venderem o ſeu à quem
„ quiſeſſem, que tambem elles não vendeſſem ſeus mantimen- 10
„ tos aos da fortaleza. A diſcordia da gente, & a falta de manti-
„ mentos foi tal, que comprio à Dom Iorge por entam diſsimu
„ lar, ja que não podia perſeverar na defeſa que fizera.

„ A execução deſte regimento eſteve ſuſpenſa, atè que An-
„ tonio Galvão vèo: porque os outros Capitães como tinhão
„ o tento no cravo q̃ avião de tirar de Maluco para levar à In-
„ dia, mais favorecião a cauſa dos que cõpravão, que a dos offi-
„ ciaes d'el Rei que o defendião. E como eſte negocio do cravo
„ importava tanto à fazenda d'el Rei, & à ſuſtentação da meſ-
„ ma fortaleza, nunca Antonio Galvão afroxou de fazer a dili- 20
„ gencia poſsivel, por ſe não ir contra o regimento, com gran-
„ de trabalho de ſua peſſoa. E vindo a monção para ir à Malaca
„ mandou concertar a nao de que viera por Capitão Franciſco
„ de Souſa, & a outra em que elle meſmo viera, para nella man
„ dar cravo d'el Rei. E porque Triſtão de Taide ſe avia de ir na
„ quella monção, mandou tirar devaſſa delle, como ſe faz dos
„ Capitães que acabão. Mas Triſtão de Taide, como homem
„ que ſabia quantos tinha offendido com ſua aſpereza, perque
„ não podia dar boa reſidencia, & que os mais dos que em Ter
„ nate avia o accuſavão, pedio à Antonio Galvão ouveſſe delle 30
„ piedade. E como Antonio Galvão era homem pio, & inclina
„ do à fazer à todos bem, lhe prometteo que aſsi o faria, onde
„ não intervieſſe cargo de ſua conſciencia, ou deſerviço d'el
„ Rei. E aſsi muitos homẽs que com Triſtão de Taide eſtavão
„ mal, & delle tinhão recebidas muitas màs obras, os reconci-
„ liou com elle, & fez ſeus amigos antes de tirar delle devaſſa
„ O que Triſtão de Taide agradeceo tam mal, que começou ſe
„ cretamente amotinar a gente, aſsi para reſiſtirem à defeſa do
„ cravo, como para irem em ſua companhia para a India, ſendo
„ a gente da fortaleza tam pouca, que ficaria ſem tèr quem a 40
defen-

*Fernão Lopez de Caſtanheda nos capitulos 164. 165. 166. do liv. 8. & Franciſco de Andrade no cap. 45. da 3. parte.*



defendeſſe. E chegou iſto à tanto, que por Antonio Galvão „
querer executar o regimento, & defender as compras do cra- „
vo, eſteve muitas vezes em riſco de o matarem. Polo que ten „
touſe com brandura de palavras os podia pacificar, & acabar „
com elles que ſe contentaſſem de comprar o cravo ao Feitor „
d'el Rei, que era muito mais barato, que o que querião com- „
prar dos Mouros, & que melhor era dar hum pouco de ganho „
à ſeu Rei, para o gaſtar na defenſão d'aquella fortaleza, & del- „
les meſmos, à que mantinha, & dava ſoldo, que darem tam „
10 exceſsivo ganho aos Mouros, que deſejavão de os deſtroir. „
Com iſto lhes jurou em hum Miſſal, de não comprar algum „
cravo para ſi d'aquelle para que el Rei lhe dava licença, & mã „
dou à ſeus criados que fizeſſem o meſmo. E certo cravo que „
de preſente lhe mandarão el Rei de Tidore, & Cachil Rade, o „
mandou levar à Feitoria para a carga das naos. Tudo iſto não „
pode movelos, mas juntos em aſſuada, tomando por ſua cabe „
ça à Triſtão de Taide, compravão dos Mouros todo o cra- „
vo que achavão, & todo carregavão em hum junco, em que „
Triſtão de Taide tinha parte, & não nas naos d'el Rei. Polo q̃ „
20 receando Antonio Galvão que ſe foſſe Triſtão de Taide cõ „
os mais ſem ſua licença, & lhe levaſſe a gente, fez vir o junco, „
& as naos de Talangame, onde eſtavão à hũa calheta perto „
da fortaleza, & aos Capitães deu juramento que ſe não foſ- „
ſem ſem ſua licença, nem lhe levaſſem gente, o que elles não „
determinarão guardar; mas com o favor de Triſtão de Taide „
ſe ajuntarão armados, dizendo à grandes vozes contra Anto- „
nio Galvão, que eſtava recolhido na fortaleza, que avião de „
comprar cravo, & o avião de defender às lançadas. Finalmen „
te Triſtão de Taide com os que levou da fortaleza ſe embar- „
30 cou, & mandandolhe Antonio Galvão requerer, q̃ não levaſ- „
ſe gente, elle não curou diſſo, mas ſoltou palavras deſcorteſes „
contra Antonio Galvão. O qual indo ao outro dia em buſca „
de Triſtão de Taide, & dos outros para os prender, não achou „
mais que Dinis de Paiva no junco, o qual ſe pôs à bordo com „
toda a gente armada, & eſpingardas cevadas para lhe reſiſtir. „
E por o mar andar groſſo, & o vento ſer freſco, eſcapou. Pelo „
que Antonio Galvão fez autos, perque os ouve à todos por „
alevantados, & os condenou em perdimento das fazendas; & „
logo mandou os autos ao Governador da India, aonde não „
40 chegarão, com o favor de Manoel da Gama que eſtava por „
Capitão

» Capitão em Banda,& de Dom Eſtevão da Gama Capitão de
» Malaca. Polo que na India, nem em Portugal ſe pode ſaber
» dos exceſſos de Triſtão de Taide, nem do bom ſerviço que
» niſſo fizera Antonio Galvão, como acontece onde os
» Reis não ſão preſentes, & a couſa fica em officiaes, & mi-
» niſtros.

## CAPITVLO. XX.

*Como Antonio Galvão aſſentou pazes com os Reis de Geilolo,& Bacham,& aſſeſſegou os Ternates, que não querião tèr por Rei à Cachil Aeiro.*

Fernão Lopez de Caſtanheda no cap.183.do liv.8.

» ACharãoſe os Reis de Geilolo,& Bacham tam afrontados por a perda paſſada, & porque ſendo elles tantos, & com tam innumeravel exercito forão desbaratados per hum Capitão com tam poucos Portugueſes, que como forão em ſuas terras ſe começarão logo à aperceber, & buſcarem novas ajudas para virem contra Antonio Galvão,& ſe ſatisfazerem d'aquella perda,& da morte de Cachil Daialo, que por ſer morto â ferro erão obrigados, ſegundo coſtume d'aqueles Mouros,à tomarem delle vingança. Polo que achandoſe Antonio Galvão muito falto de gente,por ſe lhe aver ido para a India a mòr parte della com Triſtão de Taide, como acima diſſemos,tratou todos os meios,que pode para fazer paz com aquelles Reis. A qual não querendo elles acceitar, Antonio Galvão determinou de tomar o riſco todo ſobre ſua peſſoa,por a pouca gente que conſigo tinha, & os mandou deſafiar, para ambos ſe matarem com elle, pois elle ſò era o de que dizião receber offenſa. Sendo acceitado o deſafio pelos Reis de Geilolo, & Bacham, el Rei de Tidore, & ſeu irmão Cachil Rade, ſe metterão de por meio, & fizerão com que o deſafio não foſſe por diante,concertando os Reis com Antonio Galvão. E como elle era homem tam inteiro em ſuas couſas, & tinha fama de homem virtuoſo, forão as pazes tam aventajadas, que não ſòmente os Reis ſe fizerão ſeus amigos, mas lhe mandarão os Portugueſes que tinhão cattivos,& as armas, & artelharia que aos noſſos tinhão tomado.E pela meſma maneira lhes mandou Antonio Galvão algũs



algũs preſentes de couſas de Portugal, em ſinal de amizade. A qual eſtes Reis tambem guardarão, que andando entre aquellas Ilhas dos Papuas duas naos de Caſtelhanos, os não conſentirão deſembarcar em ſeus portos, & lhes mandarão requerer da parte de Antonio Galvão, que ſe foſſem à fortaleza, que nella ſerião providos de todo o neceſſario. O que os Caſtelhanos não quiſerão fazer; & por virem as naos mui abertas da larga navegação, com hum tempo rijo & contrario que lhes ſobrevèo,derão com ellas à coſta, onde os mais acabarão, & os poucos que eſcaparão mandou Antonio Galvão reſgatar, & ſoube delles que partirão de Nova Eſpanha,& vinha por Capitão mòr Fernão de Grijalva,& hum Alvarado.[a]

Com todas eſtas pazes não eſtava quieto em Ternate Antonio Galvão, pelas differenças, & ſedições que avia entre os meſmos Ternates, ſobre o Reinado de Cachil Aeiro, em que os Sangages,& Mandarijs não querião conſentir, dizendo que era baſtardo, & que o Reino pertenecia per legitima ſucceſſão à Tabarija,filho legitimo d'el Rei Boleife, q̃ Triſtão de Taide mandara preſo à India ſem cauſa. Polo q̃ com grande inſtancia requerião à Antonio Galvão, que eſcreveſſe ao Governador da India lhes mandaſſe ſeu legitimo Rei,que injuſtamente fora privado do Reino per Triſtão de Taide,como forão indevidamente feitas outras muitas couſas per elle Incitavaos ainda mais à inſiſtirem neſte requerimento ſer o Samarao Governador do Reino, homem de q̃ elles não erão contentes, por a razão que diſſemos. Tinha à eſte tempo Antonio Galvão tam pouca gente na fortaleza, que à nenhũa ſedição dos Mouros que ouveſſe ſe atrevia reſiſtir. Polo que vendo que a ſeguridade d'aquella fortaleza, & do Senhorio que el Rei de Portugal tinha em Maluco, conſiſtia em pacificar os Ternates, que andavão divididos, trabalhou quanto lhe foi poſsivel, por procurar a amizade com elles, & ficar Rei Cachil Aeiro. Os Sangages, que de nenhũa maneira querião tirar o Reino à Tabarija, & deſejavão com muitas veras privar do governo ao Samarao, comettião partido à Antonio Galvão, que privaſſe do Reino à Cachil Aciro, & que elle ſerviſſe de Rei em quanto Tabarija não vinha. O que Antonio Galvão não quis acceitar, como homem zeloſo

a. *Eſcreve Diogo do Couto, que Fernão Cortes Marques del Valle mãdou ao Perù Fernando de Grijalva no anno de MDXXXVII.em dous nàvios, hũ dos quaes elle tornou à mandar à nova Eſpanha; & com o outro partio à deſcobrir hũas Ilhas, que dezião ficarem à Ponente, & ſerem mui ricas d'ouro. Correndo Grijalva per diverſas derrotas; chegando de hũa dellas à xxix. Graos da parte do Sul,& d'outra à xxv da parte do Norte,cuidando de tomar à California,não achou terra: polo que requerendolhe os do navio que arribaſſe à Maluco por curſarem para lá os tempos: & não o querèdo elle fazer por não entrar na demarcação d'el Rei de Portugal, matarão,& à Lopo de Avalos ſeu ſobrinho,& elegerão por Capitão ao Meſtre, que logo tomou à derrota de Maluco. No qual caminho acharão tantas calmarias, que quãdo chegarão aos Papuas não ião mais que ſette homẽs vivos. Alli derão à coſta com o navio, que vinh à todo deſfeito de x. meſes de viagẽ, & mettidos no batel chegarão à hũa Ilha, que ſe chama Creſpei, onde os cattivarão,& algũs forão tèr a Ternate; qüe Antonio Galvão recolheo, agaſalhou, & proveo de tudo, quẽ lhes era neceſſario.*
*Cap.5.do livr.6.da Decada 5.*
*Caſtanheda.*

„ do ſerviço d'el Rei, & pouco ambicioſo como elle era, re-
„ ceando tambem, que por elle ſer Chriſtão, o povo não
„ perſeveraria em querer ſer regido per elle. A bondade que
„ Antonio Galvão niſto moſtrou, & a pouca cobiça que
„ os Mouros nelle virão, ganhou grande fama entre elles;
„ vendo que engeitava a governança de hum Reino, de
„ que tanta honra, & proveito lhe pudera vir, & não aca-
„ bavão de o louvar. E aſsi tanto pode com elles a virtude de
Antonio Galvão, & o favor que el Rei de Tidore, & Ca-
chil Rade ſeu irmão niſſo derão, que os Sangages, & 10
Mandarijs do Reino, reconhocerão por ſeu Rei à Ca-
chil Aeiro, & ao Samorao por Regedor, & os obedecerão
como taes.

*Caſtanheda.* „ Com eſte aſſento de concordia que Antonio Galvão
„ fez, todos aquelles Ternates que por as ſedições, & tra-
„ balhos paſſados do tempo de Triſtão de Taide, & de
„ ſeus anteceſſores na Capitania, andavão eſpalhados per
„ outras Ilhas, por aggravos, ou medo, ſe tornarão à re-
„ colher, & povoar a terra, & gozar dos bẽs que a paz traz
„ conſigo. Polo que hũs, & outros confeſſavão tèr grande 20
„ obrigação à Antonio Galvão, & punhão ſuas couſas no
„ Ceo, quando comparavão o bom tratamento, que nel-
„ le achavão, com o mao que receberão dos que o precede-
„ rão no cargo.

## CAPITVLO. XXI.

*Como Antonio Galvão mandou ao Moro contra hum levantado, que foi morto, & desbaratado, & da muita diligencia que fez ſobre a converſão dos Gentios das Ilhas de Maluco.* 30

ACABADAS as differenças que Antonio Galvão trazia com os Reis Mouros de Maluco, vindo â ſua noticia, que no Moro andava hum Capitão alevantado, que aſoberbava aquella terra com hũa grande armada que trazia, ameaçando que avia de correr à Ternate, mandou hũa armada de certas coracoras, que lhe el Rei de Tidore empreſtou, & por Capitão dellas hum clerigo per nome 40
Fernão



Fernão Vinagre, homem audaz, & de bõos eſpiritos, com ſos quarenta Portugueſes, que foſſe em buſca delle, para o amanſar do orgulho que trazia. O clerigo pelejou com aquelle Capitão, & lhe deu batalha em que o matou, & à hum ſeu irmão, & a gente foi desbaratada, & poſta em fugida.

Avida eſta vittoria, Fernão Vinagre pacificou a terra, & fez muitos Chriſtãos. Antonio Galvão vendo tam bom ſucceſſo, o tornou là mandar, para ganhar a vonta-
10 de d'aquellas gentes, & os perſuadir ſe converteſſem à Fè de Chriſto, o qual com ſua pregação, & perſuaſões, fez muitos mais Chriſtãos, cujos filhos trouxe conſigo à Ternate, para ſe hi criarem, entre os Portugueſes. Os quaes Antonio „ *Fernão lopez de Caſtanheda no cap. 103. do liv. 8.*
Galvão mandava doutrinar nas couſas da Fè, & enſinalos „
à lèr, & eſcrever. E para os noſſos ſerem mais ſeguros com „
os filhos d'aquelles homẽs nobres, que tinha como arre- „
fẽs de ſua Chriſtandade, & amizade. E aos pais quando os „
vinhão ver, dava peças & dadivas. Polo que era Antonio „
Galvão tam acreditado com aquellas gentes, por a juſtiça, „
20 & equidade, com que procedia com os homẽs, que enten- „
dião, que o Deos que elle adorava, era o que ſe avia de crèr: „
& a religião, que elle profeſſava, ſe avia de ſeguir. Tanta effi- „
cacia tem a virtude, & o bom exemplo, do que quer incitar, „
ou converter à outros à bem viver. Sobre a converſão deſtes „
Gentios ouve outras muitas occaſiões que Antonio Galvão „
buſcou. Porque à todos negocios, à que mandava, ſempre „
encomendava em primeiro lugar, o de ſalvar almas. Como „
foi quando mandou Diogo Lopez de Azevedo Capitão mòr
do mar de Maluco, em buſca de hũa armada mui groſſa de
30 juncos, da Iaoa, Banda, Macaçar, & Amboino, que ſoube vinhão buſcar cravo à Maluco, à cujo troco trazião para dar aos Mouros muitas armas, & artelharia em noſſo danno, donde deſpois ſerião maos de lançar, por cuja vinda & commercio ſe tolheria averſe o cravo para el Rei de Portugal. Polo que Diogo Lopez com ſua armada, que era ſomẽte de quarenta Portugueſes, & dozẽtos Ternates, „ & outros dozentos homẽs, que lhe empreſtou el Rei de Tidore, com os quaes ia Cachil Rade ſeu irmão, os foi buſcar, & achou a armada em Amboino, onde pelejando com elles, os desba-
40 ratou, & fez fugir com morte de muitos: & nos juncos, que

tomou achou muitas armas, & artelharia, & dinheiro que levavão para emprego do que iáo buscar. Indo Diogo Lopez ao longo d'aquella costa, assentou paz, & amizade com toda a gente della, & aos moradores de tres lugares, que se chamão Ativà, Matelo, & Nucivel, fez tornarse Christãos. E destas partes trouxe comsigo hum irmão d'el Rei de Terna te que là andava retraido do tempo de Tristão de Taide, que o perseguia: & à Cachil Vaidua, à que Dom Iorge de Meneses mandara afrontar, como atras dissemos.

*Castanheda.*

Naquelle mesmo tempo vierão à Ternate dous irmãos Macaçares,[a] homẽs nobres, que se fizerão Christãos, de que hum se chamou Antonio Galvão, como seu padrinho, & outro Miguel Galvão. Estes tornarão à sua terra, & querendo despois vir visitar seu padrinho, trouxerão certos navios carregados de Sandalo, & algum ouro, & mercadorias, que disserão avia nas suas Ilhas, & nas dos Celebes, aonde se os Portugueses fossem, se converterião muitos, & farião proveito em suas mercadorias. Com estes vinhão algũs mancebos fidalgos, com tenção de se fazerem Christãos, como de feito fizerão. Vendo Antonio Galvão que de hum caminho se podião ganhar almas, & fazenda, mandou à aquellas partes hum cavalleiro honrado chamado Francisco de Castro, & com elle dous Sacerdotes, à que deu hum regimento, para que assentasse amizade com os Reis d'aquellas terras, & que os induzisse à tomarem nossa Fè, & lhes deu peças, & presentes Partido Francisco de Castro de Ternate, deulhe hum tempo tam rijo, que lhe foi forçado correr à vontade dos ventos, & no cabo de algũs dias foi dar com hũas Ilhas ao Norte de Maluco mais de cem legoas, atè entam não descubertas, nas quaes soube, que aquella à que aportou se chamava Satigano, cujo povo, & Rei erão Gentios. Assentou logo Francisco de Castro com elle amizade, & para firmeza della, se sangrarão ambos no braço ao costume d'aquella gente, & bebeo hum o sangue do outro. El Rei se fez Christão d'ahi à poucos dias, & com elle se baptizarão a Rainha, & hum seu filho, & tres irmãos d'el Rei, & muitos fidalgos, & gente popular. E gastando nisso vinte dous dias, se partio Francisco de Castro, deixando à todos muita saudade. E passando ao longo da Ilha de Mindanao, chegou à hum rio, ao longo do qual

*Diogo do Couto cap. 2. do liv. 7. da 5. Decada.*

*a. Estes Macaçares, ou Macaças como outros lhes chamão, são naturaes de hũa Ilha do mesmo nome, q̃ com outras muitas juntas, os Geographos erradamente fazẽ de todas hũa só, com nome de Cellebes, prolongada do Norte ao Sul, desde hũ Grao da Equinocial da parte Septentrional, atè cinco & meio da parte Austral. São estas Ilhas senhoreadas de muitos Reis differentes nas lingoas, ritos, & costumes. O Reino dos Bogis occupa a parte mais Septentrional, cuja cidade principal se chama Savito, grande de casas nobres de madeira. O Reino de Macaça he vezinho à este, sua cidade principal se chama Goa. Segueſe o Reino Dirapa, & à este o de Chirranà, & o ultimo & mais Austral he o dos Cellebes. Tẽ estas Ilhas outros muitos regulos sojeitos à estes Reis, & nellas ha Sãdalo, Aquila, Lacre, algodão, cobre, ferro, chumbo, & & muito ouro, de q̃ as molheres fazem manilhas para os braços. Tẽ pedraria vermelha, de q̃ fazẽ joias. Tecemse nellas muitos pannos de seda. São mui abastadas de arroz, legumes, frutas, sal, tẽ cavallos, elefantes, carneiros, bufaros, veados, porcos, galinhas, perdizes, & toda a mais caça do mato, mas não tem vacas. Navegão os naturaes destas Ilhas em hũas embarcações chamadas Pelan, estas são de remo, & de guerra: as de carga chamão Lopi, & lojoga. São todas estas gentes de cor bassa como os Malucos: os homẽs bem dispostos, & gentis homẽs: as molheres fermosas, & de grande serviço. Diogo do Couto Deca. 5. liv. 7. ca. 2.*



qual estava hũa cidade chamada Soligano,[a] cujo Rei se fez Christão, & com elle a Rainha, & duas filhas suas, & muitas pessoas outras. Na mesma Ilha se fez Christão el Rei de Butuano (à que chamarão el Rei Dom Ioão o grande) & el Rei de Pimilarano, que tomou o mesmo nome de Dom Ioão, & el Rei de Camisino, que se chamou Dom Francisco, & assi se converterão as molheres, & filhos destes Reis, & muita parte de seus vassallos. Querendo Francisco de Castro passar desta Ilha à de Macaçar, foilhe o vento tam cõtrario, que se ouvera de perder, tentandoo muitas vezes. Polo que os que com sigo levava, não quiserão que tornasse à tentar caminho tam perigoso, & voltou para Ternate com muitos filhos d'aquelles que se tornarão Christãos. Para os quaes ordenou, & fundou Antonio Galvão com muito gasto de sua fazenda hum Seminario, que foi o primeiro de todas aquellas partes Orientaes, em que criandose aquelles moços no leite, & doutrina Christãa, podessem vir à servir na cõversão de seus naturaes, meio que para a reformação de toda a Igreja Catholica, o sagrado Concilio de Trento despois approvou, & escolheo. Vendo os Cazices, quãto se dilatava a Christandade naquellas Ilhas, & q̃ se abalava todo Maluco para receber, & seguir a nossa Fè Santa, requererão aos Reis q̃ acodissem pola honra, & seita do seu Propheta, sob pena de ella, & elles por lhe não valerem acabarem mui de pressa, nem cessarão atè os Reis de Maluco mandarẽ per suas provisões, cõ pena de confiscação da fazenda, & desterro, & cattiveiro da pessoa, q̃ nenhũ da mà seita a deixasse. Mas não puderão as ameaças dos Reis, & brados dos Cazices impedir à muitos q̃ não corressẽ ao sagrado Bautismo, entre os quaes Cachil Colão do conselho d'el Rei de Ternate, trabalhãdo el Rei polo tirar de seu bõ proposito, fugio para a nossa fortaleza, onde foi logo cõ todos os de sua familia bautizado, tomando por nome Dõ Manoel Galvão. Vèo apos este hũ sobrinho d'el Rei de Geilolo, q̃ sem respeito do tio, trocou sãta, & animosamẽte a falsidade Mahometana pola verdade da Fè. Mas a cõversão de hũ Mouro Arabio avido por parẽte em sangue do mesmo Mafamede, homẽ d̃ tãta autoridade entre todos aq̃lles Principes, q̃ o respeitavão, & veneravão como à seu proprio Califa, foi a q̃ maior gloria rẽdeo à Christo. Este cõ grãdes d̃mõstrações d'alegria, & festa de todos os Christãos, foi polo S. Bautismo cõtado entre elles, & à todos

*a. Diogo do Couto diz q̃ Soligano he Ilha, & assi o são Butuano, Pimilarano, & Camisino, & que no anno de M.D XLIII chegou à ellas, & à de Mindanao Bernardo de la Torre, Capitão da frotta de Rui Lopez de Villalobos, o qual se tem por o primeiro descobridor de Mindanao, porem que o foi Francisco de Castro. Cap. 2. do liv. 7. da 5. Decada.*

*Diogo do Couto no cap. 2. do liv. 7. da 5. Decada.*

„ E à todos recebeo, amparou, & honrou Antonio Galvão, cõ
„ tanto amor, & liberalidade, q̃ pouco mais que durara o tẽpo
„ da sua Capitania, ou se lhe perpetuara (como pedião à el Rei
„ Dõ Ioão os Reis, & povos de todas aquellas Ilhas) sem duvi-
„ da todas ellas, alem dos grandes interesses da Coroa deste Rei-
„ no, receberão nossa santa lei. Mas nem nos, nem ellas merece
„ mos hũa tam grande merce de Deos.

## CAPITVLO XXII.

*Como Antonio Galvão soltou el Rei Cachil Aeiro da prisão em que estava, & dos muitos beneficios que fez aos Ternates.*

VENDOSE Antonio Galvão assessegado, & em paz com os Ternates, & cõ os Reis seus vezinhos, converteo o animo à fazer aos Ternates tantos beneficios, com que se cõpensassem as afflições, & dannos, q̃ da aspereza dos Capitães passados tinhão recebidos. E primeiro q̃ tudo, parecendo lhe grande ingratidão a q̃ se usara com el Rei Boleife, em lhe prenderem todos seus filhos, & os terem como cattivos, sendo aquelle Rei o que agasalhou aos Portugueses, & os acceitou por hospedes, & amigos, & lhes deu lugar em sua terra para fazerem a fortaleza, soltou da prisão à el Rei Cachil Aeiro, & o deixou ir livremente para a cidade, & lhe entregou inteiramente a administração do seu Reino, & lhe deu licẽça que casasse, o q̃ aos Reis de antes se não permitio, despois q̃ a fortaleza se fez. Por esta liberdade que Antonio Galvão deu à
*Fernão Lopez de Castanheda no cap. 202. do liv. 8.*
„ el Rei, lhe ficou elle tam obrigado, & o povo todo, que o no-
„ me que entre todos tinha era de pai, & como tal o amavão, &
„ obedecião. Nem el Rei, & seus Mandarijs fazião cousa algũa
„ sem seu conselho. E para as cousas de Antonio Galvão ficarem entre elles em perpetua lembrança, fazião os Ternates
„ cantares em seu louvor, q̃ ao seu modo são as Chronicas, per-
„ que se sabem nos tempos vindouros o que fizerão seus passa-
„ dos, & quem forão. Da mesma maneira era Antonio Galvão
„ bem quisto dos Portugueses, & à todos obrigou com muitos
„ beneficios q̃ lhes fez. Porq̃ devẽdolhes os Mouros muitas di-
„ vidas de seus contrattos, & diftrattos q̃ fazião entre si, que os
Capitães



„ Capitães passados nunca forão poderosos para lhas fazer co-
„ brar, elle fez cõ q̃ de boa võtade, & sem cõtenda lhes pagasse.
„ E devendo el Rei de Portugal muitos soldos, & mantimẽtos
„ aos Portugueses q̃ estavão em Ternate, não tendo seus Feito
„ res dinheiro, elle o empresta va cõ grande perda sua. Da mes-
„ ma maneira gastava do seu cõ os doentes, q̃ curava à sua cus-
„ ta, & em outras obras pias q̃ fazia aos q̃ caião em necessidade.
„ E como hũ dos fruttos da paz, he o ornamẽto, & cõcerto das cousas publicas, naquelle tempo em que se vio quieto reedifi
cou a fortaleza de edificios, & officinas necessarias de pedra, & cal, que antes ao costume da terra erão de cannas, & materiaes fracos, & tudo cercou de muro. Aos Portugueses fez edificar suas casas de pedra, & cal, & com chamines ao nosso modo, com que aquella povoação ficava parecẽdo de Portugal. E por a entrada do porto ser difficultosa, por hum penedo q̃ estava no meio da barra, mandou quebrar este penedo, & levantar tanto o arrecife, que ficou feito hum molle, com que o porto ficou facil, & seguro. E porque o que à aquella fortaleza mais compria era tèr gente arreigada, que por qualquer leve causa se lhe não fosse, como muitas vezes se fazia, ficando a fortaleza sò, sem tèr quem a defendesse, formou hũa nova colonia, fazendo com el Rei Cachil Aeiro que desse terras aos Portugueses que lavrassem, & plantassem, com que fizerão quintãas, em que trazião muito genero de gado, & aves. E para ornamento da cidade trouxe agoa de tres legoas per canos, de que a gente, & os gados bebião, & se regavão as hortas, & pomares. E assi incitou com seu exemplo aos Mouros, que occupados em lavrar, & semear as terras, & criar gados, se esquecião das guerras em que de contino andavão, & de soldados se tornavão lavradores. El Rei de Ternate vendo o ornato da nossa cidade, cobiçou fazer outro tanto à sua, & com ordem de Antonio Galvão a ennobreceo de edificios, & outras cousas. Muitas outras fez Antonio Galvão, perque com razão lhe puderão os Ternates chamar Pai da Patria. [a]

a. *Foi Antonio Galvão o quinto filho de seu pai Duarte Galvão, & o menor de seus irmãos, que todos morrerão em serviço de seu Rei. Levou à Maluco fazenda que valia dez mil cruzados, que todos gastou em defender, reedificar, & conservar em paz a fortaleza de Ternate, em reduzir os Reis d'aquellas Ilhas à obediencia, & amizade d'el Rei de Portugal, & em procurar que todo o cravo dellas viesse à mão de S. A. que lhe rendesse*

*ria mais de quinhentos cruzados cada anno: com grande danno da fazenda delle Antonio Galvão: porque fazendo cravo para ſi, como fizerão todos os outros Capitães de Ternate, viera à Portugal muito rico, & não ſem fazenda como vèo, cheo de confiança, que pelo que tinha feito avia de ſer mais favorecido, & honrado, que ſe trouxera cem mil cruzados. Mas elle não achou outro favor ſenão o dos pobres miſeraveis, que he o hoſpital, onde ſe recolheo, & morreo. Do hoſpital lhe derão a mortalha, & a Confraria da Corte, como à Corteſão pobre, & deſamparado, lhe fez o enterramento, deixando dous mil cruzados de dividas, parte que trouxe da India, & parte que algũs ſeus amigos lhe empreſtarão para ſe mantèr dezaſette annos que viveo no hoſpital: porque em todos elles, nunca d'el Rei ouve merce algũa para ſe remediar, nem de dez livros das couſas do Maluco que deixou eſcrittos, que ſe entregarão per mandado d'el Rei à Dumião de Goes, ſe deu ſatisfação para deſcarregar ſua alma. Fez hum trattado dos deſcubrimentos das Antilhas, & India, que Franciſco de Souſa Tavares ſeu teſtamenteiro imprimio em Lisboa no anno de M.D.LXIII. & dedicou ao Duque de Aveiro Dom Iorão: & eſta foi a ſatisfação dos aſſinalados ſerviços de Antonio Galvão, à quem nunca as proſperidades das vittorias de Maluco enſoberbecerão, nem as adverſidades, & continuos deſprezos de Portugal deſanimarão.*



# LIVRO DECIMO
## DA QVARTA DECADA DA ASIA,
### *DE IOÃO DE BARROS.*
### Governava a India Nuno da Cunha.

## CAPITVLO PRIMEIRO.

*Das cauſas que ouve para Soleimão Emperador dos Turcos mandar à India hũa grande armada contra os Portugueſes.*

NO Sexto livro deſta Decada* fica dito, como vindo Soltam Badur Rei de Cambaia à Dio desbaratado d'el Rei dos Mogoles, mandou pedir ſoccorro ao gram Turco per Safchan: & que para ganhar ſua amizade, & favor, lhe mandara hum riquiſsimo preſente, & dinheiro para pagamento da gẽte que lhe mandaſſe. Eſte Safchan foi apporrar ao porto de Iudà, dõde da ſua chegada aviſou à Soleimão Baxia Governador do Cairo, de cuja vinda, & cauſa della Soleimão o eſcreveo logo ao Turco. O qual cobiçoſo de ver tam rico preſente, mandado per hum Principe tam poderoſo, & de terras tam remotas,

*Cap 11.

mandou à Soleimão, que a fazenda de mais ſuſtancia, & de menos volume lhe levaſſem per terra ao Cairo, & a outra per mar. E para trazer a que avia de vir per terra, mandou Ianà Hamed Zaoi ſeu Veedor da Fazenda com trezentos de cavallo, por cauſa dos Alarves, & cinquoenta azemalas. E para a que avia de vir per mar mandou hum Hamed Raez, que deſpois per deſgoſtos que teve de Soleimão Baxia em Cambaia, ſe ſaio da armada, & per terra foi à Goa, onde ſe fez Chriſtão, & ſe chamou Garcia de Noronha, por amor de Dõ Garcia de Noronha que entam era Viſorrei. Eſta fazenda toda eſteve no Cairo em poder de Soleimão Baxia, & Safchan, atè que foi recado ao Turco, como Soltam Badur Rei de Cãbaia era morto pela maneira que contamos. Com eſta nova, que para elle não foi mui triſte, eſcreveo logo à Soleimão Baxia, q̃ lhe levaſſe a fazenda per terra, & cõ elle foſſe Safchan, & Ianà Hamed Zaoi, que a fora buſcar à Iudà. Eſta fazenda toda dizia o Turco que lhe pertencia per dereito, & que cõ juſtiça a podia tomar: porque quando Muſtafà, que deſpois ſe chamou Rumechan fugira para Cambaia, ſendo ſeu Capitão, em navios, muniçõẽs, & dinheiro dos rendimentos das terras de Zeibid levara quaſi outra tanta contia, & que ſe deſcontava hũa couſa por outra. E que em el Rei Badur recolher tamanho roubo, fizera hum grande peccado, que não pudera pagar com menos que com a maldade que lhe Rumechan fizera, atè vir ao eſtado da morte que ouve, & elle d'aquella maneira aver pagamento do ſeu.

Com o teſouro partirão Ianà Hamed Zaoi, & Safchan, & tudo levarão fechado, & ſellado como viera. E porque o Turco o queria ver com Soleimão Baxia, o mandou vir; & para o Cairo não eſtar ſem Governador, mandou que ficaſſe em ſeu lugar Vcaraf Baxia, & Soleimão partio para Conſtantinopla, aonde chegou à tempo que avia quatro dias que os outros erão chegados com o teſouro; o qual não quis o Turco que ſe abriſſe ſenão perante o meſmo Soleimão, por razão do ſello que lhe elle tambem poſera. Quando o Turco vio tam grande riqueza d'ouro, pedraria, perolas, & moeda, & tanta policia de peças de diverſos uſos d'aquelle Principe do Oriente, cujos feitios erão de mais preço que a meſma materia, ficou maravilhado, & entendeo a ventajem, que as terras donde aquillo vinha, tinhão às ſuas, que ficavão parecendo pobres



pobres em ſua comparação; & accẽdeoſe em grande deſejo de conquiſtar a India; à cuja conquiſta determinou mandar logo hũa armada. E quem fazia iſto mais facil era Iorge o arrenegado, que fora de Dio com Safchan, que por ſer homem mui importante à navegação Soleimão Baxia o fez vir de Suez, aonde viera com a fazenda que vèo per mar. Eſte lhe deu muitas razões, deſfazendo no poder dos Portugueſes, & dizendolhe quam leve couſa era ſer S. Mageſtade Senhor do Eſtado que elles na India tinhão. E que como iſto tiveſſe, ficava Senhor do Mundo: porque a India era hum Sol que o alumiava todo. Eſtas razões abonava o Alvaro Madeira piloto Portugues, que fora enviado ao Turco per el Rei de Xael, com os outros Portugueſes que tomou com Dom Manoel de Meneſes, como atras diſſemos. * Eſte lhe promettia de ir por piloto mòr da armada, moſtrando ſer muito experto na navegação da India. O que elle dizia, não por tèr o animo tam dannado, que eſperaſſe de fazer o que promettia, quanto por lhe darem algum favor em ſeu cattiveiro, atè lhe Deos dar modo com que ſe livraſſe. E aſsi foi, que fugio, & vèo à Portugal, & deu conta à el Rei dos grandes apparatos que ſe fazião para hũa armada que o Turco queria mandar à India.

*No cap 14. do liv. 8.

## CAPITVLO. II.

*Como o grão Turco mandou hũa groſſa armada à India, de que fez Capitão mòr Soleimão Baxia, das qualidades de ſua peſſoa, & crueldades que fez antes de ſua parcida, & deſpois della.*

DETERMINADO o Turco em cõquiſtar a India, & tirar aos Portugueſes (ſe podeſſe) a poſſe que della tinhão, cuidando quem mandaria por Capitão geral para tam importante empreſa, ſuccederão muitos meios para Soleimão Baxia o ſer, que como era homem grandemente ambicioſo, & cobiçoſo das riquezas da India, de que vira tam grãde moſtra, per todas as maneiras poſsiveis trabalhou por impetrar o que pretendia, não ſendo elle o mais ſufficiente que outros para aquelle cargo. Mas de hũa parte a mãi do Turco, que queria bem à Soleimão por aver ſido criado antigo de Selim

Selim ſeu marido,& de outra parte a molher legitima do preſente Turco Soleimão,que lhe tinha odio ſecreto,& o deſejava fora do Cairo,por favorecer à Muſtafà ſeu enteado, à que o Baxia tinha perfilhado,o ajudarão em ſua pretenſão, & aſsi o Turco, poſto que tinha homẽs de grande experiencia na guerra,& muito mais aptos para eſta empreſa que Soleimão Baxia Governador do Cairo,elegeo à elle, & não aos outros, porque alem de o tèr por leal,& eſtava delle ſeguro que ſe lhe não levantaria,como outros fizerão,era homem menos cuſtoſo(o q̃ os Principes pela maior parte tẽ por mais proveitoſo ) & ſendo mui rico, tudo o que acquiria era para Muſtafà ſeu filho,& ſe offereceo à fazer eſta armada à ſua propria cuſta, ſem querer mais delle que a gente, & artelharia. Aſsi que avendo eſtes differentes reſpeitos,todos forão em lançar Soleimão Baxia na India,ſem aver mais cauſa que o apperite, & intereſe deſtas partes. Dos quaes reſpeitos particulares naſcẽ acerca dos conſelhos dos Principes geraes dannos ſeus, como veremos que ſuccedeo à eſte.

Era eſte Soleimão Capado,de nação Grego Ianiçaro, natural da Morea,que ao gram Turco Selim ſervira de porteiro da Camara,& ao preſente Soleimão ſeu filho de guarda de ſuas molheres. As feições de ſua peſſoa erão correſpondentes à fealdade de ſeus coſtumes. Sendo pequeno de corpo, era gordo em demaſia, & com a gordura tinha hũa papada tam grande,que lhe caia ſobre os peitos, & a barriga tam lançada por diante,que parecia mais largo que comprido, & como era de mais de oitenta annos,& cõ a velhice tinha as ſobrancelhas,& peſtanas muito brancas,o fazião mais diſforme, & terrivel em ſeu aſpetto,& com a muita carne era tam decepado,que dõde ſe aſſentava não podião quatro homẽs levantalo. Mas tudo o que lhe faltava nas forças do corpo, ſobejava na malicia, & crueldade, condição natural de Capados covardes.

Tanto que Soleimão Baxia ſe vio eleito para eſta empreſa, partio de Conſtantinopla, mandando primeiro madeira diante ao Cairo,para d'ahi a levarem per terra à Suez,& ſe fazerem vinte quatro galès,com que quis acreſcentar a armada que là eſtava avia tantos annos, que os Governadores do Cairo ſeus anteceſſores mandarão fazer para ſe levantarem. Chegado Soleimão à aquella cidade, deſpedio para Suez os officiaes



os officiaes,& mais couſas neceſſarias para a armada que avia de levar,& elle ficou no Cairo recolhendo a gente que tinha mandado fazer. E como ſe vio tam favorecido do Turco, à cuja cobiça,& ambição ia ſatisfazer, com pretexto de bom ſervidor,fez graviſsimas extorſões,& cruezas, aſsi nos moradores do Cairo,como de outras partes, dos quaes ouve a fazenda com morte de ſuas peſſoas:como foi a de hum grande Senhor de nação Arabio,per nome Mir Daud,que tinha titulo de Rei da Provincia de Thebaida acima do Cairo,à que os naturaes agora chamão Saida,que era o homem de maior Eſtado, & poder que avia no Egypto. A cauſa da morte deſte, foi mandarlhe Soleimão Baxia pedir cinco mil homẽs ſeus para remar as galès,& elle ſe deſculpar que ſeus vaſſallos não erão homẽs para poderem ſervir no mar, por não ſerem coſtumados à iſſo. O qual por não parecer que recuſava ſervir às couſas de ſeu Senhor o Grão Turco, vèo vèr Soleimão com mil eſcravos negros dos Nubijs comprados por ſeu dinheiro, cuidando q̃ por aquelle ſerviço o Turco lhe faria merce,& Soleimão lhe daria agradeſcimẽtos: & elle em lugar delles o mandou enforcar,cõ achaque q̃ o pão que pagava de tributo ao Turco cada anno,de que ſe fizera o biſcouto para a armada,& os mais legumes vierão muito meſturados com terra. A morte deſte homem foi cauſa de grande eſcandalo em todo o Egypto,por ſer cabeça dos Arabios delle, cujo Eſtado era tam grande,que o Tributo que dava cada anno ao Turco,em trigo,cevada,& legumes de toda ſorte(porque a terra não era de tratto,& tinha pouco dinheiro)era em tanta quantidade que ſe affirmava,que quaſi igoalava ao quinto do que rendião as novidades de todo o Egypto,alem de dozentos quiçaes d'ouro,que cada anno pagava ao meſmo Turco, de que cada hũ valia ſeiſcentos & quinze cruzados. O Eſtado deſte Mir Daud deu Soleimão à Manſor parente do meſmo Daud (que eſtava preſo avia quinze annos em modo de arrefẽs, por ſe o parente não levantar) parecendolhe que com eſta eleição ficaria quieta aquella Provincia; porem outros parentes, & os criados,& mais familia de Mir Daud,ſe recolherão com hum parente poderoſo per nome Abumaza,& ſendo em numero de mais de cinquoenta mil caſas,forão habitar junto das Catadupas do Nilo,à que elles chamão Cobel Elavat, que ſão as Serras que dividem aquella região dos Reinos de Egypto.

Mandou

Mandou tambem Soleimão Baxia,como homẽ fero, & ſem lei,matar no meſmo dia Ianà Hamed Zaoi Veedor da Fazenda do Turco, & à hum ſeu filho per nome Cide Iuçuf com muita crueldade,& lhe tomou a fazenda, & deſpois tres naos q̃ tinha em hum dos portos do Eſtreito,cõ q̃ acreſcentou ſua armada,por ſaber que elle eſcrevera hũa carta ao Turco dos roubos,& males,que elle Soleimão fazia,a qual carta o Turco mandou ao meſmo Soleimão para que a leſſe. E aſsi matou outros tres homẽs principaes,por lhe não concederem o que pedia,& deixou ordem à Vçaraf Baxia,que ficou em ſeu lugar por Governador do Cairo, para q̃ mataſſe à Abedeliuab Mouro rico,Senhor de mais de cinquoenta lugares cõtra Damiata,porque o não podia aver às mãos para o matar. Eſtes forão os ſacrificios,& oblações que fez,& eſmolas que deu por lhe Deos dar proſpera viagem.

Do Cairo partio Soleimão para Suez, & chegado à aq̃lle porto,deu preſſa à armada,de q̃ ja achou a mòr parte no mar, & em breve eſpaço ajuntou ſettenta & duas vellas, das quaes erão quinze gales baſtardas, de trinta & tres bãcos cada hũa, vinte cinco galès Reaes de trinta bãcos,dez galès ſutijs, quatro albetoças,ſeis galeões de duas gaveas,quatro naos de carga,oito navios menores para munições. A gẽte de guerra que neſta armada ia erão mil & quinhentos Ianiçaros,dous mil Turcos,quinhẽtos Mamelucos da guarda do Baxia, q̃ elle fez no Cairo,& outros tres mil homẽs q̃ ſe levãtarão na Natolia, Alexãdria,Damiata,& outros portos do mar Mediterraneo. Hia eſta armada mui bem chuſimada,& mui provida de marinheiros,comitres,calafates,carpinteiros,& bõbardeiros:a maior parte deſtes officiaes forão cattivos nas galès Venecianas, q̃ à eſte tẽpo acertarão eſtar em Alexãdria, as quaes mandara repreſar o Baxia, por o Turco rõper neſta conjunção[a] as tregoas q̃ Baiato fizera cõ a republica Veneciana.[a] E porq̃ Soleimão per ſua muita idade,& indiſpoſição não poderia ſupprir todos os encarregos de Geral,fez Capitão mòr do mar à Iuçuf Mouro Arabio, q̃ era Capitão de Alexãdria,reſervãdo elle para ſi o ſupremo mãdo,& governãça de tudo. Tãbẽ levou cõſigo para o ajudarẽ cinco Capitães antigos Barharã Bec, Iça Bec, Mahamed Bec,& Muſtafà Bec, Queuã Bec, todos homẽs experimentados na guerra de mar, & terra, ordenados para naq̃lla jornada ſervirem de Capitães de quaeſquer fortalezas que

*a. Eſta paz fizerão os Venecianos cõ Baiazeto, no anno de M.D.III. & no de M.D.XXXVII. a rompeo Soleimão neto de Baiazeto, filho de ſeu filho Selim.*
*Pedro Bembo na Hiſtoria de Veneza*



que Soleimão tomaſſe: & como a gente foi junta,forneceo a armada de muita,& mui groſſa artelharia,& de todas as munições,& mantimentos neceſſarios; & mandou antes da ſua partida, que ſe embargaſſem todos os navios que hi eſtavão, aſsi dos naturaes, como de eſtrangeiros Malavares, & Arabios que tratavão na India; & o meſmo fez nos outros portos do Mar roxo,para que não podeſſe ſaberſe na India dos apercebimentos que elle fazia. De maneira que todo aquelle anno em que elle ſe apreſtou,& partio,nenhum barco podia navegar que não foſſe tomado. E eſta foi a cauſa porque na India ſe não pode ſaber deſte grande apparato, ſenão deſpois de feito à vella,tendo o Governador Nuno da Cunha feitas muitas diligencias per muitas vias para ſaber das galès dos Rumes, que eſtavão em Suez, de que tanto avia que ſe temião na India.

## CAPITVLO III.

*Como Soleimão Baxia partio de Suez para a India, & do que paſsou no caminho atè chegar à Dio.*

EORNECIDA a armada de todo o neceſſario, começou Soleimão Baxia alojar a gente em ſeus lugares,no que ouve hum grande motim entre os ſoldados,cauſado da aſpera condição,& pouca fè de Soleimão. Porque trazendo elle do Cairo muitos homẽs tomados à ſoldo para ſervirem de homẽs d'armas,tomou grande numero delles, & os mandou metter à banco per força. Os quaes como não foſſem cattivos, nem aſoldadados para remeiros, & os officiaes das galès os trataſſem como taes, ſoffrião mal aquella força, & engano,& quatrocentos delles ſe amotinarão, dizendo, que não avião de ſervir ſenão no officio para que forão conduzidos: polo que deſtes quatrocentos forão deſcabeçados per mandado de Soleimão mais de dozentos: & a ſeveridade deſte exemplo fez à outros ſoldados ſofrer o jugo, & tomarem o remo mal de ſeu grado. Feita preſtes a armada, & embarcada a gente,partio Soleimão de Suez à xxij. de Iunho. Do dia que partio à tres dias chegou ao Toro, & d'ahi à cinco foi ao porto Iubo, & d'elle à outros tantos dias à Iudà. Como alli chegou

chegou quisera Soleimão Baxia aver el Rei à mão per manha; mas elle que bem conhecia a pouca fè dos Turcos, principalmente de Soleimão, cuja crueza, & tyrannia era bem sabida, despejou a cidade, & se pôs em salvo. De Iudà fez sua derrota à cidade de Zebit, situada na costa da Arabia, de que era Rei Nacodà Hamed Turco, que succedera à Mir Escander, que levantandose da obediencia dos Governadores do Cairo, senhoreou algũs annos. E assi por o ditto alevantamẽto de seu antecessor (como se nelle tivera culpa Nacodà) como per lhe dizerem que aquelle Senhor era rico, sem embargo dos presentes, & refrescos que lhe mandou à armada, o mãdou Soleimão descabeçar,[a] & deu seu Estado à Mustafà Naxar Mameluco.

Estando ainda Soleimão no Cairo, dizem que mandou hũ messageiro à el Rei de Adem, fazẽdolhe saber como o Gram Turco o mandava vir cõ aquella armada, & que avia de passar per seu porto, que lhe pedia lhe tivesse prestes os mantimentos que lhe bastassem, que elle compraria por seu dinheiro. E quando se Soleimão partio do porto de Iudà, onde esteve algũs dias, vèo à Ilha de Camaram, & chegando mandou logo per terra o mesmo messageiro à el Rei de Adem, apercebelo de sua vinda, & pedirlhe de sua parte que lhe mandasse dar hũas casas em que se agasalhassem algũs doentes que trazia, para se curarem. El Rei que não era tam suspeitoso como fora o de Iudà, nem tinha tanta noticia da pessoa de Soleimão, lho concedeo de boa mente. Chegada a armada ao porto de Adem, lhe mandou el Rei muitos refrescos, & mantimentos. Soleimão começou à mandar entre algũs poucos enfermos que trazia, muitos soldados rijos, & valentes, fingindo que erão doentes, com tenção de metter muita gente na cidade para se levantarem com ella. E a invenção era, que os doentes verdadeiros, & os fingidos ião cada hum em seu leito às costas de quatro soldados, & nos leitos levavão suas armas escondidas, & com cada hum doente ficavão em casa dous para o curarem: & assi trazidos hũs, tornavão buscar outros. Per esta maneira, & com gente das naos que ia à cidade buscar os mantimentos que se compravão, erão entrados nas casas dos doentes, sem os da cidade sentirem o engano, quinhentos homẽs dos mais esforçados d'aquella armada para qualquer feito, à quem Soleimão tinha ditto que como vissem

[a] *Escreve Diogo do Couto, q̃ el Rei de Zebit mandou hũ presente ao Baxia de espadas, & punhaes guarnecidos d'ouro, & prata, com algũs rubijs, turquesas, & perolas, rodellas, & cofos mui ricos, & outras peças curiosas, & lhe mandou dizer, que fosse fazer a jornada contra os Portugueses, & q̃ da volta o esperaria para o servir em tudo o q̃ lhe mandasse. E q̃ quando Soleimão Baxia voltou para Suez, desembarcara junto de Zebit, para castigar à el Rei Nacodà, polo recado q̃ lhe mandou quando à ida passou por alli, & q̃ desemparado el Rei dos seus se viera apresentar ao Baxia cõ hũa touca atada ao pescoço, em final de culpado, & lançado à seus pès lhe pedira misericordia, q̃ como no Baxia a não ouvesse, lhe mandou logo cortar a cabeça. Cap. 5. liv. 3. & cap. 4. liv. 5. da 5. Decada.*



vissem certo final, saissem à cercar as casas d'el Rei, & saquealas, & assi mesmo a cidade. Como aquella gente entrou, mandou Soleimão dizer à el Rei, que porque elle não podia sair em terra, lhe pedia se fosse à galè, para se verem, & cõmunicarem algũas cousas que lhe relevava trattar com elle. E posto que el Rei receou muito verse com Soleimão, toda via sentindo o poder de tam grande armada, foisse à elle com tres homẽs principaes, aos quaes todos em chegando, Soleimão mandou enforcar nas antenas das galès.[a] E feito final aos quinhentos soldados que tinha na cidade, metterão a gente della à espada, & com ajuda de outros que logo entrarão, foi saqueada, & posta em poder dos Turcos. E como o Baxia era cobiçoso, & cruel, mandou apregoar que sob pena de morte, todo o despojo se levasse ante elle para o repartir. E posto em hũa porta da cidade, que só avia aberta, mandou sair à todos os soldados, & lhes tomou todo o ouro, prata, & joias que levavão, & mandou entregar tudo à seu tesoureiro, & lhes deixou para repartirem os Mouros, & fato, de que elles tinhão pouca necessidade por o officio em que andavão, do que todos ficarão mui escandalizados. Em Adem se deteve dezaseis dias em provèr cousas da armada, & da segurança da cidade, deixando nella para sua guarda quinhentos homẽs, & por Capitão Barahan Bec, hum dos cinco Capitães que atras nomeamos. E elle se partio na volta da India, fazendo seu caminho à Dio.[b] E a razão porque se moveo à ir à aquelle lugar mais que à outro algum da India, foi por Coge Sofar muitas vezes tèr escritto à Nacodà Hamed Senhor de Zebit, que era seu parente, & amigo, que se a armada dos Turcos ouvesse de vir, viesse dereito à Dio: porque quem a India pretendesse conquistar, convinhalhe muito tèr aquella cidade, por ser forte, & de bom, & seguro porto, & à balravento de toda a India. E por esta razão vèo Soleimão surgir à Dio aos iiij. dias do mes de Settembro d'aquelle anno de MDXXXVIII.

O conselho de Coge Sofar, parece que foi cousa ordenada por Deos, para se não arriscar o Estado da India; porque se aquella armada dos Turcos fora à Goa no tempo em que là podia chegar, per boa conta ouvera de ser aos quinze, ou vinte dias do ditto mes de Settembro ao mais tardar.



[a] *Escreve Diogo do Couto, que chegado o Baxia à Adem el Rei o mandara visitar com muito refresco, & peças de presente, & que o Baxia lhe enviara hũ salvo conduto do Turco, para que seguramente se viesse ver com elle à galè: o que recusando el Rei, o Baxia ordenara que desembarcassem os Ianiçaros em terra, mãdando diante quem persuadisse, & segurasse el Rei, o qual vendo a resolução do Baxia, acompanhado dos mais principaes da sua casa, o fora vèr, & recebido com honra, & gasalhado do Baxia, o despedira com cabaias ricas. E chegãdo el Rei à proa da galè, para se embarcar, o tomarão os Ianiçaros, & o enforcarão na enteña da galè, & junto delle quatro dos que o acompanhavão. Cap. 5 do liv. 3.*

[b] *Seis navios se apartarão desta armada com algũas trovoadas, q̃ teve atravessando de Adem à Dio. Destes seis navios hũa galè quasi destroçada foi tomar a enseada de Iaquette, onde os Mouros da terra lhe tomarão o batel, & matarão sessenta pessoas, & os poucos que ficarão largãdo a amarra, se acolherão. Hum galeão foi tèr aos Ilheos de S. Maria na costa do Canarà, onde estava Antonio de Sotomaior com hũas fustas, cõ as quaes pelejou todo hum dia, cõ o galeão, & o rendeo com morte da maior parte dos Turcos, & muito sangue dos Portugueses. Hũa nao, & outra galè chegarão à Madrefavat, onde a nao se perdeo ao entrar da bara: outro galeão fez dar á costa Martim Afonso de Sousa, & hũa fusta foi parar à Bengalla.*

„ & a armada de Portugal em que foi Dom Garcia de Noro-
„ nha chegou ao meſmo porto de Goa aos onze dias, & ſegun-
„ do outros à quatorze do meſmo mes, que vinhão à ſer qua-
„ tro, ou ſeis dias, ou pouco mais antes da armada dos Turcos
„ chegar. E não ouvera que fazer em ſe perderem as naos com
„ aquella repentina vinda dos Turcos. E à qualquer fortale-
„ za das noſſas à que entam chegara, lhe não poderа reſiſtir
„ tres dias, ſegundo eſtavão mal repairadas, & fracas, mòr-
„ mente que ja com as novas dos Turcos algũs dos Principes
„ da India noſſos vezinhos eſtavão em propoſito de ſe bandea
rem com elles. Da entrada dos Turcos daremos deſpois ra-
zão, porque agora convem primeiro eſcrevermos em que
eſtado tomou os noſſos quando chegou.

## CAPITVLO IIII.

*Como Coge Sofar ſe foi ſecretamente de Dio, & perſuadio à el Rei de Cambaia fazer guerra aos Portugueſes, & vèo cercar a cidade, & dos apercebimentos que Antonio da Silveira fez para ſe defender.*

a. *Antes da ida de Coge Sofar, ſe foi ſeu filho, q̃ eſtava na fortaleza em refẽs: o qual indo algũas vezes à cidade vèr ſua mãi, cõ a licença q̃ lhe deixou o Governador, o dia q̃ determinou fugir lhe trouxerão hum cavallo, para aq̃lle ſeu intento experimentado, no qual chegando ao Caez da alfandega acompanhado de algũs ſoldados de guarda, pondoſe à borda d'agoa, como q̃ eſtava vendo as embarcações, apertou as pernas ao cavallo, & arremeſſandoſe ao mar, em breve eſpaço paſſou o eſteiro, & poſto da outra banda na villa dos Rumes, ſe foi à Cambaiet, onde el Rei o recebeo cõ gaſalhado. Aviſado Antonio da Silveira da fugida deſte moço, mandou trazer diante de ſi à Coge Sofar ſeu pai, q̃ com tanta ſegurança lhe deu ſuas razões, q̃ lhe pareceo ao Capitão q̃ eſtava ſem culpa, & por não alterar a cidade o não prendeo, & lhe mãdou q̃ continuaſſe com o ſervço d'el Rei de Portugal, como tinha per obrigação. Diogo do Couto cap. 9. do livro. 2. da Decada 5.*

NVNO da Cunha por a obrigação em q̃ lhe pareceo que eſtava à Coge Sofar, por a boa ordem que com ſua prudencia, & autoridade deu em pacificar a cidade de Dio, pola morte d'el Rei de Cambaia, & por ſer grande ornamento d'aquella cidade, tèr hum homem tam abaliſado, em riquezas, & credito entre os Mouros: quando de Dio ſe partio, o deixou mui encomendado ao Capitão Antonio da Silveira. O qual vivendo em muita proſperidade, & reputação, & ſendo acatado de todos, & mui favorecido do Governador, & de Antonio da Silveira, propôs em ſeu animo por cauſas à que ninguem ſoube dar ſaida, de ſe ir de Dio com ſua caſa. E mais eſpanto cauſou em todos o ſegredo, & ſilencio de ſua ida, que a meſma ida, tam ſabedor, & diſſimulado era. Porque tendo tanta fazenda, & tanto numero de molheres, & criados, que não podia fazer mudança ſem grande eſtrondo, ſenão ſoube da ſua ida, ſenão deſpois de partido.[a] Porque em hũa noute dos ultimos dias de Abril, ſe foi em hũa



hũa ſua nao, em q̃ tinha embarcado ſeu fato, que como mercadoria das que mandava para muitas partes, ſe não eſtranhavão as idas, & vindas dos ſeus à nao. E para ſe não attẽtar niſſo, & aſſegurar à todos de ſua eſtada em Dio, começou à fabricar hũas caſas mui nobres. O lugar que foi demãdar era a ſua cidade de Surat, della ſe paſſou à cidade de Abmadabad do Reino de Cambaia, onde el Rei com ſua Corte eſtava, ao qual ſe deſculpou do tempo que eſtivera entre os Portugueſes, ſem fazer mais cedo o que entam fizera, dizendo, que cõ ſerviços que lhe eſperava fazer, ſe compenſaria a demora paſſada.

E por achar à el Rei abalado para fazer guerra aos Portugueſes, com muitas palavras o exortou ao proſeguimento della, pondolhe diante, quam grande ignominia era para hum Rei tam poderoſo como elle, ver ſua terra ſujeita à hũs homẽs eſtrangeiros, que não tinhão terra em que ſe recolher ſenão a que com mao titulo, & força uſurparão, por fraqueza dos Principes que tal ſofrião, ſendo elles tam poucos em numero, & tam alongados da terra donde vierão. E que era afronta, & maſcabo de ſeu Real ſangue, vezinhar, & tèr cõmercio, com os que tam cruelmente matarão ſeu tio, de que herdara tantos Eſtados, & potencia, & que os muitos aparelhos que tinha de gente de armas, d'artelharia, de mantimentos, de cavallos, & teſouros, & a liga que podia tèr com os Principes ſeus vezinhos, que à elle ſe poderião ajuntar, accuſavão ſeu deſcuido. E que mui facil ſeria debilitar tam pequenas forças, como erão as dos Portugueſes. Os quaes ſe começaſſem deſcair, não ſe poderião mais levantar, por não terem donde lhes podeſſe vir ſoccorro, nem de quem ſe poder valer, nem aonde ſe ir, ſe ſe viſſem desbaratados. E que ſe algũas reliquias delles eſcapaſſem, nem tornarſe poderião à ſuas terras, ſendo ellas na mais alongada parte do Mundo. Para o mais animar offereceolhe ajuda de ſua peſſoa, & fazenda, & gente, que logo faria preſtes, & que o meſmo farião muitos Principes ſeus comarcãos por honra de ſua lei, & por livrar à ſi, & às terras em que naſcerão, que aquelles poucos coſſairos tinhão opprimidas, & eſperavão de ſujeitar. E como quem tinha conhecimento do eſtado em que eſtava Dio, & ſua fortaleza, punhalhe tambem diante a boa occaſião que entam

„ tam ſe offerecia para lançar d'alli os Portugueſes: porque eſ-
„ tavão naquelle tempo mui faltos de mantimentos, & prin-
„ cipalmente de agoa, porque hũa ciſterna que começarão fa-
„ zer na fortaleza, não era ainda acabada, nem ſe poderia aca-
„ bar d'ahi à hum anno, por o grande fundamento em que a
„ começarão. E que o baluarte da villa dos Rumes, que o Go-
„ vernador mandara fazer, eſtava ainda mui baxo, & não
„ tinha defenſão. Lembrava mais, que nem a Ilha, nem a
„ cidade poderião os Portugueſes defender, por ſerem pou-
„ cos, & na cidade aver muitos Mouros de guerra, que diſ-
„ ſimulados em habito de mercad ores andavão nella. E que co
„ mo os Portugueſes alargaſſem a Ilha, & a cidade, não ſe po-
„ dião ſoſtentar na fortaleza por a ditta falta d'agoa. E que
„ alem diſſo, elle Coge Sofar tinha per nova certa, que a ar-
„ mada dos Turcos eſtava preſtes no Mar roxo, & não tar-
„ daria muitos meſes que não foſſe na India, com cujo favor
„ poderia acabar tudo. Eſtas, & outras razões dava Coge So-
„ far para incitar à el Rei. Ao qual como não faltavão eſpiri-
„ tos, & ſe criara em odio dos Portugueſes, que ſe acreſcen-
„ tou por a morte de ſeu tio, não ouve meſter tantas palavras
„ para o indinar à procurar vingança della. Polo que man-
dou logo formar hum exercito em Champanel de cinco mil homẽs de cavallo, & dez mil de pè eſcolhidos, de que fez Capitão geral à Aluchan, que era grande Senhor, & hum dos tres Governadores do Reino, que os Mouros elegerão per morte de Soltam Badur. Coge Sofar ſe fez primeiro preſtes com tres mil homẽs de cavallo, & quatro mil de pè.

Eſta gente ſe levantou o mais encubertamente que pode ſer para de ſobreſalto darem em Dio. E tanto que a nova deſte apparato vèo à noticia de Antonio da Silveira, & como aquelles Capitães vinhão à cercar Dio, por tèr por acabar algũas couſas, que Nuno da Cunha mandou começar para defenſão da cidade, acodio às mais importantes. Primeiramente mandou à grande preſſa acabar a ciſterna, por na fortaleza não aver outra algũa agoa, para o que metteo muita gente atè que ſe acabou, & nella mandou lançar quanta agoa poderão acarretar mais de trezentos bois per muitos dias. Aſsi meſmo mandou recolher muitos mantimentos, & as mais couſas de que podia tèr ne-
ceſsidade,



ceſsidade, ſe o cerco duraſſe. E para ſegurança, & defenſão da cidade, mandou muita gente à villa dos Rumes, para ſe acabar hum baluarte que Nuno da Cunha mandara fazer, de que era Capitão Franciſco Pacheco Iuiz da alfandega da meſma villa, que logo là foi dormir com algũs homẽs ordenados para ſua defenſão. Apôs iſto mandou quantos navios tinha que andaſſem no eſteiro que cerca a terra, em que a cidade eſtà ſituada, o qual faz que fique em Ilha, & d'aquella armada fez Capitão Franciſco de Gouvea. Neſte meio tempo que Antonio da Silveira ſe apercebia para reſiſtir à Aluchan, & à Coge Sofar, por os quaes eſperava, foi tam grande medo nos Guzarates, principalmente nos que chamão Baneanes Gentios, que como gente fraca, & medroſa que ſão, começarão à fugir. Ao que Antonio da Silveira acodio com riguroſos pregões de morte, que ninguem ſe foſſe. E porque não deixavão de ſe ir, mandou enforcar algũs, com que outros ſe detiverão.

## CAPITVLO. V.

*Como Coge Sofar vèo à villa dos Rumes, & deu aſsalto ao baluarte, & como Antonio da Silveira provèo os paſsos da Ilha, & o que mais ſuccedeo.*

IM Quanto Antonio da Silveira ſe apercebia para o cerco que eſperava, lhe vèo recado que Coge Sofar viera diante dos ſeus com vinte cinco homẽs de cavallo ſòmente, & eſtava em Novanaguer, mas que deixava perto d'ahi ſeu exercito. E quando vèo ao ſeguinte dia, que erão vinte ſeis de Iunho d'aquelle anno, antemanhãa, de ſubito com toda ſua gente, que erão os que diſſemos todos eſcolhidos, de que os mais erão eſpingardeiros Arabios, Turcos, & Abexijs, deu na villa dos Rumes, & roubou tudo o que achou da gẽte que alli vivia, que erão Guzarates, & matou algũs, de que Andre Villella eſcrivão da alfandega com outros tres Portugueſes q̃ cõ el-
le eſtavão, eſcaparão, & ſe acolherão ao baluarte de Frãciſco

Pacheco, q̃ conſigo tinha doze homẽs eſpingardeiros, cõ os quaes ſe pôs em defenſão. E ſendo dado rebate à fortaleza, acodio Antonio da Silveira deixandoa à recado. E temendoſe que aquelle aſſalto foſſe principio para ſe dar outro maior na fortaleza, onde ſe faria mais danno, poſto que para paſſar à Ilha, em algũs paſſos della tinhão poſto guardas, mandou Lopo de Souſa Coutinho, de cujo eſforço, & aviſo muito confiava, aos muros da cidade d'aquella parte q̃ reſponde ao cãpo da dita Ilha. Neſte tempo Coge Sofar apertava com os do baluarte, os quaes tomando eſforço com a vinda de Antonio da Silveira, q̃ ja vião abalar, ſe defenderão mui valeroſamẽte. E ſendo de hũa parte, & outra a couſa mui pelejada, do baluarte ſaio hũ pelouro de eſpingarda, q̃ deu à Coge Sofar em o bucho de hum braço, em que lhe ficou mettido, de que eſteve mui mal, & com a dor da ferida, & vinda de Antonio da Silveira, ſe afaſtou com algũa perda dos ſeus.

Eſte ſubito acõmettimento de Coge Sofar, & preambulo de guerra, com a nova dos inimigos que vinhão, metteo à Antonio da Silveira em maior cuidado de provèr em toda a Ilha. E como avia na cidade (como ja diſſemos) muitos Mouros de guerra, que nos trajos andavão diſsimulados em figura de mercadores, que algũas vezes ja avião tentado de dar algum deſaſſeſſego. Antonio da Silveira vendo que com as couſas que ſe movião, ſe moſtrarião os Mouros da cidade inimigos mais à deſcuberta, os deſpojou à todos das armas, & algũs dos principaes prendeo, por evitar ajuntamentos, & tumultos. E logo ſem mais dilação proveo os lugares do eſteiro que divide a Ilha da terra firme, que erão fracos, & ſe podião facilmente vadear. E onde a agoa era mais baxa avia dous baluartes que Soltam Badur mandara fazer no tempo que ſe temia de os Mogoles virem à Dio. Em hum delles mandou eſtar Manoel Falcão com cinquoenta homẽs, & em o outro Luis Rodriguez de Carvalho com vinte cinco, bem providos d'artelharia. Em outro paſſo que não era tam ſecco, porem era mui eſtreito, mandou eſtar Lopo de Souſa Coutinho com hũa galeotta, hũa barcaça, & duas fuſtas. E à Franciſco de Gouvea Capitão mòr d'aquelle mar de Dio, mandou que ſe foſſe pôr com cinco navios no cabo da Ilha, que eſtà contra o Norte em hum certo paſſo; porque alli avia hum banco de area, perque com baxa mar podia paſſar a gente





gente à pè da terra firme para a Ilha. E alem deſtes, avia mais de vinte navios em que andavão mais de trezentos eſpingardeiros para tolher a paſſagem, os quaes paſſos o Capitão Antonio da Silveira per ſua peſſoa vigiava muito ameude. Eſtes apercebimentos pode fazer no tempo que Coge Sofar ſe retrahio para ſe curar de ſua ferida, no qual ſe acabou o que ficava por fazer na fortaleza, & no baluarte da villa dos Rumes, que ſe pôs em quarenta palmos de alto. E nelle ſendo fornecido de muita artelharia, & munições, ſe recolheo Franciſco Pacheco com ſettenta homẽs eſcolhidos.

Feitos eſtes repairos, aos xiiij. dias do mes de Agoſto chegou Aluchan com ſeu campo, em que avia cinco mil homẽs de cavallo, & dez mil de pè, gente eſcolhida, & bem concertada, & ſe foi alojar ao longo do eſteiro nos paſſos perque Gonçalo Falcão, Antonio da Veiga, & Franciſco de Gouvea andavão. Coge Sofar com ſua gente ſe vèo aſſentar ſobre o paſſo de Lopo de Souſa, que ſe chama Palerin, & aſſeſtou cõtra elle tres bombardas groſſas, com que lhe fazia muito danno, & Lopo de Souſa lhe fazia âelle tambem aſſaz com ſua artelharia, aſsi na gente de pè, como na de cavallo. Como eſtes Capitães ſe virão alojados nos lugares perque eſperavão paſſar à Ilha, todo ſeu cuidado foi virem com terra em modo de vallos pouco & pouco atè a borda d'agoa, amparandoſſe da artelharia de noſſos navios, atè que de todo ficarão com eſtes repairos encubertos. Polo que elles offendião os noſſos de maneiraq̃, não ouſavão, nem podião paſſar per alli, ſem receberem dos Mouros muito danno da ſua artelharia groſſa, & eſpingardaria, que era muita. Antonio da Silveira vendo que era por demais poder longamente defender o rio, & que càda dia perdia gente, & munições, & a defeſa da Ilha ficava em offenſa dos ſeus, avido conſelho com os Capitães, & peſſoas principaes, aſſentou de deſpejar os baluattes, & alargar a Ilha, & defender a cidade, & pôr nella toda a artelharia, que para defenſão da Ilha eſtava eſpalhada. E aſſi aos que nos paſſos andavão mandou que ſe vieſſem aquella noute, & que Paio Rodriguez de Araujo Alcaide mòr da fortaleza tomaſſe a barcaça de Lopo de Souſa Coutinho, & recolheſſe nella a artelharia do baluarte de Gonçalo Falcão. E mandou hũa fuſta grande à Luis Rodriguez de

Carvalho,para que tambem em ella embarcaſſe a artelharia que no ſeu baluarte tinha. E como iſto era de noute, & tal q̃ parecia abriremſe os Ceos com chuva,& a marè vazava,vindo ja a barcaça atoada per hum catùr que a trazia,com o grãde peſo da artelharia deu conſigo em ſecco,& alli foi mui varejado dos Mouros, & lhe convèo deixar a barcaça com dez peças d'artelharia que trazia,& ſalvarſe no catùr. Per o meſmo modo derão em ſecco aquella noute a fuſta em que vinha Luis Rodriguez de Caravalho,com tudo o que tirara do ſeu baluarte,& tres galeottas, à que os noſſos poſerão fogo, por ſe os Mouros não aproveitarem dellas, as quaes meias queimadas forão tomadas dos Mouros,com a artelharia que nellas vinha. E ſendo os Mouros muitos, & os Portugueſes ſós vinte,tiverão bem que fazer em ſe livrar delles, pelejando mais de duas horas,ſem os noſſos ſerem entrados, atè que forão ſoccorridos de almadias noſſas,em que ſe ſalvarão. Lopo de Souſa fezſe à vella em ſua galeotta,& a tormenta o lançou da parte da terra firme,& como a marè ja entam vazava, ficou em ſecco,& aſsi eſteve atè a manhãa, que lhe fez vèr a muita diſtancia que avia delle à agoa, & em breve foi cercado de grande copia de Mouros, dos quaes ſe defendeo com muita perda delles,atè que vèo a marè, & a galeotta nadou, poſto que a tormenta nã ceſſava,& ſe foi para a cidade.

## CAPITVLO. VI.

*Como Antonio da Silveira alargou a Ilha,& a cidade,& ſe recolheo à fortaleza,& do que fez deſpois de eſtar nella.*

DEſempedidos os paſſos do eſteiro,ao outro dia foi a Ilha entrada dos Mouros, aſsi da gente de pè,como de cavallo. E vendo Antonio da Silveira como a artelharia que eſtava na Ilha com que elle determinava defender a cidade,era perdida,& não ſòmente ficava elle com eſſa falta, mas os inimigos que a cobrarão, com melhoria, chamou à conſelho os Capitães,& peſſoas principaes, & lhes propôs, como elle ja que lhe não foi poſsivel defender a Ilha,com a artelharia que na defenſa della eſtava,determinava defender a cidade:& que como



como vião,a artelharia,& os navios (por aſsi Deos o permitir)erão em poder dos inimigos,que ſeu parecer era (ſe elles o approvaſſem)que a cidade ſe deixaſſe, porque para a defender convinha tirar da fortaleza parte da artelharia que nella eſtava,& ſe não podia eſcuſar. A qual como não era muita, ſe ainda della tiraſſem, não ſe ſeguiria diſſo mais proveito que enfraquecer muito a fortaleza,& ajudar pouco a cidade,porque era tam grande,& os noſſos tam poucos, & mal armados,que facilmente ſe poderia perder,& apôs ella a fortaleza, como ordinariamente acontece, quando couſas grandes, & unidas ſe ſeparão, que cada hũa fica fraca. E que alem diſſo, era couſa ſabida, que na cidade avia muita gente de guerra diſsimulada,de que algũs poſto que ſe lhe tirarão as armas, à ſuas vontades dannadas não faltarião outras. E que ſò com gritas que deſſem em favor dos de ſua lei,farião grande torvação. Por eſtas razões, & outras que ſe alli lẽbrarão o voto de todos,ſem algum diſcrepar,foi,que a cidade ſe alargaſſe. E como ja os inimigos eſtiveſſem na Ilha,vierão perto da cidade à dar viſta tres mil de cavallo,& muita gẽte de pè;& como os Mouros da cidade os viſſem tam perto,forão logo em algũas partes della levantadas bandeiras, fazendo ſinaes aos de fora que cõmetteſſem a entrada,& ouve entre elles alvoroços, & ajuntamentos de gente,pelos quaes ſe vio claramente a gran de copia de inimigos que dentro dos muros avia, dos quaes os noſſos ſenão podião guardar. E por ja ſer aſſentado o recolhimento à fortaleza,mandou o Capitão algũs homẽs q̃ queimaſſem certos navios de remo que na ribeira eſtavão varados,por ſe delles não aproveitarem os inimigos, & que tambem queimaſſem o enxofre,& ſalitre,que em hum dos almazẽs tinha, para o que levavão artificios de fogo convenientes. Mas com aquelles materiaes ſerem tam promptos para tomarem fogo,os miniſtros que à iſſo forão com a preſſa de ſe recolherem à fortaleza,o fizerão de maneira que nada ardeo,& de tudo ſe aproveitarão os inimigos em danno noſſo. Antonio da Silveira ſòmente com cem homẽs ſe metteo pela cidade, & aonde achava ajuntamentos, principalmente de homẽs com armas, os mandava alancear, & enforcar. E d'alli mandou levar preſos à fortaleza quatro mercadores principaes da cidade, não porque nelles achaſſe culpa algũa d'aquelles ajuntamentos, mas para com ſuas peſſoas remir algũa

*Lopo de Souſa Coutinho no traita do q̃ fez deſte cerco de Dio,o qual dedicou a el Rei Dõ ioão III. & ſe imprimio em Coimbra no anno de MDLVI.*

„ algũa neceſsidade ſe a occaſião a offereceſſe,por o muito
„ dito que tinhão, por ſerẽ honrados, & ricos. Os quaes forão
„ mui bem tratados no tempo do cerco,& deſpois delle poſtos
„ em liberdade. Deſta maneira ſe ſaio o Capitão da cidade a-
„ quelle dia, com os ſeus, & ſe recolheo à fortaleza. E quando
„ vèo a noute,ſendo pelos de dentro aviſado aos inimigos, co-
„ mo a cidade era deſpejada dos noſſos,entrarão nella, onde fo-
„ rão recebidos com grandes feſtas,& luminarias:& toda a nou
„ te gaſtarão em andar viſitando as Meſquitas, dando louvo-
„ res à ſeu falſo propheta,por cobrarem a cidade ſem ſangue.

„ Aluchan ſe alojou nas caſas da Rainha mãi de Soltam Ba-
„ dur,que eſtavão em hum alto à maneira de fortaleza,porque
„ ſua idade,que era muita,não ſofria eſtar em lugar inquieto cõ
„ rebates. Coge Sofar fez ſua eſtancia junto com a fortaleza,
„ em hum lugar que chamão Mandovin. E antes que foſſe ma-
„ nhãa aſſentarão algũas bombardas junto à hum caez que eſtà
„ no meſmo Mandovin,& fica defronte do baluarte do mar,
„ não tanto por fazer danno ao baluarte, quanto à galeotta de
„ Lopo de Souſa, & outras fuſtas das que eſcaparão, que eſta-
„ vão ao ſocairo da fortaleza. E aſsi como foi de dia atirandolhe
„ bombardadas,metterão no fundo duas fuſtas,& matarão al-
„ gũs marinheiros dellas;mas na galeotta de Lopo de Souſa fi-
„ zerão pouco danno. No proprio dia ſaio Gaſpar de Souſa per
„ mandado do Capitão com algũa gente,para valer à algũs dos
„ noſſos que moravão fora da fortaleza em caſas vezinhas à el-
„ la,que com a preſſa de ſe recolherem,deixarão parte de ſua fa-
„ zenda,o que ainda aproveitou à muitos. E como ja os inimi-
„ gos andaſſem per aquellas caſas, matou Gaſpar de Souſa mui-
„ tos,& à elle lhe matarão hum, & ferirão outros. A Lopo de
Souſa mandou o Capitão que deſſe guarda aos que ião buſcar
agoa aos poços que eſtavão na cidade,& aos que mettião na
fortaleza a lenha,que ſe tirou das caſas vezinhas à ella,que ſe
derribarão,porque lhe podião fazer danno: as quaes não ſe
poderão aſſolar tanto,que quãdo vèo o tempo do cerco dos
Turcos, deixaſſem de fazer dellas muito mal. Neſtas ſaidas
que Lopo de Souſa fazia indo dar guarda à gente meuda,que
ſaia buſcar agoa,& lenha,ouve muitos recontros com a gen-
te de Coge Sofar, em que os noſſos ſendo poucos lhe mata-
rão bom numero dos ſeus. E o dia xiiij. de Agoſto,ſaindo Lo-
po de Souſa com cinquoenta homẽs, que repartio per as
boccas



boccas de algũas ruas,para ſeguridade dos q̃ ião buſcar agoa,
& lenha,ficando elle ſò com quatorze em hũa rua eſtreita, de
terminou de pelejar com os Mouros,poſto que o numero era
tam deſigoal,& deſpois q̃ os vio mais entrados pela rua, aju-
dandoſe da cõmodidade do ſitio,os acõmetteo,& matou trin
ta,& ferio outros tantos. E volvendo elles as coſtas os ſeguio,
matando nelles. Deſta volta ſaio Lopo de Souſa ferido de hũa
cutilada em hũa perna, & hum page ſeu com hum olho que-
brado,& outro homẽ com hũa eſtocada per hũa perna, ſem
outro dãno algum. Outras vezes ſairão à meſma guarda, ora
Gaſpar de Souſa, ora Gonçalo Falcão, o qual tomou hum
Mouro homem de reſpeito,& aviſado, que ſendo pergunta-
do per Antonio da Silveira per novas do exercito que na ci-
dade eſtava,& vinda dos Rumes,reſpondeo,que do exercito
não avia que dezir mais,que eſtarem nelle juntos dezoito,ou
dezanove mil homẽs,& que a cauſa de fazerẽ guerra,era eſpe
rarem a vinda dos Rumes,& que de ſua vinda não ſabia mais
que dizerſe no arraial, que do porto de Mangalor cidade de
Cambaia,viera nova,que na cidade de Adem ficava hũa grã
de armada de Rumes. Naquelles dias que reſtavão de Agoſ-
to,não ſe fez outra couſa mais que eſtas ſaidas da guarda, em
que ſempre dos inimigos ſe matarão algũs,& da fortaleza, &
do baluarte da villa dos Rumes fizerão algum danno cõ tiros
perdidos aos inimigos,mas com muito gaſto de polvora,per
que deſpois polo tempo foi poſta a fortaleza em muito riſco
por falta della. Sendo chegado o fim de Agoſto, por o inver-
no não ſer muito aſpero,& ſe poder navegar,fez Antonio da
Silveira ſaber ao Governador Nuno da Cunha o que atè en-
tam era ſuccedido. Polo que elle deſpachou logo de Goa on-
de eſtava algũs fidalgos,& cavalleiros que foſſem à Dio,
hum dos quaes foi Fernão de Moraes,de que
deſpois faremos men-
ção. a

a *Polo galeão dos Turcos q̃ Antonio de Sotomaior tomou nos Ilheos de S. Maria, ſoube elle da armada Turqueſca, de q̃ em hũ catùr mui ligeiro aviſou ao Governador, q̃ cõ gran de diligencia mandou logo apreſtar a armada cõ determinação de ir pelejar cõ os Turcos. E no meſmo dia q̃ eſta nova chegou à Goa, ſe embarcarão em tres catùres Fernão de Moraes, Simão Rangel de Caſtello-branco, & Antonio de Araujo com ſeu irmão Gaſpar de Araujo, & partirão para Dio. Levava cada hum deſtes Capitães vinte ſoldados, & os principaes de q̃ ſe ſoube o nome ſorão, Lançarote Pereira, Rodrigo Homem, Antonio Manhoz, Triſtão da Silva, & Fernão Correa. O Governador eſcreveo por Fernão de Moraes (q̃ ſò ſe deſpedio delle) à Antonio da Silveira, como ſe ficava apercebendo para o ir ſoccorrer. Diogo do Couto cap 6. liv. 3.*

CAPI-

## CAPITVLO. VII.

*Como Soleimão Baxia vèo com ſua armada ao porto de Dio, & da moſtra que derão de ſi algũs Ianiçaros, & do aviſo que Antonio da Silveira mandou à Nuno da Cunha.*

AS couſas de Dio eſtando no eſtado que contamos, o Capitão Antonio da Silveira ſuſpeitando a vinda dos Rumes, aſsi por o acõmettimento que el Rei de Cambaia fazia, que lhe não parecia ſer ſem cauſa, como por a fama que ja ſe rompia, mandou hũa fuſta para a parte de Mangalor, de que ia por Capitão, & como atalaia hum cavalleiro per nome Miguel Vàz, homem mui esforçado, à deſcobrir novas da armada dos Rumes. O qual tornando à preſſa, as deu à Antonio da Silveira, como diviſara hũa grande armada. E ao tempo de ſua chegada ja dos lugares mais altos da fortaleza ſe virão vir pelo mar diſtantes da terra duas legoas quatorze galès em hũa batalha, & de longo da terra outra de ſette galès na meſma ordem, & que apôs eſtas duas batalhas, vinhão todas as mais galès, & navios, trazendo ante ſi as naos de carga. E Miguel Vàz certificou ſerem de Turcos, & que contara quarenta & cinco galès, afora outras que diviſara, com outros muitos navios de toda ſorte. Antonio da Silveira à grande preſſa eſcreveo logo hũa breve carta à Nuno da Cunha, fazendolhe ſaber o eſtado em que ficava, & a deu ao meſmo Miguel Vàz, que logo foſſe na volta de Goa, & lha levaſſe, & lhe diſſeſſe de palavra o que vira. Outra tal carta eſcreveo à Simão Guedez à Chaul. Miguel Vàz por o recado que avia de dar à Nuno da Cunha ſer a relação do que elle meſmo vira, querendo affirmarſe mais na verdade, fez o caminho tam chegado à armada, que os Turcos querendo caſtigar aquelle atrevimento, forão com duas galès ſeguindoo às bombardadas, & mettendo os baſtardos por o alcançar. E ſe o vento não acalmara, o tomarão ſem duvida, mas como a fuſta era leve, ſe ſalvou. E chegando à Chaul, achou que hi viera entam Martim Afonſo de Mello Iuſarte em hũa galè com gente q̃ Nuno da Cunha mandava em



em ſoccorro de Antonio da Silveira, porque quando Aluchan lhe pôs o cerco, elle eſcreveo ſobre iſſo à Simão Guedez, & Simão Guedez à Nuno da Cunha, à quem a carta ſe deu à viij. de Agoſto, & neſſe meſmo dia eſcreveo à Antonio da Silveira, que logo o proveria, & elle em peſſoa com toda a gẽte nobre que podeſſe, iria apôs a carta. E apercebeo à Simão Guedez que lhe tiveſſe muitos mantimentos, & preſtes todos os caſados que tiveſſem cavallos, porque elle tambem avia de levar os de Goa, & eſperava de naquelle verão dar algum caſtigo à Cambaia. Sobre eſte recado mandou logo à Martim Afonſo de Mello para entrar em Dio com a gente que levava, & com a que Simão Guedez lhe avia de dar. E tinha ordenado em quanto elle não ia com toda a força da India, de mandar tras Martim Afonſo à Antonio da Silva de Meneſes com outras vellas de remo, para entretèr os cercados com a eſperança da ſua ida, & aſſombrar a armada dos Turcos com aquelles corredores. Mas quando Miguel Vàz lhes diſſe o eſtado, & perigo em que eſtava o porto de Dio, não pareceo bem à Martim Afonſo, nem à Simão Guedez fazer mudança de ſi, atè não ir Miguel Vàz com aquelle recado à Nuno da Cunha.

Sendo pois quatro dias de Settembro, naquelle dia, & noute ſeguinte acabou de chegar toda a armada dos Turcos. A qual aſsi por o muito numero de vellas, & força d'artelharia que trazia, como por ſer tam eſperada, & temida, & que tantos annos avia que ameaçava, não ſòmente pareceo temeroſa aos Portugueſes contra os quaes vinha, que em numero, & apercebimento ſe vião tam deſiguaes, mas pôs triſteza, & eſpanto aos meſmos Mouros da cidade, que eſperavão por os Turcos, como por hũs remidores da ſojeição em que os tinhão poſtos os Portugueſes. O que ſe vio logo no ſeguinte dia, em que nenhum dos Mouros de Dio foi à armada viſitar algum Turco. Sò Coge Sofar como homem criado entre elles, & que com elles tinha prattica ſobre ſua vinda à India, foi à galè de Soleimão Baxia darlhe os parabẽs da ſua chegada. E para o contentar, lhe encareceo o eſpanto em que a ſubita vinda de tam poderoſa armada mettera os noſſos. Polo que parecendo à Soleimão Baxia que os aſſombraria verem algũa moſtra de ſua gente, ao dia ſeguinte mandou ſair em terra ſettecentos Ianiçaros eſpingardeiros, & frecheiros mui ricamente

mente veſtidos de brocadilhos, & cetijs cremeſijs, & de outras ſedas, & cores, os quaes com os feltros que nas cabeças trazem guarnecidos d'ouro, & ricas plumagẽs, perque ſão conhecidos por Ianiçaros, parecião em ſeus ſembrantes mais ſoberbos, & altivos.[a] Eſtes começarão à caminhar para â cidade, & prepaſſando ao longo do muro da fortaleza deſparavão ſeus arcabuzes, & frechas, com que matarão ſeis homẽs dos noſſos, que por os ver ſe poſerão no muro cõ pouco reſguardo, & aſsi forão vinte feridos. Mas trezentos eſpingardeiros dos noſſos lhes reſponderão de maneira que lhes fizerão mudar o ſoberbo meneo de ſuas peſſoas com que vinhão, quando virão aos pès os da ſua companhia: porque como em aquella grande multidão delles não ſe podia perder tiro, forão mortos cinquoenta, & muitos feridos, que lhes fizerão tèr mais tento em ſi, que no compaſſo, & pompa com que paſſavão. Como chegarão à cidade, os principaes delles quiſerão ver a peſſoa do Aluchan, q̃ pouſava nos paços d'el Rei, & os eſperava com apparato, & atavio conforme à ſua dignidade, aſſentado em hũa rica cadeira. Mas ſette, ou oito deſtes Capitães Turcos chegando à elle com muito deſprezo o tomarão pela barba, & lhe derão hum par de avanaduras nella, tendoa elle mui veneravel, & branca, por ſer de muita idade, & de tal aſpecto, que todo homem lhe tivera acatamento. Algũs dos ſeus criados vendo eſta deſcorteſia, & ſoltura, quiſerão logo caſtigalos: mas como elle era homem prudente o impedio, dizendolhes, que não fizeſſem movimento de ſi, q̃ aq̃lles homẽs erão eſtrangeiros, & na ſua terra uſavão aquillo em modo de ſaudação. E entendendo elle da ſoltura d'aquelles Turcos, que ſe os muito comunicaſſe virião à mais, fingindo que como à hoſpedes os queria agaſalhar bem, lhes deixou as caſas, & com ſette, ou oito mil homẽs ſe paſſou à terra firme, & ſe apoſentou em hum palmar, que eſtà junto da villa dos Rumes, por ſe afaſtar bem delles. E a mais gente deixou à Coge Sofar, para os adeſtrar no que devião fazer.

Ao ſeguinte dia que os Turcos derão aquella moſtra de ſi, que era aos ſeis de Settembro logo pela manhãa, por ſer o tempo ainda verde para aquelle porto, começou aventar Sul mui rijamente, trazendo grandes, & oſcũras nuvẽs, & relampados, & como o lugar em que a armada eſtava ſurta ficaſſe em traveſsia, comprio ao Baxia levantarſe d'alli com toda ſua frotta,

a. *Antes que eſtes Ianiçaros deſſem viſta a fortaleza, entrarão na cidade, & a metterão à ſacco, roubando o melhor della, & deshonrando as molheres, & filhas de ſeus moradores.*
*Diogo do Couto cap. 7. do liv. 3. da Decada 5.*



frotta, & metterſe no porto de Madrefabat, que eſtà d'ahi cinco legoas. Naquelle porto perdeo quatro navios de carga cõ algũas munições, entre as quaes ſe acharão muitas ſellas de cavallo, com ſuas guarnições, de que o mar lançou boa parte, & forão às mãos dos Guzarates, o que lhes à elles pareceo mal, & à Aluchan peor: porque ſe moſtrava claro que a tenção dos Turcos era fazer guerra aſsi no mar, como na terra, & quererem ſe apoderar da India, & logo ouverão por ſuſpeitoſa ſua vinda, & mais ſabendo a natureza dos Turcos, & o q̃ fizerão em Adem. Eſta ſuſpeita, & outros ſinaes q̃ Aluchan, & Coge Sofar nelles virão, aproveitarão ao diante muito aos noſſos cercados. Aſsi que aquelle movimento da armada foi felice ſucceſſo, alem de declarar a tenção dos inimigos, por a detença que em Madrefabat fizerão de vinte dias.

## CAPITVLO. VIII.

*Dos apercebimentos que Antonio da Silveira, & Coge Sofar fazião em quanto a armada foi, & tornou de Madrefabat, & como vèo nova que era chegado à Goa o Viſorei Dom Garcia de Noronha.*

IM Quanto a armada eſteve em Madrefabat, onde gaſtou vinte dias, pôs Antonio da Silveira as couſas da fortaleza em ordem, provendo primeiro as faltas dos muros, que não eſtavão de maneira que podeſſem ſofrer tiros de baſiliſco, & outras peças furioſas que os Turcos trazião para baterem a fortaleza. Polo que mãdou repairar as paredes, engroſſando em partes o delgado, & levantando o baxo, aſsi no muro, como nos baluartes, de maneira que as paredes ficarão de dobrada groſſura, do que antes eſtavão. As eſtancias repartio deſta maneira. O baluarte grande chamado S. Thome, deu à Gonçalo Falcão, & no de Garcia de Sà pôs à Gaſpar de Souſa, & no lanço do muro que corre de hum ao outro pôs Franciſco Enriquez Teſoureiro da alfandega, & Fernão Peleja, & o muro que vai do baluarte S. Thome para o mar, deu à Rodrigo de Proença eſcrivão d'alfandega, & à Antonio Foreiro eſcrivão da Feitoria. No outro panno do muro que eſtava da parte do rio alem das caſas do Capitão, que era bem fraco, & mal

mal repairado deſdo fundamento da fortaleza por falta de cal pôs à Lopo de Souſa Coutinho, & mais adiante na Feitoria velha ao Feitor Antonio da Veiga,& o muro da couraça que ſae ao mar deu à Paio Rodriguez de Araujo, & no baluarte da entrada do mar onde eſtavão os Almazẽs pôs à Franciſco de Gouvea Capitão mòr do mar: os quaes todos repairarão com grande diligencia ſuas eſtancias,& quanto ao outro pãno do muro que vai ao lõgo da coſta brava por ſer inexpugnavel,não teve neceſsidade de mais que de vigias. O Capitão Antonio da Silveira ficou ſobreſalente com os ſeus para vigiar,& ſoccorrer todas as eſtancias.E para dar exemplo aos outros ſe recolheo em hũa tenda que mandou armar no baluarte de S. Thome.

Em quanto a armada ſe deteve em Madrefabat,os Turcos que ficarão em Dio tambem gaſtarão o tempo em aſſentar ſuas eſtancias per induſtria de Coge Sofar, como de homem de caſa,& que ſabia como a fortaleza eſtava de dentro para a bateria lhe fazer danno,& o lugar onde as aſſentarão foi eſte. Avia ao redor da fortaleza muitas caſas que no tempo da paz ſervião aos noſſos de terem ſuas proviſões de mantimentos, & couſas de grande volume, que não podião caber dentro da fortaleza. Eſtas caſas em quanto os Guzarates tiverão cercados os noſſos,deixarão eſtar em pè, por lhe ſervirem de reparo da noſſa artelharia. Dellas os Turcos tambem ſe aproveitarão,atè que aſſentadas alli ſuas eſtancias,as derribarão, ficá do entre ellas, & a fortaleza hum terreiro deſpejado que teria de largo cem pès. Coge Sofar deſpois que deu eſta ordem aos Turcos,por tèr concertado com o Baxia, que a primeira couſa que fizeſſem foſſe combater o baluarte da villa dos Rumes,por ſe vingar da ferida que nelle ouve,paſſouſe là. E para o effeito do combate mandou pedir ao Baxia algũa artelharia groſſa, o qual mandou deſembarcar tres baſiliſcos com outra artelharia meuda para lha mandar por terra com Barharan Bec,& algũa gente, & como o caminho era longo para tam grandes peças,& de area ſolta a maior parte,com grande trabalho levarão hum baſiliſco,& as outras peças tornarão à embarcar. Chegado Barharan Bec,começou com Coge Sofar à preparar as couſas neceſſarias para as baterias que querião dar à aquelle baluarte da villa dos Rumes, & à fortaleza, trabalhando nos repairos,& trincheiras de noute,& de dia. E como



como ſua tenção era começar pelo baluarte da villa dos Rumes,entre as couſas que para eſte effeito fizerão foi fabricarẽ ſobre hũa grande barcaça,que ſervia de deſcarregar das naos as mercadorias que levavão à alfandega, hũa machina de taboado à maneira de caſtello de grande altura,que ſe igoalaſſe com as ameas do baluarte, & entulhada de muitos materiaes differentes,aptos à receber fogo,como ſalitre,enxofre,rama, & couſas que de ſi lanção grandes fumaças,& fedores, a poſerão em meio do rio â quatro amarras,para com agoas vivas a acoſtarem aos muros,& lhe darem fogo,creendo que com aquelle fumo poderião afogar os que no baluarte eſtavão. Antonio da Silveira entendendo o artificio, logo no principio o diſsimulou,& como o vio em eſtado para poder ſervir, mandou Franciſco de Gouvea Capitão mòr do mar,que de noute lho foſſe queimar,o que elle executou logo com muito riſco de ſua peſſoa. Porq̃ dentro d'aquella machina eſtavão eſpingardeiros q̃ a guardavão,& aſsi chegando à ella lhe deu fogo per muitas partes cõ que os que eſtavão dentro ſaltarão no rio,& deſpois de bẽ queimada,poſto q̃ dos Mouros foi varejado de ſua artelharia,ſe tornou à recolher à fortaleza.

A eſte meſmo tẽpo,que forão xiij.de Settembro, chegou Fernão de Moraes em hum catùr que vinha de Goa, [a] com recado de Nuno da Cunha,por tèr ja nova da vinda dos Rumes,& em ſua companhia Pero Vàz Guedez em outro catùr, com algum provimento q̃ Simão Guedez Capitão de Chaul mandava à Antonio da Silveira,o qual logo ſe tornou,& querendo fazer o meſmo Fernão de Moraes, Antonio da Silveira lhe rogou o não fizeſſe,porque por ſua idade,& muita experiencia das couſas da guerra tinha neceſsidade delle. Era Fernão de Moraes grande amigo de Franciſco Pacheco Capitão do baluarte da villa dos Rumes: & aſsi por o ver, como por lhe levar novas do ſoccorro que o Governador avia de mandar, aceitou ir em hum catùr com quatorze homẽs, à levarlhe algũs mantimentos,que per eſte meio, delles o provia de noute Antonio da Silveira. E porque Coge Sofar abrio hũa cava que das ſuas eſtancias chegava atè o mar, para defender della eſta proviſão de mantimentos; & por eſta cauſa Franciſco Pacheco mandara tapar de pedra & cal a ſerventia da porta do baluarte, como couſa de que não tinha neceſsidade para entrada, ou ſaida, não pode Fernão de Moraes darlhe

[a] *Com eſte catùr de Fernão de Moraes, chegarão os outros dous de Simão Rãgel, & de Antonio de Araujo, q̃ em ſua cõpanhia partirão de Goa. Diogo do Couto cap. 10. liv. 3.*

darlhes os mantimentos que levava; mas estando à falla com elle, do seu catùr, lhe sairão da cava hũa fusta, & duas almadias com muitos Turcos, & pelejarão com elle atè virem à bote de lança, com os quaes Fernão de Moraes com os seus se ouve tam esforçadamente, que lhe arrombou a fusta com hum berço, & por derradeiro os fez fugir, & elle saio da briga com morte de hum Portugues, & algũs remeiros Canarijs feridos. A estes dous amigos Fernão de Moraes, & Francisco Pacheco acontecerão duas cousas sobre pontos de honra, que à hũs derão materia de escandalo, & à outros de riso, sendo ambos avidos por bõos cavalleiros, & que o tinhão mostrado em casos perigosos, & tinhão dado sempre mui boa conta de si. E foi, que vindo ao outro dia Francisco Pacheco à fortaleza em hum catùr, que de noute lhe levara mantimentos, dando por razão de sua vinda, que era quererse cõfessar, & fazer testamento, & ordenar algũas cousas de sua alma, Antonio da Veiga Feitor da fortaleza requereo ao Ouvidor o obrigasse à lhe pagar certo dinheiro que devia à el Rei. Deste requerimento feito em tal tempo, & per aquella maneira, se ouve Francisco Pacheco por tam injuriado, que se determinou em não tornar à villa dos Rumes. E vindo à Antonio da Silveira lhe disse que elegesse outro Capitão para o baluarte, porq̃ elle
» não tornaria là em maneira algũa. Antonio da Silveira so-
» frendolhe muita sobegidão de palavras que soltou, poden-
» doo obrigar à servir em tempo de cerco, lhe rogou que
» tal não fizesse, porque daria à entender que não era verdadei
» ra a opinião que se delle tinha. E que pois elle viera à desca-
» rregar sua consciencia (como dizia) ouvera de agradecer
» à quem lhe lembrasse descargos della, como era pagar o
» que devia. E não o podendo persuadir o Capitão com suas boas razões, mandou à Fernão de Moraes que o tirasse d'aquelle erro, como tirou, & o fez tornar ao baluarte, vendo que por elle o recusar, se offerecia à isso Lopo de Sousa Coutinho, que com mui grande instancia pedia à Antonio da Silveira a defensão d'aquelle baluarte.

Aos xxvj. do mes de Settẽbro, chegou hũ catùr de Goa, [a] com novas como era hi chegado o Visorei Dõ Garcia de Noronha cõ grande armada: o qual escreveo à Antonio da Silveira, dandolhe muitas esperanças de o soccorrer mui em breve.

Desta

a. *Vinha neste catùr Ioão de Cordova, q̃ o Visorei Dom Garcia de Noronha despachou de Goa com cartas à Antonio da Silveira, avisãdoo de sua chegada à India. E ao dia seguinte despedio Antonio da Silveira o mesmo navio, respondendo ao Visorei, com relação de tudo que era passado. Diogo do Couto cap 11. do liv. 4.*



Desta nova forão todos mui alegres, tirando Fernão de Moraes, que perguntando ao messageiro se trazia tambem carta do Visorei para elle, & dizendolhe que não, disse que pois o Visorei lhe não escrevia, se queria ir para Goa. E assi o fez, sem aproveitarem rogos do Capitão, que lhe não deu outro castigo, nem reprensão mais que ver à mà reputação em que ficou tido de se anojar por lhe não escrever o Visorei à elle, sendo hum cavalleiro de hũa lança, onde estavão muitos homẽs fidalgos, que mais podião esperar aquelle comprimento, & irse em tempo que ouvera de vir à fortaleza, se fora della estivera. E desejando o Capitão, que os do baluarte da villa » *Lopo de Sousa Coutinho.*
» dos Rumes soubessem as novas que erão vindas do Visorei »
» Dom Garcia, Lopo de Sousa Coutinho se offereceo à lhas le- »
» var, & se metteo em hũa fusta com a gente necessaria com »
» grande risco da vida, & foi à vista do baluarte, onde por a por »
» ta ser tapada não desembarcou, & bradando por Francisco »
» Pacheco, lhe fallou, & deu as novas que levava. Mas sendo »
» sentido dos Mouros, à ida, & à vinda, descarregarão nelle tan »
» ta artelharia, que foi milagre tornar sem receber danno. »

## CAPITVLO. IX.

*Como Soleimão Baxia tornou de Madrefabat, do combate que se deu ao baluarte da villa dos Rumes, & como Francisco Pacheco se entregou.*

ENDO passados vinte dias que Soleimão Baxia se fora à Madrefabat à espalmar, & provèr do necessario sua armada, hum dia pela manhãa, que erão vinte sette de Settembro, começou à apparecer a armada, que com vento prospero, & de bonança entrava toda embandeirada de muitas bandeiras de seda, & com seus tendaes de ricos paramentos, arrojando pela agoa, com a gente, que nas apparencias, & ornamentos de suas pessoas mostravão virem de festa, & com grande roido de clarões, & atabales, & outros instrumentos. As galès seguindo hũa fusta em que ia Iuçuf Hamed Capitão mòr do mar, entrarão em ordem hũa ante outra: & emparelhando cõ a lagea que està no rostro do baluarte

da barra,de que era Capitão Franciſco de Gouvea, deſparavão,& lançarão dentro da fortaleza grande numero de pelouros.E deſte baluarte, & da torre de S.Thomè lhe reſpondião com groſſa artelharia, de que hum tiro lhe metteo hũa galè no fundo,& della ſe ſalvarão poucos. Mas cõ os tiros que os noſſos fizerão,ſe lhes ſeguio mais dãno que com os dos Turcos:porque eſtes não matarão mais que hum ſoldado,[a] & algũas das noſſas bombardas arrebentarão,que ferirão muitos Portugueſes,& matarão algũs. Iſto cauſou a polvora não ſer a que devia:porque como a mais que na fortaleza eſtava,fora da que ſe achou nos almazẽs d'el Rei de Cambaia, & eſſa eſtiveſſe per erro,& pouco tento mal embarrilada,a de eſpingar da que era fina eſtava em vaſos que ſervião para as bombardas, & ſem os bombardeiros attentarem niſſo, carregavão as peças per ſua medida,& aſsi a fineza della as fazia arrebentar. Em quanto as galès entrarão, que foi deſque o Sol ſaio atè as dez horas do dia, durou eſte esbombardear, & hũa nuvem de fumaças que occupava grande eſpaço.Entrada aſsi a armada, foi ſurgir junto à hũa Meſquita, que eſtà em hum alto ſobre o mar, defronte do baluarte de Diogo Lopez de Sequeira, que fica no angulo da cidade que reſpeita ao Sul.

Coge Sofar que todo eſte tempo não avia ceſſado de bater o baluarte da villa dos Rumes, com o baſiliſco que trouxe de Madrefabat,& com outras peças,tendo ja com ellas arraſado por cima o baluarte,& cega a artelharia,aquella tarde que entrou a armada,deu o aſſalto cõ dous mil homẽs, dos quaes ſettecentos Ianiçaros à ſom de muitos inſtrumentos,ſeguindo à hũ Alferez que os guiava com hũa bandeira vermelha, arremetterão com muita furia, ſubindo per aquella ruina da bateria, & paredes derrubadas, quanto per aquelle lugar podião caber, aos quaes os que entretanto não ſubião favorecião com ſuas eſpingardas, & frechas, & defendião aos noſſos apparecerem, & lhe reſiſtirem.Eſtando ja os Turcos como vencedores em lugar que ſe igoalava com o mais alto, & crèndo q̃ a couſa era vencida,tentando arvorar ſua bãdeira,vierão às mãos cõ algũs dos noſſos,que vivos com muitas feridas tinhão eſcapado da continua bateria, os quaes às lançadas, & com panellas de polvora os rebaterão, & lançarão em baxo,com morte de cẽto & cinquoenta, afora muito numero

a. *Chamavaſe eſte ſoldado Chriſtovão,mancebo de dezanove annos mui eſforçado,filho de hũa Barbara Fernandez. Portugueſa viuva q̃ vivia em Dio. Eſta molher moſtrou na morte deſte filho hũa rara fortaleza,& digna de perpetua memoria:porq̃ recebendo ella em ſeus braços eſte filho (nos quaes elle eſpirou) eſpedaçado de hum pelouro, & ſoſtentandolhe com as mãos as eſpalhadas entranhas,ſetindo nas ſuas maternaes hũa tamanha dor, com tam enteiro, & igoal animo aſofreo, q̃ foi admiração aos circunſtantes banhados em lagrimas (que Barbara Fernandez não derramava) vendo em hũ peito femenil hũa tam nova & Chriſtãa cõſtancia em caſo tam laſtimoſo. E porq̃ eſta dor não paraſſe na morte deſte filho, acontecco, q̃ ao outro dia ſe perdeſſe o baluarte da villa dos Rumes,onde eſta matrona tinha outro filho maior, q̃ ſe chamava Luis Franciſco, para q̃ com a perda deſte ſe lhe dobraſſe a magoa de os perder ambos,& a fortaleza com q̃ aſofreo. Lopo da Souſa Coutinho.*



numero delles que forão feridos.E os que eſte furioſo aſſalto mais ſoſtiverão,forão dous mancebos, que acertarão de eſtár em hum andaimo que ficava fora da parede do combate, os quaes primeiro às lançadas,& deſpois com panellas de polvora,que os de dentro lhes davão,fizerão o que à todos os de dentro era difficultoſo,& perigoſo.E aſsi pelejarão atè a noute os apartar,ſendo elles ſòs os que ſoſtinhão o peſo de tanta gente,& à que os inimigos todos aſſeſtavão ſeus tiros,que como erão muitos,não deixarão de lhes acertar algũs, de que forão mui mal feridos.Em fim elles fizerão tanto,que os inimigos deſeſperados alargarão o combate,& ſe recolherão à ſuas eſtancias,eſpantados do esforço d'aquelles dous homẽs. Dos quaes hum avia nome Antonio Pinheiro,mancebo de vinte cinco annos,filho de hum cavalleiro da cidade de Faro.

Naquella meſma noute vèo à fortaleza hum Antonio Falleiro,que eſtava no baluarte,com hũa carta de crença de Frá ciſco Pacheco para Antonio da Silveira,dizendo, que eſtava tam mal do combate, que lhe não pudera eſcrever, que lhe mandava Antonio Falleiro,para lhe dar cõta do que paſſava. E tudo o que diſſe foi recontar eſtarem todos em tal eſtado, que ſe ouveſſe outro cõbate,ſerião tomados às mãos,& mortos,porque ja ſe não podião defender. E que Coge Sofar lhes cõmettia que ſe entregaſſem,& os deixaria com as vidas para ſe irem à fortaleza,que por tanto viſſe elle Antonio da Silveira o que devião fazer.Pratticado eſte negocio cõ as principaes peſſoas,aſſentarão,q̃ pois o baluarte não tinha defenſão, & não podia ſer ſoccorrido da fortaleza,melhor era ſalvarẽſe aquelles homẽs,que padecerẽ todos ao cutello ſem frutto algũ,porq̃ vivos podião ajudar à defender a fortaleza. Eſta foi a reſpoſta q̃ ſe deu à Antonio Falleiro,& q̃ quando aſſentaſſe as condições de ſua entrega com Coge Sofar, foſſe de maneira q̃ ficaſſem confirmadas por Soleimão Baxia; & ainda para mais ſegurança lhas trouxeſſem primeiro moſtrar à elle Antonio da Silveira. Mas parece que o temor occupou tanto à Franciſco Pacheco,& aos q̃ com elle eſtavão, q̃ quando amanheceo virão os noſſos da fortaleza hũa bandeira brãca poſta no baluarte,em ſinal de paz,& outras no Caez da meſma villa dos Rumes.Quãdo vèo à horas d̃ meio dia,embarcarão todos os Portugueſes q̃ eſtavão no baluarte,& foi nelle poſta hũa bãdeira vermelha das inſignias do Turco;em cujo levantameto

& abatimento da bandeira da Cruz de Noſſo Senhor IESV Chriſto,que he a inſignia de ſua milicia, & ordem, hũ Ioão Pirez homẽ velho,indinado d'aquelle feito,abateo a bandeira do Turco,& ſobre eſte abater,& levantar cada hum a ſua, entre os Turcos,& ſeis Portugueſes que com o meſmo zelo ſe ajuntarão com Ioão Pirez,ouve tal debate,que por os Turcos ſerem muitos, & os noſſos poucos, vierão todos ſette à morrer,& padecer martyrio, zelando a honra de Chriſto, & ſua Fè Santa. [a]

a. *Os corpos deſtes ſette Portugueſes forão lançados pelos Turcos no rio à tempo q̃ a marè enchia,& querẽdo Deos moſtrar quam aceito fora diante delle o ſangue d'aquelles cavalleiros ſeus,per ſua honra derramado, no meſmo inſtante q̃ os corpos tocarão a agoa,refreando o mar ſeu ordenado curſo para cima, tornou com igoal impetu para baxo,& levou aquelles corpos juntos atè os pòr na porta da couraça da fortaleza, onde poſtos tornou a marè que enchia à continuar ſeu ordinario curſo para cima. Notarão os da fortaleza o milagre, recolherão os corpos,& levados com grande honra a Igreja os enterrarão de fronte da Capella mòr, & de crèr he que ſuas almas ſobirião triunfantes diante da Mageſtade divina, onde recibirião a glorioſa coroa de martyrio. Lopo de Souſa Coutinho.*

Quando vèo ao ſeguinte dia deſpois da ſaida deſtes homẽs, ſem Antonio da Silveira ſaber as condições cõ q̃ ſe derão, chegou Antonio Falleiro ao pẽ do baluarte de Gaſpar de Souſa ja veſtido à Turqueſca,& mandou à Antonio da Silveira hũa carta de Franciſco Pacheco,em que lhe dizia,como elle ſe entregara per hum ſeguro do Baxia,& que lhe não derão tempo para lho mandar moſtrar,pelo qual lhes dava as vidas, fazenda,& eſcravos,tirando as armas,& artelharia, com tanto que lhe foſſem fazer a ſalema à galè onde elle eſtava. E que quando os levarão à cidade,os dividirão per eſſas caſas de dous em dous. E que elle, & Gonçalo de Almeida ſeu primo, & Antonio Falleiro forão levados à galè do Baxia, o qual os recebera bem,& lhes dera ſendas cabaias. E que pedindo elle à Soleimão que lhe compriſſe o que lhe promettera, no formão do ſeguro que lhe dera,lhe reſpondera, que ſe não agaſtaſſe,que elle compriria o que ficara,mas q̃ por quanto queria combater a fortaleza per mar,& per terra,o tempo que niſſo gaſtaſſe os avia de retèr conſigo. E que tomando a fortaleza, os mandaria à India. E que ſendo pelo contrario, os ſoltaria para ſe irem à fortaleza. E que lhe diſſera que eſcreveſſe à elle Antonio da Silveira,que ſe entregaſſe logo,& que à todos daria as vidas,& embarcações para ſuas peſſoas. E que fazendo de outra maneira,todos avia de metter à eſpada. E que ſobre iſſo ouveſſem ſeu conſelho,em quanto carregava hum baſiliſco,& certas peças d'artelharia furioſas para combater a fortaleza. Acabando Antonio da Silveira de lèr a carta, ſem conſultar a reſpoſta,eſcreveo logo à Franciſco Pacheco, que de Soleimão Baxia não comprir com elles,não ſe eſpantava, porque os Turcos nunca mantiverão fè, nem palavra. E que às ameaças que lhe Soleimão fazia,lhe não dava mais reſpoſta, ſenão que deſcarregaſſe quantos baſiliſcos quiſeſſe, que coſtu-



cõſtumados erão à iſſo,& que por a mais pequena pedra d'aquella fortaleza avião todos de morrer. E que elle, nem Antonio Falleiro não foſſe mais ouſado de lhe trazer,nem mandar taes recados, porque como à hum Turco, que elle ja era, lhe mandaria tirar às bombardadas. O preciſo termo que Soleimão deu aos Portugueſes para lhe alargarem a fortaleza, & as ameaças que fez como homem vittorioſo, por a tomada do baluarte da villa dos Rumes, & confiado na grande armada, & gente que trazia, em vez de diminuir os animos aos cercados, foi grande incitamento para tomarem novos eſpiritos, & os animar à lhe reſiſtirem: porque por aquella quebra de ſua palavra, & pouca fè que moſtrarão à aquelles poucos homẽs cercados, & enganos que com elles uſarão,virão que nelles não podia aver eſforço,nem conſtancia: polo que ja deſejavão de virem às mãos com elles,tam animoſamente, como ſe elles forão gente ſem numero,& baſtecidos de todo o neceſſario, & os inimigos não forão tantos,nem tam armados.

## CAPITVLO. X.

*Como os Turcos derão bateria à fortaleza de Dio vinte cinco dias continuos,& do muito danno que nella fizerão.*

AOS cinco dias do mes de Outtubro, eſtando as galès dos Turcos derramadas pelo porto, entrarão dous catùres noſſos per entre ellas; em hum vinha Franciſco Sequeira Malabar de nação (que por ſeus ſerviços el Rei de Portugal lhe mandou deitar o habito de Chriſto com tença) ao qual o Viſorei Dom Garcia de Noronha mandava com cartas à Antonio da Silveira,& à os Capitães que com elle eſtavão; & em ſua companhia vèo no outro catùr de Baçaim (on de eſtava Garcia de Sà) Dom Duarte de Lima filho do monteiro mòr, que por ſua vontade com dez, ou doze homẽs ſe vinha metter naquella fortaleza para a ajudar à defender. Eſpedido logo Franciſco de Sequeira com nova do eſtado em que ficava,ouverãoſe os Turcos por mui injuriados de paſſarem os catùres per entre elles, & ordenaraõſe logo para

não poder entrar, nem ſair embarcação algũa. E como Soleimão Baxia era ja ſenhor do baluarte da villa dos Rumes, & eſtava indinado por a pouca conta que Antonio da Silveira moſtrou fazer delle, na reſpoſta que deu à Antonio Falleiro, determinou não dilatar mais o combate da fortaleza, pelo que mandou aſſeſtar a artelharia em ſeis eſtancias, que lhe Coge Sofar ordenou, que como mais domeſtico ſabia os cantos da fortaleza, poſto que não tinha noticia dos repairos, & contramuros que Antonio da Silveira per dentro tinha feitos. A ſomma da artelharia ordenada para bater a muralha erão nove baſiliſcos de deſacoſtumada grandeza, dos quaes cada hum deitava pelouro de noventa atè cem arrateis de ferro coado, cinco eſpalhafatos, que lançavão pedra de cinco, & ſeis, & ſette palmos em roda, quinze liões, & aguias, quatro colobrinas, & algũs canhões de bater, que erão para eſpedaçar hũa rocha maciça. D'outra artelharia averia oitenta peças entre eſperas, ſalvagẽs, meias eſperas, & falcões. E pelo cerco adiante tirava hum quartao, que era hum temeroſo inſtrumento. Deſta artelharia erão Capitães Coge Sofar, que ordenara o aſſento della, & Iuçuf Hamed Capitão de Alexandria. E para ſua guarda avia dous mil Turcos repartidos per Capitanias nos lugares que lhes forão ordenados, afora a gente Guzarate de Coge Sofar. Soleimão Baxia eſteve ſempre na armada em ſua galè, ſem ir à terra ver couſa algũa, ou por ſua idade, & aleijão de muita gordura, ou por eſtar mais ſeguro para fazer algũa couſa de ſi, ſe a noſſa armada vieſſe, mas à galè lhe ião dar razão do que ſe fazia, & d'alli provia, & ordenava o neceſſario. A ſituação deſta artelharia para nos combater era, que a que mais longe eſtava da fortaleza, não paſſava de cento & cinquoenta paſſos, & a mais chegada eſtava à ſeſenta, & toda amparada com mantas groſſas. Entre eſta artelharia, & os muros da fortaleza eſtavão hũas eſtancias de gente, para logo arremetter, como ouveſſe couſa aberta, ou derribada para poder entrar, & toda mettida per cavas em tal ordem, que a noſſa artelharia não lhe podia fazer nojo, & a ſua tirava per cima delles às ameas dos baluartes, & muros, que por ſer pontaria alta eſtavão debaxo ſeguros de receber algum danno.

Com eſta ordem, & concerto começarão os Turcos à bater a fortaleza hũa ſegunda feira quatro de Outtubro, em ſaindo



ſaindo o Sol, no qual, & no ſeguinte em nenhũa outra couſa trabalharão ſenão em cegar noſſa artelharia. No qual tempo elles dos noſſos receberão pouco danno, & os noſſos delles muito, por o grande eſtrago que fazião nas ameas, & no muro, & em toda a outra parte aonde apontavão per onde deſejavão entrar; & aſsi procuravão de nos quebrarem algũas peças, à que de propoſito apontavão: porque erão tam grandes officiaes, que ſempre acertavão no lugar em q̃ querião dar. Do que hum dos noſſos ſoldados querendo fazer experiencia, tirou o chapeo da cabeça, & o pôs de induſtria em hum pao, o qual cuidando os artilheiros que era cabeça de homem o levarão logo com hum pelouro. E nos lugares onde desfazião parede, amea, ou outra couſa, que convinha aos noſſos reparar, tinhão eſta aſtucia, que como ſentião que trabalhavão, de novo tornavão à tirar ao proprio lugar. O que entendido dos noſſos, batião de dentro em outra parte ſãa, quando repairavão algũa quebrada, & aſsi trabalhavão mais ſeguramente. Eſta ordem tiverão os Turcos em dar ſua bateria per eſpaço de vinte cinco dias continuos ſem ceſſarem. A parte onde fizerão maior danno foi no baluarte em que eſtava Gaſpar de Souſa: porque como não tiveſſe traveſes de que ſe podeſſem temer, o baterão os primeiros cinco dias de maneira que ficou raſo, derrubandolhe todas as ameas. E abaxo dellas forão comendo tanto a groſſura da parede do baluarte, que chegarão ao entulho delle. Quando Antonio da Silveira vio tanto danno, atalhou o baluarte quaſi hum terço, & d'alli foi criando hũa parede de pedra, & barro da banda da bateria, & vèo deſcendo pela parte de dentro em degraos, para os noſſos terem per onde ſubir, & defender ſe vieſſem com eſcadas à cõmettelos.

## CAPITVLO XI.

*Como os Turcos perſeverarão em combater o baluarte de Gaſpar de Souſa, & da reſiſtencia que ſe lhes fez, & como foi morto Gonçalo Falcão.*

ACABADOS os repairos, & atalho que Antonio da Silveira mandou fazer no baluarte de Gaſpar de Souſa, cõ a pedra, & caliça que caia do que ſe derribava ao pè delle, fabricarão os Turcos hũa ſubida, que ſem eſcadas facilmẽte podião ſubir, & vir tèr à parede que os noſſos tinhão feita, para virem com elles às mãos. Pelo que paſſados cinco dias do combate, ao ſexto, à horas de meio dia, quando lhes pareceo que ſeria o repouſo dos noſſos (o qual elles não tinhão de dia, nem de noute) ſubirão por aquelle lugar cinquoenta Turcos bem armados, que mais não cabião por a eſtreiteza do ſitio, ficando porem grande numero delles mettidos na noſſa cava, porque os não viſſem do muro, para ſuccederem aos que morreſſem, ou canſaſſem. È com piques, parteſanas, & panellas de polvora forão à cõmetter Gaſpar de Souſa, que com os ſeus ſe defendeo valeroſamente, acodindolhe tambem os das outras eſtancias vezinhas, porque eſta ordem tinha dada Antonio da Silveira em todas, q̃ quando ouveſſe preſſa em hũa, lhe acodiſſe a mais vezinha, & elle com ſua peſſoa acodiria à todas, ſegundo a neceſsidade de cada hũa; & eſte era o mais certo lugar em que o achavão. Com eſte ſoccorro matarão os Portugueſes tantos dos Turcos, poſto que derribados os de cima, ſubião outros em ſeu lugar dos da cava, que os fizerão afaſtar mal de ſeu grado. E neſta porfia morrerão dos noſſos ſòmente dous, mas forão muitos feridos.

Deſte dia em diante em quanto o cerco durou, ſempre ſe pelejou neſte repairo, ſem intermiſſão algũa, todos os dias duas, & tres vezes, avendo ſempre dos Portugueſes algũs mortos, & muitos feridos, & dos Turcos muitos mais, poſto que ſe enxergava nelles menos, que nos noſſos. No lugar da peleja nos tinhão elles grande ventagem, porque pelejavão de cima para baxo, porque o ſeu arremeſſo ia com força natural, & os noſſos paſſavão maior trabalho.

E como



E como a continua bateria tiveſſe gaſtado, & derribado o repairo que ſe fez naquelle baluarte de Gaſpar de Souſa, levantouſe outra parede de terra, & pedra detras da derribada. E porque ja no pouco eſpaço que ficava aos noſſos do baluarte, ſe não podião revolver quarenta homẽs, que para reſiſtirem à algum peſo de gente erão mui poucos, nem avia lugar onde ſe fizeſſe outro repairo; foi Antonio da Silveira criando de dentro junto ao baluarte hũa torre de pedra, & barro tam alta que igoalou a altura do baluarte, da qual com menos perigo, & deſcommodidade podião os noſſos pelejar, & defenderſe.

No meſmo tempo vierão os Turcos melhorando ſuas eſtancias, chegandoas atè as pegar cõ a cava, ſem ſe lhe poder defender; porque fizerão de couros de bois grandes ballas, & fardos cheos de terra, & de algodão, os quaes os vinhão rolando homẽs detras delles em giolhos, encubertos com a groſſura deſtas ballas: & poſto que do muro trabalhaſſem os eſpingardeiros de lho defender, matando, & ferindo muitos, não forão parte para eſtorvar que não chegaſſem à cava: onde com enxadas, & alviões cavando fizerão vallos tam altos, que podião à ſeu ſalvo andar em pè cubertos, & ſeguros da noſſa eſpingardaria. E deſtas ſuas eſtancias fizerão outras cavas, pelas quaes ião, & vinhão ſeguramente, engroſſando os dittos repairos com muita pedra ſolta, & terra, & rama, & deſta maneira acõmettião os do muro ſem perigo cada vez que querião. E como a terra, & caliça da bateria do baluarte empedia baterſe no vivo delle, deſtas eſtancias compelião à gente de Cambaia, que com Coge Sofar eſtava, que com enxadas, & ceſtos deſpejaſſem o pè do muro. E porque Antonio da Silveira mandou tirar a artelharia d'aquelle baluarte, por eſtar toda cega, & não ſervir ja nelle ſenão braços de cavalleiros, que à mão tente o defendião, & os Turcos tinhão ſua eſtancia perto, & não receavão a artelharia por a não aver alli, vieráoſe ao pè do baluarte, & minarão tanto por dentro delle, que ficava hum grande ſombreiro de parede ſobre elles que os encobria, & não lhes podião os noſſos fazer algum danno. E para ver aquelle lugar, mandou Antonio da Silveira eſtes quatro homẽs, Fernão Rodriguez, Rodrigo Alvarez, Duarte Pinto, & hum homem mulato de Alcunha de Silva, que foſſem ſaber ſe fazião mina, porque ſentia bater no muro.

E deſcidos

E deſcidos per cordas acharão quatro Turcos que eſtavão com gente de ſerviço tirando pedra,& caliça ja quebrada do baluarte,dos quaes Turcos matarão dous, & os outros ſe poſerão em ſalvo,& elles ſe tornarão à recolher: & porque eſtes homẽs com a revolta da morte dos Turcos, não poderão ver bem o que lhe mandarão,& Antonio da Silveira não perdia d'alli o ſentido,mandou là Paio Rodriguez de Araujo Alcaide mòr da fortaleza,à ver ſe fazião algũa mina per baxo da terra,o qual deſceo abaxo per cordas, levando conſigo quatro homẽs,& vio que não era mina,ſomente deſpejavão a pedra & caliça das ruinas do baluarte.

Aos dezaſeis de Outtubro, trabalhando Gonçalo Falcão no ſeu baluarte,em que os Turcos tinhão feito muito danno com ſua artelharia,& embaçada a noſſa com caliça, andando elle dando ordem para ſe açalhar hũa bombarda, como era o dianteiro que encaminhava os outros, tanto que foi deſcuberto,vèo hum pelouro de bombarda dos inimigos que lhe levou a cabeça pelos àres,ficando o toro do corpo entre ſeus companheiros,aonde logo Antonio da Silveira acodio, provèndo de Capitão d'aquelle baluarte à Paio Rodriguez de Araujo. A morte de Gonçalo Falcão foi de todos mui ſentida,aſsi por as boas qualidades de ſua peſſoa,como por a ajuda que nelle achavão de cõſelho,& de obras em todos negocios, & porque naquelle cerco à ſua cuſta ſuſtentava muita gente. Naquella meſma manhãa tornarão os Turcos outra vez cõmetter à Gaſpar de Souſa,à que logo na primeira arremettrida matarão tres homẽs,& ferirão ſette,ou oito: dos quaes foi hum Ioão de Fonſeca, que de hũa eſpingardada que lhe entrou pelo collo do braço,& lhe ſaio pelo ſangradouro, ficou com a mão dereita aleijada,& inutil,& mudando a lança para a eſquerda,& a adarga para o ombro do braço aleijado,tornou à pelejar como valente homem que era, & como ſe nelle não ouvera falta de ſua mão dereita. E por o lugar ſer eſtreito em que não cabião mais que doze homẽs, de que elle era o dianteiro,& ficavão muitos detras eſperando vagãte. Duarte Mendez de Vaſconcellos veudoo tam ferido, & o muito ſangue de que ſe vazava, tirou por elle dizendo que ſe foſſe curar; mas como Ioão de Fonſeca tinha mais tento nos Turcos,que nos cõpanheiros,não lhe acodio: & tornando Duarte Medez dizerlhe em modo de reprenſão,que ſe tiraſſe d'alli pois



pois não podia governar ſeu braço dereito, & lhe deſſe o lugar, elle anojado lhe reſpondeo: *Em quanto eu tenho braço eſquerdo, não hei meſter o dereito, & vos não ſejais tam deſarazoado que me peçaes meu lugar.* Lopo de Souſa Coutinho que era preſente, & ouvio que aquillo fora ditto com colera, com palavras brandas lhe rogou que ſe foſſe curar, o que elle entam fez,mais por corteſia,que por a dor do braço, de que de todo ficou aleijado.

Neſte combate porque foi mui rijo acodio Lopo de Souſa com ſua gente,ſegundo era ordenado que acodiſſem os das eſtancias vezinhas hũs aos outros. E como os Turcos per andarem eſcaldados dos noſſos afroxaſſem os combates,mãdou Antonio da Silveira à Lopo de Souſa,que com ſua gente deſceſſe à cava,& deſſe nos Turcos q̃ nella eſtavão, porque lhe fazião mais dãno irem de vagar no cõbate,q̃ de preſſa,por lhe impedirem trabalhar na torre que diſſemos q̃ levantava, por ſer ja a maior parte do baluarte tomada, & tambẽ porq̃ eſtando muita gente no baluarte impedião o ſerviço,& os Turcos achavão ſempre em q̃ empregar ſeus tiros. Recolhendo Lopo de Souſa ſua gente, ſe foi com ſeu guião ao baluarte S. Thomè,& per hum recanto delle contra o mar, ainda que o lugar era perigoſo por ſer mui alto,& a cava alli mais profunda, per hũa corda que ſe atou em hũa amea ſe deſceo ao releixo entre a cava,& o muro,& d'alli lançando hũa eſcada de corda de quarenta degraos ſe calou à baxo. E ſendo lhe ditto de cima,que de hũa meſquita fora viſto de hum Mouro que ia corrẽdo dar o rebate de ſua ida aos das eſtancias, cõ eſſes homẽs que ja erão deſcidos,q̃ ſerião trinta cinco, ſem eſperar por os mais,por não ſer ſentido foi cõmetter os Mouros, de q̃ muitos eſtavão encima do baluarte, & outros pelas quebras delle deſcanſando, & incitando aos noſſos q̃ ſe deſcobriſſem,para cõ ſua artelharia os peſcarẽ. E como Lopo de Souſa chegaſſe aquelles que mais baxos eſtavão, fizerão roſtro; mas como os elle apertaſſe às lançadas, empuxandoos, ficarão ſeis mortos; & os que encima eſtavão, vendo como os debaxo erão tratados,derribãdoſe pelas quebras vinhão mui de preſſa cair em ſuas lanças,& delles morrerão outros poucos,& aſſi ſe deſpejou o lugar para os noſſos fazerem ſua obra. E para ſe evitarem eſtes pequenos combates, com que ſe perdia trabalharẽ nos repairos, mandava Antonio da Silveira

*Lopo de Souſa Coutinho.*

muitas

muitas vezes gente à cava,& hum dia mandou à hum Simão Furtado,homem valente, & ſesudo, com outros da companhia de Lopo de Souſa,com elles foi hum ſeu criado per nome Ioanne,de idade de dezoito annos, com ſua eſpada, & hũa eſpingarda. E feito final pelos do muro,quando foi tempo para darem nos Mouros da cava arremetterão com elles: o moço deſparando a eſpingarda em hum Mouro, & arrancando a eſpada ſeguio à outro,não ſendo parte Simão Furtado para lho eſtorvar: & antes que o Mouro ſe podeſſe recolher às eſtancias que eſtavão pegadas na cava, lhe chegou o moço,& o picou de maneira que o Mouro não ſe atrevendo à defender delle,nem menos deitarſe nas eſtancias, pôs o roſtro no rio,determinando de ſe ſalvar na agoa, na qual ſe metteo atè lhe dar pelos hombros. E como o moço o ia ſeguindo atè lhe dar a agoa pelo peſcoço,por ſer pequeno de corpo, & o Mouro ſe não atreveſſe à metterſe mais dentro, porque a corrente do rio o não levaſſe,& o moço lhe não podeſſe bem chegar para o ferir,Lopo de Souſa bradou do muro ao moço que lhe deſſe de ponta:o moço que eſtava tanto em ſi,que conheceo na falla ſeu ſenhor,& o entendeo,começou à lhe tirar eſtocadas: & como a agoa onde o moço eſtava foſſe muito alta para ſua pequena eſtatura, querẽdoſe melhorar para ferir o Mouro,ſe lhe forão os pès,& caio,ficando mergulhado. O q̃ vendo o Mouro,vèo ſobre elle, & lançandoſelhe encima, o queria afogar,ſe m atè aquelle tempo lhe lembrar que trazia eſpada. Mas ao moço não falleceo eſpirito, porque poſto que da agoa ſalgada em que eſtava tiveſſe bebida muita quantidade,& eſtiveſſe canſado,& hũa das mãos occupada com a eſpingarda que nunca alargou, lembrandoſe melhor da ſua eſpada,que o Mouro da ſua,lha metteo tres, ou quatro vezes pela barriga, & o matou, & elle ſe levantou cheo de ſangue do Mouro. E tirandolhe os inimigos grande ſomma de eſpingardadas, & frechadas, ſem nenhũa dellas lhe tocar, ſe ſaio da agoa ſeus paſſos contados,com a eſpada em hũa mão, & a eſpingarda na outra,& pegado aos Turcos paſſou com o roſtro nelles,como quem os tinha em pouco, & aſsi entrou na cava ſem ferida algũa.[a]

Outra vez mãdou Antonio da Silveira à Manoel de Vaſconcellos per duas vezes à entrar neſta cava, por ſe achar bẽ do dãno que per alli ſe fazia aos Mouros. E da primeira,poſto que

[a] *Eſte moço ſe chamou deſpois Ioão Gil de alcunha o pequeno, & viuo deſpois muitos annos caſado em Dio,rico,& abaſtado,onde o conheceo Diogo do Couto, como o eſcreve no cap 9 do liv 4 Dec.5.*



que elle,& os ſeus pelejarão mui valentemente, matarãolhe Chriſtovão de Souſa,homem fidalgo,& mancebo,em grande maneira eſforçado,& de grandes eſperanças,que neſte cerco tinha ſervido muito:& aſsi lhe ferirão algũs homẽs outros. Mas da ſegvnda vez por ir com mais ordem, fez muito danno aos inimigos,ferindo,& matando muitos delles. Lopo de Souſa Coutinho tambem teve ſua hora de danno: porque cabendolhe ir vigiar no quarto da alva o baluarte dos combates, vindo a manhãa o acõmetterão os inimigos, & como lho defendeſſe, de hum traves foi ferido de hum pelouro de meia eſpera pelo ombro,& eſpadoa dereita, de que recebeo hũa grande ferida,& das laminas das couraças que tinha veſtidas ouve outras feridas pelas coſtas, das quaes foi levado à curar à ſua eſtancia. E tudo o que ſuccedeo atè o ferimento de Lopo de Souſa diz elle meſmo em hum trattado que deſte cerco fez,que de tudo foi teſtemunha de viſta,& o que d'ahi em diante eſcreveo,foi do que ſoube,& ouvio à peſſoas dignas de fè. Do qual trattado no que toca à eſte cerco, como de autor tam autentico, nos aproveitamos em muitas couſas.

## CAPITVLO. XII.

*Da doença grande que ſobrevèo aos cercados: & como as molheres ajudarão à trabalhar nos repairos.*

ERA vinda à tanta diminuição a fortaleza com
a continua bateria que os Turcos davão avia
tantos dias,& com as ſaidas que os noſſos fazião para lançarẽ os Turcos das cavas, q̃ fazia
parecer à muitos,que ſe não poderia defender;
porq̃ vião mortos muitos homẽs valeroſos,& grãde numero
de feridos,q̃ cõ ſuas curas occupavão os ſãos. A polvora de eſpingarda,& bõbarda eſtava quaſi acabada, & da meſma maneira todas as mais munições,& artificios para a defenſão. As lãças dos cõtinuos tiros as mais erão cortadas. A eſperãça emq̃
a gẽte cõmũ ſe ſoſtẽtava de ſoccorro do Viſorei iaſe perdẽdo.
A jũtavaſe à iſto q̃ as fortalezas vezinhas à q̃ o Capitão mãdara pedir algũas couſas neceſſarias,ð nenhúa maneira acodião.

E man-

E mandando ſò Simão Guedez Capitão de Chaul certa polvora, teve tam mao recado nella o que a trazia, que em a deſembarcando, cairão os vaſos em que vinha na agoa, & ſe perdeo toda. Outro infortunio que à aquelles cercados miſeravelmente trattava, & que era intoleravel, foi a doença geral que à todos ſobrevèo da bocca danada, & gingivas corruptas. Eſta infirmidade era tam exceſsiva, que lhes caião os dentes, & com as grandes dores lhes era forçado vigiarẽ eſſe pouco eſpaço, que algũa hora do trabalhar nos repairos, ou de pelejar com os inimigos, lhes ficava para poderem dormir, ou repouſar: porque todo o paſſavão em gemidos. E ſobre tudo, de nenhũa maneira podião comer, & da bocca tornavão à deitar muitas vezes eſſe pouco arroz que comião. Eſta doença lhes cauſou a agoa q̃ bebião da ciſterna, porque como cõ a preſſa da guerra, deitarão nella agoa, eſtando de freſco guarnecida com hum betume que ſe faz em Ormuz, que ſe chama Charù, corrompeoſe a agoa, & cauſou aquelle trabalhoſo mal. Polo que com o continuo trabalho das baterias, & rebates dos inimigos, & da pouca ſuſtancia do mantimẽto, & por andarem deſvelados os homẽs de tanto tempo, andavão triſtes, & debilitados, mas não que por iſſo ſe viſſem ir com menos esforço à pelejar.

*Lopo de Souſa Coutinho:*

„ Avia na fortaleza de Dio entre as mais molheres que à ella
„ ſe recolherão da cidade quando ſe começou a guerra, hũa Do
„ na Iſabel da Veiga, filha de hum nobre cidadão de Goa cha-
„ mado Franciſco Ferrão, juiz que foi da alfandega d'aquella ci
„ dade, & molher de Manoel de Vaſconcellos, muito bom ca-
„ valleiro, & homem fidalgo, natural da Ilha da Madeira, que
„ foi juiz da alfandega de Dio, a qual por ſuas muitas virtudes,
„ & animo heroico ſe não deve pôr em eſquecimento o muito
„ que no trabalho deſte cerco ajudou, com muitas molheres q̃
„ à iſſo incitou. Era eſta Dona na idade ainda moça, & mui gen
„ til molher, & de tam honeſto, & autorizado aſpecto, que nin-
„ guem averia que lhe não tiveſſe grande acatamento, & reve-
„ rencia: & ja no principio deſte cerco tinha ella dado hũa gran
„ de prova de ſeu valor; porque quando Antonio da Silveira
„ deſpedio o catùr em que vèo Ioão de Cordova com a nova
„ da chegada à Goa do Viſorei Dom Garcia de Noronha, Ma-
„ noel de Vaſconcellos a quiſera mandar naquelle catûr à Goa
„ à ſeu pai, receando que ſe perdeſſe a fortaleza, & que foſſe ſua molher



molher deſpojo dos Turcos, & cõmunicando com ella eſta „
ſua determinação, lhe reſpondeo, que não permitiſſe Deos „
que ella ſe auſentaſſe donde elle ficava, que ſe tinha conhe- „
cido nella algũa fraqueza, ou deſcuido em ſeu ſerviço, que lho „
diſſeſſe, & que ſe enmendaria; mas darlhe tam aſpera pena, „
como era apartalla de ſi, ella o não merecia: & que não cui- „
daſſe que a ſegurava apartandoa d'aquelles perigos, porque „
em ſua companhia lhe não parecião taes, o que lhe não acon- „
teceria eſtando auſente, porque ſeu eſpirito ſeria ſempre ator- „
mentado de grandes receos, & temores, & que cuidando elle „
que a tinha ſegura dos inimigos, a matarião imaginações, pe- „
lo que lhe pedia que ouveſſe por bem que ficaſſe ella alli, ao „
menos para ſer ſua enfermeira quando lhe foſſe neceſſario. „
Mas porque tiveſſe menos de que cuidar, mandaſſe à Goa „
hũa filha pequena que de entrambos avia, porque ſe Deos „
d'aquella fortaleza algũa deſaventura tiveſſe ordenada, por „
ſua pouca idade ſe não perdeſſe. Poderão eſtas honeſtas, & „
diſcretas razões de Iſabel da Veiga tanto com ſeu marido, „
que deſiſtindo elle de ſua determinação, quis antes ſua com- „
panhia com temores, que ſem elles apartalla de ſi. Conti- „
nuandoſe o cerco, & vendo Iſabel da Veiga que o numero „
dos cavalleiros, & ſoldados que alli avia era vindo à muita „
diminuição, & que lhes era neceſſario dividirẽſe hũs para pe- „
lejarem, & outros para ſervirem nos repairos, & acarretos „
da terra, & pedra, & outras achegas, em que conſiſtia ſua „
defenſão, & que dividindoſe, não ficava delles numero „
baſtante para bem acudir à hũa couſa, & outra. E que o „
ajudar à tirar, & à carretar a pedra que ia, ſendo muita, „
podião fazer molheres, que não era obra viril, nem de ar- „
teficio, com que ellas não podeſſem, determinouſe de ella, „
com as molheres que na fortaleza avia tomarem ſobre ſi „
eſſe cargo, & deſoccupar outros tantos homẽs para ſeu „
officio das armas. E communicando iſto com hũa Anna „
Fernandez, molher honrada, de idade velha, caſada com „
o Bacharel Ioão Lourenço Phyſico, a qual era de grandes „
eſpiritos, & fora da commum medida das outras molheres, „
& que naquelle cerco uſou de grande charidade com os feri- „
dos, & enfermos, ambas incitarão todas as outras molheres de „
toda qualidade, a accarretarem em ſuas alcofas, & vaſilhas „
terra, pedra, agoa, & outras couſas neceſſarias, ſendo go- „

„ vernadas pelas duas Iſabel da Veiga, & Anna Fernandez:
„ & com ſua diligencia, & exemplo obrigavão aos homẽs ſo-
„ frer dobrado trabalho.

„ Não ſe ſatisfazia o eſpirito de Anna Fernandez com eſtes
„ exercicios, porque ſem tomar repouſo como anoutecia ia co-
„ rrer as eſtancias das vigias, & quando avia aſſaltos acodia à el-
„ les, & com animo varonil ſe mettia em meio dos ſoldados,
„ animandoos, & vendo pelejar algũs froxamente, os reprẽn-
„ dia, & eſforçava. Veſitando ella hum dia o baluarte dos com
„ bates, achou nelle morto de hũa eſpingardada pela cabeça à
„ hum filho que tinha de dezoito annos mui bom ſoldado, ao
„ qual com grande inteireza tomou nos braços, & recolheo, &
„ como ſe acabou a briga, lhe fez dar ſepultura com hũa ſegu-
„ rança, & ſofrimento que eſpantou à todos, não deixando
„ de continuar com ſeus piadoſos exercicios, encobrindo a
„ dor de tal perda por não entriſtecer à todos, que como mãi a
„ amavão.

## CAPITVLO XIII.

*Como os Turcos tentarão minar o baluarte dos combates, & como Gaſpar de Souſa foi morto.*

SENDO o baluarte de Gaſpar de Souſa o que os Turcos mais combatião, que nehum outro, por o terem ja tam raſo, que do chão ſubião per elle, como quem vai per hũa coſta acima, não ſe contentarão ſenão de irem melhorando tanto ſuas eſtancias, atè que derão com ellas na borda da noſſa cava: & como as alli tiverão, começarão de minar o baluarte, em que muitos dos ſeus perderão a vida. Para o que uſarão de hũa machina da forma que ſão os cavallos de pôr ſellas, os quaes erão de taboado cubertos de couro de boi, & aſsi erão altos por cima, & largos per baxo, que em cada hum delles vinhão mettidos cinco, & ſeis homẽs, de que hũs ião à minar o baluarte, outros ſubião encima delle à pelejar com os noſſos, ſem aver entre hũs, & outros mais que hũa parede. Mas como os Turcos virão que eſta invenção lhe ſervia pouco, porq̃ os noſſos



noſſos com panellas de polvora, ola, azeite, & lenha meuda, lhe queimavão eſtes cavallos, tornarãoſe às ballas, com as quaes tiverão encuberta para irem pegar ſuas eſtancias em a noſſa cava. Antonio da Silveira como não perdia o ſentido deſte lugar, & ſempre temeo ſer minado, por ſe tirar deſta ſuſpeita, mandou à elle Cide de Souſa, & Rodrigo de Proença, ambos eſcoteiros, por elles ſerem peſſoas de que podia cõfiar iſto, os quaes trouxerão recado que o baluarte ſe minava. E porque Luis Neto que ja là fora antes deſtes, porfiava que não podia ſer mina, dando ſobre iſſo muitas razões, não deſcanſou Antonio da Silveira atè q̃ là mandou Gaſpar de Souſa Capitão do meſmo baluarte, q̃ deſceo pelas roturas, & quebradas cõ ſettenta homẽs bẽ armados, & preſtes para tal acõmettimento, & q̃ hũs foſſem acõmetter as eſtancias dos Mouros, para q̃ em quanto eſtes deſſem, & entendeſſem cõ elles, outros à quem o cargo ia encõmendado viſſem bẽ o q̃ elles fazião, & ſe minavão, ou não. E q̃ nas coſtas deſtes ficaſſem outros preſtes para acudir de dentro da fortaleza. Deſcido Gaſpar de Souſa antemanhãa à eſte feito, os que levavão as bombas, & lanças de fogo tiverão cuidado de as logo pegarem nas ballas que os Mouros tinhão por repairo. Os quaes como gente confiada, q̃ os noſſos não ouſarião chegar à aquelle lugar, eſtavão tam deſcanſados, q̃ ſe vingarão os noſſos bem delles, matando, & ferindo, como ſe fora gado ſonorento. Neſte tẽpo aquelles à que foi dado cargo de verem a mina, avirão, & medirão quanto entrava pelo corpo do baluarte.

Dado cõ eſte alvoroço rebate nas outras eſtãcias dos Turcos, acordarão ao appellidar d'aquelles feridos, onde logo forão juntos mil & quinhentos delles, & ſeguirão à Gaſpar de Souſa, o qual vinha ja perto da bocca da cava, recolhendo os ſeus, & fazendo os andar. E porque vio dous homẽs à q̃ quis acodir, ficando elle ſò detras de todos, como ſempre fazia no recolher dos ſeus, foi acõmettido de grande numero de Turcos. E como elle era homem de grande animo, & primor, não querendo ſalvarſe apreſſando o paſſo, fez roſtro à elles com grande valentia, & aſsi os acõmetteo, que ſendo o lugar eſtreito, fez tornar atras aos que diante ião, atè vir ao largo com elles onde foi cercado de todos, & defendendoſe valeroſamente, foi deceppado das pernas, & aſsi ſe defendeo quãto lhe foi poſsivel, atè que com o muito ſangue que ſe lhe

ia,& multidão dos inimigos, foi derribado. Os Turcos lhe cortarão os pès,& mãos,& a cabeça posta em hũa comprida lança trouxerão com triunfo per todas as estancias, & o corpo lançarão na praia, onde despois foi achado, & conhecido enterrado com muitas lagrimas de todos, por sua grande bondade,& valentia. Recolhidos os que com Gaspar de Sousa forão,& sabido per Antonio da Silveira como a mina dos Turcos entrava ainda mais que ao meio do baluarte, mãdou com muita diligencia fazer hũa contra mina, cavando o entulho delle,& levantar a torre que fazia. E do baluarte deu a Capitania à Rodrigo de Proença, homem esforçado, & sofredor de trabalho.

Nestes mesmos dias os Turcos combatião outras partes, como forão a casa do Capitão, & estancia de Lopo de Sousa Coutinho. E como as paredes erão delgadas, com dez, ou doze tiros vierão ao chão; mas logo de dentro forão reformadas com outra parede mais grossa de muro terraplenado,& outros entulhos. E de tal maneira acõmetterão os Turcos a estancia de Francisco Henriquez, que era de muro delgado, que não ficou amea sobre ella, de maneira que não podião andar per elle de raso; mas logo reformarão os nossos outras dobradas em largura, em parte que quando os inimigos combatessem estes lugares, podião receber danno do baluarte do mar, em que estava Antonio de Susa, ao qual tambem combatião, & assi a torre de homenagem, que era do mesmo baluarte, onde todos, assi os de dentro, como os de fora, sempre recebião danno de homẽs mortos, & feridos. O que se enxergava mais nos nossos, que erão poucos, por os mais serem mortos,& feridos,& esses dos principaes em que consistia a defensão.

***

CAPI-



## CAPITVLO XIIII.

*Do ardil com que os Portugueses tratarão de impedir os combates que se davão ao baluarte, & do soccorro que o Visorrei mandou à Dio, & da confusão que causou aos Turcos.*

TENDO os assaltos,& combates que os Turcos davão à fortaleza tam continuos de dia, & de noute, sem intermissão algũa, estavão os Portugueses tam cansados,& desvelados, por não terem hora de repouso, que se não podião tèr em pè,& tinhão perdido muito de suas forças, se as do animo lhes não valerão. Porque como os inimigos erão muitos mil, & quando cansavão hũs, succedião outros em seu lugar, que estavão folgados, podião continuar os combates, sem o trabalho que os cercados padecião: os quaes erão tam poucos, que começando em seiscentos, vèo o numero diminuir-se tanto, por os mortos,& feridos, que era necessario aos mesmos pelejarẽ sempre em hũ tempo,& em todos lugares, & repairar o q̃ os Turcos derribavão,& assi não tinhão sossego de hũ momento. Polo q̃ para terẽ algũ repouso, inventarão hum ardil de guerra nunca visto, não para desalivarem de todo do trabalho, mas para o diminuirẽ em algũa parte, tomando por remedio o q̃ outros poderão tèr por danno. E o ardil era este. Ao pè do baluarte q̃ defendião no lugar dos atalhos, & quebras delle, se fazia hum terreiro, em que os Turcos se punhão, & pelejavão com os que estavão no baluarte. E para os nossos os desviar que não podessem vir à meude aos combater, como fazião, lançarão naquelle terreiro muita quantidade de lenha seca acesa, que com outra mais seca ião acrescentando, com que fizerão hũa grande fogueira, cujas brasas com ganchos,& instrumentos de ferro espalhavão per todo o campo do terreiro. Este fogo vèo à ser tam grande, que os inimigos não se podião chegar à elle, nem com grande parte desviados o sofrer. E os nossos mesmos, que entre o fogo, & o lugar onde estavão se não mettia mais que hũa parede, là sentião seu trabalho de excessiva quentura sobre a do Sol, que entam era mui grande. Mas tinhão nisto algũa

algũa maneira de deſcanſo do continuo trabalho. E ainda eſte lhe durou pouco: porque os inimigos vendo eſta invenção,perq̃ os noſſos lhes impedião chegar à elles, a bateria que ouverão de dar ao baluarte,davão aos tições, & braſido, que às bombardadas começarão de o desfazer, & esborralhar de maneira q̃ os mettião dentro do baluarte,de q̃ os noſſos recebião muito mao tratamento,não deixando toda via Rodrigo de Proença de acreſcentar o fogo cõ copia de lenha com que o ia cevando;mas foi ſem frutto, porque o fogo ſe afogou de todo,& os Turcos tornarão dar grande oppreſſão aos noſſos.

Aos xxvj.dias d'aquelle mes de Outubro, ſendo ja o fogo de todo acabado,hũa grande multidão de Turcos bem armados,cõmetterão a entrada do baluarte,lançando dentro muitas panellas de polvora,& artificios de fogo.Das quaes os noſſos ſe livrarão com mandar banhar a parte do eirado, q̃ elles occupavão de muita agoa,que mandavão acarretar,para que a polvora das panellas não tomaſſe fogo.Finalmente os Capitães das eſtancias ſaindo com os Turcos ao chão que ſobre os repairos ſe fazia,reſiſtirão de maneira ao furor,& impeto cõ que os Turcos os cõmetterão,que deſpois de hũa grande, & bem perfiada peleja os empuxarão,& lançarão do lugar. Dos quaes forão mortos quarenta, & feridos grande numero, & dos noſſos mortos quatro, & feridos vinte cinco, entre os quaes Franciſco de Gouvea ſaio queimado de pès,& mãos,& roſtro,que ſe não conhecia,& feridos Manoel de Vaſconcellos de duas frechadas pelo roſtro, & Duarte Mendez em hũa perna,os quaes naquelle combate moſtrarão bem ſeu esforço,& outros homẽs honrados,que poſto que mal feridos,não deixarão de pelejar,& trabalhar como os mais ſãos.

Ao dia ſeguinte,que forão xxvij.do mes,ante manhãa entrarão pela barra quatro catùres, que o Viſorei Dom Garcia mandara de Goa para favorecer a gente, de que erão Capitães Gonçalo Vàz Coutinho,Martim Vàz Pacheco,com Gabriel Pacheco ſeu primo,Antonio Mendez de Vaſconcellos, & Franciſco Mendez de Vaſconcellos, & com elles vinte oito homẽs,taes quaes avia meſter aquelle acõmettimento. E poſto que não trazião polvora, que era a couſa de que na fortaleza mais falta avia, nem outras munições, por ſerem conhecidos em ſuas obras, alegrarão à todos. E por a entrada deſtes catùres ſer às duas horas deſpois da meia noute,

uſou



uſou Antonio da Silveira de cautela,que por os inimigos não ſaberem quam poucos erão,porque per hi poderião collegir a gente que entrava,mandou que logo antes de amanhecer ſe tornaſſem â ſair. Os Turcos por o luar que fazia ouverão ſentimento dos catùres,ainda que não viſta do numero delles.E ouvindo a feſta que ia na fortaleza,julgavão que lhe viria grã de ſoccorro,a qual ſuſpeita fez nelles grande alteração, poſto que Coge Sofar, & os ſeus lhes moſtravão fazer pouco caſo da gente da fortaleza.Porque lançavão conta que ao tempo da chegada de Soleimão Baxia,era ſabido não aver nella mais de ſeiſcentos homẽs de peleja, que com o longo cerco eſtavão canſados,& em numero muitos menos, por nos combates ſerem muitos mortos,& feridos,ſem lhes tèr vindo ſoccorro mais que aquelle,que era de crèr ſeria de pouca gẽte, pois os navios erão ſòmẽte de remo.E que a artelharia que tinhão era pouca, & deſſa lhe arrebentara algũa, por à principio os vião tirar mais que ao preſente.

O que tambem fazia confuſão à Soleimão Baxia, era ver que elle tinha perdida muita gente,& de quantas vezes acõmetterão a fortaleza,ſempre forão lançados dos combates cõ muito danno ſeu. E que mão por mão hum dos Portugueſes era para dez dos ſeus Turcos. Tãbẽ começou tomar deſgoſto de Coge Sofar,porque fora cauſa de elle quebrar a furia, & força de ſua armada em cercar aquella fortaleza, fazendolhe crèr que em dous combates à levaria nas mãos,& deſpois iria à pelejar cõ noſſa armada;o que elle tudo vira ao contrario. E que em ſeguir o conſelho de Coge Sofar, eſtava dando tempo à que o Viſorei vieſſe mais poderoſo contra elle, polo que lhe dizião da grande armada que ajuntava. A iſto ſe chegava, ſegundo ſe tinha por certo,q̃ o regimento que trazia do Turco ſeu Senhor,era quebrar as forças do mar aos Portugueſes, por tèr ſabido que eſtas lhes tinhão dado ſerem Senhores da India: & que o modo que elles tiverão para a ſenhorear, eſſe lhe cõvinha à elle tèr. Eſta indignação que trazia vèo à quebrar na cabeça de Antonio Falleiro, o qual ſendo perguntado por Soleimão Baxia, quando tomou a villa dos Rumes, quanto poderia tardar o ſoccorro do Viſorei com ſua armada, porque lhe diſſe que não poderia paſſar de certo termo per razões que deu,& não ſuccedeo aſsi, lhe mandou cortar a cabeça.

## CAPITVLO XV.

*Dos aſſaltos que os Turcos derão ao baluarte do mar, & ao dos combates: & refere ſe hum caſo de hum eſforçado ſoldado.*

AVião per aquelles dias os Turcos batido o baluarte do mar, & aberto nelle grande caminho para ſer acõmettido da gente. Polo que à terça feira ſeguinte, que forão vinte nove do mes, forão juntas cinquoenta barcas das galès, & galeões que na armada vinhão, & embarcados nellas ſettecẽtos homẽs, & Mahamud Queuan Bec por Capitão delles. E em rõpendo a manhãa à ſom de muitos claroes o forão acõmetter. E antes de chegarem ao baluarte, os noſſos lhes tirarão da fortaleza certos tiros, com que lhe metterão no fundo duas barcas. E ſaindo das outras a gente de que o deſembarcadouro era capaz, acõmetterão a ſubida, que ja lhes era facil. Ao q̃ os que nas barcas ficavão ajudavão, defendendo com ſeus arcos, & eſpingardas apparecer ninguem nos repairos. Subindo aſsi os inimigos, Antonio de Souſa, & os companheiros os vierão receber, lançando nelles muitos artificios de fogo, & apôs iſſo pondolhes as lanças, os fizerão deſcer, em que lhes peſou, matando algũs delles. E ſendo feridos pelos das barcas tres, ou quatro dos do baluarte, cuidando os inimigos que era maior o danno, tornarão à ſubir, & inſiſtir na entrada: o que tam rijo lhes foi reſiſtido, que em fim mui de preſſa tornarão à ſe deſcer, & embarcandoſe ſe tornarão. E pratticando entre ſi que fora afronta para elles deſiſtirem do que acõmetterão, ſendo tam poucos os que lhe reſiſtião, derão todos volta, & tornarão à combater o baluarte. Antonio de Souſa, & os que nelle eſtavão vendo a volta dos Turcos, deràoſe por perdidos, & como taes determinarão de vender as vidas. E antes q̃ os inimigos deſembarcaſſem, ja erão com elles, fazendolhes tal reſiſtencia, que poucos puderão deſembarcar. E aſsi por a preſſa que Antonio de Souſa, & os ſeus lhes davão, como por ſerem varejados da fortaleza, cheos de medo, & de vergonha ſe tornarão à embarcar, levando muitas apupadas dos da fortaleza. Vendo Queuan Bec, que era Capitão mui eſforçado, o pouco que tinhão feito naquelles dous acõmettimentos, & quanto lhes tinha cuſtado, os fez tornar, & pôndoſe elle na dianteira em chegando ao baluarte, foi ferido mortalmente de hum berço, de que ao outro dia morreo. E de outros tiros de bombardas forão as barcas arrombadas, perque com dobrada vergonha ſe tornarão, deixando quarenta mortos, & levando muito numero de feridos. Dos do baluarte morrerão dous, & forão feridos cinco. Das barcas que a noſſa artelharia arrõbou, como a marè entam vazava, forão pela agoa algũs Turcos, q̃ as outras ſuas barcas não puderão tomar, aos quaes Antonio da Silveira mandou hũa almadia, & em ella algũs homẽs, para que os trouxeſſem: mas elles eſcandalizados dos males que dos ſeus tinhão recebidos, os matavão, & à poder de brados, que do baluarte da barra lhe davão, trouxerão ſòs dous vivos.

Os feridos noſſos mandou Antonio de Souſa à fortaleza, para ſe curarem, entre os quaes vinha hum Fernão Penteado, homẽ mancebo mui eſforçado, natural da Covilhãa, mui mal ferido na cabeça de hũa racha de pedra de bombarda. E porque ao tempo que eſtes feridos vierão, os Turcos afrontados de aſsi ſerem mal tratados dos noſſos aquella manhãa no baluarte do mar, querendo logo vingarſe, cõmetterão o baluarte dos combates, & aſsi apertavão como quem queria cobrar o perdido. Durando a peleja, aconteceo à Fernão Penteado, de que atras fallamos, hum caſo que he para lembrar: & foi, que chegando ao cirurgião que o curaſſe da ferida q̃ diſſemos, achouo occupado na cura d'outro ferido, dos q̃ do cõbate vinhão, & ao redor de ſi tinha outros dez, ou doze eſperando por vez para ſerem curados: & ouvindo Fernão Penteado os gritos, & eſtrondo que o combate cauſava, não lhe ſofrendo o coração não acudir là, & acharſe preſente, não eſperãdo ſer curado, diſſe ao cirurgião, que curaſſe outro, & correndo como pode ſe foi ao combate, & envolvendoſe na peleja, que foi mui brava, ouve outra grande ferida tambem na cabeça, & apertado aſsi de duas, tornou ao cirurgião, ao qual achou muito mais occupado. E como à aquelle tẽpo os Turcos apertaſſem muito os noſſos, & elles com dobrado eſforço, & fervor lhes reſiſtiſſem, ouviaſſe fora hum horrendo eſtrondo, & concorrencia de vozes: o que ſentindo Fernão Pẽteado, deixando o que compria à ſua ſaude, & vida, parecendolhe

*Lopo de Souſa Coutinho.*

dolhe que lâ acquietaria mais seu espirito, tornou à peleja, não como ferido, mas com novas forças, & espiritos, onde recebeo outra ferida de hum pique que lhe encravou o braço dereito, & entam impedido delle, se vèo curar de todas tres, dando mostra de seu grande animo, & valentia, das quaes sendo todas mui perigosas escapou. Durou aquelle combate hũ bom espaço, em que dos nossos morrerão tres, & forão feridos muitos. Dos Turcos morrerão mais de vinte, & forão feridos mais de cento. A este tempo se achavão dos nossos para pelejar dozentos & cinquoenta homẽs, pouco mais, ou menos, & desses muitos feridos, & os mais erão mortos; avia mais settenta homẽs que em nenhũa maneira podião tomar armas. E dos inimigos (segundo se soube per tormento dos dous Turcos que se tomarão das barcas) erão mortos à aquelle tempo mais de oitocentos, & estavão feridos mais de mil.

## CAPITVLO. XVI.

*Do grande assalto que os Turcos derão à fortaleza com quatorze mil homẽs de peleja, & do grande aperto em que a poserão, com morte de muitos dos nossos.*

*Lopo de Sousa Coutinho.*

*Este assalto que foi o ultimo que os Turcos derão à fortaleza, não estava escritto nos quadernos de Ioão de Barros, nos quaes avia duas folhas em branco para se escrever.*

VENDO os Turcos que nos passados combates não tinhão aproveitado mais que gastarem o tempo, & diminuirem suas forças, & temendose do soccorro que os nossos esperavão do Visorei, quiserão dar hum assalto com toda a sua gente, & averigoarem de hũa vez o que podião fazer contra os Portugueses, & não iremse desfazendo pouco & pouco, como a experiencia lhes mostrava. Para isto determinarão de usar de manha, fingindo que se querião ir, & deixar Dio, para tornarem com granpe poder, & tomarem a fortaleza de improviso. E quando vèo ao outro dia, que forão trinta de Outubro, não curarão de continuar a peleja cõ os nossos, sòmente tirarão algũs tiros aos muros, como sempre fazião, com que de todo tinhão roto o repairo do baluarte, & desfeitas as casas do Capitão, & parte das de Lopo de Sousa Coutinho. Mas aquelle dia à tarde para maior dissimulação fairão de suas estancias à vista da fortaleza mais de mil homẽs com sua bandeira, & passando pela villa dos Rumes se vierão pela praia



praia embarcar na armada, que estava à aquella parte, para q̃ os nossos cuidassem, que levantavão o cerco, & fizerãose logo à vella dozẽ galès, & forão na volta do mar, para q̃ os nossos mais se descuidassem. Mas Antonio da Silveira, que por seu entẽdimẽto, & grãde providẽcia antevèo o engano, núca se tãto temeo como entam, & com muita diligencia proveo todo o necessario para resistir à todos engenhos, & machinas com q̃ os inimigos o podião acõmetter. E andando vigiando tudo o que compria, quando acabava a segunda vigia, em que à Lũa ja era posta, hũa das vigias que no baluarte dos combates vigiava, disse sentir ao pè do mesmo baluarte, & per outros lugares gente que com muito silencio movia madeira. Para o que Antonio da Silveira mandou que deitassem hũa panella de polvora, & vissem o que era. Cõ a claridade que a polvora fez, se viráo muitas escadas que os inimigos punhão nos lugares onde avião de servir. O Capitão vendo tanto numero de escadas, creo que por suas casas, & pela estancia de Lopo de Sousa querião os inimigos acõmetter, porque hũas, & outras estavão batidas. E para que elles não podessem arvorar as escadas, mandou que nenhũ espingardeiro fizesse tiro, senão aos inimigos que viessem pegar dellas. E que os das lanças, & outras armas se oppossessem aos portaes & roturas das paredes batidas.

Os Turcos que de dia na vista de todos se embarcarão, como foi noute desembarcarão todos, & se vierão para as estancias onde os Mouros estavão, & juntamente os mais dos Capitães de toda a armada. E sendo postos em ordem por Iuçuf Hamed Capitão do mar, & por Barharan Bec, homẽs esforçados, & pratticos na guerra, quando começou a manhãa se apresentarão ante a fortaleza em tres batalhas de mui luzida gente, em que averia quatro mil homẽs. Tras estes estavão dez mil, das companhias de Aluchan, & de Coge Sofar, derramados, que com innumeraveis tiros esperavão o assalto. Antes de outra cousa despararão toda a sua artelharia nos lugares per onde esperavão entrar, & cessando as bombardas, a primeira d'aquellas tres batalhas, seguindo hũa bandeira vermelha, à som de muitos atambores, & clarões, rompendo o ar com gritos, arremetterão hũs ao baluarte, & os outros às escadas, que tentarão levantar pelas casas do Capitão. Mas como os nossos estavão de aviso para sò nellas empregarẽ seus tiros,

„ tiros,& nos que dellas ſe quiſeſſem aproveitar, deſparavão,
„ & tratavão os inimigos de maneira que quantos à ellas vie-
„ rão cairão mortos,ou gravemẽte feridos, ſem algũtiro ſe per-
„ der:porque como o lugar era pequeno para tamanho corpo
„ de gente,não ficava tiro algum em vão. Polo que morrendo
„ quantos nas eſcadas ſe occupavão, ſe ajuntarão todos em hũ
„ corpo para a entrada do baluarte,o que aos noſſos foi menos
„ trabalhoſo por ſe não dividir o combate,ſendo elles tam pou
„ cos.Naquelle inſtante,aſsi a gente das batalhas, como os de
„ Coge Sofar,começarão à deſparar innumeravel copia de ti-
„ ros de eſpingardas,& de frechas,com que ſe cobria o àr,& fa-
„ zia hum horrendo eſpectaculo,por ſer a gente tanta, & junta
„ em pequeno eſpaço. Os noſſos da outra parte com muitos ar
„ tificios de fogo,& panellas de polvora, que lançavão em lu-
„ gar tam cheo de gente,cauſavão, que de hũa parte, & outra,
„ ouveſſe hum immenſo eſtrondo, & confuſão de vozes, gri-
„ tando hũs que morrião, & outros incitando que mataſ-
„ ſem,hũs atraveſſados das frechas dos arcos,& pelouros das eſ-
„ pingardas,& outros apparecendo queimados feitos braſa, &
„ em tudo brados,& gemidos,& varias imagẽes de morte. No
„ meſmo tempo vierão quatorze galès Reaes,& baſtardas che
„ gandoſe à eſtacada,& deſcarregarão muitas vezes ſua artelha
„ ria na fortaleza,mas ſem effeito algum, das quaes Franciſco
„ de Gouvea de algũas bombardadas que do ſeu baluarte da
„ barra lhe tirou, deſapparelhou duas, matandolhe algũa gẽ-
„ te,& as fez afaſtar.E ſendo ja dos Turcos mais de dozẽtos en-
„ cima do baluarte com ſua bandeira levantada, ſe ajuntarão
„ dos noſſos vinte cinco, ou trinta homẽs na praça que ja
„ diſſemos que ſe fazia ſobre o repairo do baluarte,às lançadas,
„ & com artificios de fogo,matando muitos,& com elles o Al-
„ ferez,os fizerão perder o que tinhão ganhado, & com iſto ſe
„ reforçou a peleja, & ſe foi embravecendo mais. Achandoſe
„ em ella Martim Vàz Pacheco cavalleiro mui esforçado, que
„ com muito animo ſoſtinha o impeto dos inimigos, & tendo
„ mortos muitos delles,foi ferido de hum pique por baxo da fal
„ dra do coſſolete,de que caio logo morto.O que vẽdo Gabriel
„ Pacheco ſeu primo,& grande amigo,que nunca ſe delle apar-
„ tava,que era hum mancebo mui esforçado,& de grandes eſ-
„ peranças,movido de grande dor,& deſejos de vingar ſua mor
„ te,ferindo,& matando nos inimigos,foi ferido de duas gran-
des



des feridas no roſtro com que dobrou o pelejar: & ſendolhe „
ditto per hum da companhia que ſe foſſe curar,& não quiſeſ- „
ſe que ſeu esforço, & mocidade ſe perdeſſe tam em breve, „
reſpondeo,que pois ſeu primo, & grande amigo era morto, „
a vida lhe não ſervia ja de nada,& perſeverando na peleja foi „
ferido na cabeça de hũa eſpingardada,de que caio logo mor- „
to ſobre o corpo de ſeu primo,dando em idade de poucos an- „
nos grande exemplo de esforço,& de amizade.Durando eſta „
revolta,do baluarte do mar,& da torre de S.Thomè deſpara- „
rão algũs tiros de camelettes,que como por a multidão da gẽ „
te junta, & apinhoada não podião dar em vão, lhes fizerão „
grande danno. Eſtando pois os Turcos neſta contenda de „
entrar,& os noſſos de lho defender,hum homem que eſtava „
mettido em hũa raſgadura do repairo tirando com hũa eſpin „
garda,& aquella deſcarregada, dandolhe outra, matou mui- „
tos ſem perder tiro,& de hum matou o ſegundo Alferez, que „
ao primeiro ſuccedeo. „
Sendo deſta primeira batalha mortos os melhores, & mui „
tos feridos,começarão os noſſos à apertalos muito. Os da ſe- „
gunda batalha,em que vinhão homẽs eſcolhidos,vendo eſta „
quebra,fizerão afaſtar os primeiros,& ſubirão ao baluarte cõ „
quatro bandeiras que levantarão,& com grande furia aperta „
vão aos noſſos,q̃ lhe arremeſavão,muitos zargũchos,pedras, „
& artificios de fogo, & os de fora infinito numero de eſpin- „
gardadas,& frechadas,com que as lanças,& as mãos dos noſ- „
ſos que as tinhão, & as rodellas, & os roſtros encravavão. „
Muitos dos noſſos feridos,& com ſuas faces cheas de ſangue „
deſcião do muro,& lugares da peleja à curarſe. Outros abraſa „
dos,& queimados do fogo da polvora,com o deſaſſeſſego das „
dores,corrião como furioſos,de que algũs que em lugares da „
fortaleza acharão tinas d'agoa ſalgada,ſe mettião nellas, cui- „
dando de mitigar aquelles ardores cõ a frialdade d'agoa, mas „
como era ſalgada lhes acreſcentava mais a dor, & alli expira- „
vão.O Capitão Antonio da Silveira,que em ſeu animo pade „
cia o mal de todos, não aſſeſſegava, & esforçando à hũs, & „
exhortando à outros, & conſolando à todos, & provendo à „
todos os lugares,mandava aos eſpingardeiros que continuaſ- „
ſem em ſeus tiros,porque em todo lugar podião os inimigos „
ſer feridos.O que bem guardou hum,que tendo deitada a pol „
vora na eſpingarda, não achando pelouro, com o fervor da „
peleja

peleja,lançou mão à hũ dente(que per ventura teria abalado)
& arrancádo o atacou à eſpingarda com elle,& atirou aos ini
migos. Eſta ſegũda batalha tinha ganhado mais que a primei
ra,poſto que tinha ante ſi mui eſforçados cavalleiros, entre
os quaes ſe acharão Antonio Mendez de Vaſconcellos, Gon
çalo Vàz Coutinho,Manoel de Vaſconcellos, Cide de Sou-
ſa,Franciſco de Gouvea, que deſpois de fazer afaſtar do ba-
luarte as galès ſe vèo ao combate, Rodrigo de Proença Capi-
tão do meſmo baluarte,Duarte Mendez,Simão Furtado,Ro
drigo Alvarez,Manoel Moreno, Franciſco Mendez de Vaſ-
cõcellos, Lançarote Pereira, Antonio Coelho, Lourenço de
Mello, Antonio Foreiro, Paio Rodriguez de Araujo, Manoel
de Aguiar, Bartholomeu Freire, Diogo da Silva Almoxarife,
Bartholomeu Correa, Manoel Rodriguez, Gil Thomè, Fran
ciſco Serrão, Franciſco Enriquez Teſoureiro, & outros mui
valentes homẽs: os quaes como trabalhaſſem por ſoſtèr o pe-
ſo de tantos inimigos, Rodrigo de Proença cavalleiro mui eſ-
forçado, q̃ alli tinha pelejado mui valentemẽte, & tinha mor-
tos muitos per ſuas mãos, tirando a viſta à hũ elmette q̃ tinha
na cabeça, lhe deu hũa frecha pelos olhos, q̃ voltando ao ce
rebro, o matou, q̃ todos ſentirão muito por perder tal homẽ
em tal tẽpo. No meſmo lugar Antonio de Vaſconcellos ſen-
do ferido de duas feridas, de q̃ hũa era mortal, não ceſſando de
pelejar, ſobre ellas foi ferido de hũ tiro de berço pelo ombro
eſquerdo, & paſſado da outra parte, de que neſſe dia morreo.
E aſsi morrerão, & forão feridos outros muitos. Durando a fu
ria deſta peleja, hũ Ioão Rodriguez mancebo valẽte natural
das Ilhas, trazendo às coſtas hũa jarra de polvora tapada, em q̃
averia hũa arroba, q̃ para aquelle effeito tinha guardada, ſegũ
do a falta avia della, ſubindo ao baluarte, & fazẽdo afaſtar
os q̃ defendião a entrada aos Turcos, lhes diſſe, q̃ o deixaſſem
paſſar, q̃ à ſeus ombros levava a morte para ſi, & para os con-
trarios. E rõpendo per entre elles arremetteo aos Turcos, &
ajudandoſe das mãos, lançou a jarra entre elles, & com muita
preſteza ſe recolheo entre os noſſos. A jarra poſto q̃ mui rija
era, como caio em pedras quebrou, & tomou fogo a polvora,
com q̃ levou pelos ares mais de vinte Turcos feitos braſas, &
chamuſcou outros muitos. O q̃ ſendo favorecido dos noſſos
cõ outros artificios de fogo, & panellas de polvora, dãdo o fo
go nos alferezes, arderão elles, & as bãdeiras, & dãdo os noſſos

às



às trõbettas, & nomeando vittoria, & ferindo, & matãdo nel-
les, os forão empuxando. Os eſpingardeiros Portugueſes não
ceſſavão de mui à preſſa deſparar ẽ ſeus tiros, de q̃ nenhũ fica-
va em vão. A aq̃lle meſmo tẽpo o baluarte do mar deſparou
hũa bõbarda, q̃ dãdo o pelouro ao pè do baluarte, em q̃ o cõba
te ſe dava, como tudo o em q̃ deu foſſe gẽte, matou, & deſpeda
çou muitos. Não tardou outro tiro q̃ diſparou do baluarte de
S. Thomè, q̃ dando o pelouro no meſmo lugar, fez outro tãto
dãno, per q̃ a furia dos Turcos começou à remittirſe. E como
os noſſos de cima trataſſem da meſma maneira aos q̃ debaxo
pelejavão, lhes derribarão outras duas bandeiras q̃ ficavão, &
aos Alferezes que as tinhão, começarão à levalos de vencida.

A terceira batalha vendo o fim que ouvera a ſegunda, fa-
zendo apartar os feridos, & canſados, com novas bandeiras,
ſe poſerão no lugar delles. Mas como eſtavão à viſta do que
os noſſos fizerão d'aquellas duas batalhas, que tam animoſa-
mente pelejarão, parecia q̃ o não fazião com tanto calor. An-
dava entre elles no mais aſpero da peleja ferindo com grande
eſforço, & incitando os ſeus à outro tanto Carahacen genro
de Coge Sofar, q̃ dezião ſer Ianiçaro de nação, ao qual por
ſer differente dos outros, aſsi na diſpoſição, & eſforço, como
nas ricas armas q̃ trazia, lhe foi deitada hũa grande panella de
polvora, que dando nelle o abraſou, queimandolhe o roſtro,
pernas, & braços, o qual com grandes gritos ſe ſaio, ficando
todo feo, & aleijado, do q̃ ſe elle deſpois gloriava. Com a falta
deſte homem, q̃ era cabeça d'aquella batalha, afloxarão mui-
to os inimigos, poſto que entre elles avia outros muito eſfor-
çados. Os noſſos avendo tanto tempo que com ſeus desfalle-
cidos, & feridos corpos ſoſtinhão o peſo da peleja, cobrando
novos eſpiritos, & renovando a peleja, fizerão aos Turcos
deſcerem do baluarte, & volver as coſtas retirandoſe, & dei-
xar o que tinhão acquirido, com morte de tantos bõos caval
leiros ſeus, & noſſos. Durou eſte grande, & perfiado combate
mais de quatro horas, ſem os Portugueſes tomarem folego,
porque ſempre pelejavão os meſmos, o que não era nos ini-
migos, que por ſerem tantos ſe renovavão.

Lançados aſsi os Turcos do baluarte, ſe forão às ſuas eſ-
tancias com grande ſilencio, como acontece aos que receбe-
rão algum grande mal, deixando tinto de ſangue todo o
ſitio que pelejando occupavão, & dos ſeus mortos naquelle

combate

„ combate mais de quinhentos dos mais esfor çados , & levan-
„ do feridos mais de mil. Este combate por ser o que mais espa
„ ço durou, & dado per tantos mil homẽs juntos em hum cor-
„ po, foi o que chegou aos nossos ao ultimo da afflição , & des-
„ troição total, se Deos lhes não valera. Porque nelle forão mor
„ tos dos nossos quatorze homẽs esforçados, & feridos mais de
„ dozentos de crueis feridas: polo que não ficavão mais que
„ quarenta homẽs para poderem pelejar. Passado o meio dia, co
„ meçarão os Turcos de recolherse às galès, levando a artelha-
„ ria meuda, que com menos abalo seu, & sem vista dos nossos
„ podião levar, esperando por a noute para recolherẽ a grossa. E
„ para mais facilidade de a embarcarẽ, chegarãose as galès mais
„ à villa dos Rumes do que estavão, & por encobrirem sua de-
„ terminação, não deixou por isso sua artelharia de tirar à forta-
„ leza, como fazião de antes.

## CAPITVLO. XVII.

*Do que o Capitão Antonio da Silveira fez quando os Turcos cessarão dos combates, & das causas per que tam de subito levantarão o cerco.*

*Lopo de Sousa Coutinho.*

„ AO tempo que os Turcos se retirarão, & desistirão de seus combates, estava a fortaleza no mais
„ infelice, & miseravel estado que podia ser: porque da gente que a defendia grande parte era
„ morta, & toda a mais ferida, sos ficavão quaren
„ ta homẽs (como dissemos) que podião tomar armas. As muni
„ ções erão todas desfeitas. A polvora de bombarda, em que
„ consistia a principal defensão era acabada, & as vasilhas della
„ varridas. Da de espingarda não avia mais que a que cada es-
„ pingardeiro trazia em seu frasco mal cheo. As lanças erão to-
„ das quebradas, que não servião se não para bordões, em que
„ se arrimavão os feridos, & aleijados. Ver o edificio da forta-
„ leza era hum triste, & medonho espectaculo: porque pela par
„ te de fora da continua bateria estava toda arruinada, & pela
„ de dentro, com a necessidade que avia de pedra para os repai-
„ ros que continuo fazião os nossos, desfizerão muitas casas, &
„ paredes, & parecião ruinas de casas que com algum terremo-
„ to cairão. Em nenhũa cousa punhão aquelles cercados os olhos,



„ olhos, de que pudessem esperar remedio, nem defensão, se
„ não no invencivel animo de seu Capitão Antonio da Silvei-
„ ra: o qual tanta seguridade mostrava em seu rostro, & assi es-
„ forçava à todos, que lhes dava esperança, não sòmente de se
„ defenderem com aquelle pouco, mas de offenderem aos ini-
„ migos, & com tanta confiança o affirmava, que parecia não
„ faltar cousa algũa das necessarias, & que tudo se reformara.
„ Mas elle consigo de nenhũa maneira se assegurou na desisten
„ cia que os Turcos fizerão de seus costumados combates, &
„ de mostrarem que se embarcavão. Porque tinha para si, que
„ era outro tal estratagema, & ardil, como o do dia atras passa-
„ do. Polo que com muita vigilancia mandou prover esse pou-
„ co que avia, esperando ser combatido. E vendo que na casa
„ da polvora não avia algũa, mandou descarregar certas bom-
„ bardas que estavão carregadas, & esta polvora repartio per
„ certas panellas que se buscarão; porque tambem isso era aca-
„ bado nos combates. Os lugares que estavão fracos fez repai-
„ rar, & ajuntar nelles muita pedra solta para arremessar. Pe-
„ los muros mandou pôr os poucos espingardeiros que a-
„ via em seus lugares. E para que parecessem mais dos que
„ erão, vierão aos muros muitos dos feridos que podião an-
„ dar, & se punhão entre os sãos, para fazer volume, & gen-
„ te. E muitos dos que em cama estavão, se mandavão levar
„ aos muros, parecendolhes que acabavão mais honradamen-
„ te, morrendo no lugar, onde ouverão de morrer sendo sãos.
„ Com este pequeno apparato estava o Capitão esperando o
„ successo que Deos ordenasse. A gente estava tam leda em
„ seu aspecto, como quem do estado em que estava espe-
„ rava em breve glorioso fim, ou morte santa, & honrada,
„ que como caliz de sua ultima determinação tinhão bebido.
„ O que não sòmente mostravão os homẽs, mas as molheres,
„ que para tal empresa dizem que algũas se armarão. Aquella
„ noute para que a gente estivesse vigilante, & não se descui-
„ dassem algum momento, mandou o Capitão dar algũs reba-
„ tes falsos em que se vio o que farião quando de verdade vis-
„ sem os inimigos consigo.
„ Polo contrario nos Turcos começou à crescer novo re-
„ ceo. Porq̃ como no combate passado, onde merterão o resto
„ de tudo o que podião, lhe succedeo tam mal, morrendo tãtos
„ homẽs da flor da sua gente, & ficãdo todos os outros feridos,

„ lhes pareceo que devião mudar o conselho, & tornaremse pa
„ ra suas terras. Isto não foi medo que inconsideradamente to-
„ marão Soleimão Baxia, & os seus; mas discursos que fizerão,
„ & cousas que concorrerão, perque vierão entender que lhes
„ compria assi. Porque como se elles forão fazendo tantos me-
„ nos, & as munições, & os mantimẽtos lhesião faltando, com
„ que os da terra ja lhe acodião de mà vontade, não se fiava o
„ Baxia do Aluchan, de Coge Sofar, & dos Guzarates que ti-
„ nha armados comsigo, & em cuja terra estava, & que sabia
„ lhe não terem sãa vontade, receava que vendo sua fraqueza
„ emprenderião contra elle algũa novidade. Isto nasceo da so-
berba de Soleimão, & dos seus, que logo na entrada tratarão
tam mal à Aluchan (como temos ditto) perque se vèo au-
sentar delles. Chegouse à isto saberse por as sellas que se lhe
perderão em Madrefabat, & por os selleiros que trazião, ser
sua determinação (como dissemos) per terra conquistarem
o Reino de Cambaia. O que se mais entendeo, por mandar
Soleimão Baxia, quando logo vèo, hum seu Faratebec por
Embaxador à el Rei de Cambaia, & à seus Governadores,
noteficandolhes sua vinda, que dizia ser à fim de vingar a
morte de Soltam Badur, & encarregar à este seu enviado
que lhe comprasse em Abmadabad os mais cavallos que po-
desse. O que sentindo os Governadores, o detiverão quaren-
ta, ou cinquoenta dias, sem lhe dar lugar que fallasse à el Rei,
nem licença para comprar cavallo algum, antes se defendeo,
que ninguem lhos vendesse, avendo muitos na cidade. E por
as novas q̃ Aluchan, & Coge Sofar escrevião à el Rei, & aos
Governadores, do q̃ sentião da tenção de Soleimão, lhes res-
põderão, q̃ se a fortaleza de Dio se podesse tomar da mão dos
Portugueses, para ficar cõ el Rei de Cambaia, q̃ trabalhassem
nisso; mas não para ficar em poder dos Turcos: porque antes
querião nossa sojeição que a soberba delles. Coge Sofar per
outra parte que de Soleimão andava mui escandalizado, ain-
da que o dissimulava, por o pouco respeito com que o chama
va, & mandava como hũ seu escravo, determinava de o não
deixar sem algũa vingança, a qual Deos permittio que elle
intentasse para a fortaleza se não acabar de perder.

Avia naquelles dias proximos, q̃ em Chaul esta va parte
da armada q̃ de Goa vinha em soccorro de Dio, & erão as vel-
las que atras dissemos que Nuno da Cunha mandara per
Martim



Martim Afonso de Mello. E vendo Coge Sofar naquelle
dia do grande assalto, & ultimo combate, que dando outro
segundo combate, estando a fortaleza desfeita como estava,
sem duvida seria entrada, & sabendo o temor que ja So-
leimão tinha, com grande pressa mandou per terra hum seu
criado, de que muito fiava à Madrefabat, dandolhe hũa
carta, a qual elle fingia que lhe escrevia Cide Acut seu Capi-
tão que tinha em Surat. E nella se continha, que à aquelle
porto erão chegados trinta navios da nossa armada que fi-
cava em Baçaim, que era de cento & cinquoenta vellas,
em que vinhão seis mil soldados, & que mandava o Viso-
rei aquellas diante em soccorro à fortaleza de Dio, que lhe
fazia à saber esta nova por o muito que lhe importava. A
este seu criado mandou Coge Sofar, que em Madrefabat
tomasse hũa galvetta, que he hum barco mui leve, & se
metteſse pelo meio da armada dos Tureos, & se o tomassem,
disseſse como era seu, & vinha de Surat com aquella carta
de Cide Acut seu Capitão para elle. Este criado vèo na gal-
veta, & tanto que foi no porto de Dio, os Turcos o toma-
rão, & levarão ao Baxia, o qual sabendo que trazia recado
à Coge Sofar, o mandou chamar, appresentandolhe o cria-
do, que lhe deu a carta. Coge Sofar à leô entre si, & no fim
della se mostrou triste, & deu conta ao Baxia do que lhe
seu Capitão escrevia, por o muito que importava saber a-
quella nova para se aperceber. Soleimão como era sabedor
dissimulou a nova, & para fazer o que esperava, espedio à
Coge Sofar, & aquella noute fez grande matinada, dando
à entender, qne era para ao outro dia dar combate. E para se
Soleimão mais apressar em sua partida, acertou de ouvir mui-
tos tiros de bombarda, que se tiravão em Madrefabat, que
erão de certas fustas que o Visorei Dom Garcia mandara per
Antonio da Silva, para de longe com ellas favorecer nossa for
taleza, & crèrem os Turcos, que tras ellas vinha a armada do
Visorei. Com isto ficou tam acreditada a carta de Coge Sofar,
q̃ pareceo à Soleimão que pela manhãa seria a armada com
elle. Polo que cõ grande pressa recolheo aquella noute a mais
artelharia que pode, & a outra entregou à Coge Sofar, & jun
tamẽte as estancias, em q̃ lhe mandou q̃ posesse sua gente, pa-
ra q̃ a sua ida se não sentisse, & os nossos lha não impedis-
sem, como quẽ ignorava o q̃ na fortaleza passava, & as faltas

que nella avia de tudo. De maneira que ja ſe temião os Turcos de os noſſos os cõmetterem. Tantas ſão as mudanças que ha nas couſas humanas.

Lopo de Souſa Coutinho. „ Ao outro dia, que era dia da feſta de todos os Santos, que „ os noſſos eſperavão foſſe o derradeiro de ſua vida, & em que „ com morte honroſa darião fim à ſeus trabalhos, eſtando com „ as armas preſtes para o que vieſſe, lhes amanheceo hũa bem „ aſſombrada, & quieta manhãa, ſem as coſtumadas alvoradas de tanta artelharia, de que perpetuamente erão perſeguidos, & ſem verem nenhũa da inimiga gente de que eſtavão cercados, que parecia couſa de encantamento, & que os noſſos cuidavão que era ſonho em que eſtavão. Os inimigos no meſmo dia, eſtando ao longo da praia meia legoa da fortaleza, com outros ſeis dias ſeguintes que mais eſtiverão, fizerão ſua agoada, & tomarão o neceſſario para ſua viagem, que os naturaes da terra, vendoos deſtroçados, ao coſtume do Mundo, lhes impedião, matandoſe algũs de hũa parte, & outra.

„ Neſtes dias não ſe deſcuidava Antonio da Silveira, nem „ dormia, antes como ſe as moſtras dos Turcos foſſem falſas fazia officio de Capitão vigilante, repairando os lugares rotos, „ & levantando mais a torre que detras do baluarte fizera, & „ ajuntando muita pedra para novos repairos, ſe neceſſarios „ foſſem. E no meſmo dia de todos os Santos à tarde, em que „ claro ſe vio a ida dos Turcos, & como a gente de Coge Sofar „ occupava o lugar que elles deixarão, mandou o Capitão dar „ algũs rebates, não tanto por o danno que lhes podia fazer, como porque os Mouros não conheceſſem noſſa fraqueza, & „ quiſeſſem proſeguir o que pelos Turcos não podera ſer acabado: & para que lhes derribaſſem as trincheiras, que dentro „ em noſſa cava tinhão plantadas. Para o que mandou Antonio da Veiga Feitor da fortaleza com vinte cinco homẽs, o „ qual dando nas eſtancias, matando algũs, & afugentando „ muitos, derribou as mais vezinhas à nos. Em quanto iſto ſe „ fez, hum dos ſoldados chegou à hum baſtião que achou deſpejado, com hũa bandeira ainda arborada, que com a preſſa „ os Mouros nelle deixarão, & hũa grande peça d'artelharia de „ metal: & tomando a bandeira, tornouſe para Antonio da Veiga, à quem deu relação da bombarda que vira, & elle a deu à „ Antonio da Silveira, & lhe pedio licença para a ir recolher, que



que com grande importunação lha concedeo. Saio Antonio da Veiga da fortaleza mui galante de medalha, & plumas com algũs ſoldados, & chegado ao lugar onde eſtava a bombarda, vio que era arrebentada, & querendoa aſsi mandar levar, foi morto de hum pilouro de hũa eſpingarda que de mui longe hum Mouro tirou à montão à aquélla parte, & deu na cabeça à Antonio da Veiga, que eſtava no meio de ſeus ſoldados, & era o mais pequeno de corpo de todos elles. Foi eſte caſo mui ſentido do Capitão pola perda d'aquelle homem, & por ſucceder contra ſua vontade, forçado da importunação de Antonio da Veiga: o que deve ſer aviſo para ſe não aver nenhum lugar por ſeguro, pois eſtà o perigo tam certo onde ſe elle menos eſpera.

Os Turcos feita ſua agoada, & deixando mortos tantos, & tam valentes homẽs, & gaſtadas innumeraveis munições, & com muito menos vellas das que trouxerão, que per diverſos caſos ſe lhes perderão, & desbaratados ſe fizerão à vella aos cinquo dias d'aquelle mes de Novembro do anno de MDXXXVIII. E como vẽtaſſe o Levante rijo, & ſe achaſſem carregados com tanto numero de feridos, tornarão à ſurgir no meſmo lugar, aonde ao outro dia à tarde q̃ era o ſexto dia do mes, deſembarcarão dos feridos os mais perigoſos, que não podião ſofrer o trabalho de tam longa viagem, & ſe tornarão logo a fazer à vella. E como o vẽto abrandou mais, ſairão à hũa ponta que eſtà hũa legoa & meia da fortaleza contra a enſeada de Cambaia, & alli ſurgirão, para como a marè da noute vazaſſe darem às vellas. Aquellã meſma noute chegarão à fortaleza de Dio duas fuſtas das ſette da cõpanhia de Antonio da Silva de Meneſes, que (como diſſemos) eſtava em Madrefabat. Em hũa dellas vinha Dõ Luis de Taide, em outra Dõ Martinho de Souſa, que trazião homẽs bem armados, & outras couſas neceſſarias. [a] Na meſma noute às onze horas pôs a gente de Coge Sofar fogo à cidade per muitas partes, & queimada a deſampararão, & ſe forão. E ao meſmo tempo as galès dos Turcos, & os mais navios ſeus derão às vellas, & ſeguirão o caminho do Mar roxo, & forão deixando pelas terras onde aportavão mais de quatrocentos feridos, à que não podião acodir.

Eſte foi o fim d'aquelle grande, & memoravel cerco de Dio, que ſoou per todo o Mundo, & perque de Antonio da Silveira,

a. *Eſcreve Diogo do Couto no cap. 4. do liv 5. que na madrugada do dia primeiro de Novembro chegara à fortaleza Franciſco de Sequeira o Malavar cõ aviſo da vinda de Antonio da Silva, o qual aos vj. de Novembro ſobre a tarde, avendo viſta da terra, & da armada Turqueſca, ſe fora detẽdo para de noute cõmetter a barra de Dio, o q̃ não quiſerão fazer Dom Luis de Taide, & Dom Martinho de Souſa, q̃ vinhão na ſua companhia: & q̃ na manhãa ſeguinte, ſendo partida d'aquella noute antes a armada, entrara Antonio da Silva com todas as ſuas fuſtas em Dio, onde no Caez o eſperou, & recebeo com grandes moſtras de alegria Antonio da Silveira, & q̃ aquelle proprio dia eſcreverão ambos ao Viſorei tudo o q̃ avia paſſado, deſpachando com as cartas o meſmo Franciſco de Sequeira.*

„ Silveira, & dos que com elle forão, ficarà ſempre perpetua
„ lembrança.

## CAPITVLO XVIII.

*Do que aconteceo à Soleimão Baxia, como foi em Conſtantinopla, & do fim que ouve.*

„ AVENDO recontado ſobre a vinda dos Rumes à India, as grandes crueldades, & tyrannias
„ nunca viſtas, que Soleimão Baxia ſeu Capitão
„ uſou com os homẽs de ſua meſma lei, & vaſſallos de ſeu meſmo Senhor, de quem não recebe
„ ra aggravo, mas ſerviços, & hoſpitalidade, pareceonos que pa
„ ra exemplo dos que os feitos d'aquelle homem ouvirão, ſe
„ devia tambem fazer menção do fim que ouve, para que ſe
„ ſaiba que nunca a divina juſtiça ſe eſquece do caſtigo que
„ aos maos ſe deve, ainda que por ſeus ſecretos juyzos dilate a
„ execução delle.[a] Proſiguindo pois Soleimão Baxia ſua viagem pelo Mar roxo, pelos meſmos caminhos que trouxe, tornou à Conſtantinopla per grandes trabalhos do tempo que levou, onde na terra achou outros peores. Porque como a molher do Gram Turco lhe tinha odio por a criação que fez em Muſtafà filho de Soleimão ſeu marido, que tinha perfilhado: tanto que elle foi em Conſtantinopla, fez com Vcerà Baxia (que eſtivera no Cairo por Governador em auſencia de Soleimão Baxia) que contra Soleimão moveſſe algũa culpa das que cõmettera no Cairo, em tempo de ſeu governo, perque vieſſem à màs razões: & avendo modo para iſſo, o mataſſe, que ella o livraria, & faria com ſeu marido lhe deſſe à elle o cargo do ſello que elle tinha, & ſeu lugar. Aſſentado iſto, eſtando elles, & outros Baxias fallando, trouxe Vcerà propoſito para vir fallar em couſas do Cairo, & dizer à Soleimão, que de hũs certos tributos que elle levantara no Cairo, não ouvera o gram Senhor couſa algũa. Deſta prattica ſe eſcandalizou Soleimão Baxia tanto, por ſua idade, & autoridade, & muita valia, q̃ ſoltou muitas palavras mui feas, & injurioſas contra Vcerà, & mui anojado ſe foi para ſua caſa. O Gram Turco ſabendo o caſo, mandou chamar Vcerà, & lhe perguntou, que palavras forão as que diſſera

[a] *Da põta de Iaquette atraveſſou Soleimão à coſta da Arabia, onde aos xxvij. de Nouẽbro foi tomar Acer lugar d'el Rei de Dofar, o qual mãdou preſentar ao Baxia quarẽta Portugueſes q̃ alli eſtavão fazendo ſuas mercadorias, q̃ ſe aferrolharão logo nas galès.*
*Aos xvj. de Dezembro ſurgio no porto de Adem, na qual deixou por Capitão Emir Muſtafà com quinhentos Turcos, guarnecendo a fortaleza de cem peças d'artelharia, & provendoa de muitas munições, & mantimentos, & de cinco fuſtas para ſerviço da fortaleza. Na praia de Zebit (onde degollarão à el Rei Nacodá) mãdou cortar as cabeças, narizes, & orelhas aos Portugueſes que levava, entre os quaes foi Franciſco Pacheco, & ſeus companheiros: o que tudo fez ſalgar, & enviou de preſente ao Grã Turco, para moſtrar as grandes crueza as que deixava feitas nos Portugueſes.*
*Diogo do Couto cap. 4. liv. 5.*



diſſera à Soleimão, porq̃ elle ſe anojara. Vcerà lhas contou, & para o indinar contra Soleimão, lhe deſcobrio outras culpas. O Turco em algũa maneira deſculpou à Soleimão, dizendo, q̃ tudo o q̃ elle acquiria era para Muſtafà ſeu filho, q̃ tinha feito ſeu herdeiro. Mas ainda q̃ não culpou muito à Soleimão, toda via ſe indinou contra elle, por ſe ir para caſa ſem primeiro lhe fazer queixume de Vcerà. Com eſte impeto lhe mandou pedir o ſello per hum ſeu porteiro de Camara, com algũas palavras, de que Soleimão ficou deſcontente. E mandandolhe o ſello, ſe foi para hũa ſua quintãa, aonde o Turco o mandou chamar, o qual crèndo que eſte chamado era para o matarẽ, por não dar eſſe goſto ao Turco, ſe matou elle com peçonha, & o Turco mandou recolher ſua fazenda, & ao Vcerà deu ſeu ſello, & lugar. De maneira, que aquelle que tantos roubos fez à outros, fazendoſe Senhor de ſuas fazendas, lhe forão confiſcadas ſuas grandes riquezas, & o que à outros tirou os Eſtados, & os officios, & a honra, em hũa hora ſe vio privado da honra, & da grandeza de ſeu officio. E o que foi matador de tantos homẽs ſem culpas, foi elle o matador, & algoz de ſi meſmo por as ſuas.

## CAPITVLO. XIX.

*Como Dom Garcia de Noronha chegou à India, & foi entregue do governo della, & da armada que ajuntou para ir ſoccorrer Dio.*

POR não interrõper o proceſſo q̃ contavamos do cerco em q̃ os Turcos, & Guzarates tinhão à fortaleza de Dio, que começara em tempo de Nuno da Cunha, & q̃ cõ a ordẽ q̃ à elle dera ſe acabou, não fallamos atè agora na vinda, & entrega do governo do Viſorei Dõ Garciade Noronha, q̃ ainda não era chegado à India. Porq̃ começãdo o cerco dos Turcos à iiij. dias de Settẽbro de MDXXXVIII. & o de Luchan, & Coge Sofar muitos dias antes. Dõ Garcia de Noronha chegou à xiiij do meſmo mes de Settẽbro. E à xxvj. ſe ſoube em Dio a nova da ſua chegada. Tornando pois à elle, & à ſua armada, ſendo el Rei Dõ Ioão certificado de diverſas partes da armada dos Turcos, que eſtava em Suez para ir à India, determinou

*Frotta da India do anno de MDXXXVIII.*

de mandar à ella na Primavera d'aquelle anno por Viſorei Dom Garcia de Noronha, aſsi polas partes, & qualidades de ſua peſſoa, como per ſua prudencia, & esforço, moſtrado em todas as occaſiões em que ſe na India achou em companhia do grande Afonſo de Alburquerque ſeu tio. Partio Dom Garcia de Noronha deſte Reino no anno de MDXXXVIII. cõ hũa armada de doze naos com tres mil homẽs d'armas, em q̃ entravão muitos fidalgos, & moradores da caſa d'el Rei, & outra gente limpa, & honrada.

Os Capitães erão eſtes, Dom Ioão de Caſtro cunhado do meſmo Viſorei, filho de Dom Alvaro de Caſtro Governador da caſa do Civel, que deſpois foi por Governador à India, & là foi feito Viſorei della.[a] Dom Garcia de Caſtro filho de Dom Franciſco de Caſtro, que ia para Capitão de Goa, Dom Chriſtovão da Gama filho do Conde Almirante Dom Vaſco da Gama, provido da fortaleza de Malaca. Rui Lourenço de Tavora filho de Alvaro Pirez de Tavora Senhor do Mogadouro, que levava a Capitania de Baçaim, Dom Ioão Deça filho de Dom Pedro Deça Alcaide mòr de Moura, deſpachado com Goa, Dom Franciſco de Meneſes filho de Dõ Enrique de Noronha, irmão do Marques de Villareal, que ia para Capitão de Baçaim, Luis Falcão filho de Ioão Falcão, provido da meſma fortaleza, Ioão de Sepulveda filho de Diogo de Sepulveda, Franciſco Pereira de Berredo, & Bernardim da Silveira filho de Franciſco da Silveira Coudel mòr, que ſe perdeo ſem ſaber onde, nem como, [b] indo todos os outros à ſalvamento.[c] Dom Garcia chegou com as onze naos à Moçambique, donde deſpedio para o Reino com as novas da ſua boa viagem Enrique de Souſa Chichorro, na nao em que alli viera comſeu irmão Aleixo de Souſa, & partido de Moçambique chegou à Goa, como diſſemos, à xiiij. de Settembro, de MDXXXVIII. onde Nuno da Cunha eſtava, que lhe logo entregou a governança com as ſolennidades coſtumadas. E como as cauſas porque el Rei Dom Ioão mandou à India Dom Garcia de Noronha por Viſorei, com tantas naos, & tanta gente nobre, & eſcolhida, era o receo que tinha de ir de Suez hũa grande armada de Turcos, à fim de lançarẽ os Portugueſes da India. Tanto que Dom Garcia chegou à Goa, ſe começou à fazer preſtes, & com mais diligencia, por os Turcos eſtarem ja ſobre Dio, & terem em cerco a fortaleza. E poſto

a. *Deſpachou el Rei à Dõ Ioão de Caſtro para ir à India cõ a fortaleza de Ormuz, q̃ elle não aceitou, dizendo, q̃ a não tinha merecido, q̃ como a mereceſſe lhe faria S. A. merce della, o q̃ el Rei eſtimou muito, & lhe fez merce de quatrocẽtos mil reaes de tẽça, em quãto andaſſe na India.*

b. *Neſta nao de Bernardim da Silveira embarcarão todos os homizia dos, degradados, & condenados à morte, que ſe tirarão das cadeas do Reino, parece q̃ quis Deos fazer juſtiça delles, ja q̃ em Portugal ſe não fizera.*

c. *Os fidalgos aventureiros q̃ ſe embarcarão neſta armada, forão Dom Alvaro, & Dõ Bernardo filhos do Viſorei Dom Garcia, Dõ Martinho de Souſa filho de Dõ Iorge, Dõ Ioão Manoel o Alabaſtro filho de Dõ Nuno, Dõ Luis de Taide, q̃ deſpois foi Conde de Atouguia, & Viſorei da India duas vezes, filho de Dom Afonſo de Taide, Dõ Antonio de Noronha Catarràs, Fernão da Silva Commendador, & Alcaide mòr de Alpalhão, Dõ Diogo de Almeida o Alfenim, Dom Ioão Maſcarenhas, Franciſco Lopez de Souſa, & Pero Lopez de Souſa ſeu irmão, Dõ Ioão Enriquez, Dõ Duarte Deça, Manoel de Mendoça, Ioão de Mendoça, & Diogo de Mẽdoça, irmãos, filhos de Antonio Furtado de Mendoça, dos quaes Ioão de Mendoça governou a India, Dõ Iorge de Meneſes, q̃ deſpois ſe chamou Barochè, & outros muitos fidalgos, & cavalleiros.*

*Foi tambẽ neſta armada Dõ Frei Ioão de Alburquerque ſegũdo Biſpo de Goa, frade da ordem de S. Franciſco da Provincia da Pieda de de Portugal, varão de grande vintude, & religião, q̃ ſuccedeo à Dõ Franciſco de Mello primeiro Biſpo d'aquella cidade (q̃ oje he Metropolitana) o qual morreo antes de paſſar à India.*



poſto que tratarmos da armada que ajuntou para a ir ſoccorrer, pode parecer à algũs que he tirar a materia aos que hão de continuar eſta hiſtoria da India, & eſcrever as couſas do meſmo Dom Garcia, conſiderado bem, não he aſsi. Porque como aquella armada ſe apercebeo para ſoccorro d'aquelle cerco, que nos propoſemos contar atè o fim, & o cerco ſe começou em tempo do Governador Nuno da Cunha, & per ſua ordem, ſem Dom Garcia niſſo poder intervir, por elle chegar do Reino quando os noſſos eſtavão ja cercados, & com as armas nas mãos: & porque ſobre a ditta armada, & partida della deu Nuno da Cunha ſeu parecer per cartas que aqui referiremos, não he defraudar o que ſe ao diante per outros eſcrever, pois deſta armada não reſultou effeitto algum, por primeiro ſe acabar o cerco, que Dom Garcia ſe acabaſſe de determinar.

Vindo pois a armada, como Dom Garcia foi mandado por Viſorei, principalmente para reſiſtir aos Turcos, & em Portugal, & outras partes engrandecião mais a potencia da armada, do que na verdade era, determinou Dom Garcia de fazer outra tam graode, com que ſe defendeſſe Dio, & aſſeguraſſe o Eſtado da India, em que o Turco tanto deſejava metter o pè. Polo que elle ajuntou cento & ſettenta vellas, em que avia dezaſette galeões, de que erão eleitos Capitães Dom Bernardo de Noronha ſeu filho, em que avia de ir o Viſorei ſeu pai, Antonio de Lemos, Dom Paio de Noronha, Dõ Iorge Tello, Dom Ioão Lobo, Luis Xira, Dom Garcia de Caſtro, Enrique de Souſa, Balthaſar da Silva, Vaſco da Cunha, Dõ Franciſco de Lima, Fernão de Moraes, Bernabè Drago, Fernão de Caſtro, Pedralvarez de Meſquita, Dom Iorge de Caſtro, & Franciſco Pereira o moço.

Quinze naos, de que os Capitães erão eſtes, Dom Ioão Deça, Pero de Faria, Franciſco Pereira de Berredo, Gonçalo Pereira, Rui Lourenço de Tavora, Chriſtovão da Gama, Luis Falcão, Dom Manoel de Meneſes, Triſtão Fogaça, Fernão Rodriguez de Caſtellobranco Veedor da Fazenda, Miguel Froes, Ioão Iuſarte, Garcia de Sà, Luis Coutinho, & Franciſco Freire.

Sette caravellas, de q̃ erão Capitães Antonio Correa, Manoel de Mello, Diogo de Souſa, Chriſtovão de Mello, Frãciſco de Barros de Paiva, Frãciſco da Cunha, & Baſtião de Souſa.

Oito galès, de que ião por Capitães Martim Afonso de Sousa, Dom Pedro de Castelbranco, Dom Ioão de Castro, Dom Alvaro de Noronha, Ioão de Mendoça, Fernão de Lima, Diogo Lopez de Sousa, & Ioão de Sousa.

Dezoito galeottas, Capitães dellas, Dom Diogo de Almeida, Martim Afonso de Mello, Martim Correa, Antonio da Silva, Manoel de Sousa, Francisco de Sà, Fernão de Sousa, Iorge de Lima, Antonio Mendez de Vasconcellos, Dom Ioão de Meneses, Bernardim de Sousa, Vicente Pegado, Dõ Tristão de Monroi, Francisco de Meneses, Iorge de Mello de Sousa, Dom Manoel de Lima, & Pero Vàz Guedez.

Nove bargantijs, de que erão Capitães Antonio de Sà, Alvaro de Mendoça, Valençuela, Dom Diogo de Almeida, Diogo de Mesquita, Gaspar Rodriguez, Lopo de Sousa, Bras Fernandez, & hum Tanadar mòr.

Trinta & tres fustas, Capitães dellas Dom Christovão da Gama, Afonso Bernardez, Antonio Pereira, Dom Manoel de Lima, Diogo Fernãdez, Moniz Sardinha, o Patrão mòr, Gaspar de Sousa Freire, Dom Francisco de Noronha, Francisco Mendez de Vasconcellos, Dom Luis de Taide, Dom Martinho de Sousa, Francisco de Ilhes, Matheus Pereira, Gaspar Mendez, Pero Barriga, Thomè Velloso, Francisco Mendez, Fernão de Lemos, Alvaro de Sequeira, Francisco Velho, Ieronimo de Figueiredo, Balthasar Pimentel, Gonçalo Alvarez, Iacome Tristão, Thomè Gomez, Antonio Fernandez Malavar, Antonio Iorge, & outras quatro que vierão de Cananor em companhia de Manoel Sodrè.

Treze catùres, Capitães Lourenço Botelho Frãcisco Martiz, Manoel Afonso, Philippe Rodriguez, Thomè Nunez, Iorge Fernandez, Duarte Pereira, Francisco Diaz, Antonio Boto, Antonio Fernandez, Francisco de Sequeira, Ioão de Cordova, & Afonso Luis.

Avia mais vinte catùres, & fustas d'el Rei, & de partes que andavão no caminho de Goa para Dio com recados, & afora estas vellas, avia outras de mantimentos, & munições, que per todas fazião a ditta somma de cẽto & settenta, nas quaes estavão para embarcar quatro mil & quinhentos homẽs d'armas, afora a gente do mar, & remeiros da terra.

***

CAPI-



## CAPITVLO. XX.

*Como o Visorei Dom Garcia estava indeterminado sobre a maneira perque acõmetteria os Rumes, & do conselho que nisso lhe deu Nuno da Cunha.*

TENDO ja o Visorei Dom Garcia prestes de tudo a armada, & a gente que nella se avia de embarcar em ordem, não se acabava de determinar sobre o modo perque avia de acõmetter os Turcos, & como as naos, & navios avião de pelejar. Polo que se ia perdendo a occasião de acudir à tempo aos cercados de tantos inimigos. E tendo sobre isso muitos conselhos, quis saber o parecer de Nuno da Cunha, por lho el Rei mandar asi, quando do Reino partio, por a muita experiencia que tinha da guerra d'aquellas partes, & do governo dellas. E alem de Dom Garcia tèr muitas vezes pratticado com Nuno da Cunha sobre isso, estando elle ainda em Goa, aos xv. dias de Outubro, lhe mandou o Visorei pedir seu parecer per escritto, mostrandolhe hũa carta que Antonio da Silveira lhe escreveo de Dio, dandolhe conta do estado em que estava: & o voto de Nuno da Cunha, sem acrescentar, nem diminuir cousa algũa referiremos aqui, por ser de homẽ tam insigne, & tam prudente.

*Senhor, eu vi a carta que me V.S. mandou mostrar de Antonio da Silveira, que agora Dom Duarte trouxe de Dio. E na primeira parte della se agasta muito da bateria que lhe dão, & de como o apertão, & que lhe fizerão cerrar as ameas do baluarte de Garcia de Sà, & asi que lhe tinhão derribado hũa amea nelle, & outra sobre a porta, & que Dio he mui fraco. E torna logo abaxo à dizer, que ha seis dias que batem nelle, principalmente no baluarte de Garcia de Sà, & que lhe tem feito pouco nojo: & que a artelharia com que diz que lhe tirão são tres basiliscos, & tres espalhafatos, & muitas esperas, & meias esperas, & falcões, & berços, & que isto lhe tirão todo los dias manhãa, & tarde continuadamente. E não aponta que lhe tenhão morto, nem ferido homem, donde parece que não he Dio tam fraco, como elle o faz na primeira parte da sua carta. E asi vi o que escreveo à V.S. per Sequeira, & tenho eu esperança que os quatro catùres que V.S. tem mandado com hũs homẽs fidalgos, se entrarem em Dio, que não sòmente esforçarão*

çarão os que là ora eſtão fracos, & canſados, mas ſegurarão a fortaleza que não aja mêdo dos Rumes. E quantò aõ que diz do baluarte do mar, tambem ei que lhe he feito muito pouco nojo: porque ſe V. S. ſoubeſſe quam pequena couſa he, & quam fraca, eſpantar-ſe ià como podem nelle eſtar quarenta homẽs, que Antonio da Silveira diz que tem, ſem os matarem todos, com mui pouco nojo que lhe fizeſſem. Aſsi Senhor, que a fortaleza não me parece que eſtà tam fraca como dizem, & mais eſtà nella Antonio da Silveira, que he tam eſpecial cavalleiro, & outros fidalgos, à que V. S. ſabe o nome, que todos ſobre ella hão de morrer. Quanto a mingoa da polvora que diz que tem, & da q̃ poderão tèr, & tambem de mantimentos, não indo V. S. tam preſtes, à iſto não poſſo eu mais dizer do que ſempre diſſe: quanto compre voſſa ida d'aquiſer mui cedo. E ainda q̃ ſe faça preſtes com tanta preſſa quanta pode, vejo eu lançar mão de tantos navios, que ſerão cauſa de tardardes muito, & tambem de eſpalhardes a gente, artelharia, & munições, donde ficareis mais fraco. E pareceme à mi, que ſe poderão eſcolher entre todas eſtas vellas oitenta mui boas, & para em qualquer parte da Chriſtandade ſerem de receber, & para as temer, & recear, que para cinquo mil homẽs que V. S. podera levar, eſta armada baſtava, porque iria ella mui cheа de gente, & mui bem aparelhada para tudo o que compriſſe. E eu cada vez que fiz fundamento de pelejar com os Rumes, nunca pus ponto em mais que ſettenta, ou oitenta vellas, & aſsi ſe achará per minhas cartas, que àel Rei Noſſo Senhor tenho eſcritto, & eſta me parecia que era a força da India, porque a mais avia eu por fraqueza. Eſta armada ſe poderà aparelhar mui preſtes, & as mais naos, & navios de Chatijs, & todalas outras ſerão neceſſarias para vos levarem mantimentos, polvora, & outras couſas, de que tereis neceſsidade: & he bem que cada dia vos và ſoccorro do que comprir, aſsi para voſſa armada, como para baſtecerdes a fortaleza cada vez que quiſerdes. E eu ei ſegundo as novas dos que vem a armada, de quam mal aparelhada ella eſtà, & tambem Antonio da Silveira eſcreve, que a maior parte da vittoria eſtà na preſteza da ida de V. S. E tambem valerà muito ſua ida para esforçar os Guzarates que não fação partido com os Rumes para os recolherem na terra, & faloh ão com V. S. para os deſtruir. Se V. S. tam cedo não pode ir por algũs negocios, ou impedimentos que terá, pode fazer hum feito mui honrado nelles, & com muita ſegurança, q̃ he tomar quinze, ou vinte fuſtas, & catùres, os mais leves, & melhores que para iſſo



iſſo ſe acharem, com hum homem principal que và nelles por Capitão, à que darà a mais honra que pode dar à nenhũa peſſoa, & eſcolheitos tambem Capitães para os outros navios, homẽs que ſaibão a guerra, & valentes cavalleiros que aqui hà, & com muitas panellas de polvora, & eſpingardas, não duvido eu, que indo eſtes navios, que podem levar trezentos, ou quatrocentos homẽs, que dando nas galès de noute, ou antemanhãa, que lhe não fiquem meia duzia nas mãos tomadas, ou queimadas. E iſto tudo Senhor ſão paſsos ſeguros, porque elles não tem navios, que ſe remem para lhe fazer nojo, ſe ſe delles quiſerem ſair, nem podem eſtar apercebidos para ſaberem parte da armada que vai, nem o que vai fazer. E polos hão em tanta confuſão, pela eſperança que tem que ha de ir V. S. cada hora, que ficarão meios desbaratados. E podeis Senhor iſto julgar, polo alvoroço em que vos porião, ſe deſſem na voſſa armada de noute outros tantos navios: & quiça que alargarão Dio deſta maneira, ou o ſoccorrereis, com que não aja medo à todo Mundo. E aſsi podem ir em companhia deſtes, tres ou quatro fuſtas grandes de Chatijs, que aqui ha muitas boas, carregadas de biſcouto, & polvora, para que em eſtes dando, na volta poſsão ellas paſſar, & entrar em Dio, & darlhe o que levarem. Eſta gente, & armada que V. S. manda, não desfaz na voſſa; porque là a tem diante, & eſtam preſtes, & ſe eſtà mal eſquipada, irſe ha eſquipando pelos rios. Eu lhe digo iſto como ſeu ſervidor, & com aquellas ſalvas com que lhe ja diſſe outras couſas: & tambem por me parecer ſerviço d'el Rei Noſſo Senhor. E peçolhe por merce, que não queira que niſto lhe ponhão muitos inconvenientes diante, porque as couſas da guerra não ſe perdem ſenão per inconvenientes, & em couſa que tanto importa, como he tomar Dio, ou ſalvar Dio, muito mais ſe deve aventurar, quanto mais que iſto que eu digo ſão paſſos mui ſeguros, indo niſſo homem que o ſaiba mui bem fazer, & eſcolhendo bõos homẽs. Eſte Senhor he o meu parecer, que V. S. quis que lhe deſſe per eſcritto.

A eſte parecer reſpondeo o Viſorei Dom Garcia à Nuno da Cunha com eſta carta.

Senhor vi eſte parecer de V. S. & por minha ſalvação, & aſsi me Deos valha, que fico tam contente delle, como fiquei de mi de acertar de ir per eſtes paſſos cà no parecer que tomei com eſtes Senhores. E para ſaber que todos ſomos deſta volta, ordenamos de mandar ſeis fuſtas as melhores, & mais remeiras, & quatro catùres com ellas, & Antonio da Silva por Capitão mòr, & vão dar rebate de noute, ou de dia, como melhor poderem nas galès. E porque os quatro catùres, que ſão diante, os hão de metter em muita confuſão, & vendo agora outra volta de

fuſtas

*fuſtas ſobre ſi, ha lhes de parecer que eu deuo eſtar perto. Aſsi Senhor que ſeguimos o parecer de V.S. que me à mi parece mui bem, & temos nos bem acertado, em tèr mandado taes caualleiros naquelles catùres, q̃ certo hão de entrar dentro: & eu dou oje eſte diaos Rumes por uencidos, tanto q̃ nos elles uirem, que aquelle apreſarſe à cõbater a fortaleza per muitas partes, não he ſenão ſaber que ſua ſalvação eſtà em tomar a fortaleza. Quanto à minha ida d'aqui, eſte foi ſempre meu propoſito, porme no mar com eſta armada que aqui tenho, & lhe beijo as mãos por eſſa lembrança que me faz, & aſsi o farei. E o que he feito atè agora, parece obra de São frei Gil, nem ſe fez mais na calçada dos galhardos, pois atè oje que ſão dezoito de Outtubro não temos mais que dous mil fardos de arroz, que ontem chegarão, trabalhando tanto por aver mantimentos, que iſto he o que nos aqui eſtorvou, com acharmos eſta armada de todo deſapercebida, que a pouca eſperança que V.S. tinha de virem eſtes homẽs à eſta terra, & que em Portugal aſsi tambem ſe cuidava: eſte foi o engano que Noſſo Senhor permittio que tiveſſemos; mas ha nolo de pagar na honra que avemos de levar em os desbaratar. Beijo as mãos de V.S. oje xviij. de Outtubro, de MDXXXVIII.*

## CAPITVLO. XXI.

*Do aggravo que o Viſorei Dom Garcia fez à Nuno da Cunha ſobre ſua embarcação: & como apercebendoſe em Cochij para ſe vir para o Reino, eſcreveo hũa carta ao Viſorei em reſpoſta de algũas ſuas.*

ESTAS couſas, & outras deſta qualidade, paſſarão entre o Viſorei, & Nuno da Cunha, em q̃ ambos eſtavão conformes. Mas como he coſtume do Mundo, mòrmente de Portugueſes, que não ſão hũs amigos das honras dos outros, & muito mais dos que andão na India, que aos Governadores que acabão tratão mal, & com ingratidão, ainda aos que o melhor fazem, por grangearem aos que vem; não faltarão homẽs que ante Dom Garcia calumniarão à Nuno da Cunha de deſcuidado, de não tèr feitos maiores



iores apercebimentos, [a] para tamanha armada como era a que eſperava dos Turcos, & outras couſas, & mexericos, que podeſſem dannar a vontade à Dom Garcia. Mas Nuno da Cunha por furtar o corpo à aquellas calumnias, ſendo o tempo em que Dom Garcia tinha mais neceſsidade de ſeu conſelho, por ſua muita prudencia, & experiencia, ſe foi à Cochij, à ſe fazer preſtes para vir à Portugal. E tendo elle proviſão d'el Rei, para em quanto eſtiveſſe em Cochij, deſpois de alargar a governança, uſar dos poderes de Governador, que antes tinha, & fazer a carga da pimenta, & tomar para ſua peſſoa qualquer nao que quiſeſſe, Dom Garcia lha não guardou, nem lhe quis dar algũa nao das d'el Rei, & chegou à aver cartas, & requerimentos de parte à parte, atè Nuno da Cunha pedir à Dom Garcia, que pois lhe não queria dar nao d'el Rei das que de cà do Reino ião para trazer pimenta, lhe deſſe a nao de hum Armador para vir nella. Ao que Dom Garcia deu por reſpoſta, que elle lha não podia dar por ſer de Armador, à que por razão de ſeu contratto lhe não podia tomar a Capitania. E que alem diſſo que elle Nuno da Cunha avia de occupar tanta parte da nao com ſua peſſoa, & familia, que viria mal carregada: que ſe elle quiſeſſe obrigarſe à pagar todas as perdas, & dãnos que o Armador pediſſe contra a fazenda d'el Rei, por elle vir naquella nao, o podia fazer, mas que elle lha não podia dar. Finalmente o Feitor do Armador requereo à Nuno da Cunha, que não vieſſe naquella nao ſem ſe obrigar às perdas, & dannos que por iſſo o Armador contra elle pediſſe. Com eſtas obrigações, ouve Nuno da Cunha embarcação, ao cabo de dez annos que governou a India, onde alem de muitos, & grandes ſerviços perque merecia mui grande remuneração, fez as fortalezas de Challe, Baçaim, & Dio, que forão de tanta importancia ao Eſtado da India, & do Reino, quanto ſão Ormuz, Goa, & Malaca, que deixou feitas Afonſo de Alburquerque, à quem tambem no fim de ſeu governo mais o enterrarão ingratidões, que trabalhos, & idade. Eſte pouco reſpeito que à peſſoa de Nuno da Cunha ſe teve na terra, que elle governara tanto tempo, pedindo embarcação para o Reino, que à nenhum homem de grande, ou pequeno eſtado ſe negou, ſentio elle tanto, que ſe crè que junto iſto à ſuas indiſpoſições, lhe cauſou a morte: porque lhe lembrava tambem que em Portugal, para onde elle ia, tinha tantos emulos,

[a] *Eſcreve Diogo do Couto no cap. 9. do 3. liv. que o Governador Nuno da Cunha entregou ao Viſorei Dõ Garcia hũa armada que eſtava ja de verga de alto, de oitenta vellas, das quaes as quarenta erão galeões, naos, & caravellas, & as demais galès, & fuſtas, & os almazẽs cheos de muita artelharia, muitas munições, & mantimentos, como quem tinha tudo apercebido para ir buſcar os Rumes, & pelejar com elles.*

emulos,& tam poderosos, que farião q̃ se não estranhassem aggravos,que na India se lhe fizerão, mas os terião por gloria. E porque pertence à historia de Nuno da Cunha hũa carta sua,que foi a derradeira que elle escreveo de Cochij ao Visorei,queremos pôr aqui a copia della.

*Senhor em Goa mandei à V. S. hũa lembrança, por me parecer que devia eu isto ao serviço d'el Rei Nosso Senhor, por S. A. assi mo mandar per hũa sua carta, que em todalas cousas vos desse meu parecer,& V. S. me disse tambem, que isso mesmo vos mandava S. A. & hum pouco tambem o fazia pola amizade do paço, & pousada que tevemos. E verdadeiramente esta me obrigou à fallar vos verdade, como me obrigara à tomar as armas por vos quando comprira, contra a pessoa à que eu não tevera maiores obrigações. Tambem disso vos fiz Senhor outro escritto de mi à vos, & respondestes á elle mais aspero do que me parecia que convinha, à quem vos tambem aconselhava, & pela resposta que me mandastes, vi eu, que estaveis com tantos receos,& temores, que era escusado responder vos naquelle tempo, nem tambem me parecia serviço d'el Rei Nosso Senhor, & por tanto me calei. Nem agora menos o fizera de Cochij, senão vira outra resposta,& lembrança que fiz á V. S. quando me parti de Goa. Bem vos deve Senhor lembrar, que sempre vos disse quam fracos os Rumes vinhão,& quantas razões para isso vos dei,& que se vos quisereis fazer armada prestes, que bastára pelejar com estes homẽs, & em que toda a gente que na India tinheis coubera muito bem, vos podereis fazer duas cousas muigrandes, ganhar a mais honra que nunca homem ganhou,& fazer o maior serviço à el Rei Nosso Senhor do que nunca homem fez. Mas pareceme, que folgavaeis mais de tomar o conselho d'outros homẽs que o meu, que certo não entendião o negocio tambem como eu entendia. Deverame V. S. à mi de crèr, por aver dez annos que esta terra governava, & conhecia a gente della, & as cousas como se avião de ordenar, & fazer: & se vos nisso fallava verdade, ou não, a saida do negocio o mostrou. Eu sempre Senhor vos disse, & à todos os homẽs com que fallei, q̃ pois se os Rumes punhão à cõbater Dio, q̃ não avião de pelejar com vossa armada; pois se desejaveis de pelejar com elles, devera lhe à V. S. lembrar, que tinhão elles sesenta & tres vellas, nas quaes trazião seis, ou sette mil homẽs de peleja, & vos fizestes cento & settenta para levardes quatro mil & quinhentos, atè cinco mil. E pois tendo tantas vellas, & tam grandes, peço vos por merce, que me digais como avieis de repartir vossa gente, & artelharia, tendo disto mui pouco; & mais que tam grande armada, & desnecessaria vos gastava*



*tava o tempo, & o dinheiro. Assi que eu à estas cousas lhe não sei pôr o nome: & porque eu via isto tudo, lembrava à V. S. que mandasse duas naos à S. A. que desfazião mui pouco em vossa armada, & acrecentaveis muito no credito, assi do Reino, como deste Malavar, que quasi estava levantado por isso. E quem com os Rumes quiser pelejar, não avia de ser com muitas vellas, & sem gente, senão com navios escolhidos, & cheos de gente que lhe bastasse. E quanto ao que Senhor dizeis, que tinheis a espada dos Rumes sobre vosso pescoço, antes que V. S. chegasse ja eu sabia que erão vindos, & não avia que me tinhão elles tanto a espada sobre o pescoço; antes me parecia, que ficando eu nesta terra, & vindome a gente que cõ vosco veio, que era hũa das maiores merces que me Deos neste Mundo podia fazer, pelejar eu com elles: porque esperava eu nelle que me desse vittoria. E quando disso não fora servido, não sei eu jornada em que melhor podera acabar, nem mais honradamente, que nesta. Porque assi como vos Senhor dezião, que erão tantas as galês de Turcos, & tantos medos, com isso mettião tambem dizeremlhe todos os que os virão, & os que escrevião de Dio, quam desesquipadas erão, & como se não podião bolir; & os homẽs que de là vierão fugidos, confessavão, que escaçamente podião virar a popa com o remo. Pois à estes se devera dar credito, porque o medo faz parecer que os inimigos trazem asas para voar, & pois lhas elles não achavão, ainda o mal não era muito. Assi Senhor, que por estas razões vos podereis tèr armada mui grande, & mais mandar para o Reino carga que bastara para S. A. sostèr os gastos, & o credito que ha mester que tenha. E quanto ao offerecimento que lhe eu agora fiz do dinheiro, & cravo, não era de nenhũ homem desses que querião ir ao Reino, nẽ vos requeria que mandasseis pessoa nenhũa, & pois vos achaveis offerecimento disso per outras pessoas, sereis vos muito de culpar em o não aceitardes para soccorrer à S. A. cõ carga de tres naos: sendo cousa q̃ quando me elle mais lembrança fazia dos Rumes, me mandava, que não perdesse o cuidado da carga q̃ avia de ir para o Reino. Mas tornando â fallar no dinheiro que eu dava, eu vos juro por vida de meu pai, que nenhũa pessoa aqui mettia dinheiro, senão eu q̃ o queria empestar, & meus criados, assi algũs q̃ na India ficavão, como os que comigo levo. E quanto ao que V. S. diz, que algũas pessoas lhe aconselhavão que me fizesse requerimentos para que eu ficasse na India, per ventura o não farião eses homẽs, senão per lhe parecer que era para hũa cousa de tamanho peso, como esta era, & teria eu muitas qualidades para terem de mi necessidade. E quando me vos Senhor requerereis, ou elles, não ouvera de ser para ficar per homem d'armas, que não me pario*

minha mãi senão para Capitão, & não vosso lascarim; senão se fora para tomar parte do trabalho, de mandar, & pelejar, & me ser dado muito credito para aconselhar. Ora vos Senhor para esta primeira não me destes disso nenhũa parte, nem ma offerecestes: & para a segunda, que he o conselho, vos nunca o tomastes meu, & agora nesta vossa resposta me dizeis, que vos dou conselho sem mo pedirdes. Assi que não sei para que minha ficada fosse na India, senão fosse para testemunha de muitas cousas que me não parecião bem. E devera vos de lembrar, que Dom Francisco de Almeida em Cànanor topou vosso tio que vinha de Ormuz, & lhe offereceo a metade da armada, & da honra, & que fossem aos Rumes, & elle o não quis fazer. E eu com menos comprimento que me fizerão, folgara de servir à Deos, & à el Rei Nosso Senhor. Quanto à pôr fazenda, & criados por serviço de Deos, & de S. A. isso sem vosso conselho fiz eu ja muitas vezes: & que he o que eu fiz dez annos ha nesta terra, onde me são mortos tantos? não fallo em irmãos, que tambem morrerão em seu officio. E que vos Senhor pelejaseis muitas vezes, & eu algo tenho feito disso, & se me não ferirão, dou eu muitas graças à Deos, que não foi por me não pòr em lugar, onde se os cavalleiros, & Capitães devião pòr. E assi tambem me diz V. S. que me não quisestes fazer requerimentos, acerca de me pedirdes dinheiro, como el Rei Nosso Senhor mandava, se o eu tevera, bem escusado erão os taes requerimentos, porque eu o dera com mui boa vontade, & não dera a minha prata por prata quebrada, & a de Frandes por prata baxa, de que vos agora servis à vossa mesa, & assi vos dava toda a minha dourada, que a quebrasseis, & fizesseis della o que quisesseis. Mandai Senhor olhar as contas dos Feitores de Goa, & das outras fortalezas, & achareis quanto dinheiro emprestei à el Rei Nosso Senhor para suas necessidades. E não sòmente lhe empreste o meu, mas ainda me não paguei de meus ordenados, & levo por arrecadação para o Reino dez mil cruzados de meus proprios vencimentos. Ora vede vos Senhor, se fez nunca isto Governador da India. E quanto ao que me V. S. diz, que como não tinha eu sentimento da perda do baluarte da villa dos Rumes, & do cerco de Dio, que era cousa que eu fizera, por isso me ia eu para Portugal polos não ver perder ante os meus olhos, sem lhe poder valer. Porque não aproveitavão as lembranças que vos fazia para soccorro de Dio, & me disseste muitas vezes, que vos não avieis de ir senão com toda a armada junta. Ora quem quer V. S. que estivesse nesta terra, vendo isto que tanto magoava. E pois eu não podia aproveitar em cousa



cousa alguã, ouve por melhor irme, que ficar nesta terra, vendo mais verdadeiramente a espada sobre os pescoços dos que estavão em Dio, que dos que estavão em Goa. E o que pior era, que os homẽs com que fallava, todos me dizião, que ninguem ousava de volo dizer. Tambem me dizeis, que me deixastes trazer todos meus criados, & outros que o não erão, avendo quem vos disesse à orelha que erão muito ricos, & que vos poderião empreStar vinte mil cruzados se na India ficassem. Por estas, & outras cousas que vos Senhor disserão, & V. S. ouvia, vos mudarão do bom proposito que me dizião que trazieis do Reino, & à mi d annarão a vontade de ficar nesta terra com vosco. Bem se sabe, que todolos criados que levo, todos erão meus criados, senão hum só, que vos mandei dizer per Ioão de Paiva, que se quisesseis que ficasse que ficaria Pois à serem tam ricos como isso, perguntem à matricola, & acharse ha, que do meu dinheiro lhe mandei repartir hum conto de reaes para poderem comprar camisas, & se aperceberem para o Reino. E se algũs cà tenho que tenhão algũa cousa, na India ficão, hũs por serem officiaes em Baçaim, & outros por estarem em Dio; & outros porque vos não quisestes que lhes tomassem suas contas, nem os despachassem. E estes criados que eu levo, S. A. mos deu per sua carta, que le valle todos os que me fossem necessarios para segurança de minha nao. E não sei como tanto caso fazeis disso, porque nestas naos que ora cà vierão vi eu muitos criados, que vos Senhor destes à homẽs que nunca tiverão tantos como eu: & alem destes homẽs, muitos mancebos, que se vão para o Reino pedir satisfação à el Rei Nosso Senhor de serviços que elles nunca fizerão. E assi se vão cà de Cochij outros muitos, à que se dão licenças, & se pagão muitos soldos aos que se forem. E mais verdade he isto, que outras muitas cousas que vos à vos disserão. E ao que me mais dizeis que eu folgava de levar muita carga de pimenta para ser bem recebido no Reino; se vos eu Senhor mal quisera, bem folgara eu de ir só em hũa nao, como me mandaveis: porque ahi veria S. A. a differença das cargas que lhe eu sempre mandei, da que lhe mandastes em chegando. Não levo eu para Portugal para me receberem bem, senão dez annos de muitos serviços que eu nesta terra tenho feitos à S. A. & tam bõos, que tarde virà à ella Governador que me ponha o pè diante: & vos entreguei a India de maneira, que polo que eu tenho feito, se desbaratarão os Rumes, sem mais ninguem pelejar com elles, & se tornarão per onde vierão. E tam bastecida de navios, & munições, que de cento & setenta vellas que vos nella ajuntastes, todas achastes na India; & munições para ellas: & não se comprarão outras, senão as que eu tinha nos

*almazẽs, aſsi em Goa, como nas outras fortalezas. Não vos peze Senhor de vos reſponder à toda las couſas meudamente deſta maneira, porque he bem que as ſaibais por mi, pois volas outrem não ha de dizer: porque derredor de V. S. não andão homẽs que me querem bem, & os que cà eſtavão na India, eu lhe tenho feito muitas hõras, & boas obras, & ſei que mo agradecem mal; & por iſſo lançae as barbas em remolho, & fiai vos mais de voſſa diſcrição, & bondade, que da ſua delles.*

Ao tempo que Nuno da Cunha eſcreveo eſta carta ao Viſorei, em reſpoſta de outras ſuas, era o negocio de Dio acabado, como atras eſcrevemos, & o Viſorei tinha deſpachado à Martim Afonſo de Souſa para vir em hũa nao, & Vicente Pegado vèo per Capitão de outra com a carga de eſpeceria: os quaes vierão à eſte Reino à ſalvamento, deſpois que chegou a nao de Nuno da Cunha, & diante delle mandou o Viſorei hum navio, de que Antonio da Silva vèo por Capitão, com nova à el Rei da ida dos Rumes. E parece que permittio Deos que antes que Nuno da Cunha partiſſe da India, viſſe duas couſas, os Rumes idos, da maneira que ſe forão, & hum grande numero de cartas que lhe eſcreverão homẽs que ficavão na India, muitos dos quaes tinha elle caſtigado por ſuas culpas, confeſſando todos, quanto ſentião ſua partida. Fallamos neſta particularidade por nos ſerem entregues duas arcas de ſeus papeis, de cuja relação nos compoſemos o diſcurſo de ſeus feitos. E as feſtas que eſte Reino tinha ordenadas para o receber, mais por enveja, que por culpas ſuas, eſtas calarà a noſſa pena, por honra do meſmo Reino. O que Deos per honra de Nuno da Cunha, & por não dar gloria aos miniſtros dellas, atalhou com ſua morte, da maneira que logo diremos.

(?)

CAPI-



## CAPITVLO. XXII.

*Como Nuno da Cunha partio da India para Portugal, & no caminho falleſceo.*

NVNO da Cunha partindo de Cochij pelo mes de Ianeiro de MDXXXIX. na nao de Duarte Triſtão, como diſſemos, tam deſcontente, como a India o eſpedio, por as razões que lhe fizerão eſcrever a carta atras, vèo tèr à Cananor mal deſpoſto entre paixão do eſpirito, & trabalho de ſua embarcação. E alli em Cananor ſaio em terra à ſe confeſſar, & tomar o ſanto Sacramento da Comunhão, onde Fernand' Anes de Soutomaior Capitão da fortaleza, por elle vir aſsi mal diſpoſto, & agaſtado, o recebeo com muito prazer, & agaſalhado, como homem agradecido à ſeu Capitão. Partido d'aqui, foi ſua mà diſpoſição creſcendo de maneira que cada dia ſe achava peor. A principal infirmidade forão hũas camaras, & ſendo paſſados cinquoenta dias que navegava, deſejou de comer hum pouco de leite de cabras que levava, & poſto que lho derão ferrado por ſua infirmidade, elle o corrompeo de todo, & chegou à eſtado, que começou à entender na ſua alma, mais que em outra couſa. E alem do teſtamento que tinha feito, fez per ſua mão hũa cedula, na qual diſſe entre outras palavras, que jurava por aquella hora em que eſtava, não tèr da fazenda d'el Rei mais que cinco moedas d'ouro, que tomara da fazenda de Soltam Badur Rei de Cambaia, para as moſtrar à el Rei em Portugal, por ſerem fermoſas, & grandes. E aſsi diſſe outras palavras igoaes à eſtas, acerca da limpeza de ſua peſſoa nas obrigações de ſeu officio. Vendo os ſeus familiares o eſtado em que eſtava, principalmente hum ſeu Capellão, perguntoulhe ſe avia por bem que levandoo Noſſo Senhor, o trouxeſſem ſalgado em hũa pipa, para cà no Reino lhe darem ſua ſepultura; & elle reſpondeo: *Que pois Deos avia por bem de o levar no mar, que o mar foſſe ſua ſepultura, pois a terra o não quiſera. E ſe ella tam mal recebia ſeus ſervições, não lhe queria entregar ſeus oſſos.* E vendoſe apreſſado da hora da morte, chamou o meſmo Capellão, & lhe diſſe, que porque podia ſer, que não eſtaria

ainda com defunto que foſſe cavalleiro do habito, o que avia de fazer era, que tanto que Noſſo Senhor o levaſſe, tomaſſe o ſeu manto da ordem, & lho veſtiſſe, & lhe poſeſſe a eſpada na cinta, & lhe ataſſem hum par de camaras de ferro aos pès, porq̃ ſeu corpo ſe foſſe logo ao fundo, & o lançaſſem pela varanda no mar, por não fazer torvação na gente da nao. O Capellão quando lhe ouvio fallar naquelle eſtado de ſua morte, moſtrou em lagrimas, & palavras o ſentimento que tinha de lhe ouvir aquellas, ao qual Nuno da Cunha consolou com hũa conſtancia de animo Chriſtão, & olhando para hum crucifixo que tinha pendurado ante dos olhos, que elle alli mandara pôr, diſſe: *Senhor pois vos apraz que eu vos vá dar conta de minha vida, eu aceito o que vos aveis por voſſo ſerviço, & recebo em grande merce ſer antes neſte lugar onde eſtou, que na terra, que não tem os ſerviços que lhe ñz por taes, que della poſſa eſperar algum galardão. V os Senhor que ſoes o galardão verdadeiro, eu volo peço, & vos mo dae, não per juſtiça, que per ella ſerei condenado, mas por voſſa miſericordia, que nunca falleſceo, à quem nella confiou.* Finalmente com eſtas, & outras palavras de varão prudente, & Catholico, conformandoſe com a vontade de Deos, lhe entregou ſua alma.

Foi Nuno da Cunha filho de Triſtão da Cunha, & de ſua molher Dona Antonia de Alburquerque. Era à eſte tempo que falleſceo em idade de cinquoenta & dous annos: foi homem grande de corpo, bem apeſſoado, & tendo hum olho quebrado, que lhe quebrarão em hum jogo de cannas, em que el Rei Dom Ioão III. jugava, não era nelle fealdade. Foi mui ſuave, & gracioſo na converſação, tendo muita mageſtade em mandar, & no governo de couſas de ſuſtancia. Era mui humano, & paciente nas paixões que os homẽs tinhão, & mui facil em recolher em ſua amizade aquelles que elle ſabia que ſe aggravavão, & murmuravão delle. Foi mui zeloſo de fazer bem aos homẽs, & com os que lhe erão ingratos diſſimulava, & trabalhava por os não perder de amigos. Na juſtiça era mui inteiro, ſem algũa paixão, & mui limpo em ſeu officio, ſem ſe enxergar nelle modo algum de cobiça. Teve algũas letras Latinas, & muita diſcrição em qualquer prattica, como homem que era univerſal em muitas couſas. Foi inclinado à molheres, de que foi mais notado, por razão do officio que tinha, & autoridade de ſua peſſoa, que por



por cõmetter niſſo couſa que redundaſſe em injuria, ou oſ- nſa de alguem. Tinha cà no Reino muitos emulos, mais por enveja de o terem por muito rico, que por elle fazer couſas para o ſer. Os quaes lhe fizerão muito danno ante el Rei, por a muita autoridade que tinhão ante elle. Mas o galardão com que ouvera de ſer recebido, não quis Deos que o elle viſſe, & vingou ſuas injurias com ſua morte, por não dar gloria aos que fazião à el Rei crèr mal delle. E ainda permittio, que deſpois de ſua vida, vieſſem as couſas da India à tal eſtado, que os dez annos que elle governou foſſem ſempre lembrados, & ſeus proprios inimigos que teve na vida louvaſſem ſua peſſoa, & obras deſpois da morte.

(***)

# FIM DA QVARTA DECADA

# INDICE
## DAS COVSAS MAIS NOTAVEIS.

O primeiro numero he das paginas, o ſegundo das regras.


A

A Bedelà meſſageiro d'el Rei de Xael. 544. 10
Abedechan Tanadar mòr das terras de Pangij morto. 455. 9
Abiethan Rei de Samarcant. 586. 22
Abedelilab ſenhor de muitos lugares 638. 11
Abmadabad cidade. 300. 31. & 369. 18
Abrahemo Rei dos Patanes. 332. 27
Abrahemo ſeu neto vencido & morto. 335. 4
Açadachan. 412. 14. ſua aſtucia. 430. 15. paſſaſe à el Rei de Biſnaga. 433. 20 tornaſe ao ſerviço do Hidalchan. 436. 26. ſua prattica. 442. 7. vai à cobrar as terras firmes de Goa. 456. 22. faz pazes cõ Nuno da Cunha. 473. 27
Achés comettem duas vezes Malaca. 605. 24
Adem tomada por Soleimão Baxia. 641. 12
Adilchã que ſignifique. 238. 10
Afonſo Mexia faz abrir a proviſão d'el Rei. 17. 32. autor da ſucceſsão de Lopo Vaz. 20. 29. defende a deſembarcação à Pero Maſcarenhas. 66. 26
Agã Mahamud. 294. 6
Agarà cidade. 340. 6
Agimar Reino. 284. 21
Aires da Cunha desbarata hũa armada d'el Rei de Pam. 33. 33
Alamo Rei vaiſe offerecer à Badur. 308. 31. ſua morte. 348. 5
Alaudin Rei de Vjantana manda aos Portugueſes. 596, 1
Alechan Rei do Guzarate. 284. 1
Alechan Rei de Agimar. 284. 20
Ale Mogemez Rei de Baſçora. 172. 14. &c.
Alfaques 133. 40, & 293, 24
Almançar Rei de Tidorc & ſua morte. 47. 31
Alvaro de Brito ſua morte. 51, 32
Alvaro Madeira foge de Conſtantinopla. 635. 19
Alvaro Mendez ſua morte. 508. 27
Aluchan 644. 24. ſua prudencia. 654. 25
Ameucos ſua ſuperſtição. 227. 26
Anna Fernandez. 673. 33
Angon Montes. 327. 11
Antonio Barreto ſua morte. 535. 24
Antonio de Brito ſuas victorias. 482. 35
Dom Antonio de Caſtro morto. 120. 18
Antonio Galvão he cauſa de ſe não tomar Bacaim. 371. 27. o que fez em Maluco, & ſuas victorias. 609. atè o fim do livro nono.
Antonio de Meſquita & Antonio Gramaxo mortos. 570. 1
Antonio de Miranda dc Azevedo Capitão mòr do mar da India. 9. 24. procura que Lopo Vaz ſe ponha em dereito cõ Pero Maſcarenhas. 79. 26. ſucceſſos de hũa ſua armada. 93. 15. ſuas victorias. 111. 33. & 39. Embarcaſe para Portugal. 196 37
Antonio Pinheiro ſeu eſforço. 661. 12
Antonio de Saldanha chega à India. 103. 31. contraria à ida de Lopo Vaz à Dio. 110. 17. ſuas victorias. 238. & 248. torna à Portugal. 251. 16
Antonio da Silva de Meneſes desbarata à Cunhale Marcar. 266. 20. vai à Bengalla. 573. 8
Antonio da Silveira Capitão de Goa, 9. 11. Prende à Pero Maſcarenhas. 69. 24. larga a Capitania de Sofala. 185. 34. ſuas victorias na enſeada de Cambaia. 211. atè 220. nas terras firmes de Goa. 469 1. Capitão de Ormuz. 267. 9 Capitão de Baçaim. 498. 37. Capitão de Dio. 515. 9. defende aquella fortaleza aos Turcos, em todo o livro decimo.
Dom Antonio da Silveira vai com hũa armada ao Eſtreito. 240. 37. morre em Ormuz. 241. 13.
Antonio Tenreiro ſua jornada por terra de Ormuz à Portugal. 28. 4.
Antonio de Vaſcõcellos morto. 686. 25
Antonio da Veiga morto. 693. 7
Antruz. 425. 36
Arbitros na cauſa de Lopo Vaz & Pero Maſcarenhas. 80. 34
Arel de Porcà. 102. 29
Atabad fundador de Baſçorà a velha. 173. 33
Avicenna onde eſtudou, & ſua patria. 327. 2

## B.


BAbor Patxiah Rei dos Mogoles toma o Reino de Delij.336.2. sua embaxada à Soltam Badur.297.11. peleja com o Sanga Rei de Chitar.301.28. sua morte.314.21

Babul Rei do Delij perde o Reino.332.32

Baçaim sua destruição.116.20. & 255.23

Bactriana Provincia, & Bactria cidade.326.40

Badur Chan.285.17. sua fugida.288.8. feito Calandar.289.15. levantado por Rei do Guzarate.290.36. suas crueldades.291.30. sua resposta à embaxada de Babor 297.26. toma o Reinò de Mandou.305.1. entregase lhe Raosinga.306.35. toma o Reino de Chitor.314.7. Dà Baçaim ao Governador.270.32 seu exercito contra Omaum Patxiah.338.26. fugida.345.24. recolhese em Dio.353.11. presente que fez ao Turco.356.30. dà em Dio sitio para húa fortaleza.359.8. suas màs tenções.489 35. sua morte 508.7. relação de seus vicios, & virtudes.509.19. suas riquezas.517.4.

Bagadad cidade.172.31

Baguer senhorio de Resbutos.303.13

Bagous montes.327.11. & 329 2

Baneanes seus costumes.276.32

Bantam cidade.40.16.

Barcundà Reino.556.19

Barodar cidade.348.37

Basçorà cidade & seu sitio.172.35.

Basçora a velha.173.29

Bastião vieira morto.596.1.

Bea Rio.328.37

Beadalà porto seu sitio.537.28

Bec que significue.237.32

Beerà cidade.328.30

Belchior de Sonsa Tavares vai à Basçorà.172.16. o que fez naquella cidade.176.&c. Capitão mòr do mar de Ormuz vai a Ilha de Baharé & o que faz nella.181.&c.

Bengalla Reino sua descripção & costumes da gente delle.555.

Bet Rio.328.31

Beth Ilha sua descripção.225.25. tomada por Nunho da Cunha.228.27

Beththana cidade.174.10

Bider cidade.411.11

Bisapor cidade.414.27

Bisnaga costume do seu Rei.432.32. seu exercito.434.2

Boenegobago Rei de Ceilam.87.30.486.6.& 541.17

Bohará cidade seu estudo.326.40

Bohaat Rei de Ternate sua morte.125.14

Boleife Rei de Ternate.381.16

Borneo Ilha & cidade sua descripção, & seu Rei.379.38

Botiparao foge de Raosinga.307.39. vence a Alamo.308.26. sua morte.348.4

Brava cidade manda pareas ao Governador.158.25

Bras Pereira preso.395.13

Bremma Limma Reino.556.17

Bufù Ilha.53.38

Butuano Reino.629 3


## C.


CAbol Metropoli dos Mogoles.328.16

Cachabax q̃ significue.330.35

Cachil que significue.238.16

Cachil Aeiro levãtado por Rei de Ternate.398.19. solto.690.25

Cachil Colam se fez Christão.629.29

Cachil Cabalou morto.386.30

Cachil Daialo Rei de Ternate 391.7. privado do Reino.392.20. sua valêtia.616.17. morte.37

Cachil Daroez.121.33. seu cõselho.125.29. inimizade con Cachil Vaiaco.126.1. degollado.130.2

Cachil Mir Rei de Tidore.401.21

Cachil Rade sua vittoria.121 22.& 620.4

Cachil Vaidua preso.126.40. injuriado.127.12

Cachil Vaiaco.126.1. sua morte 126.25

Cafres da Ilha de São Lourenço & seus costumes.134.37. & 145.1

Calarà cidade.424.12

Calaiate.10.30

Callecarè.579.22

Calecut & sua fome.200.27

Calandares & seus costumes.289.17

Camaso queimada.62.16

Cambaiet cidade.274.34

Camarcant.330.37

Camiran Mirza irmão de Omaum Patxiah.578.30.& 586.13

Cancanà seu estado.320.25. sua morte.348.15

Candar cidade.589.37

Canose cidade.584.28

Cansor Algauri sua morte.24.11

Caor Reino.557.8

Carcarij rio.275.5

Care lugar destruido.88.16

Cargue Ilha.174.34

Capitulações para segurança de Christovão de Sousa & de outros.81.3

Carahacen abrasado.687.19

Carnà fortaleza.497.16

Carta del Rei de Portugal para Afonso Mexia.16.25

De Christovão de Sousa.70.26.71.23.& 28

De Lopo Vàz de Sampaio.68.30.&71.9

De Belchior de Sousa.178.30

Do Hidalchan.461.10

De Soltam Badur.357.29

De Omaum Patxiah.358.7

De Nuño da Cunha.699.26 & 704.6

Do Visorei D. Garcia.701.33

Castelhanos chegão a Tidore.49.36. tomão a Ilha de Maquem.55.17. tomão hũa galeotta aos Portugueses.660.22. são vencidos dos Portugueses.123.35. ajuntãse com elles.396.35. embarcãose para a India.397.4

Castidade notavel.280.7

Catabruno Rei de Tidore.397.18

Caucaso monte.327.8

Caxem cidade.94.38

Caxear Região.330.37

Cazrij cidade.328.15

Cerava porto.380.27

Ceremonias dos Gentios.302.25

Ghacatais.320.2

Chacuria cidade.90.31

Chatigam cidade.556.6

Champanel serra sua descripção.351.10

Challe & seu sitio.242.36

Chan que significue.237.11

Chan de bibij Rainha.414.11 sua indinação cõtra Verido.419.34

Chanao rio.328.37

Chandarij cidade.342.9

Chan de Chan irmão de Badur 304.15

Chatigam cidade & rio.556.5

Chatijs.197.35. que significuẽ.208.25

Cheguide porto.40.16

Chiause que significue.237.40

Chiamo rio.39.19

Chijs seu engenho.277.32

China Cutiale cattivo.92.33. resgatado.93.3

Choromandel.468.28

Christãdade que se fez em Maluco.628

D. Christovão da Gama.696.15

Christovão de Mello sua vittoria.111.34. morto.569.30

Christovão de Mendoça Capitão de Ormuz.78.1

Christovão de Sousa suas qualidades.70.38. autoridade.72.37. obedece a Pedro Mascarenhas.79.2. obriga a Lopo Vàz que se ponha a derei to com Pedro Mascarenhas 80.32

Christovão de Souza morto.671.2

Cinde Reino.588.22

Cingapura estreito.53.3

Cinguilim lugar.202.35

Cistou Provincia.327.26

Cobel Elavat, Catadupas do Nilo.637.39.

Cochij donde tomou o nome.41.35

Codavascam Rei.90.32.

Coge Marcar sua astucia.265.21

Coge Sabadim resgatta Martini Afonso de Mello.91.36

Coge Sofar.26.13. saise de Dio 642.35. persuade a el Rei de Cambaia que faza guerra aos Portugueses.643.12. vẽ cercar Dio.645.29.

Corgetechan Capitão do Hidalchan.415.32. sua traição.425.1. vittoria.427.10. despojado do Nizamaluco.428.11. recolhido por el Rei de Cambaia.429.4

Comotaij Reino.557.11

Commoro Ilha.139.35

Concertos entre Nunho da Cunha & o Açadachan.431 37

Entre o Hidalchã, & el Rei de Bisnaga.438.3

Entre Xerchan & Mamud.5829.

Condições de pazes entre o Samorij & Portugueses.199.11

Entre o Sãga, & Badur.313.24

Entre Badur & Nunho da Cunha.559.19

Entre Nunho da Cunha & el Rei de Xael.551.20

Entre D. Estevão da Gama, & el Rei de Vjatana.604.17

Conjuração dos Reis de Maluco.401.21

Cosperur Reino.557.36

Costume dos Reis de Bengallà nos presentes.566.1

Dos Reis da India.207.14

Cota cidade & seu sitio.486.39

Cutiale Capitão mòr da armada Malavar.4.33

Cota Malmalco que significue 238.10

Cota Maluco.410.30.& 423.27. cerca a Nateguir.437.29

Cou Reino.557.25

Cranganor.474.34

Crementij Rainha de Chitor.288.30. sua astucia.337.17

Crueldade notavel.227.31

Cunhale Marcar sua crueldade 264.22, destruido.266.26.


## D.


DAbul.185.38

Daio cidade.40.19

amam.216.10. queimada.217.32. destruida.270.19

Dangalij que significue.328.29

Darbande porta.328.27

Decan Reino, & seus Principes.411.3

Delij Reino, & seu Imperio.282.33

Desingue Rao Rei de Cambaia.283.15

Desleald. de da Rainha de Ternate.394.2

Devassa d'el Rei de Ormuz.167.30

Diamuna rio.328.1

Differenças entre D. Iorge, & D. Garcia 54.11. entre Castelhanos.59 19

Digar de Napatam.264.32

Diogo Botelho sua notavel viagem.362.19

Diogo Lopez de Azevedo, sua vittoria.627.39

Dio & seu sitio 230.9

Diogo de Mello Capitão de Ormuz preso.196.39. livre.197.1

Diogo de Mesquita cattivo, & seu animo.99 1.& 10

Diogo Rabello.579.21

Diogo da Silveira capitão mòr 196.18. vigilantissimo.197.14. poem em necessidade os de Calecut.200.5. desbarata o Chatim de Mangalor.209

38. queimalhe a fazenda. 210. 10. suas vittorias. 251. 28. feito illustre. 256. 39
Dogor comarca. 342. 14
Doltabad cidade. 298. 2
Driachan Governador de Cambaia. 527. 18
Duarte Coelho, sua vittoria. 33. 37. sua perdição, & morte. 44. 16
Duarte da Fonseca affogado. 136. 15
D. Duarte de Lima. 663. 35

## E.

EIdebe Chan filho de Xiah Olam. 595. 4
Eitor da Silveira vai a Dio 13. 4. sua prisão. 76. 1. desbarata a armada de Dio. 108. 12. suas vittorias na costa de Cambaia. 112. 15. faz vassallo a el Rei de Adem. 222. 14. sua morte. 228. 11
Embaxadores d'el Rei de Vjãtana. 604. 6.
Embaxada de Badur ao Hidalchan. 439. 21. de Badur a Nunho da Cunha. 494. 18
Emir Mahamed Xiah. 304. 40
Enrique de Macedo, sua notavel peleja. 99. 20
Dom Enrique de Meneses, sua morte. 1. 30
Eri Catin Capitão dos jaos. 607. 19
Escandar Chan morto. 508. 37
Escandar Rei do Delij. 332. 37
Estevão de Chaves. 407. 1
Dom Estevão da Gama. 251. 9. suas vittorias. 590. 10
Euphrates, suas fontes. 174. 13

## F.

FAletchan. 44. 22
Feito illustre de hum moço criado de Lopo de Soula. 670. 7
Fernão Baldaia. 60. 15. sua morte, & esforço. 60. 23
Fernão de Grijalva. 625. 12
Fernão de Bustamante. 59. 21
Fernandeanes de Sotomaior. 47. 7.
Fernando de la Torre defende Tidore. 122. 37. comcerta se com D. Iorge. 123. 35
D. Fernando de Lima Capitão de Ormuz. 551. 36
Fernão de Moraes. 559. 1
D. Fernando Monroi. 407. 28
Fernão Penteado. 681. 17
Fernão Serrão. 52. 25
Fernão Vinagre Clerigo, sua vittoria. 627
Filhos de Almançor Rei de Tidore. 47. 33
Fortaleza de S. Ioão de Raehol. 451. 38
Fortaleza de Baharem. 187. 35. De Challe. 245. 35. De Dio. 367. 1.
Francisco de Barros. 606. 35. & 607. 38
Francisco da Cunha, seu louvor. 270. 8
Dom Francisco de Castro, sua morte. 128. 19
Francisco de Gouvea, o que fez com el Rei de Raxet. 267. 30. no cerco de Dio. 657. 14. 684. 23. & 686. 7
Francisco Godinho, seu feito illustre. 113. 18
Francisco Pacheco. 647. 10. entregase aos Turcos. 662. 14
Francisco Pereira de Berredo Capitão de Chaul. 218. 19. vencido. 219. 5
Francisco de Sà, seus requerimentos. 8. 22. successo da sua jornada a Sunda. 45. 14
Francisco de Sequeira. 663. 29
Frangues quem sejão. 236. 37
Frontas da India do anno de 1526. 15. do anno de 1527. 77. do anno de 1528. 132. do anno de 1529. 186. do anno de 1530. 225. do anno de 1531. 235. do anno de 1532. 251. do anno de 1533. 257. do anno de 1534. 269. do anno de 1535. 361. do anno de 1536. 478. do anno de 1537. 528. do anno de 1538. 696.

## G.

GAbriel Pacheco morto. 685. 6
Galacarnà Principe do Guzarate. 279. 15
Gançares quem sejão. 430. 3
Ganges. 555. 38
Gangà rio. 556. 33
D. Garcia Capitão de Malaco queima Tidore. 48. 25. bate a torre dos Castelhanos. 51. 3. prelo por D. Iorge. & prende D. Iorge. 54. 26. & 29. sua perda. 59. 2. vem preso a Portugal. 59. 5
D. Garcia de Castro. 696. 15
Fr. Garcia Ioffre de Loaisa Capitão de hũa armada de Castella. 50. 11
D. Garcia de Noronha Viforei da India. 658. 38. entregase do govefrio. 696. 35. sua armada. 697. 20
Gaspar Paez sua viagem. 202. 14. algũs feitos seus valerosos. 202. 27. queima as fustas de Melique Saca. 204. 31
Gaspar de Sousa, & seu esforço 666. 22. sua morte. 676. 1
Gate Serra. 420. 30.
Geilolo cidade destruida. 396. 39
Genete Chan. 429. 24. sua prisão. 434. 15
Geumrio. 326. 38
Gilachan filho de Xerchan. 585. 6
Gizaira Ilha, sua descripção. 174. 12
Godos. 326. 5
Goga cidade. 239. 20
D. Gonçalo Coutinho. 257. 15
Gonçalo Falcão morto. 668. 18
Gonçalo Gomez de Azevedo. 56. 21. & 570. 1
Gõçalo Pereira vai per Borneo a Ternate. 379. 38. prende a D. Iorge. 585. 6. morto. 586. 28
Gonçalo Vaz Coutinho. 466. 1 468. 17. 469. 32. & 472. 30
Gonçalo Vaz de Mello sacrificado aos Idolos. 91. 23
Gonçalo Vaz Sarnache. 613. 4
Goulaconda cidade, seu sitio. 412. 25
Gouro cidade. 559. 17
Guardafu cabo. 220. 26
Guardião de sam Francisco. 69. 39
Gulpao Raõ morto. 508. 40
Guazil d'el Rei de Cananor, seu louvor. 194. 34
Guzarate Reino, sua descripção. 274. 24

## H.

HAidarin. 24. 37. matá a Raez Soleimão. 25. 8. vencido & morto. 25. 32
Hamed Rei do Guzarate, sua prudencia & justiça. 283. 20.
Hamei Ilha. 61. 9
Haibar villa. 328. 22
Hedelechan. 576. 1
Here cidade. 326. 38
Hidalchan, & seus estados. 410 4. exercito. 412. 37. morte. 414. 5
Hildan Mirza. 585. 3
Homem de 330. annos. 522. 8
Horachan Reino. 326. 36
Hozara. 328. 15

## I.

IAmona rio. 327. 40
Iamperus Rei do Sinde, sua morte. 349. 14
Ianá Hamed Zaoi veedor da fazenda do Turco. 634. 4. morto. 638. 2
Ianebec Capitão, morto. 468. 36
Iãglichiari que significue. 238. 1
Iangrichan. 285. 18. sua morte. 300. 31
Iaoa, & sua descripção. 38. 37
Iaquette seu sitio. 293. 14
Ilhas de Gomez de Sequeira. 55. 39
Ilhas ou Leziras do rio Ganges. 557. 4
Ingoxan cidade. 328. 20
Iniza Malmulco que significue. 239. 9
Inventario da fazenda de Soltam Badur. 516. 4
Iomanes rio. 328. 1
Don João de Castro. 696. 10
Dom João Deça, suas vittorias. 92. 10. &c.
João do Avelar. 106. 2. recupera a fortaleza do Nizalmaluco. 109. 17.
Fr. João de Haro approva a successão de Lopo Vaz de Sampaio. 21. 30
João da Fonseca, & seu animo. 669. 2
Dom João Pereira. 257. 18. 449 8. seu feito illustre. 454. 27. vittorias. 455. 28
João Perez, seu zelo da bandeira da Cruz, & de outros Portugueses. 662. 3
João Rodriguez, Homem morto. 466. 22
João Rodriguez de Sousa morto. 597. 27
João de Santiago, seus successos. 321. 1. 350. 10. morte. 508. 16
Iogues que sejão. 288. 19
D. Iorge de Castro. 62. 14
D. Iorge de Lima. 241. 14
D. Iorge de Meneses, seu perigo. 8. 9. serviços. 52. 10. viagem. 53. 1. entregase da fortaleza de Ternate. 549. vittoria. 123. 10. feito barbaro. 128. 6. preso. 384. 15. desterrado para o Brasil, & sua morte. 385. 11.
Irmãos de Soltam Badur, & seus successos. 240. 18
D. Isabel da Veiga. 672. 25
Iubo lugar. 141. 31
Iuçuf Capitão mòr do mar. 638 34
Iurdão de Freitas, seu stratagema. 446. 30. feito illustre. 452 39

## L.

LAor cidade. 578. 4
Latifachan irmão de Badur. 285. 17. sua morte. 291. 19.
Lave porto. 380. 27
Leziras. 174. 34
Lionel de Taide morto. 157. 20
Lobũ queimada. 52. 2
Lopo de Mesquita, & seu animo. 98 15
Lopo de Sousa coutinho. 650. 29. ferido. 671. seu tratado do certo de Dio. 671. 15
Lopo Vaz de Sampaio recebe o governo da India. 3. 26. vittoria. 7. 34. prende algũs fidalgos. 76. 1. seu animo. 81. 37. sentença em seu favor. 85. 8. armadas que fez. 86. 20. manda socorro a el Rei de Ceilam. 87. 37. desbarata a armada dos Malavares. 101. 35. queima Porca. 103. 25. vittoria notavel da armada de Cambaia. 108. 33. entrega a India a Nunho da Cunha 194. 20. preso. 196. 30. livre. 197. 1

## M.

MAchina dos Turcos. 657. 3. outra. 674. 33. outra de Rumechan. 578. 5
Macareo notavel. 257. 1
Madune Pandar cerca a el Rei de Ceilam. 87. 34. & 485. 38
Madrefabat. 238. 40
Madre Maluco. 285. 28. 410. 29. 527. 18. &c.
Magog. 326. 17
Mahamed Chan Rei de Bengallà. 595. 6
Maluchan herdeiro do Hidalchan. 414. 29 preso. 419. 23. tiramlhe os olhos. 421. 13
Mambadabad cidade. 315. 19
Mamud levantado por Rei de Cambaia. 527. 17
Mamud Chan irmão de Badur. 285. 18. morto. 291. 34
Mamud Xiah Rei de Bengallà. 562. 2. sua morte. 583. 18
Mamud Rei de Mandou, morto. 304. 35

Mandanai cidade.280 31
Mandou Reino 280.27
Mangalor cidade.202.20.queimada.252.19
Mangalor lugar.208.19.tomado.209.19
Mangate de Caimal.478.17
Manoel de Alburquerque.170 14.ſuas victorias.256.8.
Manoel Falcão.49.25
Manoel da Gama.9.28
Manoel de Macedo prende a Xarafo.162.18.vai de Portugal a Ormuz a préder Xarafo.164 6.deſafia a Rumechan.261 34
Dom Manoel de Meneſes preſo.550.27.livre.552.5
Manoel Pael eco morto.378.15
Manoel de Souſa Capitão de Dio.367.12.ſeu feito valeroſo.490.33.ſua morte.506.24
Manſor Rei de Thebaida.637.32
Marabá lugar queimado.104.19
Martim Afonſo de Mello Iuſarte vai ſocorrer a el Rei de Ceilam.87.38.deſtrue a Care.88.16.perdeſſe na Ilha de Negranale.89 22.he cattivo 91.3.reſgatado.91.35.vai a Bégalla.255.31.heneila cattivo.571.6.livre.582.35
Martim Afonſo de Souſa chega a India.269.20.Toma Damam.270 24.vai a Dio chamado de Badur.358.27.acõpanha a Badur.369 39.deſbarata aos Colemutes & lhe queima o lugar.478.2.Vence a el Rei de Repelim, & deſtrue a cidade.480.6.Vence a el Rei de Calecut.482.12.a Curiale Marcar.484.10.a Ali Abrahem.488.22.a Pate Marcar.539 34.outras victorias ſuas 542.14.&c.embarcaſe para Portugal.708.12
Martin Inhiguez de Carquizano 50.11
Martim Váz Pacheco morto.684.36
Melique Az 284.40
Melique Abrahemo.414.10.preſo.415.30.ſolto.418.40.ſenhor do Eſtado de Hidalchan ſeu Pai.419.21
Melique Cuſ ſarandina ſua crueldade.421.12.caſtigo.428.1
Melique Cufo Cocheca.424.11.ſua morte.425.1
Melique Liaz ſenhor de Baçaim 286.40.paſſaſe aos Mogoles.345.31
MeliqueSaca Capitão de Dio, ſuas cartas.12.27.ſeu fingimento, & tenção.13.8.& 39.ſuas malicias, & aſtucias.201.19.203.3.& 292.38.má da hum meſſageiro a Nunho da Cunha.201.25.foge de Dio.295.25.torna a Dio.320.28.ſua morte.345.33
Melique Tocam Capitão de Dio.ſeu feito valeroſo.317.28.foge de Dio 320.20.torna a Dio.320.27.ſua morte.345.34
Meriche cidade.456.24
Meſopotamia.174.15
Meunſu.53.38
Miguel Váz ſeu eſforçado atrevimento 652.15
Minacem morto.508.40
Mindanao Ilha.628.40
Mir Daud Rei de Thebaida morto.637 20
Mirao Muhmald ſobrinho de Badur.353.32.& 372.24
Mirza Xiah Tocem ſenhor de Tata.589.3
Murzamin vem a Corte de Badur.314 38.intitulado Rei de Cambaia.525.5.Capitulos entre elle, & Nunho da Cunha.525.35.deſpoſſuido do Reino.531.33.Rei de Bégallà, & lançado della.584.8.morto.587.22
Mocadam Olam que ſignifique.576.16
Modafar Rei de Guzarate.285 12
Moda farxao moeda.285.14
Moduro porto 380.27
Mogoles ſua origem.325.40.ſua ley,lingoa,traje,& coſtumes.330.19.ſeu Rei.332.7
Molcam cidade.588.35
Mombaça tomada.147.17
Mongue ugar.405.7
Montan gane.153.3
Mouro parente de Mafamede feito Chriſtão.629.35
Moutel Ilha.60.9
Muar rio.596.25
Mujatechan.315.20.appreſentaſe a Badur.318.7
Mujatechan Tanadar de Dabul.424.20.& 426.2.vencido.427.5
Munho Mahamed filho d'el Rei de Melinde.142.32
Munho Mototo.147.36
Mur Muhamed Embaxador de Badur.494.18
Muſtafa filho do Gram Turco Solimão.694.4
Muſtafa ſobrinho de Raez Solimão,mata a Haidairin.25.31.ſua tenção.26.8.cerca a Adem.27.6.chega a Dio, & he cauſa de ſua defenſão.231.21.honrado de Badur.236.18
Vejaſſe Rumechan.
Muſtafa Naxar Rei de Zebit.640.13
Murzique Ilha.174.39

## N.

NAcoda Hamed Rei de Zebit.640.6.degollado.640.12
Nagotana rio.112.18
Nagundin rio.435.15
Naiteas ſeu eſforço, & vicios.214 16
Narbanda rio.312.9.& 351.21
Narſinga.465.3
Naufragio de Manoel de la Cerda,& Aleixo de Abreu.135.21
Negamale Ilha.89.21
Nicolao Iuſarte.535.17
Nilao cidade.328.23
Ninao Rao Capitão de Dio.357.21
Nizamaluco.217.105.410.419.497.&c
Nozcarij cidade.281.21
Nunho da Cunha ſuas qualidades.132.1.parte de Portugal a governar a India.132.30.perdeſe ſua nao.138.38.toma Mõbaça.147.17.chega a Ormuz.161.24.condena a el Rei de Ormuz.167.35.o que ordena naquella cidade.184.18.entra em Goa.186.25.chega a Cananor,& mãda viſitar ſeu Rei.194.6.& 26.chega a Cochij 195.25.como trattou ſeu Rei.196.16.prende a Lopo vàz de Sampaio.196.30.veſe com el Rei de Cananor.207.5.ſua condição alhea de cobiça.297.21.deſtrue a Ilha de Bath.228.33.combate Dio.235.13.faz a fortaleza de Challe.243.30.toma Baçaim.255.20.vai a Dio verſe com Badur.260.12.torna a Dio.361.12.funda nella a fortaleza.366.38.começa a fortaleza de Baçaim.376.2.torna a Dio chamado de Badur.501.9.ſeus razoamentos.512.39.518.12.parte de Cochij para Portugal.709.7.ſua doença.709.20.ſuas derradeiras palavras & morte,& elogio.710.
Nunho Freire ſua victoria.486 14

## O.

OMaũ Patxiah Rei dos Mogoles.262.30.preſente que mandou a Badur.320.30.ſaquea o arraial de Badur.346.25.toma a cidade de Gouro.584.5.vencido, & ſeu perigo.586.6.pede ſoccorro a Xiah Tamas.591.3
Orfacam cabo.267.17
Orixà Reino.410.31
Otondo lugar.143.37
Oxo rio.326.39

## P.

PAdaminij linhagem.279.31
Paderan que ſignifique.237.38
Pagem de Badur, ſeu animo.507.3
Paio Rõiz de Araujo Alcaide mòr de Dio.515.14
Palle fortaleza.219.24
Parricidio cruel.180.38.caſtigado.181.5
Parveti montes.327.11
Paropaniſus Região.326.34
Parvolide.420.33
Patan cidade.251.33.tomada, & queimada.252.6
Pate cidade queimada.252.15
Patane cidade.202.20
Pate Marcar.210.29.perde ſeis navios.211.11.ſua hiſtoria.534.7.vencido.539.34
Pate ſarangue.391.4
Patamares que ſejão.88.31
Patarij cidade.299.16
D.Paulo da Gama.251.11.& 595.26.morto.597.23
Pedra branca Ilha.53.8
Pedralvarez de Almeida morto.506.30
Dom Pedro de Caſtelbranco Capitão de Ormuz.552.19
D.Pedro da Silva.528.13
Pemba Ilha.153.7
Pero Maſcarenhas nomeado por Gouernador da India.1.37.recebido por tal em Malaca.29.16.desbarata a armada d'el Rei de Pam.33.35.deſtrue Bintam.37.20.chega a Cochij.64.37.ferido.66.35.preſo.69.24.ſolto.76.35.ſua prattica em favor de ſua juſtiça.77.4.torna a Portugal Capitão de Azamor,& ſe perde no mar.86.6
Pero Vàz da Cunha,& ſua morte.156.2
Pero Vàz do Amaral Capitão de Cochij.475.9.&c
Piedade notavel dos filhos de Mamud Rei de Mandou.304.14
Pimenta onde ſe colhe.41.17
Pir Mahamed Iangair.335.34
Pondang porto.40.16
Porcà cidade deſtruida.103.25
Porto de Santiago.133.32
Portugueſes ſua calidade.16.16.& 67.2.feito valeroſo de doze.223.10.defendem a el Rei de Melinde.159 38.ſua conſtancia.235.23.procurão a morte a Gonçalo Pereira.385.27.feito notavel de oyto.581.38.ſeu extraordinario valor na defenſão de hũa galè.118.30
Provisão d'el Rei.17.34
Pulugaia Ilha.53.10
Purbà Comarca.584.36

## Q.

QVelijs.605.29
Quexemir Região.327.7

## R.

RAez que ſignifique.237.35
Raez Ale Rei de Ormuz.269.6
Raez Barbadim.170.28
Raez Hamed, & ſua morte.162.30
Raez Soleimão.24.7.ſua morte.25.8
Raez Xarafo preſo,& ſolto.11.10.preſo ſegunda vez,& ſolto.162.18.& 21.preſo terceira vez.164.23.trazido a Portugal.171.23.torna ſolto a India.171.37
Raja que ſignifique.238 13
Ramanancor templo.537.36
Raoſinga Eſtado.302.8
Raverio.578.6
Raxet cidade.267.30
Rei de Adem vaſſallo d'el Rei de Portugal.222.14.rebellaſe,& mata os Portugueſes.241.5.emforcado.641.9
Rei de Achem ſuas traições.120.& 376.
Rei de Bacham.121.34.
Rei de Bintam quer tomar Malaca.30.26.foge deſtruido de Bintam.37.24.ſua morte.38.13

Rei de Butuano se faz Christão 629.5
Rei de Camisino feito Christão.629.6
Rei de Camanor.207.5
Rei de Caxem.352.9
Rei de Challe.206.21
Rei de Chitor, & seu poder. 301.15.sua morte.302.4
Rei dos Collijs.298.32
Rei de Dofar.552.23
Rei de Fartaque.544.35
Rei de Geilolo,sua morte.397.12
Rei de Montangane.153.3
Rei de Ormuz,seu traje, & como recebeu à Nunho da Cunha.164.29
Rei de Pacem.596.3
Rei de Pam.598.19
Rei de Pimilarano baptizado. 629.5
Reis de Panda, & Pate.596.11
Rei de Repelim vencido, & sua fugida.479.30
Rei de Soligane.629.1
Rei de Xael se quer fazer vassallo d'el Rei de Portugal. 222.23.prende a dom Manoel de Meneses. 550. 27. faz pazes com Nunho da Cunha.551.20
Reiner cidade.212.15.saqueada,& queimada.215.14. & 16
Renatambor cidade.313.38
Dom Rodrigo de Lima Embaxador ao Preste.11.31
Dom Rodrigo de Lima morto.157.13
Rodrigo de Proença. 676.11. morto.686.21
Rotaz cidade.576.9
Rui Lourenço de Tavora.696. 16
Rui Vàz Pereira. 499. 32. & 563.28
Rumechan foge para os Mogolés.347.28.recupera suas molheres, & fazenda.349. 33. sua machina.578. 13. morte 579.3
Rumes donde tenhão este nome.236.27

## S.

SAngiacque significue.237. 40
Satigam cidade.556.10
Satigano Ilha.628.30
Salahedin.302.7.303.26.&c. degolla suas molheres.310. 19.seus feitos,& morte.311. 2
Salsete.436.28
Salsim.420.33
Samiam Rei da Sunda, & seus concertos com Enrique Leme.42.17
Samorij pede pazes. 197. 31. sua preeminencia. 474. 13. vencido.482.11
Sanga que significue.301.17
Sangueſa fortaleza.497.16
Sarangue cidade.342.11
Satinague rio.328.37
Scander Chan irmão de Badur 285.17.sua morte. 28
Scandar cidade.327.20
Selim Rei dos Turcos.24.11
Serranias de Pale.281.8
Simão da Cunha vai a Baharem. 187.27. poem cerco a Barbadim.188.27.levanta o cerco.190.25.sua morte.191 25
Simão Guedez Capitão de Chaul, sua prudencia. 497. 38
Simão de Mello destrue a Marabia.104.20
Dom Simão de Meneses solta Pero Mascarenhas.76.35
Simão Sodré.263. 24. & 596. 28
Simão de Sousa Galvão, seu notavel esforço,& morte.118. 30
Simão Vàz Vigairo,& sua morte.404.12
Sinaia Raja,& seu castigo. 378. 29.& 379.10
Sirote Reino.557.11
Socotorà Ilha.220.22
Sogdiana Região.327.7
Soleimão Agà.444.3. sua fugida.449.20.vencido. 452.30. & 455.3
Soleimão Baxia, sua nação, & feições do corpo.636. 19.extorções, & cruezas.637. 5. armada.638. 18. combate Dio.664.39. levanta o cerco.691.36.matase.695.12
Solimão Rei dos Turcos. 633. 32
Soleimachan filho de Xerchá. 595.3
Soltam que significue.238.3
Soltam Laudij Rei do Delij. 335.12. despossuido do Reino.336.3.recolhese ao Guzarate. 14
Soltam Mahamud Rei do Guzarate,& seus feitos.285.2
Soltam Xiah Colij Rei de Quereman.592.14
Sunda Reino, & sua descripção 9.16
Surat cidade. 212.18.queimada.213.26

## T.

TAbona lugar.128.30
Tabarija levantado por Rei de Ternate.392.17.tornouse Christão, & sua morte.399.21
Tabanga porto.407.33
Taguima Ilha.53.21
Talangame porto.406.13
Tamurlang.335.32
Tanares povos.402.21
Tangaran porto.40.15
Taptij rio.212.21
Tara Mexernij Chan, & suas vittorias.281.37
Tarahan filho de Magog.326. 22
Tartaros Vzbeques.331.16
Tatà cidade.589.4
Tercachan filho de Soltã Laudij.336.39.sua vittoria. 339. 13. vencido, & morto. 340. 23
Teredon lugar.174.30
Tesouros d'el Rei de Bengallà.583.31
Tidore tomada, & queimada. 48.75.123.13.& 617.18.seu sitio.122.18
Tigris,& suas fontes.174.13
Tipora Reino.556.17
Toloco porto.407.33
Torum Xiah Rei de Ormuz. 169 25
Trato da pescaria do Aljofar. 88.8
Tristão de Taide Capitão de Ternate.395.16.prende à el Rei Tabarija, & levanta a Aciro.398.18.faz guerra a el Rei de Bacham. 400. 31. aos Reis de Maluco.406.13. vence aos Achés.605.35.desagradecido.622.37
Tuam Caba, sua armada.596. 33
Tuam Mahamed, & sua armada.597.36
Turcos donde procedem. 326. 8
Tungè,& Turugel cidades 433 22
Turquimanes.332.4

## V.

VCaraf Baxia.634.31
Vara de Choromandel. 535.33
Varivene fortaleza.361.37
Vasco da Cunha vai a Dio.258. 21
Vasco Pirez de Sampaio rende hũa nao de Rumes.256 22. toma a rixene.369.2
Veneno de notar.471.13.& 15
Verido. 410. 29. seu esforço. 299.27.& 36.ferido.417.26 perdoado. 434. 38. morte. 435.1
Vernà cidade.445.21
Versija porto 53.34
Vjantana seu sitio.599.8
Vicéte da Fonseca sua viagem. 56. 8. culpado na morte de Gonçalo Pereira. 387. 39. Capitão de Ternate.388.16. solta a el Rei de Ternate. 390.23.tiralhe o Reino, & dao a Tabarija.391.11.& 12 destrue Tidore.392.38.preso.395.28
Vniramà senhor de Challe. 243.9

## X.

XAbandar que significue. 380. 16
Xabardin Agar mata a Manoel de Sousa.506.25.morto.508 38
Xacatara porto.40.15
Xech Raxit, & sua lealdade. 160.34.& 184.34
Xech que significue.237.35
Xeque de Socotora.544 31
Xeque de Tana.115.32
Xer Chan.335.39.passase a el Rei de Bengalla.576.7 vence os Mogoles.31 levantase contra el Rei de Bengallà. 35.vencido de Omaum Patxiah 39. toma a cidade do Gouro.583.5. vece à Omaũ 585. 38. feito seu digno de louvor.587.18. sua grandeza. 593.36. seu exercito. 594.4. seu novo nome.28. sua morte.38
Xiah que significue.237.29
Xiah Ismael.175.16
Xiah Tamas. 175.18.& 589. 38
Xiah Nosaradim Rei do Delij. 280.23

## Z.

ZAgazabo Embaxador do Prestejoão.11.30
Zebit cidade 640.5
Zeila queimada.97.9
Zoroastres.327.1

# INDICE
## DAS COVSAS MAIS NOTAVEIS
### DAS NOTAS.


### A.

Açadachan que cargo seja. 414
Achem offerece pazes & sua deslealdade.376.378
Afonso Mexia embarcado para o Reino por culpas.223
Ali & sua vida & morte.172
Anfião suas qualidades & uso. 577
Antonio Galvão seu Elogio. 631
Antonio de Miranda queima vivos hũs mercadores Mouros.222
Antonio de Saldanha destrue varios lugares.240
Antonio da Silveira destruio Bombaim.216
Antisthenes philosopho.289
Areca frutto.166
Armada do Emperador Dõ Carlos para Maluco.50
Outra armada de Castelhanos à Maluco.59.& 61
Armada de Lopo Vàz de Sampaio.106
Armada de Nunho da Cunha que entregou ao Visorei dõ Garcia.703

### B.

BAntam cidade seu sitio.40
Barbara Fernandez seu animo na morte de dous filhos. 660.
Barbadim comettepazes a Simão da Cunha.188
Barbaria d'elRei de Borneo.54
Batalha famosa de Malaios & Portugueses.596
Beljardim Ilha & seus moradores.61
Bernardim da Silveira.696
Betele sua qualidade & uso.166

### C.

CAnfora que cousa seja & onde se colhe.380
Cansor Algauri Soltão do Egipto sua morte.24
Caso milagroso de sete corpos de Portugueses.662
Causa da guerra entre o Samorij & el Rei de Cochij.474
Causa da guerra entre Boenegobago Rei de Ceilam & seu irmão.88
Cellebes Ilhas, & o erro dos Geografos.628
Chijs & seu senhorio.474
Chitor que significque & seu sitio.313
Christovão de Oria toma hũa galeotta de Turcos.383
Cidades fundadas per Alexandre Magno.327
Commoro Ilha & sua descripção.139
Constãcia notavel de hũa Portuguesa.539

### D.

DEscripção das presentes Regiões Orientaes accomodada á antigua de Ptolemeo 276
Despojo notavel.103
Diamantes onde se achão seus nomes & virtudes. 380
Diogo da Silveira suas vittorias 252

### E.

EVfrates seu nascimento & curso.174
Erro dos Geografos modernos acerca da foz do rio Indo. 202
Erro de Mercator, & Ortelio. 174
Dom Estevão da Gama successo da sua Nao.251

### F.

FErnando de Grijalva sua viagẽ.625
D.Fernando Vaqueiro primeiro Bispo de Goa, & sua morte.251
Fidalgos aventureirõs da armada do Visorei Dom Garcia. 696
Foz do Indo.202
Francisco Pacheco degollado 694

### G.

GOga seu sitio & antiguidade.239
Gentios do Reino de Cambaia & seus costumes & ritos.276 & 277
Gunos gente salvagem.40

### H.

HOspital notavel de passaros, no Reino de Cambaia.277

### I.

IAoa sua descripção, descubrimento & povoação 40
São Ioão Evangelista prega o Evangelho aos de Basçora. 172
Dom fr.Ioão de Alburquerque Bispo segundo de Goa. 696.


Lopo

# INDICE.


## L.

LOpo Vàz de Sampaio armada que tinha prestes para Nuño da Cunha.187
Cõdenado & perdoado & suas virtudes.197
Dom Luis de Meneses sua morte.140

## M.

MAcaçares sua descripção. 628
Dom Manoel de Meneses peleja ditosamente con Hag. Mamude.224
Manoel de Macedo se defende con gram valor. 235. determina defender Baroche. 362
Martim Afonso de Sousa escolhe o sitio para a fortaleza de Dio.359.
Martim Afonso de Mello toma hũa Nao de Rumes.9
Manoel da Silva Capitão de hũa armada.87
Melique Alicer Capitão mòr da armada de Dio.105. foge 108
Melique saca pede a Lopo Vàz que va a Dio:111
Milagre do castigo divino. 404
Mindanao Ilha & seu descobridor.629
Mogoles & sua descendencia. 326.
Monsia Ilha.140

## N.

NAos Francesas & seu successo 296
Neaquile Rainha de Ternate se faz Christãa.391

## P.

PApuas seus costumes.53
Passaros de Maluco.591
Pedra da Coroação dos Emperadores do Malavar.474 sua descripção.480
Don Pedro de Castelbranco Capitão mòr de hũa frotta da India de doze vellas.257
Perdição de tres Naos.196
Portugueses queimão trezẽtas vellas. 217. sua crueldade 398.mortos cruelmente por hũ tyranno.596
Preço do presente de Badur ao Turco.356
Principio & successão dos Reis do Decan, & rebelião dos seus Capitães.415
Pythagoras sua opinião da tresmigração das almas.302

## R.

DOm Roque Tello sua victoria.243

## S.

SAngage de Momoja se faz Christão. 395. mata a sua molher & filhos,preso,& sua constancia.404
Selim 1.Rei dos Turcos senhor do Egipto,&c.24
Solimão 2.Rei dos Turcos suas empresas,& morte.24
Serra do Mandou sua descripção.304
Solimão Baxia sua viagem de Dio à Suez.694.

## T.

TAmur Lang. seus feitos & successão.335
Tesouro de Cambaia.348
Tigris suas fontes,& curso.174
Tumumbeio Soltam do Egipto,morto.24

## V.

VAsco Pirez de Sampaio deixa de tomar a Chatigam & sua morte.583
Viagem de Portugueses a Borneo.54

## Z.

ZAgazabo Embaxador do Prestejoão recibido em Portugal d'el Rei dom Ioão,& em Roma do Papa Clemente VII.22
Zanzibar Ilha sua descripção. 140
Zoroastres seus escritos,& tempo.327


FIM DOS INDICES.


EM MADRID, MDCXV.

Por Anibal Falorsi.